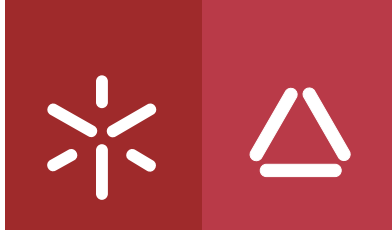


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Hugo Teotónio de Pinho Aluai Gonçalves Sampaio

A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)

julho de 2014



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Hugo Teotónio de Pinho Aluai Gonçalves Sampaio

A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)

Tese de Doutoramento em Arqueologia
Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

julho de 2014

Nome:

Hugo Teotónio de Pinho Aluai Gonçalves Sampaio

Endereço electrónico: hugoaluai@gmail.com

Título: A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)

Orientador:

Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt

Ano de conclusão: 2014

Designação do Doutoramento:

Arqueologia

Especialidade de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE

Universidade do Minho, 21/07/2014

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Professora Doutora Ana Maria dos Santos Bettencourt, incansável fonte de inspiração, de entusiasmo e de paciência, cuja determinação e empenho são imensuráveis. Em segundo, e não menos importante, à Professora Doutora Susana Soares Lopes, pela sua disponibilidade para troca de ideias, para sugestões de leitura de foro teórico e pela oportunidade concedida para assistir às aulas da Unidade Curricular de Arqueologia dos Espaços Sagrado, ministrada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

À Professora Doutora Isabel Caetano Alves, ao Professor Doutor Pedro Pimenta Simões e ao Professor Doutor Luís Gonçalves, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, agradeço a ajuda na classificação de materiais geológicos, na consulta de bibliografia e cartografia geológica e na dissipação de dúvidas no decurso de inúmeras visitas ao campo. Neste âmbito cabe-nos também agradecer aos Drs António Huet Bacelar Gonçalves e Manuel João Abrunhosa pela ajuda na classificação litológica dos materiais usados na construção dos túmulos 1 e 2 de Vale Ferreiro.

Agradeço, também, à Professora Doutora Beatriz Comendador Rey, da Facultad de Historia de Orense da Universidade de Vigo, a cedência de bibliografia, o esclarecimento de dúvidas e o incentivo demonstrado ao longo de todo este percurso.

Aos Mestres António Pereira Dinis, Carlos Manuel Simões Cruz, Alda Rodrigues e aos licenciados Isabel Sousa e Silva e Rui Barbosa não posso deixar de agradecer a cedência dos dados para estudo, provenientes das escavações que codirigiram com a Professora Doutora Ana M. S. Bettencourt nos sítios arqueológicos de Vale Ferreiro e do Pego, até ao ano 2003 e 2006, respetivamente.

À Professora Doutora Maria Manuela dos Reis Martins, agradeço a pronta cedência dos materiais arqueológicos da Idade do Bronze recolhidos durante as escavações no quarteirão dos C.T.T., assim como o respetivo registo gráfico e documental, dos mesmos.

O meu obrigado à licenciada Isabel Sousa e Silva pelas “visita guiadas” ao planalto da Lameira e restante concelho de Fafe, contributo decisivo para a contextualização de diversos achados; ao arqueólogo Gabriel Pereira por toda a informação prestada relativa ao monumento sob *tumulus* da Regedoura 2 (ainda em curso de escavação); ao arqueólogo Luciano Vilas Boas pelos esclarecimentos aquando da obra do NHB, da qual resultou parte dos dados de escavação que aqui foram incluídos; ao arqueólogo José Marcelo Mendes Pinto pela ajuda na contextualização do achado do Pinheiro/Senhora Aparecida; ao Professor Doutor Francisco Sande Lemos e ao arqueólogo Gonçalo Cruz pela referência ao achado da Quinta da Boavista, em Guimarães; ao professor José Ferreira pela interessante visita ao Monte da Saia e às mestres Edita Sá e Ana Castanheira Santos, respetivamente, a cedência de bibliografia e a ajuda na tradução de resumos.

Finalmente, e ainda a título individual, ao Filipe Pereira que, enquanto bolseiro de investigação do projeto ENARDAS, desenvolveu importante base cartográfica para este projeto.

Em termos institucionais quero começar por reconhecer o meu apreço ao Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, pela forma calorosa com que sempre fui tratado enquanto aluno desta instituição, em especial ao Professor Doutor José Meireles, pela agilidade com que conduziu os processos burocráticos, e às Doutora Maria do Carmo Ribeiro e Helena Paula Carvalho, pelo estímulo e palavras amigas ao longo deste longo processo. À Secretária de História pelo acolhimento e carinho, pela ajuda e prontidão na resolução de todos os imprevistos,

bem como à secretaria do CITCEM, nas pessoas de Rafaela Sousa e de Carla Xavier, a quem agradeço profundamente todo o apoio prestado.

À equipa diretiva do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, na pessoa da Dra. Isabel Silva, o meu muito obrigada pela cedência das instalações que permitiram as condições de trabalho ideais, pela cooperação para a obtenção de muita da componente gráfica deste trabalho (desenhos e fotografias) e, também, pela facilidade demonstrada quando foi necessário retirar diferentes tipos de amostras da coleção permanente. Uma palavra de apreço especial, igualmente, para toda a equipa técnica daquela Instituição, em concreto para a Clara Lobo, o Manuel Santos, a Amélia Marques.

À Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, em especial à equipa diretiva, na pessoa do seu presidente, o Dr. Paulo Vieira de Castro, não só pela cedência de instalações, como por permitir o desenho de alguns materiais e a coleta de amostras para datação. De igual forma, ao Dr. Amaro das Neves, da anterior direção, por nos ter aberto a porta daquela Instituição. Agradece-se, também, a todo o pessoal técnico, tanto da biblioteca geral como da biblioteca dos reservados, mas, em especial à conservadora/restauradora Patrícia Aguiar, pela paciência de ferro. No quadro desta instituição há, também, que agradecer à Daniela Cardoso por toda a ajuda e amizade.

Ao Instituto Tecnológico Nuclear, em Sacavém, em especial à Doutora Maria de Fátima Araújo e à Doutora Elin Figueiredo, agradeço a parceria estabelecida para as análises dos moldes cerâmicos do Pego. De igual forma, agradeço ao Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em concreto, à Professora Doutora Ilda Noronha, ao Professor Doutor Fernando Noronha e à Doutora Helena Ribeiro, a análise polínica efetuada a uma coluna recolhida no povoado do Corgo (Vila do Conde), que infelizmente se mostrou muito contaminada.

Ao Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Santo Tirso, na pessoa do Doutor Álvaro Moreira, agradeço as condições fornecidas para a colheita de amostras de aderências dos vasos de Corvilho, para datação radiométrica.

Ao Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde e à Casa da Memória de Vila do Conde, em especial ao Dr. Pedro Brochado de Almeida, agradeço, também, a autorização para observar os materiais em depósito da estação arqueológica do Corgo, assim como todos os esclarecimentos. Ao Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Póvoa de Varzim agradeço ao Dr. Paulo Flores Gomes, a oportunidade de trocar algumas impressões sobre o local de proveniência de alguns vestígios encontrados em tempos neste concelho. À Câmara Municipal de Guimarães, na pessoa do arqueólogo Francisco Faure, agradecemos a disponibilização da Carta Arqueológica de Guimarães. Também devo um agradecimento à Dra. Maria José Cunha, curadora do Museu de História Antiga da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, por todas as informações concedidas. Por fim, o nosso agradecimento à Junta de Freguesia de Cunha (Braga) e ao Agrupamento de Escolas de Tadim por toda a ajuda logística durante os trabalhos de escavação do Pego. Às Juntas de Freguesia de Monte Fralães e de Chavão agradeço todos os esclarecimentos prestados

O meu apreço vai também para a Maria João Amorim pelas palavras amigas e de esperança, bem como pela importante ajuda na coordenação dos referidos trabalhos na difícil obra do Novo Hospital de Braga – Quinta do Amorim (NHB) – e para o arqueólogo José Ribeiro pelo incentivo, disponibilidade e pela partilha de ideias mas, sobretudo, pela ajuda ao meu “crescimento”. Agradeço-lhe, também, alguns dos desenhos que integram este trabalho. À arqueóloga Elisabete Pereira relembro a alegria que espalhou no Pego e a cooperação nos trabalhos ali desenvolvidos. Ao arqueólogo Luís Sousa, do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, reconheço a

cooperação e amizade totais. Ao arqueólogo Jorge Ribeiro agradeço a ajuda, antes mesmo de este projeto estar em marcha, e ao doutor João Tereso os preciosos esclarecimentos relativos à paliocarpologia e fungos.

O meu obrigado vai também para o Tiago Silva pela incansável atitude positiva, boa disposição e força mas, acima de tudo, pelas valiosas horas de partilha de ideias via telefone; para a Tânia Silva, por me apresentar à Academia do Minho e à Arqueologia; para o Paulo Pereira e para a Marta Azevedo pelas palavras amigas mas, sobretudo, pela contagiante boa disposição; para o Rogério Alves, o Manuel Campos e o Arnaldo Teixeira pela incondicional amizade; para a Ângela Ferreira pelos bons tempos em Tomar; para a Lucy Shaw Evangelista pela constante ajuda bibliográfica e partilha de ideias; para a Sandra Nascimento, a Guilhermina Cadeco e a Janine Laborda pela amizade e incentivo e para a Marta Sá, do Museu Etnográfico de Chavão (Barcelos), toda a cooperação.

Por fim agradeço à minha medusa, Tânia Pereira, pelo paciente pilar que demonstrou ser, bem como à sua família que tão bem me acolheu, em especial a seus pais, Domingos Pereira e Célia Eira. De igual modo, aos restantes (mas não menos importantes) elementos daquela família, Vítor Hugo e Maria João Rocha, Alexandrina Eira, Sara Serra, Carlos Sousa e à Lia Serra Sousa. Finalmente, às minhas irmãs, Inês e Hélia, e aos meus irmãos, Sotero e César, obrigado por acreditarem sempre! À Necas, muito especialmente, por tudo o que investiu, material e imaterial. À Hélia, também, pelo seu inato jeitinho para o desenho. Por fim, a meus pais, Inês e Teotónio, pela sua omnipresença, quem eu sei que, certamente, sentiriam orgulho em ver esta etapa concluída.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito dos projetos *A Idade do Bronze no vale do Ave* (P.N.T.A. IBVA 2008/1 (554), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia sob a forma de Bolsa de Doutoramento (Ref. SFRH/BD/41776/2007), e *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados – ENARDAS* (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.



A Idade do Bronze na bacia do rio Ave (Noroeste de Portugal)

Resumo: Esta tese tem como principal objetivo aumentar o conhecimento sobre a Idade do Bronze da bacia do rio Ave, no Noroeste de Portugal. Através da articulação sincrónica e diacrónica dos dados nos seus contextos físico e cultural e à luz de novas premissas teóricas estudou-se este período de uma forma holística. Tal visa interpretar o modo como as comunidades se estruturaram no meio onde estavam imersas ou incorporadas e como interagiram com ele.

Privilegiando a contextualização dos dados, nomeadamente os diferentes lugares construídos e frequentados pelas populações da Idade do Bronze, o estudo foi direcionado segundo três eixos temáticas, a saber: o povoamento, os contextos e as práticas funerárias e a metalurgia e as deposições metálicas. Foram, também, interpretados certos lugares “naturais”, cujas materialidades arqueológicas denunciavam ampla diacronia de frequência, traduzindo a sua importância na estruturação e na percepção do espaço por parte das populações da Idade do Bronze.

No que respeita ao povoamento, apesar da ausência de dados para o Bronze Inicial, o Bronze Médio pauta-se pela ocupação multivariada do espaço. Prevaecem os sítios abrigados, de baixa altitude, com acesso a vales de eventual potencialidade agrícola e a corredores naturais de circulação, alguns deles relativos a ocupações frustres, enquanto outros são de maior dimensão, correspondendo, talvez, a ocupações mais duradouras. Nas regiões montanhosas os povoados sobre áreas abrigadas de planaltos estão perto de cursos de água e em locais de fácil circulação, sendo rara a ocupação do topo de montes. Para o Bronze Final, a par da variada ocupação do terreno, acentua-se o povoamento em altitude, com boas condições de visualização sobre zonas agro-pastoris de montanha mais próximas, sobre terras férteis no fundo dos vales e sobre as principais vias naturais de circulação, quer de cumeada quer de vale – pontos estratégicos de encruzilhada entre diferentes bacias ou rios. Embora a ocupação dos vales facilitasse a circulação, o povoamento em altura materializaria o domínio real e simbólico do território e dos seus recursos e permitiria consolidar e estabelecer fronteiras simbólicas entre diferentes territórios, nos quais atuariam diferentes influências. Nota-se que alguns destes povoados ocuparam montes já simbolicamente ativos desde o Neo-Calcolítico e materializados por gravuras rupestres, o que poderá ter sido importante na escolha do lugar de residência.

Em termos de lógica de povoamento também se crê que certos povoados ocuparam intencionalmente locais com visibilidade para determinadas orografias de grande significação coletiva. No conjunto, as múltiplas opções de povoamento transparecem desempenhos e sentidos distintos, no âmbito de uma rede de lugares e de significados interconectados em regime de complementaridade.

Em relação aos contextos e práticas funerárias desconhecem-se dados para o Bronze Final. Durante o Bronze Inicial, a presença de objetos metálicos e de alguns túmulos de grande investimento construtivo, nas áreas de vale, permite pensar que existiram personagens extremamente significantes para as comunidades, os quais seriam recordados e celebrados. Nas áreas montanhosas o facto de os monumentos sob *tumuli* serem, neste período, de maior envergadura do que nos seguintes, indicia, ainda, a importância do papel social da morte visível e da preservação da memória dos antepassados. No Bronze Médio os diferentes tipos de arquiteturas funerárias conectadas, respetivamente, com áreas de montanha ou de vale, parecem corresponder a populações com modos de vida e concepções distintas da morte. Para as comunidades serranas a morte, como marco no espaço, e o culto aos antepassados, ainda parece importante. Nos vales predomina a morte invisível e a perda da importância do cadáver como referência coletiva e referência espacial. Há variedade no tratamento dos cadáveres, com indícios de inumação e de cremação em urna ou *in situ*. As oferendas tornam-se mais simples e à base de determinadas formas cerâmicas, quando não estão

ausentes de todo, tendo desaparecido os objetos metálicos, os quais parecem ser agora canalizados para outros cenários.

Não raramente, as práticas funerárias implementaram-se em lugares liminares ou de passagem, entre o vale e o topo do monte ou nas imediações ou nas linhas de cumeada, entre a terra e o céu, o que se pensa ser propositado e relacionar-se com a morte percebida como um momento de passagem entre dois estádios. Em relação a algumas estruturas funerárias, como as sepulturas planas, observam-se hipotéticas relações com a orientação das águas ou os ciclos solares ou lunares, como que associando a morte a um ciclo ou a uma viagem. Há, ainda, lugares onde a convergência de práticas mortuárias e de outras ações de difícil interpretação, denunciando larga diacronia de frequência cíclica, pelo menos desde o Bronze Inicial ao Final, revelam biografias sem paralelo. Parecem ser lugares de memória e de grande significado coletivo associados a ancestrais ciclicamente celebrados, quer através de outros enterramentos quer de deposições várias.

Na bacia do Ave os indícios irrefutáveis de metalurgia. A par dos objetos associados à produção, os poucos objetos metálicos encontrados nos locais de produção, nos denominados povoados, apontam para a sua manipulação noutros contextos. A significativa quantidade destes objetos, avulsos, ou em depósitos, associada a informações contextuais, deixam transparecer a sua amortização em associação com certas características “naturais” (como montes, vales e bacias de receção, além de poderem associar-se a afloramentos, a nascentes e ao subsolo). Tais factos, pela frequência de ocorrência, não terão sido aleatórios, notando-se padrões normativos de foro cultural. É neste cenário que ganham especial destaque, enquanto elementos estruturantes da paisagem da Idade do Bronze, o Monte da Saia (em Barcelos) e o Monte da Penha (em Guimarães). A sua excecionalidade manifesta-se pela frequência cíclica que denotam, conforme atestado pela concentração anómala de diferentes materialidades metálicas, no primeiro caso, e cerâmicas e metálicas no segundo. Essas materialidades corroboram a ampla diacronia biográfica destes lugares que, entre diversas manifestações, a partir do Bronze Médio mas, em especial, do Bronze Final, é reforçada pela deposição de objetos metálicos. Perceber o Monte da Saia e o Monte da Penha como sítios habitacionais da Idade do Bronze é redutor e, até à data, facto não comprovado. Em contrapartida, ambos integrariam uma rede de lugares da Idade do Bronze na qual as populações viveram e se movimentaram, materializando uma paisagem evada de diferentes sentidos, significados e memórias.

Saliente-se, contudo, que durante o Bronze Final há outras orografias que parecem ter sido significantes, como o Monte do Sino, o Monte de S. Romão, o Alto do Livramento ou o Monte S. Miguel o Anjo, com os quais se associam objetos metálicos. O mesmo se pode dizer dos vales do rio Este e do ribeiro da Abelheira, ótimos corredores de circulação onde depósitos de “utensílios” monotipológicos, sempre no subsolo, todos diferentes e efetuados em diversos moldes, levam a equacionar a hipótese de terem sido amortizados como atos celebrativos comunais visando a concretização de pactos ou acordos entre membros de diferentes comunidades, que usufruíam de pontos de confluência e de passagem comuns conhecidos, muito provavelmente, desde longa data.

Palavras-chave: Idade do Bronze; Noroeste português; bacia do Ave; povoamento; contextos e práticas funerárias; metalurgia e depósitos; “espaços naturais”; paisagem pontuada por diferentes lugares significantes interligados em rede.

The Bronze Age in the river Ave's basin (Northwest of Portugal)

Abstract: This thesis aims to increase the knowledge about the Bronze Age of the river Ave's basin, in the Portuguese Northwest. Through the data's synchronic and diachronic articulation with its physical and cultural contexts, and using new theoretical approaches, that chronological period was studied in a holistic manner. This seeks to interpret the way how communities were structured in the environment where they were immersed or incorporated, and how they interacted with it.

Emphasizing the data's contextualization, namely the different places constructed and used by the Bronze Age populations, this study was carried out according to three main topics: settlement, funerary contexts and practices and metallurgy and metallic depositions. It also were interpreted certain "natural places", whose archaeological materialities denounce large frequency diachronies, revealing its importance to space's structuration and perception for the Bronze Age societies.

In regard to settlement there is no data to the Early Bronze Age. The Middle Bronze Age shows a multivariate space occupation. The most common are sheltered sites, in lower altitudes, with easy accesses to eventual agricultural valleys and natural circulation corridors. Some of this sites are sparing occupations, although other show larger dimensions, probably corresponding to long lasting dwellings. In mountainous regions the settlements occupy well irrigated plateaus, near water courses easily accessed. The top of mountains occupation is rare. During the Late Bronze Age the varied occupation continued, but the settlement in higher altitude becomes more usual. These places have good visual contact over the surrounding nearest shepherding zones, the fertile soils in the valleys and the main circulation pathways from the valley or the ridge, strategic intersection points between different rivers or basins. Although the valleys' occupation favored the circulation, the high altitude settlement materialized the real and symbolic domination over the territory, where different influences acted. Note that some of these settlements occupied Neo-Chalcolithic symbolic mounts, activated from previous times by rock art engravings. This probably was important to the choice of those *loci*. With respect to settlement's logic we also believe that some settlements were intentionally located in sites with good visibility to some kind of hills, probably with collective significance. As a whole, the multiple options may show distinct significances and assignments, in the scope of a network of places and meanings interconnected by complementary relations.

Concerning to the funerary contexts and practices there is no data to the Late Bronze Age. During the Early Bronze Age the metallic objects are common in graves, some of which showing great constructive investment. These structures, connected with the valley, allow us to think that extremely important characters to the communities existed, which would be remembered and celebrated. During this period in the mountainous areas some monuments under *tumuli* are larger than the subsequent, presumably indicating that the social role of death still remained visible, so as the ancestors' memory preservation. In the Middle Bronze Age the different types of funerary architectures are connected with higher altitudes and valley, and may correspond to populations with distinct lifestyles and conceptions of death. To the mountainous communities death is a way to mark the space, where still remains the ancestors' worship. In the valleys proliferates an invisible death and the loss of the body as spatial collective reference. There are varieties on the corpse's treatment, showing uses of inhumation and cremation in urn or *in situ*. The offerings are simpler and restricted to some kind of ceramic pots. Sometimes there are no offerings at all and metallic objects are absent, probably channeled to other scenarios. More often, funerary practices were implemented in laminar or passage places, between the valley and the top of the mountains or near the ridges, between the sky and the

earth, which we think that has to do with the manner how death was seen, probably perceived and conceived as a passage moment between two stages. In relation to some funerary structures, like flat graves, we observe hypothetical links with the water courses and the solar or lunar cycles, as associating death to a cycle or a journey. There are also places where mortuary practices and other actions converged. Although difficult to interpret, they denounce large cyclical frequencies, at least since between the Early and Late Bronze Age. Revealing uncommon biographies and probably working as memorial places of great collective significance, the associations with the ancestors and their cyclical celebration, either by burials or by some kind of depositions, seems to be practiced.

Irrefutable evidences of metallurgy are also known in the Ave's basin, as the presence of objects associated with the production show. However, the scarce objects found in the production sites, in the so called settlements, points out to their manipulation in other contexts. The significant quantity of those objects, discovered either alone or in deposition sets, show high links with some "natural" features (such as mounts, valleys and water basins, beyond their usual connection with outcrops, water sources and the subsoil). These facts, often registered, cannot be seen as random, since some cultural and normative patterns are noticed. In this scenario some structuring elements on the Bronze Age's landscape stand out, such as Mount Saia (Barcelos) and Mount Penha (Guimarães). Their exceptionality

is manifested by the cyclical frequency exhibited, as one can see by the anomalous concentration of different metallic materialities in the first case, and ceramic and metallic in the latter. Those materialities corroborate the unique and wide diachony of both places which by the mean of various manifestations, from the Middle Bronze Age but specially during the Late Bronze Age, was reinforced by the amortization of metallic objects. To understand Mount Saia and Mount Penha as simple sites for Bronze Age settlements is quite reducer, besides the lack of confirmation that exists. By the contrary, both were part of the Bronze Age network of places where people lived, acted and moved, materializing a landscape crowded with different senses, meanings and memories.

However, let us stress that during the Bronze Age there are other orographies that show some significance, like Mount Sino, Mount S. Romão or Mount S. Miguel-o-Anjo, where metallic objects were also recovered. The same can be said in relation to the valleys of rivers Este and Abelheira, good circulation corridors where the deposition of monotypological sets of tools took place under the subsoil. As a working hypothesis, the amortization of these sets could be the result of communal celebration acts to concretize pacts or agreements established between members of different communities, which benefit from the same confluence points of passage known, very likely, since ancient times.

Key words: Bronze Age; Portuguese Northwest; river Ave's basin; settlement; funerary contexts and practices; metallurgy and deposits; "natural places"; landscape punctuated by a network of interrelated significant places.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	vi
ABSTRACT	viii
ÍNDICE	x
ÍNDICE DE FIGURAS	xvi
ÍNDICE DE TABELAS	xxv
PARTE I. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	1
1. Introdução	3
2. O Estado da Arte da Idade do Bronze do Noroeste português	4
2. 1. Introdução	4
2.2. A Idade do Bronze do Noroeste Português	5
2.2.1. Etapa descritiva	5
2.2.2. Etapa histórico-culturalista	5
2.2.3. Etapa processualista	12
2.2.4. A emergência do paradigma pós-processualista	37
2.3. A Idade do Bronze na bacia do Ave	48
PARTE II. OBJETIVOS, METODOLOGIA E RESTRIÇÕES À INVESTIGAÇÃO	53
1. Introdução	55
2. Objetivos	55
3. Metodologia	56
3. 1. Corpo teórico	56
3.1.1. Introdução	56
3.1.2. Conceitos	58
3.1.2.1. Conceitos específicos	58
3.1.2.2. Conceitos gerais	60
3. 2. <i>Praxis</i>	72
3.2.1. Trabalho inicial de gabinete	72
3.2.2. Trabalho de campo	74
3.2.3. Trabalho de laboratório	75
3.2.4. Trabalho avançado de gabinete	77
3.3. Restrições à investigação	78
PARTE III. O ESPAÇO DE ESTUDO: A BACIA DO AVE	81
1. Introdução	83
2. A bacia do Ave no contexto do Noroeste peninsular	83
PARTE IV. OS DADOS	97

1. Catálogo de sítios arqueológicos	99
1. 1. Introdução	99
1. 2. Inventário	104
1.2.1. Distrito de Braga	104
1.2.1.1. Concelho de Barcelos	104
1.2.1.2. Concelho de Braga	111
1.2.1.3. Concelho de Celorico de Basto	136
1.2.1.4. Concelho de Fafe	141
1.2.1.5. Concelho de Guimarães	153
1.2.1.6. Concelho de Póvoa de Lanhoso	179
1.2.1.7. Concelho de Vieira do Minho	184
1.2.1.8. Concelho de Vila Nova de Famalição	187
1.2.1.9. Concelho de Vizela	197
1.2.2. Distrito do Porto	200
1.2.2.1. Concelho de Felgueiras	200
1.2.2.2. Concelho de Póvoa de Varzim	204
1.2.2.3. Concelho de Santo Tirso	208
1.2.2.4. Concelho de Trofa	214
1.2.2.5. Concelho de Vila do Conde	221
2. Estudo monográfico do Pego	227
2. 1. Nota prévia	227
2. 2. Introdução	228
2. 3. Localização, contexto físico e ambiental e enquadramento arqueológico	230
2. 4. Objetivos e metodologia	232
2. 5. Escavação	235
2.5.1. Sector I	235
2.5.1.1. Estratigrafia e materiais	236
2.5.1.1.1. Estratigrafia geral	236
2.5.1.1.2. Materiais	236
2.5.1.2. Síntese	238
2.5.2. Sector II	238
2.5.2.1. Estratigrafia, estruturas e materiais	238
2.5.2.1.1. Estratigrafia geral e materiais	239
2.5.2.1.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze	252
2.5.2.1.2.1. Sepulturas	253
2.5.2.1.2.2. Fossas	266
2.5.2.1.2.3. Buracos de poste	270
2.5.2.1.2.4. Vala perimetral	270
2.5.2.2. Síntese	280

2.5.3. Sector III	282
2.5.3.1. Estratigrafia e materiais	282
2.5.3.1.1. Estratigrafia geral	282
2.5.3.1.2. Materiais	283
2.5.3.2. Síntese	284
2.5.4. Sector IV	284
2.5.4.1. Estratigrafia e materiais	284
2.5.4.2. Síntese	285
2.5.5. Sector V	285
2.5.5.1. Estratigrafia geral, materiais e estruturas	285
2.5.5.1.1. Estratigrafia geral	285
2.5.5.1.2. Materiais	286
2.5.5.1.3. Estruturas	294
2.5.5.1.3.1. Históricas	294
2.5.5.1.3.2. Idade do Bronze	296
2.5.5.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze	301
2.5.5.2.1. Fossas	302
2.5.5.2.2. Buracos de poste	311
2.5.5.2.3. Valados	323
2.5.5.2.4. Vala perimetral	323
2.5.5.3. Síntese	333
2. 6. Datas de C ¹⁴ e fases de ocupação	336
2.6.1. Datas de radiocarbono	336
2.6.2. Fases de ocupação	338
2. 7. Discussão dos resultados e interpretações	241
2. 8. Figuras	354
3. Estudo monográfico da Quinta do Amorim	393
3. 1. Nota prévia	393
3. 2. Introdução	393
3. 3. Localização, contexto físico e ambiental e enquadramento arqueológico	394
3. 4. Objetivos e metodologia	396
3. 5. Escavação	399
3.5.1. Área 1	401
3.5.1.1. Estratigrafia e materiais	401
3.5.1.1.1. Estratigrafia geral	401
3.5.1.1.2. Materiais	401
3.5.1.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze	403
3.5.1.2.1. Fossas	403
3.5.1.3. Linhas de água	410

3.5.1.4. Síntese	411
3.5.2. Área 2	413
3.5.2.1. Estratigrafia e materiais	414
3.5.2.1.1. Estratigrafia geral	414
3.5.2.1.2. Materiais	414
3.5.2.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze	416
3.5.2.2.1. Fossas	416
3.5.2.2.2. Buracos de Poste	425
3.5.2.2.3. Sepulturas	425
3.5.2.3. Síntese	427
3.5.3. Análise comparada das estruturas das Áreas 1 e 2	430
3. 6. Datas de C ¹⁴ e fases de ocupação	432
3.6.1. Datas de radiocarbono	432
3.6.2. Fases de ocupação	433
3. 7. Discussão dos resultados e interpretações	434
3. 8. Figuras	440
4. Estudo monográfico de Vale Ferreiro	469
4. 1. Nota prévia	469
4. 2. Introdução	469
4. 3. Localização, contexto físico e ambiental e enquadramento arqueológico	471
4. 4. Objetivos e metodologia	473
4. 5. Escavação	475
4.5.1. Sector I	475
4.5.1.1. Estratigrafia, estruturas e materiais	475
4.5.1.1.1. Estratigrafia geral	476
4.5.1.1.2. Estruturas	476
4.5.1.1.3. Materiais	476
4.5.1.2. Estruturas abaixo da camada 1	479
4.5.1.2.1. Túmulos	480
4.5.1.2.2. Fossas	493
4.5.1.2.1. Buracos de poste	511
4.5.1.3. Síntese	514
4.5.2. Sector II	519
4.5.2.1. Estratigrafia e materiais	519
4.5.2.1.1. Estratigrafia geral	519
4.5.2.1.2. Materiais	519
4.5.2.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze	520
4.5.2.3. Síntese	521
4. 6. Datas de C ¹⁴ e fases de ocupação	521

4.6.1. Datas de radiocarbono	521
4.6.2. Momentos de ocupação ou biografia do lugar	523
4. 7. Discussão dos resultados e interpretações	525
4. 8. Figuras	531
PARTE V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	553
1. O povoamento	555
1.1. Introdução	555
1.2. Implementação dos povoados	557
1.2.1. O Bronze Médio	557
1.2.2. O Bronze Final	559
1.3. Organização interna, características arquitetônicas e materiais construtivos	562
1.3.1. O Bronze Médio	562
1.3.2. O Bronze Final	577
1.4. Lógica do povoamento e suas eventuais interpretações	593
1.4.1. O Bronze Médio	594
1.4.2. O Bronze Final	595
2. As práticas funerárias	599
2.1. Introdução	599
2.2. Contextos de tumulação	600
2.3. Práticas funerárias	627
2.3.1. Tratamento dos mortos	627
2.3.2. Outras ações funerárias	632
2.4. Implementação “física” e “cultural” dos contextos funerários	671
2.4.1. Implementação “física”	671
2.4.2. Implementação “cultural”	677
2.4.2.1. Organização interna dos lugares dos mortos	677
2.4.2.2. Necrópoles <i>versus</i> povoados	681
2.5. Discussão dos dados e interpretações	683
3. Práticas metalúrgicas e deposições metálicas	695
3.1. Práticas metalúrgicas	695
3.1.1. Objetos e estruturas associados ao processo metalúrgico	695
3.1.2. Produções	703
3.1.3. Lugares de produção e produtores	704
3.2. Deposições metálicas	710
3.2.1. Introdução	710
3.2.2. Achados metálicos	713
3.2.3. Depósitos metálicos	721
3.2.3.1. Introdução	721
3.2.3.2. Depósitos metálicos do Bronze Médio	723

3.2.3.3. Depósitos metálicos do Bronze Final	727
3.2.4. Discussão dos resultados e interpretação à micro escala de análise	744
3.2.5. Discussão dos resultados e interpretação à média escala de análise	759
3.2.6. O papel social das amortizações metálicas na longa duração	765
4. Considerações finais	779
BIBLIOGRAFIA	785

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 4.1 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro.
- Figura 4.2 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada do Alto do Livramento.
- Figura 4.3 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada da Bouça da Tomadia da Mata.
- Figura 4.4 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada do Monte da Feira/Viatodos.
- Figura 4.5 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada da Quinta da Fonte Velha/Viatodos.
- Figura 4.6 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Barcelos e sítios catalogados: 1 – Laje dos Sinais/Monte do Olheiro; 2 – Alto do Livramento; 3 – Tomadia da Mata; 4 – Monte da Feira/Viatodos; 5 – Quinta da Fonte Velha/Viatodos. Os círculos maiores correspondem a localizações aproximadas.
- Figura 4.7 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vasconcelos.
- Figura 4.8 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 69, à escala 1/25 000, com localização do Frijão.
- Figura 4.9 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 69, à escala 1/25 000, com localização do Pego.
- Figura 4.10 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Santa Marta da Falperra.
- Figura 4.11 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Senhora da Fátima.
- Figura 4.12 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Alto da Cividade/Cividade.
- Figura 4.13 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Pau de Bandeira/Monte Crasto.
- Figura 4.14 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vale de Chão 1.
- Figura 4.15 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vale de Chão 2.
- Figura 4.16 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vale de Chão 4.
- Figura 4.17 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Carvalho 1.
- Figura 4.18 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Carvalho 2.
- Figura 4.19 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização da Quinta das Rosas.
- Figura 4.20 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Penedo da Cruz.
- Figura 4.21 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Granjinhos.
- Figura 4.22 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade.
- Figura 4.23 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Galos.
- Figura 4.24 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Bouça o Monte/Caixa d'Água/Quinta do Amorim.
- Figura 4.25 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Quinta do Amorim.
- Figura 4.26 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Bouça da Lapa 1.
- Figura 4.27 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Bouça da Lapa 2.
- Figura 4.28 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Outeiro dos Chascos.
- Figura 4.29 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 56, 69 e 70, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Braga e sítios catalogados: 6 – Monte de Vasconcelos; 7 – Frijão; 8 – Pego; 9 – Santa Marta da Falperra 1; 11 – Senhora de Fátima; 12 – Alto da Cividade; 13 – Pau de Bandeira/Monte Crasto; 15A – Vale de Chão 1; 15B – Vale de Chão 2; 15C – Vale de Chão 4; 15D – Carvalho 1; 15E – Carvalho 2; 16 – Quinta das Rosas; 17 – Penedo da Cruz; 18 – Granjinhos; 19 – Quarteirão dos CTT; 20 – Galos; 21 – Bouça do Monte/Caixa de Água/Quinta do Amorim; 22 – Quinta do Amorim; 23 – Bouça da Lapa 1; 24 – Bouça da Lapa 2; 25 – Outeiro dos Chascos.
- Figura 4.30 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Areeiro/Areeiros.
- Figura 4.31 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Tapada da Venda/Pedroso.
- Figura 4.32 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Lameirão/Cruz Nova.
- Figura 4.33 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Arcabouço.
- Figura 4.34 – Excerto de C.M.P., folha 86, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Celorico de Basto e sítios catalogados: 27: Areeiro; 28 – Tapada da Venda/Pedroso; 29 – Lameirão/Cruz Nova; 30 – Arcabouço.
- Figura 4.35 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Passagens/Arnozela.
- Figura 4.36 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de Regedoura 2.
- Figura 4.37 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Casinha de Mouros.
- Figura 4.38 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de S. Lourenço.
- Figura 4.39 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Outeiro Mau.
- Figura 4.40 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de Cabanas/Cabanos/Burgueiros.
- Figura 4.41 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.
- Figura 4.42 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 72, à escala 1/25 000, com localização de Laje da Malhadoura 1.
- Figura 4.43 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 72, à escala 1/25 000, com localização de Lobo 2.
- Figura 4.44 – Excertos de Cartas Militares de Portugal., folhas 71, 72, 85 e 86, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Fafe e sítios catalogados: 31 – Arnozela; 32 – Regedoura 2; 33 – Casinha de Mouros; 34 – S. Lourenço; 35 – Outeiro Mau; 36 – Cabanas/Burgueiros; 37 – Vale Ferreiro; 38 – Laje da Malhadoura 1; 39 – Lobo 2.

Figura 4.45 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de Quinta do Telhado/Pedreira da Pena.

Figura 4.46 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Monte da Abelheira/Rua Afonso Henriques.

Figura 4.47 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização Quinta do Vago Mestre/Monte de Baixo/Barqueiro.

Figura 4.48 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Boavista

Figura 4.49 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização da Pedra dos Sinais.

Figura 4.50 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização da Quinta do Paço.

Figura 4.51 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização da Quinta do Paço.

Figura 4.52 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização da plataforma superior do Monte da Penha.

Figura 4.53 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização aproximada da área da fonte de Santa Catarina.

Figura 4.54 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Faisca.

Figura 4.55 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Faisca.

Figura 4.56 – Excertos de Carta Militar de Portugal, folhas 70, 71, 84 e 85, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Guimaraães e sítios catalogados: 41 – Pedreira da Pena/Quinta do Telhado; 42 – Monte da Abelheira/Rua D. Afonso Henriques; 43 – Barqueiro/Quinta do Vago Mestre/Monte de Baixo; 44 – Quinta da Boavista; 45 – Pedra dos Sinais; 46 – Monte de S. Romão (não cartografado); 47 – Quinta do Paço; 49 – Quinta da Tulha; 50 – Monte da Penha (plataforma superior); 51 – Fonte de Santa Catarina; 52 – Cantonha/Souto Escuro; 53 – Paulinhos (não cartografado); 60 – Faisca; 63 – Monte da Força/Alto da Força

Figura 4.57 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 57, à escala 1/25 000, com localização de Castro de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar.

Figura 4.58 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 57, à escala 1/25 000, com localização de Castro de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar.

Figura 4.59 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 57, à escala 1/25 000, com localização de Castro de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar.

Figura 4.60 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 57 e 71, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Póvoa de Lanhoso e sítios catalogados: 72 – Castro de Lanhoso/Castelo Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar; 74 – Mata da Camarôa; 75 – Vilela.

Figura 4.61 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 43, à escala 1/25 000, com localização de Poço das Várzeas.

Figura 4.62 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 58, à escala 1/25 000, com localização de Monte do Castelo.

Figura 4.63 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 43, 44, 57 e 58, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vieira do Minho e sítios catalogados: 76 – Poço das Várzeas; 77 – Monte do Castelo.

Figura 4.64 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Bouça.

Figura 4.65 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Bouça.

Figura 4.66 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Bouça.

Figura 4.67 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização de S. Vicente.

Figura 4.68 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização de S. Vicente.

Figura 4.69 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 83, 84, 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vila Nova de Famalicão e sítios catalogados: 78 – Quinta da Bouça; 79 – Monte do Facho; 81 – Penices; 82 – Lugar da Bouça; 84 – S. Vicente; 85 – Vermoim.

Figura 4.70 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização de S. Bento.

Figura 4.71 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 83, 84, 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vizela e sítios catalogados: 87 – S. Bento.

Figura 4.72 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Monte da Senhora do Pinheiro/Monte da Senhora Aparecida.

Figura 4.73 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Monte da Senhora do Pinheiro/Monte da Senhora Aparecida.

Figura 4.74 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 85, 86, 99 e 100, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Felgueiras e sítios catalogados: 88. Pinheiro/Senhora Aparecida; 89. Monte da Senhora Aparecida.

Figura 4.76 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 82, à escala 1/25 000, com localização de Terroso.

Figura 4.77 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 82, 83, 96 e 97, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Póvoa de Varzim e sítios catalogados: 90 – Campo de Postigo; 91 – Terroso.

Figura 4.78 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Chão de Presa.

Figura 4.79 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização de Monte Padrão/Monte Córdova/Monte Cordoba.

Figura 4.80 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta do Gião/Corvilho.

Figura 4.81 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Santo Tirso e sítios catalogados: 93 – Chão de Presa/Chão da Presa/Chã de Presa; 94 – Monte Padrão/Monte Córdova/Monte Cordoba; 96 – Quinta do Gião/Corvilho.

Figura 4.82 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização de Alvarelos.

Figura 4.83 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização de Abelheira/S. Martinho do Bougado.

Figura 4.84 – Excertos de C.M.P., folhas 97, 98, 110 e 111, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho da Trofa e sítios catalogados: 98 – Alvarelos/S. Marçal; 100 – Bairros/Santiago do Bougado (não cartografado); 101 – Abelheira/S. Martinho do Bougado; 102 – Antela dos Córregos/Bouça dos Córregos/Bouça dos Corgos/Bouça do Corgos/Antela dos Córregas.

Figura 4.85 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 96, à escala 1/25 000, com localização do Corgo.

Figura 4.86 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização de Bagunte.

Figura 4.87 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Touguinha.

Figura 4.88 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 68, 69, 82, 83, 84, 96, 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vila do Conde e sítios catalogados: 103 – Corgo; 104 – Monte da Soledade/Bagunte/Monte da Cividade/Cividade de Bagunte; 105 – Touguinha; 106 – Vila do Conde.

Figura 4.89 – Localização do Pego em excerto de Cartas Militares de Portugal, folhas 69 e 70, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D.

Figura 4.90 – Mapa hipsométrico com localização do Pego em relação à geomorfologia do terreno e aos recursos minerais de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (tracejado amarelo).

Figura 4.91 – Excerto de Cartas Geológicas de Portugal, folhas 5-C (Barcelos) e 5-D (Braga), à escala 1/50 000, com localização do Pego (adaptado de Gonçalves 2013: 108).

Figura 4.92 – Elementos cerâmicos recolhidos por camada no Sector II.

Figura 4.93 – Discriminação por camada dos elementos líticos recolhidos no Sector II.

Figura 4.94 – Percentagens de tamanhos de fragmentos cerâmicos recuperados do enchimento da vala perimetral segundo os parâmetros definidos por Brudenell & Cooper (2008).

Figura 4.95 – Localização do Pego em excerto de Cartas Militares de Portugal, folhas 69 e 70, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D.

Figura 4.96 – Vista aérea a partir de sudeste da colina onde se localiza o Pego e sua relação com o vale imediato da ribeira da Levegada.

Figura 4.97 – Excerto de mapa hipsométrico com localização do Pego em relação às jazidas primárias de Sn e W (elipses amarelas) de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), no topo, e de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão), em baixo.

Figura 4.98 – Excerto de Cartas Geológicas de Portugal, folhas 5-C (Barcelos) e 5-D (Braga), à escala 1/50 000, com localização do Pego (adaptado de Gonçalves 2013: 108).

Figura 4.99 – Levantamento topográfico da colina com malha de escavação implementada: vertente sul, Sector II; topo e vertentes oeste, este e norte, Sector V. A vermelho, os limites da área total escavada.

Figura 4.100 – Plano final, perfil e secções da sepultura 1. Note-se, no canto inferior esquerdo do plano final, o ligeiro corte desta estrutura pela vala perimetral. No extremo oposto, perturbações de raízes.

Figura 4.101 – Plano final, perfil e secções da sepultura 2. Note-se, no plano final, ao centro da interface norte e nordeste, a perturbação por ação de raízes.

Figura 4.102 – Plano final, perfil e secções da sepultura 3.

Figura 4.103 – Plano final e secções da sepultura 4.

Figura 4.104 – Plano final parcial da sepultura 5. A interface a sul apresentava perturbações de raiz.

Figura 4.105 – Plano final, perfil e secção da sepultura 6.

Figura 4.106 – Plano final, perfil e secção da sepultura 7.

Figura 4.107 – Plano final, perfil e secção da sepultura 8. Na extremidade sudoeste do plano final é possível observar uma perturbação causada por raiz e, mais para sudoeste, a fossa 3.

Figura 4.108 – Plano final e secção da sepultura 9.

Figura 4.109 – Plano final, perfil e secção da sepultura 10.

Figura 4.110 – Plano final, perfil e secção da sepultura 11. O seu extremo sudoeste foi cortado pela fossa 5.

Figura 4.111 – Plano final e secção parciais da sepultura 12 (ainda não escavada na íntegra).

Figura 4.112 – Pormenores fotográficos durante a escavação onde mais tarde se percebeu ter existido uma sepultura plana (a tracejado vermelho).

Figura 4.114 – Plano final e secção da fossa 2 do Sector II.

Figura 4.115 – Plano final e secção da fossa 1 do Sector II.

Figura 4.116 – Plano final e secção da fossa 5 do Sector II.

Figura 4.117 – Plano final e secção da fossa 6 do Sector II.

Figura 4.118 – Plano final e secção do buraco de poste 1 do Sector II.

Figura 4.119 – Pormenor do enchimento da vala perimetral no Sector II, na zona em que a mesma bifurcava (entrada).

Figura 4.120 – Pormenor do trecho este da vala perimetral no Sector II, onde é possível observar a sua secção.

Figura 4.121 – Pormenor do trecho este da vala perimetral no Sector II.

Figura 4.122 – Plano inicial das estruturas do Sector II do Pego.

Figura 4.123 – Fragmentos de grelhas recolhidos em diferentes pontos do Sector II do Pego.

Figura 4.124 – Topo: desenho de tampa recuperada do enchimento do trecho este da vala perimetral, no Sector II. Em baixo: potinho de asas em orelha recuperado no interior da mesma vala, mas no sector V, que faz conjunto com a referida tampa.

Figura 4.125 – Plano final, perfil e secção da fossa 1 do Sector V.

Figura 4.126 – Plano final, perfil e secção da fossa 3 do Sector V. Note-se, na interface poente do plano final, a perturbação de uma raiz.

Figura 4.127 – Plano final, perfis e secções das fossas 18 (topo direito) e 19 (centro direito) do Sector V.

Figura 4.128 – Empedrado respeitante a estrutura de combustão identificado em relação com a camada 1a', Sector V.

Figura 4.129 – Plano inicial da hipotética "caixa de areia" identificada no Sector V.

Figura 4.130 – Plano final, perfis e secções das fossas 7 e 8 do Sector V.

Figura 4.131 – Plano final, perfil e secção da fossa 9 do Sector V.

Figura 4.132 – Planos finais, perfis e secções das fossas 12 e 13 do Sector V.

Figura 4.133 – Secção da fossa 14 do Sector V.

Figura 4.134 – Planos finais, perfis e secções das fossas 16 e 17 do Sector V.

Figura 4.135 – Plano final, perfil e secção da fossa 20 do Sector V.

Figura 4.136 – Plano final, perfil e secção da fossa 21 do Sector V.

Figura 4.137 – Perfil das fossas 27 e 28 do Sector V.

Figura 4.138 – Plano final e secções das fossas 27 e 28 do Sector V.

Figura 4.139 – Plano final e perfil da fossa 31 do Sector V.

Figura 4.140 – Plano final, perfil e secção da fossa 33 do Sector V.

Figura 4.141 – Secções dos buracos de poste 1 a 15 do Sector V.

Figura 4.142 – Secções dos buracos de poste 34, 35 e 36 e do valdo 5, Sector V.

Figura 4.143 – Perfil e plano final do valado 5 e plano final dos buracos de poste aparentemente associados, Sector V.

Figura 4.144 – Plano final do buraco de poste 38, na parede exterior da vala perimetral, no quadrante nordeste do Sector V.

Figura 4.145 – Perfil estratigráfico onde é possível atestar a forma da secção da vala perimetral, Sector V.

Figura 4.146 – Outras formas cerâmicas, no momento da descoberta, intencionalmente depositadas no interior da vala perimetral, no quadrante nordeste, Sector V.

Figura 4.147 – Púcaro recuperado da camada 1d, quadrado +D36, da vala perimetral (vide figura 4.145).

Figura 4.148 – Planta final dos sectores II e V do Pego com distribuição das estruturas.

Figura 4.149 – Percentagem de contornos representados num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze.

Figura 4.150 – Percentagem de diâmetros/comprimentos representadas num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze

Figura 4.151 – Percentagem de profundidades representadas num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze.

Figura 4.152 – Percentagem de bases representadas num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze.

Figura 4.153 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha nº 56, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com localização do sítio de Quinta do Amorim, Braga (ponto vermelho).

Figura 4.154 – Aspeto da área de trabalho à chegada da equipa de escavação: Área 1 (elipse vermelha) a Área 2 (elipse laranja).

Figura 4.155 – Mapa hipsométrico com localização da Quinta do Amorim em relação ao relevo e hidrografia.

Figura 4.156 – Excerto de Carta Geológica de Portugal, folha 5-D (Braga), à escala 1/50 000 (Ferreira et al. 2000), com localização da Quinta do Amorim.

Figura 4.157 – Levantamento topográfico (a azul) com áreas de escavação (a vermelho): topo, área 1, centro, Área 2.

Figura 4.158 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 7/Fossa 1 da Área 1.

Figura 4.159 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 8/Fossa 2 da Área 1.

Figura 4.160 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 11/Fossa 3 da Área 1.

Figura 4.161 – Planos intermédios da Estrutura 15/Fossa 4 da Área 1.

Figura 4.162 – Plano inicial e perfis da Estrutura 15/Fossa 4 e da Estrutura 16/Fossa 5 da Área 1.

Figura 4.163 – Planos intermédios da Estrutura 17/Fossa 6 da Área 1.

Figura 4.164 – Perfil e secção da Estrutura 17/Fossa 6 e da Estrutura 18/Fossa 7 da Área 1.

Figura 4.165 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 19/Fossa 8 da Área 1.

Figura 4.166 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 18/Fossa 7 da Área 1.

Figura 4.167 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 25/Fossa 10 da Área 1.

Figura 4.168 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 26/Fossa 11 da Área 1.

Figura 4.169 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 31/Fossa 12 da Área 1.

Figura 4.170 – Plano final, perfis e secções da Estrutura 20/Fossa 13 da Área 2.

Figura 4.171 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 35/Fossa 14 da Área 2.

Figura 4.172 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 37/Fossa 15 da Área 2.

Figura 4.173 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 40/Fossa 16 da Área 2.

Figura 4.174 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 44/Fossa 17 da Área 2.

Figura 4.175 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 46/Fossa 18 da Área 2.

Figura 4.176 – Plano inicial, plano final e secção da Estrutura 58A/Fossas 19 e 20 da Área 2.

Figura 4.177 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 63/Fossa 21 da Área 2.

Figura 4.178 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 67/Fossa 22 da Área 2.

Figura 4.179 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 70/Fossas 23, 24 e 25 e do buraco de poste 1 da Área 2.

Figura 4.180 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 73/Fossa 26 da Área 2.

Figura 4.181 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 74/Fossa 27 da Área 2.

Figura 4.182 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 78/Fossa 30 da Área 2.

Figura 4.183 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 75/Fossa 28 da Área 2.

Figura 4.184 – Perfil de vaso cerâmico decorado recuperado do enchimento da Estrutura 78/Fossa 30, da Área 2, cujos paralelos mais próximos podem ser encontrados no nível de Sola IIb (Vila Verde).

Figura 4.185 – Perfil de uma taça em calote quase esférica recuperada do enchimento da Estrutura 17/Fossa, da Área 1.

Figura 4.186 – Plano inicial da sepultura plana identificada na Área 2.

Figura 4.187 – Plano inicial da sepultura plana identificada na Área 2.

Figura 4.188 – Plano inicial da sepultura plana identificada na Área 2.

Figura 4.189 – Plano inicial com implementação das estruturas da Área 1 (topo) e da Área 2 (em baixo, à direita)

Figura 4.190 – Relação de fragmentos cerâmicos recolhidos do enchimento das 46 estruturas datadas da Idade do Bronze.

Figura 4.191 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.

Figura 4.192 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.

Figura 4.193 – Excerto de Carta Geológica de Portugal, folha 5-D (Braga), à escala 1/50 000, com localização de Vale Ferreiro.

Figura 4.194 – Planta do Sector I de Vale Ferreiro com implementação das estruturas.

Figura 4.195 – Laje que encerrava o túmulo 1 do Sector I fraturada pela máquina.

Figura 4.196 – Câmara pétrea cistoide do túmulo 1 do Sector I com lajes fincadas ao alto, ligeiramente inclinadas para o interior, erguidas no interior de uma fossa. Note-se que as lajes eram, na maioria, boleadas pela água.

Figura 4.197 – Plano intermédio do túmulo 1 do Sector I com indicação dos esteios.

Figura 4.198 – Ossadas humanas preservadas no interior da câmara do túmulo 1, um caso raro no Noroeste português.

Figura 4.199 – Alçados da câmara cistoide do túmulo 1 do Sector I.

Figura 4.200 – Plano intermédio do túmulo 2 do Sector I com diferentes rochas e minerais a integrarem a sua câmara.

Figura 4.201 – Aspeto do túmulo 2 do Sector I e da sua câmara pétrea. Note-se a sua construção no interior de uma fossa aberta no substrato rochoso.

Figura 4.202 – Plano final do túmulo 2 do Sector I com camada de colorante definida no fundo da câmara e hipotética estela no extremo sudoeste.

Figura 4.203 – Perfil do túmulo 2 do Sector I. A sua natureza lenticular apontou para o possível “derrube” de uma hipotética cobertura de madeira.

Figura 4.204 – Topo: secção G-H da fossa onde foi construída a câmara pétrea do túmulo 2 do Sector I. Baixo: secção G-H da câmara pétrea.

Figura 4.205 – Topo: secção C-D da fossa onde foi construída a câmara pétrea do túmulo 2 do Sector I. Baixo: secção C-D da câmara pétrea.

Figura 4.206 – Plano final e perfil do túmulo 3 do Sector I.

Figura 4.207 – Plano final do túmulo 4 do Sector I.

Figura 4.208 – Perfil e secções do túmulo 4 do Sector I.

Figura 4.209 – Plano final da fossa 2 do Sector I.

Figura 4.210 – Plano intermédio (topo direito), plano final e perfil da fossa 3 do Sector I.

Figura 4.211 – Plano final da fossa 4 e do buraco de poste 16 do Sector I.

Figura 4.212 – Plano final da fossa 5 do Sector I.

Figura 4.213 – Plano final das fossas 7 e 12 e do buraco de poste 14 do Sector I.

Figura 4.214 – Plano final da fossa 8 do Sector I.

Figura 4.215 – Plano inicial da fossa 9 do Sector I.

Figura 4.216 – Perfil e secção da fossa 9 do Sector I.

Figura 4.217 – Plano final da fossa 9 do Sector I e 12 buracos de poste que lhe surgiram associados.

Figura 4.218 – Plano final da fossa 13 do Sector I.

Figura 4.219 – Plano final da fossa 15 do Sector I.

Figura 4.220 – Plano final, perfil e secção da fossa 19 do Sector I.

Figura 4.221 – Plano final, perfil e secção da fossa 20 do Sector I.

Figura 4.222 – Plano final da fossa 21 e dos buracos de poste 21 e 22 e perfil e secção da fossa 21 do Sector I.

Figura 4.223 – Perfis e secções dos buracos de poste 21 e do Sector I.

Figura 4.224 – Plano final, perfil e secções da fossa 22 do Sector I.

Figura 4.225 – Plano final, perfil e secções da fossa 26 do Sector I.

Figura 4.226 – Plano final, perfil e secções da fossa 27 do Sector I.

Figura 4.227 – Plano final, perfil e secções da fossa 28 do Sector I.

Figura 4.228 – Plano final, perfil e secção da fossa 32 do Sector I.

Figura 4.229 – Plano final, perfil e secções da fossa 33 do Sector I.

Figura 4.230 – Plano final, perfis e secções dos buracos de poste 18 e 19 do Sector I.

Figura 4.231 – Espólio recuperado do interior da câmara do túmulo 2 do Sector I.

Figura 4.232 – Estela que integrava a base do túmulo 2 do Sector I.

Figura 4.233 – Moinho manual considerado como oferenda recuperado do interior do túmulo 2 do Sector I.

Figura 4.234 – potinho recuperado do interior do túmulo 3 do Sector I.

Figura 4.235 – Plano final, perfis e secção da fossa 1 do Sector II.

Figura 5.1 – Planta da Área 1 (em cima à esquerda) e da Área 2 (em baixo, à direita) da Quinta do Amorim com dispersão das estruturas (quadrícula 2m x 2m orientada a nordeste).

Figura 5.2 – À esquerda, fotografia do empedrado ou estrutura de combustão identificada no Sector V do Pego; À direita, desenho da mesma estrutura.

Figura 5.3 – Imagem 3D tratada com *software* adequado onde é possível observar os topos de algumas fossas em diferentes níveis de cotas (segundo Gonçalves 2012: 120).

Figura 5.4 – Perfil as fossa 3 do Sector V, onde se observa o ligeiro estrangulamento do seu topo.

Figura 5.5 – Plano final do valado 1 do Sector V.

Figura 5.6 – Área 1 (em cima, à esquerda) e Área 2 (em baixo, à direita) da Quinta do Amorim, com respetiva distribuição das estruturas escavadas (quadrícula 2mx2m).

Figura 5.7 – Área 1 da Quinta do Amorim, com respetiva distribuição das estruturas escavadas (quadrícula 2mx2m).

Figura 5.8 – Secção da fossa 4 (estrutura 15) da Área 1 da Quinta do Amorim, onde é visível o perfil estrangulado.

Figura 5.9 – Área 2 da Quinta do Amorim, com respetiva distribuição das estruturas escavadas (quadrícula 2mx2m).

Figura 5.10 – Planta de distribuição das estruturas de Tapada da Venda/Pedroso, atendendo à área intervencionada em 1978 (Lemos *et al.* 1976-1980).

Figura 5.11 – Vaso da forma 6 segundo Bettencourt (1999) recolhido da fossa C9 da Tapada da Venda/Pedroso (Lemos *et al.* 1976-1980).

Figura 5.12 – Pormenor do corte estratigráfico do Sector D2 do Corgo (segundo Ribeiro *et al.* 2010).

Figura 5.13 – Hipotética cabana subcircular circundada pelo valado 34 (segundo Ribeiro *et al.* 2010).

Figura 5.14 – Pequena fossa 324 ou covacho do Corgo e vaso encontrado no seu interior.

Figura 5.15 – Mapa hipsométrico do Vale do Ave com a distribuição do povoamento do Bronze Médio: 7. Frijão (Braga); 8. Pego (Braga); 16. Quinta das Rosas (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 103. Corgo (Vila do Conde).

Figura 5.16 – Pormenor da planta do Sector V do Pego onde é possível observar o plano inicial da “caixa de areia” (a cinza), cortada sobre o substrato geológico, hipoteticamente relacionada com práticas metalúrgicas.

Figura 5.17 – Em cima, pormenor da vala perimetral, quadrante nordeste, no Sector V. Em baixo, trabalhos de escavação da mesma estrutura, quadrante norte (cortesia Ana M. S. Bettencourt).

Figura 5.18 – Pormenor de vasos cerâmicos intencionalmente depositados no fundo da vala perimetral, no quadrante nordeste do Sector V do Pego (cortesia Ana M. S. Bettencourt).

Figura 5.19 – Pormenor do enchimento da vala perimetral no Sector V do Pego onde é possível observar à direita a camada escura (resto dos troncos da paliçada queimados?) e alguns blocos graníticos (cunhas ou contrafortes?).

Figura 5.20 – Em cima, vista aérea do Corgo onde se observa, à direita, o fosso; centro: pormenor do referido fosso. Em baixo, alinhamento de buracos de poste traduzindo uma estrutura de formato retangular.

Figura 5.21 – Vala que circundaria os vestígios escavados em Tapada da Venda/Pedroso (cortesia M.D.D.S., Braga).

Figura 5.22 – Perfil e alçado da muralha de Vasconcelos (adaptado de Bettencourt 2000a).

Figura 5.23 – Restos do pavimento detetado em Santa Catarina (a tracejado vermelho) (Bettencourt *et al.* 2003b).

Figura 5.24 – Plano final de área de Penices onde se detetaram fundos de cabana (a tracejado vermelho) datáveis da fase mais antiga de ocupação do local (adaptado de Queiroga 1992).

Figura 5.25 – Mapa hipsométrico do Vale do Ave com a distribuição do povoamento do Bronze Final: 6. Vasconcelos (Braga); 8. Pego (Braga); 9. Santa Marta da Falperra (Braga); 11. Lajes (Braga); 12. Alto da Cidade (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 72. Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso); 79. Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão); 81. Penices (Vila Nova de Famalicão); 85. Vermoim (Vila Nova de Famalicão); 89. Senhora Aparecida (Felgueiras); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 98. Alvarelos (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde).

Figura 5.26 – Representação da estela de Lameirão/Cruz Nova, em Celorico de Basto (adaptado de Sousa 1992).

Figura 5.27 – À esquerda, aspeto do monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1 durante trabalhos de escavação (adaptado de Loureiro 2007). À direita, pormenor da reutilização do seu *tumulus* (Vilas Boas 2014a).

Figura 5.28 – Sepulturas planas identificadas na área de estudo e convenientemente registadas durante trabalhos de escavação.

Figura 5.29 – O tracejado vermelho delimita a camada de arena granítica identificada no topo da sepultura 6, no sítio do Pego, elemento que terá servido de tampa para selar esta sepultura.

Figura 5.30 – Plano final da sepultura plana de Quinta do Amorim onde é possível observar, na área exterior à interface norte, restos de arena granítica compactado (tampa?).

Figura 5.31 – A área da necrópole do Pego segundo uma distribuição polinuclear (quadriculada de 2 m x 2 m orientada a norte).

Figura 5.32 – Perfil de uma das fossas de Faisca, em Guimarães, representando o enchimento e um exemplar de bordo horizontal (segundo Cardoso 1936).

Figura 5.33 – Secção norte-sul da fossa 2 de Campo de Postigo, Póvoa de Varzim (Bettencourt 2010b, 2011a).

Figura 5.34 – Plano final da fossa 9 de Vale Ferreiro, Fafe, e respetivos buracos de poste a ela associados.

Figura 5.35 – À esquerda, projeção do monumento de Granjinhos a partir do alinhamento de pedras e arena granítica (círculo vermelho) que circundava o local de deposição dos vasos (círculo azul); à direita respetivos vasos cerâmicos exumados (adaptado de Bettencourt 2000a: Estampas V, VII e VIII).

Figura 5.36 – À esquerda, câmara pétreia tipo cistoide do túmulo 1 de Vale Ferreiro; à direita, restos ósseos humanos identificados no seu interior.

Figura 5.37 – Aspeto da base do túmulo 1 de Vale Ferreiro, regularizado com lajes.

Figura 5.38 – Secção G-H da fossa (em cima) e da câmara (em baixo) do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

Figura 5.39 – Câmara pétreia do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

Figura 5.40 – Perfil estratigráfico do túmulo 2 de Vale Ferreiro onde se observam, no topo, as lenticulas de derrube da hipotética tampa de madeira.

Figura 5.41 – Plano final do Sector I de Vale Ferreiro com representação das estruturas da Idade do Bronze e corte do caminho na origem da descoberta do sítio.

Figura 5.42 – Plano intermédio do túmulo 2 de Vale Ferreiro com câmara pétreia construída recorrendo ao uso de diferentes minerais e rochas.

Figura 5.43 – Sepulturas 9 do Pego (à esquerda) com contorno das suas interfaces exteriores (a vermelho) e o enchimento mais escuro (a laranja). À direita, hipotética reconstituição da inumação da sepultura 11 do Pego (segundo Bettencourt 2010c).

Figura 5.44 – À direita, adáufe de madeira identificado no interior da sepultura 322 de Cimalha; à esquerda, recipiente cerâmico que surgiu associado a este contexto (Brochado & Fernandes 2008: 42).

Figura 5.45 – Recipiente cerâmico ou forma 10 de Bettencourt (1999) associado à reutilização do monumento megalítico da Lapinha, Guimarães (adaptado de Sanches 1981: 94).

Figura 5.46 – Vasos de bordo horizontal recolhidos das sepulturas planas do Pego, em Braga.

Figura 5.47 – Vaso de bordo horizontal recuperado do interior da estrutura 12/sepultura 1 de Quinta do Amorim.

Figura 5.48 – Vaso troncocónico recuperado do interior da sepultura LXXX do quarteirão dos C.T.T.

Figura 5.49 – À esquerda, potinho recuperado do interior do túmulo 3 de Vale Ferreiro (*in situ* à direita).

Figura 5.50 – Vasos de bordo horizontal recuperados das fossas de Faisca, em Guimarães.

Figura 5.51 – À esquerda, vaso recolhido do interior da fossa 2 de Campo de Postigo, Póvoa de Varzim; à direita vasos associados à reutilização de monumentos megalíticos de Carreiro da Quinta (Vila Verde) e de Prados (Arcos de Valdevez) (adaptado de Bettencourt 2010a).

Figura 5.52 – Desenho do que restou do vaso recuperado do interior da fossa 3 do Pego, em Braga.

Figura 5.53 – Conjunto de quatro urnas funerárias recuperadas do contexto funerário de Granjinhos, em Braga.

Figura 5.54 – Vaso bicónico recolhido do interior do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe.

Figura 5.55 – Representação dos vasos de Corvilho, Santo Tirso (segundo de Faya Santarém 1956c).

Figura 5.56 – No topo: púcaro de base convexa oriundo algures do Monte da Penha, em Guimarães [MSA-423 (F)]; ao centro: vaso da família da forma 11 de Bettencourt (1999) recolhido algures no Monte da Penha [MSA-422(F)]; em baixo: vaso bicónico exumado de parte incerta do Monte da Penha [MSA-424(F)] (desenhos: José Ribeiro).

Figura 5.57 – Em cima, forma 5 segundo Bettencourt (1999) oriundo de contexto incerto do Monte da Penha [MSA-425(F)]; em baixo: recipiente cerâmico com carena (?) alta igualmente recolhido algures do Monte da Penha (2003.30.1).

Figura 5.58 – Vaso da família dos de bordo horizontal, embora com bordo em aba soerguida, oriundo de algures do Monte da Penha [MSA-445(F)] (desenho: José Ribeiro).

Figura 5.59 – Vaso recolhido algures do Monte da Penha [MSA-0(F)] (desenho: José Ribeiro).

Figura 5.60 – Em cima, peso de tear ou de rede recolhido da sepultura 7 e, em baixo, cossoiro ou conta de colar recolhido da sepultura, ambas da necrópole do Pego, em Braga.

Figura 5.61 – Exemplar de moinho manual dormente recuperado ofertado no túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe.

Figura 5.62 – Possível estela (2005.1011) recuperada do interior do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

Figura 5.63 – Espirais de ouro recolhidas do interior do túmulo 2 de Vale de Ferreiro (Bettencourt *et al.* 2005).

Figura 5.64 – Aros do de ouro provenientes de contexto funerário de Bairros/Santiago do Bougado com pormenor (à direita) (cortesia Beatriz Comendador Rey).

Figura 5.65 – Bracelete de tiras encontrado junto da capela de S. Vicente, em Vila Nova de Famalicão, atualmente em exposição no Museu do Ouro de Travassos.

Figura 5.66 – Bracelete de ouro de Quinta da Bouça, Bairro, Vila Nova de Famalicão.

Figura 5.67 – Bracelete em bronze oriundo da Quinta do Gião/Corvilho, em Santo Tirso.

Figura 5.68 – Plano final do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe, onde é possível observar, sobre as lajes do fundo, a representação da mancha de colorante identificada durante os trabalhos de escavação.

Figura 5.69 – Em cima, ligeiramente à esquerda, arranjo pétreo identificado no quadrante oeste do túmulo 4 de Vale Ferreiro.

Figura 5.70 – Mapa de distribuição de “*joyas de tiras*” na Europa Ocidental (depois de Blas Cortina 2013: 109).

Figura 5.71 – Altimetrias dos diferentes contextos funerários conhecidos na área de estudo.

Figura 5.72 – Mapa hipsométrico posicionando os diferentes contextos funerários conhecidos na área de estudo. Numeração com correspondência com os sítios do gráfico anterior.

Figura 5.73 – Perfil A-B da necrópole do Pego, em Braga.

Figura 5.74 – Perfil A-B da necrópole da Quinta do Amorim, em Braga.

Figura 5.75 – Perfil A-B da necrópole da Faisca, em Guimarães.

Figura 5.76 – Perfil A-B da necrópole da Touguinha, em Vila do Conde.

Fig. 5.77 – À esquerda, granito rico em biotite que integrava a “cama de pedras” identificada na fossa 1; à direita, plano final da fossa 1.

Fig. 5.78 – Mapa hipsométrico com distribuição de contextos funerários e povoados do Bronze Médio da bacia do Ave: 7. Frijão (Braga); 8. Pego (Braga); 16. Quinta das Rosas (Braga); 18. Granjinhos (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 60. Faisca (Guimarães), 43. Quinta do Vago Mestre/Barqueiro; 78. Quinta da Bouça (Vila Nova de Famalicão); 90. Campo de Postigo (Póvoa de Varzim); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 96. Corvilho (Santo Tirso); 99. Guidões (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde); 105. Touguinha (Vila do Conde).

Fig. 5.79 – Vasos cerâmicos recolhidos na necrópole do Pego com visíveis indícios de fuligem.

Figura 5.80 – Mapa hipsométrico com distribuição de contextos funerários da bacia do Ave: 8. Pego (Braga); 15A. Vale de Chão 1 (Braga); 15B. Vale de Chão 2 (Braga); 15C. Vale de Chão 4 (Braga); 15D. Carvalho 1 (Braga); 15E. Carvalho 2 (Braga); 18. Granjinhos (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 29. Lameirão/Cruz Nova (Celorico de Basto); 32. Regedoura 2 (Fafe); 38. Malhadoura 1 (Fafe); 39. Lobo 2 (Fafe); 43. Quinta do Vago Mestre/Barqueiro (Guimarães); 48. Lapinha (Guimarães); 60. Faisca (Guimarães), 78. Quinta da Bouça (Vila Nova de Famalicão); 90. Campo de Postigo (Póvoa de Varzim); 96. Corvilho (Santo Tirso); 99. Guidões (Trofa); 100. Santiago do Bougado (Trofa); 105. Touguinha (Vila do Conde).

Figura 5.81 – De cima para baixo: metade do molde bivalve de machado de talão com uma argola (Ref. 2004.0338), parte do talão de molde bivalve de machado de talão com duas (?) argolas (Ref. 2006.0478) e fragmento lateral de metade do molde bivalve de machado de talão (Ref. 2006.0164) (adaptado de Sampaio & Bettencourt 2011).

Figura 5.82 – Fragmento cerâmico de hipotético molde de cera perdida de ponta de lança de alvado curto (Ref. 2006.0139) (Sampaio & Bettencourt 2011).

Figura 5.83 – Fragmentos cerâmicos de hipotética plataforma de aquecimento de cadinhos.

Figura 5.84 – Fragmento de hipotético molde cerâmico recolhido no Corgo.

Figura 5.85 – Fragmento granítico de molde de varetas (?) recolhido no Corgo.

Figura 5.86 – Suposto molde (MSA-3073) e fragmento de molde [MSA-3074(F)] oriundos de Gominhães (cortesia B. Comendador Rey).

Figura 5.87 – Artefacto hipoteticamente ligado a práticas metalúrgicas recolhido algures no Monte da Penha (MSA-739) (cortesia Beatriz Comendador Rey).

Figura 5.88 – Em cima, três dos quatro (?) lingotes plano-convexos de Viatodos/Fonte Velha (Russel Cortez 1946). Em baixo, dois dos lingotes atualmente em depósito do M.D.D.S., em Braga (adaptado de Bottaini 2012).

Figura 5.89 – Cadinho recuperado da Antela de Farihe ou das Alminhas segundo Sousa Maia (1903-1905: 623).

Figura 5.90 – Mapa hipsométrico da bacia do rio Ave com lugares de produção de objetos metálicos em relação a recursos metálicos (elipses laranja). Note-se que a localização de Gominhães é relativa à freguesia.

Figura 5.91 – Resto de uma pequena lâmina ou placa metálica completamente pulverizada identificada durante os trabalhos de escavação no sítio do Pego, em Braga.

Figura 5.92 – Punhal recuperado do castro de Lanhoso (Bettencourt 2000a: 110, Est. XXII)

Figura 5.93 – Achados metálicos datáveis do Bronze Inicial, Médio e Final.

Figura 5.94 – Achados metálicos avulsos por contexto de achado.

Figura 5.95 – Representação dos depósitos de bronze segundo cronologia.

Figura 5.96 – Representação dos depósitos áureos segundo cronologia.

Figura 5.97 – Bracetele áureo do conjunto original de três objetos que compunham o depósito de Tomadia da Mata.

Figura 5.98 – Dezasseis dos vinte braceletes de Passagens/Arnozela (Fafe) (adaptado de Armbruster & Parreira 1993: 88 e segs.).

Figura 5.99 – Vista de sudoeste do Monte da Saia com posicionamento aproximado do depósito da Bouça da Tornadia da Mata (círculo vermelho) em relação ao anfiteatro natural virado a sul (tracejado negro).

Figura 5.100 – *Printscreen* de vista aérea no *Google Maps* em modo Terreno com localização do depósito de Passagens/Arnozela (círculo negro) em relação à orografia imediata, que forma um anfiteatro natural virado a poente a tracejado vermelho).

Figura 5.101 – Percentagem das diferentes categorias de depósitos do Bronze Final.

Figura 5.102 – Relação de objetos metálicos tendo em conta a sua presença em depósitos mono ou pluritipológicos.

Figura 5.103 – Machado de talão com uma argola do depósito da Quinta da Tulha.

Figura 5.104 – Marcas da extração artesanal de pedra na “bouça da Tulha”.

Figura 5.105 – Vista para norte onde se desenvolve o vale do Ave a partir da “bouça da Tulha”.

Figura 5.106 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D do terreno, com possível área de depósito delimitada.

Figura 5.107 – Os machados de talão e uma argola e de alvado e uma argola de Bouça/Louro (segundo Russel Cortez 1946).

Figura 5.108 – Pontas de lança do depósito da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado.

Figura 5.109 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, onde se observa o aspeto recortado do local de achado do depósito da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado.

Figura 5.110 – Taça carenada da Pedreira da Pena/ Quinta do Telhado (desenho: José Ribeiro).

Figura 5.111 – À esquerda, punhal de tipo Porto de Mós encontrado entre em abrigo granítico (à direita) no alto do Monte de S. Bento, em Vizela (Sousa 1986: 191-192).

Figura 5.112 – Bracelete de Souto Escuro/Cantonha (Armbruster & Parreira 1993).

Figura 5.113 – Excerto de carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com a localização do depósito do Souto Escuro/Cantonha.

Figura 5.114 – Nove machados do conjunto original do depósito de Viatodos/Fonte Velha, em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

Figura 5.115 – Pequeno machado plano de cobre, machados de talão e uma argola em bronze e ponta de lança de alvado em bronze, materiais recolhidos, conjuntamente com outros materiais desaparecidos, das imediações da fonte de Santa Catarina.

Figura 5.116 – Hipotética reconstituição do depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado (adaptado de Vilaça 2007: 64).

Figura 5.117 – Mapa hipsométrico com localização dos depósitos da Abelheira/Santiago do Bougado (a negro) e de Pinheiro/Senhora Aparecida (a verde) e destaque de pontos de passagem natural (a tracejado vermelho).

Figura 5.118 – Mapa hipsométrico com localização dos depósitos da Abelheira/Santiago do Bougado (elipse negra) e de Pinheiro/Senhora Aparecida (círculo verde) em relação às jazidas primárias de estanho mais próximas (elipses amarelas).

Figura 5.119 – Vista para nascente a partir da meia vertente este do Monte da Saia, em Barcelos, precisamente para o vale do rio Este. Sensivelmente para a direita (elipse vermelha) encontra-se Louro.

Figura 5.120 – Fonte da Tulha, uma nascente de água situada a escassos metros para nordeste do hipotético local do achado do depósito da Tulha.

Figura 5.121 – Localização da atual Quinta da Fonte Velha, área do terreno aproximada de achado do depósito..

Figura 5.122 – Nascente de água denominada de Fonte Velha e muito próxima, para nordeste, da área de achado do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos.

Figura 5.123 – Mapa hipsométrico com localização do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos (círculo vermelho) em relação aos recursos metálicos mais próximos (elipse amarela).

Figura 5.124 – Excerto de mapa hipsométrico com localização dos depósitos de armas, recuperados em contexto de altitude: fonte de Santa Catarina (círculo vermelho), Quinta do Telhado/Pedreira da Pena (círculo verde) e S. Bento (círculo azul).

Figura 5.125 – Printscreen de vista aérea no Google Maps em modo Terreno com localização do depósito de Souto Escuro/Cantonha (círculo vermelho) em relação à orografia imediata, que forma um anfiteatro natural virado a noroeste (tracejado negro).

Figura 5.126 – Mapa hipsométrico com localização dos doze depósitos da área de estudo.

Figura 5.127 – Distribuição dos depósitos por categorias em relação a orografias impressivas e ao vale.

Figura 5.128 – Mapa hipsométrico com distribuição dos depósitos em relação aos recursos metálicos (círculo amarelos) na bacia do Ave.

Figura 5.129 – Mapa hipsométrico com distribuição dos depósitos e povoados do Bronze Final na bacia do Ave. **Depósitos:** 5. Quinta da Fonte Velha/Viatodos (Barcelos); 41. Quinta do Telhado/Pedreira da Pena (Guimarães); 49. Quinta da Tulha (Guimarães); 51. Fonte de Santa Catarina (Guimarães); 82. Bouça/Louro (Vila Nova de Famalicão); 87. S. Bento (Vizela); 89. Pinheiro/Senhora Aparecida (Felgueiras); 101. Abelheira/S. Martinho do Bougado (Trofa); **Povoados:** 6. Vasconcelos (Braga); 8. Pego (Braga); 9. Santa Marta da Falperra (Braga); 11. Quinta das Rosas (Braga); 12. Alto da Cividade (Braga); 28. Tapada da Venda (Celorico de Basto); 72. Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso); 79. Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão); 85. Vermoim (Vila Nova de Famalicão); 89. Senhora Aparecida (Felgueiras); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 98. Alvarelos (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde).

Figura 5.130 – Mapa hipsométrico com modelado 3D onde se observa com facilidade o aspeto recortado do Monte da Penha, Guimarães (imagem a partir de sul).

Figura 5.131 – Vista para sudoeste a partir da área ponte do alto da Penha.

Figura 5.132 – Aparência de uma das grandes fendas formadas a partir da meteorização do granito.

Figura 5.133 – Procissão ao alto da Penha em 1894 (fonte: Comissão Fabriqueira de Nossa Senhora da Penha de França).

Figura 5.134 – Aspeto do alto do Monte da Penha por altura da construção do monumento em honra a Pio IX (fonte: Comissão Fabriqueira de Nossa Senhora da Penha de França).

Figura 5.135 – Mapa hipsométrico com modelado 3D onde é possível observar o aspeto recortado do Monte da Saia, Barcelos (imagem a partir de sudoeste).

Figura 5.136 – Alguns afloramentos do Monte da Saia, Barcelos, recorrentemente presentes em diferentes pontos do monte.

Figura 5.137 – Excerto de mapa hipsométrico com localização dos povoados do Bronze Médio (círculos vermelhos), do Bronze Final (círculos negros) e da Idade do Bronze (círculos negros não preenchidos) em relação ao Monte da Penha (elipse verde) e ao Monte da Saia (elipse laranja).

ÍNDICE DE TABELAS

- Tabela 4.1 – Principais características tecno-morfológicas e composição química de nove machados e dois lingotes do depósito de Quinta da fonte Velha/Viatodos
- Tabela 4.2 – Resultados da datação por radiocarbono do contexto funerário dos Granjinhos
- Tabela 4.3 – Resultados da datação por radiocarbono do contexto funerário do quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade
- Tabela 4.4 – Dimensões (em cm), peso e composição decorativa dos braceletes decorados de Passagens/Arnozela (adaptado de Severo 1905-1908a: 64)
- Tabela 4.5 – Descrição simplificada da decoração dos braceletes de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)
- Tabela 4.6 – Principais características dos braceletes não decorados de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)
- Tabela 4.7 – Datas de radiocarbono disponíveis para Vale Ferreiro
- Tabela 4.8 – Dimensões (em cm) das pontas de lança da Quinta do Telhado/Pedreira da Pena
- Tabela 4.9 – Data de radiocarbono disponível para o depósito da Quinta do Telhado/Pedreira da Pena
- Tabela 4.10 – Composição química e principais características do machado de talão da Tulha
- Tabela 4.11 – Principais características dos machados recolhidos nas imediações da fonte de Santa Catarina
- Tabela 4.12 – Principais características da ponta de lança recolhida nas imediações da fonte de Santa Catarina
- Tabela 4.13 – Dimensões (em cm) e pesos (em g) dos moldes de Gominhães
- Tabela 4.14 – Composição química do machado de Gonça (adaptado de Figueiredo *et al.* 2012)
- Tabela 4.15 – Data de radiocarbono disponível para o contexto de Faisca
- Tabela 4.16 – Características dos vasos cerâmicos de Quinta da Bouça (adaptado de Dinis *et al.* 2005)
- Tabela 4.17 – Dimensões dos machados da Bouça/Louro
- Tabela 4.18 – Composição química do machado de alvado da Bouça/Louro
- Tabela 4.19 – Características técnicas, formais e químicas dos machados de talão
- Tabela 4.20 – Principais características dos machados da Abelheira
- Tabela 4.21 – Características que distinguem alguns dos machados do depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado
- Tabela 4.22 – Resultados das análises químicas efetuadas a alguns machados do depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado
- Tabela 4.23 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos no Sector I, discriminando os elementos representados por quadrado e por camada.
- Tabela 4.24 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície no Sector II, discriminando os elementos representados
- Tabela 4.25 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada A (aterro) do Sector II, sua localização e discriminação dos elementos representados
- Tabela 4.26 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 0 do Sector II, sua localização e discriminação dos elementos representados
- Tabela 4.27 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 1 do Sector II, sua localização e discriminação dos elementos representados
- Tabela 4.28 – Características das sepulturas planas do Sector II (contornos, secções, bases, dimensões e orientações)
- Tabela 4.29 – Contornos, secções, bases e dimensões (em cm) das fossas identificadas no Sector II
- Tabela 4.30 – Características do buraco de poste identificado no Sector II
- Tabela 4.31 – Percentagens dos tamanhos dos fragmentos cerâmicos recolhidos do trecho este da vala perimetral por camadas segundo os parâmetros definidos por Brudenell & Cooper (2008)
- Tabela 4.32 – Características do fragmento de molde cerâmico recolhido no trecho este da vala perimetral
- Tabela 4.33 – Relação de materiais cerâmicos e líticos exumados do trecho este da vala perimetral
- Tabela 4.34 – Percentagens dos tamanhos dos fragmentos cerâmicos recolhidos do trecho oeste da vala perimetral por camadas segundo os parâmetros definidos por Brudenell & Cooper (2008)
- Tabela 4.35 – Relação de materiais recolhidos no trecho oeste da vala perimetral
- Tabela 4.36 – Relação de materiais recolhidos no Sector IV, discriminando os elementos representados e a respetiva localização no quadrado e camada
- Tabela 4.37 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície discriminando os elementos representados
- Tabela 4.38 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 0 discriminando os elementos representados
- Tabela 4.39 – Relação de materiais exumados da camada 1 do Sector V discriminando os elementos por quadrado
- Tabela 4.40 – Localização dos fragmentos cerâmicos exumados da camada 1a do Sector V
- Tabela 4.41 – Percentagens de materiais cerâmicos recolhidos da camada 1a segundo as dimensões definidas por Brudenell & Cooper (2008)
- Tabela 4.42 – Localização e discriminação dos elementos líticos exumados da camada 1
- Tabela 4.43 – Características dos elementos líticos exumados da camada 1a
- Tabela 4.44 – Características das fossas associadas à camada 1a
- Tabela 4.45 – Localização dos fragmentos cerâmicos recuperados da camada 1'
- Tabela 4.46 – Características e matéria-prima dos líticos recolhidos da camada 1'
- Tabela 4.48 – Características dos buracos de poste identificados no substrato rochoso

Tabela 4.47 – Características das fossas abertas no substrato rochoso

Tabela 4.49 – Localização dos elementos cerâmicos por camadas e quadrados recolhidos do enchimento da vala perimetral (Sector V)

Tabela 4.450 – Percentagens dos fragmentos cerâmicos recuperados do enchimento da vala perimetral segundo os parâmetros de dimensão definidos por Brudenell & Cooper (2008)

Tabela 4.51 – Localização, contexto, dimensões (em cm) e descrição dos moldes cerâmicos recolhidos na vala perimetral (Sector V)

Tabela 4.52 – Localização, contexto, dimensões (em cm) e descrição dos restos de moldes cerâmicos recolhidos na área da plataforma superior da colina (Sector V)

Tabela 4.53 – Contextos datados por AMS e respetivos resultados calibrados a 1 Sigma e a 2 Sigma

Tabela 4.54 – Esquematização dos momentos de ocupação observados no Pego com respetiva localização dos contextos

Tabela 4.55 – Materiais cerâmicos recolhidos à superfície e camada 0 da Área 1

Tabela 4.56 – Características do fragmento de moinho

Tabela 4.57 – Descrição dos artefactos líticos recolhidos na Estrutura 15/Fossa 4

Tabela 4.58 – Descrição dos artefactos líticos da Estrutura 17/Fossa 6

Tabela 4.59 – Características dos artefactos líticos da Estrutura 25/Fossa 10

Tabela 4.60 – Características das fossas identificadas na Área 1

Tabela 4.61 – Moinhos manuais recolhidos do interior das fossas da Área 1

Tabela 4.62 – Trituradores recolhidos no interior das fossas da Área 1

Tabela 4.63 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície e na camada 0 da Área 2

Tabela 4.64 – Características dos artefactos líticos recolhidos em terras revolvidas da Área 2

Tabela 4.65 – Características dos artefactos líticos recolhidos na camada 0 da Área 2

Tabela 4.66 – Artefactos líticos recolhidos na Estrutura 46/Fossa 18

Tabela 4.67 – Características dos moinhos manuais recolhidos da Estrutura 73/Fossa 26

Tabela 4.68 – Características do artefacto lítico recolhido da Estrutura 71/Fossa 26

Tabela 4.69 – Características das fossas identificadas na Área 2

Tabela 4.70 – Características do buraco de poste identificado na Área 2

Tabela 4.71 – Características da sepultura plana identificada na Área 2

Tabela 4.72 – Moinhos manuais recolhidos no interior das fossas da Área 2

Tabela 4.73 – Trituradores recolhidos no interior das fossas da Área 2

Tabela 4.74 – Datação por AMS da sepultura plana da Quinta do Amorim

Tabela 4.75 – Materiais recolhidos no enchimento do valado por cronologia

Tabela 4.76 – Fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 0

Tabela 4.77 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 1

Tabela 4.78 – Elementos líticos recolhidos na camada 1

Tabela 4.79 – Características dos moinhos manuais e trituradores integrados como elemento construtivo na câmara funerária do túmulo 2

Tabela 4.80 – Contorno, secção, base e dimensões (em cm) dos túmulos identificados no Sector I

Tabela 4.81 – Características dos moinhos na fossa 3

Tabela 4.82 – Características dos buracos de poste identificados em relação com a fossa 9

Tabela 4.83 – Características das fossas identificadas no Sector I

Tabela 4.84 – Características dos buracos de poste do Sector I

Tabela 4.85 – Características da fossa identificada no Sector II

Tabela 4.86 – Datações por AMS de Vale Ferreiro

Tabela 4.87 - Momentos de ocupação de Vale Ferreiro, com base nas datas de radiocarbono disponíveis, referindo os respetivos contextos

Tabela 5.1 - Datas de radiocarbono de povoados ou ocupações esporádicas na bacia do Ave

Tabela 5.2 – Principais características das fossas associadas à camada 1a do Setor V

Tabela 5.3 – Características das fossas identificadas na Área 1 da Quinta do Amorim

Tabela 5.4 – Características das fossas identificadas na Área 2 da Quinta do Amorim

Tabela 5.5 – Principais características dos buracos de poste do Corgo

Tabela 5.6 – Características das estruturas em negativo do Alto da Cidade

Tabela 5.7 – Monumentos sob *tumuli* na bacia do Ave

Tabela 5.8 – Reutilizações de monumentos megalíticos na bacia do Ave

Tabela 5.9 – Sepulturas planas na bacia do Ave

Tabela 5.10 – Monumentos excepcionais na bacia do Ave

Tabela 5.11 – Fossas funerárias na bacia do Ave

Tabela 5.12 – Contextos funerários indeterminados na bacia do Ave

Tabela 5.13 – Características dos monumentos sob *tumuli* da área de estudo

Tabela 5.14 – Datas de radiocarbono disponíveis para o monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1

Tabela 5.15 – Altimetria e posicionamento geomorfológico dos monumentos sob *tumuli*

Tabela 5.16 – Características das sepulturas planas identificadas na área de estudo

Tabela 5.17 – Datas de radiocarbono disponíveis para as sepulturas planas na área de estudo

Tabela 5.18 – Data de radiocarbono obtida para a necrópole de Faisca

Tabela 5.19 – Características da fossa 2 de Campo de Postigo, em Póvoa de Varzim

Tabela 5.20 – Características das fossas identificadas no Sector II do Pego

Tabela 5.21 – Características da fossa 9 de Vale Ferreiro, em Fafe

Tabela 5.22 – Características dos buracos de poste identificados em relação com a fossa 9

Tabela 5.23 – Datas de radiocarbono disponíveis para o sítio de Granjinhos

Tabela 5.24 – Data de radiocarbono do túmulo 1 de Vale Ferreiro

Tabela 5.25 – Data de radiocarbono disponível para o túmulo 2 de Vale Ferreiro

Tabela 5.26 – Principais características das quatro urnas de Granjinhos

Tabela 5.27 – Valores das análises HNC10,1N e Bray II realizadas aos sedimentos internos e externos do vaso 1993.0297 de Granjinhos (adaptado de Bettencourt 1999)

Tabela 5.28 – Relação de materiais cerâmicos e líticos recolhidos nas sepulturas planas

Tabela 5.29 – Características dos vasos de bordo horizontal recuperados das sepulturas planas

Tabela 5.30 – Descrição das composições decorativas dos vasos de bordo horizontal recuperados do interior de sepulturas planas

Tabela 5.31 – Distribuição dos vasos de largo bordo no interior das sepulturas

Tabela 5.32 – Características do vaso troncocónico recuperado do interior de sepultura LXXX do quarteirão dos CTT

Tabela 5.33 – Características do potinho recuperado do interior do túmulo 3 de Vale Ferreiro

Tabela 5.34 – Características das urnas funerárias recolhidas no interior do monumento de Granjinhos

Tabela 5.35 – Composições decorativas dos vasos de Granjinhos

Tabela 5.36 – Características do vaso bicónico recuperado do interior do túmulo 2 de Vale Ferreiro

Tabela 5.37 – Relação de formas cerâmicas de possíveis contextos funerários da área de estudo

Tabela 5.38 – Características dos vasos de bordo horizontal recuperados de contextos hipoteticamente funerários na bacia do Ave

Tabela 5.39 – Descrição das composições decorativas de vasos de bordo horizontal provenientes de hipotéticos contextos funerários

Tabela 5.40 – Características dos vasos troncocónicos recuperados de contextos hipoteticamente funerários na bacia do Ave

Tabela 5.41 – Descrição das composições decorativas de vasos troncocónicos provenientes de hipotéticos contextos funerários

Tabela 5.42 – Características dos potinhos/púcaros, púcaros carenados ou formas inéditas oriundos de contextos hipoteticamente funerários na bacia do Ave

Tabela 5.43 – Características da estela recuperada do túmulo 2 de Vale Ferreiro

Tabela 5.44 – Características das espirais áureas do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe

Tabela 5.45 – Características dos aros do Bougado (adaptado de Comendador Rey 1997)

Tabela 5.46 – Contextos, dimensões (em cm) e pesos (em g) dos moldes de Gominhães

Tabela 5.47 – Características do suposto molde do Monte da Penha

Tabela 5.48 – Composição química de dois lingotes do depósito de Viatodos/Fonte Velha

Tabela 5.49 – Relação de objetos metálicos oriundos de contextos habitacionais

Tabela 5.50 – Dimensões (em cm) e composição química do punhal recolhido no Castro de Lanhoso

Tabela 5.51 – Relação de achados avulsos recolhidos na área de estudo

Tabela 5.52 – Características dos machados de talão “avulsos” recolhidos na bacia do Ave

Tabela 5.53 – Relação de depósitos áureos conhecidos na área de estudo

Tabela 5.54 – Relação de depósitos de artefactos em bronze conhecidos na área de estudo

Tabela 5.55 – Principais características do bracelete áureo do depósito de Tomadia da Mata

Tabela 5.56 – Principais características dos braceletes de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)

Tabela 5.57 – Descrição sumária dos braceletes de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)

Tabela 5.58 – Relação sintetizada de depósitos mono ou pluritipológicos e sua constituição

Tabela 5.59 – Principais características dos machados da Abelheira/S. Martinho do Bougado

Tabela 5.60 – Resultados das análises químicas a catorze machados da Abelheira/S. Martinho do Bougado

Tabela 5.61 – Principais características dos machados do Pinheiro/Senhora Aparecida

Tabela 5.62 – Dimensões e características dos machados da Bouça/Louro

Tabela 5.63 – Características das pontas de lança da Pedreira da Pena/ Quinta do Telhado

Tabela 5.64 – Principais características do punhal tipo Porto de Mós de S. Bento

Tabela 5.65 – Características do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos

Tabela 5.66 – Características dos machados recolhidos nas imediações da fonte de Santa Catarina

Tabela 5.67 – Características da ponta de lança recolhida nas imediações da fonte de Santa Catarina

Tabela 5.68 – Principais características tecno-morfológicas dos machados dos depósitos de Abelheira/S. Martinho do Bougado e do Pinheiro/Senhora Aparecida

Tabela 5.69 – Composições químicas disponíveis para os machados dos depósitos de Abelheira/S. Martinho do Bougado e do Pinheiro/Senhora Aparecida

Tabela 5.70 – Principais características tecno-morfológicas dos machados do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos

Tabela 5.71 – Composição química dos machados do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos

PARTE I.
CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

*“ words gain their meanings from the meanings that they exclude,
all the words that they are not”*

C. Gosden (1994: 46)

1. Introdução

O presente estudo visa a obtenção do grau de Doutor na área da Arqueologia Paisagem e do Povoamento a atribuir pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Foi opção dividir o presente trabalho em 7 partes, por sua vez subdivididos em diferentes capítulos.

A Parte I, a presente, divide-se em dois capítulos. O primeiro é relativo ao Estado da Arte sobre a Idade do Bronze do Noroeste Português e o segundo, em formato semelhante, é direcionado para o quadro geral da investigação sobre a Idade do Bronze da bacia do rio Ave.

A Parte II inicia pelo capítulo relativo aos objetivos. Um segundo capítulo explicita a componente metodológica, descrevendo os trabalhos práticos desenvolvido. Em seguida, são mencionadas as principais dificuldades sentidas na consecução deste longo trajeto e finaliza-se com a abordagem aos principais conceitos teóricos aplicados.

Na Parte III procede-se à caracterização e à descrição física e ambiental da área de estudo. Após uma pequena introdução, segue-se um enquadramento generalista do Noroeste português ao nível geológico, geomorfológico, hidrológico e do povoamento. Posteriormente, aprofunda-se a área de estudo, a bacia do rio Ave, resumindo e valorizando as suas características físicas determinantes. É descrita e caracterizada a sua hidrologia, geologia e recursos mineiros, passando pela componente climática e ambiental atual.

A Parte IV compila o catálogo de sítios inventariados para a área de estudo. Inclui, igualmente, os dados monográficos decorrentes dos trabalhos de escavação desenvolvidos pelo signatário mas, também, de escavações de outros investigadores cujos resultados se apresentavam por publicar.

A Parte V é referente à discussão dos dados e às interpretações segundo três grandes vetores, a saber: povoamento; contextos e práticas funerárias e práticas metalúrgicas e deposições metálicas. Estes três capítulos, mediante a natureza dos dados disponíveis, foram subdivididos em diferentes subcapítulos, tendo em atenção divisões cronológicas e a aplicação de diferentes escalas de análise. Neles são discutidos os dados e avançadas as interpretações. Incluem, também, um conjunto pertinente de questões, algumas das quais permanecem em aberto. Esta parte é encerrada pelas considerações finais.

2. O Estado da Arte da Idade do Bronze do Noroeste Português

2.1 Introdução

O presente capítulo sintetiza o estado do conhecimento sobre a Idade do Bronze do Noroeste português, em geral, e do vale do Ave em particular. A sua consecução implicou a leitura bibliográfica exaustiva de notícias, de artigos, de sínteses e de monografias, bem como a consulta de cartas arqueológicas que incluíam dados geograficamente relevantes.

A apresentação será dividida em dois pontos específicos. O primeiro dá a conhecer o quadro da investigação desenvolvida no Noroeste português para aquele período cronológico-cultural até aos finais da primeira década do século XXI. De forma crítica, são abordadas as principais correntes paradigmáticas de investigação que, no âmbito do processo intrínseco ao desenvolvimento da disciplina enquanto ciência, se regem por diferentes premissas teóricas. Na última fase desta exposição, com a crescente generalização de publicações da área, foram escolhidos aqueles trabalhos que tratam aspetos e problemáticas de capital importância para o presente estudo. Exercício semelhante foi seguido no segundo ponto. Nele é abordada a história da investigação desenvolvida especificamente no vale do rio Ave. São aportados os diferentes trabalhos, desde os finais do século XIX e inícios do século XX, desenvolvidos pela mão dos primeiros estudiosos, aos projetos de investigação mais recentes, estruturados e denotando claras preocupações interdisciplinares.

Tais leituras permitiram perceber que o discurso arqueológico reflete as tendências teóricas do contexto em que se enquadram e a dinâmica indissociável do cenário social e político em que foi sendo desenvolvido. Como tal, no primeiro ponto destacam-se quatro etapas essenciais, dentro das quais é possível verificar certas variações. Após uma fase embrionária da disciplina, caracterizada por uma componente mais descritiva, identificam-se, grosso modo, influências histórico-culturalistas, processualistas e pós-processualistas. Os fundamentos basilares dos diferentes paradigmas foram, aliás, utilizados para estabelecer as últimas três etapas, pelo que tal divisão, encarada como uma opção de carácter operacional, não invalida a coexistência, em determinados momentos, de diferentes correntes.

2.2. A Idade do Bronze do Noroeste Português

2.2.1. Etapa descritiva

Neste primeiro momento, até aos finais do século XIX e inícios do século XX, predomina a Arqueologia essencialmente descritiva, baseada em intervenções arqueológicas escassas e em trabalhos de campo isentos de quaisquer metodologias científicas.

Privilegia-se a recuperação de objetos e/ou a identificação de estruturas imponentes visando a ampliação de coleções privadas e/ou museológicas.

2.2.2. Etapa histórico-culturalista

Timidamente iniciado durante a década de 1920 perdurou, em alguns casos, até meados dos anos 80 do mesmo século. Caracteriza-se, numa primeira fase, por trabalhos que seguem tendências classificativas, tipológicas e descritivas, ainda sob o primado do objeto.

Tal postura é compreendida no quadro das correntes paradigmáticas europeias vigentes, caracteristicamente histórico-culturalistas ou evolucionistas lineares. As suas raízes tecno-tipológicas levam a assumir alguns objetos metálicos como fósseis diretores que servem a definição de diferentes sequências e estádios cronológico-culturais. Assim, artefactos de fabrico mais simplificado revelariam uma maior antiguidade na linha de tempo que os de fabrico mais complexo, com origem mais recente.

Contudo, as partições crono-tipológicas baseadas em artefactos assentavam em perspetivas interpretativas difusionistas, menosprezando aspetos de ordem económica, social, ideológica, política ou simbólica. A comparação tipológica entre objetos aparentemente contextualizados e descontextualizados de outras regiões levou, por outro lado, à criação de um discurso repleto de contemporaneidade e de uniformização cultural. Neste cenário, as transformações sociais identificadas eram invariavelmente explicadas através de fatores exógenos. Assim, a combinação de mecanismos de difusão com migrações comunitárias ou com contactos permanentes entre comunidades de diferentes áreas, alguns no âmbito de relações comerciais, fundeiam as primeiras sistematizações regionais e peninsulares dos objetos metálicos e dos dados até então disponíveis.

Pertencem a Correia (1924b, 1928) os primeiros ensaios sobre a Idade do Bronze português. Assente no quadro cronológico proposto por Déchelette para a Idade do Bronze do Ocidente europeu (este, por sua vez, fundamentado em análises a machados metálicos), o autor

critica conscientemente as assimetrias de desenvolvimento que observa e os obstáculos da aplicação de um discurso evolutivo e linear resultante das periodizações “clássicas”. Alerta para as concepções erróneas que convencionam culturas e que não se encaixam nos quadros cronológicos clássicos circunscritos a determinadas regiões, rejeitando, dessa forma, quaisquer universalidades. Delimita “células” geográficas ao relacionar machados metálicos e matérias-primas mineralíferas, sugerindo para a Península Ibérica, embora segundo tendências menos orientalizantes, continuidades entre as populações “*neo-eneolíticas*” e as de época histórica (Correia 1928: 155).

Com exceção deste autor e de Kalb (1980a, 1980b), os trabalhos enquadrados nesta etapa são de âmbito generalista, abarcando a totalidade da Península Ibérica, razão pela qual foram considerados nesta síntese do Noroeste.

Em 1932 surgem as propostas de sistematização de Bosch Gimpera (1932a, 1932b), dividindo a Idade do Bronze da Península Ibérica em duas grandes fases: o Bronze Levantino ou Bronze do Sudeste¹, caracterizado pela “Cultura *El Argar*”, e a Cultura do Bronze do Noroeste², evidenciando uma filiação atlântica produto das importações de objetos metálicos. Aplicando a cartografia à Arqueologia e na busca de continuidades culturais, aponta características dos artefactos que indiciam que as populações autóctones, ao contrário dos fatores exógenos, seriam as principais promotoras de mudança.

Santa Olalla (1938, 1941) subdivide a Idade do Bronze da Península em dois grandes momentos: o Bronze Mediterrânico e o Bronze Atlântico³. Sustenta que as influências de configuração oriental que definiam o Bronze Mediterrânico dão lugar a um período marcadamente influenciado por contactos com zonas continentais da Europa Central (Escandinávia e França) e com zonas insulares (Irlanda e Grã-Bretanha), resultando no que denomina de Bronze Atlântico⁴. A sua explicação para a origem das mudanças assenta em fatores externos à Península Ibérica, como fenómenos de migração e de difusão oriundos da Europa Central, nomeadamente, de comunidades indo-europeias e pré-celtas.

O termo Bronze Atlântico será tema de controvérsia e de aceso debate no seio da Arqueologia peninsular. Por esse motivo, adiante merecerão especial atenção os trabalhos de

¹ Entre 2500 e 1400 a.C., correspondente ao Bronze I e II da periodização aplicada para a Europa Continental.

² Entre 1200 e 1000/900 a.C., que corresponderia, por sua vez, ao Bronze III e IV da periodização continental europeia.

³ Baseia esta divisão na observação de objetos metálicos atendendo a critérios normativos de ordem tipológica e a filiações externas à Península neles presentes (MacWhite 1951: 14 e nota 3).

⁴ O Bronze Mediterrânico I e II corresponderiam ao Bronze I e II da sua periodização para a Península Ibérica, entre 2000 e 1700 a.C. e entre 1500 e 1200 a.C., respetivamente, enquanto os Bronze Atlântico III e IV corresponderiam, por sua vez, aos Bronzes III e IV, entre 1200 e 900 a.C. e entre 900 e 650 a.C.

MacWhite (1951), Savory (1951, 1974), Almagro-Gorbea (1977, 1986), Kalb (1980a, 1980b), Ruíz-Gálvez Priego (1984a, 1987, 1995b), Coffyn (1985), Coffyn & Sion (1993), Jorge (1998) e Bettencourt (1998).

MacWhite (1951) realça a Península Ibérica enquanto área de grande variedade sociocultural, defendendo a necessidade de estudar os vários grupos culturais ou étnicos responsáveis pelos diferentes achados. Tendencialmente histórico-culturalista, aceita as partições anteriormente propostas por Santa Olalla (1938, 1941) mas apresenta amplitudes cronológicas e geográficas distintas⁵. Delimita o denominado Bronze Atlântico à faixa costeira peninsular, onde apenas inclui o Noroeste e o Sudoeste da Península, este último correspondendo a toda a área a Sul do Douro. Atribui às influências exógenas chegadas por via marítima a responsabilidade pelo desenvolvimento do Bronze Atlântico mas rejeita explicações migratórias. O carácter não determinante das migrações e a afinação cronológica terão preponderância em trabalhos posteriores.

Savory (1951, 1974) concorda com MacWhite (1951) quanto à distribuição geografia do Bronze Atlântico, acentuando a importância da diversidade cultural que observa ao nível regional, na metalurgia e na olaria, nas características ímpares do povoamento e nas tradições sepulcrais. Considera-o o resultado de supra-contactos gálicos e cantábricos e baliza-o entre os séculos VII e os III/II a.C. O autor individualiza, também, um grupo relativo ao Sudoeste, que partilharia estímulos simultaneamente mediterrânicos e atlânticos e que revela, numa fase mais tardia, tendências *hallstáticas* gálicas. Aceita ondas migratórias de reduzida escala mas, com os crescentes e complexos novos dados disponíveis mostra-se, em 1968, algo descontente em relação ao conceito de Bronze Atlântico.

Monteagudo (1953, 1954, 1955, 1958, 1965, 1977, 1981) talha uma perspetiva original para o seu tempo, realçando o desempenho das comunidades indígenas como preponderante para a determinação das sequenciações cronológicas. Enquanto pioneiro na aplicação de análises funcionalistas, associa o significativo número de machados metálicos do Bronze Final Atlântico a condicionantes paleoambientais: a forte pluviosidade que caracteriza aquele período ligar-se-ia a uma intensa desflorestação e ao acesso a estanho de aluvião necessário à produção daqueles utensílios. O seu trabalho reúne um conjunto significativo de informação arqueográfica de consulta obrigatória no que concerne a objetos metálicos.

⁵ O Bronze III, que situa entre 1200 e 800 a.C., é típico do Noroeste e denota influências maioritariamente gálicas; o Bronze IV, que confina ao intervalo entre 800 e 400 a.C., apresenta marcados afluxos de origem irlandesa. Distingue, ainda, o Bronze II ou Proto-Atlântico, que situa no intervalo de tempo entre 1700 e 1200 a.C. e que, sincrónico de El Argar, apresentava nas sociedades autóctones indícios marcados de influências centro-europeias e atlânticas, do Bronze I, decorrido entre 2000 e 1700 a.C..

Já Harbison (1967) alerta para o perigo de incluir em tão larga diacronia uma diversidade de artefactos metálicos, na sua grande maioria carentes de revisão. Estabelece uma nova periodização comparando os objetos metálicos desta etapa com os coetâneos originários de contextos da Grã-Bretanha. Seguindo a partição periódica defendida para aquele país, subdivide o Bronze II do Noroeste em Horizonte Roufeiro⁶ e em Horizonte Codeseda/Barcelos/Melide⁷, opondo-se à visão cultural una e linear defendida por alguns autores.

O trabalho de Almagro Gorbea (1972) acentua a necessidade de estabelecer uma segunda fase para o Bronze II do Noroeste peninsular. Baseando-se numa sistematização de espadas exumadas na Península, inclui o Horizonte Roufeiro no Bronze Inicial e o Horizonte Codeseda/Barcelos/Melide no Bronze Médio.

Apoiado no diverso espólio metálico conhecido e nas expressões mortuárias, uma subdivisão do Bronze Inicial do Noroeste peninsular em “*Grupo Intermédio*” e “*Horizonte/Grupo de Montelavar*” foi estabelecida posteriormente por Harrison (1974a, 1974b).

Ao concretizar uma revisão dos dados da Idade do Bronze Inicial, Ruiz-Gálvez Priego (1979) estabeleceu, comparando artefactos metálicos peninsulares com objetos hipoteticamente contemporâneos de contextos franceses e britânicos, três fases: “*Etapa Inicial/Formação*”⁸, “*Etapa de Desenvolvimento*”⁹ e “*Etapa de Transição*”¹⁰.

Além destes trabalhos fortemente centrados na tipologia dos objetos surgem, paralelamente, estudos vocacionalmente arqueometalúrgicos. É o caso de Junghans *et al.* (1960, 1968), onde são ensaiadas as primeiras interpretações cruzando tecnologias e tipologias baseadas em análises químicas sistemáticas efetuadas a objetos metálicos. Numa linha semelhante irão surgir, posteriormente, os trabalhos de Blance (1971) e de Hartmann (1982).

Paralelamente surgem autores que colocam problematizações pertinentes às esquematizações cronológicas propostas. São exemplo os trabalhos de Eiroa García (1973/1974), de Maluquer de Motes (1975) e de Kalb (1980a, 1980b).

Numa revisão da Idade do Bronze galega, Eiroa García (1973/1974: 100 e seguintes) opõe-se aos esquemas periódicos europeus vulgarmente aplicados ao Noroeste português desde 1920, bem como aos modelos universais, dogmáticos e absolutos com que esses eram

⁶ Onde inclui, entre outros objetos, os machados planos tipo *Cabrales* e os punhais de lingueta.

⁷ Já do Bronze Médio, inclui machados do tipo Bujões/Barcelos, espadas de rebites e, mais tardiamente, machados de rebordo e de talão.

⁸ Entre 1800 e 1700 a.C., com o predomínio de objetos locais.

⁹ Entre 1750/1700 e finais de 1600 a.C., expressa por objetos autóctones e pela introdução de influências de origem atlântica e do Sudeste, combinada com uma exploração em franca expansão de ouro de aluvião que promoveu a ourivesaria.

¹⁰ Entre 1600 e 1500 a.C. e com representações de objetos autóctones e simultaneamente alóctones.

importados. Alertando para o caráter duvidoso das datações de algumas tipologias de objetos consideradas pelos investigadores, recorre a novas metodologias e a trabalhos de campo sistemáticos, complementa os dados com análises metalográficas e suporta os dados com datações por radiocarbono.

Maluquer de Motes (1975) vinca a falta de conhecimento arqueológico suficientemente coerente para sustentar as periodizações cronológicas da Idade do Bronze da Península Ibérica com base em modelos europeus. Como contraproposta sugere a implementação de esquemas periódicos regionais. Visava, assim, a procura da proveniência de influências exógenas, as formas de adoção destas e o estudo e a caracterização da metalurgia peninsular. Ao mesmo tempo tentava analisar a cadeia evolutiva do Bronze peninsular e as causas para o florescimento e para o incremento das fases identificadas. Desenvolve estudos sistemáticos, através de análises tecnológicas e contextuais dos achados metálicos, realiza trabalhos de escavação, extrai e data radiometricamente amostragens de contextos primários e aplica mapas de distribuição e de estatística aos objetos estudados. Entrega-se à problematização do conceito de Idade do Bronze aceitando-o enquanto divisão de ordem prática mas não como associação a uma metalurgia que o designe. Alternativamente propõe a nova tripartição da Idade do Bronze em Bronze A, B e C, uma evolução endógena onde os fatores externos não resultariam de colonizações, de migrações ou de invasões, mas antes de contactos comerciais que se foram estabelecendo. O seu trabalho teve repercussões nos finais da década de 1980 e levou à aplicação de métodos científicos nas investigações futuras.

Realce, nestas linhas de investigação, para o trabalho de Kalb (1980a, 1980b). A autora relaciona determinados achados metálicos do Bronze Final português com zonas de mineração e povoados. Contextualiza diversos objetos, articulando-os com três grandes áreas distintas de mineração: o Norte e as Beiras¹¹, com jazidas de estanho; o Sul¹², com as minas de cobre; e o Centro¹³, incluindo a Estremadura que, isenta de recursos, beneficiaria do seu posicionamento central relativamente às redes de comercialização entre os entrepostos setentrionais e meridionais.

¹¹ Subdivide esta zona em duas áreas: a setentrional, associada a cerâmicas tipo "Penha", e a meridional, com estreitas ligações com cerâmicas tipo "Baiões/Barcelos"; ambas incluíam machados de talão.

¹² Associada à terminologia de Bronze do Sudoeste criada por Schubart (1975).

¹³ A esta área associa as cerâmicas tipo "Alpiarça", onde os machados de alvado seriam mais frequentes que no Norte, admitindo a sincronia destas formas embora com funções diferenciadas.

Revelando todas estas novas influências e problemáticas surgem os trabalhos de âmbito peninsular de Ruiz-Gálvez Priego (1984a, 1984b, 1987), de Coffyn (1985) e de Almagro Gorbea (1986).

Ruiz-Gálvez Priego (1984a, 1984b) preconiza que a vontade de alguns investigadores em estabelecer periodizações para a Península Ibérica semelhantes às utilizadas na Europa assenta em escassos artefactos metálicos. Como tal, baseando-se nos particularismos peninsulares que observa propõe um acerto às cronologias e às taxonomias até então convencionadas. Inclui toda a fachada ocidental e o Norte da Península no que designa de “*mundo atlântico*” e sustenta a unidade metalúrgica, joalheira e dos “*depósitos litorais*” nas diferentes regiões que identificava no Noroeste. Emprega as expressões “*Bronze Pleno*” – situado entre inícios do II milénio e 1300 a.C., ainda com características calcolíticas mas aparentando especificidades –, “*Bronze Tardio*” – denotando alterações ao nível dos artefactos e das práticas tumulares – e “*Bronze Final*” – etapa impulsionada pela fase anterior. Admitindo contactos atlânticos durante o Bronze Inicial, algures entre 1900/1800 a.C., propõe uma nova tripartição periódica para o Bronze Final em Bronze Final I¹⁴, Bronze Final II¹⁵ e Bronze Final IIIa e IIIb¹⁶. Explica as alterações culturais através do incremento das relações comerciais na Península, num primeiro momento com o *mundo atlântico* e, numa fase posterior, com o Mediterrâneo.

Coffyn (1985) retoma parcialmente a problemática intrínseca ao Bronze Atlântico, descrevendo-o como uma identidade geograficamente individualizada relativa ao extremo ocidental europeu. Nele inclui o Noroeste, o Centro e o Sudoeste peninsular. Toda esta área, acessível por via marítima e abastada em recursos minerais, seria propensa a contactos suprarregionais. A crescente intensidade destes contactos, estabelecidos com a Irlanda, com a Grã-Bretanha, com a Bretanha francesa e com os Balcãs, providenciariam inovações tecnológicas e culturais em significativa afluência.

Posteriormente, e também no âmbito da discussão do conceito Bronze Atlântico, Almagro Gorbea (1986: 344) defende, para os finais da Idade do Bronze, o que considera ser um *círculo cultural* de origem atlântica, com fortes indícios de contactos metalúrgicos existentes

¹⁴ Entre 1200 e 1000 a.C., incluindo machados de rebordo e de talão, com ou sem argolas, pontas de lança de folha reduzida arredondada, pontas de lança tipo “Penha/Rosnoen” e braceletes de secção tubular, lisos e abertos.

¹⁵ Entre 1000 e 900 a.C. e a que corresponderiam machados de talão e de apêndice, espadas pistiliformes e tipo “Ballintoper”, pontas de lança em forma de chama, punhais de lingueta e braceletes de secção romboidal ou quadrangular, lisos e abertos.

¹⁶ Entre 900 e 800 a.C. e entre 800 e 700 a.C., respetivamente. Ao Bronze Final IIIa faz corresponder espadas em língua de carpa e o “horizonte tipo Huelva”, que incluía o “depósito de Huelva”, e ao Bronze Final IIIb atribuiu, entre outros, machados de talão unifaciais e de alvado, arreios de cavalo, espetos articulados, caldeiros, foices tipo “Rocanes” e “Castropol”, fíbulas, alfinetes de cabeça e braceletes com decorados por incisão, destacando ainda a introdução das espadas tipo “Vénat”.

entre a Europa Atlântica e, de forma menos significativa, com áreas escandinavas. Cada uma das cinco zonas culturais que individualiza (Noroeste peninsular, Entre-Douro e Tejo, Huelva e Guadalquivir, Astúrias-Cantábria e Sudoeste), em cuja presença de recursos mineiros era significativa, conteriam um *corpus* específico de objetos metálicos de bronze e de ouro. Ainda assim, não se afasta de uma interpretação linear e evolucionista, criando intervalos periódicos¹⁷ correspondentes a acervos de objetos distintos¹⁸. Em termos tecnológicos e com base em análises metalográficas sustenta que no Bronze Final I, II e III predominariam as ligas binárias, com estanho na ordem dos 5 a 10%, e que no Bronze Final IV e V prevaleceriam ligas ternárias, com teores de estanho de cerca de 7,5% e de chumbo entre 50 a 75%. As mudanças estruturais económicas, sociais e ideológicas teriam a sua origem no papel excepcional adquirido pela metalurgia no seio destas comunidades.

Já Ruiz-Gálvez Priego (1987) discute a noção de Bronze Atlântico apresentada em 1984. Descrevendo-o como um fenómeno enquadrável no Bronze Final, exclui o Noroeste peninsular onde, ainda que de forma marginal, reconhece que as práticas metalúrgicas parecem ser anteriores. Aceitando a significativa falta de conhecimento relativo às características sociais e económicas das comunidades do Bronze Atlântico, considera o termo "*cultura atlântica*" abstrato e questiona três dos pressupostos que o corporizam. Primeiro, porque nem todas as regiões incluídas sob essa nomenclatura possuíam recursos mineiros. É o caso da Estremadura, que apenas tira partido do seu posicionamento enquanto zona de convergência de minérios em bruto ou trabalhados, usufruindo da sua situação geográfica favorável em relação ao escoamento daqueles produtos/matérias-primas. Segundo, porque há tipologias de objetos que alguns autores consideram circunscritos à área do Bronze Atlântico mas que podem replicar outros oriundos de regiões continentais europeias. Terceiro, porque parece haver um desfaseamento das ligas ternárias, de região para região, na suposta unidade tecnológica defendida. Observa que as regularidades entre as diferentes regiões que compõem o Bronze Atlântico se confinam a uma inexistência de arquiteturas mortuárias visíveis e à acumulação de depósitos metálicos, vincando que a ausência de dados, por si só, não estabelece sincronias entre essas regiões. Desta forma, realça a possibilidade destas aparentes semelhanças entre diferentes áreas poderem ter causas desiguais. Ponderando sobre o papel económico e cultural desempenhado pela metalurgia

¹⁷ Bronze Final I (1250-1150 a.C.), II (1100-900 a.C.), III (900-850 a.C.), IV (800-750 a.C.) e V (700 a.C.); no Bronze Final II a inclusão absoluta de elementos atlânticos circunscreve-se ao NO peninsular.

¹⁸ Ao B.F. I, machados de talão com uma argola, pontas de lança e, entre outros, espadas tipo "*Ballintope*"; ao B.F.II, machados de talão de duas argolas, pontas de lança, espadas pistiliformes, punhais tipo "Porto de Mós", capacetes, foices de alvado e ourivesaria tipo "Berzocana"; ao B.F.III, o "depósito de Huelva", machados de alvado, cinzéis, caldeiros, espetos e fúrculas; ao B.F.IV, espadas tipo "Vénat" presentes na Andaluzia até à transição para a metalurgia do ferro; e, ao B.F.V, machados de talão com duas argolas e espadas e punhais de antenas em ferro.

nestas sociedades, referencia o que entende como “*culturas ligadas ao comércio atlântico*” partilhando uma mesma metalurgia (Ruíz-Gálvez Priego 1987: 253). Propõe, ainda, uma afinação cronológica para o Bronze Final III¹⁹.

2.2.3. Etapa processualista

O terceiro momento, iniciado durante a segunda metade de 1980, está intimamente ligado à difusão, no panorama da investigação arqueológica do Noroeste peninsular, de novas linhas de pensamento. A sua origem provém de duas correntes: por um lado, da Nova Arqueologia norte-americana e, por outro, do Processualismo anglo-saxónico.

Para ambos os paradigmas as diferentes culturas incluiriam sistemas que, num determinado ambiente, convergiam tendencialmente para o equilíbrio. São aceites fatores endógenos ou exógenos, conflitos sociais, pressões demográficas ou alterações do meio físico como fundamentos para as mudanças observadas.

Como principal preocupação é vincado que o estudo das divergências observadas ao nível de artefactos não deve ansiar a sistematização cronológica mas antes a identificação de assimetrias de carácter funcional. Se a Nova Arqueologia analisa os objetos depositando muito da sua atenção na sua funcionalidade, sob o primado da forma igual à função, almeja buscar, paralelamente, leis universais imbuídas de um pensamento positivista e determinado a atingir modelos de evolução cultural. Por seu turno, o Processualismo não vê os objetos como mero produto de uma função ou de uma necessidade imposta pelo meio, senão antes como o resultado da liberdade social. Como tal ambiciona, através do seu estudo, atingir as “fronteiras sociais”. Conforme refere Alarcão (1996/1997: 21), “*o texto processual apresenta necessariamente estados sucessivos e segundo a ordem por que se verificaram no tempo; mas não apresenta só estados: explica como se passou de um estado a outro; pretende assim estabelecer um processo, indagar dos factores transformacionais*”.

No contexto português, sob a influência destas linhas de pensamento, dá-se início à busca de modelos explicativos para os aspetos económicos, sociais e simbólicos do passado. Tal atitude envolveu, paralelamente, significativas mudanças técnicas e metodológicas nos trabalhos práticos de campo, de gabinete e de laboratório. Esta fase coincide, também, com a proliferação de trabalhos de investigação no Noroeste português e resultantes do aumento, nas

¹⁹ Fase I (século IX AC), destacando o “*horizonte da ria de Huelva*” cujas ligas metálicas binárias demarcam das ternárias da “*cultura atlântica*”; Fase II (século VIII AC), com características orientais no Sudoeste e de tipo Baiões/Vénat no Centro português; e Fase III (2^a metade do século VII AC), predominando nos últimos “núcleos” atlânticos.

Universidades do Porto e do Minho, da importância dada à Arqueologia nos planos curriculares das respetivas Instituições. Aumentam, um pouco pelo Noroeste peninsular, os programas regionais direcionados para o entendimento da dinâmica social, económica e do povoamento da Pré-História e da Proto-História. Aos trabalhos de campo são aplicadas técnicas e métodos preocupados, como a georeferenciação de achados, a recolha de amostras para análises, a crivagem a seco de terras, a flutuação de sedimentos, escavações em *open area*, entre outras, e incrementa-se a interdisciplinaridade dentro de áreas como a palinologia, a antracologia, a paleocarpologia, a antropologia ou a arqueozoologia.

Estas condições permitiram a um grupo de autores, através de publicações de artigos, de monografias ou de sínteses, fomentar o estudo da Idade do Bronze do Noroeste da Península e do Norte português. Para destacar apenas alguns, refiram-se os trabalhos de Jorge *et al.* (1980), Queiroga (1984, 1992), Martins (1984, 1985a, 1985b, 1987, 1988a, 1988b, 1989, 1990, 1991, 1993/1994, 1996, 1997), Almeida *et al.* (1981), Figueiral & Queiroga (1988), Sanches (1981, 1982, 1988, 1995), Jorge (1988a, 1988b, 1988c, 1990b, 1991, 1996), Queiroga & Figueiral (1989), Martins & Jorge (1992), Almeida (1990b), Alarcão (1992, 1996), Dinis (1991-1992, 1993), Cruz (1992a), Lemos (1993, 1996), Bettencourt (1995a, 1999), Fábregas Valcarce (1993a, 1993b, 1995), Fábregas Valcarce & Ruíz-Gálvez Priego (1994) e Fábregas Valcarce & Bradley (1995).

Emergem, também, as primeiras tentativas de reconstituição paleoambiental e paleoclimática da Pré-História, sobretudo na Galiza (entre outros, López García 1984a, 1984b, 1986; Aira Rodríguez & Vazquez Varela 1985; Aira Rodríguez & Guitian Ojea 1985/1986; Aira Rodríguez 1986; Vazquez Varela & Aira Rodríguez 1986; Díaz-Fierros *et al.* 1988; Alvarez Nuñez *et al.* 1990; Aira Rodríguez *et al.* 1992; Ramil-Rego *et al.* 1996; Ramil-Rego & Aira Rodríguez 1993; Ramil-Rego 1992, 1993a, 1993b; Rodriguez Lopez *et al.* 1993; Vernet & Figueiral 1993).

No Noroeste português o interesse pelos paleoambientes da Idade do Bronze é ainda tímido, sobressaindo os trabalhos de antracologia (Figueiral 1990, 1993, 1994, 1995, 2000a, 2000b, 2000c, 2001), de palinologia, de paleocarpologia (Silva 1988; Aira Rodríguez & Ramil-Rego 1995; Ramil-Rego *et al.* 1996) e de arqueozoologia (Antunes 1991/1992, 1995).

Entre os estudos norteados por linhas interpretativas inovadoras e por problematizações relativas às principais ideias defendidas para os diferentes períodos da Idade do Bronze destacam-se, pela sua amplitude, os de Jorge (1988c, 1990c, 1991, 1996), de Martins (1990, 1993/1994), de Ruíz-Gálvez Priego (1990, 1991, 1993), de Fábregas Valcarce & Ruíz-Gálvez

Priego (1994) e de Bettencourt (1995a, 1998, 1999). Por esse motivo, valerá a pena referir as principais ideias propostas.

Na sua dissertação de doutoramento, publicada em 1990, Maria M. Martins escreve a primeira síntese para Idade do Bronze Médio e Final do Norte de Portugal. Seguindo uma análise social e económica de cariz antropológico, afasta-se das entediantes descrições arqueográficas produzidas até então. Para o Bronze Médio, e tendo presente a relativa intermitência que observa em termos arqueológicos entre o Calcolítico Final/Bronze Inicial e o Bronze Final, justifica o carácter pouco expressivo da ocupação humana com povoados de pequena dimensão, provavelmente relacionados com sociedades móveis e subsidiárias de economias de carácter misto. Estas comunidades teriam coexistido com outros grupos sociais economicamente mais complexos e portadores de uma metalurgia do bronze e de artefactos raros ou de exceção. Para o Bronze Final sustenta a existência de unidades sociais e políticas diferenciadas, no âmbito de uma hierarquização derivante da vasta rede de interdependências. Esta organização socioeconómica resultaria da inserção do Norte de Portugal num amplo quadro de intercâmbios com sociedades atlânticas que terá permitido a troca de artefactos e de recursos metálicos. No seio destes grupos teriam emergido chefes que ganhariam o seu poder através do domínio da metalurgia, da ourivesaria e dos artefactos singulares. Observando a distribuição de achados áureos das bacias dos rios Ave e Tâmega defende a existência de comunidades que, pelo controlo suprarregional dos processos de extração mineira, da transformação destes em objetos metálicos ímpares e da sua circulação, deteriam uma estrutura social complexa e centralizada. Esta ideia é reforçada pelas soluções de povoamento observadas, tais como os povoados de altura e os povoados abertos. Os primeiros, delimitados por fortificações, transmitiriam distintos costumes materiais e economias, revelando o dinâmico e assimétrico desenvolvimento de diferentes unidades sociais e políticas. A sua fortificação ou preferência por locais com boas condições naturais de defesa, fenómeno generalizado no início do I milénio a.C. (Martins 1990: 202), relacionar-se-ia com o controlo das vias naturais de circulação e com a prática de atividades metalúrgicas. Os povoados abertos, predominantemente agrícolas, denunciariam uma metalurgia do bronze em expansão e que não chegara a todas as comunidades com a mesma intensidade. De forma pioneira, a tónica é colocada nas dinâmicas e nas assimetrias do Bronze Final, questionado as teorias migratórias e o estado de guerras constante, suposto impulsor do fenómeno de fortificação dos habitats. Alheia a ideias difusionistas, refere que este fenómeno,

endêmico às comunidades autóctones, terá levado a atritos sociais, políticos e territoriais entre alguns dos diferentes grupos.

Influenciada pela denominada Arqueologia Social e afastando-se da tradicional interpretação arqueológica, pertencem a Jorge (1988c, 1990c) as primeiras sínteses da totalidade da Idade do Bronze do Noroeste português. Ao Bronze Inicial, que situa entre 1800-1700 e 1500 a.C., faz corresponder contextos mortuários, domésticos, objetos cerâmicos e metálicos em bronze, ouro e prata, expressões artísticas e contextos de deposição. Combinando estes vestígios defende o florescimento, entre algumas comunidades, de uma organização social de elites masculinas, do tipo “chefado”, assente em inter-relacionamentos sociais, de longa duração, com sociedades de complexidade semelhante. Salienta os contactos entre comunidades meseténicas e atlânticas, ensaiando a aplicação do modelo de Renfrew (1982, 1986), denominado de “*peer polity interaction*”²⁰. Assim explicava a emergência de novas modalidades tumulares, que incluíam *itens* de prestígio, a reprodução de armamento em gravuras rupestres e as deposições de objetos como manifestações de legitimação de poder. Contudo, a variedade de *itens* de prestígio não deveria apontar para uma uniformização social das diferentes regiões. Aliás, a diversidade tumular e os seus respetivos mobiliários refletiria sociedades em diferentes estádios de evolução, embora os contactos suprarregionais as pudessem ter aproximado, no quadro de relações de interdependências (Jorge 1990c: 213, 220-225). Para o Bronze Médio, observando os objetos metálicos descontextualizados, admite continuidades regionais mas, também, a introdução de inovações tecnológicas que, de forma progressiva, originaram as sociedades subsequentes. Evidencia a adoção da metalurgia do bronze, as tendências atlânticas de muitos dos contextos de depósito e a semelhança de alguns objetos metálicos com os do mundo de *El Argar*, acusando influências mediterrânicas. Defende, assim, a inserção do Norte de Portugal numa rede suprarregional de intercâmbios de matérias-primas e de produtos metálicos de maior complexidade do que a etapa anterior. Concretamente, através da introdução da metalurgia do bronze e do controlo das práticas de mineração inerentes, da produção de objetos, da distribuição de matérias-primas e do abastecimento de cobre. Justifica o hiato das práticas e das arquiteturas mortuárias com mutações ao nível do poder, agora consolidado pela efetivação de depósitos metálicos e pela criação, conservação ou expansão de lugares de culto, nomeadamente, os lugares com gravuras rupestres de Arte Atlântica.

²⁰ De forma simplista, este modelo traduz a totalidade de trocas que têm lugar – incluindo a imitação, a emulação, a competição, a guerra e as trocas de informações e bens – entre unidades sociopolíticas autónomas e autogovernadas, geralmente dentro de uma mesma área geográfica.

Com base numa descrição social e económica, propõe uma nova bipartição do Bronze Final. Um primeiro período, entre 1250 e 1000 a.C., com as seguintes características: (1) florescimento das condições propícias à instabilidade social da etapa seguinte; (2) desenvolvimento, ainda que ténue, da produção e da propagação de artefactos metálicos em bronze e ouro (do tipo “Villena-Estremoz”); (3) presença de influências exógenas de tradição mesetenha e mediterrânica; (4) incremento do sistema económico agro-pastoril que permitiu a autossuficiência comunitária; e (5) estratégias de povoamento disperso, sem o recurso a locais naturalmente defendidos, não afastando a hipótese da possível constituição de habitats, num quadro de alguma hierarquia e de determinada competição social, onde elites deteriam o domínio sobre as terras, os processos de produção e os bens de necessidade primária, as vias de comunicação e os intercâmbios de recursos metalíferos. Um segundo momento, entre 1000/900 e 700 a.C., que se pauta por: (1) incremento da instabilidade social; (2) possível controlo, por segmentos da sociedade, da produção e da redistribuição de bens de subsistência; (3) aumento e diversidade da manufatura e da circulação de artefactos metálicos em bronze e em ouro, onde identifica filiações mediterrânicas; (4) emergência de um novo quadro de estratégias de povoamento onde aparecem, paralelamente a povoados abertos de tradição anterior, os primeiros povoados alcantilados, usufruindo de características naturais e artificiais de defesa; e (5) estruturação e complexificação do povoamento no Norte de Portugal, segundo contactos suprarregionais europeus, denotando influências atlânticas, mediterrânicas e mesmo práticas e usos “rituais” centro-europeus. Estes dados permitem pensar num suposto sistema hierárquico de povoamento, onde habitats centrais fortificados controlariam a exploração, a manufatura e a circulação da metalurgia e o crescente intercâmbio à distância. Paulatinamente, estes povoados transformar-se-iam em unidades regionais de centralização social e política, lideradas por chefados teocráticos individuais, originando os primeiros centros de poder pré-estatais. A hegemonia da fortificação resultaria de assimetrias e de instabilidades generalizadas que afetariam estas unidades políticas e sociais, dada a crescente necessidade de procura de novos mercados metalúrgicos. Alude a uma hierarquia social onde as elites emergentes seriam representadas nas estátuas-menir, que diversos autores interpretam como símbolos de poder memorizando individualidades divinas/divinizadas ou mesmo chefados importantes. Finaliza levantando um conjunto de questões: o valor de algumas singularidades regionais dissimuladas na pretensa uniformidade das materialidades metálicas, que circulam por vastas áreas; o papel desempenhado pelas diferentes áreas geográficas no processo dos relacionamentos

suprarregionais; a forma como foi processada a entrada das diferentes influências visíveis no Norte de Portugal; o grau de assimilação dessas novidades por parte de cada comunidade; e os sistemas sociais e cognitivos inerentes a cada área. Para a autora a busca de respostas só é tangível através de trabalhos de investigação regionais que incidam sobre as formas de povoamento, de enterramento, sobre as estruturas sociais e económicas e sobre os modos de vida específicos de uma área (Jorge 1988c; 1990).

Em trabalhos que abrangem o Noroeste peninsular, Ruíz-Gálvez Priego (1990, 1991, 1993) e Fábregas Valcarce & Ruíz-Gálvez Priego (1994: 152-154) defendem a existência de diversos povoados do Bronze Inicial com base em critérios tipológicos, tais como a presença de cerâmicas campaniformes e de metalurgia de cobre. O predomínio de economias de corte e queimada, alternando entre altas e baixas altitudes, seria complementado com práticas cinegéticas e de recolção. Revelando um aumento da atividade agrícola, um crescimento demográfico e, por conseguinte, a colonização de novas terras, as comunidades acusavam a adoção de novas tecnologias, como o arado ligeiro. Contudo, o desconhecimento de técnicas de rotatividade agrícola – não alternando a plantação de cereais e leguminosas, o que desembocaria na conseqüente desnutrição dos solos e à sua má prestação – e a falta de técnicas de estrumagem teriam contribuído para a persistente mobilidade destas sociedades (Ruíz-Gálvez Priego 1993: 12). Admitindo uma parca diferenciação social, Ruíz-Gálvez Priego & Fábregas Valcarce (1994) defendem uma estrutura social com elites associadas ao intercâmbio e aos contactos suprarregionais, atividades responsáveis pela permuta de conhecimentos e pela introdução de novos objetos e tecnologias. Em última análise, estes fatores terão vulgarizado convenções de armamentos, de bebidas e de adornos na Europa Ocidental (Ruíz-Gálvez Priego 1991, 1993: 12) plasmadas no mobiliário tumular e nos ricos depósitos peninsulares. Na mesma linha apresentada para o Bronze Inicial Ruíz-Gálvez Priego (1990, 1991, 1993) e Fábregas Valcarce & Ruíz-Gálvez Priego (1994: 152-154) sustentam, para o Bronze Médio, a premissa de que os solos esgotados por técnicas agrícolas inadequadas e a fraca sedentarização, aliada à instabilidade social, levaram a uma subsistência económica deficitária, resultando a falta de povoados e de contextos mortuários do clima de recessão económico-social que se fazia sentir.

Ainda assim, os trabalhos de Ruíz-Gálvez Priego (1990, 1991, 1993) propõem padrões de povoamento diferenciados no Bronze Final. Aos povoados abertos faz corresponder comunidades de maior mobilidade, assentes em economias itinerantes; aos povoados de altura

corresponderiam, por sua vez, sociedades mais sedentárias, detentoras de utensílios, de armas e de adornos metálicos e de um conjunto de práticas varonis comunitárias com uma forte expressão por toda a Europa ocidental. Estes “varões” ter-se-iam destacado através do incremento e da estabilidade agrária, do crescente controlo sobre os recursos mineiros de estanho e do domínio das principais vias naturais de circulação utilizadas para intercâmbios suprarregionais. O incremento da sedentarização terá resultado do desenvolvimento e da consolidação do sistema agro-pastoril, através da rotatividade (cereais e leguminosas) e da introdução de novas espécies vegetais (fava), da nova conceção espacial (parcelamento territorial) e dos estímulos exógenos radicados no crescente intercâmbio.

Após estes trabalhos o discurso arqueológico produzido até 1995 continua a recorrer, com alguma frequência, às hipóteses anteriormente equacionadas. É o caso de Fabião (1992), Alarcão (1992), Silva (1993) e Calado (1993).

Fabião (1992) sintetiza o Bronze Final do Norte de Portugal e distingue os povoados sedentários, defendidos artificialmente, dos povoados abertos que, sem tradição anterior no Noroeste, demonstram claras tendências meseténhas e indicam uma ocupação antrópica sazonal²¹. Para suportar estas assimetrias defende, contrariamente a Jorge (1988c, 1990), a contemporaneidade entre os dois tipos de assentamentos. Relaciona a dissemelhança com a exploração diferenciada de recursos que, contudo, permitiu a coexistência pacífica. Propõe, assim, uma hierarquia do povoamento baseada numa especialização diferenciada de habitats. Paralelamente, como hipótese mais coerente, defende as relações complementárias entre as diferentes modalidades de povoamento, em que comunidades de povoados de topo se deslocariam sazonalmente a povoados abertos para efetivar determinadas atividades. Supõe indícios de um aumento demográfico, no quadro de um povoamento disseminado mas denso, associado a uma economia de produção excedentária, a uma especialização da produção de determinados produtos manufaturados e a um sistema de redistribuição. Aceita a existência de uma hierarquização vertical encabeçada por um chefe que controlaria essa redistribuição, bem como a concretização de intercâmbios suprarregionais e a construção e a manutenção das arquiteturas coletivas (como fortificações). Sustenta a especialização de artífices, quase ou totalmente afastados do processo produtivo de bens alimentares, adotando um modelo de complexificação social e de centralização de poder consolidado e expresso, seguindo as ideias de Jorge (1988c; 1990), pelo armamento, pelos adornos e pelas estátuas-menires. No entanto,

²¹ Numa linha de pensamento próxima à defendida por Ruiz-Gálvez Priego (1990, 1991, 1993).

identifica o que parece ser um processo de distinção social no Bronze Final do Noroeste “*pouco significativo (...) [mas] com arreigados sentimentos comunitários, de feição arcaizante*” (Fabião 1992: 92).

Alarcão (1992) aborda o período transitório entre o Bronze Final e o Ferro Inicial. Na tentativa de aclarar os princípios da denominada “*cultura castreja*”, defende a hierarquização social e política assente em chefados capazes de organizar o processo produtivo, a circulação e as redes de intercâmbio de artefactos metálicos de bronze. Justifica esse modelo com conceitos de cadência marxista, principalmente quando descreve a orgânica social das comunidades que, em última instância, teriam atingido uma espécie de divisão social do trabalho em que os atores sociais desempenhavam diferentes papéis (chefes, comerciantes, oleiros, metalurgistas, etc.).

Já Silva (1993) entende a moderação do povoamento da Idade do Bronze Inicial, face ao Calcolítico, como consequência da regressão demográfica resultante de conflitos sociais ou de condições climatéricas adversas. Às diferentes expressões tumulares faz corresponder diversas tradições culturais e admite a existência de sociedades hierarquicamente mais complexas, explicadas pela presença de inovações tecnológicas e de mobiliários funerários ricos e singulares. Neste cenário surgiram as primeiras elites, predominantemente de tradição calcolítica, controladoras dos processos de recolha e de circulação de recursos minerais e responsáveis pela introdução de influências exógenas, maioritariamente atlânticas e mediterrânicas. Ao longo do Bronze Final ter-se-iam dado alterações económicas significativas, como a generalização do sistema agro-silvo-pastoril, a exploração e o domínio das técnicas de fabrico de objetos em bronze e em ouro e a implementação de um quadro de ocupação regulado por uma hierarquia do povoamento. A vulgarização dos povoados fortificados de altura, dominando as bacias fluviais, a extração e a circulação de recursos mineiros e as terras agrícolas, percebida no âmbito de chefias militares, teria levado, assim, ao consequente declínio dos povoados abertos.

Para Calado (1993) o Bronze Médio, que situa entre 1500 e 1200 a.C., seria uma fase de recessão social e económica. Estas condições teriam permitido aos povoados abertos, num contexto de povoamento esperso, um aumento da sua influência. O autor recorre a fatores demográficos, oriundos da Nova Arqueologia funcionalista, e justifica esta interpretação através da retração demográfica. Só no Bronze Final se terão dado alterações sociais, políticas e ideológicas significativas: as sociedades complexificam-se e hierarquizam-se, com elites bélicas de linhagens hereditárias e de teor religioso a consolidarem o poder e a decidirem as resoluções

de cariz político, militar, religioso e relativas ao controlo dos excedentes produtivos (de subsistência, de recursos mineiros e de trocas e intercâmbios). As estátuas-menir, datáveis deste período ou já da Idade do Ferro, representariam esses atores sociais importantes, atuando como memorial dessas elites. Este quadro hierárquico e especializado de povoamento seria encabeçado por povoados centrais de altura, seguidos de povoados abertos com fossas, cujas funções de armazenamento aparentam estreitas ligações com uma base económica agrária e pastoril. O sistema económico, pautado por uma “*Revolução dos Produtos Secundários*”, teve início durante o Calcolítico/Bronze Inicial. Durante esta fase terá ocorrido a generalização do uso do arado e do carro, desencadeando, durante o Bronze Final, excedentes produtivos e, conseqüentemente, a especialização das atividades produtivas. O autor justifica estas mudanças mediante linhas neodifusionistas, nomeadamente, como resultado de movimentos populacionais e de intensos contactos denotando influências atlânticas e mediterrânicas.

O recurso constante a “varões”, “chefes” ou “chefados” e as explicações lineares presentes no crescente número de sínteses redigidas para a Idade do Bronze levaram à estandardização do discurso arqueológico, em especial para o Bronze Final.

A partir de 1995 surgem alguns trabalhos que imprimem dinamismo aos estudos da Idade do Bronze, quer pela sua originalidade quer pelo questionamento de algumas premissas até então defendidas, concretamente Bettencourt (1995, 1998), Fábregas Valcarce (1995), Fábregas Valcarce & Bradley (1995), Jorge (1996=1998, 1997). É neste contexto que Susana O. Jorge publica, em 1996, um importante texto onde interroga a validade de muitos dos pressupostos da Nova Arqueologia e que Ana M. S. Bettencourt põe em causa o conceito de Bronze Atlântico.

Bettencourt (1995) vinca as particularidades regionais que observa na Idade do Bronze do Norte de Portugal. Aceita os estímulos anexos à adoção do fenómeno campaniforme e os laços com a Europa temperada, durante o III e o II milénios a.C., como decisivos para a configuração da Idade do Bronze Inicial. Esta fase caracteriza-se pela intensificação/especialização socioeconómica e pela apropriação territorial (incrementada ao longo da Idade do Bronze). Ensaia a tímida aplicação ao Norte de Portugal do modelo “*World System*”, desenvolvido por Kristiansen (1987) para a Idade do Bronze europeia. Para a autora aquela região seria marginal face aos circuitos europeus de extração, de transformação e de circulação de minérios e de outros *itens* centralizados no Mediterrâneo central, o núcleo da “economia mundo” até à segunda metade do II milénio a.C.. A partir desta data e a longo prazo,

os *inputs* teriam possibilitado a integração do Norte português na “periferia” do “centro” económico mundial. Considera, paralelamente, a estabilização das ocupações humanas e a possível organização destas em unidades territoriais físicas e simbólicas, no âmbito de um povoamento hierarquizado e complementar entre povoados centrais e disseminados. Não rejeita, contudo, outros modelos de fundamento não hierárquico, ao assumir assimetrias regionais e diferentes graus de processos de territorialização e de desenvolvimento socioeconómico. Levanta a hipótese da adoção da incineração, praticada a par da inumação, e do seu vínculo aos primeiros artefactos em bronze de filiação atlântica, chegados ao Noroeste peninsular, por via marítima, durante a segunda metade do II milénio a.C. As estruturas funerárias não monumentais e os espólios funerários simples, no seio de sociedades de uma aparente maior hierarquia, refletem a deslocação dos sinais simbólicos e de prestígio para os povoados permanentes, para as estátuas-menir, para os investimentos arquitetónicos e para os lugares de depósito. Fugindo à habitual tónica metalúrgica para explicar a hierarquização social e a territorialização, defende que nas áreas em que a metalurgia é incipiente tais fenómenos suportam-se na intensa especialização económica de base agrícola e pastoril mas, também, na combinação dos diversos recursos naturais disponíveis. Admite, contudo, para os locais com maior concentração de objetos metálicos, processos vinculados ao acesso e à transformação de recursos minerais e à sua difusão suprarregional por mar ou rio. Conclui que a elitização verificada nos finais da Idade do Bronze obedeceria a critérios próprios do cenário endógeno social, pela maior ou menor expressão dos estímulos intra ou suprarregionais, enfatizando a tradição de cada grupo e a sua situação económica periférica em relação a outras zonas.

Fábregas Valcarce (1995) e Fábregas Valcarce & Bradley (1995) reformulam, em dois artigos, os contornos da suposta recessão socioeconómica defendida para o Bronze Médio do Noroeste peninsular. Com base na análise do registo polínico identificam, a partir de 3500/3000 BP, a progressiva deflorestação e antropização de grandes faixas do território. Consideram haver indícios de “*(r)evolução silenciosa*” associada ao aumento e à consolidação das práticas pastoris, à adoção de objetos com novas características (como as espadas e os machados de tipo “Barcelos”) e à aceitação de tecnologias inovadoras (como a metalurgia do bronze). Sobre os contextos mortuários, menos perceptíveis na paisagem, sustentam a diversidade arquitetónica e a coexistência de rituais funerários menos vistosos, comparativamente a períodos anteriores. Em meados do II milénio a.C., quiçá por motivos ideológicos, ter-se-ia dado a deslocação das

práticas funerárias para meios aquáticos, explicação consonante com a descoberta de materialidades metálicas nesses contextos (Fábregas Valcarce & Bradley 1995: 160).

Cabe agora aludir aos textos de Bettencourt (1998²²) e de Jorge (1996²³, 1997, 1998), já que problematizam conceitos e modelos.

Em Jorge (1996=1998) é apresentado um discurso crítico relativamente a algumas das premissas da Nova Arqueologia. Assente numa componente antropológica, mas evitando linhas radicais que criam leis preditivas para o Homem e justificam as mudanças recorrendo a condicionantes estritamente demográficas e ecológicas, a autora verifica a complexidade e a valia heurística de certos arranjos combinatórios que revelam diferenças e dinâmicas sociais, tais como: a monumentalidade construtiva; a estruturação/organização de espaços domésticos, rituais e mortuários; a quantificação e a variedade de evidências reveladoras de desigualdades sociais; o acréscimo e a especialização da esfera económica; e o desenvolvimento tecnológico e as inovações observáveis em diversos artefactos. Sublinha o facto de poderem ser outros fatores os responsáveis pelos indicadores de integração, de intensificação e de hierarquização identificados pela notória dificuldade em fazer corresponder a complexidade à visibilidade, já que a maior ou menor notoriedade arqueológica provirá, para a autora, da estrutura endógena própria de cada sociedade. Por isso, salienta, a busca de estágios de complexificação não implica a assunção de variáveis pré-conhecidas mas antes do constante recurso a, e da articulação de, toda a informação recolhida a diferentes escalas. A urgência do debate à operacionalidade do discurso arqueológico português para a Idade do Bronze, onde são constantes as alusões a “povoados centrais” e a “sociedades hierarquizadas” baseadas na ostentação de *itens* de exceção – objetos metálicos –, denuncia a aplicação acrítica de modelos europeus uniformizados assentes em pressupostos masculinos²⁴ e a declarada falta de preocupações interdisciplinares. Realça, ainda, que a primazia económica para explicar as mudanças sociais, políticas e ideológicas, os protótipos de povoamento praticados, a estruturação do tecido social das comunidades do Bronze e os próprios mecanismos legitimadores de poder, deixa transparecer a adaptação ao passado de modelos teóricos capitalistas modernos.

²² Texto apresentado oralmente em 1995 no Colóquio “*Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*”.

²³ Artigo resultante da conferência proferida no Colóquio internacional intitulado “*The Identity of Bronze Age Europe*”, realizado em Londres no ano de 1994.

²⁴ Predominam os discursos que associam objetos de adorno e contextos domésticos de carácter privado, de difícil percepção, à mulher, e armas e outros materiais de domínio público, presentes em eventos sociais, ao género masculino.

Para o Bronze Inicial refere a existência, principalmente para a fachada atlântica do Noroeste peninsular, do que considera ser uma rede de relações e de transações suprarregionais que, praticadas de forma mais aberta do que no Sudoeste peninsular, impulsionaram a utilização social diferenciada de artefactos metálicos. A unidade aparentemente observada nas diversas manifestações humanas, incluindo nos objetos metálicos, resultaria da convivência de comunidades abertas que, num ambiente de menor rivalidade, tratariam a recolha, a produção, a transformação e o intercâmbio de metais de forma muito própria, dentro dessa rede.

Para o Bronze Final, reprovando os modelos que abusam da invisibilidade arqueológica das tumulações para reforçar a existência de uma “comunidade atlântica”, enuncia alguns exemplos, mais numerosos para o período compreendido entre 1500/1300 e 1000 a.C., quer incluídos em necrópoles quer isolados, que se pautam pela pouca visibilidade, pela parca complexidade arquitetónica e pelos espólios simples. Acima de tudo, refletem a heterogeneidade regional e mudanças conceptuais aos níveis da arquitetura, da topografia e da distribuição. Defende a vulgar existência de povoados abertos com estruturas em materiais perecíveis e o aparecimento dos povoados com defesas naturais como um fenómeno tardio e de pequena escala. Os “povoados fortificados” do Bronze Final, mais do que uma forma de comunicação externa, seriam o culminar de um processo de interdependência transcultural resultante de múltiplas variáveis. A existência de uma rede suprarregional de intercâmbio de objetos, de ideias e de pessoas, faziam afluir a diversos pontos da Península influências mediterrânicas, atlânticas e centro-europeias.

Jorge (1997) divide o Bronze Final no Norte de Portugal em duas fases: a primeira entre 1250 e 1000/900 a.C. e, a segunda, entre 1000/900 e 700 a.C..

À primeira etapa faz corresponder uma fraca metalurgia, onde imperam as produções locais denotando influências peninsulares e mediterrânicas. Aplicando os princípios do modelo da “*Economia Mundo*” considera a região “*uma margem de outra margem*” (Jorge 1997:14). Sumariamente, esta fase caracteriza-se pela presença de: (1) povoados sem preocupações defensivas, de base económica agro-pastoril especializada e de exploração intensiva do território, indiciando sedentarização; (2) redes de povoamento que, desde períodos anteriores, vêm atingindo maior estabilidade; (3) diferentes “estádios” de desenvolvimento das comunidades, as quais exerceriam um controlo sobre os bens de subsistência; (4) escassa metalurgia de produção local denotando influências peninsulares e mediterrânicas; (5) controlo, por alguns

segmentos da sociedade (elites) com alianças suprarregionais, das vias de circulação e do intercâmbio metalúrgico; (6) assimetrias regionais, no quadro de sociedades dispersas e progressivamente integradas no processo de globalização; (7) reduzida competição comunitária, dada a falta de indícios de fortificação e de armamentos nos contextos funerários; e (8) invisibilidade de arquiteturas e de objetos em contextos funerários e habitacionais, relativamente a períodos anteriores, deslocando-se a negociação de poder para outros contextos que não aqueles.

A segunda fase, por sua vez, parece demonstrar: (1) a generalização, a partir do século X a.C., dos povoados de altura com defesas naturais e com visibilidade sob as vias de circulação²⁵, refletindo uma reorganização do povoamento; (2) a afirmação da metalurgia, com a proliferação da ourivesaria, incluindo fabricos locais com influências alógenas, indiciando contactos mais recorrentes com o atlântico, o mediterrânico e a Europa Central; (3) nos contextos habitacionais, para além da tradicional presença de cerâmicas tipo *Cogotas I*, denunciando ligações com a Meseta, a presença de cerâmicas tipo Baiões/Santa Luzia evidenciam relações suprarregionais, de maior escala, com o Sul, resultantes de movimentos populacionais originários do Mediterrâneo; (4) que a delimitação física dos povoados poderá dever-se à concorrência entre elites, processo não generalizado a todo o Norte português mas responsável pela criação de lugares-centrais monumentalizados e pela implementação de fronteiras e de corredores de circulação; (5) o reforço de alianças de interdependência, ao nível suprarregional, relativas ao controlo da produção e da circulação do metal, deslocando-se o Norte português da margem da periferia para a periferia económica mundial; (6) a consequente perda de autarcia, por parte de algumas comunidades, fruto da sua paulatina integração na economia pré-mercantil global²⁶; (7) algumas assimetrias sociais, revelando comunidades em diferentes estádios de desenvolvimento e interagindo segundo diferentes modelos de cooperação que, pelas dissemelhanças, terão levado a uma “*disfunção social no final do século VIII a.C.*”²⁷ (Jorge 1997: 19); e (8) a deslocação das ações de ostentação de poder, das práticas de tumulação e dos santuários rupestres²⁸ para os povoados, os lugares de estelas e estátuas-menir

²⁵ Denunciando a ideia preconcebida da vulgarização dos sistemas defensivos (muralhas, aterros e fossos), carente de evidências que confirmem tal fenómeno durante 2ª metade do Bronze Final.

²⁶ Contudo, não perde oportunidade para criticar estas linhas de pensamento por assentarem em pressupostos racionais capitalistas modernos, nada adequados “às condições económicas, sociais, políticas e simbólicas de sociedades pré-históricas, tão distantes das sociedades de mercado” (Jorge 1997: 19).

²⁷ Para o agudizar desta situação contribuiu a chegada dos fenícios à Península e a falta de gestão e de organização central estatal das comunidades, levando à sua dissipação.

²⁸ Admite, contudo, tratarem-se de contextos invisíveis ou de difícil identificação arqueológica.

e outros recintos, questionando, contudo, que tipo de poder seria este, como se organizaria e, mais importante do que isso, como proceder à sua identificação arqueológica.

Reconhecendo o seu discurso tendencialmente neo-evolucionista e sujeitando as suas interpretações à discussão, enuncia algumas falhas da sua narrativa questionando, por exemplo, a falta de justificação para o porquê da perda de visibilidade arqueológica dos contextos funerários, durante o Bronze Final. Finalmente, avalia a legitimidade da aplicação dos trinómios interpretativos opostos: falta de povoados/itinerância/baixa complexidade social *versus* monumentalidade/sedentarização/alta complexidade social.

Mais ou menos inseridos nestas problemáticas e de forma mais ou menos crítica, continuam a produzir-se sínteses sobre a Idade do Bronze do Noroeste, ou que abarcam essa região, dentro de perspetivas processualistas (Martins 1996, 1997; Bettencourt 1997, 1999; Calado 1998; Ruíz Gálvez Priego 1998a).

Bettencourt (1998) discute a aplicabilidade da noção de Bronze Atlântico ao Noroeste peninsular, questionando a legitimidade do discurso uniforme suportado pela suposta “unidade cultural” advinda da “repetição” de determinados objetos metálicos. Alertando para as particularidades materiais, tumulares e artísticas que observa e para a limitada fundamentação de tal unidade, apenas baseada num “*certo ar de familia*”, acentua o papel dos grupos sociais detentores de distintas tradições. Apela aos estudos locais preocupados com aspetos sincrónicos e diacrónicos e, afastando-se nitidamente de linhas histórico-culturalistas, propõe-se a examinar as cronologias e as interpretações propostas para o Noroeste peninsular. Para isso, analisa os critérios tipológicos e tecnológicos de materialidades metálicas que sustentam a suposta afiliação atlântica. Recorrendo a datas calibradas, situa muitos dos objetos característicos do Bronze numa fase anterior ao século X a.C.²⁹ e, contrariando alguns autores (Almagro-Gorbea 1986; Coffyn 1985: 205, 213; Ruíz-Gálvez Priego 1984a: 270, 293-294; 1987³⁰; Coffyn *et al* 1993³¹), aponta os séculos XIII e X a.C. como período de maior diversidade e dinâmica metalúrgica, descartando qualquer ligação entre o apogeu metalúrgico e as colonizações fenícias do Sul português. Na senda da proposta de Burgess (1991) relativamente aos depósitos de Huelva e da Senhora da Guia (Baiões), defende que a introdução de utensílios de ferro em

²⁹ Machados de talão unifaciais ou de argola, espadas tipo “Huelva”, alguns tipos de ponta de lança, pontas de seta com pedúnculo e aletas, punhais “Porto de Mós”, foices tipo “Rocanes”, cinzéis maciços, argolas fechadas, braceletes lisos, abertos e com vários tipos de extremidades, caldeiros de rebites, fíbulas de codo e de enrolamento no arco, pinças com olhal, “tranchets” e primeiros objectos importados de ferro.

³⁰ É defendido um apogeu da metalurgia durante o Bronze Final Atlântico III, entre 900 e 800/750 a.C.

³¹ O período de auge metalúrgico situar-se-ia no Bronze Final Atlântico II, entre 950 e 750 a.C.

contextos da Idade do Bronze é anterior ao século X a.C.³². Vinca o perdurar de ligas binárias no Noroeste, Centro e Sudoeste peninsular até aos séculos X/IX a.C., já que nestas áreas³³, embora não se desconheçam ligas ternárias, a adição de chumbo e arsénio é pouco significativa. No caso específico do Noroeste só eram conhecidas combinações ternárias no segundo quartel do I milénio a.C., embora fundidas a par de ligas binárias. Assim, questiona se as ligas ternárias devem ser consideradas uma exclusividade da transição Bronze/Ferro do Noroeste e se o seu florescimento resulta de avanços tecnológicos ou, pelo contrário, de particularidades regionais derivadas, hipoteticamente, da escassez de cobre no Noroeste. Aceita a filiação geográfica da metalurgia do Noroeste da Península com a Grã-Bretanha, a Irlanda, a Bretanha francesa e com as tendências continentais, em fase posterior, do Norte e do Mediterrâneo europeus, evidenciando, com o recurso a determinados trabalhos (Gomes 1990; Jorge 1990; Kalb 1991; Ruíz-Gálvez Priego 1995a; Silva 1990), a crescente presença de importações, de filiações e de referências mediterrânicas, centro-europeias e nórdicas nos horizontes peninsulares. Criticando abertamente o trabalho de Ruíz-Gálvez Priego (1993), alerta para os perigos de homogeneizar uma área tão diversa e de criar uma “*identidade atlântica*” e convenções sociais, simbólicas e rituais atlânticas comuns (Ruíz-Gálvez Priego 1993: 14), as quais entende como naturais no quadro da conjuntura sociopolítica comunitária europeia dos finais do Século XX. Uma vez que os objetos metálicos de diferentes contextos podem esconder uma “*polissemia de interpretações*” (Bettencourt 1995: 29) e que a suposta identidade simbólica e social atlântica comum assenta em características metalúrgicas formais que menosprezam as diferenças regionais, a autora contraria a uniformização de significados porque, a uma escala de análise mais profunda, esta é apenas aparente.

Martins (1996, 1997) discute questões relacionadas com o povoamento do Noroeste português durante o I milénio a.C. O estudo isolado dos habitats tem levado à aparente homogeneidade cultural atribuída à região, escasseando as explicações dos processos culturais. É imperioso considerar, além da topografia de assentamento, dos formatos das estruturas ou das muralhas, as particularidades da evolução de cada sítio, não desconsiderando a dinâmica autóctone. Os povoados fortificados, entendidos num cenário de instabilidade gerada por migrações, invasões e lutas internas entre habitantes locais, até aos anos de 1970 tidos como

³² Tal hipótese é corroborada, aliás, com os dados dos trabalhos de Ruíz Gálvez Priego (1995) e de Belén *et al* (1995): no primeiro o “depósito” metálico de Villena, provindo do povoado de Peña Negra, no Sudeste peninsular, é considerado anterior à colonização fenícia do Sul de Espanha, datada do século IX a.C.; no segundo trabalho, a presença fenícia no Algarve e no estuário do rio Tejo é datada entre os finais do século IX e o início do século VIII a.C.

³³ Exemplifica com Cabeço do Castro de S. Romão, Moreirinha, Monte de Frade e com o “depósito” de Huelva.

próprios da Idade do Ferro, parecem gozar de uma originalidade e complexidade particular que remontaria, em alguns casos, ao Bronze Final. Contextos de habitação do Noroeste português enquadráveis no Bronze Médio e Final, escassos e recentemente conhecidos³⁴, dão a conhecer povoados abertos, de pequenas dimensões e incluindo estruturas de armazenamento associáveis a práticas agrícolas. Aparentando pouca complexidade, situam-se em zonas de montanha ou ribeirinhas, ocupando planaltos, encostas, cabeços ou colinas. Ter-se-á dado a sua expansão graças à intensificação agro-pastoril, um fenómeno de escala europeia iniciado durante o Calcolítico. Tal permite à autora falar de um quadro de povoamento hierarquizado composto por “quintas” e povoados fortificados. Associa os últimos, denotando preocupações defensivas e preferência por zonas altas, ao domínio dos vales circundantes e à exploração agrícola intensiva. Teriam resultado, no quadro da valorização dos sítios habitados e uma vez alteradas as perceções dos espaços ocupados, de maior sedentarização. Explica este fenómeno como consequência da apropriação de terras pelo incremento das práticas agrícolas, durante o Calcolítico, que terá levado ao desenvolvimento, durante o Bronze Final, em especial, das práticas metalúrgicas e de intercâmbio. A posição da Península Ibérica em relação às influências mediterrânicas e atlânticas teria assim levado (1) à produção de excedentes alimentares – para suportar os custos inerentes à diversificação das atividades socioeconómicas (circulação de matérias-primas, de produtos acabados e de metalurgias) –, (2) aos crescentes contactos intra e inter-regionais entre comunidades e (3) à diferenciação social dos estratos sociais e das elites. A maior competitividade, as tensões e as assimetrias de desenvolvimento, desencadeadas pela introdução da metalurgia e pacificadas pelas fortificações, estimularam as interdependências entre diferentes unidades socioeconómicas regionais, incentivando a hierarquização e a centralização económica. Os povoados fortificados, elos da hierarquia do povoamento relacionados com as estratégias de exploração intensiva dos recursos existentes, consolidariam: (1) o controlo das zonas de exploração mineira e das vias de circulação metalúrgicas; (2) o intercâmbio de matérias-primas e de objetos de prestígio; e (3) a posse da terra e a intensificação das práticas agrícolas. Tal situação terá levado ao aumento de desigualdades locais, regionais e inter-regionais, ao reforço dos laços sociais e à produção de excedentes. A autora explica a emergência dos povoados muralhados, a partir dos séculos VIII/VII a.C., através da intensificação económica conseguida pela exploração de novos recursos, do necessário controlo de determinadas zonas de passagem recriando impacto visual arquitetónico, das

³⁴ Jorge (1988b: 85-112; 1990a: 38-67; 1990b: 163-251) e Bettencourt (1995: 110-112).

condicionantes ambientais associadas à transição para o sub-Atlântico, do “empobrecimento” dos solos de montanha e da queda da rede de intercâmbios à distância com implicações na produção metalúrgica regional. Considera que estes sítios dos vivos definiriam e controlariam, pela sua imponente, fronteiras socioeconómicas e simbólicas, constituindo territórios económicos e sociais assentes em estritos laços de solidariedade comunal. A deterioração climática sub-atlântica, a consequente improdutividade de algumas terras antes férteis e o esgotamento dos solos terá levado à marginalização de determinadas áreas e à pressão pelo domínio de terras aráveis. Como consequência, ter-se-ão generalizado as fortificações. Alega, ainda, que o empobrecimento da cultura material, a diminuição de atividades metalúrgicas e a retração agrícola terá fomentado a autarcia das comunidades. Embora alguns povoados tenham perdurado desde o Bronze Final, sofreram um processo de reestruturação que incluiu a edificação de muralhas e o aumento do seu impacto visual. Os dados polínicos associados a níveis de ocupação deste período parecem confirmar a forte antropização paisagística, nomeadamente, pela presença de espécies cerealíferas e leguminosas associadas a plantas sinantrópicas. Levanta a hipótese da possível retração da semente de cereais durante o Bronze Final, talvez mesmo praticada intramuros, seguida de nova intensificação, em finais do I milénio a.C., altura em que os povoados agrícolas se implementam em vale e parecem desvalorizar o posicionamento estratégico, principalmente a partir da segunda metade do I milénio a.C.

Bettencourt (1997) dá a conhecer novas datas radiométricas enquadráveis na 1ª metade do II milénio AC para contextos onde aparecem vasos de largo bordo horizontal. Tal permite-lhe chamar a atenção para a ampla baliza cronológica em que estes se inserem, concretamente, entre o Bronze Médio e o Bronze Final, e para a possibilidade de muitos dos túmulos onde aparecem poderem remontar, dessa forma, ao Bronze Médio.

Calado (1998) inicia a síntese sobre a Idade do Bronze afirmando que a influência da Nova Arqueologia terá propagado um quadro de complexificação e de estratificação social, com raízes calcolíticas, dificilmente aceite e algo desfasada dos factos. Caracteriza a sociedade pré Bronze Final como contraída e dispersa, dados os reduzidos indícios de centralismo ou de hierarquia do povoamento ao nível regional que verifica. Contudo, ao analisar o Bronze Final, recorre a um discurso de inspiração histórico-culturalista e nova arqueológica. Para o autor esta será uma fase de mutação social, ideológica e política explicável pelos contactos ativos, sobretudo atlânticos e mediterrânicos, e pelos movimentos migratórios, à escala europeia, mesmo que depositando algumas reservas relativamente à sua intensidade e a quem os teria

promovido³⁵. Atenuadas as assimetrias entre o oriente e o ocidente mediterrânico, deu-se o advento de elites guerreiras, centralizadoras de poder transmitido hereditariamente. Encabeçadas por chefados belicistas, controlavam o comércio de longa distância, as matérias-primas, as práticas de extração mineral, de produção metalúrgica e de bens e as atividades religiosas. Para o Bronze Final/transição para a Idade do Ferro do Norte português compara as funções das estelas-menir às estelas do Sudoeste e alude às reutilizações de menires, de origem neolítica, impressos com formas antropomórficas esquematizadas, hipotetizando tratarem-se de figurações de personagens prestigiados ou da ratificação do valor antigo do monumento com vista a, conjuntamente, fortalecer a memória do indivíduo representado. Relaciona as variabilidades regionais das diferentes zonas económicas, ao nível da metalurgia, com a disponibilidade de recursos e com o acesso às principais rotas comerciais, fatores decisivos para a diferenciada aquisição das tecnologias metalúrgicas e extrativas. Associa o “Bronze Atlântico” à produção e à circulação de objetos metálicos na faixa costeira atlântica, graças ao papel preponderante dos contactos estabelecidos, principalmente, entre o Noroeste peninsular, as Ilhas Britânicas e a Bretanha francesa. A posição geográfica e a riqueza mineral peninsulares levaram à convergência de diversos *inputs*, decisivos para o florescimento da ourivesaria maciça no Bronze Antigo/Médio do Noroeste, no Bronze Argárico e no Bronze do Sudoeste. Esta joalheria, desenvolvida a partir do Calcolítico, faz-se representar pelas primeiras joias associadas a contextos funerários³⁶.

No livro intitulado “*Europa Atlántica en la Edad del Bronce. Un viaje a los orígenes de Europa Occidental*”, Ruiz Gálvez-Priego (1998a) contraria parte do discurso científico até então reproduzido para o Noroeste. Continua a defender a existência de povoados abertos até ao Bronze Final que explica pela sua curta duração, deixando poucos vestígios e associados a comunidades pautadas por grande mobilidade e com um modo de vida maioritariamente pastoril. Se para o Bronze Inicial reconhece a existência de elites, tendo em conta as cistas com objetos metálicos, para o Bronze Médio fala de um vazio arqueológico que reflete um período de recessão ou a fossilização das formas de vida, provocadas pelo esgotamento dos solos durante o Bronze Inicial. A autora também insiste na ausência de tumulações para o Bronze Médio. Só admite sedentarização a partir do Bronze Final e apenas em relação às populações que terão construído povoados em zonas altas, fortificados e vinculados a vias de circulação ou a estuários. Este período teria sido, também, de franco desenvolvimento económico em termos

³⁵ A pré-colonização fenícia impele a uma necessária “*confirmação arqueológica mais sólida*” (Calado 1998: 336).

³⁶ Como os diademas, os discos e as espirais oriundos de contextos campaniformes ou do Bronze Antigo.

ganadeiros e metalúrgicos, em que proliferam elites guerreiras centradas na figura do varão. Inclui a Península Ibérica e o Noroeste no modelo do “*World System*” (Kristiansen 1987), defendendo que esta região vai progressivamente passando de “margem” – entre os séculos XIII-XI a.C. – ao que denomina de “*periferia da periferia*” – entre os séculos XI e X a.C. –, tornando-se numa “periferia” ativa entre os séculos X e VIII a.C.

Finalmente, Bettencourt (1999) estuda a Idade do Bronze da bacia do Cávado. Denotando marcadas preocupações interdisciplinares e no quadro de um processualismo cognitivo, suporta o discurso em diversas datações absolutas de radiocarbono e em dados paleoambientais e antropológicos. Neste trabalho desenvolve substancialmente temas ligados com o povoamento, as atividades económicas e o mundo ideológico. Numa linha processualista de cariz cognitivo realiza, ainda, uma abordagem holística ao período em questão, tendo em conta a inter-relação social, política, económica e simbólica entre povoados, contextos funerários, depósitos, gravuras rupestres, etc. Como consequência deste trabalho, do qual resulta a publicação de diversas monografias e artigos de síntese (Bettencourt 2000a; 2000b, 2000c, 2001a, 2001b; Figueiral & Bettencourt 2004), a autora (Bettencourt 1999, 2000a) dá a conhecer, com base nos resultados dos trabalhos de escavação que dirige e na reanálise de dados antigos, as seqüências cronológico-culturais do vale do Cávado entre os finais do III e os meados do I milénios a.C. Distingue três grandes momentos: (1) a Idade do Bronze, onde inclui o Bronze Inicial e o Bronze Médio, situado entre a transição do III para o II milénios a.C. e o último quartel do II milénio AC; (2) a Idade do Bronze Final, entre o final do II milénio (cerca de XI a.C.) e o século VI AC; e (3) a fase de transição Idade do Bronze Final/Idade do Ferro, situada entre o século VI a.C. e o início do século IV a.C. Reconhece, contudo, que aquela área de estudo presencia momentos de ocupação que remontam ao Calcolítico e finais do Calcolítico/Idade do Bronze.

Para a Idade do Bronze observa a regular ocupação de vales e das proximidades de recursos metálicos (estanho) e não metálicos (sal). As sociedades viveriam de uma agricultura praticada nas vertentes baixas e em planícies utilizando o arado ligeiro, semeando cereais e leguminosas (conforme comprovam os ecofactos para o Bronze Médio), só possível num clima menos húmido e em solos menos pesados. Tal permite-lhe rejeitar, em concordância com Fábregas Valcarce (1995) e Fábregas Valcarce & Bradley (1995), o modelo de recessão económico-demográfico defendido por alguns autores (Ruíz-Gálvez Priego 1990, 1991, 1993, 1998; Fábregas Valcarce & Ruíz-Gálvez Priego 1994: 152-154; Calado 1993: 329-330, 350,

1998; Silva 1993). Segundo os dados polínicos, antracológicos e paleocarpológicos recolhidos no povoado da Sola Ila e Iib (Braga) e consentâneos com os conhecidos para o II milénio a.C. no Noroeste (Ramil-Rego 1993b; Ramil-Rego *et al.* 1996), defende a crescente degradação e antropização da paisagem, em especial, através de queimadas para a criação de pastagens para o gado. Admite uma reestruturação socioeconómica e simbólica assente na ocupação permanente do espaço, no correto aproveitamento das práticas agro-pastoris, na utilização de novos territórios com recursos mineiros, no maior controlo sobre vias de comunicação fluviais e na mutação das normas cognitivas e das condutas comunais relativamente à terra. Vinca o carácter raro do intercâmbio, provavelmente mais amplo com as Beiras e a Galiza, embora as cerâmicas do tipo *Cogoces/Cogotas* demonstrem contatos continentais, os machados de talão sem argolas e, eventualmente, o cobre, influências atlânticas, e o sílex e os objetos metálicos de filiação argárica (como as espadas), ligações mediterrânicas. Quanto às práticas funerárias³⁷ salienta a sua invisibilidade e aproximação aos povoados e a zonas de vale, revelando mudanças comportamentais das comunidades em relação à terra e às qualidades agrícolas desta. Assim, as tumulações praticadas em solo arável serviriam a apropriação e a fertilização simbólica dos territórios.

Para o Bronze Final, a par de povoados fixos de longa duração, localizados nas imediações de grandes vales e ocupados durante a Idade do Ferro, existiriam ocupações de curta/média duração que ocuparam em outeiros, colinas ou esporões adjacentes a terrenos agrícolas, áreas desocupadas antes da Idade do Ferro. Perante esta variedade contrapõe um modelo de povoamento diferente do de Martins (1990)³⁸. Tendo em conta a distribuição espacial plural observada, defende a hierarquia do povoamento de complementaridade sazonal, em que parte das populações se deslocariam de povoados fixos para povoados de vertentes ou vale. Vincando a inexistência, na Pré-História Recente, de espaços estritamente domésticos, percebe os povoados fixos imediatos a gravuras rupestres como centros simbólicos de poder, pertencentes a diferentes unidades político-sociais que, implementados nos cruzamentos de grandes vias de circulação, teriam perdurado para a Idade do Ferro³⁹. Refere indícios de efetiva sedentarização e de equilíbrio alimentar e demográfico, como resultado da intensificação e da

³⁷ Onde são comuns as formas cerâmicas troncocónicas, subcilíndricas, largos, médios e pequenos bordos horizontais e potinhos de pança carenada.

³⁸ Que enquadra os povoados denominados de tipo B e C, situados em contexto de vertente e vale, respetivamente, na Idade do Ferro, e apenas os do tipo A na Idade do Bronze Final.

³⁹ Salvaguarda a necessidade de confirmar esta hipótese recorrendo a "*estudos exaustivos dos conjuntos cerâmicos (em termos decorativos e formais) (...) existentes em cada hipotético território ideológico*" (Bettencourt 2000a: 83) que ensaia através dos polígonos de Thiessen.

complexificação económica facilitada pela estabilidade das atividades agro-pastoris⁴⁰ (com suporte polínico, antracológico, paleocarpológico e arqueozoológico) complementadas com a recolha, a caça e a pesca. Sublinha o peso do intercâmbio regional, praticado na sequência de deslocações para a recolha de recursos variados (estanho ou sal), e do aumento dos contactos suprarregionais⁴¹. A inclusão da bacia do Cávado numa rede suprarregional em contato com o Mediterrâneo e o Atlântico terá levado à adoção de novos costumes e originado uma nova geografia de poder.

O período de transição Bronze/Ferro parece demonstrar, ao nível dos povoados e da sua organização interna, grandes continuidades com o Bronze Final. Os resultados de estudos paleocarpológicos e antracológicos apontam para o incremento das práticas agrícolas, e os sinais de aumento do intercâmbio à distância são visíveis pela chegada de novos objetos, matérias-primas, técnicas e géneros⁴². Embora a maioria das inovações pareçam ser mediterrânicas, salienta a introdução de ligas metálicas ternárias, provavelmente oriundas do “mundo atlântico”, a par da continua produção de ligas de bronze. Paralelamente, parece ocorrer a diversidade de *itens* de adorno. O “empobrecimento” formal cerâmico é compensado com novas formas e com novas temáticas e técnicas decorativas, transparecendo condutas mais padronizadas.

Referindo-se às continuidades e às descontinuidades que observa para o Bronze Final e transição Bronze Final/Ferro Inicial, verifica a maior visibilidade dos fenómenos de longa duração comparativamente aos de temporalidade curta. Nos primeiros inclui os meios de subsistência, as técnicas agrícolas, as estruturas habitacionais e as estruturas associadas a contextos ideológicos e rituais, no quadro de crescente intensificação e complexificação económica. Nos segundos insere as formas cerâmicas, as técnicas e as organizações decorativas nelas presentes e a tecnologia e a morfologia dos objetos metálicos, critérios dos quais se socorre para as subdivisões que apresenta, visto que parecem representar alterações culturais.

Na senda do trabalho realizado até 1999, Bettencourt desenvolve, entre 2000 e 2006, o projeto intitulado “*A reconstrução da paisagem no Entre Douro e Minho desde meados do III a finais do II milénios AC*”. Assume, enquanto preocupação central, uma postura interdisciplinar

⁴⁰ Além de práticas agrícolas em planalto (plantação de centeio e de trigo) combinadas com as de vertente baixa/início de vale (semeia de milho miúdo, de favas, de ervilhas e de couves), admite a rotatividade entre espécies vegetais.

⁴¹ Através de “*artefactos de cerâmica, vidro, bronze e ferro; técnicas, como o método da cera perdida; rituais de enterramento, como o da cremação e a eventual adopção da arte ‘galaico-portuguesa*” (Bettencourt 2000a: 83).

⁴² Como a azeiteira, cuja introdução terá melhorado significativamente o sistema agro-pastoril.

face à investigação até então efetuada para o Noroeste de Portugal. Como objetivo geral propunha-se testar as hipóteses equacionadas para a bacia do Cávado à área mais alargada do Entre Douro e Minho, principalmente, às bacias dos rios Ave e Lima, e enquadrar os resultados obtidos no contexto do Noroeste peninsular entre os III e II milénios a.C. Deste estudo resultou um conjunto de artigos relativos aos sítios escavados e a trabalhos de síntese (Bettencourt *et al.* 2002a, 2002b, 2002c, 2003a, 2003b, 2003c; 2004; 2005). A equipa que liderou conseguiu, ao abrigo deste projeto, (1) detetar e estudar novas estações arqueológicas no quadro da fase fito-climática sub-Boreal, nomeadamente do Calcolítico, do Bronze Inicial e do Bronze Médio; (2) inferir a existência de um povoamento sedentário, ligado a atividades agro-silvo-pastoris consolidadas e ao início da degradação sistemática do coberto vegetal, a partir da Idade do Bronze Médio; e (3) perceber um mundo tumular do Bronze Inicial mais diversificado e complexo do que o até então proposto, corroborado com evidências tumulares datadas do Bronze Médio. Paralelamente, publica artigos sobre a evolução paleoambiental do período que abarca o do Bronze Inicial e Médio do Noroeste peninsular (Bettencourt *et al.* 2007; Figueiral & Bettencourt 2004; 2007). Além deste trabalho conjunto, apenas se conhecem mais três textos sobre estações da Idade do Bronze do Noroeste de Portugal e que apresentam perfil monográfico. Referimo-nos aos trabalhos de Almeida & Fernandes (2007, 2008) e de Almeida *et al.* (2008) concernentes ao sítio de Cimalha, em Felgueiras.

Relativamente ao Noroeste peninsular destacam-se, ainda, as dissertações de doutoramento de Parceró Oubiña (2002) e de González Ruibal (2006/2007). Embora sejam trabalhos que abarcam essencialmente a Idade do Ferro do Noroeste peninsular, têm especial relevância para este trabalho pela abordagem que apresentam à Idade do Bronze.

Parceró Oubiña (2002) é particularmente interessante por denotar influências processualistas cognitivas. No que denomina a primeira fase da Idade do Ferro, desenvolvida entre os séculos VIII e VI a.C., de Ferro I, ter-se-á dado a rutura dos sistemas de comunicação semimóveis vigentes na Idade do Bronze, tornando-se os povoados permanentemente mais fixos e monumentalizados, implicando força de trabalho coletivo e acentuadas mudanças na paisagem. Com base nestes fatores considera que os grupos humanos se passam a relacionar de forma diferenciada com o meio e entre si. Falar de “castros” com ocupações desde o Bronze Final é valorizar em demasia continuidades relacionadas com aspetos formais e decorativos das produções oleiras e metalúrgicas, defendendo que é conceber “*una forma de periodización basada en presupuestos puramente tecnológicos y linealmente evolucionistas, según los cuales*

las transformaciones históricas se derivan de determinado conjunto de innovaciones tecnológicas" (Parcero Oubiña 2002: 143). Identifica, no entanto, continuidades com a fase antecessora, tal como o perdurar de algumas formas cerâmicas e de tecnologias agrícolas em geral. Estas últimas, ainda de reduzida intensidade, testemunham por esta altura a introdução do milho e a consequente duplicação das colheitas anuais, contribuindo para a melhoria do nível de vida. No entanto, as práticas agrícolas rudimentares desta fase apresentam, ainda, muitas semelhanças tecnológicas com as da Idade do Bronze. O povoamento do Bronze Final identificado na área galega, embora escasso, ocupa preferencialmente zonas altas, nas imediações de solos ligeiros e bem drenados e de terrenos com bons pastos. Referindo os trabalhos de Fernando Criado Boado e de Manuel Santos Estévez (Santos Estévez & Criado Boado 1998, Santos Estévez 1998, Criado Boado 2000) que associam petróglifos datáveis da Idade do Bronze às zonas de acesso a esses locais elevados ocupados com povoados, que funcionariam como delimitadores territoriais de diferentes comunidades, verifica que o povoamento do Ferro I desta área se parece distribuir pelas imediações das gravuras, encontrando-se, na generalidade, a menos de um quilómetro destas. Assim, defende a estreita relação entre os locais ocupados durante o Bronze Final e o Ferro I com base na manutenção do modo de operar e das tecnologias rudimentares, embora as comunidades do Ferro I se encontrassem na eminência de conquistar definitivamente as terras férteis de vale.

Já González Ruibal (2006/2007) abarca o I milénio AC do Noroeste Peninsular defendendo a sua tripartição cronológica em três fases: a Fase I⁴³, entre cerca de 1000 a.C. e 400 a.C.; a Fase II, entre cerca de 400 a.C. e 125/100 a.C.; e a Fase III, entre 125/100 a.C. e 50/75 a.C.. Porque o autor propõe a transição Bronze Final/Ferro Inicial para os séculos IX e VIII a.C., interessa abordar a primeira fase. Sustentando a homogeneidade e a continuidade para essa etapa⁴⁴, vinca as semelhanças entre o Bronze Final e o Ferro Inicial ao nível de morfologia dos assentamentos, da cerâmica e de alguns objetos metálicos (como machados, punhais, etc.). Contudo, diferencia a Idade do Bronze da Idade do Ferro verificando: a vulgarização da monumentalidade dos "castros"; a expansão do modelo castrejo de organização do território (sendo a Fase Ia restringida ao Noroeste português a Sudoeste galego); o desaparecimento dos povoados abertos associados à zona de planície; a generalização da metalurgia do ferro e, por

⁴³ Nesta etapa inclui uma fase avançada do Bronze Final e toda a Primeira Idade do Ferro, que divide em duas outras fases: a Fase Ia, contendo o Bronze Final II/III, entre cerca de 1000 a.C. e 825/800 a.C., e a Fase Ib, abrangendo já a Primeira Idade do Ferro, entre cerca de 825/800 a.C. e 400 a.C..

⁴⁴ É essa continuidade que tem "*llevado algunos investigadores portugueses a hablar de Bronce Final hasta el siglo V a.C.*" (González Ruibal: 67). O Ferro Inicial inicia entre os séculos X-IX a.C., pois antes dessa data não se conhecem povoados com formas de fortificação e de monumentalização pioneira.

fim, a introdução de novos tipos de armamento e de mudanças sociais significativas. Percebe os povoados fortificados surgidos durante o II milénio no quadro de um fenómeno que não parece afetar mais do que marginalmente o Noroeste peninsular durante o Bronze Final, uma vez que, de forma geral, toda a região “*permaneció poblada por pequeñas aldeas escasamente estables (...), [numa] paisaje de aldeas abiertas*” (González Ruibal 2006/2007: 77) que se terá desenvolvido desde o Neolítico até, pelo menos, ao século VIII a.C. Será durante a transição do II para o I milénio AC que surgem os elementos destoantes nessa paisagem homogénea: são fundados, no topo de alguns montes do Norte de Portugal e do Sul da Galiza, povoados delimitados, alguns dos quais que, nos finais do Bronze, incluem estruturas defensivas de monumentalidade considerável, desencadeadas por profundas alterações na forma das populações perceberem e se relacionarem com a paisagem. Rejeita as propostas cronológicas de transição Bronze Final/Ferro Inicial situadas entre os séculos V-IV AC porque confeririam ao Noroeste peninsular características singulares comparativamente ao restante cenário europeu ocidental⁴⁵. Outro problema, presume, tem que ver com os materiais tipologicamente enquadráveis na Idade do que aparecem em alguns “castros” do Noroeste Bronze (machados, foices, pontas de lança, punhais, etc.) e que se encontram datados por radiocarbono entre os séculos VIII-V a.C. A presença destes artefactos nesses contextos não deverá enquadrar esses povoados no Bronze Final mas antes no Ferro Inicial. Ao nível da exploração do meio defende a significativa intensificação das atividades produtivas, principalmente das práticas agrícolas⁴⁶, e um paralelo e crescente processo de desflorestação. Neste cenário, a intensificação da agricultura teria levado, a partir do I milénio a.C., a um estado de conflito permanente por posses de terras de aptidão agrícola. A par destas atividades, a maior sedentarização terá instaurado a violência generalizada, originando a construção de povoados de altura muralhados, quadro que situa no Ferro Inicial. Isto porque, durante o Bronze Final, os povoados de topo seriam ainda escassos e detentores de estruturas defensivas limitadas. Explica, lembrando premissas da Nova Arqueologia funcionalista, a consolidação dos “castros” um pouco por todo o Noroeste através da pressão demográfica e da crescente rivalidade e conflito pela posse de terras agricultáveis. Propõem para o que apelida de Bronze Recente e Bronze Final (entre 1400 e 800 a.C.) a existência de “aldeias abertas”, no âmbito de uma certa indefinição cronológico-cultural. Considera que estas “aldeias”, tradicionalmente de meados do II

⁴⁵ “*Sería extraño que una zona tan integrada desde antiguo en las corrientes europeas, como el Noroeste ibérico, dejase de entenderse en términos de historia europea durante la Edad del Hierro*” (González Ruibal 2006/2007: 78).

⁴⁶ Suporta tal incremento com o aparecimento de sítios com fossas, exemplificando com o que considera ser o povoado dos Granjinhos, em Braga, o qual, contudo, nunca foi referido como tal.

milénio AC, demonstram indícios de agricultura e a restrição de algumas práticas: “*la metalurgia, desde inícios del I milénio, se concentrará en los lugares elevados, mientras que poblados del Bronce del Noroeste (...) ofrecen abundantes muestras de trabajo metalúrgico*”⁴⁷ (González Ruibal 2006/2007: 81-82). Socorrendo-se de alguns exemplos⁴⁸, em especial da zona de Baião, onde entende os povoados de altura fortificados como um fenómeno precoce, associa a presença de estruturas do tipo fossa ao incremento da agricultura. Parece colocar de lado, nem que por breves momentos, a existência deste tipo de estruturas em contextos diferentes (necrópoles ou depósitos, por exemplo) e em períodos anteriores (Neolítico ou Calcolítico). A intensificação da agricultura será o produto de transformações tecnológicas, como a generalização do uso do arado e de técnicas de estrumagem, da aplicação de utensílios em bronze, da rotatividade de terrenos e de novas culturas. Além disso, refere ainda que a utilização de machados nas práticas agrícolas⁴⁹ e na desflorestação revela maior antropização do meio e uma agricultura mais sedentária. Como tal, refere a coincidente presença destes utensílios na zona das Rias Baixas (Galiza) e em áreas conectáveis com terras aráveis, a par da sua ausência nas áreas de montanha. Refere que a introdução generalizada da *Vicia faba*⁵⁰ no Noroeste, a partir dos finais do II milénio AC, terá sido crucial para a sedentarização das populações, uma vez que permitiu a rentabilização e utilização mais prolongada dos solos⁵¹. Além disso, a presença de fossas nos povoados (que considera ser uma mudança tecnológica), o incremento da agricultura, a introdução de cultivos mais rentáveis e o aumento da produção de objetos metálicos de tipo agrícola durante o Bronze Final terão tido “*un papel importante en la concentración de capital económico por parte de los grupos dominantes*” (González Ruibal 2006/2007: 89).

⁴⁷ São conhecidos sítios no Noroeste português que não se enquadram nestes lugares elevados, como o Pego (Braga) e o Corgo (Vila do Conde), na bacia do rio Ave, ou a Santinha (Amares), na bacia do rio Cávado, e nos quais foi possível identificar indícios de práticas metalúrgicas.

⁴⁸ Refiram-se as diacronias de ocupação e mesmo as tipologias de alguns dos exemplos referidos pelo autor. O sítio da Bouça do Frade (Baião) parece ter, indubitavelmente, uma origem situada entre o Bronze Antigo ou Bronze Médio (Jorge 1988a), referindo a autora que “*o mesmo tipo de recipientes foi encontrado no povoado da Bouça do Frade (...), desde, pelo menos, a fase intermédia até ao final da sua ocupação (meados do 2º até inícios do 1º milénio a.C.)*” (Jorge 1996/1997: 85). Em Tapado da Caldeira (Baião) há a menção a “*4 sepulturas sub-rectangulares e uma fossa de planta e perfil irregulares*” (Jorge 1980a: 31; 1980b); levanta-se a dúvida quanto ao considerar este sítio apenas como um povoado. Monte Calvo (Baião) parece deter ocupação mais antiga, remontando, talvez, ao Bronze Médio e não ao Bronze Final (comunicação pessoal de A. M. S. Bettencourt). Já o Monte de S. Bento (Braga) não se situa em zona quase de planície, bem como as “fossas” de Granjinhos (Braga) se tratou de uma qualquer confusão. Os sítios da Regueira (Ponte de Lima) e de Castelo de Fraião (Viana do Castelo) deterão também uma ocupação anterior à mencionada, destacando-se o segundo que remontará, possivelmente, ao Calcolítico (comunicação pessoal de A.M.S. Bettencourt).

⁴⁹ Analogia etnográfica com comunidades africanas que faz corresponder diferentes tipologias de machados a práticas em diferentes “nichos ambientais”: em planícies, dada a menor desflorestação, recorre ao uso de machados planos, mais leves; na montanha, a crescente desflorestação leva ao uso de utensílios pesados, como os machados de alvado.

⁵⁰ Rejeita a rotação entre a cultura de fava e cereal no mesmo campo, tanto pelas quantidades dispareas que cada uma implica como pela circunscrição da semente de leguminosas às terras de vale e de cereais às áreas de montanha, propondo a rotatividade de cultivo no mesmo terreno entre favas e milho.

⁵¹ O uso da fava ampliou a dieta alimentar e incrementou a planta de hortas nas imediações dos povoados. A introdução dos cereais permitiu semear/colher duas vezes por ano e a sua generalização ter-se-á dado sobretudo durante a transição Bronze/Ferro do autor. Como o milho, chegaram ao NO através da “*serie de elementos culturales que viajan a través de las rutas atlánticas*” (González Ruibal 2006/2007: 89).

2.2.4. A Emergência do paradigma pós-processualista

O despontar do Pós-processualismo relaciona-se com a vontade de cortar epistemologicamente com os discursos que, até aos finais da década de 80 do século XX, caracterizaram a Arqueologia. Será inadequado assumi-lo como uma corrente teórica uniforme, já que isso desvalorizaria a sua pretensão em privilegiar a pluralidade de opiniões e a diversidade interpretativa que lhe é tão própria.

De uma maneira geral esta corrente pode ser caracterizada segundo dois vetores principais. Por um lado, a abordagem que intenta chegar, através do estudo dos vestígios arqueológicos, a modelos explicativos que permitam o conhecimento do passado mas que, no entanto, não se esvaziem em narrativas universais, homogêneas e positivistas. Por outro, a postura autocrítica e introspetiva assumida sobre a operacionalidade dos conceitos que vão sendo criados e aplicados ao longo do discurso arqueológico. O Pós-processualismo considera, também, a forma como a Arqueologia opera na sociedade contemporânea e como esta influencia o próprio raciocínio. Por esse mesmo motivo é hoje genericamente aceite que o seu conhecimento reflete, igualmente, o ambiente sociopolítico, económico e mesmo, em alguns casos, simbólico, em que as “narrativas” são criadas. Mais importante do que isso, combate as leis universais, o positivismo exacerbado, a crença de que o conhecimento é imparcial e os modelos de evolução cultural lineares, exigindo uma maior aproximação às Ciências Sociais e Humanas e defendendo a necessária interdisciplinaridade criteriosa.

Tanto pela resistência a esta forma de pensar em Arqueologia, por parte de alguns investigadores, como pelo desfasamento que Portugal continua a revelar em algumas áreas do saber, comparativamente à restante Europa, no contexto do Norte e do Noroeste português a primeira metade da primeira década do século XXI mostra já a introdução deste paradigma em sínteses da Idade do Bronze. É adotada, por docentes de Pré-História Recente das Universidades do Porto e do Minho, uma postura interpretativa sobre o conhecimento onde se denota a influência do pensamento arqueológico anglo-saxão. Entre alguns dos autores de referência destacam-se Richard Bradley, John C. Barrett, Christopher Tilley, Julian Thomas ou Ian Hodder. Os objetivos da investigação deslocam-se para questões relativas aos lugares onde se promoveu e negociou o poder e a identidade social, valorizando-se crescentemente o papel simbólico das arquiteturas, dos cadáveres e da morte, das gravuras rupestres, dos depósitos, das matérias e dos espaços “naturais” e de determinadas características físicas.

Incluem-se nesta etapa, ainda que com perfil paradigmático transitório, os trabalhos de Jorge (1999), Jorge & Jorge (2006) e de Bettencourt (2008, 2009a, 2010a, 2010b, 2010c), entre outros.

Jorge (1999), abrangendo o período entre os VI e o II milénio AC, evita as nomenclaturas e as divisões periódicas tradicionais, apresentando um faseamento que não se baseia na sobrevalorização da monumentalidade dos sítios ou nos indícios de uma “economia produtora” mais ou menos desenvolvida. Desconstrói as ideias preconcebidas de que a monumentalidade arquitetónica na paisagem equivale a complexificação social e que a sua ausência reflete “*organizações sociais mais embrionárias*” (Jorge 1999: 10), assim como que o controlo das trocas de objetos metálicos, por parte de segmentos de algumas sociedades, teria levado à estabilidade de alguns grupos sociais e a lideranças assentes em chefaturas. Defende, pelo contrário, contactos de pequena escala e circunscritos, servindo processos de ostentação ligados a regimes de autarcia.

Comparativamente a períodos anteriores, a partir da Idade do Bronze as práticas funerárias pautam-se pela modéstia construtiva, denotam pouco investimento laboral e, acima de tudo, grande heterogeneidade. A partir de meados do III e inícios do II milénios AC parecem dar-se algumas alterações: as inumações individuais são acompanhadas por espólios padronizados, revelando alterações nas organizações das elites, nomeadamente, pela escolha de áreas de vale e nas proximidades de povoados como locais preferenciais para a construção destas estruturas e, também, pela capacidade de controlar as trocas de objetos raros através da sua inclusão nos mobiliários funerários. As diversas manifestações mortuárias do período de transição do Calcolítico para a Idade do Bronze parecem, de qualquer forma, demonstrar que a sua manipulação terá servido a legitimação do poder dos chefes locais e o controlo das terras e do trabalho nelas investidas.

A Arte Atlântica, produzida entre os III e II milénios AC, teria uma “*função estruturante de promover e sustentar o prestígio, em ascensão, de novos chefes locais*”, assistindo a delimitação dos novos territórios recorrendo à representação de símbolos de ostentação que, no quadro de crescentes tensões sociais, tornaram os “santuários rupestres” nas “*novas arenas de afirmação e disputa social*” (Jorge 1999: 93).

Aos recintos monumentais, construídos a partir dos finais do IV e inícios do III milénios AC e, em muitos casos, reutilizados até à Idade do Bronze sob uma polimorfia arquitetónica característica e multifuncional, associa o “*controlo do acesso à terra e ao seu trabalho*”. No

quadro de uma ocupação cada vez mais constante e circunscrita da terra teriam funcionando como “*«marcadores» espaciais das primeiras paisagens irreversivelmente agrárias*” (Jorge 1999: 104).

O fenómeno das deposições de objetos metálicos parece denunciar duas realidades: se durante o Bronze Antigo são claras as afinidades estilísticas atlânticas, predominando os adornos em ouro, a partir do Bronze Médio, a par destas, os materiais revelam influências mediterrânicas. A intensificação dos intercâmbios de cariz suprarregional durante a etapa inicial da Idade do Bronze deixa transparecer “*novos pactos sócio-políticos entre territórios*”, independentemente de romperem com o poder “tradicional” ou de o integrarem numa “*nova cenografia*” (Jorge 1999: 108).

O povoamento do Bronze Antigo e Médio parece revelar “*redes hierarquizadas que invadem, de forma sistemática, áreas até então não ocupadas permanentemente*” (Jorge 1999: 109-112). Este processo, iniciado durante o IV e largamente incrementado no III milénios AC reflete, ao longo dos inícios da Idade do Bronze, a existência de comunidades sedentárias vivendo de práticas agrícolas cerealíferas e pastoris, em que a metalurgia do cobre ainda não deteria “*um peso social determinante na afirmação das novas elites*”⁹² (Jorge 1999: 113). Pautados por menor monumentalidade visual, pela proliferação do uso de materiais perecíveis e no âmbito de um povoamento “*mais organizado e denso*”, questiona a razão que leva alguns autores a defender estes sítios como o espelho da “*emergência de uma certa segmentação social correlativa de maior mobilidade e menor competição intercomunitária*” (Jorge 1999: 113).

Resumindo, a autora defende que: a partir do IV milénio AC cresce o controlo do acesso à terra; a intensificação económica parece relacionar-se com a introdução de novas tecnologias agrárias (concretamente, do arado ligeiro, da ovelha e do boi), levando a uma crescente sedentarização; a produção de excedentes, controlada pelas elites em troca de proteção, levou à constituição de “*paisagens fechadas*” em regime de autarcia; os locais “*da morte*” perdem visibilidade mas não a complexidade, pois há uma diversidade de manifestações e de ritos funerários; os novos cenários sociais plurifuncionais e multiarquitetónicos, os recintos monumentais, serão o “*emblema mais visível da tensão social intercomunitária destes regimes arcaicos de autarcia*”, presentes “*num território cada vez mais centrado*” (Jorge 1999: 115-116); apesar das descontinuidades os dados parecem estar a favor de um “*processo global de afirmação de pequenas comunidades agrárias*” (Jorge 1999: 116); a progressiva deslocação do

⁹² Uma vez que a metalurgia do bronze apenas surge a partir da Idade do Bronze Médio.

poder⁵³ para os contextos funerários, para as representações de gravuras rupestres ou para os depósitos, locais sem visibilidade arqueológica e diferentes dos comuns marcadores monumentais tradicionais na paisagem, ocorrida entre finais do III e inícios do II milénios AC, talvez pela necessidade de conter a instabilidade social crescente – resultante do fortalecimento das elites locais com a acumulação e a ostentação de *itens* metálicos raros, originários de intercâmbios supra-alóctones; ao nível material e estilístico verificam-se diferenças que, a uma escala ampla, revelam “*grandes redes territoriais com trajectórias autónomas e específicas (...) [que sugerem] a construção de compromissos sócio-políticos entre grupos com diferentes tradições culturais*” (Jorge 1999: 118)⁵⁴.

Finalizando, relativamente à problemática distinção simplista entre funções rituais e domésticas, contesta a sua aplicabilidade às comunidades da Pré-História Recente, pois “*todos os actos humanos e os cenários em que se desenrolam estão sempre impregnados de significações que são sempre codificadas e susceptíveis de transmitirem mensagens simbólicas mais ou menos complexas*” (Jorge 1999: 120). Quanto à suposta invisibilidade funerária do II milénio AC, repetidamente utilizada como indicador processualista favorável à baixa complexidade social e à estagnação económica, refere que o tendencial e global desaparecimento dos espaços monumentais construídos, perdurantes no interior português sob algumas transformações, é acompanhado pelo reposicionamento dos sepulcros, pela introdução de novos tipos de inumação e pela deposição de novos objetos.

Na síntese da Pré-História efetuada para a região do Douro, Jorge & Jorge (2006) criticam os modelos cronológicos e taxonómicos baseados em pressupostos tecnológicos que apenas consideram parte das variáveis. Comparativamente a períodos anteriores defendem a paulatina e crescente fixação territorial da área a partir do Neolítico Médio, perceptível pela ocupação de novos territórios e pela “domesticação” da envolvente ambiental. O meio ambiente, mais florestado que atualmente graças ao clima e à geomorfologia imperante na Península, permitiu aos grupos humanos usufruir de variados recursos animais e vegetais, recorrendo a práticas cinegéticas e recolectoras. Dispersas em pequenos aglomerados, as populações desenvolveram práticas agrícolas socorrendo-se, a início, da enxada ou do arado ligeiro para trabalhar solos férteis de reduzida espessura. Estas atividades, complementadas com práticas

⁵³ Esta transferência parece ligar-se à maior aproximação entre povoados, necrópoles, arte rupestre e campos de cultivo/pasto e à gradual ausência da agora desnecessária monumentalidade construtiva, uma vez que o controlo do acesso aos novos territórios é conseguido por chefados que regulam as comunidades com um “*sistema tributário de escala pequena e média*” (Jorge 1999: 118).

⁵⁴ O litoral Centro e Norte denotam tendencial filiação atlântica, o interior Norte e Centro ligações continentais com a Península e o Sul estaria mais aberto às influências mediterrânicas.

pastoris desenvolvidas em terrenos montanhosos, disponibilizavam os grupos humanos para a mobilidade, seguindo as vias naturais bem conhecidas desde longa data, culminando no contacto com outras comunidades vizinhas e na aquisição de um forte conhecimento dos recursos disponíveis e de novas ideias. Contrariamente ao que defendem determinados modelos economicistas, estas comunidades, detentoras de arquiteturas pouco monumentais (predominantemente percíveis e ocupando lugares naturalmente abrigados com alguma visibilidade sobre os terrenos circundantes) e de fronteiras físicas mal definidas, não centrariam no seu diário apenas o habitat e os recursos. Embora os escassos dados não o permitam entender com clarividência, os seus mapas cognitivos integrariam espaços mais amplos nos quais as diferentes sociedades negociariam, cooperariam e competiriam entre si. As fronteiras e as marcações territoriais efetivadas desde o Neolítico, sobretudo através da construção de monumentos funerários e de “santuários” rupestres (incluindo motivos esquematizados de interpretação e cronologia difícil de determinar, alguns utilizados durante largas diacronias), por vezes implementadas em áreas que não se relacionam diretamente com habitats permanentemente ocupados, indiciam a “marcação” do território com signos e símbolos adjacentes à cosmovisão do espaço vivenciado, desde os vales aos cumes montanhosos. Como tal, o espaço conhecido parece ultrapassar o meramente utilizado para as tarefas de subsistência quotidianas. A caça, a pesca, a recolção, a agricultura e a domesticação de ovicaprinos complementada, mais tarde, com a de bovinos e de suínos, seriam bases económicas primordiais, com destaque para: a sementeira do trigo e da cevada, incluindo espécies mais tolerantes às grandes variações térmicas e, eventualmente, do centeio e de algumas espécies de leguminosas; a desflorestação, por queimada ou por corte, visando a obtenção de terrenos agrícolas e pastoris; o trabalho de solos leves e, com a introdução da tração animal e de novas tecnologias, de solos mais pesados, fatores que não foram alheios ao aumento demográfico; e o aumento dos farináceos nas dietas alimentares, testemunhado pela assídua presença de mós graníticas. Além destas atividades, realçam o valor das práticas transformadoras como a tecelagem, a olaria e a metalurgia. Não poupam críticas, no entanto, ao modelo da *Revolução dos Produtos Secundários* de Sherratt (1981, 1983) propondo, para a área peninsular em concreto, um processo paulatino e muito próprio, bastante diferente do defendido para o Próximo Oriente.

Para estes autores, entre o Calcolítico e o Bronze Médio, ao nível tecnológico e económico, não parecem ocorrer grandes mudanças no quotidiano básico das populações

circum-durienses. A agricultura de subsistência e a pastorícia, completadas com outras atividades de exploração do meio, expande-se de solos leves para solos pesados, utilizando a mão-de-obra oriunda do modesto crescimento demográfico. Contudo, parecem verificar-se sérias mudanças ao nível da organização social, ideológica e das relações com o território, principalmente ao nível arquitetónico e simbólico (dada a escassez de dados disponíveis de foro ambiental e económico). Os autores não perdem oportunidade para sublinhar que do “registo arqueológico” apenas sobressai o mais evidente, pelo que a pouca informação conhecida solicita interpretações convenientemente fundamentadas. Para o que consideram Bronze Antigo e Médio sustentam a continuada utilização de muitos dos locais conhecidos do Calcolítico, não excluindo descontinuidades que as análises mais pormenorizadas consigam identificar: o reaproveitamento de espaços sepulcrais megalíticos, durante a primeira metade do II milénio AC, recorrendo à construção de estruturas funerárias pouco monumentais (como exemplificam com a Serra da Aboboreira) ou à reutilização de lugares de importância ancestral, sem contudo alterar significativamente a sua arquitetura mas conferindo, com certeza, novos sentidos (como Castelo Velho de Freixo de Numão). A estátua-menir encontrada em zona de vale em Longroiva, Meda, poderá ter servido a marcação de um ponto de passagem ou de divisão territorial; mais concreta poderá ser a sua interpretação, tendo em conta a indumentária bélica, que defendem como sendo a representação de uma personagem guerreira, quiçá um chefe. Verificam, desta forma, alterações nas simbologias representadas que passam a valorizar o masculino em detrimento do feminino, com a tónica nas características ímpares das personagens míticas importantes. Tal iconografia serviria para repelir os intrusos e para proteger o território que, ao contrário das necrópoles ou das arquiteturas monumentais de outros tempos, se deslocam da periferia para o coração dos territórios férteis ocupados. Assim, paralelamente, propõem o acentuar da hierarquização social através da substituição da monumentalidade arquitetónica pela iconografia simbólica. A agricultura praticada em solos mais pesados, com a adoção da tração animal, parece suportar a intensificação económica, a estruturação organizacional e densificação do povoamento. A presença de fossas-silo e de cerâmicas do tipo Cogeces revelam contactos com o interior peninsular mesetanho. Questionam a permanência das representações de gravuras rupestres esquemáticas, segundo a técnica da martelagem, talvez paulatinamente preterida pela abrasão, que permitiria gravar signos com contornos mais finos. As peças metálicas excecionais, como as espadas ou as lúnulas, proviriam de pactos sociopolíticos ou de intercâmbios suprarregionais celebrados entre elites. A perda de visibilidade arquitetónica das estruturas

funerárias, perpetrada com sepulcros mais baixos sem *tumulus*, provavelmente para inumações individuais e contendo, por vezes, ourivesaria ou objetos metálicos – peças detentoras, com certeza, de um elevado valor simbólico –, consolidariam os diferentes estatutos sociais. Algumas destas estruturas fúnebres eram acompanhadas de outras contendo apenas oferendas e formando, por vezes, aglomerados afastados dos locais da vida quotidiana. No entanto, algumas exceções que aproximam o mundo dos vivos ao mundo dos mortos. Os autores vincam, ainda, as interpretações erróneas resultantes da análise de escassos dados, onde impera a parca visibilidade das evidências. Concretamente, as que sustentam a estagnação económica, cultural e social, visto que os “*fenómenos de consolidação (...) deixam, por natureza, menos indícios, porque o que se pretendia era a manutenção de um status quo, e não a sua mudança*” (Jorge & Jorge 2006: 161-163).

Já o Bronze Final, considerado como fase transitória da Pré-História Recente para a Proto-História, tem sido explicado com base em diferentes fundamentos. Mais uma vez, os autores relacionam a falta de dados disponíveis com a reduzida investigação e, também, com o facto de muitos dos sítios ocupados durante o Bronze Final, perdurantes para a Idade do Ferro, não se encontrarem devidamente estudados. Criticam os modelos explicativos tendencialmente histórico-culturalistas de Harrison & Mederos Martín (2000), cujo pendor economicista e a preponderância atribuída a elites consolidadas através da acumulação de riqueza relembram a aplicação do conceito de Bronze Atlântico. Referem as deposições de objetos em bronze (armas, adornos, *itens* de prestígio associados a elites) e de joalheria em ouro e em prata e a gravação de simbologias guerreiras e masculinas nas estátuas-menires e/ou estelas como práticas emergentes. Em relação às práticas funerárias referem que as sepulturas conhecidas no Norte de Portugal para esta fase pertencerão a uma minoria privilegiada: além de não monumentais, revelam larga heterogeneidade e “*uma certa ideia de complexidade de práticas de manipulação dos restos funerários*” (Jorge & Jorge 2006: 170). Referem, também, que a par dos pequenos *tumuli* integrando necrópoles pré-existentes surgem estruturas de culto que, embora denotem uma relação próxima, não são especificamente funerárias. Vincam a provável coexistência de ritos funerários de inumação e de cremação e, a par destas, de “oferendas” celebradas em antigas necrópoles ou em áreas de habitat que incluem amiúde vasos cerâmicos (algumas das quais talvez servindo de urnas). Quanto às estátuas-menir com figurações de armas longas encontradas no Norte português, infelizmente carentes de contextos bem definidos, situam-nas numa fase avançada da Idade do Bronze. Utilizadas como marcos territoriais para identificar as

populações locais, delineando zonas de passagem, representando personagens míticas que viram o seu estatuto confirmado pelas figurações bélicas ou demarcando os territórios onde eram sepultados os mortos, a representação de antropomorfos militares masculinos teria servido a afirmação pública. Questionam a existência de um verdadeiro modelo de hierarquia do povoamento para todo o Norte português (concretamente, para a zona da Serra da Aboboreira), embora assumam que alguns lugares parecem ter prevalecido aos demais. Lembrando o povoado de S. Julião, em Vila Verde, em pleno coração minhoto, mencionam o Castelo de Matos como monumento natural predominante na envolvente da Serra da Aboboreira. O denominador comum entre as diferentes áreas parece ser a ocupação de sítios elevados com domínio sobre a envolvente. No entanto, acham discutível aceitar um modelo de hierarquia semelhante ao proposto para o vale do Cávado por Bettencourt (1999), pois será necessário perceber “*se há variabilidade regional na articulação dos sítios de vale com os de altitude*” (Jorge & Jorge 2006: 178).

Certo é que a diversidade ambiental da região duriense e dos respetivos recursos disponíveis, como, aliás, de todo o restante Norte português, permite atribuir ao povoamento do Bronze Final um acentuado polimorfismo.

Bettencourt (2007, 2009a), sintetizando o Bronze da região do Minho, utiliza a tripartição que baseia nas alterações observadas, entre outros fatores, ao nível do povoamento, das práticas funerárias e dos papéis sociais dos cadáveres e da metalurgia: Bronze Inicial (meados do III milénio e os inícios do II milénio AC); Bronze Médio (grande parte do II milénio AC) e Bronze Final (entre os finais do II milénio e os séculos VII/VI do I milénio AC).

O Bronze Inicial evidencia, para a autora, a consolidação da metalurgia do cobre e da ourivesaria, atividades consideradas mágicas pelo facto dos objetos metálicos integrarem, quase exclusivamente, contextos mortuários ou de deposição, acentuando a sua excecionalidade e o seu valor simbólico. A metalurgia do bronze, uma nova tecnologia de fusão de dois metais adotada durante o Bronze Médio, está bem representada na produção de machados (utensílio ritualizado desde o Neolítico) e de braceletes. A sua dimensão social terá levado, inclusive, à sua inclusão nas novas manifestações rituais celebradas aos elementos naturais, concretamente, através da ocultação/amortização de materialidades em lugares de significado comunitário ímpar.

A partir do Bronze Médio as diferentes formas de perceção e de interação com o espaço mostram os lugares residenciais, mais sedentários e visíveis, como pontos de ordenamento

físico e simbólico do território. Os contextos e as práticas funerárias diversificadas, com predomínio das inumações em sepulturas planas, formam necrópoles imediatas a povoados e transmitem a perda da importância do defunto ao longo da Idade do Bronze.

No Bronze Final, os povoados localizados em esporões de altitudes médias, junto a bacias fluviais importantes, com ótimas condições de visibilidade sobre as terras circundantes e acessíveis a zonas baixas e altas sugerem uma nova estruturação espacial. A monumentalização de grande envergadura e o investimento coletivo observado em sítios como S. Julião, em Vila Verde⁵⁵ torna-se um processo raro durante o Bronze Final. A frequência deste local seria compatível com comemorações de sentido social e ideológico, onde decorreriam ações de integração e de manutenção de identidades comunitárias, talvez perpetradas por grupos com necessidade de negociar e de consolidar o seu poder⁵⁶. Desde o Bronze Final que teriam convergido a estes sítios, que operavam ao serviço da celebração e da territorialização do poder e da identidade, diferentes práticas e partilhas de experiências⁵⁷. De forma mais consolidada, existiria um povoamento complementar em interação com diferentes lugares naturais, no quadro de territórios física e ideologicamente partilhados. A intensificação das atividades metalúrgicas, acusando o crescimento de contatos e intercâmbios suprarregionais, e a generalização das práticas deposicionais de novos objetos metálicos (entre outros, de machados, de pontas de lança, de punhais, de braceletes e de caldeiros) revelam ações e conceções ideológicas inovadoras. A pluralidade de soluções arquitetónicas e de rituais funerários, embora cada vez menos evidente, relaciona-se, eventualmente, com o aumento do uso da inumação, com a perda de importância do cadáver em termos sociais e com a transferência dos atos comunais de promoção de identidade social para os novos cenários dos vivos, como os lugares naturais que incluíram deposições, os “santuários rupestres”, o interior de povoados (mais impressionantes na paisagem) e os recintos naturais monumentalizados. Por último, sublinha a multiplicidade de formas assumidas pela interação das comunidades com o território, destacando o Monte da Penha⁵⁸, em Guimarães, e o lugar paradigmático de Vale Ferreiro⁵⁹, em Fafe. Quanto aos “santuários rupestres” vinca o persistente uso e revisitação, durante toda a Idade do Bronze, de

⁵⁵ Refere-se à “excepcionalidade (...) da sua impressividade no (...) Bronze Final do (...) Noroeste português, da monumentalidade das [suas] arquiteturas (...), da percentagem de cerâmicas finas (...), do número de peças metálicas e de itens exóticos manuseados, [que, no conjunto, tornam] a sua interpretação como simples povoado (...) redutora” (Bettencourt 2009a: 108-109).

⁵⁶ Pelas construções monumentais, as deposições de punhais “Porto de Mós” no fosso, as taças carenadas, as urnas, um vaso trigeminado e os indícios de manipulação de caldeiros e de outros *itens* de exceção.

⁵⁷ Agro-pastoris, funerárias e práticas públicas relacionadas com o manejo de *itens* exóticos.

⁵⁸ Um lugar ativo durante longa diacronia que acolheu deposições de objetos metálicos e de cerâmicas em associação com determinados elementos naturais – como fendas, abrigos, grutas e nascentes.

⁵⁹ Onde se perpetraram práticas funerárias, durante a Idade do Bronze, entre outras atividades de difícil interpretação, nas imediações de dois túmulos denotando levado investimento arquitetónico.

locais com Arte Atlântica de ar livre, sujeitando-os a reutilizações e a reinterpretções que, em alguns casos, perduraram, senão posteriormente, até parte da Idade do Ferro⁶⁰. Estes lugares gravados terão constituído uma “*forma de integração do tempo mítico na cosmogonia das diferentes comunidades que ocuparam o território do Minho*” (Bettencourt 2009a: 107).

Paralelamente a estes trabalhos de síntese geral, Bettencourt (2008; 2009b; 2010a; 2010b; 2010c) tem desenvolvido uma série de artigos relativos ao papel social dos contextos funerários, das oferendas e dos cadáveres ao longo da Idade do Bronze do Noroeste peninsular.

Nestes defende genericamente as seguintes ideias: que a muitas das práticas funerárias de toda a Idade do Bronze correspondem materialidades; que existe, pelo menos durante o Bronze Inicial e Médio, uma diversidade de contextos, de arquiteturas e de práticas; que há a coexistência de ritos de cremação e de inumação desde os inícios da Idade do Bronze, sendo mais comum o último; que, principalmente durante o Bronze Inicial, alguns cadáveres continuam socialmente ativos como agentes religiosos e de referência memorial de identidades coletivas; que os enterramentos detentores de oferendas excepcionais, durante o Bronze Inicial, poderão relacionar-se com sistemas religiosos e sociais que legitimavam, através da mitificação de determinados personagens, a ocupação de novos territórios ou a reocupação de outros; e que, da mesma forma, as reutilizações de monumentos megalíticos datadas do Bronze Inicial e Médio, controlariam o passado e as memórias das personalidades ancestrais ali enterradas, servindo assim as novas ordenações simbólicas e ideológicas.

Rejeita as explicações processuais com recorrência a príncipes, a varões ou a chefes e a existência de chefados para o Bronze Inicial, já que as restantes evidências parecem não corroborar, para o Bronze Médio, a expressiva hierarquia social. Contrariamente, o que observa no Bronze Médio é o desaparecimento quase abrupto das oferendas nos contextos funerários do Noroeste, tornando-se estas ausentes ou muito padronizadas e comedidas, o que parece revelar poucas distinções sociais.

Quanto àqueles lugares “construídos” e utilizados, entre o Calcolítico e o Bronze Final, que incluíram práticas mortuárias (manifestamente afastados de contextos habitacionais e associados a “acidentes” naturais impressionantes na paisagem), que incluem escassos enterramentos de cada fase percebe-os como “*cenários de exceção e de grande carga mítica para as comunidades que (...) apenas excepcionalmente [os] frequentariam*” (Bettencourt 2008:

⁶⁰ Salienta o *locus* de Breia (Viana do Castelo) que demonstra “*utilização calcolítica*” e incorporara gravuras “*de cavalos e de símbolos presumivelmente representativos de rodas*” (círculos segmentados) enquadráveis na Idade do Bronze, pela altura em “*que a domesticação deste animal se vulgariza na Europa*” (Bettencourt 2009a: 108).

20). Talvez sujeitos a restrições mágico-simbólicas de acesso, por parte dos agentes sociais que os controlaram, situação concordante com o seu caráter religioso, estes sítios incluem túmulos de elevada complexidade arquitetónica, por vezes com oferendas, que mitificariam os indivíduos ali enterrados, projetando a transmissão de memória social⁶¹ que, numa aproximação ao trabalho de Thomas (1996), denomina de “*experiência de lugar*”⁶². Mais do que simples necrópoles⁶³, seriam lugares de consagração aos mortos em que a deposição dos defuntos terá sido efetuada no âmbito de ritos complexos.

Para a autora, ocorrida a legitimação dos novos territórios ocupados no Bronze Inicial, durante o Bronze Médio parece dar-se a transferência da importância do papel concedido à morte para a vida, passando os mecanismos de identidade a basear-se nas linhas de descendência. Isto porque, genérica e gradualmente, observa que ao longo da Idade do Bronze a tendência é para as necrópoles se aproximarem às áreas de habitação, deixando paulatinamente a morte de ser um referente da memória social para passar a integrar o ciclo de vida diária dos vivos.

Articula os diferentes contextos e enterramentos com modos de vida agrícolas, pastoris e mineiros, com base no princípio de que comunidades culturalmente distintas têm diferentes modos de implicação e de perceção da paisagem (Bettencourt 2010a, 2010b): as sociedades essencialmente agrícolas e com maior sentido de pertença a terras aráveis terão edificado arquiteturas funerárias em áreas de vales ou de terrenos agrícolas, sem grande impacto na paisagem, em que contextos de fossa, sepultura plana e cista se congregaram em necrópoles e materializaram uma cosmologia ligada à terra e aos ciclos agrícolas; as comunidades tributárias de práticas pastoris e com modos de vida mais itinerantes teriam tumulado em zonas de montanha ou áreas acidentadas, longe das áreas residenciais; as comunidades ligadas à mineração parecem ter praticado tumulações intencionais, durante o Bronze Inicial, nos interiores das galerias de extração, talvez integrando oferendas a lugares que detinham grande importância mítica (Bettencourt 2008).

⁶¹ Foram praticadas nas suas imediações outras deposições e enterramentos em estruturas singelas que, ou não continham espólio funerário ou, quando o continham, era “discreto”.

⁶² “os agentes sociais que controlaram este[s] cenário[s] deverão ter imposto ritos e restrições (...) que (...) terão funcionado como mecanismos de poder ao serviço dos novos sistemas de manutenção do território e da nova ordem estabelecida” (Bettencourt 2008, 2009b: 133, 2010a; Bettencourt & Mejjide Cameselle 2008).

⁶³ Em Vale Ferreiro (Fafe) dois túmulos de maior “investimento arquitetónico” com mobiliário funerário excepcional foram bordejados com oferendas e enterramentos “satélite” de características “singelas”; em Agro de Nogueira (Melide), numa cista de maiores dimensões articulada com outras estruturas cistóides, sepulturas planas e fossas, coexistem ritos de cremação e de inumação; as estruturas funerárias de Devesa de Abaixo (Vigo), associadas a estelas e a depósitos; e as grutas ocupadas entre o Calcolítico e a Idade do Bronze nos Montes de Ferreiros e de Geraldés (Trás-os-Montes oriental).

Em Bettencourt (2010b), além de todas estas hipóteses, a autora efetua novas interpretações, segundo uma perspetiva holística, para a Idade do Bronze do Noroeste. Neste trabalho, além do afirmado em Bettencourt (2009a), salienta os seguintes aspetos.

Durante o Bronze Inicial ter-se-á dado a ocupação de novos territórios, sendo que a nova forma de interação das comunidades com o meio e os novos mecanismos de poder e de legitimação sobre o território terão sido materializados, em parte, através das práticas mortuárias. O papel social dos defuntos com oferendas de objetos metálicos em cobre ou em ouro, enterrados nas imediações de lugares de tradição funerária ou em novos lugares, parecem traduzir esta realidade.

Para o Bronze Médio, conforme em parte já havia defendido, refere a perda de importância da morte e a transferência dos cenários de negociação de poder para o mundo dos vivos, concretamente, para os lugares de extração, de manipulação e de deposição de materialidades metálicas, para os lugares das estátuas-menir e para o interior dos povoados.

Ao longo do Bronze Final as características anteriores parecem acentuar-se, incrementando-se a perda de importância do corpo físico, principalmente nos lugares em que a incineração se tornar usual. Os povoados obtêm uma crescente importância, passando a polos dinamizadores de poder. Ocupando os topos montanhosos tornam-se, alguns deles, recintos excecionais por vezes muralhados que evidenciam a manipulação de vários objetos metálicos, de matérias-primas excecionais e de uma grande quantidade de formas cerâmicas singulares.

Tratando-se de um trabalho que abre, assim, novas abordagens à Idade do Bronze do Noroeste português e peninsular, finaliza vincando a necessidade de proceder a estudos de contingência que permitam refutar ou confirmar tais asserções.

2.3. A Idade do Bronze na bacia do rio Ave

Como facilmente se compreende, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no vale do rio Ave acompanharam os paradigmas que caracterizam a Arqueologia portuguesa.

Antes mesmo da afirmação científica da disciplina em Portugal, que só ganha verdadeiros contornos durante o século XX, encontram-se menções sumárias mas de interesse arqueológico na região ainda durante o século XVIII (Costa 1706-1712; Argote 1732-1734; Vieira 1886, 1887).

De âmbito mais aprofundado, talvez com o impulso do crescente interesse que se verifica, ao nível internacional, em conhecer os povos do passado, entre a escavação de

modestas dimensões levadas a cabo no Castro de Alvarelos (Fortes 1899) e as intervenções arqueológicas, desenvolvidas entre a década de 1890 e inícios do século XX – e infelizmente, não publicadas –, pelo Abade Pedrosa, durante os finais do século XIX, terão que ser destacados, obrigatoriamente, os trabalhos de Francisco M. Sarmiento⁶⁴. Responsável por explorações arqueológicas em várias regiões e, mesmo no Noroeste, em diferentes áreas, foi na Citânia de Briteiros que, através de inúmeras campanhas de escavação, tentou perceber e estudar os povos *lusitanos e lígures* (Sarmiento 1890a, 1890b, 1891, 1893a, 1893b, 1894). A ele se deve um extenso rol de relatos das suas caminhadas pelos montes⁶⁵ onde inclui descrições das suas descobertas, dos sítios visitados e preciosas informações etnográficas⁶⁶. Pela importância para a área em questão vinca-se, também, a sua ação decisiva na recuperação do “achado” da Abelheira, em 1888, onde foi decisiva, de igual modo, a intervenção do colega e amigo Abade Pedrosa. Deste esforço conjunto resultou a recuperação de 30 dos 36 machados inicialmente encontrados e, não menos importante, são as suas notas que permitem, ainda que de forma resumida, perceber as verdadeiras condições do contexto do achado (Sarmiento 1888b).

Entre os finais do século XIX e os meados do século XX aumentam, não apenas pela curiosidade de alguns eruditos – ao que não terá sido alheio o aumento de obras construtivas, como melhoramentos e pavimentações da rede viária, e trabalhos de extração de pedra e de exploração agrícola –, as notícias de arqueologia. Continuam a ser publicadas artigos onde se dão a conhecer sítios (Severo & Cardoso 1886; Vasconcelos 1895a; Fortes 1899; Maia 1908; Sousa 1908, 1912; Bellino 1909; Pina 1928, 1931, 1936; Pinto 1928a, 1928b, 1928c, 1928d, 1929a; Ribeiro 1930, 1931; Santarém 1951a), achados de objetos (Silva 1880, 1883; Veiga 1891; Vasconcelos 1895b, 1904, 1905b, 1912, 1913b; Pereira 1903; Severo 1903, 1905-1908, 1905-1908b; Fortes 1905-1908a, 1905-1908b, 1905-1908c, 1905-1908d, 1905-1908e, 1905-1908f; Pina 1928, 1930; Pinto 1929c, 1930; Heleno 1935; Russel Cortez 1946; Vilas Boas 1948a, 1948b, 1948c; Santarém 1951b, 1952, 1956a, 1956b) e resultados de tímidas explorações arqueológicas (Caldas 1845; Guimarães 1900; Peixoto 1905-1908a, 1905-1908b; Santarém 1951b, 1955). Paralelamente surgem publicações que anseiam ultrapassar os

⁶⁴ Pioneiro da Arqueologia em Portugal formado em Direito pela Universidade de Coimbra – também interessado por poesia, literatura, sociologia, jornalismo, história e etnografia. Compilou notas e escritos que descrevem sítios, achados, resultados de escavações e trocas de correspondência com outros estudiosos da época. Ativo na obtenção de objetos e de monumentos, contribuiu para o salvamento e recuperação de património atualmente integrando o espólio do Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães.

⁶⁵ Entre os quais, para a região do Minho, destacamos os numerosos escritos publicados sob o título *Materiaes para a arqueologia do concelho de Guimarães*, da autoria de Francisco Martins Sarmiento, dispersos em diversos números da Revista de Guimarães e recentemente compilados numa única obra (Sarmiento 1999).

⁶⁶ Todas estas informações foram recentemente compiladas num só volume (F.M. Sarmiento 1999).

propósitos meramente descritivos (Pinto 1932, 1933; Pina 1933, 1940), entre as raras propostas de sistematização periódico-cultural para a Idade do Bronze (Correia 1924a, 1924b, 1928). Contudo, a atenção ainda converge, maioritariamente, para os vestígios de maior visibilidade arqueológica.

Em relação à Pré-história Recente, pela amplitude e qualidade do trabalho desenvolvido evidencia-se, a partir de meados da primeira metade do século XX, o desempenho do coronel Mário Cardoso. O seu interesse pelo passado e a ligação à então fundada Sociedade Martins Sarmento permitiu-lhe perseguir o trabalho exemplar iniciado por Fernando Martins Sarmento, em especial, através de escavações na Citânia de Briteiros. Dedicou-se, também, ao estudo dos povos que ocuparam a Lusitânia em geral e os *castros* do Noroeste peninsular em particular. Interessado pela ourivesaria pré-histórica e proto-histórica (Cardoso 1930, 1950a, 1957a), distinguiu os vestígios do Monte da Penha e lutou pela sua proteção patrimonial. É ele que sistematiza, pela primeira vez, os diversos achados ali ocorridos e vinca a importância do local no contexto arqueológico peninsular (Cardoso 1970, 1971) – conforme vontade afluída já antes nos escritos de Francisco Martins Sarmento e de Luís de Pina –, dando a conhecer a estação em evento internacional da especialidade.

A partir de meados do século XX persistem as notícias que, mais ou menos desenvolvidas, dão a conhecer achados, sítios arqueológicos ou dados recolhidos em trabalhos de escavação. Entre outros, além dos resultados das inúmeras campanhas de escavação de Mário Cardoso na Citânia de Briteiros⁶⁷ e de Faya Santarém em Monte Padrão (1955), figuram as notícias de Arlindo Ribeiro da Cunha relativas a Santa Marta da Falperra⁶⁸ e são mencionadas novas descobertas (Paço & Pinto 1961). Evidencia-se, pela originalidade, a obra desenvolvida por Fonseca (1948). Nela o autor reúne um conjunto de informações preciosas e exaustivas sobre o município de Barcelos, dando especial ênfase ao seu património arqueológico e histórico. De igual modo, aumenta o interesse de investigadores estrangeiros por problematizações generalistas ao Noroeste português, nas quais se incluem dados relativos ao vale do rio Ave (entre outros, MacWhite 1951; Savory 1951; López Cuevillas 1955a, 1955b; Harbison 1967; Coffyn 1985).

Desde os meados até ao final do século passado assiste-se, ainda, à aplicação na Arqueologia de novas metodologias e técnicas, sobressaindo os estudos de cariz arqueográfico e

⁶⁷ Com diversas publicações em diferentes números da *Revista de Guimarães* que, por se desviar do tema aqui tratado, não serão aqui mencionadas.

⁶⁸ Utilizando essencialmente jornais locais, como o *Correio do Minho* ou o *Diário do Minho*.

metalográfico de materiais metálicos, muitos dos quais contemplando objetos recolhidos na bacia do rio Ave. Entre os trabalhos nesta linha, alguns mais desenvolvidos do que outros, destacam-se Cardoso (1960b), Junghans *et al.* (1960, 1968), Hartmann (1971, 1982), Monteagudo (1977), Kalb (1980b), Araújo & Cabral (1983), Coffyn (1985), Comendador Rey (1997) e, mais recentemente, de Van Schoor (2003). Deve ser vincado, no entanto, que são trabalhos distintos, que valorizam diferentes premissas e que se socorrem de abordagens e de paradigmas teóricos particulares.

A par destes verifica-se, em especial nas duas últimas décadas do século XX e inícios do século XXI, a crescente preocupação com trabalhos sobre o povoamento da Proto-história onde incluem o Bronze Final, pautados por metodologias teóricas e práticas inovadoras. É algo natural no quadro de desenvolvimento e afirmação de correntes teóricas renovadas, resultantes da crescente preocupação científica da disciplina. Entre os resultados publicados, ainda que por vezes parcialmente, refiram-se, por exemplo, os trabalhos de Silva (1980) em Terroso, de Gaspar *et al.* (1986) em Braga, de Martins (1985a) em Monte Padrão e em S. Julião (Martins 1985b), de Queiroga (1987) em Penices, de Moreira (1991a, 1995) em Monte Padrão, de Bettencourt & Fontes (1993/1994) no Areeiro, de Bettencourt (1993/1994) no Castro de Lanhoso ou de Gomes & Carneiro (1999) no Castro de Terroso.

Vulgarizam-se as campanhas de escavação que integraram relatórios finais de escavação ou obras mais alargadas: no castro das Ermidas, da responsabilidade de F. Queiroga em 1983; no Castro de Penices⁹⁹, da responsabilidade de Fernando Queiroga em 1985, 1990, 1995, 1996, de Fernando Queiroga e António P. Dinis em 1987, 1988, 1991, 1992 e de Fernando Queiroga, António P. Dinis & Felisbela Oliveira em 1989; no Castro de Vermoim, da responsabilidade de Fernando Queiroga em 1982, 1983, 1984.

Além da referência a alguns sítios (Almeida 1972) desenvolvem-se, também, a partir da década de 1980, obras de referência que abarcam, com maior ou menor incidência, questões relativas à Idade do Bronze Final. Contudo, os interesses primordiais envolvem problemáticas relativas ao povoamento, à organização social, à economia e ao sistema de redes viárias proto-histórico e da Romanização. Referimo-nos aos trabalhos de Silva (1986), Martins (1990), Almeida (1990), Queiroga (1992), de Dinis (1993), de Gomes (1996) e de Moreira (2009).

Num processo moroso e nem sempre simétrico a todos os municípios, entre os finais do século XX e a passagem do milénio verifica-se a valorização do património por parte de algumas

⁹⁹ Integrado entre 2004 e 2009 num P.N.T.A. submetido e aprovado junto da entidade tutelar.

autarquias. Assim se executam, entre outras, diversos contributos para as cartas arqueológicas no concelho de Póvoa de Varzim (Silva & Mateus 1990), de Braga (Fontes 1990, 1993), de Santo Tirso (Moreira 1991a, 1992), de Celorico de Basto (Fontes 1995), de Barcelos (Almeida 1997), da área da Serra da Cabreira (Fontes 1998) ou, mais recentemente, de Vieira do Minho (Fontes & Roriz 2007, 2012). Também se inauguram museus ou se efetuam novos catálogos de instituições museológicas, o que implica a revisão de antigos achados da bacia do Ave e novos estudos sobre eles. Refiram-se, especialmente, o catálogo do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, sobre a sua coleção de ourivesaria (Armbruster & Parreira 1993), o catálogo do Museu Abade Pedrosa, em Santo Tirso (Moreira 2007) e o catálogo da Casa da Memória de Vila do Conde (Bettencourt 2013c). Surgem, também, trabalhos de cariz regional onde são desenvolvidas temáticas que abarcam a Idade do Bronze e a bacia do Ave (Dinis *et al.* 2005; Moreira 2009).

O que os finais de 1990 revelam é a paulatina introdução de metodologias teórico-práticas por vezes à luz de influências processualistas cognitivas. Cabe aqui especial destaque para a obra de Bettencourt (1999), da qual resulta a publicação de uma monografia que abarca alguns sítios arqueológicos da bacia do Ave (Bettencourt 2000a), bem como alguns dos resultados de trabalhos de escavação em povoados da Idade do Bronze (Bettencourt *et al.* 2002a, 2002b, 2002c, 2003a, 2003b, 2003c, 2004). Fruto de um percurso dedicado à Idade do Bronze, inclui propostas de sequenciações cronológicas e culturais (Bettencourt 1994, 1995a, 1998, 2000a), abordagens de cariz económico (Bettencourt 2001c) e temáticas paleoecológicas (Figueiral & Bettencourt 2007a, 2007b; Bettencourt *et al.* 2007) e metalúrgicas (Bettencourt 2001a; Bettencourt & Comendador Rey 2003d). Já numa perspetiva mais pós-processualista esta autora publica uma série de trabalhos ligadas com o tema dos contextos e práticas funerárias (Bettencourt 2008, 2009b, 2010a, 2010c, 2011b; Bettencourt *et al.* 2005). A mesma autora publicou, ainda, algumas sínteses sobre a Pré-História que referem dados relativos à bacia do rio Ave (Bettencourt 2009a, 2013a, 2013b). Apesar do avanço dos conhecimentos sobre alguns aspetos da Idade do Bronze da bacia do Ave, nas últimas décadas do século XX e dos inícios do século XXI continua por realizar uma síntese que, de forma holística, abarque este vasto período, motivo pelo qual se justifica plenamente esta tese.

PARTE II.

OBJETIVOS, METODOLOGIA E RESTRIÇÕES À INVESTIGAÇÃO

1. Introdução

Este capítulo foi subdividido em quatro partes distintas. Depois de explicitados os objetivos, aborda-se a postura epistemológica adotada, referindo algumas reflexões gerais e descrevendo os conceitos teóricos utilizados. O terceiro ponto, relativo à *praxis*, dá lugar à descrição dos trabalhos iniciais de gabinete, de campo, aos trabalhos avançados de gabinete e de laboratório. Finaliza-se com a menção às principais dificuldades encontradas ao longo da consecução deste estudo.

2. Objetivos

O objetivo geral proposto foi o do estudo das sociedades da Idade do Bronze da bacia do rio Ave, concretamente, entre os finais do III e os meados do I milénios AC. Pretendia-se, dessa forma, contribuir para o avanço do conhecimento relativo ao período cronológico-cultural na área em questão.

À luz de novas premissas teóricas e segundo uma análise sincrónica e diacrónica dos dados, pretende-se perceber a estruturação do espaço estudado durante aquele período, ou seja, de que forma a sociedade interagiu com o espaço em que estava inserida.

Para tal, identificaram-se e estudaram-se os diferentes “lugares” construídos e eventualmente frequentados pelas populações da Idade do Bronze, nomeadamente: a) povoados, b) acampamentos, c) contextos funerários, d) lugares de depósitos, e) gravuras rupestres, f) entre outros de difícil classificação na lógica de pensamento que é habitual.

Consequentemente, esses “lugares” foram articulados com o meio onde as populações se inseriam.

Foram, ainda, interpretados os “lugares naturais” frequentados durante largas diacronias que poderão ter adquirido maior importância na estruturação do espaço das populações da Idade do Bronze.

No final, não poderiam deixar de ser levantadas um conjunto de questões pertinentes que permitam a elaboração de novos trabalhos de investigação.

3. Metodologia

3.1. Corpo teórico

3.1.1 Introdução

Distinguem-se nas Ciências Sociais dois paradigmas distintos de pensamento: por um lado, o racionalismo moderno, que defende o conhecimento como um processo cumulativo e demonstrável, evitando contestação e ambicionando obter leis preditivas para o comportamento humano; por outro, uma postura pós-modernista baseada na aceitação de uma maior abertura e diversidade das formas de saber.

Estes paradigmas tiveram reflexo na Arqueologia como disciplina científica e nas suas discordâncias epistemológicas norteadas pelo positivismo da Nova Arqueologia ou Arqueologia Processual e pelas Arqueologias Pós-processuais mais interpretativas, que encaram o conhecimento como subjetivo embora baseado numa base empírica e num raciocínio lógico e verosímil.

Antes de enunciar e explicitar as linhas de orientação teóricas e os conceitos adotados neste trabalho, foi opção do autor aprofundar os conhecimentos recorrendo a leituras que lhe permitissem desenvolver maior conhecimento sobre determinados corpos teóricos da arqueologia. Por esse motivo, procedeu à leitura de variadas obras, predominantemente de cariz pós-processualista, sem contudo rejeitar trabalhos desenvolvidos à luz de outras orientações. Pretendia-se, principalmente, desenvolver o espírito crítico, algo só tangível através de um conhecimento aprofundado das correntes interpretativas vigentes na investigação arqueológica.

Refletindo sobre as leituras efetuadas e sobre o objeto deste trabalho foi considerada uma posição heurística, eclética e pluralista, assumindo uma tendência pós-processualista. Recusando o objetivismo utópico que se acredita ser inatingível, mas em declarada oposição ao pessimismo e ao ceticismo, deu-se espaço a múltiplas alternativas interpretativas e a um conhecimento como uma responsabilidade individual. Assume-se, pois, que no discurso presente sobre o passado cabe lugar à diversidade interpretativa e à sua conseqüente reescrita, atendendo a que todo o conhecimento é espacial e temporalmente imbuído de um contexto histórico, social, cultural e ideológico específico, do qual não nos podemos desvincular (Pollard 2001a).

Contudo, não foram rejeitadas metodologias ou *praxis* mais relacionadas com questões processualistas, pois acredita-se que todo o tipo de dados contribuem para o afloramento de questões e promovem, de igual modo, o debate interno e o desenvolvimento positivo da disciplina arqueológica. Referimo-nos, por exemplo, à importância dos estudos interdisciplinares de foro paleoambiental, às metodologias geográficas de posicionamento espacial, ferramenta da Arqueologia Espacial, ou a estudos funcionais relacionados com conteúdos de vasos cerâmicos, entre outros, que são considerados como mais-valias para o presente estudo.

Desde logo, e principalmente pelo reflexo que a mesma teve no nosso trabalho, vinca-se a obra *An Archaeology of Natural Place*, de Bradley (2000). Nela o autor defende uma Arqueologia preocupada com a monumentalidade natural dos lugares não construídos, permitindo novas interpretações : “*It provides a vital reminder of what they [archaeologists] may be losing if they limit themselves to the significance of [constructed] monuments*” (Bradley 2000:14) e demonstra que a Etnografia pode ajudar a perceber o modo como as comunidades tradicionais lidaram/interagiram e perceberam a envolvente, num relacionamento de equilíbrio e de paridade entre o homem e o meio. Foi nesta obra que, também, aflorou em nós a questão da matéria (em vez de matéria-prima) e do mundo físico como animados e portadores de propriedades, na lógica do animismo, concretamente, no que diz respeito à interpretação da esfera ideológica do comportamento humano.

Aceitámos que os dados arqueológicos são simultaneamente resultado e agentes da ação na perspetiva da teoria da ação de Giddens (2000 [1979]) aplicada à arqueologia.

Privilegiou-se, igualmente, uma postura contextual recorrendo a várias escalas (como a micro e a média), tanto na análise dos contextos das materialidades, como na organização interna dos lugares estudados e na articulação dos dados entre si.

Contrariou-se (ou tentou-se contrariar) algumas dicotomias resultantes do pensamento racional moderno, tais como: natureza/cultura; mente/matéria; ritual-sagrado/profano e à enunciação de quaisquer leis preditivas universais para o comportamento humano, dando antes preferência aos fenómenos de contingência e ao particularismo.

Crê-se, também, que a abordagem aos dados arqueológicos e a sua aplicação depende bastante da “criatividade” do arqueólogo, a qual se desenvolve durante o período de “gestação” e de escrita da tese. A objetividade ou subjetividade dos dados deriva, em larga escala, do significado conferido pela teoria, já que cada argumento tem por base uma proposição teórica e necessita de ser justificado e debatido antes de ser aceite ou rejeitado (Johnson 2000:18).

Por fim, e antes de passar aos conceitos que norteiam este trabalho, resta afirmar que o discurso arqueológico não deverá defender um passado estático, pois a ocupação humana do espaço leva à sua constante alteração e reflete um emaranhado e uma diversidade de inter-relações – entre lugares e pessoas e destas com os seus pares –, numa teia de inter-relações de elevado dinamismo. No entanto, tivemos que optar por uma partição cronológica. Estas, independentemente dos autores responsáveis, das nomenclaturas aplicadas ou dos “intervalos” de tempo que defendem, dividem e acomodam os dados numa sequenciação que se considera necessária, apesar de redutora. A partição cronológica adotada neste trabalho é proposta por Bettencourt (2010a). Os motivos desta opção resultam, em grande medida, do facto de se tornar mais fácil efetuar paralelos com a bibliografia do restante Noroeste português relativa à Idade do Bronze.

3.1.2. Conceitos

Este subcapítulo foi dividido em dois pontos: o primeiro dirá respeito aos conceitos mais específicos, tal como o de povoado ou de depósito, por exemplo; o segundo, por seu turno, é relativo a conceitos mais gerais. Neste caso serão especificados os conceitos de paisagem, espaço, tempo, lugar, rede de lugares, agência, materialidade, memória e animismo.

3.1.2.1. Conceitos específicos

A recorrente associação entre determinadas funções e a designação atribuída a alguns sítios - como a de **povoado**, por exemplo, utilizado para qualificar locais de habitação ou onde se deram atividades percebidas como “domésticas” – parece mostrar-se, por vezes, uma opção algo redutora. A necessidade de sistematizar os dados para auxílio e compreensão do passado leva a que cada sítio seja percebido mediante os usos a que se associam. Uma vez determinada(s) a(s) sua(s) funcionalidade(s) recebem designações – povoados, acampamentos, sepulturas, necrópoles, depósitos, etc. –, as quais se diferenciam com base nas práticas que aí tiveram lugar. Contudo, alguns lugares parecem mostrar a convergência de ações que, a uma escala de análise mais profunda, indiciam maior complexidade. Tal poderá derivar, em muitos casos, da combinação de mais do que uma atividade. Além disso – e à semelhança do que sucede com outros conceitos (Corpo/Mente; Natureza/Cultura; Ritual/Profano, etc.), parece plasmar o pensamento tipicamente moderno (Thomas 2005) cuja aplicação ao passado deve ser encarada com cautela: *“Settlement terminology does not simply reflect the nature of the archaeological data but also the expectations of modern researchers regarding what data*

represent" (Bruck & Goodman 2001:2). Invariavelmente, este exercício simplifica e transforma os contextos em entidades funcionais delimitadas – talvez demais –, tantas vezes descritos como servindo apenas propósitos meramente económicos e funcionalistas. Porque a ocupação de alguns lugares serviu múltiplos propósitos, acredita-se que "*settlements (...) may form part of an extensive and fluid social landscape in which topographical features, animals and humans each play a role in the creation of cultural meaning*"(Bruck & Goodman 2001:11). Contudo, por dificuldades diretamente ligadas com o léxico, foi mantida a expressão de povoado, ainda que consciente de toda esta problemática.

Entende-se por **depósito** as ações intencionais que culminaram na amortização de objetos em determinados contextos, os quais teriam funcionando como "*potenciais instrumentos de (de)marcação simbólica (...) do espaço por parte das comunidades*" (Vilaça 2007: 16), verdadeiras "*expressões materiais de actividades de importância comunal*" muitas vezes manifestadas "*de forma multipolar num espaço mais alargado*" (Vilaça 2007: 23-25). Tendo conhecimento das várias interpretações relacionadas com os depósitos, uma das práticas mais complexas da Idade da Bronze, reconhece-se a premissa de que a deposição intencional e estruturada de objetos ou de conjuntos de objetos poderá representar uma forma de "*afirmação contextual*" específica, isto é, um modo de comunicar levado a cabo pelos atores sociais que a praticaram num determinado lugar (Thomas 1999; Pollard 1995, 2001b). Uma das suas principais características, a invisibilidade, não terá impedido a sua manipulação e integração em processos conceptuais de transformação, construção e apropriação do espaço (Vilaça 2007:25). A sua intencionalidade é percebida com base em determinadas variáveis, entre as quais, os objetos que o compõem; os seus estados de conservação; as características a que se associam; o contexto de deposição; entre outras. Contudo, não se deve esgotar nestes propósitos.

Como bem alerta Bradley (2000), se muitos dos artefactos depositados em lugares naturais incluíam um significado especial, pelo seu uso "ritual" de deposição, poderá considerar-se que os lugares onde estes foram produzidos e os processos que aí tiveram lugar possam deter conotações igualmente especiais. Isto explicaria a seleção de determinados elementos (pedras, minérios, madeiras, etc.) para servirem certas funções (como ídolos, por exemplo) e, da mesma forma, as deposições de objetos inacabados: "*if the use of particular materials, such as stones or metals, extend outside our normal understanding of technology, the sites where those materials were obtained call for a more careful analysis*" (Bradley 2000: 40). Assim, "*once we*

accept that these places [where de production took place] were possibly as important as the things that were made there, it becomes easier to understand how materials that had no 'practical' function whatever might also be transported across country" (Bradley 2000: 40). Deste modo, o lugar de origem onde estas matérias foram adquiridas teve uma importância capital pelo facto de "estender", a essas matérias, as suas propriedades (Bradley 2000: 35).

Poderemos ir um pouco mais longe aceitando que, da mesma forma, as deposições de objetos inacabados ou, aos nossos olhos obsoletos – por fratura, por corte por quebra, etc. – podem ter desempenhado finalidades semelhantes. A excecionalidade poderá não residir no objeto em si mesmo mas antes na proveniência do material, na forma como foi trabalhado, no seu contexto de amortização, no lugar cuidadosamente escolhido para tal ação ou mesmo na sua "história de vida": *"the potency of these materials may well have derived from their intricate involvement in daily social life, being redolent of the network of relationships between kin and others, places and agents in the landscape, and the roles and responsibilities of people, animals and things"* (Pollard 2001b:323). Neste sentido, depositar seria "deixar" algo social num determinado local – um objeto a que corresponde uma história de vida ou de um grupo – ou marcar um local onde ocorreu algo importante, por exemplo – uma forma de "fixar" a conexão entre as pessoas e os lugares (Thomas 1999; Pollard 2001b).

Há também a ideia pré-concebida de que determinados contextos – porque incluem partes de objetos ou objetos inacabados – devem ser considerados como desperdício. Na verdade, estes podem encerrar mensagens semelhantes aos depósitos de peças inteiras. Isto porque *"objects were discarded in a manner we would not recognize as "functional" is telling of our encounter with different systems of value"* Pollard 2001b: 316).

3.1.2.2. Conceitos gerais

Com a perfeita noção de que *"any critical examination of the concept of landscape brings us face to face with the implication of archaeology in the conditions and ways of thinking of modernity"* (Thomas 2001:166), tenta-se contrariar a dicotomia recorrente entre Natureza e Cultura. No entanto, deve estar presente que *"an environment can only be defined relative to a being or beings whose environment it is, whether a single individual, a local or regional population, or an entire species"* (Ingold 1987: 2).

O afastamento gradual do homem em relação à natureza, ditado pelo pensamento racional moderno, retirou ao homem a capacidade relacional de igualdade para com o meio. Tal

afastamento remonta ao tempo em que o homem deixou de se sentir como parte da natureza em que estava imerso e iniciou, para benefício próprio, o seu domínio. A exploração e o controle de recursos tornaram assim o meio num cenário propício à satisfação humana culminando, em épocas mais recentes, na atribuição de um valor alienável, mensurável e mapeável às terras (Thomas 2004). Reconhecer esse afastamento poderá ajudar a pensar as comunidades do passado como próximas e intimamente ligadas ao meio e à natureza em que viviam, em estrita relação de paridade, onde as marcas humanas eram fruto da coexistência pacífica e humilde e não de uma relação de subjugação e de teor económico que caracterizam as sociedades ocidentais atuais.

A separação categórica dos conceitos de natureza e de cultura, resultante da crescente instrumentalização da razão iniciada com o Iluminismo (Thomas 2001: 167), está presente em muita da bibliografia da especialidade. Com base nesta conceção ambivalente, Ingold (2000) propõem o conceito de **paisagem**. Nele inclui, para além das características físicas e naturais do meio físico, o resultado da agência humana nesse mesmo meio, resultado da sua ocupação por grupos humanos. Ou seja, o produto do inter-relacionamento quotidiano e da perceção humana do mundo em que estão imersos. Como refere Ingold (1987: 166), "*Only within the context of a conjunction of systems of relations of both kinds, ecological and social, can we specify the objectives and conditions of cultural adaptation*". Mais do que o mero somatório de características "naturais" e "culturais", a paisagem encerra lembranças dos relacionamentos contínuos entre gerações e destas com o meio, as quais podem ser, posterior e sucessivamente, transmitidas pelas linhas de descendência (Thomas 2001: 175). Assim, são criadas biografias que, alimentadas de narrativas, conferem uma história comum a indivíduos e a grupos sociais, fomentando uma identidade partilhada (com base na memória). Seguindo um sentido mais vasto que o conceito pode incluir, "*Landscape can be an object, an experience, or a representation, and these different meanings frequently merge into one another*" (Lemaire 1997: 5 em Thomas 2001:166).

Contudo, como confirma Thomas (2001: 166), "*landscape is a singularly complex and difficult concept. The word as multiple meanings and its precise significance has shifted repeatedly in historic times*". A paisagem não é perene, fixa ou imutável. É uma consequência do diálogo dinâmico do meio com a prática social, sendo construída de forma permanente e progressiva, a diferentes escalas e em diferentes enquadramentos históricos, resultando sempre, em determinado momento, no palimpsesto de sucessivas paisagens (Ingold 1993). Por muito

“romântico” que possa parecer, a verdade é que a paisagem que admiramos é sempre única, pois nela se espelha, também, o nosso mundo social, cultural e ideológico, pois percebemos e percebemos o mundo porque vivemos e estamos incorporados nele, fazendo parte dele como ele é parte de nós (Tilley 2004: 2; Thomas 2006).

O estudo das paisagens do passado não se esgota na sua reconstrução. Poderá comprometer-se a buscar, por detrás dela, as estruturas sociais, culturais e ideológicas na sua génese. Poderá ser afirmado, então, que a dinâmica da paisagem, sendo paralelamente uma manifestação e um meio de atingir essas estruturas, será diretamente proporcional à dinâmica social que está na sua base. E é sabido que as sociedades se pautam por um grande dinamismo.

O **espaço** não poderá ser entendido como uma pré-condição à ação social. Ele é, pelo contrário, uma conceção integrante desta, uma vez que só existe em relação às atividades com que está implicado (Tilley 1994: 10). Refere o mesmo autor (Tilley 1994) que mais do que uma construção social, o espaço é também um produto da construção cultural dos grupos sociais. Neste sentido, rejeita-se espaço enquanto pré-condição à ação social. Contudo, inversamente ao tempo, o espaço pode ser reconstruído, reinventado, reinterpretado (Sahlins 1988), ou mesmo manipulado.

Por esse mesmo motivo, deverá estar presente a dinâmica do processo permanentemente construtivo do espaço resultando dos seus sucessivos “usos”. Uma vez conceptualizado, isto é, conhecido e pensado, o espaço torna-se lugar e este, por sua vez, torna-se paisagem. O não-espaço, ou o espaço não raciocinado, é desconhecido e, por esse motivo, não contribui para a construção social do homem (Campelo 2009), embora possa ser, em alguns, temido (Eliade 1991 [1952]) e, por consequência, encarado com relutância.

Como a Antropologia vem demonstrando, as formações sociais primitivas, em muitos casos não apenas as pré-estatais, organizaram-se caracteristicamente segundo estruturas sociopolíticas de reduzida intensidade, o que vulgarmente origina uma territorialidade desenvolvida à escala local ou regional (Criado Boado 1993; Parcero Oubiña 2002). Como resultado, a sua dimensão é de pequeno impacto. Por esse mesmo motivo, o exercício de identificar e de tentar perceber as **fronteiras** e os sentidos de pertença territorial de grupos humanos em tais condições é deveras perigoso. Os “limites” territoriais, difusos, mal delimitados ou nem sempre perceptíveis (talvez por serem produto de uma circunscrição cognitiva, apenas

presente nas cabeças dos agentes, e consolidada espacialmente pelos diferentes lugares que estes conhecem na paisagem), deverão ser entendidos através do estudo sincrónico da totalidade da ocupação humana e não apenas pelo estudo de partes desta.

O homem é um agente enquadrado no **tempo**. A temporalidade será o tempo social experiencial, o ritmo pelo qual passamos pela vida e pelo relacionamento com os “estados de espírito” próprios da condição humana. Mesmo que muitas vezes cíclicos, tais ritmos não serão os da natureza mas os da prática humana (Gosden 1994: 7-10; Pollard 2001a: 79). O tempo será algo mais do que o fluir linear e universal de determinadas unidades de medida conhecidas (Shanks & Tilley 1987; Bradley 1991, Thomas 2001), como as horas, os dias ou os calendários, por exemplo. Na verdade, tais “medições” mostram-se inválidas quando transportadas para o passado, onde a referência ao tempo poderia muito bem assentar na longevidade humana (no que agora consideramos como esperança média de vida). Por esse mesmo motivo, o tempo deverá ser visto como parte do processo interpretativo arqueológico e não como condição em si mesma.

A conceção do tempo, para a maioria dos arqueólogos, tem por base a análise de materialidades (móveis e/ou imóveis): as sequenciações cronológicas são amplamente fundamentadas segundo determinados critérios formais que, muitas vezes, apenas se baseiam numa parte das materialidades ou, se quisermos, numa parte de uma realidade mais vasta que é a esfera da ação e da existência humana. Embora os estudos tipológicos sejam um exercício profícuo, a aproximação exacerbada à função e à estética, recorrendo ao primado da visão, leva à pretensa vontade de conferir um valor estrutural à presença ou ausência de determinadas formas, decorações ou objetos. Tal provém, hipoteticamente, da vulgar confusão entre cronologia e tempo. A forma mais comum de discursar em Arqueologia, quando referido o tempo, é recorrer, na verdade, a cronologias, a datas ou a datações. Aliás, sem tal referência a Arqueologia veria a sua tarefa bastante dificultada. Por questões práticas, desde cedo a investigação arqueológica aprendeu a “arrumar” os vestígios do passado em compartimentações cronológicas previamente determinadas. Estas correspondem, no seu âmago, a um grupo de características que conferem um ar unitário e homogéneo entre os vestígios agrupados. Posteriormente, recebem nomenclaturas que, em última análise, estabelecem sucessivos períodos cronológico-culturais que, dessa forma, explicam a “evolução” humana desde a Pré-história à atualidade. Ora, estipular, analisar, comparar e diferenciar essas compartimentações

é, também, um exercício científico moderno, exterior ao tempo vivido na primeira pessoa e, por esse mesmo motivo, incapaz de ir ao encontro da forma como as sociedades tradicionais, portadoras de poucos ou nenhuns recursos para explicar os fenómenos que presenciavam, viviam o tempo.

Toda a ação envolve, obrigatoriamente, um espaço e um tempo, usufruindo de cadências temporais em que ambos (espaço e o tempo) são ocupados conjuntamente como parte da sequência de movimentos (Barrett 1999: 24). Essa temporalidade, associada ao contexto, influencia inevitável e posteriormente toda a vivência humana. Através da maior ou menor “utilização” da paisagem ou da sua maior ou menor “marcação” ao longo do tempo, as comunidades demonstram uma preocupação ativa, não apenas com o seu passado, mas também com o presente e o futuro. As memórias e as lembranças geradas, materializadas, por vezes, com o recurso à fisicalidade dos diversos lugares na paisagem, permanecem vivas através de determinados comportamentos, ações e práticas. Por essa razão, certos lugares memoriais situados no tempo constituem, também eles, uma forma de temporalidade que transparece as vivências do homem no e com o meio envolvente. Como referem Emirbayer & Mische (1998: 963-964), “*structural contexts of action are themselves temporal as well as relational fields – multiple, overlapping ways of ordering time toward which social actors can assume different simultaneous agentic orientations*”.

Indissociável e mesmo coincidente com o conceito de espaço, segundo Giddens (1996: 13), é o conceito de **lugar**. Neste trabalho o conceito de lugar adotado foi o sustentado por Thomas (2001: 173), definido como algo “*revealed through people’s habitual activities and interactions, through the closeness and affinity that they have developed for some locations (...) causing them to be remembered or incorporated into stories*”. Como afirmam Feld & Basso (1996) e Van Dyke & Alcock (2003: 5), trata-se de um produto de agências e de celebrações, de histórias, de sentidos e de significados que, através de eventos passados e presentes, de relações e de emoções, permite às comunidades ganharem sentido de sítio, criando biografias de lugares que existem em função das pessoas e do tempo (Dietler & Herbich 1993: 255-258; Pollard 2001a: 79). Como tem sido defendido (Williams 1983; Ingold 1986; Tilley 1994; Bruck & Goodman 2001: 13), a construção de lugares facilita a criação e a reprodução das relações entre os homens e deste com o meio que habita, pelo que o ato de permanência num lugar envolverá, com certeza, referências prévias à sua utilização (Bruck & Goodman 2001: 14; Van

Dyke & Alcock 2003: 1). São forjados novos relacionamentos e inculcados novos valores e significados aos diversos lugares experienciados e, através dos ritmos de vivência do ser no mundo, isto é, pela sua situação num determinado tempo e espaço, dá-se uma “aculturação” da paisagem. Isto leva, por sua vez, a uma estruturação/organização (por vezes não apenas de foro mental mas também de ordem física) dos lugares vividos, fazendo com que os lugares ganhem, renovem e/ou percam, ao longo da sua temporalidade, o(s) seu(s) significado(s). Uma vez que o significado é algo reconhecido pelo observador e não uma qualidade inerente a um lugar ou monumento (Barrett 1999: 27), as experiências passadas e transportadas pelos indivíduos são confirmadas ou desafiadas a cada nova ligação estabelecida com o lugar, e só fará sentido falar nessas ligações em relação, não apenas ao presente, como a um passado (dentro de uma perspectiva de continuidade) e a um futuro (no âmbito de desejos ou expectativas): “*it is a meaning of memory and of hope*” (Barrett 1999: 24).

Thomas (2001: 173) afirma que “*A place is not just a thing or an entity. Place is a relational concept, since locations are always drawn to our attention through what happens there or through the things which we expect to find there*”. Assim, o “*sentido de lugar*” (Feld & Basso 1996; Van Dyke & Alcock 2003), ancorado a um emaranhado de memórias, contribui para a construção e reconstrução de histórias e de relacionamentos sociais com a paisagem. Daqui provém uma relação emocional particular e de significância das comunidades com os lugares, tanto em relação a eventos passados como presentes. Nada disto anula a possibilidade de, em determinados momentos ou situações – como conflitos ou mudanças de ordem ideológica e/ou social –, ocorrer a promoção do esquecimento. Tal poderá justificar, em muitos casos, a perda de identidade, de valor ou de significado de lugares que, durante largas diacronias, foram tidos como excecionais. Precisamente porque a “*ability to live, the security of knowing how to act, is an expression of the agent's own powers (...), meaning is never secured as the essential quality of the thing itself, rather it is secured only by the expectations through which the thing is identified and interpreted*” (Barrett 1999: 29). Essa interpretação não é estática, acompanha o tempo e, por conseguinte, “flutua” numa “escala de valores” que confere maior ou menor importância aos lugares. O lugar de hoje poderá muito bem não ser o lugar de amanhã.

A biografia de um lugar (Ingold 1993; Barrett 1994; Bruck & Goodman 2001) não existe apenas em relação às pessoas, como também em relação aos lugares e ao tempo (Dietler & Herbich 1993; Pollard 2001a). Cria-se, altera-se e gere-se através de agências: de usos e de práticas, de relações, de eventos e de cerimónias, de comemorações e de celebrações, de

percepções e de experiências, de histórias, de sentidos e de significados. Como tal, estabelece uma relação emocional com as comunidades, conferindo importância ao lugar e contribuindo, ao longo do tempo, para narrativas que integram a formação do ser no mundo, posteriormente transmitidas, ou não, de geração em geração. A sua importância resulta de um evento passado ou de uma ligação com o presente (Van Dyke & S. Alcock 2003) e, uma vez experienciados e tidos como especiais, estes *loci* tornam-se referência para a construção da memória individual e, por extensão, coletiva (ou social). Por sua vez, o uso destes lugares, que contribui para situar e estruturar os movimentos do ser no mundo, nomeadamente, as identidades dos ocupantes, as suas biografias, os seus valores e as suas relações com outras pessoas e com outros lugares da paisagem (Ingold 1993), permite que mecanismos de memória e de comemoração desses mesmos lugares se tornem, por si só, relevantes. Assim, é fomentada a coesão social, o sentimento de pertença, a territorialidade e a identidade social. Como afirma Pollard (2001a: 88), “*The act of settlement implies the creation of relationships to place(s) that in turn are reflected in the way that these relationships are marked and remembered*”.

Embora as histórias e os sentidos que lhe são atribuídos possam ir-se alterando ao longo do tempo, os lugares nem sempre são perceptíveis em termos arqueológicos, pois alguns deles parecem ter permanecido inalterados fisicamente (Bradley 2000).

Os *loci* experienciados contribuem, ao longo das “rotinas vividas”, para a construção de uma **rede de lugares** de uso social, muitas vezes lembrados e incorporados em histórias ou fisicamente materializados. Assim, a uma rede de lugares corresponderá “*the series of places through which people’s life histories are threaded [and] help them to give account of their own identity*” (Thomas 2001:173), contribuindo decisivamente para a construção de identidades partilhadas e para a movimentação das comunidades no espaço. Uma vez que estas se encontram sempre arreigadas a eventos passados e a lugares, “*it is evident that people are knitted into a network of locales with which, through habitual and inconspicuous familiarity, they will have formed a kind of communion*” (Thomas 2001:173). Ao longo da sua existência, as comunidades humanas movem-se numa rede de lugares que, com significados distintos, se complementam. Aí são criados, recriados e negociados sentidos e valores: “*different places that people encounter over the course of their life-histories all contribute to the construction of selfhood (...), for some part of their identity is always rooted in past events and in other places*” (Bruck & Goodman 2001: 12).

Precisamente porque "*Movement between places involves their sequential experience, in their description the production of a narrative, linking the body to place and events in place*" (Tilley 2004: 26), as comunidades do passado são concebidas no âmbito de um emaranhado de lugares relacionais que foram estabelecendo, ao longo das suas vidas, relacionamentos de cumplicidade dialética entre corpo, mente, ação e lugar. Deste ponto de vista acredita-se ser difícil entender o mundo social de forma repartida, segundo a observação de entidades isoladas, senão como um todo.

A **agência**, para Giddens (2000 [1979]: 14) "*um fluxo contínuo da conduta*", resulta da existência do ser no mundo com os seus pares. Enquanto resultado e resultante dessa agência que, reciprocamente, molda e é moldada, o ser no mundo leva a cabo uma série de *performances* e de práticas que, situadas num determinado espaço e tempo, podem deixar vestígios – objetos ou monumentos – suscetíveis de interpretação enquanto indícios do passado. Contudo, "*The reality of life thereby dissolves in an endless series of performances*" (Ingold 1987: 21), tornando a análise do comportamento humano e da sua agência um procedimento intrincado. "*É um erro supor que o conceito de ação pode ser plenamente elucidado fora do seu contexto dos modos de actividades historicamente localizados*" (Giddens 2000 [1979]:15).

Porque os factos sociais incluem sempre as ações de agentes, a análise e interpretação do passado deverá (também) concentrar-se nas práticas e nas *performances* contínua e muitas vezes ciclicamente estabelecidas no tempo e no espaço, pelo que "*agency must also include the operation of collectivities extending beyond the individual's body and their own lifespan*" (Barrett 2001: 149). Uma vez que a prática social é produzida, reproduzida e transformada sob o efeito de diversas condicionantes (intencionais e/ou não intencionais), a agência permite revigorar o cenário social, seja através da persistência, da modificação ou mesmo do esquecimento dessas mesmas práticas, podendo ser compreendida como "*a temporally embedded process of social engagement, informed by the past (in its habitual aspect), but also oriented toward the future (as a capacity to imagine alternative possibilities) and toward the present (as a capacity to contextualize past habits and future projects within the contingencies of the moment)*" (Emirbayer & Mische 1998: 963).

O homem, enquanto ser pensante, tem a capacidade consciente de selecionar e de direcionar a sua agência que, para ser entendida, terá que ser relacionada com os seus propósitos, o que a torna mais do que um mero "*objeto de seleção*" (Ingold 1987: 9).

O conceito de **materialidade** vem substituir o de “cultura material”, tentando contrariar o pensamento moderno que tendencialmente separa a mente da matéria, uma vez que “*the effect of opposing matter to form was to open up the possibility of a view of material things as passive recipients of labour*” (Thomas 2004: 202). Porque “*the primary reference of the concept of technology is to knowledge and skill, and not to instruments made and used*” (Ingold 1987: 6), pelo contrário, defende-se que “*the true artifact is characterized not merely as the outcome of constructive behavior (...) but as the material expression of a design that already existed in the mind of the subject and that governed the construction process*” (Ingold 1987: 10). As materialidades, mais do que simples condições, terão um papel pró-ativo em variados campos da prática social, serão agentes ativos sobre a cultura e não apenas um seu reflexo, precisamente porque vão mais além do que os atos que as criaram: “*Materiality cannot be reduced merely to an archaeological record of the practices which once inhabited it*” (Barrett 2001: 153). Como refere Thomas (2001: 172), “*the world that we inhabit is not simply a set of meaningless physical objects: on the contrary, we encounter worldly things in their meaningfulness. We apprehend them as meanings, rather than as objective sense data*”.

Resultando de quadros mentais mais complexos entretanto perdidos, as materialidades estimulam, por consequência, a essência e a organização dos sistemas sociais.

O seu próprio significado relaciona-se, muitas vezes, mais com os contextos sociais e o tempo em que se enquadram do que propriamente com as suas características formais e/ou funcionais. As materialidades resultam da agência humana no mundo que, facilitando as relações sociais, orientam a ação mediante um número de possíveis trajetórias traçadas pelas biografias de diferentes grupos de agentes (Barrett 2001: 156), servindo a propagação ou a refração de valores, de necessidades, de expectativas, de percepções, de relações, etc., e incentivando a alteração, a construção e/ou a reconstrução do simbólico que “habita” o mundo e, por extensão, os grupos humanos responsáveis pela sua “produção”.

Segundo Barrett (2001: 142) “*material record of the past is regarded as partial; at any one time there were a lot of things going on which either left no surviving record, or left a record which is not open to our interpretation*”. Reforçando esta ideia, “*practices make reference to conditions and values that are absent and that material conditions are part of the media which structure that referential process*” (Barrett 2001:152).

As materialidades, enquanto produto da ação humana, extrapolam os simples sentidos físicos inerentes enquanto objeto; elas possuem ou ganham sentidos, pelo que uma análise direcionada por outras preocupações (que não apenas as tipológicas ou funcionais) poderá ajudar a entender melhor a *performance* inerente à ação, os seus meios de execução e o próprio tempo histórico em que se enquadram (Barrett 2001: 152). Não poderemos negligenciar o contexto histórico dessas materialidades; a sua contextualização social e temporal confere às materialidades significados que, ao longo dos tempos, sofrem transformações. Os objetos, pelo que foram, são ou serão, ganham um papel distinto ao longo da sua existência, pois “*The same objects, whether living or non-living, will afford quite different things to different individuals, depending on the nature of their project*” (Ingold 1987: 2). Alguns objetos não “morrem” com a deposição ou com a quebra, por exemplo. Na verdade poderão, pelo contrário, iniciar um novo ciclo, servindo novos propósitos, novos sentido, novos significados.

O Homem existe num entrosamento de práticas sociais ligadas entre si, as quais este produz e reproduz e que de uma forma genérica se denomina de agência. Como resultado dessa agência chegam até nós vestígios materiais. Tendo em conta que “*Compreender um objecto ou agir sobre ele é localizá-lo (...) [num] sistema de expectativas (...), o mundo inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação*” (Connerton 1993: 7), ou seja, na **memória**.

A memória está inerente a toda a prática: a tendência geral do agente, deparando-se com uma situação nova ou desconhecida, será a de buscar uma forma de estar ou de agir que “encaixe” nessa condição. Ou seja, a partir de um momento anteriormente experienciado e conhecido, o indivíduo recorre a uma atitude, a uma postura ou a uma ação ou conjunto de ações iguais ou semelhantes. Isto porque “*podemos (...) preservar deliberadamente o passado sem o representarmos explicitamente com palavras ou imagens. Os nossos corpos (...) conservam-no também de forma inteiramente efectiva na sua capacidade duradoura para o desempenho de certas acções especializadas*” (Connerton 1993: 87). Assim, e partindo do pressuposto que se estabelecem formas muito próprias de agir nalgumas situações, muitos ritos tendem a “*realizar-se em lugares especiais em datas estabelecidas (...), [detendo] a capacidade de conferir valor e sentido à vida daqueles que a executam*”; na sua forma repetitiva, prescrevem uma continuidade com o passado, muitas vezes reinventando explicitamente essa mesma continuidade (Connerton 1993: 53-54).

Vários autores (entre outros, Barth 1987, Connerton 1989, Pollard 2001a: 88) vêm defendendo que a lembrar/recordar desempenha um papel importante na reprodução social, permitindo adicionar contexto e significado às ações contemporâneas. As biografias do ser no mundo, fruto da vivência humana, nascem de narrativas interconectadas que, assim, estabelecem uma história comum a grupos sociais, fomentando laços comuns de identidade. Para tentar entender o coletivo das comunidades do passado será necessário “*entender a formação social de memória*” e “*estudar os actos de transferência que tornam possível reconhecer em conjunto*” (Connerton 1993: 47).

Diversos autores defendem a memória social como uma das principais responsáveis pela criação de uma “consciência comunitária” de acontecimentos, de “coisas” do passado e de lugares, incentivando a lembrança ou, simplesmente, promovendo o esquecimento (Halbwachs 1975 [1925], 1992 [1950]; Connerton 1993; Hutton 1993; Van Dyke & Alcock 2003; Campelo 2009). Assim se explica a recorrência de ocupação, de frequência, de deposição, etc. observada em determinados lugares e, da mesma forma, outros tantos abandonos. Sublinha-se, desta forma, o papel fulcral da memória na configuração das sociedades e das “*paisagens sociais*” de Gosden & Head (1994), as quais “*represent systems of reference, in which each human action that is performed is intelligible in the context of other past and future acts*” (Thomas 2001: 174). Através dela são promovidos mecanismos de manutenção ou de esquecimento da *praxis* social e de eventos sociais, sendo a causa máxima pela manutenção do passado “vivo”. Porque “*Recordar é (...) não lembrar acontecimentos de uma forma isolada*” mas antes “*ser capaz de formar sequências narrativas com sentido*” (Connerton 1993: 32), as sociedades propendem a manter ou a eliminar dos seus “*reservatórios mnemónicos*” tudo o que poderá unir ou desunir, respetivamente, o grupo (Halbwachs 1975 [1925]; Connerton 1993: 46). Isto acontece porque a dinâmica social, permanentemente mutável, estabelece novos valores tendo em conta as necessidades sentidas no momento. Desta forma, muitas das práticas poderão ser transmitidas e conservadas como imagens do passado, em grande medida através de contínuas *performances* que as relembrem e, nalguns casos, que até as reinventem, algo identificável, segundo Connerton (1993: 74), nas cerimónias comemorativas, verdadeiros “*dispositivos mnemónicos*”. Esta reinvenção poderá evocar cerimónias que “*mantêm o passado vivo através de uma representação descritiva de acontecimentos passados (...)* [recorrendo a] *reencenações do passado, do seu regresso sob a forma representacional que inclui normalmente um simulacro da cena ou da situação recapturada*” (Connerton 1993: 87). Não deve ser esquecido,

contudo, que certos episódios de “manipulação” podem ocorrer: “*Through oral narration and ritual performance, [Luba] insignia serve both to conserve social values and to generate new values and interpretations of the past, as well as to effect general and political needs*” (Goody 1998: 80). Como tal deverá estar presente que “*memory may have just have operated in different ways and at different times, in varying contexts*” (Whittle 2010: 39).

De qualquer forma, partindo do pressuposto que se estabelecem formas muito próprias de agir nalgumas situações, muitas ações que Connerton (1993) denomina de ritos, tendem a ser executados em lugares especiais, em datas bem estabelecidas, detendo a capacidade de conferir valor e sentido à vida dos que o executam perpetuando, na sua forma repetitiva, uma continuidade com o passado que muitas vezes é reiventada explicitamente (Connerton 1993).

Percebemos a paisagem e o meio envolvente como **animado**, como a Antropologia e a Etnologia tantas vezes têm demonstrado, em grande medida pela relação de proximidade verificada entre algumas sociedades e o meio em que se inserem. Thomas (2001: 175), analisando os estudos de Morphy (1995), de Mulk (1994) e de Tilley (1994), sublinha como a paisagem é vista, por algumas comunidades, como “*in some sense animated and involved in a kind of reciprocity with human beings*”. Tilley (2004: 18, 20-21) menciona que o mundo é animado, vivo, ativo, o que ocorre através da interação entre o corpo e as coisas que o rodeiam, algo que o homem moderno propende a esquecer, apesar de todos sermos “*animistas primitivos*”. Isto porque matéria inerte pode “ganhar” vida (Bradley 2009; Gosden 2009; Scarre 2009). Deste modo, deveríamos pensar nos lugares, nas paisagens e nas “coisas” de forma animista, isto é, da forma análoga ao modo como pensamos as pessoas, como entidades que podem e fazem a diferença (Tilley 2004).

Tal como defendem Bruck & Goodman (2001), as relações com a paisagem são muitas vezes expressas e mantidas através de mitos que investem os lugares com significados, o que os torna tanto numa fonte de metáfora para as relações sociais como uma manifestação física de cosmologias. As propriedades “admiráveis” do meio físico e a falta de explicações científicas para os fenómenos observados, permitiram às comunidades do passado interpretar o que vivenciavam e experienciavam recorrendo a explicações transcendentais e ininteligível. Por esse motivo, algumas das características naturais aportariam poderes especiais, integrando narrativas interpretadas e reinterpretadas e, concludentemente, fazendo parte de histórias posteriormente

passadas ao longo de gerações¹. Neste quadro conceptual, segundo Bradley (2000), a paisagem seria a exteriorização personificada de um sistema de crenças profundamente assente na percepção. Desta forma a Pré-história incluiria lugares inalterados mas ancestralmente significantes, creditados por poderes especiais que permitiam o contacto com o sobrenatural. *“the indigenous peoples of the Arctic (...) make a distinctive use of the landscape, and imbued certain features of the terrain with supernatural properties (...) [which did not included] a radical transformation of these places* (Bradley 2000: 11). O animismo confere propriedades “humanas” a elementos que não o são, atribuindo-lhes poderes, capacidades, propriedades ou características vistas visto, quer a nível individual quer conjuntamente, como transcendentais. O perdurar de lendas e de crenças associadas a determinados “lugares naturais” – como as propriedades curativas ou destrutivas de águas, a presença de seres mágicos ou estranhos, etc. – poderá ser a reminiscência desta postura, na qual há um vínculo entre certas qualidades do meio e determinadas capacidades invulgares, estranhas ou sobrenaturais.

3.2. Praxis

3.2.1. Trabalho inicial de gabinete

Antes de tudo foi essencial aprofundar os conhecimentos pessoais recorrendo a bibliografia que permitisse apurar e maturar o corpo teórico. Por esse motivo, procedeu-se à leitura de variadas obras – predominantemente pós-processualista – pretendendo, principalmente, adquirir e incentivar o espírito crítico que, crê-se, só é tangível através de um conhecimento aprofundado das correntes interpretativas vigentes na investigação arqueológica. Admitindo que a abordagem aos dados e o seu manuseamento depende bastante da “criatividade” do arqueólogo, algo que se desenvolve durante o período de “gestação” e de escrita da tese, torna-se impreterivelmente necessário um corpo teórico consolidado e empírico que sustente e valide as interpretações apresentadas. A objetividade ou subjetividade dos dados deriva, em larga escala, do significado conferido pela teoria, já que cada argumento é uma proposição teórica que precisa de justificação e que requer ser debatida antes de ser aceite ou rejeitada (Johnson 2000: 18).

¹ Um bom exemplo prático é-nos fornecido em Bradley (1990). O autor, estudando a Pré-história de Wessex, na Inglaterra, demonstra que a extração de matéria lítica para a produção de alguns machados foi efetuada em pontos de difícil acesso, por vezes no extremo de cumes montanhosos. Esta prática terá colocado em risco, por diversas vezes, os seus autores, mas com certeza congratulou-os com as propriedades que eles entendiam como únicas. Uma das interpretações para tal comportamento baseia-se na aceitação de que as características ímpares e animadas da natureza eram, por consequência, extensíveis às matérias-primas. Outro bom exemplo é o das lendas e crenças associadas a determinados lugares naturais, concretamente, às propriedades curativas ou destrutivas de águas, que administram ao “produto” da natureza qualidades com capacidades invulgares.

Para a elaboração do Estado da Arte foi necessário, de igual modo, consultar monografias, artigos e notícias da especialidade, procedimento necessário à reunião dos dados relativos ao Noroeste e, mais concretamente, à bacia do rio Ave. Foi ainda essencial a leitura de temáticas relativas ao meio físico e ambiental para, dessa forma, obter um bom quadro do espaço de trabalho.

Além disso, foram consultadas diversas referências etnográficas para o levantamento de toponímia, de lendas e de crenças e de informações relativas à cristianização de determinados locais. Este trabalho foi, em parte, cruzado com a análise cartográfica, através da qual se procedeu à recolha toponímica. Nesta última tarefa foi incluída, ainda, o posicionamento dos lugares que integram o inventário de sítios apresentado. É, aliás, no início desse mesmo catálogo que se encontram definidos os respetivos critérios de apresentação.

Foi igualmente imperativo planificar atempadamente as saídas de campo e as tarefas de laboratório, concretamente, os trabalhos de prospeção e de escavação e o estudo e análise de materiais em depósito em várias instituições. Assim, foram elaboradas fichas de prospeção contendo critérios de inventariação e de catalogação previamente definidos.

Relativamente aos trabalhos de escavação, procedeu-se à preparação de questões que as nortearam e que condicionaram os métodos e as técnicas de escavação a aplicar. Quanto ao estudo e análise dos materiais cerâmicos, no que respeita aos cerâmicos, foram previamente definidos os seus critérios de estudo, concretamente, ao nível tecnológico e formal e ao nível da “história de vida” dos fragmentos. Nos aspetos tecno-morfológicos valorizaram-se os tipos de pastas, as cozeduras, os acabamentos, as técnicas, os motivos “decorativos” (encarados como signos de uma linguagem simbólica) e, sempre que foi possível a sua reconstituição, as formas. Como orientação, foi seguida a estrutura proposta por Bettencourt (1999). Procedeu-se, no entanto, a pequenas alterações tidas como necessárias, em particular, resultantes das variações que os dados apresentam. Em especial, quando identificadas novas formas cerâmicas ou, por qualquer motivo, elementos que o estudo daquela investigadora não contemplou, como é o caso da componente de estudo da “história de vida” dos fragmentos dos vasos cerâmicos. Em relação a este recorreu-se à metodologia que têm as suas raízes nos trabalhos de Garrow *et al.* (2005) e em Brudnell & Cooper (2008)². Uma vez aprofundados os micro-contextos de origem dos diferentes fragmentos (ao nível do sector, da estrutura, da camada, etc.) e cruzados esses

² Trabalhos pioneiros inseridos num quadro teórico semelhante. Tivemos conhecimento desta metodologia através da assistência a aulas abertas de Lesley McFayden, proferidas em Novembro de 2009, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, intituladas “*Material culture as architecture - Neolithic long barrows in Southern Britain*” e “*Neolithic architecture and participation - practices of making in early Neolithic Britain*”.

dados com o contexto intra-sítio (restantes materialidade, estruturas e estratigrafia), foi tentada a identificação nos conjuntos estudados de fragmentos de uma mesma forma provindos de estruturas diferentes ou de uma mesma estrutura. Além disso, foi verificado se os diferentes fragmentos, quando pertencentes a uma mesma forma cerâmica, revelavam traços de utilização desiguais ante e/ou pós-quebra, tais como fogo, erosão ou abrasão. O objetivo principal foi o de tentar reconstruir e “contar” as “vidas” dos fragmentos/formas e demonstrar distintas e específicas sujeições dos fragmentos a determinadas condições. Isto permitiu aceder, mesmo não aferindo o seu total intento, à “história” dos materiais cerâmicos antes e após a sua suposta “morte” pela quebra ou “rejeição”. Desta forma, parece viável afirmar que, em muitos casos, estes materiais não se esgotaram – pelo menos tantas vezes quanto julgamos – com a fratura e/ou o abandono/descarte numa qualquer estrutura.

Quanto aos materiais líticos, quase sempre moínhos, foram estudados os seus contornos, secções, dimensão e a matéria-prima com que foram realizados. Para tal, foi importante a colaboração do Doutor Pedro Pimenta.

Foram, também, definidos os critérios de estudo dos artefactos metálicos resultantes das questões postuladas. Assim, foram privilegiadas as suas formas, acabamentos e pesos em detrimento de análises de composição química já que, em muitos casos, tais análises já haviam sido efetuadas por Siret (1913) e por Bottaini (2012).

3.2.2. Trabalho de campo

Relativamente aos trabalhos de prospeção refira-se, antes de tudo, que a estratégia adotada não foi a de prospeção intensiva de toda a área de estudo. Na verdade, e embora não fosse afastada a hipótese de descoberta de novos sítios, a opção foi canalizar a atenção na realocação e contextualização espacial e física de sítios ou de achados já conhecidos mas que, por diferentes motivos, incluíam referências escassas ou ambíguas, principalmente no que aos achados metálicos diz respeito. Além disso, a recolha de lendas e de crenças orais e de informações relativas a cristianizações de determinados sítios arqueológicos ou relacionados com achados arqueológicos foi tentada junto de populações locais. Tal baseou-se no carácter etnográfico que pode mostrar o impacto social de alguns “lugares”, fazendo com que perdurem no tempo e ancorem histórias e memórias relacionadas com determinados particularismos (geológicos, hidrológicos, etc.) ou com propriedades mágico-imaginárias, sobrenaturais ou animistas do mundo físico. São prevalências orais (por vezes transcritas) resultantes de

processos sociais que conferem importância comunal a determinados locais e que, em muitos casos, remontam a tempos imemoriais. Paralelamente, foram descritos os lugares estudados e incluídos em catálogo para obter uma imagem destes que respeitasse os critérios e os objetivos propostos. Tal só foi possível mediante a visita dos mesmos.

Quanto aos trabalhos de escavação arqueológica refira-se, antes de mais, várias situações. Os trabalhos dirigidos pelo signatário (2010) e codirigidos pelo signatário em parceria com Ana Bettencourt (2008, 2009) no povoado e necrópole do Pego (freguesia de Cunha, Braga); os trabalhos codirigidos pelo signatário e por Maria João Amorim no povoado e necrópole da Quinta do Amorim (freguesia de S. Victor, Braga) – realizados entre o início de Fevereiro e o final de Abril de 2009; e os trabalhos de escavações codirigidos por Ana M.S. Bettencourt e outros autores, concernentes aos sítios do Pego (Braga) e de Vale Ferreiro (Fafe) e ainda não publicados monograficamente. As intervenções por nós dirigidas no Pego tinham como objetivo dar continuidade aos trabalhos iniciados anteriormente. Além disso, este local mostrava ser uma mais-valia para o presente estudo, em grande medida pela sua singularidade no contexto da Idade do Bronze do Noroeste. Já os trabalhos desenvolvidos na Quinta do Amorim terão que ser enquadrados no contexto de construção do Novo Hospital de Braga. A localização do sítio na bacia do Ave e a recolha, durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico, de materiais cerâmicos enquadráveis no período cronológico-cultural aqui em estudo, foram determinantes para a integração do signatário na equipa responsável pela escavação deste sítio. Como objetivos principais ambas as intervenções partilhavam o facto de poderem complementar o entendimento sobre a organização interna deste género de ocupações para posterior articulação com os restantes dados.

3.2.3. Trabalho de laboratório

No que respeita ao estudo dos materiais em depósito em instituições refiram-se, em primeiro lugar, os cerâmicos. Os materiais oriundos de escavações, previamente à sua análise e estudo, foram sujeitos a lavagem e a marcação, garantindo dessa forma as suas perfeitas condições de observação e de registo da contextualização dos fragmentos. Posteriormente, procedeu-se à pesquisa e colagem de fragmentos entre si para, quando possível, classificá-los formalmente.

Refira-se, ainda, que no início deste processo foram recolhidas amostras para posterior submissão a análises de química orgânica e de conteúdos orgânicos de alguns vasos de contextos funerários ou de depósitos intencionais com o objetivo de melhor os interpretar.

Durante este exercício selecionaram-se e enviaram-se para análises de composição química alguns materiais cujas características poderiam encerrar dados importantes. Concretamente, peças auxiliares ao processo de produção metalúrgica, num trabalho desenvolvido em parceria com o Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN), de Sacavém, com a colaboração das Doutoradas Maria de Fátima Araújo e Elin Figueiredo. O objetivo primordial era o de tentar identificar as ligas manipuladas pelas comunidades da Idade do Bronze que poderiam das quais poderiam ter contactado com os materiais submetidos a estudo. Nesse sentido, foram realizadas análises não destrutivas por espectrometria de fluorescência de raio X a um total de quatro moldes cerâmicos e a dois fragmentos de possíveis grelhas de fornos. Os restos de moldes correspondiam a quatro exemplares distintos: três de machados de talão e um de uma ponta de lança de alvado curto.

Relativamente ao estudo lítico, procedeu-se igualmente à sua lavagem e marcação, tendo em vista o mesmo propósito dos materiais anteriores. Este exercício culminou na classificação formal dos diferentes objetos. Por fim selecionaram-se peças para desenho e para fotografia.

O conjunto dos objetos metálicos relativos à bacia do rio Ave que se encontravam em diferentes instituições foi estudado em termos formais, de acabamento e de peso.

Por fim, no que toca ao estudo de ecofactos, o processo teve início na coleta de sedimentos recorrendo-se, posteriormente, a trabalhos de flutuação de terras. Uma vez recolhidas as amostras, procedeu-se à seleção de amostragens para análises paleoantracológicas e pelocarpológicas, bem como para datação radiométrica. No que respeita àquele primeiro grupo, um conjunto de ecofactos foi a María Martín Seijo, investigadora do *Grupo de Investigación en Antracología (Antracopyr Group)*, da Universidade de Santiago de Compostela. Por razões várias estas não ficaram prontas para apresentar neste trabalho. Serão estudadas no âmbito de um projeto de pós-doutoramento. Na área da paleocarpologia atrasos vários também não permitiram obter os resultados para este trabalho. No âmbito da palinologia houve a oportunidade de trabalhar, conjuntamente com Helena Ribeiro, Fernando Noronha e Ilda Abreu, do Centro de Geologia da Universidade do Porto. Este trabalho estudou colunas polínicas recolhidas no povoado do Corgo, localizado na freguesia de Azurara (Vila do Conde, Porto),

durante os trabalhos de escavação da responsabilidade da parceria entre a empresa *ArqueoHoje – Conservação e Restauro de Património, Lda* e o *Consórcio da Metro do Porto*. Infelizmente os resultados obtidos revelaram que se encontravam profundamente contaminados, perdendo qualquer utilidade prática.

Em relação às datações radiométricas, escolheram-se os laboratórios *NSF – Arizona Mass Spectrometry Accelerator*, localizado no Estado do Arizona, nos Estados Unidos, e o *Beta Analytic Inc.* e o *International Chemical Analysis Inc.*, os dois últimos com sede em Miami, naquele mesmo país. Sem a necessidade de discutir a validade ou o grau de aceitação atual dos resultados destes métodos de datação, deveremos apenas salientar que a seleção dos materiais a datar não foi arbitrária. Sempre que possível, deu-se a preferência a amostras de fuligem recolhidas diretamente de fragmentos ou de formas cerâmicas provindas de contextos primários. Na iminência de tal não ser possível, tal preferência recaiu para os materiais orgânicos carbonizados de vida reduzida, como as sementes de níveis arqueológicos, cuja articulação com as restantes características intra-sítio (materialidades, estratigrafia, etc.) incrementavam a sua potencialidade. Na ausência de outros dados foram usados carvões vegetais de lareiras ou de troncos carbonizados arqueologicamente contextualizados. Por questões de normalização dos resultados procedeu-se à calibração das diferentes datas pela mesma curva, recorrendo ao programa de calibração *OxCal*, versão 4.2. Neste caso, selecionou-se a curva *IntCal09*, que para o Hemisfério Norte se baseia na publicação de Reimer *et al.* (2009). Este procedimento, por questões de coerência, estendeu-se a datas anteriormente publicadas e calibradas por outras curvas.

3.2.4. Trabalho avançado de gabinete

Durante este processo foram revistas referências bibliografia mas, também, foram efetuadas novas leituras para, dessa forma, fomentar e atualizar o corpo teórico do signatário.

Procedeu-se, também, à implementação dos sítios do catálogo num Sistema de Informação Geográfico. Tal permitiu uma melhor interpretação da “rede de lugares” da Idade do Bronze e da sua interação com o meio. Deve ser referido que este procedimento foi desenvolvido com o auxílio de Filipe Pereria, bolseiro de investigação do projeto *Espaços naturais, arquiteturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das ações aos significados* (ENARDAS), aprovado e financiado pela Fundação

para a Ciência e Tecnologia com a referência PTDC/HIS-ARQ/112983/2009, do qual o signatário integrou a equipa.

Foi, também, efetuado o estudo monográfico de dados com diferentes origens. Cabem neste quadro os sítios escavados pelo signatário ao abrigo deste projeto, como a Quinta do Amorim (Braga), ao abrigo deste projeto mas em regime de continuidade a trabalhos iniciados por outros investigadores, como o Pego (Braga), ou ao abrigo de trabalhos iniciados por outros investigadores cujos resultados, por várias razões, se encontravam por publicar, como Vale Ferreiro (vide Anexos 1).

Do cruzamento e da interpretação da totalidade das materialidades em contexto e no quadro das perspetivas teóricas assumidas, foram elaboradas algumas hipóteses interpretativas, algumas das quais alvo de publicações (Sampaio *et al.* 2008, 2009, 2014; Gonçalves *et al.* 2008, 2012; Sampaio & Bettencourt 2011, 2014; Sampaio 2011) ou de comunicações ou *posters* apresentados em congressos, tentando dar resposta aos objetivos gerais e específicos propostos no presente estudo. Foram, ainda, aflorando um grupo de questões consideradas pertinentes, o que culminou na redação desta tese de doutoramento.

3.3. Restrições à investigação

Problemas de foro técnico prenderam-se com a dimensão da área a prospetar e da densa vegetação que a reveste – inviabilizando a cobertura integral e, em certos casos, a execução dos trabalhos. Também a inexistência de escavações em muitos locais ou a falta de dados monográficos de antigos trabalhos não exclui algumas imprecisões cronológicas no Catálogo anexado. Por fim, o esforço para colmatar a precisão de alguns sítios e achados de objetos foi, em parte, inalcançável.

Este estudo resultou de um percurso que obrigou à necessária e pormenorizada descrição das suas etapas, culminando nesta síntese, uma tarefa deveras complexa. Além disso, foi uma jornada de altos e baixos, tantas vezes assolada por dúvidas e questões epistemológicas, implicando a recorrente redefinição estratégica e a imprescindível reestruturação metodológica. A par destes “acertos” constantes nunca foi abandonado o diálogo autocrítico e intrínseco à própria validade dos conceitos aplicados. A bagagem teórica pessoal disponível – indissociável da prática – foi obtida através de várias leituras, de presenças em eventos científicos nacionais e estrangeiros da especialidade e da partilha e da discussão de opiniões. Neste âmbito foi de vital importância o papel inspirador de ambas as orientadoras. Acima de tudo, procurou-se uma

postura em constante adaptação e atualização, permeável à novidade e longe de alcançar a verdade absoluta. Todos estes fatores, conjuntamente, trilharam uma jornada reflexiva particular e de contínuo ajuste.

Tendo a noção das fases passadas e das dificuldades sentidas, foram vários e diferentes os estados de espírito e predisposições que influenciaram este caminho, nem sempre separando, como esperado, o pessoal do profissional.

A conclusão deste longo e moroso percurso só foi possível com concentração, dedicação e, acima de tudo, paciência. É assumido, inevitavelmente, que as lacunas ou omissões podem e devem ser minimizadas com trabalhos vindouros. Para tal, tornam-se necessários estudos que pretendam dar continuidade, em certa parte, ao que aqui foi iniciado. É por esse motivo que se considera este estudo uma abordagem contingente que desembocou numa síntese localizada, o início de algo, um trabalho inacabado e aberto a críticas.

PARTE III.

O ESPAÇO DE ESTUDO: A BACIA DO RIO AVE

1. Introdução

Embora a área de estudo corresponda, grosso modo, à bacia hidrográfica do rio Ave, a sua delimitação levantou, logo à partida, alguns obstáculos. Necessária pelos propósitos de coerência científica que serve, essa circunscrição viu-se condicionada pelo facto de se aportar ao estudo, sobretudo pela complexidade das temáticas sociais e o desfasamento entre o espaço vivenciado pelas comunidades abordadas e o espaço delimitado de uma bacia hidrográfica, o que não deixa de ser uma simplificação do modo como as sociedades perceberam e interagiram com o mundo. Além de restritivo, é um raciocínio que pode menosprezar a capacidade, a intensidade e a amplitude das estratégias sociais. Certamente que as comunidades da Idade do Bronze que agora identificamos e integramos na bacia do Ave contactaram com outras bacias fluviais, vales, montanhas, sociedades, etc. Infelizmente, o estudo dos grupos humanos do passado não nos permite trabalhar sobre o abstrato ou o indefinido. Neste sentido, a circunscrição da área de estudo, mais do que lógica, tornou-se necessária.

Neste capítulo serão abordadas as características fundamentais do Noroeste português, onde se insere a bacia do rio Ave. Essa descrição será efetuada tendo em conta aspetos hidrológicos, geomorfológicos, geológicos, mineralógicos, pedológicos e ambientais. O quadro paleoclimático e paleoambiental específico foi de difícil definição, pela falta de dados concretos, pelo que foi opção falar da área genérica em que se insere a bacia do Ave, ou seja, o Noroeste Peninsular.

2. A bacia do Ave no contexto do Noroeste peninsular

O Noroeste de Portugal situa-se no Maciço Hespérico e incorpora rochas do Orogénio Hercínico Europeu (Pérez-Estuán *et al.* 2004 citado em Pinto 2011). A área está dominada essencialmente por granitoides hercínicos, de origem magmática, variando entre granodioritos e granitos de duas micas, encaixantes em metassedimentos paleozoicos, apresentando variado grau de meteorização (Sampaio 2005: 18).

Um longo processo – que inclui episódios erosivos e deposicionais – levou à formação de uma peneplanície (Ribeiro *et al.* 1987), uma superfície poligénica (Martin-Serrano 1994, Ferreira & Ferreira 2004 citados em Pinto 2011). Em Portugal esta peneplanície foi fraturada e deslocada tectonicamente. Ela é dominada por montanhas pontuais que, rumo ao litoral, vão sendo substituídas por outros relevos menores (Ribeiro *et al.* 1987), tomando a forma de

anfiteatro natural virado a oeste onde os sucessivos degraus descendentes até ao Atlântico são retalhados pelos rios que ali correm (Sampaio 2005: 29) (FIG. 3.1).

É uma área integrada na região Eurosiberiana, subsector Minhense, sendo o clima predominante temperado húmido e super-húmido, caracteristicamente pluvioso no Inverno e com moderada falta de água no Verão (Daveau *et al.* 1977, 1980), propício à ação da lixiviação e, por conseguinte, da meteorização química.

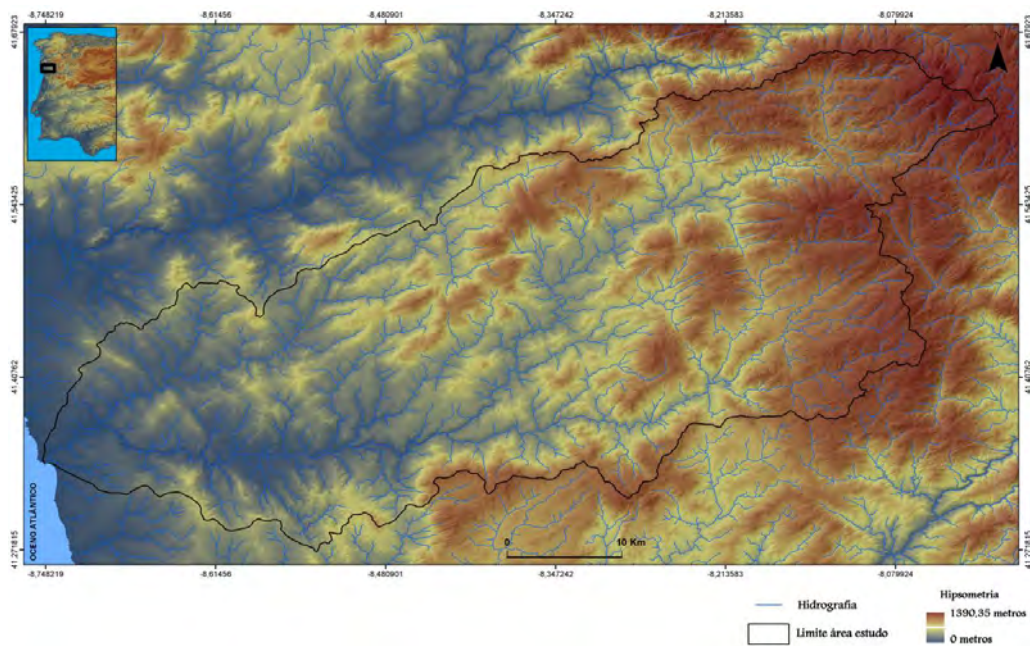


Figura 3.1 – Mapa hipsométrico com a marcação (a negro) dos limites da bacia do rio Ave.

Geologicamente, a génese eruptiva e metamórfica do Noroeste está atestada pelas rochas caracteristicamente diversas orientadas de noroeste a sudeste com intercalações sucessivas (Fig. 3.2). Segundo análise às Carta Geológica de Portugal, folha 1 (Pereira *et al.* 1989) e folha 2 (Ribeiro *et al.* 2000), à escala 1/200 000, e folhas 5-C de Barcelos (Teixeira & Medeiros 1969), 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000), 6-C de Cabeceiras de Basto (Ribeiro *et al.* 2000), 9-A de Póvoa de Varzim (Teixeira & Medeiros 1965) e 9-B de Guimarães (Andrade & Noronha 1986), à escala 1/50 000, a bacia do rio Ave desenvolve-se sobre granitos hercínicos com aquela orientação maioritária, seguindo a direção dos cisalhamentos dúcteis que atravessam o vale, nomeadamente a este, o de Vigo-Régua e, a oeste, o Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão (Sampaio 2005: 19). Genericamente, são granitos variáveis entre o grão fino, médio ou grosseiro, incluindo biotites e moscovites ou duas micas. Por sua vez, estes granitos encaixam em metassedimentos paleozoicos, na sua maioria de origem silúrica, que

acompanham as supracitadas zonas de cisalhamento e que acabam por interromper a homogénea presença granítica, aflorando à superfície (Sampaio 2005: 19). Entre estes destaca-se uma faixa estreita de metagrés filitoso e filitos com intercalações de xistos e ampelitos. Esta unidade alóctone, denominada de Unidade de Vila Nune, parte de Pinheiro (Vieira do Minho) seguindo o sentido dominante (NW-SE), alargando até Vila Nune (Cabeceiras de Basto), onde vira para Sudoeste, estendendo-se até Freixo de Baixo (Amarante), torcendo novamente para Noroeste, até Guimarães, onde estreita e desaparece sob o Monte da Penha.

No sector ocidental da bacia do rio Ave, acompanhando o cisalhamento dúctil do Sulco Carbonífero Dúrico-Beirão, observam-se fácies silúricas e ordovíricas – variedades de quartzitos e de xistos – e, em menor expressão, de origem câmbrica e carbónica – micaxistos, gnaisses e migmatitos e siltitos, arenitos, argilitos cinzentos, arcoses e conglomerados grosseiros, respetivamente (Pereira *et al.* 1989).

No litoral é maioritária a presença de depósitos indiferenciados, de dunas fósseis e atuais e de praias recentes. Destacamos os terraços fluviais do Plistocénico Recente e do Quaternário Antigo (Pereira *et al.* 1989) que incluem, genericamente, calhaus de dimensões e de rolamento variável encaixados numa matriz argilo-arenosa com forte presença de óxidos de ferro (Sampaio 2005: 23). Posicionam-se a diferentes cotas nas margens do Ave, com maior presença em Ferreiró (Vila do Conde) e em Bougado (Trofa), margens direita e esquerda do rio Ave, respetivamente, embora não excedam os 40/50 metros de altitude na zona de Areias, concelho de Santo Tirso (Andrade 1946: 118). Terraços de cascalheira de dimensões menos expressivas encontram-se, ainda, nas margens dos rios Sanguinhedo, Pelhe, Pele e Este, afluentes deste último.

O relevo do Noroeste português apresenta o legado da tectónica hercínica, no soco primitivo. Esta ação foi sendo ciclicamente reativada desde o Paleozoico (Sampaio 2005: 23). Durante os movimentos alpinos geraram-se reativações de antigos cisalhamentos, dos quais resultaram fraturas orientadas de este-nordeste a oeste-sudoeste e de nor-noroeste a su-sudeste (Sampaio 2005: 24).

A neotectónica foi, também, decisiva para a configuração dos relevos do Norte português, principalmente dos verificados no sector oriental, levando ao encaixe dos cursos fluviais em percursos estreitos e montanhosos, alguns segundo as direções da rede de fraturas tectónicas (Lautensach 1932).

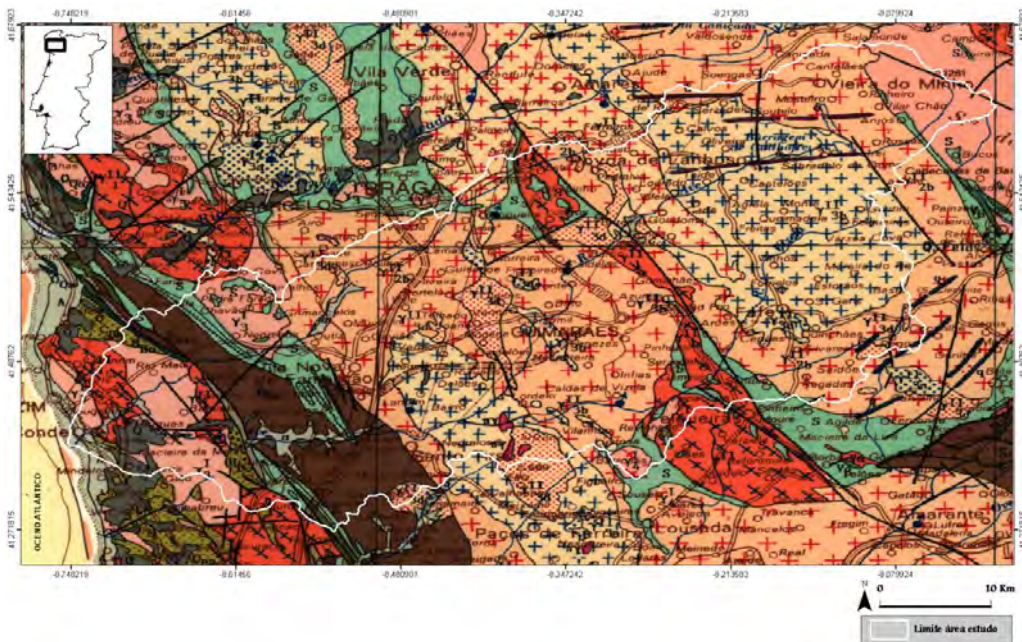


Figura 3.2 – Excerto de Carta Geológica de Portugal, folha Norte, à escala 1/500 000, com os limites da bacia do Ave.

É neste cenário que se insere a bacia hidrográfica do rio Ave que, pese embora a sua reduzida dimensão, apresenta grande heterogeneidade. Conhecido em certas fontes escritas como *Avus* (Mela III: 10 em Dinis 1993), nasce a cerca de 1200 metros de altitude, em Pau de Bela, na freguesia de São Estevão de Castelões (Vieira do Minho), na Serra da Cabreira (Leal & Ferreira 1873-1890: 233). É delimitada a este e a sudeste pela bacia do rio Tâmega, subsidiárias do Douro; a norte pela bacia do Cávado; e a Sul pela bacia do Leça. O seu vale, que se estende do litoral e abre para Nor-Nordeste e Su-Sudeste, totaliza um percurso de cerca de 100 km e uma área de 1391 km² (DRAOT-Norte 2000), banhando integral ou parcialmente vários concelhos dos distritos de Braga e do Porto¹. Concretamente, os municípios de Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Fafe, Felgueiras, Guimarães, Mondim de Basto, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vizela e de Lousada, Maia, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Trofa e Vila do Conde, respetivamente.

O rio Ave corre no sentido nordeste-sudoeste até Bairro e Rebordões (Santo Tirso), inverte para oeste até Touguinhó (Vila do Conde), onde conflui à sua margem direita o rio Este. Retoma posteriormente a direção original e desagua no Oceano Atlântico entre Vila do Conde, a norte, e Azurara, a sul. Em termos geomorfológicos, a sua nascente inclui relevos altos aplanados,

¹ Concretamente, os municípios de Barcelos, Braga, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto, Fafe, Felgueiras, Guimarães, Mondim de Basto, Póvoa de Lanhoso, Vieira do Minho, Vila Nova de Famalicão e Vizela e de Lousada, Maia, Paços de Ferreira, Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Trofa e Vila do Conde, respetivamente.

dissecado por cursos fluviais que reticularam o terreno seguindo a rede de fraturas geológicas dominante. Em termos hipsométricos a área varia entre os 1260 metros – na nascente, no Alto de Talefe, Serra da Cabreira –, e o nível médio das águas do mar – na foz, entre Vila do Conde e Azurara. Mais de 50% do seu curso não ultrapassa os 280 metros e apenas 10% excede os 560 metros (DRAOT-Norte 2000). No sector oriental e parte do seu curso médio, abarcando Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso, Braga, Guimarães e Fafe, prevalecem os relevos graníticos de dimensão e formas variáveis. Destacamos a Serra da Cabreira², situada entre os concelhos de Vieira do Minho e de Cabeceiras de Basto, mas, também, o Monte da Laje Grande (Póvoa do Lanhoso), o do Sameiro, o do Bom Jesus e o de Santa Marta da Falperra (Braga) e o Monte da Penha (Guimarães). O vale fluvial é estreito e serrano até próximo da albufeira do Ermal (Vieira do Minho), com declives mais acentuados nos primeiros cerca de 7 km (Sampaio 2005: 12). A restante parte ocidental do sector médio e o baixo Ave, entre Vila Nova de Famalicão e a foz, apresenta um trajeto sinuoso com margens aplanadas (Sampaio 2005: 12), ladeadas por amplas planícies aluviais. Os relevos não excedem os 300 metros de altitude tornando o vale preferido para fins agrícolas. Destacam-se diversos montes: o Monte da Saia (Barcelos), com cerca de 300 metros; Monte da Cividade (Vila do Conde), com 206 metros e o Monte de S. Félix (Póvoa de Varzim), atingindo 220 metros.

O rio Ave tem como principais afluentes os rios Agrela, Este, Pele, Pelhe, Pequeno, Pontes, Sanguinhedo, Selho, Trofa e Vizela, as ribeiras da Aldeia, de Friães, da Granja, do Fojo, de Pequeno, da Póvoa e de Tabuaças e os ribeiros do Beleco, de Fradelos e dos Peixes. O rio Este, também denominado de *Deste* ou de *Alleste*, *Aleste* (Leal & Ferreira 1873-1890, I: 111) ou *Aliste* (Ferreira 1977), nasce a Este de São Mamede de Este (Braga), a cerca de 460 metros de altitude, correndo pelo vale entre a Serra dos Carvalhos e a Serra dos Picos, sendo o principal afluente do rio Ave pela sua margem direita. Com cerca de 45 km de extensão e uma área de 247 km² (DRAOT-Norte 2000), desenvolve-se essencialmente sobre áreas agrícolas, desaguando na margem direita do rio Ave a cerca de 4 km de Vila do Conde, junto a Touguinhó, naquele concelho (Dinis 1993: 21). Apresenta um percurso sinuoso e margens largas e amplas que nas últimas décadas têm sido alteradas pela crescente pressão demográfica e forte indústria. Tais transformações incluíram o encanamento de dois trechos do seu curso, um de reduzidas dimensões em Braga e outro com cerca de 4,5 km entre Minhotães (Barcelos), Nine e Arnoso (Vila Nova de Famalicão). Com cerca de 18 km² de bacia hidrográfica, o rio Sanguinhedo nasce

² Trata-se de um maciço com forma sensivelmente alongada no sentido NE-SW que é limitado a NW pela Serra do Gerês, a NE pela Serra do Barroso, a E pela Serra da Padrela e a SE pela Serra do Alvão e que liga ao interior continental pela Serra do Barroso.

em Fonte de Cima, em Lamelas (Santo Tirso), a cerca de 280 metros de altitude, afluindo ao rio Ave pela sua margem esquerda em Argemil (Santo Tirso). O seu curso, embora sinuoso, é maioritariamente feito no sentido Sul/Norte. O rio Trofa, também conhecido como ribeira de Covelas, nasce no lugar de Coura, na freguesia de Covelas (Trofa), subsidiando o rio Ave, pela sua margem esquerda, em Azenha de São, freguesia de Santiago do Bougado (Trofa). O seu traçado sinuoso, com pouco mais de 11 km corre, grosso modo, no sentido Sul/Norte. O rio Vizela nasce no Alto de Morgair, em Gontim (Fafe), a valores altimétricos superiores aos 700 metros, detendo cerca de 50 km de comprimento e uma área total de 340 km² (DRAOT-Norte 2000). Correndo no sentido Nordeste-Sudoeste, converge à margem esquerda do rio Ave em Rebordões (Santo Tirso), com o qual se assemelha, pois apenas nos seus primeiros quilómetros apresenta fortes declives. Após a barragem de Queimadela (Fafe) percorre o subsolo por cerca de 100 metros. Os seus principais subsidiários são os rios Ferro e Bugio. O rio Ferro nasce da confluência das ribeiras de Ribeiros, de Moreira, de Donim e das Ínsuas que se unem a Sul de Fafe. O rio Bugio, por sua vez, nasce na Serra da Queimada e desagua no rio Ferro um pouco antes deste se unir ao Vizela, na sua margem esquerda, em Jugueiros (Felgueiras). Já o rio Pele nasce em Brito (Guimarães) e após percorrer cerca de 15 km desagua na margem direita do rio Ave em Palmeira (Santo Tirso). O rio Pelhe tem nascente em Telhado (Vila Nova de Famalicão) e detém cerca de 30 km de comprimento. Desagua na margem esquerda do rio Ave em Lousado (Vila Nova de Famalicão), na zona limitrofe daquele concelho com o concelho da Trofa. Finalmente, o rio Selho³, com uma extensão de cerca de 25 km, nasce no Monte da Gonça, em São Torcato (Guimarães), e conflui para a margem esquerda do rio Ave em Gondar, no mesmo concelho. São estes afluentes os principais responsáveis pela drenagem eficaz de uma região caracteristicamente húmida. Durante o seu percurso atual contam-se as barragens de Guilhofrei (Ermal) e das Andorinhas (Póvoa de Lanhoso), facto que contribuiu para a alteração das suas margens. No quadro do processo de Romanização do Noroeste português e como alguns autores têm vindo a defender, o seu leito seria navegável até às Caldas das Taipas, povoação localizada a cerca de 9 km de Braga e atualmente pertença do concelho de Guimarães (Lemos 1999 e Blot 2003 em Morais 2005: 60).

O nivelamento geomorfológico do litoral revela ação marinha e fluvial, desaguando o rio Ave de forma declaradamente aberta. É no entanto problemática a formatação da linha costeira durante a Pré-História Recente. Grande parte do litoral minhoto, principalmente a norte da foz do

³ Também designado de Celho, Cêlho ou Sêlho (Costa 1874: 229).

Ave, teria conhecido um amplo sistema de lagunas (Baptista 1992, Granja & Carvalho 1993, Granja 1993: 44, Granja & De Groot 1996, Gómez-Orellana *et al.* 2001). Os estudos de diferente natureza de Granja & Carvalho (1993), de Granja & De Groot (1996) ou de Gómez-Orellana *et al.* (2001) efetuados para a costa Norte portuguesa mostram que, entre o Plistocénico Final e o Holocénico, estabelecer-se-ia a sul do rio Minho um complexo lagunar que ocuparia largas áreas do litoral, dependendo a sua evolução do respetivo posicionamento do nível médio das águas do mar – resíduos deste sistema são visíveis, atualmente, nas lagoas da Apúlia (Esposende), de Esmoriz (Ovar) ou de Mira (Coimbra). Entre Esposende e a foz do Ave Granja & Carvalho (1993) dataram macrorrestos vegetais da denominada “formação da tijuca”, situando-a entre 4470 BP e 360 BP. Segundo Gómez-Orellana *et al.* (2001: 83) o diagrama polínico conseguido da análise a uma amostra desta formação revelou um coberto vegetal predominantemente não arbóreo e, de menor expressão, arbóreo, indiciando uma paisagem fortemente desflorestada⁴.

Relativamente a recursos metálicos, a sua abundância no Noroeste Ibérico é referida por Estrabão (Cardoso 1994: 68). Há ainda a menção, em pleno século XIX, a partículas de ouro nas margens dos rios Douro e Sousa (Soeiro 1984: 109). Além disto, as evidências arqueológicas diretas e indiretas da prática de metalurgia e a recolha de vários objetos metálicos nesta área parecem corroborar essa riqueza. O ouro poderia ter sido obtido sobre os veios auro-antimoníferos de Lagoa Negra (Barcelos), a norte de Laúndos (Póvoa de Varzim). Aí, um lago artificial de grandes dimensões e os restos de escombros identificados comprovam escavações no local para a exploração daquele minério (Teixeira *et al.* 1965). A extração de prata, associada a antimónio, chumbo e manganês (Leal & Ferreira 1873-1890, VIII: 610), está identificada na freguesia de Água Longa, em Santo Tirso, durante o segundo quartel do século XIX. O registo de concentrações de várias ocorrências de estanho numa área muito próxima do vale do Ave permite identificar grandes complexos como os que se desenvolvem entre Negreiros (Barcelos) e Lousado (Vila Nova de Famalicão) (Teixeira *et al.* 1965), com especial destaque para o complexo de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas, e entre Felgueiras e Vila Garcia (Amarante) (Pereira *et al.* 1989; 1992). Há, ainda, outros pontos na área de estudo onde surgem mineralizações de estanho, embora em menor concentração, nomeadamente Touguinhó (Póvoa de Varzim) e Bagunte (Vila do Conde).

⁴ Os *taxon* de *Artemisia* e de *Tubuliflorae*, normalmente associados a climas frios e secos, podem ser explicados como espécies pertencentes a comunidades vegetais halófilas azonais (Gómez-Orellana *et al.* 2001: 83), isto é, vegetação que embora caracteristicamente terrestre se adapta a meios aquáticos marinhos e à sua salinidade com facilidade. Reforçando ainda a ideia deste ambiente com fortes indícios de água, verifica a presença de *Isoetes* (80%) e de *taxons* higrófilos, entre os quais se destacam *Cyperaceae* e *Umbelliferae* (Gómez-Orellana *et al.* 2001: 83).

Relativamente a outros recursos refiram-se as águas mineromedicinais e recursos não metálicos como a argila e a pedra, essencialmente o granito, que é alvo de diversa exploração sob a forma de pedreiras a céu aberto. Existe, igualmente, o acesso a sal, embora sua coleta provenha de processos manipulados antropicamente e não segundo o método de extração (conforme sucede, por exemplo, em Rio Maior).

Águas mineromedicinais estão identificadas em Caldelas e Caldas de Vizela (Guimarães), junto à barragem das Andorinhas, em Galegos (Póvoa de Lanhoso), e em Caldas da Saúde (Santo Tirso).

Embora sejam escassos os dados concernentes à extração salina durante a Pré-História do Noroeste português, a distribuição do povoamento ao longo da costa e a necessidade populacional daquele recurso leva-nos a acreditar que a sua coleta e consumo integraram as atividades das populações locais. A evidência mais concreta e antiga provém de Carreço da Praia (Viana do Castelo), onde se recolheu um fragmento de plaquete que, suportado por uma data de termoluminescência, enquadra a ocupação do local entre os finais do III e inícios do II milénios AC (Meireles 1992). Referência à exploração de sal durante a Proto-História ou em época medieval é possível encontrar, também, em Almeida (1978) e Almeida (1979, 1996). A localização de salinas nas freguesias de S. Bartolomeu do Mar (Almeida 1978: 132, Almeida 1986: 57-58) e de Belinho (Almeida 1986: 57-58), no concelho de Esposende, associadas a vestígios antigos, a possibilidade da extração de sal poder ser praticada em zonas alagadas (Ribeiro *et al.* 1987) ou em sapais de rios (Lautensach 1991: 11, 23), através da evaporação da água, e as características lagunares já referidas e propostas para extensas faixas costeiras do litoral minhoto (Meireles 1992; Granja & Carvalho 1993; Granja 1993: 44; Granja & De Groot 1996; Gómez-Orellana *et al.* 2001), terão potenciado estas práticas extrativas um pouco por toda a costa Norte portuguesa.

Já as argilas comuns estão identificadas na região de Viana do Castelo (Pereira *et al.* 1992). Os caulinos estão bem representados em Avelhos (Santo Tirso) e em Junqueira, Cangas, Parada, Lentes e Guilhabreu (Vila do Conde) (Pereira *et al.* 1992).

Por todo o território abordado abundam, ainda, recursos pétreos graníticos, sendo os xistos, mais raros na área de estudo, explorados em Fontisco e Reguenga (Santo Tirso) (Pereira *et al.* 1992). De um modo geral verifica-se a presença de abundantes quartzos, associados às grandes quantidades de granitos que prevalecem sobre o vale do Ave, com especial

concentração no planalto da Lameira (Celorico de Basto), cuja orientação prevalecente se dispõe de Nordeste para Sudoeste.

No que respeita aos solos da região a maioria formou-se com materiais locais resultantes da alteração e da desagregação do substrato rochoso. Graças às variações climáticas, à orografia e ao coberto vegetal, são solos soltos de volume e granulidade variável classificados edaficamente de aptidão agrícola. Segundo uma análise da Carta dos Solos, à escala 1/1 000 000 (Carvalho *et al.* 1978), a influência atlântica na região condicionou a consolidação de Cambissolos húmicos e, em pequenas parcelas na costa litoral, de Luvisolos. Os primeiros caracterizam-se por conterem duas camadas ricas em argila e uma natureza geológica que lhes confere elevada acidez mas fraca presença de cálcio e fósforo, embora com índices de potássio satisfatórios. Enquanto solos naturalmente arenosos, a sua aplicação a práticas agrícolas implica a adição de matéria orgânica e de água. Os Luvisolos, por seu turno, ricos em matéria orgânica, são profundos e frescos mas podem deter alguma ineficácia no arejamento e no escoamento de água. Embora os terrenos de aptidão agrícola se situem maioritariamente no litoral – sendo possível observar diferentes tipos de utilização básica do território⁵ –, nas margens do rio Ave e seus afluentes desenvolvem-se campos propícios ao cultivo, quer em depressões montanhosas quer em alvéolos aluviais de planície, de colina ou de planalto.

Economicamente a área é tradicionalmente explorada segundo modelos de cariz agrário e pastoril, práticas que nos últimos anos têm vindo a ser abandonadas. Contudo, o incremento da antropização e do urbanismo, principalmente a partir da década de 1980, implicaram o deslocamento mecânico de grandes quantidades de terras e imprimiram significativas modificações no território. Ainda assim e fora dos grandes agregados citadinos, o povoamento minhoto das terras baixas propaga habitações pelo campo em estreita relação mais com as terras agricultadas do que com as habitações vizinhas. Nas terras altas este é de cariz transmontano, concentrando as habitações em povoações separadas nitidamente dos campos agrícolas (Ribeiro 1991). A zona de contacto entre as terras baixas e as terras altas apresenta um povoamento concentrado em povoações pequenas próximas umas das outras (Ribeiro 1991).

⁵ (1) Agrícola de planície, praticada nas terras baixas e acompanhada de um povoamento disperso; (2) agrícola de montanha, associada a povoações agrupadas; (3) urbanizada, presenciando construções de variada ordem; (4) não cultivada, incluindo matos mais ou menos abandonados e áreas de solos poucos espessos ou zonas de afloramentos; (5) floresta de plantação, presenciando grandes quantidades de *pinus pinaster* e de *eucalyptus globulus*; e (6) floresta de caducifolia, predominando o *quercus robur* e o *quercus pyrenaica* (Gomes *et al.* 2001).

Em termos climatéricos a zona é fortemente influenciado pelo Oceano Atlântico. A disposição dos principais acidentes orográficos do Noroeste português e a passagem frequente de superfícies frontais contribuem para chuvas regulares. Embora sob algumas influências mediterrânicas, os territórios continentais denotam o tendencial aumento dos índices de pluviosidade e de humidade. Por toda a área são recorrentes os nevoeiros matinais e noturnos e as temperaturas moderadas com amplitudes térmicas de pequena variação. A morfologia heterogénea do vale potencia diferenças regionais: nas altas altitudes interiores os Verões são frescos e os Invernos rigorosos; no curso médio os Verões são mais quentes e os Invernos ligeiramente menos frescos; e, no baixo Ave, os Verões são menos quentes e os Invernos mais amenos. Classificando a zona segundo critérios simples, o clima é variável entre fresco, húmido e muito chuvoso nos sectores montanhosos continentais e temperado, húmido e chuvoso na costa litoral (Ribeiro & Lautensach 1988; Duveau 1995).

O coberto vegetal, disperso em manchas – exceção feita à costa atlântica –, aglomera-se na banda paleozoica que percorre o terreno de Sul para Noroeste e ao longo das vertentes na área continental de montanha, isto é, no quadrante Nordeste da bacia. Presencia o castanheiro (*Castanea sativa*), o pinheiro bravo e o pinheiro manso (*Pinus pinaster* ssp. *atlantica* e *Pinus pinea*, respetivamente), o carvalho alvarinho (*Quercus robur*) e o sobreiro (*Quercus suber*) como espécies arbóreas dominantes. Os eucaliptais – espécie alóctone de introdução recente – contribuíram para a transfiguração da paisagem local, além da presença do pinheiro bravo no Noroeste ser considerada tardia⁶. Os fetos (*Pteridium aquilium*) e variantes de tojo (*Ulex minor* e *Ulex europaeus*) povoam as áreas de sub-bosque. Há, ainda, algumas espécies que registam a degradação do coberto vegetal original, tal como as urzes (*Erica arborea* e a *Deboecia cantábrica*) e as estevas, estas últimas associadas amiúde a queimadas/desmates.

Os dados disponíveis para a reconstituição paleoambiental da Pré-História Recente relativos à bacia do rio Ave são, essencialmente, relativos a trabalhos de antracologia e de paleocarpologia. Na sua maioria são estudos de amostras recolhidas de contextos arqueológicos (Figueiral 1990; Figueiral 1995; Figueiral 2000c; Bettencourt *et al.* 2007; Figueiral & Bettencourt 2007; Sampaio & Carvalho 2002; Tereso 2012), alguns dos quais de carácter mais generalista (Figueiral 1993, 1996). Nós próprios tentámos, juntamente com outros investigadores, o estudo palinológico de amostras provenientes do sítio arqueológico do Corgo (Azurara, Vila do Conde)

⁶ O estudo antracológico efetuado no Castro das Ermidas, em Jesufrei (Vila Nova de Famalicão), mostrara a presença de *Pinus pinaster*, pela primeira vez, na Idade do Ferro, contrariamente à sua vulgar presença no Nordeste transmontano verificada durante o III milénio AC (Figueiral 1990: 126).

cujos resultados, infelizmente, revelaram contaminações (Ribeiro *et al.* 2010). De uma forma geral, estes trabalhos permitiram verificar: um sistema agro-silvo-pastoril que, em alguns casos, parece já bem implementado durante o Calcolítico; a introdução do milho-miúdo durante a Idade do Bronze Médio; a recorrente presença do binómio carvalho/fabáceas, percebida pela generalização do seu uso em construções perecíveis ou como combustível; o aumento dos *taxon* de fabáceas, talvez pela crescente antropização do meio; a presença de cereais e de plantas arvenses como indicadores de manuseamento antrópico; e a presença da fava e da ervilha, identificada em contextos anteriores mas assídua durante o Bronze Final, no quadro de hipotética rotatividade agrícola entre cereais e leguminosas (Bettencourt 1999, Tereso 2012).

Contudo, a natureza pontual destes trabalhos, os dados parciais e o facto de serem relativos a diferentes períodos não permite grandes generalizações. Assim, foi nossa opção consultar, também, os trabalhos de Gómez-Orellana *et al.* (2001), Martínez Cortizas *et al.* (2009) e de Fábregas Valcarce *et al.* 2003).

O primeiro (Gómez-Orellana *et al.* 2001) é um estudo palinológico de locais não antropizados da zona costeira entre o Norte da Galiza e o Furadouro (Aveiro), abarcando o Plistocénico e o Holocénico. Resumidamente, os autores defendem uma fase Catatérmica (iniciada a cerca de 3000 BP) que verifica sucessivos episódios de subida e descida das temperaturas e que desemboca nas condições climáticas atuais. A partir daquele momento a crescente antropização do meio terá contribuído para o recuo das formações de tipo bosque⁷, ao que não terá sido alheia a influência da ascensão eustática Flandriense. Verificam tal facto através da infrarrepresentação das formações de bosque regionais e de sinais de intensa desflorestação denunciados pelo decréscimo de percentagens arbóreas nos espectros polínicos. Além disso, e como já referido, a existência de ecossistemas hídricos de carácter continental, com domínio de Isoetes e de grande variedade de *taxons* aquáticos, reforça a ideia da presença constante de uma capa de água doce e meios semi-terrestres, isto é, um amplo sistema lagunar e de meios turbosos ou semi-turbosos dispostos ao longo da costa Norte portuguesa, levando ao desenvolvimento de ecossistemas limnéticos estreitamente relacionados com as variações marinhas.

Com base nos trabalhos de Fábregas Valcarce *et al.* 2003) e de Martínez Cortizas *et al.* (2009), serão apresentadas duas fases distintas: entre meados do IV e meados do II milénios AC (3500-1500 a.C.) e entre meados do II e meados do I milénios AC. (1500-500 a.C.).

⁷ Com um coberto vegetal predominantemente não arbóreo (45% de *Tubuliflorae*, 30% de *Poaceae* e 30% de *Artemisia*) e, de menor expressão, arbóreo (*Quercus ilex* tp, *Corylus*, *Betula* e *Ulmus*), prevalecendo a ideia de uma paisagem fortemente desflorestada.

Segundo estes autores, e para o período que interessa para o presente estudo, entre finais do III e inícios do II milénios AC as condições climatéricas tornam-se mais adversas: dá-se uma ligeira descida da temperatura e instala-se uma maior aridez. Trata-se de um processo global – denominado por alguns autores de Neoglaciação – que terá estimulado a alteração das paisagens ao longo dos dois milénios seguintes (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009).

Pese embora o carácter espacial e temporalmente localizado dos dados, os indicadores geoquímicos sugerem um decréscimo das temperaturas comparativamente ao presente em c. de 2 a 2,5°C. A reconstituição das paleotemperaturas do Noroeste Ibérico proposta por Martínez Cortizas *et al.* (2009) defende a descida destes valores até c. de 2500 a.C., atingindo, em termos globais, c. de 5 °C de diferença em relação à fase anterior – denominado de Ótimo Climático. Após este episódio, as temperaturas sobem c. de 1°C e permanecem estáveis até uma nova etapa de arrefecimento instalada entre c. de 1600 e 1400 a.C. (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009). A c. de 1200 a.C. verifica-se uma nova subida da temperatura mas, desta feita, de forma mais acentuada (Fábregas Valcarce *et al.* 2003).

A par da temperatura a humidade parece decair de forma mais ou menos contínua. Afere-se maior aridez entre os finais do IV e o primeiro quartel do III milénios a.C. – a c. de 2700 a.C. –, altura em que a humidade atinge valores mínimos, decrescendo c. de 23% em relação à fase anterior (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009). Entre 2600 a.C. e 2300 a.C. dá-se um aumento de 45% da pluviosidade registando o máximo para este período no último quartel do III milénio a.C. – a c. de 2200 a.C.. Na transição entre o III e o II milénios a.C. verifica-se nova descida da humidade, embora dentro de valores mais altos que os mínimos anteriores. Excetuando o aumento ocorrido a c. de 1600 a.C., parece imperar um ambiente de seca. Entre 1400 a.C. e 1300 a.C. dá-se a rápida recuperação dos valores da humidade que posteriormente permaneceram quase constantes (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009).

A intensidade do vento parece ter sido muito alta até final do III milénio a.C. e baixa a muito baixa a partir dessa data (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009), verificando uma atividade quase constante ou, quando muito, abaixo dos valores atuais. O final do II milénio a.C. termina com episódios de ventos muito fortes superiores até 3.5 em relação à atualidade (Fábregas Valcarce *et al.* 2003). É possível perceber que enquanto grande parte do III milénio se caracteriza por uma alta e muito alta ação do vento, o final do III e grande parte do II

milénios a.C. mostram uma ação de baixa intensidade. Como resultado, os elevados fluxos de pó poderão ser interpretados como o produto de mudanças paisagísticas mais acentuadas (Fábregas Valcarce *et al.* 2003). Será prudente, contudo, não menosprezar certas ambiguidades⁸.

Estudos da evolução da paisagem no Noroeste da Península mostram que a erosão dos solos começou a generalizar-se pelo menos a partir do início do IV milénio a.C., levando a que os solos de altimetrias mais baixas fossem enterrados por coluviões, aumentando a potência dos solos de vale e, por acréscimo, levando à sua instabilidade (Fábregas Valcarce *et al.* 2003). O início desta fase verifica uma atividade erosiva variável⁹, sendo certo que o equilíbrio natural dos solos de vertente parece ter sido perturbado, em alguns casos até ao ponto de ter sido removida rocha mãe (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009). Os materiais erodidos e depositados nas terras baixas formaram novas superfícies que, através da mistura instalada, imprimiram uma avultada riqueza nutricional e geraram solos de aptidão agrícola (Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009). Esta ação erosiva¹⁰ rasgou a superfície dos solos e incapacitou a sua competência para reter água, aumentando o risco de escorrimentos. Tal situação elevou os lençóis freáticos e transformou as terras baixas em solos hidromórficos¹¹ que, em alguns locais, dada a constante presença de água, geraram bacias e turfeiras (Fábregas Valcarce *et al.* 2003).

A Idade do Bronze corresponde, também, a um momento em que se verificam alterações significativas em termos do coberto vegetal, com uma diminuição do índice arbóreo e o aumento das plantas arbustivas e herbáceas, a partir 3.500 BP, salvo em áreas montanhosas, devido ao incremento progressivo da ação humana sobre o meio, como desflorestações, incêndios, atividades agrárias, etc. (Ramil Rego 1993a; Ramil Rego *et al.* 1998, 2010).

Os registos polínicos gravaram o declínio dos pólenes arbóreos a par do aumento de plantas arbustivas e herbáceas a partir de 3500 BP, coincidentes com indícios de maior erosão e de intensificada ação antrópica sobre o meio, nomeadamente desflorestação, atividades

⁸ Fábregas Valcarce *et al.* (2003) valorizam alguns detalhes: se grande parte do III milénio a.C. presenciou uma atividade eólica alta e muito alta, não será descabido assumir que, comparativamente a uma grande área sob a ação de baixos ventos, uma pequena área seria capaz de gerar mais fluxos se a ação fosse mais enérgica; consequentemente, a acumulação dos indicadores poderá não deter uma relação direta com a proporção de terra sem coberto vegetal. Além disso, a estabilidade eólica é relevante, pois ventos constantes podem ter um efeito notório no transporte de poeiras.

⁹ Enquanto os indicadores geoquímicos registam uma baixa a moderada intensidade, os indicadores geomorfológicos e sedimentológicos são favoráveis à severa erosão localizada.

¹⁰ Em concreto, a análise de alguns elementos litogénicos presentes em turfeiras ombrotóricas (nutridos a partir de águas pluviais que, pelas características, são bons indicadores atmosféricos) sugere várias oscilações: aumento da erosão dos solos entre 3500 a.C. e 3200 a.C., ligeira descida entre 3200 a.C. e 2900 a.C., novo aumento até 2500 a.C. e nova descida até 2300 a.C. No século seguinte os fluxos obtiveram um aumento violento, sugerindo intensos episódios de erosão. Embora estes fluxos tenham eventualmente descido após este período, o que se denota são indícios de elevada erosão ao longo do I milénio a.C. (Fábregas Valcarce *et al.* 2003).

¹¹ Isto é, áreas deficientemente drenadas.

agrárias, incêndios, etc. (Ramil Rego 1993; Ramil Rego *et al.* 1998, 2010; Fábregas Valcarce *et al.* 2003, Martínez Cortizas *et al.* 2009). O decréscimo destes pólenes e a crescente concentração de determinados elementos litogénicos nas turfeiras analisadas, movidas para aqueles ambientes por ação subaérea, parecem relacionar-se diretamente com episódios mais intensos de erosão e de recuo florestal (Martínez Cortizas *et al.* 2009).

A poluição atmosférica com elementos metálicos pesados (chumbo e mercúrio) remonta à transição entre o II e o I milénios a.C., ganhando, a partir de c. de 1000 a.C., presença mais acentuada que atinge um teto “pré-industrial” durante o período de ocupação romana na Península (Martínez Cortizas *et al.* 2009).

O que se conclui é que embora as modificações verificadas tenham vindo a ser atribuídas a fatores climáticos, a ação antrópica sobre o meio e respetivos episódios sincrónicos de crescente recuo florestal colaboraram decisivamente em todo o processo, principalmente a partir de 3500/3000 BP, em plena Idade do Bronze. A crescente intervenção humana sobre o Noroeste tem vindo a ser, aliás, defendida em diversos trabalhos (entre outros, Aira Rodríguez *et al.* 1989; Ramil Rego 1992, 1998; Aira Rodríguez & Ramil Rego 1995; Ramil Rego & Aira Rodríguez 1993, 1996; Pérez Alberti & Ramil Rego 1996; Figueiral 1996; Figueiral & Bettencourt 2004; Muñoz Sobrino *et al.* 1997; Gómez Fernández 2000; Fábregas Valcarce *et al.* 2002; Santos 2004; Ramil Rego *et al.* 2010).

PARTE IV.

OS DADOS

1. Catálogo de sítios arqueológicos

1.1. Introdução

O principal objetivo do presente Catálogo é o de atualizar o rol de sítios arqueológicos datáveis da Idade do Bronze conhecidos na bacia hidrográfica do rio Ave. Esta compilação serve, também, de base de trabalho para suportar a rede de lugares daquele período cronológico-cultural defendida no presente trabalho.

É importante referir que são de conhecimento geral alguns sítios cuja ambiguidade dos dados disponíveis levou à sua exclusão da presente compilação. Tal sucede do facto das características descritas e/ou conhecidas poderem apenas ser vagamente enquadradas entre o Neolítico e a Idade do Bronze, levantando sérias dúvidas quanto à origem da sua verdadeira cronologia¹.

No total, o Catálogo totaliza 106 sítios, dos quais 104 servirão de base à discussão e às interpretações apresentadas. Isto porque, entre esta lista, figuram duas entradas que apenas são mencionadas para clarificar situações específicas². Como tal, a sua inclusão mais não visa do que servir o esclarecimento de algumas confusões que vêm sendo repetidas na bibliografia da especialidade.

A cada sítio foi atribuído um número de inventariação, sendo apresentadas as diferentes designações conhecidas para cada sítio. Este procedimento tenta evitar a repetição de entradas, conforme vem, por vezes, em alguma bibliografia.

Com base em critérios previamente definidos, foi opção dividir os diferentes sítios em nove pontos, os quais são apresentados pela seguinte ordem: (a) tipo; (b) localização; (c) coordenadas geográficas e altitude; (d) cronologia; (e) contexto físico e ambiental; (f) descrição do local ou do achado; (g) intervisibilidade; (h) depósito e (i) bibliografia.

O ponto tipo, quando tal foi possível, regista a tipologia do sítio. Consultando a base do *Endovélico* e referindo os CNS aí atribuídos, foi tentada a precisão de algumas inconformidades. Cada um dos sítios arqueológicos foi classificado da seguinte forma: povoado, contexto funerário, depósito (metálico, cerâmico, lítico ou combinado), gravuras rupestres, achado (metálico, cerâmico, lítico ou combinado) ou e indeterminado. O termo povoado foi aplicado aos locais onde prevalecem materialidades que indiciam a estadia de populações por períodos de tempo

¹ Entre outros, a título de exemplo, refiram-se no concelho de Braga, os sítios de Soutinho e de Monte do Telégrafo/Bandeira; no concelho de Celorico de Basto, os sítios de Alijó, Cabronca, Calvário 1, Lameiro Longo, Lameiro Velho, Lobão, Quintela 1, Quintela do Monte 2, Seixoso, Serrinha e Vale de Lobos e, no concelho de Fafe, os sítios de Cruz do Estival.

² Relativas aos números de inventário 58 (Mesão Frio) e 71 (Veiga), ambos em Guimarães.

mais ou menos permanentes. Foram incluídos nestes casos os sítios onde ocorrem estruturas (fossas, buracos de poste, lareiras, pavimentos, muretes, etc.) acompanhadas de conjuntos cerâmicos fraturados. Por contexto funerário entendem-se aqueles sítios onde se identificaram enterramentos, independentemente das soluções construtivas ou dos ritos funerários aí praticados. Consideram-se, assim, diferentes categorias: monumento sob *tumulus*; sepulturas planas; sepulturas em fossa; reutilização de monumentos megalíticos e sepulturas indeterminadas. Monumento sob *tumulus* engloba os monumentos com couraça pétreia, térrea ou mista, por vezes relembrando as arquiteturas megalíticas, embora a uma menor escala. São estruturas de pequenas dimensões, com ou sem fossa ou câmara subterrânea. Como sepulturas planas percebem-se as estruturas em negativo de contorno subretangular ou ovalizado, neste último caso apenas nos exemplares com eixo maior bem definido. Por sua vez, por sepultura em fossa entende-se toda a estrutura em negativo de contorno tendencialmente subcircular ou ovalizado, tendo em conta que o seu eixo maior, em plano, não ultrapasse o dobro da largura. Na ausência de evidências físicas (como ossadas, facto tão comum no Noroeste português), tal designação foi avançada recorrendo à analogia das características das materialidades identificadas, normalmente cerâmicas, com contextos semelhantes cujas interpretações são aceites como necrópoles. A diferença entre achado e depósito reside na não percepção declarada dos primeiros enquanto ato intencional de amortização – recorrendo, para isso, à análise e à observação de particularidades relacionadas com as características das materialidades, a sua disposição/organização, o seu contexto e micro-contexto de deposição, as suas aparentes relações com propriedades naturais do sítio de ou com outros materiais. Foram incluídas, também, nesta listagem as gravuras rupestres estilisticamente consideradas como Arte Atlântica ou Arte Esquemática. A sua alusão prende-se com o facto de serem manifestações tantas vezes próximas de locais ocupados pelas populações da Idade do Bronze e, por esse mesmo motivo, conhecidos, pelo que coexistiram e terão permanecido “interpretados”, independentemente da sua origem cronológica (Bradley 1994, Bradley *et al.* 1994/1995, Bettencourt 1999, Alves 2003). O termo indeterminado foi aplicado naqueles sítios de difícil classificação, tanto pela insuficiência ou incipiência dos contextos ou das materialidades.

No ponto localização, sempre que possível, foi indicado o lugar. Há, contudo, casos em que esta é indeterminada ou desconhecida, não permitindo grandes especificações.

As coordenadas geográficas decimais foram facultadas segundo o sistema WGS84. Perante a dispersão de vestígios por uma área considerável foi escolhido cartografar um ponto

central. Com base na consulta dos levantamentos das Cartas Militares de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército, datados de 1950 e de 1986, à escala 1/25 000, é indicada a respetiva folha em que o local se enquadra. No total foram utilizadas dezoito folhas, correspondentes aos números 56, 57, 58, 69, 70, 71, 82, 83, 84, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 109, 110 e 111. Por sua vez, a altitude teve por base a área de dispersão dos vestígios que, nos casos de grandes áreas, menciona os seus valores máximos.

Quanto à cronologia, a sua proposta baseou-se nas materialidades conhecidas. Nos casos com reservas alude-se genericamente ao período a que se considera pertencerem, nomeadamente, Pré-história Recente ou Idade do Bronze Na existência de uma ocupação prévia ou posterior à Idade do Bronze num determinado sítio, referem-se os respetivos momentos.

A descrição do local ou do achado refere-se apenas às materialidades dos sítios datáveis da Idade do Bronze. Pela análise das interpretações resultantes dos resultados das intervenções arqueológicas (quando ocorridas) e defendidas por alguns autores, menciona-se a forma como essas materialidades foram sendo datadas. Tal permitiu contrapor ou corroborar as interpretações e as cronologias propostas apresentando, no primeiro dos casos, as devidas sustentações. Apenas nos casos considerados pertinentes foram abordados vestígios de data anterior ou posterior à Idade do Bronze. A análise e interpretação dos sítios arqueológicos incluíram visitas aos locais, a observação de registos fotográficos e de alguns materiais guardados em depósito em diferentes instituições, tais como o Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães; o Museu D. Diogo de Sousa, em Braga; a Casa da Memória, em Vila do Conde; o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Santo Tirso, em Santo Tirso. Quando tal, foi necessário proceder à comparação inter-sítios para, dessa forma, sustentar as interpretações e as cronologias apresentadas. Na eminência de mais do que uma hipótese interpretativa de trabalho são apresentadas as alternativas.

O ponto contexto físico e ambiental trata da caracterização geomorfológica do sítio, da geologia, da hidrologia, da mineração, do uso dos solos e do coberto vegetal. No que se refere à geomorfologia, foi considerada a topografia, distribuindo os sítios catalogados terminologicamente pelas seguintes subcategorias: plataforma litoral; vale (planície de aluvião ou não); na base, a meio ou no topo da vertentes; planalto e alvéolo. Em ambas estas subcategorias foram consideradas, ainda, que os locais podiam estar em montículos, em outeiros (menores de 100 metros de diâmetro) e em colinas (com mais de 100 metros de diâmetro). Posteriormente, todos foram enquadrados em unidades geomorfológicas de maior dimensão. Para a consecução

de tal tarefa foi necessário efetuar análise cartográfica e várias visitas de campo a locais a inventariar. A geologia caracteriza genericamente o substrato rochoso local e imediato, segundo a observação das Cartas Geológicas de Portugal, à escala 1/50 000, e das respetivas notícias explicativas, concretamente das folhas 5-C de Barcelos (Teixeira & Medeiros 1969), 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000), 6-C de Cabeceiras de Basto (Ribeiro *et al.* 2000), 9-A de Póvoa de Varzim (Teixeira & Medeiros 1965), 9-B de Guimarães (Andrade *et al.* 1986), 10-A de Celorico de Basto (Pereira 1989). Foram, ainda, consultadas as C.G.P., folhas 1 e 2, à escala 1/200 000 (Pereira *et al.* 1989; Ribeiro *et al.* 2000). Quanto aos recursos mineiros são referidos os possíveis locais de coleta mais próximos dos sítios arqueológicos. Interessaram especialmente as jazidas de cobre, de estanho, de chumbo, de ouro e de prata, mas também as de volfrâmio, por a elas estarem frequentemente associadas a cassiterite. Não foram menosprezados, pela sua relativa abundância durante a Idade do Bronze, os possíveis locais de recolha destes elementos no seu estado nativo em condições de aluvião, nomeadamente, em meios fluviais de dinâmica considerável. Pela sua importância, a hidrologia destaca as nascentes, os ribeiros e os rios e águas mineromedicinais localizadas nas proximidades dos sítios. É, igualmente, referida a respetiva bacia hidrográfica a que pertencem, para uma melhor contextualização dos locais na área de estudo. Por fim, o coberto vegetal menciona, resumidamente, a configuração atual da vegetação, especificando as espécies maioritariamente representadas, bem como o tipo de zona em que se encontram os sítios, diferenciando entre zona agrícola, florestal, urbanizada ou de mato.

O ponto intervisibilidade considerou a envolvente visual e as principais referências observáveis a partir do sítio num raio de 360°, principalmente em relação a características naturais ímpares. Ganham especial importância, entre outros, os grandes acidentes orográficos, os afloramentos rochosos que por vezes conjugados criam abrigos, fendas ou grutas naturais, os cursos de água, os interflúvios, as nascentes ou as águas subterrâneas, que de alguma forma sobressaem ou se tornam impressionantes no espaço. Além disso, destaca-se o “domínio visual” sobre determinadas vias naturais de circulação, como são os rios, os seus afluentes e os seus vales. Este item foi considerado importante na medida em que é assumida a premissa de que o espaço observado é significativo.

O ponto depósito confirma onde os materiais arqueológicos apensos aos locais catalogados se encontram guardados. Tal informação nem sempre foi possível confirmar, já que

a extinção de algumas destas instituições e a perda de outros objetos levou a que alguns materiais tenham um paradeiro atualmente desconhecido.

Por fim, o ponto bibliografia menciona as referências bibliográficas consideradas para cada sítio, seguindo a ordem cronológica, embora incluindo todas as obras de um mesmo autor.

Uma última nota para referir que, por vezes, a ausência de dados impossibilitou o preenchimento de determinados campos. Como tal, esses pontos foram omitidos.

1.2. Inventário

1.2.1. Distrito de Braga

1.2.1.1. Concelho de Barcelos

Carvalhas

(1) Laje dos Sinais/Monte do Olheiro

- Gravuras rupestres: arte atlântica.
- Lugar de Portela.
- 41.462249°N, -8.590831°W (Fig. 4.1), 163 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 83).
- Neolítico-Calcolítico, Idade do Bronze e Idade do Ferro.



Figura 4.1 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro.

e. O local ocupa uma plataforma aplanada na base da vertente noroeste do Monte da Saia, em área geomorfológicamente designada de portela. Geologicamente implementa-se sobre granito porfiroide de grão muito grosseiro ou grosseiro, monzonítico, com predomínio de biotites, e granito não porfiroide de grão médio ou grosseiro (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). A abundância de granitos aflorados proporciona arranjos formando pequenas grutas, abrigos e fendas. O seu posicionamento é sobranceiro a cursos de água que fluem às bacias hidrográficas dos rios Cávado e Ave, situados a norte e a sul, respetivamente, situando-se, assim, em zona de divisão entre diferentes bacias. No que respeita a recursos mineiros situa-se a cerca de 14 km para sudoeste do complexo de as jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a pouco mais de 6 km para norte do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 30 km para su-sudoeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de menos de 13 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este e Ave, a sul. Trata-se de uma zona de encruzilhada, sendo a passagem natural materializada desde tempos imemoriais através de dois caminhos carreteiros que unem os vales a noroeste e a nordeste às cotas mais altas do Monte da Saia. É uma área que foi, em tempo, utilizada para pastoreio e de onde se observam os vales a noroeste e a oeste. Para su-sudeste o local é abrigado pelas vertentes mais íngremes do Monte da Saia. Atualmente é uma zona de mato onde predomina o coberto vegetal arbóreo, muitas vezes cerrado, acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Em visita ao local Sarmento (1985: 193) é quem refere, pela primeira vez, a *Laje dos Sinais*, uma rocha rasa ao solo que incluía “*círculos concêntricos e (...) covinhas (...) onde aparece (...) o swastika*”.

A rocha propriamente dita, conhecida também como *Monte do Olheiro* (Bettencourt 1999), corresponde a um afloramento granítico algo destacado do solo. Mede c. de 7 metros no sentido nor-noroeste/su-sudeste por c. de 6 metros no sentido sudeste-este/oeste-noroeste. Uma diaclase longitudinal, variando entre 5 a 10 cm de espessura, separa a rocha em duas partes no sentido do seu maior eixo, sensivelmente norte-sul. A parte nascente do afloramento, mais irregular, culmina no quadrante sudeste com uma protuberância acentuada. Outra diaclase, mais

³ Entrada no Endovélico relativa a arte rupestre com o CNS 297.

estreita que a anterior, separa a parte poente igualmente em duas. Embora, aqui, as suas superfícies sejam, de um modo geral, horizontalizadas, a parte sul inclui outra pequena saliência. No conjunto estas características permitem a quem acede ao local, utilizando os caminhos carreiros, quer de nordeste quer de noroeste, avistar o afloramento gravado com facilidade, individualizando diferentes painéis compositivos.

Atendendo às observações efetuadas pessoalmente a diferentes horas do dia, distinguem-se, neste afloramento, 4 painéis de diferentes dimensões. No painel 1, situado no quadrante nor-noroeste, entre a aparente concentração de motivos distinguem-se, entre outros: círculos concêntricos com covinha central; círculos concêntricos com semicírculos adossados; um motivo grosseiramente oval, contendo no interior um sulco que remata num semicírculo e que se sobrepõe a um dos motivos anteriores; e, ainda, na sua extremidade norte, em posição periférica, um círculo com um pequeno apêndice contendo no interior uma suástica, motivo tecnicamente distinto dos anteriores por ser de traço menos espesso. No painel 2, posicionado a su-sudoeste, além dos círculos concêntricos e dos círculos concêntricos compostos, regista-se a presença de círculos com covinha central e uma composição circular sobre a pequena protuberância que aqui existe mas que, infelizmente, se encontra alterada por um estalamento da superfície rochosa. O painel 3, situado a noroeste da maior protuberância e do lado nascente do painel 1, inclui a representação de círculos concêntricos espacialmente relacionados com sulcos meandríformes. O painel 4, localizado na parte mais baixa e a nascente do painel 2, inclui círculos concêntricos com covinha central em associação com sulcos meandríformes e uma espiral. Há, ainda, a registar a presença de um motivo circular simples com apêndice meandríforme sobre a protuberância que se destaca a sudeste. Embora Coimbra (2002, 2004) tenha procedido ao levantamento, nas partes mais baixas do afloramento, de grande número de gravuras, aquele autor não refere nem descreve as gravuras sobre as protuberâncias, as quais parecem significativas. Destaque-se, ainda, que entre os painéis 2 e 4 a superfície superior do afloramento apresenta uma ligeira depressão, que durante as épocas de chuva acumula água e musgo.

g. Boas condições de visibilidade para os vales de algumas ribeiras afluentes do rio Este, que correm a oeste e rumam àquele rio, mas também para noroeste e nordeste, onde circula o rio Cávado

h. *In situ*.

i. Sarmiento (1895), Bettencourt (1999).

Chavão

(2) Alto do Livramento/Monte da Saia

- Achado metálico.
- Alto do Livramento (Fig. 4.2).
- Idade do Bronze Final.



Figura 4.2 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada do Alto do Livramento.

f. O local de achado, pelas poucas referências existentes, terá sido o alto do Monte da Saia, numa área em que abundam os afloramentos rochosos. Ali é possível observar trechos de linhas de muralha e diverso material cerâmico (comum e de construção) à superfície. Estes vestígios, associados a entradas escritas em diversa bibliografia, indiciam a existência do local de um povoado com ocupação que remontará, pelo menos, à Idade do Ferro, Romanização e a período posterior. Contudo, e pese embora a falta de dados concretos de escavação, alguns

autores⁴ têm recuado a ocupação deste sítio para a Idade do Bronze. Tal facto tem sido aferido pelas diversas materialidades metálicas datáveis daquele período cronológico-cultural e que foram sendo descobertas espontaneamente, por pessoal não especializado, nas vertentes do monte. Apenas se sabe que algures no Alto do Livramento terá ocorrido o achado de um machado de alvado (Bettencourt 1999: 230).

i. Bettencourt (1999).

Grimancelos

(3) Tomadia da Mata

- a. Depósito áureo.
- b. Lugar de Barreiros (Fig. 4.3).
- d. Idade do Bronze Médio.



Figura 4.3 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada da Bouça da Tomadia da Mata.

f. Achado fortuito ocorrido em 1957 durante trabalhos de quebra de pedra na vertente sudoeste do Monte da Saia. O responsável pelo achado foi um “*humilde pedreiro*” natural de Louro (Vila Nova de Famalicão), de seu nome Artur Carvalho da Cunha, que referiu que quando procedia à preparação de um penedo para fratura, e enquanto extraía “*terra e pedregulhos*” de uma grande fenda, “*rolaram súbitamente, à mistura, objectos metálicos que chamaram a sua atenção*” (Cardoso 1957b: 181). Os esforços levados a cabo pelo signatário no terreno para tentar precisar o local de achado foram em vão, ou pela comunicação de informações discordantes, ou porque as pessoas envolvidas já faleceram, não podendo ser entrevistadas. Também a procura de algum familiar que pudesse lançar luz sobre esta questão resultou infrutífera.

Cardoso (1957b: 181) descreve sumariamente os objetos desaparecidos como “*Um fio que teria de diâmetro uns 3 milímetros, enrolado em hélice, (...) [e que] estendido atingiria uns 30 a 40 centímetros de comprimento (...), [e um] pedaço de tubo liso, cilíndrico, de paredes bastante espessas, no qual encaixara a ponta de pico, batendo na pedra até o fender*”. Fundidos no cadinho de um ourives local, pesariam no conjunto 156 g. Atendendo à sumária descrição daquele autor pensa-se que o primeiro objeto fosse uma espiral. Tal tem por base objetos semelhantes recuperados do túmulo 2 de Vale Ferreiro que após mediação mostraram ter 34,9 cm e 43,9 cm de comprimento. A descrição do segundo objeto, por seu turno, é deveras ambígua, não cabendo lugar a grandes ilações. O terceiro objeto, único artefacto “salvo” do conjunto, corresponde a um bracelete que mede 6 cm de diâmetro, 3,3 cm de largura, espessura variável entre 1 e 1,5 mm e pesa 113,4 g. Segundo Armbruster & Perea (1994: 76) este exemplar foi forjado “*a partir de una barra anular hasta conseguir un cilindro laminar. Las molduras están repujadas desde el interior. Com un punzón de cabeza circular se marcaron varias líneas de círculos que parecen imitar la decoración de púas de los tipos V/E*”, pelo que “*La Forma ondulada (...) se trabajó sobre el molde de cera antes de fundirlo. Se reconoce claramente la estructura de fundición en toda la superficie, lo que prueba el empleo de la cera perdida*”. A sua largura seria maior, já que numa das faixas planas da extremidade, que incluía igualmente círculos puncionados, foi cortada a golpes de cinzel. Sobre este aspeto é importante a nota de Cardoso (1957b), que afirma que o corte, pela sua patina, denotava antiguidade. Análises químicas de Hartmann (1971: 129-132) confirmaram tratar-se de um objeto com alta pureza de ouro, apontando para o uso de jazidas secundárias de aluvião daquele minério.

⁴ Entre outros, Sarmento (1878: 69), Ferraz (1907: 1), Cardoso (1951: 20), Fonseca (1948: 262), Villas-Bôas (1948a: 42), Kalb (1980b), Coffyn (1985: 214-215, n.º 61), Silva (1986: 257), Martins (1990: 74, 119), Dinis (1993: 34-35, 118, 125), Almeida (1997: 28-30, 59-67), Bettencourt (1999), Silva & Maciel (2004: 119) ou Oliveira (2010: 61-62).

Vincando as relações atlânticas com outras áreas da Europa é possível observar certos paralelos entre o bracelete da Tomadia da Mata a peças semelhantes provenientes de Guines, Pas-de-Calais, em França, ou de Lockington, Leicestershire (Inglaterra) (Armbruster & Louboutin 2004), aquele contexto datado do Bronze Médio/Final e este do Bronze Médio (Armbruster 2013). Embora estes paralelos permitam situar cronologicamente, ainda que de forma genérica, o bracelete da Bouça da Tomadia da Mata no Bronze Médio, a presença de uma espiral, a confirmar-se, poderá imprimir mais complexidade a este depósito, já que espirais são comuns em contextos datados do Bronze Inicial. A aceitar-se a cronologia do Bronze Médio para o bracelete e do Bronze Inicial para a espiral, o conjunto de objetos revela ampla diacronia.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Cardoso (1957b), Hartmann (1971), Soeiro (1982), Armbruster & Perea (1994), Armbruster & Louboutin (2004), Armbruster (2013).

Viatodos

(4) Monte da Feira/Viatodos

- a. Achado (?) metálico/Depósito (?) metálico.
- b. Largo da Isabelinha (Fig. 4.4).
- d. Idade do Bronze Médio.



Figura 4.4 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada do Monte da Feira/Viatodos.

f. Harbison (1967: 118) refere a existência de um machado tipo “cabrales” oriundo de “Veatodos, Barcelos (Minho)”. Ferreira (1977: 13), dez anos volvidos, menciona “os machados do Monte da Feira (o Largo da Isabelinha)”. Segundo este autor o achado terá ocorrido aquando do arranjo do espaço para a feira semanal, no ano de 1907, que originalmente se reunia junto à estalagem da Isabelinha, na encruzilhada das estradas Barcelos-Vila Nova de Famalicão e Vila do Conde-Braga, a necessária terraplanagem dos terrenos levou ao achado de um (ou mais?) machado(s) (José Ferreira, comunicação pessoal).

Foi tentada, pelo signatário, a recolha de mais alguma informação relativa a este conjunto, embora tal tenha sido infrutífero. Mesmo junto dos arquivos escritos da Câmara Municipal de Barcelos, onde ficaram registadas muitas das obras de sua responsabilidade, não foi possível confirmar a empresa levada a cabo para melhorar o espaço destinado à feira da Isabelinha. Tal, viemos a descobrir, numa altura em que as obras eram feitas a enxada, terá sido coordenado pela então junta de freguesia. Também ali os esforços para obter quaisquer informações foram em vão.

h. Extinto Museu de Etnografia do Porto, no Porto⁵.

i. Harbison (1967), Ferreira (1977: 13).

(5) Quinta da Fonte Velha/Viatodos

- a. Depósito metálico⁶.
- b. Lugar da Fonte Velha (Fig. 4.5).

⁵ Com o número de inventário 7158.

⁶ Entrada no Endovélico relativa a achados isolados com o CNS 6244.

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.5 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, com localização aproximada da Quinta da Fonte Velha/Viatodos.

e. O local de achado, embora não seja conhecido de forma precisa sabe-se, por forma aproximada, pela permanência na toponímia da *Quinta da Fonte Velha*, ocuparia uma pequena bacia de receção a meio da vertente sudeste do Monte da Saia, nas imediações de uma nascente de água e de várias linhas de água que, do alto do monte fluem ao rio Este. Trata-se de uma área protegida, principalmente a noroeste, pela maior altitude desse mesmo monte, aberta entre nordeste e sudeste.

f. O achado ocorreu a Julho de 1904, “*numa bouça do logar da Fonte Velha, freguesia de Viatodos*” (Fortes 1905-1908a: 110). A descoberta terá ocorrido durante a extração artesanal de pedra, quando pedreiros locais procediam à quebra de um grande penedo. O grupo de objetos foi recolhido, conforme adianta Fortes (1905-1908a: 110-111), “*a cinco palmos*” (cerca de um metro) de profundidade. No âmbito do presente trabalho o signatário tentou apurar mais algumas informações sobre este achado, mas a diferença de mais de um século dificultou a operação. Na verdade, através da inquirição de populares locais, percebe-se que muito poucos ouviram falar do conjunto e, quem ouviu, associa-o quase por defeito ao alto do Monte da Saia, onde acreditam em tempos ter havido uma *cidade dos mouros*. Há, contudo, na notícia de Fortes (1905-1908a: 110), um pormenor importante: a menção a “*Logar da Fonte Velha, freguesia de Viatodos*”. Ainda que aproximada, esta pista sobre a localização do sítio de achado, através da observação da Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, em especial da vertente sudeste do Monte da Saia, pode ser relacionada com a referência a “*Quinta da Fonte Velha*”. Não muito longe, uma fonte que ali brota, entretanto relocada foi confirmada por alguns moradores chamar-se de Fonte Velha.

Segundo a primeira notícia sobre o achado o conjunto “*Compunha-se (...) de quinze palstaves morgeanos com duplo anel e dupla canelura, de tres meniscos de metal em bruto e de fragmentos de outros visivelmente destinados à fundição de instrumentos*” (Fortes 1905-1908a: 110), mais precisamente, quinze machados de talão com dois anéis, alguns preservando cone de fundição, e quatro lingotes. Posteriormente, Villas-Bôas (1948b: 4) relaciona com este conjunto uma “*panela (?) de barro*”, embora a notícia original de Fortes (1905-1908a) não a mencione. Não há nem nunca houve qualquer imagem da mesma. Um século volvido e a quantidade de objetos continua a ser alvo de discórdia, com autores a reclamarem diferentes números de objetos⁷. À margem do número exato, e com exceção feita para o recipiente cerâmico, não foram alteradas as tipologias dos objetos representados. Atualmente, dois destes machados estão dispersos pelos Gabinetes de Arqueologia das Câmara de Barcelos⁸ (Villas-Bôas 1948b) e de Vila do Conde⁹ (Russel Cortez 1946), respetivamente, o último dos quais, presumivelmente, enquanto pertença do reverendo Sousa Maia, também conhecido por Abade de Canidelo, interessado por antiguidades que doou, àquela instituição, o referido exemplar¹⁰. Refira-se, ainda, que o Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, guarda dois machados do conjunto de Viatodos (número de inventário 11080 e sem número de inventário), conforme indicação de Villas Bôas (1948b: 16, nota 2), que o autor hipotetiza

⁷ Isto porque, depois de Fortes (1905-1908a), Villas-Bôas (1948b: 4) refere que o conjunto “*compunha-se de 19 machados de bronze de talão e duplo anel, 4 pastas de metal, 1 panela (?) de barro*”.

⁸ Conforme descrição de Villas-Bôas (1948b).

⁹ Bettencourt (2010b: 55, nota 9) coloca a hipótese do machado em posse do G.A.C.M.V.C., em Vila do Conde, dado como proveniente de Palmazão, Canidelo (Cruz & Brito 1991: 6, fig. 1) ou Palmazão, Guilhabreu (Moreira 2005), poder pertencer originalmente ao depósito de Viatodos, hipótese, aliás, concordante com as referências de Villas Bôas (1948b) e de Russel Cortez (1946: 39-40, nota 1) (vide ponto relativo a Palmazão, Vila do Conde, no presente catálogo).

¹⁰ Conforme refere Russel Cortez (1946: 39) “*Um outro machado [do lugar da Fonte Velha] foi adquirido pelo Rev. Sousa Maia, então Abade de Canidelo, encontrando-se em poder da Câmara Municipal de Vila do Conde, por lhe ter sido doado*” (vide ponto relativo a Palmazão, Vila do Conde, no presente catálogo).

pertencerem ao conjunto¹¹. Outros nove exemplares de machados, juntamente com dois lingotes, são hoje parte do espólio do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

Apenas foi possível observar os nove machados e dois lingotes em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, e os dois exemplares entregues aos cuidados, respetivamente, dos Gabinetes de Arqueologia das Câmaras Municipais de Barcelos e de Vila do Conde. As suas características estão sintetizadas na Tabela 4.1.

No que concerne aos lingotes, verifica-se a sua composição maioritariamente de cobre. Embora só dois exemplares estejam hoje disponíveis, sabe-se por Russel Cortez (1946: 51) que os quatro lingotes pesariam 1400 g, 1280 g, 360 g e 120 g. Atendendo à composição química dos dois exemplares verifica-se a elevada presença de cobre. Refira-se que, em termos cronológicos, Montero Ruiz *et al.* (2010/2011), com base em Rovira Llorens (2007: 33), defendem que alterações tecnológicas como o uso de cobre e estanho metálico em detrimento da co-redução de minérios de cobre e de estanho, prática iniciada entre os séculos VIII e VII AC e resultante da intensificação dos contactos com o Mediterrâneo, leva a que grande parte dos lingotes de cobre plano convexos presentes na Península Ibérica pertençam a fases posteriores à proposta.

Atendendo aos valores das características dos machados acima tabelados, verifica-se que em termos dimensionais variam entre 22,1 e 27,2 cm de comprimento, 2,2 e 2,8 cm de espessura e 1055 e 1280 gramas de peso. Ao nível de composições químicas, esses mesmos machados denunciam teores variáveis de Cu entre 78,6 e 89,5%, de Sn entre 10,07 e 16,2%, de Pb entre 0,04 e 10,52% e quantidades vestigiais de Ni de 0,05 e de 0,06% para apenas dois exemplares, respetivamente. Quanto aos lingotes, denota-se a presença de Cu em valores muito próximos dos 100%. Discorre-se, assim, a presença simultânea de ligas binárias (8 exemplares) e ternárias (1 exemplar), a par de dois lingotes de cobre. Cinco desses objetos não denunciam qualquer tratamento após a produção (entre os quais os dois lingotes), mas a seis machados foram aplicados “*ciclos de recozimento e de martelagem a frio*” (Bottaini 2013: 77-78), indiciando a sua preparação para o trabalho.

Tabela 4.1 – Principais características tecno-morfológicas e composição química de nove machados e dois lingotes do depósito de Quinta da fonte Velha/Viatodos

Nº Inv.	Composição química %				Dimensões (cm)		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Ni	Comp.	Espes.				
2010.0070 ¹²	84,7	14,9	0,39	-	22,1	2,8	N	N	1271	Bottaini (2012)
2010.0072 ¹³	78,6	10,07	10,52	-	22,5	2,2	S	N	1055	Bottaini (2012)
2010.0073 ¹⁴	86	13,1	0,84	-	22,5	2,7	S	S	1125	Bottaini (2012)
2010.0074 ¹⁵	89,5	10,4	0,04	-	23,5	2,3	S	N	1156	Bottaini (2012)
2010.0075 ¹⁶	87,7	11,2	1,17	-	27	2,3	S	S	1213	Bottaini (2012)
2010.0076 ¹⁷	84,5	14,5	0,95	-	22,9	3,3	S	N	1192	Bottaini (2012)
2010.0079 ¹⁸	82,7	16,2	1,05	-	23,2	2,5	S	N	1154	Bottaini (2012)
2010.0089 ¹⁹	84,1	15,2	0,65	0,05	24,7	2,6	S	N	1164	Bottaini (2012)
2010.0090 ²⁰	86,9	12,4	0,54	0,06	24,5	2,4	S	S	1259	Bottaini (2012)
G.A.C.M.B.	-	-	-	-	27,2	2,4	S	S	1250	-
G.A.C.M..V.C.	-	-	-	-	22,6	2,5	N	N	1280	-
MEHP7138*	99,5	0,17	0,07	-	-	-	-	-	-	Bottaini (2012)
MEHP7139*	97,6	0,48	1,92	-	-	-	-	-	-	Bottaini (2012)

* Lingotes

h. M.D.D.S., Braga; M.N.A., Lisboa; G.A.C.M.B., Barcelos; M.M.V.C., Vila do Conde.

i. Fortes (1905-1908a), Russel Cortez (1946: 39-52), Villas-Bôas (1948b: 13-19), Montero Ruiz *et al.* (2010/2011) Rovira Llorens (2007: 33), Bottaini (2012).

¹¹ Ambos os machados integravam a coleção do então extinto M.E.B., em Lisboa, posteriormente transladada para o atual M.N.A. Infelizmente não foi possível observar estes exemplares.

¹² Proveniente do extinto Museu de Etnografia e História do Douro Litoral do Porto (nº. inv. 7142) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0070.

¹³ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7146) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0072.

¹⁴ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7143) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0073.

¹⁵ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7149) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0074.

¹⁶ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7147) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0075.

¹⁷ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7145) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0076.

¹⁸ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7144) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0079.

¹⁹ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7148) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0089.

²⁰ Proveniente do extinto M.E.H.D.L. (nº. inv. 7151) e atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0090.

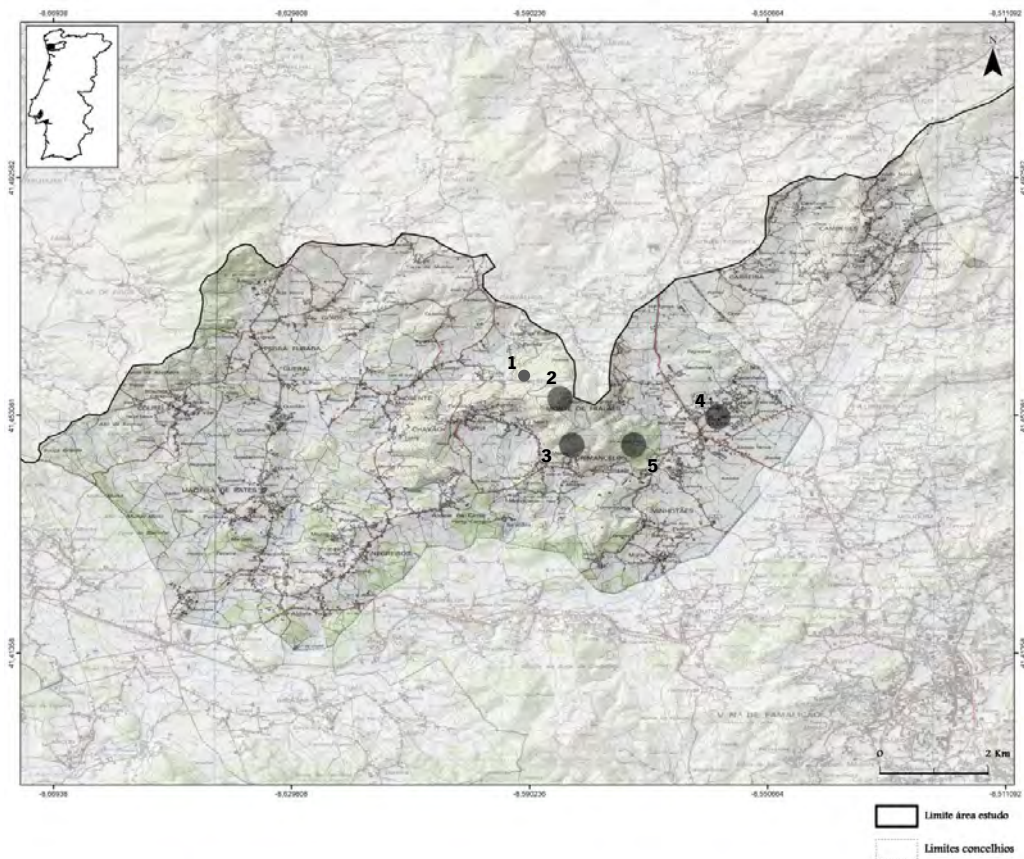


Figura 4.6 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 83, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Barcelos e sítios catalogados: 1 – Laje dos Sinais/Monte do Olheiro; 2 – Alto do Livramento; 3 – Tomadia da Mata; 4 – Monte da Feira/Viatodos; 5 – Quinta da Fonte Velha/Viatodos. Os círculos maiores correspondem a localizações aproximadas.

1.2.1.2. Concelho de Braga

Adaúfe

(6) Vasconcelos

- a. Povoado²¹.
- b. Lugar de Breias.
- c. 41.580530° N, -8.377930° W (Fig. 4.7), 326 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).
- d. Idade do Bronze Final/Idade do Ferro Inicial.



Figura 4.7 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vasconcelos.

e. Ocupa o topo do Monte de Vasconcelos, o qual integra a cumeeira que separa os vales dos rios Cávado (a norte) e Este (a sul). Esta elevação inclui abundantes granitos aflorados, embora não sejam suficientes para formar grutas ou abrigos, abundando o granito porfiroide, de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predomínio de biotites (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Em termos de recursos mineiros situa-se a cerca de 10 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a menos de 15 km para este das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde) e a cerca de 16 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de 4 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul. Na base do monte nascem duas linhas de água que subsidiam as bacias hidrográficas do Cávado e Ave. A cerca de 4 km para nordeste, em Crespos (Braga), estão identificadas águas mineromedicinais. A área corresponde atualmente a zona de mato com coberto vegetal arbóreo acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Dinis (1993: 117, 120) recolheu à superfície deste sítio “*fragmentos de cerâmica manual grosseira, utilizando como desgordurante grãos de quartzo de médio por vezes grande calibre, e sem inclusão de mica*”, pertencentes a “*recipientes com pastas de cores escuras – castanho escuro, castanho/alaranjado ou acinzentado (...) com as superfícies externas rugosas ou ligeiramente alisadas e o interior melhor cuidado*”. À semelhança do que observa no povoado da Senhora de Fátima, vinca a ausência de cerâmicas micáceas típicas da Idade do Ferro, defendendo o abandono do local durante o Bronze Final (Dinis 1993: 124).

O local foi alvo de sondagens arqueológicas, efetuadas em 1994, da responsabilidade de A.M.S. Bettencourt. Com base nos dados recolhidos (Bettencourt 1999: 251; 2000a) admite que “*apenas o tabuleiro superior do monte foi ocupado e monumentalizado (...) [permitindo] as estruturas, o espólio recolhido e a data de radiocarbono obtida (...) integrar esta estação no 2º quartel do I milénio AC, i.e., num momento de transição da Idade do Bronze para a do Ferro*”²². Mais concretamente, a datação radiométrica (Ref. lab. UTC4328) situou-se entre os séculos VIII e VI AC (Bettencourt 1999; 2000a: 286).

Após visita verifica-se que na vertente sudeste proliferam empreendimentos construtivos particulares e ocorre o progressivo avanço da exploração de granito (pedreira a céu aberto) que, conjuntamente, ameaçam o local.

g. Bom domínio visual para norte e para sul, nomeadamente para o rio Cávado e para a ribeira de Gualtar, respetivamente, esta última subsidiária do rio Este.

²¹ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 10548.

²² Suportado por data de C¹⁴ (referência laboratorial UTC 4328) situada entre os séculos VIII e VI AC (Bettencourt 1999; 2000: 286).

h. M.D.D.S., Braga.

i. Dinis (1993), Bettencourt (1999, 2000a).

Cunha

(7) Frijão

a. Povoado²³.

b. Lugar de Frijão.

c. 41.491890° N, -8.522303° W (Fig. 4.8), 165 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 69).

d. Idade do Bronze Médio.

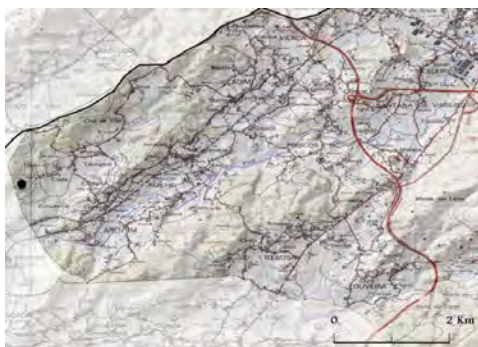


Figura 4.8 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 69, à escala 1/25 000, com localização do Frijão.

e. O local ocupa uma pequena plataforma no declive médio do Monte do Frijão, zona onde proliferam inúmeros batólitos graníticos aflorados, concretamente, monzogranitos biotíticos, com rara moscovite, porfíroides, de grão grosseiro, também denominados de Granitos de Celeirós e Vieira do Minho (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Nas vertentes sudeste e oeste nascem linhas de água tributárias do rio Este, situado a cerca de 1,5 km para sul, das quais se destaca a ribeira da Levegada. Situa-se a menos de 8 km para sudoeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 19 km para sul das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a cerca de 13 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão), e a menos de 25 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-C Barcelos, 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul. A área integra zona de mato sendo o coberto vegetal redominantemente arbóreo e complementado com espécies arbustivas e herbáceas.

f. Detetado durante trabalhos de prospeção ao abrigo do projeto intitulado *A reconstrução da Paisagem no Entre-o-Douro-e-Minho desde meados do III aos finais do II milénios a.C.* Em prospeção no local, Rui Barbosa e Marta Azevedo recolheram, no perfil de um estradão e junto a uns afloramentos rochosos, alguns fragmentos cerâmicos tecnicamente enquadráveis na Idade do Bronze (Barbosa & Azevedo 2004-2005: 119, n° 5). A presença de adições plásticas em alguns, sob a forma de cordões, permite estreitar, hipoteticamente, essa cronologia para o Bronze Médio.

g. Boas condições de visibilidade para o interflúvio da ribeira da Lavegada e do rio Este, do qual não dista mais do que 2 km.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Barbosa & Azevedo (2004-2005).

(8) Pego

a. Povoado²⁴/acampamento e contexto funerário: necrópole de sepulturas planas.

b. Lugar do Souto.

²³ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 28625.

²⁴ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 21172.

c. 41.493672° N, -8.520706° W (Fig. 4.9), 150 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 69).

d. Idade do Bronze Médio e Final.

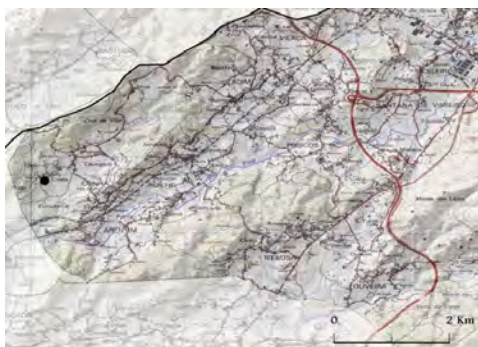


Figura 4.9 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 69, à escala 1/25 000, com localização do Pego.

e. Ocupa uma pequena colina na vertente sudeste do Monte de Frijão, que torna fácil o acesso aos terrenos circundantes de vale que se implementam entre os quadrantes Este e sul. Implementa-se sobre monzogranitos biotíticos com rara moscovite, porfíroides, de grão grosseiro, também conhecidos como Granitos de Celeirós e Vieira do Minho (C.G.P. 5-C Barcelos, esc. 1/50 000). O local é ladeado a nordeste e sudoeste por duas linhas de água tributárias da ribeira da Lavegada, afluente da margem direita do rio Este, curso fluvial que dista cerca de 1,5 km do local. Em termos de recursos minerais encontra-se a menos de 8 km para sudoeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 19 km para sul das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a cerca de 13 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a menos de 25 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-C Barcelos, 5-D Braga e 9-A Povoia de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul. Atualmente é uma zona de mato, em parte urbanizada, sendo que o coberto vegetal se caracteriza, entre a escassa presença de espécies arbóreas, pelo predomínio de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Identificado durante trabalhos de acompanhamento arqueológico de extração de saibro, da responsabilidade de Rui Barbosa, integrando a A.I.A. relativa à remodelação ferroviária do Troço Lousado/Nine, Linha do Minho (AIA 668). Durante o acompanhamento foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos técnica e morfologicamente enquadráveis na Idade do Bronze, fato que levou a tutela a impor a realização de sondagens arqueológicas. A primeira fase de trabalhos, iniciada em Outubro de 2003, foi da responsabilidade da empresa *Archeoestudos. Investigação Arqueológica, Lda.*, sob a direção de Sandra Salazar Ralha e consultoria científica de A.M.S. Bettencourt. Estas sondagens permitiram identificar estruturas pré-históricas em negativo e determinar um perímetro de proteção arqueológica. Pelo seu potencial científico o local foi incluído no projeto *A reconstrução da Paisagem no Entre-o-Douro-e-Minho desde meados do III aos finais do II milénios a.C.*, iniciado em 2001 e da responsabilidade de Ana M.S. Bettencourt. Os trabalhos prosseguiram, a partir de 2004, sob a direção e coordenação da mesma investigadora em colaboração com outros arqueólogos, nomeadamente com o signatário deste trabalho, tendo perdurado até 2010 e totalizado sete campanhas anuais decorridas durante sensivelmente um mês.

Na vertente sul de uma colina (Sector II) foi identificada uma área de necrópole formada por várias sepulturas planas de contorno subretangular, abertas diretamente no substrato rochoso. No interior da maioria destas sepulturas foram depositados vasos cerâmicos de bordo horizontal, com correspondência com a forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), invariavelmente decorados e com vestígios de fuligem nas paredes externa e interna. Em zona contígua foram, também, detetadas algumas fossas em negativo cuja interpretação, pelos poucos materiais nos seus enchimentos, é deveras complexa.

Referido numa inventariação de sítios arqueológicos do vale do rio Este (Barbosa & Azevedo 2004-2005: 120-121, nº 7), parte dos dados de escavação foram primeiramente publicados em Sampaio *et al.* (2008). Na parte superior da colina (Sector V) foi possível detetar um conjunto de estruturas cortadas em negativo no substrato geológico: diversas fossas, valados e buracos de poste. A estas estruturas surgiram associados materiais cerâmicos revelando fabrico manual, pastas arenosas, cozeduras reductoras e acabamentos alisados. Nesta área genérica registaram-se, apenas, uma estrutura em positivo, concretamente, um empedrado de feição arredondada no qual foram incluídos fragmentos de moinhos graníticos manuais (moventes e dormentes).

A encerrar tanto os vestígios detetados no Sector II como no Sector V, formando uma espécie de “recinto”, foi aberta no substrato rochoso uma vala perimetral que, segundo a análise estratigráfica do seu enchimento, terá albergado uma paliçada erguida com troncos de madeira. Circundando toda a colina esta estrutura incluiu, provavelmente, uma entrada a sul – embora parte da pequena elevação tenha sido cortada, a oeste, por uma estrada. O aumento desta vala ocorreu no quadrante sul através da adição de um avançado, que relocalizou a entrada a su-sudoeste. Note-se que do fundo desta vala perimetral, em diferentes pontos a este e a noroeste, foi possível recolher formas cerâmicas inteiras ou partes delas, cujo estado inteiro permite depreender a sua deposição intencional. A datação de fuligem de um destes vasos permitiu situar a abertura desta estrutura entre os séculos XII e X AC, sendo que o seu abandono, através da datação de um tronco carbonizado da paliçada que terá tombado situa o seu abandono algures entre os séculos VIII e VI AC.

Além da presença de práticas funerárias este sítio inclui, ainda, vestígios de práticas metalúrgicas. Do topo da colina e do enchimento da vala perimetral foram recolhidos fragmentos de moldes cerâmicos de machados de talão e o que restou de um molde de uma ponta de lança de alvado em cera perdida. O único fragmento de molde recolhido *in situ* foi relacionado com a estrutura 1, uma abertura irregular no substrato rochoso preenchida com uma camada arenosa, deixando pressupor relações com o processo de produção metalúrgico, concretamente, servindo de “caixa de areia”, um pouco à semelhança do que foi identificado em Castelo de Beijós, Carregal do Sal (Senna-Martinez 2000). As tipologias dos objetos metálicos (machados de talão com uma e duas argolas e ponta de lança de alvado) e as suas condições de recolha permitem situar estas práticas no Bronze Final, mais concretamente, entre os finais do século XII e os finais do século X AC (Sampaio & Bettencourt 2011).

Recolheram-se, também, fragmentos cerâmicos do que pode ter sido parte de uma plataforma de aquecimento de cadinhos (?), embora a sua cronologia e a sua funcionalidade permaneça, na falta de mais elementos, uma incerteza.

g. Excelente domínio visual entre os quadrantes este e sudoeste, nomeadamente para o vale da ribeira da Lavegada e do rio Este.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Barbosa & Azevedo (2004-2005); Sampaio *et al.* (2008a); Sampaio & Bettencourt (2011, 2014).

Esporões

(9) Santa Marta da Falperra/Santa Marta das Cortiças/Santa Marta dos Cortiços

a. Povoado²⁵.

b. Esporões.

c. 41.514362° N, -8.394502° W (Fig. 4.10), 563 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).



Figura 4.10 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Santa Marta da Falperra.

d. Calcolítico, Idade do Bronze Final, Idade do Ferro, Romanização, Idade Média.

e. Ocupa o topo de um monte no alto de Santa Marta, denominado de Santa Maria Madalena. A elevação detém fortes declives que se acentuam a partir da linha altimétrica dos 450 metros, exceção feita para nordeste, ponto de ligação à zona planáltica que eleva as altitudes até ao Sameiro. Em termos geológicos abunda o granito porfiroide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predomínio de biotites (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000).

²⁵ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 4278 que localiza erradamente o local na freguesia de S. Gens, no concelho de Fafe.

Bellino (1909: 17) já havia referido que “*Existem nas proximidades da primeira linha de muralha grandes massas graníticas com córtex ou encaixes (...) formando outras extensas grutas*”, sendo a natureza granítica aflorada uma constante por todo o monte. Em relação a recursos mineiros o local encontra-se a menos de 10 km para este-sudeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 18 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a menos de 20 km para nor-nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 21 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Povoia de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 12 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado e Este, a nor-noroeste. A forte presença hidrológica no local, sob a forma de ribeiras, ribeiros e linhas de água, conferiram à Falperra um aspeto recortado. O local é atualmente zona de mato urbanizada por infraestruturas de apoio a atividades lúdicas e de culto cristão, sendo o coberto vegetal predominantemente arbóreo, em muitos locais cerrado, acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas.

f. As intervenções no local aconteceram desde os inícios do século XX e em diferentes momentos daquele século, embora os dados dessas intervenções sejam apenas conhecidos parcialmente. Mais recentemente, em 1984, com base na sua importância, Maria M. Martins propõe um projeto de estudo e de salvaguarda que é iniciado com novas campanhas de escavação. Infelizmente, a falta de verbas veio dificultar a vontade daquela investigadora. De qualquer forma, aquelas intervenções permitiram identificar diferentes materialidades que se enquadram, grosso modo, entre o Calcolítico, a Idade do Bronze, a Idade do Ferro e posterior época romana, paleocristã e suevo-visigótica. Parece, pois, evidente a larga diacronia ocupacional do local que, mesmo que intercalada, era ainda bem conhecida durante a Idade Média²⁶.

Embora Rigaud de Sousa (1968-70: 57-64; 1978: 335, nota 12) admita que o nível mais antigo da estação possa ser recuado para a Idade do Bronze, os dados recolhidos por Manuela Martins na intervenção de 1984 permitiram à investigadora aferir “*uma desenvolvida sequência estratigráfica, articulada com vários solos de argila, alguns com buracos de poste, que forneceram cerâmicas finas e grosseiras, que podem correlacionar-se com as de S. Julião I*” (Martins 1990: 119). Um ano volvido e realizadas sondagens arqueológicas “*na vertente NO do monte, pouco abaixo do tabuleiro superior*”, a ausência de materiais do Bronze Final leva a mesma autora a concluir que “*o núcleo primitivo do Bronze Final da estação estaria circunscrito à vasta plataforma superior do monte*” (Martins 1990: 119). Os dados destes trabalhos, posterior e parcialmente publicados por Bettencourt (1999: 434-437, 449-459; 2000a), confirmam a ocupação do local durante a Idade do Bronze Final, a qual inclui pavimentos de argila, lareiras, buracos de poste (?), um pequeno covacho e o que parecia ser uma vala. Pela análise estratigráfica do registo das escavações cruzada com as materialidades recolhidas nos diferentes níveis, Bettencourt (1999: 435) diferencia dois momentos datáveis daquele período cronológico-cultural. Embora considere tal divisão uma “*proposta de trabalho*”, propõem o que denomina de Falperra I (1º quartel do I milénio AC) e de Falperra II (na transição Idade do Bronze/Idade do Ferro e situadas no 2º quartel do I milénio AC) (Bettencourt 1999: 438). As cerâmicas da fase Falperra I apresentam uma pobreza formal e a ausência de taças carenadas, revelando formas de dimensões médias/grandes e grandes, estas últimas associadas a práticas de armazenamento. As de Falperra II denotam maior diversidade formal, incluindo formas 12, ou taças carenadas, e formas 18, ou painéis de asa interior. A esta fase pertence, também, um fragmento de cerâmica carenada de reticulados brunidos, de origem meridional. No conjunto os dados parecem “*acentuar o caráter precoce em que este processo de transição [Bronze/Ferro] se iniciou*” (Bettencourt 2000a: 150). Ressalvando que a natureza reduzida da amostra considerada deve ser tida com prudência, mostra que a estratigrafia desta segunda fase inclui cerâmicas micáceas, dentro do considerado período transitório da Idade do Bronze/Idade do Ferro. Comuns aos dois momentos parecem ser os escassos fragmentos de urnas (Bettencourt 1999: 440). Além disso, mesmo que oriundo de contextos secundários pela ação de processos pós-deposicionais, entre os materiais recolhidos constam ainda alguns de cronologia calcolítica, como é possível atestar pelos fragmentos cerâmicos decorados enquadáveis do grupo de cerâmicas de tipo “Penha”. Relativamente aos metais, há a referência de Sousa (1968-1970) à descoberta, durante trabalhos de prospeção no Monte de Santa Marta, de um fragmento de machado de talão de duas argolas. Referência a este objeto é dada anos antes por Cunha (1955d: 3), que se refere a “*uma lâmina dum machado de bronze*”. Foi, ainda, recolhido um fragmento de chapa de bronze rebitada, possivelmente pertencente a um caldeiro, conforme adianta Bettencourt (1999: 447), elemento raro no Noroeste português.

Após visita percebe-se que a área tem sofrido alterações relacionadas com a sua transformação em espaço religioso e de lazer. A preservação dos vestígios escavados, pela falta de verbas para a devida salvaguarda, tem vindo a ser

²⁶ Cunha (1949: 2) refere que “*já ali existia uma capela no ano de 924, mas não se conhece a era da primitiva edificação*”. O culto cristão perdurou e a adoração de Santa Marta é uma atração para diversos crentes que ali acedem, durante as festividades em honra da santa, todos aos anos.

efetuada pela Junta de Freguesia de Esporões, que procedeu à sua circunscrição com postes de madeira e malha de rede plástica.

g. Boas condições de visibilidade para todos os quadrantes – apenas reduzido para nordeste, zona por onde liga à Serra do Carvalho. Por se tratar de um ponto de considerável elevação na demais paisagem, dali é possível observar diversos montes na envolvente onde são conhecidas ocupações coetâneas: Monte de Vasconcelos, Castro das Lajes, Outeiro dos Chascos, Cividade, Monte do Telégrafo/Bandeira, S. Bartolomeu e Sabroso, por exemplo.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Bellino (1909), Cunha (1955d), Rigaud de Sousa (1968-1970, 1978), Martins (1990), Bettencourt (1999, 2000a).

(10) Santa Marta da Falperra 2

a. Gravuras rupestres²⁷: arte atlântica.

d. Pré-história Recente, Idade do Bronze (?).

f. “*Em muitos d’estes penedos [situados nas proximidades da primeira muralha] distinguem-se as vulgares covinhas (fossettes), os círculos concentricos, as espirais, etc.*” (Bellino 1909: 17). Em meados do século passado algumas destas gravuras seriam ainda visíveis, já que Cunha (1948b: 6) regista que “*As covas rupestres (...) abundam também lá para cima [da Falperra]. Umás ainda com profundidade de alguns centímetros; outras já desgastadas nos rebordos pela erosão (...) mas ainda bem conhecíveis*”. Alguns autores (Teixeira & Sousa 1979: 386, 389) associam, posteriormente, estas representações com um possível “*santuário ofiolátrico*”. Pese embora os esforços para identificar as referidas gravuras, os resultados foram semelhantes aos de anteriores tentativas (entre outros, de Ana M.S. Bettencourt e Rui Barbosa e Marta Azevedo, comunicação pessoal). Não se sabe se os penedos gravados foram quebrados e aplicados na construção de moradias locais ou se estão cobertos pela vegetação.

i. Bellino (1909), Cunha (1948b), Teixeira & Sousa (1979).

Lages

(11) Senhora de Fátima

a. Povoado²⁸.

b. Lages.

c. 41.498856° N, -8.448358° W (Fig. 4.11), 308 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.11 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Senhora da Fátima.

e. O local ocupa um pequeno outeiro que se desenvolve na extremidade norte do Monte das Lages e que forma um relevo que se define ao longo da curva de nível dos 300 metros. Em termos geológicos figura o granito porfiroide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predomínio de biotites (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Em relação a recursos mineiros encontra-se a menos de 8 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a menos de 20 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a menos de 15 km para nor-nordeste do complexo de jazidas de estanho de

²⁷ Com entrada no Endovélico relativa a arte rupestre com o CNS 102.

²⁸ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 14300.

Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a pouco mais de 22 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 12 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, Este, a nor-noroeste, e Ave, a sul. Diversas linhas de água alimentam, a partir das suas vertentes alimentam o rio Este. Atualmente a área é zona de mato urbanizada, parcialmente, por infraestruturas lúdicas e de apoio a atividades de culto cristão, sendo o seu coberto vegetal predominantemente arbóreo, arbustivo e herbáceo.

f. Identificado durante trabalhos de prospeção por Fontes (1990: 127), a presença de taludes e a recolha de fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual e pastas grosseiras levaram aquele investigador a presumir a existência de um povoado fortificado datável da Idade do Bronze Final.

Dinis (1993: 117) recolheu à superfície fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pastas grosseiras, com desengordurantes de quartzo médios a grandes mas sem adição de micas. Revelavam pertencer a “*grandes recipientes, provavelmente potes, de paredes espessas (...), recipientes com pastas de cores escuras (...) com as superfícies externas rugosas ou ligeiramente alisadas e o interior melhor cuidado (...)* [e a] *recipientes com paredes mais espessas que os anteriores, pasta de cor castanho/avermelhadas (...) e superfícies rugosas*” (Dinis 1993: 120). Identifica, ainda, “*duas malgas de panela esférica, com o bordo no prolongamento da panela, um lábio recto horizontal e outra, mais baixa, com lábio adelgado (...), [com] superfícies irregulares, pouco alisadas*” (Dinis 1993: 122), que faz corresponder a três formas segundo a tabela formal de Martins (1985a: 140-141). Repara, também, na falta de adição intencional de micas, pelo que defende o abandono do local durante a Idade do Bronze Final (Dinis 1993: 124).

Durante visita ao local foi possível verificar que a Oeste da capela, numa cota mais baixa, foi alargado um estradão que já existiria para formar um espaço destinado a estacionamento de carros. A observação do perfil cortado (com cerca de três metros de altura) não revelou quaisquer materiais ou estruturas. No lado norte e poente do edifício religioso, a presença de terras remexidas parece relacionar-se com uso daquele espaço por veículos motorizados. Nesta área genérica recolhemos escassos fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual e pastas arenosas, revelando acentuada erosão, devido, provavelmente, ao revolvimento de terras.

g. Ótimas condições de visibilidade para os vales dos rios Este, que corre a norte, e da Veiga, que passa a oeste, dos quais dista menos de 1km.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Fontes (1990), Dinis (1993).

Maximinos

(12) Alto da Cidade/Cidade

a. Povoado²⁹.

b. Cidade.

c. 41.544767° N, -8.428301° W (Fig. 4.12), 183 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.12 – Extracto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Alto da Cidade/Cidade.

e. Ocupa a vertente o topo e a vertente nascente de uma colina que integra a cumeeira que separa as bacias hidrográficas dos rios Este, a sul, e Cávado, a norte. No local abunda o granito porfiroide de grão médio a fino, monzonítico, de duas micas, com o predomínio de biotite (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Em termos de

²⁹ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 2730.

recursos mineiros situa-se a menos de 6 km para nascente do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 13 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a cerca de 20 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 17 km para su-sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de pouco mais de 6 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul. De resto o sítio é muito próximo à margem direita do rio Este, que corre a menos de 1 km para sul.

Atualmente o local está fortemente urbanizado.

f. . Os primeiros trabalhos de escavação datam de 1979 (Delgado *et al.* 1989: 9), altura em que foram identificados vestígios durante a abertura de uma sondagem transversal ao topo da colina, intervenção enquadrada no projeto *Salvamento de Bracara Augusta*. Entre os finais de 1995 e inícios de 1996 o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga, sob a direção de Armandino Cunha, procedeu a novas escavações a nor-nordeste da colina, identificando, novamente, vestígios de ocupação genericamente datáveis de época pré-romana.

Em 1986 Gaspar *et al.* (1986: 33) vincam a existência, entre os materiais ali recolhidos, de cerâmicas de fabrico manual que incluíam fragmentos tipo “Alpiarça”. Delgado *et al.* (1989: 9) referem-se ao local como um “*habitat da Idade do Bronze*” que, aparentemente, teria resistido à ocupação romana. Martins (1990: 81) classifica o sítio como “*povoado de fossas*”, designação aceite posteriormente (Dinis 1993: 36-37). Em 1995/1996 Ana M.S. Bettencourt em colaboração com Armandino Cunha, do G.A.C.M.B., efetua escavações de emergência no local na plataforma superior e arranque da vertente nordeste da colina. Ai foram identificadas estruturas em negativo abertas diretamente no substrato rochoso – fossas e buracos de poste – datáveis da Idade do Bronze. Tendo em conta a fraca potência estratigráfica do local, a não sobreposição de estruturas, a distribuição espacial dos vestígios e o espólio pouco abundante, Bettencourt (1999: 358) acredita ali ter ocorrido “*um só momento de ocupação, que se teria desenvolvido, quer na plataforma superior, quer no início da vertente nordeste (...) de curta/média duração*”. Com base na localização (imediate a solos agrícolas), na proximidade a recursos hídricos (vale do rio Este), nas vias de circulação naturais próximas (vales dos rios Este e Cávado), na tipologia das estruturas (fossas) e nos seus enchimentos (algumas sepulcrais, invioladas, e outras revelando enchimentos detriticos) e na identificação de grandes formas cerâmicas (para aprovisionamento) e de formas associadas a atividades diárias (potinhos/púcaros com vestígios de lípidos) esta investigadora interpreta o local como um “*povoado de vocação essencialmente agrícola*” (Bettencourt 1999: 358). Comparando a ocupação ali registada com a de outros locais coetâneos situa-a cronologicamente num momento do 1º quartel do I milénio AC. Esta afirmação é suportada pela presença de uma urna – ou forma 15 segundo (Bettencourt 1999) – e de uma forma cerâmica com paralelos na bacia do Cávado e enquadrável no 1º quartel do I milénio AC (Bettencourt 1999: 253). Esta mesma autora admite que o local se terá estendido para este, tendo em conta os materiais encontrados na área de construção do atual Museu D. Diogo de Sousa.

g. Virado ao vale do rio Este, que corre a sul do local no sentido nordeste-sudoeste, com um aplo domínio visual sobre os terrenos férteis nas margens daquele curso fluvial.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Gaspar *et al.* (1986), Delgado *et al.* (1989), Martins (1990), Dinis (1993), Bettencourt (1999, 2000a).

Pedralva

(13) Pau de Bandeira/Monte Crasto

a. Povoado (?).

b. Pau de Bandeira.

c. 41.563612° N; -8.341676° W (Fig. 4.13), 570 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze (?), Idade do Ferro.



Figura 4.13 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Pau de Bandeira/Monte Crasto.

e. Ocupa uma pequena elevação num remate de esporão a sudoeste do alto do Castro 1°, local onde é conhecida outra ocupação, provavelmente de fase posterior. A vertente norte apresenta declive mais acentuado e por toda a área, entre afloramentos graníticos, é possível observar diversa pedra solta. Esta área ligada à plataforma mais alta do monte (Castro 1°) através de uma ladeira que une ao esporão rochoso. Ali abunda o granito porfiroide de grão grosseiro a médio, monzonítico, de duas micas, com predomínio de biotite (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Em relação a recursos mineiros situa-se a pouco mais de 15 km para nascente do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a menos de 22 km para este-sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde) e a cerca de 24 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de pouco mais de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Ave, a sul. No local nascem diversas linhas de água tributárias da ribeira de Gualtar, que corre a cerca de 2 km para oeste e vai desaguar à margem direita do rio Este. A zona não tem qualquer utilidade agrícola, sendo o seu coberto vegetal predominantemente arbustivo e herbáceo.

f. As primeiras referências ao local são de Macedo (1896: 123), que menciona como a continuação dos vestígios identificados ligeiramente a oeste-nordeste, denominada de Monte dos Picos, cuja ocupação poderá datar de fase posterior. Bellino (1909: 9) descreve o “*Monte de Castro (...) ladeado de 14 mamôas e circuitado de tres ordens de muralhas que defendiam uma grande povoação, da qual ainda existem numerosos vestígios de casas circulares*”³⁰. Fontes (1993: 51) recolheu à superfície vários fragmentos de cerâmica caracteristicamente enquadráveis na Idade do Bronze Final e Idade do Ferro Inicial, apresentando pastas grosseiras e fabricos manuais. Em depósito no M.D.D.S., em Braga, encontram-se também alguns fragmentos recolhidos à superfície por Ana M.S. Bettencourt (comunicação pessoal) durante trabalhos de prospeção denotando fabrico manual e pastas arenosas com desengordurantes de quartzo. Estes podem ser genericamente enquadráveis na Pré-história Recente. Em visita ao local é notório o avanço de empreendimentos industriais que colocam em risco a integridade do local, por si só já bastante destruído, a par de marcas de rodados de veículo de todo-o-terreno e de vestígios de uso indevido como “campo de tiro” clandestino.

g. Beneficia de boa visibilidade para os quadrantes norte e sudeste, concretamente, para o vale da ribeira de Gualtar e para o vale da ribeira de Provinciais, esta última afluente da ribeira de Várzea que conflui à margem direita do rio de Agrela em S. Salvador de Briteiros e que, por sua vez, desagua na margem direita do rio Ave em Santo Estevão de Briteiros.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Macedo (1896), Bellino (1909), Fontes (1993).

(14) Pedralva

a. Indeterminado.

d. Idade do Bronze.

³⁰ No Endovélculo a entrada com o CNS 30324 refere a necrópole da Serra dos Picos.

f. Sem dúvida que a menção ao suposto depósito de Pedralva, da responsabilidade de Sarmento (1999), é o que deixa maiores incertezas. Refere aquele autor a descoberta de “*uma arma de bronze*” semelhante a um punhal, em Pedralva, numa área onde em tempos havia sido recuperada uma “*panela*” (Sarmento 1999: 445). Vagamente, questiona se a recuperação dos objetos ocorreu “*debaixo da aba de um penedo, cuja abertura seria tapada com uma pedra (ou pedras?) que ainda existe no sítio*” (Sarmento 1999: 445). A falta de mais informações sobre o achado mas, principalmente, a ausência de qualquer descrição dos mesmos não ajuda a clarificar a sua natureza.

i. Sarmento (1999).

(15A) Vale de Chão 1

- Contexto funerário: monumento sob *tumulus*³¹ com reutilização.
- Eiras.
- 41.573900°N, -8.324900° W (Fig. 4.14), 440 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).
- Idade do Bronze Inicial e Idade do Bronze Médio/Final.

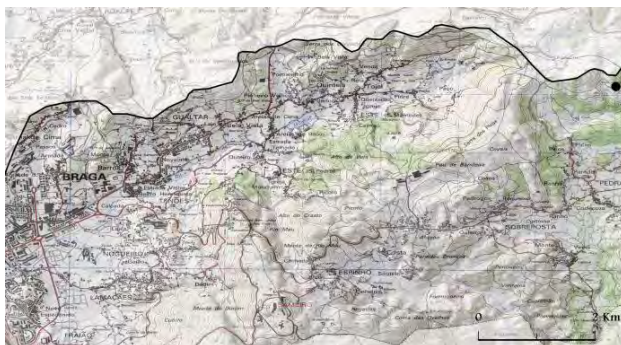


Figura 4.14 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vale de Chão 1.

e. Ocupa a encosta sudeste da Serra dos Picos, numa área que forma um anfiteatro natural virado para o vale da ribeira de Reamondes. Nas imediações é possível observar uma diversidade de granitos que variam entre o grão fino e o grão médio. O local situa-se sobre monzogranito de duas micas, com tendência porfiroide, de grão fino, também denominado de Granito de Gonça. Este é intercalado, a nascente e a poente, por leucogranito moscovítico-biotítico, de grão fino, conhecido como Granito de Briteiros. Do lado nascente, entre a orla de contacto entre ambos, surge monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio a fino, também designado de Granito de Pousadela (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). A área é bastante rica em quartzo³². Em relação a recursos mineiros situa-se a menos de 17 km para este-nordeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 24 km para este-sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de menos de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a nor-noroeste. Anexo à área de nascente da ribeira de Ramoandes, parte integrante da bacia do rio Ave. Atualmente o local é zona de mato onde predominam espécies arbóreo, em algumas zonas denso, acompanhadas de arbustivas e herbáceas.

f. Foi identificado no ano de 2007, durante os trabalhos de acompanhamento arqueológicos desenvolvidos no âmbito do desvio da Linha Aérea Alto do Lindoso para a Subestação de Pedralva (R.E.N.), da responsabilidade da empresa Novarqueologia, Lda. A intervenção visou perceber a verdadeira dimensão e respetiva extensão do monumento, em parte porque muito próximo deles viria a ser implementado uma linha de alta tensão. Posteriormente, o monumento foi intervencionado enquanto tema de tese de mestrado desenvolvido por Vilas Boas (2014b).

Trata-se de um monumento sob *tumulus* de tradição megalítica, de contorno circular com *tumulus* de terra com couraça pétrea de seixos e blocos graníticos com alguns quartzos. Media cerca de 7 metros de diâmetro por 60 cm de altura. A sua escavação não revelou a presença de qualquer câmara funerária estruturada, facto que leva a colocar a hipótese de os restos ósseos terem sido depositados diretamente sob o solo (Vilas Boas 2014a, 2014b).

³¹ A entrada no Endovélico relativa ao sítio de Ferreiros/Vale de Chão, com o CNS 30321, localiza erradamente o local na freguesia de Ferreiros, em Póvoa de Lanhoso, referindo-se a achado(s) isolado(s).

³² Pedralva terá a etimologia da sua designação da junção de “*pedra*” e “*alva*”, correspondendo a “*pedra branca*”.

Este monumento terá sido posteriormente utilizado através de uma inumação secundária, sob a forma de sepultura plana, de contorno retangular, aberta no *tumulus*.

Duas datas de radiocarbono permitiram situar a construção do monumento no Bronze Inicial e a posterior reutilização (sepultura plana), no Bronze Médio (Vilas Boas 2014a, 2014b).

O espólio recolhido resume-se a escassos fragmentos cerâmicos e líticos. A proximidade entre vários monumentos funerários aponta para fortes associações entre a área e práticas funerárias.

g. Boas condições de visibilidade entre os quadrantes este e sudeste, em concreto, para o vale encaixado da ribeira de Reamondes.

h. *In situ*.

i. Loureiro (2007), Vilas Boas (2014a, 2014b).

(15B) Vale de Chão 2

a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*³.

b. Eiras.

c. 41.573683° N, -8.324712° W (Fig. 4.15), 439 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).

d. Idade do Bronze Inicial e Idade do Bronze Médio/Final.

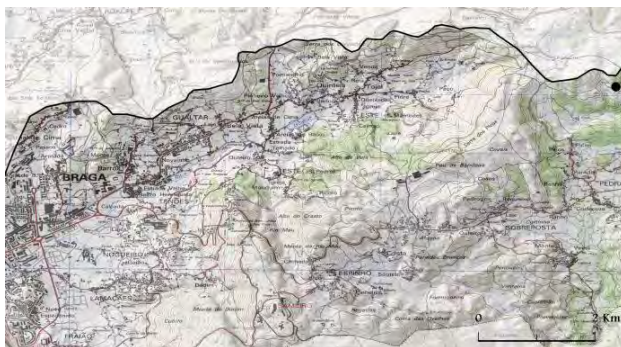


Figura 4.15 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vale de Chão 2.

e. Situa-se a escassos metros para sudeste do monumento de Vale de Chão 1, sendo as suas características em tudo semelhantes.

f. Identificado no ano de 2007, durante os trabalhos de acompanhamento arqueológicos desenvolvidos no âmbito do desvio da Linha Aérea Alto do Lindoso para a Subestação de Pedralva (R.E.N.), da responsabilidade da empresa Novarqueologia, Lda. A intervenção visou perceber a verdadeira dimensão e respetiva extensão do monumento, em parte porque muito próximo deles viria a ser implementado uma linha de alta tensão.

Apresentava contorno ovalizado com *tumulus* de terra e couraça pétrea composta por seixos e blocos graníticos, com presença de quartzos. Detinha 8 a 10 metros de diâmetro e cerca de 60 cm de altura. A sua escavação não revelou qualquer câmara pétrea e, a par de escassos materiais, a sua particularidade reside do facto de ter incorporado uma laje ou afloramento com cinco covinhas gravadas (Loureiro 2007).

g. Em situação idêntica ao monumento de Vale de Chão 1.

h. *In situ*.

i. Loureiro (2007), Vilas Boas (2014a, 2014b).

(15C) Vale de Chão 4

a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*.

b. Eiras.

c. 41.573298° N, -8.324234 W (Fig. 4.16), 465 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).

³ Entrada no Endovélico relativa a *tumuli* e a vestígios de superfície com os CNS 30312 e CNS 30317, respetivamente.

d. Idade do Bronze.

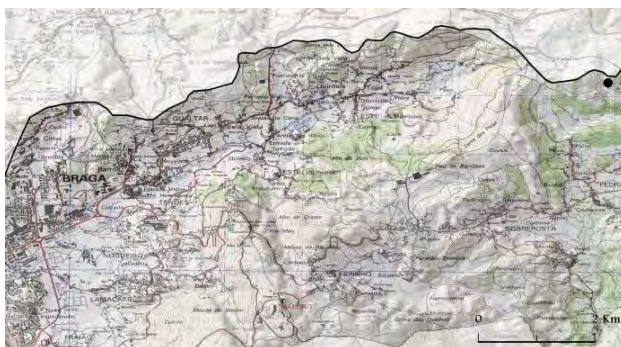


Figura 4.16 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Vale de Chão 4.

e. Situa-se a escassos metros para noroeste do monumento de Vale de Chão 1, sendo as suas características em tudo semelhantes.

f. Identificado durante trabalhos de prospeção por Vilas Boas (2014b). Trata-se de um monumento sob *tumulus* de terra com couraça pétrea composta por seixos e blocos graníticos, com presença de quartzos. De contorno circular, detém 2 metros de diâmetro e cerca de 30 cm de altura.

g. Em situação idêntica ao monumento de Vale de Chão 1.

h. *In situ*.

i. Vilas Boas (2014b).

(15D) Carvalho 1

a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*.

b. Eiras.

c. 41.577750° N, -8.324472 W (Fig. 4.17), 485 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).

d. Idade do Bronze.

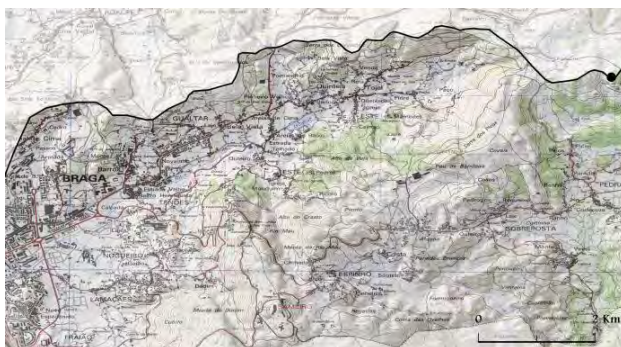


Figura 4.17 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Carvalho 1.

e. Ocupa a linha de cumeeada que separa as bacias hidrográficas dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul, a norte dos monumentos de Vale de Chão 1. Nas imediações é possível observar uma diversidade de granitos que variam entre o grão fino e o grão médio. O local situa-se sobre monzogranito de duas micas, com tendência porfiroide, de grão fino, também denominado de Granito de Gonça. Este é intercalado, a nascente e a poente, por leucogranito moscovítico-biotítico, de grão fino, conhecido como Granito de Briteiros. Do lado nascente, entre a orla de contacto entre ambos, surge monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio a fino, também designado de Granito de Pousadela (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). A área é bastante rica em quartzo. A menos de 17 km para este-nordeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a menos de 23 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde) e a cerca de 24 km para este-sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de menos de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios

Cávado, a norte, Este, a noroeste, e no interflúvio formado pelo rio Ave, a ribeira da Póvoa, o rio Pequeno, a sudeste. A área atual apresenta coberto vegetal arbustivo e herbáceo.

f. Apenas se sabe tratar-se de um monumento sob *tumulus* em terra com couraça pétrea³⁴.

g. Boas condições de visibilidade para a envolvente, em concreto, para os vales do Cávado, a norte, e Este, e sudoeste.

h. *In situ*.

p. Vilas Boas (2014b).

(15E) Carvalho 2

a. Monumento sob *tumulus*.

b. Eiras.

c. 41.576961° N, -8.326328 W (Fig. 4.18), 472 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).

d. Idade do Bronze.

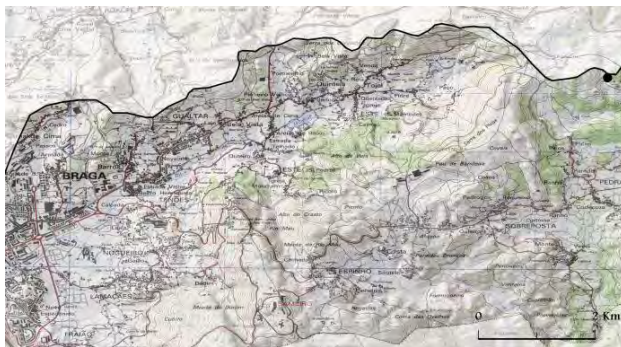


Figura 4.18 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Carvalho 2.

e. Identificado em prospeção por Vilas Boas (2014a). Ligeiramente a sudoeste do monumento de Carvalho 1 e, por essa razão, ligeiramente abaixo da linha de cumeada que separa as bacias hidrográficas dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul, muito próximo a uma caminho. O local situa-se sobre monzogranito de duas micas, com tendência porfiroide, de grão fino, também denominado de Granito de Gonça (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). A área é bastante rica em quartzo. A menos de 17 km para este-nordeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a menos de 23 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde) e a cerca de 24 km para este-sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de menos de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, Este, a noroeste, e no interflúvio formado pelo rio Ave, a ribeira da Póvoa, o rio Pequeno, a sudeste. A área atual apresenta coberto vegetal maioritariamente arbustivo e herbáceo mas muito próximo de espécies arbóreas.

f. Apenas se sabe tratar-se de um monumento sob *tumulus* em terra com couraça pétrea³⁵.

g.. Boas condições de visibilidade em especial entre su-sudeste, para o vale encaixado da ribeira de Reamondes.

h. *In situ*.

i. Vilas Boas (2014b).

Priscos

(16) Quinta das Rosas

a. Povoado³⁶.

³⁴ Agradece-se a Luciano Vilas Boas todas as informações.

³⁵ Agradece-se a Luciano Vilas Boas todas as informações.

- b. Quinta das Rosas.
 c. 41.490189° N, -8.473139° W (Fig. 4.19), 248 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).
 d. Idade do Bronze Médio (?).



Figura 4.19 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização da Quinta das Rosas.

e. Ocupa o topo e as vertentes norte e sul de um outeiro que se destaca num remate de esporão a nordeste do Monte da Bandeira. Localiza-se sobre monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granito de celeiros ou de Vieira do Minho (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). No local nascem várias linhas de água tributárias dos rios Este e Guisando, o último afluente do primeiro pela sua margem esquerda. Situa-se a cerca de 7 km para sul do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 12 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 25 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de 11 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado e Este, a norte. Atualmente a área é de floresta, sendo o coberto vegetal predominantemente arbóreo acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Descoberto durante trabalhos de prospeção ao abrigo do projeto intitulado *A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde meados do III aos finais do II milénios a.C.*. No topo e plataformas norte e oeste do Monte de Bandeira foram recolhidos alguns materiais líticos e cerâmicos, estes últimos denotando fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas de textura grosseira. Entre estes foi possível identificar uma forma 1 ou 10 – segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) –, uma base de fundo plano simples, fragmentos de pança decoradas com cordões, uma pega em forma de mamilo achatado, um bordo vertical decorado com impressões (Barbosa & Azevedo 2004-2005: 124-125, nº 13) e, ainda, o que parece ser uma aba de um vaso de bordo horizontal. O local foi parcialmente destruído e atualmente o denso coberto vegetal impossibilita a perfeita observação da superfície.

g. Ótimas condições de visibilidade para o vale do rio Este, que corre a norte, e para o rio Guisando, que nasce nas vertentes este-sudeste correndo no sentido sudoeste.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Barbosa & Azevedo (2004-2005).

Sequeira

(17) Penedo da Cruz

- a. Povoado³⁷.
 b. Boavista.
 c. 41.527809° N, -8.464431° W (Fig. 4.20), 210 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).
 d. Idade do Bronze.

³⁶ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 28620.

³⁷ Entrada no Endovélico relativa a vestígios indeterminados com CNS 28618.



Figura 4.20 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Penedo da Cruz.

e. Ocupa uma pequena elevação abaixo dos 300 metros de altitude que se desenvolve no sentido nordeste/sudoeste e cujas vertentes viradas a poente apresentam declives mais acentuados. Localiza-se sobre monzogranito biotítico com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Celeirós e Vieira do Minho. Imediatamente a norte, e já da margem direita do rio Labriosca, aflora, entre a Unidade do Minho Central e Ocidental (quartzifilitos, micaxistos e quartzitos) uma “ilha” de granito de duas micas de grão médio – denominada de Granito de Gondizalves – com uma fácies predominantemente moscovítica de grão fino (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). A menos de 3 km para su-sudeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a pouco mais de 16 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a cerca de 16 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 21 km para su-sudoeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de 7 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a nor-noroeste, e Ave, a oeste-sudeste. Encaixado entre o rio Labriosque, que corre de Este para Oeste a cerca de 300 metros para norte do local, e a ribeira de S. Martinho – afluente do rio Este – e o rio Este, que correm no sentido nordeste/sudoeste a su-sudeste da elevação. Coberto vegetal densamente arbóreo, arbustivo e herbáceo.

f. Descoberto durante trabalhos de prospeção ao abrigo do projeto intitulado *A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde meados do III aos finais do II milénios a.C.*. Foram recolhidos à superfície fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual, pastas arenosas e grosseiras, cozeduras redutoras e acabamentos alisados, mas sem relação aparente com quaisquer estruturas (Barbosa & Azevedo 2004-2005: 125, nº 14). Em visita ao local verifica-se que corre risco pelo alargamento de um caminho já existente.

g. Boas condições de visibilidade em todas as direção com exceção para oeste/sudoeste, local pela qual a elevação se desenvolve, através de uma plataforma, para cotas mais elevadas.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Barbosa & Azevedo (2004-2005).

S. José de S. Lázaro

(18) Granjinhos

a Contexto funerário³⁸.

b. Granjinhos.

c. 41.547681° N, -8.422384° W (Fig. 4.21), 175 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze Médio.

³⁸ Entrada no Endovélico relativa a vestígios diversos com o CNS 2775.



Figura 4.21 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Granjinhos.

e. Localiza-se na vertente sul da cumeeira que separa as bacias hidrográficas dos rios Este, a sul, e Cávado, a norte. Implementa-se sobre granito porfiroide de grão médio a fino, monzonítico, de duas micas, com predomínio de biotite (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). A menos de 1 km da margem direita do rio Este, que passa a sul. A pouco mais de 6 km para nascente do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a pouco mais de 13 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a cerca de 20 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 17 km para su-sudoeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de menos de 7 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e este, a sul. A menos de 1 km para sul da margem direita do rio Este. A área encontra-se urbanizada.

f. O local foi descoberto durante trabalhos arqueológicos que se foram desenvolvendo por diferentes pontos do Alto da Cividade e que se estenderam a terrenos anexos³⁹. Durante a intervenção de 1993 foram recolhidos materiais cerâmicos enquadráveis na Idade do Bronze. Pese embora a dispersão por cerca de 16m² de muitos dos fragmentos, que colavam entre si e permitiram a reconstrução de quatro vasos cerâmicos, o facto das bases destes terem sido identificadas *in situ* levou a autora (Bettencourt 1995:94) a defender que “*as condições da jazida indiciam uma deposição intencional de quatro vasos que se podem incluir na mesma família morfológica*” (Bettencourt 1999: 492). Refere, também, que “*Apesar da área de escavação ter sido vasta, não foram detectadas outras cerâmicas técnica ou morfológicamente similares pelo que depreendemos tratar-se de um achado isolado, fora de um contexto doméstico*” (Bettencourt 1999: 490). Posteriormente, nos dados monográficos que publica, afirma que os “*recipientes pareciam estar circunscritos por um semicírculo (talvez o que restou de um possível círculo destruído pela camada 2), efetuado com pedra miúda, a seco, estrutura esta, a cota ligeiramente inferior à dos achados cerâmicos mas que poderiam corresponder à base de qualquer construção efectuada com materiais perecíveis*” (Bettencourt 2000a: 222). No interior deste “recinto” ou “monumento” foram depositadas “*quatro urnas de incineração*” Bettencourt (2009a: 98).

A reconstrução dos vasos permitiu identificar três formas 5, com panças subcilíndricas, e uma forma 1, com pança ovoide, segundo a tabela formal de Bettencourt (1999)⁴⁰, todos com bases planas simples. Apresentam fabrico manual, cozeduras reductoras, pastas grosseiras de cor acastanhada e alisamento das superfícies. Aquelas primeiras formas apresentam alturas variáveis entre os 24,2 e os 35,5 cm, diâmetros de boca entre os 16,8 e os 20 cm e diâmetros de bojos entre os 21 e os 26,7 cm, enquanto a forma 1 atinge 25,5 cm de altura, 20 cm de diâmetros de boca e 25,5 cm de bojo⁴¹.

Análises a amostras destes vasos segundo o método HCl 0,1N e de Bray II revelaram altos índices de fósforo, valores compatíveis com a sua utilização como urnas sepulcrais, talvez albergando ossos ou cinzas humanas (Bettencourt 1999: 492-493). Deste modo, e mesmo que com algumas reservas, “*face às condições da jazida e aos resultados obtido em laboratório (...) [é admissível] estar perante uma manifestação de enterramento, associada ao ritual de incineração e localizada relativamente perto do povoado do Alto da Cividade*” (Bettencourt 1999: 493).

³⁹ Entre Fevereiro e Maio de 1982 realizaram-se trabalhos codirigidos por F.S. Lemos, L. Fontes e M. Delgado Oliveira (BRA82A). Em 1989 prosseguem os trabalhos de escavação junto a um muro situado a norte da colina (BRA89GRANJ). Entre 1993 (BRA93GRANJ) e 1994 (BRA94GRANJ) iniciam-se trabalhos de emergência codirigidos por F. Sande Lemos, M. Delgado Oliveira e M. Martins, no âmbito do projeto intitulado *Salvamento de Bracara Augusta*, numa união de esforços para a salvaguarda do património perpetuada entre a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho., o Museu D. Diogo de Sousa e o Gabinete de Arqueologia. Da Câmara Municipal de Braga.

⁴⁰ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com os números de inventário 1993.0296, 1993.0297, 1993.0298 e 1993.0299.

⁴¹ Para mais pormenores consultar a descrição das respetivas formas em Bettencourt (2000a: 222-223).

Ao abrigo do presente trabalho foi tentada a datação absoluta deste contexto, cujos resultados se encontram sintetizados na Tabela 4.2. Uma primeira data efetuada a fuligem raspada do exterior do vaso 1993.0298 deu um resultado extremamente anómalo, o qual pode ser explicado, talvez, raspagem, conjuntamente com a fuligem, de quaisquer restos de paleosolo que, após a deposição do vaso, tenham aderido às suas paredes. A segunda data, desta feita efetuada sobre fuligem raspada da parte interna do vaso 1993.0297, permitiu enquadrar o contexto no Bronze Médio, concretamente, entre os séculos XVII e XV AC.

Tabela 4.2 – Resultados da datação por radiocarbono do contexto funerário dos Granjinhos⁴²

Ref. Lab.	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal BC (68.2%) Método B	2 Sima Cal BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA102326	Fuligem Vaso 1993.0298	14027±89	15256-14931 (68.2%)	15432-14755 (95.4%)	Inédita
Beta374921	Fuligem Vaso 1993.0297	3250±30	1546-1496 (42.8%) 1606-1582 (15.3%) 1474-1460 (7.2%) 1559-1553 (2.9%)	1612-1490 (80.5%) 1484-1450 (14.9%)	Inédita

g.. Ótimas condições de visibilidade para o vale do Este, entre os quadrantes nordeste e sudoeste, que corre a sul do local, a cerca de 1 km, naquele.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Bettencourt (1995, 1999, 2000a, 2009a).

(19) Quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade

a. Contexto funerário: sepultura(s) plana(s).

b. Avenida da Liberdade.

c. 41.549812° N, -8.422333° W (Fig. 4.22), 180 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze Inicial/Médio.



Figura 4.22 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade.

e. Localiza-se ligeiramente a norte dos Granjinhos, pelo que é em tudo muito semelhante, no que toca à caracterização física e ambiental, àquele contexto.

f. Identificado durante trabalhos de escavação de emergência ocorridos entre 2007 e 2009, a cargo da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho no âmbito de obras de remodelação do quarteirão dos CTT, de ampliação do túnel da Avenida da Liberdade e de transformação do espaço entre estes dois pontos.

Embora os vestígios maioritariamente ali identificados correspondam a usos funerários de outros períodos, ocorreu a descoberta de materiais cronologicamente enquadráveis na Idade do Bronze. Na Sondagem 13 foi identificado “*um enterramento bastante simples [Sepultura LXXX⁴³] que corresponde a uma ligeira depressão aberta no substrato rochoso, onde foi depositado um vaso de cerâmica (UE.3154) de paredes rectas, com decoração plástica de mamilos, recoberto por um aterro bastante homogêneo de matriz areno-limosa*” (Martins *et al.* 2010a: 124). Segundo o desenho de campo desta estrutura, gentilmente cedido pelos responsáveis da Unidade de Arqueologia da

⁴² Todos os resultados de C¹⁴ foram calibrados com o programa OxCal/4.2, segundo a curva IntCal09 (Reimer *et al.* 2009), disponível gratuitamente *online* em <http://c14.arch.ox.ac.uk/embed.php?File=oxcal.html>.

⁴³ Martins *et al.* (2010a: 172).

Universidade do Minho, a quem se agradece, a sepultura apresentava contorno ovalizado com o maior eixo disposto no sentido nordeste-sudoeste. O vaso⁴⁴ depositado no seu interior revela fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferem uma textura muito grosseira. Trata-se de um troncocónico ou forma 14, segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), de bordo em aba soerguida, lábio arredondado e base plana simples. Pese embora a ligeira corrosão que apresenta, resultante da sua pasta friável, denota alisamento de ambas as paredes, a par de indícios de fuligem interna e externa. Detinha um elemento de prensão vertical de secção em fita e, na sua pança, ligeiramente acima de meio, é possível observar quatro aplicações plásticas ou mamilos ovais. O seu estado fragmentado denota fratura recente e, em ambas as paredes, são visíveis indícios de fuligem que se dispõem entre a área oposta à asa e uma das suas laterais.

Foi, igualmente, recolhido o que (Martins *et al.* 2010a: 141) designaram por “*um pote globular de bordo largo horizontal decorado (Ach.1032, n.inv.º2009.0383)*”. Corresponde a uma forma 13c⁴⁵ segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), cujo bordo horizontal varia entre 3,7 e 3,9 cm. Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferem uma textura muito grosseira. O fundo é convexo e encontra-se em falta o elemento de prensão vertical, embora a fratura visível nos seus arranques pareça recente. A parte interna do seu bordo foi decorada por incisão com ponta romba reproduzindo decoração metopada, dispondo linhas paralelas ao lábio alternadas com linhas oblíquas que variam a orientação para o lado oposto. Ambas as paredes foram alisadas e são visíveis indícios de fuligem. Esta distribui-se, na parede externa, junto da asa mas ligeiramente descaída para o lado esquerdo e na área oposta e, na parte interna, igualmente junto à asa.

Na Sondagem 16 foi atestada “*a presença de materiais de (...) amplo espectro cronológico, desde a época contemporânea até à Idade do Bronze*” (Martins *et al.* 2010a: 153). Refira-se, concretamente, a U.E. 3210, que correspondente a um “*Aterro constituído pela alternância de enchimentos arenosos de coloração castanha-escura, com outros de coloração amarelada, apresentando também infiltrações de veios de saibro*” – interpretada como um enchimento de nivelamento (Martins *et al.* 2010a: 913). Aqui surgiu um vaso⁴⁶ de médio bordo horizontal, ou forma 13b segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de pequena e média dimensão que lhe conferem textura média. O seu bordo varia entre 2,7 e 2,9 cm, o lábio é arredondado e a base é plana simples. Está presente um elemento de prensão vertical de secção em fita. Apresenta alisamento de ambas as paredes e fortes vestígios de fuligem que se desenvolve, na parede interna, na área oposta à asa e, na parede externa, nas áreas laterais àquele elemento. A parte interna do seu bordo está decorada por incisão com ponta romba formando composição metopada, alternando linhas paralelas entre si que se dispõem no mesmo sentido que o lábio.

Foram, ainda, recuperados um vaso de bordo horizontal⁴⁷ e um troncocónico⁴⁸. O primeiro é um vaso de médio bordo horizontal ou forma 13a segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferem uma textura muito grosseira. O seu bordo em aba horizontal mede 1,9 cm, a base é de fundo plano simples e o elemento de prensão vertical encontra-se em falta mas pela fratura dos seus arranques é possível perceber que seria de secção em fita. Denota alisamento em ambas as faces e fuligem que se desenvolve na parede interna e externa na área oposta à asa. Encontra-se ligeiramente fraturado mas pelo cerne é possível perceber que a fratura é recente. O troncocónico denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta bastante arenosa com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferem uma textura muito grosseira. O bordo é em aba soerguida, o lábio adelgado, a base plana simples e o elemento de prensão vertical de secção em fita à qual falta a parte superior. Pese embora alguma corrosão de ambas as faces é possível perceber que detinha alisamento interno e externo, e inclui vestígios de fuligem que se desenvolvem na parede interna na área oposta à asa e, na parede externa, nas laterais do vaso. Na sua pança, ligeiramente acima do meio, é possível observar dois acréscimos plásticos sob a forma de mamilos ovais, embora não seja de descartar a hipótese de terem existido pelo menos mais dois.

O conjunto de dados permite colocar a hipótese de aqui existiu uma necrópole de sepulturas planas da Idade do Bronze Inicial ou Médio. Na tentativa de corroborar esta hipótese foi tentada a datação deste contexto, nomeadamente através da recolha de fuligem da parede interna do vaso 2010.0393, cujos resultados se encontram sintetizados na Tabela 4.3. O resultado obtido permite enquadrá-lo no primeiro quartel do II milénio AC, mais concretamente entre os séculos XIX e XVIII AC.

⁴⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0393.

⁴⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0383.

⁴⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0409.

⁴⁷ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0053.

⁴⁸ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2010.0059.

Tabela 4.3 – Resultados da datação por radiocarbono do contexto funerário do quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade

Ref. Lab.	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal BC (68.2%) Método B	2 Sima Cal BC (95.4%) Método B	Bibliografia
14So/0634	Fuligem Vaso 2010.0393	3570±40	2010-2000 (4.1%) 1977-1881 (64.1%)	2030-1867 (79.9%) 1848-1774 (15.5%)	Inédita

g. Ótimas condições de visibilidade para o vale do Este, entre os quadrantes nordeste e sudoeste, que corre a sul do local, a cerca de 1 km, naquele sentido.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Martins *et al.* (2010a, 2010b, 2010c).

(20) Galos

a. Gravuras rupestres.

b. Rua dos Galos.

c. 41,545313° N, -8,414121° W (Fig. 4.23), 165 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Indeterminado.



Figura 4.23 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Galos.

e. Ocupa a margem direita do rio Este, muito próximo deste. A cerca de 6 km para nascente do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a pouco mais de 13 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde), a cerca de 20 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 17 km para su-sudoeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio máximo de 8 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul. A área é fortemente urbanizada.

f. Em 2013, durante a limpeza de um afloramento granítico e no âmbito de acompanhamento arqueológico, Gisela Braga identificou motivos na superfície da rocha insculturada. Afloramento granítico com superfície mais ou menos regularizada onde constam sulcos meandriformes, embora a sua cronologia seja duvidosa.

g. Boas condições de visibilidade para o trecho nascente do rio Este, bem como para sul, em especial para o monte de Picoto.

h. *In situ*.

i. Inédito.

S. Victor

(21) Bouça do Monte/Caixa d'Água/Quinta do Amorim

a. Povoado.

b. Monte.

c. 41.566148° N, -8.396797° W (Fig. 4.24), 288 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).

d. Idade do Bronze Médio (?).

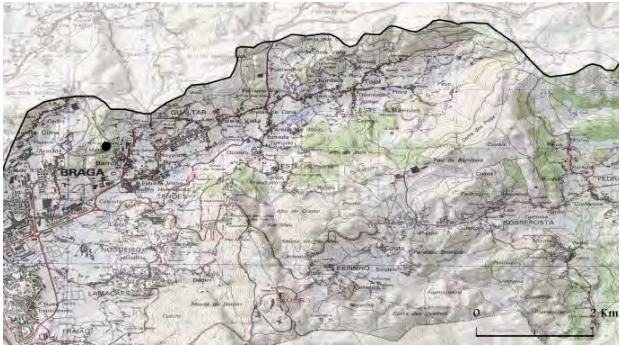


Figura 4.24 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Bouça o Monte/ Caixa d'Água/Quinta do Amorim.

e. Ocupa a vertente sul do monte de Pedroso, concretamente, um pequeno cabeço que se desenvolve do marco trigonométrico de Pedroso em direção a sul. Situa-se sobre monzogranitos biotíticos, porfíroides, de grão médio, orientado, com grandes megacristais de feldspato potássico, também denominado de Granito do Sameiro (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). As linhas de água imediatas convergem à ribeira de Gualtar, parte integrante da formação do rio Este. A cerca de 10 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 16 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde) e a cerca de 18 km para su-sudoeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de 5 km seria possível a recolha de minérios soba forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a su-sudoeste. O coberto vegetal atual é maioritariamente arbustivo e herbáceo, pontuado por escassas espécies arbóreas.

f. O local identificado ao abrigo do projeto intitulado *A reconstrução da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde meados do III aos finais do II milénios a.C.*, sendo dado a conhecer por Barbosa & Azevedo (2004-2005: 122, n° 10). Ana M.S Bettencourt recolheu, num corte anexo ao campo de futebol de Gualtar, a cerca de 50 cm de profundidade, diversos fragmentos cerâmicos de fabrico manual, com pastas arenosas, grosseiras, cozeduras reductoras e acabamentos alisados. Posteriormente, Tapicio Nóbrega, em visita ao local durante os trabalhos de construção de uma moradia particular, situada a uma cota ligeiramente acima do referido campo, encontrou, entre terras remexidas, diversos fragmentos cerâmicos de fabrico manual e pastas arenosas que apresentavam decorações conseguidas por adição plástica sob a forma de cordões.

Após visita ao local percebe-se que o risco da crescente construção de moradias privadas que parecem não respeitar a inclusão do sítio, conforme indicação de Ana M.S. Bettencourt, no P.D.M de Braga.

g. Boas condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sudoeste, em especial para o vale da ribeira de Gualtar.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Barbosa & Azevedo (2004-2005).

(22) Quinta do Amorim

a. Povoado e contexto funerário⁹⁸: sepultura(s) plana(s).

b. Monte.

c. 41.567715° N, -8.397548° W (Fig. 4.25), 270 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 56).

d. Idade do Bronze Médio.

⁹⁸ Entrada no Endovélico relativas a vestígios diversos (CNS 8403 e CNS 21831).

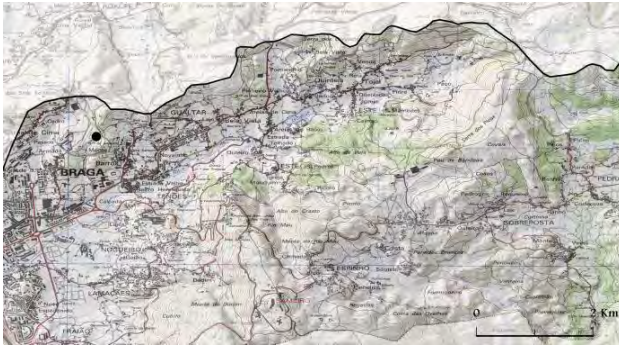


Figura 4.25 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 56, à escala 1/25 000, com localização de Quinta do Amorim.

e. Ocupa a vertente sul do monte de Pedroso, a poente de um patamar formado por um cabeço que se desenvolve do marco trigonométrico de Pedroso em direção a su-sudeste. Muito próximo da zona de contato entre a faixa de granodiorito que se vem desenvolvendo desde Longos/Briteiros (Guimarães) no sentido noroeste e os metassedimentos Pelozóicos da denominada Unidade de Vila Nune. O primeiro grupo inclui monzogranito biotítico, porfiroide, de grão médio, orientado, com grandes megacristais de feldspato potássico, também denominado de Granito do Sameiro (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Na área diversas linhas de água alimentam a ribeira de Gualtar, que se situa a su-sudeste. Além disso, a área imediata é propensa à captação de água, quiçá pela constante presença de lençóis freáticos, como bem se depreende pela construção do complexo de derivação de águas das Sete Fontes. A cerca de 10 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 16 km para sudeste das jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde) e a cerca de 18 km para su-sudoeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de 5 km seria possível a recolha de minérios soba forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a su-sudoeste. O coberto vegetal era maioritariamente arbustivo e herbáceo, entre escassas espécies arbóreas, mas atualmente encontra-se urbanizado.

f. No âmbito da construção das instalações do Novo Hospital de Braga, em 2009, foi intervencionada uma área anexa a oeste do local denominado de Quinta da Bouça/Caixa de Água/Quinta do Amorim. Esta intervenção, da responsabilidade da empresa *Procesl* – Engenharia Hidráulica e Ambiental Lda., incluiu, num primeiro momento, trabalhos de acompanhamento dirigidos por Luciano Vilas Boas. Dada a importância dos vestígios identificados durante este acompanhamento, entre os quais fragmentos cerâmicos datáveis da Idade do Bronze, foi imposta pela tutela a necessária escavação integral da área a afetar. Os trabalhos de escavação dos vestígios da Idade do Bronze⁵⁰ tiveram codirecção conjunta do signatário e de Maria João Amorim e totalizaram cerca de quatro meses de duração.

As estruturas identificadas e datáveis da Idade do Bronze apresentaram-se escavadas em negativo no substrato rochoso, nomeadamente, diversas fossas e uma estrutura tumular (sepultura).

As fossas apresentam secção em forma de “saco”, embora muitas aparentem ter sido ligeiramente cortadas no topo, provavelmente em época mais recente. Foram, no entanto, identificados dois exemplares muito bem conservados que permitiram perceber a grandiosidade destas estruturas. Algumas delas incluíam, no seu enchimento, escassos materiais cerâmicos denotando fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas, com texturas grosseiras a muito grosseiras, em certos casos a par de fragmentos de moinhos manuais graníticos (moventes e dormentes).

A estrutura de enterramento é uma sepultura plana que, pela presença de outros vestígios nas imediações, poderia integrar uma área de necrópole⁵¹. Do interior desta estrutura foi recuperado um vaso de largo bordo horizontal ou forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Pese embora a distância considerável, não se exclui a possibilidade destes vestígios poderem ter relação como a ocupação registada a oeste-sudeste e conhecida como Bouça do Monte/Caixa d’Água/Quinta do Amorim (vide ponto anterior neste catálogo).

⁵⁰ Foram igualmente registados, em área muito próxima, vestígios de ocupações datáveis de períodos posteriores, contudo, no âmbito de utilizações diferenciadas do espaço que não cabem aqui desenvolver (consultar R.T.E.).

⁵¹ Embora só tenha sido possível identificar e escavar uma destas estruturas, foram recolhidos durante os trabalhos de acompanhamento a um rasgo efetuado por uma máquina para a implementação de canalizações (comunicação pessoal de Luciano Vilas Boas) partes de outros três vasos de bordo horizontal. Tal facto leva a concluir a existência de mais enterramentos (em sepulturas planas ou em fossa) acompanhados de depósitos destes objetos cerâmicos naquela área.

g. Ótima visibilidade para os vales da ribeira de Areal, que corre a cerca de 500 metros para poente, de norte para sul, e da ribeira de Gualtar, situada a uma mesma distância para su-sudeste e corre de nascente para poente.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Inédito.

Tadim

(23) Bouça da Lapa 1

a. Povoado.

b. Bairro.

c. 41.514698° N, -8.492510° W (Fig. 4.26), 266 metros (C.M.P 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze.

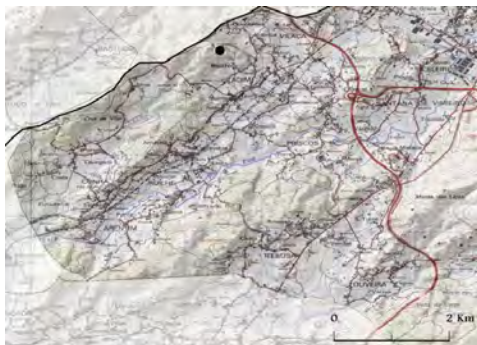


Figura 4.26 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Bouça da Lapa 1.

e. Outeiro que se desenvolve a este, segundo denominação popular, dos “*Montes do Bastuço*”. Situa-se sobre monzogranito biotítico com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granitos de Celeirós e Vieira do Minho (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Integra a cumeeira que divide as bacias hidrográficas dos rios Cávado (a norte) e Este (a sul). Por esse motivo, no monte nascem inúmeras linhas de água que tributam ambas as bacias, de entre as quais se destaca a ribeira de S. Martinho, afluente do rio Este pela margem direita. A cerca de 4 km para sul do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 13 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 22 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de cerca de 8,5 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul. O coberto vegetal atual é densamente arbóreo, acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas. Corresponde a zona de floresta e mato.

f. Referido como Bouça da Lapa 1 por Barbosa & Azevedo (2004-2005: 125-126, n° 15), foram recolhidos à superfície fragmentos cerâmicos de fabrico manual, pastas arenosas e grosseiras, revelando cozeduras redutoras. Um destes fragmentos apresentava decoração pela técnica de incisão e impressão.

Em visita, numa ligeira clareira aberta, mesmo ao lado de uns armazéns industriais, foi possível recolher um pequeno fragmento cerâmico revelando ligeira corrosão por ação erosiva. As suas reduzidas dimensões apenas permitem perceber que se trata de um vaso modelado à mão.

g. Identificado durante trabalhos de prospeção ao abrigo do projeto intitulado *A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde meados do III aos finais do II milénios a.C.*

g. Boa visibilidade para a ribeira de S. Martinho que aflui do rio Este pela sua margem esquerda.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Barbosa & Azevedo (2004-2005).

(24) Bouça da Lapa 2

- a. Gravuras rupestres²²: arte atlântica.
- b. Bairro.
- c. 41.513375° N, -8.491262° W (Fig. 4.27), 245 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).
- d. Pré-História Recente, Idade do Bronze (?).
- e. Ligeiramente para nascente do sítio da Bouça da Lapa 1 e, por esse motivo, em tudo semelhante àquele no que diz respeito ao contexto físico e ambiental.

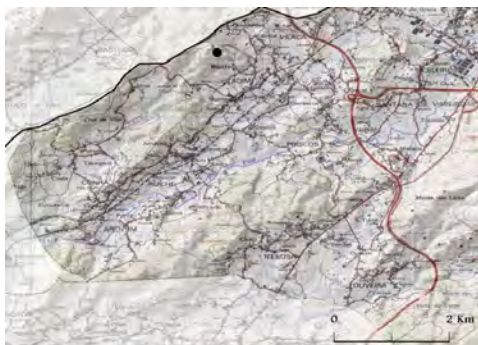


Figura 4.27 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Bouça da Lapa 2.

f. Descoberto durante trabalhos de prospeção ao abrigo do projeto intitulado *A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde meados do III aos finais do II milénios a.C.* Denominado de Bouça da Lapa 2 por Barbosa & Azevedo (2004-2005: 126, n° 16), trata-se de uma gravura efetuada sob laje de granito num afloramento que se destaca na paisagem, virado a nascente, para o vale do Este. No afloramento figuram motivos geométricos/reticulados com linhas paralelas que se cruzam. Além destas gravuras foram, ainda, detetadas cerâmicas tecnologicamente enquadráveis na Pré-História Recente ou na Idade do Bronze. No entanto, as suas reduzidas dimensões e erosão não permitem grandes ilações. Após visita ao local para proceder à fotografia deste elemento não foi possível identificá-lo e, inquirindo populares locais, desconhecia-se a sua existência.

g. Boa visibilidade para a ribeira de S. Martinho que aflui do rio Este pela sua margem esquerda.

h. *In situ*.

i. Barbosa e Azevedo (2004-2005).

Santana do Vimieiro

(25) Outeiro dos Chascos

- a. Povoado.
- b. Granja.
- c. 41.503971° N, -8.471230° W (Fig. 4.28), 197 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).
- d. Idade do Bronze.

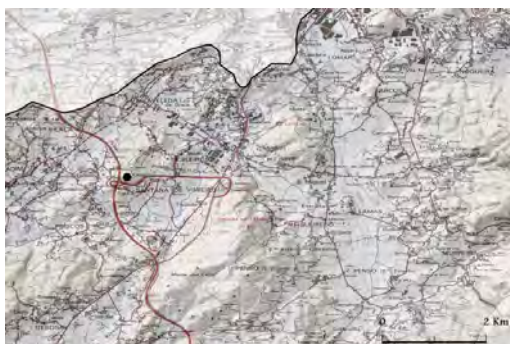


Figura 4.28 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização do Outeiro dos Chascos.

²² Entrada no Endovélico relativa a arte rupestre com o CNS 28617.

e. O local situa-se num outeiro de pequenas dimensões que se destaca na vertente nordeste do Monte de S. Bento, sendo que a sua plataforma superior, principalmente a norte, detém inúmeros afloramentos graníticos. Implementa-se sobre granitos porfíroides de grão grosseiro a médio, monzoníticos, de duas micas, predominantemente biotíticos (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Próximo ao interflúvio entre a ribeira de S. Martinho, que corre de nordeste para sudoeste a poente do local, e o rio Este, que corre mais ou menos na mesma direção pelo lado nascente e que dista cerca de 1 km. Localizado a cerca de 5 km para sul do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 14 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 23 km para sul das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Num raio de menos de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Este, a sul.

f. Identificado durante trabalhos de prospeção de Luís Fontes, que refere ter recolhido, “*Nos rasgos dos caminhos carreiros e nos sulcos abertos pela florestação (...) fragmentos de cerâmicas de fabricos manuais e micáceas indígenas*” (Fontes 1993: 78). Bettencourt (1999: 267) acrescenta que “*No perfil norte da estrada, no ponto mais elevado do Outeiro, bem como nos sulcos da florestação identificaram-se alguns fragmentos cerâmicos de fabrico manual, de pasta arenosa, de textura grosseira, de cor castanha e castanha alaranjada, que permitem, integrar o local na Idade do Bronze, sem maior precisão cronológica*”. O coberto vegetal é essencialmente arbóreo, pontuado por arbustivas e herbáceas, correspondendo a área de floresta. Após visita ao local verificou-se que este foi fortemente perturbado pelo alargamento do estradão existente.

g. Boa amplitude visual para o vale do rio Este de nordeste a sudoeste.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Fontes (1993), Bettencourt (1999).

(26) Braga 1

a. Contexto funerário.

d. Idade do Bronze Inicial.

f. Descoberta fortuita de um particular bracarense. Refere Cardoso (1967b: 351), segundo indicação do falecido Dr. Nicolau Gonçalves, que o Sr. José Teixeira tinha em sua posse “*uma faixa de ouro de 0,55 m de comprimento, que foi achada em Braga, num túmulo formado de grandes pedras, com dois orifícios*”.

Tratar-se-ia de um diadema em ouro perfurado nas extremidades (Comendador Rey 1997: 181-182), que teria sido recolhido do “*interior de um túmulo constituído por grandes pedras (esteios?)*” (Bettencourt 1999: 249). A peça em questão, “*uma gargantilha, em ouro (...) [terá sido] executada por martelagem, a partir de uma chapa*” (Bettencourt 1999: 249).

h. Proprietário privado (Sr. José Teixeira).

i. Cardoso (1967b), Comendador Rey (1997), Bettencourt (1999).

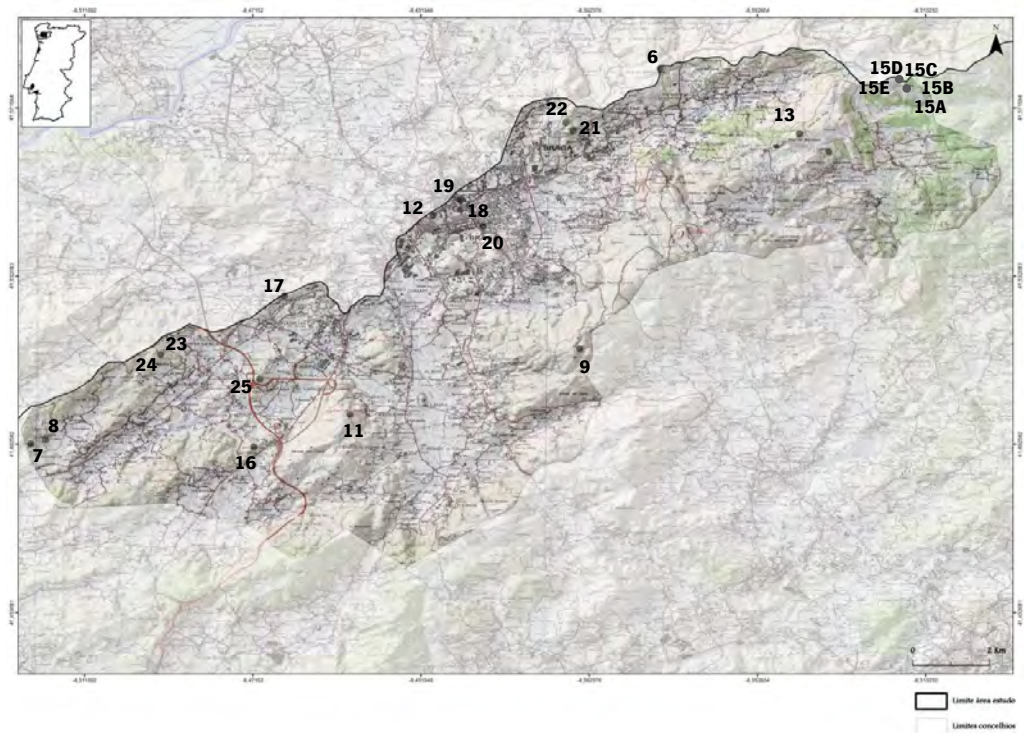


Figura 4.29 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 56, 69 e 70, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Braga e sítios catalogados: 6 – Monte de Vasconcelos; 7 – Frijão; 8 – Pego; 9 – Santa Marta da Falperra 1; 11 – Senhora de Fátima; 12 – Alto da Cividade; 13 – Pau de Bandeira/Monte Crasto; 15A – Vale de Chão 1; 15B – Vale de Chão 2; 15C – Vale de Chão 4; 15D – Carvalho 1; 15E – Carvalho 2; 16 – Quinta das Rosas; 17 – Penedo da Cruz; 18 – Granjinhos; 19 – Quarteirão dos CTT; 20 – Galos; 21 – Bouça do Monte/Caixa de Água/Quinta do Amorim; 22 – Quinta do Amorim; 23 – Bouça da Lapa 1; 24 – Bouça da Lapa 2; 25 – Outeiro dos Chascos.

1.2.1.3. Concelho de Celorico de Basto

Rego (S. Bartolomeu)

(27) Areeiro/Areeiros

- Povoado⁵³.
- Areeiro.
- 41.441877° N, -8.064692° W (Fig. 4.30), 720/730 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).
- Idade do Bronze Inicial/Médio.

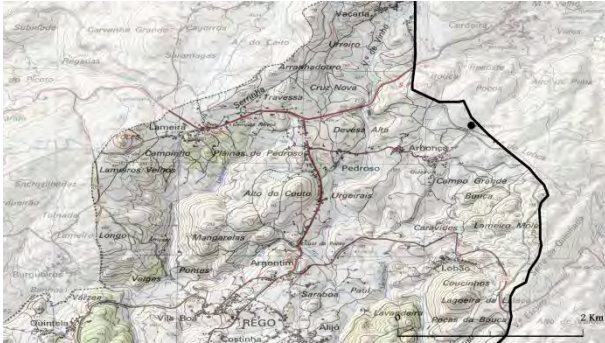


Figura 4.30 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Areeiro/Areeiros.

e. Ocupa uma pequena chã na vertente sudeste do Alto da Pena, virada a poente. Granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também conhecido como Granito de Amarante e de Celorico de Basto, área atravessada de nordeste para sudoeste por significativos filões de quartzo e de quartzo com feldspato (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). As linhas de água que ali nascem, do lado poente, formam o rio Bugio, e do lado nascente o ribeiro da Bouça. A cerca de 10 km para oeste das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto), a cerca de 15 km para poente das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a cerca de 13 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 12 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ferro, Bugio e seus afluentes, a poente, e Tâmega e de Veade, a nascente. Predomínio de vegetação rasteira de tipo arbustiva e herbácea, entre manchas de espécies arbóreas aglomeradas em manchas mais ou menos extensas.

f. Em 1993, durante o corte de um estradão que pretendia aceder ao lado este do Monte de S. Pedro, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho deslocou-se ao local. Bettencourt & Fontes (1993/1994) dão a conhecer os materiais recolhidos no corte de uma estrutura tipo vala aberta no saibro identificada no corte direito de um estradão. A norte desta foram, ainda, identificadas duas fossas que os autores acreditam pertencerem a uma ocupação coetânea mas que, por se encontrarem cobertas de lama, não puderam comprovar. Entre os materiais recolhidos figuram mós manuais e diversos fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual, pastas arenosas e acabamentos alisados. Da reconstituição de algumas formas foram identificados potes, potinhos e púcaros, predominando os potes de grande dimensão, entre diversos fragmentos de bases de fundo plano. Relativamente às decorações regista-se o frequente uso de adições plásticas de cordões e, mais raramente, de medalhões mamilares, de incisões e de spatulados.

g. Ótimas condições de visibilidade entre os quadrantes noroeste e su-sudeste.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Bettencourt & Fontes (1993/1994).

(28) Tapada da Venda/Pedroso

- Povoado⁵⁴.

⁵³ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 15114.

⁵⁴ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 16744.

b. Pedroso.

c. 41.439189° N, -8.077281° W (Fig. 4.31), 670 metros de altitude (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).

d. Idade do Bronze Médio/Final.



Figura 4.31 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Tapada da Venda/Pedroso.

e. Ocupa uma chã na vertente nordeste do Alto do Couto, pequena elevação no planalto da Lameira. Zona de contato entre granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também conhecido como Granito de Amarante e de Celorico de Basto, e granito de grão fino, de duas micas, essencialmente biotítico, sendo esta área atravessada de nordeste para sudoeste por significativos filões de quartzo e de quartzo com feldspato (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Uma linha de água imediata a oeste liga a uma outra provinda do alto de S. Bento, situado a nordeste, e que desagua a sul no rio Levandeira. A cerca de 10 km para oeste das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto), a cerca de 15 km para poente das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a cerca de 13 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/vila Garcia (Amarante) (C.G.P. 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 14 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ferro e Bugio, a poente, e Tâmega e de Veade, a nascente, e seus principais afluentes. Atualmente o local está urbanizado.

f. Segundo se lê em Lemos *et al.* (1976-1980:32), “*Em 1977 por proposta da Direcção do Planeamento Urbanístico do Norte, veiculada através do Governo Civil de Braga, a Unidade de Arqueologia foi chamada a intervir no salvamento do sítio arqueológico de Pedroso*”. A intervenção resultou da construção de uma estrada que colocou a descoberto, nps cortes efetuados, várias estruturas que se supôs ser parte de “*uma necrópole de incineração*” (Lemos *et al.* 1976-1980:32). Do conjunto de dados recolhidos os autores concluem tratar-se de “*um possível «habitat» (...) [cuja] hipótese fundamenta-se no aparecimento de buracos de poste que apontam para a existência de cabanas feitas de material perecível*” (Lemos *et al.* 1976-1980: 35). Identifica-se, ainda, nas fotografias desta intervenção em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, o que parece ser uma grande vala de secção em “U” “que parecia circundar pelo lado nascente os vestígios identificados.

Posteriores trabalhos de escavação, coordenados por Ana M. S. Bettencourt, permitiram identificar restos de pavimentos, diversos buracos de poste e fossas escavadas no saibro (Bettencourt *et al.* 2002b). Em alguns casos a disposição de alguns dos buracos de poste parecem ter delimitado um “recinto” de feição semicircular cujo perímetro incluiu fossas e restos de pavimentação. Entre os materiais recolhidos, além de diversos líticos, surgiram inúmeros fragmentos cerâmicos revelando fabrico manual e pastas arenosas, alguns dos quais, raros, decorados com aplicações plásticas ou incisões, cujas características técnicas e morfológicas se situam na Idade do Bronze. Assim, e atendendo à visão parcial obtida, Bettencourt *et al.* (2002b: 194) consideram Tapada da Venda/Pedroso “*um povoado aberto, de curta-média duração, vocacionado para actividades agrícolas*”, ainda que a terminologia povoado seja utilizada “*no seu sentido mais amplo*”, dada “*a hipótese de terem existido estruturas sepulcrais, detectadas nas escavações de 1978*”. Infelizmente, por razões várias, o estudo dos dados anteriores ainda se encontra por fazer,

g. Boas condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sudoeste.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Lemos *et al.* (1976-1980), Bettencourt *et al.* (2002b).

(29) Lameirão/Cruz Nova

- a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*.
- b. Cruz Nova.
- c. 41.445040° N, -8.079942° W (Fig. 4.32), 703 metros de altitude (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).
- d. Calcolítico Final, Idade do Bronze Inicial.



Figura 4.32 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Lameirão/Cruz Nova.

e. Ocupa uma pequena plataforma aplanada a noroeste do marco trigonométrico de S. Pedro, separado daquele alto por uma linha de água. Zona de contato entre granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também conhecido como Granito de Amarante e de Celorico de Basto, e granito de grão fino, de duas micas, essencialmente biotítico, sendo esta área atravessada de nordeste para sudoeste por significativos filões de quartzo e de quartzo com feldspato (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). As linhas de água imediatas tributam o rio Bugio, que corre a cerca de 2 km para sul, no sentido nascente-poente, e o ribeiro da Lameirinha, afluente da ribeira de Docim que posteriormente une ao rio Bugio. A cerca de 11 km para oeste das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto), a cerca de 15 km para poente das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a cerca de 12 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 15 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ferro, Bugio e seus afluentes, a poente, e Tâmega e de Veade, a nascente. O coberto vegetal é predominantemente arbustivo, com presença de espécies arbóreas em pequenos aglomerados

f. Sousa (1996) refere uma estela em granito com 25,7 cm de comprimento, 13,5 cm de largura e 4 cm de espessura. Segundo aquele autor (Sousa 1996: 28), “*Esta estela foi detectada (...) junto a uma mamoa, bastante destruída*”.

Ao abrigo do projeto *A reconstrução da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde meados do III aos finais do II milénios AC*, Ana M. S. Bettencourt (comunicação pessoal) precisou a local de proveniência desta estela, tendo verificado que era oriunda da couraça pétrea de um pequeno e baixo monumento sob *tumulus*.

g. Boas condições de visibilidade para nascente, entre os quadrantes norte e sul, concretamente, para o denominado Vale do Vinho, onde corre uma linha de água que aflui à margem direita do rio Bugio.

g. Proprietário privado (Sr. José de Sousa), em depósito na Câmara Municipal de Celorico de Basto.

i. Sousa (1996), dados inéditos.

(30) Arcabouço

- a. Estela ou estátua-menir⁶⁵.
- b. Arcabouço.
- c. 41.414272° N, -8.085036° W (Fig. 4.33), 680 metros de altitude (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).
- d. Idade do Bronze.

⁶⁵ Com entrada no Endovélico com o CNS 16805.



Figura 4.33 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Arcabouço.

e. Ocupa a plataforma aplanada a nordeste do Alto do Sernelha, na cumeada que separa o rio Bugio da ribeira de Santa Natália (vale do Tâmega). Situa-se sobre granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também conhecido como Granito de Amarante e de Celorico de Basto, área atravessada de nordeste para sudoeste por significativos filões de quartzo e de quartzo com feldspato (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Linhas de água imediatas alimentam o rio Bugio, que corre a cerca de 1 km do local no sentido nordeste-sudoeste, e a ribeira de Santa Natália, situada a menos de 500 metros para sudeste, pertencente à bacia hidrográfica do rio Tâmega. A pouco mais de 12 km para oeste das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto), a cerca de 17 km para poente das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a cerca de 10 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Num raio máximo de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ferro e Bugio, a poente, e Tâmega, a nascente, e seus principais afluentes. O coberto vegetal é predominantemente arbóreo, complementado com arbustivas e herbáceas.

f. Detetada por Thierry Jean Aubry durante trabalhos de prospeção no âmbito da execução da Carta Arqueológica do Concelho de Celorico de Basto. Trata-se de um elemento granítico de forma paralelepípedo fincado no solo, em posição horizontal, com o maior eixo orientado no sentido norte-sul. Detém 178 cm de comprimento e 42 cm e 47 cm de largura de base e topo, respetivamente. Grande parte da superfície encontra-se polida, com exceção das laterais, aparentemente apenas talhadas.

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes noroeste e oeste, para o vale do rio Bugio, e, embora não tão extensa, para o vale da ribeira de Santa Natália, que corre a cerca de 500 metros para sudeste.

h. *In situ*.

i. Carta Arqueológica de Celorico de Basto (2001).

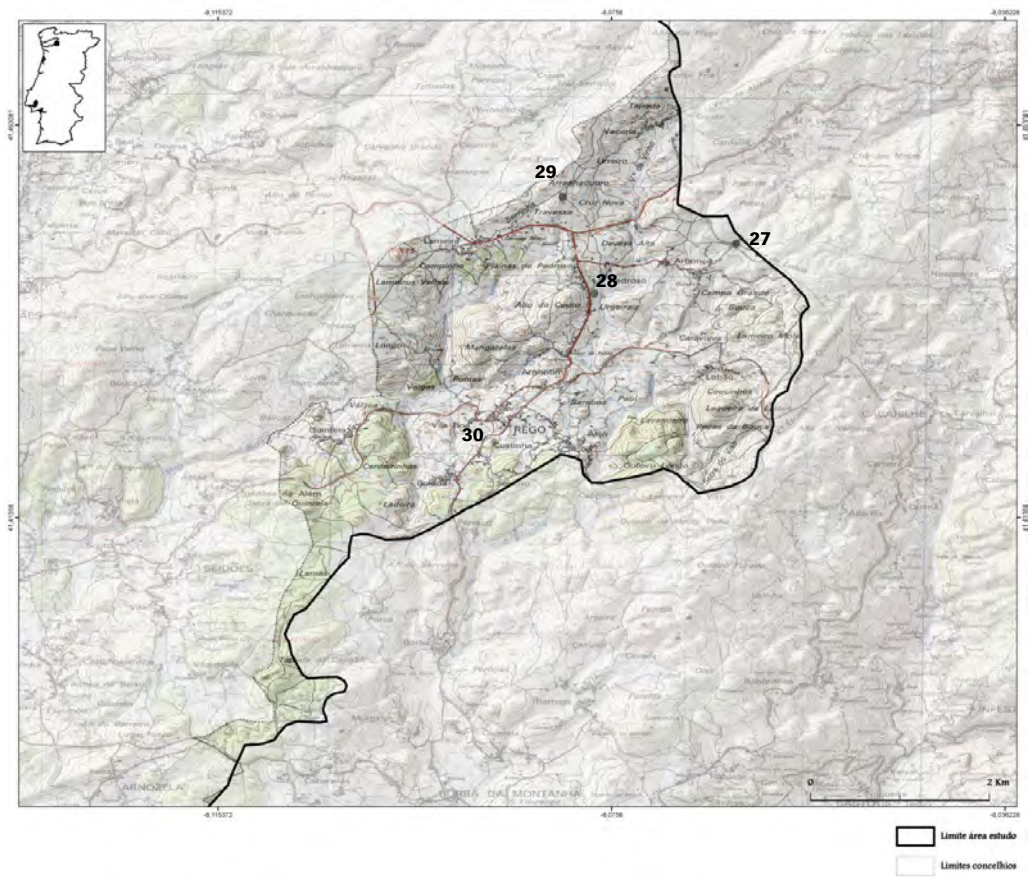


Figura 4.34 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Celorico de Basto e sítios catalogados: 27: Areiro; 28 – Tapada da Venda/Pedroso; 29 – Lameirão/Cruz Nova; 30 – Arcabouço.

1.2.1.4. Concelho de Fafe

Arnozela

(31) Passagens/Arnozela

- Depósito áureo⁵⁶.
- Passagens.
- 41.382450° N, -8.130810° W (Fig. 4.35), 545 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).
- Idade do Bronze Médio.



Figura 4.35 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Passagens/Arnozela.

e. Ocupa a vertente norte da serra da Penouta, numa área escalonada que forma uma plataforma protegida a nascente por cotas mais elevadas, formando uma espécie de anfiteatro natural virado a poente. Localizado sobre Granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também denominado de granito de Amarante e de Celorico de Basto, que inclui grandes quantidades de filões de quartzo orientados de nordeste para sudoeste (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Diversas linhas de água da vertente norte da serra da Penouta alimentam a ribeira de Fundões, afluente da ribeira de Regadas, que converge à margem esquerda do rio Bugio a poente de Regadas. A cerca de 8 km para nascente do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) e a cerca de 17 km para poente das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto) (C.G.P. fls. 5-D Braga, 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, 1/50 000). Num raio de cerca de 15 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens do rio Tâmega, a nascente, e na convergência dos rios Bugio, Ferro e Vizela, na zona de Jugueiros (Felgueiras), a noroeste. Atualmente o local é zona agrícola.

f. O achado ocorreu durante a remoção de terras após a quebra de um penedo, sendo que a notícia dá conta de um conjunto de vinte braceletes⁵⁷ tendencialmente circulares com formas e dimensões diversas, sendo que um destes serviu para agrupar os restantes no seu interior, pesando no conjunto 533 g (Severo 1905-1908a).

Sobre o seu contexto de descoberta sabe-se ter ocorrido num pequeno vale na Serra da Penouta, “*onde o acharam uns pedreiros, quando escavavam junto a um penedo, a dois palmos de profundidade*” (Severo 1905-1908a: 63, nota 2). No âmbito deste estudo o signatário procedeu à inquirição de populares com conhecimento do achado, com o intuito de precisar o sítio de achado deste conjunto. As informações recolhidas levantam a dúvida entre duas possíveis localizações, embora distando entre si cerca de 100 metros.

A primeira hipótese é um local anexo a um caminho carreteiro, conhecido como “*serrado das passagens*”, o qual era utilizado para a deslocação a pé e de carroça⁵⁸. Trata-se do topo noroeste de uma plataforma aplanada, numa área “*fechada*”, tanto pela presença da cerrada vegetação arbórea como pela própria geomorfologia do terreno, que forma no local uma pequena depressão (talvez, em tempos, trajeto de uma linha de água). Segundo Laura Ribeiro Lopes, habitante local, o achado teria ocorrido junto de um penedo que ali existe, à margem do caminho, quando se procedeu à sua quebra para ampliação do traçado do percurso. Embora por observação não tenha sido possível identificar quaisquer marcas de extração artesanal de pedra, deve ser referido que o mesmo penedo se encontra coberto por vegetação e um pequeno muro de delimitação de propriedade, pelo lado nascente. Estas condições não permitiram uma correta observação do mesmo mas, segundo Isabel Silva (comunicação pessoal), já em tempos não se observavam tais indícios. Foi possível registar, sim, os sulcos dos rodados dos carros de bois que, com o

⁵⁶ Entrada no Endovélico relativa a achados isolados com o CNS 6887.

⁵⁷ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com os números de inventário Au57, Au58, Au59, Au60, Au61, Au62, Au63, Au64, Au65 e Au66.

⁵⁸ Coordenadas geográficas segundo o Sistema WGS84: 41.381610° N, -8.131680° W.

passar dos anos, ali foram passando. Neste local sente-se mais o ambiente de monte, cuja cerrada vegetação não permite relacionar com a paisagem circundante ao nível das intervisibilidades.

O segundo local, conforme indicação da Sra. Deolinda Lopes⁵⁹, embora tenha sido regularizado pela aplicação agrícola dos solos imediatos, é uma área claramente conectada com o vale. É conhecido como “*moinhos*”, dada a proximidade de uma daquelas estruturas da qual apenas restam vestígios das fundações. Corre nas imediações, mesmo por baixo do penedo onde terá ocorrido o achado⁶⁰, a ribeira de Fundões. Contrariamente ao exemplo anterior, neste penedo foi possível observar em tempos⁶¹ indícios de quebra sob a forma de negativos de cunhas (segundo informação de Isabel Silva, comunicação pessoal), indícios claros de extração artesanal de pedra, como se percebe que parte da patina do penedo e da superfície da sua textura não é igual por todo. Além disso, a sua posição parece igualmente alterada, dando a entender que terá tombado ligeiramente para sul, talvez após a quebra. Embora o local esteja “encaixado” entre cotas circundantes mais elevadas, detém a particularidade de ser aberto – ainda que esta geomorfologia seja, em grande medida, artificial, conforme referido, pela aplicação da área em práticas agrícolas – e de permitir considerável amplitude visual para as referidas vertentes imediatas.

Atendendo às informações recolhidas no terreno parece viável aceitar mas a segunda localização, já que a inquirida, senhora Deolinda Lopes, afirmou que o seu avô havia presenciado a descoberta e lhe havia apontado o local de descoberta.

A observação dos braceletes permite desde logo dividi-los em decorados e não decorados, sendo que no último dos casos, conforme apresenta Severo (1905-1908a), há diferentes formatos: lisos mas de secção retangular, lisos de secção lenticular plano-convexa, lisos de secção lenticular côncava-convexa e lisos de secção circular elíptica.

Os exemplares de braceletes decorados são três. Terão sido produzidos a partir de martelagem de uma barra fundida e posteriormente trabalhados pelo processo de cera perdida (Armbruster & Parreira 1993). Variam entre os 6,4 e os 7,1 cm de diâmetro, 0,8 e 2,7 cm de largura e 27 a 33 g de peso (Tabs. 4.4 e 4.5).

Tabela 4.4 – Dimensões (em cm), peso e composição decorativa dos braceletes decorados de Passagens/Arnozela (adaptado de Severo 1905-1908a: 64)

Diâm.	Larg.	Espess.	Peso (g)	Deco.
6,8/7,1	2,7	≈0,01	27	Ondulada
6,7/6,9	1,7	≈0,02	29	Ondulada
6,4/6,5	0,8	≈0,012/0,015	33	Incisa e puncionada

Tabela 4.5 – Descrição simplificada da decoração dos braceletes de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)

Nº Inv.	Descrição decorativa	Técnica decorativa
MNALV O-66	Face externa decorada com 3 linhas incisadas simples e por alinhamento de incisões oblíquas nas laterais destas	Incisão
MNALV O-57	Três caneluras transversais onduladas	Martelagem e repuxado
MNALV O-58	Dois caneluras transversais onduladas	Martelagem e repuxado

Os restantes dezassete braceletes são maciços e lisos e apresentam diferentes larguras. Variam entre 0,51 e 0,74 cm de diâmetro, 0,3 e 0,75 e cm de largura e 13 e 46 g de peso (Tab. 4.6). De espessuras variáveis, foram obtidos a partir da fundição de uma barra ou lingote e posteriormente martelados (Armbruster & Parreira 1993), conforme regista Severo (1905-1908a: 65) ao referir que “*não se lhes nota soldadura e verificam-se as series consecutivas de marteladas*”.

Tabela 4.6 – Principais características dos braceletes não decorados de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)

Nº inv.	Diâm.	Larg.	Espes.	Secção	Peso ⁶²	Deco	Técnica de fabrico
MNALV O-66	6,7	0,9	0,2	Retangular	33,7	S	Molde e martelado
MNALV O-59	6,6	0,6	0,2	Poligonal	33,5	N	Molde e martelado
MNALV O-65	7,3	0,6	0,2	Poligonal	33	N	Molde e martelado
MNALV O-67	7,3	0,8	1,5	Poligonal	32	N	Molde e martelado
MNALV O-60	6,8	0,4	0,1	Côncava-convexa	16	N	Molde e martelado
MNALV O-62	8	0,4	0,3	Plano-convexa	35,8	N	Molde e martelado

⁵⁹ A inquirida afirma que o seu avô, de seu nome Bernardino Lopes, teria assistido ao achado.

⁶⁰ Contrariamente ao exemplar anterior, este penedo denota indícios de quebra. Não só Isabel Silva (comunicação pessoal) observou, em tempos, negativos de cunhas – indícios comuns de extração artesanal de pedra –, como é possível perceber que parte da patina do penedo não é igual por todo e que a sua posição está alterada, dando a entender que terá tombado ligeiramente para sul – talvez após a quebra.

⁶¹ A densa vegetação arbustiva “esconde” todo o topo e quadrante norte do penedo.

⁶² Unidade de peso grama.

Nº inv.	Diâm.	Larg.	Espes.	Secção	Peso ⁴³	Deco	Técnica de fabrico
MNALV O-61	6,7	0,4	0,2	Côncava-convexa	17,9	N	Molde e martelado
MNALV O-69	7	0,6	0,2	Plano-convexa	33,1	N	Molde e martelado
MNALV O-64	6,3	0,6	0,1	Retangular irreg.	18,5	N	Molde e martelado
MNALV O-70	6,6	0,5	0,3	Plano-convexa	80	N	Molde e martelado
MNALV O-71	7,5	0,6	0,3				
MNALV O-72	7,3	0,6	0,3	Côncava-convexa	34,7	N	Molde e martelado
MNALV O-73	7,3	0,6	0,2				
MNALV O-74	6,2	0,8	0,1	Retangular	37,7	N	Molde e martelado
MNALV O-75	7,5	0,8	0,1				
MNALV O-68	5,7	0,4	0,2	Côncava-convexa	16,8	N	Martelado
MNALV O-63	-	6,3	0,2	Circular	13	N	Martelado
MNALV O-76	-	-	0,4	Circular	36,7	N	Molde e martelado
MNALV O-57	7,4	2,6	0,1	Tubular canelado	27	S	Molde, martelado e repuxado
MNALV O-58	6,3	2,7	0,1	Tubular canelado	29	S	Molde, martelado e repuxado

g. Boa visibilidade para os vales da ribeira de Regadas e do rio Bugjo, posicionados a noroeste e a oeste do local, respetivamente.

h. M.N.A., Lisboa.

i. Severo (1905-1908a), dados inéditos.

Cepães

(32) Regedoura 2

a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*.

b. Regedoura.

c. 41.425359° N, -8.201676° W (Fig. 4.36), 393 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 85)

d. Idade do Bronze Inicial.



Figura 4.36 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de Regedoura 2.

e. Ocupa um patamar de média altitude da vertente sul do marco trigonométrico de Freiras. Localizado sobre monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granito de Guimarães e Santo Tirso (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Imediato à margem direita do rio Ferro, que passa a nascente no sentido nordeste-sudoeste, e da margem direita do rio Vizela, que passa a poente no esmo sentido. Ambos os cursos unem a c. de 2 km para sudoeste. A cerca de 13 km para noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. fls. 5-D Braga, 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, 1/50 000). Num raio de cerca de 5 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens do rio Ferro e Vizela. Cobeeto vegetal de tipo arbóreo, arbustivo e herbáceo. Atualmente urbanizado.

f. Escavado no âmbito de arqueologia empresarial pela empresa, com coordenação dos trabalhos de campo sob a responsabilidade de Gabriel Pereira. Monumento com couraça pétreia maioritariamente granítica, entre raros quartzos. O granito utilizado nessa couraça, sob a forma de seixos e de vários blocos, é de granito de grão muito grosso, também conhecido como “dente de cavalo”, sendo que a presença de grandes feldspatos poderá ter como objetivo a substituição do quartzo, no quadro de conferir alguma visibilidade ao monumento (Pereira 2014b,

⁴³ Unidade de peso grama.

comunicação pessoal). Da sua escavação resultou a recuperação de um braçal de arqueiro lítico e de uma ponta de seta tipo “Palmela”, entre fragmentos cerâmicos onde estão representadas um fundo plano e um outro fundo convexo.

g. Excelentes condições de visibilidade para o interflúvio formado a poente entre os rios Ferro e Vizela, nomeadamente entre os quadrantes noroeste e sudeste.

h. *In situ* (antropizado).

i. Pereira (2014b) e comunicação pessoal.

Quinchães

(33) Casinha de Mouros

a. Área envolvente de monumento megalítico.

b. Montim.

c. 41.422559° N, -8.118771° W (Fig. 4.37), 639 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).

d. Idade do Bronze.



Figura 4.37 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de Casinha de Mouros.

e. Ocupa um pequeno cabeço que se destaca para nascente do marco trigonométrico do Santinho, sobranceiro à margem direita do rio Bugio. Localiza-se sobre granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também denominado de Granito de Amarante e de Celorico de Basto, que inclui a presença de filões pegmatíticos orientados de nor-nordeste para su-sudoeste (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Linhas de água imediatas afluem diretamente à margem direita do rio Bugio, o qual dista cerca de 750 metros para nascente do local e corre no sentido nordeste-sudoeste. A cerca de 10 km para nor-nordeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. fls. 10-A Celorico de Basto e 9-B Guimarães, 1/50 000). Num raio de pouco mais de 5 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Bugio, Vizela e Ferro, além dos principais afluentes imediatos deste último, nomeadamente, as ribeiras de Ribeiros, de Moreira e de Docim. Coberto vegetal arbóreo, arbustivo e herbáceo mas intervalado por campos agricultados.

f. Identificado por Ana M. S. Bettencourt durante trabalhos de prospeção. A cerca de 50 metros do monumento megalítico de Casinha de Mouro II, numa vala que separa os terrenos, foram recolhidos 12 fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas muito arenosas com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que conferem-lhe uma textura muito grosseira. Destaque, entre estes materiais, para um fragmento de bordo em aba horizontal. Aparentam, na generalidade, indícios de acentuada erosão.

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes este e sudoeste, concretamente, para o vale do rio Bugio.

h. *In situ*.

i. Inédito.

(34) S. Lourenço

- a. Povoado (?).
- b. S. Lourenço.
- c. 41,421254° N, -8,124266° W (Fig. 4.38), 560 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).
- d. Idade do Bronze.



Figura 4.38 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 86, à escala 1/25 000, com localização de S. Lourenço.

e. Ocupa um remate de esporão aplanado que se desenvolve sensivelmente a meio da encosta sudeste do marco trigonométrico do Santinho, junto da margem direita do rio Bugio. Linhas de água imediatas afluem à margem direita do rio Bugio, que corre a menos de 1 km para sudeste do local, no sentido nordeste-sudoeste, e que aflui em Jugueiros ao rio Ferro. Localiza-se sobre monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granito de Guimarães e Santo Tirso (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). A menos de 10 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Santa Quitéria/Macieira da Lixa (C.G.P. fls. 10-A Celorico de Basto e 9-B Guimarães, 1/50 000). Num raio de pouco mais de 5 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Bugio e Vizela e seus principais afluentes imediatos, nomeadamente, as ribeiras de Ribeiros, de Moreira e de Docim. Coberto vegetal predominantemente arbóreo complementado com espécies arbustivas e herbáceas.

f. Identificado durante trabalhos de prospeção por Ana M. S. Bettencourt. Foram recolhidos à superfície do local 9 fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual, cozedura redutora e pastas arenosas com desengordurantes de dimensão média a grande que conferem uma textura grosseira a muito grosseira. Seis deles apresentam superfícies alisadas e pouco rolamento por ação erosiva. Estas características técnicas permitem enquadrá-los genericamente na Idade do Bronze. Foi, ainda, recolhido no local um fragmento de um moinho manual dormente (?).

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sudoeste, concretamente, para o vale do rio Bugio.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Inédito.

Revelhe

(35) Outeiro Mau

- Povoado.
- Crasto.
- 41.492741° N, -8.169849° W (Fig. 4.39), 453 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 71).
- Idade do Bronze.



Figura 4.39 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Outeiro Mau.

e. Ocupa o Monte de Revelhe, cujo marco geodésico da marca 435 metros de altitude. Corresponde a um contraforte do maciço orográfico que, do alto da Malhadoura e da Toura, a nascente, se vem desenvolvendo para poente. Localiza-se sobre granito de duas micas, de grão médio a grosseiro, de tendência porfiroide (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, 1/50 000). Diversas linhas de água e nascentes locais subsidiam o ribeiro do Pomarinho, situado a sul do local e que desagua na margem esquerda do rio Vizela e, diretamente, a margem esquerda do rio Vizela. A menos de 20 km para norte do Complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. fls. 5-D Braga e 9-B Guimarães, 1/50 000). Num raio de pouco mais de 5 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens os rios Vizela e Ferro, incluindo os principais afluentes imediatos deste último curso, nomeadamente, as ribeiras de Ribeiros, de Moreira e de Docim. As espécies arbóreas, embora predominantes, concentram-se em aglomerados esparsos entre espécies arbustivas.

f. Identificado por Ana M. S. Bettencourt durante trabalhos de prospeção. Recolhidos à superfície diversos fragmentos cerâmicos que revelam fabrico manual, cozedura redutora, pastas arenosas e textura grosseira, alguns dos quais decorados (comunicação pessoal de A.M.S. Bettencourt).

g. Ótimas condições de visibilidade para o vale formado pela junção da ribeira da Ova, do ribeiro do Pomarinho e do rio Vizela, situado a menos de 2 km para oeste, mas também para nor-noroeste, para o vale do rio Vizela, o qual vem contornando a orografia e que corre no sentido nordeste-sudoeste.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Inédito.

S. Gens

(36) Cabanas/Cabanos/Burgueiros

- Gravuras rupestres⁴¹.
- Cabanas.
- 41.440620° N, -8.102070° W (Fig. 4.40), 685 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 86).
- Pré-História Recente, Idade do Bronze (?), Idade Média.

⁴¹ Entrada no Endovélico relativa a necrópole com o CNS 15108.



Figura 4.40 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de Cabanas/Cabanos/Burgueiros.

e. Situado a poente do marco trigonométrico de Foles, o local ocupa uma plataforma aplanada com excelentes condições de visibilidade, principalmente entre os quadrantes nordeste e noroeste, com a Serra da Cabreira avistável ao longe, a norte. Implementa-se sobre granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também conhecido como Granito de Amarante e de Celorico de Basto (C.G.P. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). As imediações mostram abundantes granitos aflorados. Na vertente sul deste local diversas linhas de água subsidiam a ribeira de Cabanas, afluente do rio Bugio pela sua margem direita, localizado a menos de 2 km para sul do local e que corre de nascente para poente. As linhas de água da vertente norte afluem, por sua vez, ao ribeiro da Lameirinha, que em Devesa se une à ribeira de Docim. A menos de 15 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Santa Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. fls. 5-D Braga e 9-B Guimarães, 1/50 000). Num raio máximo de cerca de 8 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens os rios Bugio, a sul, e nas ribeiras de Ribeiros, de Moreira e de Docim, cuja confluência forma, nas imediações de Fafe, o rio Ferro. Predomínio de espécies arbustivas e herbáceas, apenas pontualmente colonizadas por arbóreas. É atualmente zona de mato.

f. Após a divulgação deste afloramento (Sampaio & García Diez 2000:189-206), Isabel Silva (comunicação pessoal) apresentou junto da Câmara Municipal de Felgueiras um parecer que visava proteger estas gravuras, já que aquela área é comumente utilizada como lixeira e assiduamente visitada por veículos todo o terreno⁶⁵. Num afloramento granítico rasante ao solo com 258 cm de comprimento (Este-Oeste) por 186 cm de largura (norte-sul) estão representados 95 motivos circulares (covinhas), raros motivos retangulares e trapezoidais, linhas retas, curvas e sinuosas, cruciformes – alguns dos quais associados a círculos – e um motivo radial – círculo com quatro linhas (Sampaio & Garcia Diez 2000). Conforme referem estes autores e como foi possível verificar *in situ*, o afloramento encontra-se em elevado estado de degradação. As representações utilizaram a parte mais plana do afloramento e, com raras exceções, as zonas em que o granito apresenta grão mais fino (Sampaio & Garcia Diez 2000).

g. Do local é possível deter boa visibilidade para o vale do rio Bugio, o qual corre nas faldas da vertente no sentido nascente-poente.

h. *In situ*.

i. Sampaio & Garcia Diez (2000).

Serafão

(37) Vale Ferreiro

a. Contexto funerário⁶⁶.

b. Godarilhas⁶⁷.

c. 41.542648° N, -8.220779° W (Fig. 4.41), 207 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 71).

d. Idade do Bronze Inicial, Médio e Final.

⁶⁵ Tal foi tentado por aquela instituição através da colocação de grandes blocos graníticos rodeando o afloramento gravado, facto que, ainda assim, não dificulta o constante depósito de lixo sobre o suporte, como se teve oportunidade de verificar em visita ao local.

⁶⁶ Entrada no Endovélico relativa a sepultura/cista com esqueleto humano com o CNS 14093.

⁶⁷ Na base de dados do Endovélico o local surge erradamente situado administrativamente em Arosa, no concelho de Guimarães.



Figura 4.41 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.

e. Ocupa um pequeno remate de esporão que se desenvolve para noroeste do marco trigonométrico do Fojo, numa área muito próxima às margens esquerdas dos rios Pequeno e Ave. A área é maioritariamente constituída por granito monzonítico, de grão médio, porfiroide, de duas micas, essencialmente biotítico (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Embora não seja possível, atualmente, verificar a existência de afloramentos graníticos no local, um estudo levado a cabo por geólogos permitiu perceber, mediante a análise à microescala dos granitos porfiroides, que ali existiram variados veios de quartzo (Bettencourt *et al.* 2005: 159), muitos dos quais, provavelmente, disponíveis à superfície. No Monte das Penas Aldas, a sul, e no Monte do Fojo, a este, diversas linhas de água e nascentes subsidiam o rio Pequeno, que passa a menos de 1 km para este, correndo de sul para norte e desaguando na margem esquerda do rio Ave, o qual dista menos de 2 km para norte. A cerca de 25 km para norte do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) e a cerca de 27 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Coberto vegetal arbóreo, arbustivo e herbáceo. O local encontra-se urbanizado.

f. Os trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos entre 1999 e 2005⁶⁸ foram, numa primeira fase, desenvolvidos sob a codireção conjunta de Ana M.S. Bettencourt e Francisco S. Lemos e, posteriormente, continuados sob a orientação daquela investigadora. O achado ocorreu durante a abertura de um estradão que visava servir de acesso a moradias locais, o qual colocou a descoberto uma estrutura de tipo cistoide na qual se encontravam restos de ossadas humanas.

O desenrolar dos trabalhos de escavação permitiu identificar um conjunto rico de estruturas. Nas cercanias de quatro túmulos funerários, dois dos quais denotando grande investimento arquitetónico (túmulos 1 e 2), foram identificadas outras estruturas em negativo no substrato rochoso (fossas e buracos de poste) hipoteticamente relacionadas com as práticas funerárias ali ocorridas⁶⁹. Entre os raros fragmentos cerâmicos recuperados do interior das fossas, levantam-se as dúvidas quanto ao seu real intento. O túmulo 1, pese embora o seu grande aparato arquitetónico, era desprovido de quaisquer materiais. O túmulo 2 incluía duas espirais em ouro e um vaso cerâmico bicónico cujos paralelos formais mais próximos se encontram no Sul peninsular, além de diversos fragmentos de moinhos manuais (moventes e dormentes) utilizados como elemento construtivo na câmara pétreo. Também o túmulo 3 incluiu, no seu interior, a deposição de um potinho ou forma 10a segundo a tabela formal de Bettencourt (1999)

Parte dos dados foram publicados em diferentes artigos (Bettencourt *et al.* 2002a, 2003c, 2005), sendo Vale Ferreiro percebido como um lugar paradigmático cuja interpretação como mera necrópole parece ser algo redutora, já que a par da evidência de estruturas de enterramento, que pressupõem a concretização de práticas funerárias, ocorrem outras estruturas de difícil interpretação. Refira-se que se trata de um local pautado pela riqueza em filões de quartzo leitoso, muito próximo de águas subterrâneas sulfurosas e onde ocorreu a utilização de elementos pétreos boleados pela água na construção de túmulos, denunciando claras associações àquele elemento natural.

Os dados de escavação das campanhas ali efetuadas foram exaustivamente estudados pelo signatário, o que permitiu precisar o tipo de estruturas aqui construídas bem como datar radiometricamente outras. Essa informação detalhada integra a Parte IV do presente trabalho. As datas de radiocarbono disponíveis permitiram não só datar as respetivas estruturas como, acima de tudo, perceber a ampla diacronia de frequência deste local. Esses resultados estão sintetizados na Tabela 4.7.

⁶⁸ Concretamente, durante os meses de Setembro e de Novembro de 1999, de Julho de 2003, de Julho, Novembro e Dezembro de 2004 e de Janeiro de 2005.

⁶⁹ A acidez dos solos do Norte de Portugal não permite tal afirmação sem reservas, já que a preservação de restos ósseos é muito rara.

Tabela 4.7 – Dados de radiocarbono disponíveis para Vale Ferreiro

Ref. Lab.	Contexto	Idade BP	1 Sigma Cal BC (68.2%) Método B	2 Sima Cal BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA89670	Túmulo 2 (Sector I)	3894±44	2463-2338 (65.9%) 2316-2310 (2.7%)	2479-2274 (89.4%) 2256-2208 (6.0%)	Inédita
AA89669	Fossa 3 (Sector I)	3674±44	2134-2070 (35.0%) 2064-2016 (25.7%) 1996-1980 (7.5%)	2198-2166 (5.3%) 2150-1938 (90.1%)	Inédita
Ua-19728	Túmulo 1 (Sector I)	3635±50	2120-2094 BC (10.4%) 2042-1930 BC (57.8%)	2141-1884 (95.4%)	Bettencourt et al. 2005a
Ua-19500	Fossa 1 (Sector II)	3315±50	1657-1652 (2.1%) 1644-1528 (66.1%)	1738-1714 (3.1%) 1696-1496 (91.7%) 1472-1464 (0.6%)	Bettencourt et al. 2005a
AA89671	Túmulo 4 (Sector I)	3295±61	1639-1502 (68.2%)	1734-1716 (2.0%) 1694-1440 (93.4%)	Inédita
AA63068	Fossa 9 (Sector I)	2875±41	1125-996 (67.2%) 984-980 (1.0%)	1207-1204 (0.4%) 1195-1141 (8.8%) 1134-925 (86.3%)	Bettencourt et al. 2007

g. O local detém boas condições de visibilidade para o vale formado pelo interflúvio entre o rio Pequeno e o rio Ave.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Bettencourt *et al.* (2002a, 2003c, 2005).

Várzea Cova

(38) Laje da Malhadoura 1

a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*²⁸.

b. Malhadoura.

c. 41.505139° N, -8.087142° W (Fig. 4.42), 730 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 72).

d. Idade do Bronze.



Figura 4.42 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.

e. Localiza-se a nordeste do marco trigonométrico do Malhadouro, ocupando o topo da vertente nordeste do monte com a mesma designação, numa área em que o terreno apresenta declive pouco acentuado. Granito de duas micas, de grão médio a grosseiro, de tendência porfiroide (C.G.P. 6-C Cabeceiras de Basto, esc. 1/50 000). Na área proliferam os afloramentos graníticos, alguns que, por ação da meteorização, formam grandes bolas que ocorrem frequentemente agrupadas. As vertentes são recortadas por inúmeras ribeiras que acedem às bacias dos rios Vizela, a nor-nordeste, e Ferro, a su-sudoeste. A menos de 15 km para oeste-noroeste das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a menos de 18 km para noroeste das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto) (C.G.P. fls. 5-D Braga, 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, 1/50 000). Num raio de cerca de 10 km seria

²⁸ Com entrada no Endovélico relativa a mamoa com o CNS 22665.

possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Vizela, a nor-noroeste, e Ferro, a su-sudoeste, e seus principais afluentes. Predomínio de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Identificado durante o Estudo de Impacto Ambiental relativo ao Parque Eólico das terras Altas e Linha de Interligação à Subestação de Riba de Ava – Fafe.

Trata-se de um pequeno monumento com couraça pétreo granítica composta por blocos de pequenas e médias dimensões. Em plano apresenta contorno circular com cerca de 7 metros de diâmetro e 50 cm de altura. O seu limite exterior inclui um anel de lajes fincadas vertical ou obliquamente. Sensivelmente ao centro desta existe uma pequena depressão. Não foi detetada qualquer cista à superfície apesar da designação tradicional deste monumento ser a de Cista 1 da Laje da Malhadoura. Em conversa com o seu achador apurou-se que a designação foi apenas uma “força de expressão) (Alexandre Canha, comunicação pessoal)

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes nor-noroeste e su-sudoeste, em especial para nascente, onde se desenvolve o vale do rio de Várzea Cova.

h. *In situ*.

i. Canha *et al.* (2005).

Moreira de Rei

(39) Lobo 2

a. Contexto funerário: monumento sob *tumulus*²¹.

b. Lobo.

c. 41.501677°N, -8.093577° W (Fig. 4.43), 640 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 72).

d. Idade do Bronze Médio ou Final.



Figura 4.43 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 72, à escala 1/25 000, com localização de Lobo 2.

e. Situado a nordeste do marco trigonométrico do Lobo, ocupa o topo da vertente nordeste do monte com a mesma designação. Granito de duas micas, de grão médio a grosseiro, de tendência porfiroide (C.G.P. 6-C Cabeceiras de Basto, esc. 1/50 000). A área é rica em afloramentos graníticos, alguns que, por ação da meteorização, formam grandes bolas que ocorrem frequentemente agrupadas. As vertentes são recortadas por inúmeras ribeiras que acedem às bacias dos rios Vizela, a nor-noroeste, e Ferro, a su-sudoeste. A menos de 15 km para neste-noroeste das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a menos de 18 km para noroeste das jazidas de estanho de Veade (Celorico de Basto) (C.G.P. fls. 5-D Braga, 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, 1/50 000). Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Vizela, a nor-noroeste, e Ferro, a su-sudoeste, e seus principais afluentes. Predomínio de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Identificado durante o Estudo de Impacto Ambiental relativo ao Parque Eólico das terras Altas e Linha de Interligação à Subestação de Riba de Ava – Fafe.

Monumento com *tumulus* composto por blocos pétreos de pequena e média dimensões. Apresenta contorno circular com cerca de 4,5 metros de diâmetro e 50 cm de altura. Está delimitado, em parte, por três pequenos afloramentos. Apesar de ter sido designada de Cista do Lobo 2, pelo menos a partir da superfície nada refere a

²¹ Com entrada no Endovélico relativa a mamoa com o CNS 22670.

existência de uma estrutura deste tipo no centro do montículo. Aliás, houve a oportunidade de falar com o seu achador que afirmou que o facto de não existir evidência de tal estrutura tumular, pelos paralelos obtidos, estes pequenos túmulos podem ser considerados do Bronze Médio ou Final (Alexandre Canha, comunicação pessoal).

g. Excelentes condições de visibilidade em todas as direções, apenas diminuídas para o quadrante oeste-sudoeste, pela presença da elevação com o marco trigonométrico do Lobo.

h. *In situ*.

i. Canha *et al.* (2005).

(40) Fafe 1

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Médio.

f. Machado plano em cobre tipo Bujões/Barcelos⁷². Segundo Monteagudo (1977: 118, n.º 756) mede cerca de 17,5 a 18 cm de comprimento, 7 cm de largura e 1,5 cm de espessura. Aquele autor defende que o seu gume terá sido cortado e as suas extremidades repuxadas para trás, acentuando mais a curvatura do gume e tornando as suas extremidades mais proeminentes.

h. M.N.A., Lisboa.

i. Monteagudo (1977).

⁷² Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 11013.

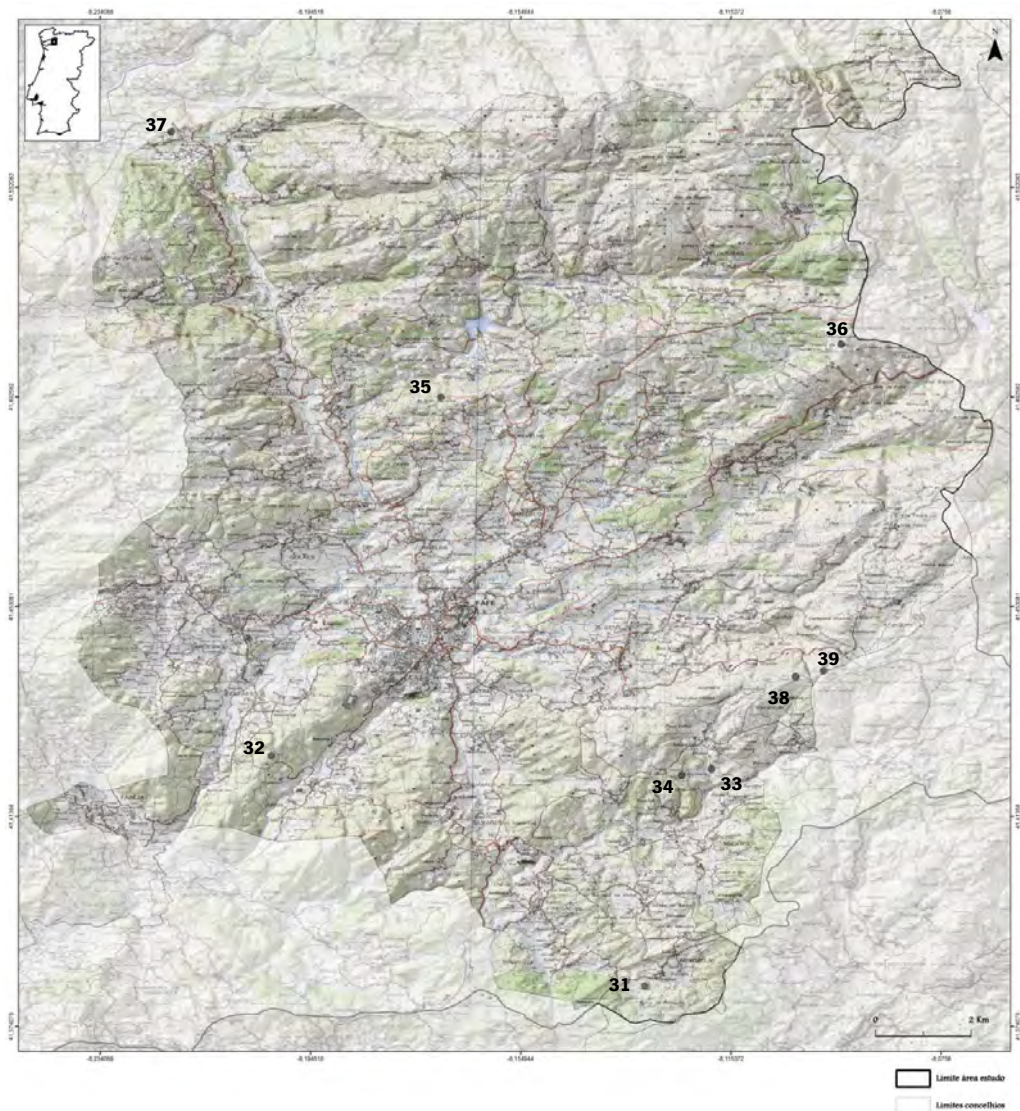


Figura 4.44 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 71, 72, 85 e 86, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Fafe e sítios catalogados: 31 – Arnozela; 32 – Regedoura 2; 33 – Casinha de Mouros; 34 – S. Lourenço; 35 – Outeiro Mau; 36 – Cabanas/Burgueiros; 37 – Vale Ferreiro; 38 – Laje da Malhadoura 1; 39 – Lobo 2.

1.2.1.5. Concelho de Guimarães

Abação (S. Tomé)

(41) Pedreira da Pena/Quinta do Telhado

- a. Depósito metálico.
- b. Pedreira da Pena.
- c. 41,421019° N, -8,264884° W (Fig. 4.45), 560/570 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 85).
- d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.45 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de Quinta do Telhado/Pedreira da Pena.

e. Ocupa um alto a sudeste do marco trigonométrico da Penha, numa tênue plataforma virada a uma espécie de anfiteatro natural virada a sul formada pela união de diferentes cursos de água que recortam o monte, no sentido norte-sul, rumo ao Vale de Samarrões. Granodiorito porfiroide, orientado, biotítico, com grandes megacristais de feldspato potássico, também conhecido como Granodiorito de Felgueiras (C.G.P. fl. 5-D Braga, 1/50 000). Nas imediações nascem diversas linhas de água que tributam a ribeira de Nespereira, que corre a cerca de 3 km para oeste-sudoeste do local. A cerca de 16 km para noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante), e a cerca de 40 km para nordeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). O local é imediato à área onde em tempos ocorreu a extração de tungsténio de Pena Redonda. Num raio de cerca de 5 a 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Selho e Ave, a noroeste, e no interflúvio formado pela junção dos rios Bugio, Ferro e Vizela, a sudeste. Coberto vegetal essencialmente arbóreo, acompanhado por espécies arbustivas e herbáceas.

f. Achado ocasional recolhido por dois pedreiros durante trabalhos de extração artesanal de pedra. A primeira referência ao achado é de Cardoso (1967a: 409), onde se regista a entrada no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, por oferta do Sr. José Gilberto Pereira, de “*Duas lanças de bronze e um fragmento de um vaso de barro, encontrados numa pedreira na Coutada do Telhado (S. Tomé de Abação), 700 m. a S.SE. do ponto trigonométrico da Penha*”. Especifique-se que a associação direta da forma cerâmica às pontas de lança deverá ser encarada com cautela.

No ano seguinte o mesmo autor dá a conhecer pormenores do achado: “*O local onde se deu o achado tem o nome de lugar do Telhado (...), a 650 metros a S.SE do marco trigonométrico da Penha, que está situado junto ao monumento consagrado ao papa Pio IX*”, prosseguindo afirmando que “*Apareceram as lanças numa pedreira, ao lado de um grande bloco granítico que uns operários andavam a fracturar (...). Ao escavarem e desviarem a terra em redor do penedo, surgiram as duas peças metálicas, apenas a uns 40 cm abaixo da superfície do terreno*” (Cardoso 1968: 277). A descrição dos objetos dá conta de “*duas lanças de bronze (...) do mesmo tipo, mas com dimensões um pouco desiguais*”, sendo que “*Próximo daquele sítio, outra remoção de terra deu lugar ao aparecimento de parte de uma pequena vasilha com asa e fundo esférico*” (Cardoso 1968: 278). Mas quão próxima seria esta remoção? Não se sabe.

No âmbito do projeto de investigação intitulado *A reconstrução da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde os meados do III aos finais do II milénios AC*²³, Ana M.S. Bettencourt precisou o local de achado que, atualmente, é conhecido pelo micro topónimo de Pedreira da Pena.

Segundo estudo efetuado pelo signatário, a “pequena vasilha” corresponde a uma taça carenada, da qual resta a quase totalidade do seu perfil (falta apenas a base). Denota fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora, sendo o seu acabamento polido na face exterior e alisado na interior. O bordo é aberto, com lábio biselado, e está

²³ Projeto SAPIENS99 com a referência POCTI/HAR/36527/2000.

presente um elemento de preensão vertical de secção elipsoidal. Sob este, próximo à extremidade inferior, desenvolve-se uma carena baixa, distando cerca de 3,5 cm do fundo. Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) este recipiente tem correspondência com a forma 12.

As duas pontas de lança de alvado⁷⁴ são em bronze e bastante semelhantes entre si. Diferem, apenas, nas dimensões. A menor [MSA-805(C)] mede 33,4 cm de comprimento, 3 cm de largura máxima e cerca de 2,3 cm de boca de alvado. A maior [MSA-806(C)] atinge 38,1 cm de comprimento, a largura máxima de 3,4 cm, e o diâmetro da boca do alvado de 2,3 cm. O prolongamento de ambos os alvados ao longo da folha da lâmina formou uma nervura central e bifacial de secção subcilíndrica (Tab. 4.8).

Tabela 4.8 – Dimensões (em cm) das pontas de lança da Quinta do Telhado/Pedreira da Pena

Nº Inv.	Lâmina			Alvado			Peso (g)	Obs.
	Comp.	Larg.	Secção	Comp.	Diâm.	Secção		
MSA-805(C)	26,1	2,8	Elíptica	7,3	2,2	Circular	326,9	-
MSA-806(C)	31	3,4	Elíptica	7,1	2,3	Circular	353	Alvado fraturado

Do interior do alvado de uma destas pontas de lança foi possível recuperar restos de madeira cuja datação absoluta efetuada em Groningen (Ref. Lab. GrN5563) (Cardoso 1971), segundo a curva de calibração IntCal09 (Reimer *et al.* 2009), permite situar o achado entre os séculos XIII e X AC (Tab. 4.9). Esta data é, aliás, consonante com a forma cerâmica recuperada – taça carenada –, cuja presença no Noroeste português é comum a partir do Bronze Final.

Tabela 4.9 – Data de radiocarbono disponível para o depósito da Quinta do Telhado/Pedreira da Pena

Ref. Lab.	Contexto	Idade BP	1 Sigma Cal BC (68.2%) Método B	2 Sima Cal BC (95.4%) Método B	Bibliografia
GrN5563	Madeira de alvado da ponta de lança	2880±65	1190-1178 (3.2%)	1268-900 (95.4%)	Cardoso 1968, 1971
			1160-1144 (4.0%)		
			956-940 (4.2%)		
			1131-974 (56.7%)		

g. Ótimas condições de visibilidade entre os quadrantes nascente e sudeste, nomeadamente, para o vale formado pela convergência de diversas linhas de água que convergem à ribeira da Nespereira pelo Vale de Samarões.

h. M.S.M.S., Guimarães⁷⁵.

i. Cardoso (1967a, 1968, 1971), dados inéditos.

Arosa

(42) Monte da Abelheira/Rua Afonso Henriques

a. Povoado (?).

b. Rua D. Afonso Henriques.

c. 41.545370° N, -8.221197° W (Fig. 4.46), 180 metros (C.M.P., S.C.E., fl. 71, 1/25 000).

d. Idade do Bronze (?).



Figura 4.46 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização do Monte da Abelheira/Rua Afonso Henriques.

⁷⁴ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-805(C) e MSA-806(C).

⁷⁵ Os objetos foram “Oferta]. do Ex.mo Senhor José Gilberto Pereira” (Cardoso 1967a: 409), que gentilmente os cedeu ao M.S.M.S., em Guimarães.

e. Ocupa o extremo norte de um pequeno remate de esporão que se desenvolve para noroeste do marco trigonométrico do Fojo, sobranceiro às margens esquerdas dos rios Pequeno e Ave. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio, também denominado de Granito de Agrela (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Linhas de água imediatas afluem diretamente ao rio Pequeno, situado a menos de 500 metros para nordeste do local e que corre no sentido nascente-poente até desaguar no rio Ave, o qual dista pouco mais de 1km para nordeste. A cerca de 23 km para oeste das jazidas de estanho de Gondarém (Cabeceiras de Basto) e a cerca de 25 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-B Guimarães e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Pontualmente arbóreo, complementado com espécies arbustivas e herbáceas.

f. Identificado no âmbito de trabalhos de emergência durante abertura de um caminho de acesso a moradias locais. Num corte na terra foram detetadas estruturas em negativo (fossas) a cerca de 500 para norte do sítio de Vale Ferreiro (Bettencourt *et al.* 2005). No entanto, a ausência de quaisquer materiais não permite precisar a sua cronologia

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes norte e sudoeste, zona por onde se desenvolve o vale do Ave.

h. In situ.

i. Bettencourt *et al.* (2005).

Barco (S. Cláudio)

(43) Quinta do Vago Mestre/Monte de Baixo/Barqueiro

a. Contexto funerário e povoado⁷⁶ (?).

b. Monte de Baixo.

c. 41.493550° N, -8.325271° W (Fig. 4.47), 130 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze Médio (?).



Figura 4.47 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização Quinta do Vago Mestre/Monte de Baixo/Barqueiro.

e. Ocupa a vertente ténue sobranceira à margem direita do rio Ave, do qual é muito próximo. Monzogranitos biotíticos, com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granito de Celeirós e Vieira do Minho (C.G.P. fl. 5-D Braga, 1/50 000). A hidrologia detém nesta área papel dominante, ocupando a margem direita do rio Ave e é anexo ao interflúvio daquele rio com o rio da Agrela. Muito próximo, a ponte, corre também a ribeira de Canhota, afluente da margem direita do rio Ave, e no local várias linhas de água alimentam os referidos cursos de água. A menos de 17 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 28 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio máximo de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de alvião no interflúvio formado pelos rios Ave e Selho, a sul, e no interflúvio formado pela confluência dos rios Ave, Pequeno e a ribeira da Póvoa, a nordeste. Predomínio de campos agrícolas

⁷⁶ Entrada no Endovélico relativa a achados diversos com o CNS 6507.

circundados por habitações e, pontualmente, por aglomerados de espécies arbóreas acompanhadas de arbustivas e herbáceas.

f. Achado fortuito quando um habitante local se encontrava “*esmoutando a horta*” (Sarmiento 1999: 25). Foram recolhidas duas formas cerâmicas cuja tipologia permite associar com uma possível necrópole (de fossas ou de sepulturas planas). Segundo a bibliografia sabe-se que em “*Barco – Ao pé da quinta do Vago Mestre, e em terra maninha (S. Cláudio) tem aparecido fragmentos de vasilhas. (...) Perto d’alli passava a estrada que levava ao barco*” (Sarmiento 1901b: 125-126). O mesmo autor refere adiante que em “*Barqueiros – S. Cláudio – (...) tive a fortuna de encontrar no lugar do Monte (onde ficam as cruces) um rapazola que encontrou os vasos (urnas) que me deu o Vago-Mestre. Foi mostrar-me o sitio onde apareceram. (...) Encontraram-se, diz elle, á altura de 3 palmos. Não havia pedra nem coisa que o valha. (...) O lugar das urnas chama-se monte de baixo*” (Sarmiento 1901b: 127).

Anos mais tarde Cardoso (1936: 67), através da leitura dos escritos de Sarmiento, conclui que dois vasos em posse no M.S.M.S., em Guimarães, cuja origem se desconhecia, “*foram encontrados, no ano de 1877, no monte de Baixo, sito no lugar do Barqueiro, da freguesia de S. Cláudio do Barco (Guimarães)*”, correspondendo, dessa forma, aos que as notas de Sarmiento, acima transcritas, se referem.

O vaso com o número de inventário MSA-430(F) corresponde a um largo bordo horizontal, com a largura de bordo variando entre 3,5 e 3,7 cm, do qual falta uma grande secção. O seu diâmetro é de 13 cm e atinge a altura de 14,8 cm. Embora o elemento de preensão vertical esteja em falta, o mesmo parece ter existido, conforme se verifica pelo arranque preservado na parede do vaso. Apresenta alisamento de ambas as faces, paralelamente a considerável corrosão. De igual forma, apresenta vestígios de fuligem interna e externa, no último dos casos na zona da possível asa e nas suas laterais, na pança. A parte interna do seu bordo encontra-se decorada por impressão de pequenos motivos subcirculares que formam duas linhas descontínuas paralelas ao lábio e, na pança, surgem adições plásticas sob a forma de quatro mamilos.

O vaso com o número de inventário MSA-431(F) corresponde a um médio bordo horizontal, com a largura do bordo de 3,3 cm e do qual falta uma grande secção e lábio adelgado. O seu diâmetro é de 10,5 cm e atinge a altura de 7,8 cm. Possivelmente, a grande secção de bordo e de pança em falta incluiria um elemento de preensão vertical. Apresenta base aplanada. Denota alisamento interno e polimento externo, assim como vestígios de fuligem em ambas as paredes que, no caso da parede externa, se desenvolve na área possivelmente oposta à asa. A parte interna do bordo inclui composição decorativa que recorreu ao uso de impressão e de incisão. Assim, uma linha de motivos subcirculares impressos, distribuídos mais ou menos a meio do bordo e paralelos ao lábio, foi ladeada, de ambos os lados, por incisões de pequenos segmentos de reta, dispostos no sentido perpendicular ao lábio.

Mais recentemente, Bettencourt (2011b: 123), após visita ao local, recolheu, num corte de terra deixado a descoberto pela abertura de um estradão a poente da Quinta do Burgão, no Monte de Baixo, quatro fragmentos cerâmicos que se encontravam dispersos ao longo de c. de 500 metros. Estes fragmentos revelam fabrico manual e pastas arenosas, com desengordurantes de quartzo de média a grande dimensão, que lhes conferem uma textura grosseira a muito grosseira. As cozeduras são redutoras e as suas colorações castanhas escuras, sendo que dois deles apresentam indícios de acentuada erosão. Os outros dois apresentam faces internas alisadas. O achado destes fragmentos permite-lhe hipotetizar a existência de um povoado nas imediações.

g. Ótimas condições de visibilidade para o vale do Ave, situado imediatamente a sul do local, e que se vem desenvolvendo de nordeste para sudoeste. Dali é possível avistar o monte da Penha (a sul), o monte de S. Bartolomeu e o Alto da Forca (a sudoeste), Sabroso (a noroeste) e Briteiros (a norte).

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Sarmiento (1901b, 1999), Cardoso (1936), Bettencourt (2011b).

Briteiros (Santo Estevão)

(44) Quinta da Boavista

- a. Povoado⁷⁷.
- b. Boavista.
- c. 41.516499° N, -8.311255° W (Fig. 4.48), 185 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 71).
- d. Idade do Bronze.



Figura 4.48 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Boavista

e. Ocupa uma pequena elevação colina à vertente sul do monte de S. Romão, no prolongamento daquele acidente orográfico em direção ao Ave. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Celeirós e Vieira do Minho, mas muito próximo, a Oeste, de leucogranitos moscovíticos-biotíticos, de grão fino, denominado de Granito de Briteiros, e a sul, de granodioritos-monzogranitos, biotíticos, porfiroides, de grão médio, orientado, com grandes megacristais de feldspato potássico (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Anexo à margem direita do rio Ave, do qual dista pouco mais de 1 km, no local diversas linhas de água tributam aquele curso fluvial pela sua margem direita. A menos de 20 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), a cerca de 27 km para nordeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 29 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 16 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a noroeste, e no interflúvio formado pelo rio Selho e Ave, a su-sudeste. Predomínio de campos agrícolas circundados por manchas esparsas de espécies arbóreas acompanhadas de arbustivas e herbáceas.

f. A descoberta deste fragmento foi-nos dada a conhecer pelo Doutor Francisco Sande Lemos, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Local utilizado para a extração de saibro onde foram identificados perfis de fossas escavadas no substrato rochoso. Foi, igualmente, recolhido um fragmento cerâmico pertencente a um fundo de um vaso de grandes dimensões, provavelmente de aprovisionamento, que apresentava fabrico manual, pasta arenosa e cor acastanhada. Estas características técnicas podem ser genericamente enquadradas na Idade do Bronze.

g. Excelentes condições de visibilidade para o vale do rio Ave, que se desenvolve no sentido nordeste-sudoeste.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Inédito.

Briteiros (S. Salvador)

(45) Pedra dos Sinais

- a. Gravuras rupestres⁷⁸: arte atlântica.

⁷⁷ Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 28439.

⁷⁸ Entrada no Endovélico relativa a arte rupestre com o CNS 4130.

c. 41.526366° N, -8.315300° W (Fig. 4.49), 215 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 71).

d. Pré-História Recente, Idade do Bronze.



Figura 4.49 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização da Pedra dos Sinais.

e. As rochas gravadas distribuem-se pela vertente sudeste do monte de S. Romão, numa área de declive considerável. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Guimarães (C.G.P. fl. 5-D Braga, 1/50 000, Braga). A cerca de 1 km para oeste passa a ribeira de Várzea, tributária da margem esquerda do rio Ave, situado a pouco mais de 3 km para su-sudeste, sendo que a Este do local diversas ribeiras rumam ao mesmo rio. A menos de 20 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 29 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim e 9-B, Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 15 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a noroeste, e no interflúvio formado pelo rio Selho e Ave, a su-sudeste. Moderadamente arbóreo, complementado com espécies arbustivas e herbáceas.

f. Além da já conhecida Pedra dos Sinais, trabalhos de prospeção efetuados no local inventariaram um total de dezoito rochas insculturadas, das quais doze no atual perímetro de musealização da Citânia de Briteiros e seis na vertente nascente (Valdez & Oliveira 2005/2006: 51-94). Nos finais do século XIX já Sarmiento (1896b: 149-168; 1902a: 19-25) havia referido que nas freguesias de S. Estevão de Briteiros e de S. Salvador de Briteiros teriam existido, em tempos, lajes com gravuras rupestres⁷⁹ que, segundo os seus escritos, incluiriam motivos curvilíneos, serpentiformes e antropomorfos estilizados, círculos concêntricos e covinhas.

Do conjunto de rochas gravadas sobressai a Pedra dos Sinais, ocupando a meia encosta nascente do Monte de São Romão e muito próxima de uma linha de água, numa área de declive acentuado e no perímetro externo da muralha da Citânia de Briteiros. Segundo Valdez (2013) as representações variam entre os motivos circulares e meandriformes, entre outros grafismos, mais raros, como intestinais, a dupla espiral ou o círculo raiado, sendo que no perímetro externo ao povoado dominam os motivos de tradição atlântica, como círculos concêntricos isolados ou em articulação. Segundo aquela autora (Valdez 2013) estão também representadas *fossettes* e baixos-relevos, estes últimos essencialmente dispostos nas áreas mais elevadas dos suportes pétreos e cuja técnica tridimensional, típica da Arte Atlântica, parece ter privilegiado a morfologia dos suportes insculturados.

Já anteriormente Valdez & Oliveira (2005/2006) haviam indiciado a maior imponência do *Penedo dos Sinais* comparativamente às restantes rochas insculturadas imediatas que, mesmo localizada próxima ao terceiro pano de muralha, não foi destruído ou incluída naquela estrutura. Tal facto poderá demonstrar o “respeito” daquele elemento do passado pelas comunidades que, durante a Idade do Ferro, ali procederam a diversas alterações do terreno. As restantes rochas gravadas e as composições nelas identificadas integram afloramentos graníticos nada proeminentes, que não excedem um metro quadrado de área, posicionadas preferencialmente na horizontal ou, por vezes, ligeiramente inclinadas, tornando-se visíveis apenas a partir de uma posição elevada (Valdez 2013). Por fim, refira-se o possível relacionamento visual entre o *Penedo dos Sinais* e as restantes lajes gravadas, já que todas observam aquela rocha – que ocupa uma posição “dominante” – e mantém uma espécie de alinhamento a meia encosta (Valdez & Oliveira 2005/2006: 74). Além disso, parece inegável a relação destas gravuras com o vale do Ave e com a Serra da Cabreira (Valdez 2013), cenários proeminentes que se destacam para nascente.

g. Bom domínio visual entre os quadrantes nordeste e sul, em especial para o vale do rio Ave, situado a cerca de 1 km para sudeste, e para a Serra da Cabreira, cenário que se avista a nascente, ao longe.

⁷⁹ Algumas com entradas no Endovélico, nomeadamente Bouça do Pinheiro/Silvestre (CNS 4129).

h. *In situ*.

i. Sarmiento (1896b, 1902a:), Valdez & Oliveira (2005-2006), Valdez (2013).

(46) Monte de S. Romão

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Final.

f. Algures do Monte de S. Romão provém um machado de talão com uma argola (Pinto 1930). Embora se desconheçam mais pormenores sobre o seu contexto, a referência “*Encontrado próximo da Citânia de Briteiros*” é particularmente importante, já que deixa pressupor que o objeto não foi recolhido no interior das suas muralhas, isto é, na zona habitacional. Por altura da sua exposição no claustro do convento de S. Bento, em Santo Tirso⁸⁰, refere aquele autor (Pinto 1930: 306) tratar-se um “*Machado de talão e um anel, com duas caneluras no gume. Comprimento 0,190 m. Encontrado próximo da Citânia de Briteiros. Assemelha-se a um machado de Barcelos, existente no Museu Municipal do Pôrto (Cf. J. Fortes. Portugalia. II, pág. 662), sendo ambos de aspecto franzino*”.

Após vista efetuada pelo signatário ao Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso, ressalta o seu ótimo estado de conservação, embora uma das faces revele maior oxidação. Detém 18,5 cm de comprimento, dos quais 7,6 cm correspondem a talão, 4 cm de largura de gume e 2,7 cm de largura de talão. Atinge a espessura máxima de 2,2 cm, na transição entre a lâmina e o talão. Não apresenta cone de fundição e tem nervura central bifacial com 5,4 cm de comprimento, formando duas caneluras. As rebarbas na união do molde bivalve foram rebatidas e o gume tem diversas irregularidades, embora não se possa perceber se de uso.

A tipologia dos materiais recolhidos levou Coffyn (1985: 215-215, carte 39, n° 62) a considerar a Citânia de Briteiros como um habitat do Bronze Final atlântico, muito embora Pinto (1930) refira que o achado não foi na citânia mas próximo àquela, ou seja, algures no monte de S. Romão. Na verdade, nas várias escavações efetuadas na Citânia de Briteiros nunca foi encontrado qualquer nível da Idade do Bronze Final.

h. M.M.A.P., Santo Tirso.

i. Pinto (1930), Coffyn (1985).

(47) Quinta do Paço

a. Gravuras rupestres: arte atlântica.

b. Quinta do Paço.

c. 41.525556° N, -8.315000° W (Fig. 4.50), 250/300 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 71).

d. Pré-História Recente, Idade do Bronze (?).



Figura 4.50 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização da Quinta do Paço.

e. Ocupa a vertente sudeste do Monte de S. Romão, nas proximidades de uma linha de água, e numa área de declive considerável. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Guimarães (C.G.P. fl. 5-D Braga, 1/50 000, Braga). Muito próximo de uma linha de água que aflui diretamente à margem direita do rio Ave, o qual corre a nascente do local no sentido nordeste-sudoeste. A menos de 20 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 29 km para sudeste das mineralizações de ouro de portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-B, Guimarães, esc. 1/50 000).

⁸⁰ Exemplar em depósito no Museu Municipal Abade Pedrosa, em Santo Tirso, com o número de inventário MMAP32.

Num raio máximo de 15 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a noroeste, e no interflúvio formado pelo rio Selho e Ave, a su-sudeste. Moderadamente arbóreo, complementado com espécies arbustivas e herbáceas.

f. Descoberta do painel durante prospeção, em 2006, no âmbito da realização da Unidade Curricular de Seminário pelos alunos da licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho.

O painel gravado encontra-se em mau estado de conservação, tanto pela constante presença de agentes erosivos como pela ação de fogos florestais, “*esbatendo os sulcos que foram provavelmente mais vincados*” (Cardoso 2013). A rocha, com parte recoberta, apresenta painéis “*profusamente ornamentados*”, possivelmente “*através da técnica de percussão*”, incluindo “*motivos circulares (...) [que] têm em geral dimensões que variam entre 22 e 33 cm sendo predominantemente de 26 cm*”, também acompanhados de “*covinhas (...) [com] um diâmetro entre 2 e 8 cm*” (Cardoso 2013).

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sul, concretamente, para o vale do rio Ave e para a Serra da Cabreira.

h. *In situ*.

i. Cardoso (2013).

Calvos

(48) Lapinha

- a. Contexto funerário: monumento megalítico com reutilização.
- b. Lapinha.
- d. Idade do Bronze.

f. Menções a este monumento remontam a Sarmiento (1888a), embora pouco se saiba a seu respeito. Sanches (1981: 94) refere um vaso cerâmico acompanhado de uma etiqueta, em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, onde constava a seguinte informação sobre a sua proveniência: “*Encontrado ao abrir a estrada da Penha à Lapinha, a cerca de 300 m desta à capela, por debaixo da pedra de cobertura de um dólmen*”. Este exemplar, com a altura de 12 cm e o diâmetro de boca de 10,9 cm, trata-se de uma forma subcilíndrica com perfil sinuoso onde se deslumbra tênue colo. Detém fundo plano e um elemento de prensão vertical de secção subretangular, apresentando decoração incisa e impressa que combina sulcos e pequenos círculos.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Sarmiento (1888a: 115), Sanches (1981).

Corvite

(49) Quinta da Tulha

- a. Depósito metálico.
- b. Quinta da Tulha.
- c. 41.472640° N, -8.316195° W (Fig. 4.51), 190/200 metros (C.M.P. 1/25 000. S.C.E., fl. 71).
- d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.51 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Tulha.

e. Ocupa a meia vertente poente do monte de S. Tiago e do marco trigonométrico com o mesmo nome, num patamar aplanado formado entre aquele alto e um pequeno remate de esporão que se situa ligeiramente a sudoeste. Detém excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes oeste e norte, para o vale imediato do rio Ave e algumas ribeiras suas afluentes. Zona de contacto entre monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granitos de Celeirós e Vieira do Minho, e granodiorito-monzonítico, biotítico, porfiroide, de grão médio, orientado., com grandes megacristais de feldspato potássico, também conhecido como Granito do Sameiro (C.G.P. 5-D Braga, 1/50 000). Ladeado a nascente e a poente por duas linhas de água que descem as vertentes e que afluem à ribeira de Ribeira, afluente pela margem esquerda do rio Ave ao qual afluem em Além da Ponte. A menos de 50 metros para norte do local encontra-se uma fonte antiga de água potável propriedade da quinta e que, atualmente, se encontra canalizada até um pequeno tanque. A menos de 21 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 33 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 13 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ave, A nor-noroeste, Selho e Vizela, a sul, e seus principais afluentes. Coberto vegetal arbustivo e herbáceo.

f. O machado de bronze “*Apareceu ao quebrar um penedo numa bouça, não longe da quinta da Tulha*” (Sarmiento 1898b: 162). Sobre a hipótese de terem surgido outros objetos associados, que não deverá ser descartada, leia-se a seguinte passagem: “*davam a entender os montantes que [o machado encontrado] estaria n’uma fenda, que elle [penedo] tinha*”, pelo que o achador “*Rosna (...) que também pareceriam objectos de pedra*” (Sarmiento 1898b: 162-163). Não há, contudo, qualquer descrição dos restantes materiais.

No âmbito deste trabalho procedeu-se à tentativa de obter mais pormenores relativos a esta descoberta. Atualmente a Quinta da é propriedade de Conceição Freitas. O proprietário por altura do achado faleceu há anos no Porto, tendo sido a propriedade alvo de partilhas entre herdeiros. Tal facto faz com que grande parte do terreno original pertença, atualmente, a moradias particulares, originando a diminuição dos limites originais da quinta. Em conversa com João Neves, jornalista que trabalha para o filho da atual proprietária, Rolando Pinheiro Freitas (filho de Conceição Freitas), soube-se que o seu avô se referia a uns terrenos agora anexos à quinta (pela parte exterior sudoeste dos limites da mesma) como a “*bouça da Tulha*”. Refere, também, que segundo o seu avô aquele local serviu sempre como bouça da dita quinta e que “*em tempos*” ali foi praticada a extração manual de pedra. Após deslocação ao local foi possível verificar, entre alguma vegetação, as marcas dessa extração artesanal. A patina dessas fraturas demonstra antiguidade mas o facto de estar descoberta de vegetação levantou a suspeita da sua origem ser mais recente. Questionando João Neves sobre este assunto foi possível saber que o pequeno caminho carreteiro utilizado para aceder ao local e que atravessa a bouça, sensivelmente de sul para norte, é mantido transitável através do corte regular da vegetação. Estas informações não são suficientes para clarificar as incertezas relativas ao local preciso de achado deste machado, facto que não é facilitado pela antiguidade da descoberta – finais do século XIX – e pelo total desconhecimento, por parte dos populares locais, da ocorrência da mesma.

Corresponde a um machado de talão com uma argola, sem cone de fundição, com ligeira fratura num canto do gume²¹. A este respeito refere Sarmiento (1898b: 162) que “*O [machado] de Corvite não se salvou d’este desastre [fundição], sem deixar dois bocados na forja d’um ferreiro, consultado pelos achadores sobre se era de ouro ou não*”. Este exemplar apresenta, ainda, diversas incisões numa lateral do talão, cuja origem poderá relacionar-se, provavelmente, com as tentativas dos seus achadores perceberem, antes da forja, se o objeto seria ou não áureo. O machado mede 13,3 cm de comprimento, 2,8 cm de largura no talão e 2,3 cm de espessura. Inclui nervura central bifacial mas desigual, com 4,8 e 5,1 cm de comprimento, sendo que os seus rebordos proeminentes formam duas caneluras. Pesa 469,5 g. Análises químicas da responsabilidade de Siret (1913) revelaram que a sua constituição inclui 77,87% de Cu, 12,98% de Sn e 1,25% de Sb (Tab. 4.10).

Tabela 4.10 – Composição química e principais características do machado de talão da Tulha

Nº Inv.	Composição química %			Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Cu	Sn	Sb	Comp.	Espes.				
MSA-800(C)	77,87	12,98	1,25	13,3	2,3	S	N	469,5	Siret (1913)

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes norte e oeste para o vale do rio Ave, que se desenvolve de nordeste para sudoeste a menos de 3 km do local.

h. M.S.M.S., Guimarães.

²¹ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-800(C).

i. Sarmento (1898b), Siret (1913).

Costa

(50) Monte da Penha (plataforma superior)

a. Achados metálicos, líticos e cerâmicos⁸².

c. 41.430780° N, -8.268637° W (ponto central) (Fig. 4.52), 590/610 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 85).

d. Calcolítico Final/Idade do Bronze Inicial, Idade do Bronze.



Figura 4.52 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização da plataforma superior do Monte da Penha.

e. A este de Guimarães e com 613 metros de altitude, destaca-se das elevações vizinhas, que não ultrapassam os 400 metros, no corredor até ao litoral formado pelo rio Ave e seus afluentes. Alongado no sentido norte-sul e com cerca de 5 km de comprimento, situa-se entre as freguesias da Costa, de Mesão Frio, a norte, e de Abação, a sul. Na área do topo do monte e nas vertentes oeste, de norte a sul, existem afloramentos e grande diversidade de formas graníticas. São assim frequentes colinas com outras formas menores do tipo domos, blocos e bolas de grande dimensão, superiores a 5 metros de altura, formando diversos abrigos naturais. A abundância de nascentes e de diversas linhas de água conferiram um aspeto recortado. O monte é circundado a nor-noroeste pelo rio Selho e a su-sudeste pelo rio Vizela. O topo do monte forma uma plataforma com uma forma elíptica rodeada de vertentes que, principalmente a oeste e a norte, são mais acentuadas. Prolifera o monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Guimarães (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000), embora pontualmente, deforma mais rara, possam aflorar alguns granitos de grão fino. A cerca de 16 km para noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) e a cerca de 40 km para nordeste e sudeste, respetivamente, das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Na sua encosta sudeste ocorreu, em tempos, a extração de tungsténio em Pena Redonda. Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Selho e Ave, a noroeste, e no interflúvio formado pela junção dos rios Bugio, Ferro e Vizela, a sudeste. Coberto vegetal predominantemente arbóreo, complementado com espécies arbustivas e herbáceas.

f. Achados recolhidos ao acaso por trabalhadores indiferenciados que exploravam pedra ou procediam a construções diversas a mando da Irmandade da Penha (arruamentos, esgotos, passeios, parques de lazer, etc.). Além dos materiais que provêm de pontos mais ou menos conhecidos do Monte da Penha⁸³, encontram-se em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, e no M.N.A., em Lisboa, vários materiais genericamente dados como provenientes daquele monte mas cuja precisão dos seus contextos de achado se vê dificultada pela falta de dados e/ou registos.

Relativamente a objetos metálicos, genericamente dados como provenientes de algures do topo do monte, contam-se um gume de um machado plano de cobre⁸⁴ (S/A 1932: 120) e uma conteira ou cinzel de bronze⁸⁵ (Cardoso 1951c: 247; Kalb 1980b: 28, nº 20). O fragmento de machado mede 7 cm de largura (gume), 2,1 cm de comprimento e atinge a espessura máxima de 0,5 cm. Pesa 37,5 g. Análises químicas da responsabilidade de Beatrice Blance revelaram, enquanto impurezas, 4,7 de arsénio (Ar), 0,012 de prata (Ag) e 0,40 de Bismuto (Bi), sendo a maior percentagem da sua composição à base de cobre, atingindo 94,832 (Cardoso 1960b: 185-187). A

⁸² Entrada no Endovélico relativa a povoado e relacionado com os CNS 18086 e 15.

⁸³ Vide os pontos relativos a Quinta do Cruzeiro, Souto Escuro/Cantonha, Fonte de Santa Catarina, Quinta do Telhado/Pedreira da Pena, Matamá ou Lapinha, incluídos no presente catálogo.

⁸⁴ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário A203(17-1-81). Deu entrada na naquela instituição em 1932 (S/A 1932: 120).

⁸⁵ Ofertada ao M.S.M.S., em Guimarães, em 1951 pela Comissão de Turismo da Penha. Em depósito naquela instituição com o número de inventário MSA-804.

conceira ou cinzel de alvado atinge os 9,5 cm de comprimento. O alvado detém 1,5 cm de diâmetro (interno) e é de secção circular, medindo 2,1 cm de largura, mas o objeto adquire secção quadrangular até à extremidade. Pesa 61,1 g e encontra-se em bom estado de conservação.

Daquela área genérica regista-se, igualmente, a recolha de materiais líticos, entre os quais um braçal de arqueiro⁸⁶ (Cardoso 1971: 244). Este objeto, comum em contextos funerários, mede 8,3 cm de comprimento, a largura variável entre 2,8 cm e 4,3 cm, e a espessura de 0,4 a 0,9 cm. Inclui duas perfurações subcirculares em cada extremidade com 1,2 e 1,4 cm de raio. Destacamos, ainda, um possível molde de arenito ou quartzito⁸⁷ (Comendador Rey 1997: 185, n.º 112c).

No que concerne a materiais cerâmicos da Idade do Bronze⁸⁸ oferecidos ao M.S.M.S., em Guimarães⁸⁹, por paralelos com cerâmica de outros contextos do Noroeste português, destacam-se alguns vasos cujas formas, praticamente inteiras, permitem pressupor a sua deposição intencional.

O que Cardoso (1971) considera como "*grande pythos*" é um vaso com 56 cm de altura e 35 cm de diâmetro, encontrando-se provido de quatro elementos de prensão vertical, de secção em fita, que se dispõem em posições opostas a cada quarto de círculo⁹⁰. Além secção irregular das quatro asas, encontra-se ainda provido de decoração plástica, sob a forma de cordão. Este cordão, que se desenvolve horizontalmente junto da zona inferior onde arrancam as asas, encontra-se dividido em sulcos verticais. Não sabemos se a "*graciosa tijelinha*" referida também por Cardoso (1971) corresponde a um pequeno vaso com 6 cm de altura e 6,5 cm de diâmetro⁹¹. Detém bordo esvasado com lábio arredondado, um elemento de prensão vertical de secção em fita e base côncava, sendo ausente qualquer decoração. Foi, ainda, recolhido um outro vaso cujo formato invulgar é bicónico⁹². Mede 6 cm de altura e 6,5 cm de diâmetro e não apresenta qualquer decoração. Detém bordo reto com lábio adelgado e carena a 4,5 cm da base, que é plana. Um outro pequeno vaso com um elemento de prensão vertical de secção em fita⁹³ com 6,5 cm de altura e 7,5 cm de diâmetro é igualmente oriundo da Penha. Detém bordo esvasado com lábio reto, um elemento de prensão vertical de secção em fita e base plana simples, com ausência de qualquer decoração. Foi também recolhido, algures do topo do monte, um vaso cerâmico praticamente inteiro⁹⁴ que denota fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora. Grande parte do seu perfil estava inteiro, a par de mais 12 fragmentos que lhe pertenciam, depreendendo, muito provavelmente, deposição intencional. Detém 22 cm de altura e o diâmetro, subcircular, de sensivelmente 17,5 cm. Inclui bordo reentrante, lábio semiplano, pança arredondada e base plana simples. Está provido de dois elementos de prensão vertical, um dos quais incompleto, posicionados simetricamente entre si, que arrancam imediatamente abaixo do bordo. Apresenta superfícies corroidas, em parte talvez pela textura grosseira da pasta, já que o seu estado de recolha (praticamente intacto, apenas quebrado, muito provavelmente, durante a descoberta) deixa pressupor a sua deposição intencional. Ainda assim, permite perceber a presença de fuligem em ambas as faces, sendo que na externa se distribui pela área do bordo e pança. Formalmente tem correspondência com a forma 5 da tabela formal de Bettencourt (1999), com paralelos mais próximos no contexto funerário de Granjinhos (Braga). Note-se que Cardoso (1947a: 112) regista a entrada no M.S.M.S., em Guimarães, deste vaso juntamente com uma "*graciosa tijelinha sem decoração alguma*" (Cardoso 1971: 247), que parece corresponder ao exemplar há poucas linhas descrito. Regista-se, ainda, a recolha do perfil de um vaso cerâmico incompleto mas cuja reconstituição foi possível através da colagem de dois fragmentos⁹⁵. Trata-se de um pequeno potinho com carena (?) alta, com 9 cm de diâmetro de boca, de fabrico manual, com pasta grosseira, com grãos de quartzo e cozedura redutora. O bordo é esvasado e o lábio arredondado, a base é plana e apresenta-se polido em ambas as faces. Encontra-se bastante requemado por ação do fogo, como é possível

⁸⁶ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-721(C).

⁸⁷ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário 739(C).

⁸⁸ Revelam "*fabrico grosseiro, paredes geralmente espessas, fortemente impregnadas de partículas arenosas e de mica, (...) modelada à mão (...)* [que] *apresenta uma extraordinária variedade de «motivos» ornamentais, profundamente incisos. Alguns vasos, poucos, tem sido possível exumar inteiros, mas, da maioria deles, apenas surgem fragmentos dispersos, seja [por] (...) desgaste natural (...), seja [por] (...) escavadores incultos*" (Cardoso 1971: 245-246).

⁸⁹ A este respeito refere Cardoso (1971: 247) que os vasos ali recolhidos são "*de formas e tamanhos diferentes, decorados ou lisos (...), alguns deles com o fundo plano, tal como um grande pythos de quatro asas, de 40 cm de largura na boca e 50 cm de altura, ornamentado com um cordão em relevo. Vasos de reduzidas dimensões têm sido igualmente encontrados, como uma graciosa tijelinha sem decoração alguma, de uma só asa, espécie de chicara de barro, que apareceu em 1947, juntamente com um vaso maior, igualmente liso, de duas asas e fundo plano*". Entre os vários exemplares em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, e só para citar alguns exemplos, J. Pina oferece "*Diversos fragmentos de cerâmica e um machado de pedra, da Penha*" (Cardoso 1933: 124). Cardoso (1947a: 112) regista a oferta de "*Dois vasos de cerâmica da Estação Arqueológica da Penha (Guimarães)*". (Of. da Irmandade da Penha)" e, anos mais tarde (Cardoso 1955: 232), menciona a oferta da Junta de Turismo da Penha de "*Vários fragmentos de cerâmica eneolítica incisa, Um triturador, Vários instrumentos de pedra, Um cadinho de fundição de metais*".

⁹⁰ Com o número de inventário MSA-0.

⁹¹ Com o número de inventário MSA-423(F).

⁹² Com o número de inventário MSA-424(F).

⁹³ Com o número de inventário MSA-422(F).

⁹⁴ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-425.

⁹⁵ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2328/2003.30.1.

verificar pela presença de fuligem no seu interior e exterior. Um vaso da família dos vasos de bordo horizontal⁹⁶, ainda que com bordo em aba soerguida, foi igualmente recuperado algures do topo do Monte da Penha. Detém cerca de 19 cm de diâmetro, bordo em aba soerguida, com lábio arredondado, e elemento de prensão vertical de secção irregular do qual arranca, de cada extremidade, um motivo decorativo plástico de forma tendencialmente circular. A parte interna do seu bordo foi igualmente decorada com duas incisões largas efetuadas com ponta romba que, no sentido do lábio, formaram um ressalto pouco proeminente semelhante a decoração plástica. Denota presença de fuligem em ambas as paredes. Cardoso (1971: 247) refere, ainda, a descoberta de “*um curioso fragmento de cerâmica, pertencente ao fundo de uma vasilha com orifícios, que serviria de incensório, coador ou queijeira*”, entre diversos fragmentos de cerâmica de tipo “Penha”, comumente recolhidas um pouco por todo o monte e cujas quantidades permitiram, em muitos casos, a reconstrução de alguns vasos⁹⁷. Não menos importante, dada a sua raridade, é a descoberta, algures no Monte da Penha, de um fragmento cerâmico de vaso campaniforme⁹⁸ e um fragmento cerâmico com decoração oculada⁹⁹ (Bettencourt *et al.* 2003a). Por fim, conhece-se um ou outro fragmento cerâmico em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, cujas características poderão ser enquadradas na Idade do Ferro¹⁰⁰.

g. Bom domínio visual de toda a envolvente de onde é possível avistar vários outros montes – entre outros, Santa Marta da Falperra, as Citânias de Briteiros e de Sabroso, o Monte de S. Bartolomeu, o Monte da Forca – e até mesmo, em dias de céu limpo, “*uma fimbria do Atlântico*” (Cardoso 1971: 240).

h. M.S.M.S., Guimarães, M.N.A., Lisboa.

i. Sarmiento (1886b, 1888a, 1933), S/A (1932), Cardoso (1947a, 1951c, 1960b, 1971), Kalb (1980), Comendador Rey (1997), Bettencourt *et al.* (2002, 2003a).

(51) Fonte de Santa Catarina

a. Depósito(s) metálico(s).

b. Costa.

c. 41.430073° N, -8.269407° W (localização aproximada) (Fig. 4.53), 590 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 85).

d. Idade do Bronze Médio ou Final.



Figura 4.53 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização aproximada da área da fonte de Santa Catarina.

e. Ocupa a plataforma aplanada do topo da vertente Oeste formada entre os dois pontos mais altos do Monte da Penha. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Guimarães e Santo Tirso (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Além da fonte de Santa Catarina, imediata ao local, nas imediações as linhas de água confluem à ribeira da Nespereira, afluente pela margem esquerda do rio Vizela. A cerca de 16 km para noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) e a cerca de 40 km para

⁹⁶ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-334(F).

⁹⁷ “*Os exemplares que tem sido possível reconstruir (...) são geralmente de fundo esférico, e, além da rica ornamentação incisa do bojo, contêm junto do bordo séries de linhas paralelas horizontais em toda a volta*” (Cardoso 1971: 246). “*A pança dos vasos, bem saliente, é decorada com faixas horizontais de desenhos angulares, ou com axadrezados, ou linhas ponteadas, ou os chamados «dentes de lobo», «espinha de peixe», etc., sendo por vezes essas listas, de estilo nitidamente geométrico, cortadas a intervalos por faixas verticais, ou métopas*” (Cardoso 1971: 246).

⁹⁸ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 1812.

⁹⁹ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-946(C).

¹⁰⁰ Além destes materiais, “*Afirmou-nos o chorado Padre António Caldas que, ao revolverem a terra para assentar os alicerces do monumento (...) [a Pio IX], foram encontrados alguns objectos de ferro com o feitio de armas, que desapareceram sem se saber como*” (Sarmiento 1888a: 109). De igual modo, Cardoso (1971: 248) refere que “*Fragmentos de cerâmica já trabalhada ao torno de oleiro e sem ornatos apareceram também alguns na Penha, embora poucos, denotando evidentemente uma época muito posterior à da característica cerâmica desta estação arqueológica*”.

nordeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Na encosta sudeste do Monte da Penha ocorreu, em tempos, a extração de tungstênio em Pena Redonda. Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Selho e Ave, a noroeste, e no interflúvio formado pela junção dos rios Bugio, Ferro e Vizela, a sudeste. Coberto vegetal predominantemente arbóreo, complementado por espécies arbustivas e herbáceas.

f. Descobertas ocorridas durante trabalhos de “embelezamento” das imediações do santuário da Penha. O conjunto de objetos é especialmente problemático já que denotam cronologias distintas. Estão representados um machado plano, dois machados de talão com uma argola e uma ponta de lança de alvado curto, entre outros objetos líticos e cerâmicos. Contudo, as condições de achado não permitem perceber tratar-se de um único depósito ou, pelo contrário, de vários. É Pina (1928: 138) que regista o momento da descoberta de vários objetos: “*Animados pelos resultados das pesquisas iniciadas, foram estas ampliadas até ao cimo da montanha, e, ali, para o lado da nascente da água que permanentemente brota num fio pela fisga de uma rocha, encontrámos mais alguns restos de cerâmica, mós e machados de pedra, um machado de cobre, uma formosa lança margiana, discos de pedra polida e pedacinhos de rouge e ocre para tatuagem, sem contar com alguns machados de bronze, surripiados pelos trabalhadores*”. As suas palavras deixam perceber que, entre o grupo de objetos recolhidos, haveria mais “*machados de bronze*” (planos ou de talão?), furtados pelos trabalhadores, embora o autor não especifique o número nem descreva a sua tipologia.

Embora o contexto de achado preciso seja desconhecido, a passagem “*ali, para o lado da nascente da água que permanentemente brota num fio pela fisga de uma rocha*” (Pina 1928: 138) permite perceber que o autor se refere à atual fonte de Santa Catarina, entretanto cristianizada com uma imagem da Virgem Maria. As suas imediações foram amplamente alteradas, em especial durante a construção do novo Santuário da Penha, cuja obra iniciou em princípios do século passado. Por essa altura as movimentações de terra tornaram-se uma constante. As obras, coordenadas pela Irmandade, bem como alguns particulares, foram doando ao M.S.M.S., em Guimarães, alguns objetos, em muitos dos casos anos após a sua descoberta.

Com a área de achado mais ou menos delimitada pode concluir-se que o achado destes objetos ocorreu no alto de um grande acidente orográfico, no topo da vertente noroeste do Monte da Penha, nas imediações de uma fonte de água, onde proliferam os abrigos e as grutas graníticas de variada escala.

Entre os materiais metálicos recolhidos figuram um machado plano em cobre¹⁰¹, dois machados de talão em bronze com uma argola¹⁰² e uma ponta de lança de alvado curto de bronze¹⁰³. As suas características essenciais estão sintetizadas na Tabela 4.11.

Tabela 4.11 – Principais características dos machados recolhidos nas imediações da fonte de Santa Catarina

Tipologia	Argolas	Comprim.	Larg.	Espess.	Nervura	Peso (g)
Machado Plano	-	7,7	4,1/3,1	1,2	-	202,8
Machado de talão	1	14,5	3,8	2,5	S	235,8
Machado de talão	1	18,2	3,9	2,8	S	382,5

Em termos de características técnicas e formais, o machado plano é de cobre (com cerca de 99% de pureza), medindo 7,7 cm de comprimento, 4,1 cm de largura no gume e 3,1 cm de largura na zona do talão e 1,2 cm de espessura. Embora registre algumas imperfeições, detém laterais retas e o bordo ligeiramente destacado, faltando-lhe um pequeno canto do talão, não se sabe se fraturado após a descoberta. Encontra-se em considerável estado de conservação e pesa 202,8 g.

Os machados de talão com uma argola medem, respetivamente, 14,5 e 18,2 cm de comprimento, 3,8 e 3,9 cm de largura de gume, e 2,5 e 2,8 cm de espessura na zona de contato entre o talão e a lâmina. Ambos detêm nervura central, embora num dos exemplares (o mais pequeno) a mesma não seja tão desenvolvida, atingindo os 4,2 cm de comprimento. No outro machado essas nervuras têm comprimentos diferentes, atingindo os 7,4 e os 8,8 cm. Este exemplar pesa 382,5 g enquanto o outro 235,8 g.

Há, ainda, uma ponta de lança de alvado curto e aletas laterais (Tab. 4.12) com 24 cm de comprimento (dos quais 17,8 cm são lâmina), 4,8 cm de largura de aletas, 3,2 cm de largura de lâmina e 2,5 cm de largura de alvado. O

¹⁰¹ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-791. Uma nota para referir que as entradas relativas a dois machados planos publicadas em Monteagudo (1977: 24, 57), correspondentes, respetivamente, aos machados números 17 e 299, tratam-se da repetição deste objeto, percebendo-se tal equívoco através da observação dos desenhos em anexo (*Tafel* 1 e 16).

¹⁰² Ambos em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com os números de inventário MSA-797 e MSA-798. Estes machados deram entrada no M.S.M.S., em Guimarães, em 1950 (oferta de José de Pina) (Cardoso 1950b: 337) e em 1958 (oferta da Irmandade da Penha) (Cardoso 1958: 518).

¹⁰³ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-802.

alvado apresenta 2,2 cm de diâmetro e prolonga-se ao longo de toda a lâmina, formando uma nervura de secção cilíndrica. Pesa 230,9 g.

Tabela 4.12 – Principais características da ponta de lança recolhida nas imediações da fonte de Santa Catarina

Tipologia	Aletas	Comp.	Larg. Aletas	Larg. Lâmina	Larg. Lâmina	Larg. Alvado	Diâm. Alvado	Peso (g)
Ponta de lança	S	24	4,8	3,2	3,2	2,5	2,2	230.9

Quanto a materiais líticos e cerâmicos há, ainda, o registo de Pina (1928) à recolha de moinhos manuais, de machados de pedra e de discos¹⁰⁴ de pedra polida, entre vários fragmentos cerâmicos cujas características pouco ou nada se sabe.

Obrigatoriamente, a questão que se impõe é: integrariam estes objetos um mesmo depósito ou, pelo contrário, vários? O conceito de “*depósito aberto*” (Vilaça 2007: 35 e segs.), relativo a conjuntos sujeitos a adições ou subtrações, poderia muito bem explicar o depósito da fonte de Santa Catarina, tomando-o como um todo. Contudo, confirmar a natureza “aberta” deste depósito torna-se impossível. Outra hipótese a ter em conta é o facto de, não sendo um “*depósito aberto*”, tratar-se de mais do que um depósito. As diferentes tipologias presentes mas, principalmente, as diferentes cronologias que os objetos representam deixariam pressupor elevada atividade deposicional naquela área específica. Diretamente, esta realidade leva à compreensão dessa área como um lugar de memória, onde em diferentes tempos foram perpetradas ações deposicionais. Como tal, a proximidade dos objetos de uma fonte de água que surge entre afloramentos, rodeada de grandes blocos e domos graníticos, num monte de beleza granítica ímpar e com um impacto na paisagem circundante ao qual seria difícil passar despercebido, parece tornar-se um cenário especialmente atraente.

Há ainda, em depósito no M.N.A., em Lisboa, um conjunto de dezanove fragmentos cerâmicos¹⁰⁵, de onde se destacam três: um primeiro, decorado com um cordão plástico inciso com pequenos golpes diagonais, a distâncias variáveis, que apresenta pasta bem depurada e cozedura redutora, facilmente identificada pela sua cor negra, onde é possível observar pequenas micas¹⁰⁶; um segundo fragmento, de pasta arenosa e coloração acastanhada, apresentando incisões em espinha¹⁰⁷; finalmente, um terceiro fragmento de pasta arenosa, com inclusão de quartzos, e cuja pasta negra denuncia cozedura redutora, apresentando ténues incisões diagonais opostas que, por vezes, se sobrepõem¹⁰⁸. Destes três fragmentos, com exceção do primeiro, que poderíamos situar num momento final da Idade do Bronze ou já na Idade do Ferro Inicial, os restantes parecem poder ser genericamente enquadrados na Pré-História Recente ou Idade do Bronze.

Uma última nota para referir que tanto a área do Santuário da Penha como da zona do adro da capela de Santa Catarina foram alvo de sondagens arqueológicas cujos resultados já publicados (Bettencourt *et al.* 2003a, 2003b) não confirmaram a presença de contextos habitacionais.

g. Excelentes condições de visibilidade de dezenas de km entre os quadrantes nor-noroeste e su-sudoeste, concretamente, para os vales dos rios Selho e Ave e que atingem, em dias de céu limpo, à linha costeira.

h. M.S.M.S., em Guimarães.

i. Pina (1928), Cardoso (1950b), Monteagudo (1977), Sampaio *et al.* (2009).

(52) Cantonha/Souto Escuro

a. Depósito metálico¹⁰⁹.

b. Souto Escuro.

c. 41.437301° N, -8.280968° W (localização aproximada) (Fig. 4.53), 315 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 85).

¹⁰⁴ O M.S.M.S., em Guimarães, tem em sua posse um disco granítico (número de inventário MSA-724) com perfuração central e quatro sulcos radiais numa das faces. A ficha relativa à entrada deste objeto naquela instituição nada refere, mas sabe-se que o mesmo deu entrada naquela instituição pela mão de Luís de Pina no ano de 1912 (Vieira 1912: 143). Tal coloca em causa a suposição adiantada (Sampaio *et al.* 2009: 62) de que a sua proveniência poderá ser das imediações da fonte de Santa Catarina, por altura da descoberta destes materiais, já que o desfasamento entre a entrada do objeto no Museu e a notícia do achado deste grupo de objetos parece contrariar essa hipótese.

¹⁰⁵ Dados como provenientes da Quinta do Cruzeiro (Monte da Penha). Pese embora o esforço para precisar a sua localização, que não foi possível, a indicação que lhes é associada (nota escrita) deixa perceber que teriam sido recolhidos nas imediações da capela de Santa Catarina. Incluem a referência à “*Capela de Santa Catarina*”, recolhidos a “16.6.79”.

¹⁰⁶ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2003.27.8.

¹⁰⁷ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2003.27.1.

¹⁰⁸ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2003.27.14.

¹⁰⁹ Entrada no Endovélico relativa a achado isolado com o CNS 6153.

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.54 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização aproximada da Cantonha/Souto Escuro.

e. A meio da vertente noroeste do monte da Penha, numa zona em que o declive atenua, formando ma tênue plataforma. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granito de Guimarães e Santo Tirso (C.G.P. fl. 5-D Braga, 1/50 000). Abundantes afloramentos graníticos formam, ainda hoje, fendas e abrigos naturais. Diversas linhas de água tributam a ribeira da Costa, que corre a uma cota ligeiramente mais baixa, mas não longe do local, desaguando na margem esquerda do rio Selho, afluente pela margem esquerda do rio Ave. A cerca de 16 km para noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) e a cerca de 40 km para nordeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Na encosta sudeste do Monte da Penha ocorreu, em tempos, a extração de tungsténio em Pena Redonda. Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Selho e Ave, a noroeste, e no interflúvio formado pela junção dos rios Bugio, Ferro e Vizela, a sudeste. Essencialmente arbóreo, acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Achado fortuito de conjunto de objetos áureos, ocorrido em 1933, durante a extração artesanal de pedra. O conjunto seria originalmente composto por cinco objetos áureos, entre os quais braceletes e diademas ou lúnulas associados a um recipiente cerâmico (Cardoso 1971). A mesma notícia precisa o seguinte: “*As jóias encontravam-se dentro de uma vasilha de barro (...), entre as quais um formoso bracelete de ouro com ornatos incisos, (...) aparecida conjuntamente com outras vendidas*” (Cardoso 1971: 245, nota 1). Do conjunto apenas se salvou um bracelete, atualmente propriedade do M.N.A.¹¹⁰. A sua singularidade contribuiu para a ampla descrição e publicação¹¹¹.

Sobre o micro contexto de achado sabe-se que ocorreu quando pedreiros procediam à extração de um penedo. Segundo a descrição de Cardoso (1971: 245, nota 11), após conversa com os responsáveis pelo achado, sabe-se que “*os diademas eram de chapa muito fina, de forma rectangular, com cerca de 20 a 25 cm de comprimento por uns 4 cm de largura, que, pela descrição, supomos fossem do mesmo tipo dos conhecidos diademas de Balugães*”.

No âmbito deste estudo procedeu-se à tentativa de precisar a sua localização. Por sorte, e durante uma das várias visitas que fizemos à área, conseguimos estar à conversa com o filho de Domingos Miranda, antigo caseiro da Quinta da Cantonha, tendo o mesmo permitido alguns minutos de conversa com o seu pai, por altura da entrevista com 93 anos. O antigo caseiro confirmou, desde logo, que a descoberta ocorreu durante trabalhos de extração de pedra, num terreno pertencente ao Sr. António “Bronze”, morador na Veiguiinha (pese embora os seus esforços para se lembrar do apelido apenas lhe surgia a alcunha). Refere o mesmo que “*ao retirar a terra para descalçar um grande penedo os jornaleiros encontram uma panela de barro tapada com um farrapo velho, que venderam na venda da rua Nova, em Guimarães, ao Sr. Ribeiro*”. afirmou perentoriamente tratar-se de “*um esconderijo de ouro resultante da invasão das tropas francesas*”, sendo que o local de achado situar-se-ia “*no lado direito, no arranque e à face de uma estrada que atualmente sobe para a lugar do Souto Escuro, acima da “Casa de Vilar”, junto a uma*

¹¹⁰ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 193.

¹¹¹ Entre autores refira-se, a título de exemplo, as obras de Heleno (1935a: 252-254, fig. 12, est. VIII, fig. 32 e 33), Cardoso (1936: 89-94; 1937; 1957a: Est. XIII, Fig. 24; 1971: 242, 245), López Cuevillas (1951: 64-65, Fig. 45), Almargo Gorbea (1977: 32-34), Parreira & Pinto (1980: n.º 64), Hartmann (1982: 102), Coffyn (1985: 234, Carte 46, n.º 12, 237-238, Planche LXVIII, n.º 5, 397, n.º 323), Silva (1986: 70, 256, n.º 518, est. CXVI, 9, 9A-9C; 1988: 80, Fig. 3; 1993: 292; 2007: 361, n.º 535), Garnito (1988: fig. 14), Ruiz-Gálvez Priego (1989: 52), Pingel (1992: 288, n.º 233, fot. 100, n.º 4), Silva & Gomes (1992: 292, Fig. 6-8), Queiroga (1992: 152, n.º 70), Armbruster & Parreira (1993: 140, 142-143, n.º 68), Bettencourt (2009: 103) ou Sampaio *et al.* (2009: 64, 66, 75 fig. 21).

moradia particular pertença de 'novos-ricos'. Refere, ainda, que embora não se possa deslocar até lá, sabe que a área está bastante desfigurada, mercê da crescente construção que ali prolifera.

A peça em questão é um exemplar produzido em ouro fundido em molde de cera perdida, posteriormente martelado e soldado, decorado por incisão e com arame soldado (Armbruster & Parreira 1993). Extremamente bem documentada (Armbruster & Parreira 1993: 142-143), é trata-se de um bracelete tubular com extremidades afastadas, sendo as suas laterais formadas por dois aros maciços de secção circular, adelgaçados nas extremidades, decorados por incisão com motivos geométricos (estilisticamente de tipo Sagrajas/Berzocana, conjugando linhas, losangos, triângulos e reticulados) e rematados com terminais campanulares. Estes foram unidos a uma placa, igualmente decorada, moldada e soldada, estilisticamente de tipo Villena/Estremoz.

A sua singularidade tem que ver com o facto de sido produzida mediante a conjugação de dois estilos distintos (Villena/Estremoz e Sagrajas/Berzocana). Além de tal ter resultado num exemplar de belo efeito, transparece um enorme domínio das técnicas aplicadas.

g. Bom domínio visual para os amplos vales da ribeira de Costa e dos rios Selho e Ave.

h. M.N.A., Lisboa.

i. Vieira (1912), Cardoso (1936, 1971), Armbruster & Parreira (1993).

Donim

(53) Paulinhos

a. Gravuras rupestres¹¹³: arte atlântica.

b. Paulinhos.

d. Pré-História Recente, Idade do Bronze.

f. Sarmento (1902a: 29) menciona que "*Quando fui da Citânia [de Briteiros] para [o monte de] Santa Iria segui o caminho da encosta do monte, de certo o caminho que nos tempos antigos levava mais directamente d'uma estação a outra e que passa pelos «Paulinhos»*". Prossegue referindo que "*Exactamente em face dos Paulinhos (da bouça tapada) e n'uma lage, que fica no caminho trilhado, encontrei dois círculos concêntricos, acompanhados de covinhas*" (Sarmento 1902a: 29). As tentativas para tentar localizar esta rocha revelaram-se infrutíferas.

p. Sarmento (1902a).

Gominhães

(54) Gominhães

a. Achados líticos.

d. Idade do Bronze.

f. Comendador Rey (1997) destaca dois artefactos líticos que, com algumas reservas, considera poderem ser moldes (Tab. 4.13). A sua proveniência é apenas atribuída a Gominhães, freguesia de onde em tempos Jorge (1986: 816) havia aludido à hipotética existência de um povoado aberto, pela proveniência de alguns fragmentos cerâmicos com decorações incisivas referidos por Cardoso (1971: 246). No entanto, considerar qualquer relação seria mera suposição, dada a falta de dados.

O objeto de maiores dimensões, aparentemente inteiro, é em granito de grão médio. Mede 12,5 cm de comprimento, 9 cm de largura, 5 cm de espessura e pesa 1375 g. Numa das faces apresenta uma cavidade de secção em "U", cujo maior eixo se dispõe no sentido paralelo ao comprimento do bloco granítico, em posição mais ou menos centrada. Este "canal" mede 8,2 cm de comprimento e cerca de 1cm de largura. O segundo objeto corresponde a um fragmento de arenito (?), extremamente polido. Mede 4,5 cm de comprimento e de largura, 2,8 cm de espessura e pesa 86 g. Numa das suas faces e em posição mais ou menos centrada, detém uma cavidade de secção em "U" com c. de 0,8 cm de largura por c. de 0,4 cm de profundidade.

Após vista ao M.S.M.S. a fim de observar ambos os artefactos, atesta-se que o paradeiro do último deles é, atualmente, desconhecido.

¹¹³ Entrada no Endovélico relativa a arte rupestre com o CNS 2843.

Tabela 4.13 – Dimensões (em cm) e pesos (em g) dos moldes de Gominhões

Nº Inv.	Comp.	Larg.	Espess.	Peso
MSA-3073	12,5	9	5	1375
MSA-3074	4,5	4,5	2,8	86

h. M.S.M.S., em Guimarães.

i. Jorge (1986), Comendador Rey (1997)

Gonça

(55) Gonça

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Médio.

f. Em local desconhecido da freguesia de Gonça foi descoberto um machado plano em bronze de tipo Bujões/Barcelos¹¹³, de secção sub-retangular, bordos arredondados côncavos e gume caracteristicamente em arco de círculo. Mede 16,4 cm de comprimento, 9,1 cm de largura de gume e 1,5 cm de espessura. Segundo Monteagudo (1965: 25, nº 19) é do “*Tipo Barcelos. Campanulada, grande, gruesa, mitad superior trapecial, sección rectangular o ligeramente bicôncava, espesor maximo en el tercio inferior, filo muy desarrollado (1/3 círculo aprox.)*”.

Recentes análises por micro-FRX a este exemplar, publicadas por Figueiredo *et al.* (2012), revelaram tratar-se de um machado de composição química binária (Tab. 4.14).

Tabela 4.14 – Composição química do machado de Gonça (adaptado de Figueiredo et al. 2012)

Nº inv.	Composição química				
	Cu	Sn	Pb	As	Fe
11051	88,1±0,4	10,9±0,4	0,6	0,4	<0,05

h. M.N.A., Lisboa.

i. Monteagudo (1965), Figueiredo *et al.* (2012).

Gondomar

(56) Monte Choriz

a. Achado metálico, cerâmico e lítico.

d. Calcolítico, Idade do Bronze Médio.

f. A referência escrita mais antiga a este local pertence a Francisco Martins Sarmiento e data dos seus cadernos manuscritos em 1878 (Sarmiento 1970: 24, nota 56). Anos mais tarde, Cardoso (1933: 124) cita um rol de materiais oferecidos ao M.S.M.S., em Guimarães, entre os quais “*um vaso de barro, da época do bronze, e dois fragmentos de instrumentos líticos provenientes de Gondomar (Guimarães). (Of. do Sr. Aarão de Campos Lima)*”. O mesmo autor (Cardoso 1971), volvidos quase 40 anos, menciona que um daqueles instrumentos líticos, que considera um “*polidor*” ou “*brunidor*”, terá surgido associado a um machado de bronze, embora não explique porque faz esta associação tantos anos depois do achado.

Um dos objetos é um machado plano, em bronze, do tipo Bujões/Barcelos¹¹⁴. Monteagudo (1965: 25, nº 19) enquadra-o no “*Tipo Barcelos. Campanulada, grande, gruesa, mitad superior trapecial, sección rectangular o ligeramente bicôncava, espesor maximo en el tercio inferior, filo muy desarrollado (1/3 círculo aprox.)*” (apresenta desenho na *Lâmina 1, nº 19*). Detém 15,8 cm de comprimento, 8,3 cm de largura no gume e 3,9 cm no talão e 1,4 cm de espessura. Pesa 631 g. Denota ligeira irregularidade no talão, provavelmente por ter sido percutido ou por ter servido de percutor.

No M.S.M.S., em Guimarães, encontram-se outros materiais genericamente dados como provenientes de Monte Choriz, entre os quais um pequeno potinho cerâmico¹¹⁵ até à data inédito. Denota fabrico manual, cozedura

¹¹³ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 11051(90).

¹¹⁴ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-785(C).

¹¹⁵ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-421(F).

reduzida, pasta grosseira manchada com colorações variáveis de tons cinzas, com ligeira fratura pela zona do bordo (Fig. 4.5). O seu diâmetro circular de boca é de 2,8 cm, apresentando estrangulamento através de colo e, até à parte fraturada (que apenas preserva uma pequena parte do bordo), atinge 6,6 cm de altura. A base é côncava e, embora não seja decorado, denota acabamento polido na face externa (total) e interna (parcial, apenas junto do bordo).

Apesar de todo este acervo, uma vez o local de proveniência é uma incógnita, torna-se impossível estabelecer qualquer relação, visto o Monte de Choriz tem uma dimensão considerável.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Cardoso (1933, 1971), Monteagudo (1965), Sarmiento (1970).

Infantas

(57) Matamá¹¹⁶

a. Achado metálico¹¹⁷.

b. Monte das Laverças.

d. Idade do Bronze Médio/Final.

f. Um machado de talão unifacial em bronze com uma argola¹¹⁸ (Pinto 1928a: 195) é genericamente dado como proveniente da antiga freguesia de Matamá (Santa Maria). Detém 19,5 cm de comprimento dos quais 8,3 cm de talão, 3,4 cm de largura no gume e 2,6 cm de largura no talão e 1,8 cm de espessura. O exemplar pesa 301,8 g. A sua argola é de secção circular achatada (ovalizada) e um canto do gume apresenta desgaste que parece ter ocorrido em momento posterior ao achado.

Note-se que Savory (1951: 366) refere-se a um machado de talão unifacial em posse do M.S.M.S., em Guimarães (que se acredita ser o mesmo exemplar), como proveniente de Silvares (vide ponto relativo a Silvares, neste catálogo). A verdade é que este machado tem uma ficha que questiona a sua proveniência, precisamente de ambos os locais (Matamá e Silvares).

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Pinto (1928a), Savory (1951).

Mesão Frio

(58) Mesão Frio

a. Achado metálico.

f. Referência ao achado de um machado plano em Mesão Frio¹¹⁹ que Monteagudo (1977: 36, n° 292) faz corresponder, erradamente, à freguesia de Mesão Frio, em Guimarães. Isto porque em Harbison (1967: 118) é feita a referência a um machado tipo “*cabrales*” oriundo de “*Mesão Frio (Douro Litoral)*”, devendo “*Mesão*” ser lido como “*Mesão*”. Mesão Frio é, igualmente, o nome de um concelho do distrito vizinho de Vila Real, de onde será oriundo este machado.

Recentemente, durante uma sistematização dos materiais recolhidos no Monte da Penha (Sampaio *et al.* 2009), foi igualmente citada a proveniência deste exemplar como oriundo de Mesão Frio (Guimarães), pelo que se tornava necessário o esclarecimento deste equívoco.

h. M.N.A., Lisboa.

i. Harbison (1967, 118), Monteagudo (1977).

Oleiros (S. Vicente)

(59) S. Miguel-o-Anjo/Oleiros

a. Achado metálico.

¹¹⁶ Antiga freguesia de Guimarães.

¹¹⁷ Com entrada no Endovélico relativa a mamoa com o CNS 6883.

¹¹⁸ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-794.

¹¹⁹ Em depósito no M.N.A. com o número de inventário 11085 mas entretanto desaparecido.

d. Idade do Bronze Final.

f. Sabe-se apenas que o objeto foi ofertado em 1912 ao M.S.M.S., em Guimarães, por J. B. Rodrigues, embora tenha sido erradamente dado como proveniente de Porto David por Siret (1913) (Cardoso 1963: 119, nota 2).

Alguns do Monte de S. Miguel-o-Anjo, na freguesia de Oleiros, foi recolhido um machado de alvado em bronze com duas argolas¹²⁰. Detém 13,8 cm de comprimento e 4 cm de largura. O gume é em quarto crescente e atinge os 5,3 cm de largura, sendo o alvado subcilíndrico, de diâmetro variável entre 5,1 e 5,3 cm de diâmetro. Pesa 998 g.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Siret (1913), Cardoso (1963).

Sande (S. Lourenço)

(60) Faisca¹²¹

a. Contexto funerário: sepulturas em fossa¹²².

b. Rua de Santa Marta, nº 136.

c. 41.501333° N, -8.350698° W (Fig. 4.54), 140 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade do Bronze Médio.



Figura 4.54 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Faisca.

e. Ocupa a vertente sudoeste de uma pequena colina que divide as bacias da ribeira da canhota, a este, da de rio das Pontes, a oeste, uma zona de declive pouco acentuado anexa à margem direita do rio Ave. O sítio implementa-se sobre monzogranitos biotíticos, com rara moscovite, porfiroides, de grão grosseiro, também denominados de Granito de Celeirós e Vieira do Minho (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). A zona é muito rica hidrologicamente, pelo que no local nascem linhas de água que tributam o Rio das Pontes e a ribeira de Canhota, cursos ribeirinhos situados a menos de 1,5 km para poente e nascente, respetivamente. A cerca de 2 km para nascente corre ainda o Rio de Agrela, sendo que todos estes cursos de água afluem ao rio Ave, localizado a menos de 2 km para sudoeste. A menos de 17 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 28 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim e 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio máximo de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de alvião nos rios Ave e Selho, a sul, e no interflúvio formado pela confluência dos rios Ave, Pequeno e a ribeira da Póvoa, a nordeste. Os terrenos próximos são maioritariamente agrícolas, mas o local foi, entretanto, urbanizado.

f. Descoberta fortuita ocorrida no Verão de 1935, quando trabalhadores exploravam saibro, tendo parte dos materiais dado entrada no M.S.M.S., em Guimarães (Cardoso 1935b: 182). Mário Cardoso deslocou-se ao local e procedeu à escavação de algumas estruturas, ainda não destruídas, tendo recolhido vários fragmentos e vasos cerâmicos. O local de achado situa-se no lugar da Faisca, nos limites das freguesias de Caldelas e de S. Lourenço de Sande¹²³, correspondente, na altura, a “*um terreno bravio, pouco extenso, descendo em toda a volta, num declive*

¹²⁰ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-988(B).

¹²¹ Cardoso (1936) refere-se diversas vezes à localização deste achado como “*Caldelas*”, menção que está, aliás, marcada nos vasos cerâmicos.

¹²² Entrada no Endovélico relativa a necrópole com o CNS 2881.

¹²³ Mais precisamente, no lado direito da estrada que liga Caldas das Taipas à freguesia de Santa Cristina de Longos, a cerca de 1,5 km das Taipas. Cardoso (1947b: 75, nota 20) refere que F. M. Sarmento terá adquirido, no lugar de Melre, em Caldelas – hoje identificado pela

suave" (Cardoso 1936: 70). Hoje o local corresponde às traseiras da moradia particular com o número de polícia 136 cuja frente se encontra virada à rua de Santa Marta. Ana M. S. Bettencourt realocizou este sítio arqueológico, o qual se situa na pendente sudoeste de uma pequena colina do vale de rio das Pontes, atualmente em área urbanizada.

Foram identificadas mais de uma dezena de fossas em negativo no substrato rochoso, de contorno semicircular, com cerca de 1,10 m de profundidade e cerca de 80 cm de diâmetro (Cardoso 1936). Refere este autor que do interior daquelas estruturas, a cerca de 70/80 cm de profundidade, foram recolhidos um total de oito vasos cerâmicos (inteiros ou praticamente inteiros e dois fragmentos de um outro exemplar), entre muito outros quebrados pelos trabalhadores (Cardoso 1936). Estes recipientes têm correspondência com a forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). No conjunto revelam fabrico manual, pastas arenosas com desengordurantes de quartzo e cozeduras redutoras, embora detenham diferenças entre si. Estes vasos ou partes deles encontram-se em depósito no M.S.M.S., em Guimarães¹³⁴, aos quais está anexa uma numeração após a denominação de "*Caldelas*".

Segundo estudo levado a cabo pelo signatário, o vaso com o número de inventário MSA-432(F) corresponde a um largo bordo horizontal, variando a largura do seu bordo entre 3,4 e 3,6 cm, sendo o lábio adelgado. Pequenas partes do bordo encontram-se em fraturadas. Mede 9 cm de altura e o seu diâmetro atinge os 12 cm. Detém base côncava aplanada e elemento de prensão vertical de secção em fita. Pese embora a ligeira corrosão que apresenta em ambas as superfícies, é possível observar polimento e indícios de fuligem, no último dos casos desenvolvendo-se pela área oposta à asa. A parte interna do bordo inclui composição decorativa combinando técnicas de adição plástica e de incisão com ponta romba. Assim, observam-se quatro cordões plásticos perpendiculares ao lábio que foram preenchidos, entre si, por linhas incisivas perpendiculares ao lábio (em número de 3, 4 ou 5), linhas oblíquas (em número de 4 ou 6) dispostas para um e outro lado, intercaladas com incisão perpendicular ao lábio que, no conjunto, formam um motivo espinhado.

O vaso com o número de inventário MSA-433(F) corresponde a um largo bordo horizontal, com falta de uma parte do bordo, da pança e do elemento de prensão vertical. Este último elemento apenas se percebe pela presença do seu arranque inferior, na área da pança, revelando secção em fita. O bordo varia entre 2,6 e 3,1 cm de largura, o lábio é arredondado e a base é côncava. Mede 10 cm de altura e o seu diâmetro atinge os 8,5 cm. Encontra-se decorado cordões plásticos perpendiculares ao lábio.

O vaso com o número de inventário MSA-434(F) corresponde a um médio bordo horizontal, medindo o seu bordo entre 2,4 e 2,8 cm de largura., do qual apenas falta um pequeno fragmento. O lábio é arredondado. O seu diâmetro varia entre 8,8 e 8,9 cm, atingindo 7,7 cm de altura. Inclui elemento de prensão vertical de secção em fita e a base é côncava. Embora se encontre corroído, talvez pelas características da cozedura ou da pasta, denota polimento interno e externo. Apresenta fuligem em ambas as faces que, no lado externo, se desenvolve na área oposta à asa. Não é decorado.

O vaso com o número de inventário MSA-435(F) corresponde a um largo bordo horizontal, com o bordo variando entre 2,9 e 3,4 cm de largura e do qual apenas falta uma pequena parte e lábio arredondado. Detém diâmetro oscilante entre os 8,3 e os 8,4 cm, atingido 8,5 cm de altura. A base é côncava, ligeiramente aplanada, e inclui elemento de prensão vertical de secção em fita. Apresenta polimento e fuligem nas faces interna e externa, no último dos casos desenvolvendo-se na área oposta à asa. Inclui composição decorativa combinado adição plástica e incisão com ponta romba. Assim, séries de cordões plásticos perpendiculares ao lábio formaram oito métopas. Quatro destas métopas foram preenchidas com linhas incisivas paralelas ao lábio, enquanto outras quatro foram preenchidas com "u" incisivos em crescendo a partir do lábio. A este exemplar pertence outro pequeno fragmento, confirmado pela presença de decoração semelhante.

O vaso com o número de inventário MSA-436(F) corresponde a um médio bordo horizontal, com a largura do bordo variando entre 2,5 e 2,6 cm e do qual faltam pequenas partes. O seu diâmetro oscila entre 9,2 e 9,4 cm e atinge a altura de 7,2 cm. Detém elemento de prensão vertical de secção em fita e base côncava. Denota polimento interno e externo, pese embora alguma corrosão das suas superfícies, assim como fuligem que, no último dos casos se desenvolva na área oposta à asa. A corrosão dificulta ligeiramente a perfeita observação da decoração, mas percebe-se com foi efetuada mediante a técnica de incisão com ponta romba, combinando linhas perpendiculares ao lábio adelgado.

O vaso com o número de inventário MSA-437(F) corresponde a um largo bordo horizontal, variando a sua largura deste entre os 3,8 e 4 cm, com lábio adelgado. O seu diâmetro varia entre 13,8 e 14,3 cm, atingindo a altura de 10,9 cm. Faltam-lhe partes do bordo, da pança e do elemento de prensão vertical (apenas do qual resta metade),

referência à rua de Melre e a cerca de 1 km para nordeste -, "*uma mamoa e mais quatro pequenos monumentos*". A localização desta necrópole megalítica permite perceber que a tradição tumular na área remontaria ao período neolítico.

¹³⁴ Com os números de inventário MSA-432(F), MSA-433(F), MSA-434(F), MSA-435(F), MSA-436(F), MSA-437(F), MSA-438(F) e MSA-439(F).

que revela secção em fita, e detém base côncava. Denota polimento e fuligem nas paredes interna e externa quem, no último caso, se desenvolve na área esquerda em relação à asa e mesmo neste elemento.

O vaso com o número de inventário MSA-438(F) corresponde ao fragmento de um largo bordo horizontal, variando a largura do bordo entre 2,9 e 3,1 cm, com lábio boleado. Denota polimento e fuligem nas paredes interna e externa.

O vaso com o número de inventário MSA-439(F) corresponde a um largo bordo horizontal, variando a largura do bordo entre 4,3 e 4,9 cm, em estado muito fraturado, do qual faltam partes do bordo e da pança. Inclui elemento de prensão vertical de secção em fita côncava, e a base é côncava. Denota polimento e fuligem em ambas as paredes que, no último dos casos, na parte externa, se desenvolve na área oposta à asa. Foi decorado na parte interna do bordo combinando técnicas de impressão e de incisão. Séries de linhas incisivas foram alternadamente dispostas na perpendicular ou de forma paralela ao lábio, formando métopas, variando os conjuntos de linhas entre 7 a 10. Estas foram complementadas com impressões de motivos subelípticos, dispostos na diagonal, que se desenvolvem de forma contínua ao longo do lábio, formando uma linha interrompida, e junto da quebra do bordo com a pança, desta feita formando duas linhas interrompidas.

Além destas formas cerâmicas Cardoso (1936: 69) alude a uma outra com “*quatro asas (...) e a modos de um cordão torcido, no bordo*”, além de “*uns cacos muito grossos e uma pequena roda de mão*”. Segundo este autor (Cardoso 1936: 71-72) “*As sepulturas apareciam formando pequenos agrupamentos distintos, e, em cada grupo, distanciadas umas das outras cerca de dois metros. (...) Na parte subjacente ao vaso, encontravam-se, por vezes, filões de cinzas e carvão, à mistura com terra*”¹²⁵.

Entre os objetos líticos Cardoso (1936: 75) refere a descoberta, “*sobre as terras desagregadas, [de] metade de uma pequena pedra, de forma discóide, muito polida numa das faces: era a pedra de mão de um triturador*”, sendo que anteriormente “*tinha aparecido uma outra semelhante, mas maior do que esta, e com a superfície polida côncava*”. A presença de moinhos manuais leva Bettencourt (2011b: 122) a hipotetizar a existência de um povoado nas imediações desta área tumular. Segundo datação radiométrica de fuligem recolhida do interior de um dos vasos, esta necrópole, possivelmente constituída por diferentes núcleos, poderá inserir-se no Bronze Médio.

Ao abrigo do presente trabalho foi tentada a datação deste contexto, encontrando-se os resultados sintetizados na Tabela 4.15.

Tabela 4.15 – Data de radiocarbono disponível para o contexto de Faísca

Ref. Lab.	Contexto	Idade BP	1 Sigma Cal BC (68.2%) Método B	2 Sima Cal BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA102119	Fuligem Vaso MSA-435(F)	3248±41	1560-1494 (42.1%) 1608-1582 (14.4%) 1478-1456 (56.7%)	1 616-1436 (95.4%)	Inédita

g. Bom domínio visual entre os quadrantes este e sul, nomeadamente para o vale do rio Ave que passa a menos de 2 km para sudeste do local, de nordeste para sudoeste.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Cardoso (1935b, 1936), Bettencourt (2011b).

(61) Monte do Côto de Sabroso

a. Achado metálico (?).

d. Idade do Bronze Final.

f. Ao Bronze Final poderia corresponder o hipotético machado de alvado de duas argolas em bronze (Pereira 1903: 135, nota 1). Este exemplar, aparentemente desaparecido e do qual se desconhecem as características, poderá nunca ter existido. Segundo indicação de Pinto (1929b: 169-170), pouco antes da década de 30 do século passado, este exemplar já não se encontrava disponível nos depósitos do M.S.M.S., em Guimarães. A menção de Pereira (1803: 135, nota 1) a uma machadinha bipene ali encontrada é referida da seguinte forma: “*É muito interessante o [machado] de Sabroso, que parece ser e alvado e dois anéis*”.

h. Desconhecido.

i. Pereira (1903), Pinto (1929b: 169-170).

¹²⁵ “*Quasi todos [os vasos] se apresentavam requeimados, interior e exteriormente, com uma crosta negra no lado oposto à asa (...), denotando terem sofrido a acção do fogo particularmente nesta zona*” (Cardoso 1936: 77).

(62) Sabroso

a. Gravuras rupestres.

d. Pré-História Recente, Idade do Bronze (?).

f. Na zona de vale que de Sabroso se estende em direção ao Ave, identificou F. M. Sarmento rochas com gravuras rupestres que descreve como *fossettes* e círculos concêntricos (Sarmento 1909a: 18)²⁶. Em alguns casos “*Os círculos concêntricos aparecem quasi sempre soltos, mas em Sabroso, por exemplo, encontram-se ligados por uma linha oblíqua*” (Sarmento 1933: 170). Refere ainda o mesmo autor (Sarmento 1933: 209) que “*Nas imediações de Sabroso encontraram-se duas pequenas pégadas associadas com umas poucas fossetes*”.

h. *In situ* (?).

i. Sarmento (1909a, 1933).

Sande (Vila Nova)

(63) Monte da Forca/Alto da Forca

a. Povoado²⁷.

b. Monte da Forca.

c. 41.468333° N, -8.369285° W (Fig. 4.55), 266 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 84).

d. Idade do Bronze, Idade do Ferro, Romanização, Idade Média.



Figura 4.55 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 70, à escala 1/25 000, com localização de Faisca.

e. Outeiro destacado de um esporão que se desenvolve no sentido noroeste-sudeste da Serra da Morreira para o rio Ave. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão grosseiro, também denominado de Granito de Celeirós e Vieira do Minho (C.G.P. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Várias linhas de água tributam o rio Ave pela sua margem direita, situado a pouco mais de 2 km para sudeste do local. A menos de 18 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a cerca de 30 km para sudeste das mineralizações de estanho de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga, 9-A Póvoa de Varzim 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). A cerca de 7 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ave, a este, e no interflúvio deste com o rio Selho, a sul. Densamente arbóreo, arbustivo e herbáceo.

f. Talvez com base nos escritos de Sarmento (1901b: 108) Dinis (1993: 118) decida prospetar o local. Pequeno povoado circundado por duas linhas de muralha, de formato ovalado, com o eixo maior disposto no sentido nascente-poente. Dinis (1993: 118) refere ter recolhido à superfície “*centenas de fragmentos de cerâmica manual, grosseira, de cores predominantemente escuras-castanhas ou acinzentadas e geralmente com cozeduras deficientes*”. A sua análise revela “*recipientes com pastas de cores escuras – castanho escuro, castanho/alaranjado ou acinzentado, utilizando como desengordurante grãos de quartzo de pequeno ou médio calibre, com as superfícies externas rugosas ou ligeiramente alisadas e o interior melhor cuidado*” (Dinis 1993: 120). As características destes materiais poderão remontar a ocupação deste local à Idade do Bronze.

²⁶ Cardoso (1947b: 81) reproduz os desenhos de duas rochas, uma situada junto da estrada que liga as Taipas à Póvoa de Lanhoso e outra na “*bouça de maio, junto à levada da Lomba*”.

²⁷ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 14309.

g. As suas características naturais permitem, principalmente entre os quadrantes sul e este, um bom domínio visual sobre os terrenos férteis do vale do rio Ave.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Sarmento (1901b), Dinis (1993).

Selho (S. Jorge)

(64) Monte do Sino

a. Achado metálico¹²⁸.

b. Monte da Santa.

d. Idade do Bronze Final.

f. Em local desconhecido do Monte do Sino ou Monte da Santa foi encontrado um machado de talão de dois anéis¹²⁹ (Pereira 1903: 135, nota 1). Mede 21,2 cm de comprimento, dos quais 5,1 de talão (embora fraturado), 5 cm de largura na lâmina e 3,3 cm no talão, e 3,3 cm de espessura máxima. Detém nervuras centrais de ambos os lados com 9 e 9,4 cm de comprimento e bordos boleados que, conjuntamente, formam duas caneluras rebaixadas. São visíveis rebarbas nas uniões do molde bivalve.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Pereira (1903), Monteagudo (1965, 19778).

Silvares

(65) Silvares¹³⁰

a. Achado metálico¹³¹.

f. Machado de talão unifacial em bronze referido por Savory (1951: 366). Parece tratar-se da repetição do machado oriundo da freguesia de Matamá (vide ponto relativo a Matamá, neste catálogo).

p. Savory (1951).

Guimarães

(66) Guimarães 1

a. Achado metálico.

d. Calcolítico Final/Idade do Bronze Inicial.

f. Machado plano de cobre de talão truncado¹³², secção trapezoidal e lados retos. O talão detém ligeira falha e o gume apresenta irregularidades (vestígios de uso?). Mede 18 cm de comprimento, 5,6 cm de largura e 1,7 cm de espessura (Monteagudo 1977: 45, n° 179).

h. M.N.A., Lisboa.

i. (Monteagudo 1977).

(67) Guimarães 2

a. Achado metálico.

d. Calcolítico Final/Idade do Bronze Inicial.

¹²⁸ Entrada no Endovélico relativa a achado isolado com o CNS 6454.

¹²⁹ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número e inventário MSA-793(C).

¹³⁰ Esta entrada integra o presente catálogo apenas com o intuito de clarificar uma imprecisão.

¹³¹ Entrada no Endovélico relativa a achados isolados com o CNS 6479.

¹³² Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 11037(117).

f. Machado plano de cobre de perfil retangular, talão truncado e lados retos cujo gume se apresenta em bom estado¹³³. Mede 13,5 cm de comprimento, 4,4 cm de largura máxima e 1,2 cm de espessura máxima. Pesa 402 g (Comendador Rey 1997: 186, n° 116).

h. M.N.A., Lisboa.

i. Monteagudo (1965, 1977), Comendador Rey (1997).

(68) Guimarães 3

a. Achado metálico.

d. Calcolítico Final/Idade do Bronze Inicial.

f. Machado plano de cobre adquirido pelo M.N.A., em Lisboa, em 1918¹³⁴ (Monteagudo 1977: 115, n° 736), e ali depositado mas, entretanto, desaparecido (Comendador Rey 1977: 186, n° 115). Segundo Monteagudo (1977: 115, n° 736) teria 17 cm de comprimento, 9 cm de largura máxima de gume e 1,4 cm de espessura máxima.

h. M.N.A., Lisboa.

i. Monteagudo (1977), Comendador Rey (199).

(69) Guimarães 4

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Final.

f. Machado de talão em bronze com dois anéis, um dos quais em falta por fratura (MacWhite 1951: 66, Taf. 11, 3). Mede 25 cm de comprimento e 4,7 cm de largura.

h. Desconhecido.

i. MacWhite (1951), Monteagudo (1977).

(70) Guimarães 5

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Médio/Final.

f. Machado de talão em bronze com uma argola¹³⁵ (MacWhite 1951: Taf. 12, 2). Mede 21,9 cm de comprimento, 5,2 cm de largura máxima e 2,2 cm de espessura.

h. M.N.A., Lisboa.

i. MacWhite (1951), Monteagudo (1977).

Sande (S. Lourenço)

(71) Veiga¹³⁶

a. Contexto funerário¹³⁷.

b. Veiga.

c. 150 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 70).

d. Idade Média.

f. Achado ocorrido no ano de 1979, ocorrida durante trabalhos agrícolas. Na tentativa de identificar o local de uma necrópole e após se terem deslocado ao local, Francisco Alves e Francisco Sande Lemos procederam a trabalhos de escavação de emergência e de crivagem do enchimento de 6 estruturas tipo fossa que, posteriormente, foram

¹³³ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 11036(109).

¹³⁴ Com o número de inventário 19458.

¹³⁵ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 17491.

¹³⁶ Esta entrada integra o presente catálogo apenas com o intuito de clarificar uma imprecisão.

¹³⁷ Entrada no Endovélico relativa a fossa com o CNS 1192.

entulhadas. Foi possível perceber que estas estruturas detinham contorno sensivelmente circular, secções ovais e a profundidade variável entre os 40 cm e 1 metro. O escasso material recolhido inclui uma lasca de quartzo retocada e fragmentos cerâmicos de pequenas dimensões. Posteriormente, terá sido acrescentada a notícia do achado de um vaso largo bordo horizontal, hipotetizando a existência de uma possível necrópole da Idade do Bronze no local (Soeiro 1988: 43). Contudo, segundo Bettencourt (2011b: 123), “*tendo estudado o material aqui exumado podemos verificar que é preferencialmente de época medieval, não existindo qualquer evidência que associe esta estação a contextos funerários*”.

h. M.D.D.S., em Braga.

i. Soeiro (1988), Bettencourt (2011b).

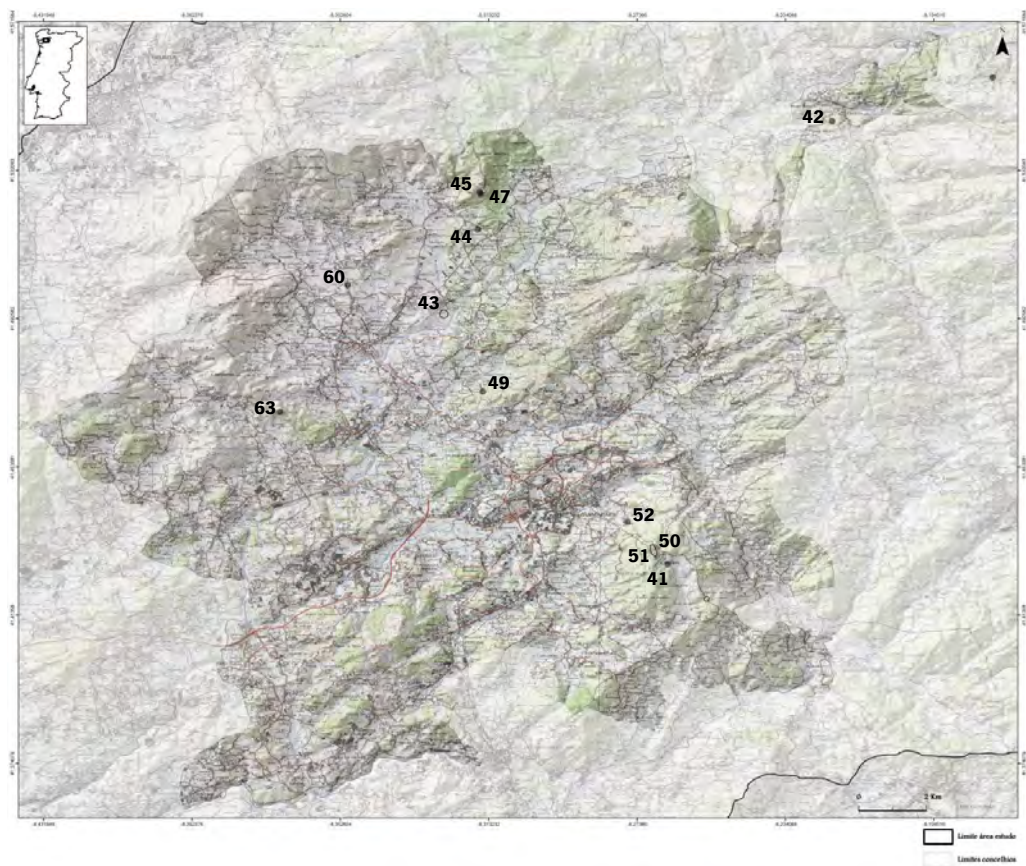


Figura 4.56 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 70, 71, 84 e 85, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Guimarães e sítios catalogados: 41 – Pedreira da Pena/Quinta do Telhado; 42 – Monte da Abelheira/Rua D. Afonso Henriques; 43 – Barqueiro/Quinta do Vago Mestre/Monte de Baixo; 44 – Quinta da Boavista; 45 – Pedra dos Sinais; 46 – Monte de S. Romão (não cartografado); 47 – Quinta do Paço; 49 – Quinta da Tulha; 50 – Monte da Penha (plataforma superior); 51 – Fonte de Santa Catarina; 52 – Cantonha/Souto Escuro; 53 - Paulinhos (não cartografado); 60 – Faisca; 63 – Monte da Forca/Alto da Forca.

1.2.1.6. Concelho de Póvoa de Lanhoso

Póvoa de Lanhoso

(72) Castro de Lanhoso/Castelo de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar

- Povoado¹³⁸ (?).
- Senhora do Pilar.
- 41.585503° N, -8.280920° W (Fig. 4.57), 385 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E. fl. 57).
- Calcolítico, Idade do Bronze Final, Idade do Ferro, Romanização, Idade Média.



Figura 4.57 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 57, à escala 1/25 000, com localização de Castro de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar.

e. Assente num remate de esporão situado na vertente sul da Serra de Santo Tirso, com vertentes escarpadas de sul a oeste, fazendo a ligação ao promontório pelo lado norte. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, essencialmente porfiroide, de grão médio a fino, também denominado de Granito de Braga (C.G.P. fl. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Integra a cumeada que separa as bacias hidrográficas dos rios Cávado, a norte, e Ave, a sul. A cerca de 30 km para sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. fl. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Predomínio de espécies arbóreas como o pinheiro, o eucalipto e, em menor número, carvalhos e sobreiros.

f. Entre as diferentes campanhas de escavação ocorridas no local, ganham especial importância as de 1982, liderada por K. Petruso e J. Weiseman¹³⁹. É da revisão dos dados recolhidos por estes dois autores que Bettencourt (1993/1994; 1999, 2000a) propõe nova sequência cronológica para o local.

Petruso (1982: 4; 1984: 5), que havia exumado materiais cerâmicos com decorações incisas metopadas tipo “Penha” durante a intervenção ali codirigida com J. Weiseman, recua a ocupação do local para a Idade do Bronze Final.

Da revisão dos dados da escavação de K. Petruso e de J. Weiseman, Bettencourt (1993/1994, 1999, 2000a) identifica duas ocupações anteriores à Idade do Ferro que, embora de difícil distribuição espacial e aparentemente descontextualizadas, situa no Calcolítico e na Idade do Bronze. Uma análise à proveniência do espólio cerâmico calcolítico permitiu-lhe considerar a inexistência de estratigrafia invertida durante época pós-romana. Já a cerâmica do Bronze, pela sua representação na camada cimeira, poderia provir de escorrimentos de áreas mais elevadas ou de perturbações de camadas inferiores aquando da abertura de valas recentes (Bettencourt 1999: 392). Tendo em conta as características técnicas, formais e decorativas, situa este último conjunto de materiais, com claras reminiscências com outros sítios do Cávado e do Ave, como Barbudo, Santinha e S. Julião, no 1º quartel do I milénio AC (Bettencourt 1999: 393, 395). A crescente adição de micas nas pastas cerâmicas e a descoberta de um punhal triangular de bronze – que, mesmo sem paralelos na região, revelava composição semelhante a objetos de finais da Idade do Bronze encontrados em contextos coetâneos na região do Noroeste reforçava a existência de uma ocupação do local durante a Idade do Bronze Final. Além destes materiais, identifica outras formas cerâmicas conhecidas na bacia do Cávado, com paralelos com S. Julião e Barbudo (Vila verde), cuja cronologia se enquadra algures entre o 1º e o 2º quartel do I milénio AC.

¹³⁸ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 497 mas relacionado com o CNS 12793, relativo a Castelo de Lanhoso.

¹³⁹ A equipa do D.A.U.B., da Universidade de Boston, E.U.A., liderada por K. Petruso e J. Weiseman, procedeu à escavação da vertente Este do monte com o objetivo de desenhar as estruturas já descobertas e de clarificar a diacronia ocupacional do local.

Em relação ao objeto em bronze recolhido por Teixeira (1940c: 522-523) trata-se de um punhal triangular com lâmina lisa, com dois orifícios para rebatagem, medindo 11,3 cm de comprimento, 2,3 cm de largura máxima e 0,1 cm de espessura. Segundo análises químicas apresentadas por Bettencourt (1993-1994: 167, n° 51) o punhal apresenta composição binária, com valores de 76.34% de Cu e de 22.54 de Sn.

g Boas condições de visibilidade principalmente entre os quadrantes sul e oeste.

h. C.B., Póvoa do Lanhoso (antigas escavações); M.H.N.A.F.C.P., Porto (n° de inv. 41.39) (Outras recolhas).

i. Teixeira (1940c), Petruso (1982, 1984), Bettencourt (1993/94, 1999, 2000a).

Serzedelo

(73) Serzedelo

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Médio ou Final.

f. Apenas se sabe que foi oferecido ao M.S.M.S., em Guimarães, pelo Sr. João Afonso de Almeida Carneiro (Cardoso 1966: 247). Machado de talão em bronze sem qualquer argola (Monteagudo 1977: 183, n° 1138)¹⁴⁰. Detém 16,8 cm de comprimento, dos quais 9 cm são de talão, 6,8 cm de largura na lâmina e 3,9 no talão e 3,4 cm de espessura no talão e 1,4 a lâmina. Apresenta nervura central na lâmina, que arranca da separação entre talão/lâmina, com 4,3 cm de comprimento. Tanto a nervura como a separação talão/lâmina são proeminentes. Pesa 500 gr. Desconhecem-se quaisquer pormenores relativos ao seu contexto de achado.

h. M.S.M.S., Guimarães¹⁴¹.

i. Cardoso (1966), Monteagudo (1977).

(74) Mata da Camarão

a. Povoado¹⁴² (?).

b. Mata da Camarão.

c. 41.612752° N, -8.211642° W (Fig. 4.58), 495 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 57).

d. Idade do Bronze.



Figura 4.58 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 57, à escala 1/25 000, com localização de Castro de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar.

e. Pequena elevação a su-sudoeste do Monte do Pipo anexa a um remate de esporão. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio, muito próximo de uma faixa que inclui quartzos de forma globular, também conhecido como Granito de Agrela (C.G.P. fl. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Nas imediações diversas linhas de água subsidiam a ribeira de Vides, afluente pela margem direita do rio Ave. A cerca de 27 km para este do complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e a menos de 35 km para sudeste das

¹⁴⁰ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-801(C). Silva (1986: 192, n° 38) refere um machado de talão com uma argola.

¹⁴¹ A sua entrada nesta instituição foi registada por Cardoso (1966: 247): “um machado de bronze, de tipo talão, procedente da freguesia de Serzedelo, concelho da Póvoa de Lanhoso. Of. de Ex.mo Snr. Dr. João Afonso de Almeida Carneiro”.

¹⁴² Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 32912.

mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. fl. 5-D Braga e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Coberto vegetal maioritariamente arbustivo e herbáceo, pontuado por manchas de arbóreas.

f. Identificado em 2006 durante os trabalhos de limpeza e manutenção da Via XVII¹⁴³. À superfície foram recolhidos fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual caracteristicamente enquadráveis na Idade do Bronze mas aparentemente não relacionados com qualquer estrutura.

g. Ótimas condições de visibilidade entre os quadrantes este e sudoeste, nomeadamente para o vale encaixado das ribeiras de Vides e de Arcela.

h. M.D.D.S., Braga.

i. Cunha & Barbosa 2006.

Vilela

(75) Vilela

a. Povoado (?).

b. Pousada.

c. 41.545272° N, -8.262562° W (Fig. 4.59), 140 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 71).

d. Idade do Bronze.



Figura 4.59 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 57, à escala 1/25 000, com localização de Castro de Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar.

e. Ocupa a vertente noroeste do cabeço onde, a par do cemitério, se encontra o campo de jogos de Vilela, distando cerca de 170 metros para noroeste deste. Trata-se de uma área onde os declives suaves são percorridos pela ribeira da Póvoa. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, tendencialmente porfiroide, de grão médio a fino, também conhecido como Granito de Braga. Muito próximo é possível observar outras variedades graníticas, como monzogranito de duas micas, tendencialmente porfiroide, de grão fino (Granito da Gonça), que se estende a nascente, monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio a fino (Granito de Pousadela), aflorado a norte, e uma pequena mancha de leucogranítico moscovítico-biotítico, de grão fino (Granito de Briteiros), aflorada a Este de Louredo (C.G.P. fl. 5-D Braga, esc. 1/50 000). Muito próximo do interflúvio formado pela junção entre a ribeira da Póvoa e os rios Pequeno e Ave, este último que corre a cerca de 600 metros do local de nordeste para sudoeste. No local diversas linhas de água confluem à margem esquerda da ribeira da Póvoa. A cerca de 27 km para oeste das jazidas de estanho de Vila Nune (Cabeceiras de Basto) e a cerca de 33 km para este-sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. fl. 5-D Braga e 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Área de campos agricultados onde se agrupam esparsas manchas de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas.

f. Foi identificado no perfil que cortou a vertente para a construção de uma moradia particular uma estrutura em negativo (fossa). Segundo Bettencourt & Silva (2003: 640) a fossa apresentava cerca de 40 cm de profundidade e cerca de 30 cm de largura. Na sua área imediata foram recolhidos, no mesmo perfil, fragmentos cerâmicos que

¹⁴³ Ao abrigo do *Projecto Vias Augustas – Valorização da Via XVII*, da responsabilidade de Armandino Cunha e de Rui Pedro Alves Barbosa.

revelam fabrico manual, pastas arenosas e cozeduras redutoras, cujas características permitem genericamente colocar a hipótese de ali ter ocorrido uma ocupação da Idade do Bronze.

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sudoeste, concretamente, para os vales da ribeira da Póvoa e dos rios Pequeno e Ave, este último que prossegue o seu curso para sudoeste.

h. M.D.D.S., em Braga.

i. Bettencourt & Silva (2003).

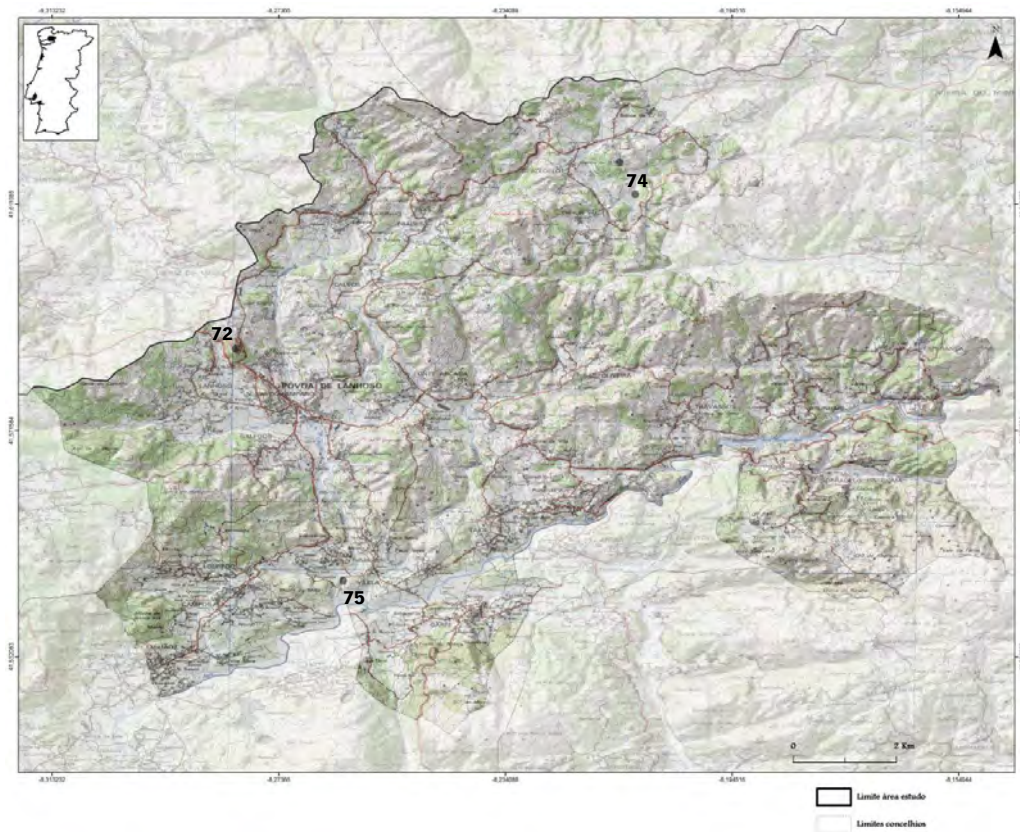


Figura 4.60 – Excertos de C.M.P., folhas 57 e 71, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Póvoa de Lanhoso e sítios catalogados: 72 – Castro de Lanhoso/Castelo Lanhoso/Castelo da Póvoa/Monte Pilar/Monte Senhora do Pilar; 74 – Mata da Camarôa; 75 – Vilela.

1.2.1.7. Concelho de Vieira do Minho

Eira Vedra

(76) Poço das Várzeas

- a. Povoado¹⁴⁴.
- b. Rechã.
- c. 41.655192° N, -8.144417° W (Fig. 4.61), 685 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 43).
- D. Idade do Bronze (?).



Figura 4.61 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 43, à escala 1/25 000, com localização de Poço das Várzeas.

e. Ocupa a vertente sul da Serra da Cabreira, numa área bem recortada e onde encaixam diversas linhas de água que subsidiam ribeiros imediatos. Monzogranito biotítico, com rara moscovite, porfiroide, de grão médio, também conhecido como Granito de Agrela (C.G.P. 6-C Cabeceiras de Basto, esc. 1/50 000). Presença de diversos afloramentos graníticos. Na vertente da elevação diversas linhas de água engrossam a ribeira de Cantelães que, por sua vez, desaguam na Albufeira do Ermal. A cerca de 15 km para sudoeste do complexo de jazidas de estanho de Campos (Vieira do Minho) (C.G.P. 5-D Braga e 6-C Cabeceiras de Basto, esc. 1/50 000). Num raio máximo de pouco mais de 6 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado e seus afluentes, a norte, e Ave, a sul, com especial incidência na Albufeira do Ermal, à qual convergem diversas ribeiras e rios imediatos. Coberto vegetal de espécies arbóreas aglomeradas em pequenas manchas, predominando a vegetação arbustiva e herbácea

f. Identificado em 2004 no âmbito da execução do *Itinerário de Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho*. Referem Fontes & Roriz (2012: 131) que “*Nos taludes junto ao estradão que vai para o Santuário de N^a Sr^a da Fé, identificaram-se sedimentações de carácter antrópico, com níveis de argamassa e carvões que incorporam fragmentos de cerâmica de fabrico manual*”.

g. Ótimas condições de visibilidade para sul, concretamente para o vale formado pela junção de diversos ribeiros que, situados nas faldas da vertente, vão desaguar à Albufeira do Ermal.

h. M.D.D.S., em Braga.

i. Fontes & Roriz (2007, 2012).

Rossas

(77) Monte do Castelo

- a. Povoado de fossas.
- b. Monte de Rossas.
- c. 41.566274° N, -8.097369° W (Fig. 4.62), 650 metros (C.M.P., S.C.E. 1/25 000, fl. 58).
- d. Idade do Bronze Final (?)/Idade do Ferro.

¹⁴⁴ Entrada no Endovélico relativa a vestígios de superfície com o CNS 29997.



Figura 4.62 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 58, à escala 1/25 000, com localização de Monte do Castelo.

e. Ocupa o topo da vertente norte do Monte de Rossas, numa área de declive atenuado. Granito porfiroide de grão grosseiro, com duas micas, essencialmente biotítico, também conhecido como Granito de Amarante e de Celorico de Basto (C.G.P. fl. 10-A Celorico de Basto, esc. 1/50 000). Linhas de água imediatas convergem à margem direita da ribeira de Lama, afluente pela margem esquerda do rio Ave, situado a cerca de 1 km para norte. A cerca de 10 km para este das jazidas de estanho de Gondarém (Cabeceiras de Basto), a cerca de 18 km para sudoeste do complexo de jazidas de estanho de Campos (Vieira do Minho)/Salto (Montalegre) e a mais de 45 km para este-sudeste das mineralizações de ouro de Portela das Cabras (Vila Verde) (C.G.P. 5-D Braga e 6-C Cabeceiras de Basto, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 15 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado e seus afluentes, a norte, e Ave, a nor-noroeste, em especial na Albufeira do Ermal e seus rios e ribeiros imediatos. Coberto vegetal arbustivo e herbáceo.

f. Identificado por Ana M. S. Bettencourt após visita ao local, a pedido do então Instituto Português do Património Cultural. No perfil de um estradão que acede à plataforma superior do monte foi possível identificar uma fossa e uma vala abertas diretamente no substrato rochoso. Ali foram recolhidos dezenas de fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual e pastas arenosas, tecnologicamente enquadráveis na Idade do Bronze. Segundo Bettencourt (1996) estes vestígios parecem indiciar a ocupação da área superior do monte, ainda que nas várias plataformas artificiais a este e a oeste se verifique uma ocupação posterior, já de fase histórica (corroborada por diversos materiais cerâmicos com cores escuras e adição intencional de micas, com especial destaque para um fragmento de panela de asa interior).

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes norte e noroeste, área por onde se desenvolve o vale do rio Ave.

h. M.D.D.S., em Braga.

i. Bettencourt (1996).

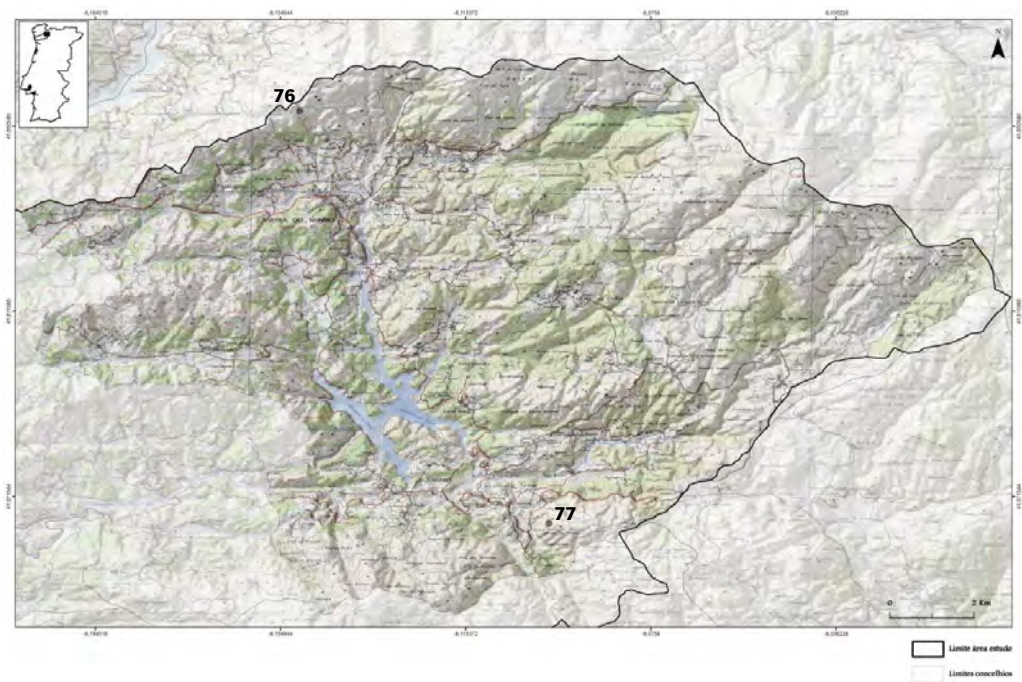


Figura 4.63 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 43, 44, 57 e 58, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vieira do Minho e sítios catalogados: 76 – Poço das Várzeas; 77 – Monte do Castelo.

1.2.1.8. Concelho de Vila Nova de Famalicão

Bairro

(78) Quinta da Bouça

- a. Contexto funerário: sepulturas planas (?)¹⁴⁶.
- b. Quinta da Bouça.
- c. 41.375436° N, -8.426836° W (localização aproximada) (Fig. 4.64), 115/120 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E. fl. 98).
- D. Idade do Bronze Médio (?) ou Final.



Figura 4.64 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Bouça.

e. Ocupa um patamar que se desenvolve de nordeste para sudoeste, junto à margem direita do rio Ave, e que oscila entre pouco mais de 100 metros de altitude. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão médio, também denominado de Granito de Burgães, Selho e Arões (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Anexo à margem direita do rio Ave e a cerca de 1,5 km do interflúvio deste rio com o rio Vizela. A cerca de 15 km para este-sudeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 3 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ave e Vizela. Zona de terrenos de cultivo pontualmente manchadas por pequenos aglomerados de espécies arbóreas.

f. Achados ocasionais ocorridos a 3 de setembro de 1906, durante a preparação de um campo “*para plantação de vinhedo, um terreno inculto da Quinta da Bouça (...), sita na freguesia de Bairro, concelho de Villa Nova de Famalicão*” (Fortes 1905-1908g: 413). Pelos escritos deste autor (Fortes 1905-1908g: 413) sabe-se que “*À profundidade de 0m,55 apareceu de súbito o bracelete, ourejando num meio que, á mingoa da cohesão normal, denunciava antiga cava (...), numa área rectangular*”.

Segundo Armbruster & Parreira (1993: 114-115, n° 54) o bracelete¹⁴⁶ mede 8 cm de diâmetro por 7 mm de espessura, pesando 180,2 g. Corresponde a um aro elipsoidal aberto e maciço, não decorado, cuja secção é subcircular mas que adelgaça ligeiramente nas extremidades, sendo a face interna acentuadamente aplanada. Ambas as extremidades foram marteladas e encontram-se justapostas, sobrepondo-se.

Mencione-se, também, “*o aparecimento no mesmo terreno, á distancia de cerca de 100 metros, de duas vasilhas hermeticamente tampadas e contendo «terra em pó»*” (Fortes 1905-1908b: 413-414). Entre as formas cerâmicas recuperadas figuram um largo bordo horizontal¹⁴⁷ – forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) –, um púcaro carenado na pança¹⁴⁸ – forma 10 (Bettencourt 1999) – e um troncocónico¹⁴⁹ – forma 14 (Bettencourt 1999), além de restos de uma forma inédita¹⁵⁰ (Dinis *et al.* 2005; Bettencourt 2011a: 123) (Tab. 4.16).

¹⁴⁶ Entrada no Endovélico relativa a achados isolados com o CNS 6872.

¹⁴⁷ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 26.

¹⁴⁸ Em depósito no G.A.C.M.V.F., em Vila Nova de Famalicão, com o número de inventário GA-F02007-00094.

¹⁴⁹ Em depósito no G.A.C.M.V.N.F., em Vila Nova de Famalicão, com o número de inventário GA-F02007-00092.

¹⁵⁰ Em depósito no G.A.C.M.V.N.F., em Vila Nova de Famalicão, com o número de inventário GA-F02007-00093.

¹⁵¹ Em depósito no G.A.C.M.V.N.F., em Vila Nova de Famalicão, com o número de inventário GA-F02007-00091.

Tabela 4.16 – Características dos vasos cerâmicos de Quinta da Bouça (adaptado de Dinis et al. 2005)

Nº Inv.	Forma	Dimensões		Base	Secção asa	Fuligem	Deco.
		Alt.	Diâm.				
2007-00092	10a	12	9,5	Fundo plano simples	Fita	N	N
2007-00091	11	6,7	9,6	Côncava	-	N	N
2007-00094	13c	12	9,5	Côncava	nd	S	S
2007-00093	14	8,5	17,4	Fundo plano simples	nd	N	N

O vaso de largo bordo horizontal apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com inclusão de quartzos, sendo as paredes internas e externas alisadas. Falta-lhe o elemento de prensão vertical – provavelmente perdido por quebra durante a descoberta – e apresenta composição decorativa que se distribui ao longo de toda a parte interna do bordo. Nela estão representadas incisões de linhas oblíquas em relação ao lábio, formando um motivo em espécie de espina, divididas por uma linha incisa que corre ao longo de todo o bordo no sentido paralelo ao lábio. Este exemplar denota vestígios de contacto com o fogo, perceptível pela presença de fuligem na parte exterior, em especial na área da pança.

O púcaro carenado revela fabrico manual, pasta arenosa, de coloração bege com tons alaranjados, e alisamento na parede externa e na parede interna (apenas no colo). A carena baixa divide o colo da pança, detendo a parte superior a feição sub-troncocónica, com as paredes ligeiramente côncavas, e a parte inferior a forma semiesférica. O fundo é plano. Detinha um elemento de prensão vertical de secção em fita que arrancava do bordo e liga à carena, embora apenas restem ambos os arranques.

O troncocónico revela fabrico manual, cozedura redutora, pasta arenosa, sendo a parede externa alisada, o bordo reentrante e o fundo convexo. Além da falta de um grande fragmento de pança e do bordo seria possível que incluísse, nesta zona, um elemento de prensão vertical. Não apresenta qualquer decoração.

Este conjunto de materialidade permite a Bettencourt (2011b: 123) equacionar uma utilização do local como necrópole, provavelmente de sepulturas planas, enquadrando-se os materiais recuperados na Idade do Bronze Médio e Final.

g. Ótimas condições de visibilidade para nascente e para poente, em concreto para o vale do rio Ave.

h. M.N.A., Lisboa, G.A.C.M.V.N.F., Vila Nova de Famalicão.

i. Fortes (1905-1908g), Armbruster & Parreira (1993), Dinis *et al.* (20005), Bettencourt (2011b).

Calendário (S. João)

(79) Monte do Facho

a. Povoado¹⁵¹.

b. Monte do Facho.

c. 41.402077° N, -8.547241° W (Fig. 4.65), 268 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 83).

d. Calcolítico, Idade do Bronze Final.



Figura 4.65 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Bouça.

¹⁵¹ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 2444.

e. Ocupa um outeiro de altitude média alongado no sentido norte-sul que se situa em faixa de vale, entre o rio Ave, a sul, e o rio Este, a norte, e nas imediações do interface entre rochas graníticas e silúricas. Granito hercínico, monzogranito predominantemente biotítico, porfiroide, de grão muito grosseiro ou apenas grosseiro, que inclui filões de xistos amplitosos. A sudoeste contacta com uma faixa de xistos e grauvaques silúricos que incluem corneanas, xistos andaluzíticos, granatíferos, luzentes, etc., que se vem desenvolvendo no sentido sudeste-noroeste (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Nas encostas nor-noroeste e su-sudeste do outeiro nascem linhas de água tributárias dos rios Este e Ave, respectivamente. Na vertente sudeste-este estes encaminham-se para o rio Pelhe, tributário da margem direita do rio Ave. A menos de 5 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 10 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios este, a norte, Pelhe, a nascente, e Ave, a sul. Coberto vegetal predominantemente arbóreo acompanhado de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Dinis (1993: 118) recolheu à superfície, entre outras materialidades de períodos posteriores, vários fragmentos de “cerâmica manual, grosseira, de cores predominantemente escuras-castanhas ou acinzentadas e geralmente com cozeduras deficientes” técnica e morfologicamente enquadráveis na Idade do Bronze. O seu estudo permitiu-lhe identificar genericamente três grupos formais: um primeiro grupo, que considera como “vasos de contenção”, é formado por potes de grandes dimensões (Est. XXVII, 10-11) “aparentemente sem vestígios de utilização sobre o fogo (...), perfil em S, colo curto, pança esférica e lábios adelgaçados”; um segundo grupo, que inclui três recipientes (Est. XXVII, 3, 6, 7) “pertencentes ao mesmo grupo de potes, mas com funcionalidade distinta dos anteriores”, inclui um recipiente de médias dimensões “com bordo ligeiramente esvasado, ombros quase rectos e lábio arredondado” (Dinis 1993: 55), um recipiente de grandes dimensões “de superfícies menos cuidadas, com vestígios de utilização no fogo (...), com o bordo ligeiramente reentrante e (...) lábio espessado para o exterior” (Dinis 1993: 54-55) e um terceiro recipiente, também de grandes dimensões, “de superfícies rugosas, com perfil em S pouco acentuado, com colo incipiente, e lábios arredondados” (Dinis 1993: 55). Um terceiro grupo é revelado pela colagem de três fragmentos de bordo e parte da pança pertencentes a uma forma troncocónica, apresentando “decoração simples composta por linhas paralelas incisadas que se desenvolvem, horizontalmente, sob o bordo” (Dinis 1993: 120).

Entre aqueles materiais Dinis (1993: 110) identifica, ainda, alguns fragmentos de fabrico manual decorados com incisões metopadas e pertencentes ao grupo cerâmico tipo “Penha”. Da colagem de 5 fragmentos (Est. XXVII, 4) é possível reconstruir “parte do bojo de um recipiente, provavelmente, esférico ou hemisférico, com vestígios de utilização no fogo” com uma “organização decorativa (...) [formando] uma sequência de linhas quebradas horizontais, separadas por uma linha incisada vertical e delimitada na base por uma linha também incisada”.

g. Ótimas condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sul, concretamente, para o vale do rio Pelhe. Dali é possível avistar o Monte do Facho, situado a sudeste.

h. G.A.C.M.V.N.F., Vila Nova de Famalicão.

i. Dinis (1993).

(80) Monte de S. Miguel-o-Anjo

a. Achado metálico¹⁵².

b. S. Miguel-o-Anjo

d. Idade do Bronze.

f. O local foi caracterizado por Sarmento (1887-1888: 231) como um “outeiro isolado, onde são ainda hoje muito visíveis os vestígios d’uma povoação do typo da Citânia, mas de muito menores dimensões”.

Pese embora alguma controvérsia, tem sido associado a este sítio um machado de talão em chumbo com uma argola¹⁵³. Entre outros autores que associam este objeto ao Castro de S. Miguel-o-Anjo refiram-se, por exemplo, Cardoso (1963: 119), Monteagudo (1965: 28, nº 45; 1977: 189, nº 1170), Coffyn (1985: 195, Carte 33, nº 55), Silva (1986: 192, nº 43) ou Dinis (1993: 113).

Monteagudo (1977: 189, nº 1170) considera-o como o resultado do vazamento de um antigo machado e enquadra-o na “Gran familia de las «hachas de tope com 3 nervios» (...) [com la] *Mitad superior de la hoja rectangular, mitad inferior algo campanulada*” (Monteagudo 1965: 28, nº 45). Apresenta 19,4 cm de comprimento dos quais 7,9 cm

¹⁵² Entrada no Endovélico relativa a achados isolados com o CNS 6879.

¹⁵³ Em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, com o número de inventário MSA-784(C).

de talão, 4,9 cm de largura na lâmina e 2,9 cm no talão, 2,8 cm de espessura e pesa 500 gr. Possui nervura central com 6,8 cm de comprimento e uma argola e um dos cantos do talão e do gume fraturados.

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Sarmento (1887-1888), Monteagudo (1965, 1977), Dinis (1993).

Gondifelos

(81) Penices

a. Povoado⁵⁴.

b. Penices.

c. 41.413537° N, -8.609005° W (Fig. 4.66), 99 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E. fl. 83).

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.66 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta da Bouça.

e. Ocupa um remate de esporão noroeste da serra de Cavalões, anexo à margem esquerda do rio Este, onde o entrecortado provocado pela hidrologia moldou a encosta noroeste. Implementa-se sobre a zona de contacto entre rochas eruptivas, nomeadamente granito de grão médio ou grosseiro, também denominado de Granito de Gondifelos, e o Complexo xisto grauváquico e séries derivadas, concretamente corneanas, xistos andaluzíticos, granatíferos, luzentes, etc., (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, 1/50 000). Sobranceiro à margem esquerda do rio Este, a inflexão do curso fluvial para sul forma um cotovelo que rodeia grande parte da elevação. Ali, diversas linhas de água afluem diretamente para a margem esquerda do referido caudal e, também, para sul, desembocando na margem esquerda do rio Ave. A cerca de 4 km para oeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 9 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Este, a sul, Pelhe a nascente, e Ave, a sul. Coberto vegetal predominantemente arbóreo e arbustivo.

f. Trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos entre 1988 e 1990 sob a direção conjunta de Fernando Queiroga e de António Dinis.

Assentando sobre um remate de esporão, cujo quadrante oeste é vincadamente escarpado, a ligação ao maciço orográfico, por sudeste, foi reforçada com três taludes e igual número de fossos.

A cronologia ocupacional mais antiga proposta para este sítio, segundo os trabalhos de escavação ali realizados, data da Idade Bronze Final, embora as estruturas melhor preservadas pertençam ao que Dinis (1993-1994: 183) e Queiroga (1992: 30) denominam de Fases II e III, balizadas entre os séculos VII AC e I DC.

Queiroga (1992: 30) refere que “*remains of hut pavements made out of fired clay with post-holes are (...) presented in the oldest phase at Castro de Penices (...), showing a reasonably high occupation density and dating to the VIII-VII-century BC*”. No entanto, estes vestígios encontravam-se “*nearly always damaged or seriously destroyed by subsequent building*” (Queiroga 1992: 30). O autor prossegue referindo que “*Dwelling structures of this [first] phase were built in perishable materials and their floors were paved with fire clay. These huts were circular (...) and some contained hearths. Very few sherds of the initial occupational phase had mica inclusions in the sandy fabric, although the fabric became increasing by micaceous as the period progressed*” (Queiroga 1992: 42-43).

⁵⁴ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 2592.

A produção metalúrgica pode ser aferida pela “*presence of smelting residues in soil samples, by one bronze bar and several bronze ornaments*” (Queiroga 1992: 43). Análises a amostras de solos revelaram “*carbonized remains of seeds, which indicate that wide range of species was cultivated, especially cereals and pulses*” (Queiroga 1992: 43). Com base nas datas de C¹⁴ disponíveis para os estratos mais antigos, “*this phase could have lasted from circa 968 to 380 BC*” (Queiroga 1992: 43)¹⁵⁵.

Dinis (1993) situa o primeiro momento de ocupação no que denomina de Fase I, balizada entre os séculos X/IX e VII/VI AC (Dinis 1993: 115), localizando-o “*na plataforma superior*”. Esta ocupação foi “*atestada pelo achado de fragmentos de cerâmica, nalguns casos em articulação com parcos vestígios de prováveis estruturas domésticas compostas por pavimentos em argila, por vezes com buracos de poste*” (Dinis 1993: 119). Escassos fragmentos cerâmicos foram igualmente identificados “*no enchimento da muralha pétreá*” (Dinis 1993: 117). Não verificando relações diretas destes vestígios antigos com estruturas defensivas, percebe a sua destruição aquando da edificação das muralhas, facto que terá complicado a estratigrafia. Este autor (Dinis 1993: 123), com base em quatro datações absolutas “*atribuíveis aos séc. VII e VI AC, obtidas de contextos habitacionais relacionados com produções cerâmicas que já adicionam de forma intencional palhetas de mica às pastas*”, determina um “*marco para o estabelecimento do final da Fase I que não terá ultrapassado (...) o séc. VII AC*”. Suporta esta ideia, no âmbito de uma rutura nada acentuada e na “*composição das pastas, alisamento e cosedura*” dos inícios da Fase II, que lembram “*técnicas remanescentes dos finais da Idade do Bronze*” (Dinis 1993-1994: 184).

Neste sítio foi, ainda, recuperado um fragmento de um machado, cujo reduzido tamanho não permite aferir a tipologia. Apenas ficou conservada a sua parte proximal (talão), de secção subrectangular. Detém 2,5 de comprimento, 4,6 cm de largura, 1,3 cm de espessura e 37,8 g de peso. As suas superfícies apresentam-se ligeiramente corroidas e, de ambos os lados, é possível identificar rebarbas de fundição. Segundo A. Dinis (1993-1994: 190) a análise à sua composição química apresenta maior quantidade de cobre (65%) e elevada presença de estanho (15,4%) e de chumbo (18,7%), revelando ser uma produção de liga ternária.

g. O local tem bom domínio visual para o vale do rio Este, que contorna praticamente metade do local a menos de 100 metros, entre os quadrantes nordeste e sudoeste. Dali avista-se o monte da Saia, situado a pouco mais de 3 km para nordeste e a Cividade de Bagunte, a sudoeste.

h. G.A.C.M.V.N.F., Vila Nova de Famalicão.

i. Queiroga (1992, 2005), Dinis (1993, 1993-1994).

Louro

(82) Lugar da Bouça

a. Depósito metálico¹⁵⁶.

b. Bouça.

d. Idade do Bronze Final.

f. Fortes (1905-1908d: 662) regista a aquisição pelo então Museu Municipal do Porto, no Porto¹⁵⁷, de “*dous machados de bronze, achados ocasionalmente no logar da Bouça, freguesia de Louro*”¹⁵⁸.

Trata-se de um machado de talão com uma argola¹⁵⁹ e de um machado de alvado com uma argola¹⁶⁰ (Fortes 1905-1908d: 662). Anos mais tarde, Russel Cortez (1946: 73, 87), aquando da sistematização de *Machados e outros objetos de bronze* pertença da coleção do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, torna a referir-se a estes machados como integrando um mesmo achado, referindo “*Apareceu junto do estudado sob o número 302*” (correspondente ao machado de alvado) e “*Apareceu conjuntamente com o n.º 223*” (relativo ao machado de talão).

¹⁵⁵ Ref. lab. ICEN-467, 2640±60 BP, 973-590 Cal BC (1 Sigma) (Queiroga 1992: 377). Uma segunda datação, com a ref. lab. ICEN-832, 2530±45, 790-758, 679-650, 650-547 Cal BC (1 Sigma) (Queiroga 1992: 383-385). Uma terceira ref. lab. ICEN-831, 2420±45, 763-402 Cal BC (1 Sigma) (Queiroga 1992: 392). Uma quarta ref. lab. ICEN-833, 2380±60, 766-378 Cal BC (1 Sigma) (Queiroga 1992: 394).

¹⁵⁶ Entrada no Endovélico relativa a achado isolado com o CNS 6270.

¹⁵⁷ Estes objetos integram atualmente a coleção no M.N.S.R., no Porto, conforme indicação de F. Russel Cortez (1946) com os números de inventário 223 e 302.

¹⁵⁸ Poderá ter sido com base na notícia adiantada por Fortes (1905-1908d: 662), onde são noticiados estes dois machados e um terceiro exemplar (machado de talão com uma argola) proveniente de Barcelos, que Pinto (1930: 306) declara que de Louro provêm três machados. Refere o autor (Pinto 1930: 306) que o terceiro exemplar (machado de talão com uma argola) detém “*duas caneluras no gume. Tipo vulgar. Compr. 0, 235 m.* [Seria oriundo] *Da Serra da Saia, Louro. No Museu Municipal do Porto há um machado de talão e um anel e outro de alvado e um anel da mesma freguesia (Cf. J. Fortes Loc. cit.)*”. Em benefício desta hipótese refira-se a menção de Monteagudo (1977, 216, n.º 1369, 253, n.º 1749) ao “*tesouro*” constituído apenas por dois machados.

¹⁵⁹ Em depósito no M.N.S.R., no Porto, com o número de inventário 7124.

¹⁶⁰ Em depósito no M.N.S.R., no Porto, com o número de inventário 7120.

Há, ainda, a menção a “tesouro”, registada por Monteagudo (1977: 216, n° 1369, 253, n° 1749). De resto, o facto de terem surgido em associação é a única pista que leva a considerar este achado como um depósito.

Note-se, ainda, que este exemplar foi erradamente dado como provenientes de Vila Nova de Famalicão por Savory (1951: 368), com base na notícia de Fortes (1905-1908d: 662).

As principais características destes objetos estão sintetizadas na Tabela 4.17.

O machado de talão mede 20,1 cm de comprimento, dos quais 6,5 cm de talão e 13,6 cm de lâmina, 2,5 cm de largura, 4,7 cm de gume e 2,8 cm de espessura. Detém nervura bifacial e pesa 920 g. O seu cone de fundição apresenta rebarbas rebatidas (Fortes 1905-1908d: 662) e talão encontra-se ligeiramente fraturado, conforme indicação de Russel Cortez (1946: 73) terá sido “mutilado” pelos achadores. Segundo Monteagudo (1965: 30, n° 51, Lâmina 2, n° 51) pertence à “Gran familia de las «hachas de tope com 3 nervios» (...) [com la] *Mitad superior de la hoja rectangular, mitad inferior algo campanulada*”.

O segundo exemplar, aparecido juntamente com o anterior – sendo ambos classificados como “tesouro” (Monteagudo 1977: 216, n° 1369, 253, n° 1749) – corresponde a um machado de alvado com uma argola. Mede 14,5 cm de comprimento, 4,1 cm de gume e 3,7 cm de largura de alvado cuja profundidade atinge os 9 cm e 2,5 cm de espessura. Pesa 295 g. Segundo Monteagudo (1965: 30, n° 51, Lâmina 2, n° 51) é “estrecha e larga, com nervo axial” (Monteagudo). Fortes (1905-1908: 662) refere que “chegou a ser preparado para o trabalho, rebatendo-se-lhe as rebarbas e afiando-se-lhe o gume”.

Este exemplar encontra-se decorado na junção entre a lâmina e o alvado, com um “V”. Paralelos com a decoração em “V”, em específico são conhecidos em Prisăcăreni (Gutter 1885 em Niculică 2013), de Siret-Dealul Ruina (Ignat 2000 em Niculică 2013), Hasag (Giugudeau *et al.* 2010) e Soars (Giugudeau *et al.* 2010), todos locais na atual Roménia.

Tabela 4.17 – Dimensões dos machados da Bouça/Louro

N° Inv.	Dimensões			Diâm. Alvado	Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Obs.
	Compr.	Larg.	Espes.					
MMP-223	20,1	2,5	2,8	n.a.	N	-	920	Fraturado no talão
MMP-302	14,5	4,1	-	3,7	-	-	295	Decorado

n.a. não aplicável

Recentes análises à sua composição química estão disponíveis (Bottaini 2012) (Tabela 4.18).

Tabela 4.18 – Composição química do machado de alvado da Bouça/Louro

N° Inv.	Depósito	Cu	Sn	Pb	Bibliog.
7120	M.N.S.R.	92,1±0,4	5,9±0,6	1,9±0,2	Bottaini 2012

h. M.N.S.R., Porto.

i. Fortes (1905-1908d), Pinto (1930), Russel Cortez (1946), Monteagudo (1977), Giugudeau *et al.* (2010), Bottaini (2012), Niculică (2013).

Nine

(83) Nine

a. Achado metálico.

d. Idade do Bronze Final.

f. Machado de talão em bronze com duas argolas¹⁶¹ (Correia 1928: Abb. S. 149). Mede 24,3 de comprimento, 5,1 cm de largura e 2,3 cm de espessura (Monteagudo 1977: 181, n° 1131).

h. M.H.N.F.C.P., Porto.

i. Correia (1928), Monteagudo (1977).

¹⁶¹ Em depósito no M.H.N.A.F.C.P., no Porto.

Sezures

(84) S. Vicente

- a. Achado áureo.
- b. Capela de S Vicente.
- c. 41,466142° N, -8,471005° W (Fig. 4.67), 290 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 84).
- d. Idade do Bronze Inicial.



Figura 4.67 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização de S. Vicente.

f. Segundo Ladra *et al.* (2003: 59) o objeto, uma gargantilha, corresponde a uma “*placa laminar, muito fina, com 0,5mm de espessura média, de forma subrectangular com recortes curvilíneos nos extremos de um dos lados maiores, com 176mm de comprimento e 36mm de largura*”.

Apresenta “*decoração a repuxado, geométrica, com um eixo de simetria, e dividida em quatro campos sensivelmente da mesma dimensão: os dois centrais são preenchidos por onze tiras paralelas horizontais, em cada campo, perpendiculares ao eixo de simetria, realizadas no anverso pelo deslizar de cortante sobre desenho prévio de que ainda se reconhecem vestígios; os campos laterais têm um recorte côncavo num dos lados e são decorados por uma orla, a repuxado, que enquadra duas áreas, as internas lisas e as exteriores preenchidas por três segmentos de caneluras paralelas, também feitas a repuxado*” (Ladra *et al.* 2003: 59). Não indicia sinais de fundição.

g. Sousa (2004: 41) precisa que a lâmina de tiras foi recolhida junto da capela de S. Vicente, na base de um penedo, durante as obras de construção da autoestrada A3 (Cf. Silva *et al* 2004). Refere ainda a autora (Sousa 2004: 41, nota 8) que esta “*Informação [foi] fornecida pelo antiquário que vendeu a peça, referindo que terão aparecido, junto com esta, variadas peças de ourivesaria e bronze, que terão sido vendidas pelos trabalhadores*”.

h. M.O.T., Póvoa do Lanhoso.

i. Ladra *et al.* (2003), Sousa (2004).

Vermoim

(85) Vermoim

- a. Povoado⁶².
- b. Monte do Marinho.
- c. 41.430208° N, -8.450138° W (Fig. 4.68), 356 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 84).
- d. Idade do Bronze Final, Idade do Ferro.



Figura 4.68 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 84, à escala 1/25 000, com localização de S. Vicente.

e. Protuberância na bordadura de uma elevação de média altitude, que se estabelece no prolongamento do acidente orográfico que se vem desenvolvendo desde a Serra do Carvalho na direção a Vila Nova de Famalicão. Monzogranitos predominantemente biotíticos, porfiroides, de grão muito grosseiro ou apenas grosseiro, monzogranitos biotíticos, porfiroides, de grão médio e monzogranitos de grão médio de tendência porfiroide, de duas micas, com predomínio de biotite (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). A menos de 4 km para nascente do sopé da elevação, no sentido nordeste-sudoeste, corre o rio Pele, que aflui à margem direita do rio Ave em Palmeira, e, por seu turno, a pouco mais de 3 km para oeste, corre o rio Pelhe, que desagua no mesmo curso fluvial cerca de 2 km adiante, em Lousado. A cerca de 11 km para este do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 4 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Pele, Pelhe e Este. Coberto vegetal maioritariamente arbóreo, densamente povoado por eucaliptos e pinheiros, a par de espécies arbustivas e herbáceas.

f. Referido pela sua imponência por Carvalho da Costa (1706-1712: 326).

É este autor (Queiroga 1992: 363, 378-379) que apresenta datações absolutas que recuam a ocupação mais antiga do local – Ref. lab. GAK-11463, 2920±160, 1500-1800 Cal BC (1 Sigma) e GAK-11462, 2600±120, 1007-410 Cal BC (1 Sigma) –, concretamente, para algures entre o segundo quartel do II e a 1ª metade do I milénios AC. A par deste argumento identifica, ainda que bastante perturbado, o que considera o resto de um fundo de cabana em associação a alguns materiais cerâmicos.

g. Boas condições de visibilidade para o vale do rio Pele, que se desenvolve a sudeste no sentido nordeste-sudoeste.

h. G.A.C.M.V.N.F., em Vila Nova de Famalicão.

i. Costa (1706-172), Queiroga (1992).

Vila Nova de Famalicão

(86) Vila Nova de Famalicão

- a. Achado metálico.
 - D. Idade do Bronze Final.
- f. Machado de talão em bronze com duas argolas e nervura central⁶³ oriundo de algures de Vila Nova de Famalicão.

⁶² Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 237.

⁶³ Oferecido ao então M.A.P. por intermédio do Sr. A. Ataíde, após aquisição junto de A. de Lima Figueirinhas (S/A 1928a: 93).

h. M.H.N.F.C.P., no Porto.

l. S/A (1928a: 93).

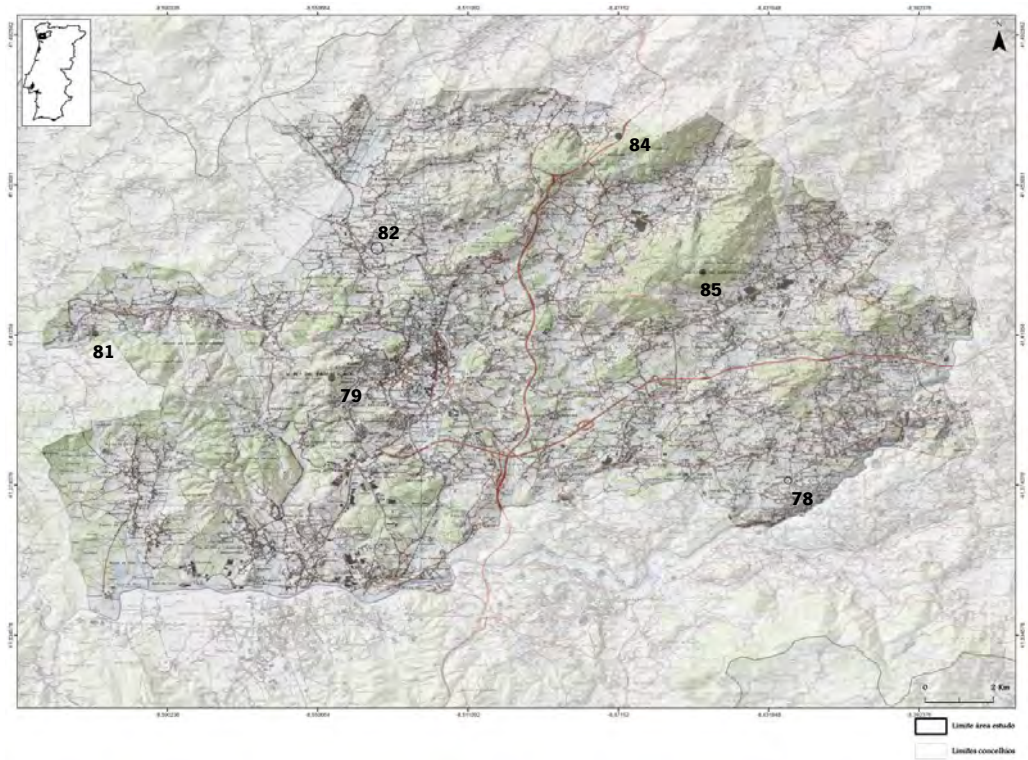


Figura 4.69 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 83, 84, 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vila Nova de Famalicão e sítios catalogados: 78 – Quinta da Bouça; 79 – Monte do Facho; 81 – Penices; 82 – Lugar da Bouça; 84 – S. Vicente; 85 – Vermoim.

1.2.1.9. Concelho de Vizela

Caldas de Vizela

(87) S. Bento

- a. Depósito (?) metálico.
- b. Monte de S. Bento.
- c. 41.385026° N, -8.287914° W (Fig. 4.70), 473 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 85).
- d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.70 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com localização de S. Bento.

e. Orografia que se desenvolve de nordeste para sudoeste, entre Tabuadelo e Caldas de Vizela, que não ultrapassa os 500 metros de altitude., ligando por nordeste ao Monte da Penha. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, conhecido como Granito de Guimarães e Santo Tirso, que contacta a nascente com granodiorito porfiroide, orientado, biotítico, com grandes megacristais de quartzo potássico, denominado de Granodiorito de Felgueiras (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Presença de inúmeros afloramentos graníticos. -se junto à margem esquerda do rio Vizela, do qual dista pouco mais do que 1 km. No local diversas linhas de água que ali nascem engrossam aquele curso fluvial. A cerca de 15 km para oeste-noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 13 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ave e Selho, a poente, e Vizela, Ferro e Bugio, a nascente. Coberto vegetal do tipo arbóreo, arbustivo e herbáceo. Fortemente urbanizado com estruturas lúdicas e de apoio ao culto cristão.

f. É por Cardoso (1971: 240, nota 1) que se tem conhecimento que “*No Monte de S. Bento apareceu (...) um punhal de bronze*”.

A precisão sobre o seu contexto de achado foi clarificada mais de uma década depois, por Sousa (1986). Segundo esta autora (Sousa 1986: 188-193) o punhal terá sido descoberto durante a construção de uma capela (a mais recente, já que havia já uma no local), na área traseira deste edifício, precisamente em zona de profusão de grandes afloramentos graníticos. A localização apontada corresponde ao topo su-sudeste do monte de S. Bento, onde ainda hoje é bem visível e frequente o agrupamento de afloramentos graníticos.

Estes dados permitem perceber que o local de depósito corresponde ao topo de um acidente orográfico que se destaca na demais paisagem, já que é ladeado por rios, ribeiros e linhas de água que o recortam entre vales. Apenas por nordeste esse destaque é mais ténue pelo qual liga, curiosamente, ao Monte da Penha.

O objeto recuperado é um punhal de bronze de tipo Porto de Mós, medindo 16,7 cm de comprimento, dos quais 15,5 seriam de lâmina, sem nervura, largura oscilando entre 10 e 2,5 cm e a espessura variando entre 0,5 e 0,7 cm. Incluía um espigão, largo e curto, com 1,5 cm de largura, 0,8 cm de comprimento e 0,3 cm de espessura máxima. Aquela autora (Sousa 1986:191) descreve o objeto como “*sem perfurações nem rebites e com duplo estrangulamento de 1 mm na zona de ligação à lâmina*”. No entanto, mesmo não podendo ter conseguido observar o objeto pessoalmente, por se desconhecer o seu paradeiro atual, o desenho apresentado naquela publicação indicia que cada lateral do espigão tem dois orifícios resultantes da aplicação de rebites. Esta característica, aliás, havia sido mencionada por Cardoso (1971: 244), cuja descrição aponta tal facto.

Paralelos com este objeto são conhecidos um pouco por todo o ocidente ibérico, em especial entre o Tejo e o Douro (Coffyn 1985), como por exemplo, os dois exemplares de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra, Aveiro (MacWhite 1951, Brandão 1963), ou de Alvaiázere, Leiria (Coffyn 1985).

g. Boas condições de visibilidade em todos os sentidos, mas especialmente para o vale do rio Vizela, entre os quadrantes nordeste e oeste.

h. Proprietário privado (Sr. Fonseca e Castro¹⁶⁴).

i. Cardoso (1971), Sousa (1986).

¹⁶⁴ Segundo referência de Sousa (1986: 193, nota 19) o punhal encontrava-se em posse do então provedor (em 1976) da Santa Casa da Misericórdia de Vizela.

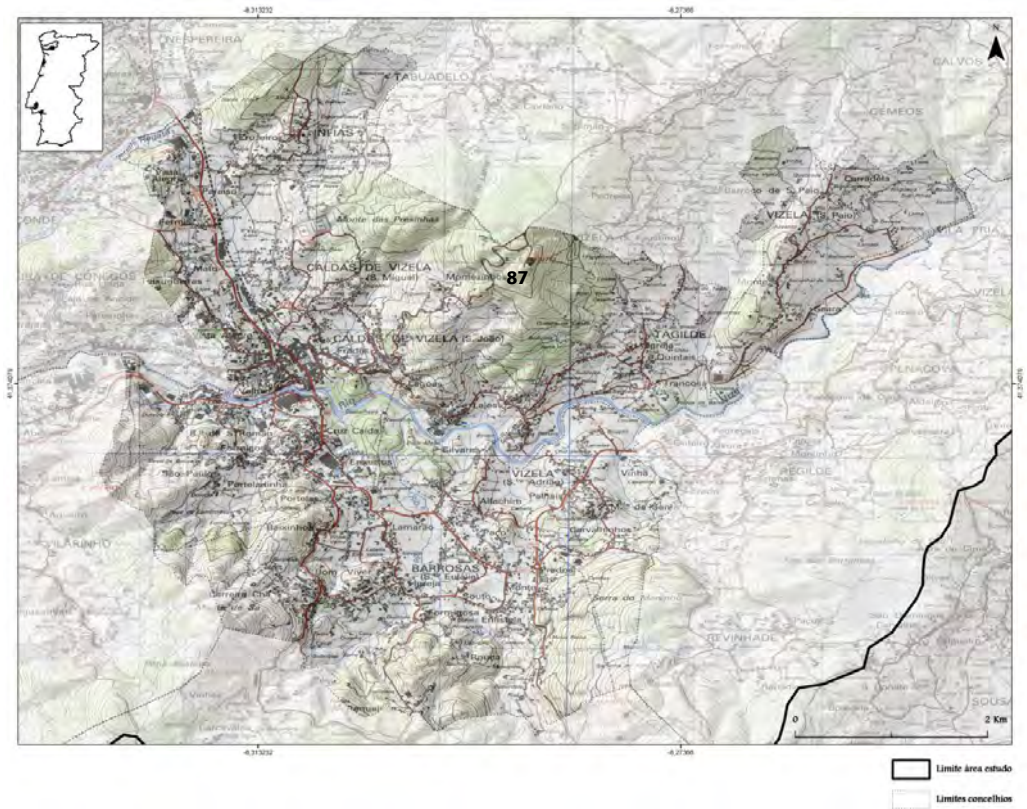


Figura 4.71 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 83, 84, 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vizela e sítios catalogados: 87 – S. Bento.

1.2.2. Distrito do Porto

1.2.2.1. Concelho de Felgueiras

Pinheiro

(88) Monte da Senhora do Pinheiro/Monte da Senhora Aparecida

- Depósito metálico.
- Monte da Senhora da Aparecida (localização aproximada – vertente sudoeste) (Fig. 4.72).
- Idade do Bronze Final.



Figura 4.72 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 99, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Monte da Senhora do Pinheiro/Monte da Senhora Aparecida.

f. O conjunto de objetos, segundo Pinto (1995: 270, nota 6), tem vindo a ser “*erradamente conotados com o lugar da Boavista, freguesia de Pinheiro*”, pelo que a sua descoberta foi da responsabilidade de “*um jornaleiro, residente neste lugar da Boavista, ao arrancar a raiz de uma árvore na encosta do castro de Pinheiro*”. Segundo aquele mesmo autor o jornaleiro já faleceu mas foi possível clarificar que o achado ocorreu na vertente sudoeste do monte da Senhora do Pinheiro (José M. M. Pinto, comunicação pessoal). Estes dados, embora escassos quanto à precisão do local de achado, são suficientes para confirmar a contextualização geomorfológica deste conjunto em ambiente de vertente, embora imediato a um curso fluvial de considerável dinâmica, o rio de Passarias.

O conjunto seria constituído por seis machados de talão com duas argolas e cone de fundição (Monteagudo 1977), dos quais apenas estão disponíveis os quatro exemplares atualmente em depósito no M.D.D.S., em Braga¹⁶⁵. Existe, contudo, a referência à posse de outros dois exemplares por um colecionador privado, que Monteagudo (1977: 172-173, n.ºs 1054 e 1055) refere como Dr. Pires de Lima, residente no Porto.

Quanto aos objetos em posse do M.D.D.S., em Braga, cujas principais características estão sintetizadas na Tabela 4.19, o machado com o número de inventário 2010.0064 mede 23,4 cm de comprimento, dos quais 3,2 cm de cone de fundição, 5 cm de largura de gume e 2,4 cm de espessura. Pesa 1245 g. O machado inventariado com o número 2010.0065 mede 23,8 cm, dos quais 3,3 cm pertencem ao cone de fundição, 5,4 cm de largura de gume e a espessura máxima de 2,6 cm. Pesa 1204 g. O machado 2010.0066 mede 24,4 cm de comprimento, dos quais 2,7 cm de cone de fundição, 5,2 cm de largura máxima de gume e 2,6 cm de espessura. Pesa 1373 g. Finalmente, o machado com o número de inventário 2010.0088 mede 24 cm de comprimento, dos quais 2,5 cm de cone de fundição, 5,2 cm de largura de gume e 2,8 cm de espessura. Pesa 1280 g.

Tabela 4.19 – Características técnicas, formais e químicas dos machados de talão

N.º Inv.	Composição química %				Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Ni	Comp.	Espes.				
2010.0064	≈66	≈3,1	≈31	-	23,4	2,4	N	S	1245	Bottaini (2012)
2010.0065	74	18	8,4	-	23,8	2,6	N	S	1204	Bottaini (2012)
2010.0066	72	4,6	23	0,1	24,4	2,6	N	S	1374	Bottaini (2012)
2010.0088	70	8	22	0,1	21,5	2,8	N	S	1280	Bottaini (2012)
1054	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	21,8	2,7	n.d.	S	n.d.	Monteagudo (1977)
1055	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	S	n.d.	Monteagudo (1977)

n.d. não disponível

¹⁶⁵ Com os números de inventário 2010.0064, 2010.0065, 1020.0066 e 2010.0088.

Quanto aos exemplares em posse do colecionador privado, pelas referências disponíveis de Monteagudo (1977: 172, nº1054), um terá sido vazado num molde muito semelhante ao exemplar com o número de inventário 2010.0065. Trata-se de um machado de talão com duas argolas e cone de fundição medindo 21,8 cm de comprimento, dos quais 1,8 cm de cone de fundição, 5,4 cm de largura e 2,7 cm de espessura. O outro exemplar, segundo aquele mesmo autor (Monteagudo 1977: 172-173, nº1055), seria também um machado de talão com duas argolas e, presumivelmente, cone de fundição, já que o autor o considera muito semelhante aos dois exemplares anteriores e os inclui no mesmo grupo tipológico. Infelizmente as suas dimensões não são apresentadas. O paradeiro atual destes dois exemplares é desconhecido, podendo encontrar-se em poder de um familiar do referido Dr. Pires de Lima.

Da observação dos quatro exemplares disponíveis em depósito no M.D.D.S., em Braga, sobressai a sua heterogeneidade ao nível formal e dimensional. De igual forma, o estudo de Bottaini (2012) (Tab. 4.19) permite verificar diferenças químicas verificadas ao nível inter-exemplar. As dimensões do conjunto variam entre 21,5 e 24,4 cm de comprimento, 2,4 e 2,8 cm de espessura e 1204 e 1374 gramas de peso. Quanto às análises químicas, verificam-se teores oscilantes de Cu entre ≈66 e 74%, de Sn entre ≈3,1 e 18%, de Pb entre 8,4 e ≈31% e de Ni, apenas vestigial e presente em dois exemplares, na quantidade de 0,1%.

h. M.D.D.S., em Braga.

i. Monteagudo (1977), Pinto (1995), Bottaini (2012).

(89) Monte da Senhora Aparecida

a. Povoado¹⁶⁶.

b. Monte da Senhora da Aparecida.

c. 41.371678° N, -8.151814° W (Fig. 4.73), 562 metros (C.M.P., S.C.E., fl. 99, esc. 1/25 000).

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.73 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 99, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Monte da Senhora do Pinheiro/Monte da Senhora Aparecida.

e. Ocupa a plataforma oblonga aplanada do topo monte da Senhora do Pinheiro, uma elevação que se desenvolve no sentido norte-sul formada por três cabeços. Situado na zona de cumeada que separa as bacias hidrográficas dos rios Ave (a norte), Sousa (a su-sudoeste) e Tâmega (a nascente). Zona de contato entre xistos e metagrauvaques com raros níveis de metaquartzitos (Unidade de Vila Nune) e monzogranitos biotíticos, porfíroides, de grão médio, também conhecido como Granito de Guimarães e Santo Tirso (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). No local as linhas de água imediatas subsidiam as bacias dos rios Bugio, a norte, Sousa, a su-sudoeste, afluentes dos rios Vizela e Douro, respetivamente, mas também o rio de Passarias, afluente da ribeira de Borba que aflui à ribeira Santa Justa, por sua vez afluente pela margem direita do rio Tâmega. A cerca de 1,5 km para noroeste do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 8 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Vizela, Bugio e Ferro, a nor-noroeste, e seus principais afluentes. Coberto vegetal predominantemente arbustivo e herbáceo. Atualmente urbanizado por instalações lúdicas e de apoio ao culto cristão.

¹⁶⁶ Com entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 16195.

f. Referido no Plano Diretor Municipal da Câmara Municipal de Felgueiras (VV.AA 1991). Sondagens arqueológicas efetuadas em 2005 na plataforma cimeira do monte, nas quais o signatário teve oportunidade de colaborar na qualidade de voluntário¹⁶⁷, permitiram identificar, entre materiais datáveis de época histórica, fragmentos cerâmicos tecnicamente enquadráveis na Idade do Bronze, o que permite a Pinto (2010) considerar a ocupação do local durante o Bronze Final.

Segundo indicações disponíveis na página da internet¹⁶⁸ da Direção Geral do Património Cultural, os contextos revolidos nos quais estes materiais se inseriam levam o coordenador dos trabalhos, José M. M. Pinto, a pressupor perturbações pós-deposicionais relacionadas com as ocupações do local em momentos posteriores, em especial a construção em época recente de uma capela nas imediações e respetivos melhoramentos para atividades lúdicas.

g. Ótimas condições de visibilidade em toda a envolvente.

h. G.A.C.M.F., Felgueiras.

i. VV.AA (1991), Pinto (1995, 2010).

¹⁶⁷ Concretamente, enquanto frequentava o 2º ano da licenciatura em Arqueologia na Universidade do Minho.

¹⁶⁸ Disponível em: <http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios.resultados&subsid=174253>.

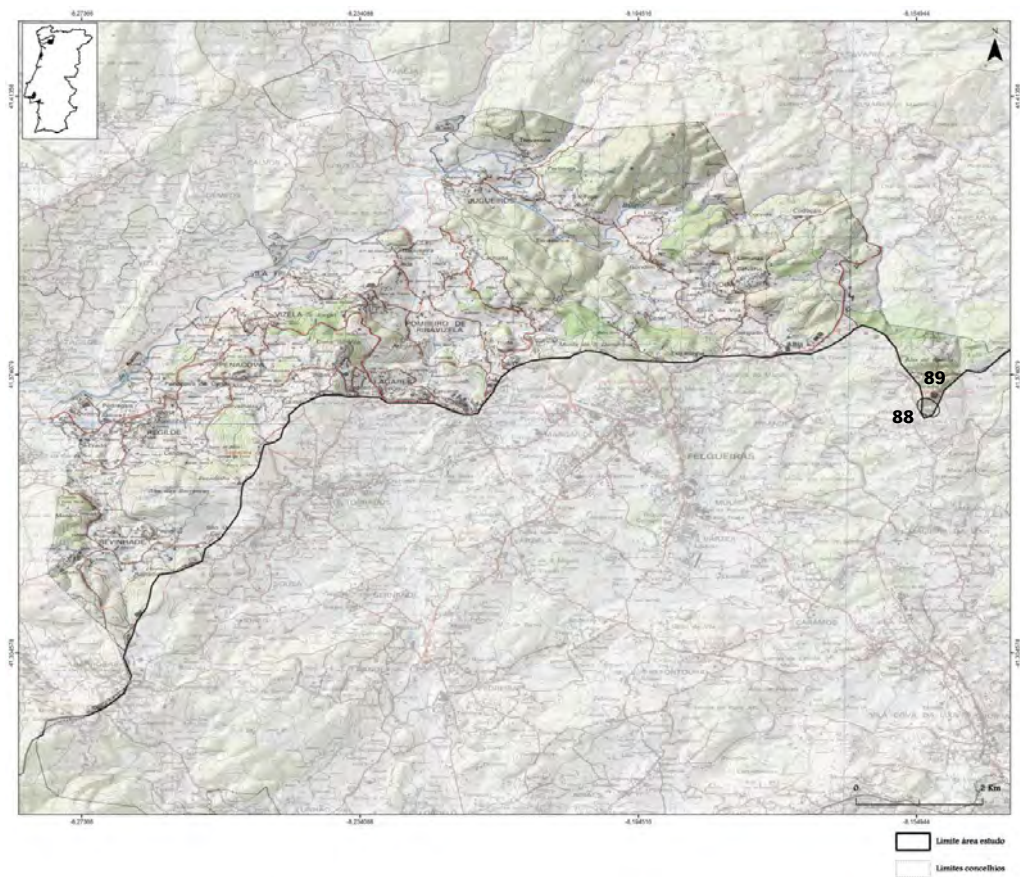


Figura 4.74 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 85, 86, 99 e 100, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Felgueiras e sitios catalogados: 88. Pinheiro/Senhora Aparecida; 89. Monte da Senhora Aparecida.

2.2.2. Concelho de Póvoa de Varzim

Beiriz

(90) Campo de Postigo

- Contexto funerário: em fossa¹⁶⁹.
- Campo de Postigo.
- 41.396043° N, -8.719769° W (Fig. 4.75), 54 metros (C.M.P., S.C.E., fl. 82, esc. 1/25 000).
- Idade do Bronze Médio.



Figura 4.75 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 82, à escala 1/25 000, com localização de Campo de Postigo.

e. Ocupa a vertente de uma pequena elevação com pouco mais de 60 metros que se implementa em plena plataforma litoral. Área de interface entre granito alcalino de grão médio ou grosseiro, também conhecido como Granito de Póvoa de Varzim (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). No local corre o regato da Pena, afluente pela margem direita do Rio Este, o qual se encontra a cerca de 4 km para sudeste. A pouco mais de 2 km para sudeste das jazidas de estanho de Touguinhó (Póvoa de Varzim), a pouco mais de 6 km para poente das jazidas de estanho de Bagunte (Vila do Conde) e a cerca de 15 km para oeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 13 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a nor-noroeste, e Ave, a su-sudeste. Predomínio dos terrenos agrícolas, esparsamente pontuados por pequenos aglomerados de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas. Atualmente encontra-se urbanizado.

f. Escavação de emergência ocorrida em 1981, da responsabilidade de Armando C. F. Silva, durante a construção de uma moradia particular. Os trabalhos permitiram identificar nos perfis abertos duas fossas e, possivelmente, uma terceira que, contudo, não terá sido escavada.

A estrutura melhor preservada (fossa 2) apresentava planta circular, secção oval e fundo aplanado. Atingia cerca de 1 m de diâmetro e cerca de 1,5 metros de profundidade e a leitura do seu corte estratigráfico, conforme indicação de Silva (1985: 17-18), permitiu identificar uma faixa de arena granítica no topo interpretada como tampa. Do seu enchimento foi possível recolher diversos fragmentos cerâmicos que permitiram reconstruir um vaso com 26 cm de diâmetro de boca e 35 cm de altura, decorado com traços verticais, ora feitos com o dedo (digitações arrastadas) ora incisos com recurso a instrumentos de espessura variável. Este vaso apresenta, ainda, quatro elementos plásticos distribuídos de forma simétrica na área de arranque da pança sob a forma de mamilos proeminentes. Foram, ainda, recolhidos fragmentos cerâmicos de outras quatro formas, um seixo, alguns elementos líticos de quartzo e um dente animal. Na generalidade os fragmentos cerâmicos recolhidos denotam fabrico manual e pastas arenosas, estando representados colos, panças e uma base plana.

Em análise ao contexto Silva (1993) propõe uma cronologia genericamente datável da Idade do Bronze Final, que associa à construção de uma necrópole de cremação. Para Dinis (1993: 113) são nítidas as semelhanças daqueles materiais com cerâmicas recolhidas em Bouça do Frade, em Baião. Bettencourt (2011b: 121), por sua vez, precisa a cronologia proposta por Silva (1993b), recuando o contexto para finais da Idade do Bronze Inicial ou inícios da Idade do Bronze Médio. Para tal baseia-se no vaso encontrado na fossa n.º 2, contexto que considera, pela ausência de enchimento detritico, sepulcral, e que “*encontra paralelo com um dos recipientes exumados recentemente na mamoa do Carreiro da Quinta, em Vila Verde, em contexto de reutilização sepulcral da Idade do Bronze, assim*

¹⁶⁹ Entrada no Endovélico relativa a fossas da Idade do Ferro com o CNS 2687.

como com o vaso encontrado, provavelmente numa das mamoas neolíticas dos Prados, Arcos de Valdevez (...), cujas aderências orgânicas datámos de entre finais do séc. XVIII aos finais do XVI a.C.”.

i. Ótimas condições de visibilidade para a linha costeira e para toda a envolvente, permitindo observar o Monte de S. Salvador (Terroso) e de S. Félix (Laundos), a norte, a serra de Rates (Rates), a nordeste, e o Monte da Cividade (Bagunte), a sudoeste.

h. Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, Póvoa de Varzim.

i. Silva (1985, 1993), Dinis (1993), Bettencourt (2011b).

Terroso

(91) Terroso

a. Povoado¹⁷⁰? Contexto funerário?

b. S. Salvador.

c. 41.412581° N, -8.721095° W (Fig. 4.76), 152 metros (C.M.P., S.C.E., fl. 82, esc. 1/25 000).

d. Idade do Bronze Médio (?).

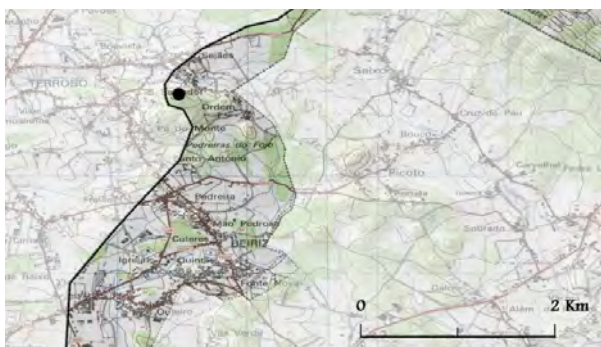


Figura 4.76 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 82, à escala 1/25 000, com localização de Terroso.

e. Ocupa uma colina destacada numa zona plana da plataforma litoral, frente à Serra de Rates, da qual se separa pelo vale da ribeira do Carvalho, com acentuado declive principalmente a norte. Granito alcalino de grão médio ou grosseiro, conhecido como Granito de Póvoa de Varzim, e granito porfiroide, denominado de Granito de Santo André. Do contacto destes granitos com os xistos e grauvaques presentes a nordeste, não muito distante para norte, desenvolve-se, no sentido sudeste-noroeste, uma faixa de xistos e grauvaques mais ou menos metamorizados que inclui conglomerados, arcoses, xistos com vegetais e grés micáceos, por vezes quartzíticos. A estes se sobrepõem, em determinados pontos, depósitos de praias antigas ou de terraços fluviais entre os 30 e os 50 metros de altitude (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). A ribeira do Carvalho, afluente do rio Ave, e a ribeira de São Tomé, subsidiária do rio Alto, que desagua diretamente para o Oceano Atlântico, separam a Serra de Rates da Cividade de Terroso. Na base do monte nasce o rio Esteiro, que rumo diretamente para o Oceano Atlântico. A cerca de 4 km para sudeste das jazidas de estanho de Touguinhó (Póvoa de Varzim), a cerca de 8 km para sudoeste das jazidas de estanho de Paradela (Póvoa de Varzim), a cerca de 8 km para noroeste das jazidas de estanho de Bagunte (Vila do Conde), a cerca de 16 km para oeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio máximo de 11 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Cávado, a norte, e Ave, a sul. Coberto vegetal predominantemente arbóreo pontuado por clareiras povoadas por espécies arbustivas e herbáceas.

f. Referido em início do século XVIII (Costa 1706: 313), a proeminência da ocupação percebe-se pelas três plataformas delimitadas por muralhas, destacando-se a acrópole, cuja forma oval atinge cerca de 90 m de comprimento por 50 m de largura.

Entre os materiais mais antigos ali encontrados Fortes (1905-1908a: 664) refere a recolha de um vaso cerâmico de bordo horizontal: “colhido nas recentes explorações da cidade de Terroso (...), em que, Rocha Peixoto e nós, descobrimos os valiosos fragmentos do collarinho ornamentado e ainda parte do bojo d’um vaso em forma de chapéu invertido (...) [denunciando] a mesma galba, a mesma manufactura grosseira, sem a roda, a mesma

¹⁷⁰ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 27.

technica decorativa (...) [que, pese embora a sua falta, levaria a] supôr-se, a existencia da aselha adventicia e dos mamilos da pansa”.

Embora Silva (1986, 1993), Dinis (1993), Silva & Gomes (1994), atendendo às cerâmicas descobertas por Fortes (1905-1908a), assumam a evolução daquele povoado a partir de um núcleo com origem no Bronze Final, Bettencourt (2011b: 124), após pequena sondagem no local, refere “*que existia um nível da Idade do Bronze por baixo do primeiro momento da Idade do Ferro que foi datado radiometricamente, como sendo dos inicios do séc. IV aos finais do III a.C. O material que observámos da Idade do Bronze era visivelmente distinto do da primeira Idade do Ferro, caracterizando-se por fragmentos muito grosseiros, mal cozidos, muito pequenos e rolados, indiciando terem estado à superfície, factores que nos levam a defender ter existido um hiato de ocupação entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro no local*”.

i. Bom domínio visual sobre as planície que o envolvem, a qual chega, no lado Oeste, até ao mar, no lado sul, até ao rio Ave e a sudeste até ao rio Este.

h. M.H.N.F.C.U.P., Porto.

i. Costa (1706), Fortes (1905-1908a), Silva (1986, 1993), Silva & Gomes (1993), Dinis (1993), Bettencourt (2011b).

Póvoa de Varzim

(92) Póvoa de Varzim

a. Contexto funerário(?)/achado metálico (?).

d. Idade do Bronze Médio.

f. Machado plano em bronze de tipo Bujões/Barcelos cujo contexto de origem não é claro¹¹¹. Segundo Monteagudo (1977: 118, n° 757A), detinha 15,7 cm de comprimento, 6,7 cm de largura e 1,65 cm de espessura. Aquele mesmo autor (Monteagudo 1977: 118, n° 757A) refere que o gume, quase semicircular, estava “amachucado” e estaria acompanhado de uma taça (?) cerâmica com 16,2 cm de diâmetro e 8,6 de altura e de um fragmento de lâmina de punhal em bronze.

h. Museu da Póvoa de Varzim, Póvoa de Varzim.

i. Monteagudo (1977).

¹¹¹ Se Monteagudo (1977: 118, n° 757A) adianta poder provir, presumivelmente, de um contexto sepulcral, já Bettencourt (2001: 16) refere-o como “*achado avulso*”.

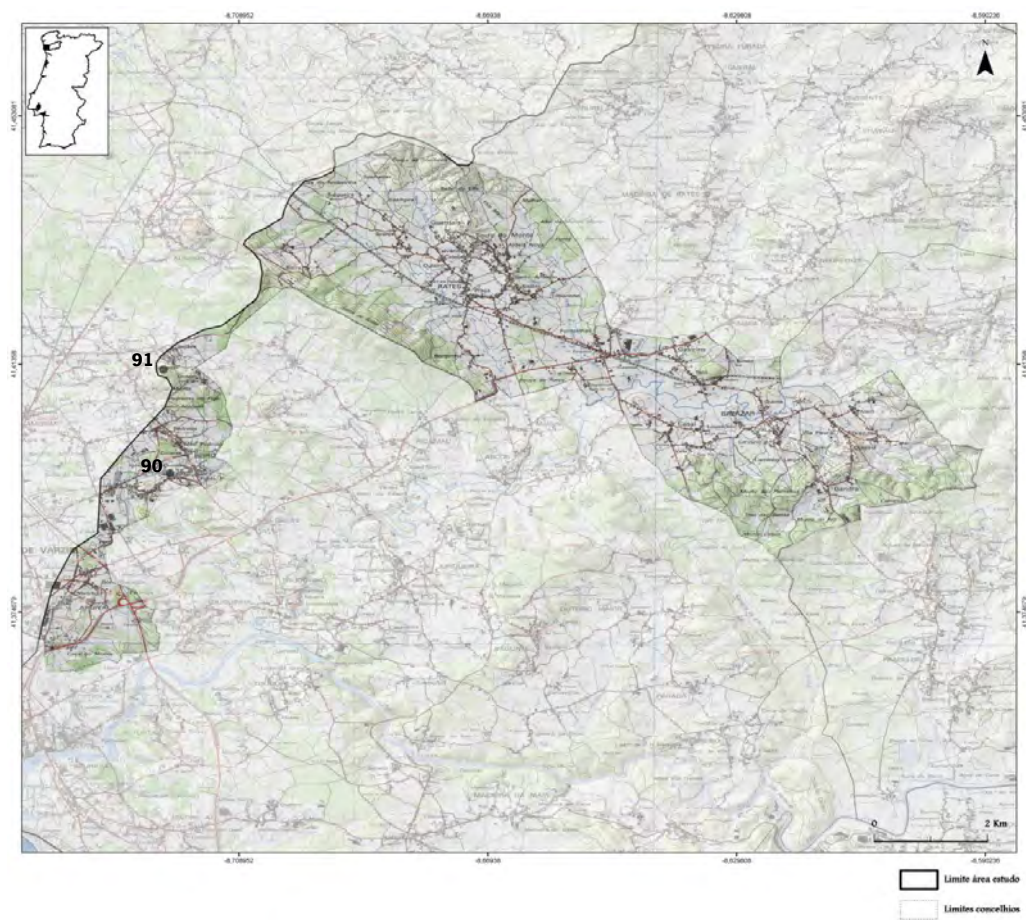


Figura 4.77 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 82, 83, 96 e 97, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Póvoa de Varzim e sítios catalogados: 90 – Campo de Postigo; 91 – Terroso.

1.2.2.3. Concelho de Santo Tirso

Areias

(93) Chão de Presa/Chão da Presa/Chã de Presa

- a. Achado metálico¹⁷².
- b. Chão de Presa (Fig. 4.78).
- D. Idade do Bronze Final.



Figura 4.78 - Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Chão de Presa.

f. Pinto (1930: 306) refere-se à "*Parte central de um machado de talão e dois anéis, com três nervuras finas no gume. Da Chã da Presa, Santo Tirso. Comparável a um exemplar de Viatodos (Cf. Portucale. II, pág. 421)*". O objeto corresponde a um machado de talão em bronze com dois anéis com parte considerável do talão em falta e um canto do gume fraturados (Pinto 1930)¹⁷³. Restam-lhe 15,5 cm de comprimento total, dos quais 4,6 cm correspondem ao talão (fraturado transversalmente). Apresenta três nervuras numa das faces que arrancam da transição entre o talão e a lâmina e que se desenvolvem ao longo desta por 8,3 cm. Na face oposta detém 5 incisões finas que parecem igualmente formar nervuras que atingem cerca de 7,7 cm de comprimento. O talão mede 3 cm de largura e, pese embora a falta de um dos cantos do gume, este atingiria cerca de 5 cm de largura. A sua espessura máxima é de 4 cm. As arestas ou rebarbas de fundição foram rebatidas. Pesa 784,2 g.

Em visita ao terreno, com base na toponímia herdada pelas designações de travessa de Chão da Presa e de rua de Chão da Presa, muito próximas uma da outra, e inquiridos populares locais, nada foi adiantado em relação à descoberta de qualquer objeto. Esta área corresponde a uma pequena plataforma imediata à margem esquerda do rio Ave, circundada na parte meridional por declives pouco acentuados.

h. M.M.A.P., Santo Tirso.

i. Pinto (1930: 306).

Monte Córdova

(94) Monte Padrão/Monte Córdova/Monte Cordoba

- a. Povoado¹⁷⁴.
- b. Quinchães.
- c. 41.312923° N, -8.449142° W (Fig. 4.79), 413 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 98).
- d. Idade do Bronze Médio e Final.

¹⁷² Entrada no Endovélico relacionada com achado isolado com o CNS 4236.

¹⁷³ Em depósito no M.M.A.P., em Santo Tirso, com o número de inventário MMAP33.

¹⁷⁴ Entrada no Endovélico relativo a povoado fortificado com o CNS 792.



Figura 4.79 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização de Monte Padrão/Monte Córdova/Monte Cordoba.

e. Ocupa o remate de esporão na vertente poente do planalto de Monte Córdova, que divide as bacias hidrográficas dos rios Ave (a norte) e Leça (a sul), com declive acentuado em todas as vertentes, exceção feita à vertente este, zona por onde se une ao maciço montanhoso. Integra a cumeada que separa as bacias dos rios Ave e Leça. Monzogranito biotítico, porfiroide, de grão grosseiro, também conhecido como Granito de Guimarães e Santo Tirso, numa faixa que se desenvolve no sentido sudeste/noroeste e passa por Santo Tirso. A oeste é possível encontrar corneanas, a sudoeste granodioritos tendencialmente porfiroides e, a este, monzogranito biotítico porfiroide de grão médio (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Delimitado a oeste pelo rio Sanguinhedo e da ribeira do Matadouro, afluentes da margem esquerda do rio Ave, e as ribeiras da Agrela e de Refojos, a sul, subsidiárias do rio Leça. A cerca de 16 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de 8/9 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ave e Vizela, a nor-nordeste, e Leça, a sul. Coberto vegetal arbóreo, pouco cerrado, com diversas clareiras povoadas por espécies arbustivas e herbáceas.

f. Referenciado desde finais do séc. XVI por corógrafos e cronistas (vide Moreira 2005) foi alvo de várias intervenções arqueológicas, com especial destaque para a parceria entre a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, a Câmara Municipal de Santo Tirso e do entretanto extinto Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte. Desta parceria resultaram sondagens coordenadas por Martins (1985a: 217-230).

Das quatro sondagens arqueológicas foi possível identificar indícios de ocupação que aquela autora situa nos inícios do 1º milénio AC, isto é, na Idade do Bronze Final regional (Martins 1985a). Os vestígios mais significativos desta fase, identificados entre o quadrante Este de uma casa de planta circular e a muralha, correspondem a fragmentos cerâmicos que parecem traduzir grande diversidade cultural. Tal, aliás, é considerado na proposta cronológica mais antiga de Moreira (2007: 32; 2009: 76, 106, 275), denominada de Fase I, que situa entre os séculos X/VII e V a.C.. Pelo estudo cerâmico Dinis (1993: 120) conclui que as decorações tipo Boquique demonstram ser “*produções locais utilizando uma técnica decorativa (...) de típica influência da Meseta Norte, o que parece mostrar, também, uma orientação continental das relações do povoado a juntar às da esfera meridional atestadas pela presença de cerâmicas carenadas*” e, com base em Martins (1985a: 220), identifica “*potes, cuja funcionalidade é sugerida pela camada de fuligem que cobre a superfície exterior (...), maioritariamente de capacidade média e (...) perfis em S mais ou menos acentuados com bordos esvasados, reentrantes ou quase direitos*” (Dinis 1993: 121). Refere ainda, “*diversas taças carenadas, de diferentes dimensões, com bordo ligeiramente esvasados ou reentrantes, quase sempre rematando em lábios convexos, [um dos quais] possui assas, (...) alguns (...) [com] carena, por vezes com perfuração vertical (...) [e] pastas finas, com pequenos elementos de desengordurante, bem distribuídos, e superfícies bem polidas*” (Dinis 1993: 122).

Bettencourt (2010b: 53) recua a data de ocupação do local pela presença de fragmentos cerâmicos com decorações excisas e boquique tipo Cogotas I que, em contextos do Noroeste português, são datados do Bronze Médio. Tal permite-lhe recuar a ocupação de Monte Padrão para aquele período seguida de uma, ou de mais, ocupações do Bronze Final, dada a presença de diversas taças carenas de pasta fina e de acabamentos polidos, usuais neste período cronológico-cultural no Noroeste de Portugal.

Entre as peças cerâmicas destacam-se: um potinho/púcaro – forma 10 da tabela formal de Bettencourt (1999) –, correspondente a uma forma fechada de fabrico manual, pasta arenosa, de cor acastanhada, acabamento alisado, com bordo vertical, lábio arredondado, bojo troncocónico e base de fundo plano simples, com 12,9 cm de diâmetro de 12,1 cm de altura; uma taça carenada – forma 12 da tabela formal de Bettencourt (1999) –, correspondente a uma forma aberta de fabrico manual, pasta arenosa, cor acastanhada e acabamento alisado, com bordo vertical e lábio arredondado, bojo com carena alta, muito próxima do bordo, que detém 29,5 cm de diâmetro; e uma malga –

forma 22 da tabela formal de Bettencourt (1999) –, correspondente a uma forma aberta de fabrico manual, pasta arenosa, cor acastanhada, acabamento alisado, com indícios de fuligem, de bordo ligeiramente reentrante e lábio e bojo arredondados, com 19 cm de diâmetro.

g. Excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes norte e sul, permitindo o alcance da linha costeira entre o Porto e a Póvoa de Varzim, revelando-se determinante para o domínio dos terrenos circundantes e respetivas vias naturais de comunicação.

h. M.M.A.P., Santo Tirso, e M.E.P., Porto.

i. Martins (1985a), Moreira (2007, 2009), Dinis (1993), Bettencourt (2010b).

(95) Monte Córdova 2

a. Achado metálico.

d. Calcolítico Final ou Idade do Bronze Inicial.

f. Algueres do Monte Córdova há conhecimento do achado de um machado plano em cobre com os lados retos, perfil trapezoidal e secção subretangular, com 9 cm de comprimento, 4,3 cm de largura e 1 cm de espessura.

h. Extinto Museu de Etnografia do Porto, Porto¹⁷⁵.

i. Cardoso (1930: 61).

Santo Tirso

(96) Quinta do Gião/Corvilho

a. Contexto funerário.

b. Corvilho.

c. 41.341914° N, -8.480304° W (localização aproximada) (Fig. 4.80), 84 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 98).

d. Idade do Bronze Médio e Bronze Final (?).



Figura 4.80 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 98, à escala 1/25 000, com localização da Quinta do Gião/Corvilho.

e. Situado na vertente Oeste de uma pequena colina anexa ao rio Sanguinhedo, perfeitamente enquadrado em contexto de vale. Monzogranito biotítico, porfiroides, de grão grosseiro, também conhecidos como Granitos de Guimarães e Santo Tirso (C.G.P. 9-B Guimarães, esc. 1/50 000). Sobranceiro à margem esquerda do rio Sanguinhedo, afluente pela mesma margem do rio Ave, do qual dista cerca de 1 km. A cerca de 10 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão) e a 14 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de pouco mais de 8 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Ave e Vizela. Atualmente urbanizado.

¹⁷⁵ Com o número de inventário 3511. O seu paradeiro atual é desconhecido.

f. Descoberta ocorrida em 1915, durante a construção do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, em Santo Tirso, num pinhal pertença da Quinta do Gião.

Os materiais ali recolhidos correspondem a seis vasos cerâmicos e a um bracelete. Infelizmente, os seus contextos de achado não são bem conhecidos.

O bracelete¹⁷⁶ é em bronze maciço e detém forma circular, com diâmetro de abertura variável entre 7 e 7,5 cm. A sua secção subretangular varia entre 1,1 e 1,3 cm de largura e 0,7 a 0,8 cm de espessura. Possui dois terminais subesféricos, um em cada extremidade, igualmente maciços. Não são visíveis soldaduras. Encontra-se decorado na face externa com finas linhas incisivas e pontos puncionados formando linhas. Da base dos terminais e no sentido transversal contam-se 9 e 11 linhas paralelas entre si, respetivamente. Após estas e mais ou menos por igual distância, distribuem-se séries de pontos formando três linhas, duas correndo ao longo das laterais da face externa e a terceira em posição mais ou menos centrada. Finalmente, a secção central foi preenchida também com três séries de pequenos segmentos de linhas com distribuição idênticas à dos pontos (duas ao longo do extremo da face e uma centrada). As quantidades não são semelhantes. Os pontos alternam entre 26 e 31 e os pequenos segmentos de linha, difíceis de contar a olho nu pelo relativo desgaste da face da peça, parecem variar entre 23 e 24. Pesa 145 g.

Entre os materiais cerâmicos figuram quatro vasos troncocónicos¹⁷⁷ – formas 14 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) –, um potinho¹⁷⁸ – forma 10 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) – e um médio bordo horizontal¹⁷⁹ – forma 13b segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

O estudo levado a cabo pelo signatário permitiu perceber que o vaso MMAP35, embora fraturado – possivelmente durante a descoberta –, apresenta-se praticamente completo, faltando o elemento de prensão vertical e partes do bordo (entretanto reconstruídas). O elemento de prensão deixou um “negativo” na parte sensivelmente central da pança do vaso que, a julgar pela falta de uma pequena parte do bordo imediatamente acima, parecia arrancar diretamente do bordo. Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurante de média a grande dimensão que lhe conferem uma textura grosseira a muito grosseira. Trata-se de um vaso subcilíndrico ou forma 11 (Bettencourt 1999) com o bordo esvasado, lábio reto e base plana simples. Apresenta acabamento alisado em ambas as faces, a par de ligeira corrosão. Não apresenta decoração nem indícios de fuligem e o seu diâmetro, de contorno subcircular, varia entre os 9,5 e os 10 cm.

O vaso MMAP36, correspondente a um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999), terá sido ligeiramente quebrado durante a descoberta (foi posteriormente reconstruído). Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de média dimensão que lhe conferem uma textura grosseira. Apresenta bordo aberto, lábio oblíquo e base plana simples. Inclui alisamento e indícios de fuligem em ambas as faces que, nos dois casos, se distribui pelas paredes e base. O seu diâmetro, de contorno subcircular, varia entre 11 e 11,6 cm.

O vaso MMAP37 corresponde igualmente a um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999). Terá sido quebrado durante a descoberta (posteriormente reconstruído), restando-lhe apenas uma pequena parte original do bordo, na zona oposta à asa, são originais (a maior parte foi reconstruída). Apresenta bordo em aba horizontal, com 1,6 cm de largura, lábio adelgado e base plana simples. Preserva o elemento de prensão vertical de secção em fita que arranca e termina na pança. Ambas as faces foram alisadas e incluem vestígios de fuligem que se distribuem pela área da parede e do bordo. Possui composição decorativa que recorreu à distribuição de 5 mamilos proeminentes dispostos horizontalmente e posicionados no lado externo da pança, abaixo do bordo, mais ou menos alinhados com o arranque superior da asa, dispostos a pouco mais de 2 a 1,5 cm do lábio. O seu diâmetro, de contorno subcircular, varia entre 8,5 e 8,6 cm. Esta forma cerâmica tem paralelos com alguns dos vasos recolhidos no interior de algumas sepulturas planas da necrópole de Cimalha, em Felgueiras (comunicação pessoal de A.M.S. Bettencourt).

O vaso MMAP38 tem correspondência com um médio bordo horizontal ou forma 13b (Bettencourt 1999). Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa, com desengordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferem uma textura grosseira. Apenas duas pequenas partes do seu bordo, posicionados em ambos os lados da área oposta à asa, são originais (a maior parte foi reconstruída). Apresenta bordo em aba horizontal, com 1,6 cm de largura, lábio adelgado e base plana simples. Preserva o elemento de prensão vertical de secção em fita que arranca e termina na pança. Ambas as faces foram alisadas e incluem vestígios de fuligem que se distribuem pela área da parede e do bordo. Possui composição decorativa que recorreu à distribuição de 5 mamilos proeminentes dispostos horizontalmente e posicionados no lado externo da pança, abaixo do bordo, mais ou menos alinhados com o arranque superior da asa, dispostos a pouco mais de 2 a 1,5 cm do lábio. O seu diâmetro, de contorno subcircular, varia entre 10,3 e 10,6 cm.

¹⁷⁶ Em depósito no M.M.A.P., em Santo Tirso, com os números de inventário MMAP34.

¹⁷⁷ Em depósito no M.M.A.P., em Santo Tirso, com os números de inventário MMAP36, MMAP37, MMAP39 e MMAP40.

¹⁷⁸ Em depósito no M.M.A.P., em Santo Tirso, com o número de inventário MMAP35.

¹⁷⁹ Em depósito no M.M.A.P., em Santo Tirso, com o número de inventário MMAP38.

O vaso MMAP39 corresponde a um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) com uma grande parte de bordo e da pança em falta, provavelmente quebrada durante a descoberta (posteriormente reconstruída). Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa, com desengordurantes de quartzo de média e grande dimensão que lhe conferem uma textura grosseira a muito grosseira. O bordo é aberto, o lábio arredondado e a base plana simples, embora ligeiramente convexa. Embora não preserve elemento de preensão vertical – nem os seus negativos na pança – é possível que a grande secção em falta do bordo e pança correspondam à área que incluiria esse elemento. Apresenta ambas as paredes alisadas e fuligem apenas na parede externa que se distribui pela base e pança. Inclui composição decorativa que recorreu à aplicação de elementos plásticos sob a forma de quatro mamilos pouco proeminentes dispostos horizontalmente na pança, a pouco mais de 1,5 cm abaixo do lábio. O seu diâmetro circular atinge os 9,5 cm. O quinto mamilo faz parte da reconstituição da forma.

Finalmente, o vaso MMAP40 corresponde a um troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) ao qual apenas falta o elemento de preensão vertical e partes do bordo. Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa, com desengordurantes de quartzo de média e grande dimensão que lhe conferem uma textura grosseira a muito grosseira. O bordo é aberto, o lábio adelgado e a base plana simples. O elemento de preensão seria vertical que, a julgar pelo único negativo visível na pança, seria de secção em fita. O facto de uma das partes do bordo em falta ser precisamente a área acima deste negativo pressupõe que o elemento de preensão arrancaria diretamente do bordo. Embora ligeiramente corroído é possível perceber que foi alisado em ambas as faces. Não apresenta decoração mas restos de fuligem distribuída pela área lateral da pança, de ambos os lados. O seu diâmetro, de contorno subcircular, varia entre 9,6 e 9,7 cm.

No âmbito do presente projeto procedeu-se à datação de fuligem recolhida do interior de um destes vasos (MMAP35), que permitiu datar o contexto do Bronze Médio.

Após visita ao local e conversa com alguns habitantes locais pouco nos foi adiantado sobre este achado senão apenas que, para alguns, o local tem fama de “*cemitério muito antigo*”. Esta informação já havia sido referida (Lima 1915, Faya Santarém 1956c).

g. Ótimas condições de visibilidade para os vales do rio Sanguinhedo, a oeste, e para o vale do rio Ave, a norte.

h. M.M.A.P., em Santo Tirso.

i. Lima (1915), Faya antarém (1956b).

(97) Santo Tirso

a. Achado metálico.

D. Idade do Bronze Final.

f. Machado de alvado em bronze¹⁸⁰ de dupla argola (Cardoso 1969: 78, fig. 5). Mede 15,8 cm de comprimento, 6 cm de largura e 3,8 cm de espessura máxima. Apresenta decoração numa das faces da lâmina que combina dois “V” que arrancam a partir da nervura horizontal que delimita o alvado e que se encontra alinhada com o arranque das argolas. Pesa 850 g.

h. M.N.A., Lisboa.

i. Cardoso (1969).

¹⁸⁰ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 11039 [37].

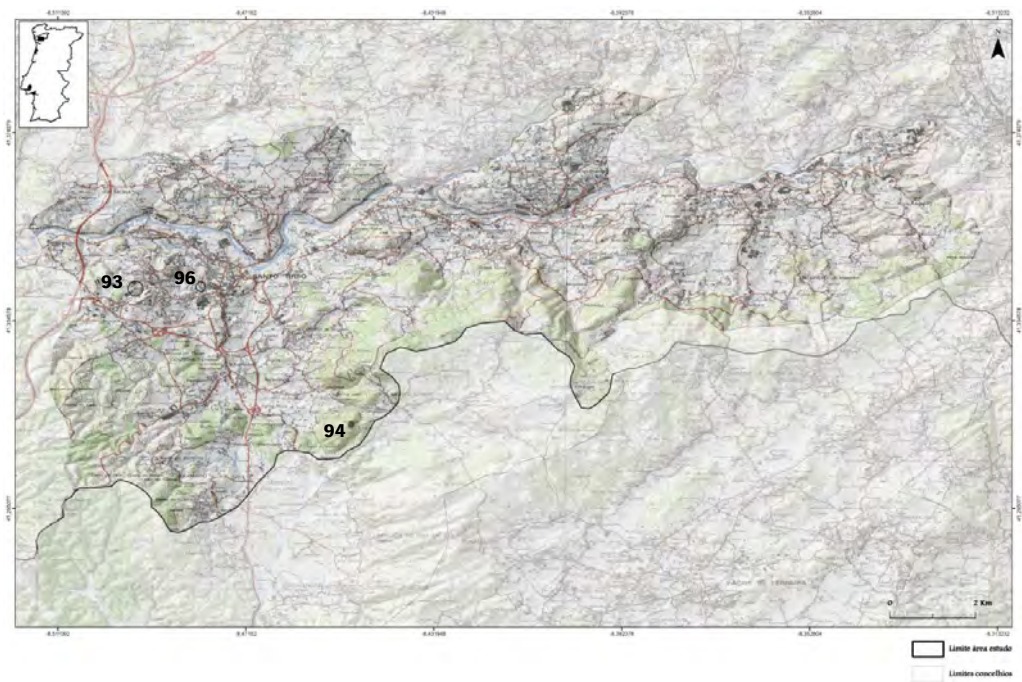


Figura 4.81 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Santo Tirso e sítios catalogados: 93 – Chão de Presa/Chão da Presa/Chã de Presa; 94 – Monte Padrão/Monte Córdova/Monte Cordoba; 96 – Quinta do Gião/Corvilho.

1.2.2.4. Concelho de Trofa

Alvarelhos

(98) Alvarelhos/S. Marçal¹⁸¹

- Povoado¹⁸².
- Crasto.
- 41.300909° N, -8.618177° W (Fig. 4.82), 222 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 97).
- Idade do Bronze Final.



Figura 4.82 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização de Alvarelhos.

e. Ocupa os contrafortes da vertente de pendor moderado situada a este do alto de Santa Eufémia, onde o terreno se desenvolve de forma tendencialmente planáltica no sentido norte-sul, incluindo geomorfologias distintas. Granito alcalino de grão médio ou grosseiro, denominado de Granito da Póvoa de Varzim, mas muito próximo, a este, de uma faixa de xistos grauváquicos que se estende sensivelmente no sentido sudeste-noroeste, isto é, de Alvarelhos (Trofa) para Parada (Vila do Conde) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Dos lados nordeste e sudeste o local é ladeado por duas linhas de água, além de encarar a este a ribeira da Aldeia, afluente da margem esquerda do rio Ave, tributada por algumas linhas de água que nascem nas vertentes. A cerca de 15 km para sudoeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e 11 km para sudeste do complexo de jazidas de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de cerca de 5 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens do rio Ave. O coberto vegetal é predominantemente arbóreo, entre terrenos cultivados que, conjuntamente com a exploração de pedra e a criação de socalcos artificiais, contribuíram para desconfigurar partes do sítio.

f. Referido nos escritos de Carvalho da Costa (1706-1712: 366), pela sua imponência, entre as várias campanhas arqueológicas que ali tiveram lugar cabe destacar a investigação desenvolvida por Álvaro Moreira¹⁸³. Entre diversos vestígios de época histórica, a ocupação mais antiga do local corresponde, segundo Moreira (2007: 35-36; 2009: 78, 335-338), à Fase I, balizada entre os séculos X/VII e o V AC. A atribuição desta cronologia é baseada nos materiais recolhidos onde, segundo aquele autor, parece evidente a escassa representação de instrumentos metálicos (Moreira 2007: 36; 2009: 338).

No que respeita a materiais cerâmicos ali recolhidos destaca-se “*um perfil completo de uma taça carenada de fundo umbilical (MARTINS 1990, 128, forma 5), vários fragmentos de produção manual com decoração tipo Baiões e um amplo repertório de instrumentos líticos*” (Moreira 2009: 338). O autor prossegue mencionando “*duas taças de dimensões médias com parede em calote e carena intermédia bem vincada. O bordo é curto, de desenvolvimento vertical (...) [com] ligeira curvatura intermédia (...). O lábio adelgado apresenta um perfil arredondado. O fundo em ambos os casos é umbilical. As pastas apresentam uma coloração castanho-clara, de cozedura homogênea, relativamente bem depuradas, com baixa concentração de elementos não-plásticos, constituídos essencialmente por grãos de quartzo de pequeno calibre. As superfícies são espatuladas e bem brunidas com acabamento cuidado*”.

¹⁸¹ Refere Moreira (2007: 77) que a recorrente utilização de S. Marçal para denominar este sítio resulta da confusão com o nome atribuído à elevação localizada a sudeste deste sítio e que se relaciona com o perdurar de hagianímia.

¹⁸² Entrada no Endovélico relativa a povoado com o CNS 791.

¹⁸³ Intitulado *Projecto de Estudo e Salvaguarda da Estação Arqueológica de Monte Padrão e Área Arqueológica de Alvarelhos*, aprovado em 1992 e modificado em 1998.

Já Dinis (1993: 122) se havia referido a uma taça carenada¹⁸⁴ “*baixa com perfil levemente carenado e colo pouco pronunciado (...) [e] bordo baixo, ligeiramente esvasado, (...) com lábio convexo, (...) pasta fina, bem cozida, com pequenos elementos desengordurantes, distribuídos regularmente, e com superfícies muito polidas*” que acredita, embora detendo bordo mais baixo, ter paralelos com formas semelhantes proveniente de Castelo de Matos, em Baião. Este autor refere, ainda, um outro fragmento carenado já citado por Martins (1990:221).

i. Bom domínio visual sobre a área circundante, em especial sobre a ribeira da Aldeia, subsidiária do rio Ave, junto à qual se desenvolvem terrenos de aptidão agrícola.

h. M.M.A.P., Santo Tirso e M.N.A., Lisboa.

i. Costa (1706-1712), Moreira (2007, 2009), Dinis (1993).

Guidões

(99) Guidões

a. Achado cerâmico: contexto funerário (?).

d. Idade do Bronze Médio (?).

f. Referência à oferta ao então Museu de Etnografia e História do Porto, pelo Reverendo Sousa Maia – também conhecido como abade de Canidelo – de “*um fragmento de vaso pré-histórico de barro ornamentado, de fundo globuloso, achado em Guidões (Santo Tirso)*” (Vasconcelos 1913b: 152). Há, também, a menção à oferta ao Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, pelo mesmo abade, de fragmentos de mais dois vasos de largo bordo horizontal (Soeiro 1988: 42, 57, Fig. XI, 3-4).

Tivemos oportunidade de observar os materiais em depósito no M.N.A., em Lisboa¹⁸⁵.

Quatro fragmentos que colam entre si permitiram reconstruir, praticamente na íntegra, uma forma 13c, segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Trata-se de um largo bordo horizontal¹⁸⁶ com lábio arredondado, apresentando fabrico manual, pasta arenosa com desengordurantes de quartzo, cozedura redutora e cor castanha clara. Pese embora a forte presença de corrosão denuncia alisamento interno e externo. A sua base é aplanada e a asa terá sido perdida após fratura. Este vaso detém indícios de fuligem nas paredes interna e externa, no último dos casos situada na área oposta à da asa.

Há, também, um fragmento de bordo e de parte do bojo de outro largo bordo horizontal¹⁸⁷. Revela fabrico manual, cora acastanhada, pasta arenosa com inclusão de quartzos e alisamento de ambos os lados das paredes. O seu bordo horizontal possui lábio arredondado. Possui composição decorativa na parte interna do bordo que reúne três fiadas de pequenas impressões oblíquas que alternam a inclinação, de formato elíptico, e que formam linhas descontínuas paralelas ao lábio.

Um terceiro fragmento de bojo revela pasta arenosa, embora com melhor qualidade comparativamente aos anteriores, e acabamento alisado interno e externo¹⁸⁸. Apresenta decoração incisa na parte interna do bordo que alinhou horizontalmente três caneluras.

A presença de vasos de bordo horizontal permitem levantar a hipótese de naquela área ter existido uma provável necrópole da Idade do Bronze Médio na vertente este ou sudeste do Monte do Marão.

h. M.E.P., no Porto, e M.N.A., em Lisboa.

i. Vasconcelos (1913b), Soeiro (1988).

Santiago do Bougado

(100) Bairros/Santiago do Bougado

a. Contexto funerário (?)¹⁸⁹.

b. Bairros.

d. Idade do Bronze Inicial.

¹⁸⁴ Em depósito no M.M.A.P., em Santo Tirso, com o número de inventário MMAP29.

¹⁸⁵ Isto porque a observação dos referidos materiais havia já sido solicitada por Ana M.S. Bettencourt, tendo os mesmos sido enviados para o M.D.D.S., em Braga.

¹⁸⁶ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2001.008.2.

¹⁸⁷ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2001.008.1.

¹⁸⁸ Em depósito no M.N.A., em Lisboa, com o número de inventário 2001.008.3.

¹⁸⁹ Entrada no Endovélico relativa a vestígios diversos com o CNS 4235.

f. É por Vasconcelos (1912) que se sabe que a descoberta ocorreu durante trabalhos agrícolas, naquele mesmo ano de publicação. Vasconcelos (1912: 38-39) menciona uma sepultura na qual terão sido recolhidos o que denomina de “*diademas de Bougado*”. Em momento posterior Cruz (1940: 206) refere terem sido depositados numa “*sepultura formada por tegulae*”.

Entre os objetos recolhidos, metálicos e cerâmicos, os últimos terão desaparecido (Cruz 1982a: 27-28). Especial destaque para dois aros de ouro, os quais têm sido tema de aceso debate no que respeita à sua datação. Silva (1986: 224; 2007: 343) considera-o aros de toucado – através de paralelos com peças britânicas –, situando-os cronologicamente no momento Hallstatt D (Idade do Bronze Final/Idade do Ferro Inicial), indiciando as suas características influências centro-europeias continentais comuns no Noroeste português durante este período. Comendador Rey (1997: 345), por sua vez, situa-os na Pré-História Recente, referindo que “*consideramos que ambas piezas pueden pertenecer al mismo ámbito tecnológico que las anteriores, aunque no han sido consideradas en otros trabajos sobre orfebrería calcolítica o del bronce antiguo de la Península*”. Também a técnica de fabrico não tem sido consensual entre alguns destes autores. Se Moreira (2009: 132, 265-266) considera a elaboração destas peças recorrendo a fundição, sem que tenha ficado qualquer indício de união ou solda, Comendador Rey (1997: 174-175) defende a sua produção a partir de um aro maciço que, martelado em duas lâminas, formaram aros cilíndricos ocós posteriormente decorados com linhas paralelas efetuadas por puncionamento.

Segundo Comendador Rey (1997: 174-175), um destes objetos¹⁹⁰ corresponde a um aro circular com secção em “V” e hastes dobradas que terá sido produzido recorrendo à martelagem de uma lâmina de ouro. Está decorado com 24 puncionamentos de feição esférica que se distanciam entre si de forma irregular cerca de 1 cm. Ambas as faces apresentam uma outra composição com distribuição circular de 74 e de 77 puncionamentos, respetivamente. Surge, ainda, uma orla de quatro alinhamentos de pequenos puncionamentos que se concentram de forma contínua. O seu diâmetro externo atinge os 11,2 cm e o interno 7,06 cm, sendo a largura máxima de 2 cm, a espessura média de 0,08 cm e o peso total de 52,95 gr.

O segundo exemplar¹⁹¹, muito semelhante ao anterior, apenas difere na quantidade de puncionamentos aplicados, reunindo 27 no plano do vértice, 77 numa face e 80 na outra (Comendador Rey 1997: 174-175). O seu diâmetro externo atinge os 11,1 cm e o interno 6,95 cm, com uma largura máxima de 2 cm e uma espessura média de 0,08 cm e um peso total de 53,92 g.

h. M.N.S.R., Porto.

i. Vasconcelos (1912), Cruz (1940, 1982a), Silva (1986, 2007), Comendador Rey (1997), Moreira (2009).

S. Martinho do Bougado

(101) Abelheira/S. Martinho do Bougado

a. Depósito metálico¹⁹².

b. Abelheira¹⁹³ (localização aproximada) (Fig. 4.83)

d. Idade do Bronze Final.



Figura 4.83 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização de Abelheira/S. Martinho do Bougado.

¹⁹⁰ Em depósito no M.N.S.R., no Porto, com o número de inventário CMP147.

¹⁹¹ Depositado na mesma instituição com o mesmo número de inventário.

¹⁹² Entrada no Endovélico relativa a forja com o CNS 2795.

¹⁹³ Cardoso (1960: 13, nota 1) refere-se ao local do achado como Lousado, mas esta freguesia pertence a Vila Nova de Famalicão, e situa-se na margem direita do rio Ave (a norte) e não na margem esquerda (a sul).

f. Achado ocorrido nos finais da década de 80 do século XIX, durante trabalhos de preparação de um campo baldio para fins agrícolas (Sarmento 1888b).

Refere Sarmento (1888b: 158) que os objetos “*apareceram acamados dentro d’uma cova aberta na terra, tampada por uma pedra (...) ao arrotear um terreno bravio no logar da Abelheira, n’um pequeno convale entre outeiros também pequenos*”¹⁹⁴. Em Sarmento (1999: 415) esta informação é mais específica, referindo o autor que os machados depositados na “*cova de terra*” estavam “*apenas cobertos com uma lasca de xisto*”. Sabe-se, ainda, que “*o sítio do achado fica a um tiro de bala da estrada que de Santo Tirso segue para a Trofa, à direita dela, indo da Trofa*”¹⁹⁵, tratando-se de “*um sítio agreste, numa courela inclinada entre pequenos relevos orográficos*”¹⁹⁶ (Sarmento 1999: 419).

Foi tentada pelo signatário, no terreno, a precisão deste contexto junto de populares locais mas existia, logo à partida, mais de um século de “desvantagem”. Alguns dos habitantes ouviram falar no achado mas divagam quanto aos objetos, muito mais quanto ao seu número e matéria-prima. Ainda assim, segundo alguns residentes mais velhos o achado terá ocorrido para nascente do núcleo antigo da Abelheira, não muito longe, onde ainda hoje se observam algumas casas robustas de pedra granítica isódoma. As referências de Sarmento (1888b, 1999) são igualmente escassas, pela sua ambiguidade. Refere aquele autor que “*o sítio do achado fica a um tiro de bala da estrada que de Santo Tirso segue para a Trofa, à direita dela, indo da Trofa*”, tratando-se de “*um sítio agreste, numa courela inclinada entre pequenos relevos orográficos*” (Sarmento 1999: 419). Cruzando as informações obtidas no terreno com os “escritos” de Francisco Martins Sarmento, foi possível delimitar uma área mais reduzida onde o achado poderá ter ocorrido. Independentemente da sua maior ou menor precisão, ao nível da contextualização geomorfológica o local ocuparia uma área de margem onde proliferam terrenos de aptidão agrícola, muito próxima a um ribeiro tributário do rio Ave, curso fluvial principal do qual distaria entre 1,5 a 2 km.

Os objetos recolhidos correspondem a machados de talão de argola dupla cuja quantidade citada na bibliografia é divergente¹⁹⁷. Segundo Sarmento (1888b: 157) “*o número de machados de bronze subia a trinta e quatro; mas alguns foram mandados derreter pelo achador (...). A coleção compõe-se hoje de trinta, dois em fragmentos*”¹⁹⁸.

A observação pessoal de vinte e sete exemplares atualmente disponíveis, em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, revela diferenças dimensionais e formais entre si, sobressaindo, desde logo, a presença de nervuras em oito exemplares. Pese embora as semelhanças entre eles, observam-se diferenças formais que permitem deduzir que cada machado foi fundido num molde específico. Estão reunidas na Tabela 4.20 as dimensões e os pesos dos machados estudados, correspondentes aos exemplares em exposição no M.S.M.S., em Guimarães¹⁹⁹. Também as diferenças formais entre eles foram compiladas nas Tabela 4.21.

¹⁹⁴ “Convale” refere-se a uma área aplanada circundada por outeiros ou colinas. O foco habitacional original do lugar da Abelheira, atualmente identificável pelas construções robustas em granito, desenvolveu-se precisamente sobre a margem direita da ribeira da Abelheira. Esta é, por sua vez, alimentada por diversas linhas de água que, das elevações circundantes, engrossam o seu caudal. A área imediata à referida ribeira é bastante fértil e, desde longa data, utilizada para práticas agrícolas. Os terrenos baldios, por sua vez, integrariam a zona de transição entre as zonas baixas (mais férteis) e as cotas mais elevadas de monte (com solos menos espessos). Verifica-se que a sul do núcleo antigo da Abelheira, e precisamente por onde se vem desenvolvendo a ribeira da Abelheira, talhando o terreno de sul para norte, forma-se um vale aplanado “encaixado” entre elevações a poente, a nascente e a sul. Esta geomorfologia reúne condições semelhantes às relatadas quanto do local de achado, sendo a periferia povoada de outrora terrenos baldios, alguns dos quais entretanto agricultados.

¹⁹⁵ Tomando uma arma de pequeno/médio calibre vulgar na altura, um tiro de bala terá correspondência a uma distância variável entre cerca de 600 a 1000 metros, aproximadamente.

¹⁹⁶ Courela é uma antiga medida agrária de aproximadamente 100 braças de comprimento por 10 braças de largura, correspondendo a cerca de 200 metros de comprimento por 20 de largura. Era vulgarmente considerada como uma “*nesga de terra de cultivo*” ou como um aglomerado de árvores. Era costume utilizar a denominação “courela” referindo-se a “montados” de sobreiros. Os “montados” são comuns no Alentejo, onde os criadores deixam amiúde os porcos à sombra das árvores, sobreiros ou azinheiras.

¹⁹⁷ Em carta trocada entre o abade Pedrosa e Francisco Martins Sarmento (Lima 1940b: 199-200, carta IV), datada de 7 de Agosto de 1888, é feita a primeira referência ao achado. Do “*negócio*” conseguido com “*o homem dos machados*” que “*desconfiava de meio mundo*”, foi possível ao abade “*offerecer (...)* [a F. M. Sarmento] *26 machados, 20 inteiros e 6 quebrados, mas com todas as suas partes*” (Lima 1940b: 199-200, carta IV). Dos machados em falta o abade Joaquim Pedrosa refere que um terá ido para o Porto, um segundo para o Museu do Carmo, em Lisboa, e que quatro crê terem sido “*quebrados, ou pelos homens que os encontraram, ou pelos curiosos que queriam n’elles encontrar ouro, prata, e d’esses nada resta, a não ser partes muito insignificantes*” (Lima 1940b: 200). Assim, totalizariam 32 machados, número que não é conforme com o avançado por outros autores (entre outros, Monteagudo 1965: 34, n.º 75 e n.º 76; 1977: 166, n.ºs 984-986, 170, n.ºs 1029-1033, 176, n.ºs 1086-1087, 175, n.ºs 1075-1076; Silva 1986: 192, n.º 51, Gráfico 4; Dinis 1993: 113; Moreira 2007: 24). A entrada no Endovélico (CNS 2795) refere-se, também, apenas a 30 exemplares. O próprio Sarmento (1888b: 157) menciona 34 machados.

¹⁹⁸ Esta informação é confirmada 30 anos depois por Serpa Pinto (1928a: 195), mas não é de excluir que este autor se tenha apoiado nos escritos de Sarmento (1888b).

¹⁹⁹ Por questões relacionadas com o estado de conservação dos objetos que integram o depósito da Abelheira, apenas se procedeu à medição e à pesagem dos exemplares em estado estável (17 exemplares, no total) e que se encontram em exposição no M.S.M.S., em Guimarães. No final da observação efetuada pelo signatário naquelas instalações, foi entregue um parecer endereçado à direção onde se vinculava a falta atenção de que os referidos objetos carecem, cujo estado de conservação se tem deteriorado irreversivelmente (e, aparentemente, de forma muito rápida) nos últimos anos. Muitos dos machados do depósito da Abelheira, além de fragmentados, revelam elevados índices de corrosão, necessitando urgentemente de procedimentos especializados que estabilizem a estrutura das ligas que os compõem.

Tabela 4.20 – Principais características dos machados da Abelheira

Nº Inv.	Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Comp.	Espes.				
MSA-807	21	3,9	S	S	1139	-
MSA-809	21,2	3,1	S	S	784	-
MSA-810	26	3,6	N	S	1275	-
MSA-811	23,8	2,7	S	S	1031	-
MSA-812	24	3,3	S	S	1228	-
MSA-813	25,2	4	N	S	1103	-
MSA-814	22,8	3,3	S	S	1191	-
MSA-815	23,7	3,9	N	S	1193	-
MSA-816	22,7	3,4	N	S	1261	-
MSA-817	23,3	3,5	S	S	1227	-
MSA-818	23,5	3	N	S	1254	-
MSA-819	22,8	3,7	N	S	1194	-
MSA-820	23,2	3,5	N	S	1161	-
MSA-821	23,3	3,6	N	S	1173	-
MSA-822	19,2	3,7	N	S	1186	-
MSA-823	21,7	2,6	N	S	809	-
MSA-824	25,2	3,6	N	S	1296	-
MSA-825	22,7	3,3	N	S	1157	-
MSA-826	24,1	4,3	N	S	1260	-
MSA-827	24,1	4	N	S	1260	-
MSA-828	23	3,8	N	S	1235	-
MSA-829	23,4	3,5	S	S	1280	-
MSA-830	24,9	3,8	N	S	1243	-
MSA-831	20,5	3,2	N	S	1220	-
MSA-832	23,2	3,2	N	S	1088	-
MSA-833	21	3,5	N	S	1203	-
MSA-834	23,8	3	S	S	1084	-

Tabela 4.21 – Características que distinguem alguns dos machados do depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado

Nº Inv.	Rebarbas fund.	Nervura central		Observações
		Tipo	Comp.	
MSA-809(C)	S	Bifacial	4,9/5,6	Cone de fundição não é maciço, apenas detém a parede, muito fraturado
MSA-810(C)	S	-	-	-
MSA-811(C)	S	Bifacial	5,6/5,8	-
MSA-812(C)	S	Bifacial	6,6	-
MSA-814(C)	S	Bifacial	7/7,1	-
MSA-815(C)	S	-	-	Muito corroído numa argola e no cone de vazamento
MSA-816(C)	S	-	-	-
MSA-817(C)	S	Bifacial	5,4	-
MSA-819(C)	S	-	-	Argolas de secção elipsoidal
MSA-823(C)	S	-	-	Revela considerável corrosão na lâmina, no talão e no cone de vazamento
MSA-825(C)	S	-	-	-
MSA-826(C)	S	-	-	Argolas quase fechadas, quicã resultante de fuga durante o vazamento
MSA-827(C)	S	-	-	-
MSA-829(C)	S	Bifacial	5,3	-
MSA-830(C)	S	-	-	-
MSA-832(C)	S	-	-	-
MSA-(?)	S	-	-	-

Vários destes machados apresentam rebarbas de fundição junto da união do molde bivalve, mas o machado MSA-826(C) detém a particularidade de ter os seus anéis praticamente fechados por uma película metálica muito fina, que terá resultado de fuga no molde durante o seu vazamento.

Também Análises químicas disponíveis para catorze destes machados, treze da responsabilidade de Siret (1913), um de Bourhins (1976) e um de Bottaini (2012), revelam igualmente valores diferenciados dos seus constituintes, destacando-se nos resultados de Siret (1913) a elevada presença de chumbo em quatro dos exemplares analisados (Tab. 4.22).

Tabela 4.22 – Resultados das análises químicas efetuadas a alguns machados do depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado

Machado	Composição química %								Cone	Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Sb	As	Ag	Ni	Bi		
Abelheira 1a	59,32	9,67	28,13	2,5	-	-	-	-	A	Siret (1913)
Abelheira 1b	-	-	97	-	-	-	-	-	B	Siret (1913)
Abelheira 2	63,32	7,98	24,73	1,25	-	-	-	-	A	Siret (1913)
Abelheira 3a	56,05	5,34	33,6	1,67	-	-	-	-	A	Siret (1913)
Abelheira 3b	25,72	2,83	67,83	1,25	-	-	-	-	B	Siret (1913)
Abelheira 4a	51,7	8,1	40,02	0,75	-	-	-	-	A	Siret (1913)
Abelheira 4b	-	-	96	-	-	-	-	-	B	Siret (1913)
Abelheira 5a	50,62	11,01	26,29	1,83	-	-	-	-	A	Siret (1913)
Abelheira 5b	38,05	10,07	51,12	0,2	-	-	-	-	B	Siret (1913)
Abelheira 5c	-	-	97,35	-	-	-	-	-	B	Siret (1913)
Abelheira 6	7,18	-	84,18	0,94	-	-	-	-	B	Siret (1913)

Machado	Composição química %								Cone	Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Sb	As	Ag	Ni	Bi		
Abelheira 7a	50,06	3,3	35,44	1	-	-	-	-	A	Siret (1913)
Abelheira 7b	-	-	98,37	-	-	-	-	-	B	Siret (1913)
?	42,2	7,4	46,7	0,06	0,2	0,2	0,005	0,002	?	Bourhis (1976)
?	61,48	8,65	25,75	0,39	-	-	-	-	S	Bottaini (2012)

A – machado de talão com cone de fundição; B – cone de fundição.

Tendo em conta as dimensões, as características formais e as análises químicas acima tabeladas, observa-se que os objetos variam entre os 19,2 e 26 cm de comprimento, os 2,6 e 4,3 cm de espessura e os 784 e 1296 gramas de peso. As análises químicas, por seu turno, revelaram teores variáveis de Cu entre os 7,18 e 63,32%, de Sn entre 2,83 e 11,01%, de Pb entre 24,7 e 98,37% e de Sb entre 0,06 e 2,5%. Sublinhe-se, ainda, que três destes exemplares revelam elevadas quantidades de chumbo, com valores na ordem de 97 e 98,37%, e que um exemplar, resultado da metodologia de análise química aplicada, inclui valores vestigiais de As, Ag, Ni e Bi.

Recentemente A.M.S. Bettencourt (2011b: 63) baseou-se no estado inacabado destes machados – dada a presença de cones e de rebarbas de fundição – para questionar “*qualquer utilidade relacionada com o seu aspecto formal*”. Por esse mesmo motivo, e defendendo que a tônica da investigação deve ser redirecionada para a “*interpretação do papel social dos lugares de depósito e das intenções das ações que lhes são inerentes*”, interpreta estes materiais como o resultado “*de actividades cerimoniais que culminaram numa deposição de carácter votivo-religioso, relacionada com um lugar de passagem entre o vale e o monte, de importante significação colectiva para as comunidades do Bronze Final que viveram neste território*” (Bettencourt 2010b: 63).

h. M.S.M.S., Guimarães.

i. Sarmento (1888b, 1999), Siret (1913), Bourhis (1976), Bettencourt (2010b), Bottaini (2012).

(102) Antela dos Córregos/Bouça dos Córregos/Bouça dos Corgos/Bouçã dos Corgos/Antela dos Córregos

a. Contexto funerário: reutilização de monumento megalítico.

d. Idade do Bronze Inicial.

f. Explorada pelo Abade Sousa Maia, sendo os resultados parcialmente referidos por López Cuevillas & Bouza Brey (1929) e por Cruz (1940). Os materiais recolhidos parecem confirmar a reutilização de um monumento megalítico em fase posterior à sua construção. Além de materiais líticos, onde figuravam machados de pedra polida e pontas de seta de base triangular, foi igualmente recuperado um anel de cobre, conforme foi comunicado pessoalmente por Ruy de Serpa Pinto a López Cuevillas & Bouza Brey (1929: 40).

Desconhecem-se pormenores sobre o monumento, bem com a sua localização. Tendo em conta a maioria do espólio é de considerar a origem do monumento como neolítica, embora o anel de cobra (talvez uma espiral?) faça pensar numa reutilização do Bronze Inicial.

h. Desaparecido.

i. López Cuevillas & Bouza Brey (1929), Cruz (1940).

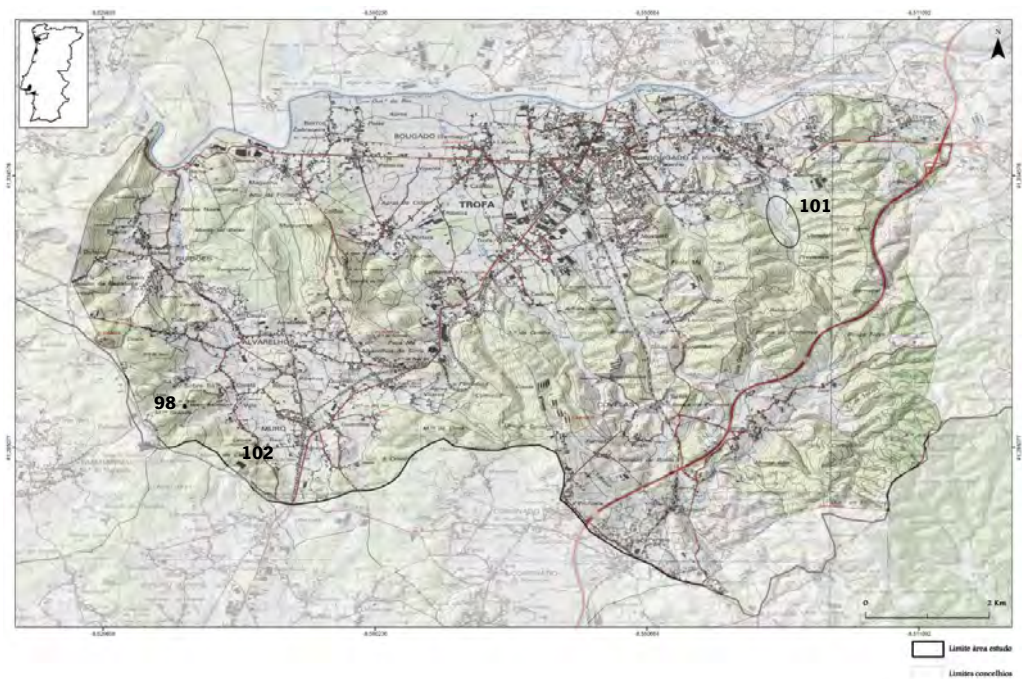


Figura 4.84 – Excertos de C.M.P., folhas 97, 98, 110 e 111, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho da Trofa e sítios catalogados: 98 – Alvarelos/S. Marçal; 100 – Bairros/Santiago do Bougado (não cartografado); 101 – Abelheira/S. Martinho do Bougado; 102 – Antela dos Córregos/Bouça dos Córregos/Bouça dos Corgos/Bouça do Corgos/Antela dos Córregas.

1.2.2.5. Concelho de Vila do Conde

Azurara

(103) Corgo

- Povoado²⁰⁰.
- Corgo.
- 41.343670° N, -8.728130° W (Fig. 4.85), 36 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 96).
- Calcolítico, Idade do Bronze Médio e Final.



Figura 4.85 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 96, à escala 1/25 000, com localização do Corgo.

e. Identificado a 23 de Fevereiro de 2005 durante trabalhos de acompanhamento arqueológico relativos ao S.M.L.A.M.P., o local foi intervencionado através de parcerias estabelecidas entre a empresa *Metro do Porto, S.A.* e empresas de arqueologia, trabalhos que se estenderam até 2007²⁰¹. Posteriormente deu-se uma nova fase de escavação sob a responsabilidade da empresa *Metro do Porto, S.A.*, empresas de arqueologia e o G.A.C.M.V.C., tendo sido os trabalhos concluídos no mesmo ano.

Situado numa suave colina junto à plataforma litoral e à foz do rio Ave, o local implementa-se sobre terrenos de aptidão agrícola que integram o vale fértil e espraiado da foz do rio Ave. Área de contacto entre granitos alcalinos de grão médio ou grosseiro, também conhecido como Granito da Póvoa de Varzim, e o complexo xisto-granito-megmatítico, ambos parcialmente cobertos por depósitos antigos e atuais, nomeadamente dunas e praias, e ainda por depósitos de mistura indiferenciados (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). A pouco mais de 1 km da foz do rio Ave e do Oceano Atlântico, pelo que no local algumas linhas de água tributam diretamente a margem esquerda do rio Ave. Está identificada, ainda, a cerca de 500 metros para sudoeste, a fonte do Corgo. A cerca de 6 km para sudoeste das jazidas de estanho de Touguinhó (Póvoa de Varzim), a cerca de 8 km para oeste-sudoeste das jazidas de estanho de Bagunte (Vila do Conde) e, a cerca de 16 km para oeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 17 km para oeste do complexo de jazidas de estanho de Peras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Num raio de menos de 1 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens do rio Ave. Circundado de campos agrícolas cultivados com milho, entre manchas de arbustos e herbáceas (campos agrícolas abandonados) e de aglomerados de eucaliptos.

f. Entre as diversas materialidades ali recolhidas contam-se fragmentos cerâmicos e eventuais estruturas enquadáveis no Calcolítico (Ana M. S. Bettencourt, comunicação pessoal), além de buracos de poste por vezes organizados como se de uma cabana retangular se tratasse, fossas, valados e fundos de cabana de planta circular associados a materiais cerâmicos cujas características técnicas (fabrico manual, pastas arenosas e acabamentos alisados) e formais são datáveis da Idade do Bronze. Tal depende-se da observação de uma apresentação em *PowerPoint* disponibilizado *online* da autoria de Iva Botelho²⁰². Ali foram, ainda, identificados vestígios de práticas

²⁰⁰ Entrada do Endovélico com o CNS 22037 relativo a Povoado.

²⁰¹ A obra, da responsabilidade da *Metro do Porto, S.A.* e adjudicada ao Consórcio *Normetro A.C.E.* (Linha da Póvoa/TC7.23, Troço de Via entre Árvore e Azurara) (Botelho & Sobral 2005: 3), viria a assegurar a escavação da área a afetar. Os trabalhos incluíram a realização de parcerias entre a empresa *Metro do Porto* e empresas de arqueologia e decorram de forma faseada. A Fase 1, entre 28 de Fevereiro e 26 de Maio de 2005, em parceria com a *Arqueohoje – Conservação e Restauro do Património Monumental Lda*, visava a avaliação do potencial arqueológico local. A Fase 2, entre 23 de Janeiro e 11 de Maio de 2007, em parceria com a *Novarqueologia, Lda*, tinha como objetivo escavar integralmente vestígios identificados na área afeta à construção. Posteriormente, conjuntamente com o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, foi ainda intervencionada uma área mais a poente.

²⁰² Fonte: <http://www.apai.org.pt/m1/1227717902sub.65.2.pdf>.

metalúrgicas, como se reconhece através da recolha de fragmentos de moldes, mencionados (Bettencourt 2011b) ou observados pessoalmente²⁰³.

A observação rápida dos materiais disponíveis em depósito no G.A.C.M.V.C. permitiu identificar, entre os materiais mais significativos: um fragmento de vaso de bordo horizontal ou forma 13 segundo a tabela formal de A.M.S. Bettencourt (1999), infelizmente desprovido de contexto; um fragmento de pança globular com elemento de prensão horizontal em forma de lingueta, recolhido no quadrado A'11, da camada 1 do valado 1; 2 fragmentos de taças carenadas com indícios de fuligem em ambas as faces, oriundos do quadrado D2, da camada 4 do Fosso I; e vários fragmentos de barro tosco, recolhidos em diferentes camadas e pontos da área escavada, provavelmente pertencentes a pisos de argila ou a argila de revestimento de estruturas em material perecível.

Quanto à cronologia, após a ocupação do local durante o Calcolítico, sucederam-se ocupações datáveis da Idade do Bronze. Pelo menos uma delas remontaria ao Bronze Médio, conforme Botelho (2013) refere²⁰⁴, e outra ao Bronze Final, como parece indiciar a presença de algumas taças carenadas e os restos de moldes de fundição.

Em conjunto com outros autores (Helena Ribeiro, Ana M. S. Bettencourt, Maria I. C. Alves, Fernando Noronha e Ilda Noronha) procedemos ao estudo de duas colunas polínicas recolhidos no local durante os trabalhos de escavação, cujos resultados foram apresentados em comunicação²⁰⁵, em 2010, mas cuja publicação, pela ambiguidade dos resultados obtidos, não foi concretizada. A metodologia de recolha não terá sido a mais adequada, tanto que os resultados demonstraram a contaminação da amostra com pólenes recentes²⁰⁶.

i. Ótimas condições de visibilidade para a linha costeira e para o vale do rio Ave, que se desenvolve para nordeste e, posteriormente, para nascente.

h. G.A.C.M.V.C, Vila do Conde²⁰⁷, M.P., Porto.

i. Botelho *et al.* (2005a, 2005b, 2007), Botelho (2013, 2014), Ribeiro *et al.* (2010).

Bagunte

(104) Monte da Soledade/Bagunte/Monte da Cidade/Cidade de Bagunte

a. Achado metálico²⁰⁸.

b. Cidade.

c. 41.383091° N, -8.655460° W (Fig. 4.86), 206 metros (C.M.P. 1/25 000, S.C.E., fl. 97).

d. Idade do Bronze Final, Idade do Ferro, Romanização.



Figura 4.86 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização de Bagunte.

²⁰³ Até Agosto de 2013 somente parte destes materiais tinham sido entregues ao cuidado do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde, concretamente, os materiais relativos à referência de escavação MP-AZR.02-05.

²⁰⁴ Além da supramencionada publicação, a autora situa “em meados do II milénio AC” a ocupação do Bronze Médio, concretamente, em comunicação intitulada “O sítio do Corgo (Azurara, Vila do Conde). Aproximação preliminar à sua paleocarpologia de exploração nos meados do II milénio AC”, apresentada nas V Jornadas do Quaternário, em 13 de Dezembro de 2013, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

²⁰⁵ Comunicação intitulada “Contribuição do conteúdo polínico para o estudo do litoral Norte durante a Pré-História Recente: o sítio arqueológico do Corgo, Azurara, Vila do Conde”, apresentado nas III Jornadas do Quaternário - *Evolução Paleoambiental e Povoamento no Quaternário do Ocidente Peninsular*, cuja organização esteve a cargo da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário e do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Agradece-se à Câmara Municipal de Vila do Conde a cedência dos sedimentos para a referida análises de palinologia

²⁰⁶ Agradece-se à Câmara Municipal de Vila do Conde a cedência dos referidos sedimentos para análises de palinologia.

²⁰⁷ Apenas os materiais relativos à intervenção MP-AZR.02.05., encontrando-se os restantes à responsabilidade da empresa *Metro do Porto*.

²⁰⁸ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 184.

e. Situado no Monte da Soledade, orografia que se destaca no terreno de ténue ondulação e ponto mais elevado da área que se estende no sentido nordeste-sudoeste por cerca de 4 km, paralelo ao rio Este, bordado por largas áreas chãs onde apenas as vertentes oeste e norte se mostram mais abruptas. O topo da elevação forma uma coroa aplanada, se bem que irregular, que inclui diversos afloramentos graníticos. Granito de grão médio ou grosseiro, também denominado de Granito da Póvoa de Varzim, próximo da orla de o contacto com xistos e grauaques, mais ou menos metamorfizados, e conglomerados, arcoses e xistos com vegetais. (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim, esc. 1/50 000). Próximo do interflúvio formado pelos rios Este e Ave, pelo que no local diversas linhas de água desaguam diretamente na margem esquerda e direita, respetivamente, de ambos. A cerca de 1 km das jazidas de estanho de Bagunte (Vila do Conde), a menos de 5 km para este das jazidas de estanho de Touguinhó (Póvoa de Varzim), a cerca de 13 km para oeste-sudoeste do complexo de jazidas de estanho de Negreiros (Barcelos)/Lousado (Vila Nova de Famalicão) e a cerca de 14 km para oeste do complexo de jazidas de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão) (C.G.P. 9-A Póvoa de Varzim e 9-C Porto, esc. 1/50 000). Num raio de menos de 4 km seria possível a recolha de minérios sob a forma de aluvião nas margens dos rios Este, a nor-noroeste, e Ave, a su-sudoeste. Coberto vegetal densamente arbóreo.

f. Referido por cronistas ainda durante o século XVIII (Costa 1706-1712: 321-322) por ter sido construído um povoado da Idade do Ferro no ponto mais alto de uma elevação que desenvolve o seu maior eixo no sentido nordeste-sudoeste. Refira-se, no entanto, a descoberta de um machado de aletas algures no monte, com gume reto, que Monteagudo (1965: Abb. 26; 1977: 142, n.º 854) enquadra no tipo “*De apêndices laterales (filo recto)*”. Mede 13,4 cm de comprimento, 9 cm de largura e 4 cm de espessura.

g. Bom domínio visual sobre a área circundante, especialmente sobre o vale do rio Este. Avista-se o mar, a Cidade de Terroso, o Castro de Penices (Gondifelos) e o Monte da Saia.

h. M.E.P., Porto.

i. Costa (1706-1712), Paço & Vaultier (1962), Monteagudo (1965, 1977).

Touguinha

(105) Touguinha

a. Contexto funerário²⁰⁹.

b. Lagoa (Fig. 4.87).

d. Idade do Bronze Médio.



Figura 4.87 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, com localização aproximada de Touguinha.

f. Sabe-se por Fortes (1905-1908a: 662) que o achado ocorreu quando “*uma jornaleira [andava] a cavar uma horta na freguesia de Touguinha, concelho de Villa do Conde*”.

Entre os materiais recolhidos consta um vaso troncocónico – forma 14 segundo a tabela de formas de Bettencourt (1999) – e um vaso subcilíndrico ou forma 11 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), cuja descoberta é noticiada por Fortes (1905-1908a: 662-665).

Todos os vasos revelam fabrico manual, pastas arenosas e cozeduras redutoras. O vaso troncocónico apresenta bordo horizontal, com lábio arredondado, do qual falta uma pequena secção acima da asa. Na parte interna do bordo identifica-se uma composição decorativa onde figuram sequências de unhas paralelas ao lábio, embora

²⁰⁹ Entrada no Endovélico relativa a povoado fortificado com o CNS 3594.

ligeiramente inclinadas, formando duas linhas interrompidas. Na zona da pança observam-se, ainda, adições plásticas mamilares. É provido de elemento de apreensão vertical de secção em fita e atinge os 8,6 cm de altura, sendo o diâmetro da sua boca, subcircular, de cerca de 9 cm. O subcilíndrico possui bordo aberto e lábio arredondado, ausência de qualquer decoração e, como o anterior, elemento de apreensão vertical de secção em fita. Atinge os 7,2 cm de altura e o seu diâmetro, igualmente subcircular, é de cerca de 8,2 cm. De destacar que estas formas apresentam fuligem interna e externa, o que é compatível com a queima de substâncias em momentos anteriores à sua deposição.

Por paralelos com contextos onde foram exumadas formas cerâmicas semelhantes, Bettencourt (2010b: 55, 2011b: 124) adianta a hipótese de ali ter existido uma necrópole de inumação (sob fossa ou sob sepultura plana), onde a deposição dos cadáveres terá sido acompanhada de oferendas materiais.

h. M.M.P., Porto.

i. Fortes (1905-1908a: 662-663, fig. 1-3), Soeiro (1988: 57, fig. XI, 1-2), Bettencourt (2010b, 2011b).

Vila do Conde

(106) Vila do Conde

a. Achado áureo.

d. Idade do Bronze Médio (?) ou Final.

f. O achado citado por Vasconcelos (1905: 48) é de contexto indefinido, referindo-se apenas a “*Uma xorca de ouro antiga, que consta ter vindo de Villa do Conde, - obtida por compra que fiz em Lisboa*”.

Trata-se de um bracelete de ouro de tiras que, segundo Armbruster & Parreira (1993: 108), terá sido produzido a partir de um lingote de ouro martelado. Tem 7,6 cm de maior eixo e pesa 62,5 g (Silva 1986). Corresponde a um aro elíptico aberto, maciço, sem decoração e cujas extremidades, adelgaçadas, apresentam um boleado conseguido por martelagem.

h. M.N.A., Lisboa

i. Vasconcelos (1905), Silva (1986), Armbruster & Parreira (1993).



Figura 4.88 – Excertos de Cartas Militares de Portugal, folhas 68, 69, 82, 83, 84, 96, 97 e 98, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com delimitação do concelho de Vila do Conde e sítios catalogados: 103 – Corgo; 104 – Monte da Soledade/Bagunte/Monte da Cidade/Cidade de Bagunte; 105 – Touguinha; 106 – Vila do Conde.

2. Estudo monográfico do Pego

2.1. Nota prévia

Uma das preocupações fundamentais desta monografia foi a de compilar integralmente os dados obtidos nas várias campanhas de escavação realizadas no sítio do Pego, não só no âmbito do projeto de doutoramento intitulado *A Idade do Bronze na bacia do Ave*, da responsabilidade do signatário, como, igualmente, de projetos anteriores.

A singularidade deste sítio, a par das inúmeras questões levantadas ao longo dos trabalhos anteriores, pesou a favor da continuidade das escavações arqueológicas no local. E, embora estas tenham permitido algumas respostas, não é menos verdade que levantaram novas questões.

Não poderá ser esquecido o lado invisível que acompanhou e viabilizou este longo percurso. Na verdade, os dados obtidos não estariam disponíveis sem o empenho de diretores e de codiretores de campo e sem a colaboração voluntária de arqueólogos, de estudantes das licenciaturas em Arqueologia e História das Universidades do Minho e do Porto e de outros voluntários¹. Fica aqui expresso o sincero agradecimento a todos os que integraram as diferentes equipas. Da mesma forma, cabe-nos reconhecer à Junta de Freguesia de Cunha o apoio concedido no que diz respeito às refeições da equipa, à cedência de instalações para práticas laboratoriais e ao empréstimo de materiais pesados de trabalho. À Câmara Municipal de Braga agradece-se igualmente a disponibilização dos serviços de topografia. Não esquece, também, a ajuda logística, concedida em 2010, pela pessoa do Diretor do Conselho Executivo do Agrupamento Vertical de Escolas Trigoal de Santa Maria/Tadim, ao garantir a prossecução de parte dos trabalhos de laboratório através da cedência das instalações do Jardim de Infância e Escola Básica 1 de Portelo-Cunha. Reconhecemos, igualmente, a abertura, a paciência e a

¹ Arqueólogos, alunos de arqueologia e outros voluntários: Alberto Sousa, Alda Rodrigues, Alexandra Sousa, Ana Abrunhosa, Ana Lavrador, Ana M. Martins, Andreia Silva, Ângela Dias, Ângela Pereira, António Pereira, António Mário Dinis, Arnaldo Teixeira, Bárbara Xavier, Bruno Osório, Bruno Vidrago, Carla Carvalho, Carla Xavier, Carlos Alvim, Catarina Gomes, Cátia Carronda, Cristiana Valpaços, Décio Alves, Diana Almeida, Diana Amorim, Diogo Amaro, Diogo Amaro Chavaria, Edgar Silva, Edite Sá, Elisabete Pereira, Elísio Campos, Emanuel Longras, Eva Raquel, Filomena Ferreira, Francisco Raimundo, Gabriela Santos, Gisela Braga, Guilherme Oliveira, Hélder Carvalho, Hugo Cardoso, Janine Laborda, Joana Abreu, Joana Duarte, Joana Emanuel, Joana Ferreira, Joana Guerreiro, Joana Lemos, Joana Pinto, Joana Rita, Joana Valdez, João Abrantes, João Abreu, João Pedro Fernandes, João Carlos Ribeiro, José Domingos, José Maciel, José Nuno Gomes, José Ribeiro, José Sendas, Juliana Silva, Júlio Nunes, Lília Freitas, Liliana Fernandes, Liliana Fial, Liliana Rocha, Lúcia Araújo, Luciano Vilas Boas, Luís Castro, Luís Loureiro, Luís Marado, Luís Miguel Cruz, Luís Moura, Manuela Silva, Manuel Campos, Margarida Génio, Maria João Amorim, Marta Azevedo, Marta Marques, Nádia Fernandes, Nuno Braumann, Nuno Malheiro, Patrícia Almeida, Paulo César Pereira, Paulo Ferreira, Pedro Costa, Pedro Leonel, Paulo Moço, Pedro Monteiro, Pedro Vaz, Pedro Xavier, Raul Tomé, Ricardo Carvalho, Ricardo Oliveira, Sandrine Fernandes, Sara Garcês, Sandra Gonçalves, Sérgio Amorim, Sónia Moreira, Tânia Pereira, Tapício Azolini, Telma Rebordão, Tiago Correia, Tiago Silva, Verónica Crista, Vítor Hugo Pimenta, e a todos aqueles que, por lapso, não estejam aqui referidos.

compreensão demonstrada pela coordenadora e por todos os funcionários daquela instituição educativa.

No que concerne ao estudo e à componente gráfica dos materiais inclusos em anexo, terá obrigatoriamente que ser vincada a disponibilidade da equipa diretiva e técnica do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga (M.D.D.S.). Em especial, à Dra. Isabel Silva, à Clara Lobo, ao Manuel Santos e à Amélia Marques. Um agradecimento especial, igualmente, a Hélia Aluai Sampaio, pelo tratamento e vectorização dos desenhos de campo.

Uma última nota para a Fundação para a Ciência e Tecnologia que, através da concessão de uma bolsa de doutoramento (Ref. SFRH/BD/41776/2007), proporcionou as condições necessárias para a consecução das tarefas que compunham a proposta de doutoramento apresentada e que contemplava, entre 2008 e 2010, os trabalhos de escavação no local.

2.2. Introdução

O local foi identificado em 2003, durante trabalhos de acompanhamento arqueológico contratados pela empresa Rede Ferroviária Nacional, EP (REFER, EP) que, na altura, procedia à remodelação do troço ferroviário entre Nine e Braga.

Coube a Rui Pedro Alves Barbosa, da empresa *Palimpsesto. Estudo e Preservação do Património Cultural*, recolher, durante a remoção mecânica de arena granítica de uma parcela de terreno, fragmentos cerâmicos cujas características técnicas e morfológicas se enquadravam na Idade do Bronze. Alertada a tutela para esta descoberta, o então Instituto Português de Arqueologia (I.P.A., IP), foi imposta a realização de sondagens arqueológicas no local.

O objetivo era o de precisar e de circunscrever a área de dispersão dos vestígios e, paralelamente, de assegurar a sua proteção. As sondagens foram iniciadas em Outubro de 2003, sob a responsabilidade da empresa *Archeo'Estudos. Investigação Arqueológica, Lda.*, cabendo a direção dos trabalhos a Sandra Salazar Ralha e a respetiva consultoria científica a Ana M.S. Bettencourt. Com os resultados obtidos nesta intervenção foi possível determinar as parcelas de terreno a desafetar para, dessa forma, não cessar a exploração de saibro. Ao mesmo tempo, preservava-se a área de interesse arqueológico.

A partir desta data as intervenções decorreram anualmente, maioritariamente durante os meses de Julho, entre 2004 e 2010², mas, também, durante períodos em que tal foi viável³.

² No âmbito dos Estágios práticos I, II e III da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho.

³ Como durante as férias da Páscoa de 2006, algumas semanas de Setembro de 2008 e de 2009 e vários fins-de-semana e feriados.

Durante 2003 os trabalhos prosseguiram nos Sectores I, II e III, correspondentes, respetivamente, ao topo da vertente sul, à vertente sul e à plataforma baixa a sudeste da colina. Durante 2004 e 2005 os trabalhos incidiram na área do Sector II, alargando as sondagens de 2003. No ano subsequente prosseguiram as escavações naquele sector que se estenderam, paralelamente, no Sector V, ou seja, ao topo da colina. Durante 2006 foram privilegiadas as vertentes norte, noroeste e este da colina, área incluída no Sector V e que viria a ser desafetada para a construção de arruamentos e de uma moradia particular. Posteriormente, entre 2007 e 2010, os trabalhos centraram-se na vertente este da colina – pela necessidade de libertar, em definitivo, os terrenos para a construção da referida moradia particular – e no topo oeste da mesma – uma vez que o alargamento para este da Estrada Municipal contígua, visando a construção de passeio, obrigava ao corte de uma parcela de terreno com interesse arqueológico. Quanto ao Sector II, em 2006, os trabalhos puseram a descoberto a continuação de uma vala perimetral identificada primeiramente em 2005, junto ao corte oeste daquele sector. Este trecho, que se desenvolvia ao longo da vertente este, não foi escavado na totalidade⁴. Além disso, continuaram a ser localizadas e escavadas estruturas abertas em negativo no substrato rochoso que se distribuíam pela vertente sul da referida colina.

Uma das problemáticas inerentes a este local prende-se com os vestígios identificados no topo da colina, no denominado de Sector V. Era pertinente perceber se a óbvia interpretação dos mesmos como parte de um povoado espelhava convenientemente a realidade observada. A natureza ambígua de algumas estruturas e a sua conjugação tornavam este local único no Noroeste português. A sua compreensão teria que passar, obrigatoriamente, pela recolha de novos dados e de novas datações absolutas.

As intervenções no local, num primeiro momento, desenvolveram-se no âmbito do projeto da responsabilidade de A. M. S. Bettencourt, intitulado *A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde os meados do III aos finais do II milénios AC*⁵. Seguidamente, a sua particularidade valeu-lhe a inclusão em duas teses de doutoramento a desenvolver na Universidade do Minho. Primeiro, na aplicação de métodos prospetivos não destrutivos com recurso a georadar, da responsabilidade de Luís Gonçalves, do Departamento de Ciências da Terra, com o título *Estudo Geoarqueológico com Georadar. Aplicação aos contextos arqueológicos da Pré-História Recente à Proto-História do NW de Portugal*. Posteriormente, este

⁴ Uma vez que a integridade desta estrutura não previa afetação pela obra – a construção da moradia não contemplava a descida da cota em certas zonas –, foi opção proteger parte desta estrutura com geotêxtil e, posteriormente, aterrá-la.

⁵ Projeto SAPIENS99, financiado pela F.C.T. com a referência POCTI/HAR/36527/2000.

lugar foi igualmente incluído no projeto submetido pelo signatário e aprovado pelo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, IP (IGESPAR, IP) a Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos, intitulado A Idade do Bronze no vale do Ave⁶. Os trabalhos visaram o estudo dos vestígios ali presentes para tentar perceber convenientemente a dinâmica de ocupação do local à escala intra-sítio para, a partir daí, partir para a sua inclusão no contexto geral da Idade do Bronze da bacia do rio Ave.

Estes objetivos não fizeram esquecer, obviamente, a desafetação do terreno necessário à construção da moradia particular, tarefa concluída em Julho de 2010.

No que respeita à divulgação deste sítio contam-se várias comunicações apresentadas em encontros internacionais, das quais resultaram diversas publicações (Sampaio *et al.* 2008; Gonçalves *et al.* 2020; Sampaio & Bettencourt 2011; Gonçalves *et al.* 2012; Sampaio & Bettencourt 2014).

2.3. Localização, contexto físico e ambiental e enquadramento arqueológico

O Pego localiza-se no lugar do Souto, na freguesia de Cunha, nos limites sudoeste do concelho e distrito de Braga com o concelho vizinho de Barcelos. O local ocupa, segundo o Sistema WGS84, as coordenadas geográficas decimais de 41,4935 N e -8,5206 W (Fig. 4.95).

Situa-se numa pequena colina com a altitude máxima de 150 metros, nas imediações de uma elevação de maior amplitude que, com 220 a 240 metros de altitude, se desenvolve desde Sequeira no sentido nordeste-sudoeste (Fig. 4.96). Por esse motivo, integra a orografia que funciona como cumeeira e que separa as bacias hidrográficas do rio Cávado, a norte, e o rio Ave, a sul.

A referida colina é flanqueada a oeste e a este por um interflúvio, sendo que o curso de água posicionado a poente, de menor dimensão, afluí à ribeira da Levegada, que corre a nascente. O vale desta ribeira, que se encontra ladeado por outros relevos graníticos de moderada altitude que não excedem os 270 metros, desenvolve-se no sentido nordeste-sudoeste, convergindo, a cerca de 1 km para sul, ao vale do rio Este, parte integrante da bacia hidrográfica do rio Ave (Fig. 4.97). Esta posição permite excelentes condições de visibilidade entre os quadrantes nordeste e sul, área onde se estende o vale aluvionar daquela ribeira, caracteristicamente aberto e de considerável extensão, onde imperam margens bem espaiadas sobre as quais proliferam terrenos de aptidão agrícola. A escassos 50 metros para sudoeste, no

⁶ P.N.T.A com a referência IBVA (2008/1 (554)) e bolsa de doutoramento concedida pela F.C.T. com a referência SFRH/BD/41776/2007

corte de um caminho pertença de um caseiro local, foi identificado um paleocanal. Se tal prova que muito próximo deste lugar passou, em tempos, uma linha de água, não é de todo possível afirmar se a mesma esteve ativa durante a Idade do Bronze. Além disso, a menos de 100 metros para norte conhece-se uma nascente de água potável.

Segundo as Cartas Geológicas de Portugal, folhas 5-C de Barcelos e 5-D de Braga (Teixeira & Medeiros 1969), à escala 1/50 000, o substrato rochoso local é maioritariamente constituído por monzogranitos biotíticos, com rara moscovite, porfíroides, de grão grosseiro, também conhecidos por Granitos de Celeirós e Vieira do Minho (Fig. 4.98). Este aflora recorrentemente à superfície nas imediações do Pego, por vezes agrupado em bolas de dimensões variáveis, apresentando-se, amiúde, arenizado, isto é, sob a forma de arena granítica (Gonçalves 2013).

Uma análise às Cartas Geológicas de Portugal, folhas 5-C de Barcelos (Teixeira & Medeiros 1969), 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000), 9-A de Póvoa de Varzim (Teixeira & Medeiros 1965) e 9-B de Guimarães (Andrade & Noronha 1986), à escala 1/50 000, permite identificar recursos metálicos, sob a forma de mineralizações de estanho (predominantemente de cassiterite), num raio inferior a 15 km: a cerca de 10/12 km para sudoeste, os filões primários de Sn e W de PedrasN e Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão); e, a cerca de 6/7 km para Norte, em associação a filões aplíticos e pegmatíticos, entre as povoações de Cabreiros e Padim da Graça (Braga). Estas últimas seriam as mais acessíveis, bastando para isso recorrer ao vale da referida ribeira da Levegada e, dali, ao rio Este. Este percurso permitia igualmente o acesso facilitado à cassiterite de aluvião certamente abundante, a cerca de 10 km para sudoeste, nas faldas do Monte de Anta de Cavalões, em Vila Nova de Famalicão, no alto do qual se distribuem vários filões primários de estanho e de volframite, constantemente “lavados” por variados cursos de água que drenam para o rio Este (vide 4.91).

Além disso, a proximidade de cursos fluviais de dinâmica considerável, como os rios Cávado, Este e Ave e seus principais afluentes, facilitariam a captação de minérios nativos como o ouro, a prata e o estanho sob a forma de aluvião. A ausência de cobre nas imediações seria colmatada tirando partido do posicionamento privilegiado do Pego em relação aos principais vales das bacias hidrográficas de maior dinâmica, os quais facilitaram os contatos suprarregionais e o acesso à fachada atlântica e ao interior continental. Como tal, a aquisição daquele minério poderá ter ocorrido nas imediações de Jales, em Vila Pouca de Aguiar (Vila Real) ou de Oliveira de Azeméis (Aveiro).

O coberto vegetal local atual é do tipo arbóreo, arbustivo e herbáceo, incluindo pinheiros, eucaliptos, carvalhos e sobreiros, alguns castanheiros, espinheiros e pirliteiros, tojos, silvas, urzes, giestas, estevas e fetos. Na colina propriamente dita os trabalhos de escavação obrigaram à desmatagem de alguns eucaliptos, espécie com maior expressão, o que reduziu as espécies arbóreas em detrimento de herbáceas e de arbustivas.

O acesso a este local faz-se a partir da Junta de Freguesia de Cunha, tomando a direção ao lugar do Souto e, daí, seguindo para o lugar do Frijão. O sítio surge pela esquerda, praticamente à entrada da rua da Idade do Bronze, junto a moradias construídas recentemente.

Além destes vestígios estão identificados, na freguesia de Cunha, a umas centenas de metros para sudoeste, os sítios arqueológicos do Frijão 1 e do Frijão 2 e, a semelhante, distância para sul, de Espinheiral. Enquanto os primeiros indiciam, respetivamente, ocupações da Idade do Ferro (Barbosa & Azevedo 2005-2005; Silva 2014) e da Idade do Bronze (Bárbara & Azevedo 2004-2005), o terceiro é hipoteticamente relativo a um monumento megalítico (Barbosa & Azevedo 2004-2005).

2.4. Objetivos e metodologia

Conforme já referido genericamente na introdução, pretende-se tratar, organizar e compilar toda a informação recolhida ao longo das várias campanhas de escavação ali ocorridas. Com base no estudo e cruzamento integral dos dados recolhidos (sequências estratigráficas, materiais, estruturas e ecofatos) pretendia-se:

- a. analisar, à escala intra-sítio, a organização interna do local, observando as relações entre as diferentes estruturas e tentando perceber diferentes funcionalidades;
- b. identificar os momentos de ocupação datáveis da Idade do Bronze;
- c. observar relações de continuidade ou de descontinuidade entre as diferentes fases de ocupação identificadas para, dessa forma, tentar atingir a dinâmica ocupacional do sítio;
- d. estabelecer uma cronologia mais apertada para esses diferentes momentos, quando identificados;
- e. incluir este local no cenário regional mais alargado, tentando perceber a sua importância no quadro de ocupações contemporâneas conhecido na bacia hidrográfica do rio Ave e considerado como uma rede de lugares;

Durante as sondagens arqueológicas efetuadas pela empresa *Archeo'Estudos. Investigação Arqueológica, Lda.*, foram abertas quatro áreas da colina que resultaram em igual

número de sectores: o Sector I, no topo da vertente sul; o Sector II, na vertente sul; o Sector III, implementado na plataforma baixa a sudeste; e o Sector IV, situado na plataforma baixa a este-sudeste.

Cedo se percebeu que nos Sectores III e IV os poucos vestígios arqueológicos identificados resultariam de escorrimentos de materiais originalmente depositados na plataforma superior. A fraca potência estratigráfica e as características de aterro/revolvimento verificadas no Sector I apenas revelaram, igualmente, materiais descontextualizados. No Sector II, apesar dos níveis de revolvimento de aterro visíveis à superfície – resultantes da ação mecânica das máquinas que ali procederam à extração de arena granítica –, foi possível identificar estruturas escavadas em negativo no substrato rochoso. Tal deveu-se à observação do contraste das colorações entre o substrato rochoso e o enchimento dessas estruturas, processo nem sempre fácil. Dado o alargamento considerável e necessário para a continuidade dos trabalhos – após a realização destas sondagens – foi necessário proceder ao prolongamento da quadrícula pré-existente, procedimento conseguido com a ajuda da equipa do Gabinete de Topografia da Câmara Municipal de Braga.

A metodologia de escavação inicialmente escolhida foi a de decapagem dos sedimentos superficiais segundo planos de 5 cm. Esta metodologia foi posteriormente abandonada, uma vez que o conhecimento da estratigrafia geral permitiu que a escavação, em *open área*, prosseguisse segundo a decapagem segundo a sua deposição no terreno. Além disso, tornava possível a leitura sincrónica de uma área mais abrangente e, dessa forma, facilitava a interpretação dos vestígios.

Cada plano foi desenhado à escala de 1/20, assim como as plantas, os perfis e as secções de cada estrutura identificada. Foi, igualmente, desenhada uma planta geral à escala 1/100. Todos os desenhos foram acompanhados de respetivo registo topográfico sob a forma de cotas absolutas. A sua conversão foi efetuada com base em dois pontos fixos cotados, marcados pela equipa de topografia da Câmara Municipal de Braga, um situado a noroeste da colina, no Sector V, e outro no topo do muro de limite de propriedades, num grande afloramento nele incluído, situado a nordeste do Sector II e na área limite com o Sector V.

O registo fotográfico foi duplamente realizado, recorrendo a máquina analógica e digital.

Todas as terras de enchimento das estruturas foram devidamente recolhidas e acondicionadas para posterior flutuação, permitindo a coleta de ecofatos. Certas porções destas terras não foi flutuada, ficando guardadas, para futuras análises químicas e/ou datações, no

Museu D. Diogo de Sousa, em Braga. Após seleção e acomodação de algumas amostras, estas foram encaminhados para análises de Antracologia, de Paleocarpologia e de Dendrologia, sendo algumas escolhidas para datações absolutas. As análises de Antracologia e de Dendrologia ficaram a cargo de Maria Martín-Seijo, investigadora do *Grupo de Estudos para a Prehistoria do Noroeste Ibérico* (Departamento de Historia I), da Universidade de Santiago de Compostela, em Espanha. As datações absolutas provêm de dois laboratórios, nomeadamente, o *Beta Analytic – Radiocarbono Dating*, com sede em Flórida, e o *NSF – Accelerator Mass Spectrometry Laboratory*, com sede em Arizona, ambos nos Estados Unidos da América.

Foram, igualmente, efetuadas análises por Espectrometria de Fluorescência de Raios X (FRX) a restos materiais de moldes cerâmicos. Estes trabalhos foram realizados pelas Doutoradas Maria de Fátima Araújo e Elin Figueiredo, investigadoras do Instituto Tecnológico e Nuclear, com sede em Sacavém, Portugal.

O espólio cerâmico, lítico e metálico, após acondicionamento e etiquetagem, deu entrada no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga. Nesta mesma instituição os materiais líticos e cerâmicos foram, posteriormente, lavados, marcados e estudados.

O estudo morfológico do material cerâmico assentou na tabela formal de Bettencourt (1999), complementada com novas formas, quando identificadas. Foi redigida uma ficha de estudo que obedeceu à escolha de parâmetros previamente estipulados que, além dos incluídos em Bettencourt (1999) adotou, também, os pressupostos de Garrow, Beadsmore & Knight (2005) e de Brudnell & Cooper (2008). O principal objetivo foi o de direcionar o estudo cerâmico para preocupações que ultrapassassem a mera descrição tecnológica, formal e funcional dos vasos e que se prendem com a vida dos fragmentos após a sua quebra ou seu aparente descarte. Tal análise permite aferir que, por vezes, os fragmentos não deixam de ser agentes com a quebra, senão iniciam ou integram um novo ciclo. A respeito dos materiais cerâmicos recuperados do interior de fossas do Sector V cabe referir que foram cedidos para estudo e integram uma tese de mestrado a desenvolver por Ana Catarina dos Gomes Braga, aluna de mestrado em Arqueologia na Universidade do Minho, razão pela qual não são incluídos no presente trabalho. Uma última nota em relação aos materiais em geral para dizer que, por força externa à nossa vontade, muitos dos materiais (cerâmicos e líticos) recuperados durante campanhas de escavação e em depósito provisório na sede da Junta de Freguesia de Cunha, em Braga, foram descartados, facto ao qual não terá sido alheia a vontade dos responsáveis daquelas instalações. Foi dado o alerta por escrito à tutela, sendo que a ínfima parte do material

que foi recuperado estava desprovido de qualquer contextualização, já que muitos estavam por marcar e, uma vez retirados dos respetivos sacos etiquetados, perderam o seu contexto arqueológico. Além do crime de lesa arqueologia em si, advém desta situação uma perda irreparável de informação.

Os sedimentos em contacto com os vasos cerâmicos exumados inteiros (ou praticamente inteiros) identificados em contextos primários foram, igualmente, recolhidos e acondicionados em papel de alumínio para posteriores análises sedimentológicas ou de outra índole. Extraíram-se, também, pequenas amostras cerâmicas dos vasos que indicavam deposição primária para servirem posteriores análises de química orgânica. O principal objetivo era o de detetar os seus conteúdos mas, igualmente, assegurar amostras não contaminadas pelos produtos de conservação e restauro do museu para, se necessário, proceder a novas datações absolutas e/ou outro tipo de análises. Por fim, realizaram-se raspagens de fuligem presente em algumas formas cerâmicas que, reforçada pelos elevados graus de fiabilidade dos contextos, permitiram datações absolutas fidedignas.

2.5. Escavação

A ordem de apresentação dos dados seguirá a numeração crescente atribuída aos diferentes setores durante os trabalhos de campo. Registe-se, contudo, que nos sectores I, III e IV os escassos vestígios identificados geraram informação que remete, apenas, para os pontos estratigrafia geral e materiais, não tendo sido identificadas quaisquer estruturas. Nesses mesmos sectores os escassos dados iniciam pela descrição da estratigrafia geral seguida dos materiais recuperados, descrevendo os mais significativos pela ordem estratigráfica, da camada mais recente para a mais antiga.

Nos sectores II e V a presença de estruturas e o volume de informação daí gerado implicou outro alinhamento (Fig. 4.99). Assim, após a abordagem da descrição da estratigrafia geral e das respetivas estruturas históricas ou pré-históricas e seus respetivos materiais, passa-se à descrição das estruturas cortadas no substrato rochoso, da sua estratigrafia e dos materiais a elas associados.

Todos os sectores são rematados com uma síntese.

2.5.1. Sector I

Os trabalhos arqueológicos no sector I totalizaram 12 m² de terreno escavado. A sondagem incidiu sobre os quadrados B1, B2 e C2, numa malha de 2 por 2 metros. Neste

sector não foi registada qualquer estrutura e os escassos materiais recuperados integram as camadas da estratigrafia geral. Posteriormente, a ampliação do sector II aglutinou este sector.

2.5.1.1. Estratigrafia e materiais

2.5.1.1.1. Estratigrafia geral

Durante os trabalhos foram identificadas três camadas estratigráficas:

Camada 0 ou humosa – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, areno-limoso, calibragem irregular, com alguns carvões dispersos, raízes, seixos angulosos e blocos graníticos.

Camada 1 – sedimento de coloração castanha, homogéneo, medianamente compacto, limo-arenoso, com bastantes raízes.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, limo-arenoso, com manchas arenosas mais claras. Inclui-se, nesta mesma camada, o que foi designado como camada 2c registada no quadrado C2.

Camada 3 – substrato rochoso.

2.5.1.1.2. Materiais

No total foram recuperados 94 fragmentos cerâmicos distribuídos irregularmente pelas camadas 0, 1, 2 e 2c dos quadrados B1, B2 e C2. Foram, ainda, recuperados 2 elementos líticos e 1 moeda.

Materiais cerâmicos

Entre os 94 fragmentos recuperados figuram 17 bordos, 58 panças, 3 colos, 6 bases e 10 indeterminados (Tab. 4.23).

No quadrado B1 foram recuperados 56 fragmentos (5 bordos, 40 panças, 2 colos, 1 base e 8 fragmentos indeterminados), no quadrado B2 33 fragmentos (10 bordos, 16 panças, 5 bases e 2 fragmentos indeterminados) e no quadrado C2 4 fragmentos (3 panças e 1 colo).

Na **camada 0**, no quadrado B1, foram recolhidos 21 fragmentos cerâmicos, estando representados 2 bordos, 18 panças e 1 base. Genericamente, as suas características tecnológicas e formais permitem enquadrá-los em período histórico.

Na **camada 1**, no quadrado B1, exumaram-se 7 fragmentos cerâmicos, entre os quais 1 bordo, 5 panças e 1 fragmento indeterminado. As suas características tecnológicas e formais permitem enquadrá-los, grosso modo, em período histórico. Do quadrado B2 foram recuperados 11 fragmentos cerâmicos, nos quais estão representados 3 bordos, 6 panças e 2 bases. As suas pastas incluem algumas micas e revelam cozeduras oxidantes. Estas características permitem enquadrá-los em período histórico.

Na **camada 2**, no quadrado B1, surgiram 28 fragmentos cerâmicos, dos quais 2 bordos, 17 panças, 2 colos e 7 fragmentos indeterminados. Destaque, entre estes materiais, para um fragmento de largo bordo horizontal bastante boleado que permite equacionar o elevado contacto com agentes erosivos. As suas características técnicas e morfológicas permitem situá-lo na Idade do Bronze. Os restantes materiais cerâmicos são genericamente enquadráveis em período histórico. Do quadrado B2 provêm 22 fragmentos cerâmicos, dos quais 7 bordos, 10 panças, 3 bases e 2 fragmentos indeterminados. As suas pastas incluem bastantes micas de pequena dimensão que, a par de cozeduras oxidantes e de outras características técnicas e formais, permitem enquadrá-los em período histórico. Finalmente, do quadrado C2 foi recuperado 1 fragmento cerâmico correspondente a uma pança. A sua pasta incluía muitas micas de pequena dimensão e denotava cozedura oxidante e fabrico a torno. Tais características permitem enquadrá-lo, ainda que genericamente, em período histórico.

Na **camada 2c**, o quadrado C2 incluía 2 fragmentos de pança e 1 colo cujas características tecnológicas permitem enquadrar genericamente em período histórico.

Tabela 4.23 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos no Sector I, discriminando os elementos representados por quadrado e por camada.

Quadrado	Camada	Cerâmica	Bordo	Pança	Colo	Base	Indeterminado
B1	0	21	2	18	-	1	-
B1	1	7	1	5	-	-	1
B1	2	28	2	17	2	-	7
B2	1	11	3	6	-	2	-
B2	2	22	7	10	-	3	2
C2	2	1	-	1	-	-	-
C2	2c	3	-	2	1	-	-
Total	-	93	15	59	3	6	10

Materiais líticos

Resumem-se a 2 elementos líticos recolhidos no quadrado B1. Da camada 1 foi recuperado um pequeno seixo rolado quartzítico e, da camada 2, um pequeno fragmento de seixo rolado quartzítico resultante de um possível levantamento.

Materiais metálicos

O único elemento metálico recuperado corresponde a uma moeda que foi recuperado da camada 0 do quadrado B1. Trata-se de ceitil de D. João II/D. Sebastião, datado de entre 1481 e 1578.

2.5.1.2. Síntese

O carácter da informação recolhida neste sector não permite alargadas interpretações. A inexistência de níveis de ocupação e de estruturas e a reduzida quantidade de materiais recolhidos possibilitam, apenas, aferir que esta área não sofreu uma ocupação concreta nem durante a Idade do Bronze nem em época histórica. Como tal, as características dos materiais cerâmicos recolhidos dessa época (rolados, de pequenas dimensões e a mistura com materiais de outras épocas), permitem verificar que a sua presença naquele sector terá resultado de processos de escorrência com origem nas plataformas superiores da colina, nomeadamente, nos Sectores II e V ou, talvez, como resultado de perturbações devidas a atividades agrícolas e florestais praticadas nas cotas mais altas da colina

2.5.2. Sector II

Os trabalhos arqueológicos neste sector totalizaram 381 m² (Fig. 4.99).

2.5.2.1. Estratigrafia, estruturas e materiais

A inclinação do terreno e a constante presença de episódios erosivos contrariaram a preservação de quaisquer níveis de ocupação/abandono. As evidências de escorrências por ação das chuvas confirmam-se pela presença de materiais cerâmicos rolados nas sondagens efetuadas a cotas mais baixas, como os Sectores I e III. Ali, as características e o estado descontextualizado dos materiais favorecem a hipótese de terem sido movidos dos seus contextos primários de deposição. Não obstante, a presença de maquinaria pesada a explorar arena granítica na área deste sector contribuiu, de igual modo, para a formação de uma camada

de aterro de potência considerável que recobriu, em alguns casos, a camada 0 (humosa). Tal deve-se, também, como já foi referido, ao facto de ali o substrato geológico apresentar-se arenizado, fator que poderá não ter sido alheio à escolha do local para implementação das estruturas pelas populações da Idade do Bronze.

2.5.2.1.1. Estratigrafia geral e materiais

Estratigrafia geral

A estratigrafia identificada durante os trabalhos de escavação inclui quatro camadas comuns a todo este sector (camada A, camada 0, camada 2 e camada 3) mas, também, outras unidades estratigráficas. Estas últimas (camada 0', camada 1, camada 1a e camada 2a) correspondem a variações de pequena escala resultantes de diferentes processos, sendo a sua distribuição espacial limitada.

Camada A – sedimento de dimensões variadas tendo, por vezes, cerca de 1 metro de espessura; tal situação apenas ocorreu nos quadrados mais a sul do sector; corresponde a uma camada de aterro.

Camada 0 (humosa) – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com alguns carvões dispersos, raízes, seixos angulosos e blocos graníticos; por vezes coberto por camada de aterro de espessura variável.

Camada 0' – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de fraca compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com algumas raízes; apenas registado em plano no quadrado B8 do sector II.

Camada 1 – sedimento de coloração acinzentada, homogéneo, medianamente compacto, areno-limoso, de calibragem irregular; apenas registado parcialmente nos quadrados ZZ5, ZZ9, A1, B1, B8, B9 e B10 do sector II.

Camada 1a – sedimento de coloração acinzentada, homogéneo, de fraca compactidade, muito limoso, com seixos angulosos graníticos; apenas registado de forma parcelar no quadrado B8 e no quadrante nordeste do quadrado B10 do sector II.

Camada 2a – sedimento de coloração esbranquiçada, de base saibrenta, de espessura considerável, de origem antrópica; apenas registado no quadrado E6 do sector II de forma muito evidente.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha amarelada, homogéneo, de média compactidade, mais arenoso do que limoso, de calibragem irregular; corresponde, em alguns quadrados, ao topo do substrato rochoso arenizado (arena granítica).

Camada 3 – substrato rochoso.

Materiais

Uma vez que não existe qualquer camada de ocupação/abandono, o espólio presente na estratigrafia geral faz-se representar, principalmente, por fragmentos cerâmicos de diferentes fases. Entre estes surgiram, também, alguns elementos líticos. Note-se, ainda, que ocorreram pontualmente recolhas de superfície em diferentes pontos deste sector.

Materiais cerâmicos

Incluía a mistura de fragmentos cerâmicos de época histórica e da Idade do Bronze. A condição não estruturada de deposição dos materiais mais antigos e a falta da sua devida contextualização estratigráfica apenas permite aferir que se deslocaram até à superfície, de níveis inferiores, por ações variadas – práticas agrícolas, bioturbações, raízes ou processos erosivos. Paralelamente e em momento mais recente parecem ter sofrido, igualmente, ações mecânicas de origem antrópica – pelo uso do local como saibreira – que revolveram e misturaram as terras nesta área.

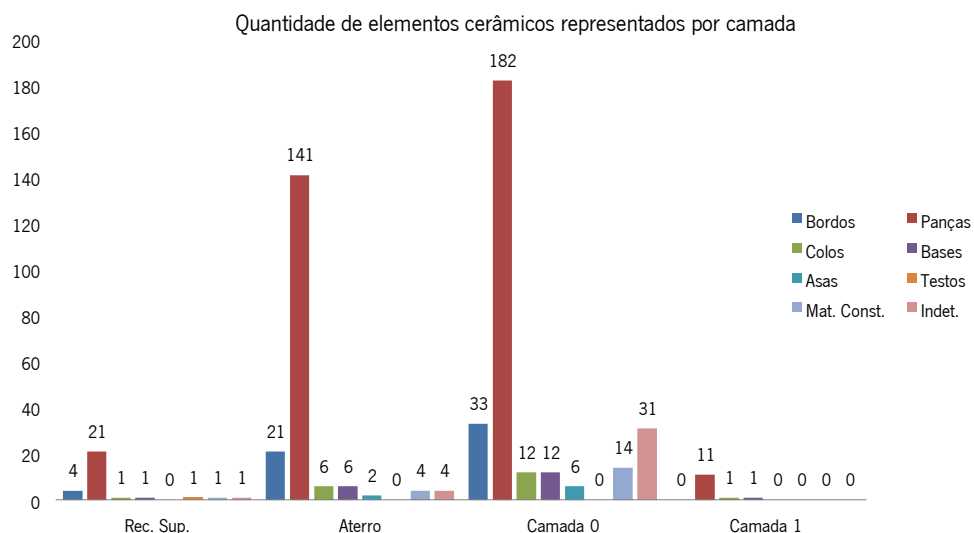


Figura 4.92 – Elementos cerâmicos recolhidos por camada no Sector II.

O espólio cerâmico recolhido totaliza 547 fragmentos cerâmicos. Nestes estão representados 58 bordos, 21 colos, 357 panças, 20 bases, 8 asas, 1 tampa, 19 fragmentos de material de construção e 36 indeterminados. Ressalva-se que estes elementos incluem, em muitos casos, a colagem de mais do que dois fragmentos cerâmicos (Fig. 4.92).

Recolha de superfície

Totaliza 32 fragmentos cerâmicos onde estão representados 4 bordos, 21 panças, 1 colo, 1 base plana simples, 1 fragmento indeterminado e 1 fragmento cerâmico de material de construção (Tab. 4.24).

Tabela 4.24 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície no Sector II, discriminando os elementos representados

Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Tampa	Ind.	Mat. const.
32	4	21	1	1	1	1	1

Nos materiais que se enquadram em época histórica destaque para um base, formada por 2 fragmentos com colagem entre si, que apresenta pasta arenosa com presença de pequenas micas, textura grosseira, face externa alaranjada e interna creme, sem qualquer indicio de contacto com o fogo. Há, também, 1 fragmento de bordo esvasado, de pasta arenosa mas com abundante presença de micas, algumas de tamanho maior, de textura grosseira, com ambas as faces de coloração creme e alisadas. Ainda neste grupo de materiais regista-se 1 bordo e 2 panças, com abundante presença de micas, e um fragmento de um tampa cerâmico de coloração alaranjada que apresenta ligeiro rebordo junto do lábio. Todos estes materiais denunciam fabrico mediante o uso de torno.

Em relação a materiais mais antigos destacam-se 3 fragmentos de bojo denotando fabrico manual, pasta arenosa e textura grosseira, cuja coloração castanha em ambas as faces é acompanhada de alisamento. As suas faces externas evidenciam fuligem e, embora aparentemente dois possam ter sido parte da mesma forma, as fraturas antigas demonstram algum rolamento, provavelmente por contacto com agentes erosivos. Um deles apresenta, mesmo, elevada corrosão das superfícies, diferindo a sua pasta, ligeiramente, dos outros dois. Ainda no grupo de materiais da Idade do Bronze, igual destaque para 13 fragmentos recolhidos nos quadrados B7 e B8 que colando entre si permitiram a reconstrução de parte de um vaso de

bordo horizontal⁷. Uma vez que este vaso estaria relacionado com uma sepultura, será adiada, por agora, a sua descrição detalhada. Por fim, uma última nota para um fragmento cerâmico de uma pança que apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta bastante arenosa que inclui grandes quartzos como desengordurante. A sua parede externa revela composição decorativa de linhas incisas horizontais paralelas entre si, efetuadas com ponta romba, sendo que acima destas parecem arrancar composições triangulares preenchidas com incisões. Embora não seja possível determinar a sua forma é possível enquadrar este fragmento num período ligeiramente mais antigo, nomeadamente, no Calcolítico, no universo de cerâmicas de tipo “Penha”.

Camada A ou aterro

Os materiais recolhidos totalizam 201 fragmentos cerâmicos, entre os quais 21 bordos, 142 panças, 6 colos, 6 bases, 2 arranques de asa, 4 fragmentos de material de construção e 4 fragmentos indeterminados (Tab. 4.25). Inclui, ainda, um fragmento de uma possível grelha (?) (Fig. 4.123) cuja natureza diferenciada fez com que não fosse incluído nos valores apresentados.

Tabela 4.25 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada A (aterro) do Sector II, sua localização e discriminação dos elementos representados

Quadrado	Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Asa	Mat. const.	Ind.
ZY4	2	1	1	-	-	-	-	-
ZY5	1	1	-	-	-	-	-	-
ZY6	12	2	9	1	-	-	-	-
ZY7	5	1	4	-	-	-	-	-
ZY9	2	1	1	-	-	-	-	-
ZY10	9	-	8	1	-	-	-	-
ZZ7	24	1	16	1	1	-	-	4
ZX8	22	2	17	-	-	1	3	-
ZX9	3	-	2	-	1	-	-	-
ZZ2	1	-	1	-	-	-	-	-
ZZ5	7	2	3	1	-	1	-	-
ZZ6	3	2	1	-	-	-	-	-
ZZ8	3	-	3	-	-	-	-	-
ZZ8	9	-	8	-	-	-	1	-
ZZ8	8	-	8	-	-	-	-	-
ZZ10	21	3	17	1	-	-	-	-
A2	2	1	1	-	-	-	-	-
A6	4	-	4	-	-	-	-	-
A7	6	-	5	1	-	-	-	-

⁷ Fragmentos deste mesmo vaso foram encontrados em camadas e quadrados adjacentes (ver ponto *Materiais* relativo à sepultura 8, neste sector).

Quadrado	Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Asa	Mat. const.	Ind.
A9	2	-	2	-	-	-	-	-
B2	1	-	1	-	-	-	-	-
B3	2	-	2	-	-	-	-	-
B4	7	1	6	-	-	-	-	-
B5	10	1	8	-	1	-	-	-
B6	4	-	4	-	-	-	-	-
B7	5	2	3	-	-	-	-	-
B10	1	-	-	-	1	-	-	-
C4	16	-	3	-	1	-	-	-
C5	6	-	1	-	1	-	-	-
D7	2	-	2	-	-	-	-	-
E5	1	-	1	-	-	-	-	-
Total	201	21	142	6	6	2	4	4

Quanto a materiais cerâmicos de época histórica destacam-se os seguintes. Do quadrado ZY6, dois bordos, um que denota claramente marca de roda e outro esvasado, com lábio adelgado, pasta grosseira, com presença de pequenas micas. A norte deste quadrado, no quadrado ZY7, recolheu-se outro fragmento de bordo esvasado, com lábio arredondado, pasta arenosa e textura grosseira, que inclui micas, algumas das quais de tamanho grande, a par de um bojo de pasta muito grosseira. Do quadrado ZY9 provém um fragmento de bordo aberto com lábio boleado que poderá pertencer a uma malga. No quadrado ZX9 foi encontrada uma base plana e dois bojós de cor alaranjada com clara marca de torno. Do quadrado ZZ6 foram exumados dois bordos, um dos quais em aba soerguida e com decoração interna impressa que intercala negativos perpendiculares ao bordo. Fragmentos deste mesmo bordo surgiram no quadrado ZZ5, na camada 1 e na camada A (aterro). No quadrado ZZ8 foi recolhido um fragmento de material de construção, no quadrado A2 um fragmento de pança de paredes finas, de coloração cinza, decorado com duas finas incisões e, no quadrado B10, uma base plana simples de cor alaranjada sem vestígios de fuligem. Realce, também, para a descoberta, no quadrado C5, de cinco fragmentos que colam entre si e que formam outra base plana simples. A sua pasta, muito arenosa, conferiu uma textura extremamente grosseira que a corrosão atacou com alguma facilidade, não indiciando qualquer contacto com o fogo.

Relativamente a materiais da Idade do Bronze destaque para a recolha, no quadrado ZZ5, de um fragmento respeitante ao arranque de uma asa. A sua pasta é arenosa, com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferem textura muito grosseira que, mesmo com certa corrosão em ambas as faces, parece revelar alisamento. No quadrado ZY6, de dois fragmentos de bojo de fabrico manual, cozedura redutora e coloração castanha escura.

A pasta, arenosa, detém textura grosseira, sendo que ambas as faces sofreram alisamento. Ligeiramente a norte, no quadrado ZY7, dois fragmentos de bojo de pasta arenosa e textura muito grosseira, alisados de ambas as faces, revelam fuligem na parede exterior. A sua origem é anterior à deposição. No quadrado ZX6, um fragmento de pasta arenosa e alisado em ambas as faces inclui, igualmente, na parede externa, vestígios de fuligem. Para este, no quadrado ZZ6, descobriu-se um fragmento de uma taça carenada ou forma 12 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) que no Noroeste português se enquadra quase sempre nos finais da Idade do Bronze Final. Preserva parte do bordo esvasado, do bojo arredondado e da carena alta onde se nota o fabrico manual por moldagem e cozedura redutora, da qual provém a coloração acastanhada de ambas as paredes e do cerne. A pasta é arenosa, com desengordurantes médios que lhe conferiram uma textura igualmente média, e ambas as paredes foram alisadas. A sua fratura denota antiguidade e encontra-se angulosa, não sendo visível qualquer indício de fuligem. No quadrado ZZ8 recolheram-se oito fragmentos cerâmicos caracteristicamente enquadráveis na Idade do Bronze. Embora apenas esteja representada a parte do bojo, parecem pertencer a uma forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). A pasta é arenosa e a sua coloração escura, apresentando alisamento em ambas as faces. No quadrado A2 foi exumado um grande fragmento de bordo de um vaso de largo bordo horizontal que apresenta decoração na parte interna do bordo. A par de pequenas impressões de motivos subtriangulares junto do lábio, inclui várias linhas incisivas paralelas entre si, efetuadas com ponta romba, que se desenvolvem perpendicularmente ao lábio. Esta composição decorativa permitiu perceber que o fragmento era pertencente ao vaso que foi recuperado na sepultura 3. No quadrado A7 recolheram-se, igualmente, dois fragmentos cerâmicos característicos da Idade do bronze. Ambas as faces apresentam coloração castanha e foram alisadas. No quadrado B3 os dois fragmentos descobertos – um dos quais com cerca de 7 por 8 cm – revelam pasta arenosa e textura grosseira incluindo, amiúde, pequenas micas negras (biotites), além de alisamento da parede externa. Do quadrado B4 provêm, também, dois pequenos fragmentos de bojos genericamente enquadráveis na Idade do Bronze. No quadrado B5 foi exumado um fragmento de bordo esvasado com lábio boleado, pasta grosseira, alisado em ambas as faces, que é acompanhado de um fundo plano simples, de pasta muito grosseira, sem indícios de contacto com o fogo, e de mais dois fragmentos de bojo alisados em ambas as faces. No quadrado C4 foram recolhidos 13 fragmentos cerâmicos com medidas variáveis entre os 6 e os 2 cm de

largura e que colaram entre si. Formam uma base plana simples⁸ que apresenta fabrico manual por moldagem, cozedura redutora e pasta arenosa, com desengordurantes grandes que lhe conferiram uma textura grosseira, sendo o interior alisado e o exterior, quiçá, ligeiramente vassourado. A cor da parede externa é cinza alaranjada e a interna cinza clara, em parte pela presença de fuligem em ambas as faces cuja origem parece ser ante deposição. A fratura recente depreende-se pelos cernes angulosos dos vários fragmentos, mas o estado incompleto não permite afirmar com certezas a forma cerâmica a que pertenceria. Pode, apenas, ser hipotetizado que se poderia tratar de um pote ou potinho com um diâmetro de cerca de 10 a 15 cm. O facto de ter sido recolhida nesta camada não deverá excluir a hipótese de ter sido depositada, originalmente, em outro contexto. Esta situação poderá ser explicada pela proximidade de um enorme eucalipto no canto inferior direito do quadrado D4 que poderá ter aproveitado as terras menos compactas do enchimento da vala perimetral para desenvolver as suas raízes, por exemplo. Outras bases foram, aliás, recolhidas no enchimento desta estrutura, o que em parte poderá corroborar esta afirmação. Por fim, no quadrado E5, recolheu-se um fragmento de coloração cinza, pasta arenosa, com desengordurantes médios de quartzo que lhe conferiram uma textura grosseira. Pese embora as suas reduzidas dimensões é possível observar que pertence ao bojo de uma forma cerâmica aberta, tendencialmente globular. Apresenta decoração incisa de três linhas horizontais paralelas, efetuadas com ponta romba, de onde, a partir da inferior, parecem arrancar outras mas em sentido transversal, talvez formando métopas. A organização decorativa metopada e a morfologia indiciam tratar-se de cerâmica tipo Penha, típica de período calcolítico e comum no Noroeste português.

Finalmente, foi também recolhido nesta camada, no quadrado ZX9, um fragmento de uma possível grelha (?)⁹ (Fig. 4.124). Preserva 2 negativos completos de perfurações de contorno ovalizado que medem cerca de 2 cm por 1,5 cm e mais 5 negativos, embora incompletos. A pasta é muito arenosa e de coloração avermelhada. Detém fratura em todas as extremidades e mede 10,5 cm de comprimento, 8 cm de largura e 5 cm de espessura. Hipóteses interpretativas para estes fragmentos são disponibilizadas adiante, em parte porque a presença deste objeto na camada de aterro apenas deixa pressupor a sua descontextualização.

⁸ Em depósito no M.D.D.S. com o número de inventário 2009.078.

⁹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0417. Fragmento semelhante foi recuperado ligeiramente a montante, mais concretamente, da camada 1c do quadrado C2, no enchimento do trecho este da vala perimetral (veja-se o ponto *materiais cerâmicos* relativos àquela estrutura, neste sector).

Camada 0 ou humosa

Foi a unidade que forneceu mais espólio e incluiu diversos fragmentos cerâmicos de época histórica, maioritariamente de coloração alaranjada e cozeduras oxidantes, denotando, em muitos casos, claras marcas de roda. Na sua maioria correspondem a formas abertas de pequenas e médias dimensões. Misturados com estes materiais contam-se, igualmente, alguns fragmentos datáveis da Idade do Bronze, entre escassos líticos. Os materiais cerâmicos totalizam 301 fragmentos, dos quais 33 bordos, 182 panças, 14 colos, 12 bases, 6 asas, 14 fragmentos de material de construção e 31 fragmentos que, por diversos motivos, foram classificados como indeterminados (Tab. 4.26).

Tabela 4.26 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 0 do Sector II, sua localização e discriminação dos elementos representados

Quadrado	Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Asa	Mat. const.	Ind.
L10	2	-	1	-	-	-	1	-
L11	2	1	1	-	-	-	-	-
K8	1	-	-	-	-	-	1	-
K10	1	-	2	-	-	-	-	-
K11	6	1	4	1	-	-	-	-
J10	4	-	4	-	-	-	-	-
J11	1	-	-	-	-	1	-	-
J12	4	-	3	-	-	1	-	-
I5	2	-	1	-	-	1	-	-
I6	1	-	1	-	-	-	-	-
I7	1	-	1	-	-	-	-	-
I8	4	1	3	-	-	-	-	-
I9	6	-	6	-	-	-	-	-
H6	3	-	3	-	-	-	-	-
H7	1	-	1	-	-	-	-	-
H8	1	-	1	-	-	-	-	-
G5	1	1	-	-	-	-	-	-
F5	4	2	1	-	-	-	1	-
F6	2	-	-	-	-	-	-	2
E2	1	-	1	-	-	-	-	-
E7	1	-	1	-	-	-	-	-
D2	-	-	-	-	-	-	-	-
C3	8	-	1	-	1	1	-	5
C5	3	-	3	-	-	-	-	-
C6	2	-	2	-	-	-	-	-
C7	2	-	1	-	-	-	-	1
C8	15	-	11	-	2	-	2	-
C9	22	3	6	3	4	1	1	4
B1	1	-	-	-	1	-	-	-

Quadrado	Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Asa	Mat. const.	Ind.
B2	1	-	1	-	-	-	-	-
B4	4	-	-	-	-	-	-	4
B5	5	-	4	-	1	-	-	-
B6	11	2	3	-	1	-	-	5
B7	2	-	1	-	-	-	-	1
B8	3	1	2	-	-	-	-	-
B9	12	2	-	-	-	-	-	6
B10	3	1	1	1	-	-	-	-
A4	5	1	-	1	-	-	3	-
A7	5	-	4	-	-	-	1	-
A8	1	-	-	1	-	-	-	-
A10	14	-	13	1	-	-	-	-
ZZ8	30	1	23	2	1	-	-	3
ZZ9	12	1	10	-	-	1	-	-
ZZ10	8	1	5	1	1	-	-	-
ZX10	-	-	-	-	-	-	-	-
ZY5	3	-	-	-	-	-	-	-
ZY6	5	2	-	-	-	-	-	-
ZY7	7	-	7	-	-	-	-	-
ZY9	9	-	9	-	-	-	-	-
ZY9	47	10	34	3	-	-	-	-
ZY10	12	2	6	-	-	-	4	-
Total	301	33	182	14	12	6	14	31

De fase histórica destaque para o quadrado L11, onde foi recolhido um fragmento de bordo esvasado com lábio boleado, cuja pasta alaranjada inclui pequenas miccas, e para o quadrado L10, ligeiramente a Sul, de onde são oriundos dois fragmentos de material de construção. No quadrado J11 recolheu-se um fragmento cerâmico de elemento de prensão vertical, cuja cozedura oxidante lhe conferiu uma coloração alaranjada. Elemento semelhante surgiu no quadrado J12. No quadrado I8 foram exumados quatro fragmentos, entre os quais um bordo, onde são nítidas as marcas de roda. O bordo, em aba horizontal, detém lábio adelgado e pasta de coloração acinzentada e está acompanhado de um outro fragmento de bojo tecnologicamente semelhante. Do quadrado G5 provém um fragmento de bordo esvasado, lábio boleado, e pasta clara com adição de muitas miccas de pequena dimensão. Do quadrado F5 foi exumado um fragmento de material de construção e, no quadrado E2 um fragmento de bojo com marcas de roda e cuja cozedura oxidante imprimiu uma coloração creme pálida às faces e ao cerne. No quadrado C3 recolheu-se um elemento de prensão vertical de secção em fita, com coloração alaranjada, bem como uma base plana simples de características muito semelhantes. Do quadrado C8, além de dois fragmentos de material construção, foram encontrados dois

fragmentos de bases planas simples com muitas micas de pequena dimensão e com tonalidades cremes. Para Norte, no quadrado C9, recolheu-se um fragmento de material de construção, uma asa de secção em fita, de cor muito creme, 3 fragmentos de bordos e 4 bases planas simples de cores muito claras cujas características técnicas não se coadunam aos materiais da Idade do Bronze. Um fragmento de bordo esvasado e lábio adelgado, com a parede muito grossa, de cor creme, e um fragmento de colo muito escuro com fuligem externa e com a parede interna laranja poderão, igualmente, enquadrar-se nesta fase genérica. Do quadrado A4 provêm 3 fragmentos de material de construção e um fragmento de bordo vertical com lábio arredondado e coloração creme pálido. No quadrado ZZ8 foram exumados um fragmento de base de fundo plano simples com marcas de roda e com presença de muitas micas de pequena dimensão (coloração creme claro), um fragmento de bordo esvasado, de parede muito fina, lábio reto, revelando alisamento externo e coloração alaranjada, cinco fragmentos de bojo e um fragmento de colo da mesma pasta, de coloração creme pálido, e 9 fragmentos muito arenosos mas com a adição de inúmeras pequenas micas, que apresentam ambas as faces muito corroídas. Finalmente, destaque para o quadrado ZY9, onde surgiram 34 fragmentos de bojo, 3 fragmentos de colo e 10 fragmentos de bordo que correspondem à mesma forma cerâmica. Apresenta pasta com adição de pequenas micas mas muito depurada, de coloração cinza (paredes e cerne), paredes finas, bordo em aba soerguida e lábio reto. As suas características técnicas permitem enquadrá-la em fase mais recente, nomeadamente moderna.

Relativamente aos materiais de fase mais antiga, datáveis da Idade do Bronze, destaca-se, no Quadrado I9, a recolha de 5 fragmentos de bojos de pastas arenosas, com adição de quartzo, um dos quais possui uma pequena carena. Infelizmente, a sua reduzida dimensão não permite perceber a que forma pertenceria. No quadrado H7 foi exumado um fragmento de bojo de cor castanha escura, com alisamento de ambas as faces, revelando sujeição aos agentes erosivos, já que se apresenta algo rolado. No quadrado C8 foi recolhido um fragmento de pasta não muito grosseira, com carena e com muita fuligem na face externa e cujo fabrico, a par de alguma corrosão, parece manual, a par de quatro fragmentos de coloração escura providos de alisamento que, contudo, a reduzida dimensão não permite identificar a forma. No quadrado B5 foram recolhidos três fragmentos de bojo de coloração escura e pastas arenosas, os quais apresentavam ligeira corrosão nas faces mas onde ainda era possível observar alisamento. Do quadrado A7 exumaram-se, igualmente, quatro fragmentos de bojo de pasta arenosa, com

desengordurantes de grande dimensão de quartzo que conferiram uma textura grosseira e friável, um dos quais conservando, ainda, alisamento externo e vestígios de fuligem. Poderá tratar-se de parte de um vaso de bordo horizontal. Logo a norte, no quadrado A8, recolheu-se um outro fragmento de bojo de pasta muito arenosa e com grandes quartzos como desengordurantes, aparentando alguma corrosão. Para este, no quadrado C8, foi recolhido um fragmento de bojo de pasta não muito grosseira, com carena e com fuligem na face externa e que aparentava fabrico manual. Este mesmo quadrado incluía, ainda, outros quatro fragmentos de bojões com cores escuras e alisados que, infelizmente, as reduzidas dimensões não permitem aferir a forma a que pertencem. No quadrado B10 foi recolhido um fragmento de bojo com alisamento externo e cor de paredes escura, e no quadrado A4 um fragmento de bojo que preserva parte de uma carena. A par da cozedura redutora, a pasta arenosa incluiu grandes quartzos que lhe conferiram textura muito grosseira e, pese embora alguma corrosão de ambas as faces, denota coloração acastanhada. Do quadrado ZZ8 exumaram-se 10 fragmentos de cor escura, pastas arenosas, com quartzos de média dimensão a servirem de desengordurante, e alisados em ambas as faces, embora alguns estejam algo corroídos. Presume-se que, pelas suas características, pertençam a vasos de bordo horizontal. Dos quadrados ZY5 e ZY7 foram recolhidos, respetivamente, um fragmento de bojo e dois fragmentos de bojo. Todos apresentam coloração castanha escura e alisamento de ambas as faces, embora o primeiro se encontre algo corroído. Por fim, do quadrado ZY9 exumou-se um fragmento de bojo de cor igualmente escura e que revela alisamento externo.

Camada 1

A esta camada correspondem apenas 12 fragmentos cerâmicos, entre os quais 11 panças e 1 base (Tab. 4.27). A maioria destes materiais enquadra-se em época histórica, revelando o uso de torno, colorações claras – entre o creme e o alaranjado – e cozeduras oxidantes. Uma ligeira nota para o quadrado ZZ5, onde foi recuperado um pequeno fragmento de pança que denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta bem depurada mas arenosa, alisado em ambas as faces. Deste quadrado provém, ainda, um pequeno fragmento cerâmico muito arenoso e irregular, muito rolado, de coloração alaranjada, que não parece pertencer a uma forma cerâmica.

Tabela 4.27 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 1 do Sector II, sua localização e discriminação dos elementos representados

Quadrado	Nº fragmentos	Bojo	Base
ZZ5	1	1	-
ZZ9	2	1	1
B8	5	5	-
B1	1	1	-
A1	-	-	-
A6	3	3	-
B9	-	-	-
B10	-	-	-
Total	12	11	1

Camada 1a

No quadrado ZZ5 um pequeno fragmento de pança que denota fabrico manual e pasta muito arenosa com desengordurantes de quartzo de dimensão muito grande que lhe conferem textura muito grosseira. Apresenta alisamento em ambas as faces que, contudo, denota ligeira corrosão.

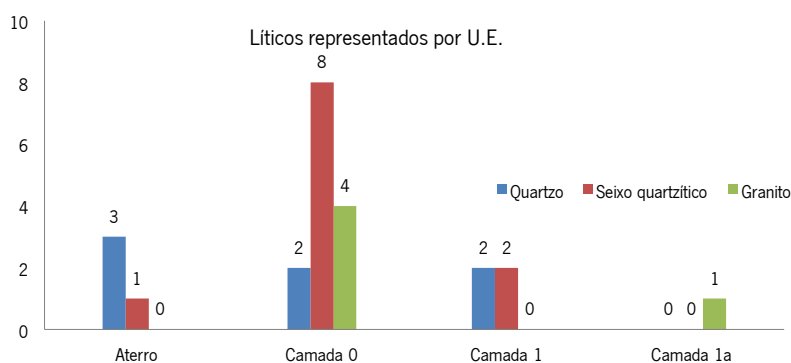


Figura 4.93 – Discriminação por camada dos elementos líticos recolhidos no Sector II.

Materiais líticos

O espólio lítico recolhido totaliza, para este sector, 23 elementos. Deve ser ressaltado, contudo, que a sua diacronia de utilização pode ser lata.

Camada A (aterro)

Foram exumados, nesta camada, 4 líticos. No quadrado ZZ7 foi recuperado um fragmento de um triturador em quartzo. No quadrado ZY4 e no quadrado B7, os líticos

descobertos, um em cada quadrado, correspondem a pequenas lascas em quartzo leitoso de forma subtriangular, sem retoque. Estas não ultrapassaram 1 por 4 cm. Do quadrado B5 recolheu-se, igualmente, 1 pequeno seixo quartzítico rolado negro cujas dimensões não excedem 1 cm de diâmetro.

Camada 0 (humosa)

Esta camada apresenta o espólio lítico mais significativo, reunindo 14 elementos. Do quadrado A6 foi recuperado um fragmento de seixo quartzítico de coloração acinzentada com fraturas vivas e, na extremidade que ainda preserva córtex, indícios de ter sido utilizado como percutor. No quadrado D2 exumou-se um pequeno seixo de quartzito esbranquiçado. Apresenta-se fraturado no seu menor eixo, no sentido diagonal. Com algumas reservas esta fratura poderá não ter sido intencional, o que não inviabiliza que este possa ter sido aplicado para qualquer atividade. Não são visíveis grandes sinais de desgaste. No quadrado B4 foi recuperado um pequeno seixo de quartzito, presumivelmente de rio – a julgar pela forma “espalmada” conferida por ação dinâmica das águas –, com pouco mais de 1 cm de diâmetro. No quadrado B5 foi descoberta uma pequena lasca de quartzo leitoso de feição subtriangular, sem retoques, e, no quadrado B6, recuperou-se uma pequena lasca de seixo quartzítico. Acima deste quadrado, no Quadrado B7, foi recuperado um fragmento de moinho manual dormente (?) em granito de grão fino. Apresenta superfície de moagem plana e contorno irregular, detendo 17 cm de comprimento, 7,5 cm de largura e 4 cm de espessura. Ligeiramente mais a norte, no quadrado B8, recolheu-se um seixo rolado de coloração negra com dois entalhes de cada lado, aparentemente casuais, e no Quadrado B9 uma outra lasca de seixo em quartzito onde parece ser possível observar, numa das extremidades, um levantamento. No quadrado ZX10 foi recolhido um seixo rolado de quartzito, de forma “espalmada” e contorno subcircular, detendo uma marca de desgaste numa das faces. Hipoteticamente poderá ter sido utilizado como peso de rede ou de tear. No quadrado ZY7 foi exumado uma lasca de quartzo leitoso e um seixo rolado de quartzite de coloração avermelhada. Finalmente, dos quadrados J11, B7 e ZZ10 e B7 foram, igualmente, recolhidos três fragmentos de moinhos manuais dormentes em granito de grão fino.

Camada 1

Esta camada totaliza 4 elementos líticos. Do quadrado A1 foi recolhido um pequeno quartzo leitoso cuja feição triangular parece ter sido intencionalmente conferida por mão humana. Do quadrado A6 foi exumado um seixo rolado fraturado, de coloração acastanhada, que revela contacto continuado com a água, já que apresenta todas as fraturas bem boleadas. Do quadrado B9 recolheu-se, igualmente, parte de uma pequena lasca quartzítica que parece corresponder a um levantamento intencional. Mais a norte, no quadrado B10, outra lasca de quartzo leitoso de forma toscamente subtriangular, com cerca de 3 por 3,5 cm de largura e com 0,7 cm de espessura, poderá igualmente indiciar talhe.

Camada 1a

Do quadrado B8 foi recolhido 1 fragmento de mó manual dormente em granito de grão fino¹⁰. Apresenta superfície de moagem côncava e face oposta bastante rugosa. Mede cerca de 15 de comprimento, cerca de 10 cm de largura e a espessura máxima de cerca de 4,5 cm.

Materiais metálicos

Os raros materiais metálicos recolhidos durante os trabalhos de escavação fazem-se representar por uma moeda¹¹ de período romano, enquadrável genericamente no século IV, descoberta na camada 0, no quadrado ZZ9.

2.5.2.1.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do

Bronze

As estruturas identificadas pertencem a diferentes tipologias, tendo sido contabilizadas 1 vala perimetral, 1 buraco de poste, 6 fossas e 12 sepulturas.

Todas as estruturas foram identificadas em plano diretamente cortadas em negativo no substrato rochoso.

Cada estrutura será descrita individualmente, sendo a ordem de apresentação a seguinte: sepulturas, fossas, buracos de poste e vala perimetral.

¹⁰ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0255G.

¹¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2005.0242.

A sua localização é mencionada juntamente com a nomenclatura, situando espacialmente cada estrutura na malha de escavação implementada, seguindo-se a descrição: (a) das características construtivas; (b) da estratigrafia; (c) dos materiais associados.

A descrição construtiva pretende mencionar as suas principais características, podendo ser complementada com desenhos e/ou fotografias fornecidos em anexo. De sublinhar, neste ponto, que as dimensões apresentadas são, genericamente, relativas às medidas máximas do diâmetro, comprimento, largura e profundidade, salvo algumas exceções, como o caso das estruturas de contorno ovalizado ou trapezoidal ou de base irregular, onde foram considerados, também, os valores mínimos. A estratigrafia enumera e descreve os seus enchimentos e, por fim, são dados a conhecer os materiais recolhidos dos seus enchimentos.

Uma última nota referente ao facto dos interfaces destas estruturas, em alguns casos, não ser real. Tal deve-se ao estado friável do granito, o qual se desagregava com elevada facilidade em muitos pontos da colina, e às intrusões de raízes que, tirando partido dos enchimentos menos resistente das estruturas, levaram à perturbação das suas paredes e fundos.

2.5.2.1.2.1. Sepulturas

Sepultura 1 (quadrados ZZ4, ZZ5 e A5) (Fig. 4.100)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava 206 cm de comprimento, 62 cm de largura e a profundidade máxima de 32 cm e mínima de 20 cm. Esta estrutura foi ligeiramente cortada no canto sudoeste pela vala perimetral, confirmando a sua antiguidade em relação àquele elemento construtivo. Além disso, viu o seu interface do lado norte, mais ou menos meio, ser alterado pela presença de uma raiz de porte considerável que não permitiu definir o seu contorno original.

b. Camada 1 – sedimento de coloração cinzenta escura, de fraca compacidade, arenoso, de calibragem irregular, com carvões dispersos e raízes.

c. Do seu enchimento não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos.

Sepultura 2 (quadrados A4 e B4) (Fig. 4.101)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava 212 cm de comprimento, entre 40 e

86 cm de largura e a profundidade máxima de 30 cm e mínima de 14 cm. O interface do quadrante norte encontrava-se bastante alterado por raízes cuja intrusão não ajudaram na correta definição do seu contorno original.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com alguns carvões dispersos e de pequenas raízes.

c. Sensivelmente a meio do extremo nordeste desta estrutura foi recolhido um recipiente cerâmico¹² com equivalência à forma 13b da tabela formal de Bettencourt (1999). O vaso, um médio bordo horizontal, detinha a asa fraturada, que não foi detetada, e estava ligeiramente tombado para sul. Apresenta fabrico manual, cozedura redutora, pasta arenosa, muito grosseira, cujos desengordurantes de quartzo de grande dimensão lhe conferiram uma textura grosseira. A base é de fundo plano simples. Pelos negativos do arranque do elemento de prensão vertical em falta pode-se depreender que seria de secção em fita. Hipoteticamente, este elemento poderá ter sido consumido pela acidez dos solos locais ou, então, ser anterior à sua deposição, já que a sua fratura não aparenta ser recente. O cuidado na escavação desta estrutura leva a ponderar a hipótese do vaso ter sido depositado já sem asa. A cor de ambas as paredes é alaranjada, sendo o seu cerne cinzento claro. Revela alguma corrosão, principalmente externa e interna, mas foi possível perceber que seria alisado em ambas as faces. Inclui fuligem no interior e no exterior, no último dos casos em posição oposta ao elemento de prensão vertical em falta. O contacto com o fogo terá ocorrido em momento anterior à sua deposição. A sua boca é subcircular e tem o diâmetro variável entre os 9,3 e os 9,8 cm, oscilando a sua aba entre os 2,3 e os 2,4 cm de largura. Apresenta decoração na parte interna do bordo que recorreu somente à técnica da impressão. A composição corresponde a linhas descontínuas formadas por pequenos pontos impressos distribuídos na diagonal em relação ao lábio, que no quadrante direito em relação à asa, na extremidade oposta ao lábio, inclui pequenos grupos de pontos impressos alinham-se quase formando uma linha descontínua paralela ao lábio.

Sepultura 3 (quadrados ZZ2, ZZ3, A2 e A3) (Fig. 4.102)

a. Estrutura em negativo de contorno subrectangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava 245 cm de comprimento, 56 cm de largura e a profundidade variável entre 21 e 30 cm.

¹² Encontra-se em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0290.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarelado, heterogéneo, de elevada compactidade, arenoso, de calibragem irregular; corresponderia à tampa de arena granítica que teria selado esta estrutura.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de fraca compactidade, arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos, blocos graníticos e alguns carvões dispersos.

c. Da extremidade sudoeste do interior desta estrutura foi recolhido um vaso cerâmico ¹³. O bordo, oscilando entre 3 e 3,4 cm, é correspondente a uma forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), isto é, um vaso de largo bordo horizontal. Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferem uma textura grosseira. A sua base é convexa e o lábio arredondado. Inclui um elemento de preensão vertical de secção em fita e ambas as paredes estão alisadas, sendo a sua coloração castanha. Foi possível observar que a cor do cerne, em zona fraturada, é cinzenta escura. Apresenta fuligem em ambas as faces que foi produzida em momento anterior à deposição, que na parede externa se distribui principalmente nas áreas laterais à asa. Tem o diâmetro variável entre 8,9 e 9,1 cm e as suas fraturas mostram cerne anguloso, confirmando pouco ou nenhum contacto com os agentes erosivos. Embora este vaso tenha sido reconstruído na sua totalidade, faltam-lhe alguns fragmentos, nomeadamente, cerca de um cm² na parte superior do arranque da asa e cinco ou seis fragmentos – nunca maiores que 2 cm² – dispersos pelo bordo e pela pança. Este exemplar apresenta decoração na parte interna do bordo que recorreu à técnica de incisão. A composição decorativa inclui a alternância de incisões com ponta romba, variáveis em número de cinco ou sete, formando séries de linhas paralelas entre si e perpendiculares ao lábio, linhas incisadas em número de cinco, com ponta romba, paralelas ao lábio, e duas colunas de três “V” invertidos, também incisadas.

Sepultura 4 (quadrados B2) (Fig. 4.103)

a. Estrutura em negativo de secção ovalada, com orientação nordeste-sudoeste, apenas preservada na sua parte basal. Detinha contorno oval, secção em “U” e fundo aplanado. Atingiu 132 cm de comprimento, 60 cm de largura e a profundidade máxima de 16 cm. O elevado nível de destruição do seu topo não permitiu definir, com segurança, o seu enchimento. As suas

¹³ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.0339.

dimensões diferem significativamente das restantes estruturas deste género mas o seu comprimento ou largura originais não parecem ter sido alterados.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha amarelada, homogéneo, de fraca compactidade, arenoso, de calibragem irregular, com nítidas perturbações de raízes.

c. Esta estrutura não incluía, no seu enchimento, qualquer espólio arqueológico mas foi identificado, na camada 1a, um pequeno pedaço de argila amarela, talvez utilizado como colorante.

Sepultura 5 (quadrados ZZ3 e ZZ4) (Fig. 4.104)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, com orientação nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. O seu interface no quadrante sudoeste fora bastante alterado por ação mecânica, pelo que não foi possível definir o comprimento integral desta estrutura. Assim, apresentava 120 cm de comprimento, 46 cm de largura e uma profundidade variável entre os 22 e os 13 cm. Além disso, o seu interface pelo quadrante sul foi, igualmente, bastante alterado pela presença de raízes de porte considerável, pelo que apenas junto da base foi possível definir o seu contorno original.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, de média compactidade, arenoso, de calibragem regular, com carvões dispersos e raízes.

c. No quadrante nordeste desta estrutura surgiu o perfil completo de vaso de largo bordo horizontal recuperado em vários fragmentos e posteriormente reconstruído¹⁴. O seu bojo é arredondado, o bordo horizontal oscila entre os 2,8 e os 3,2 cm de largura, o lábio arredondado e o seu fundo, convexo, encontra-se ligeiramente aplanado. Apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferiram uma textura grosseira. Ambas as faces foram alisadas, sendo a interior ligeiramente avermelhada e a externa, a par do cerne, acastanhada. Embora o elemento de preensão vertical se encontre em falta é possível observar, através do seu negativo e arranque na parede do bojo, que seria de secção em fita. Evidencia fuligem interna e externa que se desenvolve, no primeiro caso, por todo o bordo, bojo e em posição oposta à asa e, no segundo, pela zona da pega e do fundo. A sua origem comprova-se ser anterior à deposição. Detém o diâmetro variável entre 10,5 e 10,7 cm e inclui fraturas angulosas que evidenciam pouco contacto com os agentes erosivos. Além da asa estão em falta, também, dois pequenos fragmentos que não excedem 1 cm² de

¹⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.0337.

largura, um do bordo e outro do bojo. Na parte interna do bordo é possível observar uma composição decorativa que recorreu à incisão e à adição plástica. Pontualmente dispersos junto ao lábio contam-se seis elementos plásticos sob a forma de mamilos. Cinco linhas incisas com ponta romba foram dispostas no sentido paralelo ao lábio. Estas foram interrompidas por conjuntos de três linhas incisas, também efetuadas com ponta romba, que se dispõem em sentido transversal, isto é, perpendicular ao lábio, formando métopas.

Sepultura 6 (quadrados ZZ1, ZZ2, A1 e A2) (Fig. 4.105)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, com orientação nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Encontrava-se bastante perturbada pelos trabalhos de extração de arena granítica que ali tiveram lugar, em especial no seu extremo sudoeste, o que não permitiu determinar com clareza o seu interface e, de igual modo, a sua secção. Embora só tenha sido possível registar praticamente o seu contorno basal, detinha 180 cm de comprimento, 80 cm de largura e a profundidade variável entre os 10 e os 38 cm.

b. Camada 1a – mancha de coloração amarelada, medianamente compacta, arenosa, de calibragem irregular.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, compacto, com alguns seixos angulosos de granito de diferentes grãos e raízes.

c. A descoberta de alguns fragmentos recolhidos junto da extremidade sudoeste desta estrutura, na camada de aterro, aliada ao facto desta apresentar o seu topo alterado por ação mecânica, poderão indiciar a existência, originalmente, de um vaso no enchimento desta estrutura. Na verdade, os fragmentos permitiram reconstruir o perfil completo de um vaso de médio bordo horizontal¹⁵. O bordo horizontal mede entre 2,2 e 2,5 cm de largura, o lábio arredondado e o seu fundo, convexo, foi ligeiramente aplanado. Apresenta fabrico manual por moldagem, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferiram uma textura grosseira. Ambas as faces foram alisadas e obtiveram uma coloração castanha, sendo o cerne creme. Estaria provido de um elemento de prensão vertical de secção em fita, elemento em falta, mas que se deduz através do seu arranque, ainda visível na parede externa do bojo. Evidencia fuligem em ambas as paredes que se desenvolve em posição oposta à asa e cuja origem é anterior à sua deposição. Detém o diâmetro variável entre 11,1 e 11,2 cm e observa-se fratura angulosa, o que permite perceber que não terá

¹⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.0129.

permanecido em contacto, durante muito tempo, com os agentes erosivos. Está provido de uma composição decorativa que recorreu à impressão e que se desenvolve parcialmente pela parte interna da aba do bordo. Assim, várias impressões de motivos subtriangulares dispostos na horizontal formaram cinco linhas impressas descontínuas e intervalada entre si que se desenvolvem paralelamente ao lábio. Estas foram interrompidas, aleatoriamente, por quatro linhas obtidas de igual forma mas que se dispuseram no sentido diagonal em relação ao lábio, formando métopas. Trata-se de um vaso que foi reconstruído, quase que integralmente, e que inclui os primeiros fragmentos descobertos no local e que ajudaram na identificação deste sítio.

Sepultura 7 (quadrados A8, A9 e B9) (Fig. 4.106)

a. Pese embora o interface difuso que apresentava no extremo sudoeste, foi possível perceber que se trata de uma estrutura em negativo de contorno ovalizado, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Tendo em conta que apenas se encontrava preservada a sua parte basal, provavelmente como resultado da remoção de arena granítica no local, que terá rapado ligeiramente o seu topo, apresentava cerca de 224 cm de comprimento, 72 cm de largura e uma profundidade variável entre os 12 e os 20 cm.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanho claro, homogéneo, de fraca compactidade, areno-limosa, de calibragem irregular, com carvões dispersos e alguns seixos angulosos graníticos.

c. Do interior desta sepultura foi recolhido um recipiente cerâmico e dois líticos.

Materiais cerâmicos

A alteração à integridade original desta estrutura, por ação mecânica, era evidente. Sabe-se que durante os trabalhos de escavação foram recolhidos, na sua camada única de enchimento, três fragmentos cerâmicos tecnicamente semelhantes mas que não colavam entre si. São panças de fabrico manual, denotando cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes médios de quartzo que lhe conferem uma textura grosseira. A análise formal a estes fragmentos permite hipotetizar que tenham integrado uma forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Contudo, a ausência de qualquer parte do bordo não permite aferir mais especificidades.

Materiais líticos

Desta sepultura foram recolhidos, igualmente, um peso de tear ou de rede (?) efetuado sobre seixo rolado de material por determinar¹⁶, que incluía um pequeno entalhe.

Sepultura 8 (quadrados B8 e C8) (Fig. 4.107)

a. A integridade original desta sepultura não era a melhor, já que no quadrante sudoeste foi perturbada pelo corte da Fossa 6. Trata-se de uma estrutura em negativo de contorno subretangular, com orientação nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base arredondada. Apresentava cerca de 202 cm de comprimento – medida aproximada por cálculo –, 62 cm de largura e a profundidade variável entre os 28 e os 34 cm. No seu topo incluía uma camada de arena granítica formando uma tampa com espessura variável entre os 4 a 6 cm.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarelado, heterogéneo, de elevada compactidade, arenoso, de calibragem irregular; corresponderia à tampa de arena granítica que teria selado esta estrutura.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com radículas, raízes e alguns carvões dispersos.

c. Do interior desta estrutura foi possível recolher um vaso cerâmico fragmentado e um objeto lítico.

Materiais cerâmicos

Estes fragmentos foram recolhidos dispersos pelos quadrados A7, B7 e B8. O facto de esta sepultura ter sido perturbada no quadrante sudoeste por raízes de um eucalipto, causando a alteração do seu interface original, poderá explicar a quebra do vaso que nela se encontrava depositado e a sua conseqüente dispersão¹⁷. Falamos de alguns fragmentos cerâmicos que permitiram reconstruir uma forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Os materiais referidos correspondem a 20 fragmentos¹⁸ onde estão representados o bordo, o bojo e a base, exceção feita para o elemento de prensão que se encontra em falta. Embora apenas seja possível colar alguns entre si, as suas características técnicas favorecem a hipótese de pertencerem a um mesmo vaso. Todos estes elementos revelam fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferiram uma textura grosseira. Ambas as paredes denotam alisamento e cor cinzento claro,

¹⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0739.

¹⁷ São cerca de 30 fragmentos que se encontram em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1142.

¹⁸ Dos quais 13 recolhidos no quadrados B7 (aterro e camada 1b) e B8 (camada 1b) e 7 no quadrado A7 (1 na camada 0 e 6 na camada 1b), quadrados posicionados imediatamente a Oeste da sepultura 8.

sendo o cerne ligeiramente mais escuro. A asa, através da observação da fratura antiga do arranque conservado na parede externa do vaso, seria de secção em fita. A base, da qual apenas parte está representada, é convexa mas ligeiramente aplanada. De referir que estes fragmentos não denotam grandes sinais de erosão ou de rolamento, aferido pelas fraturas angulosas, o que permite depreender que após terem sido movidos do seu contexto primário não estiveram em contacto, pelo menos por tempo prolongado, com os agentes atmosféricos. Ambas as paredes apresentam fuligem provocada pelo contacto com o fogo em momento anterior à deposição. A sua distribuição, na parede externa, desenvolve-se em área oposta à da asa. A reconstrução do seu perfil permitiu calcular um diâmetro de boca, de contorno subcircular, variável entre cerca de 10 e 11 cm, oscilando o bordo entre os 3,7 e os 4 cm. Na parte interna do bordo e lábio é visível uma composição decorativa que conjugou técnicas de impressão e de adição plástica. Assim, paralelamente ao lábio foram efetuadas impressões de três linhas descontínuas formadas por sucessivas impressões de motivos subtriangulares, uma das quais efetuada sobre o lábio. As duas linhas do bordo são interrompidas por cordões plásticos pouco proeminentes e achatados que percorrem, transversalmente, o bordo e terminam antes do lábio. Estes são flanqueados por uma linha de motivos subtriangulares impressos disposta no sentido transversal ao lábio e que, no conjunto, formam métopas.

Materiais líticos

Foi, igualmente, recolhido um cossoiro ou conta de colar em anfibolito¹⁹. Apresenta contorno subcircular variável entre os 2,8 e os 3 cm de diâmetro, uma espessura oscilante entre os 0,5 e os 0,9 cm e uma perfuração central, com 0,4 cm de diâmetro, ligeiramente descentrada. Ambas as faces e o rebordo estão perfeitamente polidas. A matéria com que foi elaborado tem a particularidade de incluir uma concentração de fíaco mais grosseiro de minerais de anfíbola e/ou epidoto²⁰.

Sepultura 9 (quadrados D7, D8 e E8) (Fig. 4.108)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base arredondada. Apresentava 215 cm de comprimento, 80 cm de largura e a profundidade de 30 cm.

¹⁹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0074. A sua georreferenciação corresponde a X= 160 cm (oeste-este), Y= 84 cm (sul-norte) e Z=143,12.

²⁰ Agradece-se ao Professor Doutor Pedro Pimenta Simões a respetiva informação.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha amarelada, homogéneo, medianamente compacto, areno-limoso, de calibragem irregular, com dispersão de seixos angulosos graníticos, de areia e de limo. Corresponderia à tampa que teria selado esta estrutura.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura/negra, homogéneo, medianamente compacto, limoso, com carvões concentrados e alguns seixos angulosos graníticos. Corresponderá, hipoteticamente, à decomposição do corpo.

c. Do enchimento desta estrutura foram recuperados um vaso cerâmico e dois fragmentos cerâmicos.

Materiais cerâmicos

Na extremidade sudoeste do interface entre as camadas 1a e 1b foi recolhido um vaso cerâmico²¹ correspondente à forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Este vaso, de largo bordo horizontal, denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desgordurantes de quartzo, que lhe conferem uma textura grosseira. Ambas as paredes são de cor castanha, sendo a parede interna alisada e a externa brunida. A sua base é convexa mas encontra-se ligeiramente aplanada. Possui um elemento de prensão vertical de secção em fita, que foi depositado virado para su-sudoeste, e indícios de fuligem em ambas as paredes, sendo que no exterior esta se distribui em posição oposta à asa e, também, nas áreas laterais a esta. O vaso tem a largura de boca, de contorno subcircular, variável entre os 10 e os 10,3 cm, oscilando a sua aba entre os 3,4 e os 3,9 cm de largura. O seu bordo encontra-se decorado na parte interna com o recurso à técnica da incisão, além do tratamento brunido, já referido, que foi conferido a toda a sua parede externa na área da pança. Assim, foram efetuadas três linhas interrompidas incisas de motivos subtriangulares paralelos ao lábio, uma delas cravando sensivelmente metade deste, e duas linhas interrompidas, também compostas por séries de motivos subtriangulares, igualmente paralelos ao lábio. Entre ambas, séries variáveis de 5, 6 ou 7 pequenos segmentos de linhas contínuas, incisas com ponta romba e também paralelas ao lábio, são interrompidas por incisões com ponta romba transversais, isto é, perpendiculares ao lábio, que variam entre as 6 e as 7 linhas. De referir que, à semelhança de outros vasos decorados, a composição decorativa não respeita normas estritas.

Da camada 1b, no quadrado D8, foram, ainda, recolhidos dois fragmentos de cerâmica grosseira, de coloração castanha escura, cujas faces externas estão alisadas. Não apresentam

²¹ Encontra-se em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2007.0442.

qualquer decoração. As suas características enquadram-no na Idade do Bronze sem, contudo, permitirem, pelas reduzidas dimensões, perceber qual a forma cerâmica que integrariam. Serão, muito possivelmente, fragmentos transportados durante a colmatação da estrutura como o enchimento e não depósitos intencionais.

Sepultura 10 (quadrados D6, D7 e E7) (Fig. 4.109)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalado, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 210 cm de comprimento, 70 cm de largura e 40 cm de profundidade. O seu topo revelou ter sido selado com uma camada de arena granítica.

b. Camada 1a’ – sedimento de coloração esbranquiçada, de base saibrenta e compactado, que foi identificado, pelo menos, no Quadrado E7; poderia corresponder ao que restou da tampa.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, medianamente compacto, limoso, de calibragem regular, com seixos angulosos graníticos e raízes dispersas;

c. Na extremidade sudoeste desta sepultura, sobre o arena granítica do interface, foi possível exumar um vaso cerâmico²². Corresponde a uma forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Este vaso de largo bordo horizontal apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes médios de quartzo que lhe conferem uma textura grosseira. A sua parede interna denota ter sido alisada e a externa brunida, sendo a coloração de ambas acastanhada e o seu cerne avermelhado. Possui um elemento de prensão vertical de secção em fita cuja metade superior, juntamente com cerca de um quarto do bordo e de parte do bojo, se encontra em falta. No entanto, a asa encontrava-se depositada virada para este-noroeste. O seu fundo é convexo aplanado. Denota ter contactado com o fogo em momento anterior à sua deposição, já que apresenta fuligem interna e externa, desenvolvendo-se esta última em posição mais ou menos oposta à asa. O vaso tem a largura de boca, de contorno subcircular, variável entre os 10 e os 10,1 cm, oscilando a sua aba entre 3,2 e os 3,4 cm de largura. O seu lábio e bordo foram decorados recorrendo à técnica de incisão. Assim, cerca de metade do lábio e parte distal do interior do bordo foram incisos, no sentido paralelo ao lábio, com duas linhas descontínuas formadas por séries de motivos subtriangulares. Abaixo destas duas linhas e no sentido perpendicular ao lábio foram efetuadas incisões de linhas contínuas,

²² Encontra-se em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2007.0205.

em número variável entre as 18 e as 22, quebradas por métopas compostas por linhas incisadas contínuas e igualmente paralelas ao lábio, em número de 7 ou 8. Uma vez que o bordo não está todo disponível apenas permite observar duas fiadas destas métopas que, contudo, seriam em maior número.

Sepultura 11 (quadrados C8, D8 e D9) (Fig. 4.110)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base arredondada. Apresentava 200 cm de comprimento, 70 cm de largura e 36 cm de profundidade. Tinha um seixo anguloso granítico fincado, ao alto, no topo da extremidade sudoeste. O seu quadrante sudoeste foi, aliás, ligeiramente cortado, posteriormente, pela fossa 5²³.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha amarelada, homogéneo, medianamente compacto, areno-limoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos dispersos, areia e limo.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura/negra, homogéneo, medianamente compacto, limoso, com concentração de carvões.

c. Do enchimento desta estrutura foi exumado, na camada 1a e no contacto da base, na extremidade sudoeste, um vaso cerâmico²⁴. Corresponde a uma forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Este vaso de largo bordo horizontal denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desgordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferem textura média/grosseira. O vaso é alisado em ambas as faces, com exceção do fundo interno, sendo as paredes de coloração castanha avermelhada e o cerne avermelhado. Possui um elemento de prensão vertical de secção em fita, cuja deposição direcionou para Este, e fundo convexo, embora ligeiramente aplanado. O contacto com o fogo em momento anterior à sua deposição é visível através da presença de fuligem em ambas as paredes, no último caso em posição oposta à asa. O vaso tem o diâmetro de boca, de contorno subcircular, variável entre os 10 e os 10,3 cm, oscilando o seu bordo entre os 3 e os 3,6 cm de largura. O lábio inclui uma pequena fratura cuja cor viva mostra ser recente e, numa das áreas laterais à asa é possível identificar ligeira corrosão da parede externa. A aba apresenta uma composição decorativa, pela parte interna, que recorreu à técnica de impressão. Assim, paralelamente ao lábio foram

²³ Vide ponto *Fossas* relativo a este sector.

²⁴ As coordenadas georreferenciais deste vaso são: Z=144,065; Y (S-N) = 113cm; X (E-W) = 26 centímetros, encontrando-se em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2007.0441.

efetuadas duas linhas descontínuas formadas por motivos subtriangulares. Na parte inferior da aba, e também no sentido paralelo ao lábio, desenvolvem-se outras duas linhas descontínuas formadas pela conjugação de motivos subtriangulares. Ambos os conjuntos de linhas anteriormente descritos são interrompidos por métopas que consistem em duas linhas descontínuas formadas por séries de motivos subtriangulares que se desenvolvem no sentido diagonal em relação ao lábio.

Sepultura 12 (quadrados D9 e E9) (Fig. 4.111)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, orientada no sentido nordeste-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava 90 cm de largura e 24 cm de profundidade. Não foi possível determinar o seu comprimento dada a intensa perturbação, no quadrante nordeste, provocada por um eucalipto que aproveitou as terras menos compactas do seu enchimento para desenvolver as suas raízes.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, areno-limoso, medianamente compacto, calibragem irregular, com carvões e de raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração amarela clara, heterogéneo, arenoso, calibragem irregular, com carvões e radículas.

c. No enchimento desta estrutura, na camada 1b, foram identificados dois fragmentos cerâmicos de panças. Denotam fabrico manual, cozedura redutora e pastas arenosas com desengordurantes de quartzo que lhe conferiram uma textura grosseira. Apresentam alisamento de ambas as paredes e fraturas angulosas aparentemente recentes. Os cernes pouco ou nada rolados permitem depreender que não tiveram grande contacto com os agentes erosivos. As suas características técnicas permitem enquadrá-los no horizonte cronológico-cultural da Idade do Bronze e, embora não colem entre si, as suas características técnicas e formais relembram a pança de uma forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), com parede externa polida e interna alisada. Hipoteticamente, talvez como resultado da intrusão das raízes do eucalipto no enchimento desta estrutura, este vaso terá sido quebrado e os seus fragmentos dispersos. Nos fragmentos recolhidos não se observam quaisquer motivos decorativos. No entanto, não deverá ser descartada a hipótese destes fragmentos poderem terem sido arrastado juntamente com os sedimentos, aquando do enchimento desta estrutura.

Sepultura 13 (quadrado B8 e B9) (Fig. 4.112)

a. Durante os trabalhos de escavação, em 2004 recolheu-se no que se considerou como camada 1c do quadrado A8 um vaso de largo bordo horizontal que, embora fraturado, permitiu a sua reconstituição²⁵. Esta descoberta levanta a hipótese de ali poder ter existido outra sepultura plana aberta em negativo no substrato rochoso. O facto de não ter sido devidamente identificada poderá relacionar-se com a dificuldade sentida na definição em plano das estruturas, durante a fase inicial dos trabalhos de escavação, tanto pelos ténues e indefinidos contrastes dos contornos como pelo desconhecimento das suas características. No entanto, através da observação do registo fotográfico do achado parece definir-se uma possível interface entre a arena granítica e algumas terras que, eventualmente, poderiam corresponder ao enchimento da sepultura.

b. -

c. Quanto ao recipiente cerâmico recolhido, apresenta bordo horizontal com lábio arredondado, bojo arredondado e fundo convexo, embora ligeiramente aplanado. Os 3,4 cm de largura do seu bordo têm correspondência com a forma 13c da tabela formal de Bettencourt (1999). Apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média a grande dimensão que lhe conferem uma textura grosseira. Ambas as paredes, alisadas, obtiveram uma coloração acastanhada, sendo o cerne cinzento-escuro. É provido de um elemento de prensão vertical de secção em fita. Evidencia fuligem interna e externa que se estende entre o bordo e o bojo e cuja origem é anterior à deposição. Detém o diâmetro variável entre 11,2 e 11,5 cm e as fraturas são angulosas, pressupondo pouco ou nenhum contacto com os agentes erosivos. Inclui uma composição decorativa que se desenvolve na parte interna do bordo e que recorreu a técnicas de impressão e de incisão. Assim, foram impressas séries descontínuas de motivos subtriangulares, alguns dos quais duplos, formando quatro linhas que se dispõem de forma paralela ao lábio. Estas linhas foram intercaladas por três linhas incisadas contínuas efetuadas com ponta romba que se desenvolvem de forma igualmente paralela ao lábio. Pontualmente, esta composição impressa e incisada foi interrompida transversalmente por conjuntos de 3 linhas incisadas, também efetuadas com ponta romba, que se dispuseram de forma mais ou menos paralela entre si mas ligeiramente diagonais em relação ao lábio, formando métopas. Embora falte parte do bordo é possível perceber que esta composição não obedece a critérios métricos rígidos. Isto porque, tanto as linhas interrompidas formadas por

²⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.0340.

sucessivos motivos impressos, como as linhas incisas contínuas que as intercalam, nem sempre foram fielmente reproduzidas.

As principais características das sepulturas planas identificadas no Sector II foram sintetizadas na Tabela 4.28.

Tabela 4.28 – Características das sepulturas planas do Sector II (contornos, secções, bases, dimensões e orientações)

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orientação
S1	Subretangular	U	Aplanada	206	62	20/32	NE-SW
S2	Subretangular	U	Aplanada	212	40/86	14/30	NE-SW
S3	Subretangular	U	Aplanada	245	56	21/30	NE-SW
S4	Ovalado	U	Aplanada	130	60	16	NE-SW
S5	Subretangular	U	Aplanada	120*	46	13/22	NE-SW
S6	Subretangular	U	Aplanada	180	80	10/32	NE-SW
S7	Subretangular	U	Aplanada	224	72	12/20	NE-SW
S8	Subretangular	U	Arredondada	202*	62	28/34	NE-SW
S9	Subretangular	U	Arredondada	215	80	30	NE-SW
S10	Ovalado	U	Arredondada	210	70	40	NE-SW
S11	Subretangular	U	Arredondada	200	70	36	NE-SW
S12	Subretangular	U	Aplanada	30*	90	24	NE-SW
Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orientação
S13	Subretangular	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	NE-SW

* Valor não correspondente à medida original do interface; n.d. – não disponível.

2.5.2.1.2.2. Fossas

Fossa 1 (quadrado B7 e C7) (Fig. 4.113)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, com o maior eixo disposto no sentido este-oeste, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 68 cm de comprimento, 52 cm de largura, e uma profundidade variável entre os 40 e os 36 cm. O topo desta estrutura parecia estar sinalizado com um seixo anguloso de milonito²⁶, posicionado aproximadamente ao centro. Muito próximo da base foi possível identificar uma “cama” formada por quatro pequenos seixos angulosos de granito (3 exemplares) e de corneana siliciosa ferruginosa (1 exemplar). Os granitos merecem especial destaque, visto corresponderem a fragmentos de rocha com inclusões de grandes cristais de feldspato e de bastante biotite²⁷, o que lhes confere uma

²⁶ Classificação litológica realizada pelo geólogo Manuel João Abrunhosa, a quem se agradece.

²⁷ Agradece-se a Pedro Pimenta, geólogo do projeto ENARDAS e professor no Departamento de Ciências da Terra na Universidade do Minho, a disponibilidade demonstrada para a observação desta amostra. Encontra-se em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0255G.

coloração negra e aspeto espelhado e brilhante, tendo sido, aparentemente, propositadamente escolhidos.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarelada, homogéneo, de fraca compacidade, areno-limoso mas mais arenoso, de calibragem irregular, com raros carvões concentrados e alguns seixos angulosos graníticos de pequena dimensão.

c. Do seu enchimento foi possível recolher um fragmento cerâmico.

Materiais cerâmicos

Da camada 1a foi recolhido um fragmento cerâmico, com cerca de 1,7 cm, de uma pança arredondada. Apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de tamanho médio que lhe conferem uma textura grosseira. Ambas as paredes parecem não apresentar alisamento, sendo a face interna e o cerne de cor cinzenta clara e a face externa de coloração creme. Não apresenta fuligem e a fratura denota algum rolamento por sujeição aos agentes erosivos. As reduzidas dimensões não permitem aferir qualquer forma, sendo que a sua presença possa ser justificada através do seu arrasto accidental, conjuntamente com os sedimentos, aquando da colmatação desta estrutura.

Fossa 2 (quadrado C6) (Fig. 4.114)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, com o maior eixo disposto no sentido este-oeste, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 78 cm de comprimento, 52 cm de largura, e uma profundidade máxima de 68 cm. No topo da camada 1a foi identificado um seixo anguloso de granito local.

b. Camada 1 – sedimento de coloração amarelado, heterogéneo, de média compacidade, arenoso, de calibragem irregular; poderia corresponder à cobertura que selou esta estrutura.

Camada 1a – sedimento de coloração acinzentado, homogéneo, de fraca compacidade, limoso, de calibragem irregular, com pequenas radículas.

c. Na camada 1 foi recolhido um pedaço de argila amarela que poderia corresponder a restos de colorante.

Fossa 3 (quadrado A7) (Fig. 4.107)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, com o maior eixo disposto no sentido norte-sul, de secção em “U” e base irregular. Detinha 64 cm de comprimento, 32 cm de largura

e a profundidade variável entre os 45 e os 39 cm. Espacialmente muito próxima da sepultura 8, a cerca de 50 cm desta para noroeste e, à semelhança daquela estrutura, ligeiramente perturbada por uma raiz de grande porte de um eucalipto.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha, homogéneo, de fraca compactidade, ligeiramente arenoso e de granulicidade regular.

c. Da única camada identificada no seu enchimento foram recuperados quatro fragmentos cerâmicos que revelam fabrico manual, cozedura redutora, pasta arenosa, com desengordurantes de quartzo de grandes dimensões que lhe conferem textura grosseira. Inclui o bordo e parte do bojo cuja análise morfológica permitiu reconstruir o perfil de uma forma 1²⁸ segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). De referir, igualmente, que os fragmentos se apresentam bastante erodidos. Uma vez que as fraturas, não recentes, se apresentam angulosas, esta corrosão parece dever-se, hipoteticamente, à acidez dos solos locais, aliada ao facto do recipiente parecer estar mal cozido. O diâmetro da sua boca atingia os 26 cm.

Fossa 4 (quadrado A9) (Fig. 4.115)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, com o maior eixo disposto no sentido noroeste-sudeste e secção em “U”. A sua base era aplanada na metade noroeste mas, a partir de sensivelmente do seu meio e no sentido de sudeste, atingia maior profundidade, sendo a sua base irregular com pequena convexidade. Detinha 120 cm de comprimento, 56 cm de largura, e uma profundidade variável entre os 48 (no quadrante Sudeste) e os 24 cm (no quadrante noroeste). Parece corresponder, originalmente, a uma estrutura similar às fossas 1, 2 e 3, cujo interface original foi definido na parede, pelo quadrante sudeste, e pela base irregular, posteriormente cortada, pelo quadrante noroeste por uma estrutura tipologicamente semelhante, embora de menor profundidade e de base aplanada. A falta de materiais não ajuda na datação desta estrutura.

b. Camada 1 – sedimento de coloração amarelado, heterogéneo, de elevada compactidade, arenoso, de calibragem irregular; poderia corresponder à cobertura que selou esta estrutura.

Camada 1a – sedimento de coloração acinzentada, homogéneo, de fraca compactidade, limoso, de calibragem irregular, com pequenas raízes e dealguns carvões dispersos.

c. Do seu enchimento não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos.

²⁸ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2007.0187.

Fossa 5 (quadrado C7 e C8) (Fig. 4.116)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, secção em “U” e base arredondada. Detinha o diâmetro variável entre 118 e 124 cm e a profundidade máxima de 32 cm. É difícil perceber se a escavação revelou a sua cota original, já que há a possibilidade de ter sido ligeiramente “cortada” no topo. Esta estrutura cortou ligeiramente, no quadrante Sudoeste, a sepultura 11.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarela clara, heterogéneo, de média/elevada compactidade, arenoso, calibragem irregular, com alguns carvões; corresponderia à cobertura e detinha cerca de 10 cm de espessura.

Camada 1b – sedimento de coloração amarela, heterogéneo, de média compactidade, arenoso, de grão grosseiro a médio e de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 6 (quadrado E6) (Fig. 4. 117)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, com o eixo maior eixo disposto no sentido norte-sul, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava 60 cm de comprimento, 52 cm de largura e uma profundidade variável entre os 52 e os 30 cm. Esta fossa encontrava-se sob a camada 2a, um sedimento de base saibrenta com c. de 30 cm de espessura cuja origem antrópica se relaciona com a abertura da vala perimetral, situada ligeiramente a sudeste daquela estrutura, e de construção posterior.

b. Camada 1a – sedimento de coloração cinzenta acastanhada, heterogéneo, de elevada compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com limo, areia e raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, homogéneo, de fraca compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos e areia; sobre esta estrutura foi identificada a camada de arena granítica designada de camada 2a e descrita na estratigrafia geral.

c. Do seu enchimento não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos.

As principais características das fossas identificadas n Sector II foram sintetizadas na Tabela 4.29.

Tabela 4.29 – Contornos, secções, bases e dimensões (em cm) das fossas identificadas no Sector II

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orientação
F1	Ovalizado	U	Aplanada	68	52	36/40	E-W
F2	Ovalizado	U	Aplanada	78	52	36/68	E-W
Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orientação
F3	Ovalizado	U	Irregular	64	32	39/45	N-S
F4	Ovalizado	U	Irregular	120	56	24/48	NW-SE
F5	Subcircular	U	Arredondada	124	118	32	-
F6	Ovalizado	U	Irregular	60	52	30/52	N-S

2.5.2.1.2.3. Buracos de poste**Buraco de poste 1²⁹** (quadrado D5) (Fig. 4.118)

a. Estrutura em negativo de contorno circular, secção mais ou menos em “V” e de base arredondada. Apresentava 32 cm de diâmetro e 60 cm de profundidade. As suas características estão sintetizadas na Tabela 4.30.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarelada, heterogéneo, de média/elevada compactidade, arenoso, calibragem irregular, com algumas raízes.

c. No enchimento desta estrutura não foi recolhido quaisquer materiais arqueológicos.

Tabela 4.30 – Características do buraco de poste identificado no Sector II

Estrutura	Contorno	Secção	Base	Diâmetro	Prof.
Bp30	Circular	V	Arredondada	32	60

2.5.2.1.2.4. Vala perimetral

Trecho este (quadrados A0, A1, B0, B1, B2, B3, B4, C1, C2, C3, C4, D3, D4, D5, E4, E5, F5, F6, G5, G6, G7, H6, H7, H8, H9, I8, I9, I10, J9, J10, J11, J12, K11 E K12) (Figs. 4.119, 4.120 e 4.122)

a. Estrutura em negativo de secção em “V” irregular mas de base aplanada que circunscreveu toda a colina, no caso do Sector II, aproximadamente, entre as linhas altimétricas dos 144 e 145 metros. Detinha largura variável que atingiu valores máximos na base de 60 cm e no topo de 210 cm. A sua profundidade oscilava entre os 86 cm e os 186 cm, registando-se as menores medidas pelo lado da parede externa. Em planta toma a forma circular apenas interrompida por uma descontinuidade com cerca de 4 metros que se situa na vertente sul da pequena elevação, em concreto, nos quadrados ZZ4, ZZ5, A4, A5, B4 e B5. Confirmou-se o espessamento deste terminal que atingiu os 199 cm de espessura máxima, situando-se nos

²⁹ Esta estrutura foi, por lapso, fotografada como fossa 30, designação já atribuída a uma fossa identificada durante os trabalhos de escavação no mesmo sector realizados no ano de 2007.

quadrados B2, B3, C3 e C4. Do seu enchimento destacam-se a camada 1b, onde se observou a concentração anómala de pedras, por vezes alinhadas, e a camada 1c, cuja presença de bastantes carvões terá conferido uma coloração escurecida. Nestes quadrados o processo construtivo é corroborado pelo reforço de alinhamentos de pedra (camada 1b) e pelo alargamento da camada 1c, cuja forte presença de carvões presume a existência de troncos de madeira. O alinhamento de pedras da camada 1b teria servido de calço para amparar a sustentação de uma estrutura de madeira, tomando a forma de paliçada, cuja desintegração, por incêndio, contribuiu para a coloração escura e a inclusão de carvões na camada 1c. Foi, ainda, identificada uma derivação desta vala que cortou a parede externa, nomeadamente, nos quadrados C4/D4 e C3/D3. Esta derivação, que infletia para sudoeste, atinge profundidades menores que o trecho anteriormente construído, variando entre os 65 e os 102 cm, e largura inferior, oscilando entre os 118 e os 124 cm no topo e os 14 e os 30 cm na base. O terminal do acrescento também alarga, atingindo os 147 cm de largura máxima.

Neste sector o enchimento desta estrutura, salvo ligeiras *nuances*, é semelhante ao registado em outros trechos escavados em diferentes pontos da colina.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, arenoso, de média compactidade, com inclusões de alguns seixos angulosos de granito.

Camada 1a' – mancha de coloração amarela esbranquiçada, de fraca compactidade, de calibragem irregular, muito arenoso, pouco espesso; a sua distribuição em plano era parcial, surgindo no seio da camada 1a apenas nos Quadrados J11 e J10.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, homogéneo, medianamente compacto, muito granuloso, com carvões, seixos e blocos graníticos.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura/negra, areno-limoso, pouco compacto, com carvões; foi identificado paralelamente à extremidade externa da vala embora, por vezes, não tenha atingido o fundo desta; poderá corresponder à área onde estiveram os troncos de madeira (paliçada?).

Camada 1c' – sedimento de coloração castanha clara, homogéneo, muito limoso, medianamente compacto, sucedendo à camada 1c apenas nos quadrados E4 e E5.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha clara, homogéneo, de média compactidade, mais arenoso do que limoso, com algumas raízes.

c. No enchimento desta estrutura foram detetados vários materiais cerâmicos e líticos (Tab. 4.33), maioritariamente no contacto entre as camadas 1b e 1c. Foi, também, recuperado

um fragmento de molde cerâmico. Apenas serão descritos os materiais considerados mais significativos.

Materiais cerâmicos

Na camada 1a do quadrado I10 foram recolhidos 6 fragmentos cerâmicos que colavam entre si e que permitiram a reconstrução parcial do perfil de uma forma 10 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999)³⁰. Está representado o bordo e parte do arranque do bojo. A pasta é arenosa, muito grosseira, com desengordurantes de quartzo de grande dimensão. O bordo é vertical e o lábio boleado, encontrando-se em falta a base desta forma. Na parte recuperada não é possível observar qualquer arranque ou elemento de prensão. Detém cerca de 24 cm de diâmetro de boca. As fraturas são angulosas e grande parte da área dos fragmentos foi sujeita ao contacto com o fogo, como é possível confirmar pela presença de fuligem, a qual se estendeu a vários pontos ao cerne. Tal facto leva a concluir que estes fragmentos estiveram em contacto com o fogo já quebrados, derivando a fuligem (ou pelo menos parte) de um fenómeno pós-quebra, segundo os pressupostos de Garrow, Beadsmore & Knight (2005) e de Brudnell & Cooper (2008). Apresenta grandes índices de corrosão nas superfícies que se poderá dever, hipoteticamente, à ação ácida dos solos locais, talvez acentuada pela ação do fogo terá enfraquecido a estrutura já de natureza friável da pasta.

Na camada 1b foram recolhidos 32 fragmentos, nos quadrados B1, B2, C1 e C2, que permitiram reconstruir o perfil completo de um pote³¹ ou forma 1 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). O bordo é vertical, com lábio semiplano, o bojo é ovoide e, embora só esteja presente uma pequena parte dela, a base é plana simples. Não se identifica, na parte recuperada, qualquer elemento de prensão. O diâmetro da sua boca, de contorno subcircular, ronda os 19 cm. Apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes grandes que lhe conferem uma textura muito grosseira. Pese embora a grande corrosão, talvez pelas qualidades friáveis da pasta e menor resistência aos solos ácidos locais, foi possível perceber que a peça teria sido alisada em ambas as faces. A parede interna é cinzenta clara, a externa alaranjada e o cerne varia entre o laranja (exterior) e o cinzento claro (interior). Os fragmentos que colaram entre si e permitiram reconstruir esta forma oscilam entre 1 e 7 cm e apresentam contacto com o fogo, como se depreende pela presença de fuligem em ambas as faces da área da base. A sua origem é de momento anterior à deposição. Embora as fraturas não pareçam recentes, o cerne encontra-se anguloso, aferindo-se um contacto de

³⁰ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0739.

³¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2007.0201.

pequena escala ou quase inexistente com os agentes erosivos. Nos mesmos quadrados (B1, B2, C1 e C2) foram, também, recuperados alguns fragmentos de uma base e parte do bojo³² de uma forma cerâmica que se veio a perceber colar com o perfil da forma anteriormente descrito. Os fragmentos, de maior tamanho (oscilando entre os 7 e os 8 cm) têm características idênticas àqueles, e apenas confirmam tratar-se de uma base plana simples com indícios abundantes de fuligem em ambas as faces.

Da camada 1c, no quadrado D4, foi possível recuperar um fragmento cerâmico correspondente a um bordo em aba soerguida que preservou um elemento de preensão vertical de secção em fita. A sua pasta é arenosa, com desgordurantes de quartzo de grande dimensão, que lhe conferem uma textura grosseira. O diâmetro desta forma rondaria os 16 cm, sendo alisado em ambas as faces, pese embora a ligeira erosão que apresentava, na parede externa. A sua fratura revela não ser recente e é angulosa, não favorecendo a ideia de ter permanecido muito tempo à mercê dos agentes atmosféricos. De igual forma, não indicia vestígios de fuligem. A cerca de 20 metros para nordeste, no quadrado J12, foi exumada uma base de fundo plano simples com parte do bojo. Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desgordurantes de quartzo de grandes dimensões que lhe conferem uma textura muito grosseira. Ambas as paredes foram alisadas e apresentam coloração castanha acinzentada, assim como o cerne. De igual modo, ambas as paredes revelam o contacto com o fogo em momento anterior à sua deposição, como se percebe pela presença de fuligem na face interna na área do bojo e no interior da peça na área da base. A fratura é antiga e angulosa mas a parte disponível não permite aferir com certeza qual a sua forma. Pode apenas ser adiantado que se trataria de uma forma cujo diâmetro rondaria, possivelmente, os 10 a 20 cm. Ainda nesta camada mas, desta feita, no acrescento posterior que aumentou a vala perimetral, concretamente, no quadrado C2, foi recolhida uma tampa cerâmica de um potinho/púcaro de aba em orelhas³³ (Fig. 4.124). O seu estado completo e não fraturado revela fabrico manual e pasta arenosa, com desgordurantes médios que lhe conferiram uma textura grosseira. A corrosão superficial que ocorreu em ambas as faces não permite afirmar com certeza se seria alisada, mas em parte poderá ser explicada pelo facto de esta peça ter sido sujeita a contacto com fogo, o que poderá ter enfraquecido a sua estrutura e, por extensão, a sua resistência à acidez dos solos locais. A cozedura redutora que a consolidou conferiu-lhe uma coloração acastanhada que se expande às paredes e ao cerne. O seu interior encontra-se impregnado de

³² Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0230, entretanto anulado.

³³ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0310.

fuligem cuja origem é anterior à sua deposição que, muito provavelmente, se relaciona com o uso que lhe terá sido dado em momento anterior à sua condenação, no interior desta vala. No topo da tampa encontra-se um elemento de prensão de secção em fita. Esta tampa tem, ainda, a particularidade de ter sido perfurada precisamente no sentido da asa e logo abaixo do seu arranque, formando um “canal”. Este “canal” alinha com as perfurações presentes no potinho/púcaro com asas em orelhas a que pertence, uma forma original da Idade do Bronze que não se encontra representada na tabela formal de Bettencourt (1999). Este foi recuperado inteiro numa área distinta do sítio onde foi recolhida a tampa³⁴. Formaria, assim, um conjunto composto por um potinho/púcaro de asa em orelha com tampa. Também desta camada foi recolhido um outro fragmento cerâmico interpretado como resto de uma grelha³⁵ (Fig. 4.123). O facto de terem sido encontrados em diferentes pontos da colina restos de moldes cerâmicos, indícios diretamente relacionados com a prática da metalurgia, levou a associar aqueles materiais com essas práticas. Contudo, durante o *1º Congresso Internacional de Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*, realizado em Dezembro de 2010, em Braga, tivemos oportunidade de mostrar pessoalmente estas peças a alguns investigadores de renome especializados³⁶ em práticas metalúrgicas e obter algumas opiniões. B. Armbruster (comunicação pessoal) refere que os fragmentos de grelha não lhe parecem ter integrado qualquer estrutura relacionada com o processo de produção metalúrgico. Partilhando desta opinião, P. Craddock (comunicação pessoal) refere que os fragmentos não mostram oxidação suficiente resultante do contacto com o fogo, principalmente, com as altas temperaturas inerentes ao processamento de redução de minérios metálicos. Em contrapartida, propõe tratar-se de parte de uma estrutura auxiliar à evaporação de sal. Por sua vez, J. C. Senna-Martinez (comunicação pessoal) menciona que os fragmentos de grelha poderão ter integrado uma plataforma para aquecimento de cadinhos, uma espécie de concentrador de calor, talvez próxima a estrutura descrita por aquele investigador em Beijós, Carregal do Sal (Senna-Martinez 2000). Outra das hipóteses poderia ser a de pertencerem a um forno de olaria romano, dadas as marcas pouco evidentes de contacto com altas temperaturas de fogo. Contudo, os escassos vestígios de romanização ali identificados não abonam a favor desta

³⁴ Vide ponto relativo a *Espólio de Vala perimetral*, descrito no Sector V, concretamente, na referência ao quadrado N22 e N23. Este pote, em depósito no M.D.D.S., em Braga, detém o número de inventário 2006.0422.

³⁵ Note-se que na camada de aterro, no quadrado ZX9 do mesmo sector – ligeiramente mais a jusante –, havia já sido recolhido um outro fragmento semelhante (veja-se o ponto *materiais cerâmicos* da *estratigrafia geral* relativos à camada de aterro deste sector).

³⁶ Nomeadamente, B. Armbruster, P. Craddock e J. C. Senna-Martinez.

hipótese, além de não ter sido encontrado qualquer vestígio deste período no enchimento da vala que se deu durante o Bronze Final, como se verá adiante.

Da camada 1d do quadrado I9 foram recuperados 6 fragmentos de pança de fabrico manual, cozedura redutora e pastas arenosas denotando elevada corrosão das suas faces e fuligem interna e externa.

Na Tabela 4.31 estão reunidos os valores relativos à quantidade e dimensões dos fragmentos cerâmicos recolhidos do interior desta estrutura. Verifica-se, desde logo, a presença de mais fragmentos nas camadas superiores (camadas 1a e 1b), sendo mais significativa essa presença na camada 1b. A sua menor expressão nos níveis inferiores poderá ser entendida pela menor quantidade de materiais à superfície, os quais, paulatinamente, com o avançar de processos erosivos e de escorrimientos das terras das cotas superiores, foram sendo arrastados para o interior da vala perimetral.

Outro dado curioso prende-se com o facto de, entre as diferentes camadas, estarem melhor representados os fragmentos com dimensões menores que 2 cm e entre os 2 e os 4 cm. O que os valores tabelados parecem corroborar é que o transporte de materiais cerâmicos de menores dimensões terá sido mais fácil, de resto, algo que é óbvio de considerar.

O estudo levado a cabo não favorece, contudo, a evidência de fraturas boleadas, o que permite depreender que os fragmentos cerâmicos não estiveram por muito tempo sujeitos aos agentes erosivos.

Tabela 4.31 – Percentagens dos tamanhos dos fragmentos cerâmicos recolhidos do trecho este da vala perimetral por camadas segundo os parâmetros definidos por Brudenell & Cooper (2008)

Camada	< 2 cm	2-4 cm	> 4 cm
1a	20,5% (7 fragmentos)	56% (19 fragmentos)	23,5% (8 fragmentos)
1b	29% (14 fragmentos)	46% (22 fragmentos)	25% (12 fragmentos)
1c	14,2% (1 fragmento)	71,4% (5 fragmentos)	14,2% (1 fragmento)
1d	50% (3 fragmentos)	16,7% (1 fragmento)	33,3% (2 fragmentos)

Finalmente, na camada 1d, no quadrado H9, foi também encontrado um fragmento de molde bivalve de um machado de talão, possivelmente com duas argolas, que preservou o cone de vazamento e a totalidade do talão. A sua pasta é arenosa e inclui desengordurantes de quartzo que lhe conferem textura grosseira. A coloração é alaranjada, tanto na face interna como externa (Tab. 4.32).

Tabela 4.32 – Características do fragmento de molde cerâmico recolhido no trecho este da vala perimetral

Nº Inv.	Quad.	Cam.	Larg.	Espess.	Comp.	Descrição
2006.0478	H9	1d	64	27	107	Machado de talão com duas (?) argolas, com cone de vazamento e talão

Materiais líticos

Na camada 1b, entre os diversos líticos recolhidos, figuram vários fragmentos de moinhos manuais dormentes e moventes – como o recolhido no quadrado J12 – efetuados sobre granito de grão fino, rocha pouco usual nas imediações. Alguns destes moinhos integraram a fiada de pedras identificada nesta unidade estratigráfica que teriam servido de contraforte aos postes de madeira.

Tabela 4.33 – Relação de materiais cerâmicos e líticos exumados do trecho este da vala perimetral

Quadrados	Camada	Cerâmica	Líticos	Bordo	Pança	Colo	Base	Moinhos
D4	1a	16	1	-	13	3	-	-
E4	1a	3	-	-	2	-	1	-
E5	1a	4	-	-	4	-	-	-
I9	1a	1	-	-	1	-	-	-
I10	1a	2	-	-	2	-	-	-
J11	1a	2	-	-	2	-	-	-
J12	1a	6	-	-	6	-	-	-
B1/B2	1b	21	-	3	16	-	2	-
C1/C2	1b	15	-	1	10	-	4	-
D4	1b	1	-	-	1	-	-	-
J11	1b	11	-	-	9	2	-	-
J12	1b	-	1	-	-	-	-	1
D4	1c	3	-	-	3	-	-	-
E4	1c	2	-	-	2	-	-	-
J9	1c	2	-	-	2	-	-	-
I9	1d	6	-	-	6	-	-	-
Total	-	95	2	4	79	5	7	1

Trecho Oeste (quadrados ZY3, ZY4, ZY5, ZZ3, ZZ4 e ZZ5) (Fig. 4.120 e 4.122)

a. Neste trecho há restos de um espessamento do terminal da mesma vala identificada a este e anteriormente descrita. Esta ocorre, concretamente, nos quadrados B2, B3 e B4, sendo o seu enchimento, com exceção de pequenas variações bem localizadas e delimitadas, igualmente muito semelhante. De referir que esta estrutura se estenderia para oeste e noroeste, pelo que a saibreira e a construção de uma estrada municipal, que passa a poente do topo da

colina, sensivelmente do sentido norte-sul, não terá sido alheia à destruição de uma parte considerável da sua extensão. De igual forma, uma última referência para o facto da extremidade nordeste deste trecho, localizada nos quadrados ZZ4 e ZZ5, ter cortado ligeiramente a Sepultura 1, permitindo confirmar a sua posterioridade em relação à estrutura de enterramento. A largura desta vala variava entre os 42 e os 54 cm na base e os 147 cm e os 230 cm no topo, oscilando a sua profundidade entre os 114 cm e os 202 cm. Obviamente que a parte mais larga corresponde ao espessamento terminal que marca, também, a entrada no lugar, pelo lado oeste.

b. Camada 1 – sedimento de coloração amarelada, muito homogéneo, de média compactidade, mais arenoso que limoso, de calibragem irregular e com algumas radículas.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha amarelada, muito arenoso, de média compactidade e calibragem irregular, com alguns seixos angulosos graníticos, carvões e radículas dispersas. Corresponde à camada do topo da vala, com infiltrações de materiais mais recentes.

Camada 2a – sedimento de coloração castanha clara a amarelada, de média compactidade, areno-limoso mas mais arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos e blocos graníticos, carvões dispersos e algumas radículas.

Camada 2a' – sedimento de coloração castanha clara amarelada, de média compactidade, areno-limoso, homogéneo, de calibragem regular, com grão mais fino que as camadas 2, 2a e 2a''.

Camada 2a'' – sedimento de coloração castanho amarelado, de média compactidade, arenoso, de calibragem irregular, com inclusões de seixos angulosos graníticos dispersos.

Camada 2b – sedimento de coloração castanha escura, de média compactidade, limo-arenoso mas mais limoso que as anteriores, homogéneo, com raízes e radículas dispersas. Inclui, igualmente, grande quantidade de cinzas e de carvões que se encontravam dispersos.

Camada 3 – sedimento de coloração acastanhada, de média compactidade, limo-arenoso, homogéneo, com algumas radículas.

Camada 4 – sedimento de coloração amarela, de média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com raros carvões dispersos, seixos angulosos e blocos graníticos.

Camada 5 – sedimento de coloração amarela, de fraca compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos e blocos graníticos dispersos.

c. Do enchimento desta estrutura foram recuperados vários materiais cerâmicos e líticos (Tab. 4.35).

Materiais cerâmicos

Da camada 1 foi recuperado um pouco de argila de coloração amarela semelhante a colorante.

Da camada 2, no quadrado ZY4, foram recolhidos dois fragmentos de pasta bastante arenosa com inclusão de micas de pequena dimensão que enquadrámos em fase histórica. Um dos fragmentos, com cerca de 12 por 10 cm, é relativo a um bordo esvasado com lábio arredondado, colo e parte do bojo de um vaso de significativo tamanho. O outro corresponde a um fragmento de pança de fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa, que apresenta decoração plástica sob a forma de um pequeno mamilo. Inclui alisamento da parede exterior, cuja coloração é cinza e, na mesma face, vestígios de fuligem. A parede interna e o cerne são cremes e encontram-se algo corroídos.

Da camada 3 do mesmo trecho da vala perimetral, no quadrado ZY4, foi recolhido um fragmento do colo e do bojo de perfil ovoide cujas dimensões rondam os 2 por 2,5 cm. Apresenta fabrico manual, cozedura redutora, pasta arenosa e desengordurantes de dimensão média que lhe conferem textura grosseira. Ambas as paredes denotam alisamento, sendo a sua cor, bem como a do cerne, cinzenta clara. É possível verificar uma composição decorativa que recorreu à técnica da incisão com ponta romba. Esta desenvolve-se na horizontal e compõem-se por três incisões paralelas, distanciadas entre si, aproximadamente, cerca de 0,5 cm. Esta decoração, que não se sabe se seria parcial, encontra-se no colo. É, igualmente, possível verificar a presença de fuligem em ambas as faces que terá tido origem em momento anterior à deposição. A fratura é antiga e o cerne encontra-se anguloso, não se verificando a permanência muito acentuada aos agentes erosivos. O seu reduzido tamanho não permite confirmar a sua forma.

No quadrado ZZ4, da camada 4, foi exumado um fragmento de um elemento de prensão vertical (?) de secção em fita cuja pasta, bastante arenosa, inclui grandes quartzos que lhe conferiram uma textura muito grosseira. Apresenta coloração alaranjada por ter sido mal cozido ou ter uma cozedura mais oxidante.

Na Tabela 4.34 estão reunidos os valores relativos à quantidade e dimensões dos fragmentos cerâmicos recolhidos do interior desta estrutura. Verifica-se, igualmente, a maior representação de fragmentos cerâmicos com dimensões entre os 2 e os cm, correspondendo a um quadro semelhante ao proposto para o trecho oposto (trecho este) desta mesma estrutura.

O estudo levado a cabo não favorece, igualmente, a evidência de fraturas boleadas, pelo que se depreende que os fragmentos cerâmicos não estiveram por muito tempo sujeitos aos agentes erosivos.

Tabela 4.34 – Percentagens dos tamanhos dos fragmentos cerâmicos recolhidos do trecho oeste da vala perimetral por camadas segundo os parâmetros definidos por Brudenell & Cooper (2008)

Camada	< 2 cm	2-4 cm	> 4 cm
1	- (0 fragmentos) 25%	100% (1 fragmento) 50%	- (0 fragmentos) 25%
2	(1 fragmentos) 28,6%	(2 fragmentos) 71,4%	(1 fragmento) 28,6%
2a	(2 fragmento)	(3 fragmentos)	(2 fragmento)
2b	- (0 fragmentos)	100% (1 fragmento)	- (0 fragmentos)
4	- (0 fragmentos)	50% (2 fragmentos)	50% (2 fragmentos)

Materiais líticos

Entre os elementos líticos recolhidos (Tab. 4.31) destaque para a recolha na camada 2a do quadrado ZZ4 para um fragmento de seixo quartzítico rolado que pertenceria a um triturador/percutor, como se depreende pelo desgaste evidente de uma das suas extremidades, com elevada picotagem do córtex provocada pelo uso³⁷. Além deste, na camada 4 do quadrado ZY4 foi recuperado um fragmento de seixo rolado de quartzito de coloração cinza³⁸ bastante fraturado. Este parece ter resultado de levantamentos intencionais (núcleo?). Indicia, igualmente, numa das extremidades onde preserva parte do córtex, desgaste por fricção. Hipoteticamente poderá ter sido aplicado como polidor. Da mesma camada e quadrado foi exumado, também, um pequeno seixo rolado de quartzito de coloração branca avermelhada com forma subcilíndrica arredondada³⁹. Além da fratura transversal que o quebrou, apresenta ligeiro desgaste numa das faces que aparenta ter sido provocada por fricção. Trata-se de um polidor.

³⁷ Em depósito no M.R.A.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0255G.

³⁸ Em depósito no M.R.A.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0255G.

³⁹ Em depósito no M.R.A.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0255G.

Tabela 4.35 – Relação de materiais recolhidos no trecho oeste da vala perimetral

Quad.	Camada	Cerâmica	Líticos	Bordo	Colo	Bojo	Base	Asa	Mós
ZY4	1	1	2	1	-	-	-	-	-
ZY4	2	4	-	2	1	1	-	-	-
ZY4	2a	7	4	-	-	5	2	-	2
ZY4	2b	1	-	1	-	-	-	-	-
ZY4	4	3	1	-	-	3	-	-	-
ZZ4	4	1	-	-	-	-	-	1	-
ZY4	5	5	6	-	-	6	-	-	-
Total	-	22	13	4	1	14	2	1	2

2.5.2.2. Síntese

No quadrante sul de uma colina sobranceira à ribeira da Levegada foi constituída uma necrópole de sepulturas planas, de inumação, construídas segundo a mesma orientação, no sentido nordeste-sudoeste. Em algumas delas ficou demonstrada a selagem com coberturas de arena granítica bem consolidada e difícil de distinguir da arena granítica original, o que significa que quando foram abertas não existiria solo à superfície.

Salvo raras exceções – como no caso das sepulturas 7 e 8 onde, a par de materiais cerâmicos foram, ainda, depositados um peso de tear ou de rede e um cossoiro ou conta de colar, respetivamente –, a maioria das inumações foi acompanhada da deposição de vasos de bordo horizontal. Estes indiciam o contacto com o fogo ante deposição e, invariavelmente, incluíram composições decorativas. Nesta necrópole verificou-se a individualização, através da distribuição espacial das sepulturas, de dois núcleos distintos separados entre si, no sentido nordeste-sudoeste, por cerca de 4/5 metros.

Com exceção das sepulturas 4, 6 e 10, todas as restantes apresentam, nas suas descrições, a presença de carvões, no caso de algumas dispersos (sepulturas 1, 2, 3, 5, 7, 8 e 12) mas noutros concentrados (sepulturas 9 e 11). Enquanto hipótese interpretativa é possível relacionar a presença destes carvões com a queima de qualquer coisa no interior destas estruturas antes ou durante os atos fúnebres que ali tiveram lugar.

Em momento posterior registou-se, nesta zona, a construção de várias fossas. De formas e medidas variadas, não sobressai qualquer distribuição espacial específica entre elas. A ausência de ossos impele a interpretações cautelosas, mas parece notória (e propositada?) a aproximação a determinado grupo de sepulturas.

Em termos de relações inter-estruturas e como fundamento da situação cronológica destas estruturas, refira-se o corte da sepultura 11 pela fossa 5 e a localização estratigráfica da

fossa 6, sob uma espessa camada arenosa resultante da abertura da vala perimetral, construída em momento posterior. por sua vez, a fossa 4 terá resultado da abertura no substrato geológico, num primeiro momento, de uma estrutura tipologicamente idêntica às fossas 1, 2, 3 e 6, sendo a interface original da sua parede o registado no quadrante sudeste. Terá sido, posteriormente, cortada a noroeste por uma estrutura semelhante.

Pelo menos 3 ou 4 delas (fossas 2, 4, 5 e, possivelmente, 6) foram tapadas com uma cobertura de arena granítica e 2 delas (fossas 1 e 2) foram assinaladas com uma pedra no seu topo (seixos angulosos em milonito e em granito, respetivamente).

Quanto a materiais, apenas na fossa 3 apareceu parte de um pote da forma 1 (Bettencourt 1999), cuja deposição parece ter sido intencional. O seu estado incompleto poderá relacionar-se com o facto desta fossa ter sido muito perturbada por uma raiz de eucalipto. Além disto apenas de registar uma “cama” de seixos angulosos exóticos identificada no interior da fossa 1. Assim, atendendo aos tipos de rocha que o compunham (granitos com elevada presença de biotite e corneana siliciosa ferruginosa) e às rochas disponíveis na região, pensa-se que este círculo pétreo poderá ter servido para a deposição de algo perecível (como uma oferenda ou um corpo, por exemplo).

De um modo geral, pelas características construtivas destas fossas, pelos seus enchimentos e depósitos cerâmicos e líticos, pondera-se a hipótese de se relacionarem com atos sepulcrais ou deposicionais de carácter excecional. Mais ainda se for tida em consideração a sua proximidade a sepulturas planas.

A construção de uma vala perimetral que rodeou toda a colina parece associar-se, grosso modo, aos últimos momentos de ocupação da Idade do Bronze. Sublinhe-se, antes de tudo, o facto de esta construção ter requerido um investimento considerável de mão-de-obra e de ter incluído, no seu perímetro, ocupações ancestrais resultantes de usos e de práticas diferenciadas⁴⁰.

Detinha uma abertura a sul, formando uma entrada com cerca de 5 metros de largura, onde foi registado o espessamento dos terminais da vala, de ambos os lados. Este atingiu os 199 cm do lado este e 230 cm do lado oeste. Num momento posterior este elemento sofreu os efeitos de nova alteração construtiva. Assim, à vala originalmente construída foi acrescentado um avançado – cujo interface foi identificado nos quadrados C3 e D3, no Sector II – que serviu a

⁴⁰ É seguro assumir que a construção desta estrutura aconteceu simultaneamente nos Sectores II e V, já que não se observam diferenças ao nível construtivo e/ou estratigráfico significativas que questionem tal hipótese. A sua condenação terá acontecido de forma rápida, como se depreende pela disposição inclinada dos materiais no seu enchimento e pela colagem entre fragmentos cerâmicos oriundo de camadas diferentes.

relocalizou a entrada original, reposicionando-a a sudoeste. Naqueles dois quadrados a análise estratigráfica regista o reforço das fiadas de pedra identificadas na camada 1b (servindo de contraforte à paliçada) e o alargamento da camada 1c (carbonização dos troncos da paliçada). Tal indicia que neste ponto a paliçada se subdividiria, quer curvando para Sudeste – seguindo pelo avançado – quer ladeando a área mais espessada que terminava na entrada original. A estratigrafia e certas características deste avançado (como a profundidade desigual de ambos os elementos) favorecem a hipótese da sua construção ter ocorrido num momento posterior. Os materiais cerâmicos recolhidos no seu enchimento não revelam diferenças substanciais quando comparados com os materiais recolhidos da vala perimetral “original”, o que favorece a ideia de que o hiato de tempo entre a construção destes elementos não terá sido muito grande.

No conjunto, todos estes elementos atestam a complexidade deste local e indiciam diferentes momentos de ocupação. Assim, os três tipos de construções aqui verificadas representam uma ocupação desde o Bronze Inicial até ao Bronze Final, possivelmente com hiatos de uso.

2.5.3. Sector III

Os trabalhos arqueológicos neste sector totalizaram 20 m², tendo sido abertos os quadrados B5, D1, E5, F4 e G5 numa malha de 2 por 2 metros.

2.5.3.1. Estratigrafia e materiais

A estratigrafia deste sector inclui quatro camadas. Nesta sondagem não foi identificada qualquer estrutura.

2.5.3.1.1. Estratigrafia geral

Camada 0 ou humosa – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, areno-limoso, calibragem irregular, com alguns carvões dispersos, raízes, seixos angulosos e blocos graníticos.

Camada 1 – sedimento de coloração amarelada, arenoso, medianamente compacto e de granulosidade mediana.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha escura, de fraca compactidade e arenoso. Não foi identificada no quadrado D1.

Camada 3 – sedimento de coloração amarelada, arenoso, de elevada compacidade. Parece corresponder à arenização do substrato rochoso (arena granítica). Apenas identificada nos quadrados B5 e E5

Camada 4 – substrato rochoso.

2.5.3.1.2. Materiais

Os materiais recolhidos correspondem a 16 fragmentos cerâmicos dispersos pelas camadas 0, 1 e 2 dos quadrados F4 (12 fragmentos cerâmicos) e G5 (4 fragmentos cerâmicos), estando representados 12 panças, 1 asa e 3 indeterminados (Tab. 4.36). Os quadrados B5, D1 e E5 não forneceram quaisquer materiais arqueológicos.

Materiais cerâmicos

Camada 0

Do quadrado F4 foi recuperado 1 fragmento indeterminado genericamente enquadrável em período histórico.

Camada 1

O quadrado F4 incluía 3 fragmentos de panças cujas colorações alaranjadas marcas de torno permitem enquadrá-los, ainda que genericamente, em período histórico. Do quadrado G5 foi recuperado um pequeno fragmento de faiança enquadrável em período histórico.

Camada 2

No quadrado F4 foram identificados 9 fragmentos cerâmicos, dos quais 6 panças e 3 fragmentos indeterminados. Destaque para as 6 panças que, pese embora a ligeira corrosão que apresentam ambas as superfícies, dentam cozeduras redutoras e pastas arenosas, a par de alisamentos externos. Com estas características tecnológicas podem ser genericamente enquadrados na Idade do Bronze. Finalmente, o quadrado G5 incluía 3 fragmentos de panças cujas características técnicas poderão ser enquadradas, genericamente, em período histórico.

Tabela 4.36 – Relação de materiais recolhidos no Sector IV, discriminando os elementos representados e a respetiva localização no quadrado e camada

Quadrado	Camada	Cerâmica	Bojo	Asa	Indeterminado
F4	1	3	3	-	-
G5	1	1	-	1	-
F4	2	9	6	-	3

Quadrado	Camada	Cerâmica	Bojo	Asa	Indeterminado
G5	2	3	3	-	-
Total	-	16	12	1	3

2.5.3.2. Síntese

A escassa informação recolhida neste sector não permite alargadas interpretações. A ausência de níveis de ocupação e de estruturas, a par da reduzida quantidade de materiais ali recolhidos confirmam que esta área não terá sido ocupada durante a Idade do Bronze ou durante qualquer época histórica. As características dos materiais ali recolhidos (fraturas roladas, pequena dimensão e a mistura de materiais de diferentes épocas, incluindo alguns da Idade do Bronze), confirmam que a sua presença terá resultado de escorrências de níveis superiores da colina, nomeadamente, dos Sectores II e V.

2.5.4. Sector IV

Os trabalhos arqueológicos neste sector totalizaram 8 m², tendo sido a sondagem aberta no quadrado C6 numa malha de 2 por 2 metros.

2.5.4.1. Estratigrafia e materiais

Neste sector não foram identificadas quaisquer estruturas.

Estratigrafia geral

A estratigrafia inclui três camadas:

Camada 0 ou humosa – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, alguns carvões dispersos, raízes, seixos angulosos e blocos graníticos.

Camada 1 – sedimento de coloração amarelada, homogéneo, medianamente compacta, arenoso.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha, arenoso, homogéneo, de elevada compactidade.

Camada 3 – substrato rochoso.

Materiais

Apenas foi recuperado, no quadrado C6, na camada 1, um fragmento de material de construção.

2.5.4.2. Síntese

Trata-se do sector mais estéril em termos de informação recolhida. A ausência de níveis de ocupação e de estruturas e a recolha de um fragmento de material de construção confirmam que esta área não terá sido ocupada de forma efetiva durante a Idade do Bronze ou qualquer época histórica.

2.5.5. Sector V

Os trabalhos de escavação realizados neste sector incidiram sobre um total de 494 m². Em seguida será abordada a estratigrafia geral e as estruturas em negativo abertas no substrato rochoso e os respetivos materiais a elas associados. Contudo, os materiais das fossas apenas são genericamente abordados, já que os mesmos integram uma dissertação de mestrado a desenvolver por Ana Catarina dos Gomes Braga, mestranda de Arqueologia da Universidade do Minho.

2.5.5.1. Estratigrafia geral, materiais e estruturas

Contrariamente ao Sector II, a estratigrafia do Sector V preservou maior potência. Tal deve-se ao facto de corresponder à área de topo da colina, onde a inclinação do terreno é ténue ou mesmo inexistente. Aqui foi possível identificar, inclusive, e ainda que de forma muito localizada e lenticular, resquícios de níveis de ocupação/abandono datáveis da Idade do Bronze. É uma área onde não ocorreram alterações pós-deposicionais antrópicas pela prática da extração mecânica de arena granítica, contrariamente ao verificado no Sector II. No entanto, a exploração agrícola destas terras, a par de outros possíveis usos da área datáveis de época histórica, imprimiram algumas modificações. A característica mais evidente é a mistura de materiais de diferentes fases observada nas camadas 0 e 1.

2.5.5.1.1. Estratigrafia geral

A análise estratigráfica revelou a existência de 8 camadas:

Camada 0 ou humosa – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com raízes. Corresponde à camada humosa.

Camada 0' – sedimento de coloração castanha, heterogéneo, de fraca compactidade, com muita matéria orgânica e material de construção atual. A sua distribuição em plano restringiu-se aos quadrados J45, J46, J47, J48, K45, K46, K47 e K48.

Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, mais homogéneo do que a camada 0', de fraca compactidade, areno-limoso, com raízes e alguma cerâmica histórica.

Camada 1' – sedimento de coloração castanha clara, homogéneo, bastante arenoso, de média compactidade e de calibragem irregular, com raízes e alguns carvões. A sua distribuição em plano é localizada, surgindo nos quadrados U55, U56, U57, U58, V55, V56 e X55. Pode ser atribuída ao Bronze Final.

Camada 1a – sedimento de coloração cinzenta, homogéneo, de compactidade média e por vezes fraca, areno-limoso (embora mais limoso), de calibragem regular, com carvões e pequenas raízes dispersas. Corresponde ao que resta de uma camada de ocupação/abandono da Idade do Bronze Médio sendo a sua distribuição, em plano, lenticular e localizada.

Camada 1a' – sedimento de coloração cinzenta, mais escuro do que a camada 1a, homogéneo, medianamente compacto, limo-arenoso, de calibragem irregular, com concentrações de seixos angulosos de granito, de carvões e de raízes. Envolve e preenchia um concentrado anómalo de pedras que incluía alguns moinhos manuais. Corresponde a uma camada de ocupação do Bronze Médio.

Camada 2 – sedimento de coloração amarelada, de compactidade média, muito arenoso, de calibragem irregular, com raízes. Corresponde à arenização do granito (arena granítica).

Camada 3 – substrato rochoso.

2.5.5.1.2. Materiais

Pelos motivos anteriormente apontados, os materiais recolhidos à superfície, na camada 0 (humosa) e na camada 1 não foram estudados exaustivamente. A presença de raros materiais da Idade do Bronze nestas camadas terá resultado de perturbações e de revolvimentos que, a

par de vestígios de ocupações mais recentes, sem interesse para o presente estudo, misturaram materiais de diferentes fases. Apenas se consideraram aprofundadamente para análise os materiais recolhidos nas camadas 1', 1a e 1a'. Tal deve-se às características técnicas e morfológicas dos fragmentos cerâmicos mas, também, como já referido, ao valor arqueológico daquela camada para o presente trabalho.

Materiais cerâmicos

Recolhas de superfície

Totaliza 38 fragmentos cerâmicos (Tab. 4.37). Entre estes figuram 2 bordos, 25 bojos, 5 bases, 1 fragmento de material de construção e 5 indeterminados (Tab. 4.33). Destaca-se um fragmento de pança da Idade do Bronze denotando fabrico manual e pasta arenosa, com desengordurantes de grande calibre que conferem uma textura grosseira a muito grosseira. A sua coloração escura resultou da cozedura redutora. Tem a particularidade de deter decoração plástica sob a forma de um cordão.

Tabela 4.37 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície discriminando os elementos representados

Nº fragm.	Bordo	Bojo	Colo	Base	Tampa	Ind.	Mat. const.
38	2	25	-	5	-	5	1

Camada 0

Dos 142 fragmentos cerâmicos figuram 16 bordos, 89 bojos, 10 colos, 4 bases, 2 asas, 5 fragmentos de material de construção e 16 fragmentos indeterminados (Tab. 4.38). Alguns destes colam entre si e enquadram-se em época histórica ou, mais raramente, na Idade do Bronze. Os de época histórica revelam fabrico a torno, coloração alaranjada e cozeduras oxidantes. Correspondem, na sua maioria, a formas abertas de pequenas e médias dimensões. Os materiais enquadráveis na Idade do Bronze, por seu turno, perfazem um total de 20 fragmentos. A sua presença nesta camada pode ser explicada por perturbações de origem animal ou antrópica (como ação de pequenos roedores, práticas agrícolas, plantio de árvores, etc.) que os transportaram, de cotas mais baixas, até à superfície. Apresentam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas com desengordurantes de quartzo de média a grande dimensão que conferem às pastas uma textura variável entre o grosseiro e o muito grosseiro. Encontram-se em estado bastante fragmentado e, na maioria dos casos, indiciando significativos processos de rolamento, mercê do contacto com os agentes erosivos. Ainda assim é possível observar que foram alisados em ambas as superfícies. Destaque para uma pança com arranque

de asa, recolhida no quadrado D42, um fragmento de bordo em aba soerguida e lábio arredondado, com fuligem externa, recolhido no quadrado S51 e, ainda, dois fragmentos de argila irregular, recolhidos nos quadrados L57 e L58, os quais parecem ter integrado o revestimento de estruturas em materiais perecíveis, já que apresentam possíveis negativos de ramos.

Tabela 4.38 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 0 discriminando os elementos representados

Nº fragm.	Bordo	Bojo	Colo	Base	Asa	Indeterminado	Mat. const.
142	16	89	10	4	2	16	5

Camada 0'

Totaliza 5 fragmentos cerâmicos. Estão representados um bordo (L55) e quatro panças (T44). O bordo é reto, com lábio reto, e denota fuligem na parede externa, onde é visível ligeira carena no arranque da pança. Uma das panças apresenta alisamento em ambas as paredes. Estes dois fragmentos detêm pasta com quartzos de média e grande dimensão que lhes conferem uma textura grosseira a muito grosseira. As suas características enquadram-nos genericamente na Idade do Bronze. Todos os restantes fragmentos são de época histórica.

Camada 1

Totaliza 332 fragmentos de cerâmica, 28 fragmentos de argila de revestimento e 28 fragmentos de material de construção (Tab. 4.39). Entre os 322 fragmentos de cerâmica comum figuram 24 bordos, 3 colos, 237 panças, 7 bases, 4 asas e 55 indeterminados (Tab. 4.35). Estes elementos incluem, em alguns casos, a colagem entre si de dois ou mais fragmentos. São materiais genericamente enquadráveis em época histórica (mais numerosos) e, mais raramente, na Idade do Bronze. Os primeiros, de forma semelhante ao verificado para a camada humosa, revelam fabrico a torno, colorações claras e cozeduras oxidantes, correspondendo, na generalidade, a formas abertas de pequenas e médias dimensões. Já os materiais do Bronze apresentam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas cuja adição de desengordurantes de quartzo de média a grande dimensão confere texturas grosseiras a muito grosseiras. Na generalidade estão em estado bastante fragmentado e, em muitos casos, indiciam corrosão. Neste grupo de cerâmicas destaque para um fragmento um fragmento de bordo esvasado, recolhido no quadrado M58, juntamente com 10 fragmentos de argila de forma tosca, interpretada como argila de revestimento. Argila de revestimento surgiu, igualmente, nos

quadrados J57 (1 fragmento), K57 (1 fragmento), J59 (1 fragmento), L55 (1 fragmento), L58 (1 fragmento), M57 (1 fragmento), N58 (18 fragmentos), O57 (1 fragmento) e V54 (3 fragmentos). Ainda assim, e uma vez que o local teve ocupação durante época histórica, não será de descartar a hipótese de alguns deste fragmentos de barro de revestimento poderem ser de época mais recente. No quadrado Q52 foi igualmente recolhido um fragmento em aba soerguida, de lábio arredondado, denotando polimento interno e externo. Também no quadrado +D49 foram recolhidos 8 fragmentos tecnicamente datáveis da Idade do Bronze. Correspondem a 7 panças e a uma asa de secção em fita. Uma das panças inclui um elemento de preensão horizontal ou lingueta, outro parece deter um pequeno mamilo (?) fraturado e um terceiro inclui decoração plástica sob a forma de cordão horizontal.

Finalmente, com os 8 fragmentos (2 bordos, um dos quais com a asa, e 6 panças) recolhidos da camada 1 do quadrado + D49, que colaram entre si, foi possível reconstruir uma secção do bordo que preserva parte do arranque da pança e um elemento de preensão vertical de secção em fita⁴¹. O bordo é horizontal e o lábio adelgado. Pese embora a sua pasta arenosa, apresenta boa depuração, e a coloração castanho avermelhado varia entre tons mais escuros e mais claros. A partir dos quatro contactos da asa com a parede arrancam, no sentido horizontal, dois cordões plásticos adelgados e pouco proeminentes. O recipiente denota polimento interno e externo. Inclui vestígios de fuligem na parede externa que se desenvolvem junto do bordo e do arranque superior da asa. A morfologia deste conjunto de fragmentos permite considerar tratar-se de uma forma 2a segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Tabela 4.39 – Relação de materiais exumados da camada 1 do Sector V discriminando os elementos por quadrado

Quadrado	Cerâmica	Argila de revest.	Mat. Construção
(+)F48	21	-	-
(+)F45	-	-	1
(+)D53	2	-	-
(+)D49	16	-	-
(+)C58	5	-	-
(+)C51	1	-	-
(+)C45	2	-	-
(+)C39	1	-	-
(+)B44	6	-	-
(+)B43	12	-	-
(+)B42	2	-	-
X55	1	-	-

⁴¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0748.

Quadrado	Cerâmica	Argila de revest.	Mat. Construção
V56	42	-	-
V55	2	-	-
V54	5	3	-
T56	3	-	-
T44	4	-	-
S50	1	-	1
R53	4	-	-
R51	6	-	2
Q58	3	-	-
Q52	26	-	-
Q51	7	-	-
P59	2	-	-
P58	11	-	-
O59	7	-	-
O57	9	1	-
O50	2	-	-
N58	-	8	-
N57	2	-	-
M61	7	-	-
M58	19	10	-
M57	10	1	-
M56	3	-	-
M50	1	-	-
L59	4	-	-
L58	1	1	-
L57	6	-	-
L56	1	-	-
L55	1	1	-
K59	1	-	-
K57	6	-	-
K57	10	1	1
J59	5	1	-
J58	3	-	-
J57	8	1	-
J54	4	-	6
J53	-	-	11
J49	1	-	-
J40	2	-	-
J39	-	-	3
J38	12	-	3
I61	1	-	-
I50	3	-	-
G50	14	-	-
D50	2	-	-
TOTAL	330	28	28

Camada 1a (Idade do Bronze)

Totaliza 53 fragmentos cerâmicos entre os quais estão representados 3 bordos, 38 panças, 9 colos e 3 fragmentos indeterminados (Tab. 4.40). São materiais genericamente datáveis da Idade do Bronze que denotam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas variáveis entre as grosseiras e muito grosseiras.

Tabela 4.40 – Localização dos fragmentos cerâmicos exumados da camada 1a do Sector V

Quad.	Bordo	Pança	Colo	Ind.
J58	1	1	-	-
K58	-	1	-	-
L58	1	-	-	-
M57	-	8	4	3
Q50	-	4	-	-
Q51	-	1	-	-
R52	-	3	-	-
S50	-	-	1	-
S58	-	1	-	-
T44	1	-	-	-
U54	-	1	2	-
U55	-	5	-	2
V54	-	7		1
V55	-	-	1	-
V56	-	4	1	-
X55	.	2		
TOTAL	3	38	9	3

Entre estes materiais destaque para um fragmento recolhido no quadrado J58. Pertence a um bordo reentrante, de lábio arredondado, com carena alta na pança e composição decorativa disposta abaixo desta. Os elementos decorativos são pequenos motivos subquadrangulares efetuados por impressão que formam duas linhas paralelas entre si e dispostas na horizontal, no sentido do bordo. Apresenta polimento externo e alisamento interno mas ausência de fuligem. Do quadrado L58 foi igualmente recuperado um fragmento com aproximadamente 2 cm de um bordo esvasado com lábio semi-plano. Denota alisamento de ambas as faces. Do quadrado U54 foram recolhidos dois fragmentos de colos com adição plástica denotando muita fuligem na parede externa.

Tabela 4.41 – Percentagens de materiais cerâmicos recolhidos da camada 1a segundo as dimensões definidas por Brudenell & Cooper (2008)

< 2 cm	2-4 cm	> 4 cm
52,8%	39,6%	7,6%
(28 fragmentos)	(21 fragmentos)	(4 fragmentos)

A leitura da Tabela 4.41 permite aferir que os materiais recuperados, além de escassos, são na grande maioria de dimensões reduzidas. Apenas 4 fragmentos, de um total de 53, ultrapassa os 4 cm. Como não se encontram rolados, tal facto leva a hipotetizar que esta camada corresponderá à parte inferior do nível da Idade do Bronze Médio, área onde os materiais, por razões óbvias, tendem a escassear mas são compatíveis com reduzidas dimensões. Neste sentido, o nível de ocupação/abandono deste período terá sido perturbado ou sido alvo de episódios erosivos.

Materiais líticos

Recolha de superfície

O único elemento lítico recolhido corresponde a um fragmento de sílex.

Camada 0

Totaliza 9 elementos líticos. Entre eles destacam-se 5 fragmentos de moinhos manuais, dois dos quais colando entre si, recolhidos nos quadrados M59, R57, S57 e S58. A matéria-prima escolhida foi o granito de grão fino, raro na região.

Camada 0'

O único lítico identificado corresponde a um pequeno seixo rolado quartzítico.

Camada 1

Totaliza 11 elementos líticos entre os quais figuram fragmentos de moinhos manuais dormentes ou moventes em granito, seixos angulosos em quartzito e, mais raramente, seixos rolados quartzíticos (Tab. 4.42).

Tabela 4.42 – Localização e discriminação dos elementos líticos exumados da camada 1

Nº inv.	Quad.	Contorno	Superfície	Comp.	Larg.	Espess.	Material
2013.0465	O59	Irregular	Côncava	4	5	3,5	Granito de grão fino
2013.0466	J53	Irregular	Côncava	6,5	4	2,5	Quartzito
2013.0470	N58	Irregular	Côncava	4	3	2	Quartzito

Nº inv.	Quad.	Contorno	Superfície	Comp.	Larg.	Espess.	Material
2013.0471	N58	Irregular	-	4,5	2	0,5	Quartzito
2013.0472	+B44	Subcircular	Rolada	2,5	2	1,5	Quartzito
2013.0473	L56	Irregular	-	7	5,5	6	Granito de grão médio
2013.0474	L56	Irregular	-	5,5	5	4	Indeterminado
2013.0475	L57	Irregular	-	4,5	4,5	2	Granito de grão fino
2013.0477	M61	Irregular	Plana	8	5,5	7	Granito de grão grosso
2013.0478	M59	Subcircular	-	4,5	4	2,5	Quartzito
2013.0479	N50	Irregular	-	4,5	2,5	1	Quartzito

Camada 1a (Idade do Bronze)

Totaliza 6 elementos líticos. Neste pequeno rol de artefactos estão ausentes quaisquer fragmentos de moinhos manuais (Tab. 4.43). Assim, os materiais recolhidos resumem-se a objetos que, muito provavelmente, serviram como trituradores ou raspadores.

O seixo rolado de quartzito recolhido no quadrado R52 detém talhe unifacial. A sua recolha junto ao leito de um rio é inquestionável. Já o facto das suas restas não se apresentarem boleadas mostra que o mesmo não esteve à mercê dos agentes erosivos por grande período de tempo.

Os objetos em quartzo leitoso correspondem, na maioria, a pequenas lascas. A sua eventual utilidade, pelas arestas vivas que apresentam, poderiam relacionar-se com o corte, por exemplo. O único exemplar deste tipo de matéria que apresentava arestas boleadas foi recuperado no Quadrado U52, hipoteticamente tendo servido como triturador. Objeto com características semelhantes, desta feita em quartzito, foi também recuperado do Quadrado U55.

Tabela 4.43 – Características dos elementos líticos exumados da camada 1a

Quadr.	Contorno	Comp.	Larg.	Espess.	Material	Função
R51	Subtriangular	5,5	3	2	Quartzo leitoso	Corte (?)
R52	Elíptico	12	7	5	Quartzito	Seixo talhado
S50	Irregular	6,5	5	2	Quartzo leitoso	Corte (?)
T44	Subtriangular	4	3	1	Quartzo leitoso	Corte (?)
U54	Irregular	4	3,5	2	Quartzo leitoso	Triturador
U55	Irregular	6	5	3	Quartzito	Triturador

Materiais metálicos

Camada 1a (Idade do Bronze)

Foi encontrado um pequeno fragmento hipoteticamente de um artefacto em bronze. Infelizmente encontrava-se completamente pulverizado. Foi identificado no quadrado Q61⁴².

Materiais vítreos

Camada 1

Correspondem a 1 pequeno fragmento de vidro recolhido no quadrado no quadrado L55. Apresenta coloração verde escura, com cerca de 0,5 cm de espessura, que denota superfície externa bastante irregular. Pode ser genericamente enquadrado em época histórica.

2.5.5.1.3. Estruturas

As estruturas identificadas neste sector pertencem genericamente a dois grandes períodos distintos, concretamente, ao período histórico e à Idade do Bronze. Sublinha-se, contudo, que os propósitos do presente trabalho não se enquadram no estudo aprofundado daquelas materialidades, pelo que é às estruturas das diferentes ocupações da Idade do Bronze que será dada especial atenção. Tal implicou uma abordagem superficial aos vestígios de época histórica, os quais servem apenas como referência ao quadro biográfico adquirido, ao longo do tempo, por este lugar. Terminada esta abordagem generalista, segue-se uma descrição mais detalhada das materialidades da Idade do Bronze.

2.5.5.1.3.1. Históricas

Uma das estruturas detetadas na camada humosa (camada o) foi a estrutura 1, estendendo-se pelos quadrados J45, J46, J47, J48, K45, K46, K47 e K48. Trata-se de uma ligeira depressão que resultou da destruição de uma construção provisória (barraco em madeira) que serviu de curral de gado. Este facto foi confirmado por populares locais que referiram a sua existência ainda há poucos anos. Não surgiram quaisquer materiais cerâmicos associados a esta estrutura.

Com a camada 1 relacionam-se as fossas 2 (quadrados R54, R55, S54 e S55), 5 (quadrados O35, O36, P35 e P36), 6 (quadrados E35 e F35), 12 (quadrados M57, M58 e N57), 15 (quadrados +B45, +B46), 22 (quadrados L31 e L32), 24 (quadrados J32 e J33), 25

⁴² A sua georreferenciação é a seguinte: eixo X (sentido E-W) = 30 cm; eixo Y (sentido S-N) = 94cm; eixo Z = 145,7 m.

(quadrado Q35), 26 (quadrados N33, N34, O33 e O34), 29 (quadrados -A36, -A37, -B36 e -B37) e 32 (E56, E57, F56 e F57). São depressões de contorno tendencialmente ovalizado que serviram, provavelmente, o plantio de árvores durante época recente e que arrancam imediatamente abaixo da camada humosa, lenticular, tendo sido abertas diretamente na camada 1 e atingindo, por vezes, o substrato rochoso. Neste conjunto inclui-se, também, um pequeno covacho aberto sobre a camada 1 em época recente que serviu o enterramento de um cão.

Também com a camada 1 e genericamente datável de época histórica relacionam-se três valados (valados 1, 2 e 3). As suas dimensões e formas diferem consideravelmente das estruturas da Idade do Bronze.

O valado 1⁴³ (quadrados F59, G59, H59, J58, J59, K58, L58, M58, N57, N58 e O58) corresponde a uma estrutura em negativo orientada no sentido nor-nordeste/su-sudoeste, de secção em “U” e base aplanada. Foi cortada transversalmente por uma estrutura de cronologia histórica (valado 4) que o interrompeu e que originou dois trechos, um a norte e outro a sul. No trecho a norte, identificado nos quadrados J58, J59, K58, L58, M58, N57, N58 e O58, a sua largura variava entre os 20 e os 8 cm e a profundidade oscilava entre os 5 e os 27 cm. A sua distribuição espacial permitiu perceber que se encontrava associado, pelo menos aparentemente, a 15 buracos de poste de contornos e de profundidades variáveis mas genericamente semelhantes entre si. Alguns distribuem-se a este do valado, os buracos de poste 1, 2, 3 e 15, e outros a oeste, os buracos de poste 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14. Quanto ao trecho a sul, implementado nos quadrados F59, G59 e H59, apresentava 23 cm de largura, oscilando a sua profundidade entre os 17 e os 19 cm. Embora junto deste trecho não se tenham registado quaisquer buracos de poste, foi identificada uma fossa (fossa 31) que este valado atravessou, cortando ligeiramente o seu topo, pelo que confirma a sua cronologia mais recente. Um fragmento metálico foi recuperado do extremo do trecho sul deste valado, concretamente, no extremo sul do quadrado F59. Infelizmente o paradeiro atual deste objeto não é conhecido. Apenas se sabe, pelas anotações do caderno de campo, que detinha coloração avermelhada, talvez pela presença de óxidos de ferro, e que aparentava uma forma sensivelmente cônica, com cerca de 5,5 cm de comprimento e a espessura máxima de 1,5 cm, muito semelhante a um ponteiro. Refira-se, também, que se encontrava em avançado estado de oxidação, facto que terá contribuído, talvez, para a sua pulverização.

⁴³ Os trabalhos de escavação em diferentes campanhas mostraram que esta estrutura se relaciona com o valado 6, estrutura identificada na campanha de 2009, numa zona ligeiramente mais a Sul, concretamente, nos quadrados F59, G59 e H59. Uma análise as relações inter-estruturas permitiu perceber que esta estrutura foi cortada transversalmente pelo valado 4. Ressaltaram, desde logo, as semelhanças construtivas entre ambas as estruturas (valado 1 e valado 6) e, de igual forma, a sua orientação.

O valado 2 (+A58, +A59, +B58, +B59, +B60, +C59 e +C60) correspondia a uma estrutura em negativo orientada no sentido sudeste-noroeste, de secção em “U” e base aplanada. Detinha a largura mínima de 46 cm, a largura máxima de 64 cm e a profundidade variável entre 27 e 33 cm. Esta estrutura pôde ser relacionada com um murete que cortou uma estrutura da Idade do Bronze (estrutura 1). O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Finalmente, o valado 4⁴ (B30, B31, B32, B33, B34, C30, C31, C32, C33, C34, G50, G53, G54, G55, H53, H54, H55, H56, H57, H58, H59 e H60, I56, I57, I58, I59, I60, I61, I62, J61, J62 e J63), escavado apenas parcialmente, revelou que foi aberto em negativo, detendo secção troncocónica e base aplanada. A orientação do seu maior eixo dispõem-se no sentido este-oeste, embora que com uma ligeira angulação sudeste-noroeste. No seu conjunto apresentou largura variável entre os 56 cm e os 84 cm e a profundidade máxima de 44 cm. Não foi escavada integralmente, permanecendo preservado um trecho que se deverá desenvolver ao longo da parte superior da colina. Os raros materiais cerâmicos provenientes do seu enchimento confirmam a sua época histórica. São produções que denotam o uso de torno e cozeduras oxidantes.

Finalmente registre-se, ainda, a presença de um pequeno aglomerado de seixos angulosos e de blocos maioritariamente de granito de grão médio e grosseiro, de contorno irregular, cujas medidas oscilavam entre os 70 e os 90 cm de largura (quadrados D30, D31, E30 e E31). Integrando este empedrado foram identificados três fragmentos de moinhos manuais em granito de grão fino, raro na região, correspondentes a moinhos dormentes. A inclusão destes materiais na camada 1 da estratigrafia geral aponta para a sua descontextualização. Não muito longe, para sul, o valado de época histórica (valado 4) atravessou o terreno de nascente a poente, podendo ser uma das explicações para a sua remoção do contexto original.

2.5.5.1.3.2. Idade do Bronze

A preservação de níveis arqueológicos da Idade do Bronze é parcelar e bem localizada, confinando-se aos quadrados situados no topo oeste e noroeste da colina (J60, K57, K60, T55, T56, U54, U55, U56, U57, U58, V54, V55, V56 e X55). Esta preservação terá resultado, talvez,

⁴ Esta estrutura resulta da equivalência dada entre estruturas que foram escavadas em momentos diferentes, em alguns casos a distâncias consideráveis que, por segurança, obrigavam à atribuição de denominações distintas. Concretamente, do que fora designado de valado 1 (quadrados I61, I62, J61, J62 e J63), valado 4, valado 5 (quadrados I57, I58, I59, I60, H57, H58, H59 e H60) e valado 7 (Quadrados G53, H53, G54, H54, G55, H55, H56, I56, H57, I57, H58 e I58) (ver *Relatórios de Escavação* relativos às campanhas de 2005, 2008, 2009, 2010). Analisando a disposição espacial dos diferentes trechos escavados percebe-se que se trata de uma só estrutura.

do menor declive do terreno que, por sua vez, propiciou as condições para a implementação de maior potência estratigráfica. Os níveis em questão correspondem às camadas 1', 1a e 1a', além de artefactos técnica e morfologicamente enquadráveis na Idade do Bronze que foi possível relacionar entre eles e com determinadas estruturas.

A camada 1' corresponde ao Bronze Final e a ela parece associar-se uma estrutura eventualmente ligada a práticas metalúrgicas.

Às camadas 1a e 1a', correspondentes ao Bronze Médio, parecem associar-se as fossas 1, 3, 18 e 19, um empedrado considerado como eventual lareira e um valado, o número 3.

Estruturas associadas às camadas gerais 1a e 1a'

Fossa 1 (quadrados J56, J57, K56 e K57) (Fig. 4.125)

a. Estrutura em negativo de contorno oval, secção em "U" e base convexa. Detinha 108 cm de comprimento no sentido norte-sul, 94 cm de largura e a profundidade variável entre 45 e 51 cm.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, medianamente compacta, limo-arenoso, de calibragem irregular, com raízes e alguns seixos angulosos de granito.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha, ligeiramente mais claro e mais compacto que a camada 1b, limo-arenoso, de calibragem irregular, com raízes e alguns carvões.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 3 (quadrados M59, N58, N59, N60 e O59) (Fig. 4.126)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada na boca e base aplanada. Detinha 114 cm de diâmetro e 58 cm de profundidade máxima. A sua estratigrafia lenticular favorece a hipótese de representar um enchimento detritico. Detinha a forma de "saco".

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, medianamente compacto, limo-arenoso, de calibragem irregular, com eixos angulosos de granito dispersos e carvões.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha, heterogéneo, medianamente compacto, areno-limoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos e raízes. Incluía apenas 4 fragmentos cerâmicos.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha amarelada, heterogéneo, de elevada compactidade, arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos e raízes.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, medianamente compacto, limo-arenoso, de calibragem irregular, com eixos angulosos graníticos dispersos, carvões e raízes.

Camada 1e – sedimento de coloração castanha acinzentada, heterogéneo, de elevada compactidade, limo-arenoso, de calibragem irregular, com eixos angulosos graníticos dispersos, carvões e raízes.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo, embora a sua rápida observação tenha demonstrado tratarem-se de fragmentos de pequena e média dimensão.

Fossa 18 (quadrados H61, H62, I61 e I62) (Fig. 4.127)

a. Estrutura em negativo de contorno oval, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 96 cm de eixo maior, disposto no sentido norte-sul, 70 cm de largura e 30 cm de profundidade. O seu topo incluía, mais ou menos em posição central, a presença de um seixo granítico anguloso. A sua boca abria, pelo menos, na camada 1a da estratigrafia geral.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, medianamente compacto, areno-limoso mas mais arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos e concentrações de carvões e de raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, medianamente compacto, areno-limoso mas mais arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos e carvões.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 19 (quadrado E61) (Fig. 4.127)

a. Estrutura em negativo de contorno oval, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 68 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, 52 cm de largura e 36 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, medianamente compacto, areno-limoso mas mais arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos, carvões e raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, medianamente compacto, areno-limoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos e raízes.

Camada 1c – sedimento de coloração amarelada, homogéneo, de elevada compacidade, limo-arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

As características das fossas associadas à camada 1a foram sintetizadas na Tabela 4.44.

Tabela 4.44 – Características das fossas associadas à camada 1a

Est.	Contorno	Secção	Base	Compr.	Larg.	Prof.	Orient.
Fossa 1	Oval	U	Arredondada	108	94	45/51	N-S
Fossa 3	Subcircular	Estrang. topo	Aplanada	114	-	58	-
Fossa 18	Oval	U	Arredondada	70	96	30	N-S
Fossa 19	Oval	U	Arredondada	52	68	36	E-W

Empedrado (quadrados J60, J61, J62, K60, K61 e K62) (Fig. 4.128)

a. Pequeno empedrado de contorno sensivelmente subcircular que rondava 1 metro de diâmetro. Era composto por seixos angulosos e blocos de granito local, variáveis entre o grão grosseiro/médio e fino, que se apresentavam envoltos no que foi denominado de camada 1a', com cinzas e carvões. Esta foi datada radiometricamente, permitindo enquadrar esta estrutura na Idade do Bronze Médio, muito provavelmente, o momento mais antigo de ocupação desta área da colina do Pego que ficou preservado, apenas, por fraca potência estratigráfica (vide *Datas de C14 e fases de ocupação*).

b. Associou-se à camada 1a' (ver estratigrafia geral deste sector).

c. Entre os vários seixos angulosos e blocos graníticos que formavam este empedrado figuravam dois fragmentos graníticos de moinhos manuais. O granito de grão fino utilizado é raro na região, já que ali proliferam, essencialmente, os granitos de grão médio a grosseiro. Correspondem a um movente e a um dormente.

Valado 3 (quadrados L62, L63, M62 e M63)

a. Mostrou ser uma estrutura em negativo de contorno irregular mas tendencialmente ovalizado, cujo maior eixo se dispôs no sentido este-oeste, estreitando a sua largura no lado nascente. Detinha 108 cm de comprimento, 52 cm de largura e atingiu os 64 cm de profundidade. O seu contorno irregular não afasta a hipótese de poder ter resultado da concentração de vários buracos de poste que, pela proximidade, conferiram maior dificuldade na sua definição em plano.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, medianamente compacto, limo-arenoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito de pequeno calibre dispersos, carvões e raízes.

c. Esta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estruturas associadas à camada geral 1'

a. A camada 1', que ocorre apenas nos quadrados U55, U56, U57, U58, V55, V56 e X55, parece corresponder ao que resta de uma estrutura eventualmente associada à produção metalúrgica. Apenas foi possível delimitar a interface desta estrutura nos quadrados V55 e V56, já que a norte foi cortada, no sentido sudeste-noroeste, por um murete construído em época histórica (Fig. 4.129).

A sua interpretação mostrou-se complexa. Parece ter cortado a camada 1a ou, quando muito, de a ter sobreposto (já que durante a escavação, em plano, foi desaparecendo). A sua composição mostrou elevada inclusão de areias de calibre irregular, característica distinta da restante estratigrafia geral. Como hipótese de trabalho, poderá tratar-se de uma estrutura ou piso relacionado com a prática da metalurgia. Tal conjetura denuncia certos paralelos com uma área identificada no sítio de Fraga do Corvos, em Macedo de Cavaleiros, associada a estas práticas. Ali, Senna-Martinez *et al.* (2007: 3) descrevem que no chão interior da cabana 4 foi possível registar “*a negative structure of oval configuration (...) filled with blackned sands containing ashes*”. Se é certo que aqui não foi possível identificar um contorno claro de uma estrutura preenchida com areia – o que poderá ser explicado pela perturbação do murete construído em momento posterior –, nem a coloração enegrecida das areias resultante do contato com o fogo, refira-se o achado, nesta camada, no quadrado V56, de um fragmento de molde de um machado de talão, o único *in situ* encontrado no local.

b. Corresponde à camada 1' (ver estratigrafia geral deste sector).

c. Entre os materiais recolhidos nesta camada contam-se 9 fragmentos cerâmicos e 3 elementos líticos.

Materiais cerâmicos

Além de escassos fragmentos de pança de reduzidas dimensões (nunca maiores de 4 cm), destaque para um fragmento de um molde bivalve de um machado de talão com uma argola, com mais de 22 cm de comprimento, possível nervura central e cone de vazamento (Tab. 4.45). Este fragmento, recolhido no quadrado V56, veio a colar com outros dois recolhidos mais a norte, no enchimento da vala perimetral, concretamente, nos quadrados +D51/+E51, camada 1b, e no quadrado +E51, camada 1d⁴⁵.

Tabela 4.45 – Localização dos fragmentos cerâmicos recuperados da camada 1'

Quadrado	Camada	Nº Fragm.	Bojo	Argila de revest.	Molde	Ind.
U57/58	1b	1	-	1	-	-
V54	1b	4	2	-	-	2
V55	1b	-	1	2	-	-
V56	1b	1	-	-	1	-
X55	1b	3	-	-	-	-
Total	-	9	3	3	1	2

Materiais líticos

Resumem-se a escassos 3 elementos líticos (Tab. 4.46), sendo eles um fragmento de moinho manual dormente, em granito de grão fino; um triturador em arenito e um possível polidor (?) que, além de três faces com fratura, apresenta na quarta elevado polimento.

Tabela 4.46 – Características e matéria-prima dos líticos recolhidos da camada 1'

Nº Inv.	Quad.	Estado	Contorno	Superf.	Comp.	Larg.	Espess.	Matéria
S/ núm.	V55	Fragm.	Irregular	Plana	8,5	7	4,5	Granito de grão fino
S/ núm.	V55	Inteiro (?)	Irregular	-	7	4,5	4,5	Arenito
S/ núm.	V56	Inteiro	Subretangular	-	10,5	5,5	5	Quartzite

2.5.5.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze

Durante os trabalhos de escavação neste sector foi possível identificar diferentes tipologias de estrutura. Foram abertas em negativo no substrato rochoso, sendo os seus contornos identificados pelo contraste dos seus enchimentos. A fraca preservação de níveis arqueológicos, que quando identificados mostraram ser apenas lenticulares e parciais (camadas

⁴⁵ Este fragmento de molde encontra-se em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0338 (vide ponto *materiais cerâmicos* relativo ao trecho Oeste da *vala perimetral* do Sector V).

1' e 1a), e as características de algumas destas estruturas (que, em alguns casos, parecem indicar ligeiros “cortes” dos seus topos), abonam a favor da hipótese de terem sido originalmente implementadas a uma cota mais alta.

A apresentação seguirá critérios idênticos aos utilizados para o Sector II, concretamente, descrição construtiva, estratigráfica e dos materiais associados a cada uma das estruturas. A ordem será a seguinte: fossas, buracos de poste, valados e vala perimetral.

2.5.5.2.1. Fossas

Fossa 1 (vide ponto *Estruturas associadas às camadas gerais 1a e 1a'*)

Fossa 2 (anulada)

Fossa 3 (vide ponto *Estruturas associadas às camadas gerais 1a e 1a'*)

Fossa 4 (quadrados +B49, +B50, +C49 e +C50)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 62 cm de largura por 82 cm de profundidade máxima⁴⁶.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, pouco compacto, areno-limoso, de calibragem irregular, com algumas raízes e seixos angulosos de granito concentrados. Incluía 1 fragmento cerâmico.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha, mais claro, dada a inclusão de manchas de arena granítica, mais compacto do que a camada 1b, heterogéneo, mais arenoso do que limoso, de calibragem irregular, com dispersão de algumas raízes e de seixos angulosos de granito.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha escura, mais limoso do que arenoso, homogéneo, de fraca compactidade, com seixos angulosos de granito dispersos de médio calibre. Incluía 1 fragmento cerâmico.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Fossa 5 (anulada)

⁴⁶ Infelizmente, os desenhos de campo desta estrutura encontram-se desaparecidos.

Fossa 6 (anulada)

Fossa 7 (quadrados +H44, +H45, +I44 e +I45) (Fig. 4.130)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 70 cm de diâmetro e 20 cm de profundidade. Trata-se da única estrutura identificada fora da área circunscrita pela vala perimetral, a norte do Sector V.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura/negra, homogéneo, de fraca compactidade, granuloso e limoso, com carvões e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 8 (quadrados E28) (Fig. 4.130)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 72 cm de diâmetro e 30 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento que corresponde a uma lenticula parcial de arena granítica.

Camada 1b – sedimento de coloração negra, areno-limoso, de média compactidade, de granulidade irregular, com carvões e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 9 (quadrados +B56, +B57,+C56 e +C57) (Fig. 4.131)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 46 cm de diâmetro e 26 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração amarela, arenoso, homogéneo, nada compacto, de granulidade irregular.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso (mas mais arenoso), pouco compacto, com carvões. Incluía 2 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Fossa 10 (quadrados +C55, +C56, +D55 e +D56)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 126 cm de diâmetro e 158 cm de profundidade⁴⁷.

⁴⁷ Os desenhos de campo relativos ao perfil estratigráfico e à secção encontram-se desaparecidos.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, com manchas mais claras dada a inclusão de arena granítica, bastante heterogéneo, média compactidade e de granulidade irregular. Incluía 27 fragmentos cerâmicos.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, mais limoso, homogéneo e compacto do que a camada 1b mas, ainda, de média compactidade, com carvões dispersos e radiculas. Incluía 4 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Fossa 11 (Quadrados +B53, +B54, +C53, +C54 e + C55)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 126 cm de comprimento, no sentido oeste-este, 104 cm de largura e 158 cm de profundidade⁴⁸.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, com manchas mais claras, dada a presença de arena granítica, areno-limoso, de calibre heterogéneo, de média compactidade, com carvões dispersos e raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, com manchas mais escuras, areno-limoso mas com presença de manchas arenosas, muito heterogéneo, de média compactidade, com carvões dispersos.

Camada 1c – sedimento de coloração negra, mais limoso do que ac 1b, homogéneo, muito compacto, com carvões dispersos. Incluía 3 fragmentos cerâmicos.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha, com manchas de arena granítica dispersas, tendo uma grande mancha de arena granítica no fundo, areno-limoso, heterogéneo, de média compactidade, com carvões de grandes dimensões e seixos angulosos de granito. Incluía 2 fragmentos cerâmicos.

Camada 1e – sedimento de coloração castanha, com bolsas de arena granítica de pequenas dimensões dispersas, areno-limoso mas mais arenoso, heterogéneo, de maior compactidade do que a camada 1d, de granulidade irregular, com carvões dispersos e concentrados. Incluía 22 fragmentos cerâmicos.

Camada 1f – sedimento de coloração castanha clara, mais clara do que a camada 1e, com manchas de arena granítica, areno-limoso mas mais arenoso, heterogéneo, de

⁴⁸ Os desenhos de campo relativos ao perfil estratigráfico e à secção encontram-se desaparecidos

média compactidade, com carvões dispersos e radículas. Incluía 11 fragmentos cerâmicos.

Camada 1g – sedimento de coloração amarela, muito arenoso, homogéneo, de fraca compactidade. Incluía 5 fragmentos cerâmicos.

Camada 1h – sedimento de coloração castanha clara, arenoso, homogéneo, mais compacto do que a camada 1g, com carvões dispersos e radículas. Incluía 1 fragmento cerâmico.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Fossa 12 (quadrados M56, M57, M58 e N57) (Fig. 4.132)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção irregular mas ligeiramente estrangulada no topo do quadrante norte, e base convexa. Detinha 109 cm de diâmetro máximo e a profundidade variável entre os 44 e os 51 cm.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, heterogéneo, de média compactidade, de calibragem regular, com carvões dispersos e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 13 (quadrados +B41, +B42, +C41 e + C42) (Fig. 4.132)

a. Estrutura em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada mas com ligeira depressão descentrada no fundo resultante da intrusão de uma raiz. Detinha 100 cm de diâmetro e 44 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, com manchas amareladas, areno-limoso, heterogéneo, de média compactidade, com carvões dispersos e raízes. Incluía 1 fragmento cerâmico.

Camada 1c - sedimento de coloração castanha, homogéneo, de média compactidade, com inclusões dispersas de raízes e de carvões. Incluía 1 fragmento cerâmico.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha clara, com manchas de arena granítica, areno-limoso, heterogéneo, de média compactidade, com carvões dispersos.

Camada 1e – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, homogéneo, de grande compactidade.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Fossa 14 (quadrados +C43, +C44, + D43 e D44) (Fig. 4.133)

a. Estrutura em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 86 cm de diâmetro e 90 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, com manchas mais claras de composição saibrenta, areno-limoso, heterogéneo, de média compactidade, com carvões dispersos e radículas. Incluía 1 fragmento cerâmico.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, mais homogéneo e compacto do que a camada 1b, com carvões dispersos e radículas. Incluía 5 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Fossa 15 (anulada)

Fossa 16 (quadrado K59 e K60) (Fig. 4.134)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 82 cm de diâmetro e 12 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração cinzenta escura, limo-arenoso, heterogéneo, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos e raízes e concentração de carvões.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 17 (quadrados A31, A32, A33, B31, B32 e B33) (Fig. 4.134)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 132 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 120 cm de largura e 46 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha, limo-arenoso, heterogéneo, medianamente compacto, de calibragem irregular, com raízes dispersas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 18 (vide ponto *Estruturas associadas às camadas gerais 1a e 1a'*)

Fossa 19 (vide ponto *Estruturas associadas às camadas gerais 1a e 1a'*)

Fossa 20 (quadrados S60, S61, T59, T60, T61, U60 e U61) (Fig. 4.135)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada no topo e base aplanada, embora ligeiramente inclinada. Detinha 141 cm de diâmetro e a profundidade variável entre 115 e 128 cm. Junto do seu fundo foi identificado um seixo anguloso fincado no subsolo.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem regular, com seixos angulosos de granito dispersos e com presença de carvões e raízes de grande porte.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, mais arenoso e compacto do que a camada 1a, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos e raízes.

Camada 1b' – mancha arenosa localizada no quadrante este, de fraca compacidade.

Camada 1b'' – mancha arenosa, de coloração amarela, de elevada compacidade, que foi identificada do lado nascente.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, muito limoso mas de menor compacidade do que o da camada 1b'', com algumas raízes e carvões concentrados.

Camada 1d – sedimento de coloração cinzenta, areno-limoso, mais compacto do que o das camadas 1c e 1b.

Camada 1e – sedimento de coloração amarela, arenoso, de fraca compacidade, de calibragem irregular, com raízes.

Camada 1e' – sedimento de coloração castanha clara, arenoso, de fraca compacidade, de calibragem irregular, com raízes.

Camada 1f – sedimento de coloração castanha, arenoso, de fraca compacidade, de calibragem irregular, com raízes.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento, pelas razões acima referidas, não foram estudados no âmbito deste trabalho. Segundo as notas do caderno de campo seriam apenas 4 fragmentos cerâmicos de fabrico manual e de pastas arenosas, correspondentes a panças.

Fossa 21 (quadrados B61, B62, C61 e C62) (Fig. 4.136)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção estrangulada na boca e base aplanada, com ténue depressão central. O estrangulamento era especialmente visível no

quadrante este, já que no lado poente o seu topo aparenta ter sido significativamente cortado. Detinha 109 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 97 cm de largura e a profundidade variável entre os 46 cm (quadrante oeste) e os 97 cm (quadrante este).

b. Camada 1a – sedimento de coloração variável entre o castanho escuro e o castanho claro, com inúmeras manchas arenosas, arenoso, bastante heterogéneo, de fraca compactidade, de calibragem irregular, com diversas raízes, seixos angulosos de granito e raros carvões. Tratar-se-ia de uma camada de enchimento detrítica, bastante perturbada por raízes.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento, pelas razões acima referidas, não foram estudados. Segundo as notas do caderno de campo correspondiam a 5 pequenos fragmentos cerâmicos denotando fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas.

Fossa 22 (anulada)

Fossa 23 (anulada)

Fossa 24 (anulada)

Fossa 25 (anulada)

Fossa 26 (anulada)

Fossa 27 (quadrados -C36, -C37, -D36 e -D37) (Figs. 4.137 e 4.138)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 86 cm de largura e 64 cm de profundidade máxima.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, limo-arenoso, medianamente compacto, com pequenos seixos angulosos de granito e raízes. Incluía alguns fragmentos cerâmicos.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha, limo-arenoso, mais compacto que a camada 1a, com pequenos seixos angulosos de granito.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito e radículas. Incluía diversas bolsas de coloração amarelada de arena granítica.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento, pelas razões acima referidas, não foram estudados. No caderno de campo ficou registado que na camada 1b foi possível exumar, para além de mais alguns fragmentos, uma base de fundo plano simples de uma forma cerâmica de médias dimensões e paredes algo espessas cujas características tecnológicas se enquadram na Idade do Bronze.

Fossa 28 (quadrados -E36, -E37, -F36 e -F37) (Figs. 4.137 e 4.138)

a. Estrutura em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 85 cm de diâmetro e 62 cm de profundidade.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito, raízes e alguns fragmentos de cerâmica.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara areno-argiloso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito, de radículas e alguns fragmentos de cerâmica.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha, limo-argiloso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito e radículas.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento não foram estudados. Apenas ficou registado no caderno de campo que eram escassos e de diminutas dimensões.

Fossa 29 (anulada)

Fossa 30 (anulada)

Fossa 31 (quadrados H58, H59, G58 e G59) (Fig. 4.139)

a. Estrutura de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aplanada, embora algo irregular. Detinha 120 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 101 cm de largura e 67 cm de profundidade máxima. Esta estrutura tem a particularidade de ter sido ligeiramente cortada transversalmente, no seu topo, pelo valado 1 (de época histórica).

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarela clara, arenoso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito e algumas raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, com raízes e radículas.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, areno-limoso, de compactidade média/elevada, com seixos angulosos de granito, radículas e alguns fragmentos de cerâmica.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito, radículas e alguns fragmentos de cerâmica.

Camada 1e – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito, radículas e alguns fragmentos de cerâmica.

c. Os materiais cerâmicos recuperados do seu enchimento não foram estudados.

Apenas ficou registado no caderno de campo que eram muito escassos e de diminutas dimensões.

Fossa 32 (anulada)

Fossa 33 (quadrado I54, I55, I56, J54, J55, J56) (Fig. 4.140)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, secção em U e base arredondada. Apresentava 134 cm de comprimento no sentido este-oeste, 109 cm de largura e 49 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, de média compactidade, com seixos angulosos de granito e quartzo, raízes e alguns carvões dispersos.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, arenoso, de média/fraca compactidade, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito e de quartzo.

Camada 1b' – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, com seixos angulosos de granito e de quartzo, raízes e alguns carvões dispersos.

c. Os materiais do seu enchimento foram cedidos para estudo.

As principais características das fossas identificadas no Sector V foram sintetizadas na Tabela 4.47. Observa-se que os contornos em plano das fossas são tendencialmente subcirculares ($\approx 58,82\%$), ovalizados ($\approx 23,53\%$) ou circulares ($\approx 17,65\%$). Em relação às suas dimensões verifica-se que os diâmetros variam entre os 46 e os 141 cm e as profundidades entre os 12 e os 158 cm. As bases são maioritariamente aplanadas (52,94%), arredondadas (35,29%) e, com apenas um caso cada, aplanadas irregulares (5,88%) e convexas (5,88%). As secções estranguladas são raras (17,65%), prevalecendo as em “U” (76,47%) e, ainda mais raras, as irregulares (5,88%). Saliente-se, contudo, que muito provavelmente muitas destas estruturas estariam originalmente implementadas a cotas mais altas.

Tabela 4.47 – Características das fossas abertas no substrato rochoso

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orient.
F4	Subcircular	U	Arredondada	62	-	82	-
F7	Subcircular	U	Aplanada	70	-	20	-
F8	Subcircular	U	Aplanada	72	-	30	-
F9	Subcircular	U	Arredondada	46	-	26	-
F10	Subcircular	U	Aplanada	124	-	90	-
F11	Ovalizado	Irregular	Aplanada	126	118	158	E-W
F12	Subcircular	Estrang. topo	Convexa	109	-	45/51	-
F13	Circular	U	Arredondada	100	-	44	-
F14	Circular	U	Aplanada	86	-	90	-
F16	Subcircular	U	Arredondada	82	-	12	-
F17	Subcircular	U	Aplanada	132	120	46	N-S
F20	Subcircular	Estrang. topo	Aplanada	141	-	115/128	-
F21	Ovalizado	Estrang. topo	Aplanada	109	97	46/97	N-S
F27	Subcircular	U	Aplanada	86	-	64	-
F28	Circular	U	Arredondada	85	-	62	-
F31	Ovalizado	U	Aplanada irregular	120	101	67	N-S
F33	Ovalizado	U	Arredondada	134	109	49	E-W

2.5.5.2.2. Buracos de poste

Os buracos de poste identificados apresentam contornos genericamente semelhantes, embora sejam visíveis ligeiras variações de diâmetro e de profundidade. No total foram identificados 35 estruturas deste tipo.

Buraco de poste 1 (quadrado J58) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 21 cm de diâmetro e 45 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com alguns carvões dispersos.

c. O seu enchimento incluía restos de argila, de coloração alaranjada (como se tivesse sido seca ao sol) e de forma muito irregular interpretados como argila de revestimento de uma qualquer estrutura perecível.

Buraco de poste 2 (quadrado K58) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 22 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 18 cm de largura e 16 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compacidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 3 (quadrado L57) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 18 cm de diâmetro e 41 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compacidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento incluía restos de argila de coloração alaranjada e de forma irregular interpretados como argila de revestimento de uma qualquer estrutura perecível.

Buraco de poste 4 (quadrado L58) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 19 cm de diâmetro e 34 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compacidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 5 (quadrado K58 e K59) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 20 cm de diâmetro e 25 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compacidade, de calibragem irregular, com carvões dispersos.

c. O seu enchimento incluía restos de argila de coloração alaranjada e de forma irregular interpretados como argila de revestimento de uma qualquer estrutura perecível.

Buraco de poste 6 (quadrado K58 e K59) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 23 cm de diâmetro e 25 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso de média compactidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 7 (quadrado J58, J59, K58 e K59) (Fig. 4.141)

a. Parece ser duplo ou, então, apresentava uma estrutura mais complexa que os restantes. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base irregular. Detinha 8/12 cm de diâmetro e 24 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, arenoso, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 8 (quadrado J59) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 16 cm de diâmetro e 17 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com carvões dispersos.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 9 (quadrado L58) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 20 cm de diâmetro e 32 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento incluía restos de argila de coloração alaranjada e de forma irregular interpretados como argila de revestimento de uma qualquer estrutura perecível.

Buraco de poste 10 (quadrados K59) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base irregular com ligeira convexão a meio. Detinha 24 cm de diâmetro e a profundidade oscilante entre 18 e 22 cm.

b. Camada 1a – unidade sedimentar de coloração castanha escura, arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito de pequeno calibre dispersos, carvões e raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 11 (quadrado L59) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 22 cm de diâmetro e 24 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 12 (quadrado M60) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno circular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 23 cm de diâmetro e 23 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes e carvões concentrados.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 13 (quadrado M60) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 22 cm de diâmetro e 26 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com carvões dispersos.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 14 (quadrado O58) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 28 cm de diâmetro no menor eixo, disposto no sentido este-oeste, 44 cm de diâmetro no maior eixo, no sentido norte-sul, e 30 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 15 (quadrado O57) (Fig. 4.141)

a. Estrutura escavada em negativo de contorno ovalizado, de secção em “V” mas base arredondada. Detinha 28 cm de diâmetro no menor eixo, disposto no sentido este-oeste, 38 cm de diâmetro no maior eixo, no sentido norte-sul, e 22 cm de profundidade.

b. Camada 1b – sedimento de coloração castanha amarelada, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 16 (quadrado N61)

a. Estrutura em negativo de secção subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 33 cm de diâmetro e 16 cm de profundidade máxima.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 17 (quadrados O60)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base irregular. Detinha 50 cm de diâmetro e a profundidade oscilante entre 26 e 20 cm.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos graníticos dispersos, carvões e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 18 (quadrado Q61)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular cujo interface superior se encontrava bastante cortado. Detinha secção em “U” e base irregular, 32 cm de diâmetro e 10 cm de profundidade máxima.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 19 (quadrados +A60 e +B60)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular cujo interface superior se encontrava bastante cortado. Detinha secção em “U” e base arredondada, 20 cm de diâmetro e 10 cm de profundidade.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 20 (quadrados O61 e P61)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “V” e base arredondada. Detinha 24 cm de diâmetro e 30 cm de profundidade máxima.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, areno-limoso, medianamente compacto, areno-limoso, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 21 (quadrados O60 e P60)

a. Estrutura de contorno circular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 26 cm de diâmetro e 20 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 22 (quadrado P60 e P61)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular cujo topo aparenta ter sido cortado. Detinha secção em “U”, base arredondada, 13 cm de diâmetro e 8 cm de profundidade máxima.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 23 (quadrado J60)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aplanada que, com ligeira convexão a meio. Parece corresponder a um buraco de poste duplo. Detinha 46 cm no maior eixo, no sentido norte-sul, e 40 no menor, atingindo, respetivamente, 32 e 37 cm de profundidade, nas diferentes depressões.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com carvões dispersos e raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração cinzenta escura, arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 24 (quadrados L59, L60)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, secção em “U” e fundo aplanado mas algo irregular. Detinha 42 cm de diâmetro e 32 cm de profundidade máxima.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração cinzenta, limo-arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com carvões dispersos e raízes.
Camada 1b – sedimento de coloração cinzenta clara, limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com raízes.
Camada 1c – sedimento de coloração cinzenta clara, limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com limo e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 25 (quadrados K62)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 54 cm de diâmetro e a profundidade oscilante entre 23 e 27 cm.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração negra, areno-limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito dispersos, carvões e raízes.
Camada 1b – sedimento de coloração castanho escuro, limo-arenoso, medianamente compacto, de calibragem regular, com seixos angulosos de granito e raízes.
Camada 1c – sedimento de coloração cinzenta, limo-arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 26 (quadrado R59)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “V” e base arredondada. Detinha 18 cm de diâmetro e 34 cm de profundidade máxima.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, limo-arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito, limo e raízes.
Camada 1b – sedimento de coloração castanha claro, limo-arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito, limo e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 27 (Quadrado O62 e P62)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava 33 cm de diâmetro e 43 cm de profundidade máxima.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito, carvões, limo e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 28 (Quadrado Q60)

- a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado cujo eixo maior, disposto no sentido Norte-Sul, apresentava 37 cm e o menor eixo 20 cm. Parece corresponder à junção de dois buracos de poste, ambos de secção em “U” e base arredondada, cujos fundos atingem 14 e 36 cm de profundidade, respetivamente.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, limoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito, carvões, limo e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 29 (anulado)

Buraco de poste 30 (quadrados R60 e S60)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “V” mas de fundo arredondado. Detinha 27 cm de diâmetro e 20 cm de profundidade máxima.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração negra, limo-arenoso, medianamente compacto, de calibragem irregular, com seixos angulosos de granito e raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 31 (anulado)

Buraco de poste 32 (quadrados R34, R35, S34 e S35)

- a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em U e base arredondada. Detinha 58 cm de comprimento no sentido noroeste-sudeste, 42 cm de largura e 44 cm de profundidade. Apresentava uma ligeira inclinação, da base para o topo, para sul.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, medianamente compacto, com radículas.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 33 (anulado)

Buraco de poste 34 (quadrado K55 e L55) (Fig. 4.142)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “V” mas de base arredondada. Detinha 48 cm de diâmetro e 16 cm de profundidade máxima. A sua proximidade do valado 5 deixa perceber possíveis relações com aquela estrutura.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, arenoso, de média compactidade, com raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 35 (quadrados K54 e K55) (Fig. 4.142)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 12 cm de diâmetro e 24 cm de profundidade. A sua proximidade do valado 5 deixa perceber possíveis relações com aquela estrutura.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, arenoso, de média compactidade, com raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 36 (quadrado L54) (Fig. 4.142)

- a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 26 de eixo maior, disposto no sentido noroeste-sudeste, 18 cm de menor e a profundidade máxima de 14 cm. A sua proximidade do valado 5 deixa perceber possíveis relações com aquela estrutura.

- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, arenoso, de média compactidade, com raízes.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 37 (quadrado K54 e L54)

- a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “V” mas de base arredondada com ligeira inclinação da base para o topo no sentido sul-norte. Detinha 26 cm de diâmetro e 71 cm de profundidade máxima. A sua proximidade do valado 5 deixa perceber possíveis relações com aquela estrutura.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, arenoso, de média compactidade, com raízes e alguns carvões.
- c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 38 (quadrado +A32) (Fig. 4.144)

- a. Estrutura em negativo de contorno circular, secção em “U” e base aplanada. Detinha 20 cm de diâmetro e 70 cm de profundidade e apresentava ligeira inclinação da base para o topo no sentido sul-norte. Relacionava-se com a vala perimetral, tendo sido detetado no seu interior, encostado à parede exterior. A sua identificação deve-se ao facto de conter, no seu enchimento, restos de cinzas e de um tronco carbonizado que terá permanecido nos sedimentos envolventes da vala perimetral, tombado, o que lhe conferiu uma coloração bastante escura.
- b. Camada 1a – sedimento de coloração negra e de fraca compactidade, com forte presença de carvões.
- c. Do seu enchimento não se recolheram quaisquer materiais arqueológicos, embora tenha permitido a recolha de inúmeros carvões, alguns dos quais enviados para datação radiométrica.

Atendendo à Tabela 4.48, observa-se que os buracos de poste apresentam, tendencialmente, contornos subcirculares (57,14%) ou circulares (22,86%) e, em menor expressão, ovalizados (20%). As formas das secções são maioritariamente em “U” (85,71%), com apenas 5 casos em “V” (14,29%). As bases variam entre o arredondado (65,71%), o aplanado (22,86%), o irregular (8,57%) e o aplanado irregular (2,86%). Os diâmetros variam entre 8 e os 58 cm e as profundidades entre os 8 e os 71 cm. As orientações, apenas observáveis nos exemplares com contorno ovalizado (7 exemplares), surgem no sentido este-oeste (42,86%),

norte-sul e noroeste-sudeste (28,57%). Calculando a média entre os diâmetros totais dos buracos de poste, o valor obtido é de ≈ 26 cm, o que é compatível com estruturas semelhantes de outros sítios da Idade do bronze no Noroeste português.

Tabela 4.48 – Características dos buracos de poste identificados no substrato rochoso

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orient.
BP1	Circular	U	Arredondada	21	-	45	-
BP2	Ovalizado	U	Arredondada	22	18	16	E-W
BP3	Circular	U	Arredondada	18	-	41	-
BP4	Circular	U	Arredondada	19	-	34	-
BP5	Subcircular	U	Arredondada	20	-	25	-
BP6	Subcircular	U	Arredondada	23	-	25	-
BP7	Subcircular	U	Irregular	8/12	-	24	-
BP8	Circular	U	Arredondada	16	-	17	-
BP9	Subcircular	U	Arredondada	20	-	32	-
BP10	Subcircular	U	Arredondada	24	-	18/22	-
BP11	Circular	U	Arredondada	22	-	24	-
BP12	Circular	U	Aplanada	23	-	23	-
BP13	Subcircular	U	Aplanada	22	-	26	-
BP14	Ovalizado	U	Aplanada	28/44	-	30	E-W
BP15	Ovalizado	U	Arredondada	28/38	-	22	E-W
BP16	Subcircular	U	Aplanada	33	-	16	-
BP17	Subcircular	U	Irregular	26	-	20	-
BP18	Subcircular	U	Irregular	32	-	10	-
BP19	Subcircular	U	Arredondada	20	-	10	-
BP20	Subcircular	V	Arredondada	24	-	30	-
BP21	Circular	U	Aplanada	26	-	20	-
BP22	Subcircular	U	Arredondada	13	-	8	-
BP23*	Ovalizado	U	Aplanada	40/46	-	32/37	N-S
BP24	Subcircular	U	Aplanada irregular	42	-	32	-
BP25	Subcircular	U	Arredondada	54	-	23/27	-
BP26	Subcircular	V	Arredondada	18	-	34	-
BP27	Subcircular	U	Aplanada	33	-	43	-
BP28	Ovalizado	U	Arredondada	20/37	-	14/36	N-S
BP30	Subcircular	V	Arredondada	27	-	20	-
BP32	Ovalizado	U	Arredondada	58	42	44	NW-SE
BP34	Subcircular	V	Arredondada	48	-	16	-
BP35	Subcircular	U	Arredondada	12	-	24	-
BP36	Ovalizado	U	Arredondada	18/26	-	14	NW-SE
BP37	Subcircular	V	Arredondada	26	-	71	-
BP38	Circular	U	Aplanada	20	-	70	-

* Corresponderá a um buraco de poste duplo.

2.5.5.2.3. Valados

Valado 5 (quadrados L54 e K54) (Fig. 4.143)

a. Estrutura em negativo de secção em “U” e base aplanada. Embora apenas tenha sido escavada parcialmente, em plano, encontra-se orientado no sentido nordeste-sudoeste, detendo, na extremidade deste último quadrante, uma ligeira inflexão para sudeste, formando um ângulo de 90°.

A leitura do perfil estratigráfico para o qual se prolonga, no quadrado L53, contrariamente à de plano, permite perceber que detinha 38 cm de largura máxima, no topo, 20 cm de largura na base a profundidade máxima de 50. Com este valado parecem relacionar-se, pela disposição e proximidade, os buracos de poste 34 (quadrado L55 e K55), 35 (quadrados K54 e K55), 36 (quadrado L54) e 37 (quadrados K54 e L54).

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarela esbranquiçada, arenoso, de fraca compactidade, de calibragem irregular.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

2.5.5.2.5. Vala perimetral

Trecho único⁴⁹ (quadrados -F23, -F24, -F25, -E23, -E24, -E25, -D23, -D24, -C23, -C24, -B22, -B23, -B24, -A22, -A23, -A24, A22, A23, A24, B22, B23, B24, C22, C23, C24, D22, D23, D24, E22, E23, E24, F22, F23, G22, G23, H22, H23, H24, I22, I23, I24, J22, J23, J24, K22, K23, K24, L22, L23, L24, M23, M24, M25, N23, N24, N25, O24, O25, O26, P24, P25, P26, Q24, Q25, Q26, Q27, R25, R26, R27, S25, S26, S27, S28, T26, T27, T28, T29, U27, U28, U29, U30, V28, V29, V30, V31, X29, X30, X31, X32, +A30, +A31, +A32, +A33, +A34, +B32, +B33, +B34, +B35, +B36, +C34, +C35, +C36, +C37, +C38, +D36, +D37, +D38, +D39, +D40, +E37, +E38, +E39, +E40, +E41, +E42, +E43, +E44, +E45, +E46, +E47, +E48, +F39, +F40, +F41, +F42, +F43, +F44, +F45, +F46, +F47, +F48, +F49, +F50, +F51, +F52, +F53, +F54, +F55, +F56, +F57, +F58, +F59, +G41, +G42, +G43, +G44, +G45, +G46, +G47, +G48, +G49, +G50, +G51, +G52, +G53, +G54, +G55, +G56, +G57, +G58, +G59) (Figs. 4.145)

a. Estrutura de secção em “V” mas de fundo arredondado, com largura variável entre os 122 cm e os 201 cm no topo e os 22 cm e os 76 cm na base e a profundidade oscilando entre

⁴⁹ Esta estrutura foi escavada integralmente neste sector, concretamente, nas vertentes norte, noroeste e este da colina. Tal sucedeu por motivos relacionados com obras de arruamento e de construção de uma moradia particular. O projeto previa afetar toda o subsolo nesta área do terreno, descendo as cotas nestes quadrantes a altimetrias equivalentes ou inferiores às da estrada municipal imediata.

os 85 cm e os 177 cm. Em plano percebe-se que detém uma forma subcircular que envolveu a maioria dos vestígios de atividade antiga presentes na colina⁵⁰.

Cortada diretamente no substrato rochoso, desenvolve-se entre as linhas altimétricas dos 144 e dos 146 metros⁵¹. A sua parede interna era mais verticalizada do que a exterior. Contrariamente ao Sector II, não ficou registada qualquer entrada nesta parte alta da colina. No entanto, repetiram-se as fiadas de seixos angulosos e de blocos graníticos (camadas 1b) que teriam servido de contraforte aos troncos de madeira que formariam uma paliçada que, pela parte externa desta estrutura, foi registada sob a forma de uma camada escura com forte presença de carvões (camada 1c). Foi possível, também, verificar que, quando o granito aflorava à superfície e se encontrava menos meteorizado – como aconteceu, por exemplo, nos quadrados +E49, +E50, + F48 a 51, + G49 a 51 e + H50 –, ocorreu a sua inclusão nesta estrutura, interrompendo a disposição dos troncos de madeira. Embora não tenha sido possível confirmá-lo fisicamente, presume-se que a vala perimetral se estenderia para noroeste e para oeste, circundando toda a colina, muito provavelmente, talvez entre as linhas altimétricas dos 143 e dos 146 metros.

O único buraco de poste relacionado com esta estrutura foi o buraco de poste 38, identificado no quadrado +A32 e já descrito anteriormente (Fig. 4.144). Foi encontrado no interior desta estrutura, junto à parede exterior, tendo sido identificado em plano na camada 1a''. Detinha cerca de 20 cm de diâmetro por 74 cm de profundidade e apresentava considerável grau de inclinação para o exterior. Do seu interior foi possível recolher restos carbonizados de um tronco queimado que teria cerca 20 cm de diâmetro.

Salvo pequenas variações localizadas, a estratigrafia desta estrutura é semelhante à identificada nos trechos escavados no Sector II, totalizando nove camadas:

b. Camada 1a - sedimento de coloração castanha clara, arenoso, de média compactidade, com alguns seixos angulosos e blocos de granito.

Camada 1a' - mancha sedimentar de coloração cinzenta, mais compacta e mais limosa do que a camada 1^a, com carvões e radículas. Foi identificada apenas nos quadrados + E48 e + E49.

Camada 1a'' - sedimento de coloração negra, com grande concentração de carvões, aparentemente pertencentes a um tronco carbonizado, de pouca espessura (entre os

⁵⁰ Apenas a fossa 7, de pequenas dimensões, foi encontrada no perímetro exterior que esta vala perimetral delimitava.

⁵¹ Entre os quadrantes noroeste e oeste não foi possível identificar a continuidade desta estrutura, uma vez que a estrada municipal que serve o acesso ao lugar do Souto há muito a terá destruído. No entanto, pela disposição, características e por um perfil cortado pela referida estrada municipal, é possível afirmar que esta estrutura se desenvolveria em torno de toda a colina, incluindo estes quadrantes.

2/3 cm e os 10 cm), detentor de pouca compacidade e homogeneidade. A sua distribuição em plano é parcial, tendo sido identificado apenas nos quadrados X32, X33, +A32, +A33, +B32 e +B33. Corresponde à destruição de um tronco queimado da paliçada que terá tombado. Deste sedimento foram colhidas amostras para datações por radiocarbono e para análises antracológicas.

Camada 1b - sedimento de coloração castanha clara, areno-limoso, compacto, muito granuloso, com carvões, seixos angulosos e blocos de granito.

Camada 1b' - sedimento de coloração castanha escura, limo-arenoso, de média compacidade, granuloso, com carvões. A sua distribuição em plano é parcial, ocorrendo apenas nos quadrados +C59 e +D59.

Camada 1b'' - sedimento de coloração castanha clara, mais clara do que a camada 1b', arenoso, de média compacidade, granulosa. A sua distribuição em plano é parcial, ocorrendo apenas nos quadrados +C59 e +D59.

Camada 1c - sedimento de coloração castanha escura/negra, areno-limoso, pouco compacto, com inclusões de carvões. Distribui-se paralelamente à extremidade externa da vala, não chegando, em muitos pontos, ao fundo desta. Poderá corresponder à zona onde estiveram implantados os postes de madeira e que se desintegraram após incêndio.

Camada 1c' - sedimento de coloração castanha escura/negra, menos escura do que a camada 1c mas surgindo por debaixo desta. Poderá corresponder a uma zona em que se deu a mistura entre as camadas 1c e 1d. A sua distribuição é parcial, confinando-se ao fundo da vala de fundação, em concreto aos quadrados +C59 e +D59.

Camada 1d - sedimento de coloração castanha clara, mais arenosa que limosa, de média compacidade, com algumas raízes.

c. O enchimento desta estrutura incluía diversos fragmentos cerâmicos e elementos líticos. As suas características são semelhantes aos recolhidos no enchimento desta vala no Sector II. Foram recuperados fragmentos de moldes cerâmicos, em diferentes pontos, uma tampa em cerâmica, recipientes cerâmicos inteiros ou fraturados pelo abatimento de terras mas depositados intencionalmente, entre outros fragmentos que fazem parte do enchimento que, colando entre si, por vezes oriundos de diferentes camadas, permitiram reconstruir partes de diferentes vasos. Serão apenas descritos os mais significativos.

Materiais cerâmicos

Totalizam 199 fragmentos, dos quais 15 bordos, 149 panças, 16 colos, 11 bases, 2 asas, 3 fragmentos de argila irregular e 3 indeterminados (Tab. 4.49). Estes valores não incluem, contudo, aqueles fragmentos que foram recolhidos em “articulação” (isto é, muito próximos entre si, o que deixou deprender a sua quebra após a colmatação com sedimento) e que permitiram a reconstrução parcial de certas formas. De igual forma, aqueles mesmos valores não contabilizam as formas ou os elementos cerâmicos que foram recolhidos inteiros (Fig. 4.146).

Tabela 4.49 – Localização dos elementos cerâmicos por camadas e quadrados recolhidos do enchimento da vala perimetral (Sector V)

Quad.	Cam.	Nº Fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Asa	Argila	Ind.
+F51	1a	2	-	2	-	-	-	-	-
+F47	1a	3	-	3	-	-	-	-	-
+E48	1a	3	-	-	2	-	-	1	-
+E47	1a	4	-	4	-	-	-	-	-
+B34	1a	3	-	3	-	-	-	-	-
+A34	1a	1	-	-	-	1	-	-	-
X33	1a	2	-	2	-	-	-	-	-
Total camada 1a	18	-	14	2	1	-	1	-	-
+F48	1a'	1	-	1	-	-	-	-	-
+F47	1a'	1	-	-	1	-	-	-	-
Total camada 1a'	2	-	1	1	-	-	-	-	-
+D59	1b''	1	-	1	-	-	-	-	-
Total camada 1b''	1	-	1	-	-	-	-	-	-
+F47	1b	2	-	1	1	-	-	-	-
+F41	1b	1	-	1	-	-	-	-	-
+F39	1b	2	-	2	-	-	-	-	-
+E57	1b	5	-	2	2	-	-	-	1
+E56	1b	5	-	3	2	-	-	-	-
+E40	1b	1	-	1	-	-	-	-	-
+E39	1b	2	1	1	-	-	-	-	-
+E38	1b	1	-	1	-	-	-	-	-
+D57	1b	1	-	1	-	-	-	-	-
+D56*	1b	4	-	4	-	-	-	-	-
+D35	1b	4	-	4	-	-	-	-	-
+C59*	1b	1	-	1	-	-	-	-	-
+C36	1b	2	-	-	-	2	-	-	-
+C34	1b	1	-	1	-	-	-	-	-
+B35	1b	4	-	2	2	-	-	-	-
K22	1b	2	-	-	-	-	-	2	-
H22*	1b	2	1	1	-	-	-	-	-
G22	1b	1	-	-	1	-	-	-	-
E21/22*	1b	3	1	1	-	-	1	-	-

Quad.	Cam.	Nº Fragm.	Bordo	Pança	Colo	Base	Asa	Argila	Ind.
C23	1b	1	-	-	-	1	-	-	-
B22*	1b	8	-	7	1	-	-	-	-
Total camada 1b	53	3	34	9	3	1	2	1	1
+F54	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+F53	1c	7	-	7	-	-	-	-	-
+F52	1c	4	-	4	-	-	-	-	-
+F48	1c	2	-	2	-	-	-	-	-
+F47	1c	4	-	4	-	-	-	-	-
+F45	1c	1	-	-	-	1	-	-	-
+F44	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+F43*	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+F41	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+F39	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+E58	1c	4	-	4	-	-	-	-	-
+E57	1c	5	-	4	-	-	1	-	-
+E56	1c	12	3	7	2	-	-	-	-
+E53	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+E51*	1c	8	3	5	-	-	-	-	-
+E43	1c	5	-	4	-	1	-	-	-
+E42	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+E41	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+E40	1c	3	-	2	-	1	-	-	-
+E39	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+C36	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+B34	1c	8	-	8	-	-	-	-	-
+A34*	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
+A33	1c	2	-	2	-	-	-	-	-
P25	1c	1	-	-	-	1	-	-	-
O26	1c	1	-	-	1	-	-	-	-
N25	1c	2	-	-	-	-	-	-	2
H21*	1c	1	-	1	-	-	-	-	-
E21/22	1c	3	-	-	-	3	-	-	-
B21*	1c	8	6	18	1	-	-	-	-
A21*	1c	18	-	1	-	-	-	-	-
Total camada 1c	110	12	84	4	7	1	-	2	2
+F52	1d	4	-	4	-	-	-	-	-
+F44	1d	2	-	2	-	-	-	-	-
X32	1d	3	-	3	-	-	-	-	-
+B37	1d	2	-	2	-	-	-	-	-
Total camada 1d	11	-	11	-	-	-	-	-	-
X32	1f	4	-	4	-	-	-	-	-
Total camada 1f	4	-	4	-	-	-	-	-	-
Total absoluto	199	15	149	16	11	2	3	3	3

Todos os fragmentos denotam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas e algo arenosas/micáceas com desengordurantes de quartzo de tamanho variável entre médio e grande calibre, o que confere uma textura grosseira a muito grosseira. As suas características técnicas e morfológicas permitem enquadrá-los na Idade do Bronze do Noroeste português. Alguns raros fragmentos apresentam adição intencional de pequenas micas. Tal facto é, aliás, consonante com as datas de radiocarbono disponíveis para esta estrutura.

Foram, também, recolhidas algumas peças inteiras, nomeadamente, uma tampa e um recipiente. Da camada 1b do quadrado B22 exumou-se uma tampa com elemento de prensão horizontal de secção retangular⁵². Denota fabrico manual, pasta muito arenosa e textura grosseira. É semelhante à tampa recolhida no enchimento desta estrutura mas em área distinta da colina, ou seja, no Sector II⁵³. Já da camada 1c, nos quadrados N23 e N24, foi recolhido um potinho de asa em orelha⁵⁴ (Fig. 4.124). Apresenta fabrico manual e pasta arenosa. O seu perfil ovóide inclui base plana simples e bordo vertical com lábio semiplano. Em posição oposta uma à outra foram feitas duas asas que correspondem ao prolongamento do bordo com posterior perfuração circular. O seu acabamento, pese embora alguma corrosão, é alisado em ambas as faces, incluindo fuligem externa numa parte lateral da pança e interna na área da base e em parte da pança. A este vaso tem correspondência uma tampa cerâmica recolhida nesta mesma estrutura mas no Sector II, ou seja, em localização distinta⁵⁵.

A par de objetos inteiros foram, igualmente, recolhidos das camadas 1b, 1c e 1d do quadrado +B35 um conjunto de fragmentos que permitiram reconstruir um pote ou forma 1 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999)⁵⁶. Apresenta bordo vertical com lábio semiplano, colo pouco pronunciado e base de fundo plano simples. O seu perfil ovoide é algo irregular, denotando ligeiro estrangulamento sensivelmente no centro da pança. Contém fuligem que, na parte interna, se dispõe por todo o interior e que, na parte externa, ocupa a parte superior da pança, junto ao colo, colo e bordo, em todo o redor. Atinge os 22 cm de diâmetro de boca. A este vaso pertencem, ainda, 20 fragmentos que pelo seu reduzido tamanho não permitiu a sua colagem. Refira-se, contudo, que as condições de achado e o estado do vaso permitem levantar a hipótese de ter sido intencionalmente depositado junto do fundo desta estrutura.

⁵² Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0424.

⁵³ Vide ponto *Materiais cerâmicos* relativo ao *Trecho Este* da *Vala perimetral*, no Sector II, em concreto, o achado ocorrido na camada 1c do quadrado C2.

⁵⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0422.

⁵⁵ Concretamente, na camada 1c do quadrado C2 do Sector II (vide ponto *Materiais* relativo a *Vala perimetral, Trecho Este*, naquele setor).

⁵⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2007.0337. Embora fraturado, os cernes angulosos e as condições de achado permitem confirmar que tal ocorreu em momento posterior ao seu depósito, muito provavelmente pelo abatimento de terras.

Há, ainda, vários fragmentos que colando entre si levaram à identificação de algumas formas, permitindo a reconstrução quase integral de um perfil cerâmico reconstruído (com parte do bordo em falta), de um perfil completo e de duas bases. Entre estes materiais há, também, fragmentos que colaram e que facultaram a reconstrução de cinco bordos cujas consideráveis dimensões facilitaram a identificação de algumas formas.

Quanto ao perfil quase completo⁵⁷, do qual apenas falta o bordo, os seus fragmentos exumaram-se das camadas 1b e 1c dos quadrados F21 e G21 (à cota de 141,65 metros). A sua pasta arenosa é, no entanto, mais depurada que os restantes exemplares, pelo que a presença de desengordurantes de quartzo de pequena dimensão lhe conferem uma textura muito menos grosseira. O seu perfil em “S” inclui uma base de fundo plano simples, a pança e uma pequena secção do colo pouco proeminente. Apresenta alisamento em ambas as faces, bem como fuligem, que na parte interna ocupa parte das paredes e a base e, no exterior, se concentra numa parte lateral superior da pança.

No grupo das bases de fundo plano simples contam-se dois exemplares. Uma foi recolhida nas camadas 1b e 1d dos quadrados +C36 e +B37, preserva parte da pança e a sua pasta é muito arenosa, com quartzos de grande dimensão, denotando elevada corrosão por toda a superfície, com exceção da parte interna da base⁵⁸. A sua coloração algo alaranjada inclui vestígios de fuligem na parte da base que são mais fortes na parte externa. Embora fraturada os seus fragmentos são de consideráveis dimensões. A outra base plana simples, preservando apenas parte do arranque da pança, apresenta pasta arenosa, de coloração avermelhada, com a inclusão de grandes desengordurantes de quartzo que lhe conferem textura grosseira⁵⁹. Denota corrosão interna e fuligem em ambas as faces que se distribui pela base e arranque da pança e que se concentra com mais força na parte externa.

Quanto aos bordos reconstruídos através da colagem de fragmentos, foi possível identificar alguns potes da forma 1 (1 exemplar), da forma 2 (1 exemplar), da forma 3 (1 exemplar), da forma 7 (1 exemplar) e da forma 10 (2 exemplares) segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). O primeiro exemplar resulta da colagem de 6 fragmentos recolhidos da camada 1c dos quadrados A21 e B21⁶⁰. Apresentam pasta arenosa e têm correspondência com um bordo vertical, lábio adelgado, denotando alisamento de ambas as paredes. Denotam, igualmente, vestígios de fuligem em ambas as paredes, mais forte na parte externa, que se

⁵⁷ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0423.

⁵⁸ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0421.

⁵⁹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0760.

⁶⁰ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0764.

estende num dos lados para área do cerne fraturado, demonstrando provir de fase posterior à quebra do recipiente. Uma das formas 2 identificada através da colagem de 10 fragmentos recolhidos da camada 1c dos quadrados A21 e B21⁶¹, apresenta pasta arenosa de coloração alaranjada, com inclusão de pequenas micas, denotando alisamento interno e elevada corrosão da parede externa. Corresponde a um bordo esvasado com lábio arredondado com total ausência de vestígios de fuligem. O seu diâmetro atinge os 21 cm. A forma 7, reconstruída parcialmente pela colagem de 6 fragmentos recolhidos na camada 1 do quadrado +E56, detém bordo esvasado, com lábio ora semiplano ora adelgaçado, e colo pouco pronunciado⁶². Inclui decoração plástica que consiste num cordão plástico disposto na horizontal, situado na área do arranque da pança, imediatamente abaixo do colo. Apresenta polimento em ambas as faces e vestígios de fuligem apenas na parede externa que se distribui pelo bordo, colo e arranque da pança.

Da camada 1c do quadrado +E51 provêm 7 fragmentos que colaram entre si e que permitiram identificar uma forma 3 (Bettencourt 1999)⁶³. Apresenta pasta muito arenosa de coloração alaranjada, bordo esvasado com lábio arredondado, sendo o colo proeminente. Pese embora a corrosão que atingiu as suas paredes, é possível perceber que foi alisado na face interna e polido na face externa. Estão ausentes os vestígios de fuligem. Atinge o diâmetro de 18 cm de boca. Os 9 fragmentos da outra forma 3 (Bettencourt 1999) foram recolhidos no quadrado +B35, no contacto entre as camadas 1b e 1c⁶⁴. Ficou preservado o bordo, o colo e parte do arranque da pança, apresentando pasta arenosa com inclusão de pequenas micas. O bordo é esvasado, com lábio semiplano, e o colo faz a transição deste com a pança de forma pronunciada. Denota em ambas as faces alisamento, bem como indícios de fuligem, que é mais forte na parede externa, distribuída de forma heterogénea por toda a superfície, intercalando tons mais escuros com tons mais claros.

Na camada 1d do quadrado +D36 foi recuperada uma outra forma cerâmica praticamente inteira⁶⁵ (Fig. 4.147). Corresponde a um púcaro ou forma 10 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), que preserva cerca de metade da sua forma cujas condições de achado permitem perceber que terá sido intencionalmente depositado naquele local. Detém base plana simples, perfil em “S” com colo curto e pouco proeminente, lábio esvasado e lábio

⁶¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0761.

⁶² Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0762.

⁶³ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0763.

⁶⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0308.

⁶⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0420.

arredondado. Apresenta alisamento de ambas as faces, bem como fuligem, cuja distribuição é, contudo, heterogénea. Contém, igualmente, um elemento de prensão vertical. A falta da metade oposta deste recipiente não afasta a hipótese de ter sido acompanhada de uma outra asa. A sua secção é em fita mas detém a particularidade de incluir uma ligeira “crista” que se desenvolve do sentido longitudinal. Atinge os 14 a 14,5 cm de diâmetro.

Uma breve referência à recolha, na camada 1b do Quadrado K22, de dois fragmentos toscos de argila, bem consolidados e requemados por contacto com o fogo⁶⁶, os quais poderiam pertencer a restos de piso ou a argila de revestimento de uma estrutura em material perecível (à semelhança da concentração anómala de pedaços de barro disformes verificada na camadas 1 dos quadrados J57, J59, K57, L55, L58, M57, M58, N57 e O57, presumivelmente associados a um pequeno valado e a vários buracos de poste).

Finalmente, é de registar a recolha em diferentes pontos desta estrutura, de fragmentos cerâmicos de moldes que serviram finalidades metalúrgicas (Tab. 4.51). Entre os fragmentos de moldes cerâmicos exumados, dois pertencem ao mesmo molde⁶⁷ e foram recolhidos dos quadrados +D51, camada 1b, e +E51, camada 1d, quadrados situados no arranque da vertente Norte da colina. A sua posição corresponde a locais distintos no enchimento desta estrutura e a sua análise permitiu perceber que fizeram parte de um molde bivalve de um machado de talão com uma argola, com mais de 22 cm de comprimento, com possível nervura central, preservando, ainda, o cone de vazamento. Detêm a particularidade de colarem com um outro fragmento recolhido da estrutura 2 (camada 1b do quadrado V56), numa área ligeiramente mais a Sul, sobre a plataforma superior da colina, presumivelmente em contexto primário (vide no ponto *Materiais* relativo à *camada 1'* neste mesmo sector). Um terceiro fragmento de molde cerâmico⁶⁸ foi recolhido na vertente Este da colina, na camada 1b do quadrado D21. Trata-se, igualmente, de um fragmento de molde bivalve de um machado de talão cujo estado incompleto não deixa perceber se seria provido de qualquer argola. Refira-se que no interior desta estrutura já havia sido registada a recolha, na camada 1d do quadrado H9, no Sector II, de um fragmento de molde bivalve de um machado de talão, possivelmente com duas argolas, preservando integralmente o talão e o cone de vazamento⁶⁹. Por fim, na camada 1d do quadrado X33, da camada 1d, foi ainda recolhido o topo de um molde cerâmico onde se abrem dois orifícios (jitos),

⁶⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0125.

⁶⁷ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0338.

⁶⁸ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com a referência 2006.0164.

⁶⁹ Vide no Sector II ponto *Materiais cerâmicos* relativo ao *Trecho Este de Vala perimetral*.

os quais ladeiam o cone⁷⁰. Este artefacto é parte do que restou de um molde de cera perdida aplicado da produção de uma ponta de lança de alvado curto.

Atendendo à Tabela 4.50 e à Figura 4.94 é possível observar que os materiais que integraram o enchimento desta estrutura e que se encontram mais representados, são os fragmentos de tamanho pequeno (2-4 cm) e médio a grande (> 4cm), encontrando-se em menor número os fragmentos muito pequenos (< 2 cm). A par da ausência de erosão nestes materiais, estes valores apontam para um enchimento rápido desta estrutura, já que, de outra forma, o seu enchimento incluiria fragmentos de menores dimensões e mais rolados.

Tabela 4.50 – Percentagens dos fragmentos cerâmicos recuperados do enchimento da vala perimetral segundo os parâmetros de dimensão definidos por Brudenell & Cooper (2008)

	< 2 cm	2-4 cm	> 4 cm
Camada 1a	28% (5 fragmentos)	33% (6 fragmentos)	39% (7 fragmentos)
Camada 1a'	- (0 fragmentos)	50% (1 fragmento)	50% (1 fragmento)
Camada 1b''	100% (1 fragmento)	- (0 fragmentos)	- (0 fragmentos)
Camada 1b	19% (10 fragmentos)	53% (28 fragmentos)	28% (15 fragmentos)
Camada 1c	19% (21 fragmentos)	42% (46 fragmentos)	39% (43 fragmentos)
Camada 1d	18% (2 fragmentos)	36,5% (4 fragmentos)	45,5% (5 fragmentos)
Camada 1f	- (0 fragmentos)	50% (2 fragmentos)	50% (2 fragmentos)

Tamanho dos fragmentos recuperados do enchimento da vala perimetral

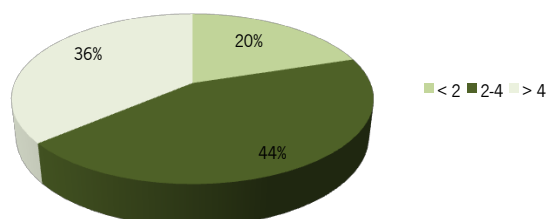


Figura 4.94 – Percentagens de tamanhos de fragmentos cerâmicos recuperados do enchimento da vala perimetral segundo os parâmetros definidos por Brudenell & Cooper (2008).

Materiais líticos

Nas fiadas de pedra que formariam o contraforte da paliçada e que se dispunham pela camada 1c figuravam diversos fragmentos de moinhos manuais dormentes e moventes. A

⁷⁰ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2006.0139

matéria-prima utilizada foi o granito. Infelizmente, não restam exemplares que pudessem ser aprofundadamente estudados.

Materiais metálicos

Foi identificado, no quadrante Nor-Noroeste da colina e no enchimento desta vala, na camada 1b dos quadrados +D51 e +E51, um fragmento do que poderia ter sido um artefacto de bronze. Pese embora o seu estado pulverizado, provavelmente por ação da acidez dos solos locais e da extrema humidade, parecia pertencer a uma lâmina de cobre ou de bronze de reduzida dimensão e espessura.

Tabela 4.51 – Localização, contexto, dimensões (em cm) e descrição dos moldes cerâmicos recolhidos na vala perimetral (Sector V)

Nº Inv.	Quad.	UE	Contexto	Larg.	Espes.	Comp.	Descrição
2004.0038	+D51	1b	Vala perimetral	51	28	130	Machado de talão com uma argola, possível nervura central e cone de vazamento
	+E51	1d	Vala perimetral				
2004.0164	D21	1d	Vala perimetral	33	25, 62	87	Machado de talão com argola (?)

Tabela 4.52 – Localização, contexto, dimensões (em cm) e descrição dos restos de moldes cerâmicos recolhidos na área da plataforma superior da colina (Sector V)

Nº Inv.	Quad.	UE	Contexto	Larg.	Espes.	Comp.	Descrição
2006.0139	X33	1d	?	60	–	97	Porita de lança de alvado curto
2004.0139	V56	1b	Camada 1'	51	28	130	Machado de talão com uma argola, possível nervura central e cone de vazamento.

2.5.5.3. Síntese

O topo e início das vertentes oeste, noroeste, norte e este da colina testemunham a presença humana datável da Idade do Bronze. A análise interpretativa dos dados deste sector, comparativamente ao Sector II, tem a vantagem de incluir vestígios de um nível arqueológico, ainda que apenas preservado de forma parcelar e muito localizada.

Neste sector os trabalhos de escavação identificaram uma variedade de estruturas em negativo e abertas no substrato rochoso, nomeadamente, fossas, buracos de poste e valados. Mais raros mas presentes são os restos de estruturas em positivo. Infelizmente, apenas em raros casos foi possível associar algumas destas estruturas com o resquício de nível arqueológico identificado (camada 1a). Tal sucedeu com uma lareira (associada à camada 1a') e com as fossas 1, 3, 18 e 19. Há, ainda, um valado (o número 3).

Ainda assim, e contrariamente ao registado no Sector II, é possível observar que esta área da colina revela usos quotidianos de cariz não funerário. A secção em “saco” de algumas fossas, comum em estruturas de armazenamento, o seu enchimento detritico, perceptível pela estratigrafia lenticular, e a inclusão de fragmentos de moinhos manuais e de fragmentos cerâmicos de paredes grossas nos seus enchimentos parecem abonar a favor de atividades de processamento e de armazenamento de recursos alimentares, entre outras atividades que poderiam efetuar-se em fossas, como compostagem com vista a fins agrícolas, fornos para a produção metalúrgica ou cerâmica, entre outras. A verdade é que surgem algumas fossas isoladas (fossas 4, 8 e 17), ou formando pequenos núcleos de duas (fossas 13 e 14, fossas 27 e 28) ou de três (fossas 9, 10 e 11). Verifica-se, igualmente, no topo poente da colina a maior concentração destas estruturas, embora se deva referir que aqui a potência estratigráfica, formada pela quase inexistente inclinação do terreno, permitiram a preservação dos vestígios. De resto esta é área onde ficaram preservados os resquícios de ocupação.

Por outro lado, uma possível lareira (?) e buracos de poste em aparente articulação entre si podem indiciar outras atividades diárias, embora de cronologia distinta.

Entre os escassos materiais recolhidos dos enchimentos dos buracos de poste apenas figuram escassos fragmentos irregulares de argila (bp1, bp3, bp5 e bp9). Estes foram interpretados como argila de revestimento fazendo parte de uma estrutura percível construída com ramos ou troncos de madeira entrelaçados e revestidos a argila para impermeabilizar e consolidar a sua constituição. A par disto refira-se, também, que no enchimento da vala perimetral apareceram vestígios similares em muitos quadrados adjacentes a estes buracos de poste foram recolhidos, nas camadas 0 e 1, vários fragmentos de argila semelhantes⁷¹. A sua presença naquelas camadas pode ser explicada pelo seu arrasto para cotas mais altas durante revolvimentos do subsolo, ocorrido, por exemplo, durante o uso destes terrenos para práticas agrícolas de pequeno impacto. Refira-se, ainda, que esta concentração ocorre junto de um valado que parece articular-se com vários buracos de poste.

A média de diâmetro para os buracos de poste identificados ronda os 26 cm, valor que se coaduna pelo defendido por Martín Seijo *et al.* (2011, 2012) para outros sítios datáveis da Idade do Bronze onde foram aplicados recursos lenhosos na construção de estruturas percíveis. Estes formam ... e localizam-se a oeste da plataforma superior

⁷¹ Concretamente, na camada 0, dos quadrados L57 e L58 e, na camada 1, dos quadrados J54, J57, J59, L58, L59, M58, N58 e O57.

Finalmente, uma estrutura que poderá ser uma “caixa de areia” associada a um molde cerâmico *in situ* relaciona esta área do Pego com atividades metalúrgicas, além dos restantes moldes descontextualizados recolhidos em diferentes pontos do enchimento da vala perimetral. Estas atividades terão culminado na produção de objetos metálicos nesta zona da colina. Ainda assim, a ausência quase absoluta de objetos metálicos neste local (apenas foi detetado um pequeno fragmento, talvez de lâmina, já pulverizado) deixa pressupor a transferência destes objetos para outros cenários que não os povoados.

A distribuição espacial dos buracos de poste permite uma organização definida tendencialmente reta que, em certos casos, parece apontar para estrutura(s) de contorno(s) retangular(es)⁷².

Num momento posterior, todos estes vestígios foram “encerrados” pela construção de uma vala perimetral que circundou toda a colina mas que, no caso do Sector V, não registava qualquer abertura (contrariamente ao observado no Sector II). A sua forma, secção e dimensões são coerentes com o registado naquele outro sector e, também aqui, o registo estratigráfico permitiu observar a existência de uma paliçada (camada 1c) que foi suportada com a ajuda de uma fiada de pedras que terão servido de contraforte ou cunhas (camada 1b).

A grande particularidade desta estrutura no Sector V reside na recuperação de determinados materiais do seu enchimento. Se é verdade que os materiais do enchimento desta estrutura no Sector II incluíram partes de vasos (como a tampa de um vaso cerâmico) e de fragmentos cerâmicos que, colando entre si, permitiram a reconstrução de partes de vasos⁷³, em momento anterior à condenação sedimentar da vala perimetral, em alguns pontos do Sector V, verifica-se que, na sua base, foram depositados, intencionalmente, recipientes cerâmicos inteiros ou partes destes⁷⁴. Os seus estados completos – no caso dos vasos, apenas “abatidos” pelo peso das terras e, talvez, pela carbonização dos troncos de madeira e consequente movimentação dos sedimentos – deixam transparecer a intencionalidade da sua deposição. Além disso, algumas das formas cerâmicas identificadas – com especial destaque para um pote da forma 1 (Bettencourt 1999), um púcaro ou forma 10 (Bettencourt 1999) e um potinho de asa em orelha, forma inédita na Idade do Bronze do Noroeste português – corroboram a importância

⁷² Salvo-guarde-se, contudo, que há ainda uma boa área deste sector por escavar e que poderá conter informações preciosas que ajudem a compreender melhor estes vestígios. Veja-se os resultados da aplicação de métodos de prospeção por georadar neste sítio publicados em L. Gonçalves (2013).

⁷³ Concretamente, o perfil quase completo e reconstruído de fragmentos recuperado na camada 1a do quadrado I10, o perfil de um potinho e a base que, em laboratório, se veio a perceber trata-se de uma mesma forma e que foram exumados em fragmentos da camada 1b dos quadrados B1, B2, C1 e C2, a base plana simples recuperada em fragmentos dispersos pela camada 1c do quadrado J12, ou a tampa de um potinho de asas em orelha, recuperado inteira na camada 1c do quadrado C2.

⁷⁴ Nos casos em que os vasos apresentaram um estado fragmentado, o estado dos fragmentos “em articulação” permite depreender que a sua quebra se deveu a fenómenos pós-deposicionais.

e ritos deposicionais nas obras de grande envergadura e de grande investimento coletivo. Serão, certamente, depósitos fundacionais.

Uma última nota para referir que na área externa a esta vala perimetral apenas se registou a fossa 7, identificada nos quadrados +G44, +G45, +H44 e +H45.

2.6. Datas de C14 e fases de ocupação

Neste ponto pretende-se conhecer a biografia do lugar do Pego através da estratigrafia e de datas de radiocarbono, para se proporem os diferentes momentos de ocupação que aqui ocorreram. Este exercício contempla, também, a análise da disposição espacial das estruturas e das suas inter-relações, permitindo compreender a sua cronologia sequencial. Estas relações apenas serão apresentadas para os sectores II e V, os únicos onde foram identificadas estruturas da Idade do Bronze.

2.6.1. Datas de radiocarbono

Procedeu-se à datação de amostras de fuligem presente em vasos cerâmicos (AA89666 e AA89667). Quando tal não foi possível, a opção foi a datação de ecofatos, nomeadamente carvões vegetais (AA89668 e Beta-230328). Foi igualmente datado o que se pensavam ser sementes de *brassica* de uma sepultura⁷⁵. Todos os resultados estão sintetizados na Tabela 4.53, tendo sido calibrados com o programa *OxCal* versão 4.2, segundo a curva IntCal09 (Reimer *et al.* 2009)⁷⁶.

Tabela 4.53 – Contextos datados por AMS e respetivos resultados calibrados a 1 Sigma e a 2 Sigma

Ref. lab.	Contexto	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA102324	Sepultura 5 Fuligem vaso 2004.0337 Sector II	3540±55	1946-1866 BC (36.8%)	2026-1742 BC (94.5%)	Inédita
			1848-1774 BC (31.4%)	1710-1700 BC (0.9%)	
AA89666	Sepultura 9 Sector II	3328±51	1680-1674 BC (2.8%)	1740-1499 BC (95.4%)	Inédita
			1669-1601 BC (34.8%)		
			1592-1532 BC (30.6%)		
AA89668	Lareira (?) Empedrado Sector V	3086±43	1414-1312 BC (68.2%)	1444-1258 BC (94.4%)	Inédita
				1230-1120 BC (1.0%)	
AA89667	Vala perimetral Sector V	2859±48	1114-974 BC (62.2%)	1207-1203 BC (0.3%)	Sampaio & Bettencourt (2012)
			956-941 BC (6.0%)	1195-1140 BC (6.8%)	
				1134-906 BC (88.3%)	
Beta-230328	Vala perimetral Sector V	2530±50	791-746 (20.1%)	804-508 (93.7%)	Sampaio <i>et al.</i> (2008)
			688-664 (11.1%)	458-454 (0.3%)	
			646-552 (37.0%)	438-419 (1.4%)	

⁷⁵ Infelizmente não foi possível encontrar o seu resultado a tempo de integrar os valores corretos a 1 Sigma Cal BC e 2 Sigma Cal BC.

⁷⁶ *Software* disponível gratuitamente em <http://c14.arch.ox.ac.uk/embed.php?File=oxcal.html>.

A datação realizada sobre restos de fuligem raspada da parede externa do vaso de largo bordo horizontal depositado na Sepultura 5 situa-se entre os séculos XXI e XVIII AC (2026-1742 BC Cal. 2 Sigma), ou seja, no 1º quartel do II milénio AC e no que aqui se considera como finais da Idade do Bronze Inicial regional. Esta data vem colocar a presença da forma cerâmica em questão, um vaso de bordo horizontal, cuja presença em contextos funerários do Noroeste português surge desde o Bronze Médio ao Bronze Final (Bettencourt 1997, 2009, 2010), em momento mais antigo.

A datação realizada sobre restos de fuligem raspada da parede externa do vaso de largo bordo horizontal depositado na Sepultura 9 situa-se entre os séculos XVIII e XV AC (1740-1499 BC Cal. 2 Sigma), ou seja, no 2º quartel do II milénio AC e no que aqui se considera como Idade do Bronze Médio regional. Esta data é, aliás, consonante com a forma cerâmica em questão e com as restantes recolhidas, neste sítio, no interior das sepulturas imediatas, cuja presença em contextos funerários do Noroeste português tem surgido desde o Bronze Médio aos inícios do Bronze Final (Bettencourt 1997, 2009, 2010).

Dataram-se, também, ecofatos recolhidos na camada 1b dos quadrados J60, J61, K60 e K61. Estes integravam o sedimento que envolvia uma pequena estrutura empedrada de contorno subcircular que incluía a concentração de carvões e que foi interpretada como uma lareira. O resultado obtido situa-se entre os séculos XV e XIII AC (1444-1258 BC Cal. 2 Sigma), ou seja, no 3º quartel do II milénio AC, em fase mais recente do que as sepulturas.

Relativamente à vala perimetral encontram-se disponíveis duas datações. Uma foi realizada à fuligem raspada da parede interna de um vaso depositado no fundo desta estrutura (AA89667), na camada 1d do quadrado +D38, na área Nordeste do Sector V. O resultado obtido situa-se entre os séculos XII e X AC (1134-906 BC Cal. 2 Sigma), ou seja, no 4º quartel do I milénio AC, em inícios do que aqui se considera como Idade do Bronze Final regional. Assim, esta vala terá sido aberta durante esta fase. A segunda datação foi realizada sobre carvões vegetais que fariam parte de um tronco carbonizado da paliçada que terá tombado depois de ter ardido (Beta-230328). O resultado obtido situa-se entre finais do IX e finais do VI séculos AC (804-508, Cal. 2 Sigma, 93,7%). Tal permite localizar o abandono desta estrutura algures na 1ª metade do I milénio AC ou em fase adiantada do que aqui se convencionou como Idade do Bronze Final. pode ser colocada a hipótese de que uma paliçada com tantos anos de uso certamente terá sido alvo de trabalhos de manutenção e de substituição de troncos, pelo que a data mais recente no término deste povoado é perfeitamente aceitável.

Por fim, uma última nota relativa à datação do que se pensavam ser sementes de *Brassica*, recolhidas da sepultura 9. O estudo de Tereso (2013), que inclui análises paleocarpológicas efetuadas a materiais recolhidos no povoado da Santinha (Amares, Braga) e de A Morcigueira (Toques, A Coruña), ambos com ocupações da Idade do Bronze confirmadas, demonstraram tratarem-se de esclerócios de fungos⁷⁷. Como tal, a presença destes materiais no enchimento daquela estrutura poderá derivar de contaminação posterior do contexto de sepultação. Se por um lado tais factos conferem pouca relevância à data obtida, por outro permitem justificar a datação anómala obtida, que se situava em época moderna (Comunicação pessoal Ana M. S. Bettencourt).

2.6.2. Fases de ocupação

Como anteriormente referido, nos sectores I, III e IV a ausência de níveis arqueológicos e de estruturas, assim como os escassos materiais recolhidos e as suas características permitiram perceber que não se deu qualquer ocupação efetiva daqueles espaços durante a Idade do Bronze.

Pelo contrário, os Sectores II e V facultaram a recolha de dados significativos cuja análise permitiu determinar diferentes fases de ocupação. Foi ainda possível estabelecer elos relacionais entre os usos do espaço e essas diferentes fases (Tab. 4.54). Salvaguarda-se, contudo, que pese embora a larga diacronia registada, observar quaisquer continuidades ou ruturas, dada a indevida preservação estratigráfica de níveis arqueológicos de ocupação/abandono, torna-se impossível.

Cruzando a informação relativa à estratigrafia, às relações inter-estrutura, aos materiais exumados e às datas de radiocarbono tornou-se possível obter um quadro aproximado da diacronia de ocupação deste lugar.

Ao Bronze Inicial, concretamente, ao intervalo entre os séculos XXI e XVIII AC (AA102324), poderá corresponder o início da construção de uma necrópole de sepulturas planas na vertente sul da colina (Sector II). O facto de as estruturas apresentarem contornos (subretangulares), orientações (nordeste-sudoeste), enchimentos (com selagens no topo de arena granítica) e, conseqüente, ritos de enterramento (inumação) semelhantes, na maioria dos casos contendo oferendas cerâmicas (vasos de bordo horizontal), aliado ao facto da sua distribuição espacial apontar para a criação de um núcleo (designado de Núcleo 2), permite

⁷⁷ Parte constituinte do fungo que permite a sua sustentação e a captação de nutrientes no subsolo.

depreender, hipoteticamente, um mesmo intervalo de tempo para a nuclearização deste conjunto de estruturas (sepulturas 1, 2, 3, 4, 5 e 6). No entanto, tal deverá ser entendido como um processo cumulativo implementado ao longo do tempo, através de sucessivos enterramentos.

Tabela 4.54 – Esquematização dos momentos de ocupação observados no Pego com respetiva localização dos contextos

Ocupação	Localização	Contexto	Datação
Momento 1	Vertente sul da colina (Sector II)	Necrópole de sepulturas planas	Bronze Inicial (séculos XXI-XVIII AC)
Momento 2	Vertente sul da colina (Sector II)	Necrópole de sepulturas planas	Bronze Inicial e Bronze Médio (séculos XVIII-XV AC)
Momento 3	Topo oeste da colina (Sector V)	Empedrado 1 (lareira?) e fossas 3, 18 e 19	Bronze Médio (séculos XV-XIII AC)
Momento 4	Vertente sul da colina (Sector II)	Necrópole (?) de fossas	Bronze Médio/Final (antes de XIII-XII AC)
Momento 5	Topo oeste (Sector V)	“Caixa de areia” e camada de ocupação/abandono	Bronze Final (?) Imediatamente antes de XIII-X AC
Momento 6	Sectores II e V	Vala perimetral	Bronze Final (séculos XII-X AC)
Momento 7	Sectores II e V	Vala perimetral (fim da ocupação pré-histórica)	Bronze Final (séculos IX-VI AC)
Momento 8 (?)	Topo da colina (?)	Moeda romana e escassos materiais	Época Romana (século IV)
Momento 9	Topo colina (Sector V)	Ceiltil, valado 4 (?) e murete	Época Moderna (séculos XV-XVI d.C.)

Durante o Bronze Médio, mais concretamente, entre os séculos XVIII-XV AC (AA89666), foi dada continuidade à construção da necrópole de sepulturas planas na mesma área genérica da colina (vertente Sul, Sector II). A mesma orientação dos maiores eixos das sepulturas, as semelhanças ao nível das suas formas (tendencialmente subretangulares), das suas características estratigráficas (enchimentos únicos com “tampas” de arena granítica) e dos seus rituais de enterramento (rito de inumação depreendido pelos sedimentos mais escuros identificados em plano), e, também, a inclusão, salvo raras exceções, de deposições de vasos cerâmicos de tipologias muito específicas (vasos de bordo horizontal), permitem vislumbrar inúmeras semelhanças com o núcleo mais antigo através da formação de um novo núcleo, designado de Núcleo 1 (incluindo as sepulturas 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13). Contudo, tal leitura deve ser encarada no quadro de um processo de adição de enterramento naquela mesma área. As formas cerâmicas recolhidas nos enchimentos destas sepulturas, frequentemente presentes no Noroeste português entre o Bronze Médio e inícios do Bronze Final, vêm confirmar esta proposta cronológica.

Ainda durante o Bronze Médio, mas desta feita na área do topo oeste da colina, são igualmente registadas atividades no local. Se tal é confirmado pela data de radiocarbono de uma possível estrutura de combustão empedrada, localizada nos quadrados J60, J61, K60 e K61,

que situa aquele contexto algures entre os séculos XV e XIII AC (AA89668), não se descarta a hipótese de corresponderem, também a este momento, outras estruturas próximas. Com certezas podem ser relacionadas as fossas 3, 18 e 19, cujos topos originais parecem ter sido abertos neste nível.

Durante o Bronze Médio/Final, algures entre os séculos XVIII/XV-XII/X AC, é novamente registada atividade na vertente sul da colina, na área da necrópole. Ali foram construídas, durante este período, fossas cuja natureza é enigmática. No entanto, a favor da sua origem deposicional refira-se o facto de estarem seladas com arena granítica ou associadas a pedras, de incluírem “camas” de pedras ou restos de colorante no seu interior, ou, simplesmente, de não terem sido preenchidas com enchimentos detriticos. Embora não estejam disponíveis datas de radiocarbono que o confirmem com segurança, a recolha de um perfil quase completo de um pote da forma 1 da fossa 3, cuja presença na região se estende entre a Idade do Bronze Médio e Final (Bettencourt 1999), apenas permite situar aquela estrutura, ainda que genericamente, num qualquer momento daquelas fases. Contudo, o facto da fossa 5 ter cortado a sepultura 11 e da fossa 6 ter sido coberta com arena granítica resultante da abertura da vala perimetral, permite situá-las entre o 2º e o último quartéis do II milénio AC, período correspondente ao Bronze Medio e inícios do Bronze Final, concretamente, algures entre os séculos XVIII/XV (AA89666) e XII/X (AA89667 Beta-230328) AC.

Algures antes dos séculos XIII-X AC há novamente uma ocupação no topo da colina. A esta ocupação corresponde uma eventual “caixa de areia”, atividades metalúrgicas e, certamente, algumas outras estruturas. Esta terá ocorrido antes da abertura da vala perimetral, a qual foi colmatada com materiais provenientes desta ocupação.

Mais tarde, durante o Bronze Final, entre os séculos XII/X (AA89667) e IX/VI (Beta-230328 AC), regista-se a última ocupação aparentemente efetiva do Pego, altura na qual terá sido construída uma vala perimetral que circunscreveu toda a colina. Durante este período de tempo (entre os séculos VIII e VI AC) terão cessado as preocupações relativas à manutenção a que obrigaria uma estrutura em materiais perecíveis deste género, altura que marcará, também, a perda de importância deste lugar para as comunidades que o frequentaram ou que nele viveram, culminando no seu conseqüente abandono. Como causa ou não desse abandono, o incêndio da paliçada ficou atestado pela identificação de um tronco carbonizado.

À margem da ocupação do local durante a Idade do Bronze, há registo de indícios de frequência em fases subsequentes. Assim, a frequência de época romana é confirmada pela

presença de escassos materiais cerâmicos e por uma moeda daquele período cuja leitura permite enquadrar, mais precisamente, no século IV. E qualquer forma, não poderá ser descartada a hipótese destes materiais terem sido trazidos para esta área juntamente com terras para estrumar, provenientes do vale, onde parece existir ocupação romana (Barbosa & Azevedo 2004-2005).

Posteriormente, uma ocupação da época Moderna inclui vários fragmentos cerâmicos revelando o uso de roda e cozeduras oxidantes e um ceitel de D. João II/D. Sebastião, datado de entre 1481 e 1578. Inclui-se, ainda, nesta fase a construção dos valados 1, 2 e 4, tendo este último atravessado o topo da colina de sudeste-este para oeste-noroeste, assim como um murete existente a nordeste da colina. A esta última fase ou já em momento posterior terá ocorrido a contaminação da sepultura 9, conforme anteriormente referido.

2.7. Discussão dos resultados e interpretações

Este ponto reporta-se, exclusivamente, aos dados recolhidos nos Sectores II e V, áreas onde o volume e a qualidade da informação arqueológica são significativos. Visa apresentar um quadro interpretativo à escala intra-sítio, discutindo algumas hipóteses de trabalho que poderão estar na origem da escolha deste lugar para as práticas que ali ocorreram durante a Idade do Bronze. Contudo, não foi esquecida a fundamentação dessas interpretações, já que a natureza de alguns dos dados a isso impele.

Como tal e primeiro que tudo, caberá lugar à apresentação dos argumentos que levaram a considerar determinadas estruturas do Sector II como sepulturas planas. Para tal, foram tidos em conta vários critérios, tais com as suas formas, os seus contornos, as suas dimensões, a sua estratigrafia e, também, os materiais depositados nos seus enchimentos.

São conhecidos vários contextos coetâneos no Noroeste da Península onde foram identificadas sepulturas planas simples. São exemplo os sítios de Tapado da Caldeira, em Baião (Jorge 1980a, 1980b, 1983, 1985), de Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes 2008), de Alto da Vela/Gulpilhares, em Vila Nova de Gaia (Fortes 1909), de Coto da Laborada, em Calvos de Randín (López Cuevillas 1930) ou de Monte de Mesiego, em O Carballiño (Lopez Cuevillas & Lamas 1958), os últimos dois exemplos localizados na Galiza, em Espanha.

Além disso, a presença no interior das sepulturas do Pego de vasos cerâmicos de bordo horizontal reforçam, igualmente, a natureza sepulcral destes contextos. São vários, também, os locais conhecidos no Noroeste peninsular onde foram recuperados vasos desta tipologia, os

quais têm sido interpretados como contextos funerários. Refira-se a necrópole de cistas com esqueletos de Agra de Antas, em Esposende (Ataíde & Teixeira 1940; Cruz & Gonçalves 1998-1999; Bettencourt 1999), a necrópole de cistas do Monte da Ola, em Viana do Castelo (Paço 1933; Dinis & Bettencourt 2004), Faisca, em Guimarães (Cardoso 1936), do Alto da Vela/Gulpilhares, em Vila Nova de Gaia (Fortes 1909) ou a necrópole galega de Coto da Laborada, em Calvos de Randín (López Cuevillas 1930).

Estratigraficamente, durante os trabalhos de campo foram individualizados em plano, em algumas sepulturas, duas unidades arenosas que apresentavam colorações distintas. A camada mais escura distribuía-se genericamente pela área central das sepulturas, não chegando a atingir a interface de abertura, área onde prevalecia a camada mais clara. Esta situação verificou-se, de forma explícita, nas sepulturas 9 e 11. Nestes casos bem registados, as características da camada escura parecem ter resultado do contacto e subsequente decomposição do corpo. Assim, parece viável hipotetizar que em cada sepultura terá sido inumado um indivíduo. Nos casos específicos das sepulturas 9 e 11 os indícios podem mesmo apontar para a sua deposição em decúbito lateral, hipoteticamente com a face virada para sudeste (Bettencourt 2010a: 37; 2010b: 152).

Além disso, o facto do enchimento de algumas sepulturas incluírem uma unidade estratigráfica no topo, de composição à base de arena granítica bem compactada, sugere a preocupação em selar estes contextos com uma tampa. Tal foi verificado, claramente, nas sepulturas 6⁷⁸, 8, 9 e 10.

Relativamente à distribuição das treze sepulturas identificadas no Pego sobressai, desde logo, a sua disposição no espaço. Percebe-se que se encontram agrupadas em conjuntos que formam dois núcleos distintos. A sua separação ocorre no sentido nordeste-sudoeste, aliás, a mesma orientação das sepulturas, atingindo uma distância que não é menor que os 5,40 metros nem superior a 6,80 metros. Em plano estes ocuparam uma área de, aproximadamente, 64 m² (Núcleo 1) e 48 m² (Núcleo 2).

Comparando genericamente as características dos dois núcleos (construção e orientação das sepulturas e ritos funerários praticados) sobressaem várias afinidades. Diferem, em parte, no espólio depositado no seu interior, observando-se em raros casos a ausência de materiais, a variação do quadrante em que os recipientes cerâmicos foram depositados ou a deposição paralela, a par desses recipientes, de outros objetos.

⁷⁸ Nesta estrutura tal situação foi verificada apenas parcialmente, mas bem visível, no corte estratigráfico oeste do quadrado ZZ1.

No que respeita aos vasos cerâmicos recuperados no interior destas sepulturas e atendendo à comparação inter-núcleos, as decorações particulares de cada exemplar revelam recorrências. Sublinha-se, contudo, que a quantidade de vasos recolhidos é diferente entre núcleos. Todos os vasos apresentam indícios de contacto com o fogo em momento ante deposição, sob a forma de fuligem, que se dispõe invariavelmente no lado oposto ao elemento de prensão do vaso. Tecnicamente, dentro de variações maiores ou menores, as pastas apresentam-se arenosas, as texturas variam entre grosseira e muito grosseira e as cozeduras são redutoras. De um modo geral não são evidentes diferenças significativas de peça para peça.

O Núcleo 1 localiza-se mais acima na vertente sul da colina, entre os quadrados A7, A8 e A9 e os quadrados F7, F8 e F9, e inclui as sepulturas 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13. A distância lateral máxima entre as sepulturas 7, 8 e 11 ronda os 1,20 metros e, entre as sepulturas 9, 10 e 11 atinge cerca de 0,70 metros. Entre extremidades opostas de diferentes sepulturas apenas se regista a distância de aproximadamente 0,40 metros entre as sepulturas 11 e 12. Com exceção da sepultura 12⁷⁹, nas restantes foi identificado um vaso cerâmico depositado sempre no extremo sudoeste⁸⁰. A posição da asa mostrou ser variável de estrutura para estrutura, não tendo sido observado qualquer regularidade. Apenas o vaso da sepultura 9 detinha paredes externa polida e interna alisada, pelo que os restantes apresentam paredes internas e externas alisadas. A análise das características técnicas e das composições decorativas das formas cerâmicas deste núcleo permite, também, algumas ilações. Salva-se, contudo, pelas razões anteriormente adiantadas, que não se inclui nesta análise a sepultura 12. Todas as decorações são metopadas e, no conjunto, denotam significativa complexidade, conjugando, na maioria dos casos, técnicas de impressão e de incisão. Apenas no vaso da sepultura 8 se verifica o uso simultâneo de técnicas de impressão e de adição plástica, esta última sob a forma de cordões pouco proeminentes, dispostos transversalmente em relação ao lábio. De igual modo, apenas no vaso da sepultura 11 foi utilizada a técnica de impressão, revelando-se, aliás, a composição mais “simples”. Destacam-se, ainda, as sepulturas 7 e 8, uma vez que incluíam, no seu enchimento, um peso de tear ou peso de rede e uma conta de colar ou cossoiro, respetivamente.

⁷⁹ Ressalva-se que a escavação da sepultura 12 não foi concluída e que do seu enchimento foram recolhidos três fragmentos cujas características apontam para um vaso de bordo horizontal. A presença de um eucalipto que perturbou bastante o quadrante nordeste desta estrutura não inviabiliza a possibilidade de ali ter sido depositado, igualmente, um vaso cerâmico.

⁸⁰ Embora na sepultura 8 não tenha sido fisicamente possível recuperar o vaso na sua posição original, o facto de ela ter sido perturbada, do quadrante Sudoeste, por uma raiz de grande porte, que fez com que o vaso fosse recuperado em vários fragmentos dispersos, leva a considerar a sua deposição original naquele quadrante da sepultura.

O Núcleo 2, situado ligeiramente mais abaixo na vertente sul da colina e para sudoeste do Núcleo 1, ocupa o espaço entre os quadrados ZZ1, ZZ2, ZZ3, ZZ4 e os quadrados ZZ5 e B2, B4 e B5, e inclui as sepulturas 1, 2, 3, 4, 5 e 6. A distância lateral entre as sepulturas 3 e 6 ronda os 1,40 metros e, entre as sepulturas 1, 2, 3, 4 e 5 é de cerca de 1,20 metros. Entre extremidades opostas de diferentes estruturas apenas se regista a distância de aproximadamente 0,70 metros, observado entre as sepulturas 2 e 5. Com exceção das sepulturas 1 e 4 em todas as restantes foi recuperado um vaso cerâmico. Nas sepulturas 3 e 6 o vaso estava depositado no quadrante sudoeste e, nas sepulturas 2 e 5, no quadrante nordeste. A posição da asa variava de caso para caso, não tendo sido reconhecido qualquer coerência. As paredes internas e externas de todos os vasos apresentavam alisamento. A análise às composições decorativas denota, desde logo, o uso de composições metopadas que atinge, por vezes, significativa complexidade. Predomina o uso conjugado de técnicas de impressão e de incisão, pelo que apenas no vaso da sepultura 5 foram utilizadas, simultaneamente, técnicas de incisão e de adição plástica, esta última sob a forma de mamilos pouco proeminentes. De igual modo, apenas a sepultura 2 incluía um vaso decorado por impressão, revelando-se a composição mais simples.

Em relação às orientações, aos contornos, às secções, às bases e às dimensões das sepulturas de ambos os núcleos, parece igualmente possível determinar certas correlações. A orientação nordeste-sudoeste é exclusiva. Apenas os contornos das sepulturas 4 (Núcleo 2) e 10 (Núcleo 1) são tendencialmente ovalados, apresentando as restantes contornos subretangulares. Todas as secções são em "U" e, enquanto o Núcleo 2 apresenta todas as bases aplanadas, o Núcleo 1 detém duas bases aplanadas (sepulturas 7 e 12) e quatro arredondadas (sepulturas 8, 9, 10 e 11). Quanto ao comprimento, é possível perceber que as sepulturas do Núcleo 1 variam entre os 2 e os 2,24 metros. Já as do Núcleo 2 oscilam entre os 1,30 e os 2,45 metros. Se por média as medidas rondam cerca de 2 metros, observa-se que o Núcleo 2 é o que detém as sepulturas com menores e maiores dimensões (sepulturas 4 e 3, respetivamente). Relativamente à largura, de um modo geral, as sepulturas do Núcleo 1 são mais largas, variando entre os 0,62 e os 0,90 metros. As do Núcleo 2, por sua vez, oscilam entre os 0,40 e os 0,86 metros. Finalmente, quanto à profundidade, o Núcleo 1 atinge valores entre os 0,12 e os 0,40 metros e o Núcleo 2 varia entre os 0,10 e os 0,32 metros. Contudo, estes valores não deverão ser muito valorizados, na medida em que muitas estavam parcialmente destruídas ou afetadas na sua parte superior.

Focando agora os materiais verifica-se que apenas as sepulturas 1 e 4 não incluíam qualquer espólio que, pelo menos, tenha perdurado. Excluindo, então, as sepulturas 1, 4 e 12, observa-se que a deposição dos vasos ocorreu, na maioria dos casos, no quadrante sudoeste, exceção feita para as sepulturas 2 e 5, onde a opção foi o quadrante oposto. Nas sepulturas 6, 7 e 8 os vasos recuperados encontravam-se bastante fragmentados, o que pode ser justificado pela alteração à integridade original dessas estruturas mas, também, ao facto de muitas apresentarem pastas mal cozidas. Quanto às decorações dos vasos verifica-se que o número de incisões em número de sete surge nos vasos das sepulturas 3 (Núcleo II), 9 e 10 (Núcleo I) e em número de três nas sepulturas 5 e 6 (Núcleo II) e 7 (Núcleo I); embora em ambas as situações se disponham na vertical, alternam com grupos de incisões de linhas em quantidades diferentes.

Direcionando agora a atenção para o ambiente físico escolhido para a construção desta necrópole, observa-se que foi dada preferência ao quadrante soalheiro da colina, a área mais virada a sul e, por esse motivo, bem iluminada, do nascer ao pôr-do-sol. Poderá esta escolha ocultar alguma associação simbólica entre o ciclo solar e os ciclos de vida e de morte?

A proximidade ao interflúvio entre a ribeira da Levegada e o rio Este (afluentes do rio Ave, que ocupam os terrenos entre os quadrantes nordeste e sudoeste) e a uma nascente de água potável situada a cerca de 100 metros para norte deixa transparecer estreitas relações entre a necrópole e a água. Poderia a semelhança verificada entre a orientação da ribeira da Levegada, a mais próxima do local, e a orientação dada às sepulturas (nordeste-sudoeste) indiciar alguma associação entre o percurso/viagem das águas e o percurso da morte?

Além disso, o local ocupou a zona de melhor acesso aos vales férteis imediatos, precisamente onde a geomorfologia denota declives mais suaves. Posicionou-se no meio-termo entre a zona de vale e o topo da colina, ocupando uma posição liminar e de passagem entre as terras baixas e as terras altas. Poderá esta característica física associar-se com a morte, também ela vista como uma passagem ou um estado liminar entre dois mundos? Esta parece, aliás, uma recorrência observada em outras necrópoles estudadas, tais como Quinta do Amorim ou do quarteirão dos CTT, ambas em Braga, além das possíveis necrópoles da Quinta da Bouça, em Vila Nova de Famalicão, de Corvilho, em Santo Tirso, de Póvoa/Guidões, em Trofa, ou de Faisca, em Guimarães, que ocupam territórios de transição entre áreas de vale e pontos mais elevados.

Paralelamente foram recolhidos, do interior da maioria das sepulturas, vasos de bordo horizontal ou forma 13 da tabela formal de Bettencourt (1999), recipientes cerâmicos comuns

em ambientes mortuários da Idade do Bronze no Noroeste português. O facto de todos os exemplares apresentarem fuligem nas paredes internas e externas, no último caso invariavelmente posicionada no lado oposto à asa, leva a concluir que conheceram a queima de substâncias no seu interior em momento anterior à sua deposição, hipótese já levantada por Cardoso (1936: 77) em relação ao que observou em Faisca, Guimarães, quando refere que “*Quási todos [os vasos] se apresentam requeimados, interior e exteriormente, com uma crosta negra no lado oposto à asa (...) denotando terem sofrido a acção do fogo particularmente nessa zona, o que faz lembrar que ali ardesse uma mecha embebida em óleo que o vaso contivesse*”. Segundo o estudo realizado por Gonçalves *et al.* (2010) ficou comprovada esta hipótese, pois sabe-se que no interior destes vasos ardeu uma substância gordurosa e ainda não identificada que, durante a queima, derramou em parte para o exterior do vaso. Se é certo que a inclinação dos vasos é facilitada pelas bases convexas ou pelas bases aplanadas de pouca área, que também dificultam a sua permanência na vertical⁸¹, a por vezes incompatibilidade entre a “natural” inclinação dos vasos (em posição imóvel, pousado) e a área de distribuição dos vestígios de fuligem obriga à busca de outras explicações. Assim, a fuligem nas paredes externas pode ter sido provocada pelo manuseamento dos vasos durante as cerimónias fúnebres e pelo consequente transbordo dos seus conteúdos, por ação de movimento, como por exemplo através do andar, transportando o vaso na mão ligeiramente inclinado. Outra hipótese plausível poderá relacionar-se com a do derrame propositado, envolvendo qualquer procedimento durante a cerimónia fúnebre, quiçá envolvendo substâncias odoríferas, por exemplo⁸². Independentemente da causa por detrás da presença de fuligem, importa apenas referir que se trata de um facto recorrentemente verificado nestas formas cerâmicas quando recolhidas em contextos funerários⁸³, como, aliás, Bettencourt (1999, 2009, 2010a, 2010b) já havia referido. Tal recorrência de indícios em todo o Noroeste português parece revelar atitudes comuns perante a morte por espetros significativos de populações da Idade do Bronze, práticas mantidas durante larga diacronia e que incluíram o uso de arquiteturas, o recurso a ritos funerários, a

⁸¹ Tal situação foi confirmada pousando em superfície plana todos os exemplares, verificando-se que as marcas de transbordo não seguem a lógica da inclinação tendencial de cada um dos vasos pousados.

⁸² Segundo Classen *et al.* (2003: 2) “*The perception of smells, thus, consists not only of the sensation of the odours themselves, but of the experiences and emotions associated with them*”. A par de contrariar a ideia de que “*Western notions of aesthetically pleasing fragrances are by no means universal*” (Fox 2010: 30), é reforçada a premissa de que “*In cultures where the sense of smell is highly valued, and odour is considered to be the essence of personal identity, interpersonal ‘exchanges’ or ‘mixing’ of odours is often carefully regulated*” (Fox 2010: 29). Entre determinadas comunidades a presença e o uso de odores torna-se, por esse motivo, necessária: “*Rites of passage, which mark our transitions from one physical, social or economic condition to another (such as the rituals of birth, puberty, marriage and death), also involve the symbolic use of odours in many cultures*” (Fox 2010: 32). Como tal, a disponibilidade para determinados cheiros deve ser vista de forma variável em termos culturais e históricos.

⁸³ Este facto foi observado pessoalmente nos vasos de Faisca, em Guimarães, da Quinta da Bouça, em Vila Nova de Famalicão, de Guidões, em Trofa, da Quinta do Amorim e do quarteirão dos CTT, em Braga, ou de Cimalha, em Felgueiras.

deposições de objetos e, muito provavelmente, o respeito de procedimentos cerimoniais semelhantes.

A organização espacial das sepulturas segundo núcleos, separados entre si por cerca de 5,40 m, é compatível com o modelo segmentado proposto por Pearson (1999). Tal organização permite questionar se poderiam os enterramentos reger-se por critérios relacionados com a idade, com o género ou com os grupos familiares. A resposta não é fácil mas a análise às técnicas e às composições decorativas dos recipientes cerâmicos parece mostrar que, em cada núcleo, há heterogeneidade nas técnicas e nos padrões decorativos, o que poderá indiciar elementos distintos de uma família segundo subdivisão por idades, géneros ou atributos. Também se nota que há comportamentos-padrão que parecem repetir-se em cada núcleo, tanto no que concerne ao posicionamento de vasos com determinadas decorações, como na representatividade de determinadas decorações. Isto é, cada núcleo contém um vaso decorado com adição plástica, um vaso decorado apenas por impressão de métopas diagonais e sepulturas sem qualquer vaso ocupam posições semelhantes ao nível intra-nuclear. Talvez seja verosímil interpretar cada núcleo como pertencente a diferentes grupos familiares, embora provenientes da mesma comunidade, com normas específicas perante a morte. As proporções modestas deste lugar e a inexistência de sobreposições entre estruturas também indiciam que apenas uma comunidade terá construído e frequentado esta necrópole, embora na larga duração.

Numa fase posterior, nesta área de necrópole, foram construídas fossas. Contudo, a sua interpretação vê-se dificultada pela escassez de dados disponíveis.

Embora as suas formas e dimensões variem, observam-se semelhanças entre as fossas 1, 2, 3 e 6. As suas proporções, relacionando comprimento, largura e profundidade, são mais equilibradas. Neste grupo poderemos, também, incluir a fossa 4, cuja origem se parece relacionar com a abertura de duas estruturas semelhantes às fossas 1, 2, 3 e 6, sendo que uma, posterior, terá cortado a anterior.

A fossa 5, por seu turno, destaca-se das restantes, tanto pela sua reduzida profundidade como pelo maior diâmetro, além de apresentar contorno tendencialmente circular.

Facto comum a todas estas estruturas é a raridade ou ausência de materiais. Na fossa 1 apenas foi recolhido um diminuto fragmento cerâmico, talvez enviado involuntariamente com as terras, durante o seu enchimento; na fossa 2 foi recuperado um pequeno pedaço de argila de coloração amarela clara que se presume poder ser colorante; e, da fossa 3, recuperaram-se

alguns fragmentos cerâmicos que permitiram reconstruir o perfil quase completo de um pote da forma 1.

Ao nível estratigráfico e conforme ocorreu em algumas sepulturas, foi registada a presença de uma camada de arena granítica no topo de algumas fossas que terá formado a sua cobertura, revelando preocupação de as selar. Esta situação foi claramente identificada nas fossas 2, 4 e 5.

Também as fossas 1, 2 e 4 incluíram, no seu topo, uma pedra de médio porte em posição central, talvez servindo de elemento sinalizador.

As suas semelhanças construtivas com as sepulturas planas poderão indiciar uma funcionalidade análoga. São conhecidos contextos no Noroeste Ibérico onde ocorreram enterramentos em fossas. A título de exemplo refiram-se os sítios da Fraga do Zorro, em Verín (Fábregas Valcarce 2001, Prieto Martínez *et al.* 2009), na vizinha Galiza, ou da ribeira de Medal, em Mogadouro, este último descoberto recentemente durante os trabalhos no rio Sabor. No caso do Pego, pese embora as suas reduzidas dimensões, estas fossas podem ter servido para albergar enterramentos, como por exemplo, de crianças (comunicação pessoal de Ana M. S. Bettencourt). A favor da hipótese interpretativa do carácter funerário destas fossas, comparativamente às identificadas no Sector V, refiram-se, também os enchimentos não detriticos e as formas distintas do que são habitualmente consideradas fossas de armazenamento, cujas secções estrangulam no topo.

Não se afasta a hipótese destas fossas poderem ter desempenhado propósitos de cariz cerimonial ou comemorativo. Aparentando evidentes ligações com as práticas fúnebres, pela aproximação a sepulturas planas, uma outra possibilidade é a de terem servido de contentores. O arranjo circular de pedras identificado sensivelmente a meio do enchimento da fossa 1, cuja estruturação foi interpretada como uma “cama” ou suporte para albergar algo, pode ser consonante, por exemplo, com a deposição de ossos ou de uma qualquer oferenda em material perecível.

Quanto ao Sector V, no topo da colina, denota-se o facto das ocupações que ali ocorreram terem tido fins distintos dos da vertente sul.

Uma nota importante tem que ver com as práticas metalúrgicas detetadas nesta área. Estes indícios são percebidos de forma indireta, pela presença de restos de moldes cerâmicos, e direta, pela identificação de uma possível área de auxílio ao processo produtivo (“caixa de

areia”). Contudo, a ausência de objetos metálicos face à área escavada até então, resumindo-se a dois pequenos fragmentos pulverizados, assume contornos particulares.

Parece viável assumir que os objetos aqui produzidos foram “canalizados” para outros cenários que não este. Uma das hipóteses viável pode ter relação com o carácter mágico atribuído por estas comunidades a certos lugares naturais, aos seus olhos portadores de características ímpares e impregnados de animismo. Conforme tem vindo a ser verificado através de diversos exemplos, ao longo da Idade do Bronze foram recorrentes as práticas deposicionais de objetos metálicos. A sua recuperação, invariavelmente, relaciona-os com fendas, grutas ou penedos, junto de fontes ou em pontos naturais proeminentes. Embora a interpretação destas ações esbarre na ambiguidade dos dados, uma vez que se vê privada de um elemento chave para a sua perfeita compreensão (que são os reais motivos e o raciocínio do agente), observa-se que determinados lugares concentram alguns objetos cuja presença dificilmente se explica com outro qualquer argumento. Neste cenário, e talvez no âmbito de práticas de deposição, os materiais produzidos no Pego parecem ter sido transportados para outros lugares, quiçá o Monte da Saia, em Barcelos, por exemplo, localizado a cerca de 10 km para sudoeste. A par do acesso facilitado, seguindo o vale do rio Este, ali foi encontrado, em inícios do século XX, um conjunto de machados de talão, restos de fundição e uma vasilha (?), conhecido como o achado do *Logar da Fonte Velha* (Fortes 1905-1908a) e recorrentemente interpretado como *depósito de fundidor*. A descoberta de outro conjunto, noutra parte do monte, que incluía uma pulseira de ouro e outros materiais áureos (Cardozo 1957b), parecem evidenciar a excecionalidade deste sítio (Sampaio 2011). A isto acrescenta-se, ainda, a notícia de um outro depósito no Monte da Feira (Ferreira 1977), além de outros achados avulso.

Já foi referido, também, que parte do topo da colina do Pego e da sua vertente sul foi, em fase adiantada da Idade do Bronze, circundada por uma vala perimetral⁸⁴. Não se exclui a possibilidade desta ter permanecido aberta por um determinado período de tempo, já que a datação absoluta mais antiga disponível, situada entre os séculos XII e X AC, se reporta ao momento em que foram depositados vasos no seu fundo e que ocorreu a sua colmatação sedimentar e não ao instante da sua abertura no substrato rochoso. Ainda assim, dada a inclinação do terreno e imaginando a manutenção que implicaria – ao nível de limpeza –, esta hipótese torna-se algo remota.

⁸⁴ Sublinhe-se que na área externa a esta vala apenas foi identificada uma pequena estrutura. Trata-se da fossa 7, identificada no Sector V, na vertente norte da colina.

O registo estratigráfico parece apontar para uma colmatação rápida desta estrutura, com sedimentos que “arrastaram” materiais dispersos pela superfície. Tal é confirmado pela colagem de fragmentos exumados de camadas diferentes desta estrutura e pela sua posição inclinada.

Aquando desta colmatação parece ter sido construída, junto à parede externa, menos vertical, uma paliçada formada por sucessivos troncos de madeira que ficariam inclinados para o exterior. Esta interpretação é sugerida por três pormenores concretos. Primeiro, pelas fiadas de pedras identificadas na camada 1b, as quais teriam servido de travejamento ou contraforte aos postes erguidos ao alto, combatendo a força exercida pela posição oblíqua dos troncos. Em segundo, pela concentração anómala de carvões dispersos pela camada 1c, resultante da carbonização dos troncos utilizados para formar a paliçada. Pode-se ainda alegar, a favor desta hipótese, a identificação do buraco de poste 38, localizado no quadrado +A32, no Sector V, cujo diâmetro permitiu perceber que teria albergado um tronco com cerca de 20 cm de diâmetro⁸⁵, que, pela inclinação, deixa perceber que os troncos estariam em posição oblíqua.

A construção da paliçada parece ter contribuído para conferir maior impacto e visibilidade a este local. Tal parece próximo ao que foi observado no sítio de S. Julião, em Vila Verde, Braga, por Bettencourt (2000d). A título comparativo mas dentro de soluções arquitetónicas e de matérias-primas distintas, na fase considerada por aquela investigadora como S. Julião 1b confirma-se um processo de monumentalização daquele local ocorrido durante a segunda metade do século IX AC (Bettencourt 2000: 106). Ali, nos quadrados A5, A6, B4, B5 e B6 foi identificado um trecho de muralha pétreia espessando nos seus terminais, ultrapassando ligeiramente os dois metros de largura, em muito semelhante ao que foi verificado no Pego. A cronologia é, também ela, coincidente.

Não deverá ser esquecido, contudo, que esta vala perimetral albergou uma área onde os vestígios detetados denunciam, também, práticas funerárias, embora, possivelmente, desativadas no momento em que esta estrutura terá sido erguida. Uma das principais interpretações para a sua construção – mais do que conferir imponência na paisagem da Idade do Bronze – poderá coadunar-se com a criação de um “recinto”, visando conceder unidade e coesão – também sob a forma física – a um lugar outrora importante e presente na memória das comunidades locais da Idade do Bronze. De igual forma, parece latente um processo de renegociação ou de renovação da relação do homem com aquele lugar, certamente dentro de uma nova etapa da sua biografia. A construção desta estrutura – paliçada – acontece na fase

⁸⁵ Vide *Buraco de poste 38* no ponto *Estruturas* relativo ao Sector V.

final da Idade do Bronze, perdurando até ao seu abandono. Tal circunscrição poderá ditar um novo ciclo, procedendo ao encerramento dos usos e das práticas outrora ali ocorridas e transformando fisicamente a sua memorabilidade recorrendo à monumentalização. No entanto, os seus propósitos parecem afastar-se das características funerárias antes apenas ao local. Ainda assim, verifica-se que a entrada para este “recinto”, posicionada a sul, liga o acesso com o “lado da morte”. Traduzirá o apelo à memória dos ancestrais ali sepultados, numa tentativa de reativar a importância deste lugar com base no seu passado? Ao ser assim, o lugar do Pego como “*deathscape*”, ou seja, como paisagem mortuária no sentido de Cook (2011), ter-se-ia mantido viva através da atuação de memórias e de recordações que, na sua longa diacronia, se fundiram na biografia do lugar.

De um modo geral e embora se observem cortes entre estruturas da Idade do Bronze, não se registam significativas destruições. As “novas” estruturas construídas, quando perturbaram estruturas pré-existentes, apenas o fizeram de forma periférica, mantendo a sua integridade original. Os casos mais evidentes relacionam-se com a construção de estruturas já em período histórico, ou seja, em fase muito mais adiantada e no âmbito de uma perceção do espaço completamente diferente.

Embora seja plausível assumir que quem frequentou este lugar durante o Bronze Médio e Final o terá incluído em memórias coletivas, com toda a permeabilidade de que a tradição oral goza na passagem de testemunhos de geração em geração, não se descarta a hipótese de ter ocorrido a marcação física de estruturas. Tendo em conta que o impacto de estruturas subterrâneas é reduzido e que foram identificadas pedras no topo de algumas delas, um bloco fincado na extremidade da sepultura 11 e a proximidade do buraco de poste 1 da sepultura 10, parece viável considerar a marcação como um procedimento provável. Recorrendo a outros materiais e/ou estruturas percíveis, a sua identificação poderia ter incluído elementos sinalizadores à superfície que alertavam para a sua existência. Tal implicaria cuidados de manutenção, já que a ação dos agentes erosivos trataria da sua degradação, procedimentos possíveis no quadro de revisitação cíclica do local. Este facto poderia contribuir para a sua permanência na memória coletiva das populações locais, desempenhando a memória um papel preponderante, ao impedir o seu esquecimento.

Uma questão curiosa tem que ver com o carácter simbólico aparentemente assumido por determinados materiais depositados no enchimento da vala perimetral. Registe-se, por exemplo, o caso da tampa cerâmica recolhida na camada 1c do quadrado C2, no Sector II, cujo estado

completo pressupõe a sua deposição intencional. O facto de pertencer a um potinho de asa em orelha que foi depositado inteiro, igualmente, no fundo desta estrutura mas em outro ponto do Sector V, parece reforçar esta ideia. A dispersão de uma mesma peça por diferentes áreas daquela vala e em diferentes pontos deste lugar relacionar-se-á com propósitos específicos, e porque não foi um ato isolado, confere elevado grau de complexidade à forma de pensar e de agir destas populações. Na verdade, ficou registado a deposição intencional de mais formas cerâmicas em outros pontos desta vala perimetral, igualmente em estado completo, e de outros elementos cerâmicos – como tampas –, o que não favorece a hipótese de terem sido atirados involuntariamente para o interior daquela estrutura.

A situação do Pego revela o acesso facilitado e simultâneo a ambientes de vale e de monte, denotando um claro uso e conhecimento dos recursos disponíveis. Sobressai a sua proximidade a recursos primários e secundários de estanho – disponíveis num raio de 15 km e de 5 km, respetivamente, e indispensáveis ao processo de produção metalúrgica; a recursos florestais, fonte de madeira para as estruturas perecíveis e para combustível – essencial ao processo de produção metalúrgica e a várias tarefas diárias; a terrenos de aptidão agrícola, fundamentais ao usufruto do sistema agro-silvo-pastoril, e a água, bem de necessidade primária fundamental para a sobrevivência de pessoas e animais. Além disso, o seu posicionamento junto de bacias hidrográficas de dimensão considerável, como as dos rios Ave e Cávado, facilitou a sua ligação com a fachada litoral e com o interior, permitindo o acesso a novos *inputs*.

Acima de tudo, este local mostrou-se um laboratório de escavação único. As suas características singulares provam quão difícil pode ser a identificação destes sítios e o processo de escavação de contextos da Idade do Bronze.

A par da construção de estruturas subterrâneas, o uso de materiais perecíveis contribui para a reduzida visibilidade arqueológica de sítios como este, só descobertos pela combinação de determinados fatores. Salva-se que da abertura de estruturas em negativo no substrato rochoso, posteriormente cobertas e colmatadas com enchimentos predominantemente de base arenosa, resultaram interfaces difusas. Por esse motivo, o facto de não ter sido possível registar determinadas situações em todas as estruturas – como, por exemplo, as tampas de arena granítica de fossas e/ou de sepulturas ou as camadas escuras interpretadas como o resultado da decomposição dos corpos sepultados – poderá dever-se, também, às dificuldades sentidas, durante os trabalhos de campo, concretamente, na correta definição e delimitação dos seus

contornos em plano, tarefa nem sempre facilitada pela luz, dependendo da hora do dia, ou mesmo pelo maior ou menor grau de contraste variável de enchimento para enchimento.

2.8. FIGURAS

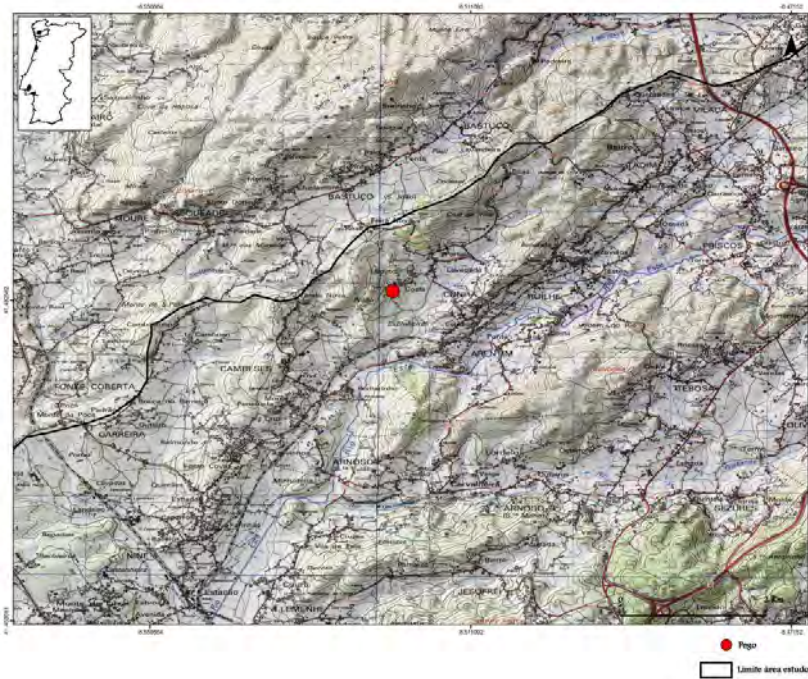


Figura 4.95 – Localização do Pego em excerto de Cartas Militares de Portugal, folhas 69 e 70, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D.



Figura 4.96 – À direita, vista aérea a partir de sudeste da colina onde se localiza o Pego e sua relação com o vale imediato da ribeira da Levegada. À direita, fotografia de noroeste aos trabalhos de escavação em curso onde se observa o ténue relevo da colina.

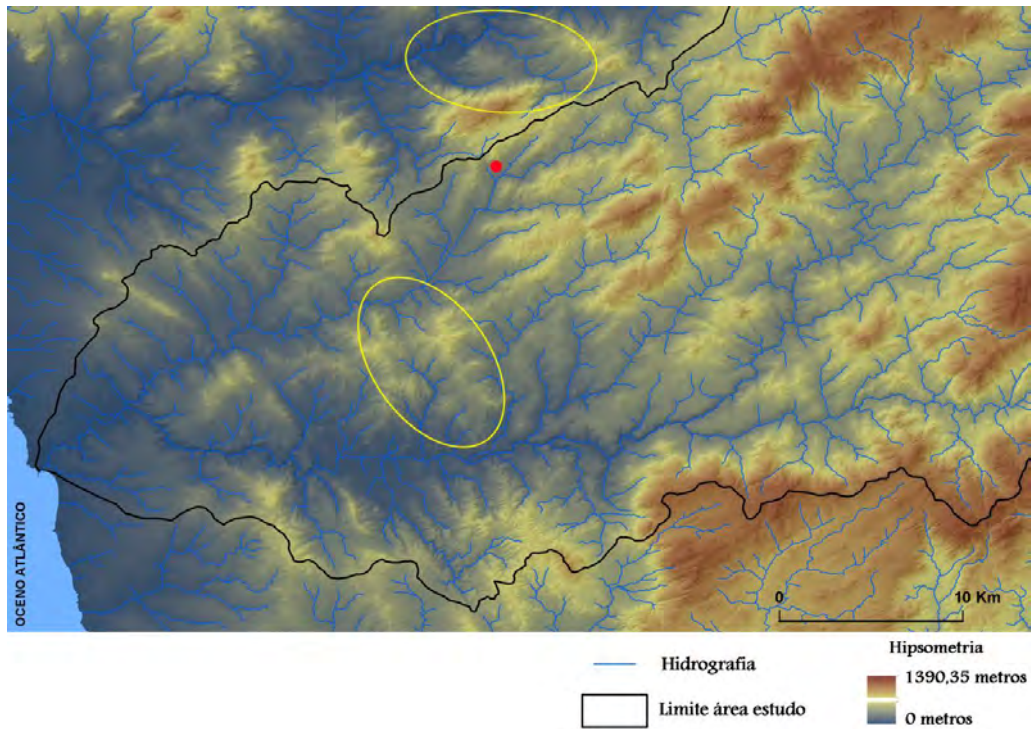


Figura 4.97 – Excerto de mapa hipsométrico com localização do Pego em relação às jazidas primárias de Sn e W (elipses amarelas) de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), no topo, e de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão), em baixo.

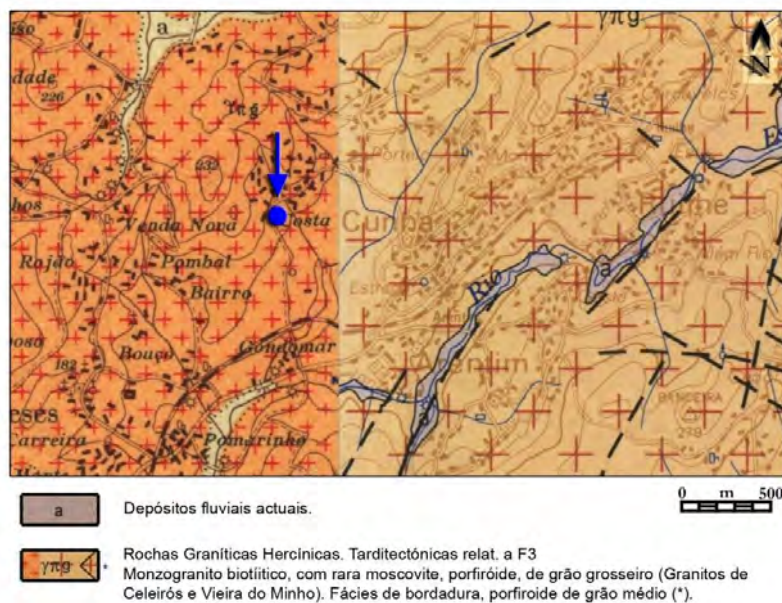


Figura 4.98 – Excerto de Cartas Geológicas de Portugal, folhas 5-C (Barcelos) e 5-D (Braga), à escala 1/50 000, com localização do Pego (adaptado de Gonçalves 2013: 108).

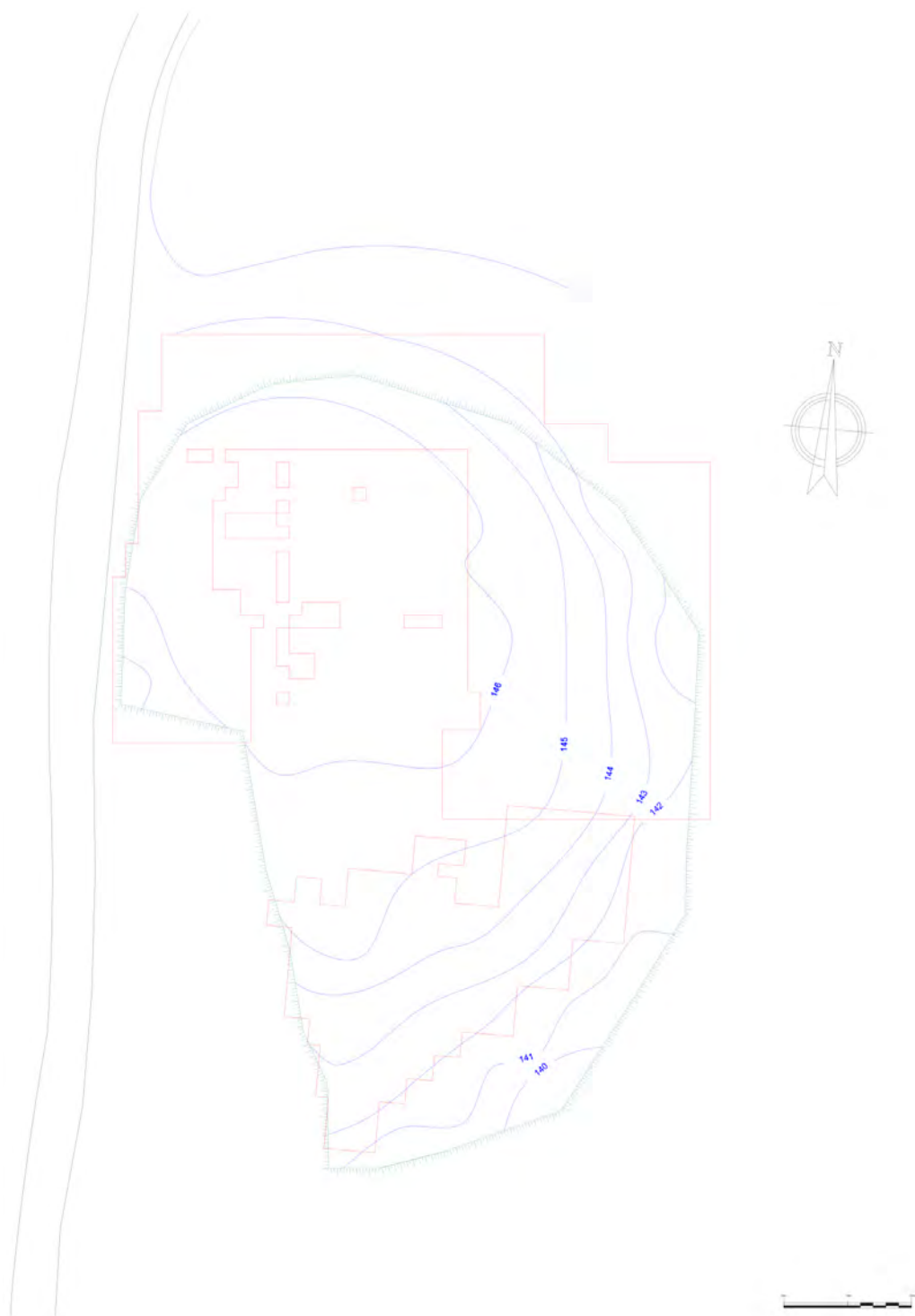


Figura 4.99 – Levantamento topográfico da colina com malha de escavação implementada: vertente sul, Sector II; topo e vertentes oeste, este e norte, Sector V. A vermelho, os limites da área total escavada.

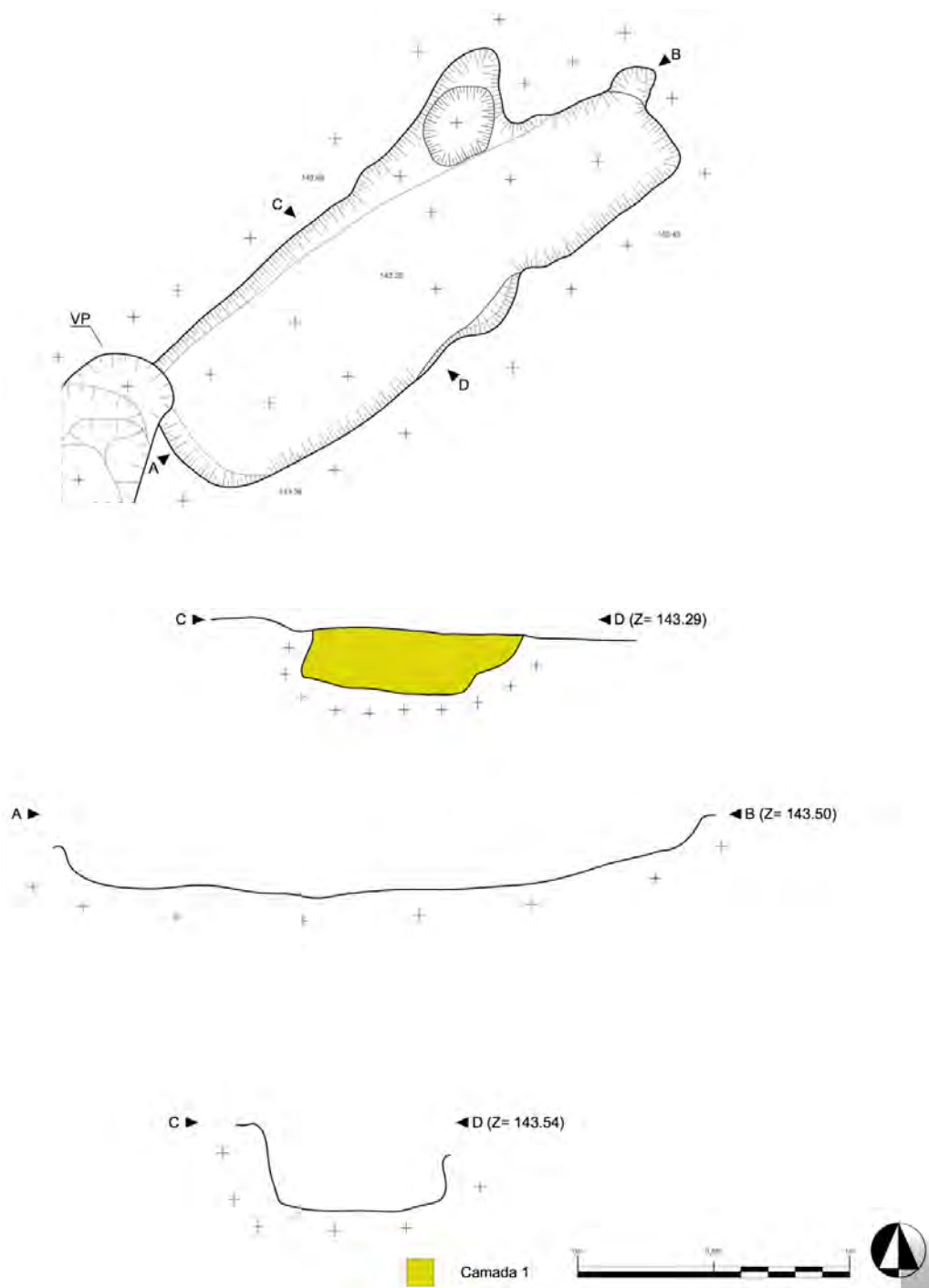


Figura 4.100 – Plano final, perfil e secções da sepultura 1. Note-se, no canto inferior esquerdo do plano final, o ligeiro corte desta estrutura pela vala perimetral. No extremo oposto, perturbações de raízes.

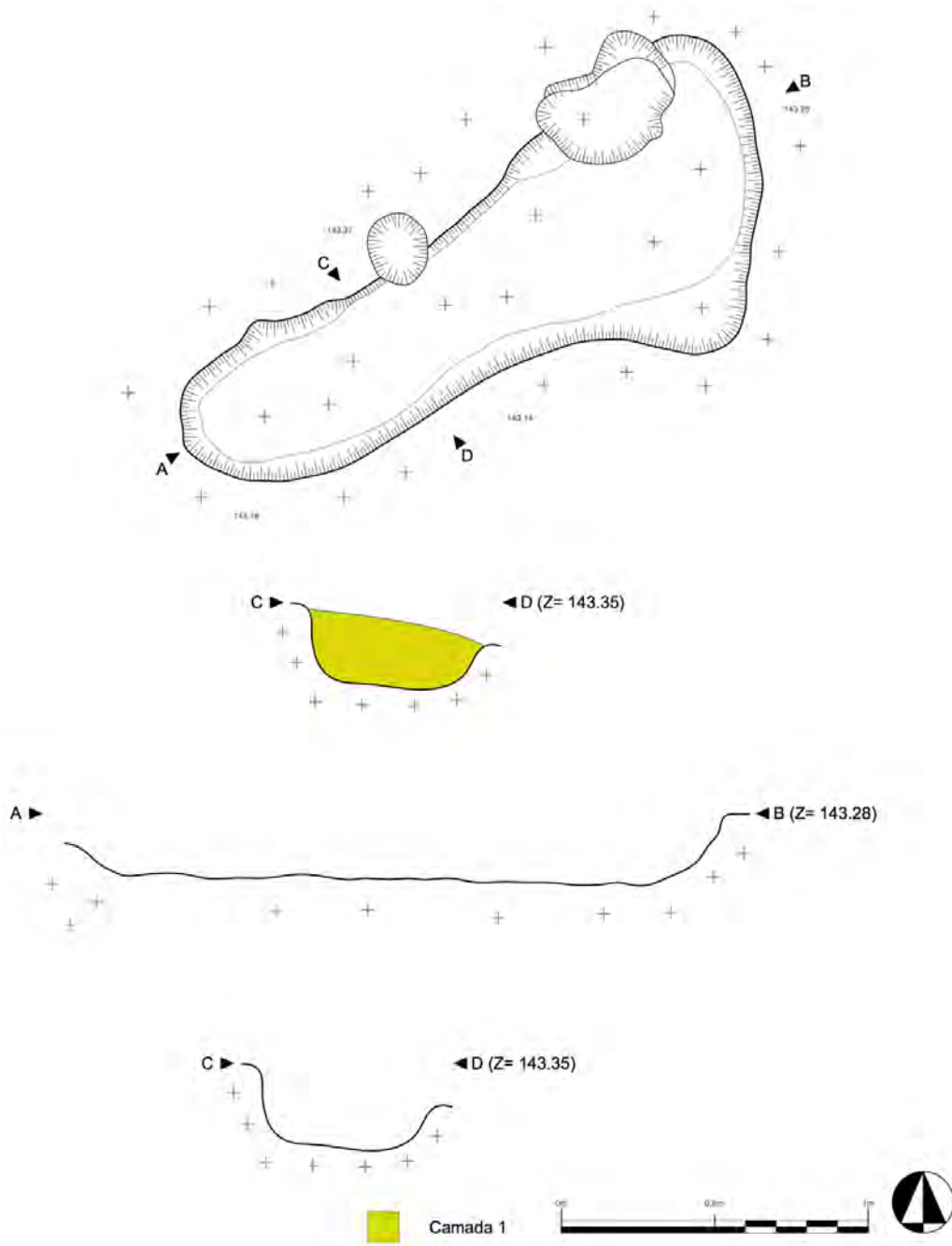


Figura 4.101 – Plano final, perfil e seções da sepultura 2. Note-se, no plano final, ao centro da interface norte e nordeste, a perturbação por ação de raízes.

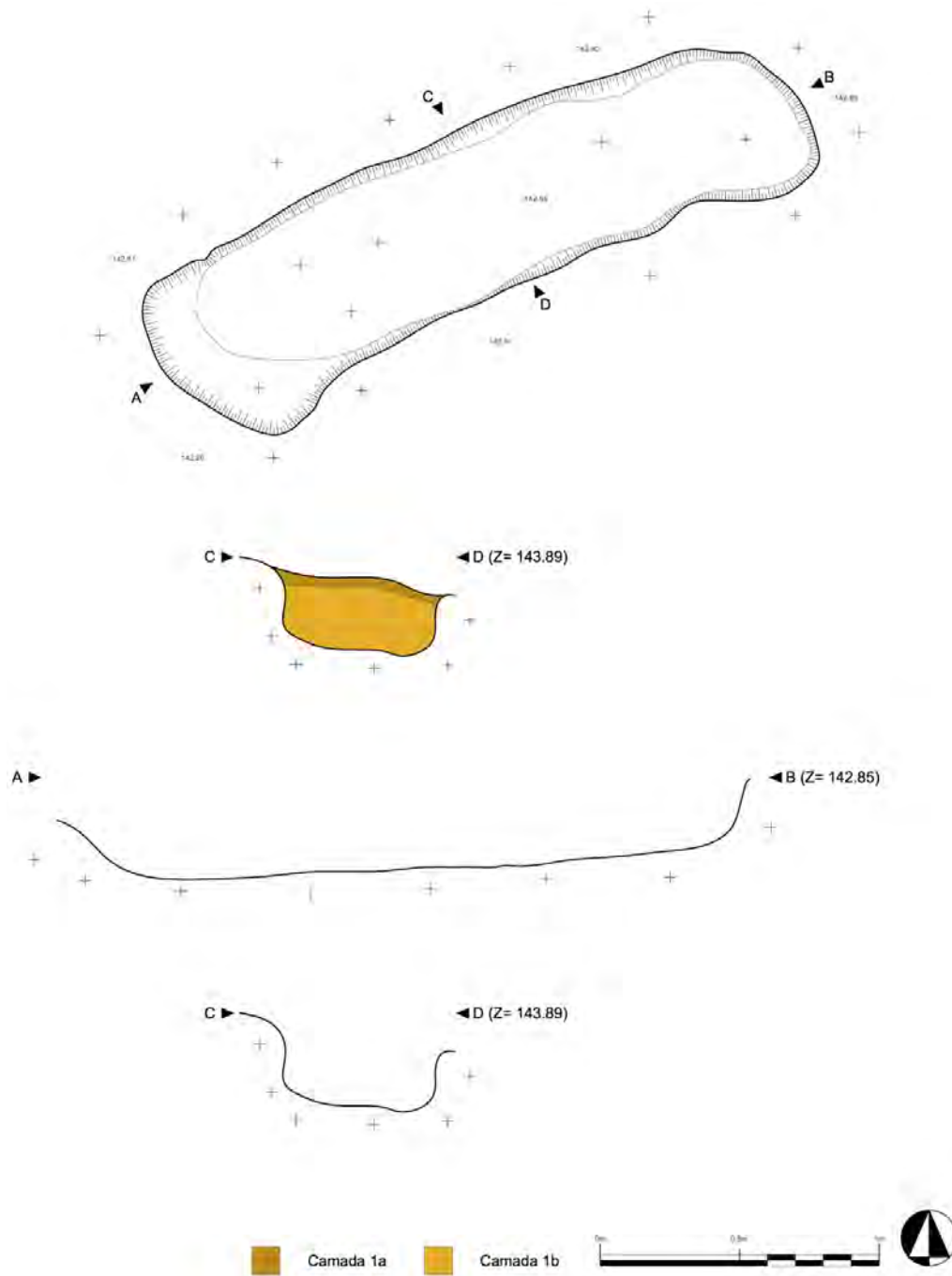


Figura 4.102 – Plano final, perfil e secções da sepultura 3.

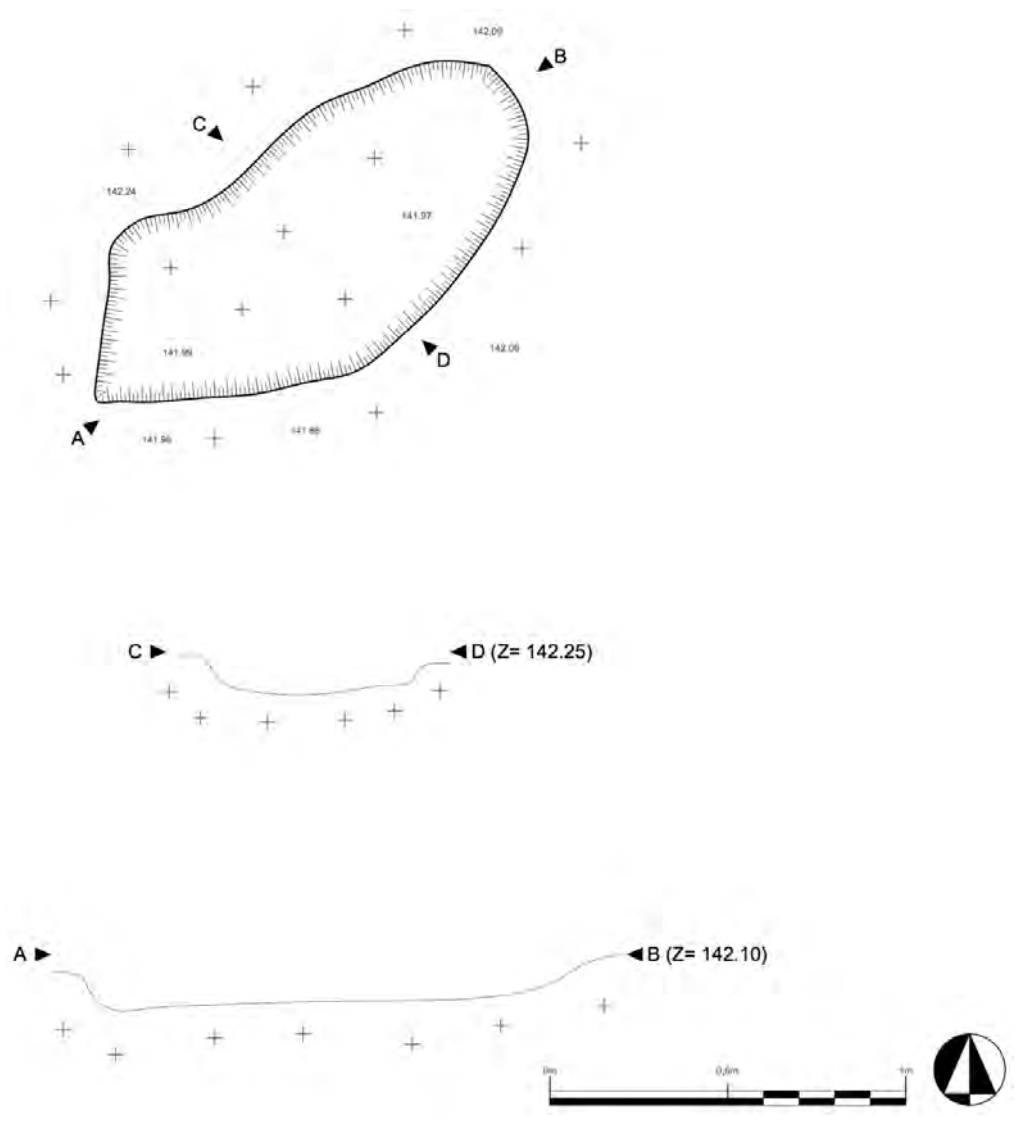


Figura 4.103 – Plano final e secções da sepultura 4.

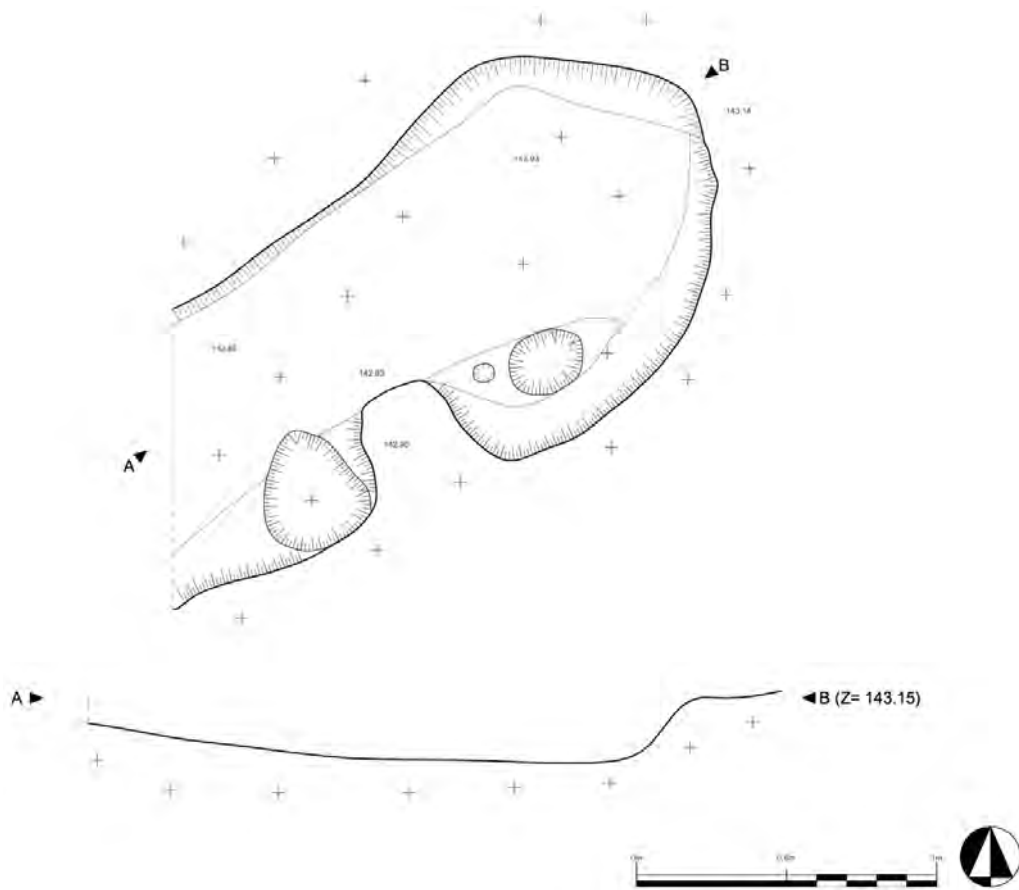


Figura 4.104 – Plano final parcial da sepultura 5. A interface a sul apresentava perturbações de raiz

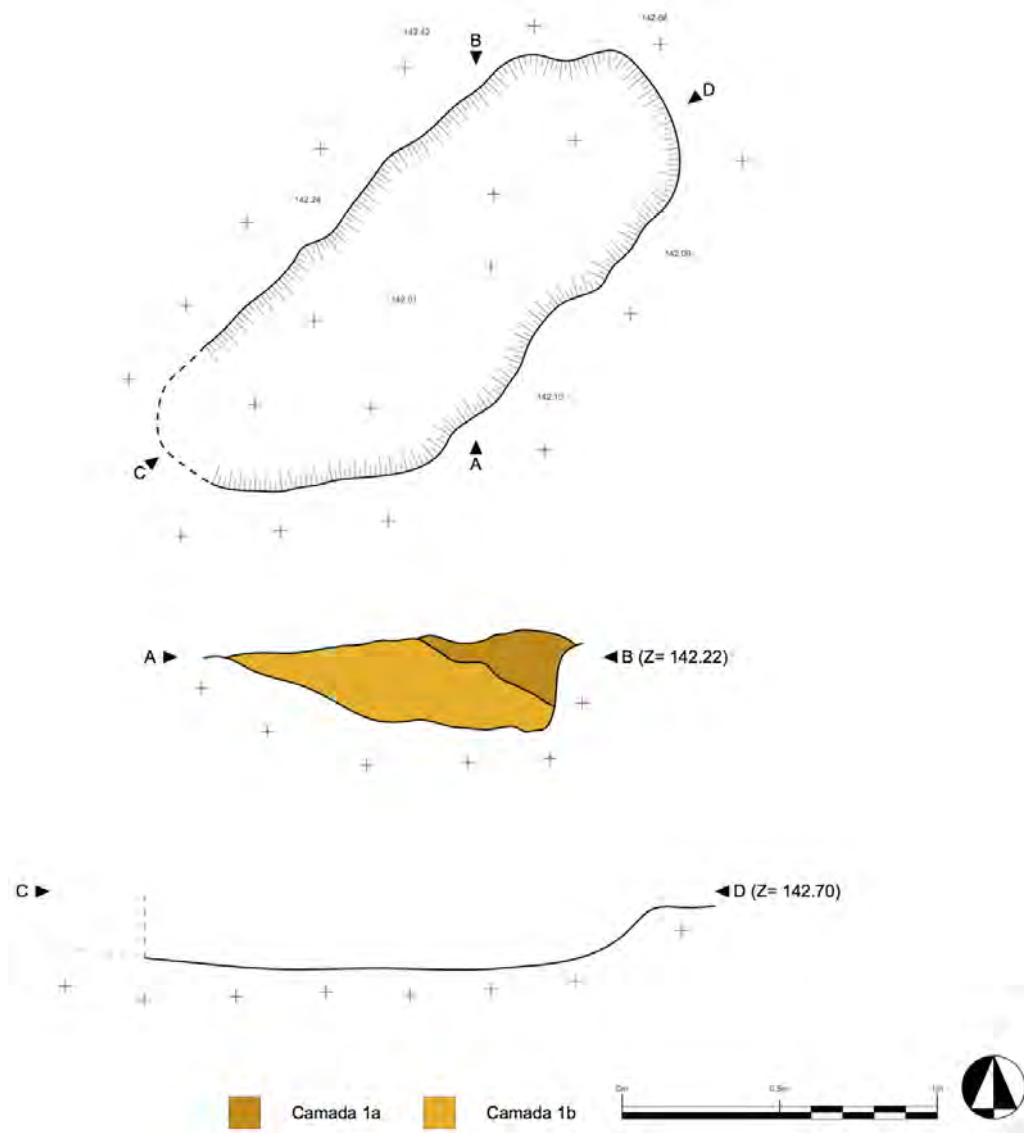


Figura 4.105 – Plano final, perfil e secção da sepultura 6.

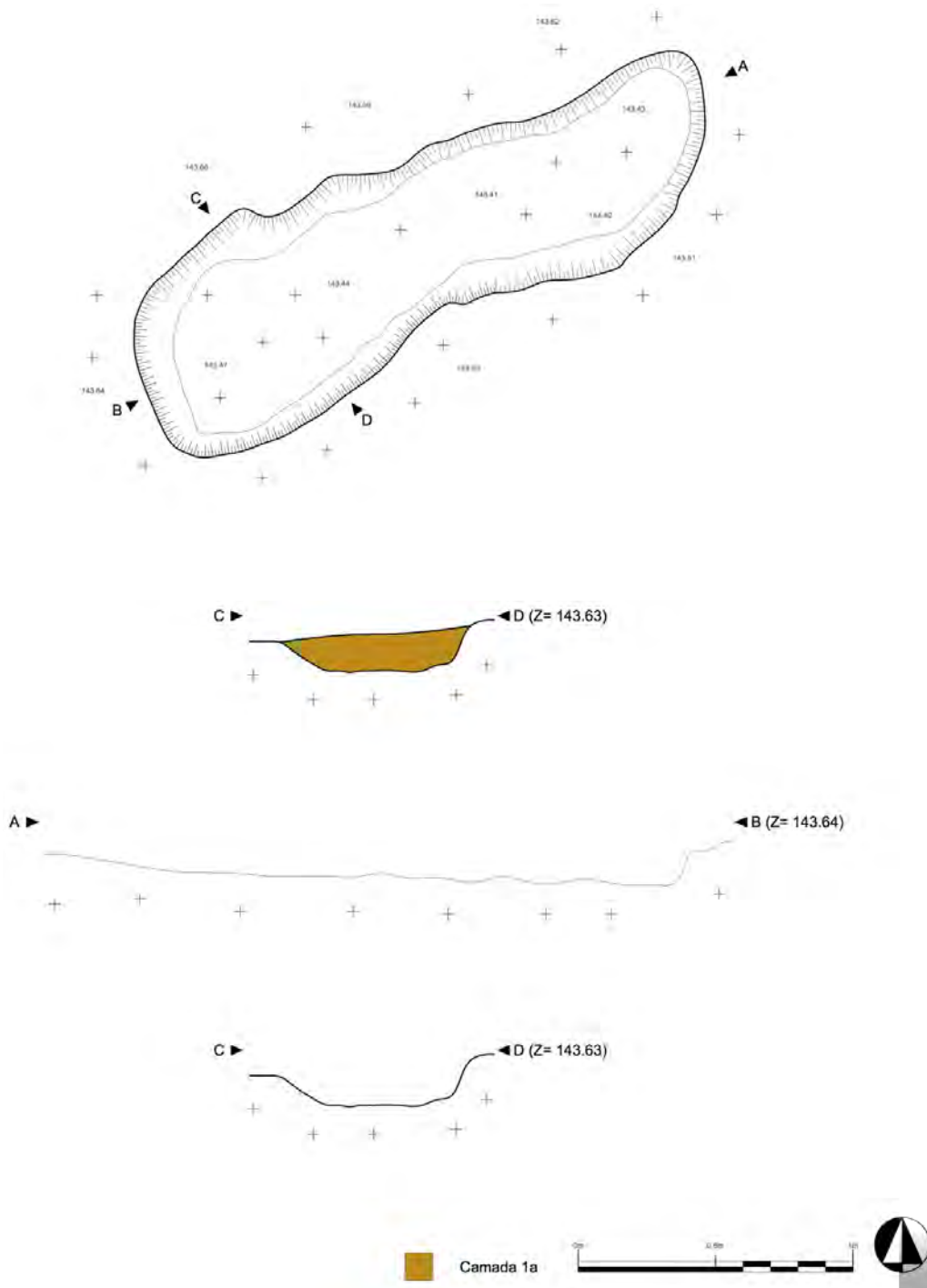


Figura 4.106 – Plano final, perfil e secção da sepultura 7.

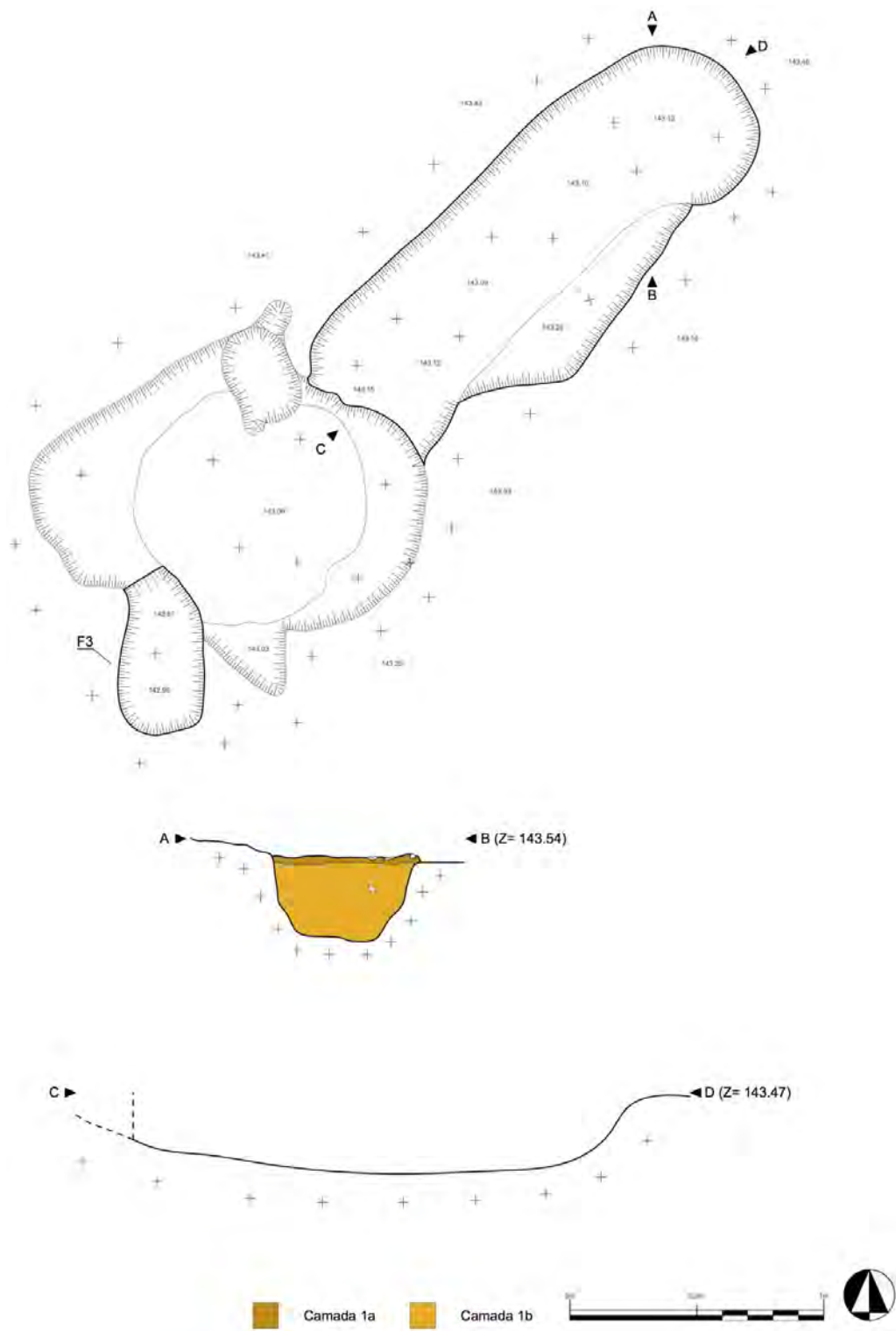


Figura 4.107 – Plano final, perfil e secção da sepultura 8. Na extremidade sudoeste do plano final é possível observar uma perturbação causada por raiz e, mais para sudoeste, a fossa 3.

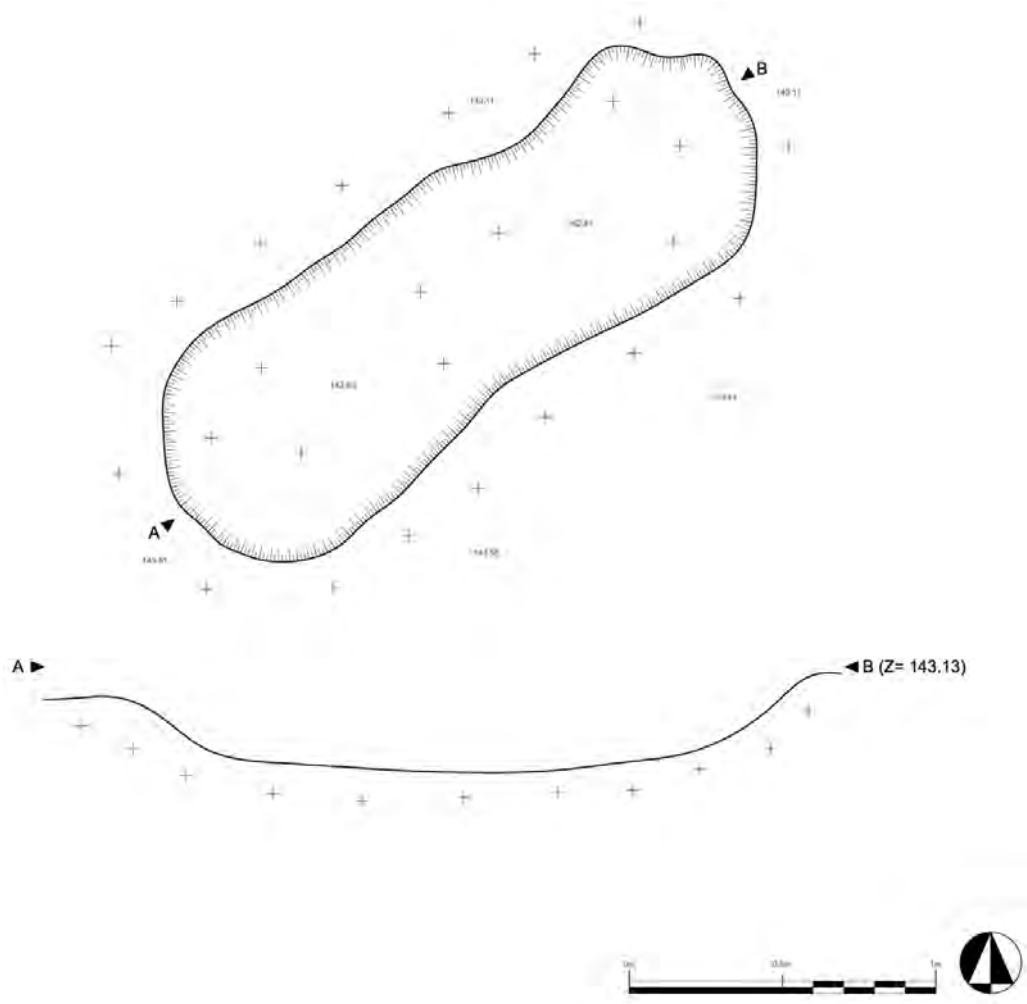


Figura 4.108 – Plano final e secção da sepultura 9.

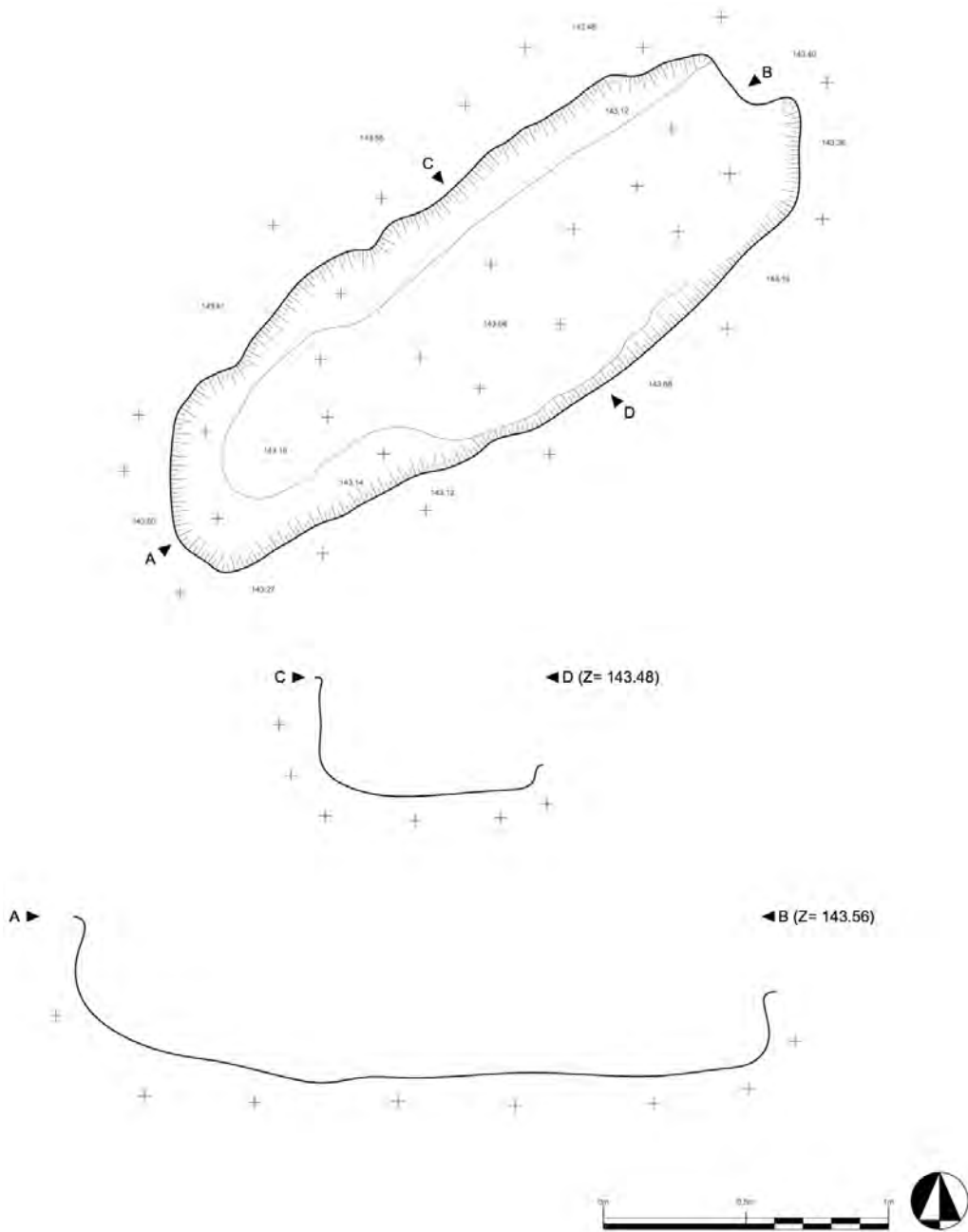


Figura 4.109 – Plano final, perfil e secção da sepultura 10.

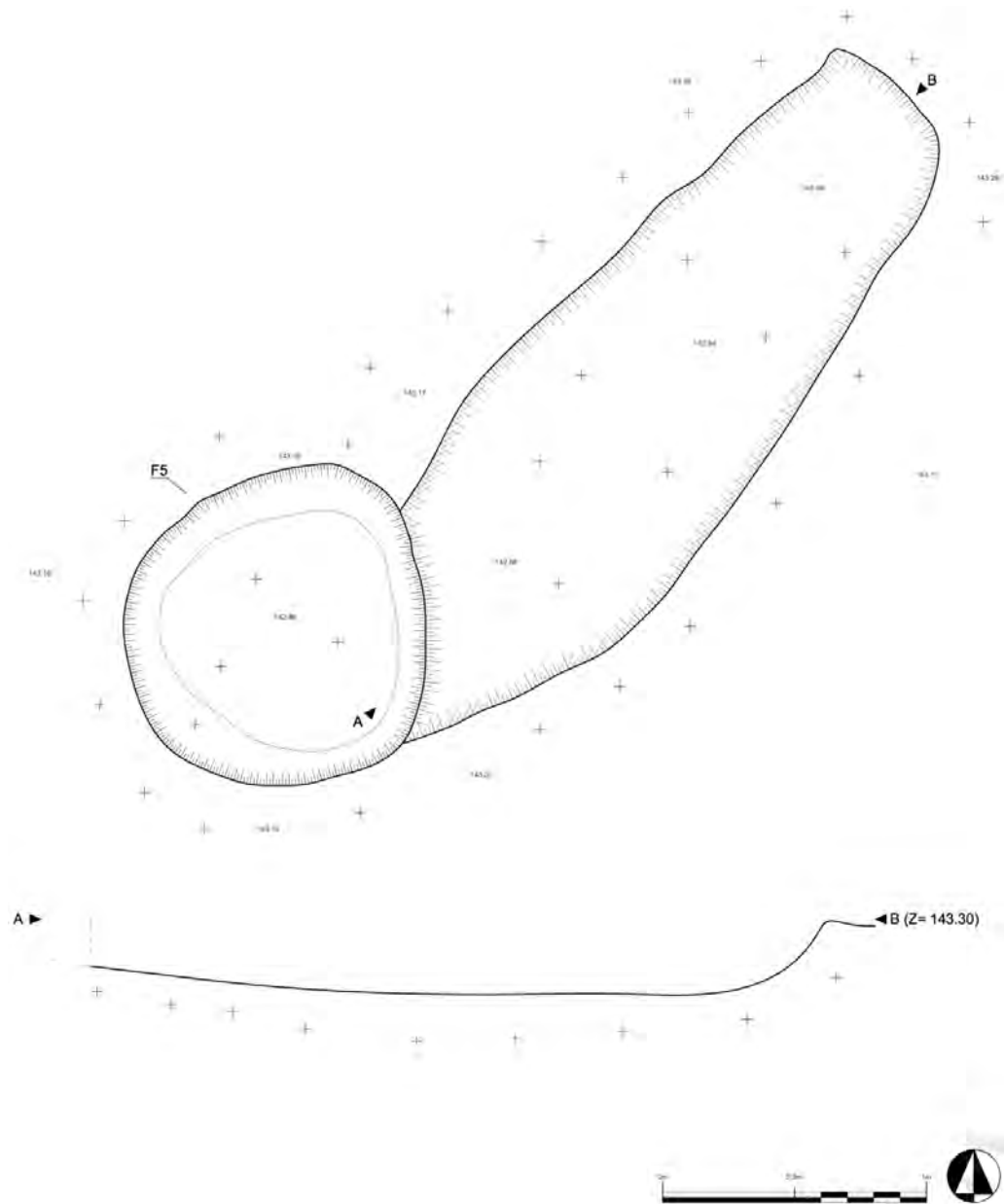


Figura 4.110 – Plano final, perfil e secção da sepultura 11. O seu extremo sudoeste foi cortado pela fossa 5.

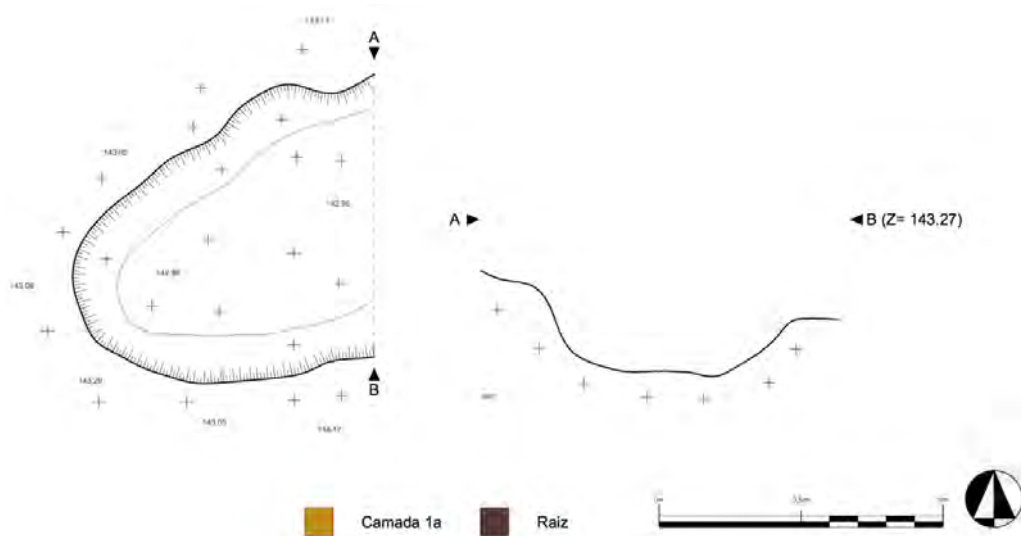


Figura 4.111 – Plano final e secção parciais da sepultura 12 (ainda não escavada na íntegra).



Figura 4.112 – Pormenores fotográficos durante a escavação onde mais tarde se percebeu ter existido uma sepultura plana (a tracejado vermelho).

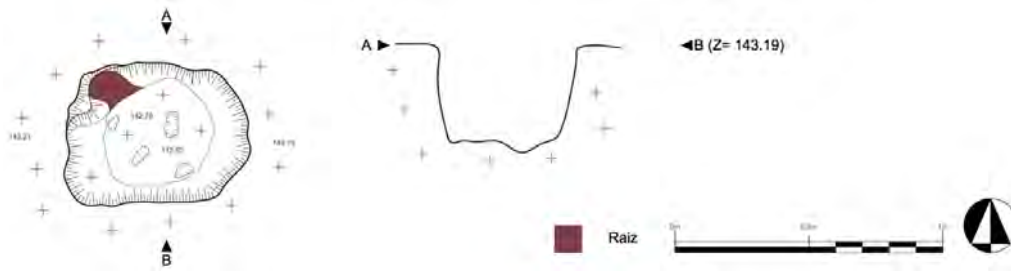


Figura 4.113 – Plano final e secção da fossa 1 do Sector II.

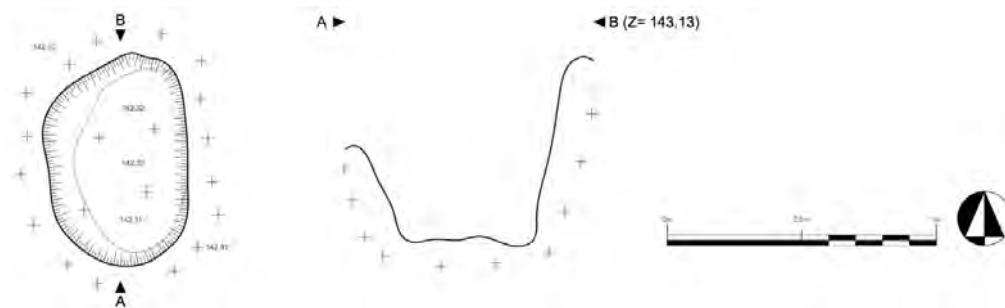


Figura 4.114 – Plano final e secção da fossa 2 do Sector II.

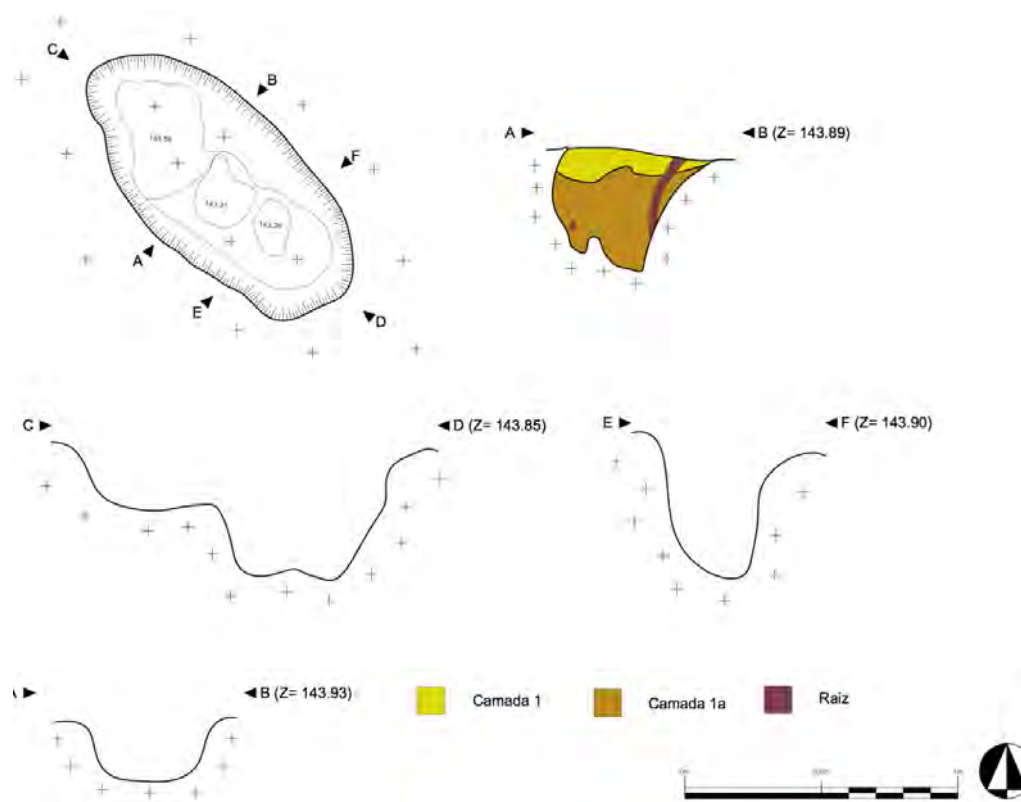


Figura 4.115 – Plano final e secção da fossa 1 do Sector II.

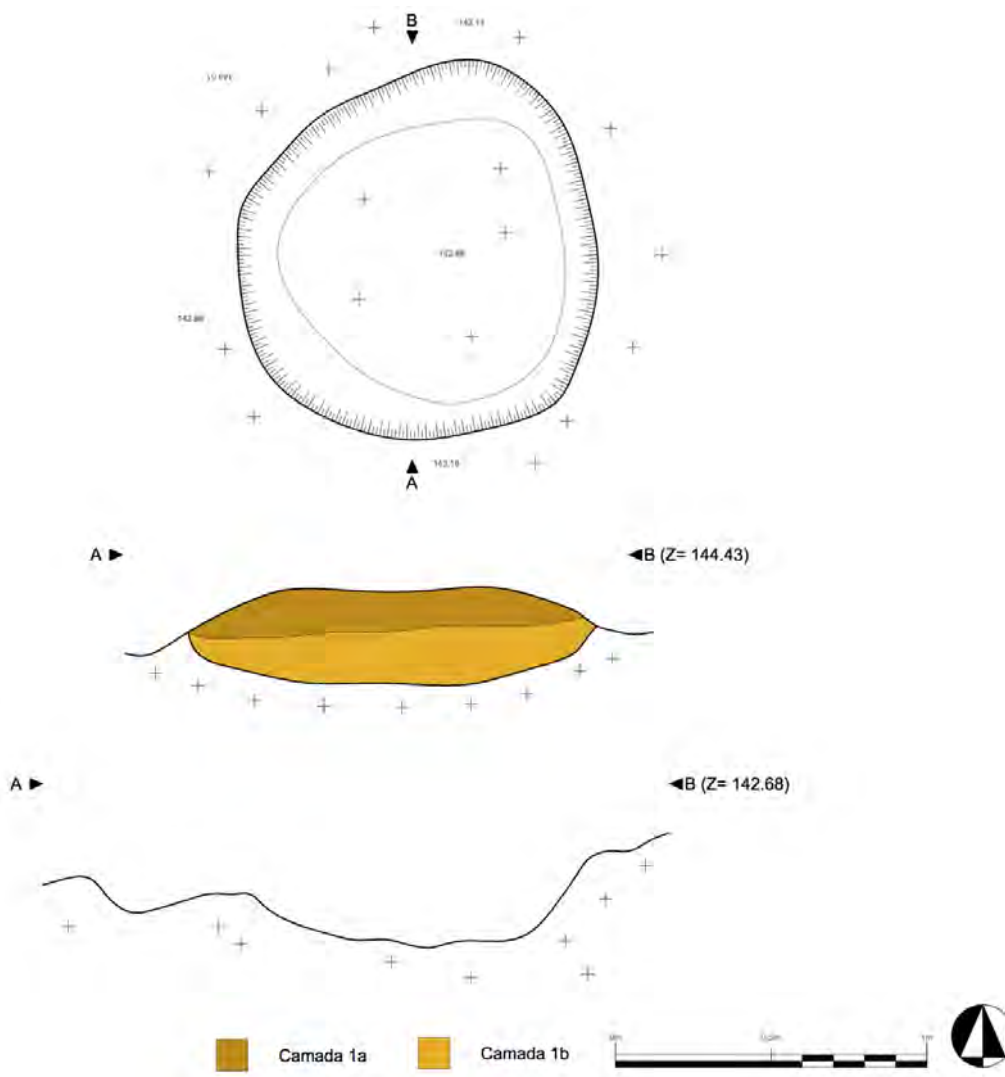


Figura 4.116 – Plano final e secção da fossa 5 do Sector II.

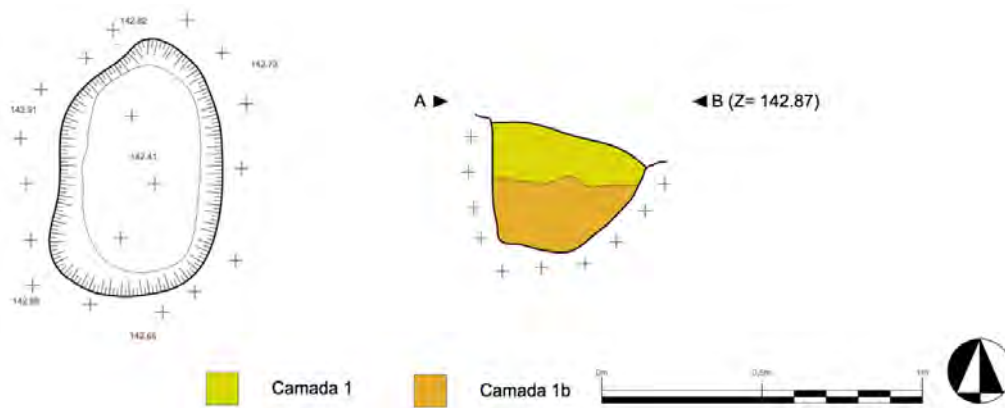


Figura 4.117 – Plano final e secção da fossa 6 do Sector II.

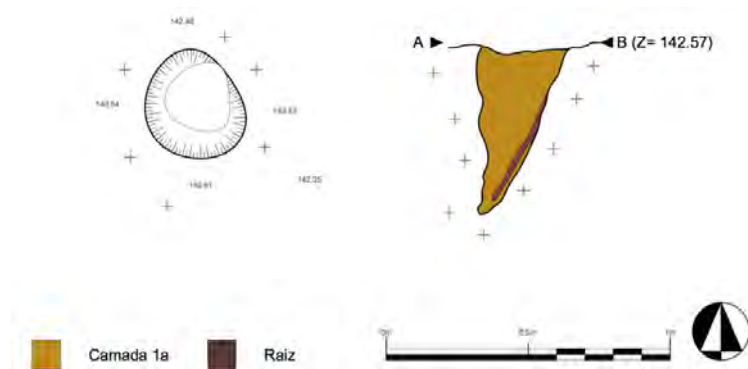


Figura 4.118 – Plano final e secção do buraco de poste 1 do Sector II.

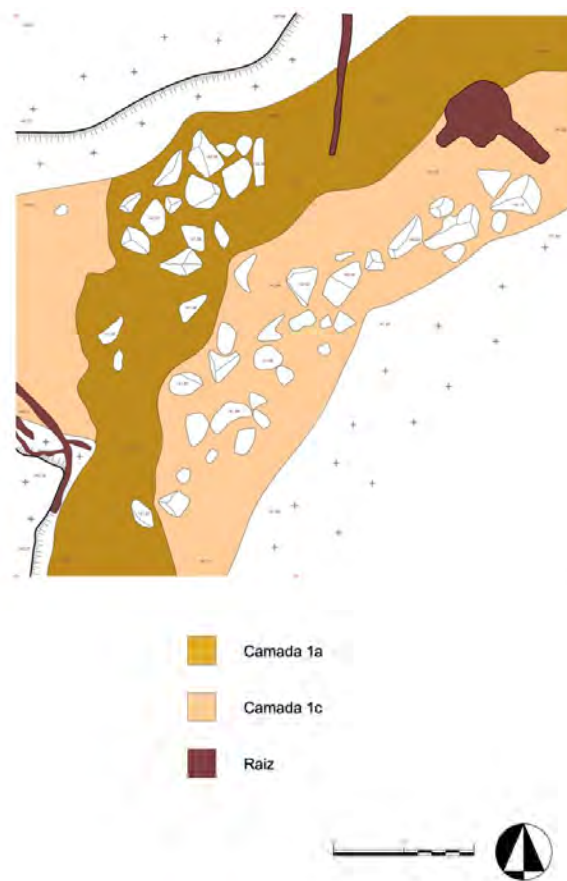


Figura 4.119 – Pormenor do enchimento da vala perimetral no Sector II, na zona em que a mesma bifurcava (entrada).



Figura 4.120 – Pormenor do trecho este da vala perimetral no Sector II, onde é possível observar a sua secção.



Figura 4.121 – Pormenor do trecho este da vala perimetral no Sector II.

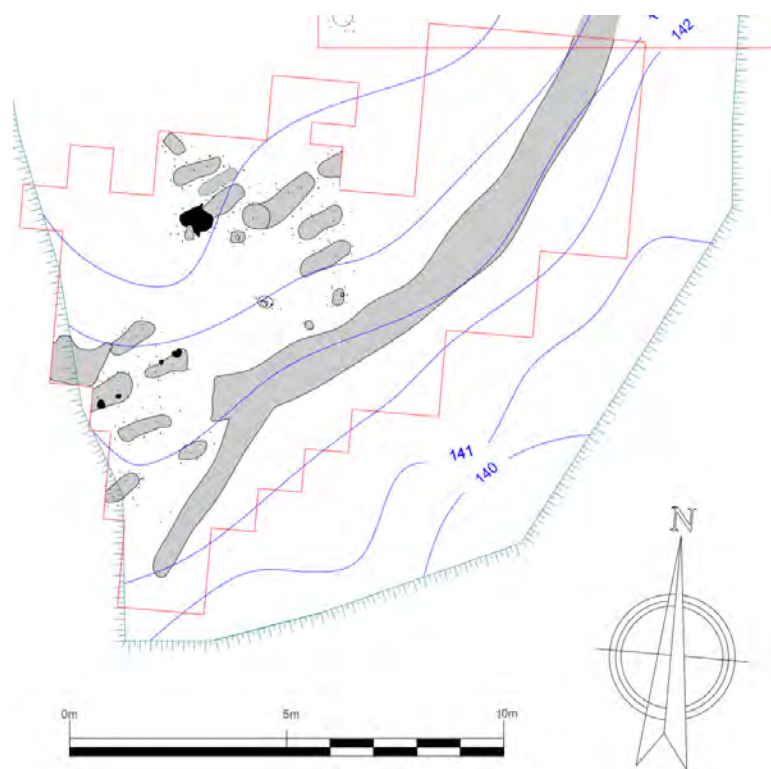


Figura 4.122 – Plano inicial das estruturas do Sector II do Pego.



Figura 4.123 – Fragmentos de grellhas recolhidos em diferentes pontos do Sector II do Pego.

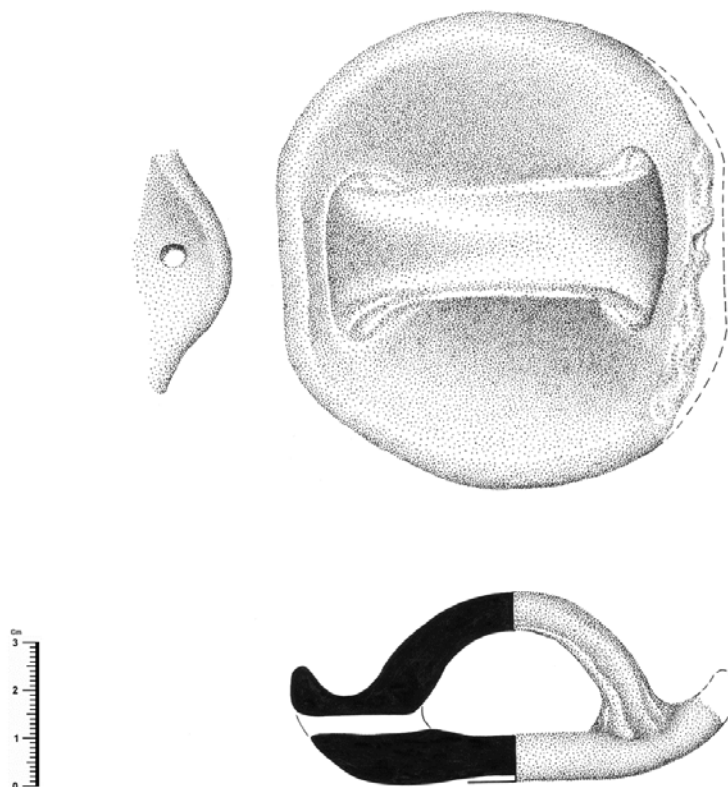


Figura 4.124 – Topo: desenho de tampa recuperada do enchimento do trecho este da vala perimetral, no Sector II. Em baixo: potinho de asas em orelha recuperado no interior da mesma vala, mas no sector V, que faz conjunto com a referida tampa.

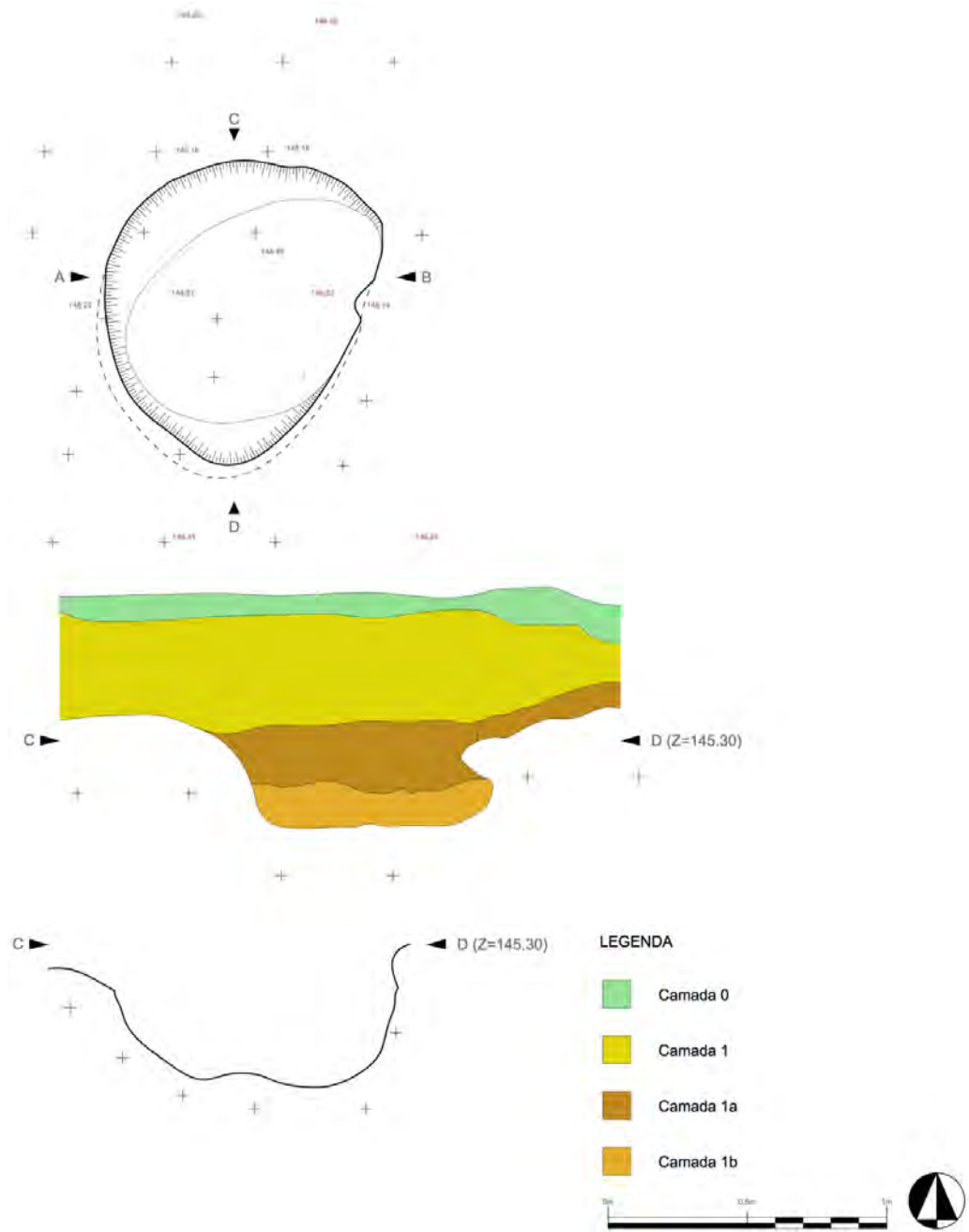


Figura 4.125 – Plano final, perfil e secção da fossa 1 do Sector V.

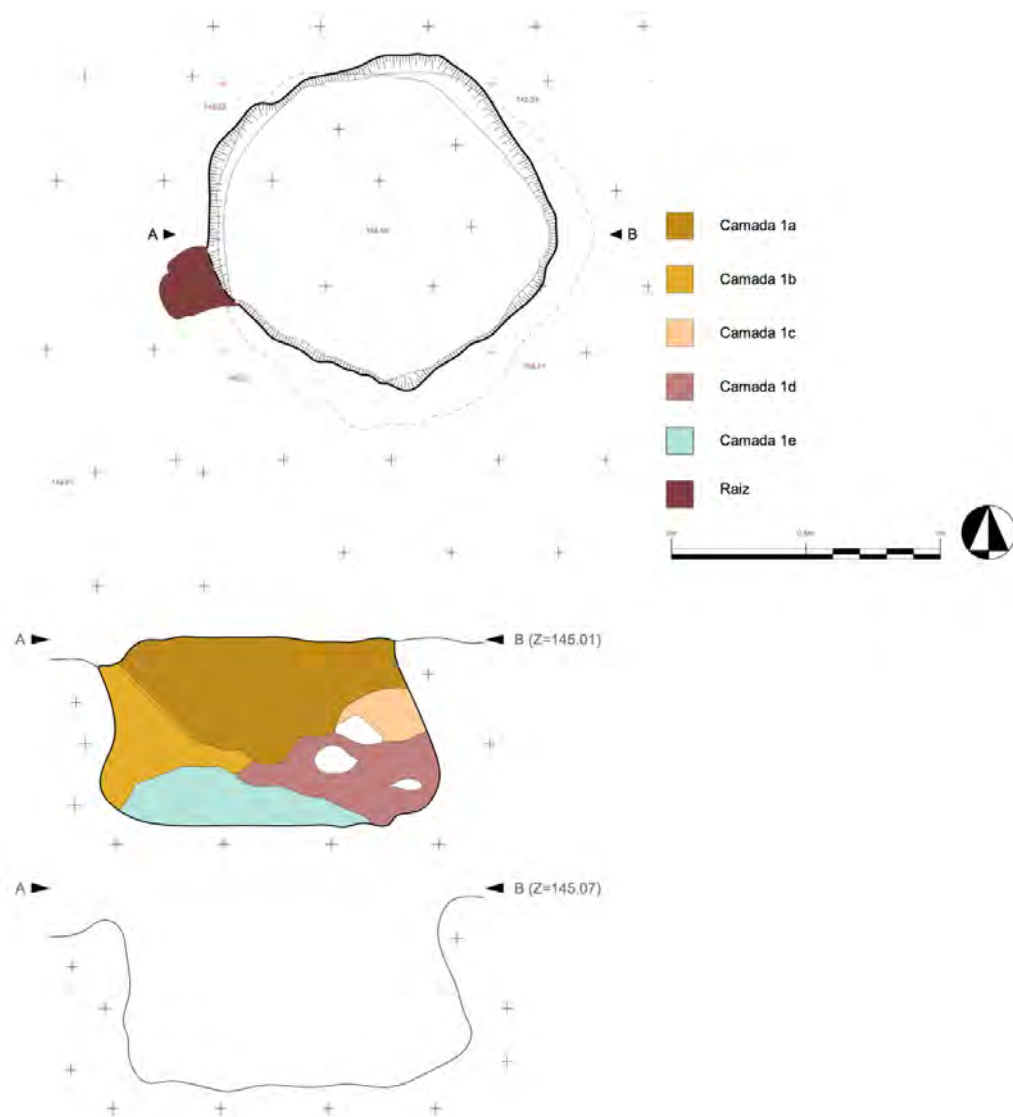


Figura 4.126 – Plano final, perfil e secção da fossa 3 do Sector V. Note-se, na interface poente do plano final, a perturbação de uma raiz.

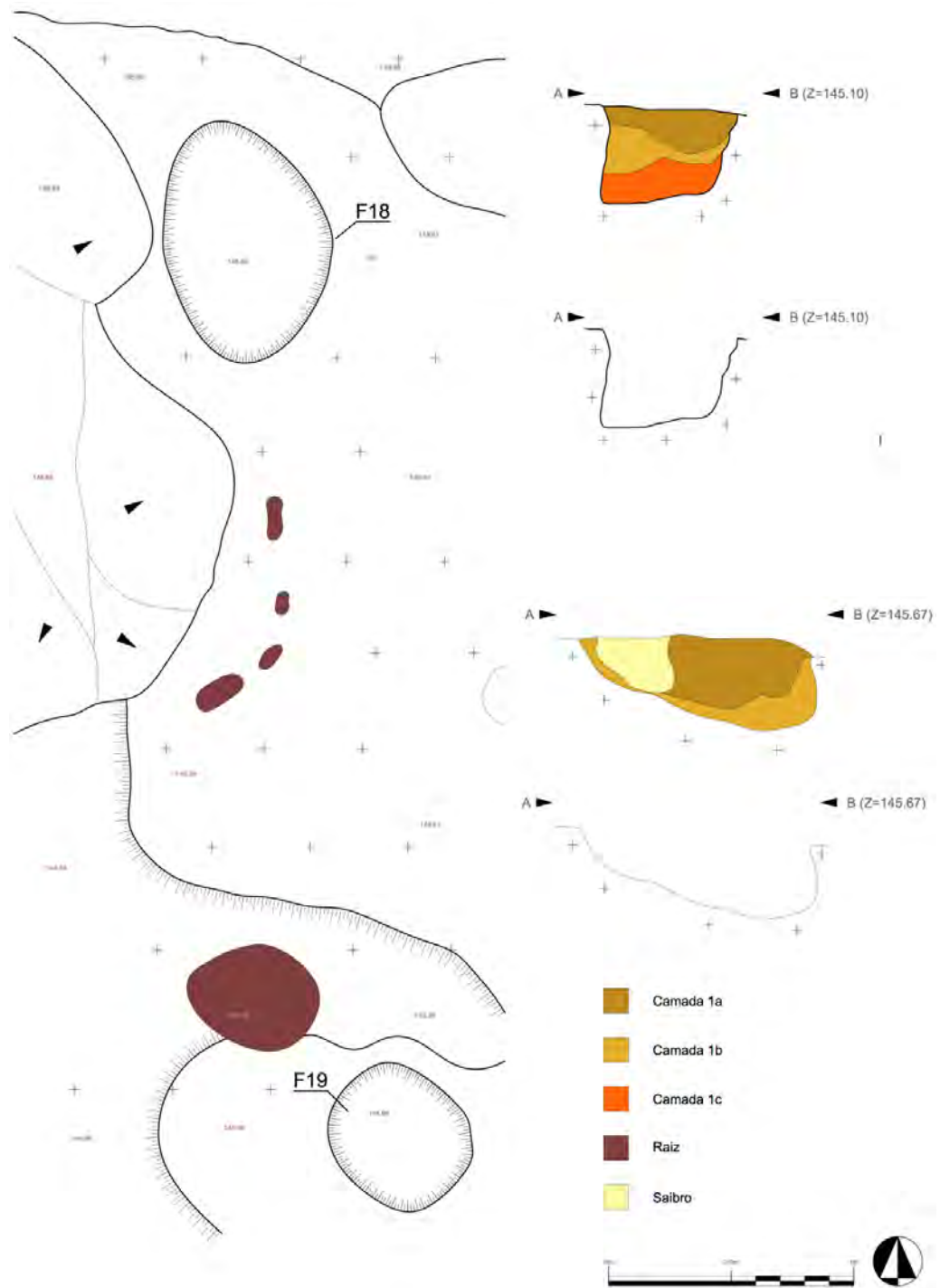


Figura 4.127 – Plano final, perfis e secções das fossas 18 (topo direito) e 19 (centro direito) do Sector V.

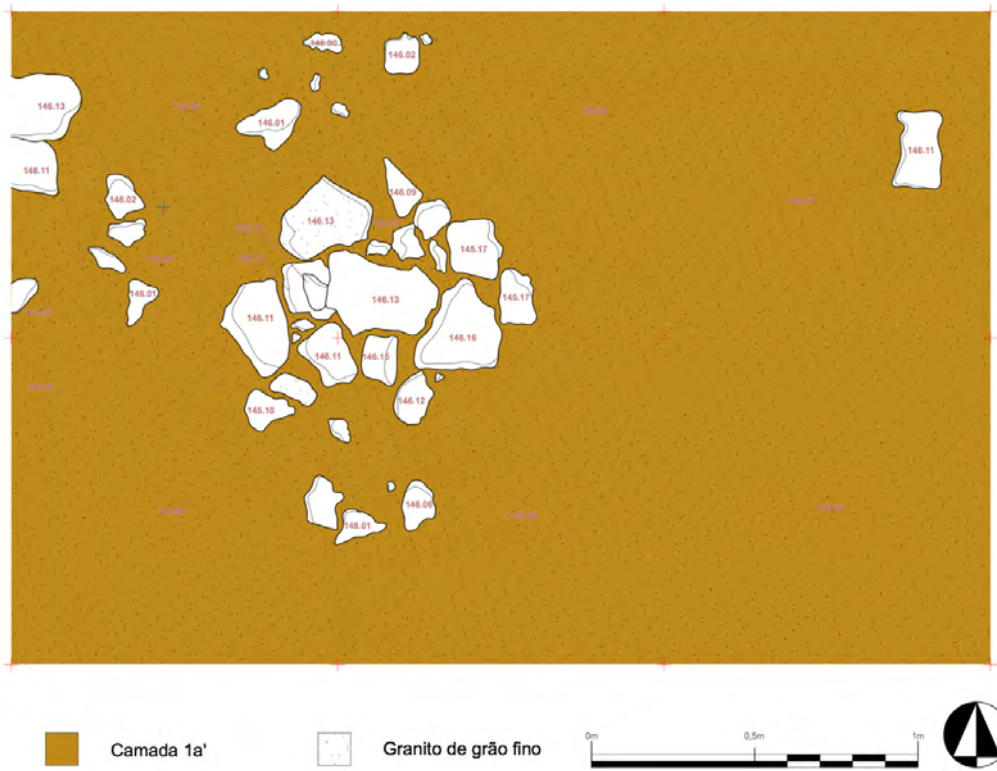


Figura 4.128 – Empedrado respeitante a estrutura de combustão identificado em relação a camada 1a', Sector V.



Figura 4.129 – Plano inicial da hipotética “caixa de areia” identificada no Sector V.

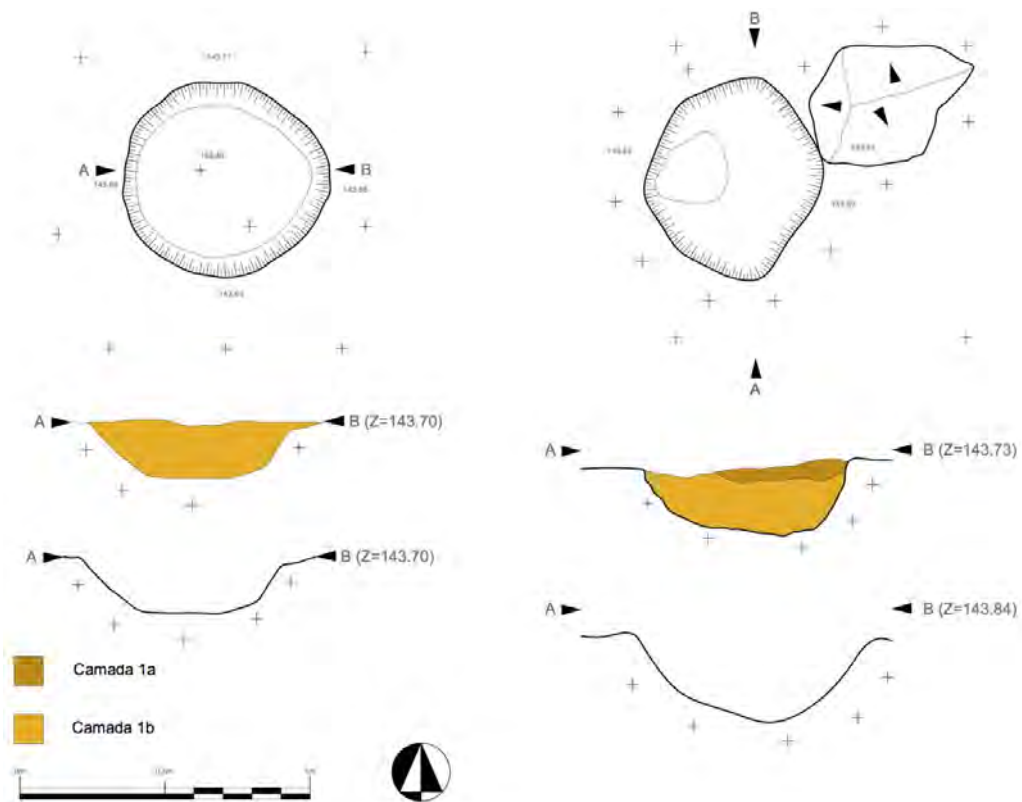


Figura 4.130 – Plano final, perfis e secções das fossas 7 e 8 do Sector V.

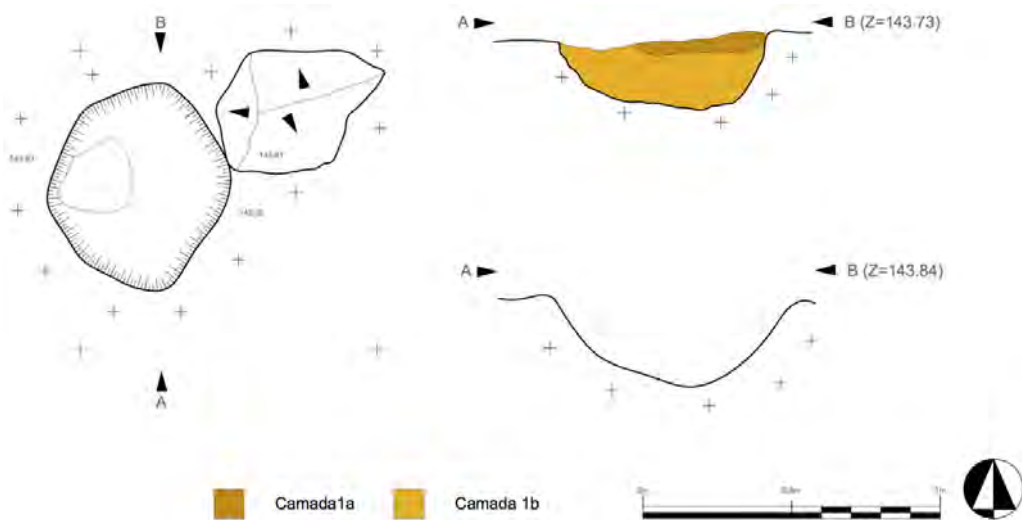


Figura 4.131 – Plano final, perfil e secção da fossa 9 do Sector V.

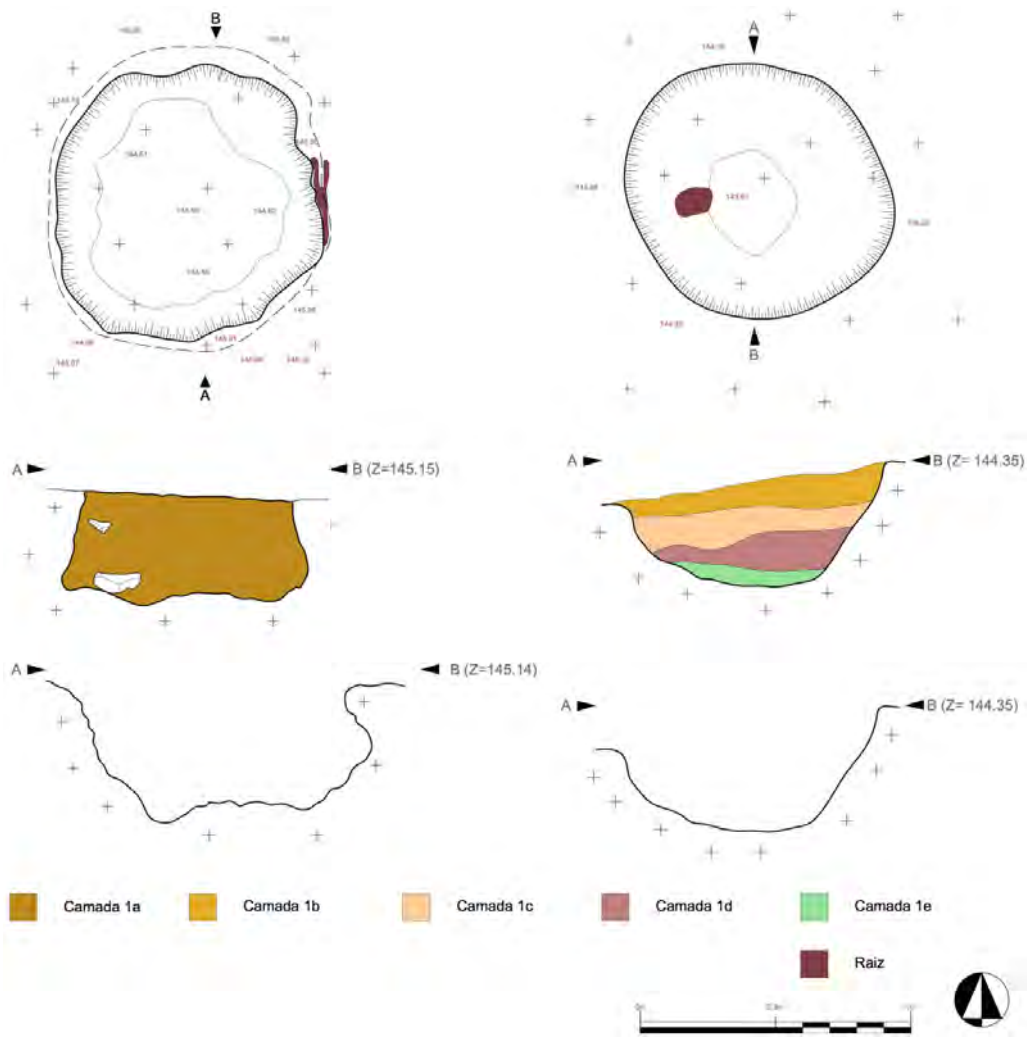


Figura 4.132 – Planos finais, perfis e secções das fossas 12 e 13 do Sector V.

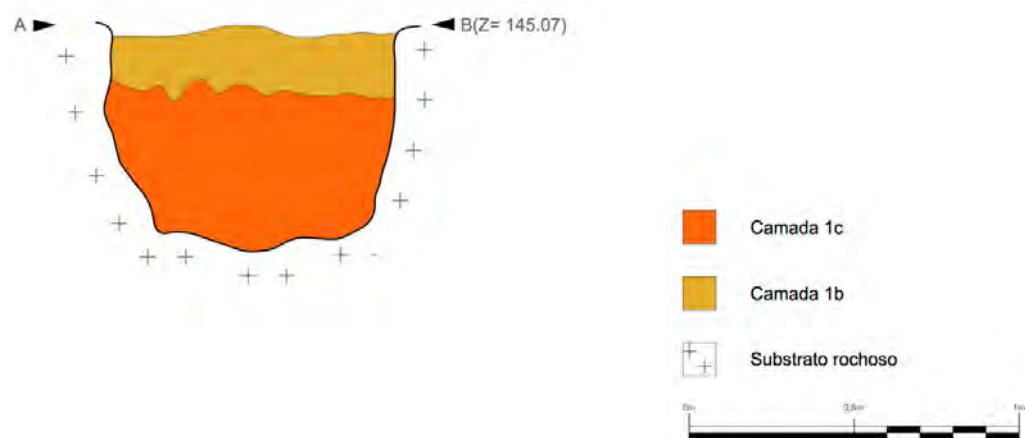


Figura 4.133 – Secção da fossa 14 do Sector V.

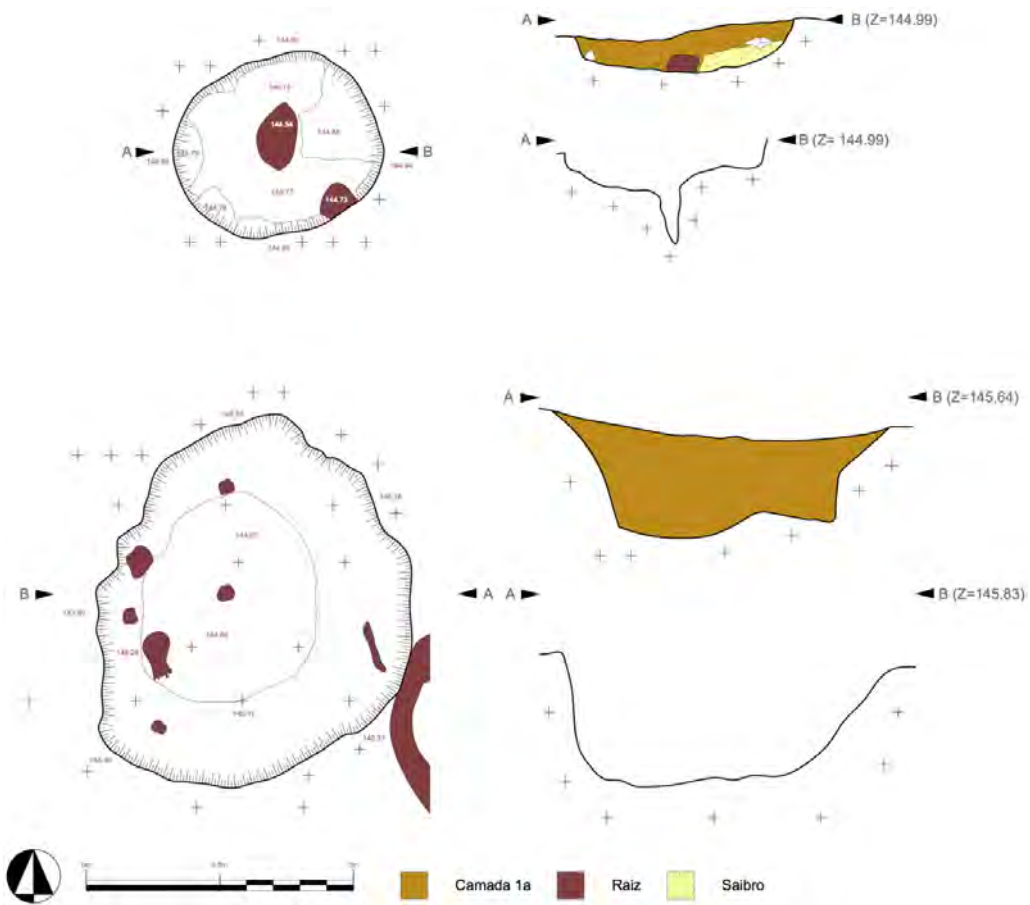


Figura 4.134 – Planos finais, perfis e secções das fossas 16 e 17 do Sector V.

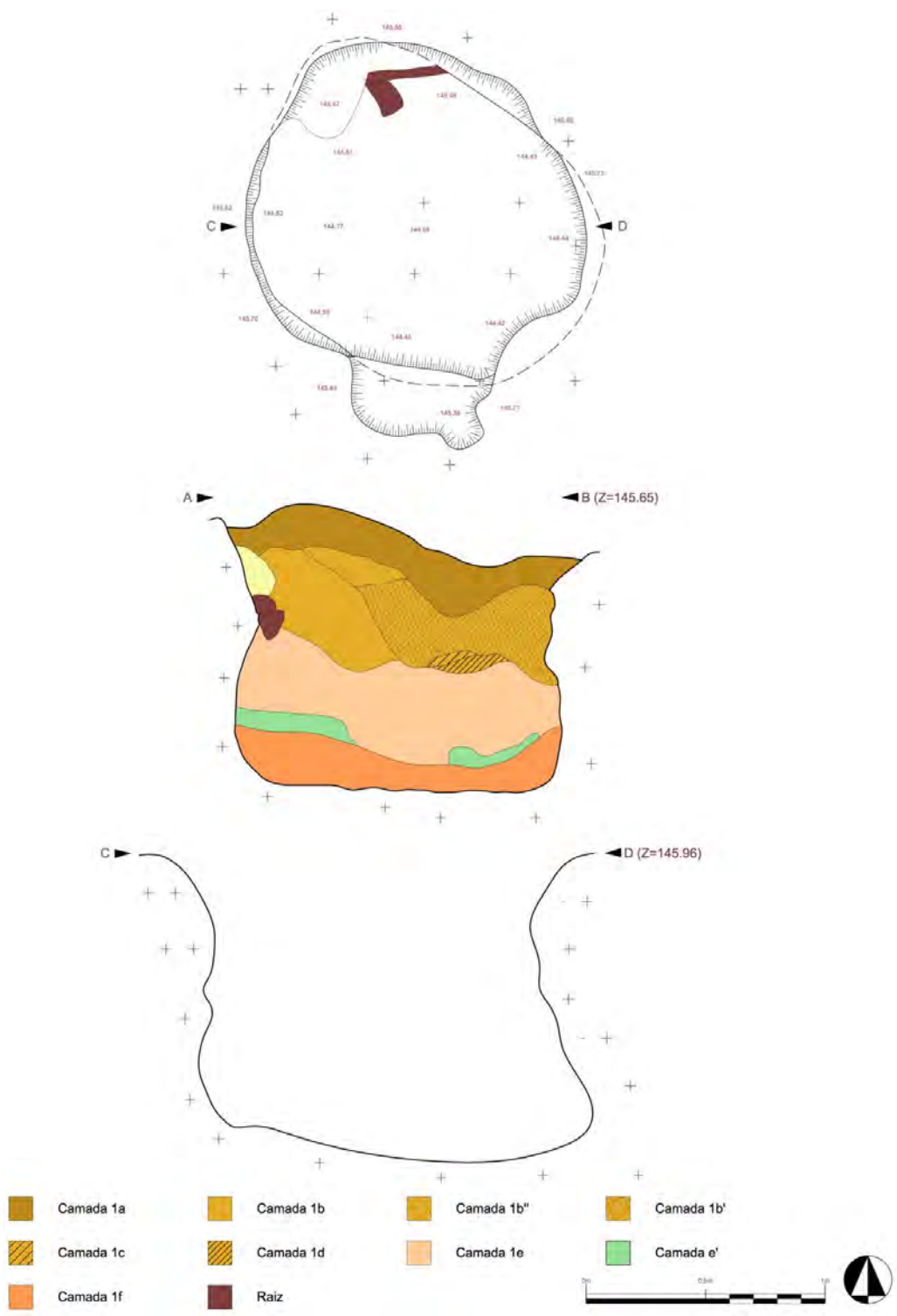


Figura 4.135 – Plano final, perfil e seção da fossa 20 do Sector V.

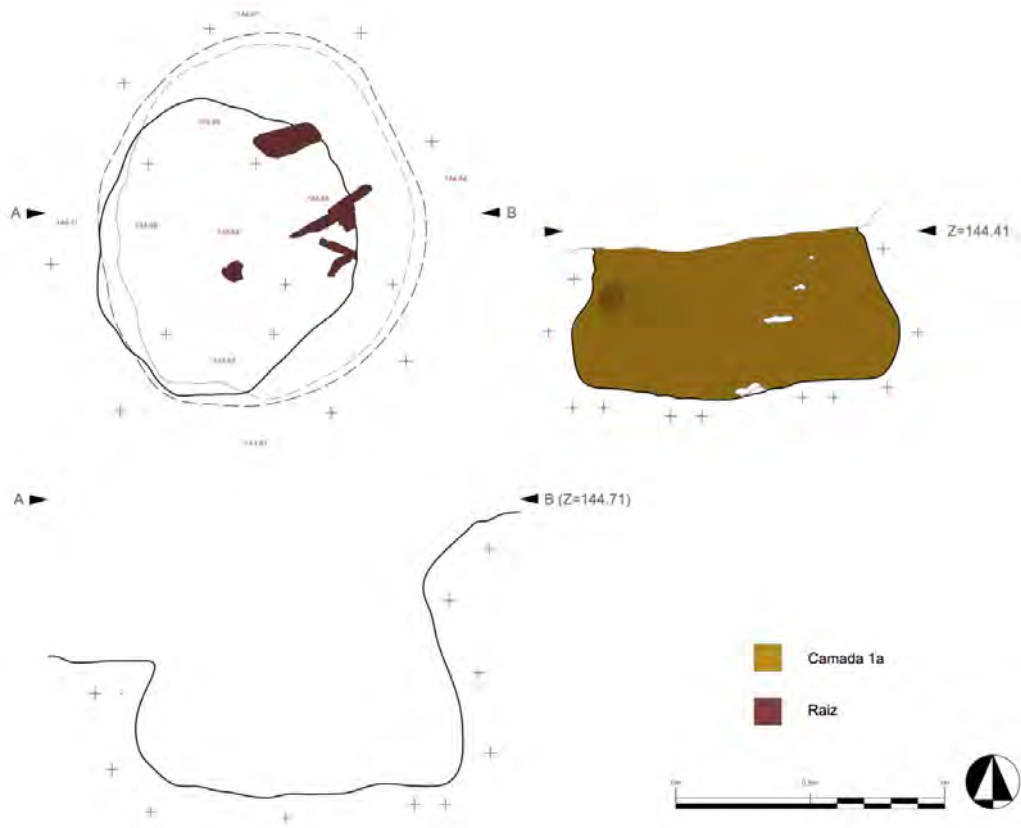


Figura 4.136 – Plano final, perfil e secção da fossa 21 do Sector V.

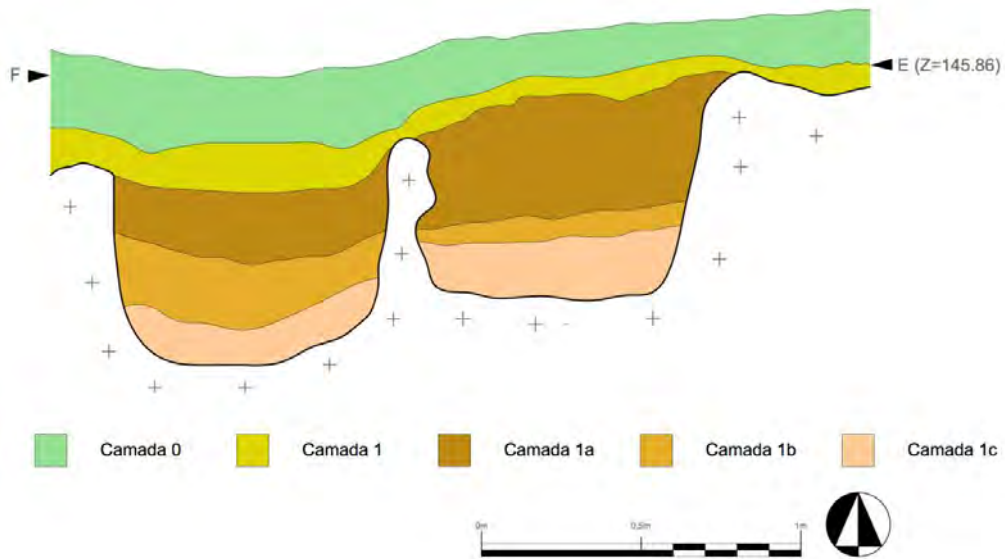


Figura 4.137 – Perfil das fossas 27 e 28 do Sector V.

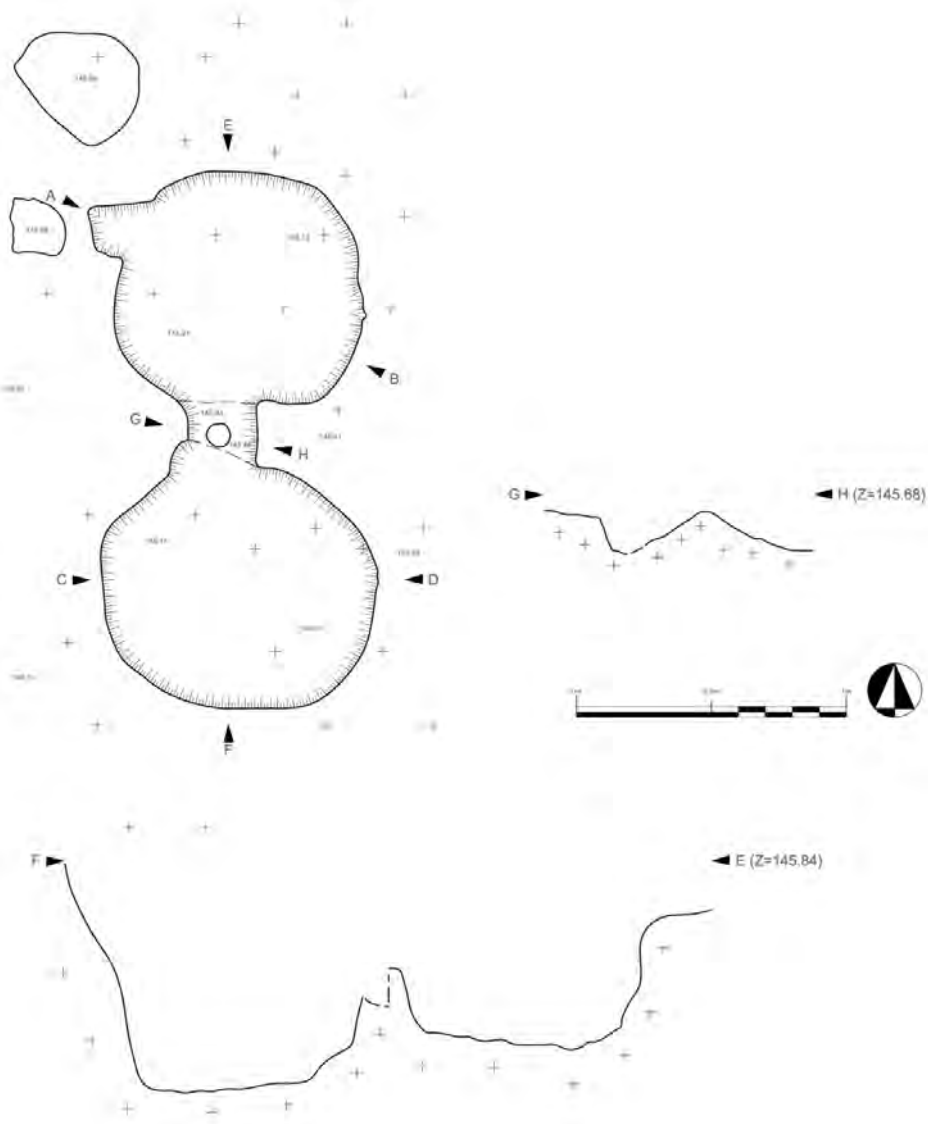


Figura 4.138 – Plano final e secções das fossas 27 e 28 do Sector V.

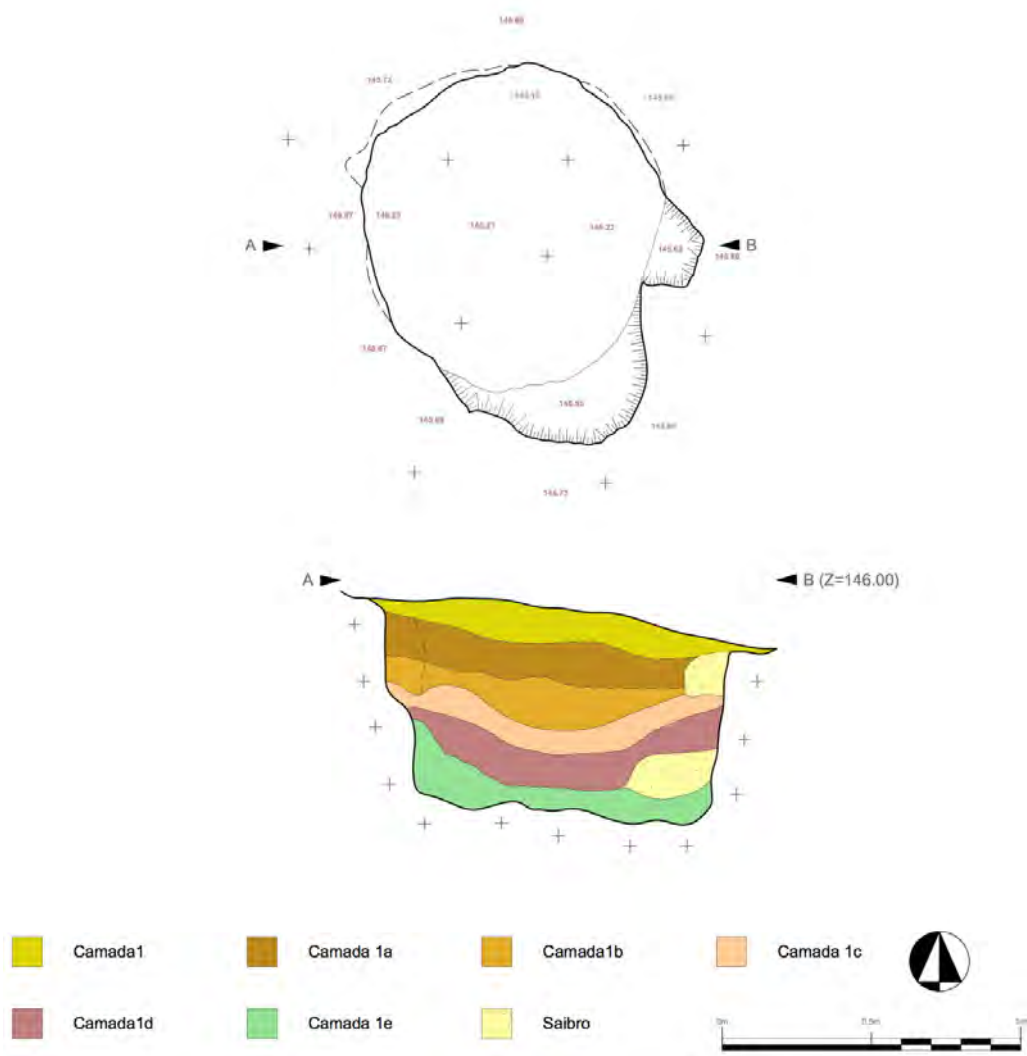


Figura 4.139 – Plano final e perfil da fossa 31 do Sector V.

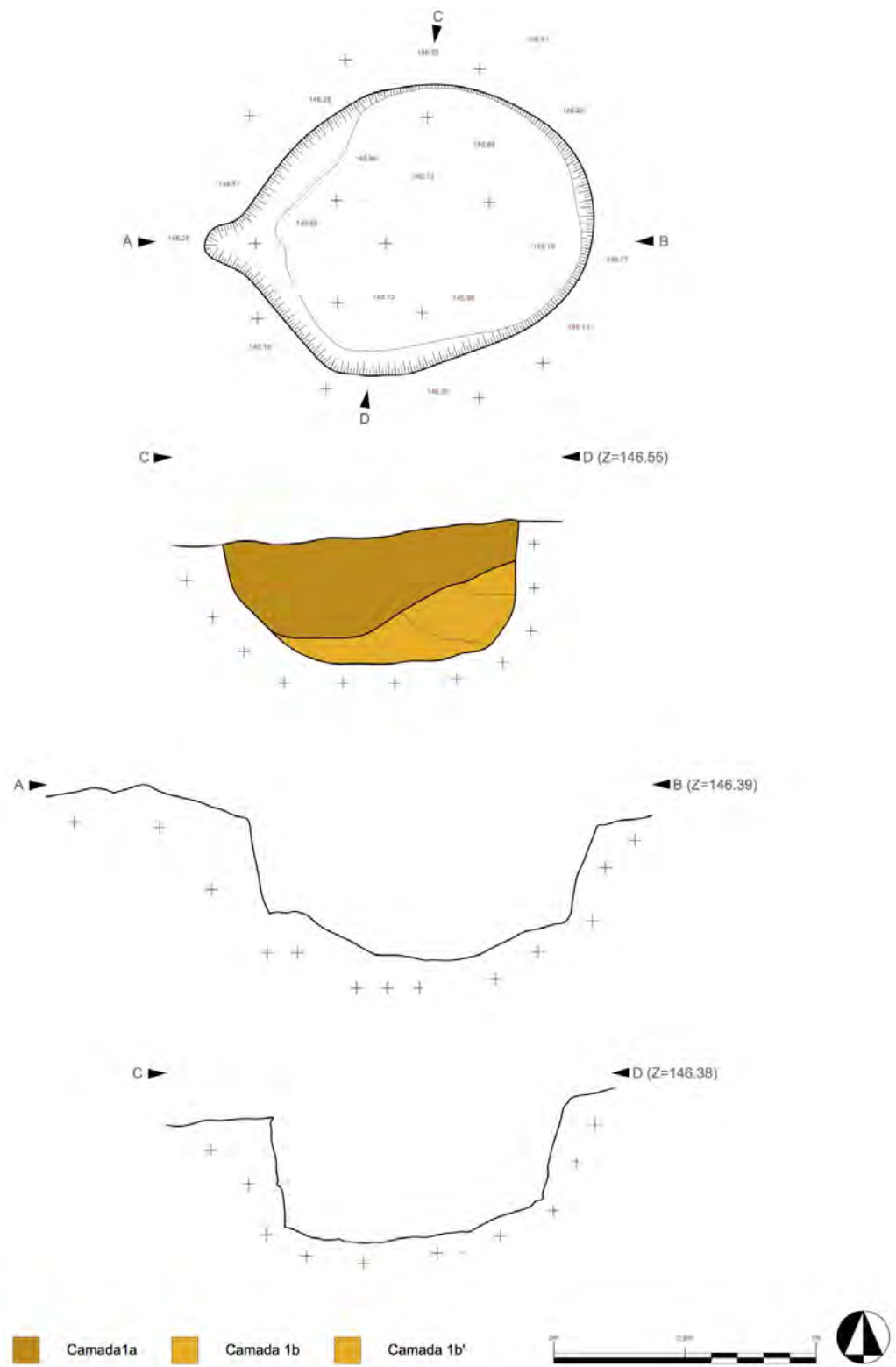


Figura 4.140 – Plano final, perfil e secção da fossa 33 do Sector V.

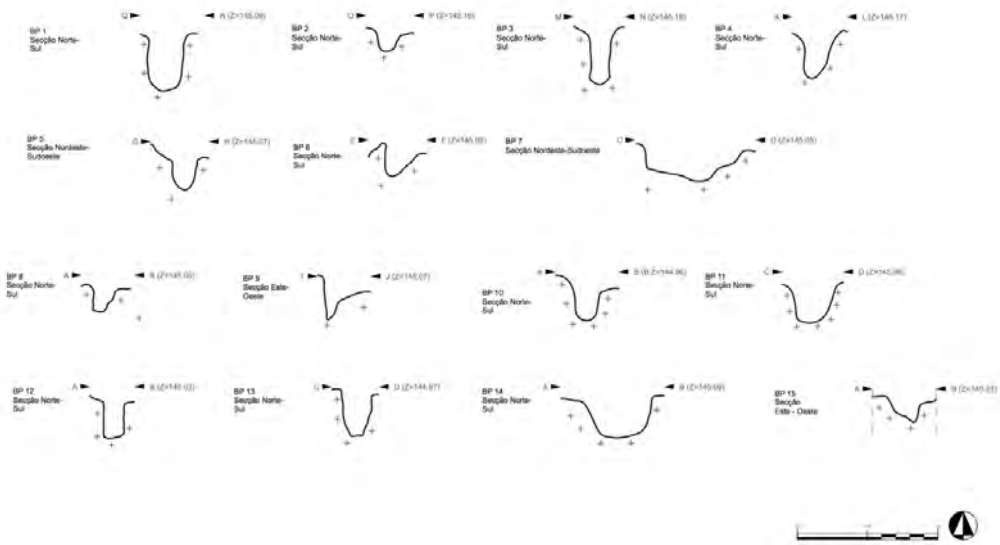


Figura 4.141 – Secções dos buracos de poste 1 a 15 do Sector V.

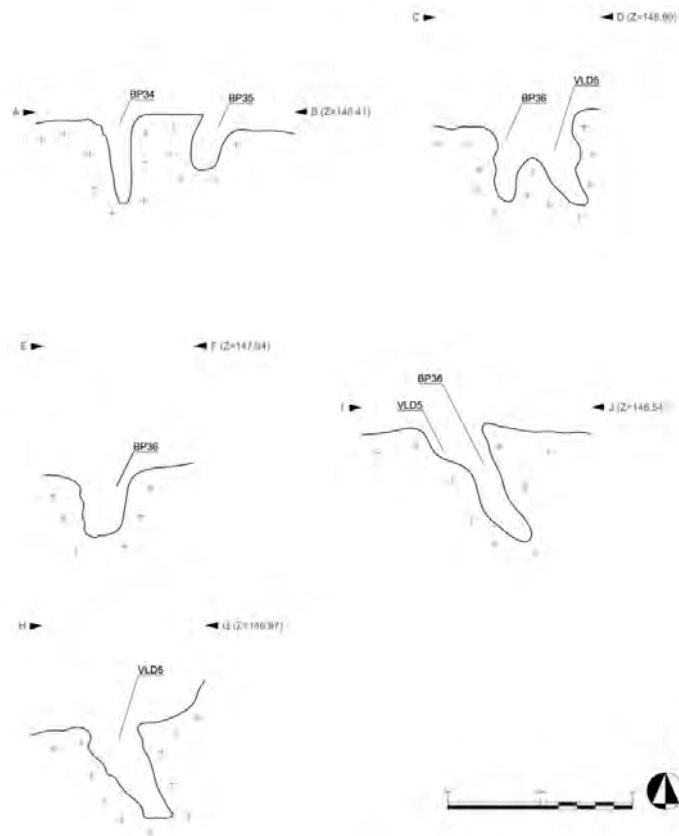


Figura 4.142 – Secções dos buracos de poste 34, 35 e 36 e do valdo 5, Sector V.

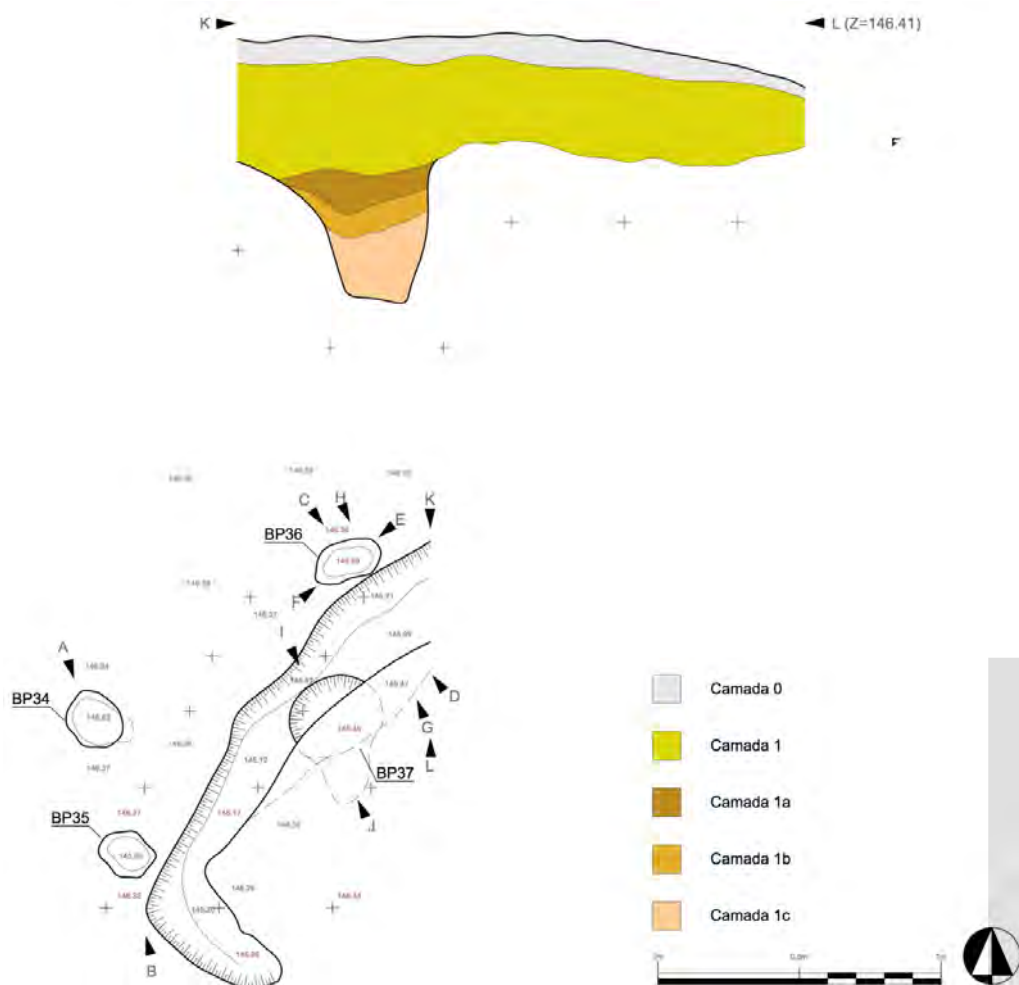


Figura 4.143 – Perfil e plano final do valado 5 e plano final dos buracos de poste aparentemente associados, Sector V.



Figura 4.144 – Plano final do buraco de poste 38, na parede exterior da vala perimetral, no quadrante nordeste do Sector V.



Figura 4.145 – Perfil estratigráfico onde é possível atestar a forma da secção da vala perimetral, Sector V.



Figura 4.146 – Outras formas cerâmicas, no momento da descoberta, intencionalmente depositadas no interior da vala perimetral, no quadrante nordeste, Sector V.

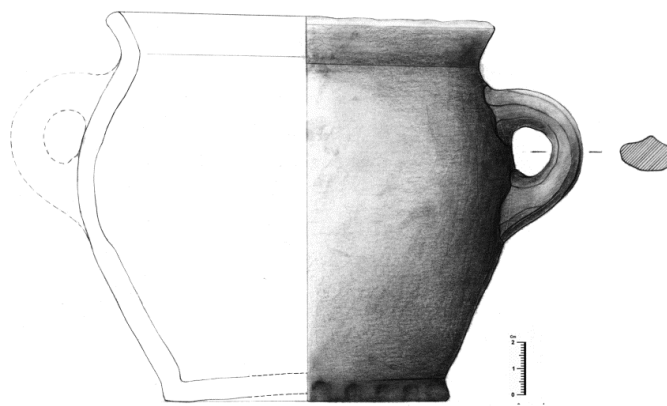


Figura 4.147 – Púcaro recuperado da camada 1d, quadrado +D36, da vala perimetral (vide figura 4.145).



Figura 4.148 – Planta final dos sectores II e V do Pego com distribuição das estruturas.

3. Estudo monográfico da Quinta do Amorim

3.1. Nota prévia

Um dos principais objetivos deste ponto foi o de compilar os dados recolhidos durante os trabalhos de escavação realizados no sítio de Quinta do Amorim.

O principal motivo que levou à intervenção neste local tem que ver diretamente com a construção do Novo Hospital de Braga (NHB). Por esse motivo, os trabalhos de escavação ali desenvolvidos desenrolaram-se no quadro de intervenção de emergência, em contexto de obra, já que a construção colocava em risco os vestígios ali detetados.

A justificar a coordenação da equipa de escavação no terreno o signatário tinha a aprovação junto do IGESPAR, IP de um Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos¹, o qual abarcava a área em questão e integrava o seu projeto de doutoramento.

Assinale-se o agradecimento especial a todos os que ajudaram, direta ou indiretamente, na realização desta árdua tarefa. Assim, regista-se o reconhecimento ao geólogo Luís Gonçalves, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, pelas visitas de campo. À professora Doutora Ana M.S. Bettencourt, por aceitar a consultoria científica da escavação, à direção e equipa técnica do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, nomeadamente à Dra. Isabel Silva, à Clara Lobo e ao Manuel Santos, e em especial à Amélia Marques e ao Rui Silva, pela disponibilidade para desenhar os materiais apresentados em anexo. Agradece-se, também, a Hélia Aluai Sampaio o tratamento gráfico e a vectorização dos desenhos de campo apresentados.

Finalmente, à Fundação para a Ciência e Tecnologia que, através da concessão de uma bolsa de doutoramento (Ref. SFRH/BD/41776/2007), proporcionou as condições necessárias para a consecução das tarefas que compunham a proposta de doutoramento apresentada.

3.2. Introdução

No âmbito da construção das instalações do NHB, iniciada durante o 2º semestre de 2008, o sítio foi alvo de acompanhamento arqueológico², ficando este trabalho a cargo da empresa *Procesl* – Engenharia Hidráulica e Ambiental Lda.

¹ P.N.T.A. com a referência IBVA 2008/1 (554).

² Num primeiro momento estes trabalhos estiveram a cargo de L. Vilas Boas passando, posteriormente, para a responsabilidade de Joana Lemos. A proximidade desta construção do sistema de abastecimento de água das Sete Fontes motivou vários protestos, colocando em risco aquele monumento.

Durante a primeira fase desses trabalhos foram recolhidos por L. Vilas Boas (comunicação pessoal), aquando da abertura mecânica de uma vala, fragmentos cerâmicos que permitiram reconstruir um perfil completo de um vaso de bordo horizontal e fragmentos de bordos de outros dois vasos semelhantes, formas estas características da Idade do Bronze. Esta descoberta levou à imposição, pelo então Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR, I.P.), da escavação integral da área afeta ao projeto construtivo³. Foi, assim, formada uma equipa de escavação coordenada no terreno pelo signatário e pela arqueóloga M. Amorim⁴. A consultoria científica ficou a cargo da Professora Doutora Ana M. S. Bettencourt. Os trabalhos de escavação tiveram a duração de quatro meses e decorreram entre Janeiro e Abril de 2009. Destes trabalhos resultou um relatório preliminar, entregue ao consórcio de obra, e um relatório final, apresentado à tutela, de autoria conjunta do signatário e de M. Amorim.

A consecução dos trabalhos de escavação permitiu identificar um grupo de estruturas abertas no substrato rochoso dispersas por uma área considerável. No seu conjunto e de uma forma geral, as suas características construtivas e os materiais a elas associados mostravam diferenças entre si, por sua vez diretamente relacionáveis com diferentes momentos de ocupação registados no local. Verifica-se, assim, a par de materiais datáveis da Idade do Bronze, outros materiais já inclusos em fase histórica, nomeadamente no período romano.

3.3. Localização, contexto físico e ambiental e enquadramento arqueológico

O sítio de Quinta do Amorim II situa-se a jusante da rua José Ferreira Alves, na freguesia de São Victor, no concelho e distrito de Braga. Segundo o Sistema WGS84, localiza-se às coordenadas geográficas de 41,566240 N e -8,397245 W, entre as linhas altimétricas dos 260 e dos 270 metros (Fig. 4.153).

Ocupando uma zona de pendente suave na vertente sul do Monte de Pedroso, onde se implementa um marco trigonométrico com igual designação, destaca-se no extremo sudoeste do complexo da serra do Carvalho (Fig. 4.154).

³ Esta imposição teve que ver com o carácter parcelar e localizado próprio de sondagens arqueológicas. Para além de não ser uma estratégia que se coadune com os vestígios deste período cronológico-cultural, pelo facto de nem sempre permitirem a identificação de estruturas, as dimensões da obra e as suas implicações na extração/movimentação de terras (em quantidade e em profundidade) apresentava-se irreversivelmente significativa. Além disso, principalmente pela proximidade do sítio arqueológico de Caixa d'Água/Bouça do Monte/Quinta do Amorim, parecia indubitável o potencial arqueológico do local.

⁴ Formada pelos arqueólogos Cláudia Manuel e João Fernandes e pelo técnico de arqueologia Ricardo Brochado, com colaboração esporádica dos arqueólogos Tiago Silva, João Rebuge e Gabriela Santos.

Próximo da zona de cumeada que separa as bacias hidrográficas do rio Cávado, a norte, e do rio Ave, a sul, a última das quais integra este local, implementa-se junto do interflúvio da ribeira de Areal e da ribeira de Gualtar, afluentes do rio Este pela sua margem direita.

Pela sua proximidade, distando daquelas ribeiras cerca de 500 metros para oeste e sudeste, respetivamente, detém ótimas condições de visibilidade para os respetivos vales.

A presença de água no local é bem atestada pelo complexo de mães de água das Sete Fontes, monumento de época moderna ainda em funcionamento. Além disso, a boa drenagem da área permite, na zona de vales imediatos, a implementação de solos de aptidão agrícola (Fig. 4.55).

A fraca potência estratigráfica do sítio resultará das suas condições físicas e geomorfológicas. A presença de processos erosivos por ação física de agentes subaéreos e de fenómenos de meteorização do granito, identificada pontualmente pela arenização do substrato rochoso (transformando-o em arena granítica), poderão explicar, pelo menos em parte, a não preservação de níveis arqueológicos de ocupação/abandono. Se tais factos poderiam justificar, também, o estado “incompleto” de determinadas estruturas – as quais aparentam ter sido “cortadas” no seu topo –, os níveis de antropização da área apontam, igualmente, para a mão do homem na alteração original dos vestígios arqueológicos.

Geologicamente e segundo análise à Carta Geológica de Portugal, folha 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000), à escala 1/50 000, o local situa-se sobre a extremidade noroeste de uma faixa de granodiorito que se vem desenvolvendo desde Longos/Briteiros (Guimarães), no sentido sudeste/noroeste (Fig. 4.156). Inclui monzogranitos biotíticos, porfíroides, de grão médio, orientado, com grandes megacristais de feldspato potássico, também conhecido como Granito do Sameiro. Conforme indicação de L. Gonçalves⁵, observa-se pontualmente o início do afloramento – principalmente a noroeste da zona intervencionada – de monzogranitos biotíticos, com rara moscovite, tendencialmente porfíroide, de grão médio a fino, também denominado de Granito de Braga. É, também, uma zona de contacto destes granodioritos com metassedimentos do paleozoico – xistos e micaxistos – pertencentes à unidade alóctone de Vila Nune.

Observando as Carta Geológica de Portugal, à escala 1/50 000, folhas 5-C de Barcelos (Teixeira & Medeiros 1969), 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000) e 9-A de Póvoa de Varzim (Teixeira *et al.* 1965), é possível identificar pontos de mineração a cerca de 10 km para Oeste, no complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), e a pouco mais de 15

⁵ Geólogo do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho.

km para noroeste, no complexo de jazidas de estanho de Parada de Gatim/Cabanelas (Vila Verde). O ouro estaria, por sua vez, disponível a cerca de 18 km para noroeste, nos filões auríferos de Portela das Cabras (Vila Verde). Todos estes minérios estariam igualmente disponíveis nas aluviões, num raio de cerca de 15 km, nomeadamente, nas margens dos principais cursos fluviais e seus afluentes imediatos, como são exemplo o rio Cávado, a nor-noroeste, o rio Este, a su-sudoeste, e o rio Ave, a su-sudeste.

O coberto vegetal no momento da escavação era maioritariamente arbustivo, incluindo tojos, giestas e fetos, pontuado por agrupados de pinheiros e, mais esparsamente, por alguns carvalhos.

Sendo a riqueza arqueológica de Braga inequívoca restringe-se o seguinte enquadramento arqueológico apenas à envolvente do local e ao período cronológico-cultural aqui estudado, isto é, à Idade do Bronze. São de conhecimento público os vestígios de um povoado (?) de fossas denominado de Caixa d'Água/Bouça do Monte/Quinta do Amorim (Barbosa & Azevedo 2003-2004). Este foi identificado no topo da vertente sul de uma plataforma, à altitude máxima de 288 metros, que se destaca a sul do marco trigonométrico do Monte de Pedroso. À margem de qualquer legalidade a zona tem visto a construção de moradias particulares proliferar sem qualquer tipo de acompanhamento arqueológico. Tal facto tem permitido a destruição dos vestígios ali presentes sem qualquer tipo de registo que permita, de futuro, o seu estudo. a sua localização, a pouco mais de 200 metros para nascente do local intervencionado, potenciava a presença de vestígios daquele período cronológico-cultural na envolvente.

3.4. Objetivos e metodologia

A preocupação prioritária dos trabalhos de escavação prendeu-se com o registo arqueológico de vestígios que, de outra forma, seriam irremediavelmente destruídos. Devem, por isso, ser entendidos à luz de uma intervenção de emergência em contexto de obra que, na opinião pessoal do signatário, pecou pelo indevido planeamento⁶.

De forma resumida, os objetivos desta intervenção, no que à Idade do Bronze dizem respeito, consistiam em:

- a. aumentar o conhecimento sobre este vasto período;
- b. identificar o tipo de sítio;

⁶ Trata-se de uma área de potencial arqueológico há muito reconhecida que, com uma intervenção atempada e bem calendarizada, teria permitido melhores condições de registo.

c. analisar à escala intra-sítio a organização interna do local, observando as relações entre as diferentes estruturas e tentando perceber as suas funcionalidades;

d. aferir a existência de diferentes momentos de ocupação;

e. observar relações de continuidade ou de descontinuidade entre as diferentes fases de ocupação eventualmente identificadas;

f. tentar estreitar a cronologia das diferentes fases, quando identificadas, cruzando os dados disponíveis (datação absoluta, estratigrafia, materiais e estruturas).

Metodologicamente, os trabalhos de campo tiveram início com a bipartição da área. Para tal foi tida como referência o campo de futebol, entretanto desativado, e antiga pertença do Grupo Desportivo Alegriense, sendo delimitadas as Áreas 1 e 2, respeitantes aos quadrantes norte e este, respetivamente, daquela estrutura desportiva. A área intervencionada pelos trabalhos de escavação e de acompanhamento das máquinas perfizer c. de 9600 m², ou seja, c. de 0,96 ha, divididos, grosso modo, num quadrado com c. de 60 por 60 metros (Área 1) e num retângulo de c. de 100 por 60 metros (Área 2). Uma vez que grande parte do terreno sofreu alterações provocadas por ações mecânicas prévias à chegada da equipa de escavação – tendo sido decapada a camada humosa em praticamente toda a área a construir e, em muitos pontos, inclusive, parte do próprio substrato rochoso –, a geomorfologia e a estratigrafia encontravam-se, em algumas zonas, deveras perturbadas. Na ausência de pré-levantamento topográfico inicial, toda a área foi varrida com leituras altimétricas espaçadas para obter uma imagem tridimensional da superfície do terreno aquando do início da intervenção. Esta tarefa foi executada pela equipa de topografia da obra, encabeçada pelo topógrafo Acácio Carvalho. Posteriormente foram utilizados meios mecânicos e humanos para proceder à limpeza das terras revolvidas e soltas à superfície. Tentava-se a definição, em plano, de estruturas em negativo através do contraste entre o seu enchimento e o substrato rochoso. Iniciou-se este processo a partir de um corte estratigráfico situado a nordeste, de onde arrancaria o talude que albergaria parte das estruturas hospitalares. Este processo foi levado a cabo utilizando uma retroescavadora com uma lâmina aplicada no balde, para que os dentes não provocassem cortes irregulares no terreno e danos em profundidade em qualquer das estruturas. A máquina foi decapando e recolhendo as terras soltas em faixas contínuas, sempre na presença de um dos coordenadores dos trabalhos de campo. Posteriormente, utilizando os meios humanos disponíveis, essas faixas foram limpas manualmente com enxadas com o objetivo de perceber a existência de alguma parcela de terreno com vestígios de solo *in situ*.

O método de escavação selecionado⁷ foi o de *open area*, através da decapagem das diferentes camadas segundo a sua disposição no terreno. A contante necessidade de movimentação de homens mas, principalmente, de maquinaria pesada, dada a dimensão da obra e as próprias características do terreno, não permitiu a implementação física no terreno da habitual malha de escavação. Apenas foi possível, na presença de estruturas, limitar uma área de proteção com fita sinalizadora para, dessa forma, evitar a sua perturbação. Todas as estruturas foram georreferenciadas pela equipa de topografia da obra, sendo posteriormente implementadas no terreno, durante o tratamento do registo de escavação, concretamente, dos desenhos de campo. Assim, foi projetada uma quadrícula virtual que serve para localizar as diferentes estruturas identificadas.

As várias camadas estratigráficas foram numeradas e registadas através do preenchimento de fichas de descrição que obedeceram a critérios previamente definidos.

As estruturas identificadas em negativo foram escavadas em secção, o que permitiu a leitura estratigráfica dos seus enchimentos. Nos raros casos em que a profundidade das mesmas não o permitiu, por questões de segurança⁸, tal opção foi abandonada, prosseguindo-se com a sua escavação por decapagem total dos diferentes sedimentos.

Todas as estruturas e cortes estratigráficos foram fotografados em formato digital e, posteriormente, desenhados. Os desenhos – planos iniciais, intermédios, finais, perfis e secções –, à exceção de um caso, onde foi usada a escala 1/10, foram efetuados à escala 1/20. Todos os desenhos foram, posteriormente, acompanhados de registo topográfico sob a forma de cotas que, como sucedido anteriormente, ficou a cargo da equipa de topografia da obra.

O espólio cerâmico, lítico, metálico e vítreo recolhido foi devidamente acomodado em sacos etiquetados e depositado no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga. O vaso cerâmico exumado inteiro do interior de uma estrutura foi envolvido em folha de alumínio e depositado no referido museu. Pretendia-se, dessa forma, a sua mínima contaminação, para que permitisse análises de química orgânica aos seus conteúdos. Foi nesta instituição que se procedeu, posteriormente, aos trabalhos de lavagem, de marcação e de estudo de todos os materiais recolhidos, exceção feita ao referido vaso recolhido inteiro.

⁷ Considerado, pessoalmente, como o mais indicado para este tipo de vestígios, já que facilita a leitura sincrónica e relacional dos vestígios e, por esse motivo, menos truncada.

⁸ Tal sucedeu em dois casos: as estruturas 15 e 17 (ou fossas 4 e 6) da Área 1, as quais ultrapassaram o metro e meio de profundidade, inviabilizando tal procedimento. Em grande medida pela forte presença de maquinaria pesada a operar no local (terraplanadoras, retroescavadoras, *dumpers*, etc.), que provoca intensas vibrações no terreno, colocando em risco o colapso de algumas estruturas.

Todo o material cerâmico da Idade do Bronze proveniente do interior das estruturas em fossa foi cedido para estudo⁹. Esse estudo, além de assentar na tabela formal de Bettencourt (1999), complementada com novas formas, quando identificadas, obedeceu ao preenchimento de uma ficha mediada por parâmetros previamente estipulados que, além dos incluídos em Bettencourt (1999) adotou, também, os pressupostos de Garrow, Beadsmore & Knight (2005) e de Brudenell & Cooper (2008). O principal objetivo foi o de direcionar esse estudo para preocupações que ultrapassassem a mera descrição tecnológica e formal dos vasos e que se prendem com a vida dos fragmentos após a sua quebra ou seu aparente descarte.

O material cerâmico da sepultura e da área de uma eventual necrópole foi estudado pelo signatário.

As terras do enchimento de determinadas estruturas foram recolhidas e acondicionadas para posteriores trabalhos de flutuação, permitindo a coleta de ecofatos. Certas porções destas terras não foi flutuada, ficando guardada para futuras análises e/ou datações. Dos ecofatos recolhidos durante os trabalhos de flutuação, algumas amostras foram selecionadas com base no potencial arqueológico considerado para cada contexto. Após devida acomodação, foram encaminhados para análises antracológicas e dendrológicas, a cargo de María Martín-Seijo, investigadora do Departamento de Historia do Grupo de Estudos para a Prehistoria do Noroeste Ibérico, da Universidade de Santiago de Compostela, em Espanha. Infelizmente, os resultados não chegaram a tempo de serem apresentados neste trabalho. Outros ecofatos foram guardados para posteriores datações absolutas.

Da parede interior do vaso exumado de contexto funerário foi recolhida uma amostra de fuligem, através de raspagem com bisturi devidamente esterilizado, material que serviu a datação absoluta deste contexto. Essa amostra foi enviada para o laboratório *NSF – Accelerator Mass Spectrometry Laboratory*, com sede no Arizona, nos Estados Unidos da América.

O levantamento topográfico final, à conclusão dos trabalhos arqueológicos, ficou igualmente a cargo da equipa de topografia da obra, liderada por Acácio Carvalho.

3.5. Escavação

Neste ponto serão expostos os dados registados durante os trabalhos de escavação. A zona a intervir, conforme já referido, foi subdividida em duas áreas, denominadas de Área 1 e Área 2 (Fig. 4.157). Será essa a ordem de apresentação.

⁹ Nomeadamente, a Ana Catarina Gomes Braga, estudante do Mestrado em Arqueologia da Universidade do Minho, para a sua dissertação de mestrado.

Não foram identificadas quaisquer estruturas associadas às camadas da estratigrafia geral, senão apenas em negativo, diretamente abertas no substrato rochoso. Da mesma forma, não foi possível identificar quaisquer níveis arqueológicos de ocupação/abandono, muito provavelmente pela ação erosiva e consequentes processos de escorrência e, quiçá, pela ação antrópica registada na envolvente.

Obviamente, por questões relacionadas com as diretrizes deste trabalho, apenas serão abordadas as estruturas e os materiais datáveis da Idade do Bronze. No entanto, os trabalhos de escavação permitiram identificar outras materialidades, genericamente datáveis de época histórica, provavelmente de época romana, mas que não cabem aqui apresentar.

Em ambas as áreas serão abordados, em primeiro lugar, a estratigrafia geral e os seus materiais. Compreensivelmente, o estudo destes materiais, pelo seu carácter descontextualizado, é de teor generalista.

Seguidamente são abordadas as estruturas identificadas em negativo no substrato geológico. São descritas as suas características construtivas, a sua estratigrafia e os materiais recolhidos nos seus enchimentos, com especial ênfase para os líticos, visto que as cerâmicas integram parte de uma dissertação de mestrado, conforme já referido. Ainda assim, esse material foi genericamente observado pelo signatário, para que fosse possível obter uma ideia das formas e das decorações representadas. A localização de cada uma destas estruturas é mencionada na malha de escavação (entre parêntesis), sendo observável, igualmente, no desenho da planta (plano final). A descrição construtiva de cada uma das estruturas foi complementada, quando necessário, com desenhos e/ou fotografias, igualmente disponíveis em anexo. De sublinhar que as dimensões apresentadas são relativas às medidas máximas do comprimento, largura e profundidade. Nos casos em que tal foi necessário foram considerados, também, os valores mínimos. Nas estruturas subcirculares foi opção referir, apenas, o maior diâmetro registado.

O ponto zero foi implementado sobre o teto do balneário desativado do campo de futebol.

Uma vez apresentados, os dados de cada área serão encerrados com uma breve síntese.

3.5.1. Área 1

À data do início dos trabalhos de escavação grande parte desta área já se encontrava no topo do substrato rochoso ou, inclusive, abaixo do que seria o topo, em alguns casos mais de 20 cm. Tal situação derivou do uso de maquinaria pesada apenas à construção das instalações hospitalares sem o devido acompanhamento arqueológico.

Os trabalhos nesta área abrangeram c. 3600 m², ou seja, c. de 0,36 ha (grosso modo, relativo a um quadrado com c. 60 por 60 metros), os quais foram alvo de remoção mecânica de terras com devido acompanhamento arqueológico ou escavadas manualmente. O acompanhamento das máquinas foi feito pela equipa de escavação, sempre na presença de, pelo menos, um dos coordenadores dos trabalhos.

3.5.1.1. Estratigrafia e materiais

3.5.1.1.1. Estratigrafia geral

A zona intervencionada apresenta declive pouco acentuado, de potência estratigráfica reduzida, onde foram identificadas três camadas:

Camada 0 – sedimentos de coloração castanha escura, heterogéneos, de média compactidade e composição limosa, de calibragem irregular, com inúmeras raízes. Foi considerada como camada humosa. A sua potência era diminuta.

Camada 1 – sedimentos de coloração castanha clara, mais homogéneos do que os anteriores, pouco compactos, areno-limosos, com algumas raízes. Corresponde à arenização do substrato geológico (arena granítica).

Camada 2 – substrato rochoso.

3.5.1.1.2. Materiais

A não preservação de níveis de ocupação/abandono nesta área leva a que os materiais presentes na estratigrafia geral se façam representar, principalmente, por raros fragmentos cerâmicos e elementos líticos. Este espólio inclui a mistura de materiais genericamente enquadráveis em diferentes períodos, nomeadamente, na Idade do Bronze e em época histórica. Foram recolhidos na camada 0 (humosa) e em terras revolvidas que se encontravam à superfície.

As camadas 1 e 2 demonstraram total ausência de materiais arqueológicos, facto que se compreende tendo em conta as suas características (correspondendo à arenização do substrato rochoso e ao próprio substrato rochoso, respetivamente).

Cerâmicos

A recolha de materiais à superfície totaliza 4 fragmentos cerâmicos, dos quais apenas 1 denota características técnicas típicas da Idade do Bronze (Tab. 4.55). Revela fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa, grosseiras, e acabamento essencialmente alisado.

Já a camada 0 totaliza, nesta área, 45 fragmentos cerâmicos (Tab. 4.65). Prevaecem os fragmentos de panças. Em muitos casos verifica-se a colagem de mais do que dois fragmentos cerâmicos entre si. Estão representados fragmentos cerâmicos de época histórica e, em menor quantidade, da Idade do Bronze. As condições não primárias de deposição destes últimos e a sua consequente descontextualização apenas permitem aferir que se deslocaram até à superfície, de níveis inferiores, por processos de origem antrópica ou natural – como práticas agrícolas, bioturbações ou erosão, por exemplo –, não se excluindo a ação da maquinaria pesada da obra a operar no local sem o devido acompanhamento.

Tabela 4.55 – Materiais cerâmicos recolhidos à superfície e camada 0 da Área 1

Nº Fragn.	Pança	Material de construção	Indeterminado
49	37	2	10

Líticos

O material recolhido à superfície resume-se a um pequeno seixo anguloso de cristal de quartzo.

A camada 0 incluía a presença de 1 artefacto lítico (Tab. 4.56). Trata-se de um fragmento de granito de grão fino com uma face alisada, provavelmente pertencente a um moinho manual.

Tabela 4.56 – Características do fragmento de moinho

Nº Inv.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
S/ núm.	Irregular	Plana	5	4	2	Granito gr. fino	Dormente/movente (?)

3.5.1.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze

No total foram identificadas 17 estruturas, concretamente, 2 fossas com buraco de poste mais ou menos centrado (de época histórica), 1 possível boca de mina (de cronologia indeterminada), 2 estruturas não escavadas¹⁰ e 12 fossas (da Idade do Bronze). De registar, também, 5 casos em que as características estratigráficas e construtivas levaram à anulação do que foram inicialmente consideradas estruturas. Foram, ainda, escavadas 4 linhas de água para tentar perceber a época em que teriam estado ativas.

A seguinte descrição concentrar-se-á apenas nas materialidades da Idade do Bronze. Os critérios de apresentação registam a denominação de cada estrutura, seguindo-se a descrição: (a) das características arquitetónicas, (b) da estratigrafia e (c) dos materiais associados.

3.5.1.2.1. Fossas

Estrutura 7¹¹ = Fossa 1¹² (quadrados NN6 e NN7) (Fig. 4.158)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 93 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, 88 cm de largura e 32 cm de profundidade. Parece ter sido alterada em relação às suas dimensões originais tendo sido, muito provavelmente, ligeiramente “cortada” no seu topo.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de bolsas de arena granítica e de radículas. Detetados 2 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 8 = Fossa 2 (quadrados PP8 e QQ8) (Fig. 4.159)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base arredondada com pequena depressão central. Detinha 98 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 73 cm de largura e 30 cm de profundidade. Parece ter sido alterada em relação às suas dimensões originais tendo sido, muito provavelmente, ligeiramente “cortada” no seu topo.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, com inclusões ocasionais de radículas.

¹⁰ Denominadas de estruturas 1 e 2. A não intervenção naquela área apenas permitiu o desenho dos seus planos iniciais, tendo sido posteriormente aterradas por vicissitudes da arqueologia empresarial.

¹¹ Designação atribuída no campo.

¹² Nova designação atribuída.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 11 = Fossa 3 (quadrado LL14) (Fig. 4.160)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção estrangulada no topo e base arredondada. Detinha 96 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, 77 cm de largura e 23 cm de profundidade. O estreitamento da sua boca deixa supor que possa ter sido ligeiramente “cortada”.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, algo heterogéneo, de média compactidade, com inclusões ocasionais de nódulos de arena granítica e de radículas. Detetados 4 fragmentos cerâmicos.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 15 = Fossa 4 (quadrados II2 e JJ2) (Figs. 4.161 e 4.162)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de estrangulada no topo e base arredondada. Detinha cerca de 98 cm de comprimento, no sentido nordeste-sudoeste, 78 cm de largura e 182 cm de profundidade máxima. O estrangulamento da sua boca conferiu-lhe a secção a forma de “saco”. Por esse motivo, note-se que as suas paredes atingiam o diâmetro máximo de 132 cm, sensivelmente a meio.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanho-escuro, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões pontuais de bolsas de arena granítica, de alguns seixos angulosos de granito, de raízes e abundantes radículas. Detetados 4 fragmentos cerâmicos.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de grão médio, com bolsas pontuais de arena granítica e inclusões de alguns seixos, radículas, carvões e sementes, estes últimos recolhidos para posteriores análises de antracologia e palinologia. Detetados 5 fragmentos cerâmicos e 1 artefacto lítico.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de grão médio, com bolsas pontuais de arena granítica e inclusões de alguns seixos e radículas. No fundo desta camada, no contacto com a camada 1d, foram detetados 16 fragmentos cerâmicos e 3 artefactos líticos.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha acinzentada, heterogéneo, de grão médio, com bolsas pontuais de arena granítica e inclusões de poucos seixos, radículas e escassos carvões. Detetados 11 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Incluía, também, 4 artefactos líticos (Tab. 4.57).

Materiais líticos

Os artefactos líticos correspondem a 1 fragmento de seixo quartzítico rolado com indícios de desgaste (tritador?), a 1 seixo anguloso de quartzo leitoso com indícios de desgaste (tritador?) e a 2 fragmentos de moinhos manuais, um movente e outro dormente, em granito de grão fino e grosso, respetivamente.

Tabela 4.57 – Descrição dos artefactos líticos recolhidos na Estrutura 15/Fossa 4

Nº Inv.	Cam.	Contorno	Sup.	Comp. ¹³	Larg.	Espes.	Material	Função
1	1b	Subtriangular	Plana	20	21	13	Granito gr. fino	Movente
2	1c	Quadrangular	Côncava	12	9	7	Granito gr. grosso	Dormente
6	1c	Subtriangular	-	10	5	3	Quartzito	Tritador (?)
S/núm.	1c	Irregular	-	5	4	3	Quartzo	Tritador (?)

Estrutura 16 = Fossa 5 (quadrados II3 e JJ3) (Fig. 4.162)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, secção em “U” e base arredondada. Detinha cerca de 94 cm de diâmetro e 22 cm de profundidade.

A sua proximidade com a estrutura 15, que foi identificada com a sua forma praticamente intacta e onde foi possível registar o estreitamento da sua boca, levam a considerar a hipótese de que esta estrutura não tenha sido alterada quanto à sua dimensão original.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de bolsas de arena granítica pontuais e de algumas raízes. Detetados 6 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 17 = Fossa 6 (quadrados GG6 e GG7) (Figs. 4.163 e 4.164)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção estrangulada no topo e base arredondada. Detinha cerca de 83 cm de diâmetro de “boca”, no sentido nordeste-sudoeste, 72 cm de largura e 170 cm de profundidade. À semelhança da estrutura 15 o estrangulamento da sua “boca” conferiu à sua secção a forma de “saco”. Por esse motivo, note-se que as suas paredes atingiam o diâmetro máximo de 144 cm.

¹³ Todas as medidas apresentadas são em cm.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, limoso, homogéneo, de média compactidade, com inclusões de radículas, de raízes e de seixos angulosos. Detetados 9 fragmentos cerâmicos.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões pontuais de nódulos de arena granítica, de radículas e de seixos angulosos.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, areno-limoso, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de radículas.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, ligeiramente mais escuro que a camada 1b, limo-arenoso, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões pontuais de nódulos de arena granítica e de radículas.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha clara, limo-arenoso, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de radículas e de seixos angulosos. Detetados 20 fragmentos cerâmicos e 1 artefacto lítico.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. No entanto, refira-se que na camada 1 foi possível colar vários fragmentos que permitiram identificar 1 taça quase em calote de esfera (Fig. 4.185). Esta estrutura incluía, também, diversos artefactos líticos, que serão seguidamente descritos (Tab. 4.58).

Materiais líticos

Da camada 1 foram recuperados 14 seixos angulosos de quartzo, alguns denotando algum desgaste nas extremidades, provavelmente por terem sido usados como trituradores, além de 6 fragmentos de moinhos manuais dormentes e moventes, preferencialmente em granito de grão grosso.

Da camada 1a foram recuperados 3 trituradores, 1 em quartzo leitoso, 1 em granito de grão fino e outro em granito de grão grosso, e 6 fragmentos de moinhos manuais dormentes, onde se encontram representados, em igual valor, os elementos em granito de grão fino e de grão grosso (3 exemplares) e, com apenas um exemplar, em granito de grão médio (1 exemplar). Este último apresenta contorno subtriangular e dimensões consideráveis. A sua particularidade reside na superfície de moagem sulcada bem rebaixada no sentido longitudinal.

Da camada 1d, além de dois seixos de quartzo angulosos e de um pequeno fragmento de granito de grão fino, presumivelmente pertencente a um moinho manual dormente ou movente, recolheram-se 4 fragmentos de moinhos manuais, um dos quais movente. Destaca-se

um fragmento de moinho manual dormente de contorno subtriangular¹⁴ que detém cerca de 14 cm de largura numa das extremidades (original e arredondada) e cerca de 19,5 cm na oposta, onde evidencia fratura. Atinge um máximo de 18 cm de comprimento que, a julgar pela fratura, não corresponderiam ao seu verdadeiro tamanho. A espessura varia entre os cerca de 5 e 7 cm. Feita em granito de grão fino, detém superfície de moagem aplanada, preservando na extremidade arredondada uma ligeira protuberância. A face oposta apresenta-se rugosa, com uma ligeira depressão central ligeiramente descaída para uma das laterais. Um outro fragmento de moinho manual dormente em granito de grão fino detém contorno subtriangular e superfície de moagem convexa, atingindo 22 cm de comprimento, 16 cm de largura e 11 cm de espessura. A sua particularidade reside em corresponder, possivelmente, ao reaproveitamento de um bloco que sofreu ação de água (rio?).

Tabela 4.58 – Descrição dos artefactos líticos da Estrutura 17/Fossa 6

Nº Inv.	Cam.	Contorno	Sup. de moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
8	1	Subtriangular	Convexa	12	10	8	Granito gr. grosso	Movente
9	1	Irregular	Plana	10	8	7	Granito gr. grosso	Dormente
10	1	Irregular	Côncava	14	10	7	Granito gr. grosso	Dormente
11	1	Quadrangular	Plana	13	12	8	Granito gr. fino	Dormente
13	1	Quadrangular	Côncava	31	23	20	Granito gr. grosso	Dormente
22	1	Subcircular	Côncava	29	21	12	Granito gr. grosso	Dormente
32	1a	Subcircular	Multiface	11,5	10,5	6	Quartzo	Triturador
33	1a	Irregular	Plana	9,5	6	6	Granito gr. fino	Movente
34	1a	Irregular	Multiface	12	8	7,5	Granito gr. grosso	Triturador
35	1a	Irregular	Multiface	11	7	6,5	Arenito	Triturador
36	1a	Irregular	Dupla/Convexas	18	17	11	Granito gr. fino	Dormente
37	1a	Subretangular	Côncava	17	11	14	Granito gr. grosso	Dormente
38	1a	Elipsoidal	Plana	26	17	11	Granito gr. grosso	Dormente
39	1a	Subretangular	Multiface/Côncavas	44	27	18,5	Granito gr. médio	Dormente
40	1a	Elipsoidal	Convexa	24	13	11	Granito gr. fino	Dormente
41	1d	Subtriangular	Convexa	22	16	11	Granito gr. fino	Dormente
42	1d	Subtriangular	Côncava	10	10	7	Granito grão fino	Movente
2011.0304	1d	Subtriangular	Plana	19,5	18	7	Granito gr. médio	Dormente
2011.0305	1d	Subtriangular	Plana	27,5	9	10,5	Granito gr. médio	Dormente
S/ núm.	1d	Irregular	Plana	4	3	2	Granito gr. fino	Movente

Estrutura 18 = Fossa 7 (quadrado GG7) (Fig. 4.164)

a. Depressão em negativo de contorno subcircular, secção em “U” e base arredondada. Detinha cerca de 106 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, 86 cm de largura e 20 cm de profundidade.

A sua proximidade da estrutura 17, que foi identificada com a sua forma intacta – onde foi possível registar o estreitamento da sua boca –, levam a considerar a hipótese desta estrutura não ter sido alterada quanto à sua dimensão original.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compacidade, com inclusões de bolsas de arena granítica pontuais e de algumas raízes.

¹⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0304.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 19 = Fossa 8 (quadrado 002) (Fig. 4.165)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha cerca de 94 cm de diâmetro e 47 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarela clara, homogéneo, medianamente compacto, de base arenosa.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, com inclusões de diversas raízes. Detetados 10 fragmentos cerâmicos e 2 artefactos líticos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Foram, ainda, recuperados 2 artefactos líticos.

Materiais líticos

Correspondem a 2 fragmentos de seixos quartzíticos rolados, um dos quais com indícios de fricção (?) (polidor?).

Estrutura 24 = Fossa 9 (quadrado 0017) (Fig. 4.166)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 72 cm de diâmetro e 28 cm de profundidade. Algo alterada pela presença de raízes, principalmente na extremidade noroeste do seu interface. A sua pouca profundidade e proximidade da Estrutura 17, à semelhança do que sucede com a Estrutura 16, podem indiciar que tenha servido de “cama” para uma mó dormente, auxiliando o processamento de cereais. Contudo, não é de excluir que a sua dimensão original possa ter sido cortada. Bastante alterada pela presença de inúmeras raízes.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de algumas bolsas de arena granítica, de argila e de raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 25 = Fossa 10 (quadrado PP14) (Fig. 4.167)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha cerca de 91 cm de diâmetro e 44 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, com inclusões de diversas raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, com inclusões de diversas raízes e de escassos carvões dispersos.

c. O seu enchimento incluía 2 artefactos líticos (Tab. 4.59).

Materiais líticos

Da camada 1a foi recuperado um fragmento de granito de grão fino pertencente a um moinho manual dormente, de contorno subcircular. A sua superfície de moagem é plana. Da camada 1b foi recolhido um pequeno fragmento de seixo rolado de quartzito, de coloração avermelhada, provavelmente usado como triturador, apresentando as suas arestas desgaste por fricção.

Tabela 4.59 – Características dos artefactos líticos da Estrutura 25/Fossa 10

Nº Inv.	Cam.	Contorno	Sup. de moagem	Comp.	Larg.	Espess.	Material	Função
43	1a	Subcircular	Plana	19	14	10	Granito gr. grosso	Dormente
44	1b	Irregular	Côncava	6	5	3	Quartzito	Triturador

Estrutura 26 = Fossa 11 (quadrado 0012) (Fig. 4.168)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha cerca de 95 cm de diâmetro e 90 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, com inclusões de diversas raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de média compactidade, com inclusões de raízes e de raros carvões dispersos.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 31 = Fossa 12 (quadrados JJ19 e KK19) (Fig. 4.169)

a. Depressão côncava de contorno ovalizado, de secção em “U” e fundo arredondado. Detinha 159 cm de comprimento, no sentido nordeste-sudoeste, 129 cm de largura e 22 cm de profundidade.

b. Camada 1a – unidade estratigráfica de coloração castanha escura, heterogénea, de grão médio, com inclusões de algumas raízes. Detetados 11 fragmentos cerâmicos. Detetados 5 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

As principais características das fossas detetadas na Área 1 encontram-se sintetizadas na Tabela 4.60.

Tabela 4.60 – Características das fossas identificadas na Área 1

Est.	Contorno	Secção	Base	Diâm.	Comp.	Larg.	Prof.	Orient.
7/F1	Ovalizado	U	Arredondada	-	93	88	32	E-W
8/F2	Ovalizado	V	Arredondada	-	98	73	30	N-S
11/F3	Ovalizado	Estrang. topo	Arredondada	-	96	77	23	E-W
15/F4	Ovalizado	Estrang. topo	Arredondada	-	98	78	182	NE-SW
16/F5	Subcircular	U	Arredondada	94	-	-	22	-
17/F6	Ovalizado	Estrang. topo	Aplanada	-	82	73	140	NE-SW
18/F7	Ovalizado	U	Arredondada	-	106	86	20	E-W
19/F8	Subcircular	U	Aplanada	94	-	-	47	-
24/F9	Subcircular	U	Arredondada	72	-	-	28	-
25/F10	Subcircular	U	Aplanada	91	-	-	44	-
26/F11	Subcircular	U	Arredondada	95	-	-	90	-
31/F12	Ovalizado	U	Arredondada	-	159	129	22	-

3.5.1.3. Linhas de água

A importância da escavação de linhas de água desativadas revela-se essencial para tentar aferir a geomorfologia do terreno e a presença de água no local durante determinada época.

Foram sondadas o que se pensava serem quatro linhas de água, identificadas em plano após a remoção da camada humosa.

Linha de água 1

a. Foi implementada uma sondagem com 1,5 metros no sentido nordeste-sudoeste por 3,5 metros noroeste-sudeste.

A leitura do perfil estratigráfico daí decorrente corrobora a presença e a deslocação de água junto do substrato geológico. O principal argumento reside na elevada heterogeneidade da estratigrafia, alternando lenticulas de areias e de areões de diferentes calibrações.

Foram igualmente registados, na sua base (substrato rochoso) sulcos formando pequenos canais descontínuos, tendencialmente paralelos entre si. Estes deixam deprender um curso de considerável dinâmica, talvez respeitante a uma linha de água ativa durante os períodos de maiores índices de pluviosidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de granulosidade média a fina, bastante friável, alternando lenticulas de areia fina e de areão, com raras inclusões de pequenos seixos rolados e de diversas radículas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Linha de água 2

a. Foi implementada uma sondagem com 3 metros no sentido norte-sul. Em comprimento, para poente, dada a perturbação mecânica do substrato rochoso que já havia sido perpetrada em momento anterior à chegada da equipa de escavação, apenas se escavou o que restava desta possível linha de água.

A leitura do corte estratigráfico permitiu verificar a alternância de sucessivas camadas de areia e de areão de diferentes calibragens. Esta composição parece corroborar a presença e a deslocação de água neste canal. A sua base, aplanada, talvez pela disposição numa zona de declive menos acentuado, indicia o movimento de águas de pouca dinâmica.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de grão médio a fino, bastante friável, alternando lenticulas de areia fina e de areão, com raras inclusões de pequenos seixos rolados e de diversas radículas.

Camada 1a' – pequena bolsa de coloração esbranquiçada, bastante arenosa e friável (arena granítica), bem definida e limitada, distribuída pela área central.

c. No perfil Oeste foi possível recolher um pequeno fragmento de material de construção, talvez romano. Este facto apenas permite enquadrar a sua “desativação” em período histórico mas não é suficiente, por si só, para afirmar que esta linha de água não estaria ativa durante a Idade do Bronze.

3.5.1.4. Síntese

De um total de 14 estruturas escavadas na Área 1, as características morfológicas e os materiais recolhidos do interior de 12 delas permitem datá-las, ainda que genericamente, da Idade do Bronze.

Nenhuma destas estruturas cortou, sobrepôs ou perturbou qualquer outra, nem mesmo as construídas durante época histórica.

O que se verifica é que nesta área os vestígios de ocupação da Idade do Bronze, comparativamente com os de origem histórica, são mais significativos.

Entre as estruturas identificadas figuram fossas de armazenamento, com secções em forma de “saco” que estreitam na boca. Entre esta tipologia de estrutura destaque para as estruturas 15 e 17 (fossas 4 e 6, respetivamente) que, pelas suas grandes dimensões, pressupõem um grande investimento de força de trabalho e elevadas cubicagens de armazenamento. De destacar, ainda, a presença de sementes na estrutura 15/Fossa 4

A recolha de fragmentos de moinhos manuais (moventes e dormente) e de fragmentos cerâmicos pertencentes a formas cerâmicas de grandes dimensões nos enchimentos destas estruturas permitem relacioná-las com práticas de processamento de cereais, muito provavelmente tirando partido dos terrenos de aptidão agrícola imediatos e da riqueza aquífera desta região.

Outras destas estruturas (Estrutura 16/Fossa 5, Estrutura 18/Fossa 7 e Estrutura 31/Fossa 12) não permitem uma leitura tão simplista. São pequenos covachos abertos no substrato rochoso, sem quaisquer materiais ou com muito poucos, sempre próximos de outras fossas de grandes dimensões e em forma de “saco”. Foram interpretadas como possíveis “camas” ou “suportes” para albergar os moinhos manuais dormentes, durante o processamento de cereais ou de outros quaisquer recursos. De destacar, ainda, que a Estrutura 16/Fossa 5 ficava nas proximidades de 1 grande fossa (Estrutura 15/Fossa 4), com 182 cm de profundidade e estrangulada no topo, com enchimento detritico, e onde se recolheram sementes, assim como a Estrutura 18/Fossa 7 e Estrutura 31/Fossa 12 se localizavam nas proximidades da Estrutura 17/Fossa 6, com 140 cm de profundidade, igualmente em forma de “saco”, com inúmeros fragmentos de moinhos no seu enchimento detritico e um fragmento de taça em calote de esfera, a qual poderia ter sido usada para retirar cereal das fossas ou para transportar o cereal já processado.

No que respeita aos moinhos manuais recuperados nos sedimentos que preenchiam as fossas identificadas na Área 1, denota-se que as suas dimensões variam entre os 4 e os 44 cm de comprimento, entre os 3 e os 27 cm de largura e entre os 2 e os 20 cm de espessura (Tab. 4.61). Estão maioritariamente representadas as superfícies de moagem tipo planas (45%, com 9 exemplares), seguidas das côncavas (30%, com 6 exemplares) e das convexas (20%, com 5 exemplares). O tipo de matéria-prima utilizada corresponde a diferentes tipos de granito, como o granito grosso (45%, com 9 exemplares), fino (40%, com 8 exemplares) e médio (10%, com 2 exemplares).

Tabela 4.61 – Moinhos manuais recolhidos do interior das fossas da Área 1

Est.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Granito	Função
E15/F4	Subtriangular	Plana	20	21	13	Fino	Movente
E15/F4	Quadrangular	Côncava	12	9	7	Grosso	Dormente
E17/F6	Subtriangular	Convexa	12	10	8	Grosso	Movente
E17/F6	Irregular	Plana	10	8	7	Grosso	Dormente
E17/F6	Irregular	Côncava	14	10	7	Grosso	Dormente
E17/F6	Quadrangular	Plana	13	12	8	Fino	Dormente
E17/F6	Quadrangular	Côncava	31	23	20	Grosso	Dormente
E17/F6	Subcircular	Côncava	29	21	12	Grosso	Dormente
E17/F6	Irregular	Plana	9,5	6	6	Fino	Movente

Est.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Granito	Função
E17/F6	Irregular	Dupla/Convexas	18	17	11	Fino	Dormente
E17/F6	Subretangular	Côncava	17	11	14	Grosso	Dormente
E17/F6	Elipsoidal	Plana	26	17	11	Grosso	Dormente
E17/F6	Subretangular	Multiface/Côncavas	44	27	18,5	Médio	Dormente
E17/F6	Elipsoidal	Convexa	24	13	11	Fino	Dormente
E17/F6	Subtriangular	Convexa	22	16	11	Fino	Dormente
E17/F6	Subtriangular	Côncava	10	10	7	Fino	Movente
E17/F6	Subtriangular	Plana	19,5	18	7	Médio	Dormente
E17/F6	Subtriangular	Plana	27,5	9	10,5	Médio	Dormente
E17/F6	Irregular	Plana	4	3	2	Fino	Movente
E25/F10	Subcircular	Plana	19	14	10	Grosso	Dormente

Tendo em conta a preferência por diferentes tipos de granito para usar como moinhos manuais, e dada a sua disponibilidade nas imediações da Quinta do Amorim, é possível afirmar que estes terão uma origem local. Além disso, as medidas consideráveis de alguns destes exemplares e o seu respetivo peso parecem, igualmente, favorecer esta hipótese.

Quanto aos elementos líticos considerados como trituradores e recuperados dos sedimentos que preencheram fossas, verifica-se que, ao nível dimensional, variam entre os 5 e os 12 cm de comprimento, entre os 4 e os 10,5 cm de largura e entre os e os 7,5 cm de espessura (Tab. 4.62). Estão representados diferentes matérias-primas, como o quartzito (33,3%, com 2 exemplares), o quartzo (33,3%, com 2 exemplares), o arenito (16,7%, com 1 exemplar) e o granito de grão grosso (16,7%, com 1 exemplar).

Tabela 4.62 – Trituradores recolhidos no interior das fossas da Área 1

Est.	Contorno	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
E15/F4	Subtriangular	10	5	3	Quartzito	Triturador (?)
E15/F4	Irregular	5	4	3	Quartzito	Triturador (?)
E17/F6	Subcircular	11,5	10,5	6	Quartzito	Triturador
E17/F6	Irregular	12	8	7,5	Granito gr. grosso	Triturador
E17/F6	Irregular	11	7	6,5	Arenito	Triturador
E25/F10	Irregular	6	5	3	Quartzito	Triturador

Observando os dados tabelados percebe-se o uso variado de matérias-primas, sendo que o quartzo e o granito podiam ser facilmente coletados nas imediações do local.

3.5.2. Área 2

Os trabalhos nesta área abrangeram c. 6000 m², ou seja, cerca de 0,60 ha (grosso modo, um retângulo com cerca 60 por 100 metros) de terreno que foram escavados manualmente ou alvo de remoção mecânica de terras com devido acompanhamento arqueológico por parte de elementos da equipa de escavação.

3.5.2.1. Estratigrafia e materiais

3.5.2.1.1.1. Estratigrafia geral

À semelhança da Área 1, também aqui o declive, ainda que de pendor menos acentuado, apresentava uma potência estratigráfica reduzida, traduzida em três camadas, além de terras revolvidas:

Camada 0 – sedimentos de coloração castanha escura, heterogéneos, de média compactidade e composição limosa, de calibragem irregular, com inclusões de inúmeras raízes. Considerada como camada humosa. A sua potência era muito diminuta.

Camada 1 – unidade estratigráfica de coloração castanha clara, mais homogénea do que a anterior, pouco compacta, areno-limosa, com inclusão de algumas raízes. Corresponde à arenização do substrato geológico (arena granítica). Não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Camada 2 – substrato rochoso.

3.5.2.1.2. Materiais

Também nesta área a não preservação de níveis de ocupação/abandono reduziu os materiais da recolha de superfície e da Camada 0 (humosa) a poucas dezenas de fragmentos cerâmicos e a escassos artefactos líticos (Tab. 4.63). O espólio pode genericamente ser enquadrado em época histórica e, em menor quantidade, na Idade do Bronze. Também foram recolhidos alguns materiais significantes das terras revolvidas pela maquinaria da obra.

Cerâmicos

Neste grupo incluem-se 64 fragmentos cerâmicos, dos quais 25 fragmentos de materiais de construção de época romana e 39 fragmentos de recipientes cerâmicos. Neste último grupo predominam as panças, permitindo as suas características, grosso modo, situá-los genericamente em época histórica. Surgem, contudo, alguns fragmentos tecnológica e formalmente datáveis da Idade do Bronze. Deve ressaltar-se, contudo, que a inclusão de alguns destes materiais nestas camadas se prende com o facto dos mesmos só terem sido identificados à superfície, entre terras revolvidas após abertura mecânica de uma vala, estando pois descontextualizados. Entre estes figuram fragmentos pertencentes a 3 vasos de bordo horizontal, formas 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Se duas dessas formas apenas estão representadas pela

parte do bordo¹⁵, a terceira detém o perfil completo¹⁶. São materiais que apresentam polimento em ambas as faces. Incluem, também, vestígios de fuligem interna e externa. Todos estes fragmentos detêm composições decorativas distribuídas pela parte interna do bordo, que revelam a aplicação da técnica de incisão ou desta conjugada com a impressão. O perfil completo numerado como 2011.0252 denota o uso apenas de incisão com ponta romba, distribuindo segmentos de linha de espessura e de comprimento variável em posições oblíquas ao lábio. O fragmento 2011.0253 apresenta, por seu turno, a conjugação de pequenas linhas incisas, igualmente de espessura e de comprimento variável, intercaladas com pequenas impressões de motivos subretangulares que se distribuem no sentido transversal ao bordo e separam as linhas incisas, formando métopas. Por fim, no fragmento 2011.1491 estão representadas duas linhas dispostas no sentido do lábio e formadas por sucessivas impressões de pequenos motivos subangulares, uma efetuada diretamente sobre o lábio e outra na parte ligeiramente interna do bordo. Na parte mais interna do bordo surgem, também, incisões de segmentos de linha elaborados com ponta romba que se dispõem em sentido oblíquo ao lábio, intercalando o descaimento sucessivamente para a esquerda e para a direita.

Tabela 4.63 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos à superfície e na camada 0 da Área 2

Nº Fragm.	Bordo	Pança	Material de construção
64	3	36	25

Líticos

A recolha de superfície totaliza três artefactos líticos, um fragmento de moinho manual dormente (?) em granito de grão fino e outros dois fragmentos de moinhos manuais, um movente e outro dormente (?), em granito de grão fino e grosso (Tab. 4.64).

Tabela 4.64 – Características dos artefactos líticos recolhidos em terras revolvidas da Área 2

Nº Inv.	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
S/ núm	11,5	9	7	Granito grão grosso	Dormente (?)
S/ núm.	18	7	6	Granito grão fino	Dormente (?)
S/ núm.	11	4	6	Granito grão fino	Movente (?)

Já a camada 0 incluía 3 seixo anguloso de quartzo leitoso que apresentava arestas boleadas (tritador) e 2 pequenos fragmentos de granito de grão grosso e médio, respetiva e provavelmente correspondentes a um moinho manual dormente e a um triturador (Tab. 4.65).

¹⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com os números de inventário 2011.0253 e 2012.1491.

¹⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0252.

Tabela 4.65 – Características dos artefactos líticos recolhidos na camada 0 da Área 2

Nº Inv.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
7	Quadrangular	Plana	15	15	7,5	Granito gr. grosso	Dormente
S/ núm.	Irregular	Multifacetada	12	8,5	6,5	Granito gr. médio	Triturador
S/ núm.	Subtriangular	Côncava	5	4	2,5	Quartzo leitoso	Triturador

Materiais vitreos

Resume-se a um pequeno fragmento de vidro de coloração clara e parede fina que pode ser genericamente enquadrado em época histórica. Foi recolhido da camada 0.

3.5.2.2. Estruturas em negativo, estratigrafia e materiais da Idade do Bronze

Durante os trabalhos nesta área foi possível identificar 46 estruturas em negativo, concretamente, 18 fossas, 1 buraco de poste, 1 sepultura, 20 fossas com buraco de poste mais ou menos centrado e 5 estruturas indeterminadas. Foram, ainda, implementadas 2 sondagens em áreas onde a natureza dos vestígios era diferenciada e de difícil interpretação. Neste conjunto, as fossas com buraco de poste no seu interior vieram a confirmar-se serem de cronologia histórica, possivelmente romana. À Idade do Bronze foram, assim, apenas associadas 18 fossas, 1 buraco de poste e 1 sepultura.

A descrição que se segue restringir-se-á, apenas, às materialidades datáveis da Idade do Bronze.

Os critérios de apresentação serão os mesmos utilizados para a Área 1: (a) das características arquitetónicas, (b) da estratigrafia e (c) dos materiais associados. Quando aplicável, um ponto (d) referir-se-á a resultados de datação radiométrica.

3.5.2.2.1. Fossas

Estrutura 20 = Fossa 13 (quadrados O17, O18, P17 e P18) (Fig. 4.170)

a. Estrutura de contorno ovalizado, secção em “U” e fundo irregular. Detinha 74 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, 56 cm de largura e 56 cm de profundidade. Detém a curiosidade de se implementar sobre um grande filão de quartzo leitoso que atravessa a zona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, de grão médio, com presença de diversos quartzos leitosos e com inclusões de radículas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 35 = Fossa 14 (quadrado A15) (Fig. 4.171)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada no topo e base aplanada. Embora pareça alterada em relação às suas dimensões originais, percebe-se que a sua secção tomaria a forma de “saco”. Detinha cerca de 100 cm de diâmetro e 79 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com bolsas pontuais de arena granítica e com inclusões de alguns seixos angulosos de granito e de raízes. Detetados 13 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 37 = Fossa 15 (quadrados C14 e C15) (Fig. 4.172)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada no topo e base arredondada. Embora pareça alterada em relação às suas dimensões originais, foi possível perceber que a sua secção tomaria a forma de “saco”. Detinha cerca de 86 cm de diâmetro e 73 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, limo-arenosa, de média compactidade, presenciando bolsas pontuais de arena granítica e com inclusões de alguns seixos angulosos de granito e de raízes e radículas. Detetados 6 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 40 = Fossa 16 (quadrado M16) (Fig. 4.173)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, secção em “U” e base arredondada. Detinha cerca de 94 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 87 cm de largura e 36 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de bolsas de arena granítica pontuais e de algumas raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 44 = Fossa 17 (quadrado K16) (Fig. 4.174)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondado. Detinha cerca de 73 cm de diâmetro e 11 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, limo-arenosa, de média compactidade, com inclusões de alguns seixos angulosos de granito e de radículas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 46 = Fossa 18 (quadrado J14) (Fig. 4.175)

a. Esta estrutura foi cortada por uma estreita vala que serviu a colocação de um cano de água de serviço aos antigos balneários, anexos ao campo de futebol desativado. Foi atingida em cerca de um terço da sua altura e largura mas, ainda assim, permitiu perceber que se tratava de uma estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada no topo e base arredondada. Detinha cerca de 130 cm de diâmetro e 64 cm de profundidade. Parece alterada em relação às suas dimensões originais, já que a sua secção aparenta a forma de “saco”, sendo notório, pelo menos numa lateral, o estrangulamento da sua “boca”.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura e homogéneo que preencheu a vala aberta para o tubo de água.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com bolsas pontuais de arena granítica e com inclusões de algumas raízes. Detetados 10 fragmentos cerâmicos e 1 artefacto lítico.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com bolsas pontuais de arena granítica e com inclusões de alguns seixos angulosos de granito e de algumas raízes. Detinha uma considerada presença de carvões de grande dimensão, tendo sido recolhidas amostras dos mesmos para futuras análises. Detetados 15 fragmentos cerâmicos

Camada 1c – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, com maior presença de arena granítica, com inclusões de diversos seixos angulosos de granito e de algumas raízes. Detetados 5 artefactos líticos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Incluía, também, 5 artefactos líticos (Tab. 4.66).

Materiais líticos

Entre os artefactos líticos recolhidos constam 1 fragmento de seixo quartzítico, rolado, provavelmente usado como triturador, já que apresentava desgaste das arestas, e, também, 4 fragmentos de moinhos manuais, em granito de grão fino ou médio, cuja disposição no interior da fossa não aparentava qualquer estruturação intencional.

Tabela 4.66 – Artefactos líticos recolhidos na Estrutura 46/Fossa 18

Nº Inv.	Cam.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
S/ núm.	1a	Subtriangular	Irregular	12	6	7	Quartzito	Triturador
S/ núm.	1c	Subquadrangular	Côncava	8	6	4,5	Granito gr. fino	Movente (?)
S/ núm.	1c	Subtriangular	Plana	14	9	7	Granito gr. médio	Movente/dormente (?)
S/ núm.	1c	Subtriangular	Plana	11	6	5	Granito gr. fino	Dormente (?)
S/ núm.	1c	Subquadrangular	Plana	8,5	5,5	4	Granito gr. fino	Dormente (?)

Estrutura 58A¹⁷ = Fossa 19 e 20 (quadrados I19, I20, J19 e J20) (Fig. 4.176)

Tendo em conta o plano final e a secção obtidos após escavação é possível hipotetizar a existência de duas estruturas semelhantes, tipo fossa, denominadas de estrutura 58A' e estrutura 58A''. Os seus possíveis interfaces apenas foram percebidos a uma cota muito baixa, já que o enchimento (camada 1a) era muito idêntico em ambas, o que tornou impossível determinar qual das estruturas seria posterior.

Estrutura 58A' = Fossa 19

a. Estrutura em negativo no substrato rochoso de contorno ovalizado, secção em “U” e base aplanada. Detinha cerca de 1,45 cm de comprimento no sentido noroeste-sudeste, 1,02 cm de largura e 43 cm de profundidade máxima.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, limo-arenoso, de média compacidade, com inclusões de algumas raízes. Detetados 5 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 58A'' = Fossa 20

Estrutura em negativo no substrato rochoso de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aparentemente aplanada. Deteria o seu maior eixo (comprimento) disposto no sentido nor-nordeste/su-sudoeste, pouco mais de 100 cm de largura e a mínima de, pelo menos, 31 cm.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, limo-arenoso, de média compacidade, com inclusões de algumas raízes. Detetados 4 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 63 = Fossa 21 (quadrados R16 e R17) (Fig. 4.177)

¹⁷ Refira-se que a numeração 58 já havia sido utilizada numa outra estrutura datável de fase histórica, o que não impediu que, por lapso, esta fosse fotografada como estrutura 58, facto que levou a que, para a diferenciar, lhe fosse acrescentada a letra “A” após a numeração.

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, secção em “U” e base arredondada. Detinha cerca de 98 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 56 cm de largura e 18 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de bolsas de arena granítica pontuais e de algumas raízes. Detetados 8 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 67 = Fossa 22 (quadrados K17 e L17) (Fig. 4.178)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de perfil em “U” e base aplanada. Detinha cerca de 107 cm de diâmetro e 57 cm de profundidade. Foi perturbada no quadrante sul por uma raiz, facto que tornou o seu interface deveras irregular.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, bastante heterogéneo, de média compactidade, com muitas bolsas de arena granítica e inclusões de algumas raízes. Detetados 8 fragmentos cerâmicos e um artefacto lítico.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Incluía, também, 1 artefacto lítico.

Materiais líticos

Corresponde a um fragmento de arenito (?) que denota polimento (fragmento de um machado de pedra polida?).

Estrutura 70¹⁸ = Fossas 23, 24 e 25 (quadrados K18, K19, L18 e L19) (Fig. 4.179)

Os trabalhos de escavação permitiram perceber que a sua forma em plano, antes da escavação, correspondia ao conjunto de quatro depressões e não apenas de uma, como se pensava inicialmente. Foram identificadas 3 pequenas fossas, 2 a poente (denominadas de estrutura 70A e estrutura 70B) e 1 a nascente (denominada de estrutura 70C), entre as quais figurava um buraco de poste (denominado de buraco de poste 1). No fundo da estrutura 70B foi, ainda, identificado uma outra pequena depressão.

Estrutura 70A = Fossa 23

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aplanada. Apresentava cerca de 80 cm de comprimento, no sentido este-oeste, cerca de 67 cm de largura

¹⁸ Esta estrutura foi confundida, por lapso, nas numerações com a estrutura 57, daí o seu registo fotográfico após escavação mencionar aquela numeração.

e a profundidade máxima de 34 cm. Os quadrantes noroeste e nordeste desta foram ligeiramente cortados por outras duas depressões, denominadas, respetivamente, de Estrutura 70B (Fossa 24) e de Estrutura 70C (Fossa 25).

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, presenciando muitas bolsas de arena granítica, com inclusões de algumas radículas. Detetados 2 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo.

Estrutura 70B = Fossa 24

a. Estrutura em negativo que cortou ligeiramente o quadrante noroeste da estrutura 70A e que atinge uma profundidade ligeiramente maior que aquela. Detinha, igualmente, contorno ovalizado, secção em “U” e base aplanada, cujo maior eixo, disposto no sentido noroeste-sudeste, apresentava cerca de 64 cm de comprimento, 30 cm de largura e 18 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de algumas radículas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais.

Estrutura 70C = Fossa 25

a. A nascente das estruturas 70A e 70B, ligeiramente para nordeste da primeira, foi registada uma outra estrutura em negativo, cortando ligeiramente o quadrante nordeste daquela. Detinha contorno ovalizado, secção em “U” e base aplanada, com o maior eixo disposto no sentido nordeste-sudoeste, atingindo 62 cm de comprimento, 45 cm de largura e a profundidade máxima de 22 cm. Dentro desta, descaída para o quadrante nordeste, foi identificado uma pequena depressão (buraco de poste?) de contorno circular, secção em “U” e base arredondada, com 11 cm de diâmetro e 25 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, presenciando muitas bolsas de arena granítica, com inclusões de algumas raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, com inclusões de radículas.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Incluía, também, 3 pequenos cristais de turmalina, muito comuns naquela área.

Estrutura 73 = Fossa 26 (quadrados G16, G17, H16 e H17) (Fig. 4.180)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada no topo e base aplanada. Detinha 94 cm de diâmetro e 104 cm de profundidade. Embora denotasse um ligeiro corte da sua boca foi possível verificar que tomava a forma de “saco”.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com bolsas de arena granítica, inclusões de alguns seixos angulosos de diferentes tipos de granito e de raízes. Detetados 15 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Incluía, também, 4 artefactos líticos (Tabs. 4.67 e 4.68).

Materiais líticos

Além de 2 fragmentos diminutos de granito de grão médio pertencentes a possíveis moinhos manuais moventes e de uma pequena lasca de sílex com brilho e coloração nacarada e toque gorduroso, à cota de 277,22 metros foi recuperado um moinho manual dormente de contorno subquadrangular¹⁹. O granito utilizado foi o de grão fino e a sua superfície de moagem mostra-se barquiforme.

Tabela 4.67 – Características dos moinhos manuais recolhidos da Estrutura 73/Fossa 26

Nº Inv.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
2011.0334	Subquadrangular	Barquiforme	19	18	7	Granito gr. fino	Dormente
S/ núm.	Irregular	Plana	6	4	2	Granito gr. médio	Movente
S/ núm.	Irregular	Côncava	5	3	3	Granito gr. médio	Movente

Tabela 4.68 – Características do artefacto lítico recolhido da Estrutura 71/Fossa 26

Nº Inv.	Contorno	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
S/ núm.	Subtriangular	4	2,5	2	Sílex	Raspador (?)

Estrutura 74 = Fossa 27 (quadrado G19) (Fig. 4.181)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base irregular, denotando ligeira depressão descentrada ligeiramente para norte. Detinha cerca de 117 cm de diâmetro e 97 cm de profundidade.

¹⁹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2011.0334.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogénea, de grão médio, com bolsas de arena granítica de coloração amarela e com inclusões de algumas raízes. Detetados 8 fragmentos cerâmicos e 1 artefacto líticos.

c. O seu enchimento incluía 8 fragmentos cerâmicos de pequeníssimas dimensões que foram cedidos para estudo e 1 artefacto lítico.

Materiais líticos

Corresponde a 1 seixo quartzítico rolado com indícios de contacto com o fogo (?).

Estrutura 75 = Fossa 28 (quadrados E17, E18, F17 e F18) (Fig. 4.183)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base aplanada. Detinha cerca de 114 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 90 cm de largura e 9 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, limo-arenosa, de média compactidade, com inclusões de raízes e radículas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 76 = Fossa 29 (quadrados D18 e D19)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de perfil em “U” e base arredondada. Detinha cerca de 98 cm de comprimento, no sentido Este-Oeste, 88 cm de largura e 15 cm de profundidade. Esta estrutura cortou um grande filão de quartzo leitoso.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, algo heterogéneo, de média compactidade, com algumas bolsas de arena granítica, inclusões de algumas raízes e de inúmeras lascas de quartzo leitoso resultantes da desagregação do filão que cortou.

c. O seu enchimento não forneceu quaisquer materiais arqueológicos.

Estrutura 78 = Fossa 30 (quadrados E19, E20, F19 e F20) (Fig. 4.182)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção estrangulada na boca e base aplanada irregular. Detinha cerca de 112 cm de diâmetro e 60 cm de profundidade. Embora tenha sido possível perceber que não se encontraria à cota original, foi possível perceber que a sua secção toma a forma de “saco”.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, de média compactidade, com bolsas de arena granítica pontuais, inclusões de alguns seixos angulosos de granito e raízes. Detetados 32 fragmentos cerâmicos.

c. Os materiais cerâmicos do seu enchimento foram cedidos para estudo. Destaca-se, contudo, que a colagem de alguns destes fragmentos permitiu identificar um grande fragmento de vaso de vaso de pança ovoide decorado com incisões e impressões, numa organização decorativa onde se destaca uma banda preenchida por séries de finas incisões dispostas de forma oblíqua, quer orientadas para um lado quer para o outro (Fig. 4.184). No topo e no exterior da banda há pequenos motivos subelípticos impressos e linhas horizontais também incisadas. As suas características decorativas fazem lembrar algumas decorações do povoado da Sola IIb, em Braga (Bettencourt 2000b), sítio arqueológico que dista cerca de 4 km para noroeste da Quinta do Amorim.

Na Tabela 4.69 foram sintetizadas as principais características das fossas identificadas na Área 2.

Tabela 4.69 – Características das fossas identificadas na Área 2

Est.	Contorno	Secção	Base	Diâm.	Comp.	Larg.	Prof.	Orient.
20/F13	Ovalizado	U	Arredondada	-	74	56	56	E-W
35/F14	Subcircular	Estrang. topo	Aplanada	100	-	-	79	-
37/F15	Subcircular	Estrang. topo	Arredondada	86	-	-	73	-
40/F16	Ovalizada	U	Arredondada	-	94	87	36	N-S
44/F17	Subcircular	U	Arredondada	73	-	-	11	-
46/F18	Subcircular	Estrang. topo	Aplanada	130	-	-	64	-
58A'/F19	Ovalizado	U	Aplanada	-	145	102	43	NW-SE
58A''/F20	Ovalizado	U	Aplanada	-	c. 100	?	?	N/NE-S/SW
63/F21	Ovalizado	U	Arredondada	-	98	56	18	E-W
67/F22	Subcircular	U	Aplanada	107	-	-	57	-
70A/F23	Ovalizado	U	Aplanada	-	80	70	34	E-W
70B/F24	Ovalizado	U	Aplanada	-	64	60	18	E-W
70C/F25	Ovalizado	U	Aplanada	-	62	45	22	NE-SW
73/F26	Subcircular	Estrang. topo	Aplanada	94	-	-	104	-
74/F27	Subcircular	U	Irregular	117	-	-	97	-
75/F28	Ovalizado	U	Aplanada	-	114	90	9	N-S
76/F29	Ovalizado	U	Arredondada	-	98	88	15	E-W
78/F30	Subcircular	Estrang. topo	Aplanada irreg.	112	-	-	60	-

3.5.2.2.2. Buracos de poste

Apenas foi detetado um buraco de poste nesta área da escavação, a que se deu a designação de buraco de poste 1

Buraco de poste 1 (quadrado L19) (Fig. 4.179)

a. Ligeiramente a norte, entre as estruturas 72B e 70C, foi identificado o que parecia corresponder a um buraco de poste. Detinha contorno ovalizado, secção em “U” e base arredondada, medindo 38 cm de comprimento, no sentido noroeste-sudeste, 24 m de largura e 67 cm de profundidade (Tab. 4.70).

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, presenciando muitas bolsas de arena granítica, com inclusões de algumas radículas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Tabela 4.70 – Características do buraco de poste identificado na Área 2

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.
BP1	Ovalizado	U	Arredondada	38	24	67

3.5.2.2.3. Sepulturas

Estrutura 12 = Sepultura 1 (quadrados M19, M20, N19 e N20) (Figs. 4.186, 4.187 e 4.188)

a. Esta estrutura foi cortada mecanicamente pela mesma vala que afetou as estruturas 3 e 4²⁰ e que permitiu a L. Vilas Boas (comunicação pessoal) recolher, durante o acompanhamento arqueológico, os materiais cerâmicos que estão na origem dos trabalhos de escavação deste sítio. No entanto, contrariamente àquelas duas estruturas, esta não foi identificada desde o início.

O facto de terem surgido fragmentos cerâmicos de vasos de bordo horizontal naquela área genérica, durante a abertura da referida vala, apontava para a possibilidade de ali poderem existir estruturas funerárias. Durante a limpeza do corte da vala foram identificadas, de ambos os lados do seu corte, as secções do enchimento de uma estrutura. Após a sua definição em plano e a sua escavação foi possível perceber que se tratava de uma sepultura plana de contorno subretangular, de secção em “U” e de base aplanada. Detinha 252 cm de comprimento máximo, a largura variável entre os 80 e os 108 cm e a profundidade oscilante entre os 10 e os 19 cm (Tab. 4.71).

Tabela 4.71 – Características da sepultura plana identificada na Área 2

²⁰ Ambas as estruturas são fossas com buraco de poste no seu interior, mais ou menos centrado, que podem ser incluídas, hipoteticamente, na ocupação de época romana verificada no local e que se percebe por outras materialidades semelhantes ali identificadas.

Estrut.	Contorno	Secção	Base	Comprim.	Larg.	Prof.
E12/S1	Subretangular	U	Aplanada	252	80/108	10/19

No seu extremo noroeste foi depositado um vaso cerâmico de largo bordo horizontal, sem qualquer decoração. Imediatamente a nascente deste, para nordeste, foi identificada uma pequena depressão no substrato rochoso de contorno circular com o diâmetro de 22 cm e a profundidade máxima de 35 cm. O enchimento desta estrutura apresentava as mesmas características por toda a área apenas sendo ligeiramente mais friável da zona da pequena depressão identificada no fundo.

Sensivelmente a meio, no extremo externo norte desta sepultura, mas muito próximo do seu interface, foi identificado um resquício de arena granítica bastante compactada. Corresponderia a restos da tampa desta sepultura, à semelhança do que foi identificado na necrópole do Pego. Infelizmente, a sua preservação era extremamente parcelar e localizada, detendo cerca de 20 por 30 cm, pelo que não foi possível acertar esta hipótese sem reservas.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, limoso, homogéneo, de fraca compacidade, com inclusões de radículas.

c. Do seu enchimento foi possível recolher 3 pequenos fragmentos de panças e uma lasca de quartzo semi-translúcido, para além de 1 vaso cerâmico intencionalmente depositado.

Materiais cerâmicos

Os 3 fragmentos de panças apresentam fabrico manual e cozedura redutora. As suas pastas são arenosas, com desengordurantes de quartzo de média dimensão que lhe conferem textura grosseira, denotando alisamento em ambas as faces. Embora não seja possível identificar a sua forma, as suas características tecnológicas são muito semelhantes. Podem ser genericamente enquadrados na Idade do Bronze. Não se descarta a hipótese da sua presença no enchimento desta estrutura de dever ao seu transporte accidental a partir da superfície, durante a selagem da mesma.

O vaso intencionalmente depositado encontrava-se praticamente intacto. Corresponde a uma forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999)²¹. Denota fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa, com desengordurantes de quartzo de pequena e média dimensão que lhe conferem uma textura média/grosseira. Apenas lhe falta o elemento de prensão vertical, de secção em fita, cuja patina da fratura angulosa parece ser antiga. Correspondente a um vaso de largo bordo horizontal, com 1,9 a 3,2 cm de largura de bordo,

²¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2009.0765.

lábio arredondado, medindo 9,4 cm de altura e 13,5 cm de diâmetro (interno) máximo. O seu fundo é convexo, embora ligeiramente aplanado. Não apresenta qualquer decoração mas encontra-se alisado em ambas as faces. Denota fuligem em ambas as paredes, embora na externa esta se disponha na área oposta à asa.

Materiais líticos

Destaca-se uma pequena lasca de quartzo translúcido com cerca de 1,5 cm de comprimento por cerca de 1 cm de espessura, que terá sido transportada com os sedimentos que cobriram a sepultura.

d. De fuligem da parede interna do vaso depositado no interior da sepultura foi recolhida e enviada para datação radiométrica uma amostra que situa o contexto entre os séculos XVII e XVI AC (Vide ponto relativo a *Datas de radiocarbono*).

3.5.2.2.3. Síntese

Do total de estruturas escavadas na Área 2, 20 delas, pelas suas características morfológicas e pelos materiais a elas associadas, podem ser genericamente datadas da Idade do Bronze. Entre estas figuram 18 fossas, 1 sepultura plana e 1 buraco de poste.

Em apenas dois casos ocorreram cortes entre estruturas da Idade do Bronze, concretamente, entre as estruturas 58A e 58A' (fossas 19 e 20) e entre as estruturas 70A, 70B e 70C (fossas 23, 24 e 25).

De um modo geral e comparativamente à Área 1, o que se verifica é que os vestígios de ocupação da Idade do Bronze nesta área são ainda mais significativos. Ocorrem fossas denotando claramente características funcionais compatíveis com a prática de aprovisionamento, apresentando estrangulamento do topo em secção, tomando a forma de “saco”, e incluindo fragmentos de moinhos manuais. São exemplo disso as estruturas 35, 37, 46, 73 e 78 (fossas 14, 15, 18, 26 e 30).

Quanto aos moinhos manuais recolhidos nos sedimentos que preenchiam fossas, observa-se que em termos dimensionais variam entre os 5 e os 19 cm de comprimento, os 3 e os 18 cm de largura e os 2 e os 7 cm de espessura (Tab. 4.72). Predominam as superfícies de moagem planas (57,1%, com 4 exemplares), seguidas das côncavas (28,6%, com 2 exemplares) e barquiformes (14,3%, com 1 exemplar). Quanto aos tipos de matéria-prima utilizada, à semelhança da Área 1, verifica-se a presença de granitos de grão fino (57,1%, com 4 exemplares) e médio (42,9%, com 3 exemplares).

Tabela 4.72 – Moinhos manuais recolhidos no interior das fossas da Área 2

Est.	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Granito	Função
E46/F18	Subquadrangular	Côncava	8	6	4,5	Fino	Movente (?)
E46/F18	Subtriangular	Plana	14	9	7	Médio	Movente/dormente (?)
E46/F18	Subtriangular	Plana	11	6	5	Fino	Dormente (?)
E46/F18	Subquadrangular	Plana	8,5	5,5	4	Fino	Dormente (?)
E73/F26	Subquadrangular	Barquiforme	19	18	7	Fino	Dormente
E73/F26	Irregular	Plana	6	4	2	Médio	Movente
E73/F26	Irregular	Côncava	5	3	3	Médio	Movente

Atendendo às matérias-primas utilizadas, é possível afirmar que os moinhos manuais recuperados são oriundos das imediações, já que se encontram disponíveis aqueles tipos de granito.

Quanto ao único triturador recolhido, poucas são as comparações a fazer (Tab. 4.73). Não é inédita a sua presença, tendo em conta a matéria-prima utilizada noutros artefactos similares detetados na Área 1.

Tabela 4.73 – Trituradores recolhidos no interior das fossas da Área 2

Est.	Cam.	Contorno	Sup.	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
E46/F18		Subtriangular	Irregular	12	6	7	Quartzito	Triturador

Talvez de outro âmbito sejam as estruturas 20 e 76 (fossas 13 e 28). As suas características ovalizadas e o facto de se terem implementado sobre um filão de quartzo leitoso que parecem seguir permitem ponderar a hipótese de uma função relacionada com a captação daquele mineral para aplicação como desengordurante, indispensável à atribuição de plasticidade às argilas utilizadas na produção de cerâmica. De notar que o enchimento da Estrutura 76/Fossa 2 apresentava inúmeras lascas de quartzo leitoso resultante da desagregação do filão cortado.

A presença de um buraco de poste (Buraco de poste 1) que poderia albergar um tronco considerável, dadas as suas dimensões, na contiguidade de fossas permite pensar que estas poderiam estar cobertas sobre uma estrutura de material perecível. Não será de esquecer, também, que parece ter existido outro buraco de poste na periferia da Estrutura 70C/Fossa 24, embora de menores dimensões.

Registou-se, também, a presença de uma estrutura funerária (Estrutura 12/Sepultura 1). As características morfológicas dessa estrutura, por comparação com contextos coetâneos, como os sítios do Pego, em Braga (Sampaio *et al.* 2008; Sampaio & Bettencourt 2014), ou de

Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes 2007, 2008; Almeida *et al.* 2008), permitem depreender que se trata de uma sepultura plana de inumação. As suas consideráveis dimensões (252 cm de comprimento e largura variável entre os 80 e os 104 cm) não excluem a hipótese de poder ter albergado uma inumação dupla. Quanto ao posicionamento do corpo (ou corpos) no seu interior não é possível perceber se terá ocorrido em decúbito dorsal, lateral ou, ainda, ambos, no caso de ter sido dupla. Não é igualmente possível determinar qual das extremidades corresponderia à cabeceira.

A lasca de quartzo semi-translúcido e os três fragmentos cerâmicos, pelo seu estado fragmentado e erodido, bem como pelas suas características técnicas dissemelhantes (compatíveis com a pertença a diferentes formas) e o seu posicionamento aleatório no seio dos sedimentos do interior da estrutura deixam pressupor o seu transporte acidental durante o enchimento desta estrutura.

No entanto, foi depositado intencionalmente um vaso cerâmico na extremidade noroeste da sepultura. É um recipiente cuja presença é usual em contextos funerários da Idade do Bronze no Noroeste português (vaso de bordo horizontal). O seu estado, praticamente completo²², deixa perceber a intencionalidade da sua deposição.

De notar que este vaso apresenta as mesmas características de fuligem que os do Pego, por exemplo, pelo que é normal que se associe às práticas fúnebres efetuadas durante o enterramento, sendo, portanto, um agente de ação mais do que uma oferenda.

Tal vem confirmar a utilização deste espaço para atividades sepulcrais, algo do que já se suspeitava pela anterior recolha, nesta área genérica, de outros fragmentos de vasos cerâmicos de bordo horizontal.

3.5.3. Análise comparada das estruturas das Áreas 1 e 2

O seguinte exercício será levado a cabo tendo em conta apenas estruturas semelhantes datáveis da Idade do Bronze, num universo total de 30 fossas.

Observando os dados relativos aos contornos (Fig. 4.149) é possível perceber a ligeira presença de contornos ovalizados (57%) em detrimento dos subcirculares (43%). Os contornos ovalizados sobrepõem-se, em ambas as áreas, aos subcirculares. Na Área 1 há 7 fossas ovalizadas contra 5 subcirculares e, na Área 2, ocorrem 10 exemplares ovalizados e 8 subcirculares.

²² Com apenas o elemento de prensão vertical em falta, cuja patina da fratura aparenta antiguidade.

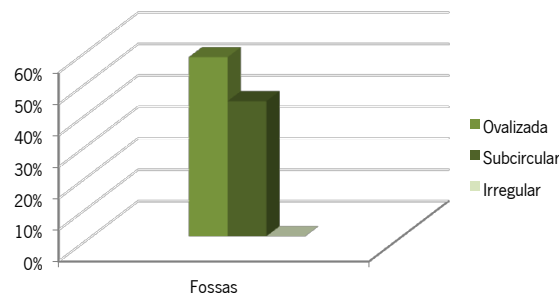


Figura 4.149 – Percentagem de contornos representados num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze.

Analisando os diâmetros/comprimentos (Fig. 4.150) verifica-se que o intervalo mais representado é o situado entre os ≥ 75 e < 100 cm (60%), com um total de 18 exemplares. Além da ausência de fossas com comprimento/diâmetros inferiores a 50 cm, registam-se 7 exemplares no intervalo ≥ 100 e < 150 cm (23,3%), 4 exemplares no intervalo ≥ 50 e < 75 cm (13,3%) e apenas 1 exemplar com medidas superiores a 150 cm (3,3%).

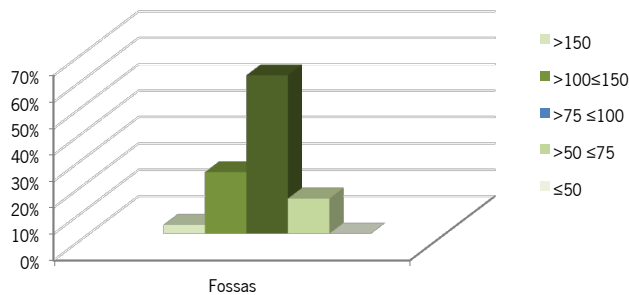


Figura 4.150 – Percentagem de diâmetros/comprimentos representadas num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze

Se os diâmetros inferiores a 50 cm estão equitativamente representados em ambas áreas, com 9 exemplares para cada, já os que cabem no intervalo entre 50 e 75 cm apenas se encontram representados na Área 2. Saliente-se, ainda, a presença de diâmetros superiores a 1 m, igualmente representados com 1 exemplar em cada área.

Observando os valores das profundidades (Fig. 4.151) nota-se a presença de estruturas com menos de 50 cm de profundidade (60%), num total de 18 exemplares, seguidas dos intervalos entre ≥ 50 e < 75 cm (16,7%), com 5 exemplares, ≥ 75 e < 100 cm (10%), com 3 exemplares, ≥ 100 e < 150 cm (6,7%), com 2 exemplares, e, finalmente, ≥ 150 cm (3,3%), com 1 exemplar. De referir que não foi possível calcular, dada a falta de dados, a profundidade de 1 estrutura (Estrutura 58A'', Área 2), que corresponde a 3,3%.

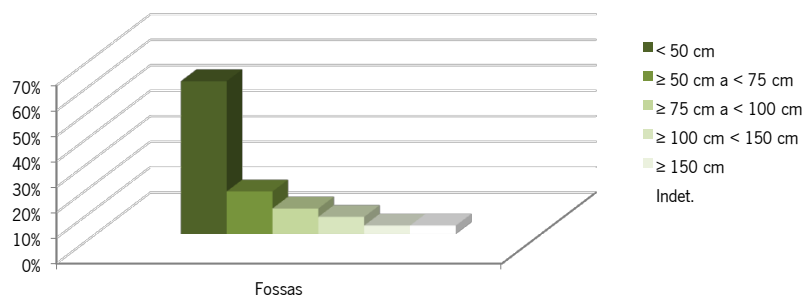


Figura 4.151 – Percentagem de profundidades representadas num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze.

Salienta-se o facto de 3 fossas apresentarem profundidades superiores a 100 cm (2 exemplares na Área 2 e 1 exemplar na Área 1), sendo que 1 ultrapassou mesmo os 150 cm, atingindo 182 cm (Área 1).

Analisando as bases (Fig. 4.152) é possível verificar a ligeira superioridade das bases arredondadas (50%) em relação às aplanadas (43,3%). Note-se que comparando as duas áreas, verifica-se que na Área 1 prevalecem as bases arredondadas (9 exemplares) e na Área 2 as bases aplanadas (10 exemplares). Registe-se, igualmente, a ocorrência de 1 base irregular e de 1 base irregular aplanada, correspondendo a 3,3% cada, ambas na Área 2.

Parece viável considerar que a localização da Quinta do Amorim, numa plataforma de baixa/média de vertente, lhe facilitou o acesso a diferentes zonas, não sendo por acaso que entre os seus vestígios estejam significativamente representadas fossas e fragmentos de moinhos manuais que se podem relacionar com práticas agrícolas e de recolção, no âmbito de práticas de processamento e de armazenagem.

Verifica-se que em ambas as áreas ocorrem fossas profundas, com estrangulamento do topo. Também em ambas as áreas ocorrem fossas de dimensões reduzidas. Há, igualmente, uma tendência na orientação dos seus maiores eixos, que parece ser similar nas duas áreas.

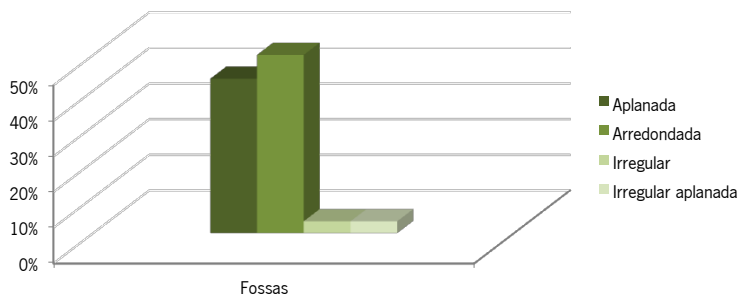


Figura 4.152 – Percentagem de bases representadas num universo de 30 estruturas da Idade do Bronze.

Parece viável considerar que a localização da Quinta do Amorim, numa plataforma de baixa/média de vertente, lhe facilitou o acesso a diferentes zonas, não sendo por acaso que entre os seus vestígios estejam significativamente representadas fossas e fragmentos de moinhos manuais que se podem relacionar com práticas agrícolas e de recolção, no âmbito de processamento e de armazenagem.

Verifica-se que em ambas as áreas ocorrem fossas profundas, com estrangulamento do topo. Também em ambas as áreas ocorrem fossas de dimensões reduzidas. Há, igualmente, uma tendência na orientação dos seus maiores eixos, que parece ser similar nas duas áreas.

3.6. Datas de C14 e fases de ocupação

Este ponto pretende estreitar a cronologia proposta para este local. Pretende, de igual forma, propor os diferentes momentos de ocupação observados a partir do cruzamento dos dados disponíveis: estratigrafia, datas absolutas e materialidades.

Este exercício contempla, também, a análise da disposição espacial das estruturas e das suas relações, tentando lançar luz sobre a sua cronologia sequencial.

3.6.1. Datas de radiocarbono

Para a obtenção deste resultado procedeu-se à datação de restos de fuligem raspada da parede interna do vaso de largo bordo horizontal depositado na única sepultura escavada (Estrutura 12). O resultado obtido foi calibrado com o programa *OxCal* 4.2, segundo a curva IntCal09 (Reimer *et al.* 2009)²³ (Tab. 4.74).

A data absoluta obtida situa-se entre os inícios do século XVII e os finais do século XVI AC (1698-1524 BC Cal. 2 Sigma), a 86.6%, ou, provavelmente, no século XVII AC, se for tido em conta a calibração a 1 Sigma, ou seja, no 2º quartel do II milénio AC e no que se considera como Idade do Bronze Médio.

Esta data é, aliás, coerente com a forma cerâmica recuperada do interior desta estrutura, cuja presença em contextos funerários do Noroeste português tem vindo a ser atestada em contextos entre os finais do Bronze Inicial, conforme dados inéditos, e inícios do Bronze Final (Bettencourt 1997, 1999, 2009, 2010; Cruz & Gonçalves 1998/1999).

Tabela 4.74 – Datação por AMS da sepultura plana da Quinta do Amorim

Ref. Lab.	Contexto	Idade	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
-----------	----------	-------	-------------------------------------	-------------------------------------	--------------

²³ Disponível gratuitamente *online* em <http://c14.arch.ox.ac.uk/embed.php?File=oxcal.html>.

BP					
AA89661	Estrutura 12/Sepultura 1	3345±42	1689-1605 (51.2%)	1739-1705 (6.8%)	Sampaio <i>et al.</i> 2014
			1576-1536 (17%)	1698-1524 (86.8%)	

3.6.2. Fases de ocupação

Com base na indevida preservação estratigráfica dos níveis arqueológicos, nas relações inter-estruturas, nos materiais recolhidos e na data de radiocarbono não é possível identificar com segurança ocupações de diferentes cronologias.

Reconhecendo estas limitações sabe-se, com certeza, que pelo menos durante o Bronze Médio, entre os séculos XVII e XVI AC, terão sido perpetradas, na vertente sul do Monte de Pedroso, ações mortuárias. Esta frequência é atestada pela presença de uma sepultura plana, na qual foi depositada uma forma cerâmica comum em ambientes funerários do Bronze do Noroeste, um vaso de bordo horizontal. A esta cronologia deverão pertencer os restantes fragmentos de formas idênticas recuperados nas imediações desta estrutura.

Não se descarta a hipótese de, a este momento, poder pertencer o núcleo de estruturas (fossas e buracos de poste) da Área 2, pelo facto de, numa das fossas (Estrutura 78/Fossa 29), ter aparecido parte de um vaso com decoração que relembra cerâmicas da Sola IIb, um horizonte de ocupação igualmente datado de entre os séculos XVII e XVI AC.

Na Área 1, a cota superior, o espaço foi, também, frequentado para práticas similares à Área 2, conforme se atesta pela presença de fossas e covachos. De lembrar que ali as estruturas se assemelham muito às das Área 2, tanto ao nível da forma e da orientação preferencial como, também, ao nível dos enchimentos do seu interior, o que parece tornar mais verosímil a sua contemporaneidade genérica.

De destacar, ainda, que as raras sobreposições de estruturas, sempre parciais, poderão corresponder mais à reorganização do espaço do que, propriamente, a diferentes horizontes cronológicos. Estas, quando identificadas, apenas ocorreram por duas vezes (entre as estruturas 58A' e 58A'' e entre as estruturas 70A, 70B e 70C), e sempre na Área 2.

Por fim, é de destacar a presença de uma malga quase em calote de esfera, forma raríssima em contextos do Bronze Final. Por exemplo, em S. Julião, Vila Verde, apenas são conhecidos dois fragmentos que poderão corresponder a malgas de tipologia semelhante (Bettencourt 2000c).

3.7. Discussão dos resultados e interpretação

Um problema decorrente dos trabalhos de escavação tem que ver com a cronologia de ocupação deste lugar.

A área intervencionada corresponde a uma zona de declive que, ainda que pouco acentuado, apresentava uma potência estratigráfica extremamente diminuta. Algumas das estruturas parecem ter sido cortadas no topo, quer por ação de processos de erosão subaérea quer pelo uso, em fase mais recente, de maquinaria de construção. Na verdade, nesta área havia sido já construído um campo de tiro, um campo de futebol e, mais recentemente, alguns empreendimentos habitacionais. Este conjunto de construções terá implicado uma considerável movimentação e extração de terra, alguma da qual deslocada para uma das áreas intervencionadas²⁴. Terá sido a construção do campo de futebol, tendo em conta os trabalhos de terraplanagem que implicaram, a contribuir fortemente para a maior perturbação do local. Além do campo propriamente dito, e embora não houvesse bancada, o declive a nascente do campo parecia artificialmente regularizado, talvez decorrente da “raspagem” da superfície do solo. Sendo escassa a potência estratigráfica, é bem possível que este processo tenha afetado diretamente, em muitos pontos, o substrato rochoso e, por conseguinte, a grande maioria das estruturas em negativo.

Talvez a conjugação de todos estes fatores tenha contribuído para a ausência de níveis arqueológicos de ocupação/abandono e, infelizmente, para a não preservação de estruturas em positivo – como fundos de cabanas, pisos de circulação, lareiras ou empedrados. De qualquer modo, também não é de descartar a presença de episódios de erosão dos níveis arqueológicos em épocas mais antigas, dado o facto de a ocupação ter decorrido numa zona de pendente.

Nem nas proximidades das estruturas 15 e 17 (Área 1), raros casos em que as suas dimensões foram preservadas, foi viável a identificação de vestígios arqueológicos em positivo. Deverá ser esclarecido, contudo, que este caso específico é algo surpreendente, já que por altura da chegada da equipa arqueológica ao local, para iniciar os trabalhos de escavação, as máquinas haviam retirado toda a camada humosa daquela zona e com ela, em alguns pontos, parte do substrato rochoso meteorizado. Estas estruturas só foram identificadas depois de uma fina decapagem para limpeza da arena granítica solto que assentava sobre a superfície. As duas estruturas em questão atingiram os 182 e os 140 cm de profundidade, respetivamente, sendo

²⁴ Durante os trabalhos de escavação foi possível retirar aterros com restos de tijolos, azulejos, plásticos e papéis que se percebem derivar de construções próximas.

quase certo afirmar que se encontrariam quase completas, tão notório era o estrangulamento das suas bocas (no caso da estrutura 17 este era mesmo acentuado).

À parte da ausência de estruturas em positivo, a identificação de fossas e de alguns fragmentos cerâmicos datáveis da Idade do Bronze a pouco mais de 200 metros para sudeste, nos cortes de uma estrada abaixo da plataforma sul que liga ao alto do Monte de Pedroso, poderá facilmente levar a pensar que este povoado se estendia para o topo e vertentes desta plataforma. A necessidade de uma apurada compreensão e datação da ocupação da Idade do Bronze ali reconhecida, recorrendo à escavação daquela área e do cruzamento dos resultados daí resultantes com os dados desta intervenção, permitiria compreender melhor o uso deste local durante aquele período mas, acima de tudo, perceber a relação entre os diferentes sítios de vertentes opostas. Como tal, a suposição de que ambas as ocupações possam ser contemporâneas, pela ausência de dados suficientes, não passará de mera hipótese, embora as cerâmicas recolhidas na vertente sudeste e este indiciem cronologia anterior ao Bronze Final, pela profusão de decorações plásticas sob a forma de cordões.

Durante os trabalhos de escavação as estruturas mais recorrentemente detetadas foram as fossas. Algumas delas, com secções declaradamente em forma de “saco”, estreitando na boca, relacionam-se com práticas de subsistência diária, em estreita relação com a exploração dos vales e dos seus recursos, nomeadamente, com o aprovisionamento de recursos agrícolas ou de recolha, segundo as características descritas por Buxó (1997), tanto na sua forma fechada na parte superior como considerável profundidade. A força de trabalho investida em muitas destas estruturas e a presença de grandes moinhos manuais, cujo transporte seria dificultado pelo seu peso, permite equacionar a existência de uma hipotética área habitacional nas imediações.

Além disso, foi comum a recolha, nos enchimentos destas fossas, de fragmentos cerâmicos com paredes grossas, muitos deles pertencentes a formas de médias a grandes dimensões. Os fundos estão extremamente mal representados, correspondendo a apenas 2 fragmentos de bases planas simples, 1 recolhido na camada 1a da Estrutura 58A'/Fossa 19 e outro na camada 1a da Estrutura 73/Fossa 26. Algumas destas estruturas incluíam, também, moinhos e fragmentos de moinhos manuais graníticos (moventes e dormentes) e alguns trituradores em quartzo leitoso e quartzito. Estas características parecem reforçar a sua relação com atividades de processamento recursos de variada origem.

Nas estruturas 17 e 73 foi possível identificar pequenas depressões anexas, nas imediações externas, junto da “boca”. A pouca profundidade destas estruturas leva a questionar se não teriam servido de “cama” para albergar os moinhos manuais dormentes durante o processo de moagem. Também nas paredes laterais de algumas delas, como as estruturas 15 e 35, foram identificadas pequenas cavidades, localizadas sensivelmente a meio das suas paredes, por vezes de ambos os lados. Foram percebidas como negativos de divisórias internas construídas em material perecível – recorrendo a ramos intrincados, por exemplo – que, talvez, servissem para separar os produtos armazenados ou para arejamento.

Devem ser referidos os enchimentos homogêneos apresentados por muitas destas estruturas, assim como a presença de grandes fragmentos cerâmicos com fraturas vivas, característica que deixa transparecer a sua rápida colmatação. Também os fragmentos de moinhos manuais de significativo peso em alguns enchimentos e a ausência de formas cerâmicas inteiras não se coadunam com práticas de deposição intencionais e estruturadas. Parece, pois, que a colmatação de muitas destas estruturas tem correspondência com a sua “desativação” rápida e, talvez, programada.

A rara dispersão das estruturas genericamente datáveis da Idade do Bronze, denotando formas e funcionalidades distintas, permitem hipotetizar uma ocupação que se terá disseminado pelas vertentes sul e sudoeste do Monte de Pedroso. Estas populações deram preferência a uma área de declive pouco acentuado, ligadas a uma pequena plataforma sul do Monte de Pedroso, com excelentes condições visibilidade.

A dispersão de estruturas e as raras sobreposições entre elas espelham uma ocupação ausente de pressão demográfica sobre o espaço. A análise à disposição espacial das estruturas revelar a existência de dois núcleos, correspondentes com as Áreas 1 e 2. Parece que a existência de duas linhas de água separaria ambas as zonas (linha de água 3 e 4). Poderá, desta forma, ser explicada a divisão entre os núcleos de estruturas observados, embora não se descarte a hipótese desta disposição nuclear poder traduzir o uso ou a pertença a diferentes famílias ou resultar de diferentes momentos de ocupação no tempo, estreitamente ligados, talvez, à sazonalidade dos recursos explorados ou à época do ano em que o local seria ocupado. A escavação de ambas as linhas de água mostrou a ausência de materiais numa delas (linha de água 3) e apenas um fragmento de material de construção na outra (linha de água 4). Não se sabe, contudo, o período de atividade de ambas, parecendo mesmo viável ponderar a substituição da linha de água 3 por um novo percurso, levando à formação da linha de água 4.

A estreita relação do local com os vales imediatos da ribeira do Areal mas, sobretudo, do rio Este, a sul, e do rio Cávado, a norte, a presença abundante de água, o bom domínio visual sobre o território circundante e o fácil acesso a terrenos de aptidão agrícola, bem irrigados, assim como a áreas mais elevadas, parecem refletir estratégias de exploração agro-silvo-pastoris de que as populações locais, durante a Idade do Bronze, souberam tirar partido.

Os trabalhos de escavação permitiram registar, ainda, a ocorrência de práticas funerárias no local.

Na ausência de ossadas humanas, pelas conhecidas características ácidas dos solos graníticos locais, essas ações são reconhecidas pela forma da Estrutura 12/Sepultura 1 (Área 2) e pela forma cerâmica a ela associada. Conforme já foi referido, a estrutura tem correspondência com uma sepultura plana onde terá sido perpetrada uma inumação primária, simples ou dupla (?), em decúbito lateral ou dorsal.

O vaso recolhido no seu interior, um largo bordo horizontal, recipiente comum em ambientes mortuários do bronze do Noroeste português, continha indícios de fuligem em ambos os lados das paredes. O estudo da fuligem de vasos idênticos recolhidos na necrópole do Pego mostrou que estes recipientes serviram para a queima de uma gordura não identificada (Gonçalves *et al.* 2010). É recorrente observar que essa fuligem, nas paredes externas destas formas cerâmicas, se distribui, na grande maioria das vezes, na área oposta à asa. Se é certo que a inclinação do vaso é facilitada pela base convexa, embora aplanada, facto que ajuda à sua permanência em posição mais ou menos vertical, a incompatibilidade entre a tendente inclinação do vaso (em posição imóvel, pousado) e a área de distribuição da fuligem necessita ser explicada. Como já foi defendido para o Pego, onde situação semelhante foi verificada, a presença de fuligem nas paredes externas pode ter sido provocada pelo manuseamento dos vasos, no âmbito de procedimentos culturais relacionados com as cerimónias fúnebres. O conseqüente transbordo dos seus conteúdos poderá ter ocorrido por ação do movimento, através do andar, por exemplo, transportando o vaso na mão ligeiramente inclinado. Outra hipótese plausível poderá relacionar-se com a do derrame propositado dos conteúdos, envolvendo substâncias odoríferas ou alimentares, por exemplo. Independentemente da causa é importante referir que se trata de uma característica constantemente observada nestas formas cerâmicas ocorridas na bacia do rio Ave²⁵ ou no restante Noroeste português (Bettencourt 2010).

²⁵ Como são exemplo, entre outros, os vasos de bordo horizontal das possíveis necrópoles de Faisca e de Caldelas, em Guimarães, da Quinta da Bouça, em Vila Nova de Famalicão e de Póvoa/Guidões, em Trofa, ou da necrópole de Cimalha, em Felgueiras.

Além dos materiais fisicamente detetados poderão ter ocorrido outras formas de oferenda intencional no interior desta sepultura. A pequena depressão observada na base nordeste (com 22 cm de diâmetro e 35 cm de profundidade) poderá ter servido de “cama” ou “contentor” para albergar qualquer outra deposição paralela. Infelizmente, a sua natureza perecível impossibilitou a sua chegada até nós. No entanto, não é de excluir, como hipótese de trabalho, obviamente, que possa ter sido efetuada para a deposição do crânio.

O resquício de arena granítica compactada identificado a norte, na área externa à sepultura mas muito próximo dela, poderia corresponder a parte da tampa que teria selado esta estrutura. Proposta semelhante tem sido defendida para estruturas deste tipo identificadas na necrópole do Pego (Sampaio & Bettencourt 2014).

A presença nesta sepultura de um vaso de bordo horizontal e a recolha, na zona periférica, de restos de mais três vasos de bordo horizontal, permitem ainda outras ilações. Desde logo, parece viável afirmar que aqui terá ocorrido a construção de uma necrópole durante a Idade do Bronze Médio, conforme nos confirma a data de radiocarbono disponível que coloca a sepultura de inumação entre os séculos XVII e XVI AC. Infelizmente, e porque os trabalhos de construção não previam a afetação do subsolo desta área²⁶, fica por descortinar, entre outras questões, qual a sua dimensão e quais as características da sua organização interna.

A construção desta “necrópole” deu preferência à vertente sul do Monte de Pedroso. Trata-se de uma área soalheira e bem iluminada, do nascer ao pôr-do-sol. À semelhança do ocorrido para no lugar do Pego, onde se verifica situação análoga, poderá esta escolha relacionar, simbolicamente, o ciclo solar diário com os ciclos de vida e de morte?

Além disso, atesta-se que a orientação do maior eixo da sepultura preservada (norte-sul) é concordante com o fluir da ribeira de Areal, que corre também de norte para sul, a cerca de 500 metros para poente. Poderá tal facto indiciar alguma associação entre o percurso/viajem das águas e o percurso da morte?

Como em outros casos, o local escolhido para a construção desta “necrópole” posiciona-se na zona de melhor acesso aos vales férteis circundantes, área do terreno onde a geomorfologia apresenta declives suaves. Ocupou o meio-termo entre o vale e as cotas superiores de monte, localizando-se numa posição liminar e de passagem entre as terras baixas

²⁶ Para esta área o projeto previa a subida da cota, recorrendo à utilização de aterros. Na verdade, esta zona nem seria intervencionada, se não fosse a abertura mecânica de uma vala trazer à superfície restos de vasos de bordo horizontal.

e as terras altas. Poderá esta característica física ser associada com a morte, também ela vista como uma passagem entre dois mundos?

Estas são inúmeras questões que tornam este local de extrema importância no contexto do Bronze Médio do Noroeste português.

3.8. FIGURAS

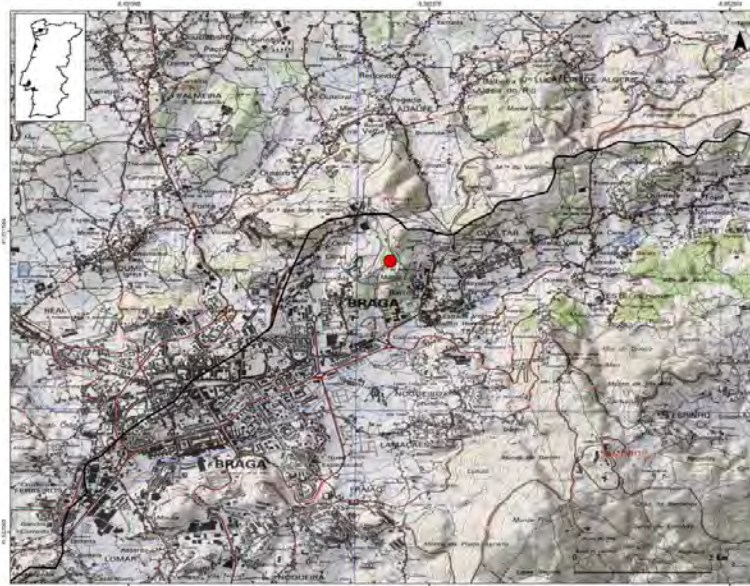


Figura 4.153 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha n° 56, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, com localização do sítio de Quinta do Amorim, Braga (ponto vermelho).



Figura 4.154 – Aspeto da área de trabalho à chegada da equipa de escavação: Área 1 (elipse vermelha) a Área 2 (elipse laranja).

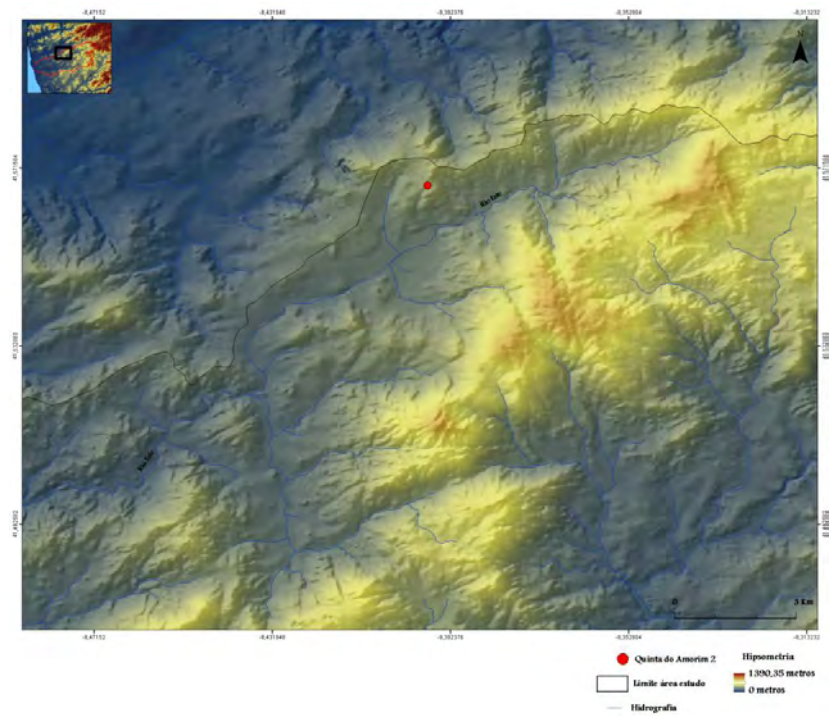


Figura 4.155 – Mapa hipsométrico com localização da Quinta do Amorim em relação ao relevo e hidrografia.

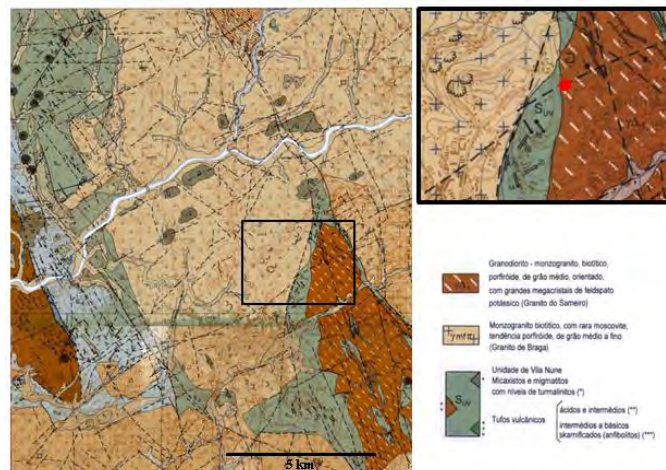


Figura 4.156 – Excerto de Carta Geológica de Portugal, folha 5-D (Braga), à escala 1/50 000 (Ferreira *et al.* 2000), com localização da Quinta do Amorim.

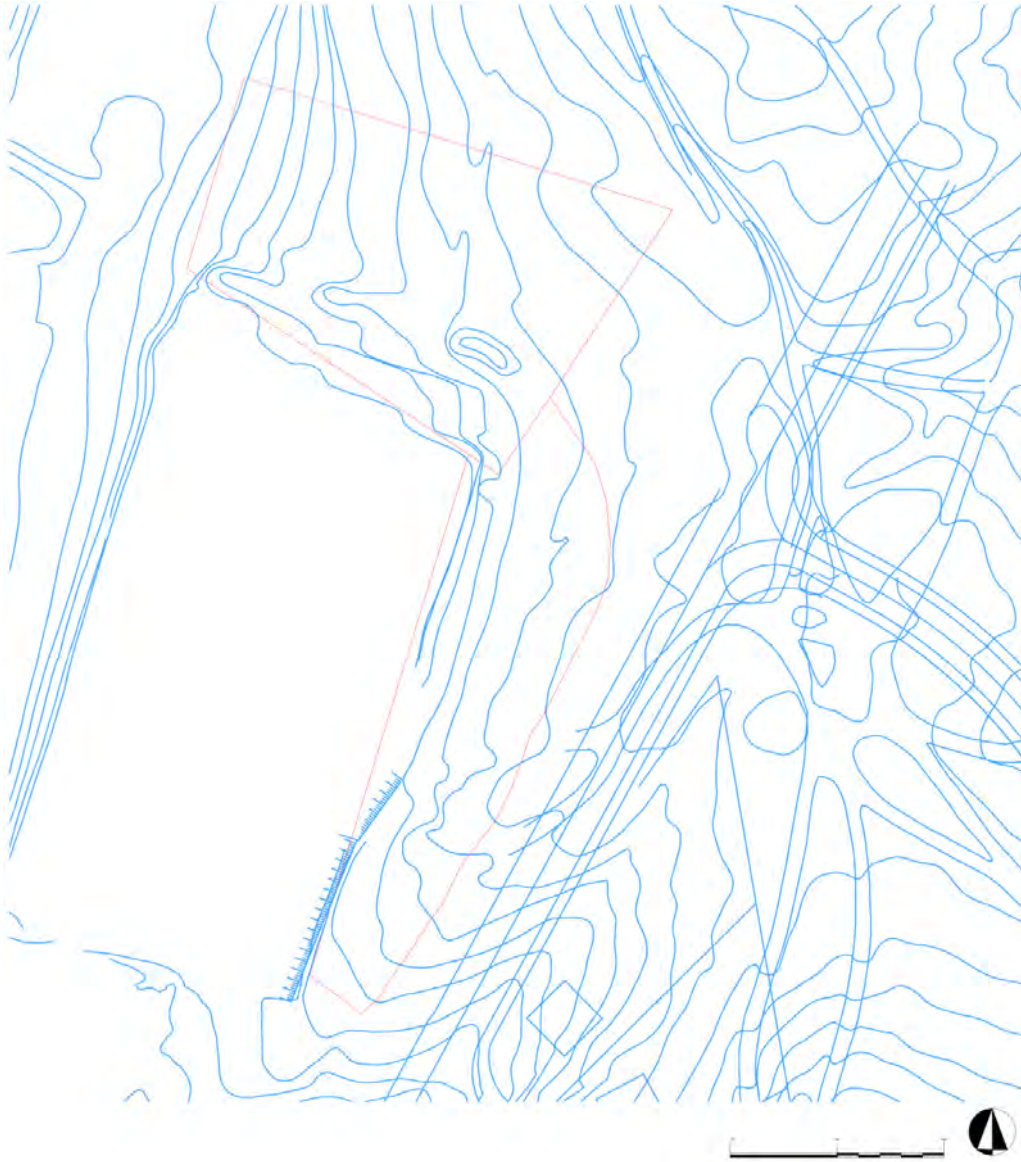


Figura 4.157 – Levantamento topográfico (a azul) com áreas de escavação (a vermelho): topo, área 1, centro, Área 2.

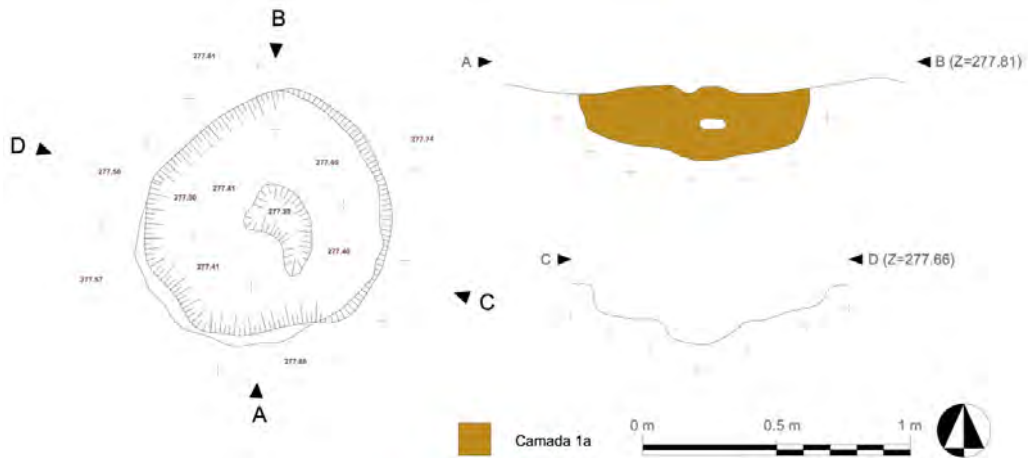


Figura 4.158 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 7/Fossa 1 da Área 1.

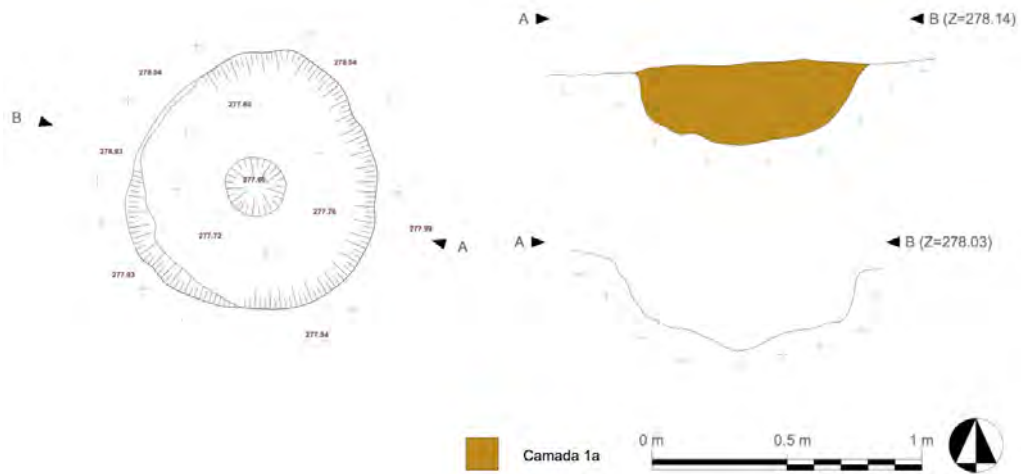


Figura 4.159 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 8/Fossa 2 da Área 1.

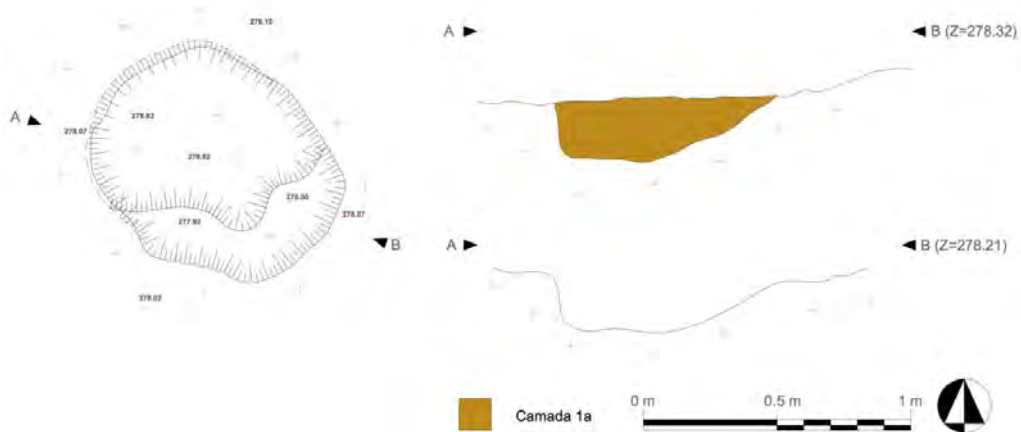


Figura 4.160 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 11/Fossa 3 da Área 1.

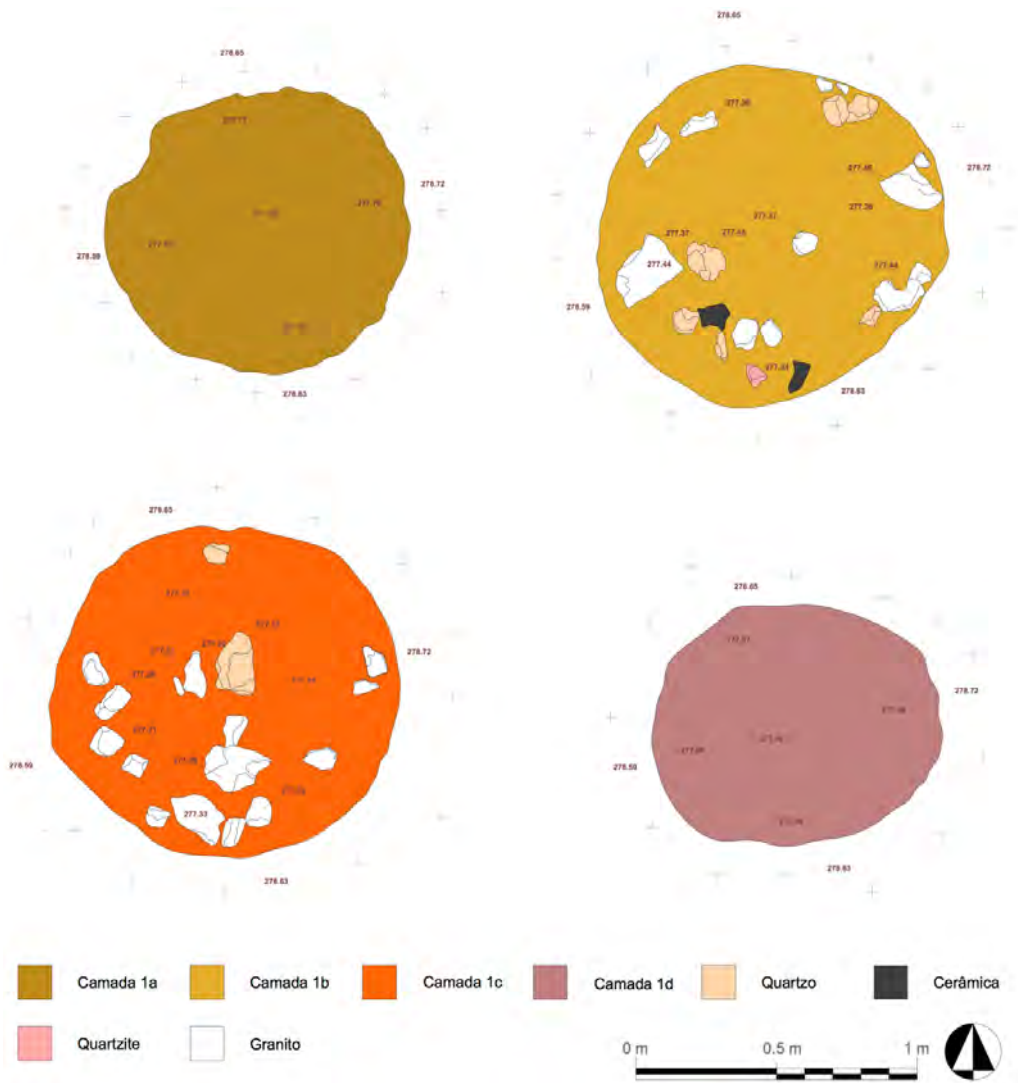


Figura 4.161 – Planos intermédios da Estrutura 15/Fossa 4 da Área 1.

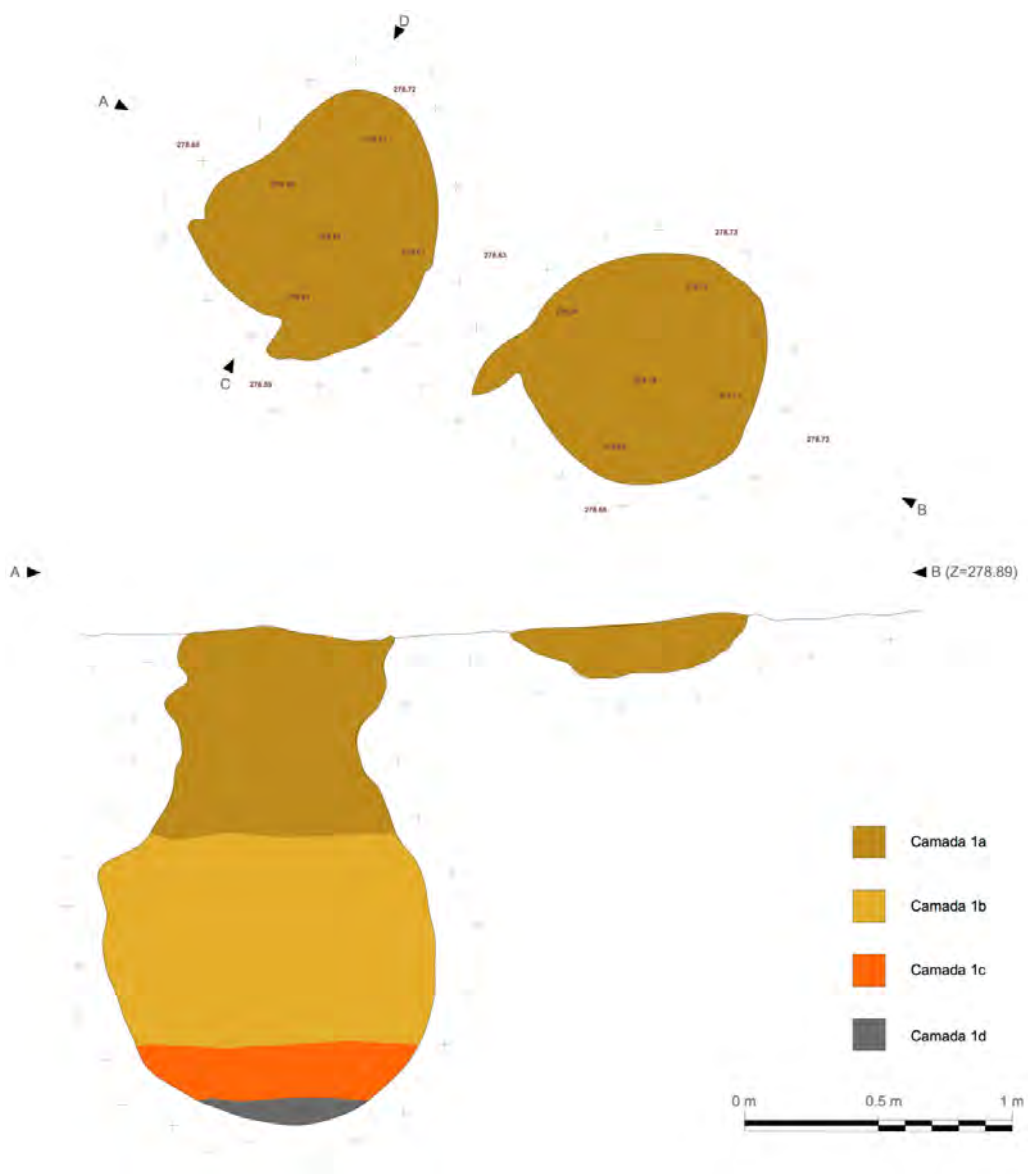


Figura 4.162 – Plano inicial e perfis da Estrutura 15/Fossa 4 e da Estrutura 16/Fossa 5 da Área 1.

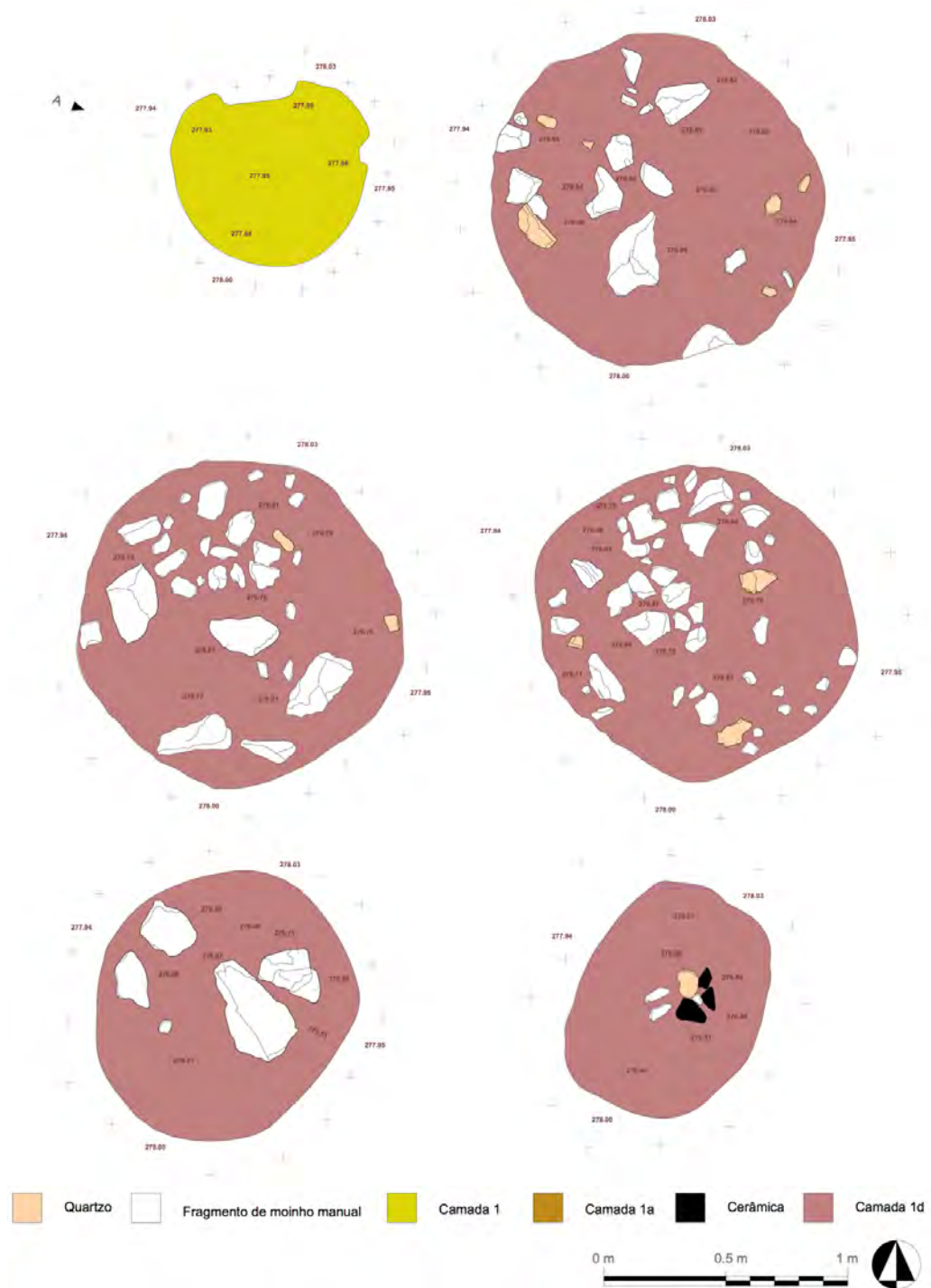


Figura 4.163 – Planos intermédios da Estrutura 17/Fossa 6 da Área 1.

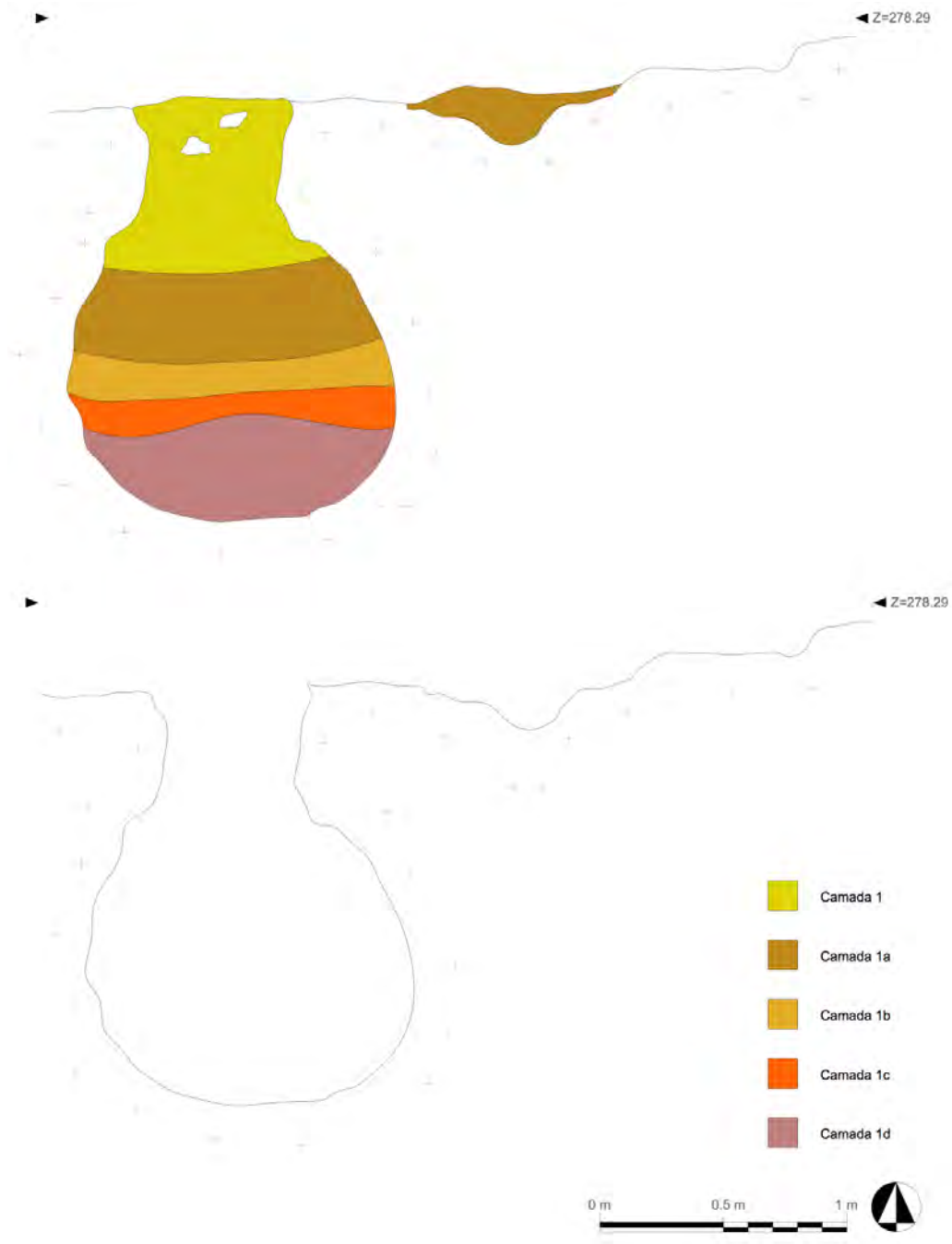


Figura 4.164 – Perfil e secção da Estrutura 17/Fossa 6 e da Estrutura 18/Fossa 7 da Área 1.

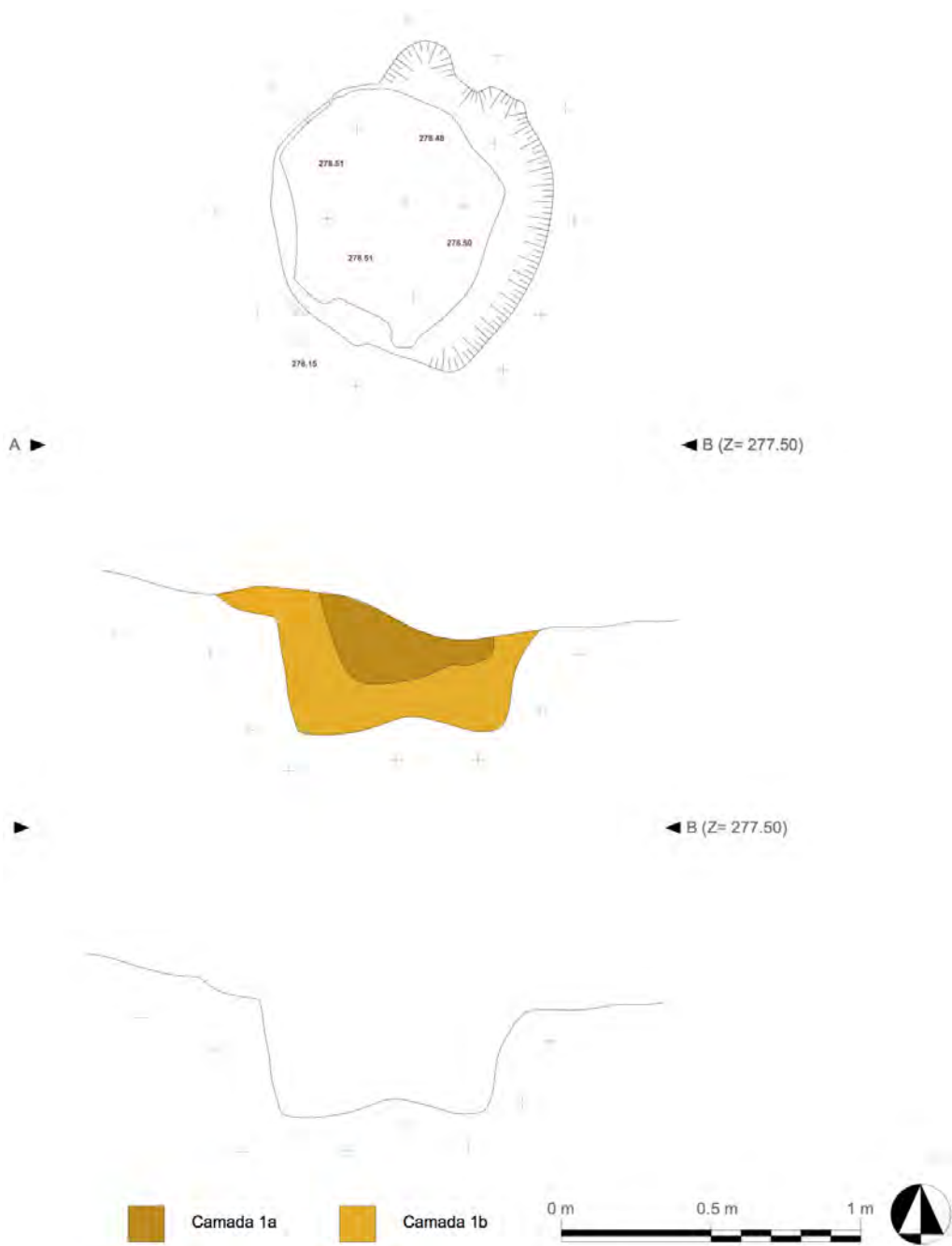


Figura 4.165 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 19/Fossa 8 da Área 1.

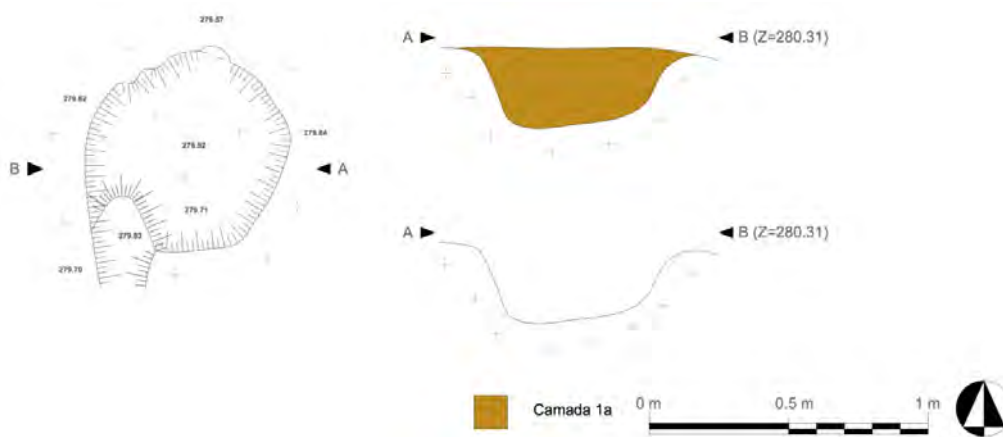


Figura 4.166 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 18/Fossa 7 da Área 1.

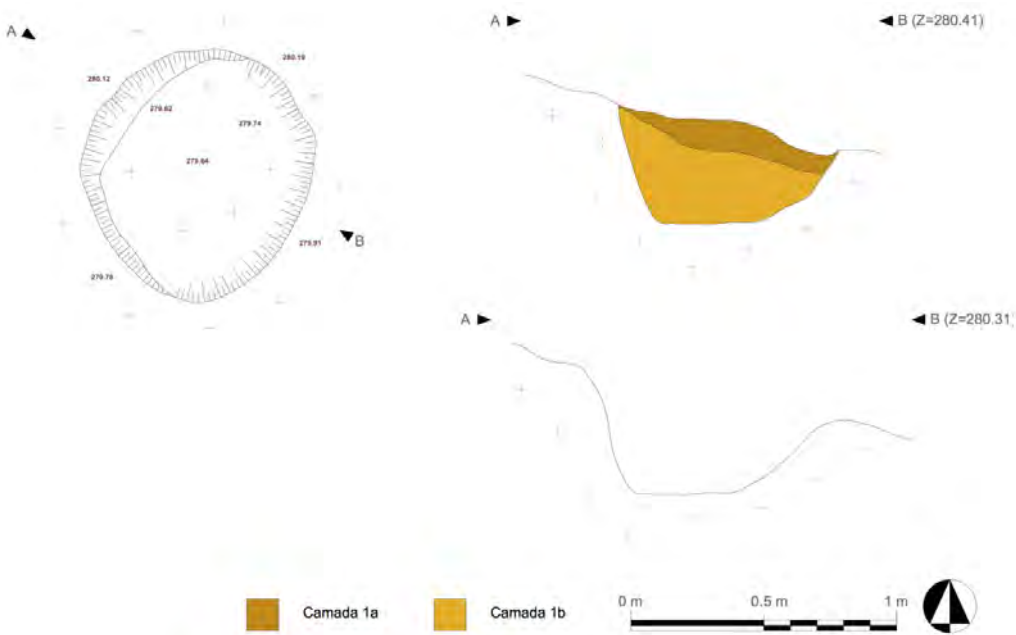


Figura 4.167 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 25/Fossa 10 da Área 1.

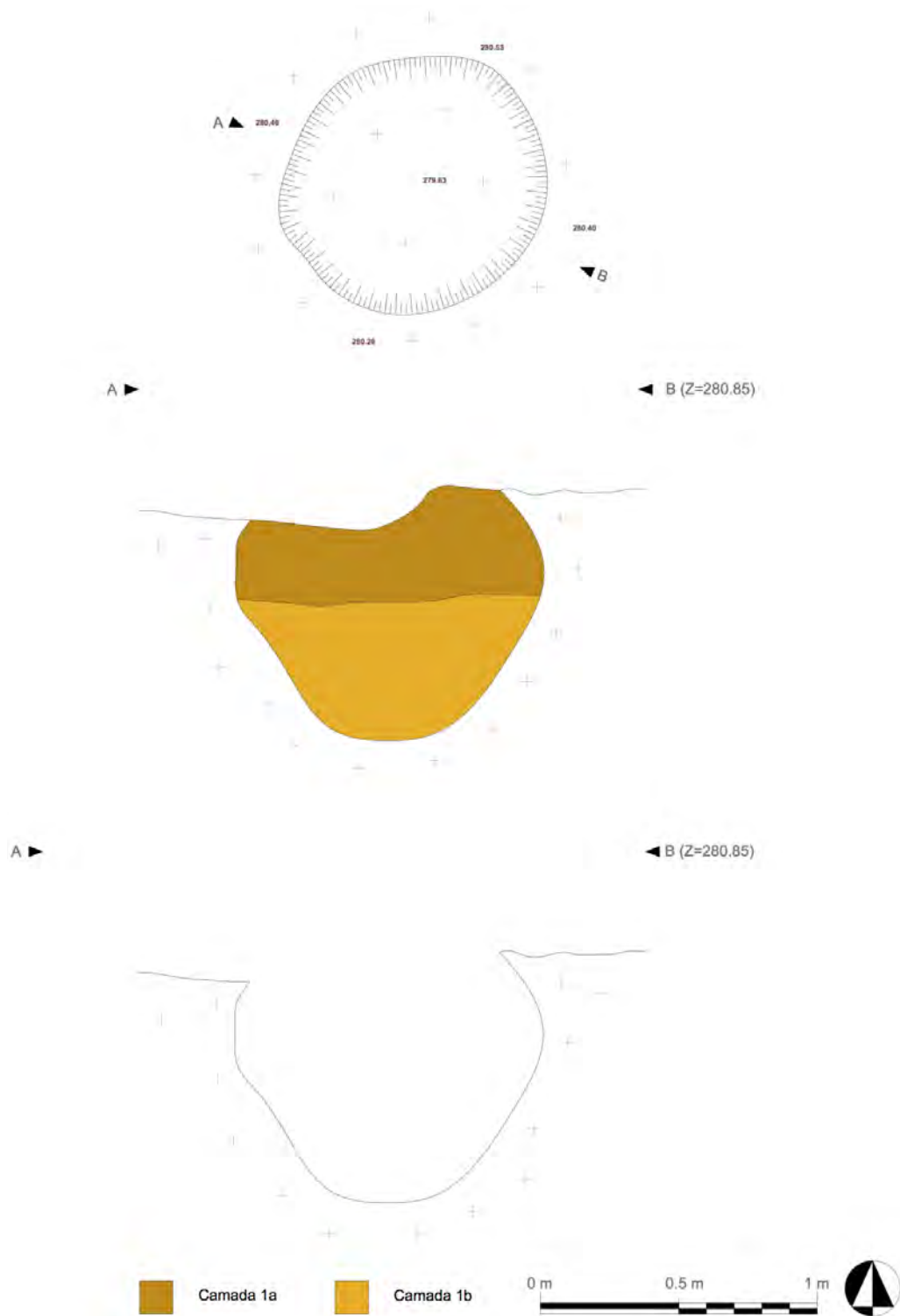


Figura 4.168 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 26/Fossa 11 da Área 1.

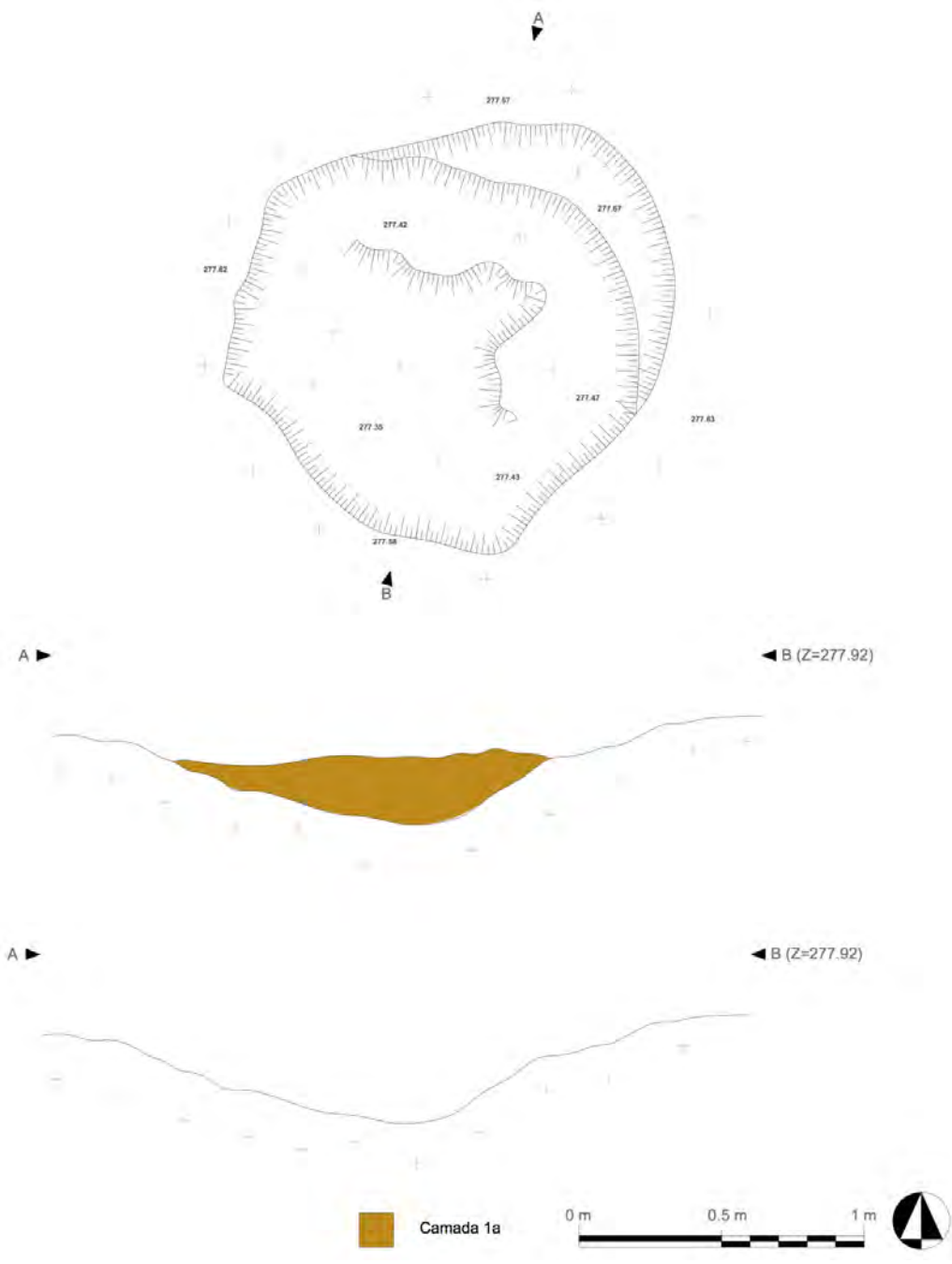


Figura 4.169 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 31/Fossa 12 da Área 1.

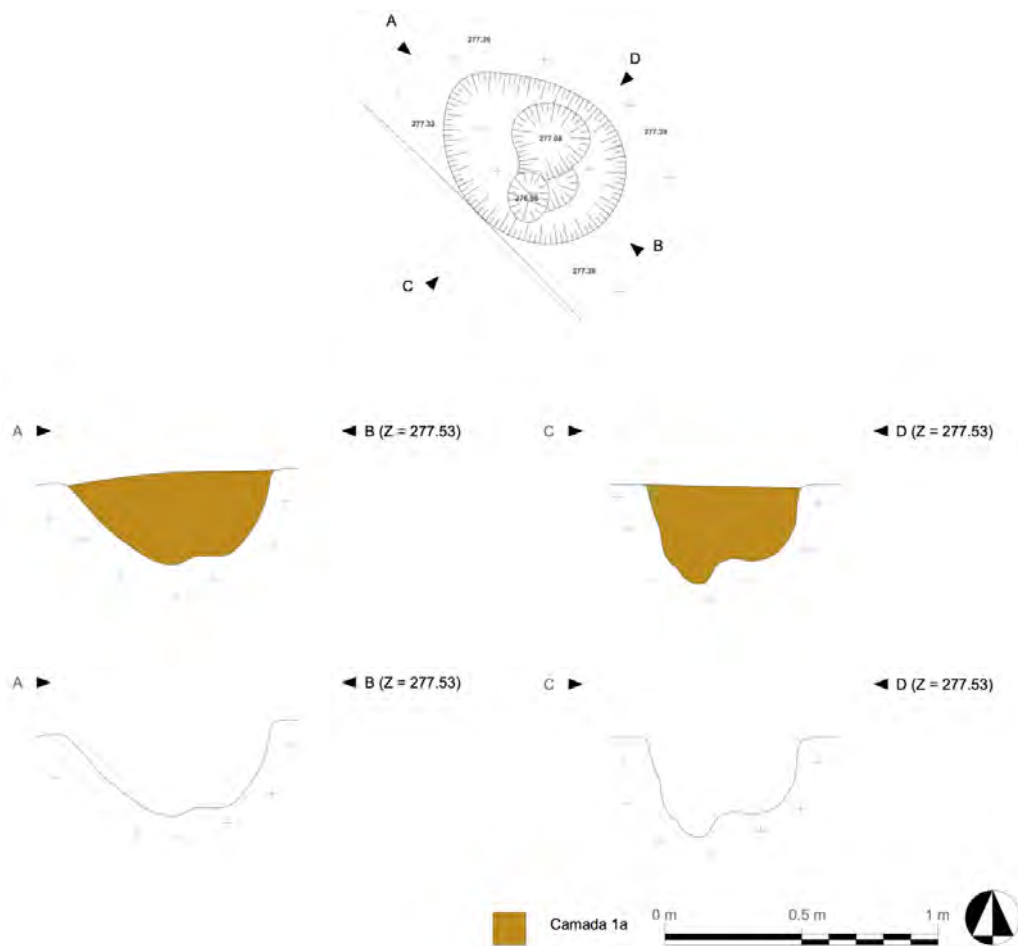


Figura 4.170 – Plano final, perfis e secções da Estrutura 20/Fossa 13 da Área 2.

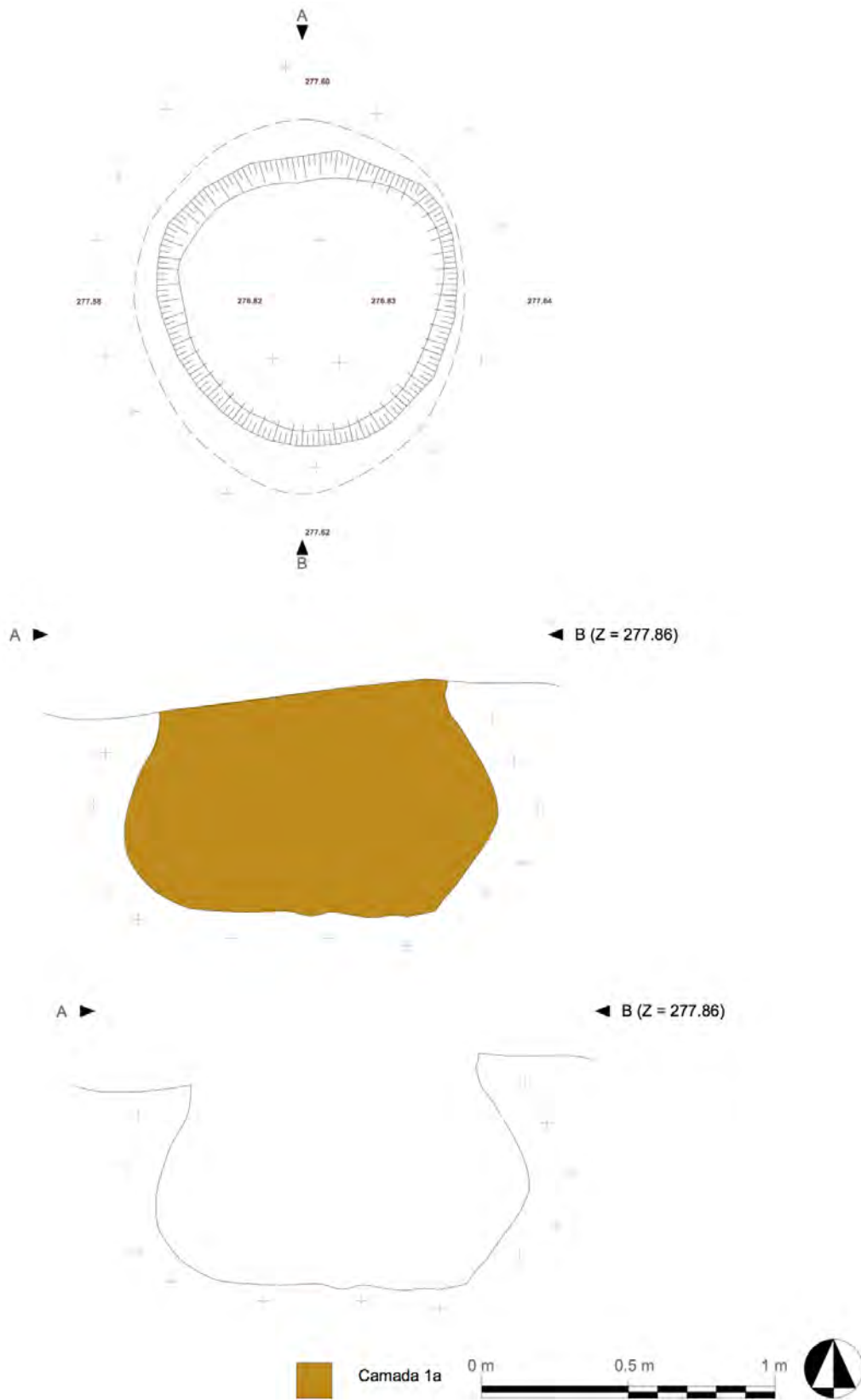


Figura 4.171 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 35/Fossa 14 da Área 2.

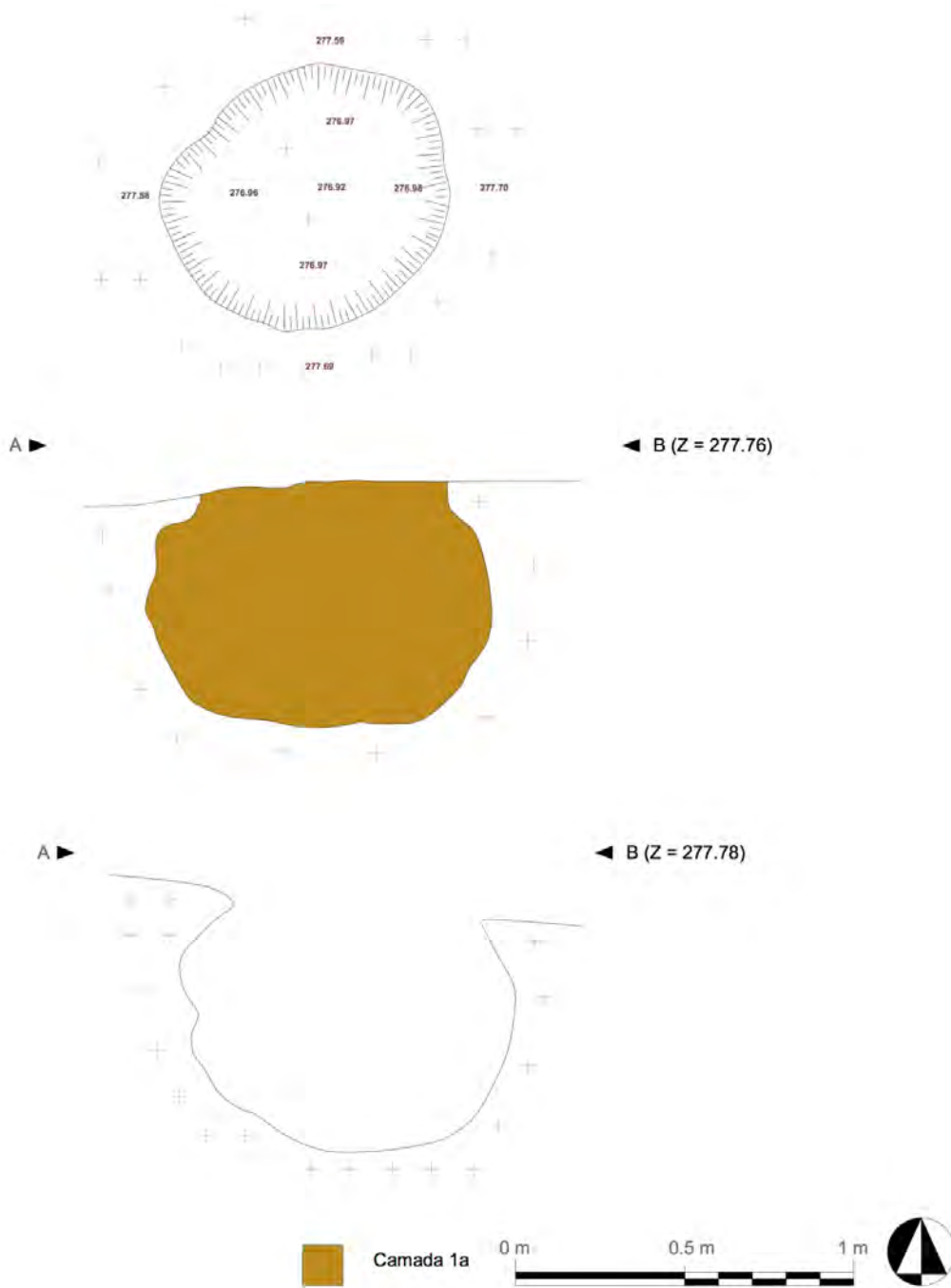


Figura 4.172 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 37/Fossa 15 da Área 2.

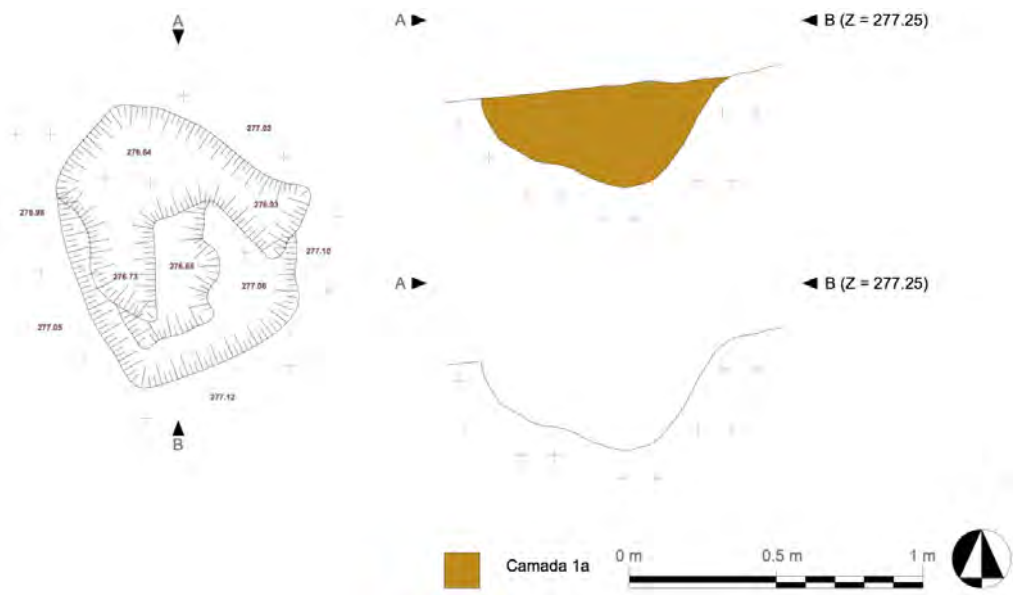


Figura 4.173 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 40/Fossa 16 da Área 2.

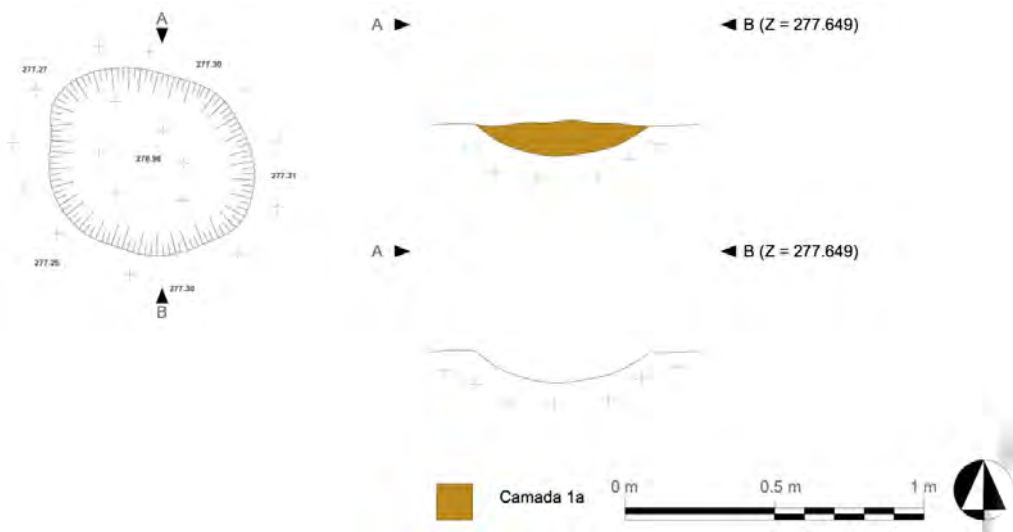


Figura 4.174 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 44/Fossa 17 da Área 2.

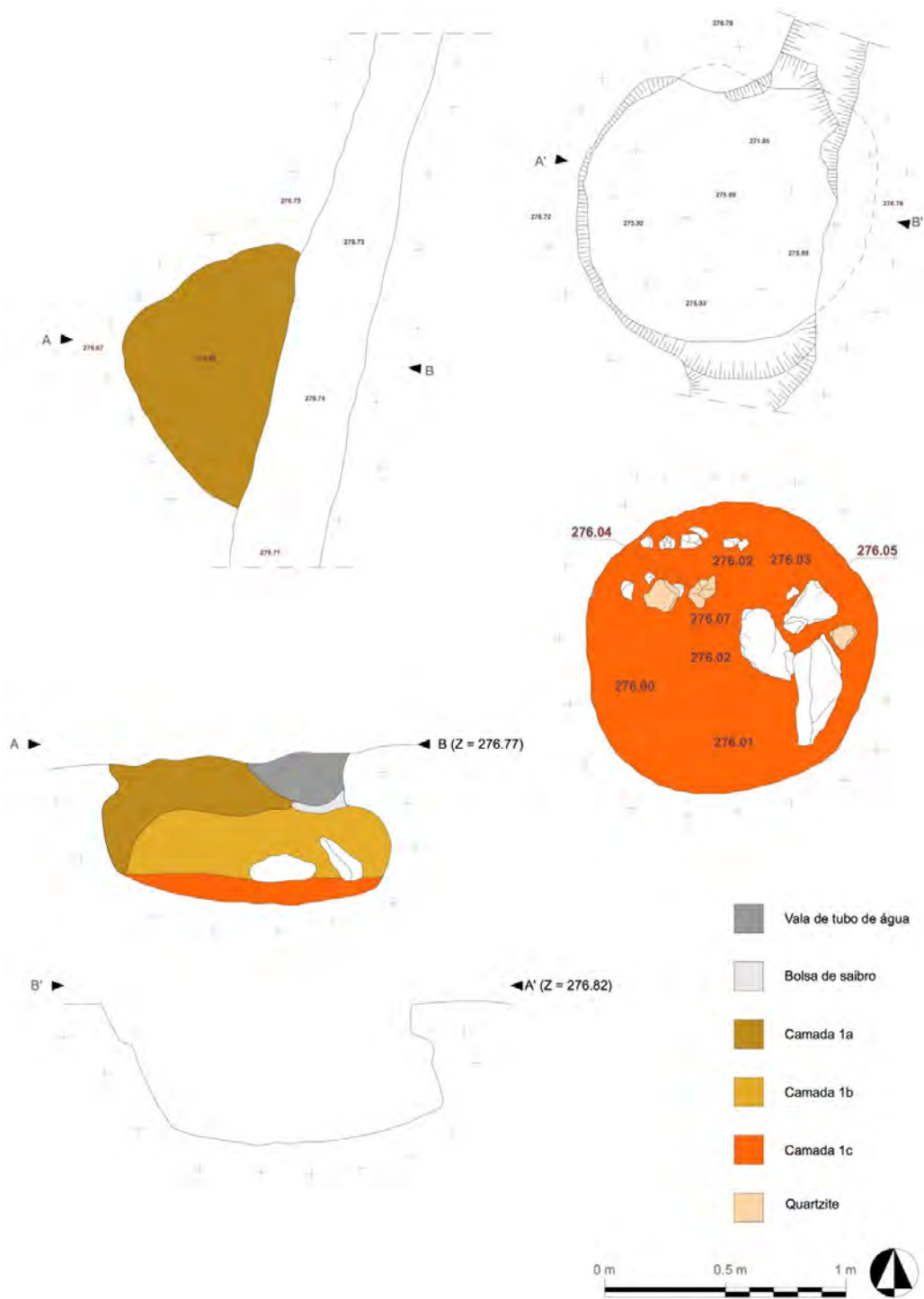


Figura 4.175 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 46/Fossa 18 da Área 2.

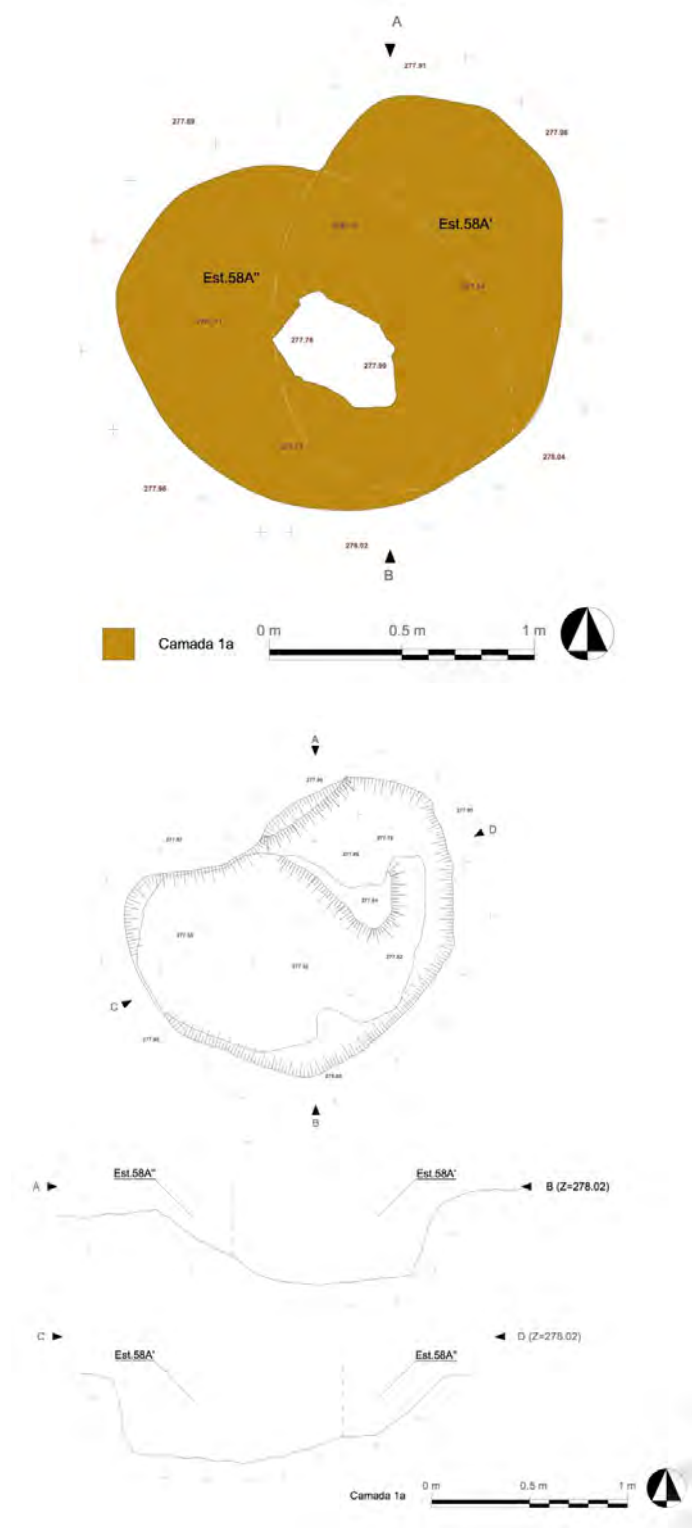


Figura 4.176 – Plano inicial, plano final e seção da Estrutura 58A/Fossas 19 e 20 da Área 2.

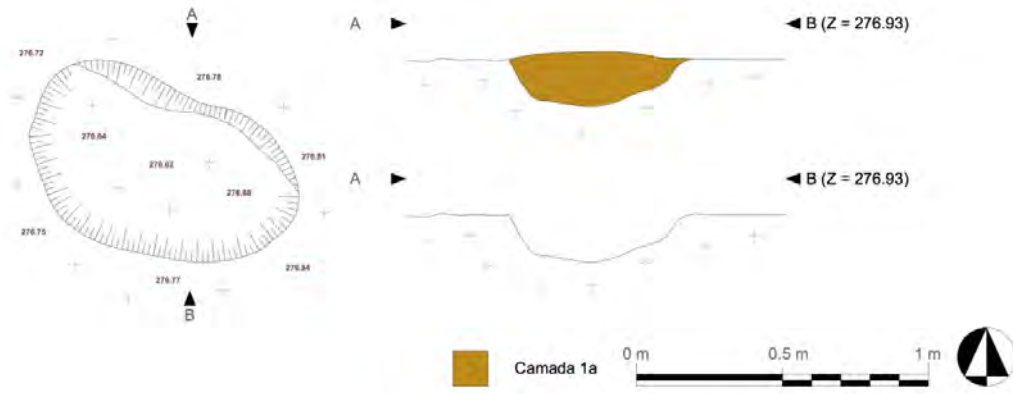


Figura 4.177 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 63/Fossa 21 da Área 2.

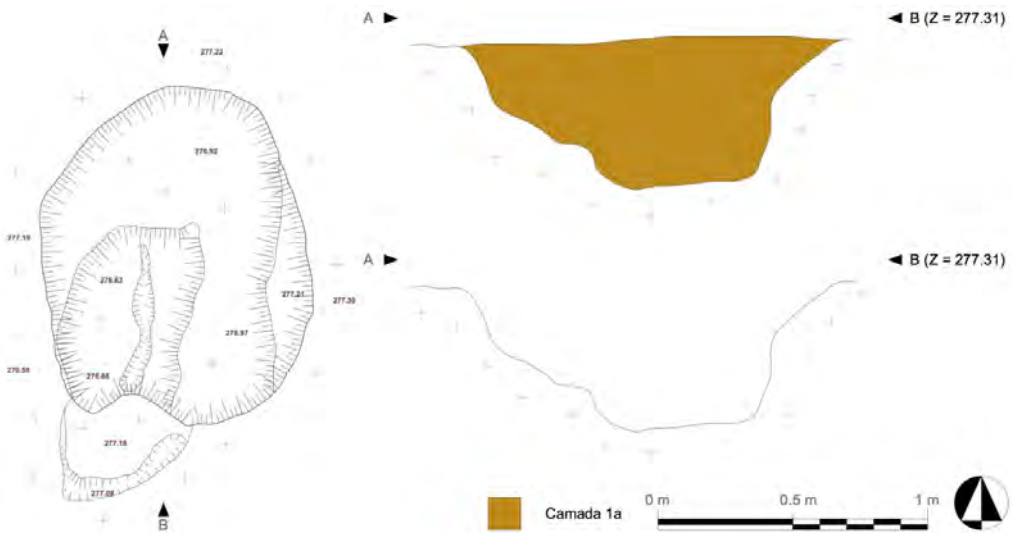


Figura 4.178 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 67/Fossa 22 da Área 2.

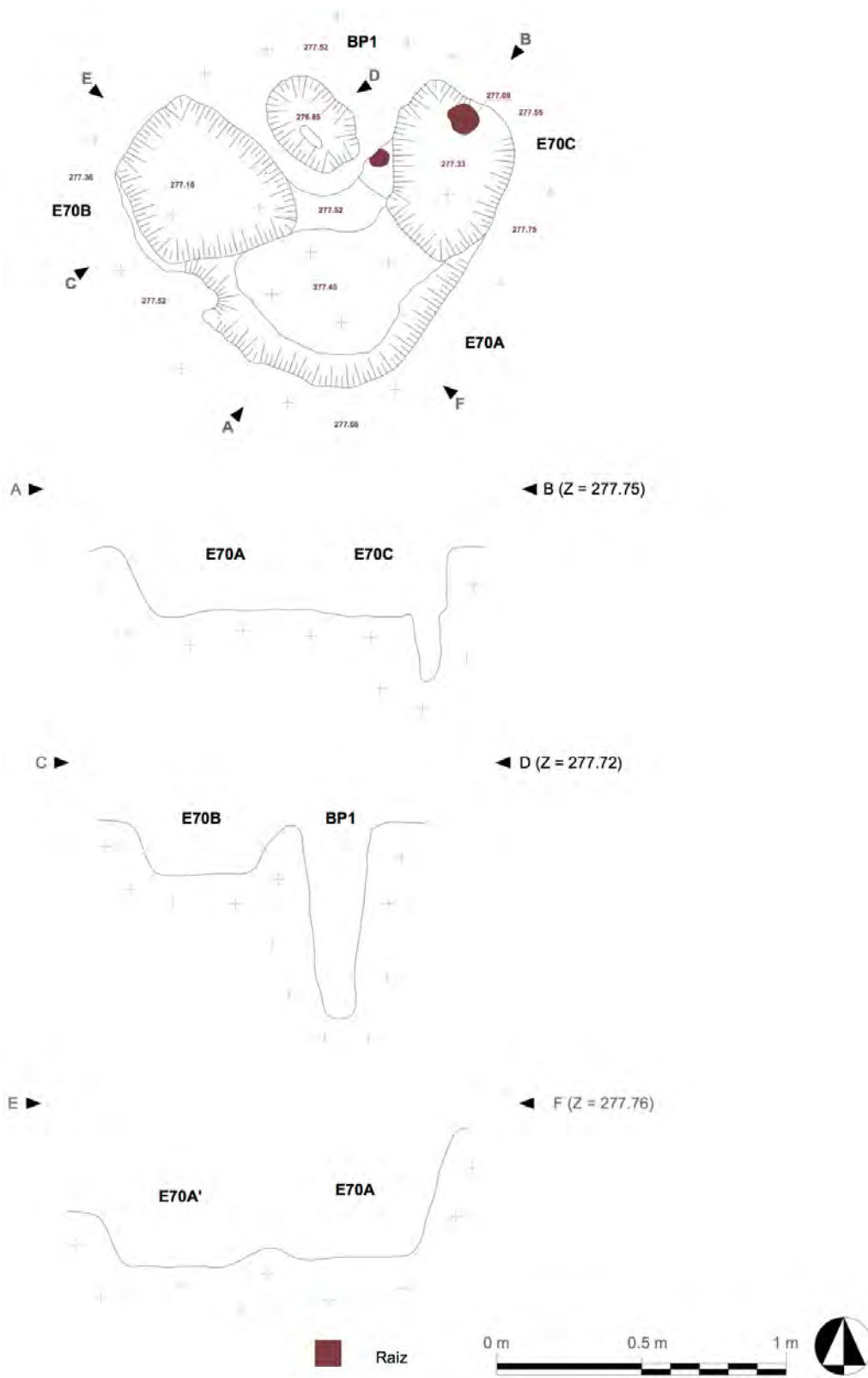


Figura 4.179 – Plano final, perfil e seção da Estrutura 70/Fossas 23, 24 e 25 e do buraco de poste 1 da Área 2.

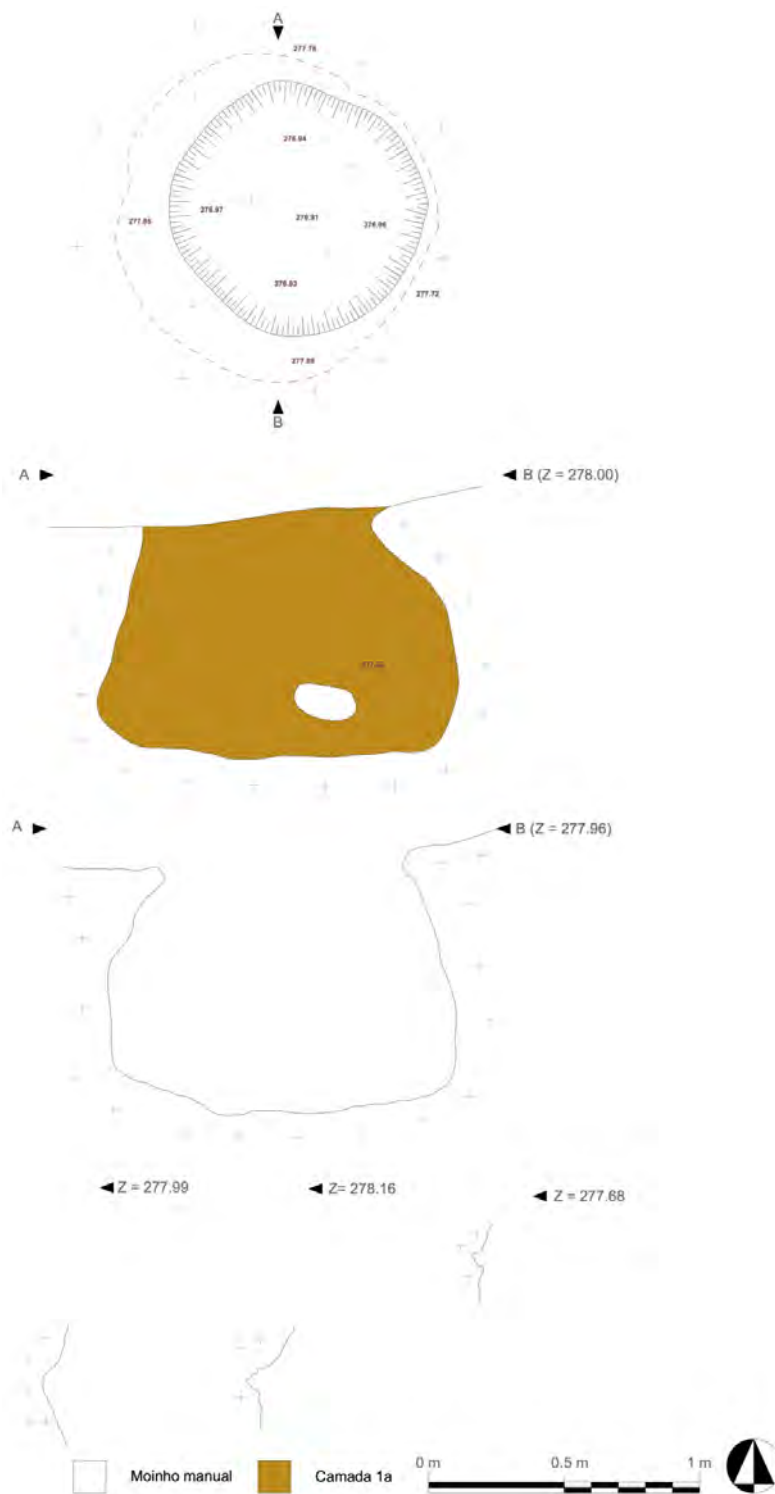


Figura 4.180 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 73/Fossa 26 da Área 2.

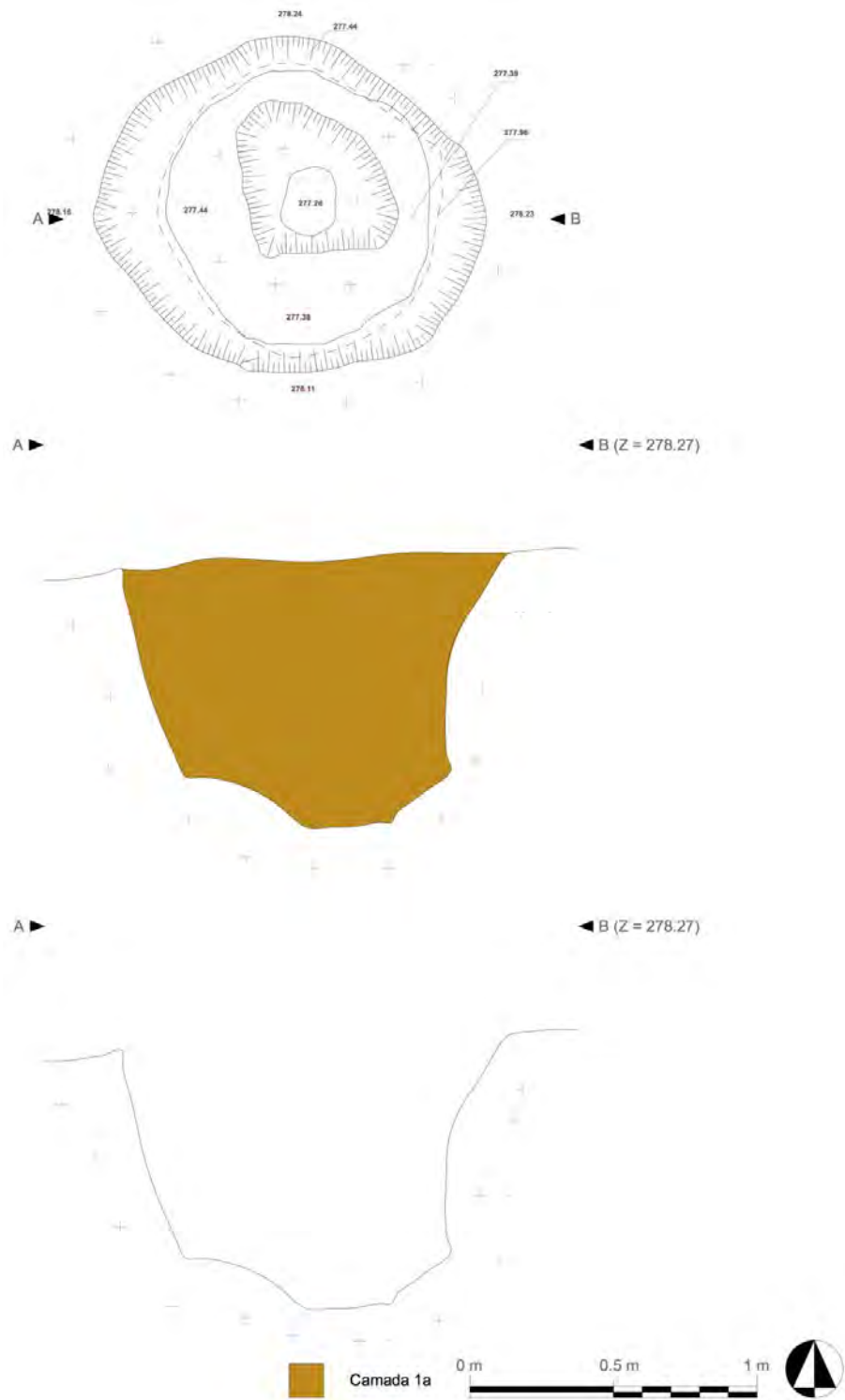


Figura 4.181 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 74/Fossa 27 da Área 2.

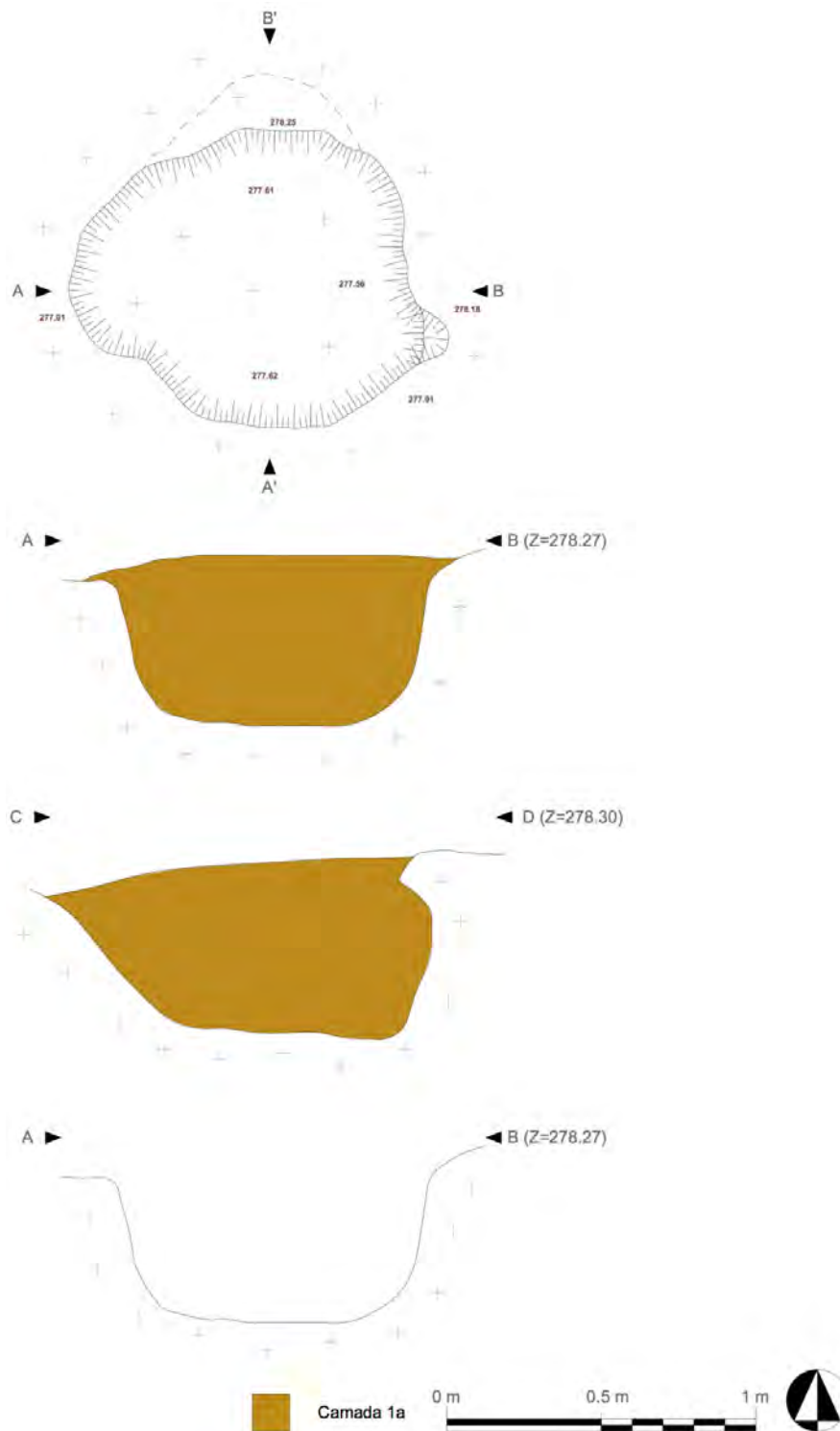


Figura 4.182 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 78/Fossa 30 da Área 2.

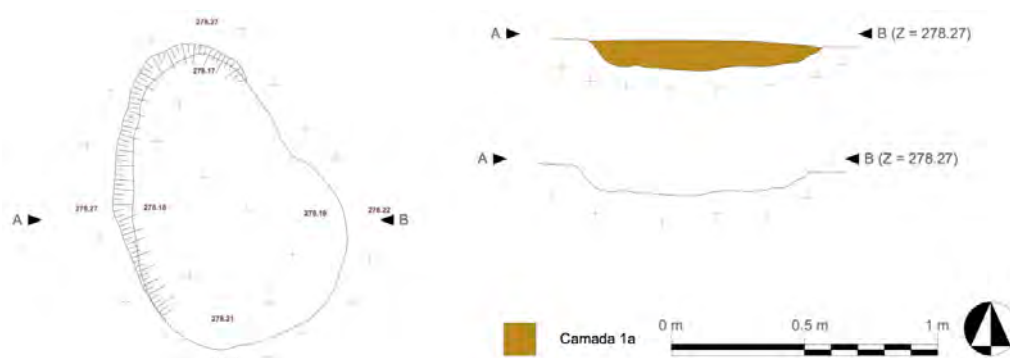


Figura 4.183 – Plano final, perfil e secção da Estrutura 75/Fossa 28 da Área 2.

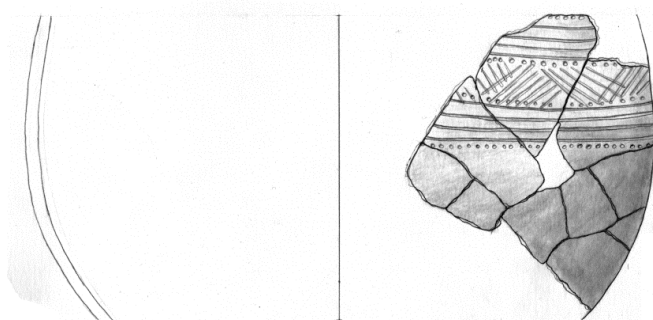


Figura 4.184 – Perfil de vaso cerâmico decorado recuperado do enchimento da Estrutura 78/Fossa 30, da Área 2, cujos paralelos mais próximos podem ser encontrados no nível de Sola IIb (Vila Verde).

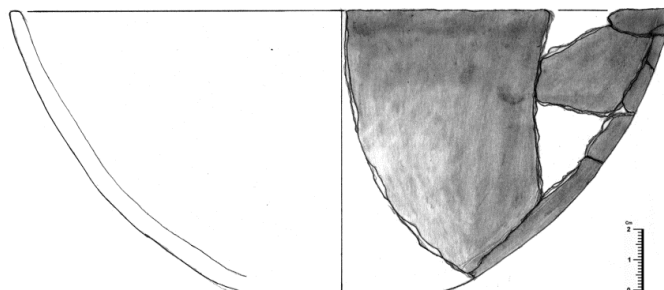


Figura 4.185 – Perfil de uma taça em calote quase esférica recuperada do enchimento da Estrutura 17/Fossa, da Área 1.

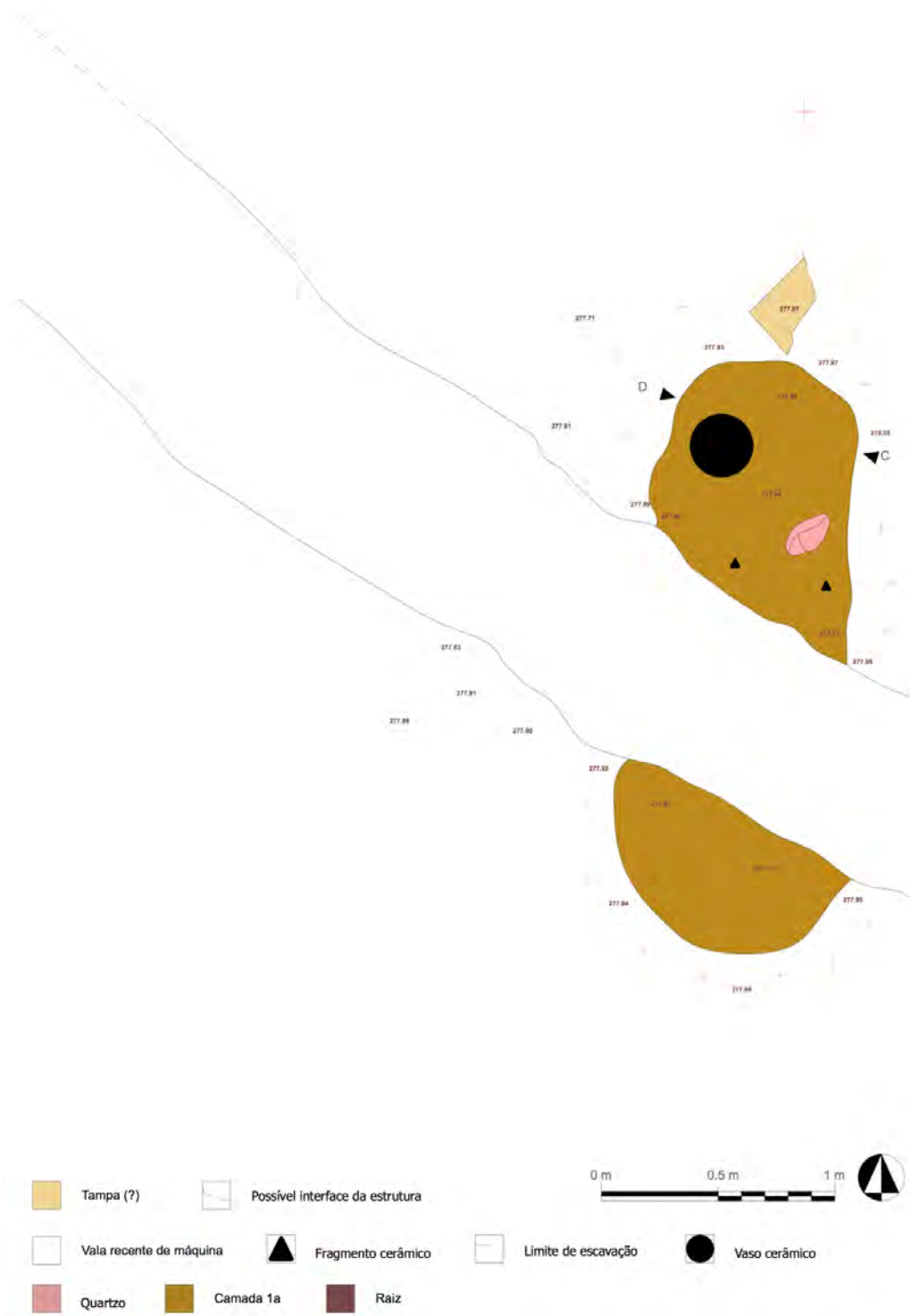


Figura 4.186 – Plano inicial da sepultura plana identificada na Área 2.

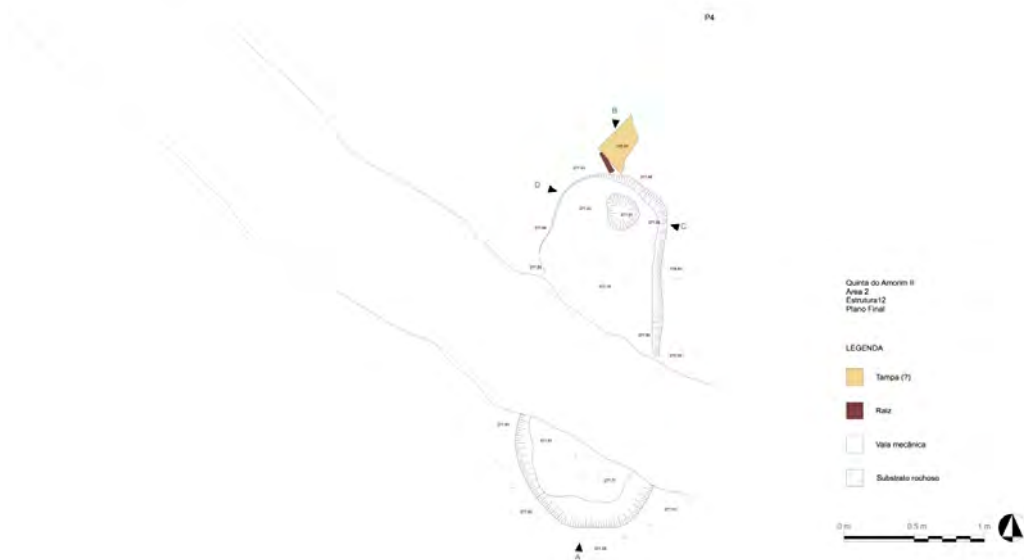


Figura 4.187 – Plano inicial da sepultura plana identificada na Área 2.

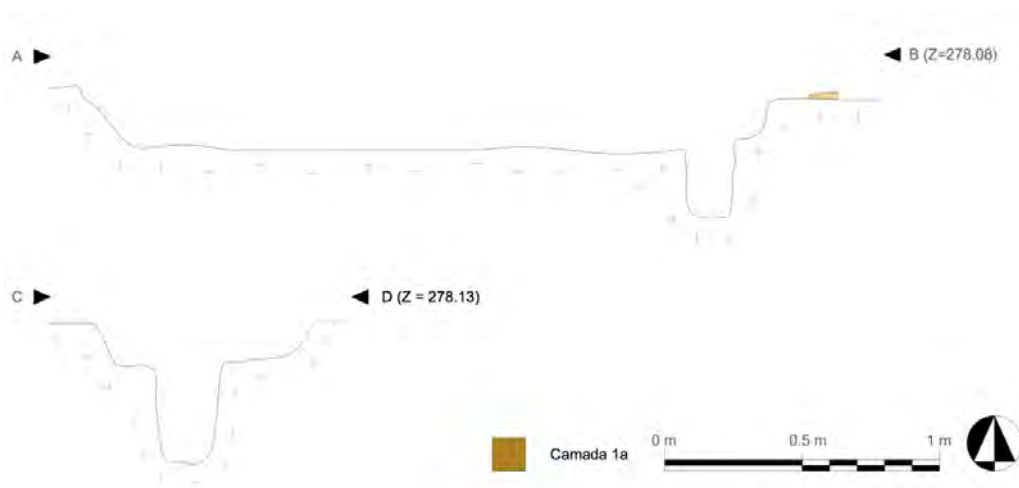


Figura 4.188 – Plano inicial da sepultura plana identificada na Área 2.



Figura 4.189 – Plano inicial com implementação das estruturas da Área 1 (topo) e da Área 2 (em baixo, à direita)

4. Estudo monográfico de Vale Ferreiro

4.1. Nota prévia

Um dos principais objetivos deste trabalho foi o de compilar os dados recolhidos durante os trabalhos de escavação realizados no sítio arqueológico de Vale Ferreiro¹.

Não apenas por se localizar na bacia hidrográfica do rio Ave mas também pela sua natureza paradigmática, foi opção incluir este lugar no presente trabalho como caso de estudo. Desde a sua descoberta casual aos trabalhos de escavação, as suas características particulares tornam-no uma referência obrigatória no contexto dos lugares e das práticas funerárias da Idade do Bronze do Noroeste português.

Os trabalhos de escavação ali desenvolvidos não seriam possíveis sem a cooperação entre diversas entidades e sem a cooperação de várias pessoas. Como tal, registre-se o agradecimento especial a todos os arqueólogos, técnicos, alunos e voluntários que ajudaram nos trabalhos de campo, bem como às diferentes instituições envolvidas, nomeadamente, à Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, na pessoa do Doutor Francisco Sande Lemos, à Junta de Freguesia de Serafão (Fafe), à Câmara Municipal de Fafe, à Casa da Cultura de Fafe, ao Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa (Braga) e à extensão de Vila do Conde do então Instituto Português de Arqueologia. Esta gratidão estende-se, de forma muito especial, aos Drs. António Huet Bacelar Alves e a Manuel Abrunhosa, pela classificação litológica dos elementos construtivos aqui encontrados, assim como à equipa do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, sem a qual não seria possível, o estudo e a publicação de desenhos e de fotografias dos materiais consultáveis em anexo². Um último agradecimento a Hélia Aluai Sampaio pela vectorização dos desenhos de campo e pelos arranjos gráficos.

Finalmente, à Fundação para a Ciência e Tecnologia que, através da concessão de uma bolsa de doutoramento (ref. SFRH/BD//41776/2007), proporcionou as condições necessárias para a consecução das tarefas que compunham o projeto apresentado.

4.2. Introdução

A descoberta deste sítio, em finais de 1999, deveu-se à abertura de um estradão que cortou o alto de um cabeço. Os rasgos do terreno e a observação de outros estradões próximos

¹ Este procedimento incluiu a autorização por parte dos responsáveis e integra diferentes intervenções.

² Em especial, à Clara Lobo, à Amélia Marques e ao Manuel Santos, incondicionalmente cooperantes.

à área colocaram a descoberto duas estruturas³ que vieram a revelar um contexto arqueológico sem paralelo na região.

É conhecida a mais-valia das práticas funerárias para a compreensão dos modos de vida das comunidades do passado. Tal obrigava a trabalhos de campo com preocupações abrangentes que, acima de tudo, salvaguardassem um registo adequado dos dados.

Os primeiros trabalhos de escavação, desenvolvidos em Setembro de 1999, só podem ser percebidos à luz do contexto de salvamento de obra que colocava em risco a destruição dos vestígios arqueológicos identificados (Martinho 1999). Estes decorreram sob a responsabilidade de Francisco Sande Lemos, arqueólogo da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, ficando os procedimentos metodológicos de âmbito antropológico a cargo de Teresa Araújo. Os trabalhos contaram, de início, com a consultoria de Ana M. S. Bettencourt, que mais tarde viria a assumir a coordenação dos mesmos. Esta primeira intervenção centrou-se na escavação do então denominado túmulo 1.

Ainda no contexto de salvamento, Ana M. S. Bettencourt procedeu, em finais do mês de Novembro daquele ano, à escavação da outra estrutura em negativo. Esta encontrava-se no estradão, a cerca de 32 metros para nordeste do túmulo 1 (Bettencourt *et al.* 2003). Paralelamente, a cerca de 52 metros para norte do túmulo 1, no corte sul provocado pela abertura de um outro estradão, aquela investigadora recolheu sete fragmentos cerâmicos⁴ denotando fabrico manual, pastas grosseiras, cores escuras e forte erosão. As suas características podem ser genericamente enquadrados na Idade do Bronze mas uma característica importante é a presença de indícios de erosão⁵.

Posteriormente, entre 2003 e 2005⁶, as campanhas de escavação continuaram sob a orientação de Ana M. S. Bettencourt e colaboradores, tais como Isabel Sousa e Silva, Carlos Cruz e António Dinis, desta feita ao abrigo do projeto intitulado *A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde os meados do III aos finais do II milénios AC*. Em 2003 é aberto o Sector I, englobando a área onde foi identificado e escavado o túmulo 1 e que corresponde à parte cimeira do cabeço cortado pelo estradão. Ai as escavações decorreram até 2005. Neste

³ Foram denominadas de túmulo 1 (vide ponto *Estruturas* relativo a *Sector I*) e de fossa 1 (vide ponto *Estruturas* relativo a *Sector II*).

⁴ Já antes, nas imediações do túmulo 1, havia identificado uma couraça pétrea artificial que pensava poder pertencer a uma segunda estrutura funerária (Bettencourt *et al.* 2003) e à qual atribui a denominação de túmulo 2 (vide ponto *Estruturas* relativo a *Sector I*).

⁵ Com esta descoberta levanta a hipótese de poderem existir outras estruturas naquela área genérica, facto que estará na base da programação de escavações arqueológicas no local.

⁶ Em 2003 (mês de Julho), em 2004 (mês de Julho, Novembro e Dezembro, incluindo feriados e fins-de-semana) e em 2005 (mês de Janeiro). Tiveram o contributo de voluntários e alunos da licenciatura em História – Variante Arqueologia da Universidade do Minho e a ajuda logística da Junta de Freguesia de Serafão e da Câmara Municipal de Fafe.

⁷ Projeto financiado pela F.C.T. com a referência POCTI/HAR/36527/2000.

ano foi aberto o Sector II, uma pequena sondagem implementada a nordeste do Sector I, já na vertente nor-nordeste do cabeço, área onde o declive era menos acentuado. Ocupou as cercanias do estradão onde tinha sido escavada de emergência uma fossa, em finais de 1999, sendo o seu principal objetivo verificar se a ocupação do local se prolongava para aquela área.

A divulgação genérica deste sítio foi sendo efetuadas em comunicações apresentadas em encontros da especialidade e em artigos (Bettencourt *et al.* 2002a; 2003a; 2005), tornando-se uma referência obrigatória em artigos e síntese relativas às práticas funerárias da Idade do Bronze do Noroeste português (entre outros, Bettencourt 2008; 2009; 2010; Bettencourt & Meijide Camselle 2009), embora nunca tenha sido publicado monograficamente, o que justifica este trabalho

Conforme referido, o carácter único deste sítio no contexto da Idade do Bronze do Noroeste peninsular foi determinante para a sua integração no presente trabalho.

4.3. Localização, contexto físico e ambiental e enquadramento arqueológico

O sítio arqueológico de Vale Ferreiro situa-se no lugar de Godarilhas, na freguesia de Serafão, no concelho de Fafe e no distrito de Braga. Localiza-se, segundo o Sistema WGS84, às coordenadas geográficas decimais de 41,5441 N e -8,24708 W (Fig. 4.191), a uma altitude máxima de 207 metros. Ocupa um pequeno cabeço em remate de esporão, concretamente, no sector oeste dos contrafortes da Serra da Cabreira⁸.

Em estreita relação com a paisagem de vale que lhe é imediata, detém excelentes condições de visibilidade para o rio Ave, do qual dista cerca de 1 km para Sul (4.192). Além disso é próximo, também, da margem esquerda do rio Pequeno, ficando assim a poente deste curso fluvial, que une ao Ave pela sua margem esquerda. A partir dali é possível divisar em perfeitas condições envolvente entre os quadrantes Este e Sudoeste, por onde se desenvolvem os vales dos rios Pequeno e Ave.

A área imediata engloba terrenos onde a água tem um papel preponderante, pelo que a boa drenagem e irrigação permitiu a implementação, a cotas mais baixas, de terrenos de aptidão agrícola. Ainda hoje é possível observar que, pese embora o avanço construtivo que concentra pequenos aglomerados habitacionais, muitos terrenos pertencentes a casarios de lavradores locais são agricultados. Além disso estão documentadas águas subterrâneas sulfurosas que

⁸ A designação popular refere-se a este cabeço como a serra da Agrela (Bettencourt *et al.* 2004a: 2).

afloram a poucos quilómetros de distância, no lugar de Godarilhas, e que lhe passariam por baixo, o que contribuiu, inclusive, para a denominação toponímica do lugar⁹.

Uma análise à Carta Geológica de Portugal, folha 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000), à escala 1/50 000, permite verificar que o substrato rochoso é maioritariamente constituído por granito monzonítico, de grão médio, porfiroide, de duas micas, essencialmente biotítico (Fig. 4.193).

Embora não existissem afloramentos graníticos no local, um estudo levado a cabo por António Huet Bacelar Alves e Manuel Abrunhosa, ambos geólogos de formação, permitiu perceber, mediante a análise à microescala, que ali existiram variados veios de quartzo leitoso (Bettencourt *et al.* 2005: 159). A cerca de 200 metros para sul são conhecidas concentrações de argila amarela e avermelhada (Bettencourt *et al.* 2005: 159).

Uma análise às C.G.P., folhas 5-D de Braga (Ferreira *et al.* 2000), 6-C de Cabeceiras de Basto (Noronha & Lima 1992), 9-B de Guimarães (Andrade & Noronha 1986) e 10-A de Celorico de Basto (Pereira 1989), à escala 1/50 000, permite identificar recursos metálicos, sob a forma de mineralizações de estanho (predominantemente de cassiterite), num raio inferior a 30 km: a cerca de 25 km para norte do complexo de jazidas de estanho de Felgueiras/Vila Garcia (Amarante) e a cerca de 27 km para oeste, o complexo de jazidas de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), em associação a filões aplíticos e pegmatíticos. Além disso, a proximidade de cursos fluviais de dinâmica considerável e respetivos afluentes terão facilitado a captação de minerais nativos de estanho nas aluviões, num raio de cerca de 5 km, das margens dos rios Pequeno e Ave.

Minérios de ouro poderiam ser coletados na bacia vizinha do rio Cávado, concretamente, nas jazidas primárias de Portela das Cabras (Vila Verde), a pouco mais de 35 km para noroeste dali, ou, então, nas aluviões dos rios imediatos àquelas jazidas, como os rios Cávado e Neiva.

Se o estanho não era significativa na fase fundacional de Vale Ferreiro, o ouro e a prata já eram minérios usados e significantes.

A vegetação local atual é predominante arbórea, com destaque para os pinheiros, os carvalhos e os eucaliptos. Paralelamente e a povoar os espaços disponíveis são visíveis várias espécies arbustivas e herbáceas, com especial destaque para as estevas, as urzes e os fetos.

⁹ A palavra "godo" refere-se, na etimologia popular, a seixos rolados (de rio ou de mar). Na zona em questão, Godarilhas poderá advir do facto de, a determinada profundidade, surgirem grandes quantidades de blocos erodidos pela água, presumivelmente associados a um curso de água subterrâneo (Bettencourt *et al.* 2005).

A proximidade do rio Ave e, como tal, da via natural que o seu vale permite, conecta facilmente este lugar com a zona costeira do Norte português e, ao mesmo tempo, com a área mais interior e montanhosa da Serra da Cabreira. Esta posição central, entre o interior e a costa atlântica, terá colocado esta área na confluência de diversos *inputs*.

Os únicos vestígios de ocupação humana conhecidos nas imediações, quiçá datáveis da Pré-História Recente ou mesmo da Idade do Bronze, foram identificados na confluência da rua D. Afonso Henriques com a EN207-4, na freguesia de Arosa, no alto do Monte da Abelheira. Incluíam fossas abertas no saibro¹⁰ que se implementavam num patamar da vertente norte de Vale Ferreiro, a cerca de 500 metros do seu topo, em área sobranceira à margem esquerda do rio Ave, no mesmo outeiro, a cerca de 500 metros para Norte do sítio de Vale Ferreiro¹¹. A natureza destes vestígios poderá, eventualmente, estar relacionada com uma ou mais ocupações de Vale ferreiro (Bettencourt *et al.* 2005: 159), embora só escavações na área o permitam aferir.

O acesso ao local é possível seguindo a EN207, no sentido de Arosa-Serafão, cortando à direita na rua de Vale Ferreiro e, a partir daí, cortando à direita a seguir à Avenida 5 de Outubro.

4.4. Objetivos e metodologia

Além dos já enunciados na introdução, as intervenções neste local pretendiam atingir objetivos mais específicos, nomeadamente:

- a. identificar e delimitar a existência de novos túmulos;
- b. perceber se estes se inseriam nas proximidades de uma área habitacional;
- c. aferir relações de continuidade ou de descontinuidade entre aos diferentes túmulos e estruturas identificadas para, dessa forma, perceber a dinâmica ocupacional do lugar, ou seja, a sua biografia;

Com base nos resultados obtidos e da sua compilação, a presente publicação tenciona, igualmente, incluir as diferentes ocupações ali verificadas no cenário regional mais alargado. Para tal, e articulando-as com as ocupações contemporâneas da bacia do rio Ave, ambiciona aferir a importância deste sítio no quadro da rede de lugares da Idade do Bronze.

Uma vez que os vestígios descobertos em 1999 corriam risco de destruição foi imposta, pelo então Instituto Português de Arqueologia, a sua escavação integral. A primeira fase dos trabalhos visou a escavação em área das estruturas postas então a descoberto nos estradões de

¹⁰ Segundo o Sistema WSG84, às coordenadas geográficas de 41.545370° N e -8.221197° W, entre os 170 e os 180 metros de altitude.

¹¹ De referir, como curiosidade, que a "escassas dezenas de metros para poente deste local [Vale Ferreiro] e a cerca de duas centenas de metros para sul do sítio agora intervencionado (...) foi possível registar (...) alguns fragmentos de escória que confirmam as referências orais às significativas ocorrências de metal neste local e que terão estado na origem do topónimo Vale Ferreiro" (Bettencourt *et al.* 2004: 3).

acesso s Godarilhas e no estradão que rasgou o monte e que permitiu descobrir o túmulo 1. No seguimento destes trabalhos e ao abrigo do projeto *A Paisagem do Entre-Douro-e-Minho entre meados do III e os finais do II milénios AC*, prosseguiram os trabalhos de escavação no local, desta vez, em área, sobretudo no alto do cabeço.

Após desmatação da área a intervir foi efetuada a quadriculagem do topo e da vertente nor-nordeste do cabeço, recorrendo-se a uma malha orientada a norte de 2 por 2 metros, por forma a abarcar as estruturas escavadas em contexto de emergência. A distinção entre ambas as áreas recorreu à atribuição de nomenclaturas distintas, a saber: Sector 1 (no topo) e Sector 2 (na vertente).

A escavação seguiu a decapagem de sedimentos em planos de 5 em 5 centímetros, metodologia posteriormente substituída, uma vez conhecida a estratigrafia geral do sítio, pela decapagem de camadas resultantes da deposição dos sedimentos em *open area*.

Todos os planos, perfis e secções foram desenhados à escala 1/20 ou, quando conveniente, à escala 1/10¹². Foi, ainda, registado um desenho de planta geral do sítio à escala 1/100. Todos os desenhos foram acompanhados de leituras altimétricas (cotas) relativas, posteriormente convertidas para absolutas, aquando do tratamento do registo de escavação.

O registo fotográfico foi duplamente efetuado recorrendo a máquinas analógicas e digitais.

Os sedimentos dos interiores das estruturas foram recolhidos para flutuação e peneira visando a recolha de ecofatos. Parte destas terras foi guardada para futuras análises e/ou datações. Estes foram guardados para análises e/ou datações pelo radiocarbono. Posteriormente, os ecofatos foram acondicionados e encaminhados para análises de antracologia, para o Laboratório de Botânica da Universidade de Montpellier, em França, ao cuidado de Isabel Figueiral. De igual forma, algumas amostras foram enviadas para datações por AMS. As amostras foram selecionadas com base no potencial arqueológico considerado para cada contexto. Os laboratórios escolhidos foram o *NSF – Accelerator Mass Spectrometry Laboratory*, com sede no Arizona, nos Estados Unidos da América, e o *Angström Laboratory*, sediado em Uppsala, na Suécia.

As cerâmicas foram estudadas tendo em conta os critérios de Bettencourt (1999) e de Garrow *et al.* (2005) e de Brudenell & Cooper (2008).

¹² Esta opção foi, principalmente, aplicada à escavação do túmulo 1 (Sector I) e da fossa 1 (Sector II).

Terminados os trabalhos de escavação, todas as estruturas escavadas foram protegidas com geotêxtil e aterradas, assegurando a sua preservação. Paralelamente, o espólio cerâmico, lítico e metálico, após lavagem, acondicionamento e etiquetagem, deu entrada no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga.

A ordem de apresentação dos dados passará do Sector I para o Sector II. Em ambos é descrita a estratigrafia geral e os materiais recolhidos. Passa-se, posteriormente, à identificação das estruturas registadas, assim como à descrição das suas características construtivas, da sua estratigrafia, dos materiais a elas associados e, quando existentes, às datas de radiocarbono obtidas. Cada um destes sectores é finalizado com uma síntese.

4.5. Escavação

No Sector I, implementado no topo do cabeço, a área escavada¹³ durante os trabalhos de emergência totalizaram cerca de 384 m² e incluíram o túmulo 1 (monumento que esteve na origem da descoberta deste sítio) (Fig. 4.194).

No Sector II, aberto na vertente nor-nordeste, a área escavada totalizou cerca de 36 m², no âmbito de trabalhos de emergência para salvaguarda do registo daquela estrutura antes da sua destruição por um caminho de acesso a moradias locais. Esta sondagem visava confirmar a existência de mais estruturas naquela área, nas imediações do local onde tinha sido escavada uma fossa em contexto de emergência, no estradão de acesso ao topo do cabeço de Vale Ferreiro.

4.5.1. Sector I

4.5.1.1. Estratigrafia e materiais

Através da análise estratigráfica verifica-se que a pouca potência poderá dever-se à presença de processos erosivos que alteraram o registo sedimentar e que, em grande medida, poderão ter sido responsáveis pelo desaparecimento de eventuais níveis de ocupação datáveis da Idade do Bronze. Um facto favorável a este argumento é a recolha de materiais cerâmicos erodidos no corte sul de um estradão, a cerca de 52 metros para norte do topo do cabeço, cuja deslocação para aquela área terá resultado de escorrimientos.

A par de episódios de ação erosiva, ocupações posteriores de fase histórica contribuíram, também, para a perturbação pós-deposicional do local. Tal é atestado pela

¹³ Alguns destes quadrados não estavam inteiros, dada a presença periférica de caminhos que inviabilizaram a sua escavação integral.

presença de um valado que atravessa a área de dispersão dos vestígios da Idade do Bronze, com orientação, grosso modo, noroeste-sudeste, e cujo enchimento continha materiais cerâmicos tecnicamente enquadráveis em períodos históricos.

Por fim, o uso florestal destes terrenos terá fomentado, igualmente, o revolvimento de terras e o conseqüente transporte de materiais arqueológicos, removendo-os dos seus contextos originais de deposição.

4.5.1.1.1. Estratigrafia geral

A fraca potência estratigráfica resume-se a duas camadas extensíveis a toda a área intervencionada, cuja espessura variava entre os 6 cm e os 26 cm:

Camada 0 – sedimento de coloração castanha escura, clareado pela decomposição de raízes intrusivas que lhe conferiam heterogeneidade, areno-limoso, compacto, com seixos angulosos de pequena a média dimensão. Corresponde à camada humosa. No quadrado I3 incluía concentração de seixos angulosos de pequena e média dimensão.

Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, por vezes acinzentado, areno-limoso, de fraca compactidade, com raízes e seixos irregulares de pequena a média dimensão dispersos.

4.5.1.1.2. Estruturas

Valado 1

Estrutura tendencialmente retilínea, de secção em “U” e de base aplanada. Atravessou toda a área intervencionada alinhada no sentido noroeste-sudeste. O seu enchimento incluía escassos fragmentos cerâmicos datáveis da Idade do Bronze, entre outros de cronologia história, cuja presença pode ser compreendida pela perturbação dos níveis inferiores ocorrida durante a sua abertura do subsolo (Tab. 4.75). Foi aberto na camada 1 da estratigrafia geral.

Tabela 4.75 – Materiais recolhidos no enchimento do valado por cronologia

	Bordo	Colo	Pança	Base	Mat. Const.	Indet.
Idade do Bronze	-	3	6	-	-	2
Época histórica	3	5	9	2	4	3

4.5.1.1.3. Materiais

O espólio identificado na estratigrafia geral inclui fragmentos cerâmicos de diferentes fases. Entre estes surgiram, também, raros artefactos líticos.

Estes materiais encontravam-se descontextualizados, tendo alguns deles sido recolhidos em diferentes pontos, aquando da limpeza da superfície da área a escavar.

Materiais cerâmicos

Recolha de superfície

Totaliza 35 fragmentos cerâmicos, entre os quais 16 panças, 1 bordo, 2 bases e 16 fragmentos de material de construção. As cerâmicas revelam fabrico à roda ou a torno, cozeduras oxidantes e pastas bem depuradas. De um modo geral, são materiais cujas características podem ser genericamente enquadradas em época histórica. A maioria apresenta fraturas boleadas que depreendem ação erosiva.

Camada 0

Incluía 49 fragmentos cerâmicos, entre os quais 3 bordos, 24 panças, 1 colo e 21 indeterminados (Tab. 4.76). Correspondem, maioritariamente, a louças grosseiras e finas de coloração alaranjada ou acinzentada, denotando marcas de torno ou roda. Podem ser cronológica e genericamente situados em época histórica, nomeadamente, tardo-romana ou alto-medieval.

À mistura figuram raros materiais cujas características podem ser enquadradas na Idade do Bronze. Denotam fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média e grande dimensão que lhe conferem textura variável entre a grosseira e a muito grosseira. O seu estado fragmentado e as reduzidas dimensões incluem cernes boleados, indiciando desgaste por ação erosiva. Neste último grupo destaque para um bordo vertical, de lábio arredondado, de cor escura e acabamento alisado em ambas as faces, e para uma pança, de cor bege (parede exterior) e laranja (parede interior), que inclui uma incisão horizontal feita com ponta romba. Há, ainda, outros dois fragmentos de bordo tecnicamente enquadráveis na Idade do Bronze¹⁴.

Tabela 4.76 – Fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 0

Quadrado	Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Indet.
A2	8	-	6	-	2
A1	2	-	2	-	-
A13	3	-	2	-	1
B2	2	-	2	-	-

¹⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com os números de inventário 2013.0743 e 2013.0744.

Quadrado	Nº fragm.	Bordo	Pança	Colo	Indet.
B3	1	-	1	-	-
C3	1	-	1	-	-
D8	1	-	1	-	-
D11	2	2	-	-	-
D14	2	-	-	-	2
E9	2	-	1	-	1
E11	3	-	3	-	-
G3	2	-	1	-	1
G4	3	-	-	-	3
G6	4	-	-	-	3
G7	2	-	-	-	2
G9	1	-	1	-	-
H4	1	-	-	-	1
H7	2	-	-	-	2
I11	1	-	-	-	1
I14	1	-	1	-	-
J15	1	1	-	-	-
L8	3	-	2	-	1
N14	1	-	-	1	-
Total	49	3	24	1	21

Camada 1

Totaliza 23 fragmentos cerâmicos, entre os quais 10 panças, 1 arranque de asa e 12 indeterminados (Tab. 4.77). Correspondem, genericamente, a fragmentos grosseiros de coloração alaranjada ou acinzentada, na sua maioria denotando marcas de torno ou de roda. Podem ser genericamente enquadrados em época histórica.

Entre estes figuram alguns materiais cujas características são tecnicamente compatíveis com cerâmicas da Idade do Bronze. Apresentam fabrico manual, cozeduras reductoras e pastas bastante arenosas com desengordurantes de quartzo de média, grande e muito grande dimensão que lhes conferem texturas variáveis entre grosseiras e muito grosseiras. Destaque para os fragmentos recolhidos nos quadrados E13 e E14, denotando alisamento das paredes internas e colorações negras.

Tabela 4.77 – Total de fragmentos cerâmicos recolhidos na camada 1

Quadrado	Cerâmica	Pança	Asa	Indet.
K14	2	-	-	2
J15	2	2	-	-
I10	3	2	1 ¹⁵	-
I15	1	-	-	1

¹⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2013.0746.

Quadrado	Cerâmica	Pança	Asa	Indet.
H10 ¹⁶	1	1	-	-
E13	6	4	-	2
E14	4	1	-	3
D14	4	-	-	4
Total	23	10	1	12

Materiais líticos

Recolha de superfície

Foi identificado 1 fragmento pertencente a um moinho manual movente de granito de grão muito fino.

Camada 1

A representação de líticos totaliza 9 elementos (Tab. 4.78). Destacam-se um fragmento de um moinho manual dormente, em granito de grão fino, um seixo rolado quartzítico fraturado em 4 partes que colam entre si e um esferoide em granito de grão fino (tritador?), já que apresenta arestas boleadas por fricção.

Tabela 4.78 – Elementos líticos recolhidos na camada 1

Quadrado	Lítico	Material
L8	1	Seixo rolado quartzítico
K13	1	Seixo rolado quartzítico
E13	7	1 moinho dormente em granito de grão fino 4 seixos rolados quartzíticos
D14	1	Seixo rolado quartzítico
D11	1	Granito de grão fino (tritador?)

4.5.1.2. Estruturas abaixo da camada 1

Procede-se, em seguida, à descrição das diferentes estruturas. Foram identificadas na totalidade em negativo, abertas no substrato rochoso. Estão representados túmulos, fossas de diferentes dimensões e características e buracos de poste.

Os critérios de apresentação registam a sua denominação e respetiva localização com base na malha quadricular de apoio à escavação (entre parêntesis), seguindo-se a descrição: (a) das características arquitetónicas; (b) da estratigrafia; e (c) dos materiais associados.

¹⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2013.0748.

A natureza diferenciada dos dados levou a considerar, no caso específico dos túmulos 1 e 2, entre os pontos relativos à descrição das características arquitetónicas e estratigráficas, um ponto intermédio relativo a características do enterramento. Nestes dois casos específicos (túmulos 1 e 2) o alinhamento dos dados corresponde à descrição: (a) das características arquitetónicas, (i) das características do enterramento, (b) da estratigrafia e (c) dos materiais associados.

A particularidade da fossa 9 obrigou, igualmente, a optar por uma apresentação diferenciada dos seus dados. No caso específico desta estrutura, durante a descrição das suas características arquitetónicas são referidos e descritos os 12 buracos de poste que a integram. Assim, a ordem de apresentação dos dados corresponde à descrição: (a) das características arquitetónicas da fossa, (b) da estratigrafia, (c) dos materiais arqueológicos da fossa, (d) da datação radiométrica e (i) dos buracos de poste e suas respetivas características arquitetónicas, estratigráficas e materiais associados.

Na presença de dados disponíveis para a datação absoluta das estruturas, os seus resultados são apresentados no final de cada estrutura (ponto d). Note-se que, no caso da fossa 9, tal ocorre antes da descrição dos buracos de poste a ela associados

4.5.1.2.1. Túmulos

Túmulo 1 (quadrados E12, E13, F12, F13, G12 e G13) (Figs. 4.195, 4.196, 4.197 e 4.198)

a. No decurso da abertura de um estradão com maquinaria pesada foi detetado um amontoado de seixos angulosos, imbricados, onde abundavam quartzos leitosos, no interior de uma grande fossa, tomando a forma tendencialmente subcircular, o que permitiu a definição de um *cairn* subterrâneo. No centro desta estrutura a pá da máquina fraturou uma laje granítica, pondo a descoberto uma câmara de pedra na qual jaziam ossadas humanas. Tratava-se da tampa de uma sepultura, posicionada na horizontal, no sentido norte-sul, de forma irregular, com cerca de 120 cm de comprimento por 73 cm de largura e cerca de 10 cm de espessura máxima.

Trabalhos de escavação posteriores permitiram perceber a singularidade deste monumento, já que a câmara pétreo do túmulo foi edificada no interior de uma fossa aberta em negativo no substrato rochoso. De contorno retangular, seção em “U” e base aplanada, esta

fossa atingiu os 207 cm de comprimento, no sentido norte-sul, os 185 cm de largura, no sentido este-oeste e 95 cm de profundidade.

Em momento posterior à abertura desta fossa e no seu interior foi construída a câmara funerária. Tomando a forma subretangular, detinha 95 cm de comprimento na sua base, no sentido Norte-sul, e 64 cm de largura, no sentido este-oeste e 57 cm de profundidade. A câmara, tipo cistoide, foi erigida utilizando sete esteios, de formas e dimensões variadas, fincados ao alto, ligeiramente inclinados para o interior e sobrepostas. Tal solução não dispensou o uso de outros blocos pétreos, de menores dimensões, servindo de travejamento pelo lado exterior. Entre as lajes de travejamento destaca-se uma, colocada a sul da câmara, entre os esteios 4 e 5, que detinha uma “*configuração sensivelmente antropomórfica, onde facilmente se poderia “imaginar” uma cabeça e o contorno dos ombros*” (Bettencourt *et al.* 2003: 127). Infelizmente, a estrutura foi tapada sem ser fotografada ou desenhada. A câmara atingiu os 57 cm de altura entre o topo do esteio da base e a parte inferior da tampa do túmulo. Interessa referir que, com exceção da “tampa” e do esteio 1, os esteios da câmara aparentavam desgaste por ação de água. A presença de esteios polidos levou os autores a pressupor o seu transporte a partir das imediações da área ribeirinha (Bettencourt *et al.* 2003; 2005a). Posteriormente veio a ser descoberto que esteios semelhantes se encontravam a grande profundidade, no lugar das Godarilhas, fazendo parte do leito subterrâneo de águas sulfurosas que ali passam.

A base da câmara funerária foi forrada com duas lajes aplanadas, regularizando a área a utilizar para fins funerários, cujos interstícios foram complementados com pequenos calhaus angulosos graníticos.

Após a construção da câmara, o resto da fossa foi colmatada com um imbricado de seixos angulosos de quartzo leitoso, com raras exceções. Entre eles, notavam-se, por vezes, infiltrações de terras arenosas que teriam sido oriundas da cobertura do monumento.

Toda a estrutura foi selada, posteriormente, com um sedimento de composição arenosa de coloração clara e de compacidade reduzida (saibro). A sua aplicação pode entender-se como o aproveitamento do material resultante da abertura da fossa para a edificação do monumento (Bettencourt *et al.* 2005a).

i. Em relação às características do enterramento, no interior da câmara foram recolhidas ossadas humanas¹⁷ envolvidos numa fina camada sedimentar de terra cuja origem será pós-deposicional, nomeadamente, resultante da infiltração de radículas associadas à decomposição

¹⁷ Os restos ósseos foram depositados no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário MDDS-1834.99.

do corpo (Bettencourt *et al.* 2003). A análise à posição, à profundidade e ao estado de cada carácter ósseo permitiu perceber que ali foi sepultado um indivíduo, na vertical, provavelmente de cócoras, cuja cabeça ficou orientada para norte e os pés para sul¹⁸. A posição da cabeça deverá relacionar-se com o facto de, posteriormente, ter tombado para o lado esquerdo. Tal ilação tem por base “*a detecção, nos planos mais superiores, de vértebras (inclusivamente das primeiras vértebras sagradas), costelas (in situ), e da parte direita do crânio (frontal, temporal e parietal incompleto) e, em planos cada vez mais profundos, de vários ossos in situ e em articulação anatómica (coxais, sacro, úmero, fémur, tibia e perónio esquerdo, temporal, parietal e parte esquerda do occipital), além de ossos do pé*” (Bettencourt *et al.* 2003: 137).

Através de resultados morfométricos de caracteres ósseos discriminadores sexuais (pélvis e crânio), tratar-se-ia de “*um indivíduo do sexo masculino, provavelmente com 15 anos aquando da sua morte. A ausência de patologias ósseas e dentais morfológica e radiologicamente valorizáveis, assim como de qualquer vestígio de trauma, apontam para um estado sanitário bastante razoável aquando da sua morte, que, causada por doença, esta não teria sido suficientemente prolongada de modo a deixar as suas “marcas” no esqueleto*” (Bettencourt *et al.* 2003: 137).

Após a deposição do cadáver este terá sido coberto com um colorante, uma vez que foram identificados “*em fragmentos de costelas, de cor bastante clara, (...) uma série de pontos de tonalidade vermelho-ferrugem*” (Bettencourt *et al.* 2003: 130).

b. Estratigraficamente, no interior da câmara foi registada apenas uma camada, conforme referido, que envolvia as ossadas depositadas no interior do monumento:

Camada 1a – sedimento de potência lenticular, de coloração castanha clara, arenoso, algo compacto, com inclusões de radículas e sem quaisquer carvões.

c. Pese embora o considerável investimento arquitetónico verificado na construção deste monumento, apenas foi recolhido do seu enchimento, concretamente, do Quadrado F12, um pequeno elemento lítico e um fragmento cerâmico. Foram, igualmente, recuperados alguns ecofatos.

Materiais cerâmicos

Apenas de registar, nas terras do “*cairn*”, um fragmento de pança de um recipiente cerâmico de fabrico manual, cozedura redutora, de pasta arenosa e cor acastanhada, polido de

¹⁸ Para mais pormenores consultar A.M.S. Bettencourt *et al.* (2002, 2003).

ambos os lados, técnica e morfologicamente enquadrável na Idade do Bronze. A sua presença na estrutura aparenta ser involuntária, talvez transportado durante a construção do “cairn”.

Materiais líticos

Foi recolhido na camada que selava a estrutura, junto da base do esteio 6, um cristal de quartzo semi-translúcido¹⁹.

d. Uma amostra destes ossos foi recolhida e enviada para análise, situando cronologicamente este enterramento entre os séculos XXII e XIX AC.

Túmulo 2 (quadrados I14, I15, I16, J14, J15, J16, K14, K15 e K16) (Figs. 4.199, 4.200, 4.201 e 4.202, 4.203, 4.204 e 4.205)

a. Inicialmente referido como fossa 23, distanciava-se cerca de 4 m para nordeste do túmulo 1.

Em alçado esta estrutura apresenta diferentes níveis. Numa primeira fase terá sido aberta uma depressão no substrato rochoso, de contorno subretangular, com 380 cm de comprimento no sentido norte-sul, 290 cm de largura no sentido este-oeste e a profundidade variável entre os 40 e os 58 cm. No seu interior, sensivelmente a meio, foi aprofundada uma estrutura em fossa de contorno subretangular, de cantos arredondados. Apresentava secção em “U” e base aplanada, com 284 cm de comprimento no sentido norte-sul, 160 cm de largura no sentido este-oeste e 110 cm de profundidade. Tal efetivou uma espécie de “corredor de circulação”, mais profundo, à volta desta fossa.

Nesta espécie de “corredor” foi identificado, no quadrante sudeste, um pequeno círculo pétreo, maioritariamente em quartzos dispostos na horizontal, com cerca de 18 cm de diâmetro, considerado como base para um contentor (Bettencourt *et al.* 2005b) ou uma qualquer outra deposição em material perecível.

Na fossa central foi construída a câmara funerária propriamente dita, tendo sido forradas as suas paredes com um muro duplo de alvenaria. Composto por blocos de dimensões variáveis e, pontualmente, de pequenos seixos angulosos servindo de cunha, a sua espessura variava entre os 34 e os 40 cm de espessura. Como tal, verificou-se que os blocos pétreos utilizados nas suas paredes aumentavam de dimensão na base, funcionando os blocos inferiores como sapatas do muro. Tal provocou o estreitamento da área de câmara na base. A consolidação do referido muro duplo foi conseguida, quer recorrendo à utilização de alguns elementos dispostos

¹⁹ Depositado no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2002.0002.

na vertical, que recorrendo à aplicação de uma espécie de ligante de base saibrenta que se notava no interior do muro.

Este elemento construtivo evidencia o uso de diferentes tipos de rochas e minerais. Entre a sua natureza diferenciada estão rochas graníticas (38,8% – 409 unidades), quartzos (41,9% – 442 unidades), corneanas (16,5% – 174 unidades) e milonitos (2% – 22 unidades). Apenas oito elementos (0,8%) ficaram por classificar. Entre as primeiras eram recorrentes os granitos porfíroides de origem local. Os quartzos leitosos, com presença de óxidos de ferro, dividiam-se em dois subgrupos: os de tom amarelo (225 unidades) e os de tom rosado (217 unidades). As corneanas denotavam maioritariamente composição siliciosa (172 unidades) – sendo muito raras as corneanas pelíticas (2 unidades); entre estas, 128 exemplares eram ferruginosos e 23 de cor esverdeada. Interessa referir que as rochas utilizadas nas paredes de alvenaria originaram uma câmara com tons cinzentos, rosas e brancos, pontuado pelo verde das corneanas, numa conjugação policromática intencional. Entre os elementos utilizados nestas paredes foi ainda possível identificar alguns fragmentos de moinhos manuais graníticos (maioritariamente dormentes, entre alguns moventes) cujas superfícies de moagem, côncavas, convexas ou planas, se encontravam viradas ora para o interior, ora para o exterior da câmara funerária.

A base do túmulo foi construída com lajes graníticas, uma delas polida pela ação da água (estela?), outra subretangular com gravuras (estela?), e moinhos ou fragmentos de moinhos manuais dormentes, igualmente em granito. Estes elementos regularizaram a base, conferindo-lhe horizontalidade. Um dos elementos interpretado como eventual estela detinha a forma de “lágrima”²⁰. Media 33,5 cm de comprimento, 18,5 cm de largura máxima e 11,5 cm de espessura. A sua extremidade mais aguçada encontra-se ligeiramente enegrecida por contato com qualquer substância. Localizava-se a norte da câmara e foi sobre ela que se encontrou uma das espirais *in situ*. A outra eventual estela detinha contorno subretangular afeiçoado (Bettencourt *et al.* 2005b). Uma das suas faces era alisada e incluía três pequenas concavidades (covichas?) gravadas²¹, cujos diâmetros correspondem a 3, 4,5 e 5,5 cm. A face oposta, côncava, apresenta uma outra covinha com 5,5 cm de diâmetro. Um dos moinhos, embora depositado com a face de moagem oculta, apresentava na face inversa, virada para o interior da câmara, uma depressão de forma oval. A área de base disponível tomava a forma subretangular,

²⁰ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2005.1011. Elemento lítico semelhante mas de menores dimensões tem correspondência com o número de inventário 2005.1023.

²¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1471.

medindo entre 40 e 58 cm de largura e cerca de 160 a 180 cm de comprimento. A análise à relação entre este elemento construtivo e o muro da câmara funerária mostrou que a sua construção ocorreu primeiro. Algumas das lajes da base apresentavam uma coloração avermelhada, que terá resultado do contacto com um colorante composto à base de argila vermelha local, misturada com uma gordura por determinar²² (Bettencourt *et al.* 2005b).

Para a tampa da câmara funerária é proposto o uso de uma cobertura de madeira posteriormente selada com saibro, tornando o monumento impercetível (Bettencourt *et al.* 2005a). A cobertura em madeira poderá ter sido disposta na horizontal, pois não se detetaram buracos de poste no fundo ou nas imediações da câmara que sustentassem a possibilidade de uma cobertura de duas águas. Com o seu apodrecimento ter-se-á dado um primeiro colapso, criando uma camada no interior da câmara com terra muito escura, provavelmente correspondente à decomposição de matéria orgânica. Nesse momento teriam caído para o interior da estrutura seixos angulosos das paredes da câmara, como se depreende da estratigrafia. Aliás, pela estratigrafia crê-se que a cobertura foi caindo em diferentes momentos, o que justifica as manchas de sedimentos negras com muita matéria orgânica, intervaladas com outras de saibro.

Na extremidade norte desta sepultura foi identificada uma pequena fossa (fossa 33) que cortou parcialmente o seu interface (ver descrição da fossa 33). Situação semelhante terá ocorrido no quadrante oposto, a Sul. Ali uma pequena depressão ovalizada, com 82 cm de comprimento, 60 cm de largura e 33 cm de profundidade máxima, parece igualmente ter cortado o interface da fossa que serviu de “base” ao monumento funerário. Contudo, a sua forma oferece algumas dúvidas à coordenadora dos trabalhos, que não a considera totalmente antrópica (Bettencourt *et al.* 2004).

i. Quanto às características do enterramento propriamente dito, embora não tenham sido recuperados quaisquer restos ósseos, foi possível individualizar uma mancha de coloração avermelhada identificada sobre algumas das lajes da base da câmara funerária. O seu formato subtriangular, muito próximo a um triângulo retângulo com o ângulo de 90° “apontado” a nascente, apresentava 91 cm de comprimento por 56 cm para a largura. A sua forma triangular, em plano, levou Bettencourt *et al.* (2005b) a suporem que cobria parte da deposição de um cadáver em decúbito lateral, provavelmente em posição fetal. Refira-se, também, que restos de

²² Conforme informação disponibilizada por Manuel João Abrunhosa, então geólogo do Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

coloração avermelhada foram igualmente identificados nas ossadas recuperadas do túmulo 1 e no túmulo 3.

b1. A estratigrafia da área circundante à câmara funerária incluía:

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogénea, de média compactidade, arenosa, de calibragem irregular, com inclusões de raízes (saibro alterado em deposição secundária).

Camada 1b²³ – sedimento de coloração amarelada, homogénea, arenosa, de média compactidade (saibro alterado em deposição secundária, menos alterado por raízes).

b2. A estratigrafia da câmara funerária incluía:

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogénea, limo-arenosa (mais limosa), de calibragem irregular, com raízes.

Camada 1a' – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, com manchas castanhas mais limosas.

Camada 1a'' – sedimento de coloração castanha escura, pontuado com manchas mais claras que lhe conferem heterogeneidade (eventuais processos pós-deposicionais ou de desintegração de seixos graníticos), limo-arenoso (mais limoso), de média compactidade, com inclusões dispersas de alguns carvões e de seixos angulosos, proveniente do derrube da parte superior do murete da câmara.

Camada 1a''' – sedimento de coloração castanha, limo-arenoso (mais limoso), com carvões, de radículas e de seixos angulosos.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha, areno-limoso, de calibragem irregular, com inclusões de radículas.

Camada 1c – camada não atribuída.

Camada 1d – sedimento de coloração castanha clara, homogénea, areno-limosa, de média compactidade, com inclusões dispersas de carvões e de raízes.

Camada 1e – sedimento de coloração castanha escura, limoso, medianamente compacto.

Camada 1f – sedimento de coloração amarelada, medianamente compacto, homogéneo – mancha de saibro.

²³ Considerada como camada 1c durante os trabalhos de escavação.

Camada 1g – sedimento de coloração castanha clara, homogénea, de média compactidade, areno-limoso, de calibragem irregular, com inclusões dispersas de carvões e de raízes (semelhante à camada 1d).

Camada 1h – sedimento de coloração amarelada, medianamente compacto, com inclusões de seixos angulosos e de manchas limosas escuras. Incluía um aglomerado de fragmentos cerâmicos pertencentes ao topo de um vaso que colavam com os da camada 1i.

Camada 1i – sedimento de coloração castanha clara, heterogénea, areno-limoso, de mediana compactidade, com radículas. Incluía os restantes fragmentos cerâmicos do vaso que começou a aparecer na camada 1i.

Camada 1j – resquício de colorante avermelhado, de base argilosa, identificado sobre parte do fundo da câmara funerária.

c. Os materiais arqueológicos recolhidos nesta estrutura foram subdivididos em dois grupos: o da área exterior à câmara funerária propriamente dita e os da câmara.

Materiais cerâmicos da área exterior à câmara

Da camada 1a exterior à câmara funerária foi recuperado um pequeno fragmento de pança de fabrico manual, cozedura redutora, de pasta arenosa com grandes desengordurantes de quartzo.

Materiais cerâmicos da câmara funerária

Do enchimento da câmara funerária foram recuperados 14 fragmentos cerâmicos de reduzidas dimensões (menores que 4 cm). Foram recolhidos nas camadas 1a (1 pança), 1a' (3 panças e 1 indeterminado), 1a'' (1 pança), 1b (3 panças), 1d (3 panças) e 1i (2 panças). Denotam, sem exceção, fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas, e devem ser oriundos do processo de enchimento verificado após o derrube da cobertura desta estrutura.

Foram, ainda, recolhidos, *in situ*, outros fragmentos cerâmicos das camadas 1h e 1i, posicionados no quadrante noroeste do quadrado J15, no fundo da câmara, no contato entre aquelas duas camadas, e por cima de uma “cama” de contorno subcircular formada por quartzos leitosos. A colagem destes fragmentos permitiu reconstruir uma forma cerâmica bicónica²⁴ (Fig. 4.231). O seu fabrico é manual, a cozedura redutora, de má qualidade, o que imprimiu uma coloração castanha-avermelhada às paredes do recipiente. A pasta é arenosa,

²⁴ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1140. Guardam-se, ainda, mais 6 pequenos fragmentos que pertencem a este recipiente cerâmico

com inclusões de quartzos de média e grande dimensão que conferem uma textura grosseira. Trata-se de uma forma fechada, com carena alta cuja distância do lábio varia entre os 6,5 cm e os 7,6 cm (pois o bordo é irregular, apresentando ligeira inclinação) e base plana simples. O bordo é reentrante e o lábio reto. Apresenta alisamento em ambas as faces, a par de ligeira corrosão externa, e o seu diâmetro subcircular varia entre os 15,1 cm e os 15,2 cm. Detém vestígios de matéria orgânica que se distribuem pelas paredes interiores (base e parte das paredes) e exteriores (pontualmente pela pança e com menor concentração junto da base). Os paralelos para esta forma são apenas conhecidos no Sul da Península Ibérica.

Materiais líticos

Do interior deste monumento, da camada 1a', foi recolhida uma possível estela. É em granito de grão grosso (nº inv. 2055.1011), mede 33,5 cm de comprimento, por 18,5 cm de largura máxima e 11,5 cm de espessura. Detém o contorno em forma de "lágrima" (Fig. 4.232).

Integrando a base do câmara tumular existia um moinho manual dormente que detinha, no lado oposto à face de moagem, uma pequena concavidade ovalar²⁵ (Fig. 4.233). Em granito de grão fino, apresenta feição quadrangular, medindo 44 cm de comprimento, 23,5 cm de largura e 21,5 cm de espessura. Do seu enchimento foi, ainda, recolhido da camada 1b, um pequeno seixo. Ainda da Camada 1i desta estrutura foi recuperada uma minúscula lasca de quartzo translúcido.

Além destes materiais, toda a câmara funerária incluía diversos fragmentos de moinhos manuais moventes e dormentes e trituradores em quartzo e em granito (Tab. 4.79). As suas principais características encontram-se sintetizadas na Tabela 6. Para os moinhos manuais foi utilizado, preferencialmente, o granito de grão fino. Ainda assim surgem, pontualmente, exemplares em granito de grão mais grosseiro, alguns no denominado "dente de cavalo". Entre os vários exemplares destaque para um moinho manual em granito de grão fino²⁶ com cerca de 24 cm de comprimento, 21 cm de largura e espessura oscilante entre 4,5 e 8,5 cm recolhido na camada 1h. Detém uma pequena marca na lateral (talvez produzida pelo contacto com o fogo ou com qualquer substância) de coloração enegrecida. O facto de apresentar ambas as faces polidas poderá indicar o seu uso como movente e dormente.

Materiais metálicos

Sob a laje polida por ação da água (estela?) colocada na base da câmara foi encontrada uma espiral em ouro (Fig. 4.231). Uma segunda espiral, também em ouro, foi recolhida da área

²⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1464.

²⁶ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1141.

adjacente àquela durante a crivagem das terras da câmara (Fig. 4.231). A que foi recuperada no quadrado J15, na camada 1i, ainda *in situ*²⁷, apresenta 1,9 cm de diâmetro, secção circular com 0,1 cm de espessura e o comprimento de 34,9 cm. Pesa 7,1 g. A que foi recuperada do crivo²⁸ apresenta igual diâmetro, secção e espessura, mas é ligeiramente mais comprida, chegando aos 43,9 cm. Pesa igualmente ligeiramente mais, atingindo os 7,4 g.

d. Sedimentos recolhidos da camada 1e do quadrado K15, considerados como correspondentes à decomposição da madeira da cobertura, permitiram situar cronologicamente este monumento entre os séculos XXV e XIII AC (ver tabela 17).

Tabela 4.79 – Características dos moinhos manuais e trituradores integrados como elemento construtivo na câmara funerária do túmulo 2

Nº inv.	Contorno	Superfície de moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
S/ núm.	Irregular	Côncava	14	10	10,5	Granito grão fino	Dormente
S/ núm.	Subretangular	Côncava	18	13	9,5	Granito grão fino	Dormente
2004.1464	Quadrangular	Côncava	44	23,5	21,5	Granito grão fino	Dormente
2004.1465	Subcircular	Côncava	36	31	14,5	Granito grão fino	(?)
2004.1468	Irregular	Convexa	13	17	8	Granito grão fino	Dormente
2004.1469	Subquadrangular	-	9,5	7,5	6	Quartzo	Triturador
2004.1472	Subtriangular	Côncava	24	22	11	Granito grão fino	Dormente
2005.1003	Subtriangular	Dupla/côncava/convexa	12,5	9,5	4,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1005	Subquadrangular	Convexa	14	14	6	Granito grão fino	Dormente
2005.1007	Subquadrangular	Côncava	12	8,5	16,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1008	Elipsoidal	Plana	48,5	26,5	23	Granito grão grosso	Dormente
2005.1009	Subtriangular	Côncava	29,5	24	20	Granito grão fino	Dormente
2005.1010	Irregular	Dupla/concave/convexa	20,5	15	7	Granito grão grosso	Dormente
2005.1012	Subquadrangular	Côncava	25	25	11,5	Granito grão grosso	Dormente
2005.1013	Subretangular	Côncava	19	14,5	9,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1014	Subquadrangular	Dupla/côncavas	20	16	16,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1019	Subtriangular	Convexa	20	16,5	12,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1015	Elipsoidal	Côncava	38	35,5	13,5	Granito grão grosso	Dormente
2005.1020	Irregular	Dupla/concava/convexa	12	11	11	Granito grão fino	Dormente
2005.1021	Subquadrangular	Semi-côncava	21	14,5	13	Granito grão fino	Dormente
2005.1022	Elipsoidal	Convexa	31,5	25	9,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1025	Subquadrangular	Convexa	14	15	9,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1026	Subretangular	Côncava	30	16,5	14,5	Granito grão grosso	Dormente
2004.1466	Subcircular	Côncava	36	32	11	Granito grão grosso	Dormente
2005.1468	Subcircular	Côncava	36	31	14,5	Granito grão fino	Dormente
2004.1469	Subquadrangular	-	9,5	7,5	6	Quartzo	Triturador
2004.1470	Subquadrangular	Dupla/convexas	17	13,5	4	Granito grão fino	Movente
2004.1601	Subretangular	Côncava	33	23	14,5	Granito grão fino	Dormente

²⁷ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1285.

²⁸ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1288.

Nº inv.	Contorno	Superfície de moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
S/ núm.	Subtriangular	Dupla/convexas	10	8	4	Granito grão fino	Dormente
2004.1026	Irregular	-	27	15	14	Granito grão fino	Triturador
2004.1564	Subquadrangular	-	7	6,5	4	Quartzo	Triturador
2005.1004	Subtriangular	Dupla/convexas	13	14,5	8,5	Granito grão fino	Dormente
S/ núm.	Subquadrangular	Dupla/côncava/convexa	13	11	7	Granito grão fino	Dormente
2004.1141	Subquadrangular	Dupla	25	21	9	Granito grão fino	Dormente e
		Côncava/convexa					movente (?)
2005.1006	Subquadrangular	Côncava	19	17	8,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1016	Subtriangular	Plana	18	11	4,5	Granito grão fino	Dormente (?)
2005.1017	Subretangular	Dupla	29,5	16,5	11	Granito grão fino	Dormente
		Côncava/convexa					
S/ núm.	Irregular	-	13	10	7	Quartzo	Triturador (?)
S/ núm.	Irregular	Convexa	5,5	12	6,5	Granito grão médio	Triturador
S/ núm.	Subquadrangular	Dupla	12,5	7,5	7,5	Granito grão fino	Dormente
		Planas					
S/ núm.	Subquadrangular	Convexa	12	10,5	8,5	Granito grão fino	Movente
S/ núm.	Irregular	Plana/côncava	10	10	4,5	Granito grão fino	Triturador
S/ núm.	Irregular	Plana/côncava	10,5	7	6,5	Granito grão fino	Triturador
S/núm.	Irregular	Plana/côncava	11	7,5	6	Granito grão fino	Triturador
S/ núm.	Irregular	Plana/côncava	9,5	7	4	Granito grão fino	Triturador
S/ núm.	Irregular	Plana/côncava	11	6	6	Granito grão fino	Triturador
S/ núm.	Irregular	Rolado	9,5	7	6	Quartzo	Triturador
2004.1467	Subcircular	Côncava	38	37	21,5	Granito grão grosso	Dormente
2004.1471	Quadrangular	Dupla	28,5	11,5	16	Granito grão fino	Dormente
		Plana/côncava					
2004.1473	Elipsoidal	Côncava	60,5	30,5	17	Granito grão grosso	Dormente
2005.1002	Irregular	Côncava	39	37,5	22,5	Granito grão fino	Dormente
2005.1015	Subquadrangular	Dupla	21	23,5	11,5	Granito grão fino	Dormente
		Côncavas					
2005.1018	Subquadrangular	Convexa	16	11,5	4,5	Granito grão fino	Movente
2005.1024	Quadrangular	Côncava	27,5	25	14,5	Granito grão grosso	Dormente
2005.1029	Subtriangular	Côncavas	7	6	3,5	Granito grão fino	Triturador
2005.1602	Irregular	Côncava	11	8	6	Granito grão fino	Dormente

Túmulo 3 (quadrados H10 e I10) (Fig. 4.206)

a. Inicialmente denominado de fossa 6, localizava-se a cerca de 6 m para noroeste do túmulo 2 e a cerca de 7 m para poente do túmulo 1. Trata-se de uma estrutura em negativo, aberta no substrato rochoso, de contorno ovalizado, secção em “U” e base aplanada, que cortou parcialmente um veio de quartzo leitoso. Detinha 136 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 68 cm de largura, no sentido este-oeste, e 42 cm de profundidade.

Alguns dos quartzos do veio que foi cortado encontravam-se tingidos com corante vermelho similar ao identificado no túmulo 2, do qual ficaram poucos vestígios.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogêneo, arenoso, medianamente compacto, com radículas.

Camada 1a – bolsa sedimentar de coloração castanha, homogênea, areno-limosa, medianamente compacta, com inclusões de algumas raízes.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha clara, mais homogêneo e mais compacto que o anterior, arenoso, com inclusão de radículas.

Camada 3 – sedimento de coloração castanha clara, homogêneo, arenoso, menos compacto que a anterior.

Camada 4 – bolsa de saibro.

Camada 5 – resquícios de corante avermelhado de base argilosa (identificada sobre partes do veio de quartzo cortado).

c. Os materiais do seu enchimento correspondem a 8 fragmentos cerâmicos e a um vaso cerâmico completo. Foram, ainda, recolhidos ecofatos das camadas 1 e 2 do quadrado I10.

Materiais cerâmicos

Dos 8 fragmentos recuperados das camadas 1 e 2, correspondentes a 8 panças, 4 são inferiores a 2 cm e outros 4 situam-se entre os 2 e os 4 cm, tendo sido transportados acidentalmente com as terras de enchimento.

No quadrante sul da camada 3 foi possível exumar uma forma cerâmica inteira, embora encontrada fraturada, que estaria *in situ*, fazendo parte de um vaso deposicional (Fig. 4.234). Tem correspondência com a forma 10 da tabela formal de Bettencourt (1999)²⁹. Revela fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de média a grande dimensão que lhe conferem uma textura grosseira. Possui bordo vertical, lábio reto, base de fundo semiplano e perfil ovoide. Apresenta alisamento interno e, a par de alguma corrosão em certas partes, externo. Não indicia contato com o fogo. O seu diâmetro subcircular varia entre 9,4 e 9,6 cm.

²⁹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2003.1770.

Ecofatos

Análises antracológicas efetuadas aos ecofatos das camadas 1 e 2 permitiram identificar, respetivamente, a presença de *Fabaceae* e *Quercus* (folha caduca) e de *Fabaceae*, *Quercus* (folha caduca), *Quercus sp.* e *Rubus fruticosus* (Bettencourt *et al.* 2007).

Túmulo 4 (quadrados L11, L12 e M11) (Figs. 4.207 e 4.208)

a. Denominada durante os trabalhos de fossa 29, esta estrutura foi identificada no sector nordeste da área intervencionada, a cerca de 5 m para nordeste do túmulo 2. Uma vez que se implementou sobre um filão de quartzo leitoso que se desenvolvia no quadrante nascente – cujo corte terá dificultado a sua construção –, o planeamento original parece ter sido reajustado. Assim, os construtores optaram por tornar a estrutura mais estreita, tendo que cortar menos filão, o que lhe conferiu um contorno um pouco irregular, mais alargado a este e mais estreito a oeste, embora tendencialmente ovalizado. Esta estrutura detinha secção em “V” e base aplanada com 140 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 134 cm de largura máxima e 66 cm de largura mínima, no sentido norte-sul, e 58 cm de profundidade máxima. Foi, ainda perturbada por uma raiz pelo quadrante nordeste.

A cerca de 15 cm de profundidade, na camada 1b, no quadrante oeste, foi identificado um arranjo semicircular composto por seixos angulosos que os autores interpretaram como “cama” ou suporte para um contentor em material perecível (Bettencourt *et al.* 2005a; 2005b) ou outra qualquer deposição em material perecível.

Esta estrutura terá sido, por fim, selada com saibro.

Carvões recolhidos da camada 1a do quadrado L11 e sujeitos a datação radiométrica permitiram considerar que esta estrutura não seria anterior aos séculos XVIII e XV AC.

b. Camada 1 – saibro.

Camada 1a – sedimento de coloração cinzenta escura, heterogéneo, areno-limoso, de fraca compactidade, de calibragem irregular, com inclusões dispersas de seixos angulosos, de carvões e raízes.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, arenoso, de fraca compactidade, de calibragem irregular, com inclusões de seixos angulosos e de raízes.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

As principais características dos túmulos identificados no Sector I de Vale ferreiro foram sintetizadas na Tabela 4.80.

Tabela 4.80 – Contorno, secção, base e dimensões (em cm) dos túmulos identificados no Sector I

Est.	Contorno	Secção	Base	Compr.	Larg.	Prof.
T1	Subretangular (câmara)	-	Aplanada	95	64	57
T2	Subretangular (câmara)	U	Aplanada	160/180	40-58	110
T3	Ovalizado	U	Aplanada	136	68	42
T4	Ovalizado	U	Aplanada	140	134	58

4.5.1.2.2. Fossas

Fossa 1 (quadrados B3, B4, C3 e C4)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base irregular. Detinha 78 cm de diâmetro e 22 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, arenoso, compacto, com inclusões de seixos angulosos (resultantes da desintegração do granito) e de carvões dispersos de dimensões muito reduzidas. Totaliza cerca de 6 cm de espessura onde surgiu algum material arqueológico.

Camada 1a – bolsa sedimentar de coloração castanha amarelada, bastante heterogéneo, composto por arena granítica misturada com terras de coloração castanha.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha, arenoso, menos compacto do que o da camada 1 mas com mais inclusões dispersa de carvões. Incluía materiais arqueológicos.

Camada 2a – sedimento de coloração castanha escura, mais arenoso e menos compacto do que o das camadas anteriores.

c. Do enchimento foi possível recolher 4 fragmentos cerâmicos. Foram, ainda, recolhidos ecofatos da camada 1 do quadrado B3.

Materiais cerâmicos

Da camada 1 foi exumado um fragmento cerâmico de uma pança medindo entre 2 a 4 cm. Revela fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferiram uma textura muito grosseira. As suas fraturas apresentavam elevada erosão e as superfícies de ambas as faces elevada corrosão. Foram, também, recolhidos um bordo de orientação indeterminada e dois fragmentos de pança com decoração também ela indeterminada, todos medindo entre 2 e 4 cm.

Ecofatos

Análises antracológicas aos ecofatos recolhidos permitiram identificar a presença de *Quercus* (folha caduca) (Bettencourt *et al.* 2007).

Fossa 2 (quadrado H4) (Fig. 4.209)

a. Estrutura em negativo de contorno irregular, de secção em “V” mas de base arredondada. Detinha 90 cm de comprimento, 68 cm de largura e 20 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, homogéneo, medianamente compacto, com intrusão de raízes.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha clara, arenoso, pouco compacto, com intrusão de raízes.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 3 (quadrados I4, I5, J4 e J5) (Fig. 4.210)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 100 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 98 cm de largura, no sentido este-oeste, e 50 cm de profundidade máxima.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, homogéneo, compacto, com seixos angulosos, fragmentos de moinhos e raízes.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha acinzentada, com pequenas manchas de saibro, heterogéneo, mais arenoso e compacto que a anterior, de distribuição parcial, concentrando-se do lado do moinho manual surgido mais à superfície. Continha alguns carvões.

Camada 3 – sedimento de coloração castanha amarelada, homogéneo, arenoso, muito compacto.

c. Do seu enchimento foram recuperados 3 artefactos líticos (Tab. 4.81). Foram, ainda, recolhidos ecofatos das camadas 1 e 2 do quadrado I5³⁰.

Materiais líticos

Da camada 1 foi possível exumar dois fragmentos de moinhos manuais dormentes em granito de grão grosso (4.55). Medem, respetivamente, 31,5 cm de comprimento, 27 cm de largura e 11,5 cm de espessura e 46,5 cm comprimento, 35,5 cm de largura e 19 cm de espessura³¹. Um outro fragmento, provavelmente de um triturador (?) em granito de grão fino, foi recuperado no quadrado I5. Mede 7 cm de comprimento, 4 cm de largura e 2,8 cm de espessura.

³⁰ A tabela reproduzida em anexo em Bettencourt *et al.* (2007: 157) localiza os ecofatos da camada 2 no quadrado F5, devendo ler-se, de facto, I5.

³¹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, sem número de inventário.

Da camada 2 foi, igualmente, recuperado um pequeno fragmento de movente em granito de grão fino.

Ecofatos

Análises antracológicas aos ecofatos das camadas 1 e 2 revelaram, respetivamente, a presença de *Fabaceae*, *Quercus* (folha caduca) e *Salicaceae* e de *Fabaceae*, *Quercus* (folha caduca), *Quercus sp.* e *Rubus fruticosus* (Bettencourt *et al.* 2007).

d. Carvões recolhidos da camada 2 do quadrado I5 permitiram situar cronologicamente esta estrutura entre os séculos XXII e XX AC (vide ponto *Datas de radiocarbono e fases de ocupação*).

Tabela 4.81 – Características dos moinhos na fossa 3

Nº inv.	Estado	Contorno	Sup. moagem	Comp.	Larg.	Espes.	Material	Função
s/n	Fragm.	Quadrangular	Plana	31,5	27	11,5	Granito grão grosso	Dormente ou movente
s/n	Fragm.	Irregular	Côncava	46,5	35,5	19	Granito grão grosso	Dormente
s/n	Fragm.	Subquadrangular	Côncava	12,5	8	6	Granito grão fino	Movente

Fossa 4 (quadrados H6, H7, I6 e I7) (Fig. 4.211)

a. Estrutura em negativo de contorno irregular, pois parece resultar do alargamento de uma estrutura primitiva. Tem secção em “U” e base aplanada. Detinha 220 cm de comprimento, 168 cm de largura e 42 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento com cerca de 42 cm de espessura, de coloração amarela clara, constituído por areias grosseiras e saibro de média a elevada granulidade, friável, heterogéneo, incluindo, por vezes, bolsas de coloração castanha devido à intrusão de raízes. No quadrante sudeste desta unidade foram detetados perturbações provocadas por três raízes de pinheiro. Incluía carvões dispersos.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos mas foi identificada a presença de ecofatos.

Ecofatos

Análises antracológicas efetuadas a ecofatos recolhidos de duas manchas do quadrado I7 permitiram identificar a presença de *Quercus*, *Quercus cf. suber* e *Quercus sp.* (Bettencourt *et al.* 2007)³².

³² Pensava-se, ainda assim, que no seu enchimento haviam sido identificadas sementes de *brassica*. Esta hipótese foi entretanto refutada através de análises promovidas por Tereso (Tereso 2012), concretamente, a materiais semelhantes recolhidos nos sítios com datações coetâneas da

Fossa 5 (quadrados H7 e H8) (Fig. 4.212)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada. Detinha 1,38 m de comprimento, 1,20 m de largura e 30 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha, arenoso, pouco compacto, com inclusões de raízes.

Camada 2 – sedimento de coloração amarela, homogéneo, arenoso, de mediana compactidade.

Camada 3 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, com raízes.

c. Os materiais recuperados do seu enchimento resumem-se a 2 fragmentos cerâmicos. Foram, ainda, analisados ecofatos recolhidos da camada 1 do quadrado H8.

Materiais cerâmicos

Da camada 1 do enchimento desta estrutura foi possível recolher dois fragmentos cerâmicos. Ambos revelavam fabrico manual, cozedura redutora e pastas arenosas com desengordurantes de quartzo de grande dimensão que lhe conferem uma textura muito grosseira. Um corresponde a um fragmento de bordo de uma forma aberta (truncocónico?), que detém lábio adelgado/arredondado³³. As suas paredes apresentam coloração bastante variável, entre o creme e o castanho-escuro, sendo a cor do seu cerne igualmente escuro. Detém vestígios de fuligem junto do lábio, pela parte da parede interna, que o tonalizam, ainda que muito parcialmente, de negro. O segundo fragmento, de reduzida dimensão, pertence à pança de uma forma cerâmica indeterminada. Contudo, as semelhanças tecnológicas com o fragmento anterior são acentuadas. Apenas na coloração é possível observar ligeiras diferenças, já que as cores de ambas as paredes mostram ser mais acastanhadas e homogéneas. Pode ser incluído no grupo de materiais de pequenas dimensões, medindo entre 2 e 4 cm.

Ecofatos

Análises antracológicas e carpológicas efetuadas a ecofatos recolhidos na camada 1 identificaram, respetivamente, a presença de *Fabaceae*, *Monocotiledónea*, *Quercus* e de cereais indeterminados (Bettencourt *et al.* 2007).

Fossa 6 (ver título 3)

Santinha (Amares, Braga) e de A Morcigueira (Toques, A Coruña). Essas análises revelaram tratar-se de possíveis esclerócios, parte de um fungo que permite a sua sustentação e a captação de nutrientes no subsolo.

³³ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2013. 0747.

Fossa 7 (quadrado D7) (Fig. 4.213)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base arredondada. Detinha 88 cm de comprimento, 80 cm de largura e 26 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, medianamente compacto, com radículas.

Camada 2 – sedimento de coloração amarela, homogéneo, arenoso, friável.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos. Foram, contudo, recolhidos alguns ecofatos da camada 1 do quadrado D7.

Ecofatos

Análises antracológicas efetuadas aos ecofatos recolhidos permitiram identificar a presença de *Quercus* (folha caduca) e de *Quercus sp.* (Bettencourt *et al.* 2007).

Fossa 8 (quadrados D11) (Fig. 4.214)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de secção em “U” e base aplanada, algo irregular. Detinha 104 cm de comprimento, 94 cm de largura e 20 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compacidade, com seixos angulosos e radículas.

c. Do seu enchimento foram recolhidos 1 fragmento cerâmico e 2 artefactos líticos.

Materiais cerâmicos

Da camada 1 foi possível recolher um fragmento cerâmico de bordo vertical, com lábio reto, cuja forma cerâmica é indeterminada. Revela fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de tamanho grande que lhe conferem uma textura muito grosseira. A sua parede externa é alisada.

Materiais líticos

Além de uma pequena lasca de sílex sem retoque, recolheu-se um fragmento de seixo rolado quartzítico de coloração cinza avermelhada. Apresenta polimento lateral que lhe conferiu secção trapezoidal, parece ter sido utilizado como triturador, visível pelo picotado numa das extremidades.

Fossa 9 (quadrados D12, D13, D14, E12, E13 e E14) (Figs. 4.215, 4.216 e 4.217)

a. Também denominada de “casa-túmulo” por Bettencourt *et al.* (2005). Trata-se de uma estrutura em negativo de dimensões consideráveis, de contorno ovalizado, de seção irregular e base aplanada na parte mais profunda³⁴. Detinha 3,46 metros de comprimento máximo, no sentido nordeste-sudoeste, largura variável entre os 2,16 m e os 1,30 m e a profundidade oscilando entre os 58 cm (lado poente) e os 30 cm (parte nascente).

À profundidade de cerca de 58 cm, tendo como referência o seu topo, no lado poente – zona onde a estrutura era mais profunda –, o substrato rochoso foi cortado, originando uma depressão de contorno retangular e de fundo aplanado, com cerca de 1 metro de comprimento, no sentido norte-sul, e 70 cm e de largura, de nascente para poente. Tal configuração foi interpretada como “cama” para receber algo perecível (Bettencourt *et al.* 2005).

A Este deste rebaixamento foi identificado um patamar a uma cota mais alta, com contorno sensivelmente circular e base irregular que permitiria entrar e sair da estrutura, com facilidade, por esse lado.

b. O enchimento da fossa 9 apresentava a seguinte estratigrafia:

Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, areno-limoso, composto por saibro, medianamente compacto, de calibre irregular, com manchas mais escuras com concentração de carvões. Existiam, ainda, alguns seixos angulosos e raízes. Corresponde ao nível de derrube da estrutura em positivo, que deve ter sido queimada.

Camada 1' – sedimento de coloração amarelada, mais arenoso do que o anterior, medianamente compacto e homogéneo – mancha de saibro.

Camada 2 – sedimento de coloração amarelado, saibrento, de média compacidade.

c. Do seu enchimento foram recolhidos 27 fragmentos cerâmicos e 5 elementos líticos. Foram, ainda, analisados ecofatos recolhidos da camada 1 do quadrado D13.

Materiais cerâmicos

Da camada 1 foram recolhidos 27 fragmentos cerâmicos de reduzidas dimensões, estando representadas 24 panças e 3 bordos. É possível perceber, pelas suas características, que pertencem a peças distintas. Genericamente, apresentam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas com desengordurantes de quartzo que lhe conferem texturas grosseiras. Alguns incluem alisamento de uma das paredes ou, em raros casos, de ambas, mas de um modo geral é perceptível a presença de acabamentos com erosão. As suas colorações variam entre o

³⁴ Infelizmente tal não aparece no perfil pois este passou justamente no topo norte desta última depressão.

alaranjado, o creme e o castanho. Os três bordos são verticais, dois dos quais com lábios retos e o terceiro com lábio arredondado, todos eles lisos³⁵. De destacar, também, um fragmento cerâmico de cor alaranjada correspondente ao arranque de uma asa de preensão vertical, de seção em fita que apresenta má cozedura.

Destes fragmentos cerâmicos 14 medem entre 2 e 4 cm e 13 menos de 2 cm.

Materiais líticos

Da camada 1 foi recolhido uma pequena lasca de quartzito de formato subtriangular, medindo 5,5 cm de comprimento, 4,5 cm de largura máxima e 2,1 cm de espessura. Outros dois seixos quartzíticos, desta feita inteiros, também recolhidos na camada 1, medem respetivamente 6,4 cm de comprimento, 4,2 cm de largura e 1,6 cm de espessura, e 3,7 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 1,7 cm de espessura.

Foram também recolhidos, já na camada 2, um polidor e um fragmento de seixo rolado quartzítico. Este último é em quartzito e preserva parte do córtex. A par destes materiais foram, ainda, recuperados dois seixos rolados de quartzito, inteiros, um de forma elipsoidal e outro de forma circular, ambos achatados, sendo que o elipsoidal, de maior tamanho, revela pequena mancha negra que se desenvolve numa das laterais, proveniente do contacto com fogo ou com qualquer substância gordurosa.

Ecofatos

Análises antracológicas e carpológicas efetuadas aos ecofatos recolhidos da camada 1 desta estrutura permitiram identificar, respetivamente, a presença de *Corylus avellana*, *Fabacea*, *Quercus* (folha caduca), *Quercus cf. Suber* e *Quercus sp.*, de *fabaceae* e de cereais indeterminados (Bettencourt *et al.* 2007).

d. De carvões vegetais concentrados da camada 1 resultou uma data radiométrica, situada entre os séculos XII a X AC.

i. Esta estrutura articulava-se com 12 buracos de poste que se situavam ora no seu interior, ora no seu exterior. Contudo, estes não foram identificados no seu quadrante nascente, o que levou a que fosse considerada como local de “entrada” (Bettencourt *et al.* 2005). As dimensões dos diâmetros destes buracos de poste variavam entre os 52 e os 12 cm e as profundidades entre os 4 e os 59 cm (ver tabela 4.82). Serão descritos de seguida, encontrando-se as suas principais características resumidas na Tabela 4.56.

- Buraco de poste 1 (quadrado D12 e E12)

³⁵ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com os números de inventário 2013.0740, 2013.0741 e 2013.0742.

a. Inicialmente denominado de fossa 10, trata-se de uma estrutura em negativo de contorno ovalizado no topo, de seção em “U”, inclinado para nascente a partir de determinada profundidade. A sua base é arredondada. Detinha 52 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 40 cm de largura, no sentido norte-sul, e profundidade máxima de 59 cm. Encontrava-se a nascente da interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona. O topo deste buraco de poste incluía pequenos seixos angulosos que terão servido de calços e que justificam a vasta dimensão do topo desta estrutura.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogénea, areno-limosa, de média compactidade, com seixos e radículas.

c. No enchimento desta estrutura não foi recolhido qualquer espólio.

- Buraco de poste 2 (quadrado E12)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e base arredondada. Detinha 12 cm de diâmetro e 8 cm de profundidade. Encontrava-se a oeste-noroeste do interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogénea, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 3 (quadrado E13)

a. Estrutura em negativo de contorno subtriangular, de seção em “U” e base arredondada. Detinha 34 cm de comprimento, no sentido noroeste-sudeste, 20 cm de largura e 16 cm de profundidade. Encontrava-se a cerca de nor-noroeste do interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogénea, areno-limosa, de média compactidade, com inclusão de algumas raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 4 (quadrado E13)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e base arredondada. Detinha 38 cm de diâmetro e 14 cm de profundidade. Encontrava-se a norte do interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com algumas raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 5 (quadrado E13 e E14)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e base irregular. Detinha 45 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 24 cm de largura e 17 cm de profundidade. Encontrava-se a nor-nordeste da interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogêneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 6 (quadrado E14)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção quase em “V” mas de base arredondada. Detinha 22 cm de diâmetro e 15 cm de profundidade. Encontrava-se na extremidade nordeste, no contacto com a interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogênea, areno-limosa, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 7 (quadrado D13)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, seção em “U” e base arredondada. Detinha 21 cm de diâmetro e 18 cm de profundidade. Encontrava-se no limite nordeste da interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogêneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 8 (quadrado D13)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, seção em “U” e base arredondada. Detinha 33 cm de diâmetro e 14 cm de profundidade. Encontrava-se no limite su-sudoeste da interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogêneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 9 (quadrado D13)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, seção em “U” e base arredondada. Detinha 34 cm de comprimento, no sentido sudoeste-nordeste, 13 cm de largura e 12 cm de profundidade. Encontrava-se no interior da fossa, ligeiramente para sudoeste.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 10 (quadrado D13)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, seção em “U” e base arredondada. Detinha 30 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 18 cm de largura e 20 cm de profundidade. Encontrava-se no interior da fossa 9, sensivelmente a meio e mas descaído para poente, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 11 (quadrado D13)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, seção em “U” e base arredondada. Detinha 20 cm de diâmetro e 20 cm de profundidade. Encontrava-se no interior da fossa 9, ligeiramente para su-sudeste, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

- Buraco de poste 12 (quadrado E13)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, seção em “U” e base arredondada. Detinha 22 cm de diâmetro e 4 cm de profundidade. Encontrava-se a nordeste da interface da fossa 9, estrutura com a qual se relaciona.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

c. O enchimento desta estrutura não incluía quaisquer materiais arqueológicos mas foram recolhidos e analisados alguns ecofactos.

Ecofactos

Análises antracológicas efetuadas por Isabel Figueiral permitiram deduzir que estes buracos de poste teriam albergado troncos de carvalhos, cujas dimensões presumem pensar

que teriam elevada robustez, conferindo resistência à estrutura que aqui ergueram em materiais perecíveis (Bettencourt *et al.* 2005: 162). De notar que a os diâmetros dos buracos de poste se enquadram entre os 12 (caso único) e os 38 cm, o que implica grande investimento construtivo no transporte de troncos e ramos para o local. Aos buracos de poste ovalizados podem corresponder a áreas com mais do que um tronco (tipo duplo) ou com fossas superiores para conter calços de sustentação, como parece ser o caso do buraco de poste 1. A ausência de buracos de poste no quadrante este permite levantar a hipótese de que a entrada se situaria daquele lado (Bettencourt *et al.* 2005: 161). O facto de ter sido identificado trigo no seu interior – interpretado como oferenda – levou a que fosse considerada uma espécie de cabana cultural (Bettencourt *et al.* 2005: 162).

Tabela 4.82 – Características dos buracos de poste identificados em relação com a fossa 9

BP	Contorno	Secção	Base	Diâm.	Comp.	Larg.	Prof.
1	Ovalizado	U	Arredondada	-	52	40	59
2	Subcircular	U	Arredondada	12	-	-	8
3	Subtriangular	U	Arredondada	-	34	20	16
BP	Contorno	Secção	Base	Diâm.	Comp.	Larg.	Prof.
4	Subcircular	U	Arredondada	38	-	-	14
5	Ovalizado	U	Irregular	-	45	24	17
6	Subcircular	V	Arredondada	22	-	-	15
7	Subcircular	U	Arredondada	21	-	-	18
8	Subcircular	U	Arredondada	33	-	-	14
9	Ovalizado	U	Arredondada	-	34	13	12
10	Ovalizado	U	Arredondada	-	30	18	20
11	Subcircular	U	Arredondada	20	-	-	20
12	Subcircular	U	Arredondada	22	-	-	4

Fossa 10³⁶ (ver buraco de poste 1 da fossa 9)

Fossa 11³⁷ (perturbação animal)

Fossa 12 (quadrados D6 e D7) (Fig. 4.213)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, algo irregular, de secção em “U” e base aplanada irregular. Detinha 98 cm de comprimento, no sentido Este-oeste, 78 cm de largura e 14 cm de profundidade.

³⁶ A designada fossa 10, durante o início de escavação, veio a revelar-se um buraco de poste, pelo que lhe foi atribuída outra nomenclatura.

³⁷ Esta estrutura foi posteriormente anulada por se perceber tratar de uma toca animal (lura), tendo sido anulada.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de mediana compactidade, com alguns seixos angulosos e raízes.

Camada 2 – sedimento de coloração amarela, homogéneo, fino, bastante friável.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 13 (quadrado J7 e K7)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e base arredondada.

Detinha 70 cm de comprimento, 62 cm de largura e 30 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, mais arenoso que limoso, de mediana compactidade, com calhaus de pequena dimensão e algumas raízes.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 14 (ver buraco de poste 14)

Fossa 15 (quadrados D8 e D9) (Fig. 4.219)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e base arredondada.

Detinha com 92 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 56 cm de largura e 22 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, mais arenoso que limoso, de mediana compactidade, com alguns seixos angulosos e raízes.

c. O seu enchimento incluía 1 fragmento cerâmico. Foram, ainda, recolhidos ecofatos da camada 1 nos quadrados D8 e D9.

Materiais cerâmicos

Da camada 1 foi possível recolher um pequeno fragmento de pança, inferior a 2 cm e com elevada ação erosiva. Revela fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa com desengordurantes de quartzo de tamanho médio que lhe conferem uma textura grosseira. Parece ter sido alisado em ambas as faces.

Ecofatos

Análises antracológicas aos ecofatos recolhidos permitiram identificar a presença de *Ericaceae*, *Fabaceae*, *Quercus* (folha caduca) e *Rosaceae Maloideae* (Bettencourt *et al.* 2007).

Fossa 16 (ver buraco de poste 15)

Fossa 17 (ver buraco de poste 16)

Fossa 18 (ver buraco de poste 17)

Fossa 19 (quadrados D8, E8 E E9) (Fig. 4.220)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e base arredondada. Detinha 72 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 53 cm de largura e 24 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de calibragem regular, média compactidade, com raízes.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, areno-limoso (mais arenoso), de calibragem irregular, de média compactidade, com calhaus de pequeno calibre.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 20 (quadrados J13) (Fig. 4.221)

a. Situada a aproximadamente 1 m para oeste do túmulo 2. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e fundo arredondado mas algo irregular. Detinha 1,22 metros de comprimento, no sentido este/nordeste-oeste/sudoeste, 90 cm de largura e 56 cm de profundidade máxima.

No seu quadrante sul, à superfície do afloramento, foi possível identificar um buraco de poste de contorno ovalizado, com 40 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 34 cm de largura e 19 cm de profundidade máxima. Este buraco de poste associa-se à fossa 20. O seu interior encontrava-se preenchido com sedimentos que continham alguns carvões dispersos.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, em diversos pontos acinzentado, areno-limoso (mais arenoso), heterogéneo, de fraca compactidade, com seixos angulosos e raízes dispersas.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, areno-limoso (mais arenoso), heterogénea, de média compactidade, com inclusões de areia grosseira, de calibragem irregular, incluindo seixos angulosos e de raízes.

c. Os materiais exumados no interior desta estrutura resumem-se a 1 fragmento cerâmico e a 2 elementos líticos.

Materiais cerâmicos

Da camada 1b foi possível recolher um pequeno fragmento de pança bastante erodido, cujas fraturas se encontram totalmente boleadas. Revela coloração alaranjada e a pasta é arenosa e friável, resultante da adição de desengordurantes de quartzo bastantes grandes que lhe conferiram uma textura deveras grosseira. Situa-se no grupo de materiais entre os 2 e os 4 cm.

Materiais líticos

Da camada 1 exumou-se um fragmento de um possível triturador em quartzo leitoso³⁸ e da camada 1b foi recuperado um moinho manual movente inteiro³⁹, em granito de grão fino. Este último detém 14 cm de comprimento, 9,5 cm de largura e 6,5 cm, detendo secção trapezoidal.

Fossa 21 (quadrados E10, E11, F10 e F11) (Fig. 4.222)

a. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e fundo aplanado. Detinha 1,08 m de diâmetro e 16 cm de profundidade. Parecia relacionar-se com dois buracos de poste (buracos de poste 21 e 22). O seu enchimento incluía diversos carvões e fragmentos cerâmicos. Encontrava-se colmatada com saibro.

Várias camadas do seu enchimento continham carvões e fragmentos cerâmicos polidos pertencentes a diferentes recipientes.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha acinzentado, heterogéneo, limo-arenoso (mais limoso), de média compactidade, de calibragem irregular, com carvões dispersos, seixos angulosos e raízes recentes numa extremidade.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha amarelada, homogénea, limo-arenoso (mais limoso), de média compactidade, calibragem irregular, com inclusões dispersas de carvões, de seixos angulosos e de raízes e inclusões recentes.

c. Do seu enchimento foram recolhidos 19 fragmentos.

Materiais cerâmicos

Da camada 1 foram exumados 11 fragmentos cerâmicos que revelam fabrico manual, cozedura redutora e pastas arenosas cuja adição de desengordurantes de quartzo de média dimensão conferiu textura grosseira. A par das colorações acastanhadas, denotam acabamento alisado e parecem pertencer a diferentes formas, já que, ainda assim, é possível observar

³⁸ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2004.1015.

³⁹ Em depósito no M.D.D.S., em Braga, com o número de inventário 2013.0515.

oscilações entre as pastas. O seu reduzido tamanho, inferior a 2 cm, não permite perceber a que formas pertenceriam, e na generalidade apresentam acentuada corrosão. Destaca-se um fragmento de bordo esvasado, com lábio arredondado, de uma forma indeterminada. A espessura das suas paredes é mais fina do que as restantes. As fraturas apresentam-se bastante boleadas por ação dos agentes erosivos.

Da camada 2 foram recolhidos 8 fragmentos tecnologicamente semelhantes aos anteriores, com ligeiras variações entre pastas. Entre estes, 4 são maiores que 4 cm, 2 enquadram-se entre os 2 e os 4 cm e outros 2 são menores que 2 cm. Apresentam, igualmente, acentuada erosão. Destaque para um fragmento de um bordo vertical e lábio reto denotando ação erosiva elevada.

Buraco de poste 21 (Quadrado F11) (Fig. 4.223)

a. De início foi denominado de fossa 30. Trata-se de uma estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e de base arredondada. Detinha 18 cm de diâmetro e 15 cm de profundidade máxima. Relaciona-se com a fossa 21.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha acinzentada, heterogéneo, limo-arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com seixos angulosos e carvões e raízes dispersos.

Camada 1a – sedimento de coloração amarelada, heterogéneo, de areia grosseira, medianamente compacto, com seixos angulosos.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha alaranjada, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com seixos angulosos, carvões e raízes dispersas.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 22 (Quadrado F11) (Fig. 4.223)

a. De início foi denominado de fossa 31. Trata-se de uma estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e de base aplanada. Detinha 32 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 24 cm de largura e 50 cm de profundidade. Relaciona-se com a fossa 21.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha acinzentada, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com angulosos e carvões e raízes dispersas.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, areno-limoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 22 (Quadrados K13 e K14) (Fig. 4.224)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção irregular e fundo arredondado côncavo. Detinha 1,26 m de comprimento, 90 cm de largura e 50 cm de profundidade máxima.

Encontrava-se perturbada no quadrante nordeste por uma raiz de grande porte.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, heterogêneo, limo-arenoso (mais limoso), de mediana compactidade, com seixos angulosos, raízes e alguns carvões.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogêneo, arenoso, de média compactidade, com seixos angulosos. Apresentava manchas de saibro e radículas.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 23 (ver túmulo 2)

Fossa 24 (ver buraco de poste 18)

Fossa 25 (ver buraco de poste 19)

Fossa 26 (Quadrado I12) (Fig. 4.225)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e de base aplanada. Detinha 94 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 60 cm de largura e 7 cm de profundidade máxima.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha clara, heterogêneo, areno-limoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com areia, limo e raízes.

Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogêneo, areno-limoso (mais arenoso), de média compactidade, de calibragem irregular, com areia, limo e raízes.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 27 (quadrados H14, H15, I14 e I15) (Fig. 4.226)

a. Situada a menos de 2 m para sul do túmulo 2. Trata-se de uma estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e fundo côncavo, mas algo irregular. Detinha 95 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 92 cm de largura e 30 cm de profundidade.

b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com areia, raízes, radículas e seixos angulosos.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha pontuado por manchas mais claras, heterogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com seixos angulosos, raízes e radículas dispersas.

c. O seu enchimento não incluía quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 28 (quadrados G5 e G6) (Fig. 4.227)

a. Estrutura em negativo no substrato rochoso. A sua largura, contorno, seção e base não foi possível determinar com certeza, uma vez que foi cortada pelo caminho de terra batida que atravessou este local e, por esse motivo, só pôde ser escavada parcialmente. A parte escavada (identificada no quadrante norte do caminho) atingiu os 3,74 metros de comprimento, no sentido este-oeste, os 90 cm de largura, no sentido norte-sul e a profundidade variável entre os 19 cm e os 27 cm.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, de média compactidade, de calibragem irregular, com areia, limo e raízes.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 30 (ver buraco de poste 21)

Fossa 31 (ver buraco de poste 22)

Fossa 32 (Quadrado M12) (Fig. 4.228)

a. Estrutura em negativo de contorno subretangular, de seção em “V” mas fundo arredondado. Detinha 48 cm de comprimento, no sentido norte-sul, 24 cm de largura e 26 cm de profundidade.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, limo-arenoso, de média compactidade.

Camada 1a – sedimento de coloração clara, heterogéneo, arenoso, de média compactidade, com radículas. Corresponde a saibro muito alterado.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Fossa 33 (Quadrado K15) (Fig. 4.229)

a. Esta estrutura cortou, pelo quadrante norte, o túmulo 2. Trata-se de uma estrutura em negativo no substrato rochoso de contorno ovalizado, de seção em calote de esfera e base arredondada, não fossem duas ligeiras depressões que se creem ser perturbações de raízes. Detinha 82 cm de comprimento, no sentido nor/nordeste-su/sudoeste, 78 cm de largura e uma profundidade variável entre os 33 cm e os 39 cm.

b. Camada 1a – sedimento de coloração amarelada, de base saibrenta, espesso, de calibragem irregular. Corresponderia à tampa que selou esta estrutura.

Camada 1b – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com raízes.

Camada 1c – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, limo-arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com raízes.

Camada 1d – sedimento de coloração amarelada, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com seixos angulosos e raízes dispersas.

c. O seu enchimento incluía 5 fragmentos cerâmicos, recuperados em diferentes camadas. Bettencourt e colaboradores referem que da camada 1a tinham sido recolhidas diversas sementes que, como hipótese de trabalho, consideraram uma deposição intencional, eventualmente, num contentor em material perecível (Bettencourt *et al.* 2005: 162). Recentemente, a primeira subscritora desse trabalho, informou-nos que as referidas sementes correspondiam ao que na cultura se considera “Brassicas” e que hoje se sabe serem fungos.

Materiais cerâmicos

Da camada 1a foi recuperado um de pança fragmento inferior a 2 cm denotando elevada erosão e da camada 1a' um outro fragmento de pança, situado no grupo de materiais entre os 2 e os 4 cm, encontra-se igualmente erodido.

Da camada 1b constam outros dois fragmentos de pança, um menor que 2 cm e outro entre os 2 e os 4 cm. Ambos denotam acentuada erosão.

As principais características das fossas identificadas no Sector I de vale Ferreiro foram sintetizadas na Tabela 4.83.

Tabela 4.83 – Características das fossas identificadas no Sector I

Fossa	Contorno	Seção	Base	Comp.	Larg.	Prof.
1	Ovalizado	U	Irregular	78	-	22
2	Irregular	V	Arredondada	90	68	20
3	Subcircular	U	Aplanada irregular	100	98	50
4	Subcircular irregular	Irregular	Aplanada	220	168	42
5	Subcircular	U	Aplanada	138	120	5/30
7	Subcircular	U	Arredondada	88	80	26
8	Subcircular	U	Aplanada irregular	104	94	20
9	Ovalizado	U	Arredondada	346	216/130	30/54
12	Irregular	U	Aplanada	78	-	14
13	Subcircular	U	Arredondada	70	62	30
15	Ovalizado	U	Arredondada	92	56	22
19	Ovalizado	U	Arredondada	72	53	24
20	Subcircular	U	Arredondada irregular	122	90	52
21	Subcircular	U	Aplanada	108	-	16
22	Ovalizado	Irregular	Arredondada	165	112	50
26	Ovalizado	U	Aplanada	94	60	7
27	Ovalizado	U	Arredondada irregular	95	92	30
28	Ovalizado (?)	U (?)	Arredondada (?)	374*	90*	19/27*
32	Subretangular	U	Arredondada	48	24	26
33	Ovalizado	U	Arredondada/Irregular	82	78	33/39

* Medida correspondente apenas a parte da estrutura.

4.5.1.2.3. Buracos de poste

No presente ponto não foram incluídos os buracos de poste 1 a 12, já que foram identificados em estreita relação com a fossa 9 (vide ponto relativo a fossa 9, neste setor), assim como os buracos de poste 21 e 22, por se associarem à fossa 21.

Buraco de poste 13 (Quadrado A3)

a. Estrutura em negativo no substrato rochoso de contorno indeterminado, seção em “V” mas de base arredondada. Apresentava 52 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 28 cm de largura e 22 cm de profundidade máxima. Poderá corresponder a um conjunto de dois buracos de poste.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, com bolsas castanhas claras resultantes da intrusão e decomposição de raízes, com calhaus de pequenas dimensões, raízes e alguns carvões dispersos. Alguns daqueles calhaus pareciam ter servido de calços.

c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 14 (Quadrados D7) (Fig. 4.213)

- a. De início foi denominado de fossa 14. Estrutura em negativo de contorno subcircular, de seção em “U” e de base aplanada. Detinha 36 cm de diâmetro e 16 cm de profundidade.
- b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogêneo, areno-limoso, compacto, com inclusão de raízes.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 15 (Quadrados C3)

- a. De início foi denominado de fossa 16. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “V” mas de base arredondada. Detinha 34 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 28 cm de largura e 10 cm de profundidade.
- b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogêneo, areno-limoso, compacta, com inclusão de raízes.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 16 (Quadrados I6 e I7)

- a. De início foi denominado de fossa 17. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e de base aplanada. Detinha 50 cm de comprimento, no sentido este-oeste, 36 cm de largura e 21 cm de profundidade.
- b. Camada 0' – sedimento de coloração castanha mais escura que a camada 1 dada a inclusão de diversos carvões dispersos, areno-limoso, medianamente compacta com inclusão de raízes.
Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogênea, areno-limoso, de mediana compactidade, com inclusão de raízes.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 17 (Quadrados D4)

- a. De início foi denominado de fossa 18. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção irregular e base arredondada irregular. Detinha 24 cm de comprimento, no sentido nordeste-sudoeste, 18 cm de largura e 6 cm de profundidade.

- b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, homogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com inclusão de raízes.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 18 (Quadrado F3) (Fig. 4.230)

- a. De início foi denominado de fossa 24. Não foi escavada integralmente pois foi cortada pelo caminho de terra batida que atravessou o local. Estrutura em negativo de contorno indeterminado, de seção em “U” e de base arredondada. Detinha 31 cm de largura (?) e 10 cm de profundidade.
- b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, arenoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com inclusões de areia, limo e raízes.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 19 (Quadrado F3) (Fig. 4.230)

- a. De início foi denominado de fossa 25 e que não foi escavada integralmente pois foi cortada pelo caminho de terra batida que atravessou o local. Estrutura em negativo de contorno indeterminado, de seção e, “U” e de base arredondada. Detinha 56 cm de largura (?) e 16 cm de profundidade.
- b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha clara, heterogéneo, areno-limoso, de média compactidade, de calibragem irregular, com inclusões de areia, limo e raízes.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

Buraco de poste 20 (anulado)

Buraco de poste 21 (vide Fossa 21)

Buraco de poste 22 (vide Fossa 21)

Buraco de poste 23 (Quadrado D5)

- a. Inicialmente denominado de fossa 34. Trata-se de uma estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e de base arredondada. Detinha 34 cm de comprimento, no sentido nordeste-sudoeste, 28 cm de largura e 10 cm de profundidade.

- b. Camada 1a – sedimento de coloração castanha escura, heterogéneo, areno-limoso, de média compactidade, com inclusões dispersas de calhaus de pequeno calibre.
- c. Do seu enchimento não foram recuperados quaisquer materiais arqueológicos.

As principais características dos buracos de poste identificados no Sector I de Vale Ferreiro foram sintetizadas na Tabela 4.84.

Tabela 4.84 – Características dos buracos de poste do Sector I

BP	Contorno	Seção	Base	Diâm.	Comp.	Larg.	Prof.
13	Ovalizado (?)	U	Arredondada (?)	-	52	28	22
14	Subcircular	U	Aplanada	36	-	-	16
15	Ovalizado	V	Arredondada	-	34	28	10
16	Ovalizado	U	Aplanada	-	50	36	21
17	Subcircular	Irregular	Arred. irregular	-	24	18	6
18	Indeterminado	V	Arredondada	-	nd	56 (?)	16 (?)
19	Indeterminado	U	Arredondada	-	nd	31 (?)	10 (?)
20	Ovalizado	U	Aplanada	-	31	24	8
21	Subcircular	U	Arredondada	18	-	-	30
22	Ovalizado	U	Aplanada	-	32	24	50
23	Ovalizado	U	Arredondada	-	34	28	10

n.d. – não disponível

4.5.1.3. Síntese

Inequivocamente, o registo de ossadas humanas numa das estruturas (túmulo 1) e as características de pelo menos outras três (túmulos 2, 3 e 4) apontam para a realização de práticas funerárias neste local.

Uma análise às formas cerâmicas e aos artefactos metálicos recolhidos nestas estruturas permitiu situar a ocupação deste local na Idade do Bronze regional. A realização de datas de radiocarbono veio, posteriormente, confirmar esta ilação, embora tenha mostrado uma grande diacronia de contextos funerários, pelo menos, desde os primórdios do Bronze Inicial até ao Bronze Médio.

As técnicas construtivas aplicadas nos túmulos 1 e 2 demonstram bem a singularidade deste local.

A par das soluções arquitetónicas aplicadas na construção das estruturas funerárias, umas denotando maior investimento de materiais e de força de trabalho do que outras, observa-se, aparentemente, a prática de diferentes ritos de enterramento. Por um lado, a análise da posição dos restos ósseos *in situ* no túmulo 1 permitiram verificar a deposição de um indivíduo de cócoras. Em algumas costelas foi possível observar pequenos pontos avermelhados, compatíveis com o uso de um colorante sobre parte do corpo. O túmulo 2, por sua vez, e pese embora a ausência de ossadas provocada pela acidez dos solos graníticos, preservou igualmente

na base da sua câmara pétreia uma fina camada avermelhada. Trata-se da mistura de uma argila local com um ligante gorduroso. O seu formato em plano, de forma subtriangular, permite hipotetizar que ali terá ocorrido a deposição de um corpo em decúbito lateral, quiçá em posição fetal, eventualmente virado a nascente.

O túmulo 3, de características construtivas mais modestas e embora sem restos ósseos no seu interior, apresentava igualmente junto da base, no filão de quartzo que foi cortado para a sua abertura, restos de colorante avermelhado. O túmulo 4, também com características construtivas modestas, também cortou intencionalmente um filão de quartzo leitoso.

Alguns destes túmulos, como os n.ºs. 2 e 4, incluíram pequenos círculos de quartzos, interpretados como “camas” ou suportes para albergar um contentor em material perecível ou outra qualquer deposição perecível.

Se, no túmulo 1, o espólio era inexistente, do túmulo 2 foi recolhida uma forma cerâmica exótica, um vaso bicónico, também ele assente sobre um suporte formado por quartzos leitosos, duas espirais em ouro e um moinho movente. Do túmulo 3 foi recolhida uma forma 10 (potinho) segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Apenas a estrutura tumular 2 incluía moinhos manuais dormentes e moventes, inteiros ou fragmentados, como elementos construtivos. Os túmulos 1 e 2 parecem ter tido estelas.

Nas imediações destes túmulos surgem estruturas singelas, de construção mais simples, onde não se conhecem depósitos intencionais embora, os seus enchimentos possam incluir escassos fragmentos cerâmicos muito pequenos e frequentemente erodidos. A sua interpretação vê-se dificultada pela ambiguidade que representam. No entanto, algumas destas estruturas, como a fossa 3, tinham fragmentos de moinhos na sua parte superior, o que, neste contexto de Vale Ferreiro, poderá ser um indicador de deposição intencional, talvez funerária, por paralelo com os materiais construtivos do túmulo 2. Também a fossa 21, tapada com espessa camada de saibro, com 16 cm de profundidade e base plana, poderia ter tido função funerária, hipótese de trabalho que não podemos comprovar mas que é sugerida pela sua cobertura intencionalmente isoladora, à semelhança das dos túmulos 1 e 2. De notar que esta estrutura se associava a postes, eventualmente para conterem troncos de sinalização.

São poucas as sobreposições entre estruturas datáveis da Idade do Bronze o que não deixa de ser curioso, se se tiver em conta a ampla diacronia de ocupação que o local regista (ascendendo a mais de 1000 anos). Na verdade, apenas a interface do quadrante norte do túmulo 2 foi ligeiramente cortado pela fossa 33, ainda que a sua integridade não tenha sido

grandemente afetada. Situação semelhante terá ocorrido no quadrante sul, igualmente afetado por uma pequena estrutura em negativo, embora a sua verdadeira dimensão seja uma incógnita⁴⁰. Ambas as estruturas denunciam ter resultado de ações posteriores à construção e encerramento do túmulo, talvez revelando depósitos ao personagem enterrado.

O caráter subterrâneo destas estruturas, uma vez seladas com saibro, implicaria a sua impercetibilidade. Contudo, a presença de buracos de poste nas imediações de algumas delas (como é o caso das fossas 20 e 21) permite equacionar a hipótese de ter ocorrido a sua marcação física.

Neste conjunto destaca-se a fossa 9. Além de deter maiores dimensões que as suas congêneres e de se relacionar com vários buracos de poste, foi a única que incluiu grande concentração de carvões no seu enchimento, provavelmente resultado da queima da sua cobertura. A sua relação com doze buracos de poste permite equacionar uma funcionalidade diferenciada, pelo que Bettencourt *et al.* (2005) a denominam de “casa-túmulo”. Atendendo à seção do buraco de poste 1, situado a poente e na área externa ao interface da fossa 9, é possível observar a visível inclinação para nascente, da base para o topo. O poste ali erguido poderia ter servido de trave-mestra para sustentar uma cobertura, talvez de duas águas, orientadas a norte e a sul, situando-se a entrada, pela ausência de buracos de poste, a nascente (Bettencourt *et al.* 2005). Perceber concretamente a sua funcionalidade é deveras difícil, mas as suas particularidades subterrâneas (com a fossa de forma retangular na parte mais funda) e as suas dimensões gerais, mais uma vez, não se parecem coadunar com qualquer caráter habitacional.

Uma nota relativa à distribuição espacial das estruturas. Salvaguarda-se, contudo, que a área escavada corresponda a uma parte do cabeço, sendo certo que para nascente a construção de moradias terá irremediavelmente destruído os vestígios ali existentes.

Observam-se, grosso modo, dois grupos distintos de estruturas. A nascente ocorre a concentração de estruturas funerárias (túmulos), separadas entre si por distâncias aproximadas, cuja disposição toma uma forma praticamente alinhada com os pontos cardeais, embora não sejam todos da mesma época. Estas estruturas funerárias estão acompanhadas de outras (fossas e buracos de poste), embora em menor número do que o verificado a poente. Ali foram construídas fossas, muitas das quais revelando enchimentos detriticos, ora com total ausência

⁴⁰ Ana M. S. Bettencourt considera que a forma original desta estrutura foi alterada durante o processo de escavação, dadas as dificuldades de identificação da interface, informação que agradecemos.

de materiais nos seus enchimentos, ora com escassos materiais, mas todas elas relativamente baixas ou baixas e distintas do que se consideram fossas-silo, segundo as características definidas por Buxó (1997).

A fossa 4 merece algum destaque pelo seu enchimento, apenas com areão granítico e pelas suas dimensões. No entanto, na falta de mais vestígios, as suas funcionalidades escapam-nos.

Embora não se verifique qualquer alinhamento dos buracos de poste, verifica-se, antes sim, a aproximação de muitos deles a fossas, conforme sucede entre a fossa 4 e o buraco de poste 16, entre a fossa 12 e o buraco de poste 14 ou, de certa maneira, entre a fossa 1 e os buracos de poste 15 e 17. Tal poderá, conforme referido para a fossa 21, prender-se com a utilização de troncos como elemento sinalizador.

De destacar que os fragmentos cerâmicos do enchimento das fossas, pelo seu carácter mais ou menos erodido, e pelas suas dimensões, inferiores a 4 cm, demonstram, segundo os critérios de Garrow *et al.* (2005) e de Brudenell & Cooper (2008), que estão fora do seu contexto original e que estariam à superfície antes da abertura de algumas fossas. Através de uma análise detalhada destes fragmentos em cada uma destas estruturas foi possível determinar três eventuais períodos de abertura de fossas.

O primeiro, ou mais antigo, corresponderia às fossas sem qualquer tipo de espólio, que são as n.ºs. 2, 4, 7, 12, 13, 19, 22, 26, 27 e 32. Estas teriam sido abertas antes de existir qualquer atividade no local que implicasse a manipulação de recipientes cerâmicos. Serão contemporâneas do túmulo 2, o mais antigo do local?

O segundo poderia corresponder às fossas que têm alguns fragmentos cerâmicos que, apesar de pequenos, não se encontram erodidos, o que significa que estiveram menos tempo à superfície. Nestes casos encontram-se as fossas 5 e 8 e o túmulo 1, que incluía no seu *cairn* subterrâneo um fragmento cerâmico. Seriam estas estruturas genericamente contemporâneas?

O terceiro e último período corresponde às fossas 15, 20, 21 e 33 e ao nível de derrube da fossa 9, com fragmentos cerâmicos muito erodidos nos seus enchimentos. É curioso verificar que a fossa 33 é a única que corta uma estrutura mais antiga e que as fossas 9, 20 e 21 são as únicas que se associam a buracos de poste de forma muito direta.

Quanto ao tipo de fragmentos cerâmicos encontrados nos derrubes do túmulo 2, podemos admitir que esta estrutura começou a ruir numa fase em que os fragmentos cerâmicos ainda não estavam erodidos, talvez antes da ocupação do local, durante o Bronze Final.

Com base neste exercício observámos a distribuição dos diferentes grupos de fossas no espaço. Em relação às fossas eventualmente inclusas na primeira fase de ocupação, denota-se tanto atividade na parte mais alta do cabeço (área poente), com algumas fossas a formarem pequenos núcleos (fossas 2, 4 e 13 e fossas 7, 12 e 19), como na parte nascente, surgindo fossas junto do túmulo 2 (fossas 22, 26, 27 e 32), como que o gravitassem mas sempre respeitando a sua integridade. Com base nas estruturas hipoteticamente pertencentes ao segundo momento, verifica-se quer o acrescento de uma fossa a um núcleo pré existente (a fossa 5 foi construída junto do núcleo anteriormente formado pelas fossas 2, 4 e 13) quer a adição, junto do túmulo 1, de uma estrutura (fossa 8). Em relação ao terceiro momento, a atividade é alargada a todos os núcleos: é adicionada uma fossa (fossa 15) a um outro núcleo pré-existente (fossas 7, 12 e 19), é construída uma fossa (fossa 21) junto do túmulo 1, uma outra fossa (fossas 2) é construída nas imediações do túmulo e, uma outra (fossa 33), corta o quadrante norte daquele mesmo túmulo.

A aceitar a análise anteriormente proposta parece evidente, acima de tudo, o conhecimento do espaço ocupado em tempos anteriores pelas pessoas que, em momentos posteriores, ali se deslocaram, no âmbito de práticas de carácter funerário ou celebrativo. A inexistência de sobreposições entre estruturas aponta, eventualmente, para um processo de adição que terá sido perpetrado ao longo do tempo que o lugar foi sendo frequentado.

O estudo antracológico de ecofatos recolhidos no nível de derrube da fossa 9, do Bronze Final, permitiu identificar plantas arbustivas, restos de carvalho (maioritários) e alguma aveleira, o que, no que concerne à exploração dos recursos lenhosos disponíveis, indica que *“A utilização das plantas disponíveis parece seguir o padrão já identificado anteriormente, com um spectrum taxonómico claramente dominado pelos carvalhos e pelas fabáceas”* (Bettencourt *et al.* 2007: 151). Deste modo, coloca-se a hipótese de que, na construção efetuada sobre a fossa 9, se terão usado troncos de carvalho e/ou de aveleira na estrutura principal e ramos de arbustivas na cobertura. A presença de cereais indeterminados nessa fossa *“evidencia actividades agrícolas por parte das populações que usaram este espaço”* (Bettencourt *et al.* 2007: 151), embora neste contexto a sua presença se possa dever a atos cerimoniais ou ritos de comensalidade. No entanto, a camada onde aparecem, ou seja, de derrube, aconselha à cautela quanto à sua interpretação. De qualquer modo, em Vale Ferreiro, desde o Bronze Inicial, a interrelação simbólica entre a morte e as práticas transformadoras de produtos de subsistências (cereais ou

frutos) parece poder interpretar-se a partir dos inúmeros moinhos que se associam ao túmulo 2 e à cobertura da fossa 3.

4.5.2. Sector II

A área intervencionada totalizou cerca de 36 m² de terreno escavado⁴¹.

4.5.2.1. Estratigrafia geral e materiais

Conforme verificado no Sector 1, a presença de processos erosivos e antrópicos poderão estar na base da alteração do registo sedimentar, levando ao desaparecimento dos possíveis níveis de ocupação/abandono datáveis da Idade do Bronze.

4.5.2.1.1. Estratigrafia geral

A fraca potência resume a estratigrafia geral a uma única camada extensível a toda a área intervencionada:

Camada 0 – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, medianamente compacta, com presença de raízes. Corresponde à camada humosa.

4.5.2.1.2. Materiais

Materiais cerâmicos

Camada 0

No quadrado J10 apenas foram recuperados três pequenos fragmentos cerâmicos cujas características técnicas permitem enquadrar genericamente em época histórica.

Materiais líticos

Camada 0

No quadrado A'1 foi recolhido um seixo quartzítico de formato subtriangular que aparenta desgaste de origem atrópica (tritador?).

⁴¹ Além dos 20 metros quadrados abertos na sondagem foram, também, abertos 16 metros quadrados para proceder à escavação da fossa 1. Este procedimento relaciona-se com os trabalhos de emergência desenvolvidos para salvaguardar a escavação daquela estrutura antes da sua destruição, pois encontra-se no meio do estradão de acesso ao casarão do lugar.

4.5.2.2. Estruturas em negativo

Fossa 1 (quadrados A'1 e A'2) (Fig. 4.425)

a. Estrutura em negativo de contorno ovalizado, de seção em “U” e base irregular. Apresentava ligeiro estrangulamento a meio e um dos seus lados era irregular. Detinha 168 cm de comprimento, no sentido sudeste-noroeste, largura variável entre os 68 cm e os 106 cm, no sentido nordeste-sudoeste, variando a sua profundidade entre os 36 e os 50 cm, verificando-se menor profundidade na área central.

Como hipótese interpretativa poderão corresponder não a uma mas a duas fossas independentes (Bettencourt *et al.* 2003: 127), sendo que o corte da mais antiga explica o seu aspeto final.

b. Camada 1 – sedimento de coloração castanha escura, areno-limoso, homogéneo, medianamente compacto, com inclusões de raízes.

Camada 1a – bolsa de saibro, por vezes misturada com terras castanhas com alguns carvões.

Camada 2 – sedimento de coloração castanha, arenoso, menos compacto do que a anterior mas com maior número de carvões dispersos.

Camada 2a – sedimento de coloração castanha escura, mais arenoso e menos compacto do que os das anteriores camadas.

c. O enchimento desta estrutura incluía escassos fragmentos cerâmicos e um artefacto lítico.

Materiais cerâmicos

De escassa representatividade e deveras fragmentados, correspondem a fragmentos denotando fabrico manual, pastas grosseiras e cozeduras redutoras. As suas características técnicas (acabamentos alisados e cores escuras) apenas permitem enquadrá-los genericamente na Idade do Bronze.

Materiais líticos

Do seu enchimento apenas se exumou um pequeno seixo rolado de forma ovalizada e ligeiramente achatado. Mede 3,7 cm de comprimento, 2,9 cm de largura e 1,5 de espessura.

Ecofactos

Foram recolhidos carvões vegetais para análises de radiocarbono através de peneiração.

d. As amostras de carvões vegetais permitiram uma datação absoluta cujos resultados se inserem na 1ª metade do II milénio AC (Bettencourt *et al.* 2003).

As principais características da fossa identificada ni Sector II de Vale Ferreiro foram sintetizadas na Tabela 4.85.

Tabela 4.85 – Características da fossa identificada no Sector II

Fossa	Contorno	Seção	Base	Compr.	Larg.	Prof.
1	Ovalizado	U	Irregular	168	68	30/40

4.5.2.3. Síntese

Pouco há a referir em relação ao Sector II. A identificação de estruturas da Idade do Bronze resume-se à fossa 1, datado do Bronze Médio. De referir, igualmente, a ausência de quaisquer níveis de ocupação/abandono ou de estruturas em positivo.

4.6. Datas de C¹⁴ e momentos de ocupação

Este *item* pretende dar a conhecer as datações radiométricas de algumas estruturas anteriormente descritas, assim como os faseamentos da sua hipotética construção com base na presença ou ausência de materiais cerâmicos no interior das estruturas e no seu estado (erodido ou não), fatores que permitiram determinar, ainda que aproximadamente, a sua posição na linha de tempo de ocupação do local. Tal teve como objetivo último interpretar a biografia deste lugar. Este exercício contempla, obviamente, a análise da estratigrafia, da disposição espacial das estruturas e das suas inter-relações.

4.6.1. Datas de radiocarbono

Procedeu-se à datação de amostras de restos ósseos humanos, de ecofatos (carvões vegetais) e de sedimentos recolhidos de contextos com potencial arqueológico. Três destas datas (Ua-19728, Ua-19500 e AA63068) haviam já sido publicadas (Bettencourt *et al.* 2005, 2007), sendo as restantes três datas inéditas (AA89669, AA89670 e AA89671). Os resultados estão consultáveis na Tabela 4.86.

Tabela 4.86 – Datações por AMS de Vale Ferreiro⁴²

Ref. Lab.	Contexto	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA89670	Túmulo 2 (Sector I)	3894±44	2463-2338 (65.9%) 2316-2310 (2.7%)	2479-2274 (89.4%) 2256-2208 (6.0%)	Inédita
AA89669	Fossa 3 (Sector I)	3674±44	2134-2070 (35.0%) 2064-2016 (25.7%) 1996-1980 (7.5%)	2198-2166 (5.3%) 2150-1938 (90.1%)	Inédita
Ua-19728	Túmulo 1 (Sector I)	3635±50	2120-2094 (10.4%) 2042-1930 (57.8%)	2141-1884 (95.4%)	Bettencourt <i>et al.</i> 2005a
Ua-19500	Fossa 1 (Sector II)	3315±50	1657-1652 (2.1%) 1644-1528 (66.1%)	1738-1714 (3.1%) 1696-1496 (91.7%) 1472-1464 (0.6%)	Bettencourt <i>et al.</i> 2005a
AA89671	Túmulo 4 (Sector I)	3295±61	1639-1502 (68.2%)	1734-1716 (2.0%) 1694-1440 (93.4%)	Inédita
AA63068	Fossa 9 (Sector I)	2875±41	1125-996 (67.2%) 984-980 (1.0%)	1207-1204 (0.4%) 1195-1141 (8.8%) 1134-925 (86.3%)	Bettencourt <i>et al.</i> 2007

Dataram-se sedimentos recolhidos na camada 1e do túmulo 2 que se consideraram como resultado da desintegração da cobertura em madeira. O intervalo obtido situa a estrutura entre os séculos XXV e XXIII AC (2479-2274 BC Cal. 2 Sigma), abrangendo uma fase no limite do que se convencionava de Idade do Bronze Inicial. De qualquer modo, se tivessem sido usados troncos nesta cobertura, pode-se supor que a data traduzirá um certo envelhecimento provocado pelos seus anos de vida.

Da fossa 3 foram datados carvões vegetais recolhidos da camada 2. Os resultados obtidos situam a estrutura entre os séculos XXII e XX AC (2150-1938 BC Cal. 2 Sigma), ou numa fase ligeiramente posterior⁴³, dada a proveniência dos carvões.

A datação realizada a ossadas humanas localizadas na câmara do túmulo 1 situa esta estrutura entre os séculos XXII e XIX AC (2141-1884 BC Cal. 2 Sigma) (Bettencourt *et al.* 2002, 2003; Bettencourt 2010: 36), isto é, no que aqui se considera como Idade do Bronze Inicial regional.

A datação absoluta da fossa 1 (Sector II) foi efetuada a partir de carvões vegetais recolhidos da camada 1. Os resultados situam a estrutura entre os séculos XVII e XV AC (1696-1496 BC Cal. 2 Sigma), concretamente, na Idade do Bronze Médio regional ou em momento ligeiramente posterior, dada a proveniência dos carvões (Bettencourt *et al.* 2003).

⁴² Os resultados foram calibrados com o programa *OxCal* 4.2, segundo a curva IntCal09 (Reimer *et al.* 2009), disponível gratuitamente em <http://c14.arch.ox.ac.uk/embed.php?File=oxcal.html>. Por esse motivo alerta-se para o facto de poderem ocorrer ligeiros desfasamentos relativamente aos valores apresentados nas referências bibliográficas originais, fruto dos acertos daí inerentes.

⁴³ De ter em conta que os carvões podiam vir de sedimentos que se encontravam nas terras de colmatação da fossa, embora a ausência de fragmentos cerâmicos no enchimento desta estrutura aponte para que que foi construída nos primeiros momentos de ocupação do local.

A datação do túmulo 4 provém igualmente de carvões vegetais recolhidos da camada 1a. O intervalo obtido situa a estrutura entre os séculos XVII e XV AC (1694-1440 BC Cal. 2 Sigma), correspondente à Idade do Bronze Médio regional ou em momento ligeiramente posterior, dada a proveniência dos carvões

Finalmente, a datação de carvões vegetais concentrados na camada 1, que se interpretaram como provenientes do incêndio da cobertura da fossa 9, permitiram obter o intervalo entre os séculos XIII e X AC (1134-925 BC Cal. 2 Sigma), cuja cronologia pode ser enquadrada no início da Idade do Bronze Final.

4.6.2. Momentos de ocupação ou biografia do lugar

Com base nas datas radiométricas, na presença ou ausência de materiais cerâmicos no interior das estruturas, no seu estado (erodido ou não) e nas suas características, na estratigrafia e nas relações inter-estruturas foi possível identificar diferentes momentos de ocupação em Vale Ferreiro, datáveis da Idade do Bronze (Tab. 4.87). Salvaguarda-se, contudo, que pese embora a larga diacronia corroborada pelas datações de radiocarbono (que atinge cerca de um milénio), a ausência de mais datações radiométricas e de níveis de ocupação/abandono torna impossível admitir quaisquer continuidades entre os diferentes momentos de frequência deste lugar.

Tabela 4.87 - Momentos de ocupação de Vale Ferreiro, com base nas datas de radiocarbono disponíveis, referindo os respetivos contextos

Ocupação	Localização	Contexto	Datação
Momento 1	Sector I	Túmulo 2	Calcolítico Final/Bronze Inicial (séculos XXV-XXII AC)
Momento 2	Sector I	Túmulo 1 e fossa 3	Bronze Inicial (séculos XXII-XX AC)
Momento 3	Sectores I e II	Túmulo 4 e fossa 1	Bronze Médio (séculos XVII-XV AC)
Momento 4	Sector I	Fossa 9	Bronze Final (séculos XII-X AC)

Um primeiro momento de ocupação, suportado por uma data de radiocarbono, remonta ao Bronze Inicial regional, concretamente, ao 3º quartel do III milénio AC (séculos XXV-XXIII AC) e relaciona-se com a construção do túmulo 2, o de maior investimento construtivo do lugar, com objectos de adorno de ouro e uma forma cerâmica de filiação meridional. Assim, com os dados que temos, a construção deste lugar, conceito usado no sentido de Feld & Basso (1996), Thomas (2001) e de Van Dyke & Alcock (2003), encontra-se em estreita associação com práticas funerárias de exceção. Não é excluída, contudo, a hipótese de poderem pertencer a esta fase genérica outras estruturas, tais como as fossas 2, 4, 7, 12, 13, 19, 22, 26, 27 e 32, sem

fragmentos cerâmicos no seu enchimento, algumas das quais parecem gravitar à volta deste monumento e, concretamente as fossas 22, 26, 27 e 32.

Um segundo momento de ocupação, ainda enquadrável no que é comumente aceite como Bronze Inicial regional e devidamente suportado por radiocarbono, situa-se entre o último quartel do III e os inícios do 1º quartel do II milénios AC (séculos XXII-XIX AC). A esta fase correspondem, pelo menos, um novo túmulo excepcional, o túmulo 1, com um investimento significativo em termos de força de trabalho e de recursos, assim como a fossa 3. Acima de tudo, sobressai a continuidade das práticas funerárias durante este segundo momento, a par de outras atividades de difícil interpretação, conforme se regista pela construção de fossas. É o caso, por exemplo, da fossa 3, à qual não se exclui um eventual carácter funerário, atendendo às fossas encontradas no terraço do Medal, Mogadouro, com inúmeras pedras sobre corpos bem preservados no seu interior (Gaspar *et al.* 2014), apenas par citar um exemplo próximo.

A este período genérico do Bronze Inicial parece possível incluir, também, o túmulo 3, uma sepultura plana de fraco investimento construtivo, pela presença de colorante avermelhado ali encontrado, prática igualmente verificada nos túmulos 1 e 2.

Um terceiro momento de ocupação, também datado por radiocarbono, pode ser enquadrado em fase mais adiantada do Bronze Médio, concretamente, no 2º quartel do II milénio AC (séculos XVII-XV AC). Corresponde à construção do túmulo 4 e da fossa 1, ambas deslocadas para áreas periféricas do topo, para norte dos túmulos principais. A par da continuidade das práticas funerárias sugerida pela construção do túmulo 4, onde se torna evidente o decréscimo de investimento de materiais e de mão-de-obra, continua a ocorrer a construção de fossas. É o caso da fossa 1, identificada no Sector II, numa área cuja sondagem nas proximidades indicia ausência de níveis de ocupação⁴⁴.

A fossa 1 do sector II tinha no seu enchimento alguns fragmentos cerâmicos de diminutas dimensões, embora não erodidos, tal como as fossas 5 e 8 do sector I. Serão do mesmo período genérico, ou mais antigas, visto que o túmulos 1 e 6 também tinham cerâmicas deste tipo?

Finalmente, um quarto momento de ocupação encontra-se suportado por uma data radiométrica e é respeitante à fossa 9. Essa ocupação enquadra-se no final do II e inícios do I milénios AC (séculos XII e X AC), no que é convencionalmente conhecido como Idade do Bronze

⁴⁴ É sabida a perigosidade desta asserção, já que estes contextos têm, amiúde, “zonas mortas” onde pode não ser registada a ocorrência de estruturas. Contudo, tal não invalida uma ocupação efetiva dessa área.

Final. Sobressai a sua singularidade e complexidade, cuja associação com 12 buracos de poste deixa pressupor maior visibilidade à superfície da estrutura aqui construída, embora pequena e atípica para poder ser considerada uma cabana. Importa, sobretudo, reforçar a continuidade de frequência e de uso deste lugar, quiçá mantendo a sua tradição funerária ou cerimonial. Não é de descartar a hipótese de pertencerem a esta fase outras estruturas, tais como as fossas 15, 20, 21 e 33, onde os pequenos fragmentos cerâmicos dos seus enchimentos revelam acentuada erosão e contacto ao ar por muito tempo. No entanto, a confirmação destas hipóteses implicaria um maior número de datas de radiocarbono.

Vale Ferreiro terá permanecido como um lugar de memória na longa diacronia, pelo menos durante o Bronze Inicial e Médio. Após estas ocupações há algumas cerâmicas dispersas e um valado⁴⁵, que provavelmente se relacionam com as atividades agrícolas e florestais ocorridas já em época histórica.

4.7. Discussão dos resultados e interpretações

Um dos principais problemas inerentes a este local é relativo à cronologia. As datas de radiocarbono disponíveis apontam para uma frequência com uma amplitude de cerca de um milénio e meio, situada entre os séculos XXV/XXIII e XI/X AC, com poucas estruturas, pelo que tal implica interpretar a sua ocupação de forma interrupta, num cenário de sucessivos episódios que, cumulativamente, foram conferindo sentidos a este lugar, tal aliás como já tinham defendido Bettencourt *et al.* (2005).

No entanto, com o estudo integral que foi efetuado deste local verificam-se outros dados, igualmente interessantes, além de se ver corroborada com mais datas de radiocarbono a hipótese anteriormente levantada.

Uma das primeiras interpretações que se cabe mencionar é a de que a ocupação primordial, ou seja, a mais antiga, dentro do Bronze Inicial, parece ter sido a mais extensa, se tivermos em conta a ausência de fragmentos cerâmicos no enchimento da maioria das estruturas em fossa (76%). Tal permite depreender a inexistência de materiais à superfície aquando da sua construção (Fig. 4.190). De notar que quatro destas fossas se situam na área do túmulo 2, o mais antigo, enquanto as restantes formam dois núcleos a poente deste o local, embora ainda no topo do cabeço. Provavelmente, neste período, terá existido alguma actividade à superfície que deixou raros vestígios, o que é incompatível com uma área de habitação. Desta

⁴⁵ Foi-nos dito no local que, ainda no século XX, era costume dividir propriedades através de pequenos valados.

forma, esses indícios (principalmente desperdícios de materiais cerâmicos, os mais comuns) seriam acidentalmente incorporados no enchimento de estruturas mais recentes, como aconteceu nos túmulos 1 e 3 e em estruturas do Bronze Médio e do Bronze Final.

Quantidade de fragmentos cerâmicos por estrutura

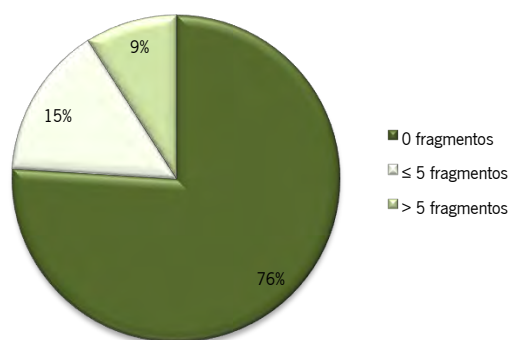


Figura 4.190 – Relação de fragmentos cerâmicos recolhidos do enchimento das 46 estruturas datadas da Idade do Bronze.

Uma vez que os trabalhos de escavação não registaram restos de estruturas habitacionais (como fundos de cabana, lareiras, empedrados), sendo certo que a não preservação dos vestígios em positivo não ajuda a clarificar esta situação, coloca-se a hipótese de que as populações que frequentaram Vale Ferreiro articulariam o seu quotidiano com outros lugares, tal é o que se pode interpretar através do uso de materiais litológicos de origem regional aplicados no túmulo 2, como é o caso das corneanas siliciosas e pelíticas, correspondentes a 16,5% da sua matéria construtiva. De ter em conta, também, o vaso de filiação meridional, que coloca os fundadores deste lugar no quadro das redes de intercâmbio da época.

Outra interpretação relaciona-se com a diversidade de matéria-prima usada no túmulo 2 (granitos vários, quartzos locais, milonitos locais e corneanas várias) e com o seu significado. Com base na premissa de que o mundo e a matéria teriam significação própria conferida pelas comunidades, num perspectiva animista do mundo (Bradley 2000, 2009; Ingold 2000, 2011; Thomas 2001; Tilley 2004), este túmulo reuniria uma multiplicidade de sentidos num só lugar, além de unir os diferentes lugares de proveniência das matérias, num único *locus*, o que demonstra a sua extrema importância, assim como a do cadáver que ali foi enterrado. Talvez o legitimador físico e simbólico da ocupação de novos espaços, tal como defende Bettencourt (2010a) a propósito destes túmulos com investimento e com oferendas ou adornos de exceção.

Uma terceira interpretação prende-se com a importância do quartzo em contextos tumulares da Idade do Bronze, facto que foi valorizado a partir dos trabalhos de Cruz (1997), de Vilaça & Cruz (1999) e Cruz (2001) como elemento importante na sua construção e visualização. Neste caso o que é de destacar é o seu uso em contexto subterrâneo nos túmulos 1 e 2, e o facto dos túmulos 3 e 4 se localizarem em área de filão de quartzo, que cortaram intencionalmente, pelo que o significado dos quartzos no contexto das práticas funerárias seria extremamente importante, mesmo não sendo visível à superfície. Tal parece também ser o caso do túmulo de Senhora dos Aflitos, em Arouca (Pereira, 1014), onde a utilização de quartzos de forma estruturada no interior da câmara funerária e na contrafortagem da mesma, indicia ter sido determinante no sentido que privilegiou a invisibilidade desses elementos.

De destacar, também, a especial importância dada ao colorante vermelho nos ritos fúnebres, tendo presente que ocorre em três dos túmulos deste lugar: túmulos 1, 2 e 3, de morfologias distintas.

A inclusão de diversos moinhos manuais graníticos, na própria arquitetura de certas estruturas ou nos seus enchimentos (como acontece, por exemplo, no túmulo 2 e na fossa 3), cujas consideráveis dimensões de alguns exemplares pressupõem dificuldades acrescidas no seu transporte, deixa pressupor que não teriam sido deslocados de muito longe e durante muito tempo (Bettencourt *et al.* 2004b), mas também a sua grande importância simbólica nas práticas funerárias parece ser determinante, como se nestes microcosmos se quisesse efetuar uma interligação com o mundo dos vivos. Já Bettencourt *et al.* (2004b) defenderam que estes elementos indicavam, indiretamente, a ligações à terra e a práticas agrícolas.

A larga diacronia de ocupação verificada permite depreender a presença deste lugar na memória coletiva das populações locais que o frequentaram, traduzido no conhecimento efetivo da sua biografia, mesmo na eminência de não ser possível confirmar quaisquer continuidades ou ruturas em tão amplo período de tempo.

Parece viável depreender que quem participou na construção da biografia deste lugar detinha um considerável conhecimento das ações passadas. Um argumento a favor desta hipótese é a reduzida quantidade de sobreposições/cortes verificada entre estruturas da Idade do Bronze. Este argumento ganha ainda mais força atendendo à ampla diacronia de ocupação registada, pois seria de esperar um maior registo destas ocorrências inter-estruturas.

Se o carácter subterrâneo das estruturas ali construídas colmatadas com saibro parecem atender à sua impercetibilidade na paisagem, a presença de buracos de poste nas imediações

de certas estruturas ou mesmo associadas a algumas delas permite equacionar a hipótese de ter ocorrido a sua marcação física. Isto explicaria, por um lado, a ausência de grandes sobreposições mas implicaria, por outro, episódios de manutenção do local, nomeadamente, dos materiais percíveis que constituíam esses elementos sinalizadores e a monumentalização do local, pois os postes, tendo em conta as dimensões dos buracos de poste, seriam para troncos robustos que poderiam ser vistos de longe. Tal poderia ter ocorrido durante revisitações cíclicas do local, no âmbito da construção e da manutenção deste lugar de memória comunal. Com raízes que remontariam aos antepassados ali sepultados e, talvez, no quadro de ações comemorativas ou de novos enterramentos, essas revisitações poderiam culminar na recorrência a práticas variadas, incluindo a construção de novas estruturas e/ou o cuidado das mais antigas e de algumas atividades que implicassem o uso de fragmentos funerários à superfície, pelo menos no Bronze Inicial.

Este tópico leva, por seu turno, à problemática da “funcionalidade” de algumas destas estruturas. Se umas podem ser declaradamente relacionadas com práticas funerárias (túmulos), outras levantam dúvidas quanto à sua natureza. A sua interpretação vê-se dificultada pela escassez de vestígios disponíveis. Refiram-se as fossas com enchimentos detriticos, sem quaisquer materiais ou com mais ou menos fragmentos cerâmicos nos seus enchimentos, mas nunca com formas cerâmicas inteiras, ou com escassos elementos líticos, por vezes fragmentos de moinhos manuais. Serão o resultado de práticas cerimoniais envolvendo quaisquer procedimentos anteriores ou posteriores aos enterramentos? Terão sido edificadas no âmbito de cerimónias paralelas às tumulações ou resultaram, conforme referido, da revisitação deste local, em diferentes momentos? Relembrar ou comemorar a memória ou as propriedades de um antepassado poderia ser um ato perpetrando através de uma oferenda em material percível.

Uma outra questão tem que ver com a distribuição espacial das estruturas. A relação inter-túmulos mostra um alinhamento quase coincidente com os pontos cardeais: o túmulo 2, com a data mais antiga, localiza-se a nascente; o túmulo 1, o segundo monumento com datação mais antiga, localizado a sul; a fossa 3, talvez funerária, e o túmulo 3, que se creem ambos do Bronze Inicial, localizam-se a poente e o túmulo 4, mais recente, situa-se a norte. Poderá esta disposição ser intencional? Aparentemente sim, dada a dificuldade em cortar filões de quartzo, que no entanto foi efetuada para localizar os túmulos 3 e 4, e porque se crê na premissa de que nada nas sociedades do passado era realizado ao acaso. Poderá esta disposição relacionar-se com os ciclos solares ou lunares? Tal permite questionar o alcance dos conhecimentos destas

populações em relação a esses ciclos, facto a que não são alheias algumas interpretações adiantadas para outros sítios, alguns remontando ao Neolítico e outros à Idade do Bronze⁴⁶.

Os dados recolhidos durante os trabalhos de escavação permitiram verificar que, aparentemente, as práticas funerárias que aqui ocorreram recorreram ao uso de dois tipos diferenciados de ritos de enterramento: de cócoras, conforme verificado pelos restos ósseos registados no túmulo 1, e em decúbito lateral, proposta que, ainda que de forma indireta, tem por base a observação de uma mancha de colorante avermelhado identificada na base do túmulo 2. Se o primeiro exemplo deixa poucas dúvidas, pela presença de ossadas *in situ*, o segundo obriga às devidas fundamentações. A referida mancha em plano, de formato triangular, parece coincidente com a inumação de um cadáver em decúbito lateral, disposto no sentido norte-sul, alinhando a cabeça e os pés, respetivamente, com esses quadrantes. Teria sido depositado em posição fetal, com as pernas encolhidas e os braços chegados à face, encarando o quadrante este. O colorante avermelhado poderia ter sido polvilhado sob o cadáver e a base da câmara. A deposição do vaso junto à cabeça, na área da nuca, uma movente nas costas, junto ao dorso, e as espirais em ouro, recolhidas junto da face, compatível com a utilização destes objetos de adorno nas mãos, nas orelhas ou nos cabelos, parecem ter correspondência com a deposição do corpo em posição fetal.

O túmulo 2, além de apresentar-se como singular no quadro do contexto funerário da Idade do Bronze do Noroeste português, tanto pelas soluções construtivas aplicadas como pela forma cerâmica depositada no seu interior, tem os paralelos mais próximos no sul da Península Ibérica. Sem carácter de exaustividade refiram-se as sepultura 52 de Fuente Álamo (Schubart 1975), embora com dimensões maiores (Schubart & Arteaga 1978 *in* Bettencourt *et al.* 2005: 160), ou com os vasos bicónicos depositados juntamente com o enterramento [1799] de Torre Velha 3, Soure (Porfírio & Serra 2010) ou na sepultura da possível necrópole de Santa Justa (Soares 1994), estes últimos integrados no que se designa Bronze do Sudoeste.

Mas que significado devem ser atribuídos a estas similitudes?

Poderá traduzir contactos supra-regionais com populações daquela área genérica, no âmbito de “trocas” típicas daquele período cronológico-cultural (pode pensar-se, obviamente, no cobre ou objetos de cobre ou prata, por exemplo, essenciais ao processo metalúrgico em

⁴⁶ Como por exemplo os círculos de menires ou as entradas para monumentos megalíticos, monumentos mundialmente conhecidos como o *Stonehenge* ou objetos como o disco de *Nebra*, onde são explícitas as representações estelares e lunares.

florescimento ou como oferendas para personagens com particularidades excepcionais). Contudo, a construção de um lugar tão complexo e singular não parece ser uma imitação.

Como tal, Vale Ferreiro parece espelhar uma opção das populações locais, naturalmente imersas numa rede de contactos e de lugares que, a determinada altura, materializaram o anterior significado deste lugar, talvez legitimando, através do enterramento de alguém especial, a posse de novos territórios, como defende Bettencourt (2010a), em termos gerais, para túmulos com oferendas metálicas ou de exceção, no Bronze Inicial. A excecionalidade de Vale Ferreiro, iniciado com a escolha do local para uma primeira tumulação, e onde posteriormente, ocorreram sucessivas adições de estruturas ao longo do tempo, algumas das quais interpretadas como “novos” enterramentos enquanto outras, de difícil interpretação, talvez possam ser resultado de actos comemorativos ou de oferendas aos sepultados, culminou na construção cumulativa de uma paisagem mortuária – ou *deathscape*, segundo Cook (2011). Isto é, um lugar de sentidos, presente na memória dos que ali enterraram os seus antepassados ou personagens com poderes especiais e que detinham sentimentos de identidade com os indivíduos ali recordados ou celebrados.

Se, por um lado, é fácil imaginar que as populações que estão na origem da construção deste lugar tenham permanecido nas imediações, não é menos lícito propor que Vale Ferreiro se possa ter transformado num lugar de exceção, à imagem do que ocorre, por exemplo, com orografias como o Monte da Penha e da Saia, onde reutilizações e frequências posteriores foram consolidando ou alterando a memória do lugar mas potenciando o seu carácter ancestral e simbólico.

Acima de tudo, Vale Ferreiro deixa transparecer processos sociais e ideológicos complexos no que concerne ao tratamento dos mortos e nas ações do quotidiano, durante a Idade do Bronze, bem como na construção, experienciação e frequência de determinados lugares que possam ter significado coletivo e serem estruturantes na paisagem (no sentido de Ingold 2000) da Idade do Bronze.

4.8. FIGURAS



Figura 4.191 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.

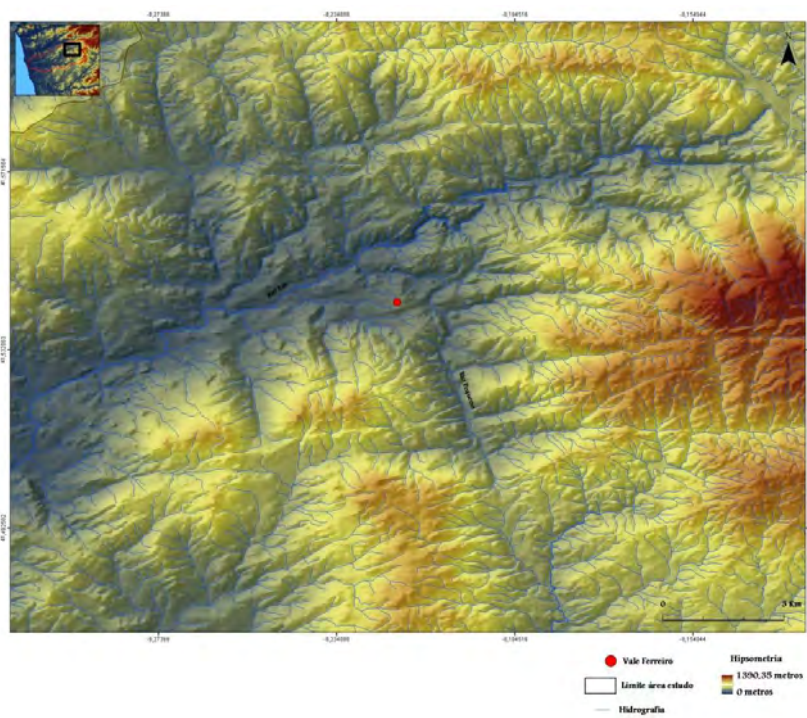


Figura 4.192 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 71, à escala 1/25 000, com localização de Vale Ferreiro.

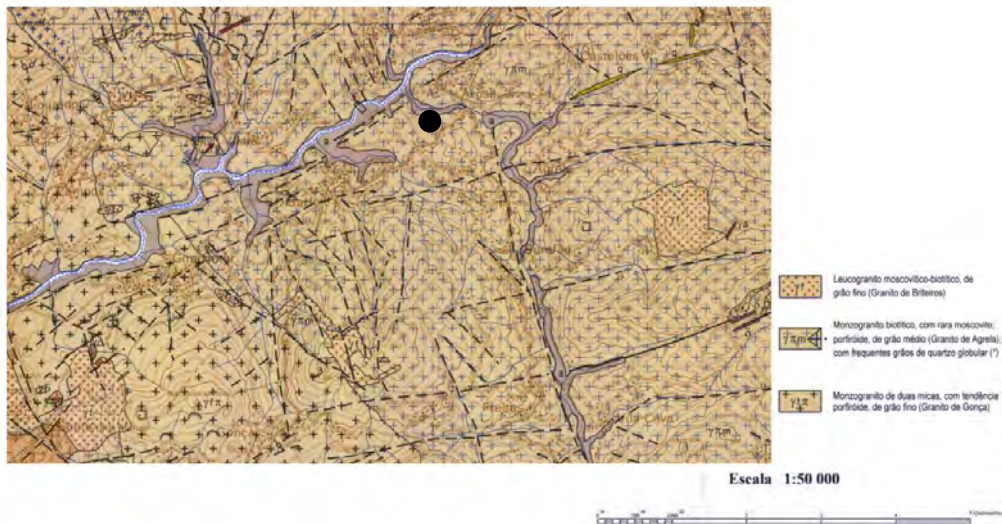


Figura 4.193 – Excerto de Carta Geológica de Portugal, folha 5-D (Braga), à escala 1/50 000, com localização de Vale Ferreiro.

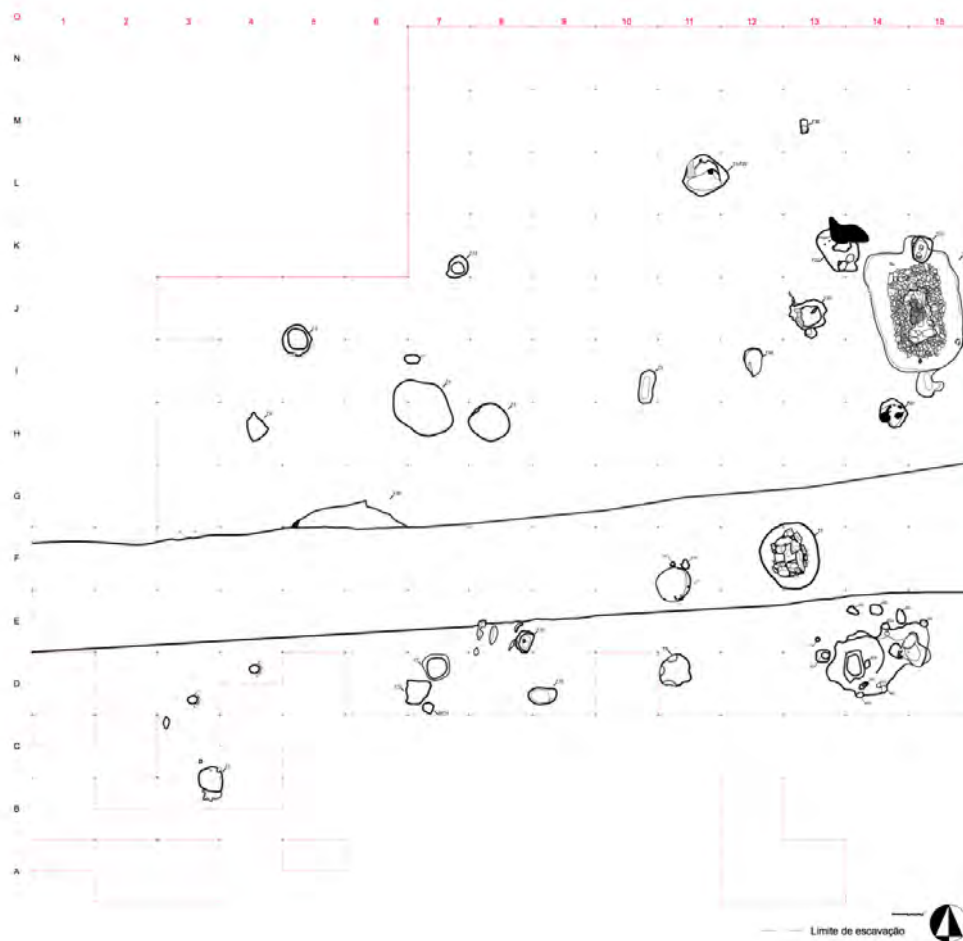


Figura 4.194 – Planta do Sector I de Vale Ferreiro com implementação das estruturas.



Figura 4.195 – Laje que encerrava o túmulo 1 do Sector I fraturada pela máquina.



Figura 4.196 – Câmara pétreo cistoide do túmulo 1 do Sector I com lajes fincadas ao alto, ligeiramente inclinadas para o interior, erguidas no interior de uma fossa. Note-se que as lajes eram, na maioria, boleadas pela água.

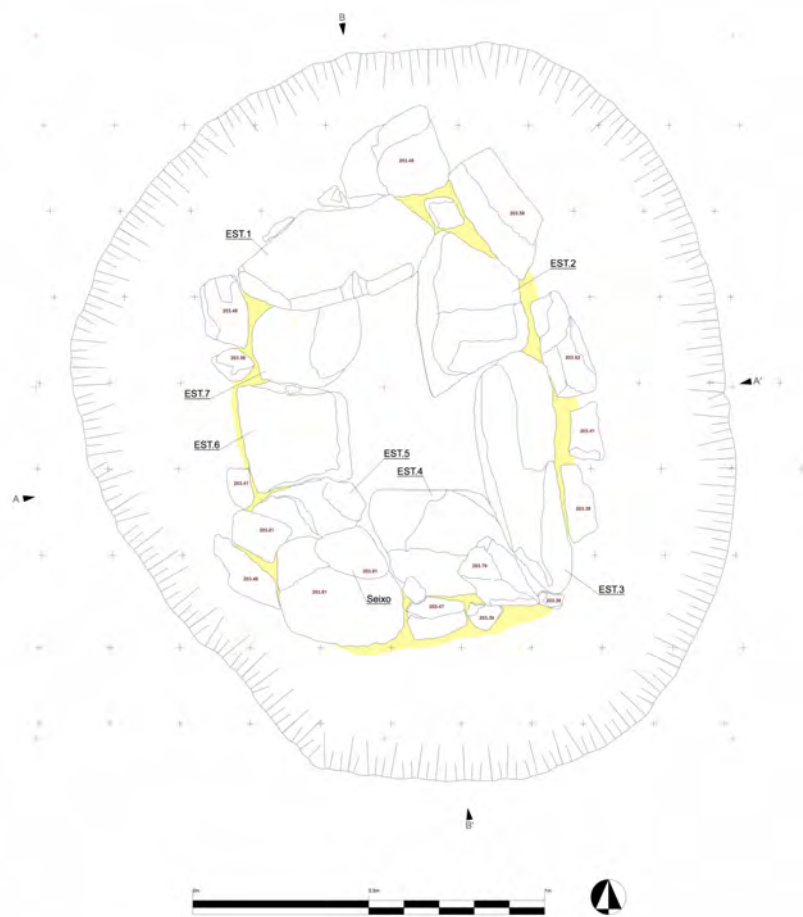


Figura 4.197 – Plano intermédio do túmulo 1 do Sector I com indicação dos esteios.



Figura 4.198 – Ossadas humanas preservadas no interior da câmara do túmulo 1, um caso raro no Noroeste português.

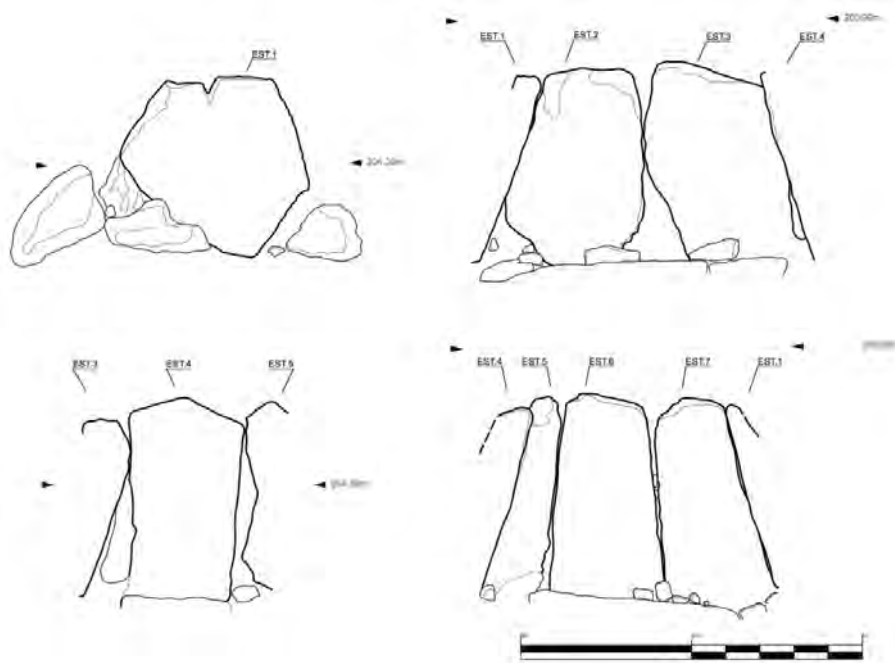


Figura 4.199 – Alçados da câmara cistoide do túmulo 1 do Sector I.

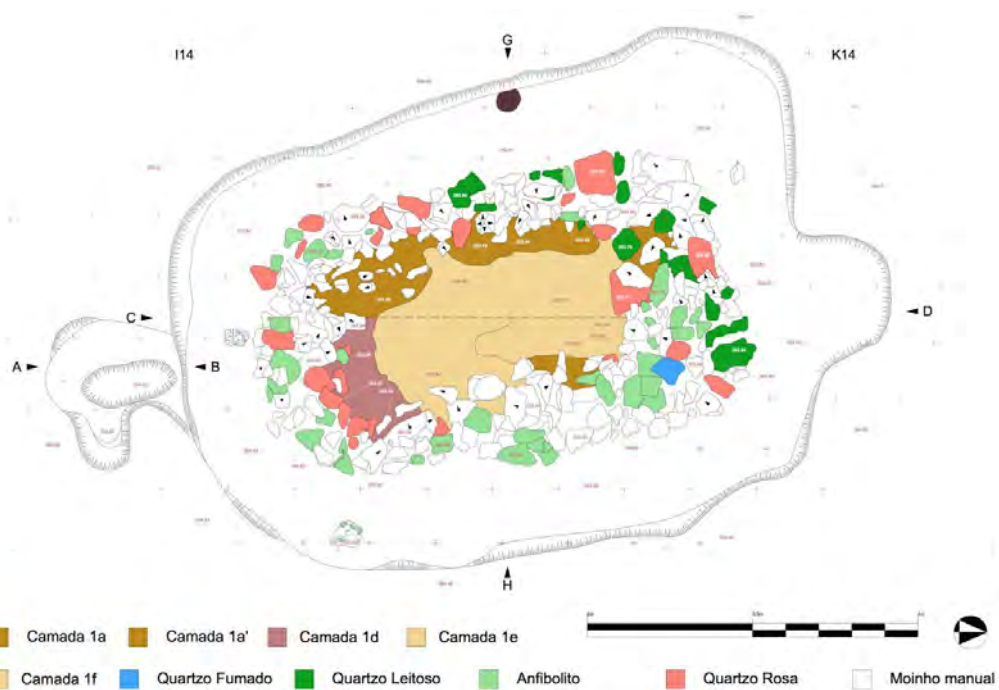


Figura 4.200 – Plano intermédio do túmulo 2 do Sector I com diferentes rochas e minerais a integrarem a sua câmara.



Figura 4.201 – Aspeto do túmulo 2 do Sector I e da sua câmara pétreá. Note-se a sua construção no interior de uma fossa aberta no substrato rochoso.

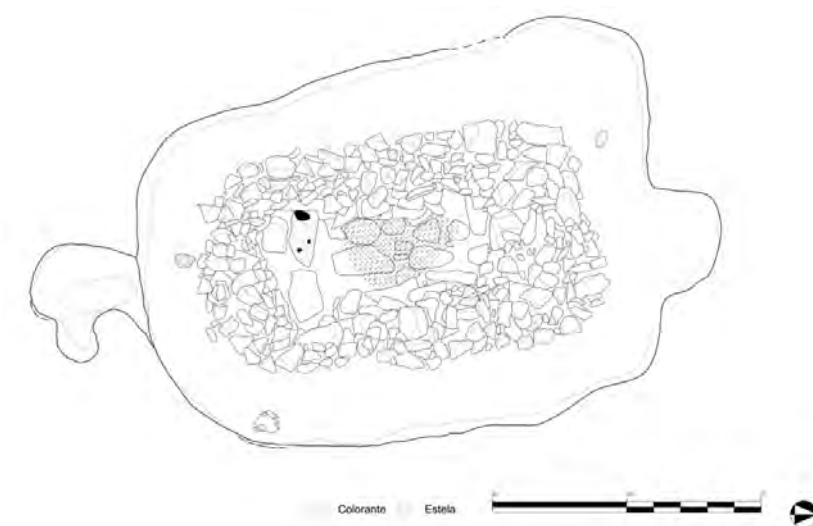


Figura 4.202 – Plano final do túmulo 2 do Sector I com camada de colorante definida no fundo da câmara e hipotética estela no extremo sudoeste.

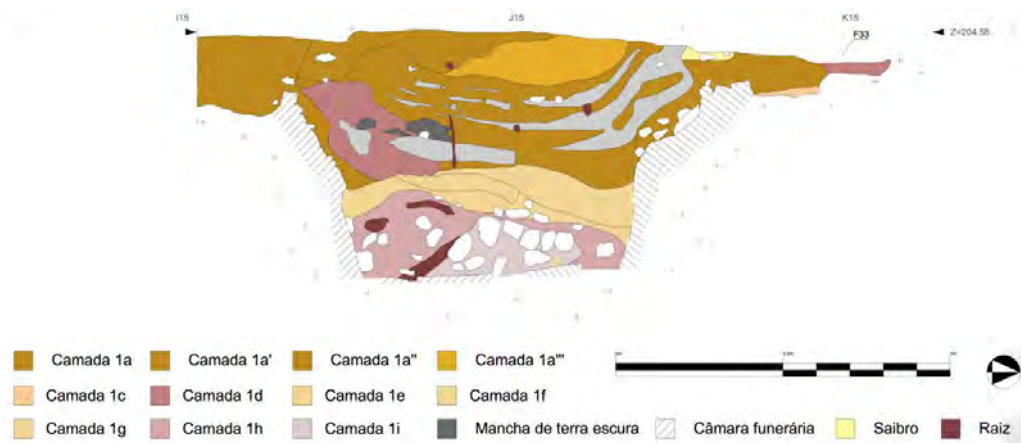


Figura 4.203 – Perfil do túmulo 2 do Sector I. A sua natureza lenticular apontou para o possível “derrube” de uma hipotética cobertura de madeira.

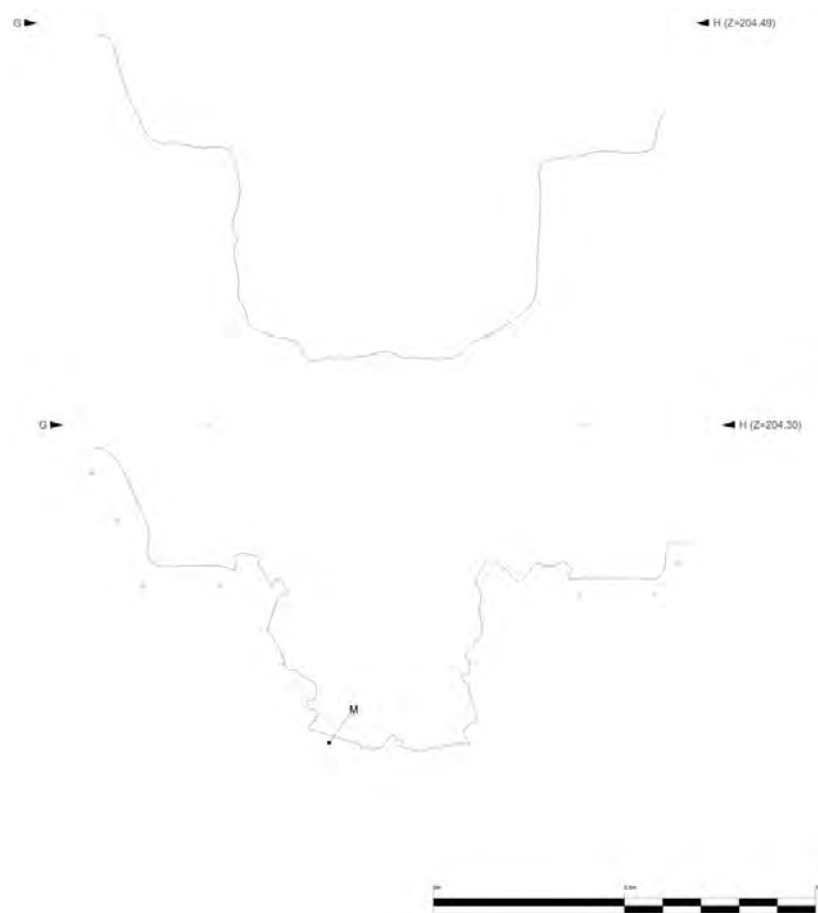


Figura 4.204 – Topo: secção G-H da fossa onde foi construída a câmara pética do túmulo 2 do Sector I. Baixo: secção G-H da câmara pética.

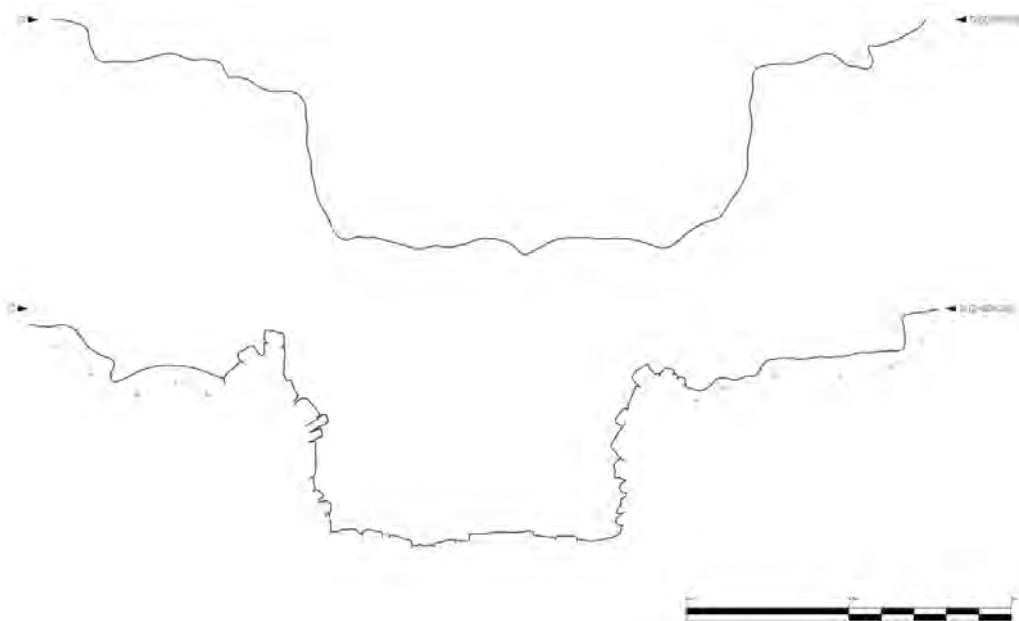


Figura 4.205 – Topo: secção C-D da fossa onde foi construída a câmara pétreo do túmulo 2 do Sector I. Baixo: secção C-D da câmara pétreo.

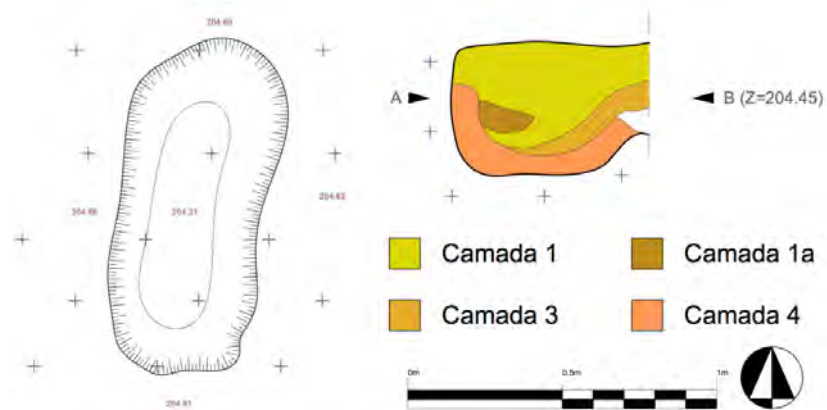


Figura 4.206 – Plano final e perfil do túmulo 3 do Sector I.

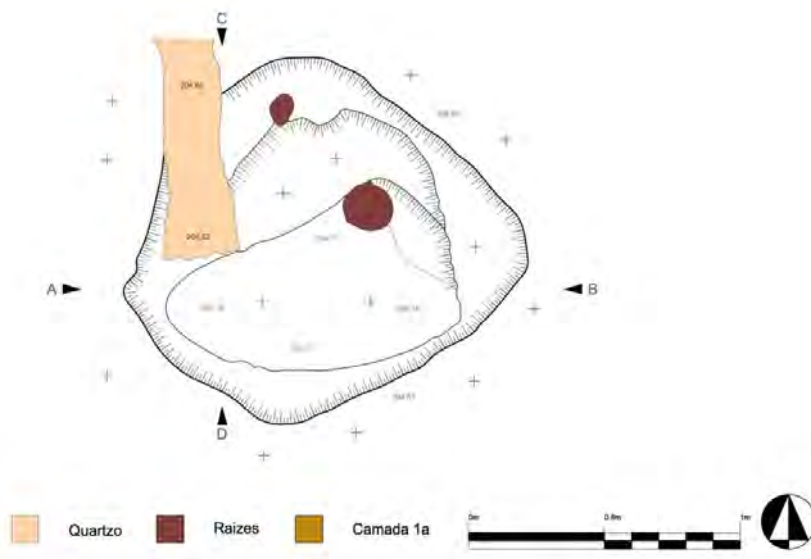


Figura 4.207 – Plano final do túmulo 4 do Sector I.

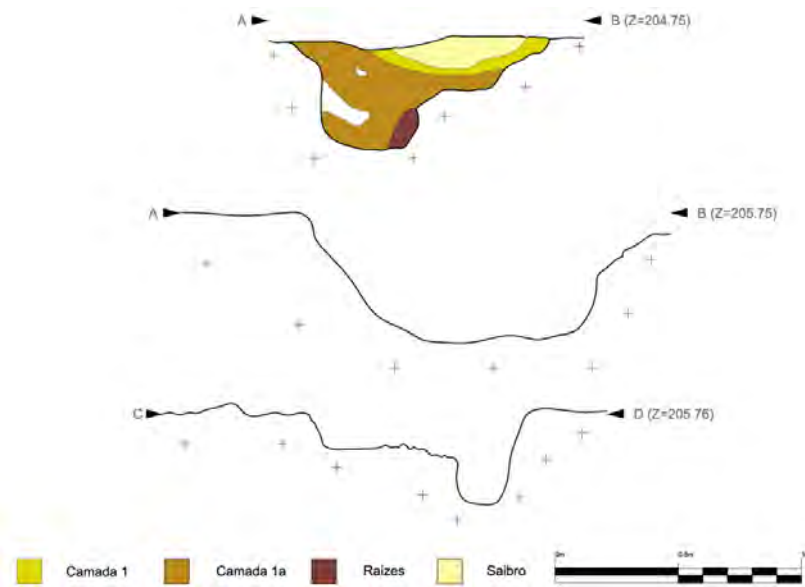


Figura 4.208 – Perfil e secções do túmulo 4 do Sector I.

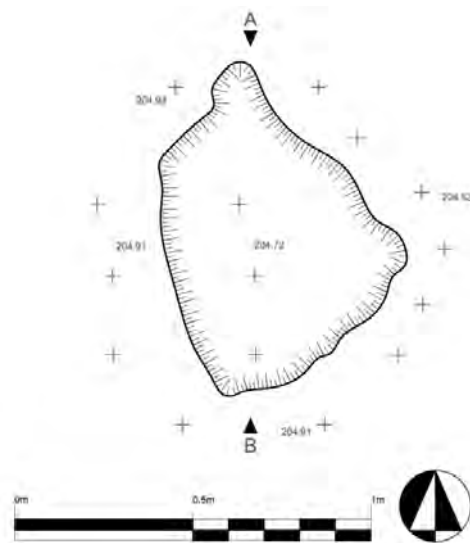


Figura 4.209 – Plano final da fossa 2 do Sector I.

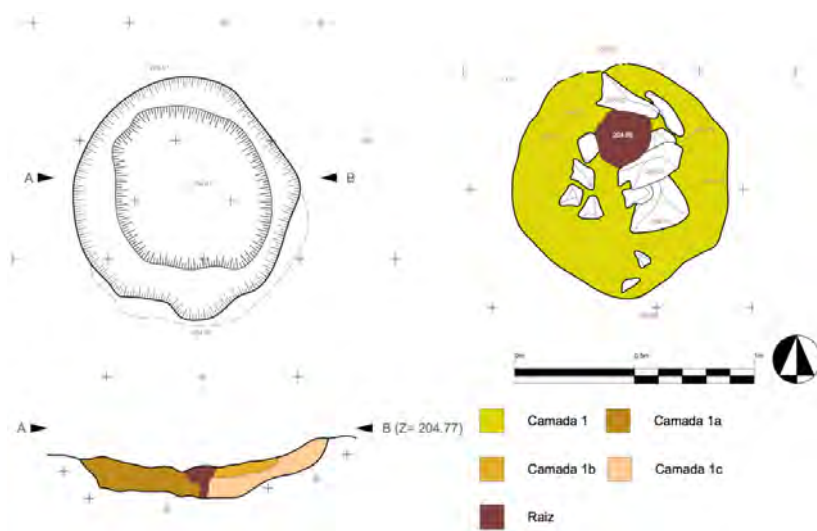


Figura 4.210 – Plano intermédio (topo direito), plano final e perfil da fossa 3 do Sector I.

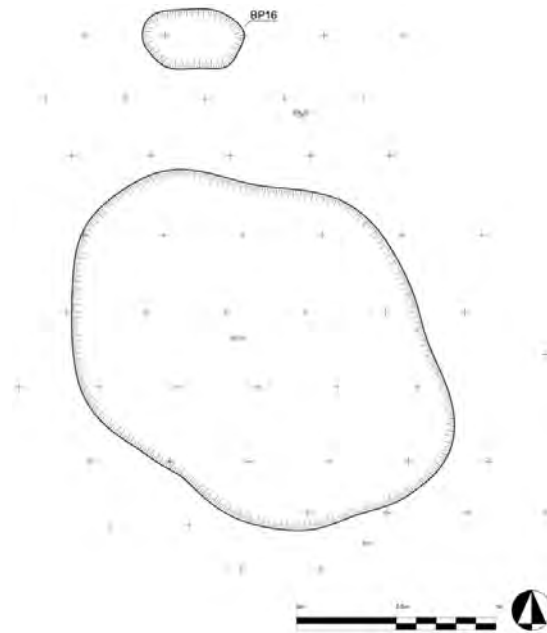


Figura 4.211 – Plano final da fossa 4 e do buraco de poste 16 do Sector I.

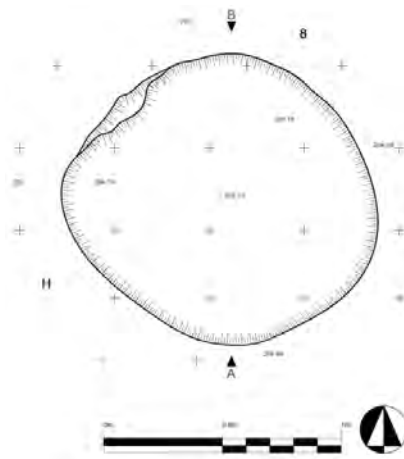


Figura 4.212 – Plano final da fossa 5 do Sector I.

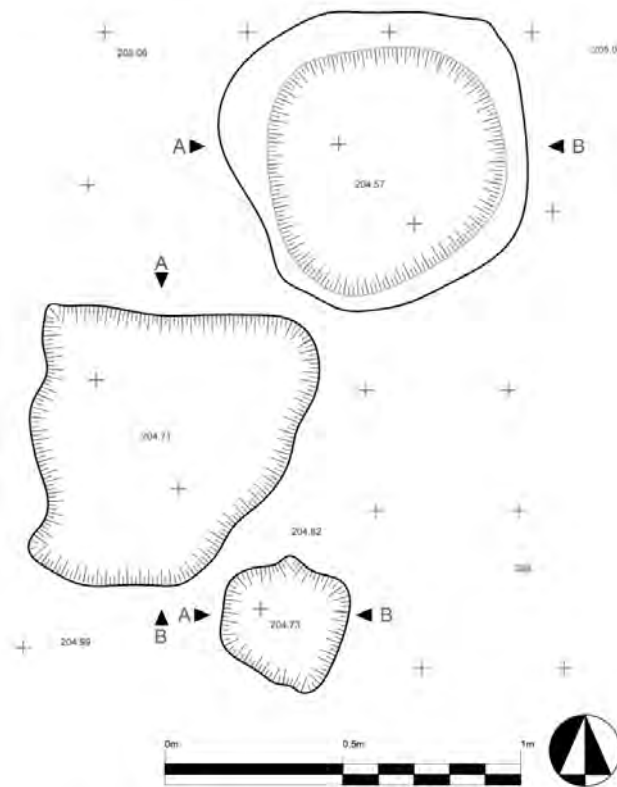


Figura 4.213 – Plano final das fossas 7 e 12 e do buraco de poste 14 do Sector I.

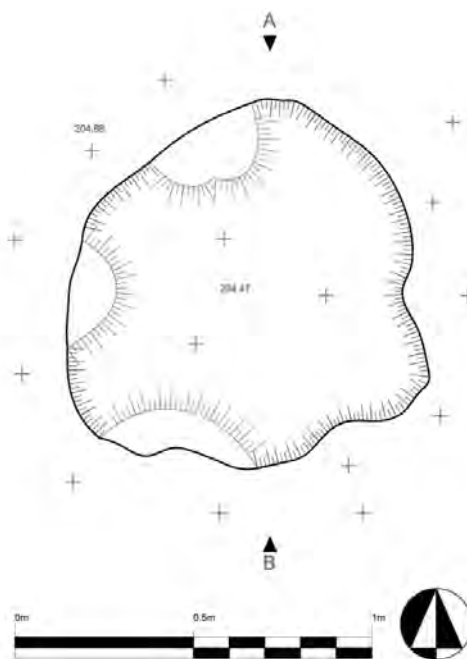


Figura 4.214 – Plano final da fossa 8 do Sector I.



Figura 4.215 – Plano inicial da fossa 9 do Sector I.

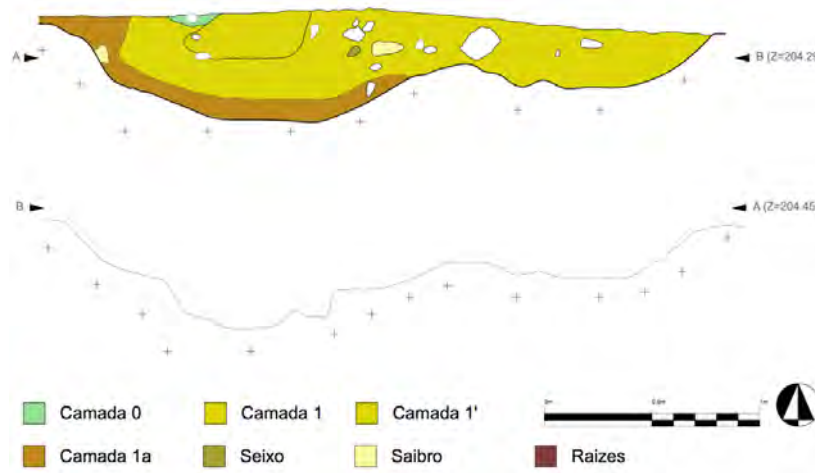


Figura 4.216 – Perfil e secção da fossa 9 do Sector I.

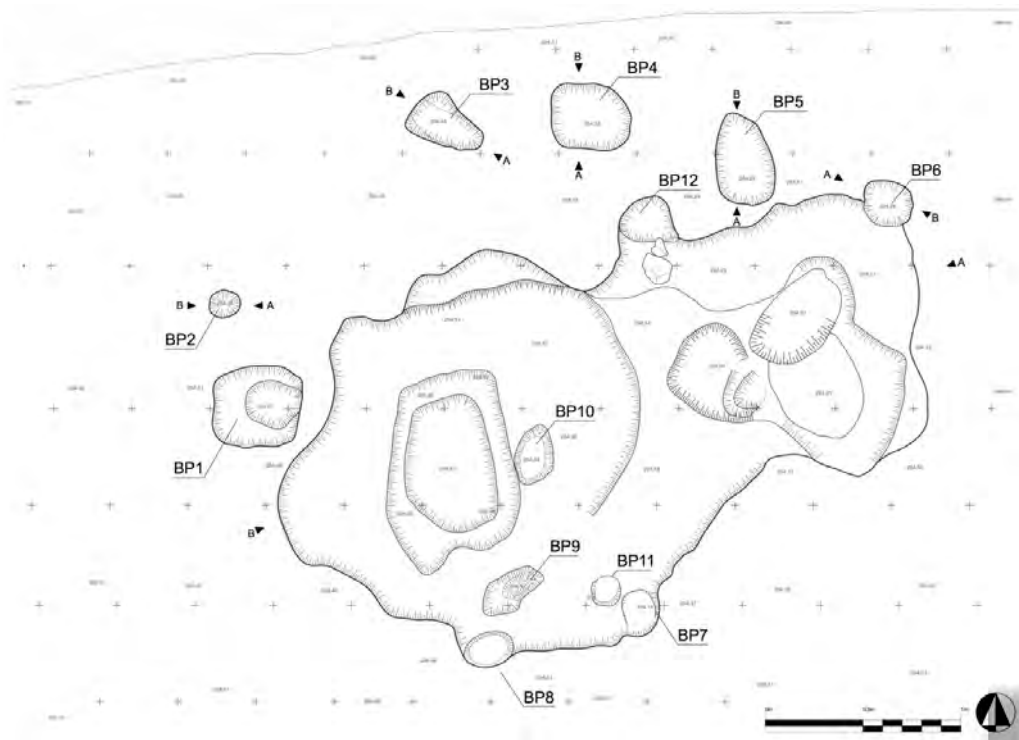


Figura 4.217 – Plano final da fossa 9 do Sector I e 12 buracos de poste que lhe surgiram associados.

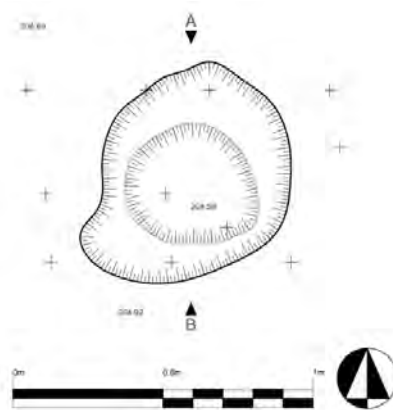


Figura 4.218 – Plano final da fossa 13 do Sector I.

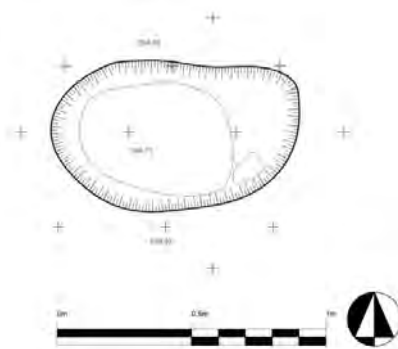


Figura 4.219 – Plano final da fossa 15 do Sector I.

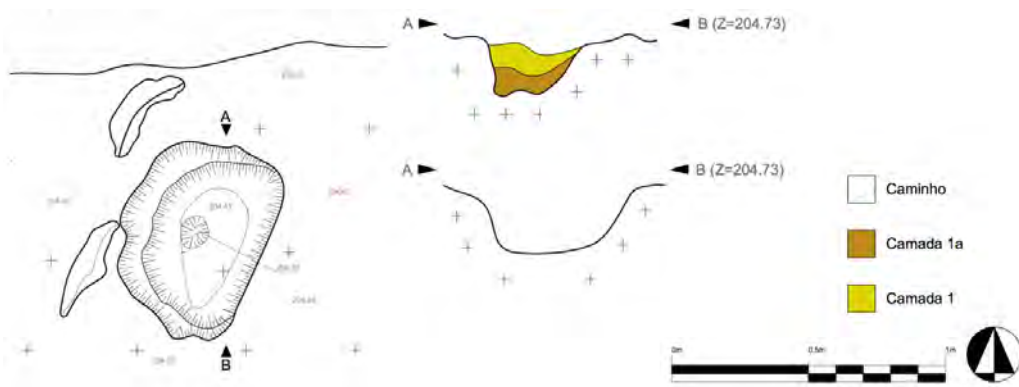


Figura 4.220 – Plano final, perfil e secção da fossa 19 do Sector I.

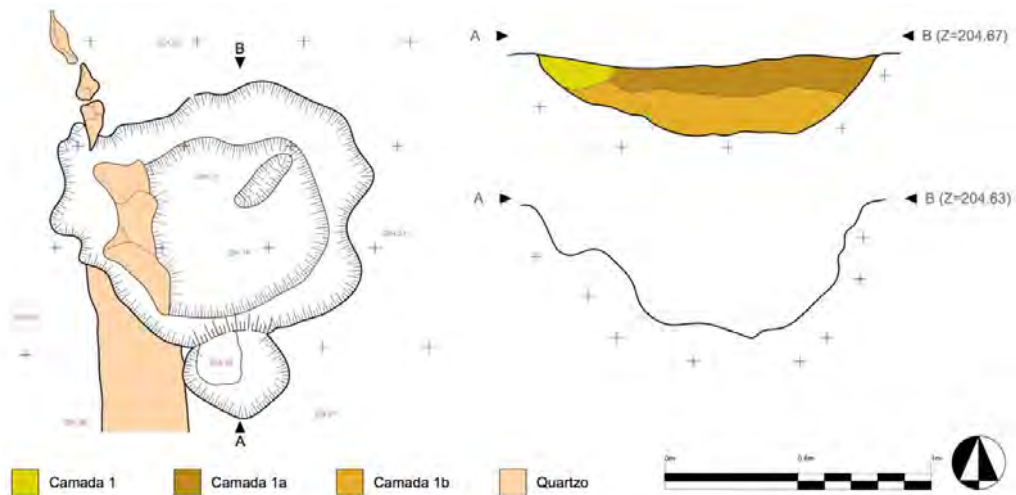


Figura 4.221 – Plano final, perfil e secção da fossa 20 do Sector I.

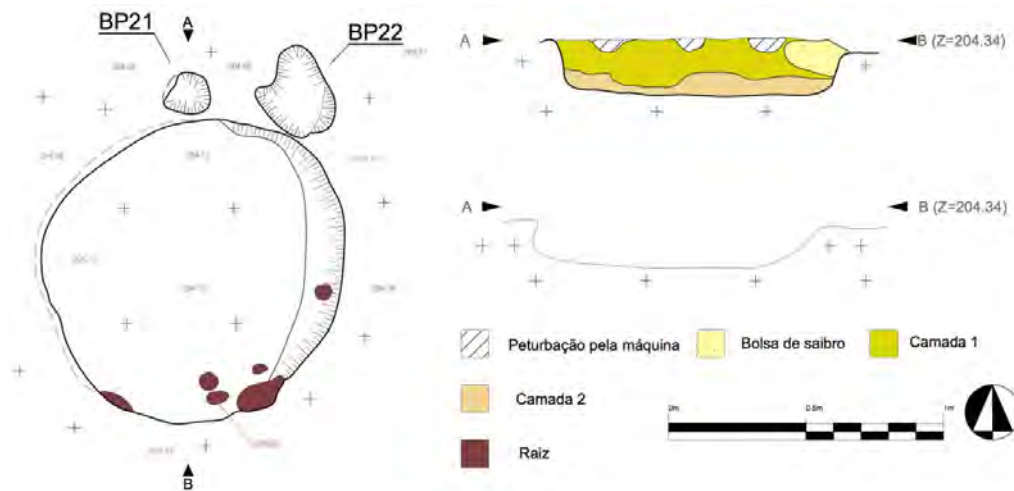


Figura 4.222 – Plano final da fossa 21 e dos buracos de poste 21 e 22 e perfil e secção da fossa 21 do Sector I.

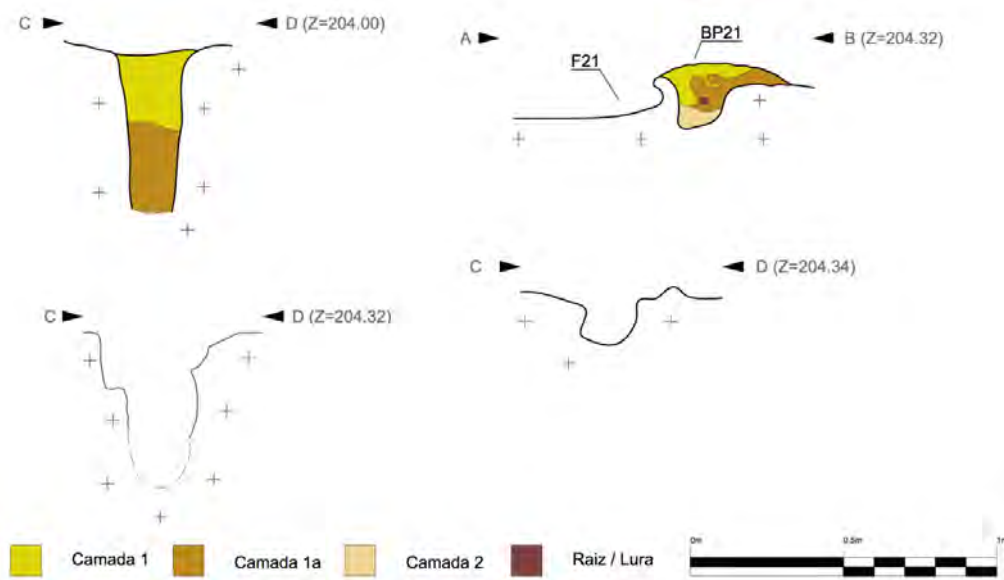


Figura 4.223 – Perfis e secções dos buracos de poste 21 e do Sector I.

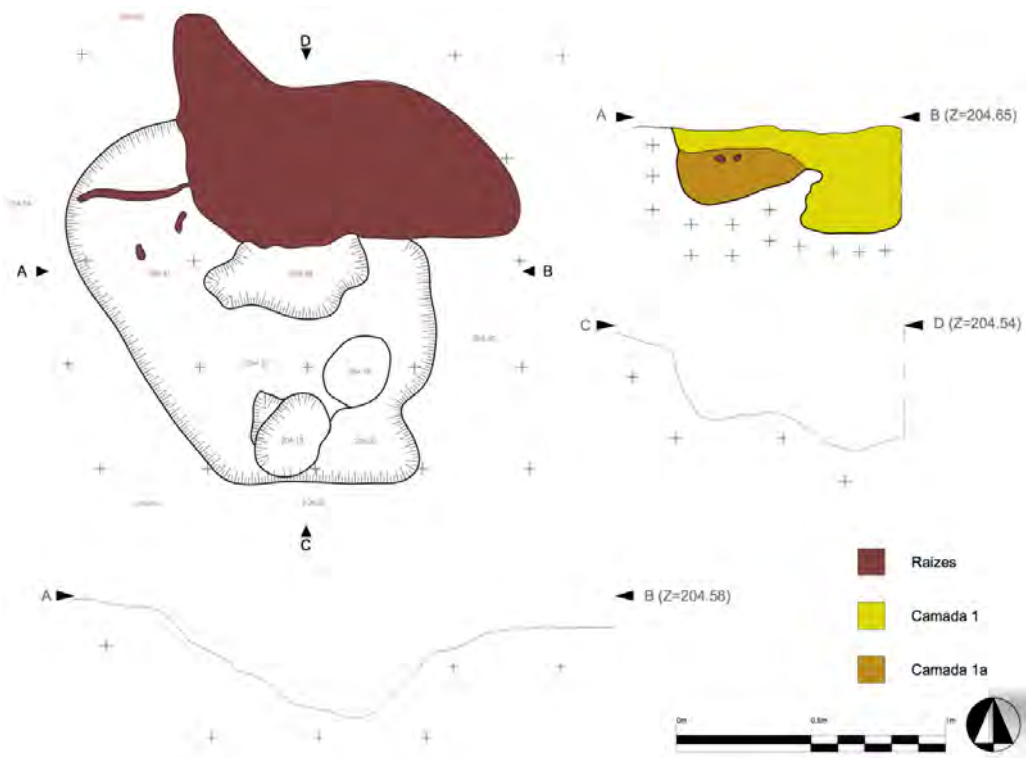


Figura 4.224 – Plano final, perfil e secções da fossa 22 do Sector I.

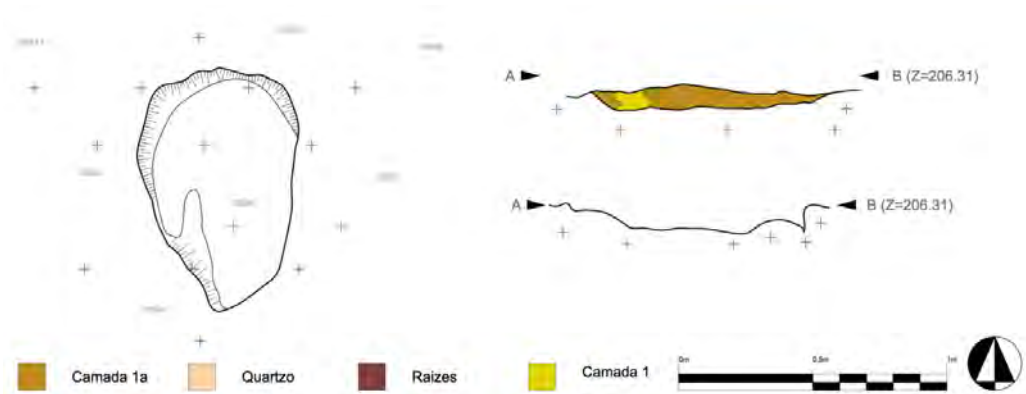


Figura 4.225 – Plano final, perfil e secções da fossa 26 do Sector I.

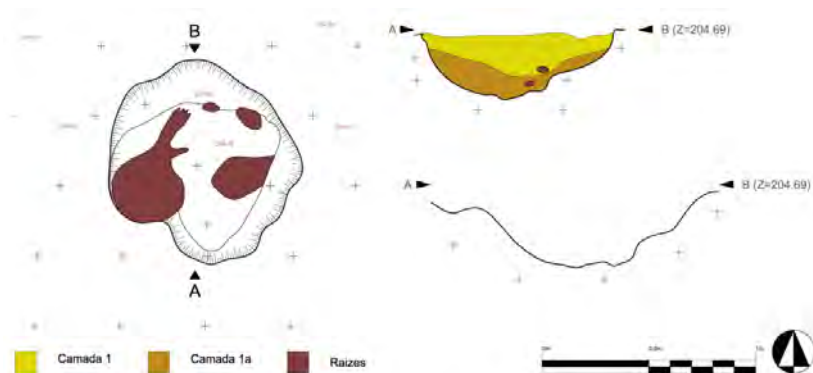


Figura 4.226 – Plano final, perfil e secções da fossa 27 do Sector I.

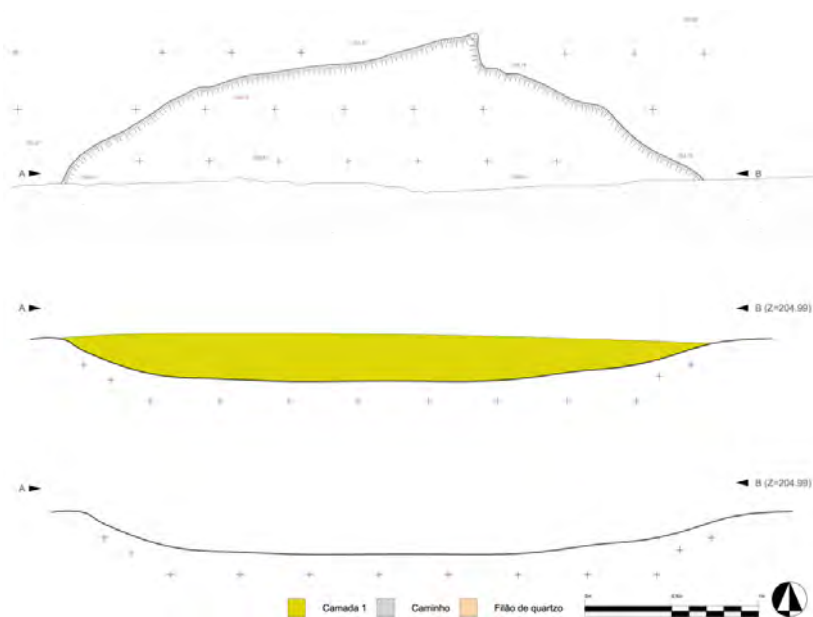


Figura 4.227 – Plano final, perfil e secções da fossa 28 do Sector I.

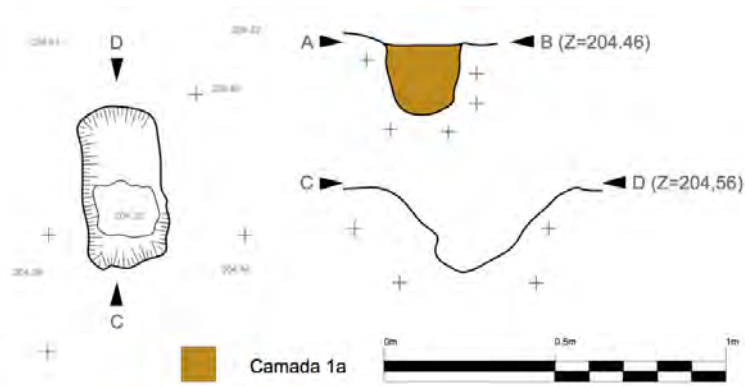


Figura 4.228 – Plano final, perfil e secção da fossa 32 do Sector I.

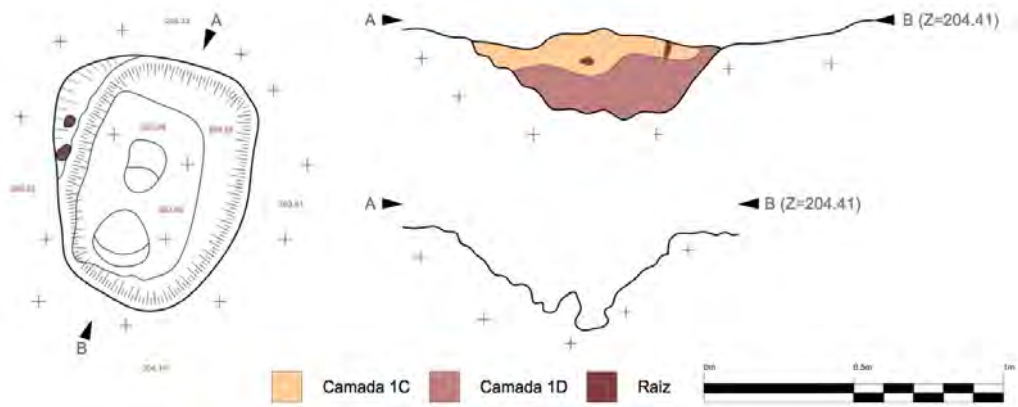


Figura 4.229 – Plano final, perfil e secções da fossa 33 do Sector I.

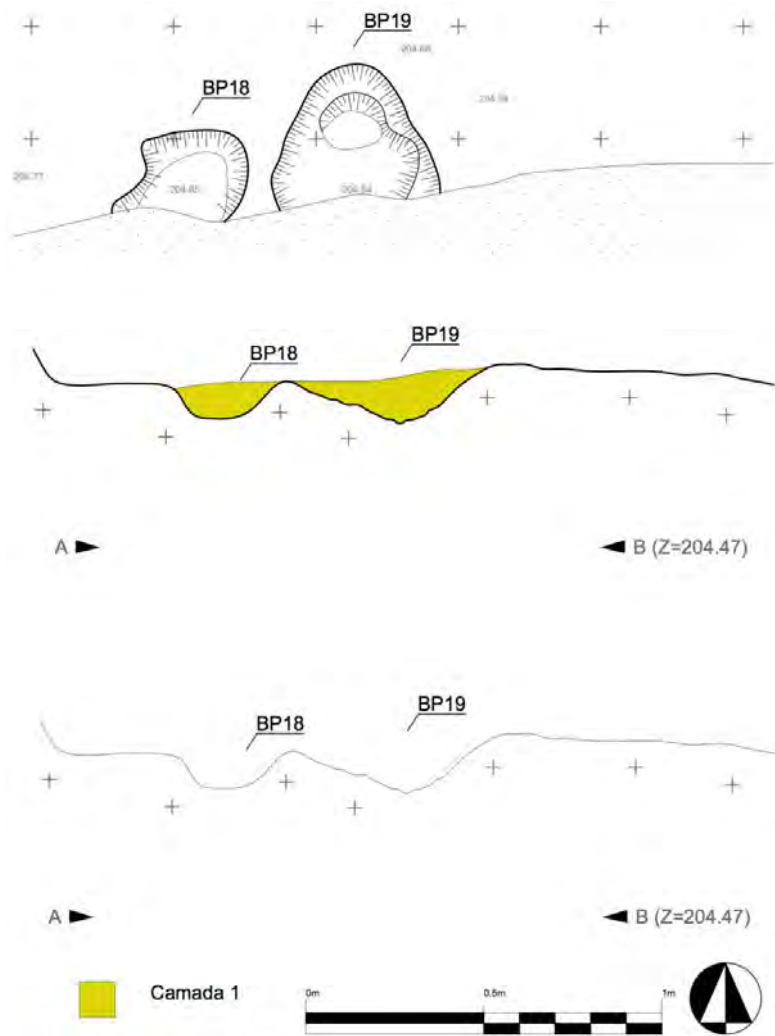


Figura 4.230 – Plano final, perfis e secções dos buracos de poste 18 e 19 do Sector I.



Figura 4.231 – Espólio recuperado do interior da câmara do túmulo 2 do Sector I.

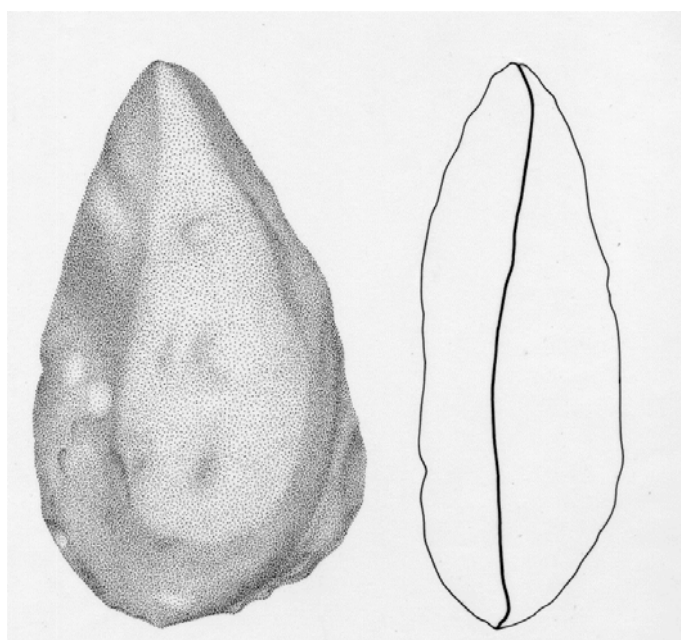


Figura 4.232 – Estela que integrava a base do túmulo 2 do Sector I.



Figura 4.233 – Moinho manual considerado como oferenda recuperado do interior do túmulo 2 do Sector I.



Figura 4.234 – potinho recuperado do interior do túmulo 3 do Sector I.

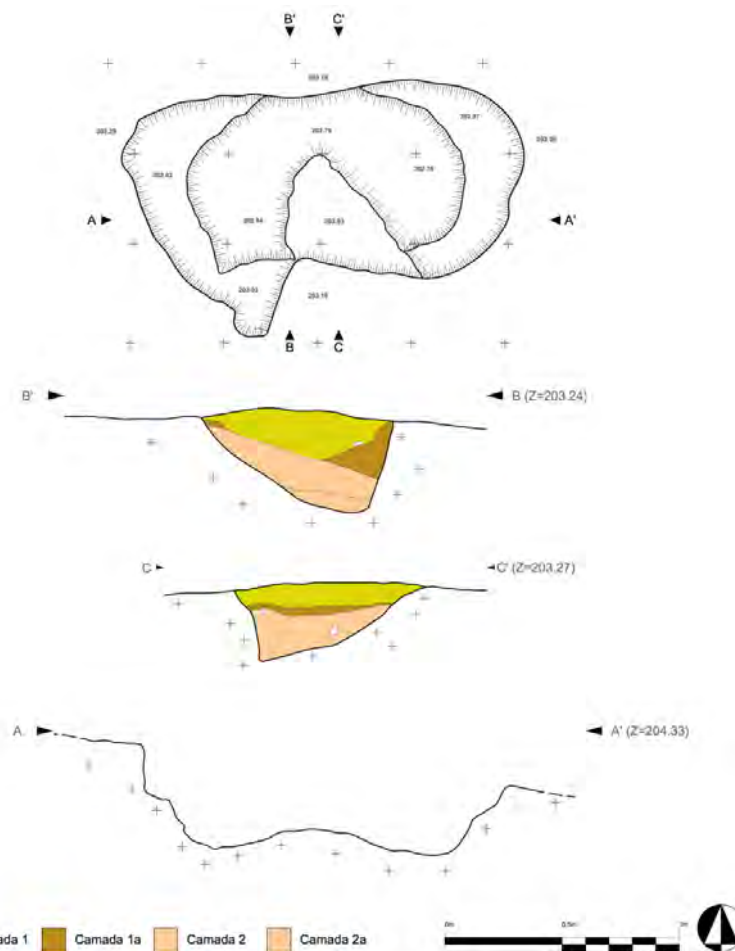


Figura 4.235 – Plano final, perfis e secção da fossa 1 do Sector II.

PARTE V.
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, INTERPRETAÇÕES E
CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. O povoamento

1.1. Introdução

Dos 32 sítios arqueológicos da bacia do Ave que constam do inventário como povoados, dos quais 5 levantam certas dúvidas (Pau de Bandeira, Braga; Poço das Várzeas e Monte do Castelo, Vieira do Minho; Barqueiro/Quinta do Vago Mestre e Monte da Abelheira/rua D. Afonso Henriques, Guimarães; Vilela e Mata da Camarôa, Póvoa de Lanhoso), apenas a 21 ou 22 foi possível atribuir uma cronologia mais precisa. Esta tarefa foi conseguida com base em datas radiométricas já publicadas, em novas datas desenvolvidas ao abrigo deste ou de outros projetos¹ (Tab. 5.1) e, também, através da análise de conjuntos de materiais cerâmicos recolhidos durante trabalhos de escavação ou de prospeção. Refira-se, contudo, que há um conjunto de povoados sobre os quais persistem certas dúvidas quanto à sua cronologia. Uns poderão ser hipoteticamente enquadrados no Bronze Médio (Quinta do Vago Mestre/Barqueiro, Guimarães) ou naquela fase ou em fase anterior (Areiro, Celorico de Basto), enquanto outros, pelos escassos dados, apenas podem ser genericamente atribuídos à Idade do Bronze².

Com base nos elementos disponíveis, não se conhecem dados relativos ao povoamento para o Bronze Inicial. Para o Bronze Médio apenas se conhecem 7 sítios, a saber: Corgo (Vila do Conde), Frijão (Braga), Monte Padrão (Santo Tirso), Pego (Braga), Quinta das Rosas (Braga), Quinta do Amorim (Braga) e Tapada da Venda (Celorico de Basto). Estes distribuem-se, pelo menos, entre os séculos XVII/XVI AC e os séculos XV/XIII AC. Por seu turno, ao Bronze Final corresponderão, pelo menos, 14 ou 15 sítios, sendo eles: Alto da Cividade (Braga), Alvarelos (Trofa), Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso), Corgo (Vila do Conde), Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão), Monte Padrão (Santo Tirso), Pego (Braga), Penices (Vila Nova de Famalicão), Santa Marta da Falperra (Braga), Senhora Aparecida (Felgueiras), Senhora de Fátima (Braga), Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto), Vasconcelos (Braga), Vermoim (Vila Nova de Famalicão), além de Santa Catarina (Guimarães). Sobre este último, que começou por ser considerado povoado (Bettencourt *et al.* 2003b), recentes interpretações têm-no classificado como uma ocupação de apoio a atividades de foro deposicional praticadas no Monte da Penha (Sampaio 2009; Sampaio *et al.* 2011; Bettencourt 2009, 2013a). As ocupações do

¹ Agradecendo-se a Ana M.S. Bettencourt a cedência destas datas para publicação.

² São eles: Bouça da Lapa 1, Outeiro dos Chascos e Penedo da Cruz (Braga), Outeiro Mau e S. Lourenço (Fafe), Monte da Forca e Quinta da Boavista (Guimarães) e Mata da Camarôa e Vilela (Póvoa de Lanhoso). Como tal, a articulação destes com os demais vestígios de ocupação torna-se bastante difícil.

Bronze Final registam-se, pelo menos, desde o último quartel do II^o milénio AC até aos inícios do 2^o quartel do I milénio AC.

Sem a pretensão de ser exaustivo em todos os paralelos aqui apresentados, se a menor densidade de povoados para o Bronze Inicial do Noroeste português não é novidade (Bettencourt 2009, 2013a), são conhecidos fora da bacia do rio Ave contextos deste tipo, conforme são exemplo os sítios de Boucinhas/Regueira, em Ponte de Lima (Bettencourt *et al.* 2004, Bettencourt 2009), de Sola Ila, em Braga (Bettencourt 1999, 2000b), de Areias Altas, no Porto (Cabral 2010; Luz, 2010), de Carreço/Praia, em Viana do Castelo (Baptista 1992) bem como, também, a primeira ocupação de Monte Calvo, em Baião (Gonçalves & Bettencourt 2010; Martín Seijo *et al.* 2012).

Tabela 5.1 - Datas de radiocarbono³ de povoados ou ocupações esporádicas na bacia do Ave

Designação	Ref. Lab.	Data BP	Cal. 1 Sigma (68,2%)	Cal. 2 Sigma (95,4%)	Bibliografia
Quinta do Amorim	AA89661	3345±42	1689-1605 (51.2%) 1576-1536 (17%)	1689-1524 (86.8%) 1739-1705 (8.6%)	Sampaio <i>et al.</i> 2014
Corgo	nd	nd	nd	Meados do 2 ^o milénio AC	Botelho 2014
Pego	AA89668	3086±43	1414-1312 (68.2%)	1444-1258 (94.4%) 1230-1120 (1.0%)	Inédita
Tapada da Venda/Pedroso	Ua-19499	3065±50	1406-1292 (65.1) 1278-1271 (3.1%)	1438-1194 (94.7%) 1142-1133 (0.7%)	Bettencourt <i>et al.</i> 2002b
Pego	AA89667	2859±48	1114-974 (62.2%) 956-941 (6.0%)	1207-1203 (0.3%) 1195-1140 (6.8%) 1134-906 (88.3%)	Sampaio & Bettencourt 2011
Santa Catarina	AA63075	2812±49	1026-902 (68.2%)	1115- 842 (95.4%)	Inédita ⁴
Penices	ICEN-467	2640±60	894-870 (10.9%) 851-778 (57.3%)	967-964 (0.1%) 930-747 (87.8%) 685-666 (1.7%) 642-554 (5.8%)	Queiroga 1992
Pego	Beta-230328	2530±50	791-746 (20.1%) 688-664 (11.1%) 646-552 (37.0%) 792-747 (22.7%)	804-508 (93.7%) 458-454 (0.3%) 438- 419 (1.4%)	Sampaio <i>et al.</i> 2008
Penices	ICEN-832	2530±45	685-666 (8.9%) 642-555 (36.6%) 768-736 (13.0%)	802-518 (95.4%) 792-510 (94.7%)	Queiroga 1992
Vasconcelos	UtC-4328	2504±36	690-662 (11.1%) 648-548 (44.1%)	436-426 (0.7%) 756-679 (14.9%)	Bettencourt 1999, 2000a
Penices	ICEN-833	2380±60	727-718 (2.5%) 706-694 (3.0%) 541-392 (62.7%)	671-386 (80.5%)	Queiroga 1992

³ Todas as datas foram calibradas segundo o programa *OxCal* versão 4.2, segundo a curva IntCal09 (Reimer *et al.* 2009), gratuitamente disponível em <http://c14.arch.ox.ac.uk/embed.php?File=oxcal.html>.

⁴ Esta data foi efetuada a carvão de origem vegetal recolhido nas escavações ali realizadas, mais precisamente, no Sector II, quadrado A1, camada 3, à cota de -158, com correspondência com o nível relacionado com um possível fundo de cabana aí encontrado.

Aparentemente, a falta de trabalhos de prospeção e de escavação e, principalmente, a ausência de datações de muitos dos sítios da Idade do Bronze, ao que se poderá adicionar, ainda, em certos casos, as perturbações resultantes de ocupações posteriores, não têm facilitado a sua conveniente identificação.

Ainda que, em certa medida, sob a condicionante das limitações inerentes aos próprios dados, o presente capítulo analisará o contexto físico dos povoados, a sua organização interna e características arquitetónicas, bem como a lógica do povoamento e as suas eventuais interpretações.

1.2. Implementação dos povoados

1.2.1. O Bronze Médio

Os dados para este período, embora escassos, demonstram múltiplas opções de ocupação do espaço.

Há povoados em colinas de vales abertos, como se verifica pelos sítios do Pego e de Quinta das Rosas (Braga), do Corgo (Vila do Conde), assim como em plataformas baixas ou médias de vertentes sobranceiras a vales espraiados e bem irrigados, como se atesta pelos sítios de Frijão e de Quinta do Amorim (Braga). Verifica-se, igualmente, a presença de povoados em planaltos de média altitude, sobranceiros a cursos de água e nas imediações de solos com condições naturais de boa irrigação, como o caso do Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto). Excepcional parece ser a ocupação do topo de orografias de maior altitude, como Monte Padrão (Santo Tirso), sobre um remate de esporão com bom domínio visual sobre a paisagem circundante.

Talvez a este período ou a fase anterior pertença, também, o povoado do Areeiro (Celorico de Basto), cuja situação espacial é equivalente à de Tapada da Venda/Pedroso, já que ocupa, igualmente, o planalto da Lameira.

Entre as diferentes estratégias de povoamento consideradas para o Bronze Médio regista-se o maior ou menor grau de proximidade em relação a vales férteis imediatos. Os povoados que ocuparam pequenas colinas de vale (Pego, Corgo, Quinta das Rosas) e plataformas baixas ou médias de vertentes (Quinta do Amorim e Frijão) encontram-se todos nas proximidades de vales bem irrigados e férteis. Não será por acaso, pois, que os vestígios das suas ocupações incluam fossas e abundantes fragmentos de moinhos manuais, conforme foi

possível corroborar mediante trabalhos de escavação nos povoados do Pego, da Quinta do Amorim e do Corgo, cuja presença se deverá relacionar, pelo menos em parte, quer com práticas agrícolas de armazenagem quer com o processamento de cereais, entre outros produtos de origem agrícola e de recolção.

Embora o povoado de Tapada da Venda/Pedroso se tenha implementado numa área planáltica de média altitude, localiza-se numa plataforma do sopé do Alto do Couto, abrigada e sobranceira a um curso de água que alimenta o rio Levandeira, afluente do Bugio que, por sua vez, conflui ao Ave. Topónimos próximos, como *Lameira* ou *Lameirinha*, ainda hoje denunciam a abundância de água na área, fato que contribui decisivamente para a formação de terrenos de aptidão agrícola nas suas imediações.

Apenas o povoado de Monte Padrão se distancia significativamente dos vales com solos profundos e bem irrigados pelo rio Ave e seus afluentes. Ainda assim, terrenos de aptidão agrícola, mesmo que de pouca espessura, proliferam ao longo de diferentes pontos das vertentes da orografia na qual se implementou, os quais são alimentados por linhas de água e ribeiros que, do alto do monte, rumam aos vales imediatos.

Relativamente aos corredores naturais de circulação todos os povoados se posicionam nas proximidades de cursos fluviais de dinâmica considerável, facilitando a deslocação de bens, de pessoas e de ideias. Muito próximos ao rio Este, de nascente para poente, estão os povoados de Quinta do Amorim, Quinta das Rosas, Pego e Frijão, e, na bordadura do rio Ave, junto à sua foz, o povoado de Corgo. Posicionamento digno de destaque é o dos povoados de Tapada da Venda/Pedroso e de Monte Padrão, que se localizam em linhas de cumeada, verdadeiros corredores de circulação entre as bacias dos rios Ave (a poente) e Tâmega (a nascente) e dos rios Ave (a norte) e Leça (a sul), respetivamente. A partir destes dois povoados o acesso a vales mais espaiados teve que ser feito, num primeiro momento, recorrendo a vales de cursos hídricos menores, acesso que seria facilmente conseguido.

No que respeita a recursos mineiros refira-se alguns pormenores. Os povoados de Quinta do Amorim, Pego e Frijão são muito próximos aos complexos de jazidas primárias de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga), situado a norte, e de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão), a su-sudoeste. Se a proximidade daqueles dois primeiros sítios é maior em relação àquela primeira jazida, não é menos verdade que o acesso à extração de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas seria facilitado tirando partido do vale espaiado do rio Este. Além disso, a riqueza em minérios secundários deste curso fluvial, em especial na zona

imediatamente abaixo do Monte de Anta de Cavalões, pelo qual se estendem as mineralizações de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas, seria do conhecimento das populações locais da Idade do Bronze. Por sua vez, também a partir dos povoados de Monte Padrão e de Corgo seria fácil aceder às jazidas primárias de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão), embora este estivesse igualmente acessível às mineralizações de estanho de menor expressão que ocorrem na plataforma litoral, nomeadamente Touguinhó e Bagunte (Vila do Conde).

De um modo geral, embora se denote o recurso a distintas estratégias de ocupação no espaço, parece prevalecer a escolha de sítios abrigados, preferencialmente de baixas altitudes, com acesso a vales de eventual potencial agrícola e a boas condições de circulação, quer através dos corredores de circulação fluvial quer de cumeada, o que é compatível com o que se observa, durante igual período, para o restante Noroeste português (Bettencourt 2009, 2013a).

1.2.2. O Bronze Final

Em termos topográficos, durante este período aumenta consideravelmente a ocupação de sítios em altura, de que são exemplo os povoados de Santa Marta da Falperra e Senhora de Fátima (Braga); Senhora Aparecida (Felgueiras); Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso); Monte Padrão (Santo Tirso); Alvarelos (Trofa); Monte do Facho e Vermoim (Vila Nova de Famalicão) e, já no fim deste período, Vasconcelos (Braga). Continuam a ser ocupadas colinas localizadas em vales, como é o caso do Pego, do Alto da Cidade (Braga) e do Corgo (Vila do Conde), bem como zonas planálticas de média altitude, como o Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto).

Há, ainda, povoados em remates de esporões de relevos residuais existentes nas planícies de aluvião, como é o caso de Penices (Vila Nova de Famalicão).

A relação entre os povoados do Bronze Final e os terrenos de aptidão agrícola imediatos mostra diferentes realidades. Desde logo, os povoados implementados em orografias de maior altitude (Santa Marta da Falperra, Senhora de Fátima, Senhora Aparecida, Castro de Lanhoso, Monte Padrão, Alvarelos, Monte do Facho, Vermoim e Vasconcelos), em maior número, encontram-se mais distantes de terrenos férteis de vale. Ainda assim, pelas características dos montes em que se implementam, verifica-se que, em alguns casos, o acesso a esses mesmos vales é ligeiramente mais fácil, conforme sucede em Alvarelos, Castro de Lanhoso (lado nascente) e Vasconcelos (lado nascente). Tal não invalida a existência de terrenos que,

ocupando diferentes pontos das orografias em que os povoados se situaram, tivessem capacidades agrícolas, mesmo tratando-se de solos mais “magros” do que os posicionados a cotas mais baixas. Estes locais teriam, também, acesso mais facilitado a áreas de pasto, conforme defendido para a bacia do rio Cávado por Bettencourt (1999, 2000a).

Quanto às restantes estratégias de povoamento (pequenas colinas, remates de esporões em relevos residuais de vales e planaltos de média altitude), o acesso aos terrenos agrícolas seria extremamente fácil, conforme sucede, respetivamente, com os povoados do Pego, Alto da Cidade, Corgo, Penices e Tapada da Venda.

Paralelamente verifica-se que todos os povoados se encontram bem localizados em relação a corredores naturais de circulação, embora nem sempre em condições idênticas.

A grande tendência dos povoados de altitude, apesar da boa visibilidade para as áreas circundantes, é para se localizarem nas linhas de cumeada, estando pois vinculados a corredores de circulação em altitude e a áreas de passagem entre diferentes vales, sejam eles de maior ou de menor dimensão. O acesso a corredores de circulação ligados a vales bem espriados implicava, nestes casos, maior dificuldade, embora tal fosse possível através de vertentes menos declivosas ou por pequenos vales menos desenvolvidos. Tal sucede, por exemplo, de nascente para poente, com os povoados de Castro de Lanhoso, de Vasconcelos, de Santa Marta da Falperra, de Vermoim e, também, de Monte Padrão e de Monte do Facho.

Assim, os grupos humanos que habitavam os povoados imersos nos vales estariam em condições de circulação facilitada, condição extensível, igualmente, a bens, a saberes e a ideologias.

No que respeita a recursos mineiros observa-se que a maior concentração de povoamento ocorre no último terço da bacia do Ave, precisamente onde o relevo atenua e onde há presença abundante desses recursos. Os povoados de Corgo, Penices, Alvarelhos, Monte do Facho, Monte Padrão e Vermoim estavam muito próximos do complexo de jazidas primárias de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas (Vila Nova de Famalicão). Aqueles primeiros cinco tirariam igualmente partido da sua proximidade às mineralizações de menor expressão de estanho e de volframite ocorridas na plataforma litoral, nomeadamente em Touguinhó e Bagunte (Vila do Conde). O caso de Penices é especialmente digno de destaque, já que ocupou uma pequena colina na margem esquerda do rio Ave que corresponde, precisamente, ao remate da vertente noroeste do Monte de Anta de Cavalões, orografia na qual se estendem, precisamente, as mineralizações de estanho de Pedras Negras/Vilarinho das Cambas. Verifica-se, ainda, que o

povoado do Pego, pelas suas condições espaciais, partilhava também o fácil acesso àquele complexo de jazidas de estanho e volframite.

O povoado do Alto da Cidade mostra igualmente acesso facilitado ao complexo de jazidas primárias de estanho de Cabreiros/Padim da Graça (Braga) e, por sua vez, o povoado da Senhora Aparecida/Pinheiro poderia ter tirado partido da contiguidade ao complexo de jazidas de primárias de estanho de Penouta (Fafe)/Seixoso (Felgueiras).

Sintetizando, pode-se dizer que ao longo do Bronze Final parece evidente a aproximação preferencial dos povoados a zonas de altura. A ocupação de topos de orografias com boas condições de visibilidade sobre zonas de pasto ou de agricultura de montanha, avistando ao longe vales mais férteis (propensos a atividades agrícolas distintas das de altura) e vias naturais de circulação (certamente parte de rotas de intercâmbio desde longa data), acentua-se.

Embora também se mantenha a implementação de povoados em pequenas colinas ou em zonas de vertente, em estreita relação com a exploração das terras agrícolas imediatas e com bons corredores de circulação fluvial, a tendência é para os povoados do Bronze Final controlarem pontos de passagem entre diferentes bacias hidrográficas ou vales, distribuindo-se ao longo da linha de cumeeada que as separa. Tal situação permitiria o domínio real e simbólico sobre a floresta, o pasto, diferentes terrenos agrícolas e as vias naturais de circulação, ao mesmo tempo que permitiria consolidar e estabelecer fronteiras simbólicas entre distintos territórios, espécie de “limites fronteiriços” onde atuariam diferentes influências.

De destacar, igualmente, a maior aproximação de alguns povoados a recursos mineiros, como parece ser o caso de Penices, sobranceiro ao rio Este. Através da sua localização, a jusante das jazidas primárias de estanho das Pedras Negras/Vilarinho das Cambas, situadas entre 3 a 7 Km para su-sudeste, as populações que ali habitaram terão com certeza usufruído do processo de desgaste dos filões das jazidas primárias, situados a cotas superiores, que, por ação de diferentes cursos de água, fariam convergir ao rio Este abundantes quantidades de estanho de aluvião.

Ainda assim, a multiplicidade de opções de uso e de ocupação do espaço, perceptível dos diferentes “tipos” de povoados, permite pensar em povoados desempenhando tarefas específicas ao nível económico, social e simbólico (alguns, mesmo, mais do que uma delas), no quadro da vida quotidiana das populações do Bronze Final. A generalidade dos dados apontam para uma rede de lugares interconectados, em regime de complementaridade, na qual as populações viveram e se movimentaram, corporizando uma paisagem eivada de sentidos, de

significados e de memórias permanentemente associadas às suas biografias individuais e coletivas, tanto mais se tivermos em conta outros indícios de ocupação, como os diferentes lugares de depósitos metálicos.

1.3. Organização interna, características arquitetónicas materiais

construtivos

1.3.1. O Bronze Médio

Alguns destes povoados, como Quinta do Amorim, Tapada da Venda/Pedroso, Quinta das Rosas e, muito provavelmente, Corgo, dadas as áreas escavadas, denunciam ocupações de considerável extensão (Fig. 5.1). Também a significativa área de dispersão de materiais de superfície, como ocorre em Quinta das Rosas, parecem indiciar situação semelhante. Outros casos, como o Pego, apontam para ocupações compatíveis com pequenos povoados ou ocupações mais sazonais.

No que respeita às características construtivas e arquitetónicas dos povoados, verifica-se maioritariamente a presença de estruturas em negativo, algumas correspondentes ao que outrora foram construções em materiais perecíveis. Mais raras são as estruturas em positivo, apenas pontualmente identificadas.

A ocupação do Pego, em Braga, alvo de trabalhos de escavação coordenados pelo signatário, distribuiu-se apenas pelo topo e inícios das vertentes norte e este de uma colina (Sector V). No entanto, a forte erosão da estratigrafia local apenas permitiu definir lenticulas das camadas de ocupação/abandono deste período (camadas 1a e 1a'), as quais não se estendem por toda a área intervencionada.

Na vertente sul (Sector II) há apenas evidências concretas de contextos funerários. Ali foi construída, entre finais do Bronze Inicial e parte do Bronze Médio, uma necrópole de sepulturas planas abertas no substrato rochoso, entre outras estruturas deposicionais dos finais da Idade do Bronze Médio ou inícios da Idade do Bronze, vestígios que serão tratadas em capítulo próprio.

O Sector V, por sua vez, denuncia outras tipologias de estruturas que deixam pressupor um uso do espaço para outras atividades que não funerárias. A maioria é em negativo, embora surja uma estrutura em positivo. É um pequeno empedrado, de contorno irregular, com cerca de 1 metro de diâmetro máximo, formado por um agregado de calhaus graníticos de diferentes tamanhos, incluindo fragmentos de moinhos manuais. Nesta estrutura foi mesmo possível

identificar uma camada de coloração enegrecida (com bastantes carvões e cinzas) que a envolvia, o que levou a interpretá-la como estrutura de combustão (Fig. 5.2).



Figura 5.1 – Planta da área intervencionada na Quinta do Amorim, em Braga, com dispersão das estruturas (quadrícula 2m x 2m orientada a norte).



Figura 5.2 – À esquerda, fotografia do empedrado ou estrutura de combustão identificada no Sector V do Pego, em Braga. À direita, desenho da mesma estrutura.

Foi precisamente a datação radiométrica de carvões desta estrutura que situou este primeiro momento de ocupação no Bronze Médio, concretamente, entre os séculos XV e XIV AC.

Quanto às estruturas em negativo, as fossas 1, 3, 18 e 19 surgiram associadas à camada de ocupação/abandono do Bronze Médio, encontrando-se as restantes 16 aparentemente cortadas nos seus topos, talvez indiciando uma implementação a cotas superiores e, talvez, uma cronologia posterior.

Infelizmente, a perturbação destas estruturas terá resultado dos fortes episódios erosivos, incrementados pela morfologia do lugar e visíveis pela pouca potência estratigráfica. É precisamente esse “vazio” estratigráfico que impede a distinção relacional entre as diferentes fossas, inviabilizando a perceção de agregados ou de núcleos pertencentes a cronologias ou a momentos de ocupação distintos com precisão. Mesmo assim, é possível afirmar que as quatro fossas identificadas como deste período cronológico-cultural se encontravam distanciadas entre si nunca mais de cerca de 5 metros e dispersas por uma área de cerca de 60 m².

A aplicação de *software* de tratamento de imagem 3D aos dados de prospeção geofísica recolhidos com recursos ao uso de georadar, realizada neste sector do Pego, permitiu verificar contrastes de hipotéticas fossas cujos topos se encontram a diferentes profundidades, deixando pressupor maior antiguidade para aquelas que foram abertas a cota inferior (Fig. 5.3).

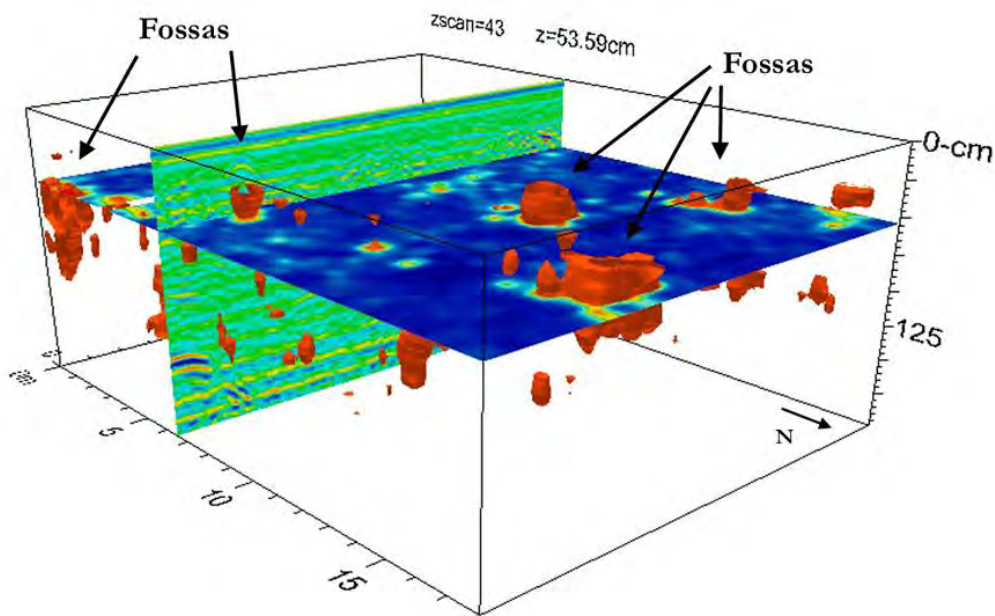


Figura 5.3 – Imagem 3D tratada com *software* adequado onde é possível observar os topos de algumas fossas em diferentes níveis de cotas no sítio do Pego (segundo Gonçalves 2012: 120).

As quatro fossas identificadas como sendo deste nível de ocupação são de dimensões, contornos, secções e bases variadas (Tab. 5.2).

Tabela 5.2 – Principais características das fossas associadas à camada 1a do Setor V do Pego

Est.	Contorno	Secção	Base	Dimensões (em cm)			Orient.
				Comp.	Larg.	Prof.	
Fossa 1	Oval	U	Arred.	108	94	45/51	N-S
Fossa 3	Subcircular	Estrang. topo	Aplan.	114	-	58	-
Fossa 18	Oval	U	Arred.	96	70	30	N-S
Fossa 19	Oval	U	Arred.	68	52	36	E-W

No que respeita aos seus contornos predominam os ovalizados. As secções são dominadas pelos perfis em “U”. Relativamente a bases observa-se igualmente a prevalência de fundos arredondados, com três exemplares, contra apenas um aplanado. Quanto às dimensões de boca, as maiores ultrapassam 1 metro de comprimento, sendo também as mais profundas. As restantes duas, inferiores a 1 metro, são pouco profundas, oscilando entre os 30 e os 36 cm. As suas orientações, apenas discerníveis nos planos com um eixo maior (contornos ovalizados), é dominada pela disposição norte/sul, contra um exemplar, orientado no sentido este/oeste.

Refira-se que apenas numa destas estruturas foi possível perceber o estrangulamento da sua boca, tomando a forma de “saco”, conforme sucede claramente com a fossa 3 (Fig. 5.4).

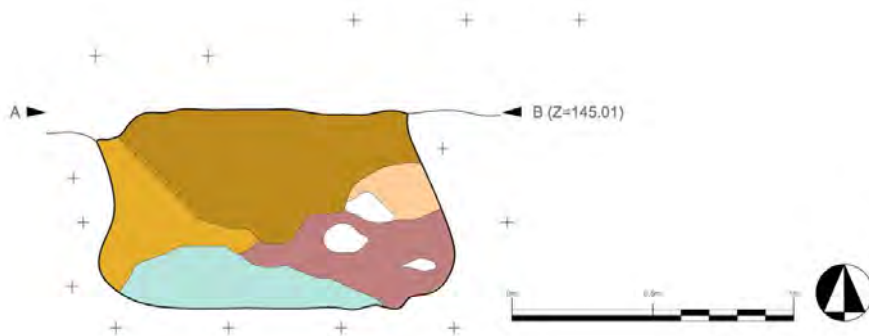


Figura 5.4 – Perfil da fossa 3 do Sector V do Pego, onde se observa o ligeiro estrangulamento do seu topo.

Os seus enchimentos continham diferentes camadas, em especial a fossa 3 (Fig. 5.5), mas sempre muitos poucos e reduzidos fragmentos cerâmicos, totalizando quatro exemplares (fossas 1, 18 e 19, 0 fragmentos; fossa 3, 4 fragmentos), o que indicia que a ocupação foi fruste e que quando estas estruturas foram tapadas, os restos de atividades existentes ao ar livre eram ainda escassos, facto concordante com uma ocupação de pequena dimensão.

A esta fase também foi associado um valado, denominado de valado 1. Desenvolvendo-se no sentido norte-sul, apresentava contorno retilíneo, secção em U e base aplanada, atingindo a largura oscilante entre 8 e 23 cm e a profundidade entre 5 e 27 cm. Em comprimento atingiu cerca de 9,5 m (Fig. 5.5).

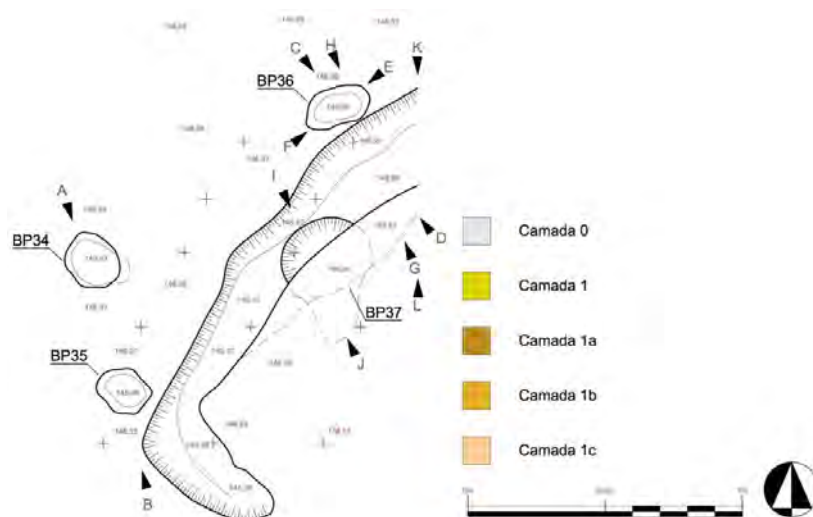


Figura 5.5 – Plano final do valado 1 e respetivos buracos de poste associados registado no Sector V do Pego.

É de supor que alguns dos buracos de poste tenham integrado, conjuntamente com o valado 1, uma qualquer estrutura em material perecível. A sua tendencial disposição retilínea

permite pensar, talvez, numa estrutura de contorno retangular que teria servido de apoio às práticas de processamento que ali ocorreram, dada a extrema proximidade de fossas.

No povoado de Quinta do Amorim, em Braga, datado com probabilidade da 1^a metade do II milénio AC, quer pela data de radiocarbono de uma sepultura plana quer por algum acervo cerâmico recolhidos nas Áreas 1 e 2 – raro ou inexistente em contextos do Bronze Final e mais próximos do horizonte IIb do povoado da Sola, em Braga –, denota-se uma grande área de ocupação, ascendendo a quase 1 hectare. Se tivermos em conta os achados de superfície, esta área seria superior a 4 hectares, pelo que se poderá considerar a Quinta do Amorim como um grande povoado. Não será de descartar, contudo, a hipótese do local ter conhecido sucessivos e diferentes momentos de ocupação no espaço, traduzidos na ampla dispersão de materiais e de estruturas. Tal hipótese apenas poderá ser desconstruída com mais trabalhos de escavação, realizados em diferentes pontos, e devidamente datados por radiocarbono, na medida em que permitam perceber agregados de estruturas e de materiais pertencentes a distintos fases de ocupação.

Em termos de organização interna, na área escavada, correspondente a uma plataforma implementada na vertente sul do Monte de Pedroso, surgem diferentes áreas (Figs. 5.6). A Área 1, composta por 12 estruturas em fossa ou pequenos covachos, cuja distribuição ocorreu a diferentes cotas, e a Área 2, a cerca de 100/150 m para sudeste daquela, também composta, essencialmente, por 18 estruturas em fossa, 1 buraco de poste e 1 sepultura plana, igualmente distribuídas a distintas altimetrias.

Nas prospeções anos antes efetuadas foram detetadas, nos perfis deixados abertos pelo rasgo de arruamentos, no topo da vertente sudeste de um pequeno esporão a Sul do marco trigonométrico de Pedroso, algumas fossas com materiais cerâmicos decorados com aplicações plásticas sob a forma de cordões (Barbosa & Azevedo 2004-2005, Tapício Azzolini Nóbrega e Ana M. S. Bettencourt, comunicações pessoais), concordantes com a cronologia proposta para a área de escavação. Tal deixa pressupor uma distribuição deste povoado por uma vasta área, não só ocupando o remate de esporão a sul do marco trigonométrico de Pedroso e (pelo menos) parte da sua vertente sudeste como, muito provavelmente, o terreno que unia ambas as partes, atualmente com a geomorfologia muito deformada pela construção de uma estrada, de empreendimentos urbanísticos mas, sobretudo, pelo uso de parte da vertente poente de Monte como saibreira. É, pois, de admitir uma organização segundo núcleos de estruturas,

característica comum noutros povoados do Noroeste português, conforme defendido por Bettencourt (2009, 2013a).

Quanto à Área 1 foram escavadas 12 fossas que se detetaram dispersas por cerca de 230 m² (Fig.5.7).

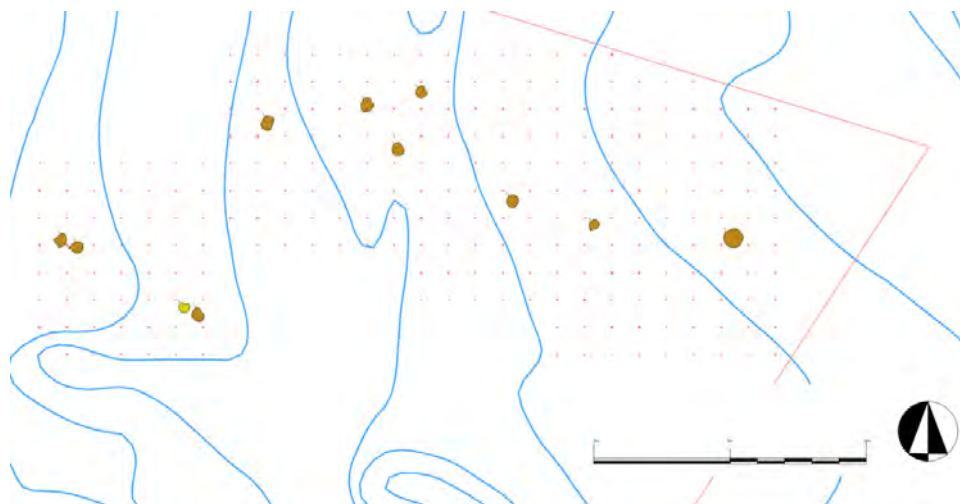


Figura 5.7 – Área 1 da Quinta do Amorim, com respetiva distribuição das estruturas escavadas.

As fossas apresentavam dimensões, contornos, seções e bases variáveis, pelo que a interpretação que delas fizemos também foi variada (Tab. 5.3).

Tabela 5.3 – Características das fossas identificadas na Área 1 da Quinta do Amorim

Est.	Área	Contorno	Seç.	Base	Dimensões			Orient.
					Comp.	Larg.	Prof.	
7/F1	1	Oval	U	Arred.	93	88	32	E-W
8/F2	1	Oval	V	Arred.	98	73	30	N-S
11/F3	1	Oval	Estrang. topo	Arred.	96	77	23	E-W
15/F4	1	Oval	Estrang. topo	Arred.	98	78	182	NE-SW
16/F5	1	Subcircular	U	Arred.	94	-	22	-
17/F6	1	Oval	Estrang. topo	Aplan.	82	73	140	NE-SW
18/F7	1	Oval	U	Arred.	106	86	20	E-W
19/F8	1	Subcircular	U	Aplan.	94	-	47	-
24/F9	1	Subcircular	U	Arred.	72	-	28	-
25/F10	1	Subcircular	U	Aplan.	91	-	44	-
26/F11	1	Subcircular	U	Arred.	95	-	90	-
31/F12	1	Oval	U	Arred.	159	129	22	E-W

Em termos de contornos predominam os ovalizados (58,3%), seguidos dos subcirculares (41,7%). As seções são predominantemente em “U”, mas há que ter em conta que se consideraram muitas destas fossas cortadas devido a procedimentos relacionados com os trabalhos empresariais antes da intervenção arqueológica do local coordenada pelo signatário.

De notar que as fossas de colo estrangulado, em forma de saco, normalmente muito profundas, representam 25% do total da amostra.

No que respeita aos fundos, observa-se que são maioritariamente arredondados (75%), seguidos dos aplanados (25%). Relativamente às dimensões, os comprimentos variam entre os 72 e os 159 cm e as profundidades entre 20 e 182 cm. As suas orientações, apenas discerníveis nos planos com um eixo maior (contornos ovalizados), num total de 7 fossas, dispunham-se no sentido este-oeste (57%, com 4 exemplares), nordeste-sudoeste (29%, com 2 exemplares) e norte-sul (14%, com 1 exemplar).

Entre as fossas identificadas figuram diferentes tipologias. No que respeita a fossas de armazenamento prevalecem as secções estranguladas no topo, em forma de “saco”, como são exemplo as estruturas 15 e 17 (fossas 4 e 6, respetivamente) (Fig. 5.8).

As suas consideráveis dimensões pressupõem não só um investimento de força de trabalho significativo, com grande cubicagem de armazenamento. A reforçar esta ilação refiram-se, também, outros argumentos. Desde logo, a recolha de sementes no enchimento da estrutura 15/Fossa 4, bem como de vários fragmentos de moinhos manuais (moventes e dormentes), como sucedeu nas estruturas 15, 17 e 25 (fossas 4, 6 e 10). Além de fragmentos cerâmicos pertencentes a formas cerâmicas de grandes dimensões, destaque, também, para a Estrutura 17/Fossa 6, com 140 cm de profundidade e igualmente em forma de “saco”, cujos enchimentos incluíam, igualmente, parte de uma taça em calote de esfera. Este último objeto é particularmente importante, permitindo questionar se teria sido utilizado como recipiente para extração do conteúdo das fossas antes da moagem ou, então, para transporte do cereal processado. Conjuntamente, estes indícios parecem apontar para a relação entre estas estruturas e práticas de processamento produtos agrícolas ou de recolção, não só usufruindo dos terrenos de aptidão agrícola imediatos, como da riqueza aquífera desta região e dos recursos disponíveis.

Outras fossas, como as estruturas 16, 18 e 31 (fossas 5, 7 e 12), correspondem a pequenos covachos abertos no substrato rochoso. Os poucos ou nenhuns materiais nos seus enchimentos e a proximidade destas fossas a outras de maiores dimensões e em forma de “saco”, como hipótese de trabalho, levam a interpretá-las como “camas” ou “suportes” para receber os moinhos manuais dormentes, durante o processamento.

Quanto à Área 2 foram escavadas 18 fossas, 1 buraco de poste e 1 estrutura funerária (Fig. 5.9), bem como outros materiais associados a este género de prática. Estes últimos, na

extremidade norte da área intervencionada, correspondiam a uma sepultura plana e a fragmentos de vasos usualmente detetados nestes contextos, que serão aprofundados em ponto próprio dedicado aos contextos funerários.

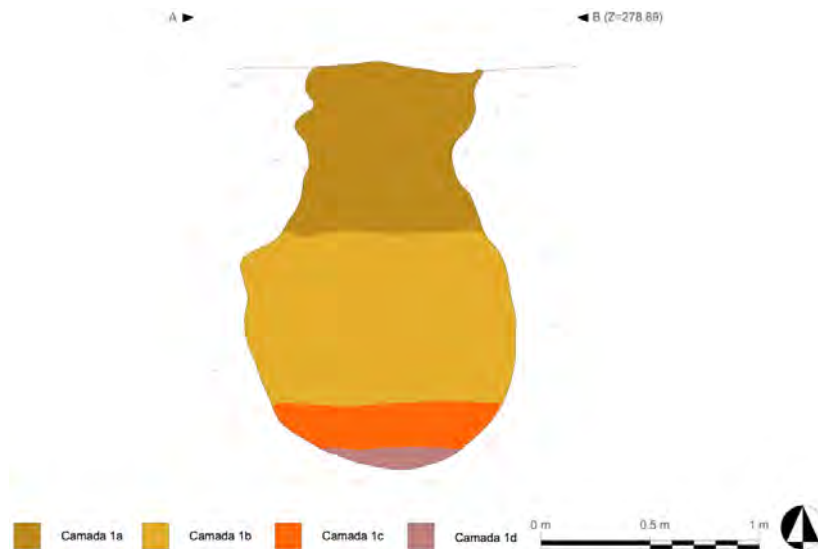


Figura 5.8 – Secção da fossa 4 (estrutura 15) da Área 1 da Quinta do Amorim, onde é visível o perfil estrangulado.



Figura 5.9 – Área 2 da Quinta do Amorim, com respectiva distribuição das estruturas escavadas.

Em termos de contornos das fossas predominam os ovalizados (55,6%, correspondente a 10 exemplares), seguidos dos subcirculares (43%, correspondente a 8 exemplares). As secções são dominadas pelos perfis em “U”, mas há que ter em conta a perturbação de algumas fossas. Cinco ainda apresentavam estrangulamento no colo (27,8%), devendo estar próximas da sua morfologia original. Estas apresentam sempre profundidades superiores a 60 cm, podendo mesmo atingir os 104 cm, valor correspondente à fossa mais profunda (Tab. 5.4).

No que respeita aos fundos observa-se o predomínio dos aplanados (55,6%, correspondente a 10 exemplares), seguido dos arredondados (33,3%, correspondente a 6 exemplares) e, simultaneamente, do aplanado irregular e do irregular (5,6%, correspondentes a 1 exemplar cada).

Tabela 5.4 – Características das fossas identificadas na Área 2 da Quinta do Amorim

Est.	Área	Contorno	Secç.	Base	Dimensões			Orient.
					Comp.	Larg.	Prof.	
20/F13	2	Oval	U	Arred.	74	56	56	E-W
35/F14	2	Subcircular	Estrang. topo	Aplan.	100	-	79	-
37/F15	2	Subcircular	Estrang. topo	Arred.	86	-	73	-
40/F16	2	Oval	U	Arred.	94	87	36	N-S
44/F17	2	Subcircular	U	Arred.	73	-	11	-
46/F18	2	Subcircular	Estrang. topo	Aplan.	130	-	64	-
58A'/F19	2	Oval	U	Aplan.	145	102	43	NW-SE
58A''/F20	2	Oval	U	Aplan.	c. 100	?	?	N/NE-S/SW
63/F21	2	Oval	U	Arred.	98	56	18	E-W
67/F22	2	Subcircular	U	Aplan.	107	-	57	-
70A/F23	2	Oval	U	Aplan.	80	70	34	E-W
70B/F24	2	Oval	U	Aplan.	64	60	18	E-W
70C/F25	2	Oval	U	Aplan.	62	45	22	NE-SW
73/F26	2	Subcircular	Estrang. topo	Aplan.	94	-	104	-
74/F27	2	Subcircular	U	Irreg.	117	-	97	-
75/F28	2	Oval	U	Aplan.	114	90	9	N-S
76/F29	2	Oval	U	Arred.	98	88	15	E-W
78/F30	2	Subcircular	Estrang. topo	Aplan./Irreg.	112	-	60	-

Relativamente às dimensões, os comprimentos variam entre os 62 e os 145 cm e as profundidades entre 9 e 104 cm, e as orientações, apenas discerníveis nas fossas com um eixo maior (contorno ovalizado), num total de 9, são maioritariamente de este-oeste (56%, correspondente a 5 exemplares), seguidas das de orientação norte-sul (22%, correspondente a 2 exemplares). Com 1 caso cada registam-se as fossas de orientação nordeste-sudoeste, noroeste-sudeste e nor/nordeste-su/sudoeste (11%).

As fossas deste núcleo assemelham-se ao nível das dimensões, secções, profundidades e, até, nas disposições das de contorno oval. Também são frequentes o número de moinhos no interior das fossas, pelo que se acredita que as fossas desta Área 2 possam ser da mesma cronologia relativa que as da Área 1. É necessário, no entanto, bastante prudência, dada a falta de datações radiométricas disponíveis.

Também é provável que as fossas estranguladas no topo desta área possam ter servido para guardar provisões, dada a quantidade de moinhos fragmentados existentes no local. No entanto, é possível questionar se a diversidade destas estruturas possa ter correspondido a outras funcionalidades, tanto mais que algumas são simples covachos, conforme já foi anteriormente adiantado para a Área 1.

De notar a presença de um buraco de poste na Área 2 (Buraco de poste 1), cujas dimensões apontam para a inclusão de um tronco de dimensões significativas (38 cm de comprimento, 24 cm de largura e 67 cm de profundidade) e a proximidade de fossas deixa hipotetizar a cobertura de algumas fossas com estruturas em material perecível.

O povoado de Tapada da Venda/Pedroso, em Celorico de Basto, foi primeiramente intervencionado em 1978, por Francisco Alves, por essa altura ao serviço da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Desta intervenção há uma publicação parcial (Lemos *et al.* 1976-1980). Posteriormente o sítio foi alvo de novas sondagens arqueológicas, da responsabilidade de Ana M. S. Bettencourt e colaboradores, cujos resultados se encontram, também, parcialmente publicados (Bettencourt *et al.* 2002b).

Para a elaboração deste texto, além das referidas publicações, tivemos ainda acesso ao acervo gráfico e fotográfico em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, referente às antigas escavações.

Bettencourt e colaboradores (2002b) abriram aí duas sondagens de interesse arqueológico, respetivamente designadas de Corte 1 e de Corte 2. No Corte 1, do lado poente do caminho e em frente à Área A das antigas escavações, detetaram apenas um nível de ocupação/abandono que se pode datar, pelas novas calibrações, de entre os finais do século XV e os finais do século XIII AC, o que é compatível com os finais do Bronze Médio regional. Aqui foram escavadas seis pequenas estruturas em negativo, na dúvida consideradas como fossas e/ou buracos de poste.

No Corte 2, aberto alguns metros a norte das antigas escavações, a este do caminho, também se detetaram várias fossas, buracos de postes, um pavimento e um empedrado de “*pelo menos, um nível de ocupação*” (Bettencourt *et al.* 2002b: 194). Em conversa com a primeira autora do texto esta esclareceu que existiam indícios de mais do que um nível de ocupação, tanto pela sobreposição parcial de uma fossa por outra, como pela presença de uma eventual tampa de uma pequena fossa que parecia vir de um nível superior aos pavimentos

encontrados. Mais tarde, uma data radiométrica, ainda inédita⁵, veio revelar que o Corte 2 teve uma ocupação entre meados do século XIII a meados do século XI AC, ou seja, já no Bronze Final. No entanto, torna-se difícil isolar as estruturas que pertenceriam a cada uma das fases, visto parecer existir uma estratigrafia do “tipo horizontal”.

Se bem que as primeiras escavações efetuadas no local, no lado nascente do caminho, tivessem detetado, também, inúmeras fossas abertas no arena granítica distribuídas por diversos núcleos, bem como alguns buracos de poste⁶, não se sabe a sua cronologia precisa (Fig. 5.10).

No entanto, a ocorrência de um vaso da forma 6 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), recolhido quase inteiro (Fig. 5.11), recuperado de uma das fossas (fossa C9) e com paralelos no povoado da Sola IIB, datado de entre os séculos XVII e XVI AC, faz colocar a hipótese de que, também do lado nascente da Tapada da Venda/Pedroso, tivesse existido uma ocupação do Bronze Médio. O mesmo se parece subentender pela presença de pequenos fragmentos de vasos de bordo horizontal⁷ detetados no interior de três fossas com enchimentos detriticos (fossas C2, C3 e B1D), os quais poderiam ser oriundos de um nível de ocupação abandonado por altura em que a terra foi colhida para colmatar as fossas mais recentes.

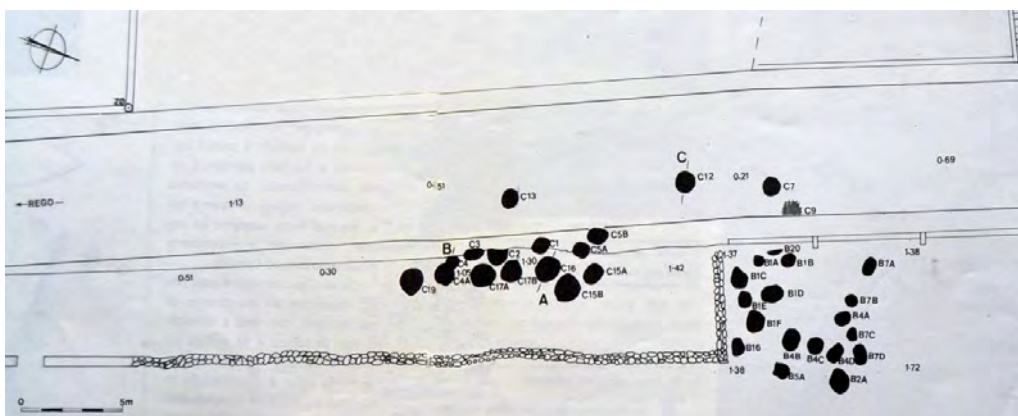


Figura 5.10 – Planta de distribuição das estruturas de Tapada da Venda/Pedroso, atendendo à área intervencionada em 1978 (Lemos *et al.* 1976-1980).

De qualquer modo, o povoado aqui existente durante o Bronze Médio teria estruturas percíveis e estruturas cortadas no substrato geológico, à semelhança de muitas outras situadas nas proximidades de solos com capacidade agrícola.

⁵ Agradecemos esta informação a Ana M. S. Bettencourt.

⁶ A planta publicada em Lemos *et al.* (1976-1980: 32) apenas mostra dois núcleos bem individualizados e algumas fossas dispersas. No entanto, pela planta integral observada e em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, a vários metros para norte dos primeiros núcleos apareceram fossas de um lado e outro da estrada, o que faz colocar a hipótese de que este sítio terá sido de grande extensão e que terá tido mais do que dois núcleos de fossas.

⁷ De notar que estes vasos aparecem quase sempre intactos em contextos funerários, com exceção do povoado da Sola, em Braga, cujo topo da ocupação estava muito destruído (Bettencourt 2000a) e da Bouça do Frade, Baião (Jorge 1988b), onde ocorrem num nível do Bronze Final, mas em área onde ocorreu uma ocupação posterior, em termos estratigráficos, pelo que não será de admirar que tenham sido removidos dos seus contextos originais.

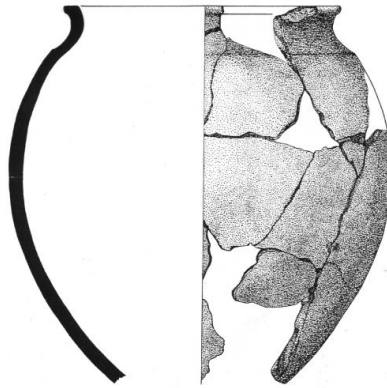


Figura 5.11 – Vaso da forma 6 segundo Bettencourt (1999) recolhido da fossa C9 da Tapada da Venda/Pedroso (Lemos *et al.* 1976-1980).

O povoado do Corgo, em Vila do Conde, sobranceiro à ribeira do Corgo e na foz do Ave, foi profusamente escavado, entre 2005 e 2008, resultado da colaboração entre a empresa Metro do Porto e algumas empresas de arqueologia e, também, com o município e Vila do Conde. A área de escavação ascendeu a 1 hectare.

Através da análise estratigráfica e do estudo material Botelho (2013) propõe três fases de ocupação atribuíveis à Idade do Bronze (Fig. 5.12).

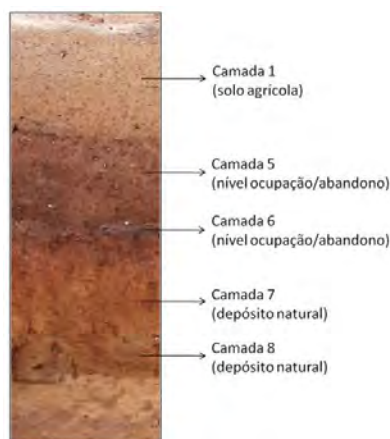


Figura 5.12 – Pormenor do corte estratigráfico do Sector D2 do Corgo (segundo Ribeiro *et al.* 2010).

À fase Corgo I faz corresponder as camadas 7 e 6 e os planos de negativos 5 e 4. A camada 6 distingue-se “na estratificação geral pela feição de piso da sua superfície (...) [denunciando] *claríssima formação antropogénica, com cuidado especial posto na escolha dos seus constituintes, ricos em areão*”, referindo que “*Eram estas características particularmente evidentes no interior do espaço ovalado definido pelos valados 120, 35 e 34*” (Botelho 2013: 586). Em evento científico recente Botelho situou a primeira ocupação deste sítio, com base em

data de radiocarbono, em cerca dos meados do II milénio AC (Botelho 2014 e dados da comunicação oral)⁸.

O valado 34, localizado no sector D da escavação (Botelho 2008)⁹, parece corresponder a uma pequena vala de seção troncocónica, com base aplanada, no fundo da qual se detetaram inúmeros buracos de poste (Fot. 5.13). Tendo em conta os resultados das análises de antracologia efetuadas por Queiroz (2010) a alguns carvões recolhidos do seu interior, verifica-se que correspondem, maioritariamente, a fragmentos de ramos ou troncos de codessos ou de giestas (*Adenocarpus*) e de alguns troncos ou ramos de Amieiro (*Alnus glutinosa*) e de Salgueiro (*Salix*), o que sugere que, no interior deste valado, tenha sido construída uma “parede”, paliçada ou cerca, efetuada, essencialmente, com o recurso a espécies arbustivas e a alguns troncos de arbóreas que, a determinada altura, terão ardido, facto que permitiu a sua conservação.

Apesar de a sua área não ter sido totalmente escavada, ela apresenta um contorno semicircular, provavelmente delimitando uma área maior, de contorno circular, que se acredita poder ser o interior de uma cabana.



Figura 5.13 – Hipotética cabana subcircular circundada pelo valado 34 (segundo Ribeiro *et al.* 2010).

Botelho (2013) refere ainda uma ocupação que será representada pelo plano de negativos 6, “*extremamente abundante em estruturas, muitas das quais patenteando indelével destruição*”, cronologicamente enquadrável “*entre o CORGO I e II*”, onde figuram “*as fossas 116, 290 e 324*”, sendo que na primeira, “*ovóide com colo e cerca de 90 cm de profundidade, foi exumado um vaso liso, de forma ovóide com colo e fundo plano*”, enquanto na fossa 324, “*uma calote com 16 cm de profundidade, exumou-se um pequeno vaso – 10 cm de altura – de*

⁸ Em comunicação intitulada “*O sítio do Corgo (Azurara, Vila do Conde). Aproximação preliminar à sua paleocarpologia de exploração nos meados do II milénio AC*”, apresentada nas V Jornadas do Quaternário, em 13 de Dezembro de 2013, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁹ Segundo fotografia publicada em <http://www.apai.org.pt/m1/122771790sub.65.2.pdf>.

forma ovóide com asa e fundo esférico, singular pela profusa decoração puncionada e canelada com organização radial' (Botelho 2013: 587) (Fig. 5.14).



Figura 5.14 – Pequena fossa 324 ou covacho do Corgo e vaso encontrado no seu interior¹⁰.

A decoração deste vaso não tem paralelo nas cerâmicas conhecidas para o Bronze Final das bacias dos rios Cávado e Ave. Pelo contrário, aproxima-se de algumas combinações decorativas da Quinta do Amorim e da Sola Ilb, ambos sítios ocupados durante o Bronze Médio, pelo que muitas das estruturas do plano 6 do Corgo, cortadas na camada 8 (o do substrato geológico), também serão desta cronologia genérica, podendo esta ocupação ter sido considerável, neste local.

Com o intuito de perceber a distribuição dos povoados do Bronze Médio a sua localização foi ilustrada na Figura 5.15.

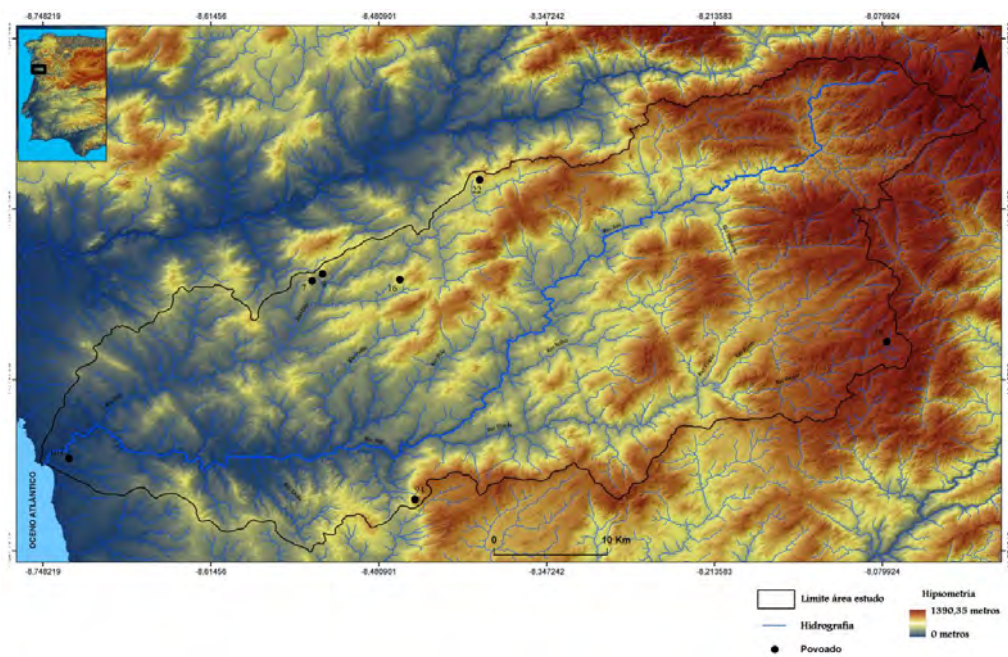


Figura 5.15 – Mapa hipsométrico do Vale do Ave com a distribuição do povoamento do Bronze Médio: 7. Frijão (Braga); 8. Pego (Braga); 16. Quinta das Rosas (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 103. Corgo (Vila do Conde).

¹⁰ Fonte: http://www.metrodoporto.pt/PageGen.aspx?WMCM_Paginal=22810.

1.3.2. O Bronze Final

Quanto à organização interna e às características construtivas dos povoados do Bronze Final da bacia do rio Ave, há mais dados disponíveis para aqueles que foram edificadas em colinas posicionadas no seio de vales abertos ou em planaltos vinculados a solos irrigados, tanto pelo facto de terem sido alvo de escavações de maior amplitude como, por vezes, terem sido menos revolidos por níveis de ocupação mais recentes. Cabem nesta situação os povoados do Pego, Corgo, Alto da Cidade e Tapada da Venda/Pedroso.

Nos povoados de altitude, situados em áreas montanhosas, ou as escavações são parcelares, como é o caso de Santa Marta da Falperra e de Vasconcelos, ou os níveis deste período encontravam-se profusamente perturbados por ocupações da Idade do Ferro, reduzindo-se os vestígios da Idade do Bronze Final a materiais que, por vezes, se encontram fora do seu contexto original de deposição. Cabem neste último cenário os povoados de Alvarelhos, de Monte Padrão, de Senhora Aparecida, de Castro Lanhoso e, talvez, de Bagunte.

Comece-se pelos povoados com maior número de dados.

O povoado do Pego, já ocupado durante o Bronze Médio, terá testemunhado, durante o Bronze Final, a edificação de estruturas em negativo e em positivo, embora construídas em materiais perecíveis.

Em relação às estruturas em negativo, pelo facto de algumas fossas estarem visivelmente cortadas e pelos resultados da prospeção geofísica projetados em 3D (vide Fig. 5.3), crê-se que muitas delas foram construídas durante este período. No entanto, a sua datação concreta, dadas as limitações ao nível estratigráfico (por ação erosiva), não pôde ser aferida. É de supor, igualmente, que os buracos de poste que parecem delimitar uma cabana de contorno hipoteticamente retangular possam ser deste período (Tab. 5.5).

A este período corresponde, certamente, uma estrutura de difícil definição em plano, devido à sua perturbação por vários fatores, que foi relacionada com práticas metalúrgicas (Fig. 5.16). Esta corresponde a uma área, em parte sob o substrato rochoso e em parte sobre as camadas anteriores, que se encontrava preenchida com um sedimento amarelado, de base arenosa, pouco compacto, podendo corresponder a uma espécie de “caixa de areia” utilizada para o vazamento do metal em moldes, um pouco à semelhança do encontrado no povoado da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) (Senna Martinez *et al.* 2010). De notar que nesta estrutura foi encontrado o único fragmento de molde *in situ* recuperado neste povoado. Trata-se

de um fragmento de molde cerâmico de machado de talão com uma argola, facto que vem tornar esta hipótese aparentemente mais consistente.

Tabela 5.5 – Principais características dos buracos de poste do Corgo

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orient.
BP1	Circular	U	Arredondada	21	-	45	-
BP2	Ovalizado	U	Arredondada	22	18	16	E-W
BP3	Circular	U	Arredondada	18	-	41	-
BP4	Circular	U	Arredondada	19	-	34	-
BP5	Subcircular	U	Arredondada	20	-	25	-
BP6	Subcircular	U	Arredondada	23	-	25	-
BP7	Subcircular	U	Irregular	8/12	-	24	-
BP8	Circular	U	Arredondada	16	-	17	-
BP9	Subcircular	U	Arredondada	20	-	32	-
BP10	Subcircular	U	Arredondada	24	-	18/22	-
BP11	Circular	U	Arredondada	22	-	24	-
BP12	Circular	U	Aplanada	23	-	23	-
BP13	Subcircular	U	Aplanada	22	-	26	-
BP14	Ovalizado	U	Aplanada	28/44	-	30	E-W
BP15	Ovalizado	U	Arredondada	28/38	-	22	E-W
BP16	Subcircular	U	Aplanada	33	-	16	-
BP17	Subcircular	U	Irregular	26	-	20	-
BP18	Subcircular	U	Irregular	32	-	10	-
BP19	Subcircular	U	Arredondada	20	-	10	-
BP20	Subcircular	V	Arredondada	24	-	30	-
BP21	Circular	U	Aplanada	26	-	20	-
BP22	Subcircular	U	Arredondada	13	-	8	-
BP23*	Ovalizado	U	Aplanada	40/46	-	32/37	N-S
BP24	Subcircular	U	Aplanada irregular	42	-	32	-
BP25	Subcircular	U	Arredondada	54	-	23/27	-
BP26	Subcircular	V	Arredondada	18	-	34	-
BP27	Subcircular	U	Aplanada	33	-	43	-
BP28	Ovalizado	U	Arredondada	20/37	-	14/36	N-S
BP30	Subcircular	V	Arredondada	27	-	20	-
BP32	Ovalizado	U	Arredondada	58	42	44	NW-SE
BP34	Subcircular	V	Arredondada	48	-	16	-
BP35	Subcircular	U	Arredondada	12	-	24	-
BP36	Ovalizado	U	Arredondada	18/26	-	14	NW-SE
BP37	Subcircular	V	Arredondada	26	-	71	-
BP38	Circular	U	Aplanada	20	-	70	-



Figura 5.16 – Pormenor da planta do Sector V do Pegó onde é possível observar o plano inicial da “caixa de areia” (a cinza), cortada sobre o substrato geológico, hipoteticamente relacionada com práticas metalúrgicas.

De referir que não foram registadas quaisquer estruturas que indiciam atividades ditas “quotidianas” na vertente sul do Pegó.

Dados concretos suportados por C₁₄ são relativos à construção, durante esta fase, de uma vala perimetral, com a largura variável entre 1,22 e 2,10 m e profundidade oscilando entre 0,85 e 1,86 m, que terá circundado o topo da colina e parte da vertente sul, delimitando uma área¹¹ de cerca de 2500 m², ou seja, um povoado de pequenas dimensões. Trata-se de uma estrutura em negativo que, em plano, tomou a forma circular, detendo seção quase troncocónica, com a parede interna mais verticalizada do que a externa e base aplanada (Fig. 5.17). Na zona da entrada, a sul, esta estrutura espessava, atingindo os 1,99 m de largura. Este acesso faz lembrar a forma da entrada da segunda muralha do Bronze Final de S. Julião, em Vila Verde (Bettencourt 2000b).

No fundo desta estrutura, nos quadrantes nordeste e este, foram identificadas formas cerâmicas inteiras ou praticamente inteiras (Fig. 5.18), o que deixa pressupor a sua intencional

¹¹ De notar que a área exata é impossível de calcular pelo facto de esta estrutura ter sido destruída pelo lado oeste, com a passagem de um caminho que agora é estrada municipal.

amortização antes mesmo de ter ocorrido a sua “condenação”. Corresponderiam a depósitos fundacionais, à semelhança do que se encontrou no fosso de S. Julião, em Vila Verde, onde foram recolhidos dois punhais de tipo Porto de Mós por Martins (1988) que Bettencourt (2009a, 2013a) defendeu serem deposições intencionais?



Figura 5.17 – Em cima, pormenor da vala perimetral, quadrante nordeste, no Sector V. Em baixo, trabalhos de escavação da mesma estrutura, quadrante norte (cortesia Ana M. S. Bettencourt).



Figura 5.18 – Pormenor de vasos cerâmicos intencionalmente depositados no fundo da vala perimetral, no quadrante nordeste do Sector V do Pego (cortesia Ana M. S. Bettencourt).

O seu enchimento, junto à base, incluía a concentração anómala de seixos e blocos de diferentes dimensões, seguindo um alinhamento algo irregular mas mais ou menos homogéneo, bem como uma camada de coloração escura, com elevada presença de carvões (Fig. 5.19).

A combinação destes elementos foi interpretada como o que restou de uma paliçada de madeira, entretanto queimada, contrafortada com pedras. A corroborar esta interpretação refira-se, ainda, o buraco de poste 38, implementado na parede exterior da vala perimetral. O seu negativo detinha secção em “U” e media 20 cm de diâmetro e 74 cm de profundidade, denotando acentuada inclinação para o exterior. O seu enchimento incluía os restos de um tronco carbonizado com um diâmetro de cerca de 20 cm. A parte deste tronco que não estava enterrado foi descoberta tombada e queimado no topo e na extremidade exterior desta vala (Sampaio *et al.* 2008).

No conjunto, vala perimetral e paliçada teriam formado um recinto, apenas acessível pelo lado sul, conforme se verificou pela presença de uma abertura com cerca de 4 metros. Posteriormente esta entrada terá sido realocada para su-sudoeste através do acrescento de, pelo menos, um “braço” de vala com 118 a 124 cm de largura no topo e 14 a 30 cm na base e

profundidade entre 65 e 102 cm, cujo terminal, à semelhança da primitiva vala, também alargava até aos 147 cm¹².



Figura 5.19 – Pormenor do enchimento da vala perimetral no Sector V do Pego onde é possível observar à direita a camada escura (resto dos troncos da paliçada queimados?) e alguns blocos graníticos (cunhas ou contrafortes?).

A datação de fuligem de uma das formas cerâmicas recolhidas no quadrante nordeste, no fundo desta vala, situa a sua construção entre os séculos XII e X AC (Sampaio & Bettencourt 2011). Por sua vez, o último uso da paliçada, através da datação do resto de um tronco carbonizado identificado *in situ*, terá ocorrido entre os séculos VIII e VI AC (Sampaio *et al.* 2008).

Sintetizando, o povoado do Pego, durante o Bronze Final, parece ter correspondido a uma área delimitada e circunscrita, relativamente pequena, em que só o topo e o início das

¹² Não foi possível localizar o braço que se crê ter existido do lado contrário, ou seja, a oeste, devido ao facto de aí ter existido uma pedreira para extração de arena granítica.

pendentes parecem ter sido usados para a edificação de estruturas. É possível que a vertente sul, em parte delimitada por uma paliçada e, na qual não se encontraram estruturas do Bronze Final em negativo, possa ter tido algumas funções difíceis de determinar. Como hipótese de trabalho, questiona-se se esta área tenha tido alguma relação com a guarda de animais, com um qualquer espaço destinado a reuniões comunitárias ou outras quaisquer funções.

Sobre o povoado do Corgo, Vila do Conde, é possível que alguns dos negativos de estruturas identificados em níveis superiores se possam datar do Bronze Final.

Botelho (2014) afirma, conforme referido anteriormente, que a fase I deste povoado corresponde a cerca de meados do II milénio AC, mas afirma, também, existir um momento de ocupação que denomina de *Corgo II*, com correspondência com as camadas 5b/5c e 5a e com os planos de negativos 3 e 2 (Botelho 2013), portanto, estratigraficamente mais recente do que a fase anterior. Diz ainda aquela investigadora que as diferentes camadas 5, embora distintas entre si, são semelhantes “*pela identificação de superfícies sem compactação (...) mesmo ao nível dos planos de decapagem articulados com as estruturas de combustão*” (Botelho 2013:586). Subdivide esta fase de ocupação em dois momentos, *Corgo IIA* e *Corgo IIB*. À primeira faz corresponder o plano de negativos 3, o qual “*seria delimitado por sul pelo fosso I, e em que entre as formas habitacionais figuraria a retangular*” Botelho 2013: 587) (Fig. 5.20). Por sua vez, à fase do *Corgo IIB*, faz corresponder o plano do negativo 2, “*em cujo limite se identificou uma outra cabana em segmento de círculo*”.

Perante estes dados e o achado de alguns moldes para fabrico de objetos metálicos que puderam ser estudados e que, em momento oportuno, serão apresentados, é de acreditar que o fosso e as estruturas referidas poderão ser genericamente enquadradas no Bronze Final, assim como as cabanas de contorno retangular, com paralelos com a ocupação da fase final do Bronze Final de Punta de Muros, A Coruña, embora aqui a parte basal das habitações tenha sido construída em pedra (Cano Pan & Filgueiras de Brage 2010a, 2010b).



Figura 5.20 – Em cima, vista aérea do Corgo onde se observa, à direita, o fosso¹³; centro: pormenor do referido fosso¹⁴. Em baixo, alinhamento de buracos de poste traduzindo uma estrutura de formato retangular¹⁵.

¹³ Fonte: <https://plus.google.com/photos/105822037648216006226/albums/5864878888953414609?authkey=CKSnyM2o3qWErgE>.

No povoado do Alto da Cidade, em Braga, parcialmente escavado em várias campanhas de que se foram publicando os resultados (Martins 1990; Bettencourt 2000a), foram identificadas 11 fossas de dimensões, seções e bases variadas, em alguns casos estrangulando na boca (em forma de “saco”), e, também, 3 ou 4 buracos de poste (Tab. 5.6). Estas estruturas distribuíam-se na plataforma superior da colina e no início da pendente nordeste.

Tabela 5.6 – Características das estruturas em negativo do Alto da Cidade

Fossa	Contorno	Secção	Dimensões (em cm)		Obs.
			Largura	Profundidade	
1	nd	Subcircular	80	40	–
2	nd	Retangular	66	60	–
3	nd	Subretangular	100	90	–
4	nd	Subovóide	c. 82	112	Estrangulada no topo
5	nd	Subovóide	108	130	Irregular
6	nd	Subcircular	90	56	–
7	nd	Subovóide	82	104	–
8	nd	Subcircular	c. 60	?	–
9	nd	Ovóide	c. 120	c. 120	–
10	nd	Troncocónico	c. 118/130	89	Perturbada por muro
11	nd	Subovóide	110	c. 112	–

BP	Contorno	Secção	Dimensão		Obs.
			Largura	Profundidade	
1	Subcircular	nd	22	10	–
2	Subcircular	nd	24	4	–
3	Retangular	nd	26/40	16	–
4	nd	nd	nd	nd	–

Infelizmente, os dados das escavações arqueológicas mais antigas (executadas entre 1977 e 1979) disponibilizam informação desigual quanto às estruturas identificadas. Não há qualquer menção, dada a impossibilidade do registo disponível, aos contornos em plano das fossas. No que respeita às suas secções, predominam as subovóides (36,4%), seguidas das subcirculares (27,3%) e, com 9,1%, apenas com um exemplar cada, das ovais, troncocónicas, retangulares e das subretangulares. Relativamente às dimensões do diâmetro verifica-se que variam entre cerca de 60 e 130 cm, sendo que a profundidade oscila entre os 40 e os 130 cm. Uma das fossas apresentava ligeiro estrangulamento na “boca” (fossa 4).

Quanto aos buracos de poste, na ausência de dados relativos às suas secções, ocorre o predomínio dos contornos circulares (50%), seguidos de um exemplar de formato retangular e de um de formato indeterminado (25% cada). As dimensões dos diâmetros são variáveis entre os 22 e 40 cm e profundidades oscilantes entre os 4 e 16 cm, o que faz pressupor o uso de troncos de dimensões consideráveis nas estruturas em materiais perecíveis ali construídas.

¹⁴ Fonte: <https://plus.google.com/photos/105822037648216006226/albums/5864878888953414609?authkey=CKSnyM2o3qWErgE>.

¹⁵ Fonte: <http://www.apai.org.pt/m1/1227717902sub.65.2.pdf>.

Bettencourt (2000a: 29) defendeu que, no conjunto, estruturas e espólio indiciam uma “*distribuição espacial (...) [que] parece espalhar-se por uma área considerável*”, o que “*poderá apoiar (...) um tipo de ocupação de curta/média duração*”, funcionando “*como “povoado” de vocação essencialmente agrícola*”. Mais recentemente esta autora (Bettencourt 2013b), com base nos achados de cerâmicas da Idade do Bronze onde agora se encontra edificado o Museu D. Diogo de Sousa, colocou a hipótese deste povoado se ter distribuído pela vertente este, estendendo-se em direção ao rio Este.

No povoado da Tapada da Venda/Pedroso, em Celorico de Basto, tal como já afirmado anteriormente, não foi possível isolar quais as estruturas poderiam ser enquadradas no Bronze Final, embora se perceba tratar-se de um povoado onde abundam fossas abertas no solo e no substrato rochoso, bem como buracos de poste, estes similares aos encontrados em contextos semelhantes que ocuparam colinas de vales agrícolas. De valorizar uma grande vala, com cerca de 3 metros de largura e de profundidade desconhecida (mas não muito funda, cerca de 1,5 metros), que se observa nas fotografias das escavações de 1978 gentilmente cedidas pelo Museu D. Diogo de Sousa (Fig. 5.21).



Figura 5.21 – Vala que circundaria os vestígios escavados em Tapada da Venda/Pedroso (cortesia M.D.D.S., Braga).

Apesar de não constar na planta efetuada na altura, pelo seu enchimento (bastante mais escuro do que o solo de superfície) e pela sua localização (a nascente da área onde ocorrem as fossas, empedrados e buracos de poste e no limite entre a área aplanada e uma pendente sobranceira a um curso de água), poderia corresponder a uma vala perimetral de uma eventual cerca ou paliçada que circunscreveria o povoado. Repetir-se-ia aqui o mesmo modelo de

ocupação do Pego, durante o Bronze Final, embora este local aparente uma dimensão maior? Só novas escavações poderão clarificar tal ilação.

Quanto aos povoados de altitude podemos dizer que os trabalhos de escavação no sítio de Santa Marta da Falperra, em Braga, permitiram colocar a descoberto um interessante conjunto de estruturas, entre as quais lareiras, pavimentos de hipotéticas cabanas, níveis de ocupação/abandono, buracos de poste e pequenos valados. Estes dados, recolhidos pela intervenção iniciada por M. Martins em 1984 e publicados por Bettencourt (1999, 2000a), tinham como objetivo definir a sequenciação crono-estratigráfica do local. A ocupação do Bronze Final, datada pelo aparecimento de um fragmento de cerâmica de retícula brunida, de importação, no seio de cerâmicas técnica e morfologicamente da Idade do Bronze, encontrava-se no topo do monte (Bettencourt 2000a).

Esta ocupação dilatada no tempo, como se atesta pelas sucessivas sobreposições observáveis no perfil estratigráfico da área escavada, o designado Sector B1, denunciava *“pavimentos que podemos supor de cabanas, algumas lareiras e possíveis buracos de poste”*, sendo que *“associado ao pavimento da camada 21 foi detetado um sulco, semicircular, de cerca de 8cm de largura”* (Bettencourt 2000a: 144), compatível com um pequeno valado. No interior deste *“encontrava-se uma lareira, de 20 cm de diâmetro, e no exterior uma fossa (...), com cerca de 62cm de diâmetro por 22/28cm de profundidade”* (Bettencourt 2000a: 144).

Destaque, ainda, para a camada 29, onde *“dois buracos de poste, formando o que parece um alinhamento curvo, (...) poderiam estar associados à delimitação de uma cabana”* (Bettencourt 2000a: 144). Há, também, uma pequena depressão parcialmente aberta no arena granítica com 40 cm de diâmetro e no interior da qual, ao centro, foi detetada *“uma mancha de terra negra, circular, que foi associada ao enchimento de um vaso, do qual se recolheu 1 fragmento de urna (?)”*, sendo que imediatamente no exterior desta foi igualmente registada a presença de um buraco de poste com 10 cm de diâmetros e 28 cm de profundidade (Bettencourt 2000a: 144).

No povoado de Vasconcelos foram identificados os alicerces e o derrube de uma muralha com cerca de 2,70 m de largura que circundaria, pelo quadrante norte, a plataforma cimeira. A parede externa deste elemento construtivo, alisada, foi conseguida utilizando pedras de grandes dimensões, e a parede interna recorrendo ao uso de pedras de menores dimensões. Ambas as paredes teriam sido, posteriormente, preenchidas no seu interior com terra e pedra miúda (Fig. 5.22).

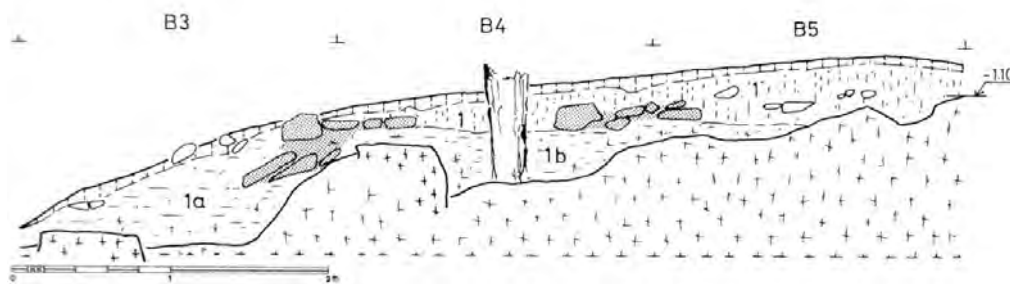


Figura 5.22 – Perfil e alçado da muralha de Vasconcelos (adaptado de Bettencourt 2000a).

A datação radiométrica desta área situou-se entre os séculos VII e VI AC (Bettencourt 1999, 2000a), permitindo perceber uma “*ocupação e monumentalização do tabuleiro superior do monte (...), concentrada, de reduzidas dimensões espaciais e com espólio escasso*” (Bettencourt 2000a: 287).

Apesar de não ter sido considerado um povoado mas uma ocupação de apoio às atividades de deposição do Monte da Penha, em Santa Catarina, em Guimarães, entre a imponente penedia granítica foi detetado “*um lajeado de pedras dispostas na horizontal e saibro bem compactado, apresentando cor de tonalidade mais alaranjada, por acção do fogo nalguns locais*” que cobria um lajeado granítico (Bettencourt *et al.* 2003b: 170) (Fig. 5.23). O seu contorno, aparentemente ovalizado, pela projeção que se pode fazer da parte escavada, mediria c. de 1 m de comprimento no sentido noroeste-sudeste por 0,90 m no sentido nordeste-sudoeste.

Por fim, resta referir os níveis de ocupação mais antigos do povoado de Penices, em Vila Nova de Famalicão, implementado num remate de esporão de baixa altitude sobranceiro ao rio Este, tendo sido ocupado desde os finais do Bronze Final à Idade do Ferro.

Apesar de uma das datas de radiocarbono mais antigas ter um desvio padrão lato (ICEN-467 2649±60), a sua calibração situa o momento da primeira ocupação deste local entre os séculos X e VIII AC (938-750 Cal. 2 Sigma, com 89,6% de probabilidade), embora segundo o autor “*According to the few radiocarbon dates available for the earlier layers (...), this phase could have lasted from circa 968 to 380 BC*” (Queiroga 1992: 43). Os materiais cerâmicos aí detetados, tal como refere Dinis (1993/1994), têm um “*aspecto arcaizante dentro da cerâmica castreja. As pastas são micáceas, mas a percentagem de micas harmoniza com a de grânulos de quartzo e de feldspato. A composição das pastas, alisamento e cozedura lembra-nos técnicas remanescentes dos finais da Idade do Bronze (...). O aparecimento de um fragmento de cerâmica grega evidencia a existência de contactos supra-regionais, estabelecidos a partir da*

costa", o que fez Queiroga (1992:30) considerar esta ocupação de entre os séculos VIII e V AC ou, talvez, em torno do século VI a.C., se for considerado o fragmento de cerâmica grega. As estruturas identificadas atribuídas a este primeiro nível correspondem a restos de fundos de cabana em argila e arena granítica compactado e a alguns buracos de poste. (Fig. 5.24).

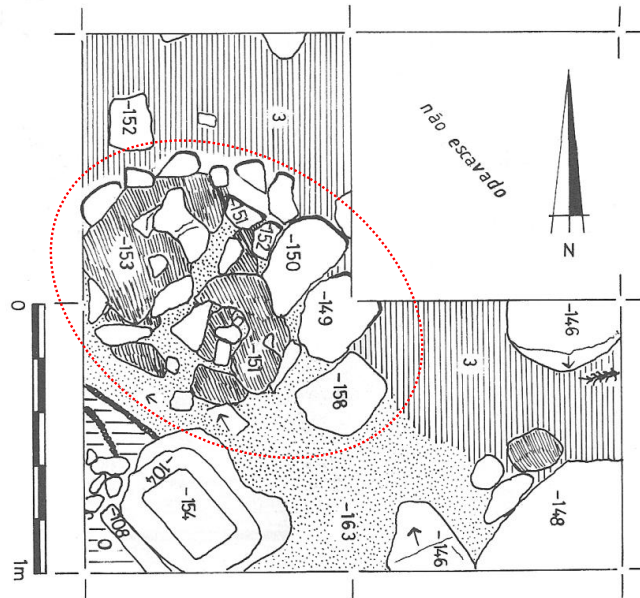


Figura 5.23 – Restos do pavimento detetado em Santa Catarina (a tracejado vermelho) (Bettencourt *et al.* 2003b).

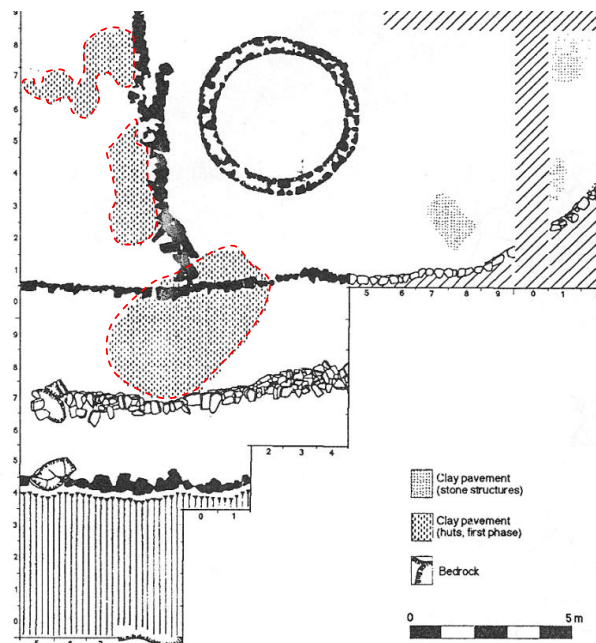


Figura 5.24 – Plano final de área de Penices onde se detetaram fundos de cabana (a tracejado vermelho) datáveis da fase mais antiga de ocupação do local (adaptado de Queiroga 1992).

No conjunto, e pese embora a séria destruição ocorrida pela edificação de edifícios em fase posterior, aqueles indícios parecem denunciar uma ocupação “*showing a reasonably high occupation density*” (Queiroga 1992: 30). Tendencialmente circulares, algumas destas cabanas integrariam no seu interior lareiras. Mais recentemente, Queiroga (2005) descreve melhor alguns dos elementos construtivos da fase mais antiga de Penices graças à identificação de uma cabana incarbonizada, a qual permitiu a coleta de um interessante conjunto de dados: “*os troncos eram enterrados no solo com uma equidistância de cerca de 10/20 centímetros, convergindo os extremos para o centro de círculo ou, nas plantas ovais, para uma linha de cumeeira*” (Queiroga 2005: 157). Esta última descrição pensa-se poder ter correspondência, talvez, com o apoio de um telhado de duas águas. Continua aquele autor a referir, com base no estudo de Figueiral (1993), que em Penices a maioria dos troncos utilizados eram de sobreiro, entre larga igual utilização de carvalhos. Além disso, “*O espaço entre troncos era colmatado com um ondulado de ramos em alinhamento horizontal, o qual se destinava a manter o espaçamento dos troncos e a conferir coesão à estrutura*” (Queiroga 2005: 157), além de que o alinhamento de troncos foi reforçado com pedras em fiada, quiçá servindo de contraforte. Finalmente, o conjunto seria “*recoberto, e calafetado, com uma camada de argila, bem calcada, a qual encontrava alguma coesão ao imbricar no manto de ramagens*” (Queiroga 2005: 157).

Também a esta primeira fase de ocupação se atribui uma muralha de pedra, com cerca de 3 m de espessura, composta por muro duplo preenchido com pedras de menores dimensões (Queiroga 1992: 42) posteriormente alargada para o dobro (Dinis 1993/1994). No trabalho de 2005 Queiroga especifica que “*Na muralha da primeira fase do castro de Penices vemos o modelo da génese de parede dobrada, com as faces exteriores pouco cuidadas, e as pedras de dimensões muito variadas arranjadas um pouco ao acaso, sem preocupações de travamento*” (Queiroga 2005: 159).

Com o intuito de obter uma imagem da distribuição dos povoados do Bronze Final a sua localização foi ilustrada na Figura 5.25.

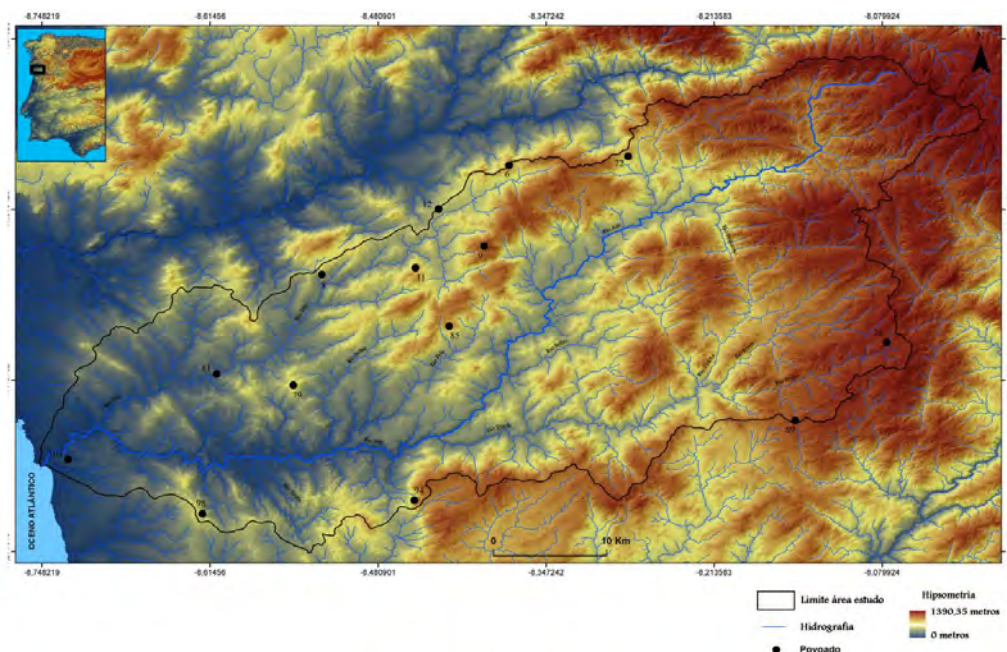


Figura 5.25 – Mapa hipsométrico do Vale do Ave com a distribuição do povoamento do Bronze Final: 6. Vasconcelos (Braga); 8. Pego (Braga); 9. Santa Marta da Falperra (Braga); 11. Lajes (Braga); 12. Alto da Cidade (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 72. Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso); 79. Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão); 81. Penices (Vila Nova de Famalicão); 85. Vermoim (Vila Nova de Famalicão); 89. Senhora Aparecida (Felgueiras); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 98. Alvarelhos (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde).

Em resumo, de um modo geral, tanto para o Bronze Médio como para o Bronze Final da bacia do Ave, o que os vestígios das estruturas deixam pressupor é o uso maioritário de materiais perecíveis nas construções em positivo. No entanto, devem ser referidas algumas exceções ocorridas no fim do Bronze Final ou já em momentos de transição para a Idade do Ferro, momento em que ocorrem muralhas de pedra.

Os materiais mais usados nas construções de cabanas seriam troncos, ramos, argila, arena granítica, areia e algumas pedras. O dado mais concreto de que se dispõe é relativo ao uso de troncos, tanto servindo de postes para suportar várias estruturas, como para delimitá-las, conforme se atesta pelos negativos identificados em vários povoados (Pego, Quinta do Amorim, Corgo, Alto da Cidade, Tapada da Venda, Falperra, Penices). A grande maioria das suas dimensões situa-se no intervalo entre os 10 e 28 (verificar depois de ver os do Pego) cm, compatível com o uso de troncos que confeririam robustez às estruturas em positivo, o que é concordante com o que tem sido verificado noutros contextos do Noroeste peninsular, datados deste o Calcolítico ao Bronze Médio (Martín-Seijo *et al.* 2012). Tal demonstra, igualmente, um

grande investimento em tempo de horas para o seu abate, corte e transporte, desde os bosques e matos, mesmo que próximos dos povoados.

Em alguns casos o revestimento destas estruturas em madeira seria consolidado e/ou impermeabilizado com argila, como indiciam os fragmentos de barro tosco, com negativos de ramos, recolhidos nas imediações e nos níveis superiores dos buracos de poste do Pego, bem como os que o signatário teve oportunidade de observar entre os materiais cerâmicos do Corgo.

O uso de pedra foi identificado, esporadicamente, em estruturas de combustão (Pego), em pavimentos ou parte deles, talvez também a lajeados (Santa Catarina) e na construção de muralhas (Vasconcelos e Penices), neste caso dispostas a seco e usando pedras de formato irregular, embora não seja de descartar a hipótese de originalmente terem algum elemento de ligação que as consolidasse, como argila ou terra húmida¹⁶, elemento entretanto desaparecido com o tempo.

Praticamente não há pisos de cabanas relacionados com o Bronze Médio, com exceção do referido para o momento denominado de *Corgo I* que, pela parte escavada observada na fotografia, parece corresponder a uma cabana circular de dimensões consideráveis, ao qual se parecia associar o valado 34, que talvez corresponda apenas à infraestrutura da sua parede efetuada com troncos e ramos de árvores e arbustivas. No Noroeste português apenas conhecemos o negativo de partes de duas cabanas para este período, encontradas no povoado da Sola IIb, cujos buracos de poste parecem definir uma estruturas oval no corte 1, ao contrário do que foi publicado por Bettencourt (2000a), e uma circular no corte 6, ambas bastante distintas da estrutura do Corgo.

Para o Bronze Final há evidências de eventuais cabanas retangulares, tanto no Pego como no Corgo, ambos povoados de colinas, o que sendo inédito no Noroeste português encontra paralelos na ocupação dos finais do Bronze Final de Punta de Muros, Arteixo, A Coruña, embora aqui a parte basal das habitações tenha sido construída em pedra (Cano Pan & Filgueiras de Brage 2010a, 2010b). Em Penices, o único piso de cabana preservado tem um contorno oval, cujos paralelos mais próximos podem ser os povoados costeiros dos fins do Bronze Final, como é o caso da primeira ocupação do Coto da Pena, Caminha (Silva 1986) e de parte de uma cabana de Torroso, Mos, Pontevedra (Peña Santos, 1992), embora também nestes exemplos a parte basal das estruturas desses povoados tenha sido construída em pedra.

¹⁶ A consolidação de muitos muros de divisão de propriedade rurais, ainda durante o século XX, era efetuada com terra e água, pelo menos, do Centro-Norte de Portugal, segundo testemunhos orais.

Apenas na ocupação indeterminada de Santa Catarina apareceu o que parece ser o resto de um pavimento de contorno circular, mas a sua área de escavação é muito pequena para que tal seja afirmado sem quaisquer reservas.

Para os povoados do Bronze Médio não encontramos dados concretos de que teriam sido rodeados ou delimitados por cercas, paliçadas, fossos, muretes, muralhas, etc. Esse facto apenas parece ocorrer no Bronze Final, embora o valado do Tapado da Venda/Pedroso esteja por datar. Estruturas de delimitação existem nos povoados de vale, como no Corgo e Pego, com um fosso e uma paliçada, respetivamente. Paliçadas são conhecidas noutros contextos do Bronze Final, como no Barbudo, Vila Verde, um povoado de altura (Martins 1989). Se bem que a construção da paliçada do Barbudo se possa situar entre os séculos IX e VIII AC, o mais provável é que tenha sido construída no século IX AC, pelas várias probabilidades verificadas a 1 e 2 sigmas. A do Pego parece ter sido construída bem mais cedo, entre os séculos XII e X, pelo que, pelo menos na bacia do rio Ave, este fenómeno ocorre mais cedo do que alguns autores defendem, como é o caso de Ayán Vila (2008).

O recurso à edificação de “muralhas” de pedra solta verifica-se, apenas, nos povoados de Penices (de baixa altitude) e de Vasconcelos (em altura), que terão ocorrido em fases já bem avançadas do Bronze Final ou da transição para a Idade do Ferro, algures entre os séculos VII e V AC. Paralelos para esta situação encontram-se nos povoados litorais ou perto do litoral do Noroeste, como Coto da Pena, Caminha (Silva 1986), Torroso, Mós, Pontevedra (Peña Santos, 1992) e Punta de Muros Arteixo, A Coruña (Cano Pan & Filgueiras de Brage, 2010a, 2010b), embora também ocorram em contextos mais interiores, como Vila Cova-a-Coelheira, Vila Nova de Paiva (Loureiro & Valinho 2000), Cividade, Arouca (Silva & Leite 2010), S. Julião, Vila Verde (Martins 1988; Bettencourt 2000a), Castelo de Matos, Baião (Figueiral & Queiroga 1988) ou mesmo no recinto de Chão Sanmartín, Astúrias (Villa Valdez & Cabo Pérez 2003). Perante este quadro e o fenómeno tardio de implantação de muralhas, concorda-se em absoluto com Jorge (1983/1984, 1991, 1996) e com Bettencourt (1999) quando defendem que estes elementos arquitetónicos não são uma característica típica do Bronze Final, apesar de esta ideia estar muito difundida entre alguns autores (como é exemplo González Ruibal 2006/2007).

1.4. Lógica do povoamento e suas eventuais interpretações

As “modalidades” de ocupação do espaço (colinas de vale, vertentes médias, planaltos de média altitude ou topos de orografias) definidas para o Bronze Médio e Bronze Final

denunciam elevada heterogeneidade. Ainda assim, se para o Bronze Médio parece haver uma preferência pela ocupação de zonas abrigadas, o Bronze Final desloca essa tendência para o topo de orografias de considerável altitude.

1.4.1. O Bronze Médio

De uma forma geral, com uma exceção (Monte Padrão), os povoados do Bronze Médio encontram-se em sítios abrigados e vinculados a vales com potencialidades agrícola, apresentando sempre, quando escavados, estruturas em fossa (Quinta do Amorim, Pego, Corgo e Tapada da Venda).

Crê-se que esta lógica do povoamento se relaciona, por um lado, com as condições ambientais, mais frias e secas durante esta fase (Fábregas Valcárce *et al.* 2003; Martínez Cortizas *et al.* 2009), mas, também, com a ação das restantes esferas sociais, com especial ênfase para as fontes de subsistência. Ao longo de toda a Idade do Bronze mas, em particular, a partir de 3500 BP, as colunas polínicas do Noroeste mostram uma desflorestação acentuada provocada pela crescente antropização (Ramil Rego 1993a; Ramil Rego *et al.* 1998, 2010). Este facto, aliado à introdução do milho-miúdo (Bettencourt 1999, 2003; Bettencourt *et al.* 2007; Tereso 2012), evidencia um sistema agro-silvo-pastoril já bem implementado, com repercussão numa crescente sedentarização. De resto esta é, também, a proposta de Bettencourt *et al.* (2007; Bettencourt 2009a, 2013a) a um nível mais generalista, que se parece coadunar com os dados da bacia do rio Ave. De notar que, apesar de poucos dados paleocarpológicos obtidos para o vale do Ave, uma vez que as colunas polínicas do povoado do Corgo denunciaram contaminação com espécies recentes (Ribeiro *et al.* 2010), os resultados do estudo antracológico de carvões recolhidas no valado 34 deste povoado demonstram a presença de espécies arbustivas e sinantrópicas nas suas imediações (Queiroz 2010), ou seja, um coberto vegetal que se desenvolve após o uso intensivo dos solos para práticas agro-pastoris.

Durante este período há, por vezes, povoados de grandes dimensões, com núcleos de estruturas bem distantes umas das outras, como é o caso da Quinta do Amorim, o que poderá indiciar, nestes casos, um povoamento disperso segundo as propostas de Harding (2000), à volta dos quais estariam os campos agrícolas.

Mas também existem sítios vinculados com vales e com estruturas em fossa, aparentemente mais pequenos e circunscritos, como nos indiciam os dados recolhidos no povoado do Pego. Estas características indiciam um povoamento mais concentrado, o que

permite questionar se a sua funcionalidade ou a sua diacronia de uso não seria distinta de outros tipos de sítios, podendo, talvez, ter um carácter mais sazonal do que, por exemplo, o da Quinta do Amorim.

Há também que ter em conta a ocupação num sítio de altura, o Monte Padrão. Estaria esta ocupação mais ligada a práticas pastoris e/ou agrícolas desempenhadas em solos magros de tipo *ranke*?

Os processos de produção metalúrgica em bronze encontram-se igualmente bem dominados, como o demonstram as ligas dos artefactos metálicos deste período (Comendador Rey & Bettencourt 2007, 2011; Senna-Martinez 2013), pelo que é possível que alguns povoados do Bronze Médio se possam relacionar com áreas ricas em recursos mineiros. Tal são exemplo os povoados de Pego, de Frijão, de Monte Padrão e de Corgo, muito próximos de jazidas primárias e/ou secundárias de minérios de estanho.

De qualquer modo, apesar da importância das práticas de subsistência e metalúrgicas, houve certamente aspetos de ordem simbólica e cosmológica que condicionaram a distribuição do povoamento, assunto que será aprofundado mais adiante.

1.4.2. O Bronze Final

Conforme referido anteriormente, ao longo do Bronze Final o povoamento parece aumentar consideravelmente, acentuando-se a preferência por locais de altitude, com bom domínio visual sobre zonas naturais de circulação, como as linhas de cumeada e os vales circundantes. Ainda assim, mantêm-se as ocupações de vale ou de planalto, por vezes em lugares já ocupados no Bronze Médio (Pego, Tapada da Venda, Corgo, Monte Padrão).

Sem quaisquer pretensões de determinismo dir-se-á que as ocupações em sítios altos beneficiam da melhoria das condições climáticas verificadas a partir dos finais do II milénio AC (Martínez Cortizas *et al.* 2009; Ramil Rego *et al.* 2010), no quadro de temperaturas superficiais da água do mar superiores às atuais e ventos fracos e pouco constantes predominantes do setor norte e noroeste (Soares 2010). De qualquer forma, será necessário procurar outros fatores que expliquem tal opção. Neste cenário não deverão ser esquecidas as esferas de âmbito social, económico e cosmológico. De destacar, em especial, a intensificação dos contactos suprarregionais ligados com a extração e circulação de produtos associados com diferentes minérios, como o estanho e o ouro. A presença de um maior número de pessoas a circular pelo

território poderá, também, ter favorecido o aparecimento de locais geoestratégicos de controlo de diferentes vias de trânsito.

É curioso observar que os povoados implementados em altura, assim como Penices, no vale (uma exceção), não evidenciam a presença de fossas ou, quando estas existem, são pequenos covachos pontuais (Santa Marta da Falperra), contrariamente ao que se verifica nas ocupações próximas de vales ou de planaltos com boas aptidões agrícolas. Nestes verificam-se, por vezes, delimitações entre os espaços interiores e exteriores dos povoados. É o caso do Pego, onde apenas no interior da paliçada ocorrem fossas, buracos de poste e uma estrutura que se crê associada à atividade metalúrgica. A considerar as datas de radiocarbono, essa paliçada teria sido construída entre os séculos XII/X AC, permanecendo ativa até aos séculos VIII/VI AC, momento em que terá arduido. Tratar-se-ia de um pequeno povoado sazonal de vocação agrícola? De um lugar fixo de pequena dimensão? Ou de um lugar específico para guardar provisões alimentares da comunidade, ou seja, de um celeiro comunitário, bem guardado por uma monumental paliçada de madeira e por determinados membros da comunidade? Neste caso, onde viveriam as populações que frequentavam este local e que para ali traziam as provisões? Num povoado próximo ainda não descoberto?

Em relação à primeira questão, acredita-se que para uma ocupação sazonal não se justificaria o grande investimento efetuado com a construção da vala perimetral e da paliçada. Assim, as hipóteses de um pequeno povoado fixo, habitado por um grupo restrito de pessoas (só conhecemos indícios de uma cabana apesar de ter sido escavado sensivelmente apenas metade da área circunscrita), ou de um celeiro de usufruto comunal, parecem as mais viáveis.

Nesta perspetiva podemos questionar se a “vala” identificada no povoado de Tapado da Venda/Pedroso e o “fosso”¹⁷ no povoado do Corgo não poderiam ter cumprido funções semelhantes ao que aqui se hipotetiza, ou seja, as de isolar as estruturas do restante espaço de vivência, restringindo o seu acesso e, ao mesmo tempo, protegendo os bens da comunidade.

A pergunta que se impõe obrigatoriamente é o que poderá estar por detrás da variedade de ocupação do espaço observada?

Parece que a articulação em rede entre os vários povoados distribuídos em diferentes pontos do território, aos quais caberiam papéis distintos e complementares, no quadro de uma

¹⁷ Na verdade, não há grandes dados sobre esta estrutura, pelo que não se sabe se no seu interior teria existido uma paliçada numa das suas extremidades (ou mesmo no seu topo imediato), pois as publicações e os relatórios de escavação são pouco explícitos e as fotografias antigas pouco nítidas.

multiplicidade de ações quotidianas e no contexto de uma paisagem bem estruturada, será a leitura mais coerente.

Assim, coloca-se a hipótese dos povoados de altura terem funcionado como locais de apropriação e de legitimação de fronteiras físicas e simbólicas pré-existentes – além de serem, igualmente, locais geoestratégicos de controlo de diferentes vias de trânsito –, tendo em atenção a liminaridade (valorizando áreas de contacto entre diferentes cursos de água e vales, ocupando o cume de diferentes montes, posicionados em zona de encruzilhada ou de confluência de caminhos) e/ou a impressividade (grandeza e profusão granítica) dos locais que ocuparam. Em abono desta hipótese refira-se a “marcação” de alguns destes sítios, por vezes ocorrida ou materializada em tempos anteriores, como sucede com o povoado de Santa Marta da Falperra, onde se conhece a existência de gravuras rupestres de estilo atlântico (Bellino 1909). No caso do Castro de Lanhoso é marcante o domo granítico situado na plataforma no qual se implantou. O povoado de Senhora Aparecida, por sua vez, ocupa uma elevação que se destaca da envolvência, que do seu alto detém uma amplitude visual imensa. Seriam, assim, lugares de destaque escolhidos para serem vistos pelas populações que vivenciavam o restante território, locais com os quais as comunidades se reviam e identificavam em termos identitários. Numa linguagem mais clássica, poderiam ter funcionado como pontos centrais/fulcrais no seio de processos de territorialização do espaço e da criação de “fronteiras”. Contudo, estas hipóteses implicam um contínuo trabalho, a fim de, no futuro, serem confirmadas ou infirmadas.

Quanto aos povoados de altitude mais baixa, onde se regista a presença de fossas, o seu papel complementar parece ter contribuído para o desenvolvimento das práticas quotidianas e essenciais, no quadro de uma economia de base agro-silvo-pastoril e de processamento de recursos necessários à subsistência. Alguns destes sítios, como sucede com o caso do Pego, parecem ter valorizado a proximidade a ocupações anteriores. Reconhecendo e respeitando a sua ancestralidade, processos de memória coletiva poderão estar por detrás da frequência de um espaço originalmente construído para a morte que, posteriormente, parece ganhar novos sentidos sociais e cosmológicos.

Penices, por seu turno, parece ser um povoado que se afasta deste modelo. Talvez por ser mais tardio e por, aparentemente, estar muito vocacionado para a exploração mineira e para o intercâmbio das matérias-primas daí resultantes, como se parece depreender pela sua proximidade a fontes primárias e, possivelmente, secundárias de estanho, assim como pela presença da cerâmica grega, indicio de contactos suprarregionais.

É nos finais do Bronze Final ou já no período de transição para a Idade do Ferro, entre os séculos VII e V AC, que é fomentada a construção de muralhas na bacia do Ave. Estas aparecem em Vasconcelos, um lugar de altura, no curso superior do vale do Este, e em Penices, um lugar de baixa altitude sobranceiro ao curso inferior do rio Este e muito perto da costa atlântica, a cerca de 15 km para nascente.

Como explicar este fenómeno que não parece de todo generalizado? Talvez este novo e imponente elemento construtivo se possa relacionar com a crescente pressão sentida pelos grupos humanos, ocorrida nalguns locais, num processo que culminou no desenvolvimento de células habitacionais com papéis sociais dissemelhantes. Mas que pressão será esta ou o que poderá ter espoletado tais reações?

Para Penices, as suas particularidades e o facto de o rio Ave ainda terminar, durante a Idade do Bronze, num grande golfo onde seria fácil entrar e atracar, a explicação poderia ser a crescente pressão exercida pela presença forânea na região, resultante dos contactos cada vez mais intensos com o mundo meridional, concretamente, com povos púnicos. A muralha constituiria, assim, uma forma de afirmação da identidade e do poder local face à população alógena com quem se negocia, provavelmente, o estanho. Mas para Vasconcelos as condições são particulares. Não há evidências de recursos mineiros nas proximidades, e a sua localização, em plena serra do Carvalho, denuncia ótimas condições para a pastorícia. É, também, um lugar com uma excelente visualização do meio circundante, extensível a 360 graus, dominando grande parte do curso superior do rio Este e parte do rio Cávado. Neste caso as razões da construção de muralhas teria que ser distinta. Como tal, o fenómeno da monumentalização terá que ter, a nível regional e do Noroeste, diferentes explicações, talvez algumas definindo lugares de carácter mais prático e funcional enquanto outras definindo lugares de encontro ou cerimoniais, tal como defende Bettencourt (2005, 2013b, 2014) para certos sítios monumentalizados do Bronze Final.

2. As práticas funerárias

2.1. Introdução

Tentando contrariar a tendente redução do papel do defunto a mero objeto e defendendo a compreensão holística das ações funerárias, pretende-se a articulação das suas particularidades com os lugares coetâneos da Idade do Bronze conhecidos na bacia do rio Ave, área em que se admite que as mesmas comunidades tenham circulado e interagido. Tal exercício pressupõe, antes de tudo, a conveniente sistematização dos dados conhecidos para a morte na área de estudo. Assim, foi opção dividir o estudo dos contextos e das práticas funerárias em quatro itens, a saber: contextos de tumulação, incidindo sobre as arquiteturas ou os espaços escolhidos para o enterramento; práticas funerárias, discorrendo sobre o tratamento dado aos corpos e as ações fúnebres; o contexto espacial e arqueológico dos enterramentos; e, finalmente, as considerações finais.

Condicionado pela ausência de ossadas humanas resultante da acidez dos solos locais, o desenvolvimento da Arqueologia da Morte no Noroeste português viu, comparativamente a outras áreas do país, o seu raio de ação reduzido. O entendimento da dinâmica da organização e da estruturação das sociedades locais e do papel dos géneros, ou a identificação de paleopatologias, de paleodietas, de esperança média de vida ou de modos de vivência quotidiana, cujos resultados podem advir do estudo direto de restos osteológicos humanos, são objetivos importantes. Contudo, perante condições aparentemente adversas, uma postura interpretativa e contextual tem contribuído para o avanço do conhecimento e, paralelamente, para o aflorar de questões, incentivando novas problemáticas de investigação.

Os primeiros vestígios relativos aos contextos funerários conhecidos para o vale do rio Ave são dados a conhecer por pequenas notícias da especialidade, resultantes de achados ocasionais (Sarmiento 1888a; Sarmiento 1901b, Fortes 1905-1908b; Vasconcelos 1912, 1913b; Lima 1915; Santarém 1956b), ou de pequenas explorações (Guimarães 1900).

Após ligeiro interregno, a partir do último terço do século passado tornaram a aumentar os dados arqueológicos relativos a contextos funerários ou a presumíveis contextos funerários (Cardoso 1971; Sanches 1982; Silva 1985; Bettencourt 1995, 1999; Cruz & Gonçalves 1998/1999; Barbosa & Azevedo 2004-2005; Dinis *et al.* 2005; Canha *et al.* 2005; Sampaio *et al.* 2008; Martins *et al.* 2010a, 2010b, 2010c; Vilas Boas & Bettencourt 2014a).

Os finais do século XX mas, principalmente, a primeira década do presente século viram florescer trabalhos de síntese sobre esta temática que englobam dados da bacia do Ave (Bettencourt 1997, 2008, 2009a, 2010a, 2010b). Além das aproximações contingentes para o Noroeste português e peninsular que facultam, estas vieram reforçar a ideia da multiplicidade de contextos funerários na fachada atlântica para toda a Idade do Bronze.

Conforme já foi dado a entender, a ambiguidade de alguns vestígios poderá levantar algumas dúvidas quanto ao seu carácter funerário. Como tal, e pese embora as justificações adiante apresentadas, a sua interpretação será sempre alvo de crítica, ausentes que são os indícios irrefutáveis – como ossadas humanas – que os corroborem com certeza.

Interessará também ressaltar que os dados disponíveis para os diferentes momentos da Idade do Bronze são distintos. Para o Bronze Inicial os contextos funerários estarão melhor representados comparativamente aos dados do povoamento para a mesma fase. O Bronze Médio é o período que reúne mais dados relativos à morte. Para o Bronze Final os dados são inexistentes.

2.2. Contextos de tumulação

Incluindo os contextos hipoteticamente funerários, o número total de sítios arqueológicos ascende a 23¹ (Tabs. 5.7 a 5.12). Entre as tipologias de contextos seguramente funerários e mais comuns figuram as estruturas em negativo como sepulturas planas e fossas, isoladas ou agrupadas, neste caso formando necrópoles, e os monumentos sob *tumuli* de tradição megalítica.

Outros monumentos apresentam arquiteturas mais complexas. São exemplo a estrutura cistoide em fossa rodeada por *cairn* pétreo e a câmara retangular definida por “muros” duplos, em fossa, identificados no sítio de Vale Ferreiro, e o recinto definido por alinhamento pétreo denominado de Granjinhos, em Braga.

As reutilizações de monumentos megalíticos são escassamente conhecidas, talvez pelo facto de, nesta área geográfica, serem ainda poucos os monumentos deste tipo escavados.

Tabela 5.7 – Monumentos sob *tumuli* na bacia do Ave

Sítio	Tipo de monumento	Contexto	Crono.	Bibliografia
Vale Chão 1	Mon. sob <i>tumulus</i>	Necrópole	BI e BM	Loureiro 2007, Vilas Boas 2014a, 2014b
Vale Chão 2	Mon. sob <i>tumulus</i>	Necrópole	B	Loureiro 2007, Vilas Boas 2014a, 2014b
Vale Chão 4	Mon. sob <i>tumulus</i>	Necrópole	B	Vilas Boas 2014a, 2014b
Carvalho 1	Mon. sob <i>tumulus</i>	Necrópole	B	Vilas Boas 2014a, 2014b
Carvalho 2	Mon. sob <i>tumulus</i>	Necrópole	B	Vilas Boas 2014a, 2014b

¹ Nos casos dos monumentos sob *tumuli* de Vale de Chãos 1, 2 e 4 e de Carvalho 1 e 2 e dos diferentes monumentos funerários de Vale Ferreiro foram considerados como parte de um só sítio.

Sítio	Tipo de monumento	Contexto	Crono.	Bibliografia
Regedoura 2	Mon. sob <i>tumulus</i>	-	B	Pereira 2014
Malhadoura 1	Mon. sob <i>tumulus</i>	-	B	Canha <i>et al.</i> 2005
Lobo 2	Mon. sob <i>tumulus</i>	-	B	Canha <i>et al.</i> 2005
Lameirão/Cruz Nova	Mon. sob <i>tumulus</i>	-	B	Sousa 1996

Tabela 5.8 – Reutilizações de monumentos megalíticos na bacia do Ave

Sítio	Tipo de monumento	Contexto	Crono.	Bibliografia
Antela dos Córregos	Reutilização de monumento megalítico	-	BI	Bouza Brey & López Cuevillas 1929
Lapinha	Reutilização de monumento megalítico	-	BI/BM (?)	Sanches 1981

Tabela 5.9 – Sepulturas planas na bacia do Ave

Sítio	Tipologia	Contexto	Crono.	Bibliografia
Pego	Sepulturas planas	Necrópole	BI e BM	Sampaio <i>et al.</i> 2008; Sampaio & Bettencourt 2014
Qta do Amorim	Sepultura plana	Necrópole	BM	Sampaio <i>et al.</i> 2014
Touguinha	Sepulturas planas e/ou fossas (?)	Necrópole	BM	Fortes 1905-1908b
CTT	Sepultura plana	Necrópole	BI/BM (?)	Martins <i>et al.</i> 2010a, 2010b
Qta da Bouça	Sepulturas planas	Necrópole	BM/BF (?)	Fortes 1905-1908b
Vale Ferreiro 3	Sepultura plana	Necrópole	B	Bettencourt <i>et al.</i> 2005
Vale Ferreiro 4	Sepultura plana	Necrópole	BM	Bettencourt <i>et al.</i> 2005

Tabela 5.10 – Monumentos excepcionais na bacia do Ave

Sítio	Tipo de monumento	Contexto	Crono.	Bibliografia
Vale Ferreiro Túmulo 1	Câmara pétrea de "muros" duplos em fossa	Necrópole	BI	Bettencourt <i>et al.</i> 2005
Vale Ferreiro Túmulo 2	Estrutura cistoide em fossa com <i>cairn</i> pétreo	Necrópole	BI	Bettencourt <i>et al.</i> 2005
Vale Ferreiro 5 (Fossa 29)	Fossa quadrangular	Necrópole	B	Bettencourt <i>et al.</i> 2005
Granjinhos	Recinto definido por alinhamento de pedras	-	BM	Bettencourt 1999, 2000a

Tabela 5.11 – Fossas funerárias na bacia do Ave

Sítio	Tipologia	Contexto	Crono.	Bibliografia
Faisca	Fossas	Necrópole	BM	Cardoso 1936
Pego	Fossas	Necrópole (?)	BM	Sampaio <i>et al.</i> 2008; Sampaio & Bettencourt 2014
Campo de Postigo	Fossas	Necrópole (?)	BI/BM	Silva 1985; Bettencourt 2010a, 2010b

Tabela 5.12 – Contextos funerários indeterminados na bacia do Ave

Sítio	Tipologia	Contexto	Crono.	Bibliografia
Braga	"túmulo forrado por grandes pedras"	-	BI	Cardoso 1967b; Comendador Rey 1997; Bettencourt 1999
Bairros/Santiago do Bougado	Sepultura (?)	-	BI (?)	Vasconcelos 1912
Barqueiro/Qta Vago Mestre	-	Necrópole	BM (?)	Sarmiento 1901b
Qta, Gião/Corvilho	-	Necrópole	BM	Lima 1915
Guidões	-	Necrópole	BM (?)	Vasconcelos 1913b

Reutilização de monumentos megalíticos

No quadro de reutilizações de monumentos megalíticos apenas se podem mencionar 2 casos, os monumentos da Lapinha, em Guimarães, e da Antela dos Corgos ou dos Córregos, no atual concelho de Trofa.

No primeiro, segundo a observação de uma etiqueta que acompanhou a entrada de um vaso no Museu da Sociedade Martins Sarmiento por Sanches (1981), naquela mesma cidade, teria sido depositado um recipiente cerâmico de fabrico manual e pasta grosseira, cujas características tecnológicas são suscetíveis de ser genericamente enquadradas na Idade do Bronze. Segundo a autora, este monumento teria sido "*encontrado ao abrir a estrada da Penha à Lapinha, a cerca de 300 m daquela capela*" (Sanches 1981: 94). Ao referir-se ao vaso diz que

estava “*por debaixo da pedra de cobertura de um dólmen*” (Sanches 1981: 94). Apesar dos seus esforços para identificar o respetivo monumento, conclui que o mesmo terá sido totalmente arrasado, muito provavelmente durante a construção da referida estrada (Sanches 1981).

Da Antela do Corgos ou dos Córregos, cujos resultados da sua exploração nunca foram publicados, há notícia de ter sido recolhido, entre outros objetos líticos, um anel em cobre (espiral?) (Bouza Brey & López Cuevillas 1929). Esta tipologia de objeto pode ser hipoteticamente datável do Bronze Inicial.

Monumentos sob *tumuli*

Dos 9 monumentos sob *tumuli* conhecidos para a área em estudo, apenas três foram alvo de trabalhos de escavação: Vale de Chão 1 (Loureiro 2007; Vilas Boas 2014a, 2014b), Vale de Chão 2 (Loureiro 2007; Vilas Boas 2014a, 2014b) e Regedoura 2 (Pereira 2014b).

Os dados disponíveis revelam diversidade entre os diferentes monumentos: os contornos dos seus montículos variam entre o subcircular e o ovalizado, as suas dimensões oscilam entre os 2 metros de diâmetro mínimo e os 10 metros de diâmetro máximo, e a sua altura, embora próxima, ronda os 30/60 cm (Tab. 5.13).

As suas couraças pétreas são maioritariamente graníticas, matéria-prima abundante no Norte português, por vezes apoiada sobre uma camada de sedimentos, como no caso dos monumentos de Vale de Chão 1 e 2 (Loureiro 2007, Vilas Boas 2014a). Constituídas por pequenos calhaus, incluem elevada presença de quartzo, facto que tem vindo a ser verificado noutros monumentos deste género no Noroeste de Portugal (Kalb & Hock 1979; Cruz *et al.* 1998a, 1998b; Vilaça & Cruz 1999; Cruz *et al.* 2000; Bettencourt 2010a; Sá 2014; Sá *et al.* 2014; Pereira 2014a). O caso do monumento da Regedoura 2 é particularmente interessante neste aspeto, já que na sua couraça pétreia predominam seixos e blocos de granito de grão muito grosso (também conhecido como “dente de cavalo”), cuja presença de grandes feldspatos poderá ter tido a intenção de substituir a função da maior visibilidade conferida pelos quartzos (Pereira 2014b). De resto, este monumento implementou-se precisamente sobre uma crista de fraga, a qual cortou, sendo que a câmara, aparentemente, parece ter sido centrada precisamente no seu eixo de passagem, revelando intencionalidade (comunicação pessoal Gabriel Pereira).

Tabela 5.13 – Características dos monumentos sob *tumuli* da área de estudo

Monumento	Dimens. (em m)		Contorno	<i>Tumulus</i>	Obs.	Bibliog.
	Diâm.	Alt.				
Vale de Chão 1	7	0,6	Circular	Couraça pétrea de seixos e blocos de granito e de quartzo	Com terras de <i>tumulus</i>	Loureiro (2007), Vilas Boas (2014a, 2014b)
Vale de Chão 2	8/10	0,6	Ovalizado	Couraça pétrea de seixos e blocos de granito e de quartzo	Com terras de <i>tumulus</i>	Loureiro (2007), Vilas Boas (2014a, 2014b)
Vale de Chão 4	2	0,3	Circular	Couraça pétrea de seixos e blocos de granito e de quartzo	?	Vilas Boas (2014b)
Carvalho 1	?	?	?	?	?	Vilas Boas (2014b)
Carvalho 2	?	?	?	?	?	Vilas Boas (2014b)
Laje da Malhadoura 1	7	0,5	Subcircular	Couraça pétrea de seixos e blocos graníticos de pequena e média dimensão	Anel exterior de lajes fincadas vertical ou obliquamente	Canha <i>et al.</i> (2005)
Lobo 2	4,5	0,5	Subcircular	Couraça pétrea de seixos e blocos graníticos de pequena e média dimensão	Delimitado parcialmente por três pequenos afloramentos	Canha <i>et al.</i> (2005)
Lameirão/Cruz Nova	-	-	Subcircular	Couraça pétrea de seixos graníticos de pequena, muito baixa	Inclusão de uma estela na couraça pétrea	Sousa (1996)
Regedoura 2	7/8	0,5	Subcircular	Couraça pétrea de raros quartzos e abundantes graníticos de grão muito grosseiro	Anel lítico; uso de granito “dente de cavalo” para recorrer ao brilho dos grandes feldspatos	Pereira (2014b)

Refira-se que, apesar de não ser norma, alguns destes monumentos apresentam elementos constituintes que definem o perímetro do seu espaço funerário. É o caso das lajes fincadas da Malhadoura, dos três pequenos afloramentos que circuitam o *tumulus* de Lobo 2 e, eventualmente, do monumento de Regedoura 2, onde, pese embora a grande perturbação pela presença de uma raiz de eucalipto, algumas lajes à superfície pareciam indiciar a presença de uma câmara cistoide (Gabriel Pereira, comunicação pessoal). Destaque-se, ainda, o monumento sob *tumulus* de Lameirão/Cruz Nova, em Celorico de Basto, já que a descoberta de uma estela (Sousa 1996) foi mais tarde precisada como tendo integrado, originalmente, a couraça daquele monumento² (Fig. 5.26).

Também a parte central destes monumentos denota heterogeneidade, embora para tal só possam ser considerados os monumentos escavados, já que os restantes não mostram à superfície qualquer indício de câmara.

² Comunicação pessoal de Ana M.S. Bettencourt, decorrente de trabalhos de prospeção no planalto da Lameira.

Restará, como tal, referir os monumentos de Vale de Chão 1 e 2 (Braga) e de Regedoura 2 (Fafe). No caso do primeiro a inexistência de qualquer estrutura pétrea no seu interior (Fig. 5.27) leva Vilas Boas (2014a: 22) a ponderar que “*a deposição do corpo ou de eventuais cinzas se poderia ter efetuado diretamente sobre o solo ou sobre qualquer estrutura em material perecível*”. Na verdade, a deposição de carvões vegetais na última camada da área central, poderia explicar-se pela deposição de alguns ossos cremados, por exemplo, associados a quaisquer outros ritos de fogo aí praticados. De resto, a associação de monumentos funerários com práticas envolvendo fogo encontra-se largamente documentada, permitindo questionar o papel apenas sepulcral desempenhado por estes monumentos (Cruz & Vilaça 1999).

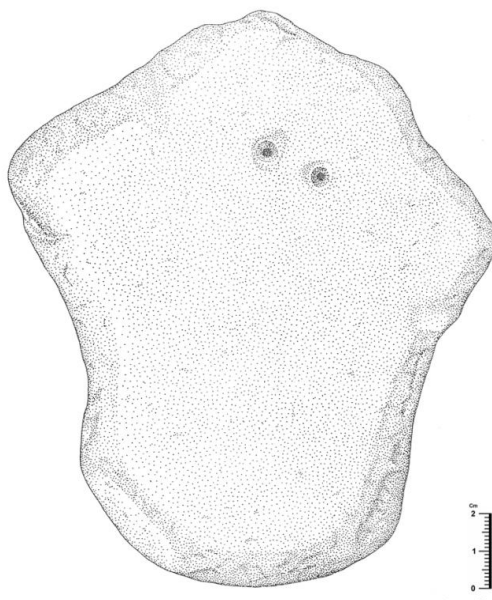


Figura 5.26 – Representação da estela de Lameirão/Cruz Nova, em Celorico de Basto (adaptado de Sousa 1996).

Este monumento remonta ao do Bronze Inicial, conforme verificado através da datação obtida a partir de carvões vegetais recolhidos do nível inferior da área central, mais precisamente, entre os séculos XX e XVIII AC (Vilas Boas 2014a) (Tab. 5.14). Tal proposta cronológica para a construção do monumento é consonante com outras defendidas para monumentos deste género (Vilaça & Cruz 1999, Bettencourt 2010a). Detém ainda a particularidade de ter sido reutilizado durante o Bronze Médio, como comprova a data calibrada disponível que situa essa reutilização entre os séculos XVI e XIV AC (Vilas Boas 2014a) (Tab. 5.14 e Fig. 5.27). Casos semelhantes de reutilização destes monumentos são raros. Refira-se, por exemplo, o monumento 1 do Rapadouro, em Vila Nova de Paiva, onde no *cairn* de cronologia

talvez ainda calcolítica foram depositados ossos incinerados datáveis de finais da Idade do Bronze (Vilaça & Cruz 1999).



Figura 5.27 – À esquerda, aspeto do monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1 durante trabalhos de escavação (adaptado de Loureiro 2007). À direita, pormenor da reutilização do seu *tumulus* (Vilas Boas 2014a).

Tabela 5.14 – Datas de radiocarbono disponíveis para o monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1

Ref. Lab.	Material datado	Data BP	Cal. 1 Sigma (68.2%)	Cal. 2 Sigma (95.4%)	Bibliografia
AA89664	Camada 4b (área central)	3538±42	1940-1871 (37.7%)	2009-2002 (1%) 1976-1749 (94.4%)	Vilas Boas (2014a)
			1846-1812 (17.2%)		
			1803-1776 (13.3%)		
AA89665	Camada 1b (estrutura 1)	3156±41	1493-1475 (12.8%)	1516-1373 (90.8%) 1342-1318 (4.6%)	Vilas Boas (2014a)
			1461-1402 (55.4%)		

O monumento de Vale de Chão 2, por seu turno, denuncia outras características. Sob a couraça pétrea do seu *tumulus* e em área central foram identificados blocos de maiores dimensões, comparativamente aos pequenos calhaus utilizados na restante couraça. A disposição, aparentemente circular, destes blocos, encostava, pelo lado nascente, a um grande bloco que incluiu a gravação na superfície superior de 5 covinhas dispostas em semicírculo e, pelo lado poente, a uma outra pequena laje fincada na vertical gravada com três covinhas (Loureiro 2007: 7³).

A associação deste tipo de monumentos sob *tumuli* com arte rupestre ocorre diversas vezes. É o caso do *tumulus* 1 de Monte Calvo, em Arouca, com uma estela gravada com um pedomorfo de bovino (Sá 2014), ou do *tumulus* da Casinha Derribada 3, em Mundão, Viseu (Cruz *et al.* 1998), onde a laje de cobertura de uma fossa foi gravada com um reticulado, este último monumento do Bronze Médio. No entanto, a grande laje a que se associa a sua câmara e as suas dimensões aproximam-no dos monumentos deste tipo mais antigos, tendo em conta paralelos com os monumentos da Serra da Aboboreira (Jorge 1980; Jorge *et al.* 1988) e do Alto

³ Segundo comunicação pessoal de Ana M.S. Bettencourt.

Paiva (Cruz 2001). Atendendo à elevada tradição que estes monumentos denunciavam, talvez se possam incluir numa cronologia mais antiga os monumentos deste género de maiores dimensões, numa clara aproximação aos monumentos megalíticos.

A escavação do monumento sob *tumulus* de Regedoura 2, ainda não finalizada por altura da consecução do presente trabalho e pese embora a grande perturbação provocada por uma grande raiz de eucalipto, apresentava, ao centro, vários blocos graníticos aparentemente estruturados, deixando perceber, aparentemente, a existência de uma câmara pétreia de tipo cistoide. Ainda que descontextualizados por hipotética violação, do *tumulus* deste monumento recolheu-se um braçal de arqueiro e uma ponta de seta tipo Palmela (Pereira 2014b), entre vários fragmentos cerâmicos, materiais que podem ser incluídos, tendo em conta as características tecnológicas dos materiais cerâmicos, no Bronze Inicial.

Quanto aos contextos físicos e culturais deste tipo de monumento, a sua aglomeração formando necrópoles deu preferência, em muitos casos, a locais com contextos funerários de períodos anteriores (Vilaça & Cruz 1999; Fábregas Valcarce & Meijide Cameselle 2000; Bettencourt 2009). Tal é o caso dos monumentos de Vale de Chão 1, 2 e 4 e de Carvalho 1 e 2, construídos nas imediações de monumento megalítico de cronologia anterior (Vale de Chão 3), o qual foi recentemente inventariado (Vilas Boas 2014b), ou de Regedoura 2, igualmente nas imediações de um dólmen denominado de Regedoura 1 (comunicação pessoal Gabriel Pereira).

Exceção feita para os casos de Carvalho 1 e de Lobo 2, no topo da vertente sul da Serra do Carvalho, os restantes monumentos ocupam patamares de vertente, áreas de transição entre vales e os topos montanhosos, denunciando maior proximidade às áreas montanhosas quando comparados com outros vestígios funerários. Verifica-se que os 9 monumentos sob *tumuli* se distribuem entre os 393 e os 730 metros de altitude (Tab. 5.15).

Tabela 5.15 – Altimetria e posicionamento geomorfológico dos monumentos sob *tumuli*

Monumento	Altimetria (em m)	Situação geomorfológica
Vale de Chão 1	440	Patamar de vertente
Vale de Chão 2	475	Patamar de vertente
Vale de Chão 4	465	Patamar de vertente
Carvalho 1	485	Cumeeira
Carvalho 2	472	Topo de vertente
Laje da Malhadoura 1	730	Topo de vertente
Lobo 2	640	Topo de vertente
Lameirão/Cruz Nova	703	Patamar de vertente
Regedoura 2	393	Patamar de vertente

Sepulturas planas

Quanto a estruturas em negativo abertas no substrato rochoso e utilizadas para fins funerários, a área de estudo inclui a construção de sepulturas planas e de fossas, ainda que a natureza estritamente funerária de algumas destas últimas possa ser, em certa medida, discutível.

Embora o número ascendesse a muitas mais, apenas os dados de 15 sepulturas planas foram convenientemente registados durante trabalhos de escavação arqueológica. Destas, 11 foram identificadas no Pego⁴ (Braga), 2 em Vale Ferreiro (Fafe), 1 na Quinta do Amorim (Braga) e 1 durante os trabalhos de requalificação do quarteirão dos C.T.T. (Braga), tudo sítios localizados no distrito Braga (Fig. 5.28). As suas principais características foram sintetizadas na Tabela 5.16.

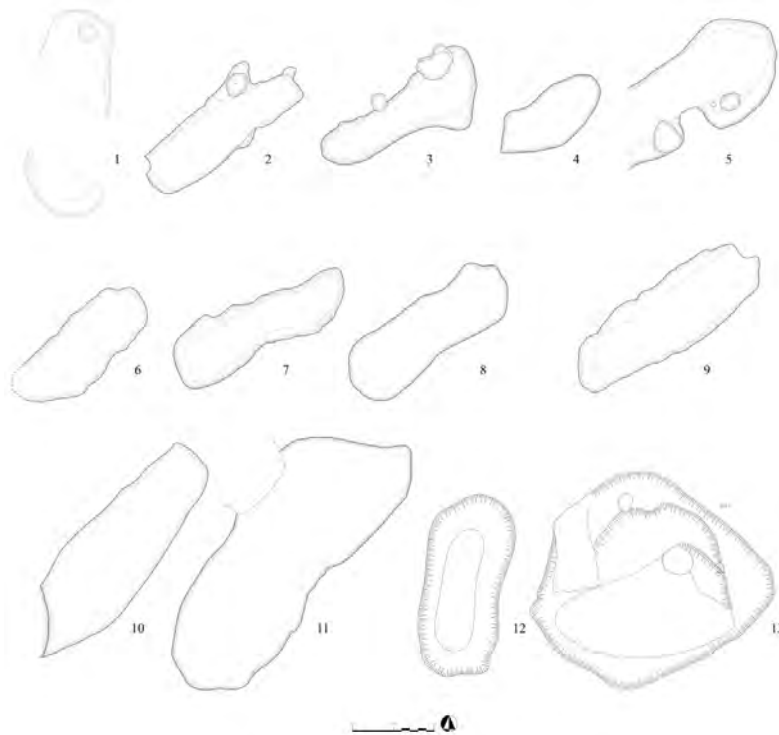


Figura 5.28 – Sepulturas planas identificadas na área de estudo e convenientemente registadas durante trabalhos de escavação (1. Quinta do Amorim; 2-10. Pego; 11. Quarteirão CTT; 12-13. Vale Ferreiro).

De um modo geral, a maioria destas estruturas apresenta contorno subretangular. Surgem, com menor expressão, exemplares de contorno ovalizado, conforme acontece com as sepulturas 4 e 10 do Pego, com os túmulos 3 e 4 de Vale Ferreiro e com a sepultura LXXX identificada durante a requalificação do quarteirão dos C.T.T.

⁴ Embora ascenda a 13 o número total das estruturas deste tipo identificadas no Pego, a escavação apenas parcial de uma delas e a dificuldade na identificação de uma outra apenas permite considerar os dados de 11 destas estruturas.

Tabela 5.16 – Características das sepulturas planas identificadas na área de estudo

Sítio	Est.	Contorno	Secção	Base	Dimensões			Orientação
					Comp.	Larg.	Prof.	
Pego	S1	Subretangular	U	Aplanada	206	62	20/32	NE-SW
Pego	S2	Subretangular	U	Aplanada	212	40/86	14/30	NE-SW
Pego	S3	Subretangular	U	Aplanada	245	56	21/30	NE-SW
Pego	S4	Ovalado	U	Aplanada	130	60	16	NE-SW
Pego	S5	Subretangular	U	Aplanada	120*	36	13/22	NE-SW
Pego	S6	Subretangular	U	Aplanada	180	80	10/32	NE-SW
Pego	S7	Subretangular	U	Aplanada	224	72	12/20	NE-SW
Pego	S8	Subretangular	U	Arredondada	202*	62	28/34	NE-SW
Pego	S9	Subretangular	U	Arredondada	215	80	30	NE-SW
Pego	S10	Ovalado	U	Arredondada	210	70	40	NE-SW
Pego	S11	Subretangular	U	Arredondada	200	70	36	NE-SW
V. Ferreiro	T3	Ovalado	U	Aplanada	136	68	42	N-S
V. Ferreiro	T4	Ovalado	U	Aplanada	140	134	58	E-W
Qta. do Amorim	Est12	Subretangular	U	Aplanada	252	80/108	10/19	N-S
Quart. CTT	SepLXXX	Ovalado	U	Aplanada irreg.	210	71	6/8	NE-SW

* Valor não correspondente à medida original da interface por ter sido perturbada

As suas secções são, invariavelmente, em “U”, variando as bases entre o aplanado e o arredondado, as últimas das quais apenas identificadas nas sepulturas 8, 9, 10 e 11 do Pego. Uma nota para a sepultura LXXX, identificada nas obras do quarteirão dos C.T.T., cuja base aplanada se apresentava deveras irregular, bem como para o túmulo 4 de Vale Ferreiro, que detinha forma igualmente irregular.

Considerando apenas as estruturas que apresentavam as interfaces intactas por altura do seu registo⁵, as dimensões são igualmente variáveis, oscilando entre os 130 e os 252 cm de comprimento, os 40 e os 134 cm de largura e os 6 e os 58 cm de profundidade. De notar que a sepultura do Quarteirão dos CTT já estava muito cortada por construções posteriores, pelo que a sua profundidade não será real. O mesmo se poderá dizer para as sepulturas 6 e 7 do Pego, já profundamente alteradas no seu topo.

Algumas destas estruturas revelaram enchimentos diferenciados, ao nível estratigráfico, em certos casos revelando a presença de uma tampa de arena granítica. Tal sucedeu nas sepulturas 6, 8, 9 e 10 do Pego (Fig. 5.29), no túmulo 4 de Vale Ferreiro e, hipoteticamente, na estrutura 12 de Quinta do Amorim (Fig. 5.30). Infelizmente, o grau de destruição das restantes não deixou perceber situação semelhante, embora não seja de descartar tal hipótese.

⁵ Por razões óbvias foram excluídas as sepulturas 5, 8 e 12 do Pego, já que as interfaces daquelas duas foram perturbadas numa das suas extremidades, enquanto a terceira apenas foi escavada parcialmente.



Figura 5.29 – O tracejado vermelho delimita a camada de arena granítica identificada no topo da sepultura 6, no sítio do Pego, elemento que terá servido de tampa para selar esta sepultura.



Figura 5.30 – Plano final da sepultura plana de Quinta do Amorim onde é possível observar, na área exterior à interface norte, restos de arena granítica compactado (tampa?).

Quanto à orientação dos maiores eixos denota-se um predomínio preferencial pelo alinhamento nordeste-sudoeste, exceção feita à sepultura de Quinta do Amorim e ao túmulo 3 de Vale Ferreiro, alinhados no sentido norte-sul, e ao túmulo 4 de Vale Ferreiro, orientando o seu maior eixo no sentido nascente-poente (vide Fig. 5.28). Tal parece indicar códigos perceptíveis à microescala de análise e certamente conhecidos pelas populações, relacionados com os ciclos solares e a sua importância nos ritos funerários.

A distribuição espacial ao nível inter-estrutura apenas pôde ser estudada na necrópole do Pego e no lugar de Vale Ferreiro. No primeiro caso verifica-se a presença de dois núcleos (Fig. 5.31) segundo o modelo segmentado defendido por Pearson (1999), formando, muito possivelmente, uma necrópole polinuclear, cujo significado poderá ser cronológico ou de outra índole, como de carácter familiar distinto, por exemplo.

Tal faz lembrar a necrópole já do final do Bronze Médio de Agra de Antas, em Esposende, também tendencialmente polinuclear, conforme assinalou Bettencourt (2011b). Dentro de algumas *nuances*, estas estruturas apresentam arquiteturas e oferendas muito semelhantes, de um modo geral vasos de bordo horizontal, salvo raras exceções onde quaisquer materiais não foram ofertados. O sítio de Vale Ferreiro parece igualmente demonstrar certa preocupação estrutural na disposição destas estruturas. Aparentemente parece ter sido conferida alguma preponderância espacial às estruturas funerárias ali construídas (sepulturas planas e túmulos) em detrimento das restantes estruturas (fossas), que parecem ter assumindo um posicionamento periférico⁶. É o caso, por exemplo, do túmulo 2, nas imediações do qual foram construídas quatro fossas (fossas 22, 26, 27 e 32), cuja ausência de fragmentos no seu interior coloca a sua construção nos primeiros momentos de ocupação do local (pelo facto de não incluírem quaisquer materiais no seu enchimento, pouco abundantes à superfície).

Paralelos com contextos funerários de sepulturas planas são conhecidos em Portugal e em Espanha, como por exemplo Tapado da Caldeira, em Baião (Jorge 1980a, 1980b, 1983, 1985), Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes 2007, 2008; Almeida *et al.* 2008), Alto da Vela/Gulpilhares, em Vila Nova de Gaia (Fortes 1909), Coto da Laborada, em Calvos de Randín (López Cuevillas 1930, 1947; López Cuevillas & Lorenzo Fernández 1930) ou Monte de Mesiego, em O Carballiño (Lopez Cuevillas & Lamas 1958).

Estão disponíveis quatro datas de radiocarbono para três destes sítios: Quinta do Amorim (Sampaio *et al.* 2014), Pego (Sampaio & Bettencourt 2011; Sampaio & Bettencourt 2014) e Vale Ferreiro (inédita) (Tab. 5.17).

O que se observa é o enquadramento cronológico destes contextos, grosso modo, entre os finais do III milénio/início do II milénio a.C., ou seja, entre o Bronze Inicial e grande parte do Bronze Médio. Embora a presença de vasos de bordo horizontal venha sendo genericamente aceite entre o Bronze Médio e Final (Bettencourt 2009a, 2010a, 2011), a data do sepultura 5 do

⁶ Na verdade, aos túmulos de maior investimento (túmulos 1 e 2), detentores de arquiteturas mais complexas, ter-se-á seguido a construção de estruturas túmulares mais simples e com menor expressão (túmulos 3 e 4, correspondentes a sepulturas planas). Esta questão será, contudo, abordada mais adiante.

Pego recua essas balizas para os finais do Bronze Inicial. O que os resultados permitem perceber é que a construção de sepulturas planas foi uma prática corrente que, no caso da bacia do Ave, se encontra documentada e datada desde o Bronze Inicial, perdurando para o Bronze Médio.

Tabela 5.17 – Datas de radiocarbono disponíveis para as sepulturas planas na área de estudo

Ref. lab.	Sítio	Contexto	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA102324	Pego	Sepultura 5	Fuligem Vaso LBH 2004.0037	3540±55	1946-1866 (36.8%) 1848-1774 (31.4%)	2026-1742 (94.5%) 1710-1700 (0.9%)	Inédita
14So/0634	Quart. CTT	Sepultura LXXX	Fuligem Vaso Troncocónico 2010.0393	3570±40	2010-2000 (4.1%) 1977-1881 (64.1%)	2030-1867 (79.9%) 1848-1774 (15.5%)	Inédita
AA89666	Pego	Sepultura 9	Fuligem Vaso LBH 2007.0442	3328±51	1680-1674 (2.8%) 1669-1601 (34.8%) 1592-1532 (30.6%)	1740-1499 (95.4%)	Sampaio & Bettencourt 2014
AA89671	Vale Ferreiro	Túmulo 4	Camada 1a (carvões vegetais)	3295±61	1639-1502 (68.2%)	1734-1716 (2.0%) 1694-1440 (93.4%)	Inédita
AA89661	Qta. Amorim	Estrutura 12	Fuligem Vaso LBH 2009.0765	3345±42	1689-1605 (51.2%) 1576-1536 (17%)	1739-1705 (6.8%) 1698-1524 (86.8%)	Sampaio <i>et al.</i> 2014

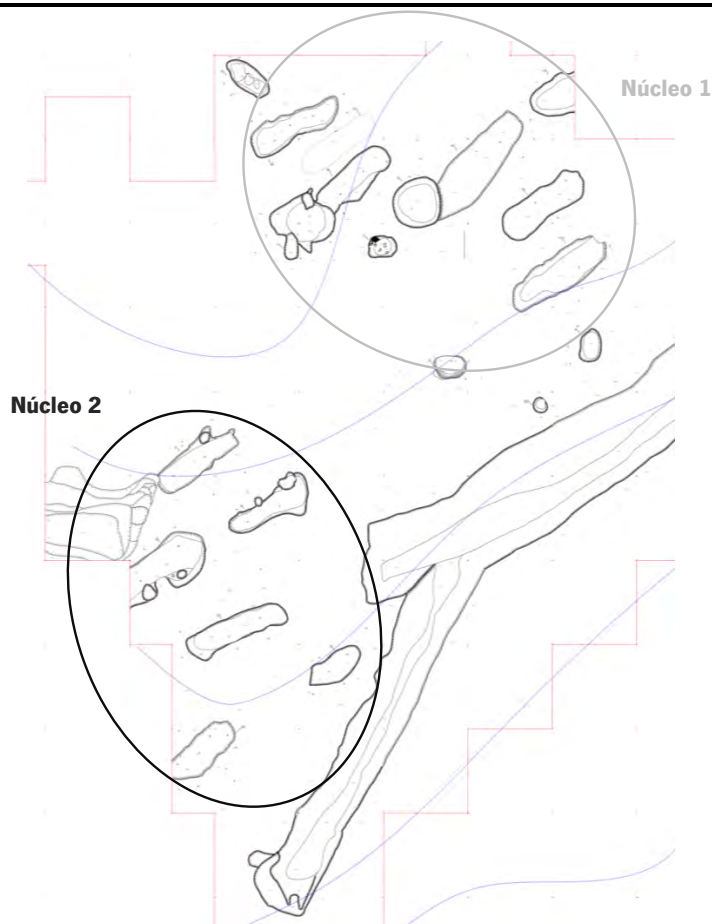


Figura 5.31 – A área da necrópole do Pego segundo uma distribuição polinuclear (quadriculada de 2 m x 2 m orientada a norte).

Contextos em fossa

Contexto funerário em fossa seria o de Faisca, em Guimarães. A notícia de Cardoso (1936), embora genérica, menciona mais de uma dezena de fossas cortadas no substrato rochoso, cujo contorno semicircular deteria cerca de 80 cm de raio, atingindo cerca de 110 cm de profundidade (Fig. 5.32).

Do interior destas estruturas, mais ou menos a 70/80 cm de profundidade, recolheram-se oito vasos cerâmicos inteiros ou praticamente inteiros, bem como dois fragmentos de um nono exemplar, entre muito outros quebrados pelos trabalhadores (Cardoso 1936). Estas formas têm correspondência com vasos de bordo horizontal.

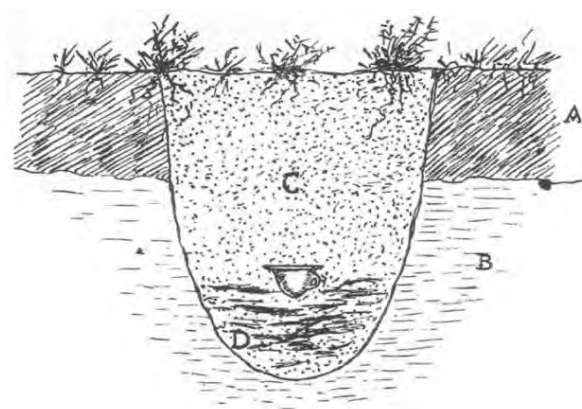


Figura 5.32 – Perfil de uma das fossas de Faisca, em Guimarães, representando o enchimento e um exemplar de bordo horizontal (segundo Cardoso 1936).

Pese embora a escassa informação recolhida por Cardoso (1936), já que por altura do achado muitas das estruturas haviam sido destruídas pelos trabalhadores que ali procediam à extração de arena granítica, o relato daquele autor parece compatível com uma necrópole de fossas. A corroborar esta hipótese destaque para os recipientes cerâmicos recolhidos, que são recorrentes em contextos funerários da Idade do Bronze no Noroeste português, mais ainda atendendo aos seus estados completos

A datação por radiocarbono deste contexto foi conseguida através da raspagem de fuligem presente na face interna de um dos vasos cerâmicos de bordo horizontal. Os resultados obtidos situam o contexto no Bronze Médio, entre finais do século XVII e meados da segunda metade do século XV AC, ou seja, contemporâneo das necrópoles de sepulturas planas (Tab. 5.18).

No âmbito de práticas funerárias em fossa terá também que ser referido o sítio de Campo de Postigo, Póvoa de Varzim (Silva 1985, 1993), posicionado na plataforma litoral.

Durante trabalhos de emergência no âmbito da construção de uma moradia particular foram identificadas duas fossas e, possivelmente, uma terceira, das quais foram recolhidos diversos fragmentos que permitiram a reconstrução de cinco formas cerâmicas (Silva 1985). Entre as materialidades identificadas destaque para a fossa 2. Detendo contorno circular secção oval e base aplanada, atingia cerca de 1 m de diâmetro máximo por 1,5 m de profundidade (Tab. 5.19).

Tabela 5.18 – Data de radiocarbono obtida para a necrópole de Faisca

Ref. lab.	Contexto	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA103119	Vaso	Fuligem vaso MSA435(F)	3248±41	1560-1494 (42.1%) 1608-1582 (14.4%) 1478-1456 (11.7%)	1616-1436 (95.4%)	Inédita

Tabela 5.19 – Características da fossa 2 de Campo de Postigo, em Póvoa de Varzim

Est.	Contorno	Secção	Base	Raio.	Prof.	Orientação
F2	Ovalizado	Ovóide	Aplanada	100	150	-

A observação do seu perfil estratigráfico, não detritico, como indica Silva (1985), incluía uma faixa de arena granítica no topo que foi interpretada como tampa (Fig. 5.33).



Figura 5.33 – Secção norte-sul da fossa 2 de Campo de Postigo, Póvoa de Varzim (Bettencourt 2010b, 2011a).

Do seu interior foram recuperados vários fragmentos que permitiram reconstruir parte de um vaso cerâmico com 35 cm de altura e 26 cm de diâmetro de boca.

A natureza funerária deste contexto é referida por Silva (1993) no âmbito de uma necrópole de cremação, que o autor situa, genericamente, no Bronze Final. Contudo, Bettencourt (2010b, 2011a) acerta esta proposta mas recua o contexto para finais do Bronze Inicial ou inícios do Bronze Médio. Tal tem por base os paralelos entre a forma cerâmica recolhida no interior da fossa 2 de Campo de Postigo e outras duas formas idênticas, nomeadamente, o vaso identificado na reutilização datada da Idade do Bronze da Mamoia de Carreiro da Quinta, em Vila Verde, e o vaso provavelmente recolhido numa das Mamoas de Prados, Arcos de Valdevez, datado por radiometria de entre os finais do século XVIII e o século XVI AC (Bettencourt 2010b, 2011a).

Mesmo com toda a problemática inerente, poderão também ser mencionadas as fossas identificadas na zona de necrópole do Pego (Sector II), em Braga. Dentro de certas particularidades (Tab. 5.20), apresentam maioritariamente contornos ovalizados, apenas num dos casos subcircular (fossa 5), secções em U e base irregular, aplanada ou, também em apenas um dos casos (fossa 5), arredondada. As suas dimensões variam entre os 60 e os 124 cm de comprimento, os 32 e os 118 cm de largura e os 24 e os 68 cm de profundidade.

Tabela 5.20 – Características das fossas identificadas no Sector II do Pego

Est.	Contorno	Secção	Base	Comp.	Larg.	Prof.	Orientação
F1	Ovalizado	U	Aplanada	68	52	36/40	E-W
F2	Ovalizado	U	Aplanada	78	52	36/68	E-W
F3	Ovalizado	U	Irregular	64	32	39/45	N-S
F4	Ovalizado	U	Irregular	120	56	24/48	NW-SE
F5	Subcircular	U	Arredondada	124	118	32	-
F6	Ovalizado	U	Irregular	60	52	30/52	N-S

As orientações dos seus maiores eixos não demonstraram qualquer preferência específica, com dois exemplares alinhados no sentido norte-sul, outros dois no sentido este-oeste e um exemplar no sentido Noroeste-Sudeste. Apenas no caso da fossa 5, por deter contorno subcircular, não foi possível observar esta característica.

A sua posição contígua às sepulturas planas, ou sobrepondo-as, e as semelhanças construtivas com aquelas estruturas, ao nível das camadas de arena granítica identificadas nos seus topos, servindo de tampa, conforme observado nas fossas 2 e 4, assemelham-se bastante às sepulturas ali construídas. Conforme tem vindo a ser defendido (Sampaio & Bettencourt 2014), a hipotética funcionalidade sepulcral destas estruturas pode ainda ser argumentada com

a recolha de um pedaço de colorante amarelo do interior da fossa 2⁷ e com a pequena cama circular formada por pedras de granito rico em biotite (cuja abundante presença lhe confere brilho/espelhado), identificada na fossa 1, talvez disposto para albergar um qualquer contentor ou oferenda em material perecível. De referir, ainda, que as fossas 1 e 2 da necrópole do Pego tinham uma pedra no seu topo (milonito e granito local, respetivamente) como se de uma espécie de marcação se tratasse.

Outro exemplo a referir é o da fossa 3 de Vale Ferreiro, que incluía, na parte superior dos sedimentos do seu enchimento três fragmentos de moinhos dormentes e um triturador (?). Ainda que com as devidas reservas enquanto indicador a favor da sua deposição, refira-se o contexto funerário de Medal, Mogadoruro (Gaspar *et al.* 2014), onde foram identificados enterramentos em fossa sob amontoados de seixos e blocos. Deverá ser ressaltado que a associação entre a fossa 3 de Vale Ferreiro e eventuais práticas funerárias prende-se, precisamente, com a sua localização, isto é, num sítio não residencial. Outro caso também a referir é o da fossa 21 de Vale Ferreiro, próxima ao túmulo 1, cuja colmatação com arena granítica no seu topo foi interpretado como tampa, de resto, em tudo semelhante ao verificado nas sepulturas planas e em algumas fossas que lhe eram contíguas na necrópole do Pego (Sampaio *et al.* 2008; Sampaio & Bettencourt 2014) e, também, aparentemente, na sepultura plana da Quinta do Amorim (Sampaio *et al.* 2014).

Também no quadro de estruturas em fossa destaque para a fossa 9 ou “casa-túmulo” de Vale Ferreiro, em Fafe. A sua singularidade e extrema complexidade revelam uma estrutura em negativo de contorno ovalizado, de secção em “U” e base arredondada, com o maior eixo disposto no sentido oeste/nordeste-este/sudoeste (Fig. 5.27).

Media 3,46 metros de comprimento máximo no sentido Oeste/Nordeste-Este/Sudoeste, variando a sua largura entre os 2,16 metros e os 1,30 metros. A sua profundidade era menor no quadrante nascente, concretamente, oscilando entre os 54 cm (lado poente) e os 30 cm (parte nascente) (Tab. 5.21).

Tabela 5.21 – Características da fossa 9 de Vale Ferreiro, em Fafe

Est.	Contorno	Secção	Base	Compr.	Larg..	Prof.	Orientação
F9	Ovalizado	U	Aplanada	346	130/216	30/54	W/NE-E/SW

No interior desta fossa, pelo quadrante poente, foi identificada uma outra fossa de contorno retangular e fundo aplanado (Fig. 5.27), interpretada como “cama” para acolher algo

⁷ Muito semelhante ao pedaço de argila de coloração amarela identificado no enchimento da sepultura plana 4.

perceível (Bettencourt *et al.* 2005). A este deste rebaixamento foi registada outra depressão, embora a uma cota ligeiramente superior, de contorno subcircular e base irregular. Ambas as depressões em negativo pareciam unir-se (Bettencourt *et al.* 2005).

Com esta estrutura relacionavam-se 12 buracos de poste de dimensões e diâmetros variáveis, dispostos tanto pelo lado interno como externo, exceção feita ao quadrante nascente, onde os mesmos estavam ausentes (Fig. 5.34 e Tab. 5.22). Esta ausência leva a considerar aquele quadrante como a possível “entrada” (Bettencourt *et al.* 2005).

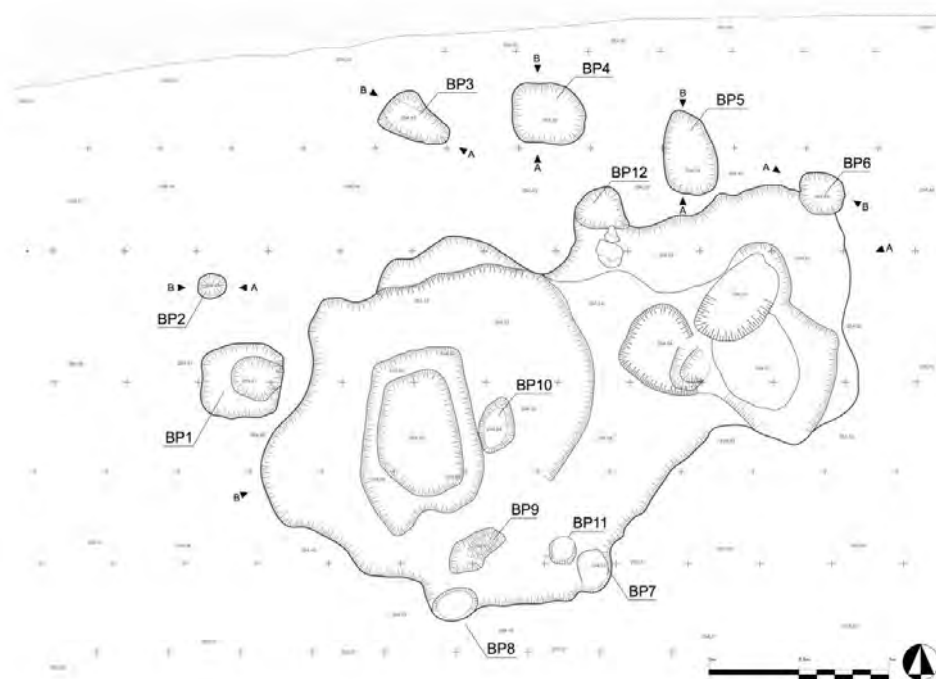


Figura 5.34 – Plano final da fossa 9 de Vale Ferreiro, Fafe, e respetivos buracos de poste a ela associados.

Em termos de paralelos e, mais uma vez, vincando a pretensão de não querer ser exaustivo, contextos funerário em fossa, embora raros, são conhecidos no Noroeste Peninsular, nomeadamente nos sítios de Fraga do Zorro, em Verín, Espanha (Fábregas Valcarce 2001; Prieto Martínez *et al.* 2009b), ou de Ribeira do Medal, em Mogadouro (Gaspar *et al.* 2014). No que respeita a cronologias, a datação por radiocarbono de Fraga de Zorro situa-se nos finais do Bronze Inicial ou inícios do Bronze Médio, concretamente, entre inícios do século XIX e meados do século XVII AC (Prieto Martínez *et al.* 2009b). Já os resultados obtidos da datação de Ribeira do Medal apontam para um contexto do Bronze Médio, concretamente, para meados do século

XVIII e finais do século XVII AC⁸. Refira-se, também, o sítio de Boucinhas, em Ponte de Lima, local onde foram identificadas duas fossas com recipientes inteiros (Almeida *et al.* 1994), hipoteticamente interpretados como contexto sepulcral (Bettencourt 2000a, 200b). Posteriores sondagens arqueológicas realizadas no local permitiram a Bettencourt *et al.* (2004) identificar nas imediações uma área de povoado cuja datação radiométrica remonta aos séculos XXIV e XX AC, com correspondência com o Bronze Inicial. Tais valores cronológicos são consonantes com a data de radiocarbono obtida para o sítio de Faisca mas, também, para a hipótese colocada por Bettencourt (2010b, 2011b) para Campo de Postigo. De qualquer forma, se forem consideradas funerárias as fossas construídas nas imediações das sepulturas planas na necrópole do Pego e a fossa 9 de Vale Ferreiro, este fenómeno pode ocorrer, também, nos finais do Bronze Médio e no Bronze Final.

Tabela 5.22 – Características dos buracos de poste identificados em relação com a fossa 9

BP	Contorno	Secção	Base	Diâm.	Comp.	Larg.	Prof.
1	Ovalizado	U	Arredondada	-	52	40	59
2	Subcircular	U	Arredondada	12	-	-	8
3	Subtriangular	U	Arredondada	-	34	20	16
4	Subcircular	U	Arredondada	38	-	-	14
5	Ovalizado	U	Irregular	-	45	24	17
6	Subcircular	V	Arredondada	22	-	-	15
7	Subcircular	U	Arredondada	21	-	-	18
8	Subcircular	U	Arredondada	33	-	-	14
9	Ovalizado	U	Arredondada	-	34	13	12
10	Ovalizado	U	Arredondada	-	30	18	20
11	Subcircular	U	Arredondada	20	-	-	20
12	Subcircular	U	Arredondada	22	-	-	4

Contextos de exceção

Na bacia do Ave há, ainda, contextos funerários cuja natureza diferenciada, comparativamente aos restantes dados da área em estudo e aos restantes vestígios do Noroeste português, indiciam contextos tumulares de exceção. Neste quadro ganham especial relevo os sítios de Granjinhos, em Braga, e de Vale Ferreiro, em Fafe.

No sítio de Granjinhos, em Braga (Bettencourt 1995), embora os materiais identificados se encontrassem dispersos, permitindo a reconstrução de 4 formas cerâmicas, as bases identificadas *in situ* permitem hipotetizar que “*as condições da jazida indiciam uma deposição intencional de quatro vasos que se podem incluir na mesma família morfológica*” (Bettencourt 1999: 492).

⁸ Durante a apresentação da comunicação *Ocupação da Idade do Bronze no terraço da foz do Medal (vale do Sabor)*, ocorrida durante as V Jornadas do Quaternário e da responsabilidade de Joana Carrondo, evento promovido pela Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, foi dada a conhecer a datação radiométrica deste contexto segundo os valores calibrados a 2 Sigma de 1768-1606 AC.

Mesmo que as condições de achado não tenham sido as mais favoráveis, sabe-se que o micro-contexto de deposição destes vasos seria “*uma estrutura, aparentemente circular, definida por um alinhamento de pedras e saibro (...) no interior da qual se colocaram quatro urnas de incineração*” (Bettencourt 2009a: 98) (Fig. 5.35).



Figura 5.35 – À esquerda, projeção do monumento de Granjinhos a partir do alinhamento de pedras e arena granítica (círculo vermelho) que circundava o local de deposição dos vasos (círculo azul); à direita respectivos vasos cerâmicos exumados (adaptado de Bettencourt 2000a: Estampas V, VII e VIII).

Infelizmente, o referido alinhamento encontrava-se muito perturbado por ocupações posteriores, restando apenas cerca de um quarto. Tentando a sua projeção é possível perceber que o mesmo teria cerca de 7/7,5 metros de diâmetro, ocupando os recipientes cerâmicos o interior do recinto, em posicionamento mais ou menos central.

Uma vez que na área não foram encontrados outros materiais técnica e morfologicamente semelhantes, Bettencourt (1999: 490) levanta a hipótese de se tratar de “*um achado isolado, fora de um contexto doméstico*”. Análises de HCl 0,1N e de Bray II posteriormente efetuadas aos conteúdos destes vasos revelaram elevados valores de fósforo, compatível com a presença de restos humanos, como ossos ou cinzas.

A proximidade do sítio de Granjinhos do Alto da Cidade, contexto habitacional datável do Bronze Final por associação com os materiais ali recolhidos, era até há pouco tempo uma hipótese a relacionar com este local (Bettencourt 1999). Tentando perceber um pouco melhor essa possível relação e atendendo à importância deste contexto, foi tentada a sua datação (Tab. 5.23). Assim, foi recolhida uma primeira amostra de fuligem raspada da parede externa de um

dos vasos (AA102326), recolha essa que ocorreu antes da consolidação do objeto por um dos técnicos do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga. Os resultados obtidos foram considerados anómalos, já que a data obtida, situada entre 15.452 e 14.755 AC, é demasiado antiga atendendo às características técnicas e morfológicas dos materiais cerâmicos associados, mais ainda se for tido em conta que nem tão pouco havia materiais cerâmicos. Uma das explicações para este resultado prende-se com o facto da amostra recolhida conter parte de um paleosolo que, por momento da deposição do vaso, terá aderido às paredes do vaso cerâmico.

Tabela 5.23 – Datas de radiocarbono disponíveis para o sítio de Granjinhos

Ref. lab.	Contexto	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA102326	Urna funerária	Fuligem vaso 1993.0298	14027±89	15256-14931 (68.2%)	15432-14755 (95.4%)	Inédita
Beta374921	Urna funerária	Fuligem vaso 1993.0297	3250±30	1546-1496 (42.8%) 1606-1582 (15.3%) 1474-1460 (7.2%) 1559-1553 (2.9%)	1612-1490 (80.5%) 1484-1450 (14.9%)	Inédita

A ineficácia daquele primeiro resultado levou a que fosse tentada uma nova datação, desta feita a uma amostra recolhida da parede de outro vaso (Beta374921). O resultado obtido recuou o contexto para o Bronze Médio, concretamente, para o intervalo entre os séculos XVII e XV AC, data que se aceita tendo em conta que contextos de cremação são conhecidos no Noroeste da Ibéria desde o Calcolítico, nomeadamente Agro da Nogueira (Bettencourt & Meijide Camselle 2009).

Pese embora as diferenças, o paralelo mais próximo e mais parecido para Granjinhos é a necrópole de Paranho, em Molelos, Tondela. A sua descrição dá conta de “*uma estrutura funerária plana, de carácter colectivo, definida por um recinto semicircular de pedras, com 5 m de diâmetro, no interior do qual se distribuíam seis cistas de pedra. Continham restos humanos previamente cremados e depositados, quer directamente no interior das cistas, quer em urnas cerâmicas, por vezes com espólio metálico*” (Vilaça & Cruz 1999). Ainda que a sua datação se situe entre os séculos XII e XI AC (Vilaça & Cruz 1999), isto é, no Bronze Final regional.

O sítio de Vale Ferreiro, em Fafe, evidencia também uma pluralidade construtiva bem expressa nos túmulos 1 e 2.

Antes da construção da câmara pétreia do túmulo 1 foi aberta uma fossa diretamente no substrato rochoso. Esta fossa apresentava contorno ovalar, secção em U e base aplanada. O seu maior eixo, disposto no sentido norte-sul, media 207 cm de comprimento por 185 cm de largura e 95 cm de profundidade. No seu interior foi posteriormente erguida a câmara funerária.



Figura 5.36 – À esquerda, câmara pétrea tipo cistoide do túmulo 1 de Vale Ferreiro; à direita, restos ósseos humanos identificados no seu interior.

A câmara pétrea, tipo cistoide, detinha forma igualmente subretangular e era composta por sete esteios de formas e dimensões variadas, fincados ao alto, algo inclinados para o interior e travejados por blocos de menores dimensões, alguns servindo de cunha (Fig. 5.36). Media 95 cm de comprimento, no sentido Norte-Sul, 64 cm de largura e 57 cm de profundidade. Entre estas lajes de travejamento, a Sul, concretamente entre os esteios 4 e 5, uma laje que, pela sua configuração grosseiramente antropomórfica, foi interpretada como estela (Bettencourt *et al.* 2003c: 127).

No interior da câmara funerária encontravam-se ossadas humanas de um indivíduo adulto do sexo masculino, embora ausentes de qualquer espólio associado (Fot. 5.36).

A base da câmara funerária foi forrada com duas lajes aplanadas, regularizando a área a utilizar para fins funerários, complementada com pequenos calhaus graníticos (Fig. 5.37).

Uma nota importante é o facto de, exceção feita à tampa e ao esteio 1 da câmara, todos os restantes apresentarem desgaste erosivo por ação de água, o que deixa pressupor o seu transporte a partir de contextos ribeirinhos imediatos (Bettencourt *et al.* 2003c; 2005).

Em redor da câmara, colmatando o interior da fossa, foi depositado um grande amontoado de calhaus e bloco de quartzo leitoso, como se de um “*cairn*” se tratasse.

Por fim, todos os elementos construtivos (fossa, câmara pétrea, tampa e “*cairn*”) que formavam esta complexa estrutura foram selados com um sedimento arenoso de base saibrenta, entendido como o aproveitamento do material resultante da abertura da fossa onde ocorreu a construção do monumento (Bettencourt *et al.* 2005).

São desconhecidos quaisquer paralelos arquitetónicos com esta estrutura na região. A datação radiométrica deste contexto situa a construção do monumento no Bronze Inicial, concretamente, entre meados do século XXII e inícios do século XIX AC (Tab. 5.24).

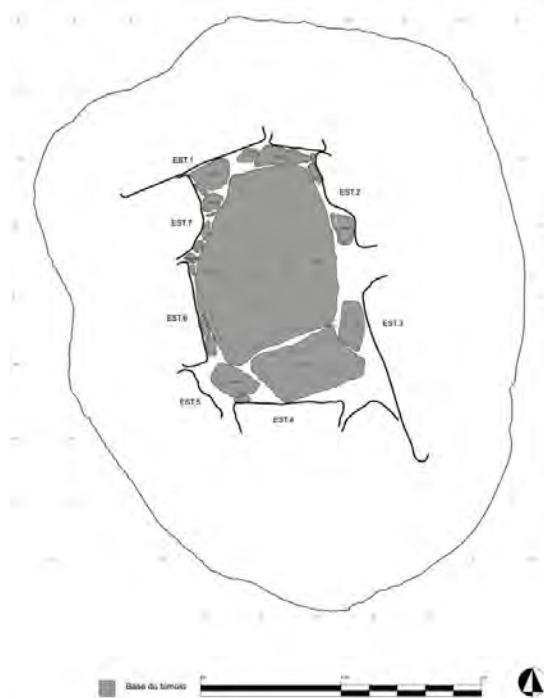


Figura 5.37 – Aspeto da base do túmulo 1 de Vale Ferreiro, regularizado com lajes.

Tabela 5.24 – Data de radiocarbono do túmulo 1 de Vale Ferreiro

Ref. lab.	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
Ua-19728	Restos ósseos	3635±50	2042-1930 (57.8%) 2120-2094 (10,4%)	2141-1884 (95.4%)	Bettencourt <i>et al.</i> 2003c

O túmulo 2, também de arquitetura singular, foi igualmente construído no interior de uma fossa de contorno subretangular, com o maior eixo disposto no sentido norte-sul. Atingia 380 cm de comprimento por 290 cm de largura e uma profundidade entre os 40 e os 58 cm na área periférica³. Sensivelmente a meio esta fossa foi aprofundada, formando uma área de contorno subretangular e cantos arredondados, de secção em “U” e de base aplanada, medindo 284 cm de comprimento, 160 cm de largura e 110 cm de profundidade. A área menos elevada em relação a esta estrutura mais funda parece ter funcionado como uma espécie de “corredor de circulação” (Fig. 5.38).

³ Tanto a norte como a sul do túmulo há duas fossas que o sobrepuseram, alterando a sua configuração original.

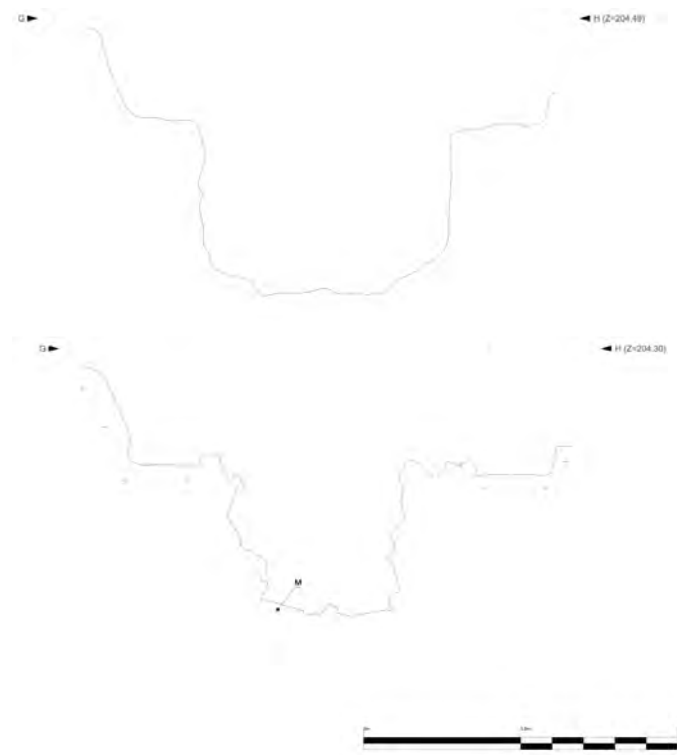


Figura 5.38 – Secção G-H da fossa (em cima) e da câmara (em baixo) do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

No interior desta área mais deprimida foi erguida a câmara funerária propriamente dita (Fig. 5.32). Esta era composta por um “muro duplo” composto por calhaus e blocos de diferentes dimensões, consolidados por um ligante de base saibrenta. Estes “muros”, com espessura variável entre os 34 e os 40 cm, utilizaram blocos e seixos angulosos que engrossavam do topo para a base, estreitando a área disponível a utilizar como câmara (Fig. 5.39).

Os “muros”, dada a utilização de diferentes tipos de rocha e minerais, apresentavam tonalidades cinzas e brancas, pontuadas por tons verdes e rosa das corneanas, incluindo, também, inúmeros fragmentos de moinhos manuais graníticos que apresentavam as suas faces de moagem ora viradas para o interior da câmara, ora para o lado oposto.

A base do túmulo foi regularizada com lajes graníticas, uma estela (?) e moinhos e fragmentos de moinhos manuais. A área disponível para tumulação tomou a forma subretangular, sendo que algumas das lajes da base apresentavam vestígios de coloração avermelhada, formando uma área triangular.



Figura 5.39 – Câmara pétreia do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

A condenação deste monumento terá sido efetuada com uma cobertura horizontalizada de madeira selada com arena granítica que, entretanto, terá colapsado (Bettencourt *et al.* 2005), não sendo de descartar a hipótese desta ter sido construída em telhado de duas águas (Fig. 5.40).

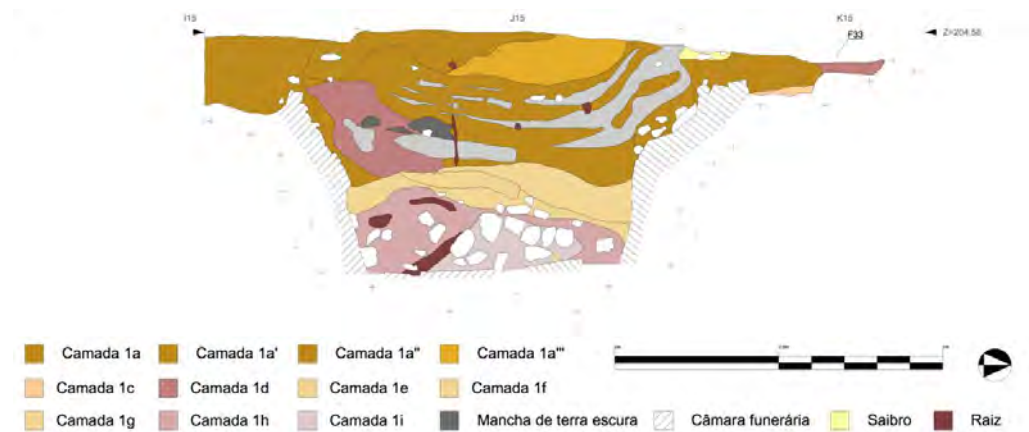


Figura 5.40 – Perfil estratigráfico do túmulo 2 de Vale Ferreiro onde se observam, no topo, as lenticulas de derrube da hipotética tampa de madeira.

Embora se desconheçam paralelos para arquiteturas deste género no Noroeste português, a datação deste contexto situa-o nos primórdios do Bronze Inicial, nomeadamente, algures no intervalo entre os séculos XXV e XXIII AC (Tab. 5.25). Dada a natureza do material

datado (carvões vegetais) é possível que este fosse ligeiramente mais recente, parecendo, pelo seu investimento construtivo, ter sido o túmulo fundacional deste lugar.

Tabela 5.25 – Data de radiocarbono disponível para o túmulo 2 de Vale Ferreiro

Ref. lab.	Material datado	Idade BP	1 Sigma Cal. BC (68.2%) Método B	2 Sigma Cal. BC (95.4%) Método B	Bibliografia
AA89670	Camada 1c (carvões vegetais ¹⁰)	3894±44	2463-2338 (65.9%) 2316-2310 (2.7%)	2479-2274 (89.4%) 2256-2208 (6.0%)	Bettencourt <i>et al.</i> 2003c

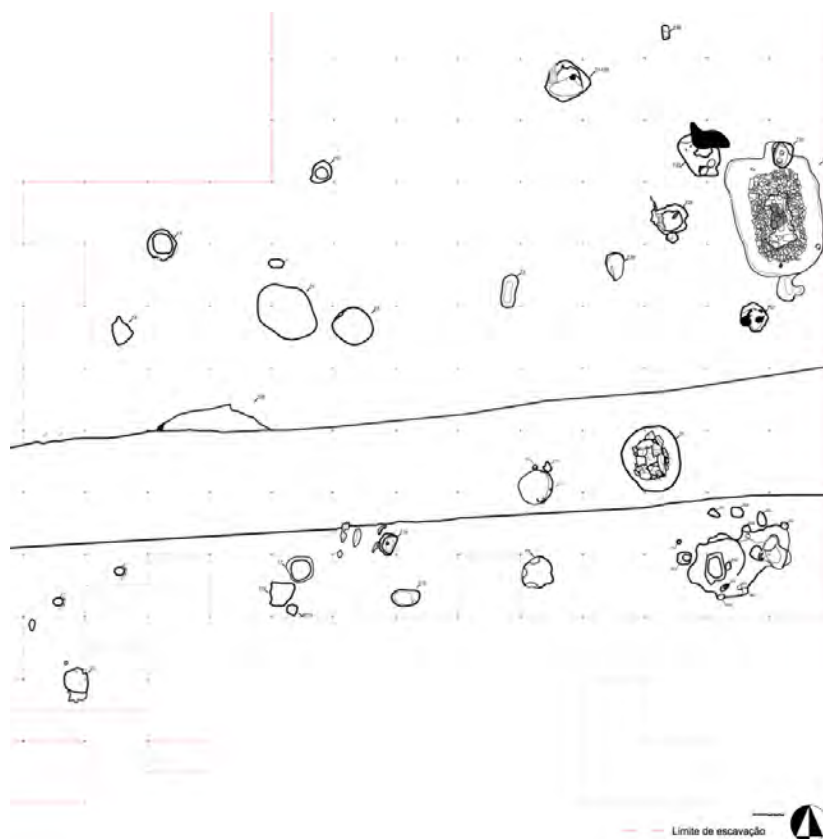


Figura 5.41 – Plano final do Sector I de Vale Ferreiro com representação das estruturas da Idade do Bronze e corte do caminho na origem da descoberta do sítio.

É curioso verificar que os túmulos 1 e 2 de Vale Ferreiro, juntamente com as sepulturas planas (túmulos 3 e 4), ocupam a parte nascente do topo da colina (Fig. 5.41). Embora a área escavada no sítio de Vale Ferreiro corresponda apenas a parte do topo dessa colina, sendo que a parte nascente foi destruída pela construção de moradias particulares e estrada de acesso, destruindo quaisquer potenciais vestígios aí existentes, observam-se aglomerados distintos de estruturas. No quadrante nascente ocorre a concentração de estruturas funerárias, dois túmulos (túmulos 1, 2) e duas sepulturas planas (túmulos 3 e 4). As distâncias inter-estruturas são

¹⁰ Hipoteticamente, estes carvões pertenceriam às tábuas ou troncos que formariam a cobertura.

aproximadas e a sua disposição toma a forma de cruz, com os eixos quase alinhados com os pontos cardeais. A acompanhar estas estruturas funerárias surgem algumas fossas e buracos de poste, embora na sua maioria este género de estrutura se concentre no quadrante poente. Em muitas destas fossas ocorrem poucos ou nenhuns materiais.

O túmulo 2 denota maior investimento construtivo sendo, pela sua cronologia (a mais antiga) considerado como fundacional. Situa-se a nascente e à sua volta gravitam outras estruturas. O túmulo 1, igualmente de características arquitetónicas excecionais, situa-se a cerca de 5 m para sudoeste daquele, datando de igual período cronológico-cultural. Uma sepultura plana (túmulo 3), talvez do Bronze Médio, localizada a cerca de 7 m para poente do monumento fundacional, e uma outra sepultura plana (túmulo 4), a cerca de 4 m para noroeste daquele pode, com certezas de datação por C¹⁴, ser situada no Bronze Médio, firmam o quadro dos indícios evidentes de práticas funerárias.

É possível que a fossa 21 também pudesse ter incluído deposições de cadáveres, ossos ou outras oferendas ligadas com o culto dos mortos aqui enterrados desde o passado, visto ter sido coberta com uma camada de 16 cm arena granítica.

De salientar que as fossas 4, 12, 20 e 21 tinham, cada uma delas, buracos de poste associados, como se estes pudessem, de alguma forma, assinalar os locais de deposição.

Uma característica igualmente digna de nota é que muitas das estruturas de Vale Ferreiro indicam a valorização de variada litologia e colorantes. Em relação a este último refiram-se os vestígios detetados na base do túmulo 1, nas costelas do indivíduo exumado do túmulo 2 e, também, sob a base do túmulo 3 (sepultura plana), concretamente, no filão de quartzo cortado pela sua construção.

Quanto à importância litológica, o túmulo 2 denota o uso de diferentes tipos de rochas, com especial destaque para as corneanas siliciosas e pelíticas (Fig. 5.42), uma matéria-prima de origem regional, possivelmente transportada para ali, certamente, após a visita de outros lugares. A sua inclusão na arquitetura do monumento terá obedecido a critérios prévios que se poderiam prender com o seu potencial significado. Também o uso de diferentes granitos, quartzos e milonitos locais e de corneanas variadas nas arquiteturas de Vale Ferreiro poderiam, por seu turno, relacionar-se com as características animistas do mundo, como tem sido defendido, entre outros autores, por Bradley (2000, 2009), Ingold (2000, 2011), Thomas (2001) e Tilley (2004), já que muitos dos seus lugares seriam possuidores de “vida própria”. Seria esta inclusão de diferentes tipos de rocha e mineral uma forma de fazer convergir vários sentidos a

um só lugar, uma forma de representar os vários *loci* visitados para a recolha de matérias-primas num lugar tornado especial? Seria, paralelamente, uma forma simbólica de legitimar os novos espaços ocupados, conforme defende Bettencourt (2010a) em relação às construções denunciando elevado investimento e oferendas de materiais excepcionais?

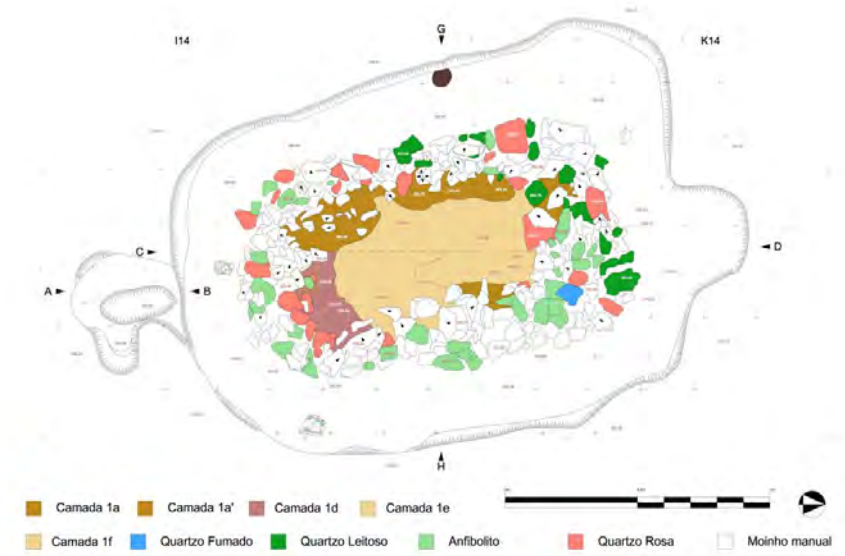


Figura 5.42 – Plano intermédio do túmulo 2 de Vale Ferreiro com câmara pétreica construída recorrendo ao uso de diferentes minerais e rochas.

Também a importância especial do quartzo parece ocorrer abundantemente. Tal verifica-se através da inclusão daquela matéria-prima nas arquiteturas dos túmulos 1 e 2, percebida, por alguns autores, com o intuito de conferir visibilidade (Cruz 1997, 2001; Vilaça & Cruz 1999; Vilas Boas 2014a, 2014b; Pereira 2014b), como, também, pelo facto dos túmulos 3 e 4 terem cortado, aparentemente de forma propositada, filões de quartzo existentes no local. Tal poderá ter que ver, talvez, com outras características inerentes ao mineral em si e não, propriamente, com as suas características visíveis, já que nestes casos tal procedimento foi perpetrado de forma subterrânea, tornando-se invisível a partir da superfície após a colmatação das estruturas. De resto, em termos comparativos, refira-se a situação verificada no monumento de Senhor dos Aflitos, em Arouca, onde a presença de quartzos em diferentes pontos foi interpretada como intencional (Pereira 2014a), nomeadamente, tanto na contrafortagem da câmara e na base da câmara funerária, ladeando uma grande laje no fundo interpretada como eventual estela-menir (com caráter não visível a partir do exterior), como integrando a couraça pétreica e o anel lítico que permitiu a sua sustentação, conferindo, igualmente, considerável visibilidade ao monumento.

2.3. Práticas funerárias

No que respeita ao tratamento dos defuntos os dados serão apresentados segundo dois grandes vetores. Por um lado, tendo em conta a forma de deposição dos cadáveres, onde aparecem representadas práticas de inumação e, ainda que com menor expressão, de cremação. Por outro, as oferendas que acompanharam algumas das tumulações, já que estiveram igualmente relacionados com as cerimónias que culminaram na sepultação dos cadáveres.

2.3.1. Tratamento dos mortos

Na bacia do rio Ave foram detetados ritos de inumação e de cremação.

No campo das inumações, os únicos vestígios devidamente preservados na área de estudo reportam-se ao túmulo 1 de Vale Ferreiro, em Fafe. A observação dos restos ósseos recolhidos do seu interior demonstraram a inumação de um indivíduo na vertical, provavelmente de cócoras, orientado com a cabeça a norte e os pés a sul¹¹ (Bettencourt *et al.* 2003c: 137). Tratar-se-ia de um indivíduo do sexo masculino com cerca de 15 anos, aparentemente sem patologias (Bettencourt *et al.* 2003c: 137). A presença de pequenos pontos de tonalidade avermelhada em fragmentos das costelas aponta para a cobertura do cadáver com colorante (Bettencourt *et al.* 2003c: 130).

Tirando as condições excecionais de achado do túmulo 1 de Vale Ferreiro, a restante quota de contextos funerários da área de estudo evidencia a ausência de restos osteológicos humanos, decorrente das características ácidas dos solos do Noroeste português. Como tal, torna-se necessário aclarar os fundamentos que suportam a interpretação de determinadas estruturas como sepulturas planas e, inerentemente, de certas práticas como inumações.

Em todo este processo algumas opções e procedimentos estabelecidos durante os trabalhos arqueológicos mostraram-se de capital importância, em especial os desenvolvidos na área de necrópole do sítio do Pego, em Braga. Ali, em diferentes campanhas, foi possível detetar, durante a escavação em plano e não seccionada de determinadas estruturas, camadas com diferentes colorações. Nas sepulturas 9 e 11 e na sua área central, comparativamente ao restante enchimento, foram delimitadas camadas mais escuras (Fig. 5.36).

A diferenciação entre camadas foi relacionada com a decomposição dos corpos ali sepultados que, deixando uma forte presença de matéria orgânica, enegreceram parte do

¹¹ Para mais pormenores consultar o capítulo *Estudo monográfico de Vale Ferreiro*, na Parte IV.

enchimento da estrutura e criaram o contraste identificado. Atendendo às características apresentadas por estas estruturas levanta-se a hipótese de que cada sepultura plana serviu para uma inumação individual primária, provavelmente em decúbito lateral (Fig. 5.43).

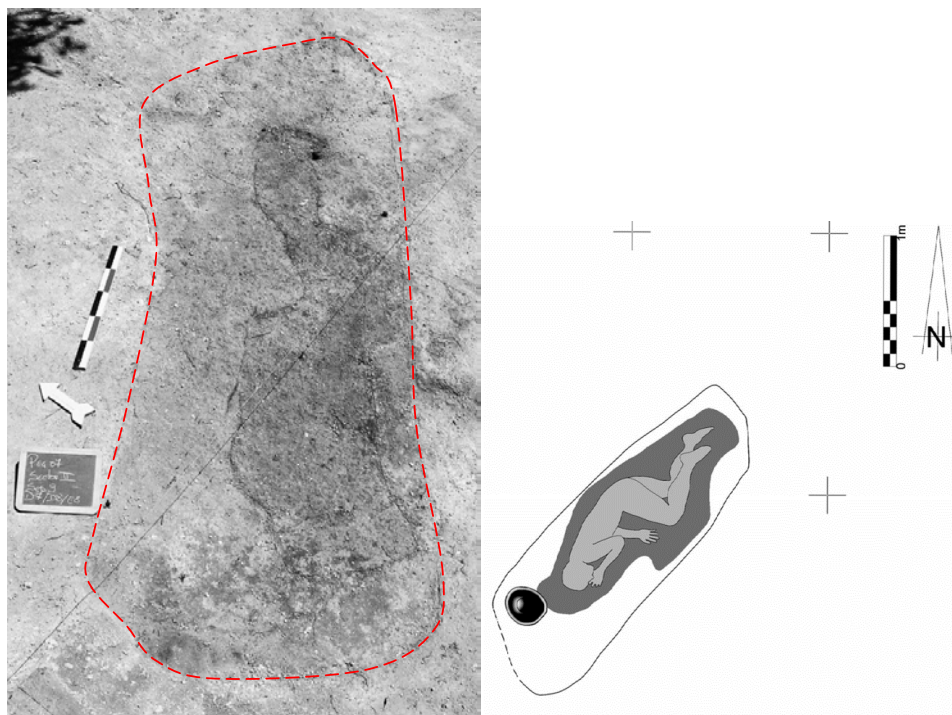


Figura 5.43 – Sepulturas 9 do Pego (à esquerda) com contorno das suas interfaces exteriores (a vermelho) e o enchimento mais escuro (a laranja). À direita, hipotética reconstituição da inumação da sepultura 11 do Pego (segundo Bettencourt 2010c).

Parece igualmente viável considerar que as camadas de arena granítica detetadas no topo de algumas destas estruturas indiciam a sua selagem, funcionando como cobertura ou tampa.

Além destes fatores, poderão também ser referidas as características físicas dessas mesmas estruturas, cuja aparência parece apontar, igualmente, para estruturas funerárias do tipo sepultura plana. São assim exemplo as suas formas e os seus contornos (tendencialmente subretangulares), bem com as suas dimensões (com comprimento e largura suficientes para albergar um corpo estendido ou com as pernas fletidas).

Corroborando ainda a natureza sepulcral destas estruturas refiram-se, também, certos materiais depositados nos seus enchimentos, cujos paralelos com outros contextos conhecidos e datados do Noroeste português e galego apontam claramente para contextos funerários. São estes materiais, em concreto, vasos cerâmicos de bordo horizontal, semelhantes aos associados

à necrópole de cistas Agra de Antas, em Esposende (Soeiro 1988), onde também apareceram ossadas de, pelo menos, três indivíduos (Cunha & Bettencourt 2013).

O conjunto de características enunciadas parece ter relação com outros dois contextos aqui tratados, a saber, Quinta do Amorim e quarteirão dos CTT, em Braga, locais onde foram identificadas estruturas com características semelhantes e de onde foram, igualmente, recuperados recipientes cerâmicos comuns em ambientes funerários, como são os vasos de bordo horizontal e os troncocónicos. Ainda assim, no caso específico de Quinta do Amorim e conforme já foi proposto (Sampaio *et al.* 2014), a sepultura plana ali identificada, pela sua expressiva largura (variável entre os 80 e os 108 cm), poderia ter albergado uma inumação dupla (vide Figs. 5.28 e 5.30).

Hipotéticos indícios indiretos de inumação encontram-se, também, sobre as lajes da base do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe. Ali foi possível individualizar uma mancha de coloração avermelhada resultante da mistura de argila com uma espécie de gordura, cuja forma subtriangular levou Bettencourt *et al.* (2005) a considerar a inumação de um cadáver em decúbito lateral, muito provavelmente em posição fetal. Já foi referida a presença de colorante vermelho nas ossadas humanas recuperadas do interior do túmulo 1, naquele mesmo sítio, sendo que ali surgiram, ainda, restos de colorante semelhante na base do túmulo 3 (sepultura plana não muito distante).

Assim, atendendo a tudo o que foi referido, pode-se concluir que há vestígios de inumação desde o Bronze Inicial ao Bronze Médio.

No quadro do tratamento dos defuntos envolvendo o uso de fogo e diretamente relacionados com a cremação, atendendo à escassez de dados para uma área naturalmente “pobre” como o Noroeste peninsular, os monumentos de Granjinhos e de Vale de Chão 1, ambos em Braga, são de considerável importância.

No caso de Granjinhos foram identificados quatro potes cerâmicos que, pese embora o seu estado fragmentado, o posicionamento *in situ* das suas bases permitiu perceber o seu contexto primário de deposição (Bettencourt 1995, 1999, 2000a) (Tab. 5.26).

Resultados de análises de HCl 0,1N e de Bray II aos sedimentos do interior do recipiente cerâmico com o número de inventário 1993.0297 revelaram elevada presença de fósforo por 100 g (Tab. 5.27).

Tabela 5.26 – Principais características das quatro urnas de Granjinhos

Nº Vaso	Tipologia ¹²	Pança	Alt. (cm)	Diâm. (cm)	Bordo	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Asa	Fuligem	Dec.
1993.0298	Forma 1	Ovoide	25,5	21,5	Horiz.	Irreg.	Plana simples	Alis./Alis.	-	Bordo e início da pança	S
1993.0296	Forma 5	Subcilind.	28	16,8	Esvas.	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	Duas (fita)	Bordo e início da pança	N
1993.0297	Forma 5	Subcilind.	35/36,5	20	Horiz.	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	-	Bordo, colo e início da pança	S
1993.0299	Forma 5	Subcilind.	24,2	18,4	Horiz.	Reto	Plana simples	Alis./Alis.	Duas (fita)	-	N

Tabela 5.27 – Valores das análises HNCIO,1N e Bray II realizadas aos sedimentos internos e externos do vaso 1993.0297 de Granjinhos (adaptado de Bettencourt 1999)

Amostra	mgr p/100g	
	HNCIO,1N	Bray II
Terras interiores	168.67	117.15
Terras exteriores	135.46	101.05

Estes resultados permitem equacionar o uso daquelas formas cerâmicas como urnas funerárias¹³, hipoteticamente contendo ossos ou cinzas humanas (Bettencourt 1999, 2000a).

Atendendo às características contextuais das quatro formas cerâmicas – em associação com uma estrutura circular definida por um alinhamento de pedras e arena granítica –, à ausência de outros vestígios nas proximidades e aos valores de fósforo obtidos nas supracitadas análises, parece viável interpretar os Granjinhos como uma necrópole de cremação onde terá ocorrido a deposição secundária dos restos de ossadas em urnas funerárias durante os séculos XVII e XV AV, ou seja, o Bronze Médio, conforme data apresentada no capítulo anterior (vide Tab. 5. 23).

Por seu turno, os trabalhos de escavação no monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1 permitiram confirmar a sua reutilização durante o Bronze Médio, conforme data radiométrica disponível que situa entre os séculos XVI e XIV AC (vide Tab. 5.14), ou um pouco mais recente, dado o efeito de envelhecimento do carvalho, que foi a espécie datada (Vilas Boas 2014a). Esta reutilização foi identificada sob a forma de sepultura plana aberta no *tumulus* do monumento (Vilas Boas 2014a). Embora a acidez dos solos não tenha permitido a preservação de quaisquer restos ósseos, a elevada presença de carvões, posteriormente analisados, revelou pertencerem um grande tronco de carvalho que terá sido queimado *in situ* (Vilas Boas & Martín Seijo 2014). Hipoteticamente, é lançada a possibilidade de tal vestígio corresponder a uma cremação secundária concretizada através da queima de um sarcófago após a sua inclusão na referida estrutura aberta no *tumulus* do monumento (Vilas Boas & Martín Seijo 2014). No contexto do Noroeste português é conhecida a sepultura 322 de Cimalha, em Felgueiras, em plena bacia do

¹² Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

¹³ “As altas concentracions de fósforo son indicativas de unha intensa actividade humana, ó que apunta a que ó vaso poida corresponder a unha urna funeraria” (Teresa Taboado Castro *in* Bettencourt 1999: 493, nota 187).

rio Sousa, no interior da qual terá ocorrido a deposição de um adáufo escavado num tronco identificado em estado igualmente carbonizado (Almeida & Fernandes 2008) (Fig. 5. 44). A este contexto refira-se a associação de um recipiente cerâmico típico de contextos funerários do Bronze Inicial e Médio do Noroeste português, conforme refere Bettencourt (2009, 2010a, 2011a). Também o monumento de Vale de Chão 1, aia que no quadro de inexistência de câmara pétrica no seu interior, leva a ponderar que “*a deposição do corpo ou de eventuais cinzas se poderia ter efetuado diretamente sobre o solo ou sobre qualquer estrutura em material perecível*” (Vilas Boas 2014a: 22). Neste sentido, os carvões vegetais presentes na última camada (no nível inferior do monumento), em área central, podem corresponder à deposição de ossos cremados ou a outros ritos envolvendo o uso de fogo, prática que tem vindo a ser identificada noutros monumentos semelhantes (Cruz & Vilaça 1999). Este contexto encontra-se datado pelo radiocarbono entre os séculos XX e XVIII AC (Vilas Boas 2014a, 2014b).



Figura 5.44 – À direita, adáufo de madeira identificado no interior da sepultura 322 de Cimalha; à esquerda, recipiente cerâmico que surgiu associado a este contexto (Brochado & Fernandes 2008: 42).

Embora problemáticos, há outros dois contextos que poderão ser referidos no âmbito do tratamento dos defuntos. Desde logo, a hipótese levantada por Silva (1993) em relação às fossas de Campo de Postigo, cuja natureza sepulcral poderia se associada a uma necrópole de cremação. Neste mesmo sentido é sugestivo o grafismo de Cardoso (1936), quando regista o perfil de uma das fossas identificadas no lugar de Faisca, em Guimarães. Especificamente, no que toca à representação de manchas escuras nos níveis em contacto e imediatamente abaixo do vaso de bordo horizontal depositado no seu interior (vide Fig. 5.32). Refere o autor (Cardoso

1936: 72) que na “*parte subjacente ao vaso, encontravam-se, por vezes, filões de cinzas e carvão, à mistura com terra*”. Poderá esta descrição corresponder a indícios de cremação sobre a qual teria sido depositado o vaso cerâmico? Curiosamente, adiante refere que “*também várias covas, onde se encontravam os vasos depositados, não revelaram cinzas nem carvão*” (Cardoso 1936: 79). Corresponderiam estas, por seu turno, a estruturas utilizadas para inumações (Cf. Cardoso 1936)?

Infelizmente, a falta de dados concretos para ambos os casos (Campo de Postigo e Faisca) é inconclusiva.

Verifica-se, ainda, o uso de colorante, conforme casos bem registados nos túmulos 1 e 2 de Vale Ferreiro. Naquele primeiro monumento, que pela conjugação de condições raras permitiu a preservação de ossadas humanas, foi possível detetar, em algumas costelas do indivíduo ali sepultado, pequenos pontos avermelhados compatíveis com o uso daquela substância sobre parte do corpo. Já o túmulo 2, mesmo na ausência de ossadas, preservava igualmente, no fundo câmara funerária pétreo, um fino sedimento de coloração avermelhada, tratando-se de uma mistura de uma argila local com um ligante gorduroso. Curiosamente, atendendo ao seu formato subtriangular, em plano, parece viável considerar a deposição de um corpo em decúbito lateral, talvez em posição fetal, hipoteticamente virado a nascente.

Indícios de colorante foram igualmente detetados sobre a base do túmulo 3 de Vale Ferreiro, espalhados diretamente no filão de quartzo cortado pela construção da estrutura. Também no Pego, em Braga, recolheram-se restos de colorante amarelado, quer no enchimento da sepultura plana 4 quer no enchimento da fossa 2, esta última estrutura enquadrada em contexto de necrópole e que, ainda que de forma não evidente, tem vindo a ser associada a práticas funerárias (Sampaio & Bettencourt 2011).

2.3.2. Outras ações funerárias

Segundo a obra de referência de Pearson (1999), a presença de materiais em contextos funerários terá resultado da vontade explícita dos vivos ou dos defuntos. Se alguns desses materiais poderiam integrar a indumentária do sepultado, enquanto pertences do dia-a-dia ou objetos utilizados em ocasiões especiais, outros terão sido propositadamente depositados por terceiros.

Embora a distinção da verdadeira natureza do espólio funerário nem sempre seja fácil, ele foi intencionalmente depositado por uma ou mais pessoas com um ou mais significados: a

distinção das qualidades da pessoa enterrada; o associar à pessoa um objeto pessoal ou biográfico; uma forma de recordação por parte dos seus entes queridos, resultante da irremediável perda; ou simplesmente o modo como o defunto gostaria de ser lembrado. Em muitos casos, alguns destes objetos parecem ter desempenhado um papel ativo e preponderante nas cerimónias fúnebres, enquanto noutros parecem ter sido propositadamente fabricados para o efeito.

Não deverá ser esquecido, contudo, que os vestígios materiais de contextos funerários são apenas uma parte manipulação das perceções e das crenças (Pearson 1999). Segundo este autor interessará perceber que uma vez encetado todo o cenário envolvido nas práticas fúnebres, a análise dos seus vestígios permite perceber um pouco melhor a forma como a morte foi encarada e tratada mas, acima de tudo, materializada. Não deve, pois, ser esquecido que tanto objetos quanto práticas ganham, ao longo do tempo, significados distintos.

Nos contextos funerários da bacia do Ave predominam os recipientes cerâmicos, sendo raros os elementos líticos e metálicos. Neste sentido, o critério de apresentação dos dados deste subcapítulo privilegia, num primeiro momento, os artefactos cerâmicos encontrados em cada tipo de contextos, seguidos dos líticos e, finalmente, dos metálicos.

Cerâmicas em contextos funerários

No que respeita à reutilização de monumentos megalíticos na área de estudo as deposições cerâmicas são escassas. Apenas se conhece o vaso do dólmen da Lapinha, em Guimarães (Sanches 1981).

A forma em questão apresenta fabrico manual e pasta grosseira, com grandes desgordurantes de quartzo. Mede 12 cm de altura e 10,9 cm de diâmetro de boca. Corresponde a uma forma subcilíndrica com perfil sinuoso que inclui colo pouco acentuado. Apresenta base de fundo plano e detém um elemento de prensão vertical de secção subretangular. Encontra-se decorado por incisão e impressão, combinando sulcos semi-verticais espaçados entre si que foram efetuados com ponta romba e larga com depressões de pequenos círculos dispostas aleatoriamente. Trata-se de um púcaro ou forma 10 de Bettencourt (1999) (Fig. 5. 45).

Desconhece-se na região do Noroeste português qualquer paralelo para a decoração deste vaso, quer em contextos funerários quer em contextos de povoados da Idade do Bronze Inicial, Médio ou Final. No entanto, as deposições cerâmicas mais frequentes nas reutilizações

de monumentos megalíticos são datadas do Bronze Inicial e Médio. Estas fazem-se representar, na sua maioria, por vasos troncocónicos, subcilíndricos ou potinhos/púcaros, conforme verificado em vários casos entre a Beira Alta e o sul da Galiza, mas, também, a partir do Bronze Médio, por vasos de bordo horizontal, cuja distribuição se estende entre o Douro Litoral, o Minho e o sul da Galiza (Bettencourt 2011a). Por estas razões, talvez o vaso da Lapinha se possa situar nestas balizas cronológicas.

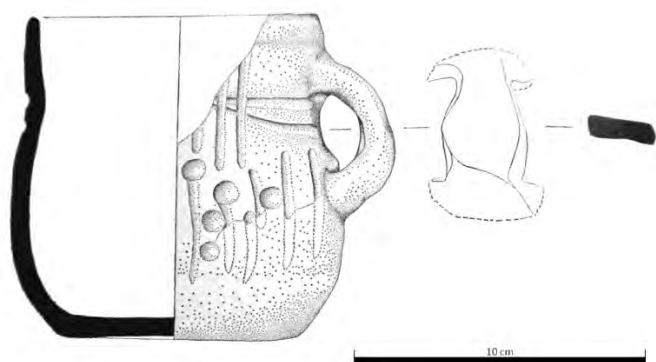


Figura 5.45 – Recipiente cerâmico ou forma 10 de Bettencourt (1999) associado à reutilização do monumento megalítico da Lapinha, Guimarães (adaptado de Sanches 1981: 94).

No que respeita a materiais exumados de monumentos sob *tumuli* sabe-se que terão sido depositados recipientes cerâmicos em Vale de Chão 1 (Loureiro 2007; Vilas Boas 2014a, 2014b) e em Vale de Chão 2 (Loureiro 2007), ambos em Braga, embora o reduzido tamanho dos fragmentos encontrados, em posição secundária, não permita qualquer ilação formal. Também no monumento de Regedoura 2, em Fafe, foram recolhidos vários fragmentos cerâmicos onde estão representadas panças e, mais raramente, bordos e fundos (Pereira 2014b, comunicação pessoal). Pese embora a sua descontextualização, por hipotética violação da câmara e, mais tarde, pela sua perturbação por uma grande raiz de eucalipto, as características tecnológicas e formais daqueles fragmentos, onde parecem prevalecer formas hemisféricas, permitem enquadrá-lo, ainda que genericamente, no Bronze Inicial.

A este propósito refira-se o monumento sob *tumulus* de Senhor dos Aflitos (Arouca), no qual foram recuperados fragmentos de “*uma taça carenada, de um possível recipiente subcilíndrico e de, pelo menos, dois vasos decorados com aplicações plásticas mamilares, sendo um deles um troncocónico*” (Pereira 2014a: 12). A presença destes materiais, no quadro da reutilização de um monumento que, pelas suas características comparativamente a monumentos

coevo, pode ser genericamente situado no Bronze Inicial, foi interpretada como resultante de deposições intencionais.

A maioria das sepulturas planas quer do Bronze Inicial quer do Bronze Médio inclui, como ofertas, recipientes cerâmicos (Tab. 5.28).

Das 16 sepulturas planas a ser consideradas (12 do Pego¹⁴, 2 de Vale Ferreiro, 1 da Quinta do Amorim e 1 do quarteirão dos CTT), apenas nas sepulturas 1 e 4 do Pego e no túmulo 4 de Vale Ferreiro não foi identificado qualquer espólio, as quais representam 16,7%.

Estes recipientes cerâmicos correspondem, na sua grande maioria, a vasos de bordo horizontal ou forma 13 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Apenas a sepultura LXXX do quarteirão dos CTT (Martins *et al.* 2010a, 2010b, 2010c) incluía um vaso troncocónico ou forma 14 (Bettencourt 1999) e o túmulo 3 de Vale Ferreiro um potinho ou forma 10 (Bettencourt 1999).

Tabela 5.28 – Relação de materiais cerâmicos e líticos recolhidos nas sepulturas planas

Sítio	Est.	Materiais	Forma ¹⁵	Posicionamento	Materiais a acompanhar
Pego	S1	–	–	–	–
Pego	S2	Vaso cerâmico	13	NE	–
Pego	S3	Vaso cerâmico	13	NW	–
Pego	S4	–	–	–	–
Pego	S5	Vaso cerâmico	13	NE	–
Pego	S6	Vaso cerâmico	13	NW	–
Pego	S7	–	–	–	Peso de tear ou de rede
Pego	S8	Vaso cerâmico	13	NW	Cossoiro ou conta de colar
Pego	S9	Vaso cerâmico	13	NW	–
Pego	S10	Vaso cerâmico	13	NW	–
Pego	S11	Vaso cerâmico	13	NW	–
Qta. Do Amorim	Est12	Vaso cerâmico	13	N	–
Quart. CTT	SepLXXX	Vaso cerâmico	13	NW	–
Vale Ferreiro	Túmulo 3	Vaso cerâmico	10	S	–

Os vasos de bordo horizontal totalizam 9 exemplares, correspondendo a 64,3% da amostra total, dos quais 8 foram exumados na necrópole do Pego e 1 na Quinta do Amorim (Tab. 5.29). Predominam os largos bordos horizontais (8 exemplares, respeitantes a 80%) ou forma 13c segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), contra apenas 2 exemplares de médio bordo (20%). Está ausente a forma 13a (Bettencourt 1999) ou de pequeno bordo (Figs. 5.46 e 5.47).

¹⁴ Embora o contorno, a secção e o enchimento da sepultura 13 não tenha sido possível definir durante os trabalhos de escavação, a sua identificação foi aproximada pela recolha de um vaso que se encontrava, originalmente, no seu enchimento. Por essa razão, e pese embora o mesmo não possa ser articulado com a estrutura na qual havia sido depositado, poderá, no entanto, ser considerado na restante análise.

¹⁵ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Todos estes vasos denotam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas, variáveis entre a textura média/grosseira e muito grosseira, dependendo das dimensões dos desgordurantes de quartzo adicionados.

Tabela 5.29 – Características dos vasos de bordo horizontal recuperados das sepulturas planas

Sítio Est.	Forma ¹⁶	Pasta	Alt.	Diâm.	Larg. bordo	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Secção asa	Fuligem	Deco.
Pego S2	13b	Muito grosseira	6,8	9,3/9,8	2,3/2,4	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Pego S3	13c	Grosseira	9,6	8,9/9,1	3/3,4	Arred.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Pança	S
Pego S5	13c	Grosseira	10,2	10,5/10,7	2,8/3,2	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Asa e base	S
Pego S6	13b	Grosseira	10,6	11,1/11,2	2,2/2,5	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Pego S8	13c	Grosseira	9,1	10/11	3,7/4	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Pego S9	13c	Grosseira	9,1	10/10,3	3,4/3,9	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Polido	Fita	Oposta à asa e pança	S
Pego S10	13c	Grosseira	8	10/10,1	3,2/3,4	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Polido	Fita	Oposta à asa	S
Pego S11	13c	Média/grosseira	9,8	10/10,3	3/3,6	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Pego S13	13c	Grosseira	7,6	11,2/11,5	3,4	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Bordo e pança	S
Qta. Amorim E12	13c	Média/grosseira	9,4	13/13,5	1,9/3,2	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	N

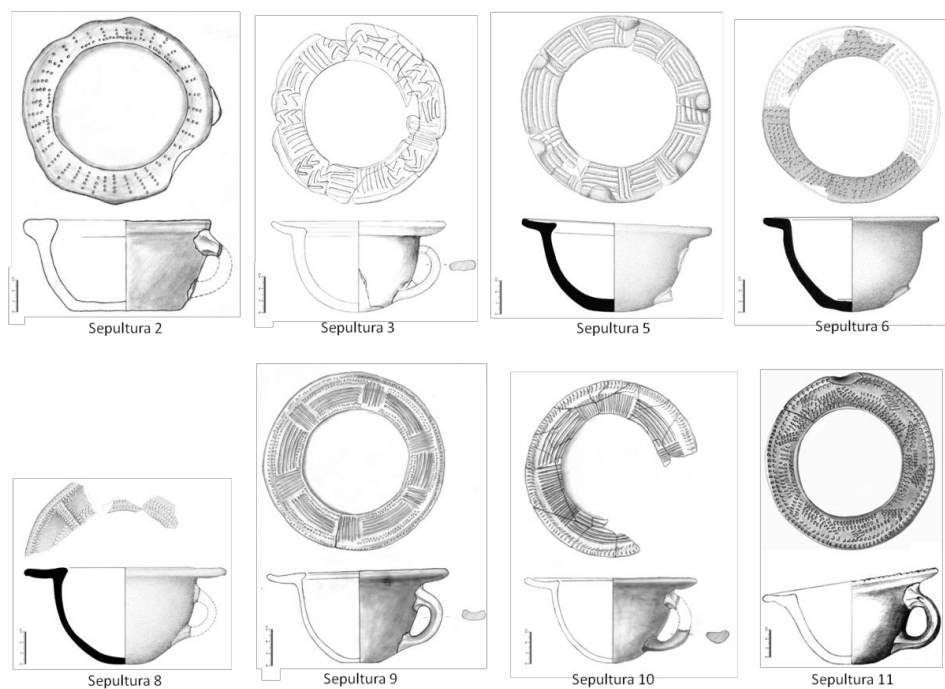


Figura 5.46 – Vasos de bordo horizontal recolhidos das sepulturas planas do Pego, em Braga.

¹⁶ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Ao nível das alturas estes recipientes oscilam entre os 6,8 e os 10,6 cm. Os seus diâmetros variam entre os 8,9 e os 13,5 cm e os seus bordos entre 1,9 e 3,9 cm de largura.

Quanto às bases prevalecem as côncavas aplanadas, com 8 exemplares (80%), contra 1 côncava e 1 plana simples (representando 10% cada).

Os acabamentos são quase exclusivamente alisados em ambas as faces (80%), com apenas 2 casos de polimento externo com alisamento interno (20%).



Figura 5.47 – Vaso de bordo horizontal recuperado do interior da estrutura 12/sepultura 1 de Quinta do Amorim.

Os elementos de prensão são todos verticais e de secção em fita. No entanto, nos casos das sepulturas 2, 5, 6 e 8 do Pego e da estrutura 12/sepultura 1 de Quinta do Amorim, esta observação foi conseguida pelo negativo dos mesmos nas paredes das panças.

Predominam as bases convexas aplanadas, com exceção das sepulturas 2 e 3 do Pego, que apresentam, respetivamente, fundo plano simples e convexo.

Ao nível das decorações, excetuando o vaso recolhido da estrutura 12/sepultura 1 de Quinta do Amorim, que era totalmente liso, todos os restantes apresentavam composições decorativas mais ou menos complexas que se desenvolvem pela parte interna do bordo (Tab. 5.30). As técnicas decorativas recorreram ao uso da incisão (33,3%) e da impressão (33,3%) e, mais raramente, da conjugação de duas técnicas decorativas, respetivamente, incisão e adição plástica (11,1%), impressão e adição plástica (11,1%) e incisão e impressão (11,1%).

Tabela 5.30 – Descrição das composições decorativas dos vasos de bordo horizontal recuperados do interior de sepulturas planas

Sítio	Est.	Composição decorativa	Técnica decorativa
Pego	S2	Impressão de linhas descontinuas formadas por pequenos pontos impressos distribuídos na diagonal em relação ao lábio que, no quadrante direito em relação à asa, na extremidade oposta ao lábio, inclui pequenos grupos de pontos impressos alinhados quase formando uma linha descontinua paralela ao lábio	Impressão
Pego	S3	Altera incisões com ponta romba, variáveis em número de cinco ou sete, que formam séries de linhas paralelas entre si e, ao mesmo tempo, perpendiculares ao lábio, linhas incisas em número de cinco, efetuadas com ponta romba paralelas ao lábio, e duas colunas de três "V" invertidos, também efetuados por incisão	Incisão
Pego	S5	Pontualmente dispersos junto ao lábio figuram seis elementos plásticos ou mamilos; cinco linhas incisas com ponta romba foram dispostas no sentido paralelo ao lábio, sendo interrompidas por conjuntos de três linhas incisas, também efetuadas com ponta romba, que se dispõem em sentido perpendicular ao lábio, formando métopas	Incisão e adição plástica
Pego	S6	Impressões múltiplas de motivos subtriangulares dispostos na horizontal formando cinco linhas descontinuas e intervalada entre si que se desenvolvem paralelamente ao lábio; estas foram interrompidas, aleatoriamente, por quatro linhas obtidas de igual forma dispostas no sentido diagonal em relação ao lábio, formando métopas.	Impressão
Pego	S8	Três linhas descontinuas paralelas ao lábio formadas por sucessivas impressões de motivos subtriangulares, uma das quais efetuada sobre o lábio; as outras duas linhas do bordo são interrompidas por cordões plásticos pouco proeminentes e achatados que percorrem, transversalmente, o bordo e terminam antes do lábio; estes cordões plásticos são flanqueados de cada lado por uma linha de motivos subtriangulares impressos disposta no sentido transversal ao lábio, conferindo à composição um aspeto metopado	Impressão e adição plástica
Pego	S9	Três linhas descontinuas paralelas ao lábio formadas por sucessivas incisões de motivos subtriangulares, uma das cravando sensivelmente metade do lábio, e duas linhas descontinuas paralelas ao lábio compostas por séries de motivos subtriangulares incisos; entre ambas as linhas, séries variáveis de 5, 6 ou 7 pequenos segmentos de linhas contínuos, incisos com ponta romba e também paralelos ao lábio, são interrompidos por incisões com ponta romba perpendiculares ao lábio, variáveis entre as 6 e as 7 linhas	Incisão
Pego	S10	Cerca de metade do lábio e parte distal do interior do bordo foram incisos, no sentido paralelo ao lábio, com duas linhas descontinuas formadas por séries de motivos subtriangulares; abaixo destas duas linhas e no sentido perpendicular ao lábio foram efetuadas incisões de linhas contínuas, em número variável entre as 18 e as 22, quebradas por métopas compostas por linhas incisas contínuas e igualmente paralelas ao lábio, em número de 7 ou 8	Incisão
Pego	S11	Paralelamente ao lábio foram efetuadas duas linhas descontinuas formadas por motivos subtriangulares impressos; na parte inferior da aba, e também no sentido paralelo ao lábio, desenvolvem-se outras duas linhas descontinuas formadas por sucessivos motivos subtriangulares impressos; ambos os conjuntos de linhas são interrompidos por métopas sob a forma de duas linhas descontinuas formadas por séries de motivos subtriangulares impressos distribuídos na diagonal em relação ao lábio	Impressão
Pego	S13	A parte interna do bordo apresenta composição decorativa de séries de motivos subtriangulares impressos, alguns dos quais duplos, formando quatro linhas que se dispõem de forma paralela ao lábio; estas linhas são intercaladas por três linhas incisas contínuas efetuadas com ponta romba que se desenvolvem de forma igualmente paralela ao lábio; pontualmente, esta composição impressa e incisa foi interrompida transversalmente por conjuntos de 3 linhas incisas, também efetuadas com ponta romba, que se dispuseram de forma mais ou menos paralela entre si mas ligeiramente diagonais em relação ao lábio, formando métopas	Impressão e incisão

Sem exceção, estes vasos evidenciam vestígios de contacto com o fogo sob a forma de fuligem, na grande maioria das vezes em ambas as faces, sendo que na parede externa essa distribuição ocupou maioritariamente a área oposta à da asa (70%), seguido de bordo e pança (10%), pança (10%) e asa e base (10%).

Análises químicas a esta fuligem permitiram identificar que os vasos serviram a queima de uma espécie de gordura (Gonçalves *et al.* 2010), embora não tenha sido possível especificar a sua origem. Ainda assim, a recorrente presença de fuligem em vasos de bordo horizontal exumados de contextos funerários deixa perceber o seu uso em cerimónias ou ritos envolvendo o uso de fogo, decorridos antes ou durante o funeral. Neste sentido, mais do que uma simples oferenda que acompanhou o defunto, estes vasos podem ser interpretados como objetos relacionados com a liturgia fúnebre.

A posição preferencial de deposição destes vasos no interior das sepulturas foi a extremidade sudoeste, apenas diferente nas sepulturas 2 e 5 do Pego e LXXX do quarteirão dos C.T.T., onde estes se localizavam na extremidade nordeste, e na sepultura da Quinta do Amorim, onde foi depositado a norte (Tab. 5.31).

Tabela 5.31 – Distribuição dos vasos de largo bordo no interior das sepulturas

Sítio/Estrutura	Posição do vaso no interior da sepultura
Pego/S2	NE
Pego/S3	SW
Pego/S5	NE
Pego/S6	SW
Pego/S8	SW
Pego/S9	SW
Pego/S10	SW
Pego/S11	SW
Pego/S13	SW
Qta. Amorim/E12	N

Pelas datas de radiocarbono obtidas para estes contextos parece exequível afirmar que as diferenças de localização dos vasos no interior das sepulturas não se relacionam com aspetos de cronologia distinta, pois tanto a sepultura da Quinta do Amorim como a sepultura 9 do Pego são genericamente contemporâneas (datáveis do Bronze Médio). Como tal, esta ocorrência deverá ter que ver, antes sim, com diferentes comportamentos e normas funerárias que desconhecemos, que tanto podem relacionar-se com o género, com a idade, com determinadas qualidades do cadáver ou, mesmo, com as épocas do ano em que ocorreu o enterramento, entre outras possibilidades.

Apesar de muitos autores terem enquadrado no Bronze Médio, no Bronze Médio e Final ou no Bronze Final os vasos de bordo horizontal, as devidas datações radiométricas apenas começaram a ser efetuadas a partir de Jorge (1988) para Bouça do Frade (Baião), cujos resultados se situaram no Bronze Final. Depois de Bettencourt (1997) apresentar uma data para Sola (Vila Verde), situada na 2ª metade do II milénio AC, Cruz & Gonçalves (1998-1999) datam Agra de Antas (Esposende), obtendo novo resultado para o Bronze Final. Posteriormente,

Bettencourt (1999), com média ponderada entre a anterior data e nova datação, recua o contexto de Sola (Vila Verde) para os finais do Bronze Médio. Após estes trabalhos, as datas de radiocarbono para este tipo de recipiente apenas foram efetuadas ao abrigo do presente trabalho, o qual conta com datação de quatro contextos funerários, a saber: Faisca (Guimarães), Quinta do Amorim e Pego (Braga) e Corvilho (Santo Tirso). Com isso pretendia-se, acima de tudo, precisar a diacronia dos contextos associados a estas formas. Os resultados obtidos permitiram recuar ligeiramente as suas balizas, colocando-as em finais do Bronze Inicial. É o caso concreto da necrópole do Pego, em Braga, onde a datação de fuligem raspada do interior do vaso recolhido do interior da sepultura 5 data o contexto entre os séculos XXI e XVIII AC. Ainda assim, de qualquer forma, a maioria da datação destes vasos enquadra-se no Bronze Médio.

Outros vasos que ocorrem em sepulturas planas são os troncocónicos. Na bacia do Ave o único exemplo bem contextualizado é o do vaso recolhido da sepultura LXX do quarteirão dos CTT, em Braga. Apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa muito grosseira. Trata-se da forma 14 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) (Tab. 5.32 e Fig. 5.48).

Tabela 5.32 – Características do vaso troncocónico recuperado do interior de sepultura LXXX do quarteirão dos CTT

Nº Inv.	Forma ¹⁷	Alt. (cm)	Diâm. (cm)	Bordo	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Secção asa	Fuligem	Deco.
2009.0393	14	10.8	11,3	Aba soerguida	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa e pança	S

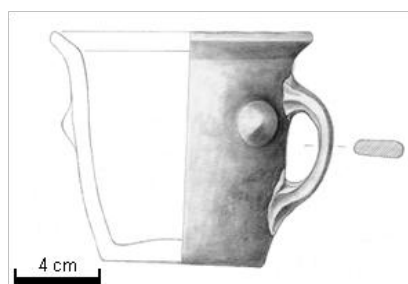


Figura 5.48 – Vaso troncocónico recuperado do interior da sepultura LXXX do quarteirão dos C.T.T.

Na parede externa esta distribui-se na zona oposta à asa e numa das laterais da pança. Esta característica, que também se verifica nos vasos de bordo horizontal, permite colocar a hipótese da sua utilização durante as práticas funerárias, nomeadamente, em ritos associados à queima de substâncias gordurosas, conforme já adiantado para aquele tipo de vaso da

¹⁷ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

necrópole do Pego. De notar que esta característica é comum a outros vasos desta forma oriundo de contextos funerários (Bettencourt 2010b, 2010c), pese embora o facto dos troncocónicos da cista de A Forxa, Ourense, datados do Bronze Médio, terem contido cerveja (Prieto-Martínez *et al.* 2005, 2009a). Neste caso concreto, tal facto associaria este recipiente a práticas de comensalidade ocorridas durante o funeral ou, então, como oferta de bebidas ao defunto.

Conclui-se, assim, que a presença desta forma cerâmica ocorre principalmente durante a Idade do Bronze Inicial e Médio e que surge comumente associada a contextos funerários (Bettencourt 2009, 2010a, 2011a). Com o intuito de precisar a cronologia deste contexto, ao abrigo deste trabalho foi tentada a sua datação radiométrica (vide Tab. 5.17). Os resultados obtidos enquadram esta estrutura no 1º quartel do II milénio AC, mais precisamente entre os séculos XXI e XIX AC e no que é reconhecido como Bronze Inicial, intervalo que é consonante com as propostas que têm vindo a ser defendidas (Bettencourt 2009, 2010a, 2011a).

Outra forma cerâmica que ocorre em sepulturas planas é o potinho. O único exemplar conhecido na bacia do Ave é o do túmulo 3 de Vale Ferreiro (Tab. 5.33 e Fig 5.49).

Tabela 5.33 – Características do potinho recuperado do interior do túmulo 3 de Vale Ferreiro

Pasta	Alt. (cm)	Diâm. (cm)	Perfil	Bordo	Lábio	Base	Tratamento Int./Ext.
Grosseira	16,2	9,4/9,6	Ovoide	Vertical	Reto	Semiplana	Alis./Alis.



Figura 5.49 – À esquerda, potinho recuperado do interior do túmulo 3 de Vale Ferreiro (*in situ* à direita).

Apresenta fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa e grosseira. Trata-se de uma forma 10 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999). Não inclui qualquer decoração nem vestígios de contato com o fogo. Foi depositado na extremidade sul da sepultura (Fig. 5.42), pelo que a sua função seria distinta dos vasos de bordo horizontal e dos troncocónicos,

associados a ritos de fogo. É uma forma cerâmica que se encontra presente durante toda a Idade do Bronze (Bettencourt 1997), embora com especial ênfase em cistas do Bronze Inicial da Galiza (Rodríguez Gras 1974; Ramil Soneira & Vázquez Varela 1979; Vázquez Varela 1980; Monteagudo *et al.* 1981). A inexistência de datação radiométrica válida para este contexto não ajuda a precisar, neste caso concreto, a sua cronologia.

No grupo das fossas da área de estudo consideradas como sepulcrais as formas mais comuns são, também, os vasos de bordo horizontal. Cabe neste exemplo a hipotética necrópole de fossas de Faísca (Guimarães), cuja datação por C¹⁴ de fuligem raspada de um dos exemplares cerâmicos ali recolhidos permitiu igualmente situar no Bronze Médio (Fig. 5.50).

Pelas suas características e vestígios de fuligem em ambas as paredes (internas e externas), normalmente distribuídos em posição oposta à asa, admite-se que tivessem um significado similar aos encontrados nas sepulturas planas do Pego e de Quinta do Amorim, ou seja, usados como agentes nas cerimónias fúnebres.

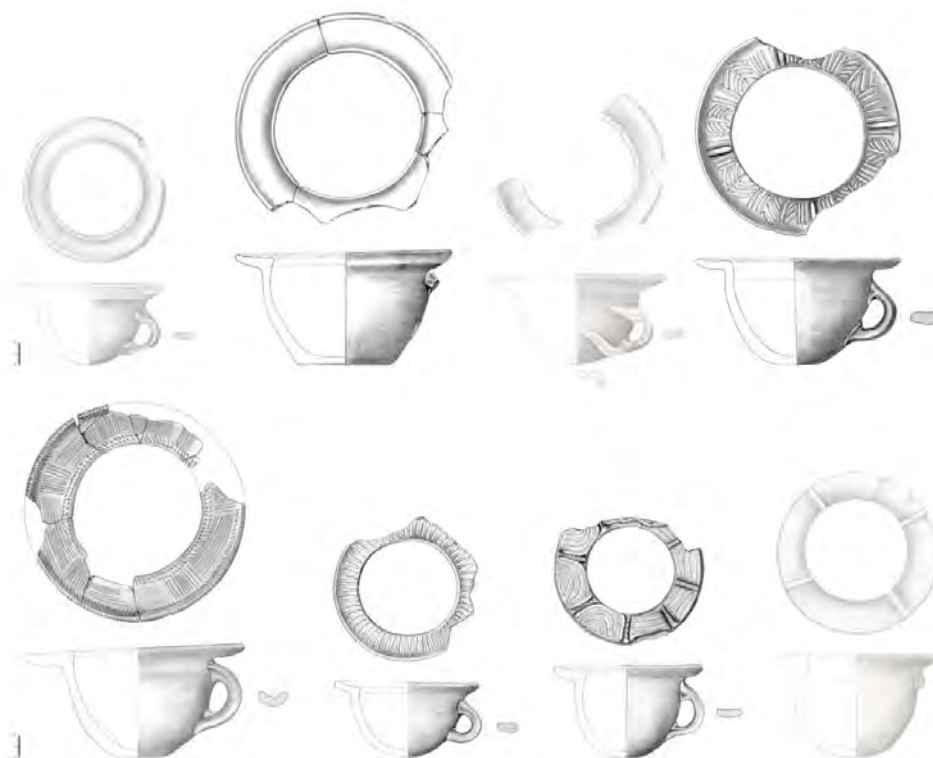


Figura 5.50 – Vasos de bordo horizontal recuperados das fossas de Faísca, em Guimarães.

De Campo de Postigo, contexto interpretado como sendo uma possível necrópole de cremação (Silva 1993), concretamente da fossa 2, provém um recipiente cerâmico com 26 cm

de diâmetro de boca e 35 cm de altura (Fig. 5.44). Trata-se da forma 8 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Este vaso encontra-se decorado com uma composição que recorreu ao uso de diferentes técnicas. Assim, apresenta traços verticais resultantes de digitações arrastadas e ainda, quatro elementos plásticos, sob a forma de mamilos proeminentes, distribuídos de forma simétrica na área de arranque da pança.

Trata-se de um recipiente que apresenta, na sua metade inferior, uma coloração distinta resultante do contacto com alguma substância que estiveram no seu interior. Poderá ter servido de urna funerária ou, apenas, de contentor para qualquer outra deposição? Em abono do seu carácter funerário refiram-se os paralelos mais próximos, ambos encontrados em reutilizações de monumentos megalíticos. São eles um dos recipientes cerâmicos exumados da Mamoa do Carreiro da Quinta, em Vila Verde (recolhido em associação com um vaso de largo bordo e um potinho) e um vaso recolhido numa das mamoas de Prados, em Arcos de Valdevez (Fig. 5.51). Este último, datado por radiometria, foi situado entre finais do século XVIII e finais do século XVI AC (Bettencourt 2011a), data que esta autora admite para Campo do Postigo (Bettencourt 2010a, 2010b).

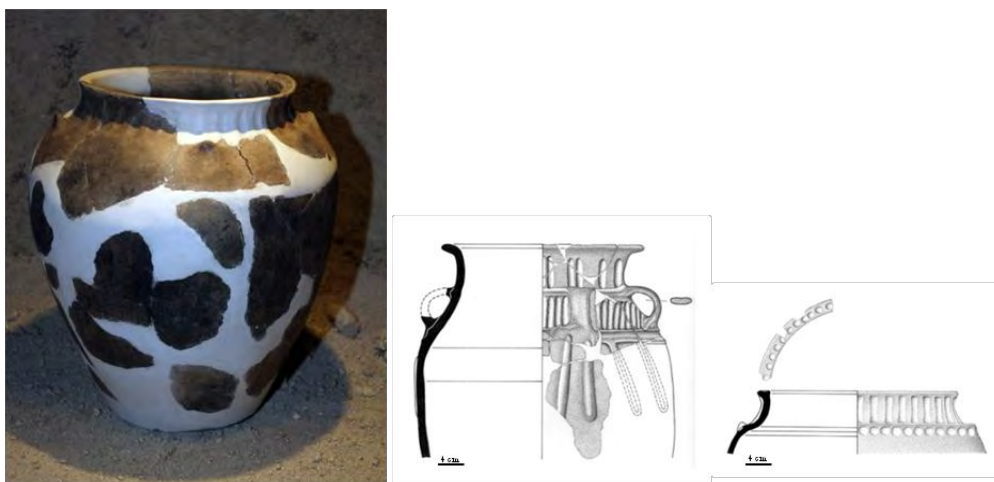


Figura 5.51 – À esquerda, vaso recolhido do interior da fossa 2 de Campo de Postigo, Póvoa de Varzim; à direita vasos associados à reutilização de monumentos megalíticos de Carreiro da Quinta (Vila Verde) e de Prados (Arcos de Valdevez) (adaptado de Bettencourt 2010a).

Finalmente, pese embora o carácter dúbio da natureza funerária destas estruturas, a fossa 3 do Pego (Sector II) incluiu, no seu enchimento, fragmentos que, colando entre si, permitiram identificar parte do perfil de um pote da forma 2, segundo a tabela formal de

Bettencourt (1999)¹⁸. A projeção do que restou do seu bordo aponta para cerca de 26 cm de diâmetro, sendo que ambas as faces apresentavam indícios de fuligem (Fig. 5.52). Trata-se de um recipiente de pasta muito friável que parecia ter sido mal cozido e que se encontrava em estado de avançada erosão.

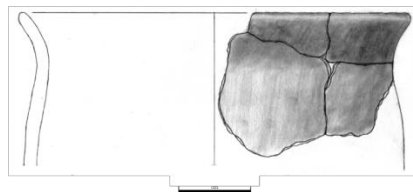


Figura 5.52 – Desenho do que restou do vaso recuperado do interior da fossa 3 do Pego, em Braga.

Em resumo, também em contexto de fossas as formas mais comuns são os vasos de bordo horizontal, os quais terão integrado parte dos ritos fúnebres, provavelmente seguidos por diferentes tipos de potes, por sua vez utilizados, hipoteticamente, enquanto urnas funerárias. Ainda assim esta hipótese de trabalho necessita, impreterivelmente, de mais dados para ser convenientemente validada.

No quadro dos contextos fúnebres excepcionais foram, também, recuperados alguns materiais cerâmicos.

O monumento funerário de Granjinhos, em Braga, do qual apenas foi identificado parte de um alinhamento de pedras e de arena granítica formando uma estrutura de contorno semicircular, com cerca de 6,5 metros de diâmetro, incluía, no seu interior, quatro potes cerâmicos datáveis do Bronze Médio (Tab. 5.34).

Os referidos potes têm correspondência com três formas 5 e uma forma 1 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999) (Fig. 5.53). Todas as formas denotam fabrico manual, cozeduras redutoras, pastas arenosas grosseiras e alisamento de ambas as faces. As suas panças variam entre o subcilíndrico (formas 5) e ovoide (forma 1), sendo todas as bases planas simples. As formas 5 apresentam alturas variáveis entre 24,2 cm e 36,5 cm, diâmetros de boca entre 16,8 cm e 20 cm e diâmetros de bojos entre 21 cm e 26,7 cm. Por sua vez, a forma 1 atinge 25,5 cm de altura, 21,5 cm de diâmetro de boca e 25,5 cm de bojo. Invariavelmente, todos os vasos apresentam acabamentos internos e externos alisados e, com exceção do vaso 1993.0299, vestígios de fuligem que se distribui, maioritariamente, pela área do bordo e início da pança.

¹⁸ De notar que esta fossa estava muito perturbada por raízes de eucalipto, pelo que só se conseguiu definir parte da mesma, não sendo de excluir a hipótese do vaso estar inteiro.

Duas das formas 5 (vasos 1993.0296 e 1993.0299) detêm dois elementos de prensão vertical de secção em fita. Apenas dois vasos (1993.0297 e 1993.0298) apresentam decoração recorrendo à técnica de adição plástica de elementos ou à conjugação daquela técnica com a impressão de digitações (Tab. 5.35).

Nas paredes internas das suas metades inferiores estes recipientes apresentavam uma coloração distinta, derivada do provável depósito de ossos cremados, atendendo aos valores de fósforo de análises efetuadas as aderências registados, tal como já foi referido anteriormente. Tal facto permite considerar estes potes não como oferendas mas antes como urnas funerárias.

Tabela 5.34 – Características das urnas funerárias recolhidas no interior do monumento de Granjinhos

Nº Vaso	Formas ¹⁹	Pança	Alt. (cm)	Diâm. (cm)	Bordo	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Asa	Fuligem	Dec.
1993.0298	1	Ovóide	25,5	21,5	Horiz.	Irreg.	Plana simples	Alis./Alis.	-	Bordo e início da pança	S
1993.0296	5	Subcilind.	28	16,8	Esvas.	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	Duas (fita)	Bordo e início da pança	N
1993.0297	5	Subcilind.	36,5	20	Horiz.	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	-	Bordo, colo e início da pança	S
1993.0299	5	Subcilind.	24,2	18,4	Horiz.	Reto	Plana simples	Alis./Alis.	Duas (fita)	-	N

Tabela 5.35 – Composições decorativos dos vasos de Granjinhos

Nº Vaso	Decoração	Técnica decorativa
1993.0298	Dois mamilos alongados junto ao início da pança e de digitações ou dedadas junto à base	Adição plástica e impressão (digitação)
1993.0297	Dois semimedalhões no início da pança	Adição plástica



Figura 5.53 – Conjunto de quatro urnas funerárias recuperadas do contexto funerário de Granjinhos, em Braga.

¹⁹ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Outro sítio excepcional onde foi identificado um recipiente cerâmico foi o túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe. Trata-se de um vaso bicónico denotando fabrico manual, cozedura redutora e pasta arenosa grosseira, por vezes com palhetas de mica. Apresenta carena alta que dista do bordo entre 6,5 e 7,6 cm, já que este não é regular (Tab. 5.36 & Fig 5.54).

Este vaso continha no seu interior vestígios de matéria orgânica de aspeto ferruginoso e encontrava-se sobre uma cama tendencialmente circular formada por quartzos leitosos com veios ferruginosos, identificada na extremidade noroeste da câmara. Pelas suas aderências internas (que, infelizmente, foram totalmente removidas no processo de limpeza da peça no museu) acredita-se que possa ter sido o contentor de uma oferenda orgânica que acompanhou o cadáver.

Este recipiente não encontra paralelos no Noroeste peninsular, senão apenas no mundo meridional (Bettencourt *et al.* 2005).

Tabela 5.36 – Características do vaso bicónico recuperado do interior do túmulo 2 de Vale Ferreiro

Pasta	Alt. (cm)	Diâm. (cm)	Bordo	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Asa	Fuligem	Dec.
Grosseira	18	15,1/15,2	Reentrante	Reto	Plana	Alis./Alis.	-	Pança e base	N



Figura 5.54 – Vaso bicónico recolhido do interior do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe.

Cerâmicas de possíveis contextos funerários

Dados como provenientes de contextos funerários ou de possíveis contextos funerários conhecem-se, na bacia do rio Ave, um total de 33 recipientes cerâmicos (Tab. 5.37).

Neste grupo de recipientes cerâmicos são incluídos os restantes vasos descontextualizados do quarteirão dos CTT, em Braga, ocupação perturbada por uma necrópole romana; os vasos descontextualizados da Quinta do Amorim, aparecidos no revolvimento da maquinaria aquando da construção do Novo Hospital de Braga; os vasos descontextualizados da necrópole de Faisca, em Guimarães; assim como os de outros locais onde as suas condições de preservação e características deixam pressupor associações com contextos funerários.

São vasos que foram recolhidos inteiros, praticamente inteiros ou, em alguns casos, em menores proporções. Na generalidade denotam fabrico manual, cozeduras redutoras e pastas arenosas, variáveis entre o grosseiro e muito grosseiro, dependendo das dimensões dos desgordurantes de quartzo adicionados. Entre o total de 32 vasos figuram 21 vasos de bordo horizontal ou forma 13 (Bettencourt 1999), 8 vasos troncocónicos ou forma 14 (Bettencourt 1999), 1 subcilíndrico ou forma 11 (Bettencourt 1999) e 1 potinho/púcaro e 1 potinho carenado ou forma 10 (Bettencourt 1999).

Tabela 5.37 – Relação de formas cerâmicas de possíveis contextos funerários da área de estudo

Sítio	Contexto	Formas ²⁰				Outros
		14	13	11	10	
Faisca	Necrópole (?)	-	8	-	-	-
Corvilho	Necrópole (?)	4	1	-	1	-
Touguinha	Necrópole	2	-	-	-	-
Qta. da Bouça	Necrópole (?)	1	1	1	-	Potinho carenado
Quart. CTT	Necrópole (?)	1	3	-	-	-
Barqueiro	Necrópole (?)	-	2	-	-	-
Qta. Amorim	Necrópole (?)	-	3	-	-	-
Póvoa/Guidões	Necrópole (?)	-	3	-	-	-
Total		8	21	1	1	1

Quanto aos vasos de bordo horizontal, num total de 21, não estão representadas formas 13a ou de pequeno bordo horizontal, sendo que 16 são formas 13c (largo bordo) e apenas 5 são 13b (médio bordo). Verifica-se que os seus diâmetros variam entre 8,3 cm e 14,3 cm e as suas alturas entre 6,8 cm e 14,8 cm (Tab. 5.38). As bases, apenas analisáveis em 16 exemplares, são predominantemente de fundo côncavo, com 7 exemplares (43,75%), seguidas das bases de fundo côncavo aplanado e de fundo plano simples, ambas com 4 exemplares cada (25%), e das de fundo aplanado (6,25%). Os acabamentos das suas paredes internas e externas são maioritariamente alisados (80,96%), entre raros casos (4 exemplares) denotando polimento da face externa (19,04%). Excetuando 5 exemplares, dada a falta de elemento de preensão vertical e do seu negativo nas paredes da pança, todos apresentam secção em fita.

Tabela 5.38 – Características dos vasos de bordo horizontal recuperados de contextos hipoteticamente funerários na bacia do Ave

Sítio	Nº Vaso	Forma ²¹	Alt. (cm)	Diâm (cm)	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Seção asa	Fuligem	Dec.
Faisca	MSA-432(F)	13c	9	12	Adelg.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Faisca	MSA-433(F)	13c	10	8,5	Arred.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Pança e asa	S
Faisca	MSA-434(F)	13b	7,7	8,9	Arred.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	N
Faisca	MSA-435(F)	13c	8,5	8,4	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Faisca	MSA-436(F)	13b	7,2	9,4	Adelg.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Faisca	MSA-437(F)	13c	10,9	14,3	Arred.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Pança e asa	N

²⁰ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

²¹ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Sítio	Nº Vaso	Forma ²¹	Alt. (cm)	Diâm (cm)	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Seção asa	Fulgigem	Dec.
Faisca	MSA-438(F)	13c	8,8	10,3	Boleado	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Faisca	MSA-439(F)	13c	11	10,5	Arred.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Corvilho	MMA38	13b	6,8	10,6	Adelg.	Plana simpl.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Qta. Bouça	2007-00094	13c	12	9	Arred.	Côncava	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	S
Quart. CTT	2009.0383	13c	11,1	11	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	Fita	Pança e asa	S
Quart. CTT	2009.0409	13b	nd	nd	Arred.	nd	Alis./Alis.	nd	nd	S
Quart. CTT	2011.0053	13b	9,1	8,3	Arred.	Plana simpl.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	N
Póvoa/Guidões	2001.008.2	13c	nd	nd	Arred.	Plana simpl.	Alis./Alis.	Fita	Oposta à asa	N
Póvoa/Guidões	2001.008.1	13c	nd	12	Arred.	nd	Alis./Alis.	nd	nd	S
Póvoa/Guidões	2001.008.3	13c	nd	nd	Arred.	nd	Alis./Alis.	nd	nd	S
Qta. Amorim	2011.0252	13c	8,2	11,2	Arred.	Plana simpl.	Alis./Pol.	nd	Pança	S
Qta. Amorim	2011.0253	13c	nd	9,5	Arred.	nd	Alis./Pol.	nd	nd	S
Qta. Amorim	2012.1491	13c	nd	11,3	Arred.	nd	Alis./Pol.	Fita	nd	S
Barqueiro	MSA-430(F)	13c	14,8	13	Arred.	Côncava aplan.	Alis./Alis.	nd	Pança e asa	S
Barqueiro	MSA-431(F)	13c	7,8	10,5	Adelg.	Aplanada	Alis./Polid.	nd	Oposta à asa	S

nd – não disponível

A presença de fuligem é recorrente neste grupo de vasos, ressalvando-se, contudo, que tal só não foi observado nos exemplares representados apenas por fragmentos (num total de 5 exemplares). Assim, num universo de 16 exemplares, constata-se que a sua distribuição ocupa maioritariamente a área exterior oposta à asa (68,75%), contra a distribuição na pança e asa (25%) e só na pança (6,25%). De resto, a maior representatividade de fuligem em área oposta à asa é uma característica que já havia sido verificada nos seus congêneres recolhidos em contextos funerários na bacia do Ave.

As decorações estão presentes em 17 vasos de bordo horizontal (80,95%), contra 4 não decorados (19,05%) (Tab. 5.39). Estão representadas, isoladamente, as técnicas de incisão (41,18%), de adição plástica (17,65%) e de impressão (5,88%), bem como a combinação de mais do que uma técnica, como a incisão e impressão (17,65%), a incisão e adição plástica (5,88%), a impressão e adição plástica (5,88%), e a incisão, impressão e adição plástica (5,88%). Uma análise às composições decorativas permite verificar a ocorrência de 8 vasos com decorações metopadas.

Tabela 5.39 – Descrição das composições decorativas de vasos de bordo horizontal provenientes de hipotéticos contextos funerários

Sítio	Vaso	Composição decorativa	Técnica decorativa
Faisca	MSA-432(F)	Quatro cordões plásticos perpendiculares ao lábio formam outras tantas métopas; estas foram preenchidas alternando linhas incisadas com ponta romba perpendiculares ao lábio (em número de 3, 4, 5 ou 6) e linhas oblíquas (em número de 5) dispostas para um e outro lado, intercaladas com incisão perpendicular ao lábio feita com ponta romba que, no conjunto, formam um motivo espinhado	Incisão e adição plástica
Faisca	MSA-433(F)	Cordões plásticos perpendiculares ao lábio	Adição plástica
Faisca	MSA-435(F)	Séries de cordões plásticos perpendiculares ao lábio com impressões de motivos ovais formando oito métopas; cinco destas métopas foram preenchidas com linhas incisadas com ponta romba paralelas ao lábio, e outras três foram preenchidas com "U" incisadas em crescendo a partir do lábio	Incisão, impressão e adição plástica
Faisca	MSA-436(F)	A elevada corrosão dificulta a sua leitura mas observam-se combinações de linhas perpendiculares ao lábio	Incisão
Faisca	MSA-438(F)	Ambos os arranques da asa estendem-se, no sentido mais ou menos paralelo ao bordo, sob a forma de adições plásticas de formato meandriforme que adelgacam nas extremidades	Adição plástica
Faisca	MSA-439(F)	Séries de linhas incisadas foram alternadamente dispostas na perpendicular ou de forma paralela ao lábio, formando métopas, variando os conjuntos de linhas entre 7 a 10; estas foram complementadas com impressões de motivos subelípticos, dispostos na diagonal, que se desenvolvem de forma contínua ao longo do lábio, formando uma linha interrompida, e junto da quebra do bordo com a pança, desta feita formando duas linhas interrompidas	Incisão e impressão
Qta. Bouça	2007-00093	Motivos incisados que se distribuem ao longo de toda a parte interna do bordo, formando raias oblíquas divididas a meio por uma linha contínua incisada	Incisão

²¹ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

Sítio	Vaso	Composição decorativa	Técnica decorativa
Corvilho	MMA38	Cinco mamilos proeminentes dispostos horizontalmente e posicionados no lado externo da pança, abaixo do bordo, mais ou menos alinhados com o arranque superior da asa, a cerca de 1,5/2 cm do lábio	Adição plástica
Qta Amorim	2011.0252	Incisões com ponta romba formando segmentos de linha de espessura e comprimento variáveis, dispostos em posições oblíquas ao lábio	Incisão
Qta Amorim	2011.1491	Duas linhas paralelas formadas por sucessivas impressões de motivos subangulares; uma delas ocupa o lábio e outra encontra-se ligeiramente deslocada para a parte interna do bordo, área onde surgem, também, incisões de segmentos de linha elaborados com ponta romba, dispostos em sentido oblíquo ao lábio, variando de direção para a esquerda e para a direita	Incisão e impressão
Qta Amorim	2011.0253	Linhas incisas de espessura e comprimento variáveis, com impressões de motivos subretangulares dispostos no sentido transversal ao bordo, separando as linhas incisas e formando metopas	Incisão
Póvoa/Guidões	2001.008.1	Na parte interna do bordo três fiadas de pequenas impressões oblíquas de formato elíptico que alternam a inclinação formam linhas descontínuas paralelas ao lábio	Impressão
Póvoa/Guidões	2001.008.3	Incisões na parte interna do bordo alinhadas horizontalmente formando três caneluras	Incisão
Quart. CTT	2009.0383	Parte interna do bordo decorada por incisão com ponta romba reproduzindo decoração metopada, dispondo linhas paralelas ao lábio alternadas com linhas oblíquas que variam a orientação para o lado oposto	Incisão
Quart. CTT	2009.0409	Parte interna do bordo decorada por incisão com ponta romba reproduzindo decoração metopada, dispondo linhas paralelas ao lábio alternadas com linhas perpendiculares	Incisão
Barqueiro	MSA-430(F)	Parte interna do bordo decorada com pequenos motivos subcirculares impressos que formam duas linhas descontínuas paralelas ao lábio; na pança surgem, também, quatro adições plásticas sob a forma de mamilos	Impressão e adição plástica
Barqueiro	MSA-431(F)	A parte interna do bordo inclui uma linha de motivos subcirculares impressos, distribuídos mais ou menos a meio do bordo e paralelos ao lábio, ladeada, de ambos os lados, por incisões de pequenos segmentos de reta dispostos no sentido perpendicular ao lábio	Incisão e impressão

Comparando este conjunto de recipientes com os seus semelhantes exumados de contextos funerários, verificam-se, genericamente, as mesmas tendências. Isto é, há uma maior presença de largos bordos ou formas 13c (Bettencourt 1999), com predomínio de bases côncavas (as planas são mais raras). Os elementos de prensão vertical são tendencialmente de secção em fita e a fuligem, recorrentemente observada, distribui-se maioritariamente em área oposta à asa (embora se expanda, em alguns casos, para outras zonas dos vasos). Há uma grande propensão para vasos decorados, predominando técnicas decorativas simples, embora surja, também, a conjugação de duas ou mais técnicas. Acima de tudo registam-se composições decorativas preferencialmente metopadas, ainda que outras primem pela originalidade, mesmo quando aparentam maior “simplicidade”. No que respeita aos vasos troncocónicos²³, verifica-se que os seus diâmetros variam entre 8,2 cm e 13,4 cm e as suas alturas entre 6,3 e 11,3 cm (Tab. 5.40).

Tabela 5.40 – Características dos vasos troncocónicos recuperados de contextos hipoteticamente funerários na bacia do Ave

Sítio	Nº Vaso	Bordo	Alt. (cm)	Diâm (cm)	Lábio	Base	Acabam. Int./Ext.	Seção asa	Fuligem	Dec.
Corvilho	MMA36	Aberto	7,7	11,6	Oblíq.	Plana simples	Alis./Alis.	Circular	Oposta à asa	N
Corvilho	MMA37	Horiz.	9,6	8,6	Adelg.	Plana simples	Alis./Polid.	Circular	Oposta à asa	N
Corvilho	MMA39	Aberto	6,9	9,5	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	nd	Pança e base	S
Corvilho	MMA40	Aberto	6,3	9,7	Adelg.	Plana simples	Alis./Alis.	Fita	Pança	N
Qta. Bouça	2007-0093	Horiz.	8,5	11,6	Arred.	Plana simples	Alis./Alis.	nd	Bordo e pança	N
Touguinha	nd	Horiz.	8,6	9	Arred.	Plana simples	nd	Fita	nd	S
Touguinha	nd	Aberto	7,2	8,2	Arred.	Plana simples	nd	Fita	nd	N
Quart. CTT	2010.0059	Aba soerg.	11,3	13,4	Adelg.	Plana simples	Alis./Alis.	Fita	Pança	S

As bases são dominadas na íntegra pelos fundos plano simples. Os elementos de prensão, com exceção de dois casos não observáveis, são todos verticais, dividindo-se entre os

²³ Uma nota para referir que os vasos de Touguinha (Vila do Conde) apenas se encontraram disponíveis mediante a análise do artigo que dá conta do achado, 5 anos após o mesmo ter ocorrido (Fortes 1905-1908b). Aparentemente, estes vasos eram parte integrante da coleção do extinto Museu Municipal do Porto, sendo o seu paradeiro atual desconhecido.

de secção em fita (66,7%) e circular (33,3%). Do conjunto de vasos em que tal foi possível observar (6 exemplares), todos denotam a presença de fuligem, ora distribuída em área exterior oposta à asa (33,33%), ora na pança (33,33%), ora na pança e base (16,67%), ora na pança e bordo (16,67%).

As decorações estão presentes em 3 troncocónicos (37,50%) num total de 8 exemplares (Tab. 5.41). Está representada isoladamente a técnicas de adição plástica (75%) ou a combinação desta com impressão (25%). De referir a ausência da técnica de incisão. Observando as composições decorativas ressalta o uso da adição plástica, sob a forma de mamilos, igualmente presente no único exemplar oriundo de contexto funerário na área estudada (quarteirão dos CTT).

Quando comparados com o seu congénere recolhido em contexto funerário fidedigno (quarteirão dos CTT) as recorrências são visíveis ao nível das características técnicas e formais (pastas, base, secção da asa), bem como o uso de decoração plástica (sob a forma de mamilos) e a presença de fuligem.

Tabela 5.41 – Descrição das composições decorativas de vasos troncocónicos provenientes de hipotéticos contextos funerários

Sítio	Vaso	Composição decorativa	Técnica decorativa
Corvilho	MMAP39	Quatro adições plásticas sob a forma de mamilos pouco proeminentes dispostos horizontalmente na pança, a pouco mais de 1,5 cm abaixo do lábio	Adição plástica
Quart. CTT	2010.0393	Adições plásticas sob a forma de mamilos proeminentes dispostos na horizontal pela parte externa da pança, sensivelmente a meio	Adição plástica
Touguinha	nd	Na parte interna do bordo figuram sequências de unhas paralelas ao lábio, ligeiramente inclinadas, formando duas linhas interrompidas; a zona da pança inclui mamilos	Impressão e adição plástica

No que respeita às formas mais raras, refiram-se o potinho/púcaro recolhido em Corvilho (Santo Tirso) e o púcaro carenado e a forma subcilíndrica da Quinta da Bouça (Vila Nova de Famalicão) (Tab. 5.42).

Na eminência de falta de dados que permitam quaisquer exercícios comparativos, apenas de referir alguns aspetos que se consideram importantes. O potinho/púcaro de Corvilho e o púcaro carenado da Quinta da Bouça, correspondentes a formas 10 da tabela formal de Bettencourt (1999), não apresentam indícios de fuligem nem qualquer decoração. Já a forma 11 ou subcilíndrico deste último sítio, embora não decorada, denota a presença de fuligem interna e externa.

Tabela 5.42 – Características dos potinhos/púcaros, púcaros carenados ou formas inéditas oriundos de contextos hipoteticamente funerários na bacia do Ave

Sítio	Nº Vaso	Forma ²⁴	Bordo	Alt. (cm)	Diâm (cm)	Lábio	Base	Acab. Int./Ext.	Seção asa	Fuligem	Dec.
Corvilho	MMA35	10	Esvasado	6,8	9,5/10	Reto	Plana simpl.	Alis./Alis.	Circular	-	N
Qta. Bouça	2007-00092	10a	Vertical	12	9,5	Boleado	Plana simpl.	Alis./Alis.	Fita	Junto à asa	N
Qta. Bouça	2007-00091	11	Reentrante	6,7	9	Arred.	Convexa aplan.	Alis./Alis.	-	Base	N

É curioso verificar que alguns locais só apresentam a mesma forma cerâmica, como é o caso das possíveis necrópoles da Quinta do Amorim (Sampaio *et al.* 2014), de Vago Mestre/Barqueiro ou Póvoa/Guidões, onde apenas estão representados vasos de bordo horizontal.

Outros sítios apresentam conjuntos cerâmicos mais variados, como Touguinha, Corvilho (Fig. 5.55), Quinta da Bouça e Quarteirão dos CTT, o que certamente terá uma leitura que tanto poderá prender-se com fatores cronológicos, como sociais ou simbólicos. Infelizmente, a qualidade dos dados destas estações não permite interpretações.



Figura 5.55 – Representação dos vasos de Corvilho, Santo Tirso (segundo Faya Santarém 1956b).

Em abono de que os vasos destes sítios arqueológicos poderão ser de contextos funerários, além do seu estado de conservação e da presença das características que indiciam ritos de queima, comuns em contextos funerários, há, ainda, os paralelos com necrópoles onde

²⁴ Segundo a tabela formal de Bettencourt (1999).

estes foram recuperados *in situ*. É o caso da necrópole de Agra de Antas, em Esposende, onde apareceram juntamente com ossadas (Ataide & Teixeira 1940, Cunha & Bettencourt 2013), e das necrópoles de Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes 2007, 2008; Almeida *et al.* 2008), de Belinho, em Esposende (Almeida 1986), do Monte da Ola, em Viana do Castelo (Dinis & Bettencourt 2004), de Alto da Vela/Gulpilhares, em Vila Nova de Gaia (Fortes 1909), de Tapada do Caldeira, em Baião (Jorge 1980a, 1980b, 1983, 1985), ou de Coto da Laborada, em Calvos de Randín (López Cuevillas 1930, 1947; López Cuevillas & Lorenzo Fernández 1930).

Há, também, um conjunto de vasos que terão que ser abordados e que apareceram inteiros, ou praticamente, algures no Monte da Penha, em Guimarães. Os seus estados de conservação deixam pressupor que corresponderão a amortizações intencionais. Além destas formas surgem, também, diversos fragmentos de grandes dimensões que apontam igualmente para vasos que, muito provavelmente, teriam sido originalmente depositados inteiros.

Entre estes refira-se um púcaro ou forma 10, medindo 6 cm de altura e 6,5 cm de diâmetro [MSA-423(F)] (Fig. 5.56). Detém bordo esvasado com lábio arredondado, e elemento de prensão vertical de secção em fita e base convexa, sendo ausente qualquer decoração ou indícios de fuligem. Paralelos com contextos funerários para estes recipientes estão amplamente documentados.

Há mais dois pequenos vasos que se sabe provirem de algures do Monte da Penha. Um apresenta bordo esvasado com lábio plano, base de fundo plano simples e elemento de prensão vertical, de um dos lados, de secção em fita que arranca do bordo até pouco abaixo do centro da pança [MSA422(F)] (Fig. 5.56). Mede de 6,4 cm altura e 6,6 cm de diâmetro. Denota alisamento de ambas as faces, não possuindo qualquer decoração. Tem reminiscências com a forma 11, já que o seu perfil se apresenta tendencialmente subcilíndrico, sendo que, no caso dos subcilíndricos, é comum a sua associação a vasos de bordo horizontal ou mesmo troncocónicos, amiúde presentes em contextos funerários. A sua cronologia poderá ser situada, grosso modo, no Bronze Médio. O outro é uma pequena forma bicónica [MSA-424(F)] (Fig. 5.56). Mede 6 cm de altura e 6,5 cm de diâmetro e não apresenta qualquer decoração. Detém bordo esvasado com lábio adelgado (?), possuindo carena alta (a 4,5 cm da base) e base plana.

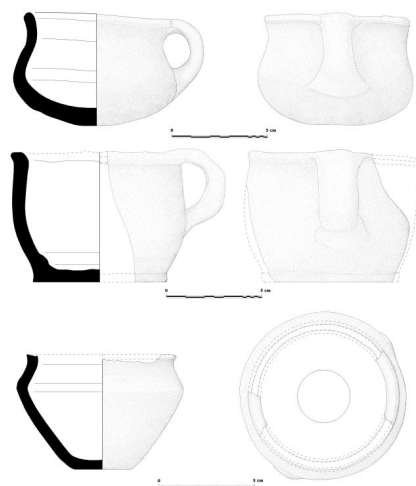


Figura 5.56 – No topo: púcaro de base convexa oriundo algures do Monte da Penha, em Guimarães [MSA-423 (F)]; ao centro: vaso da família da forma 11 de Bettencourt (1999) recolhido algures no Monte da Penha [MSA-422(F)]; em baixo: vaso bicónico exumado de parte incerta do Monte da Penha [MSA-424(F)] (desenhos: José Ribeiro).

Uma forma 5 está igualmente representado entre estes materiais. É o caso do vaso MSA-425(F) (Fig. 5.57). Denota fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora, bordo reentrante e elementos (?) de preensão vertical sob a forma de asa de secção em fita. Paralelo próximo a esta forma é possível encontrar no contexto funerário de Granjinhos, em Braga, onde entre os séculos XVII e XV AC, suportado radiometricamente, ocorreu a deposição de cremações secundárias.

Vaso igualmente associado a contextos funerário e recolhido algures no Monte da Penha encontra-se em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa²⁵. Trata-se de um recipiente de carena (?) alta, de bordo esvasado, lábio arredondado e base de fundo plano (Fig. 5.57). Os seus paralelos com o vaso recolhido da sepultura 1 da necrópole da Caldeira, em Baião (Jorge 1980, Estampa XVII), contexto datado radiometricamente de meados do II milénio AC (séculos XVII-XV AC), permitem situá-lo no Bronze Médio.

²⁵ Com o número de inventário 2003.30.1.

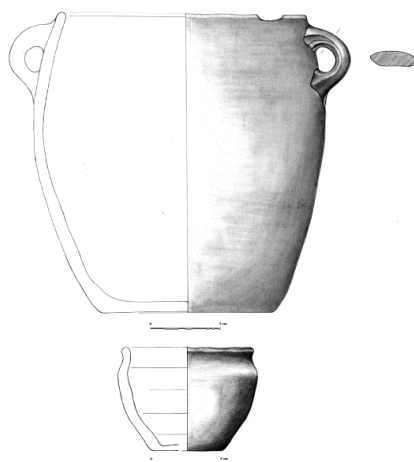


Figura 5.57 – Em cima, forma 5 segundo Bettencourt (1999) oriundo de contexto incerto do Monte da Penha [MSA-425[F]]; em baixo: recipiente cerâmico com carena (?) alta igualmente recolhido algures do Monte da Penha (2003.30.1).

Há, também, parte de um recipiente da família dos de bordo horizontal, o vaso MSA-445(F), embora este exemplar apresente bordo em aba soerguida (Fig. 5.58). A sua reconstituição foi possível a partir da colagem entre dois grandes fragmentos. Denota fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora. Apresenta lábio arredondado e perfil arredondado, embora sem a representação da base (por se encontrar em falta). Está provido de um elemento de preensão vertical de secção irregular ao qual se associa decoração sob a forma de adição plástica. Esta arrancando de ambas as extremidades da asa, junto à pança, toma forma tendencialmente subcircular. O bordo inclui, pela parte interna, duas impressões profundas e largas paralelas ao lábio efetuadas com ponta romba que deixaram um pequeno ressalto na parte central, imitando decoração plástica. É perceptível a presença de fuligem interna e externa, no último dos casos junto à asa. Paralelos com formas de bordo horizontal são conhecidos um pouco por todo o Bronze Médio e inícios do Bronze Final do Noroeste português, em especial associados a contextos funerários, embora este caso específico seja mais raro, pela presença de um bordo soerguido.



Figura 5.58 – Vaso da família dos de bordo horizontal, embora com bordo em aba soerguida, oriundo de alguns do Monte da Penha [MSA-445(F)] (desenho: José Ribeiro).

Cardoso (1971: 247) refere que “*Outros [vasos], de formas e tamanhos diferentes, decorados ou lisos, têm aparecido na Penha, alguns deles com o fundo plano, tal como um (...) de quatro asas (...) ornamentado com um cordão em relevo*”. A sua descrição é relativa ao vaso MSA-0(F) (Fig. 5.59). Trata-se de um pote com bordo ligeiramente esvasado e lábio arredondado, de pança pouco ovoide, atingindo 34,5 cm de diâmetro e 53,5 cm de altura. Tem base plana e é alisado em ambas as faces, encontrando-se provido de 4 elementos de prensão vertical de secção irregular. Imediatamente abaixo dos elementos de prensão, no início da pança, apresenta um cordão plástico com incisões. Este pote é muito próximo à forma 2.

Igualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa²⁶, Bettencourt *et al.* (2003a: 162, Fig. 20) referem e publicam a imagem de um fragmento de vaso campaniforme. Mede cerca de 2,5 cm por 3 cm, e encontra-se decorado com pontilhado geométrico. Parece alternar, pela parte da decoração visível neste pequeno fragmento, três linhas de pontilhados de formato subretangular, formando linhas tracejadas paralelas ao lábio, com uma linha de “V” quebrados. A presença usual deste tipo de vaso em ambientes funerários ou em estreita relação com ações de caráter público, conforme atesta Bettencourt (2011a) na síntese de achados deste tipo de cerâmica, permite relacionar a sua presença com práticas de exceção. É mencionado ainda, nesse mesmo artigo, entre o rico espólio oriundo da Penha, um fragmento de cerâmica oculada (Bettencourt *et al.* 2003a: 150), cuja presença rara é associada igualmente associada a contextos de exceção.

²⁶ Com o número de inventário 1812.

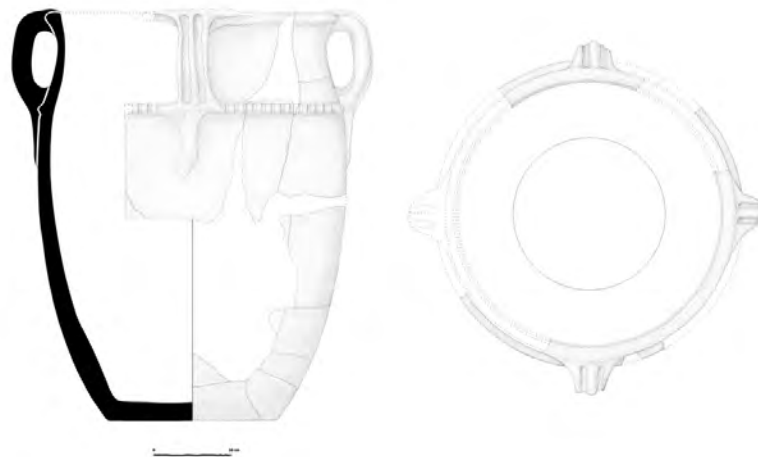


Figura 5.59 – Vaso recolhido algures do Monte da Penha [MSA-0(F)] (desenho: José Ribeiro).

Há, ainda, outras referências mais ambíguas. Pina (1931: 345, 347), por exemplo, confirma a proveniência, de algures da Penha, de um vaso cerâmico “*que se pode reconstruir muito bem, apresenta a forma bojuda dos dolios, mas com 6 asas; mediria de altura 60 a 70 c. m., por 20 de fundo*”. Atualmente não é possível identificar este exemplar no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, local onde está depositada grande parte dos objetos recolhidos no Monte da Penha. Há fortes possibilidades de integrar uma qualquer coleção privada.

Uma última nota para mencionar uma passagem de Cardoso (1971: 245) que traduz bem o potencial arqueológico do Monte da Penha, conforme se atesta em visita ao Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, dada a quantidade de cerâmica tipo “Penha” que ali se encontra depositada: “*De todos os objectos encontrados na estação da Penha, a parte mais importante e abundante tem sido a constituída pela cerâmica (...) [que] apresenta uma variedade de «motivos» ornamentais, profundamente incisos. Alguns vasos, poucos, tem sido possível exumar inteiros, mas, da maioria deles, apenas surgem fragmentos dispersos, seja porque tal destruição provenha do desgaste natural do decurso do tempo, seja porque os escavadores incultos fracturem propositada ou acidentalmente esses vasos. (...) são geralmente de fundo esférico, e, além da rica ornamentação incisa no bojo, contêm junto do bordo séries de linhas paralelas horizontais em toda a volta. (...) a pança dos vasos, bem saliente, é decorada com faixas horizontais de desenhos angulares, ou com axadrezados, ou linhas ponteadas, ou os*

chamados «dentes de lobo», «espinha de peixe», etc., sendo por vezes essas listas, de estilo nitidamente geométrico, cortadas a intervalos por faixas verticais, ou métopas».

Em jeito de conclusão, o que o conjunto de vasos recolhidos em diferentes pontos do Monte da Penha deixa transparecer, desde logo, é a sua aparente deposição intencional. Tal interpretação advém dos seus estados inteiros, praticamente inteiros ou representados por grandes fragmentos, muitos dos quais colando entre si. Se alguns podem ser percebidos no âmbito de práticas de deposição (celebrações culturais ou oferendas, por exemplo), outros há que podem ser vistos à luz de outro tipo de práticas. É o caso das formas 5, da forma 13, da forma tendencialmente subcilíndrica, do púcaro de base convexa ou do vaso de carena (?) alta, cuja presença em contextos funerários coevos permite questionar o seu sentido original de deposição no Monte da Penha.

Líticos

Os artefactos líticos em contextos funerários da Idade do Bronze na bacia do Ave são escassos, embora em certos casos a sua presença possa ser considerada como accidental. Mesmo assim há alguns dados que deverão ser analisados.

No montículo do monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1, em Braga, foi recolhido um fragmento de moinho manual granítico (dormente?), identificado com a face polida virada para o substrato rochoso. Aparentemente, poderá ter resultado do transporte accidental durante a construção do *tumulus* do monumento (Loureiro 2007). Além da ampla cronologia deste tipo de objeto, deve ser considerado “*que se detetou um valado neolítico, selado, pela construção desta estrutura*” (Vilas Boas 2014a: 22).

No monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 2, próximo àquele, um percutor/polidor em quartzito foi recolhido entre a couraça pétreia, bem como uma lasca de quartzo hialino, da cota inferior da camada 2 (Loureiro 2007). Parece viável considerar, igualmente, ambos os materiais como resultado do transporte accidental, aquando da construção do monumento.

Já no monumento sob *tumulus* de Regedoura 2, em Fafe, a recente escavação de um monumento sob *tumulus* permitiu a recuperação de um braçal de arqueiro lítico, embora descontextualizado, provavelmente resultante da violação da sua câmara (Pereira 2014b).

Nas sepulturas planas os objetos líticos também são escassos.

Uma pequena lasca de quartzo translúcido na estrutura 12/sepultura 1 da Quinta do Amorim, em Braga, foi interpretada como resultante do transporte accidental, aquando da colmatção sedimentar daquela estrutura.

Nas sepulturas 7 e 8 do Pego, em Braga, apareceram, respetivamente, um possível peso de tear ou peso de rede em seixo rolado de matéria-prima indeterminada e um cossoiro ou conta de colar, em anfíbolito (Fig. 5.60). Note-se que a sepultura 7 apenas incluía a presença deste artefacto lítico.



Figura 5.60 – Em cima, peso de tear ou de rede recolhido da sepultura 7 e, em baixo, cossoiro ou conta de colar recolhido da sepultura, ambas da necrópole do Pego, em Braga.

Talvez estes objetos, ao contrário dos vasos de largo bordo, sejam identificativos das funções, das qualidades ou das mestrias dos defuntos. De notar que ambos se podem articular, hipoteticamente, com as práticas de tecelagem.

Nas sepulturas de exceção há apenas um caso que revela uma oferenda lítica. Trata-se do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe, onde foi depositado um moinho movente, sensivelmente a meio da base da sepultura, pelo lado poente, com a face de moagem virada para cima (Fig. 5.61).

Refira-se, ainda, que a arquitetura deste monumento incluía diversos fragmentos e moinhos manuais (dormentes e moventes), cuja inclusão propositada na construção do seu murete delimitador ou na base do túmulo poderá, também, em certa medida, ser interpretada como oferenda ou, pelo menos, poderá ter uma significação simbólica importante.



Figura 5.61 – Exemplo de moinho manual dormente recuperado ofertado no túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe.

Neste túmulo há ainda a registar uma possível estela em granito, dado a forma que apresenta e a particularidade de ter uma covinha. Foi encontrada na base do túmulo 2, a servir de lajeado, na área onde apareceram duas espirais em ouro (Tab. 5.43 & Fig. 5.62).

Tabela 5.43 – Características da estela recuperada do túmulo 2 de Vale Ferreiro

N. inv.	Contorno	Compr.	Larg.	Espess.	Material
2005.1011	"Lágrima"	33,5	18,5	11,5	Granito de grão grosso

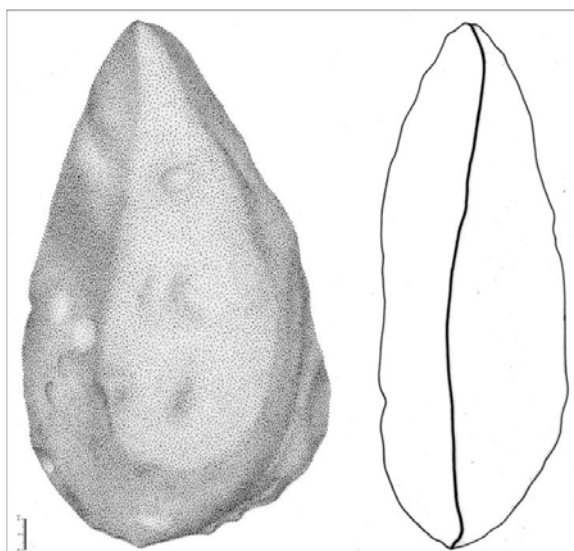


Figura 5.62 – Possível estela (nº inv. 2005.1011) recuperada do interior do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

Metálicos

Os objetos metálicos exumados de contextos funerários são raros e correspondem, com uma exceção, quase exclusivamente a ornamentos. Foram produzidos em cobre, bronze e ouro.

Em contexto de reutilização de monumento megalítico, cujos resultados de escavação, infelizmente, não foram publicados, refira-se a Bouça dos Córregos, na Trofa, onde terá aparecido um anel de cobre (Bouza Brey & López Cuevillas 1929), talvez uma espiral.

Talvez proveniente da reutilização de um monumento megalítico será “*a faixa de ouro de 0,55 cm de comprimento (...) com dois orifícios*” oriunda de um túmulo “*formado de grandes pedras*” (Cardoso 1967b:351) de Braga. Deverá tratar-se de um diadema em ouro perfurado nas extremidades, tal como já referiu Comendador Rey (1997) que, por paralelo com o da Quinta de Água Branca, em Vila Nova de Cerveira, datado por radiocarbono de entre finais do século XXI e meados do século XVIII AC (Bettencourt 2010), poderá datar-se do Bronze Inicial.

Do monumento sob *tumulus* de Regedoura 2 sabe-se que foi recuperada uma ponta de seta tipo “Palmela” em cobre, embora a sua recolha, descontextualizada, deixe pressupor a violação da câmara funerária do monumento (Pereira 2014b).

Em contexto de túmulos excepcionais terá que ser referido o monumento de Vale Ferreiro 2, datado por radiocarbono do Bronze Inicial, de onde foram exumadas duas espirais de ouro com fio de seção circular (Tab. 5.44). Uma delas foi recolhida, sensivelmente, a norte da câmara, sob a possível estela, colocada na base da câmara funerária, e a segundo veio sensivelmente do mesmo local, embora só tenha sido encontrada durante a crivagem das terras da câmara (Fig. 5.63).

Ambas as espirais são similares, quer no modo de fabrico quer no seu diâmetro, cabendo no dedo anelar de uma mulher adulta com mãos de pequena a média dimensões.

Tabela 5.44 – Caraterísticas das espirais áureas do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe

Sítio	Tipol.	Material	Comprim. (cm)	Diâm. (cm)	Espess. (cm)	Secção	Peso (g)
Vale Ferreiro	Espiral	Ouro	34,9	1,9	0,1	Circular	7,1
Vale Ferreiro	Espiral	Ouro	43,9	1,9	0,1	Circular	7,4

De contextos mais imprecisos há uma série de conjuntos de peças de ouro que se crê poderem ser de contextos funerários.

Provenientes de uma sepultura, tendo em conta a descrição adiantada por Vasconcelos (1912), serão os “aros” de ouro de Bairros/Santiago do Bougado, em Trofa (Fig. 5.64).

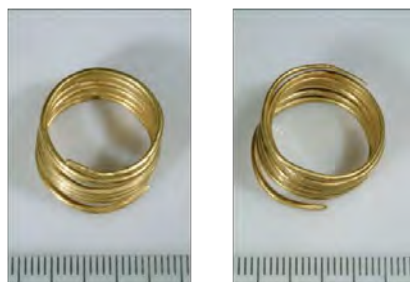


Figura 5.63 – Espirais de ouro recolhidas do interior do túmulo 2 de Vale de Ferreiro (Bettencourt *et al.* 2005).



Figura 5.64 – Aros do de ouro provenientes de contexto funerário de Bairros/Santiago do Bougado com pormenor (à direita) (cortesia Beatriz Comendador Rey).

Os objetos correspondem a dois aros ocós obtidos a partir de martelagem de um aro maciço sobre uma outra forma, até lhe conferir a forma pretendida, posteriormente decorados com linhas paralelas recorrendo a puncionamentos, sendo que, “*para reforzar la chapa, se aplica outra fina lámina de oro en la parte interna, aunque no aparecen indicios de soldadura*” (Comendador Rey 1997: 175). As suas principais características estão sintetizadas na Tabela 5.45.

Tabela 5.45 – Características dos aros do Bougado (segundo Comendador Rey 1997)

Material	Diâm. Ext. (cm)	Diâm. Int. (cm)	Larg. (cm)	Espess. (cm)	Secção	Peso (g)
Ouro	11,2	7,6	2	0,08	Laminar	52,95
Ouro	11,1	6,95	2	0,08	Laminar	53,92

Em termos decorativos, segundo aquela autora (Comendador Rey 1997: 174-175), um destes objetos corresponde a um aro circular com secção em “V” e hastes dobradas que terá sido produzido recorrendo à martelagem de uma lâmina de ouro. Está decorado com 24 puncionamentos de feição esférica que se distanciam entre si de forma irregular cerca de 1 cm. Ambas as faces apresentam uma outra composição com distribuição circular de 74 e de 77 puncionamentos, respetivamente. Surge, ainda, uma orla de quatro alinhamentos de pequenos puncionamentos que se concentram de forma contínua. O segundo exemplar, produzido de forma muito semelhante ao anterior, apenas difere na quantidade de puncionamentos aplicados,

reunindo 27 no plano do vértice, 77 numa face e 80 na outra (Comendador Rey 1997: 174-175).

Tanto a tipologia como a cronologia deste contexto foram colocadas em causa a partir de meados do século passado, quando a menção à suposta presença de *tegulae* (Cruz 1940) situaria este contexto já em época histórica. De resto, e conforme adianta Comendador Rey (1997), a notícia original (Vasconcelos 1912) não relata a presença de tais elementos construtivos. Infelizmente, pouco se sabe quanto às características desta estrutura funerária, senão apenas que do seu interior foram recolhidos dois objetos em ouro confusamente denominados de “*diademas de Bougado*” (Vasconcelos 1912: 38-39).

Embora Silva (1986: 224; 2007: 343) os situe algures no Bronze Final ou Ferro Inicial, “*se ha señalado la tendencia a un progresivo aumento del trabajo de vaciado y a la desaparición de las técnicas de batido iniciadas en el calcolítico, aunque continúe practicándose el laminado en oro (Perea 1991; 1995b: 71)*” (Comendador Rey 1997: 324), o que permite questionar tal proposta cronológica. Comendador Rey (1997: 345), por exemplo, quando fala dos “*Adornos y elementos de complemento o accesorios*”, refere que “*A pesar de la complejidad de su elaboración, consideramos que ambas piezas pueden pertenecer al mismo ámbito tecnológico que las anteriores, aunque no han sido consideradas en otros trabajos sobre orfebrería calcolítica o del bronce antiguo de la Península*”. É, pois, provável que se possam enquadrar no Bronze Inicial, período em que as oferendas áureas são significativas em contextos funerários, comparativamente aos períodos subsequentes.

Quanto à sua funcionalidade, Armbruster (2011), com base nos trabalhos de Cahill (2001, 2004), e embora não mencionando especificamente os objetos de Bairro/Santiago do Bougado, dá exemplos de *hair rings*, cujas formas se assemelham bastante a estas peças.

Outro caso curioso é o bracelete de tiras encontrado por operários junto da capela de S. Vicente, em Sezures, Vila Nova de Famalicão, durante a abertura da autoestrada A3 (Sousa 2004) (Fig. 5.65). A peça, obtida por martelagem, foi posteriormente recortada, não indiciando qualquer fundição. Apresenta 17,6 cm de comprimento e 3,6 cm de largura máxima, atingindo 5 mm de espessura. Segundo Ladra *et al.* (2003: 59) inclui “*decoração a repuxado, geométrica, com um eixo de simetria, e dividida em quatro campos sensivelmente da mesma dimensão: os dois centrais são preenchidos por onze tiras paralelas horizontais, em cada campo, perpendiculares ao eixo de simetria, realizados no anverso pelo deslizar de cortante sobre desenho prévio de que ainda se reconhecem vestígios; os campos laterais têm um recorte*

côncavo num dos lados e são decorados por uma orla, a repuxado, que enquadra duas áreas, as internas lisas e as exteriores preenchidas por três segmentos de caneluras paralelas, também feitas a repuxado”.



Figura 5.65 – Braclete de tiras encontrado junto da capela de S. Vicente, em Vila Nova de Famalicão, atualmente em exposição no Museu do Ouro de Travassos²⁷.

Embora as referências sejam para que este objeto tenha sido encontrado da base de um penedo²⁸, são conhecidos pelo menos dois paralelos que apontam para o depósito destas peças em contextos funerários. É o caso do anel de tiras de ouro oriundo da reutilização do monumento megalítico de Mata'l Casare I, Quirós, Astúrias (Blas Cortina 1994), e do conjunto de duas gargantilhas de tiras associadas a dois aros de ouro abertos de San Pedro de Ferreiroa (Campo de Xastre), Agolada, Galiza (Filgueira Valverde & Garcia Alén 1978). As restantes peças encontradas, quer na Galiza (Comendador Rey 1997) quer no sul de Portugal (Armbruster 1993), são achados antigos, sem contexto preciso. Apesar da gargantilha de tiras de S. Bento de Balugães, em Barcelos, que se fazia acompanhar de quatro pontas de seta de tipo Palmela, ser dada como oriunda de uma cista, trabalhos recentes apuraram que a sua descoberta se verificou aquando da abertura das fundações de um muro, sem contexto preciso (Maciel 2000). No entanto, neste caso concreto, a associação de peças faz pensar que se poderia tratar, de facto, de um contexto funerário.

A história contada pelo ourives que vendeu a peça, embora deva ser encarada com algum ceticismo, refere que esta poderia estar associada a outros objetos de ourivesaria e de bronze (ou talvez cobre, que aparenta a mesma patine). A verdade é que em Agolada e em S. Pedro de Balugães as gargantilhas de tiras se associavam a outro tipo de artefactos metálicos.

²⁷ Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Museu_do_Ouro_de_Travassos_03.jpg.

²⁸ Sousa (2004: 41, nota 8) menciona ainda que a “*Informação [foi] fornecida pelo antiquário que vendeu a peça, referindo que terão aparecido, junto com esta, variadas peças de ourivesaria e bronze, que terão sido vendidas pelos trabalhadores*”. Aquela autora (comunicação pessoal) é relutante quanto a esta última informação, na medida em que as “*variadas peças de ourivesaria e bronze*” poderiam corresponder tanto a outras peças recolhidas pelos trabalhadores noutros locais, como a outros objetos pertença do antiquário e prontos para venda. Tentaria, dessa forma, o antiquário fazer mais algum dinheiro, tentando usufruir do interesse demonstrado pelo bracelete. Esta peça, entretanto adquirida, encontra-se atualmente no Museu do Ouro de Travassos, em Póvoa de Lanhoso.



Figura 5.66 – Braclete de ouro de Quinta da Bouça, Bairro, Vila Nova de Famalicão²⁹.

De referir, ainda, o bracelete de ouro martelado a partir de um lingote fundido (Armbruster 1993) proveniente da Quinta da Bouça, Bairro, Vila Nova de Famalicão (Fig. 5.66): “*Á profundidade de 0m,55 apareceu de súbito o bracelete, ourejando num meio que, á mingoa de cohesão normal, denunciava antiga cava (...), numa área rectangular*” (Fortes 1905-1908g:413). Segundo esta notícia, parece possível admitir que o bracelete teria sido encontrado numa sepultura retangular, tanto mais que se encontrava a cerca de 100 metros de vasos de bordo horizontal, troncocónicos, púcaros de carena na pança, etc., que denunciam a existência de uma necrópole no lugar.

Outro bracelete em bronze que se pensa associar a contextos funerários é o da Quinta do Gião, Corvilho, Santo Tirso (Fig. 5.67), recolhido na mesma área que seis vasos (troncocónicos, de bordo horizontal e potinho) que se pensa provirem de uma necrópole, sendo que foram recentemente datados por radiocarbono, no âmbito deste trabalho, do Bronze Médio. Apesar do bracelete ter sido publicado como da Idade do Ferro (Castro Pérez 1997), não é excluída a hipótese de ser mais antigo, dado a sua associação aos vasos em questão, hipoteticamente, ao Bronze Médio.



Figura 5.67 – Braclete em bronze oriundo da Quinta do Gião/Corvilho, em Santo Tirso.

²⁹ Fonte: <http://vilanovadefamalicao.inwebonline.net/ficha.aspx?t=o&id=122>.

Utilização de colorantes

Restos de colorantes a indiciar a importância dos mesmos nas práticas funerárias foram descobertos, indiretamente, no túmulo 1 de Vale Ferreiro, uma vez que “*em fragmentos de costelas, de cor bastante clara, (...) [foi possível observar] uma série de pontos de tonalidade vermelho-ferrugem*” (Bettencourt *et al.* 2003c: 130). Naquele mesmo sítio, mas no túmulo 2, o corpo inumado teria sido coberto com um preparado à base de argila vermelha, conforme foi bem identificado nas lajes graníticas da sua base, as quais ficaram impregnadas de pigmentos avermelhados resultantes da mistura de uma argila local com um ligante gorduroso. De facto, e mesmo na falta das ossadas, observou-se em plano que a sua distribuição tomou um formato subtriangular, permitindo hipotetizar a deposição de um corpo em decúbito lateral, possivelmente em posição fetal, encarando o quadrante nascente (Fig. 5.61).

Nas possíveis fossas funerárias do Pego, dos finais do Bronze Médio ou já do Bronze Final, foram igualmente descobertos pequenos fragmentos de colorante amarelo, quer na fossa 2 quer na 4, a poucos metros de distância uma da outra.

Estes achados, se bem que poucos, revelam a importância dos colorantes nos ritos fúnebres, pelo menos desde o Bronze Inicial até a um momento avançado do II milénio AC. Curioso é a manutenção das cores já usadas desde o megalitismo, isto é, do vermelho e do amarelo, provavelmente numa grande continuidade de tradições cromáticas quiçá associadas a determinados sentidos.

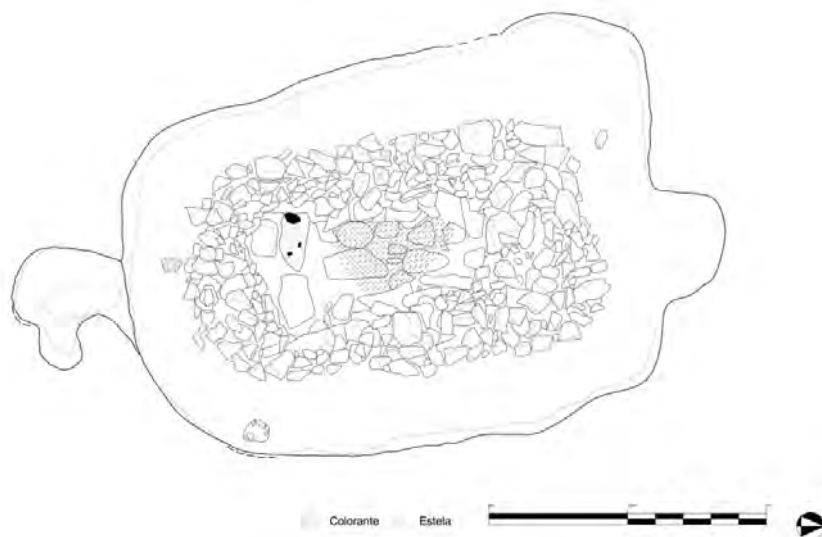


Figura 5.68 – Plano final do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe, onde é possível observar, sobre as lajes do fundo, a representação da mancha de colorante identificada durante os trabalhos de escavação.

Oferendas em materiais perecíveis

É provável que tivessem igualmente existido oferendas ou depósitos em materiais perecíveis, tendo em conta os dados indiretos analisados nalguns contextos funerários.

A título de exemplo refira-se a identificação, no quadrante sudeste do “corredor de circulação” do túmulo 2 de Vale Ferreiro, em Fafe, de um pequeno círculo pétreo, maioritariamente em seixos angulosos de quartzo, com cerca de 18 cm de diâmetro, o qual foi considerado como base para um contentor perecível (Bettencourt *et al.* 2005b) ou qualquer outra deposição em material perecível.

Também o túmulo 4 de Vale Ferreiro (sepultura plana), estéril no que toca a outros materiais, tinha a particularidade de incluir no seu quadrante oeste, a c. de 15 cm de profundidade, um arranjo semicircular composto por seixos angulosos de quartzo, como se de um suporte se tratasse para conter algo perecível perdido com o tempo (Bettencourt *et al.* 2005) (Fig. 5.69).



Figura 5.69 – Em cima, ligeiramente à esquerda, arranjo pétreo identificado no quadrante oeste do túmulo 4 de Vale Ferreiro.

Ainda na necrópole do Pego, em Braga, concretamente, no enchimento da fossa 1, foi identificado um pequeno círculo composto por quatro seixos angulosos de diferentes dimensões (três granitos não locais com elevada presença de biotite, facto que conferiu às referidas pedras um brilho negro espelhado extremamente invulgar, e uma corneana siliciosa ferruginosa) cuja estruturação, aparentemente intencional, denunciava utilização semelhante.

Há ainda que referir a hipótese, colocada por Bettencourt *et al.* (2005), da possibilidade de oferendas de sementes de *Brassica*, uma vez que estas foram detetadas numa pequena fossa circular que sobrepõe, em parte, à extremidade norte do túmulo 2 de Vale Ferreiro. Atualmente esta hipótese terá que ser abandonada visto saber-se que as supostas *Brassicás* são, afinal, esclerócios de fungos, que permitem a sustentação e a captação de nutrientes no subsolo, tendo em conta análises feitas por João Tereso (comunicação pessoal de Ana M.S. Bettencourt).

Em síntese, o que parece resultar deste estudo é que há um conjunto de ritos associados aos mortos que se materializam de diversas formas, embora nem sempre sejam fáceis de interpretar.

Dentro do grupo das cerâmicas surgem potinhos, púcaros, subcilíndricos, troncocónicos, vasos de bordo horizontal, vários tipos de potes, entre outras formas singulares, como é o caso do vaso bicónico do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

De uma forma geral os vasos de bordo horizontal e os troncocónicos são os mais comuns e parecem associar-se à liturgia fúnebre e a ritos de queima de substâncias antes do encerramento do túmulo, tal como já defendeu Bettencourt (2010a, 2010b), não podendo, por isso, serem considerados contentores de oferendas propriamente ditos.

Quanto aos potinhos, púcaros e subcilíndricos, normalmente não apresentam restos de fuligem, o que pode indiciar outra função no âmbito das práticas fúnebres. O vaso bicónico serviu, certamente, de recetáculo para uma oferenda orgânica. Para os vários tipos de potes coloca-se a hipótese de trabalho de terem servido como contentores de cremações, pelo que neste caso, também, não poderiam ser considerados oferendas.

Em termos decorativos foi possível detetar, através da análise permitida pelos dados da necrópole do Pego, certas ocorrências entre determinados vasos decorados e o seu posicionamento internuclear. A ausência de vasos terá, igualmente, um significado. Neste sentido, as similitudes observadas ao nível da distribuição espacial de determinados padrões decorativos (e, mesmo, da ausência deles) entre cada um dos núcleos poderão indicar que estes, apesar das diferenças cronológicas entre algumas sepulturas, poderiam ter pertencido a uma sociedade com laços identitários comuns, talvez materializados pelo padrão recorrente a quase todos os vasos, a métopa. As diferentes organizações decorativas poderiam, por sua vez, constituir o elemento diferenciador do indivíduo sepultado.

Os artefactos líticos foram escassamente utilizados em contextos funerários, sendo de destacar a presença de fragmentos de moinhos ou de moinhos no *tumulus* de Vale de Chão 1 e no túmulo 2 de Vale Ferreiro, ambos datados do Bronze Inicial, numa prática com antecedentes que remontam ao Neolítico. Tal seria certamente intencional, tanto podendo simbolizar a transformação do corpo físico implícito no processo da morte (tendo presente que o moinho é, também ele, um artefacto que se associa à transformação da matéria), como pela distinção de género ou de outro qualquer parâmetro. Curiosamente, de destacar que o túmulo masculino de Vale Ferreiro 1 não incluía um único fragmento de moinho no seu *cairn* ou na sua estrutura cistoide.

No Bronze Médio apenas se conhecem, hipoteticamente, duas oferendas líticas. São elas o possível peso de tear ou de rede ou o cossoiro ou conta de colar, recolhidos, respetivamente, das sepulturas 7 e 8 do núcleo 1 da necrópole do Pego. Estes artefactos parecem “revelar” ou simbolizar a importância das qualidades dos defuntos, talvez ligados à tecelagem, numa vontade de lhes conferir uma distinção no momento da morte.

Sabe-se, ainda, que durante o Bronze Inicial, Médio ou talvez fins do Médio/inícios do Final os colorantes vermelhos e amarelos foram importantes nos ritos fúnebres, tal como se verificou nos túmulos 1 e 2 de Vale Ferreiro e nas fossas 2 e na sepultura 4 do Pego.

Em termos de artefactos metálicos, apesar da escassez de dados e dos seus contextos nem sempre precisos, é possível admitir que houve enterramentos no Bronze Inicial que incluíram peças metálicas, facto que se regista em diferentes contextos (reutilização de um túmulo megalítico – Antela da Bouça dos Corgos/Córregos, túmulo de grande dimensão –, num túmulo de exceção – túmulo 2 de Vale Ferreiro –, bem como num monumento sob *tumulus* – Regedoura 2).

Se os enterramentos com objetos metálicos são uma característica comum em alguns enterramentos no restante Noroeste da Ibéria durante o Bronze Inicial (cf. síntese de Bettencourt 2008, 2010a, 2011), também é verdade que nunca aparecem em túmulos de menor investimento construtivo, como sejam as sepulturas planas ou as fossas. Tal é igualmente notório na bacia do Ave, pelo que os portadores destes artefactos de carácter mágico e excecional deveriam deter um papel social importante.

Se a isto se juntarem outros exemplos, como os de alguns objetos metálicos hoje tidos como descontextualizados – alguns dos quais poderiam, originalmente, integrar contextos funerários –, talvez a deposição de determinadas oferendas excecionais juntamente com alguns

indivíduos poderia ter servido a legitimação dos territórios reocupados ou dos novos territórios ocupados (Bettencourt 2010), servindo o universo simbólico e ideológico vigente durante o Bronze Inicial.

Certo é que neste período cronológico-cultural se parece denotar cada vez mais influências quer do mundo atlântico quer do Mediterrâneo (Bettencourt 2013a), o que poderá justificar a necessidade de legitimar o território através de túmulos e de artefactos excepcionais e de criar novos antepassados e novos lugares míticos, como é o caso de Vale Ferreiro.

De destacar que a presença de um bracelete de tiras, se bem que de contexto pouco preciso, traduz a perpetração de intercâmbios entre esta região e o restante Noroeste da Ibéria, assim como com a Bretanha francesa, se tivermos em conta o mapa representado na Figura 5.70.

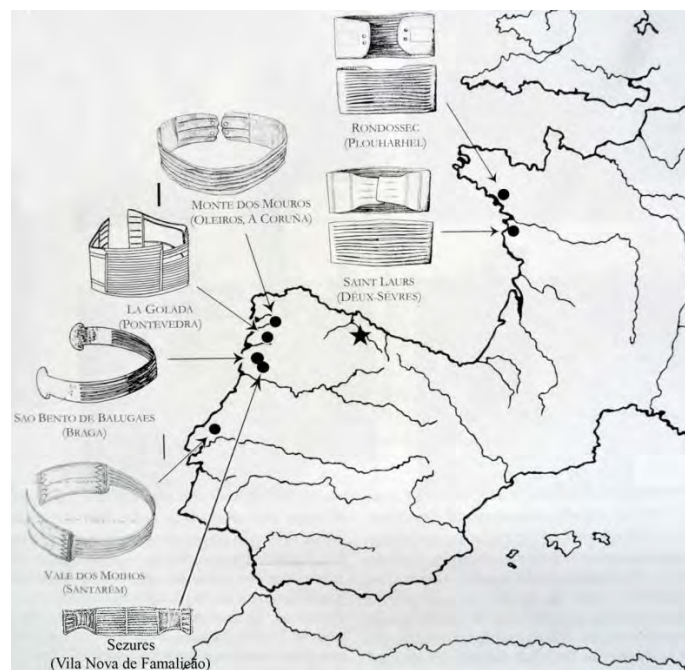


Figura 5.70 – Mapa de distribuição de “joyas de tiras” na Europa Ocidental (depois de Blas Cortina 2013: 109).

Por outro lado, as influências meridionais também estão patentes no vaso bicónico do túmulo 2 de Vale Ferreiro.

Curiosos são os braceletes de ouro e de bronze encontrados, respetivamente, nos sítios de Quinta da Bouça e de Corvilho, cujos contextos hipotéticos apontam, muito provavelmente, para necrópoles. No caso da necrópole da Quinta da Bouça, desconhecida que é a sua cronologia, o bracelete poderá remontar ao Bronze Inicial. Basta pensar no conjunto de Agolada, San Pedro de Ferreiroa, onde apareceram um diadema de tiras e dois aros maciços de ouro,

abertos, em contexto de sepultura (Filgueira & García Alén 1978). No caso do bracelete de bronze de Corvilho, para o qual se dispõe de uma datação por C¹⁴ do Bronze Médio para um dos vasos de bordo horizontal, a sua cronologia fica em aberto. Ao comprovar-se, de futuro, que todos os vasos seriam deste período, não deixaria de ser uma novidade ter uma peça metálica associada a um contexto funerário neste período.

De um modo geral, os dados disponíveis para a bacia do rio Ave parecem apontar no sentido de que, durante o Bronze Médio, as oferendas funerárias se tornam mais simples e estandardizadas, sendo que, em alguns casos, simplesmente desaparecem (Bettencourt 2008, 2009b, 2010a, 2010b, 2010c), com os lugares da morte aparentemente aproximando-se dos contextos residenciais, talvez pela paulatina perda de importância do defunto ao longo da Idade do Bronze (Bettencourt 2009a). Como defende Bettencourt (2009a, 2010a, 2013a), o que se nota é o desaparecimento de peças metálicas e de exceção nos contextos funerários do Bronze Médio e a presença de um número crescente de vasos em sepulturas simples e de pouco investimento construtivo, o que, tal como defende aquela autora, poderá relacionar-se com as novas concepções da morte e o papel atribuído aos mortos. A ausência de materiais de exceção em contextos funerários poderá ser explicada com a sua canalização para outros locais. Estes novos contextos, emergentes a partir do Bronze Médio, vão paulatinamente adquirindo maior preponderância social (Bettencourt 2010b). Por sua vez, no quadro da agência de alguns cadáveres durante o Bronze Inicial e das concepções diferenciadas da morte ao longo do Bronze (Bettencourt 2008, 2009b, 2010a, 2010b, 2010c), tome-se como exemplo Vale Ferreiro. Parece evidente que a sua utilização, ativa durante toda a Idade do Bronze, denota um maior investimento ao nível de tratamento dos mortos naquela primeira fase comparativamente às subsequentes. Os primeiros enterramentos ali efetuados evidenciam demarcadas preocupações, tanto pelas arquiteturas elaboradas como pelos materiais de exceção que acompanharam os defuntos, transparecendo formas diferenciadas de tratamento dos indivíduos sepultados. O que os vestígios arqueológicos de cronologia posterior parecem mostrar é que essa preocupação se vai esbatendo ao longo do Bronze Médio e Final, embora o sítio tenha estado ativo e permanecido na memória coletiva das populações que o construíram e frequentaram durante uma ampla diacronia.

2.4. Implementação “física” e “cultural” dos contextos funerários

Este subcapítulo aborda vários aspetos distintos que, contudo, se interligam profundamente: o contexto das tumulações em inter-relação com o meio em que se inserem e a sua organização interna e localização face aos povoados ou acampamentos. No primeiro *item* serão consideradas diferentes escalas de análise: a macro e a média. No segundo serão consideradas a microescala e a média escala de análise.

2.4.1. Implementação “física”

Mediante aplicação de distintas escalas de análise é possível retirar diferentes ilações sobre a localização dos vários contextos arquitetónicos funerários que se observaram na área de estudo.

Ao nível da macro-escala de análise ocorrem formas de tumulação desiguais, umas mais perceptíveis do que outras. As primeiras tomam a forma de estruturas em positivo, sobressaindo na paisagem. Referem-se a monumentos sob *tumuli* que se distribuem em áreas montanhosas, sempre acima dos 393 m de altitude (Figs. 5.64 e 5.65). É o caso de Vale de Chão 1, 2 e 4 e de Carvalho 1 e 2, na Serra do Carvalho; do Lameirão/Cruz Nova, no planalto da Lameira; da Malhadoura 1, no Monte de Malhadouro; de Lobo 2 no Monte do Lobo; e da Regedoura 2, no monte de Freiras. As segundas, por sua vez, pouco ou nenhum impacto visual criaram, privilegiando um carácter predominantemente subterrâneo. Tal é o caso das sepulturas planas e das fossas. A sua distribuição ocorre em áreas relacionadas com vales abertos, em vertentes suaves e a cotas que, apenas num caso, ultrapassam os 200 metros (Figs. 5.71 e 5.72).

Ao nível da média-escala de análise observa-se a preferência dos contextos funerários de menor investimento construtivo e menos visíveis por determinadas localizações. Ou seja, estes *loci* construídos para a morte posicionaram-se em áreas onde a geomorfologia denota declives, embora pouco acentuados, nas proximidades de vales férteis. São lugares entre o vale e os topos das elevações, ocupando o meio-termo, isto é, uma posição liminar entre as terras baixas (férteis) e as altas (mais inóspitas).

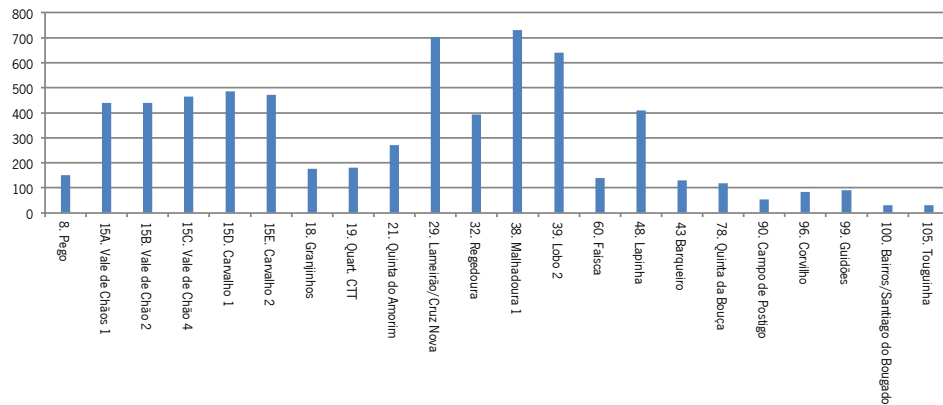


Figura 5.71 – Altimetrias dos diferentes contextos funerários conhecidos na área de estudo³⁰.

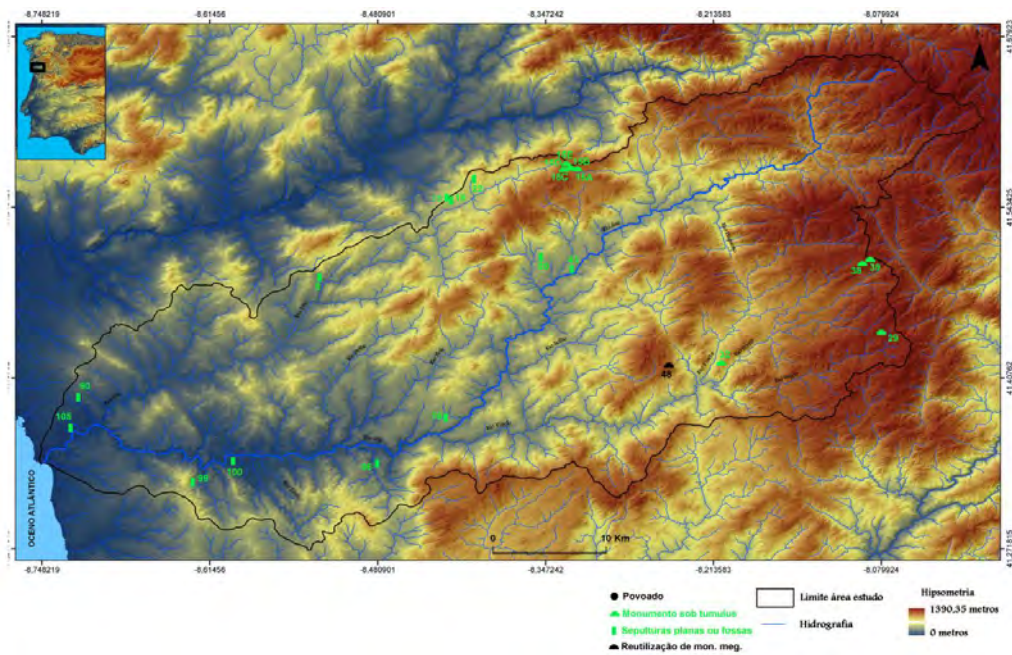


Figura 5.72 – Mapa hipsométrico posicionando os diferentes contextos funerários conhecidos na área de estudo. Numeração dos sítios cartografados correspondente aos sítios do gráfico anterior.

A observação de vários perfis topográficos efetuados a contextos funerários da bacia do rio Ave corrobora esta hipótese. Cabem, neste cenário, a necrópole do Pego, em Braga (Fig. 5.73); as possíveis necrópoles do quarteirão dos CTT e de Quinta do Amorim (Fig. 5.74), ambas em Braga; a necrópole de Quinta da Bouça, em Vila Nova de Famalicão, bem como as possíveis necrópoles de Faísca (Fig. 5.75), em Guimarães, de Corvilho, em Santo Tirso, de Touguinha, em

³⁰ Note-se que os valores da altimetria relativos aos sítios de Lapinha (Guimarães), Póvoa/Guidões e Bairros/Santiago do Bougado (Trofa) e Touguinha (Vila do Conde) são aproximados.

Vila do Conde (Fig. 5.76) e de Guidões, na Trofa. Ainda neste quadro encaixa a necrópole dos Granjinhos, em Braga, cuja localização é muito próxima à do quarteirão dos CTT.

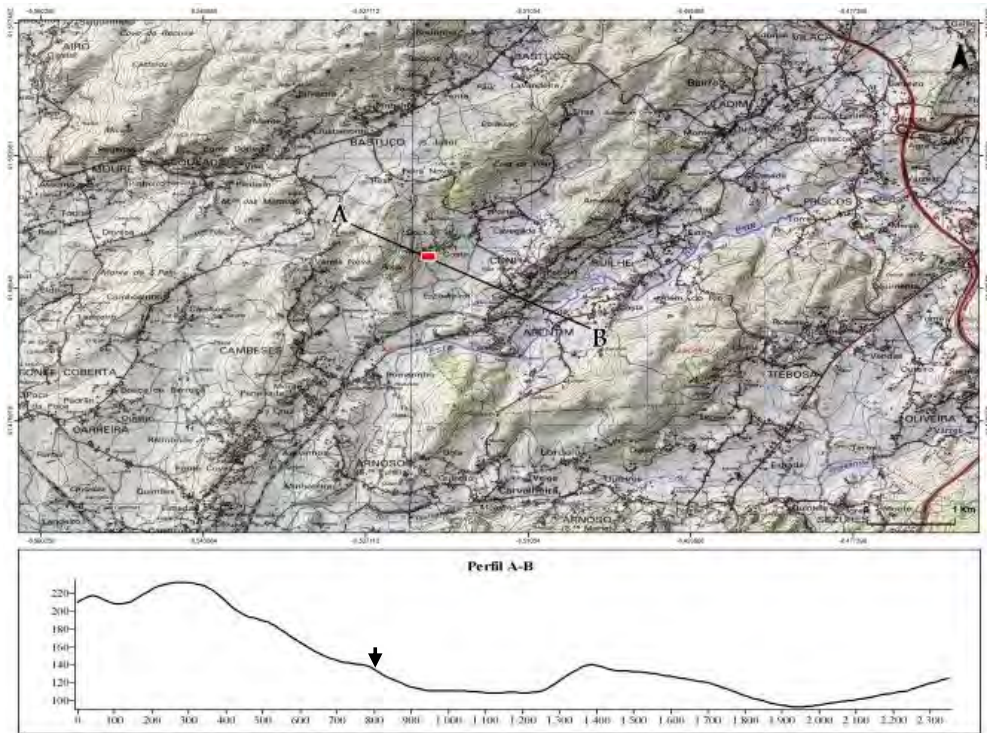


Figura 5.73 – Perfil A-B da necrópole do Pego, em Braga.

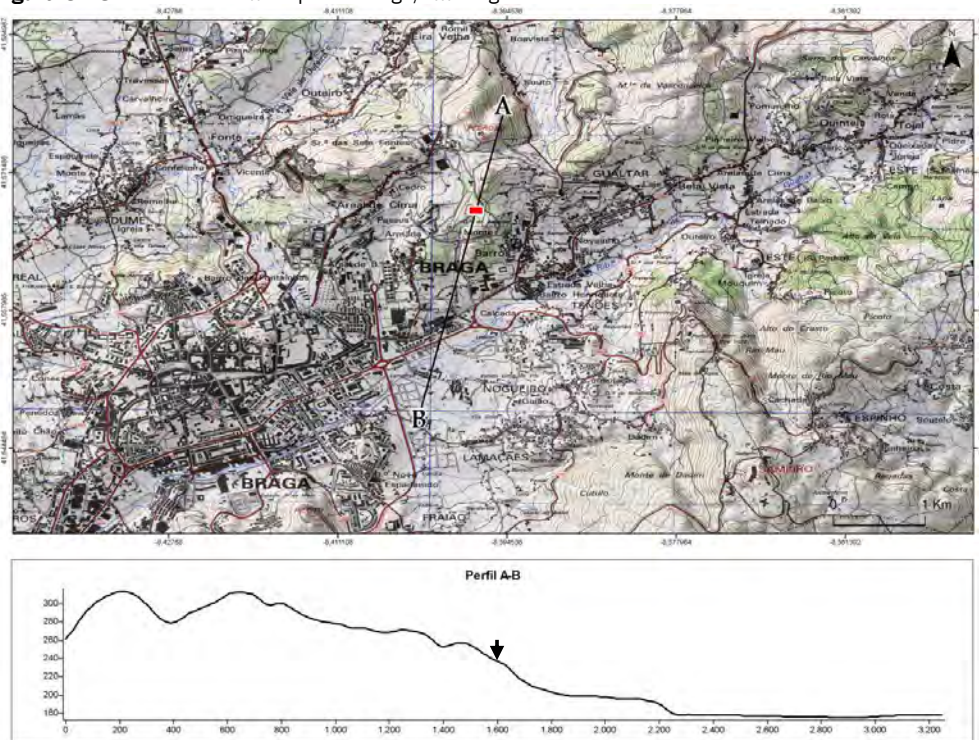


Figura 5.74 – Perfil A-B da necrópole da Quinta do Amorim, em Braga.

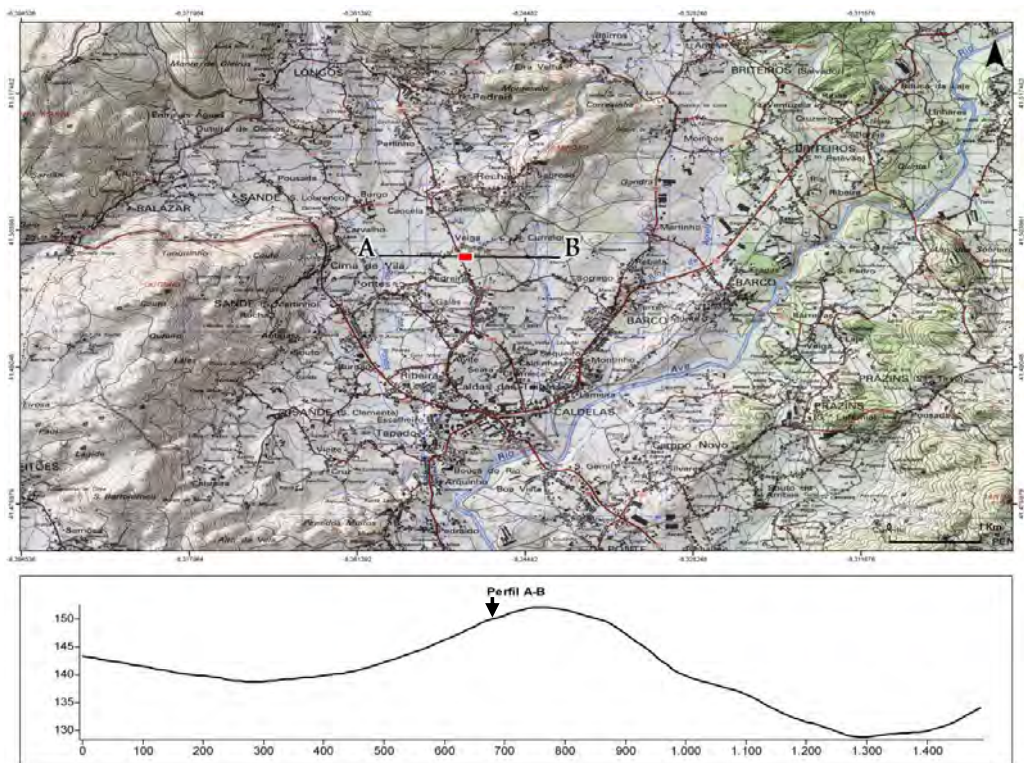


Figura 5.75 – Perfil A-B da necrópole da Faisca, em Guimarães.

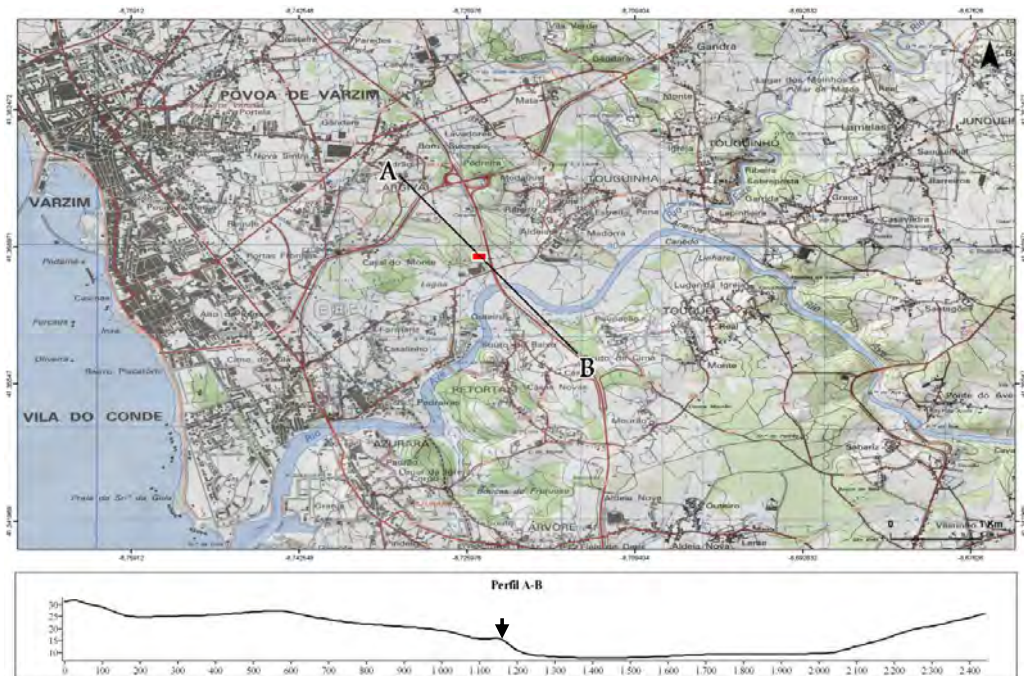


Figura 5.76 – Perfil A-B da necrópole da Touguinha, em Vila do Conde.

Paralelamente, as localizações escolhidas para a construção destes lugares, na maioria dos casos, deu preferência a quadrantes sujeitos à maior exposição solar, pois são, maioritariamente, virados a sul, sudoeste ou sudeste. Pertencem a esta realidade vários sítios conhecidos na área de estudo: as necrópoles de sepulturas planas do Pego; do quarteirão dos CTT e da Quinta do Amorim, bem como a necrópole de cremação dos Granjinhos, todas em Braga; assim como as possíveis necrópole de fossas de Faisca, em Guimarães; de Campo de Postigo, na Póvoa de Varzim; ou a necrópole de fossas ou de sepulturas planas da Touguinha, em Vila do Conde. Apenas a possível necrópole de Corvilho, em Santo Tirso, ocupou uma área correspondente à vertente oeste de uma pequena colina anexa ao rio Sanguinhedo, embora tal lhe permitisse, também, excelente exposição solar, pelo menos de tarde.

Uma nota para referir que, além das características enunciadas, o posicionamento destes contextos funerários tem ainda a particularidade de ocupar zonas abertas, com boa visibilidade para os vales, além de serem locais arejados.

Denota-se, ainda, em alguns casos, uma coincidência entre a orientação do maior eixo das sepulturas planas e a orientação dos cursos de água imediatos. Infelizmente, dados de escavação concretos e aplicáveis a este exercício apenas estão disponíveis para três sítios, sendo que para dois deles apenas parcialmente. São eles as necrópoles do Pego, do quarteirão dos CTT e da Quinta do Amorim. No Pego, os trabalhos de escavação permitiram verificar que a orientação das sepulturas planas é comum a todas as estruturas, alinhando de nordeste para sudoeste, o que é semelhante ao correr da ribeira da Levegada, que passa ligeiramente a nascente, no mesmo sentido. Os trabalhos de emergência desenvolvidos no âmbito da remodelação do quarteirão dos CTT, em pleno centro de Braga, permitiram igualmente registar que o maior eixo da única sepultura plana preservada (Sepultura LXXX), disposto no sentido nordeste-sudoeste, era igualmente coincidente com a antiga orientação do rio Este, que passa não muito longe, a nascente do local³¹. Quanto ao sítio de Quinta do Amorim, embora ali só tenha sido, também, identificada uma sepultura plana (apesar dos indicadores cerâmicos que apontam para a existência de outras), a orientação do seu maior eixo, alinhado de norte para sul, concorda com o fluir da ribeira de Areal, que vai desaguar à ribeira de Gualtar a escassas centenas de metro para poente do local.

³¹ Através da análise de mapas medievais percebe-se que o rio Este se encontra, atualmente, bastante alterado quanto ao seu curso original, em grande medida condicionado pela crescente construção que, principalmente nos últimos 20 anos, tem assolado a cidade de Braga. Ainda assim, é possível perceber que este alinhamento se encontra mais ou menos disposto no sentido nordeste-sudoeste.

Quanto aos monumentos sob *tumuli*, num universo de nove relativamente bem estudados, seis deles encontram-se, também, em patamares de vertentes, entre pequenos vales de montanha e o topo dos cumes, embora não se consiga encontrar um padrão quanto à vertente preferencial, o que até poderá não ter existido (Tab. 5.46). Deste modo, observam-se monumentos nas vertentes nordeste, sudeste e sul, enquanto alguns se localizam nos cumes dos montes ou planaltos, como é o caso Malhadoura 2, Lobo 1, de Lameirão/Cruz Nova e, também, de Carvalho 1.

Tabela 5.46 – Localização geomorfológica dos contextos funerários da área de estudo

Sítio	Geomorfologia	Contexto arqueológico
Pego	Vertente S de colina próxima à margem esquerda do rio Este	Necrópole de (pelo menos) 13 sepulturas planas onde foram depositados, na maior parte, vasos de bordo horizontal
Vale Chão 1	Vertente SE da Serra dos Picos, sobranceiro à ribeira de Reamondes	Monumento sob <i>tumulus</i> com couraça pétreo reutilizado durante o Bronze Médio através da abertura de uma sepultura plana
Vale de Chão 2	Vertente SE da Serra dos Picos, sobranceiro à ribeira de Reamondes	Monumentos sob <i>tumulus</i> com couraça pétreo com afloramento ou grande laje insculturada com covinhas
Vale de Chão 4	Vertente SE da Serra dos Picos, sobranceiro à ribeira de Reamondes	Monumentos sob <i>tumulus</i> com couraça pétreo que inclui quartzos e granitos de diferentes tamanhos
Carvalho 1	Vertente SE da Serra dos Picos, sobranceiro à ribeira de Reamondes	Monumentos sob <i>tumulus</i> com couraça pétreo que inclui quartzos e granitos de diferentes tamanhos
Regedoura 2	Vertente S do alto de Freiras, sobranceiro à margem direita do rio Ferro	Monumento sob <i>tumulus</i> com couraça pétreo composta por raros quartzos e abundantes seixos e blocos graníticos de grão muito grosseiro
Granjinhos	Vertente S próxima da margem direita do rio Este	Recolhidas três formas 5 e uma forma 1 (Bettencourt 1999) e análises a HClO ₄ , IN e de Bray II revelaram a presença, nos seus interiores, de elevadas quantidades de fósforo
Quart. CTT	Vertente S próxima da margem direita do rio Este	Recolhidas formas cerâmicas (bordo horizontal, troncocónicas e de perfil em "S") e identificada sepultura plana com deposição de vaso no seu interior
Qta do Amorim	Vertente S do Monte de Pedroso, muito próximo da margem esquerda da ribeira de Gualtar	Identificada sepultura plana com deposição no interior de vaso de bordo horizontal; outros fragmentos de vasos de forma idêntica foram recuperados nas imediações
Lameirão/Cruz Nova	Pequena plataforma aplanada a NW do marco trigonométrico de S. Pedro Pequeno cabeço num remate de esporão a NW do marco trigonométrico do Fojo, próximo da margem esquerda do rio Ave	Na couraça de um monumento sob <i>tumuli</i> estaria incluída uma estela
Vale Ferreiro		Identificados 4 túmulos funerários (um preservando restos osteológicos humanos) e outras estruturas de difícil interpretação
Malhadoura 1	Topo da vertente NE do Monte de Malhadouro	Pequeno monumento com couraça e anel lítico granítico
Lobo 2	Topo da vertente NE do Monte do Lobo	Pequeno monumento com couraça granítica que se encontra circundado parcialmente por três pequenos afloramentos
Faisca	Vertente SE de uma colina próxima à esquerda do rio das Pontes	Recolhidas formas cerâmicas de bordo horizontal do interior do que a descrição aparenta serem fossas
Lapinha	Vertente E-SE do Monte da Penha	Parte de vaso cerâmico que, pelas suas características técnicas e formais, indicia a possível reutilização de um monumento funerário durante a Idade do Bronze
Barqueiro	Vertente S da margem direita do rio Ave	Recolhidos dois vasos cerâmicos de bordo horizontal
Qta da Bouça	Vertente SW de pequena elevação próxima da margem direita do rio Ave	Recolhidas formas cerâmicas (um vaso de bordo horizontal, um troncocónico e um púcaro carenado) e uma pulseira em ouro Recuperada parte considerável de vaso cerâmico no interior de uma fossa com paralelos com outros identificados nas reutilizações dos monumentos megalíticos de Carreiro da Quinta (Vila Verde) e de Prados (Arcos de Valdevez) (Bettencourt 2011a)
Campo de Postigo	Vertente SW de colina próxima da margem direita do rio Este	Recolhidas formas cerâmicas (de bordo horizontal e troncocónicas), uma forma 10 (Bettencourt 1999) e um bracelete em bronze, pressupõe-se a existência de uma necrópole no local
Corvilho	Vertente W de pequena colina próxima da margem esquerda do rio Sanguinhedo	
Póvoa/Guidões	Vertente W do Monte Marão, muito próximo da margem esquerda do rio Ave	Recolhido um vaso de bordo horizontal praticamente inteiro e fragmentos de mais um ou dois exemplares de forma idêntica
Bairros/Santiago do Bougado	Área de vale	Descrição do que seria uma sepultura que incluía o depósito de um diadema (?) áureo

Sítio	Geomorfologia	Contexto arqueológico
Touguinha	Vertente SE de colina junto à margem direita do rio Ave	Recolhidas formas cerâmicas (de bordo horizontal e troncocónicas) e fragmentos de forma indeterminada que indiciam a presença de uma necrópole

2.4.2. Implantação “cultural”

2.4.2.1. Organização interna dos lugares dos mortos

Por sua vez, e embora não estejam disponíveis muitos contextos que permitam uma análise espacial – por não terem sido escavados em área –, atendendo aos trabalhos desenvolvidos nos sítios de Pego (Braga) e de Vale Ferreiro (Fafe), partindo de uma microescala de análise, observam-se certas características dignas de nota.

No Pego ocorreu a construção de uma necrópole de, pelo menos, 13 sepulturas³² planas que obedeceu a uma estruturação nucleada, tendo sido identificados dois núcleos. Um, a cota superior, composto por pelo menos 7 sepulturas; outro, a altimetria ligeiramente inferior àquele e separado cerca de 4 metros para sudoeste, tinha (pelo menos) 6 sepulturas.

Enquanto denominador comum verifica-se a orientação de todas as sepulturas segundo uma mesma direção, com os maiores eixos dispostos no sentido nordeste-sudoeste, e contornos semelhantes (subretangulares), apenas distintos em dois casos (ovalizados, sepulturas 4 e 10). As suas secções são igualmente semelhantes (em “U”) e as bases variam entre aplanada (sepulturas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 12) e arredondada (sepulturas 8, 9, 10 e 11).

Atendendo a que a média de comprimentos³³ corresponde a pouco mais de 2 metros, no núcleo 1 sobressai um exemplar maior (245 cm, sepultura 3) e um menor (130 cm, sepultura 4). Situação quase semelhante ocorre no núcleo 2, onde um exemplar (sepultura 7) excede o valor médio (2,24 m). Quando preservadas, algumas destas estruturas (sepulturas 3, 8, 9, 10, 11 e, eventualmente, 6 e 12) mostraram ter sido tapadas com espessas camadas de arena granítica. Também a sepultura 11 se encontrava “marcada” com um seixo granítico angular fincado ao alto.

Outra característica comum é a inclusão, no interior da maioria daquelas estruturas (exceção feita às sepulturas 1, 4 e 7³⁴), de vasos de bordo horizontal, entre raros elementos

³² Refira-se que a 13ª sepultura só foi identificada posteriormente, dada as condições particulares do local, onde estruturas abertas no substrato rochoso foram preenchidas com o produto dessa abertura (arena granítica), facto que reduzia bastante o contraste entre a sua interface e o enchimento.

³³ Média calculada no valor de 202,4 m, tendo em conta 9 sepulturas planas, as únicas que preservavam as suas interfaces originais.

³⁴ A estas deve ainda ser adicionada a sepultura 12, a qual apenas foi parcialmente escavada no extremo Sudoeste, o que, por si só, não é suficiente para anular a hipótese de ali poder ter sido depositado um vaso cerâmico.

líticos, como um peso de tear ou de rede e um cossoiro ou conta de colar, este último acompanhado de um vaso de bordo horizontal (Sampaio & Bettencourt 2014).

Esta necrópole revela uma larga diacronia de utilização, desde os fins do Bronze Inicial (séculos XXI-XVIII AC, 2026-1742 BC Cal. 2 Sigma) – correspondente, hipoteticamente, a todo o núcleo inferior, ou núcleo 2 – até ao Bronze Médio (séculos XVIII-XV, 1740-1499 Cal. 2 Sigma) – que se crê corresponder ao núcleo 1, o superior. Como tal, a sua planta parece denunciar, como hipótese de trabalho, um processo de adição e de utilização que terá ocorrido ao longo de diferentes episódios.

Entre os fins do Bronze Médio e os inícios do Bronze Final (séculos XII-X AC, 1134-906 Cal. 2 Sigma) esta vertente do Pego denota, ainda, outro tipo de ocupação que poderá, eventualmente, relacionar-se com práticas funerárias. Refere-se esta atividade ao conjunto de 6 fossas de diferentes dimensões, as quais se encontram dispersas segundo uma disposição periférica em relação às sepulturas do núcleo 2, distribuindo-se entre os quadrantes sudeste e noroeste. Algumas destas estruturas (fossas 2 e 4), quando bem preservadas, mostraram ter sido tapadas com arena granítica, tendo, por vezes, uma seixo anguloso a marcar o seu topo exterior (fossas 1 e 2). Apenas uma delas (fossa 3), muito alterada por uma raiz, continha parte de um recipiente cerâmico, uma forma 10 segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), sem vestígios de fuligem ou materiais orgânica visíveis macroscopicamente. Uma outra estrutura (fossa 1) tinha, no seu interior, uma “cama de pedras” formada maioritariamente por granito abundantemente biotítico, cuja presença conferiu um brilho enegrecido acentuado (Fig. 5.77). Hipoteticamente esta “cama” terá suportado algo que se desintegrou (um corpo infantil? Um ossário? Um recipiente em material perecível?).



Figura 5.77 – À esquerda, granito rico em biotite que integrava a “cama de pedras” identificada na fossa 1; à direita, plano final da fossa 1.

De notar que esta última ocupação sepulcral (?) implicou sobreposições com a necrópole anterior, pelo menos, em um caso, conforme sucede com a fossa 5, que cortou o extremo Sudoeste da sepultura 11. Valerá a pena questionar se a memória do lugar como *deathscape* (Cook 2012) se terá perdido durante este segundo momento de ocupação ou se, pelo contrário, foi perdurante no quotidiano das populações locais ao ponto de, a determinada altura, fazer com que voltassem a usar o mesmo local com sentido(s) similar(es)?

No vale do Ave existe um lugar conectado com a celebração da morte que detém uma grande singularidade. Trata-se de Vale Ferreiro, em Fafe.

Entre as arquiteturas ali identificadas destaca-se a construção, durante o Bronze Inicial, de dois túmulos de soluções construtivas inéditas na região e de grande investimento construtivo. O mais antigo, e também o mais elaborado, foi edificado com matérias construtivas locais e alógenas. No seu interior o cadáver, provavelmente inumado em decúbito lateral, foi acompanhado de ornamentos de ouro e de um recipiente cerâmico de tradição meridional. O seu maior eixo foi alinhado no sentido norte-sul, posicionando-se a nascente do alto do cabeço de Vale Ferreiro. Posteriormente, a su-sudoeste deste, foi construído um segundo monumento de câmara cistoide, também orientado de norte para sul, o qual foi rodeado de um *cairn* subterrâneo. Nele foi enterrado um jovem do género masculino, de côcoras, sem quaisquer oferendas. Algures durante o Bronze Inicial é igualmente aberta em sepultura plana, a oeste do primeiro túmulo, também com orientação norte-sul. Do seu interior apenas recuperado um pequeno potinho³⁵, o qual terá servido como oferenda. Ainda no Bronze Inicial, igualmente a oeste do túmulo 2, é aberta uma estrutura (fossa 21) em cujo topo se concentravam vários calhaus angulosos e fragmentos de moinhos (à semelhança do que antecedeu a câmara do túmulo 2). Não inclui, também, qualquer tipo de espólio.

Independentemente de outras estruturas, sob a forma de pequenas fossas, podem pertencer a este período, o que se verifica é que a organização deste espaço parece ter seguido normas estritas. Com a sepultura fundacional a nascente e todas as restantes a ocuparem um posicionamento a su-sudoeste e a oeste desta, como se gravitassem à sua volta, o conjunto parece traduzir um padrão de importância social e coletiva dos cadáveres que talvez reflita a importância dos ciclos solares ou lunares, pois no ciclo solar o sol nasce ou renasce todos os dias a este e, no ciclo lunar, a lua cheia, nasce ou renasce igualmente a nascente. Também é de registar que o túmulo 1, o segundo de maior investimento, está mais próximo do túmulo

³⁵ O que na Galiza se denomina de vaso do tipo Taraio, forma comum nos túmulos deste período genérico, embora possa perdurar durante a Idade do Bronze, conforme defende Bettencourt (1997).

fundacional (túmulo 2), apenas à distância de cerca de 5 metros, enquanto o túmulo 3 se encontra a cerca de 7 metros e a fossa 3, ainda mais longe. Tal permite considerar, como hipótese, que as populações que tumularam em Vale Ferreiro detinham um universo ideológico onde os ciclos solares e lunares tinham interferência na organização de espaços tumulares e nas práticas de tumulação, talvez consoante a importância coletiva dos personagens enterrados ou, talvez, consoante a época do ano em que tais práticas eram perpetradas.

De ter em atenção que em Vale Ferreiro o único túmulo do Bronze Médio, o túmulo 4, tem uma orientação distinta, dispondo o seu maior eixo de este para oeste, distanciando-se cerca de 5 metros para noroeste do túmulo fundacional.

Apesar de Bettencourt *et al.* (2005) já apontarem algumas sugestões neste sentido, ainda que muito embrionárias, o maior número de datas radiométricas obtidas e o estudo monográfico detalhado deste local permite recorrer a mais dados a favor daquela interpretação e desenvolver novas ideias.

A par destes túmulos identificaram-se, nas imediações, outras estruturas em negativo de difícil interpretação, as quais têm levantado várias questões, principalmente relacionadas com a sua funcionalidade. Pese embora a limitação que a leitura estratigráfica do local permite, alguns argumentos mostram incompatibilidade com uma área habitacional. Desde logo, a escassa representação de materiais no enchimento da maioria das estruturas em negativo ali identificadas que, de outra forma, teriam que ser mais abundantes. A ausência de fundos de cabana, de pisos ou de lareiras, de pequenos valados, ainda que a preservação de quaisquer estruturas em positivo tenha sido dificultada pela erosão local, é outro argumento incompatível com o carácter habitacional do local. Também a própria característica das fossas (muito baixas, por vezes de dimensões muito pequenas ou cobertas com espessa camada de arena granítica) afastam-nas dos protótipos conhecidas em ambientes de povoado. Assim, a identificação de estruturas nas imediações destes túmulos parece denunciar outras atividades, compreendidas, talvez, no âmbito de novos enterramentos, de celebrações ou de *performances* paralelas aos enterramentos ali ocorridos ou, então, no quadro de revisitações cíclicas ao local. Talvez, durante tais revisitações, tenham ocorrido episódios de manutenção do lugar, já que a ausência de sobreposições e de cortes inter-estruturas deixa pressupor a sua sinalização, possivelmente com materiais perecíveis, como troncos de árvores, atendendo aos buracos de poste espalhados um pouco por toda a área, alguns dos quais próximos a determinadas fossas. Tal implicaria preocupações recorrentes de conservação desses elementos sinalizadores, facilitando, por sua

vez, o processo de memorização do local para as gerações futuras, tornando-o, também, monumental, apesar da invisibilidade aparente conferida às estruturas, dado o seu carácter subterrâneo.

Bettencourt *et al.* (2005) também vinculam este lugar com a água, quer pelo facto de o cabeço de Vale Ferreiro estar rodeado de linhas de água, entre elas o rio Pequeno, que lhe passa a nascente e a norte, ou o rio Ave que lhe passa a oeste, quer porque a alguma profundidade passa uma linha de água sulfurosa, de onde foram extraídos grande parte dos esteios utilizados na construção do túmulo 1 e algumas lajes da base da câmara do túmulo 2. Salientam, ainda, a visibilidade que se tem para o rio Pequeno que, ao longe, a nascente, rasga os montes de forma impressionante. Por todos estes dados e ainda pelo facto de terem sido encontrados seixos rolados em estruturas deste local (fossas 8 e 9 do Sector I e fossa 1 do Sector II), não se poderá estar mais de acordo com aquela interpretação.

Tendo em conta tudo o que foi anteriormente referido, parece que uma das principais características deste lugar é, precisamente, a sua ampla diacronia de frequência. Tal demonstra o seu perdurar na memória das populações que o construíram, subsistindo no consciente comunitário durante toda a Idade do Bronze.

2.4.2.2. Necrópoles *versus* povoados

Em relação aos contextos funerários sob *tumuli*, posicionados em orografias, a cotas altas, não se conhecem povoados próximos, exceção feita para Tapado da Venda, em Celorico de Basto, que fica a cerca de 2,5 km para sudoeste do *tumulus* de Lameirão/Cruz Nova. No entanto, é desconhecida a cronologia deste *tumulus*, sendo a articulação entre ambos os contextos impossível.

Em relação ao lugar singular de Vale Ferreiro, o local com fossas que lhe fica mais próximo (a cerca de 500 m para norte) é o do Monte da Abelheira/Rua Afonso Henriques, Guimarães, mas a inexistência de cerâmicas neste local não permite atribuir-lhe, sem margem de dúvida, uma cronologia da Idade do Bronze. Com exceção deste sítio, o único povoado conhecido da Idade do Bronze nas proximidades de Vale Ferreiro é o de Vilela, em Póvoa de Lanhoso, a pouco mais de 3 Km para oeste e de fácil acesso através do vale do rio Ave. No entanto, há que destacar o facto de que as análises de antracologia em vários contextos de Vale Ferreiro (Bettencourt *et al.* 2007), desde o Bronze Inicial ao Bronze Final, mostraram a utilização de fabáceas – plantas arvenses –, cuja proliferação só ocorre após ação antrópica continuada

dos solos. Tal leva a equacionar a hipótese de terem existido nas imediações outras atividades humanas (como queimadas, por exemplo, para a obtenção de pastos ou até, mesmo, para a fundação e/ou manutenção do local e das áreas imediatas) sem que tal, contudo, tenha obrigatoriamente que ser relacionado com ocupações de tipo povoado.

Cruzando os dados do povoamento do Bronze Médio com os contextos funerários de baixa altitude (Fig. 5.78) denota-se extrema contiguidade entre os povoados da Quinta do Amorim, do Pego e do Frijão em relação a necrópoles de sepulturas planas ou, eventualmente, de fossas. Já os povoados de Quinta das Rosas, de Monte Padrão e do Corgo denunciam maior distância em relação aos contextos funerários mais próximos, ainda que lhes acessem com certo grau de facilidade. Quinta das Rosas fica a cerca de 6 km para nascente da necrópole do Pego; Monte Padrão dista cerca de 5 km para sudeste da possível necrópole de Corvilho; o Corgo ficaria a cerca de 4 km para sudoeste da necrópole de Touguinha. Isto não invalida, contudo, que a consecução da investigação nesta área não venha a descobrir novos dados.

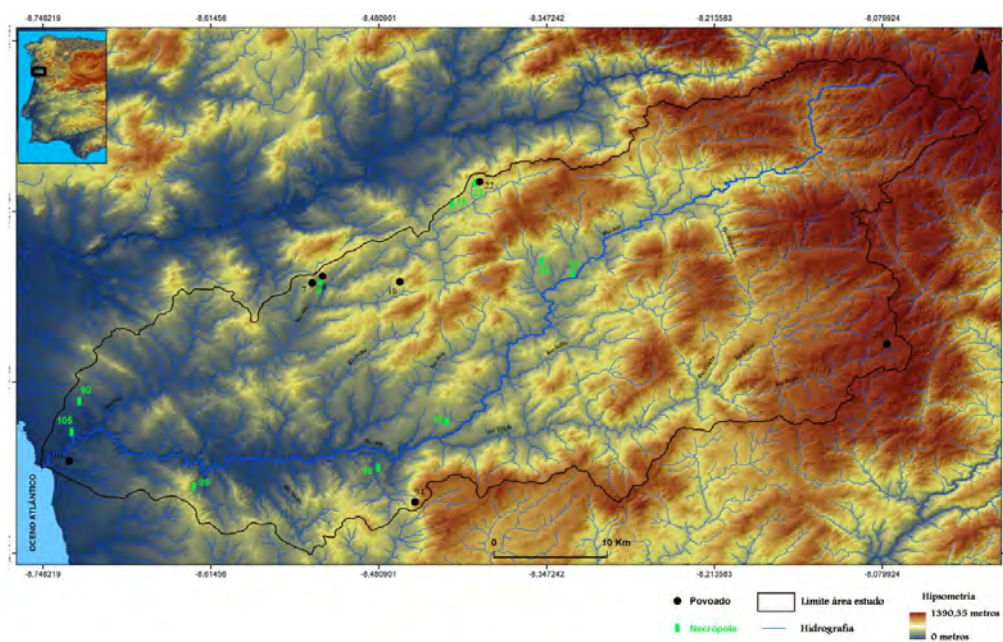


Figura 5.78 – Mapa hipsométrico com distribuição de contextos funerários e povoados do Bronze Médio da bacia do Ave: 7. Frijão (Braga); 8. Pego (Braga); 16. Quinta das Rosas (Braga); 18. Granjinhos (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 60. Faisca (Guimarães), 43. Quinta do Vago Mestre/Barqueiro; 78. Quinta da Bouça (Vila Nova de Famalicão); 90. Campo de Postigo (Póvoa de Varzim); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 96. Corvilho (Santo Tirso); 99. Guidões (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde); 105. Touguinha (Vila do Conde).

Finalmente, quanto à articulação entre os povoados do Bronze Final e os contextos funerários a ausência de dados, em relação a estes últimos, não permite quaisquer ilações.

2.5. Discussão dos dados e interpretações

Os dados relativos à morte na bacia do rio Ave são quantitativamente variáveis para as diferentes fases da Idade do Bronze, estando ausentes contextos do Bronze Final. Tal situação poderá advir do facto de a sua identificação ser dificultada pelo carácter perecível dos materiais utilizados e da “invisibilidade” inerente a construções subterrâneas, que criam pouco impacto no meio, mas também a fenómenos culturais, nomeadamente a práticas fúnebres que deixam poucos ou nenhuns vestígios. De resto, problemas decorrentes da invisibilidade dos contextos funerários já haviam sido vincados por Jorge (1996).

Tendo em conta os dados disponíveis para o Bronze Inicial e Médio, as diversas materialidades funerárias expressam-se através de múltiplos contextos, arquiteturas e práticas.

Em relação aos contextos, e à semelhança dos monumentos sob *tumuli* conhecidos desde a Beira Alta às Astúrias, as tipologias destes monumentos na bacia do Ave também revelam elevada heterogeneidade. Os exemplos mais estudados são os monumentos sob *tumuli* de Vale de Chão 1 e 2 e da Regedoura 2. Se, no primeiro, os trabalhos de escavação não identificaram qualquer tipo de câmara funerária, no segundo existia um espaço lajeado, delimitado a oeste e a este, que poderia ter servido para tumulação. Já no terceiro monumento, que à data deste trabalho se encontrava em fase de escavação, levantava-se a hipótese, pela presença de eventuais lajes à superfície, de o mesmo incluir uma câmara funerária de tipo cistoide³⁶. No caso do primeiro, sem câmara, a evidência de ritos de fogo, ainda que escassos, permitem questionar a natureza não deposicional de cadáveres diretamente sobre o solo, podendo corresponder quer a locais para depósitos de cremações (Vilas Boas 2014a, 2014b), às quais teriam vindo associados alguns carvões da pira, quer a outros ritos relacionados com o mundo dos mortos, como têm considerado outros autores (Cruz & Vilaça 1999).

Uma característica que parece realmente constante é a aproximação destes monumentos a zonas montanhosas, tanto em linhas de cumeada como em patamares de vertentes de altitude, conforme já havia sido proposto por Bettencourt (2009a, 2010a, 2010b). Este tipo de sepultura faz pensar que os seus construtores dariam importância à visibilidade da morte e que o lugar dos antepassados seria importante na sua conceção do mundo. O desconhecimento de povoados nas suas imediações está em concordância com a hipótese daquela autora (Bettencourt 2010a) de que estes túmulos seriam típicos de populações com

³⁶ No âmbito da arqueologia empresarial. Agradecemos as informações a Gabriel Pereira, assim como a oportunidade de visitar o monumento.

modos de vida mais vocacionados para as práticas pastoris e para uma certa mobilidade, e onde a convivência com os mortos, nos atos do dia-a-dia, seria significativa.

A construção de estruturas em negativo, uma manifestação funerária que recria novos cenários para a morte durante a Idade do Bronze, toma a forma mais recorrente, na área de estudo, de sepultura plana, embora também ocorram fossas. Os contextos deste tipo de sepultura vinculam-se a zonas de vale ou de planaltos irrigados e em áreas perto ou contíguas a povoados, surgindo por vezes sob a forma de necrópoles. Segundo Bettencourt (2009a, 2010a, 2010b) este tipo de contextos funerários terão correspondência com comunidades detentoras de modos de vida e formas de perceber o mundo distintas das que tumularam nas zonas montanhosas. A estes contextos invisíveis corresponderiam comunidades mais ligadas às práticas agrícolas e mais sedentárias, em que a morte assumiria papel mais familiar e não tão significativa em termos coletivos, uma hipótese com a qual se concorda.

Salvo raras exceções, o tratamento dos defuntos parece ter privilegiado a inumação durante o Bronze Inicial e Médio. As dimensões da grande maioria das sepulturas planas pareçam apontar para inumações primárias e individuais, em decúbito dorsal ou lateral, embora a considerável largura da sepultura da Quinta do Amorim poderia, eventualmente, ter albergado uma inumação dupla. Inumações em decúbito lateral podem subentender-se a partir da mancha de colorante que cobria o túmulo 2 de Vale Ferreiro e das condições estratigráficas das sepulturas 9 e 11 do Pego. Se em Vale Ferreiro o corpo parecia estar virado para nascente, já no Pego os corpos parecem estar virados para sudeste (Bettencourt 2010a, 2010b). É, também, conhecida uma inumação primária, individual, de cócoras, na estrutura cistoide de Vale Ferreiro (túmulo 1).

Inumações atribuíveis à Idade do Bronze são raras no Noroeste Ibérico devido à acidez dos terrenos. No entanto, têm sido descobertas algumas, como são exemplo as inumações em decúbito lateral do Terraço das Laranjeiras, Torre de Moncorvo, datáveis do Bronze Inicial (Gaspar *et al.* no prelo) e em decúbito dorsal e lateral do Terraço do Medal, no Mogadouro, datáveis do Bronze Médio (Gaspar *et al.* 2014).

A prática da cremação está documentada na bacia do Ave desde, pelo menos, o Bronze Médio, como se comprovou pela data radiométrica dos Granjinhos e pela provável cremação *in situ* de um sarcófago de carvalho, em contexto de reutilização do monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1 (Vilas Boas 2014a, 2014b). Temos, assim, duas soluções para as cremações: por um lado em urnas, depositadas num recinto construído para o efeito; por outro, muito

possivelmente *in loco*, com o corpo dentro de um sarcófago. Se bem que se conheçam cremações no Noroeste da Ibéria desde o Calcolítico, como é o caso de Agro de Nogueira (Bettencourt & Meijide 2009), são contextos sempre difíceis de detetar. Para o Bronze Inicial parece existir uma cremação em fossa na Fraga do Zorro, em Verín, Ourense (Prieto Martínez *et al.* 2009b; Bettencourt 2009a). Do Bronze Médio, com devida sustentação radiométrica, será uma cremação em urna detetada no interior de uma fossa em Cameixa, Figueiroa, Ourense (Parcero Oubina 1997; Criado Boado *et al.* 2000; Prieto Martínez *et al.* 2009a). Uma eventual cremação em sarcófago foi encontrada, também, na necrópole da Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes 2008: 42, fig. 11), que Bettencourt (2010a, 2011b) situa em fase anterior, tendo em conta o vaso que acompanhava o cadáver. Já do Bronze Final foram detetadas cremações em urnas ou diretamente sobre cistas no recinto do Paranho, Viseu (Cruz 1997). Na verdade, a escassa representatividade das práticas de cremação na área de estudo poderá resultar da dificuldade acrescida na identificação deste tipo de vestígios. Tal não exclui que existam outros contextos por identificar um pouco por todo o Noroeste peninsular. Ainda assim, é curioso observar a coexistência desta forma de tratamento dos defuntos com a prática de inumação, especialmente verificada em áreas muito próximas. Tal situação verifica-se, por exemplo, entre os Granjinhos e a possível necrópole do quarteirão dos CTT, separadas por dezenas de metros, mas, também, no monumento sob *tumulus* de Vale de Chão 1.

Quanto aos objetos que acompanham os mortos é notório, tal como acontece noutras áreas do Noroeste da Península Ibérica, que os artefactos de metal e de grande exceção, por vezes associados a túmulos de grande investimento construtivo, só ocorrem no Bronze Inicial. Tal facto terá certamente correspondência com determinantes culturais, sociais e simbólicas.

A partir do Bronze Médio são abundantes os recipientes cerâmicos, entre algumas exceções líticas. São raros, infelizmente, os contextos funerários de onde provêm vasos cerâmicos recolhidos *in situ* através de processos modernos de escavação. Neste aspeto, a escavação no sítio do Pego tornou-se uma oportunidade única. Mais do que autorizar a análise das formas cerâmicas recuperadas do interior de cada sepultura (vasos de bordo horizontal, os mais comuns nos contextos funerários desta bacia), os dados permitiram articular a análise das diferentes decorações dos vasos no contexto de cada núcleo individualizado na necrópole. Tal desafio abre uma nova janela interpretativa, ao permitir validar ou invalidar certas recorrências decorativas/estilísticas.

No campo de estudo da semiótica, definida muito simplificada como “*the multi-disciplinary field devoted to how humans produce, communicate, and codify meanings*” (Preucel 2006: 3), destaque para a obra de Peirce (1998). Nela, o autor define “*sign as anything which is determined by something else, called its Object, and so determines an effect upon a person, which effect its interpretant, that the later is thereby mediately determined by the former*” (Peirce 1998: 478). De uma forma resumida este autor defende que: os signos são produzidos e interpretados, sempre num determinado contexto, e a alteração das condições contextuais tornam-nos permeáveis a novos significados; que os signos têm a capacidade de desencadear efeitos nos seus intérpretes porque carregam uma mensagem, embora nem sempre acessível, e que um símbolo é composto por elementos primários e secundários, pelo que apenas determinados elementos servem para atingir o seu conteúdo, ou seja, serem interpretados.

Dentro desta última premissa, ao nível das organizações decorativas do Pego, a característica mais comum a todos os vasos é o facto de apresentarem composições metopadas. É certo que outros vasos, formalmente idênticos e oriundos de contextos coetâneos, apresentam, amiúde, composições decorativas semelhantes³⁷ mas, no caso do Pego, tal realidade é a regra. Parece pois legítimo questionar: o que poderiam codificar tais composições metopadas? Em segundo lugar, e mesmo que dentro de ligeiras variações, confirma-se a constante presença de motivos incisos (linhas) e de motivos subtriangulares (impressos). Cabe, pois, perguntar se a combinação de diferentes técnicas e motivos representados não serviram para expressar significados específicos. Em terceiro lugar refira-se o uso de técnicas de adição plástica, presente em dois exemplares (sepultura 8 e sepultura 5, núcleos 1 e 2, respetivamente), e de decorações metopadas diagonais, igualmente presente em dois casos (sepultura 11 e sepultura 6, núcleos 1 e 2, respetivamente). O facto de ocorrerem repetidamente em ambos os núcleos, mas uma única vez em cada um deles, poderá não ser mera coincidência. Quanto ao posicionamento inter-núcleo das sepulturas de onde provêm estes últimos exemplos, se as que incluíam vasos com decorações de métopas diagonais ocuparam posições liminares em extremos opostos (no núcleo 1, a norte, e no núcleo 2, a sul), já as dos vasos com adição plástica ocupam posição semelhante (dentro de cada núcleo a sudoeste), pelo que se notam normas similares entre cada núcleo, apesar da sua discrepância cronológica.

³⁷ Como determinados exemplares de bordo horizontal provenientes, entre outros, de Faisca (Cardoso 1935, 1936) e de Monte de Baixo/Barqueiro/Quinta do Vago Mestre (Sarmiento 1901b), ambos em Guimarães, de Quinta do Amorim (Sampaio *et al.* 2014) e do quarteirão dos CTT (Martins *et al.* 2010a, 2010b, 2010c), ambos em Braga, de Cimalha, em Felgueiras (Almeida & Fernandes 2007, 2008; Almeida *et al.* 2008), de Agra de Antas (Ataide & Teixeira 1940), em Esposende, ou da Quinta da Seara, em Arcos de Valdevez (Paço 1933).

No caso específico da necrópole do Pego, a presença de “fuligem/matéria orgânica” no interior e exterior de todos os vasos levou a tentar a determinação dos seus possíveis conteúdos (Fig. 5.79). Alguns dos exemplares ali recolhidos foram sujeitos a análises de química orgânica. Os resultados apresentados por Gonçalves *et al.* (2010) comprovaram que teria sido queimada, nos seus interiores, uma gordura que não foi possível determinar. Durante esse procedimento terá ocorrido o derrame dessa substância, justificando a presença de “fuligem/matéria orgânica” nas partes externas dos recipientes.

A presença constante de “fuligem/matéria orgânica” em vasos cerâmicos depositados em contextos funerários, nomeadamente bordos horizontais e troncocónicos, quer na bacia do Ave quer noutras áreas do Noroeste, evidencia a importância de ritos envolvendo o fogo em momento prévio à deposição dos vasos, característica que denuncia intencionalidade, no quadro de um procedimento inerente às práticas fúnebres.

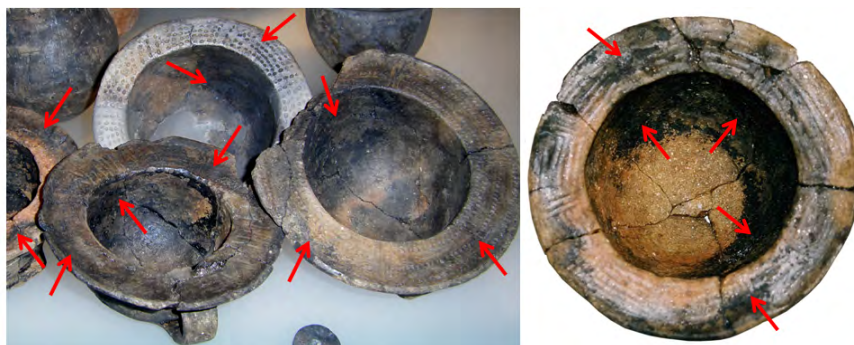


Figura 5.79 – Vasos cerâmicos recolhidos na necrópole do Pego com visíveis indícios de fuligem.

Enquanto hipótese de trabalho, é possível que o manuseamento destes recipientes, durante os cerimoniais fúnebres, tenha originado o transbordo dos seus conteúdos no momento em que se encontravam a arder. Refira-se, como exemplo, o transporte do vaso através do andar, carregando-o na mão, ligeiramente inclinado, conforme defendeu Bettencourt (2011b), o que talvez possa explicar a distribuição da “fuligem/matéria orgânica”, que ocorre na área interna e externa, miúde em zona oposta à asa. A queima propositada, no âmbito de procedimentos que acompanhassem a cerimónia fúnebre e que envolvessem substâncias odoríferas, enquanto mera hipótese de trabalho terá que ser testada com análises mais específicas de química orgânica. No entanto, a percepção dos cheiros pode envolver associações com determinadas experiências (Classen *et al.* 2003: 2) ou relacionar-se com ritos de passagem, marcando a transição entre diferentes condições (Fox 2010: 32). Acima de tudo, sublinhe-se que

a recorrência de determinadas características, como a presença de “fuligem/matéria orgânica” em formas cerâmicas exumadas de contextos funerários, com vários exemplos em grande parte do Noroeste, parece evidenciar normas e comportamentos comuns das populações perante a morte, desde os finais do Bronze Inicial aos inícios do Bronze Final, numa região bastante ampla, como a que vai do Sul da Galiza até, essencialmente, à Beira Alta, no caso dos vasos troncocónicos, e a que vai do sul da Galiza até à bacia do Douro, na fachada mais ocidental, no caso dos vasos de bordo horizontal.

Tendo em conta o conceito de paisagem proposto por Ingold (2000), a paisagem resultará da dialética constante entre a agência humana e o meio em que o homem “habita”, ou seja, resultado da experiência e da percepção que as comunidades obtêm e criam com o mundo que as rodeia. Como tal, o meio é também agente da ação. Neste sentido, o posicionamento geomorfológico dos contextos funerários é de extrema importância, na medida em que reflete uma escolha intencional que se crê estar inter-relacionada com o significado social que esse lugar teria antes da sua materialização, produto da forma como as comunidades percecionavam o e lidavam com o mundo. Neste quadro, tais *loci* terão adquirido um carácter de agentes, eivados de significados culturais e simbólicos, detentores de carga especial para as comunidades.

É tendo por base estas premissas que foi valorizada a proximidade de muitos dos contextos funerários com cursos de água de considerável dinâmica, ocupando estes contextos, maioritariamente, as margens dos rios Ave e Este (Fig. 5.80). A este respeito refira-se, contudo, a escassez de dados disponível para o quadrante sudeste da referida bacia hidrográfica. Tal poderá resultar da acidentada geomorfologia do terreno, que complica os trabalhos de prospeção, ou à menor quantidade de construção que esta área verifica quando comparada com outras zonas, impossibilitando a identificação de novos sítios, uma vez que estes não se detetam facilmente em prospeção.

Ainda no âmbito das perspetivas de Ingold (2000) crê-se que a coincidência entre as orientações dos maiores eixos das sepulturas em negativo e a orientação de regatos, ribeiros ou de rios próximos, notada em muitos casos, como Pego, Quinta do Amorim, quarteirão dos CTT, etc., além de deixarem transparecer certos precedentes cosmogónicos e uma estruturação mais profunda na forma de programar e de projetar fisicamente estas práticas, poderão, também, indiciar relações entre o movimento das águas e a percepção da morte, uma metáfora à viagem entre diferentes espaços.

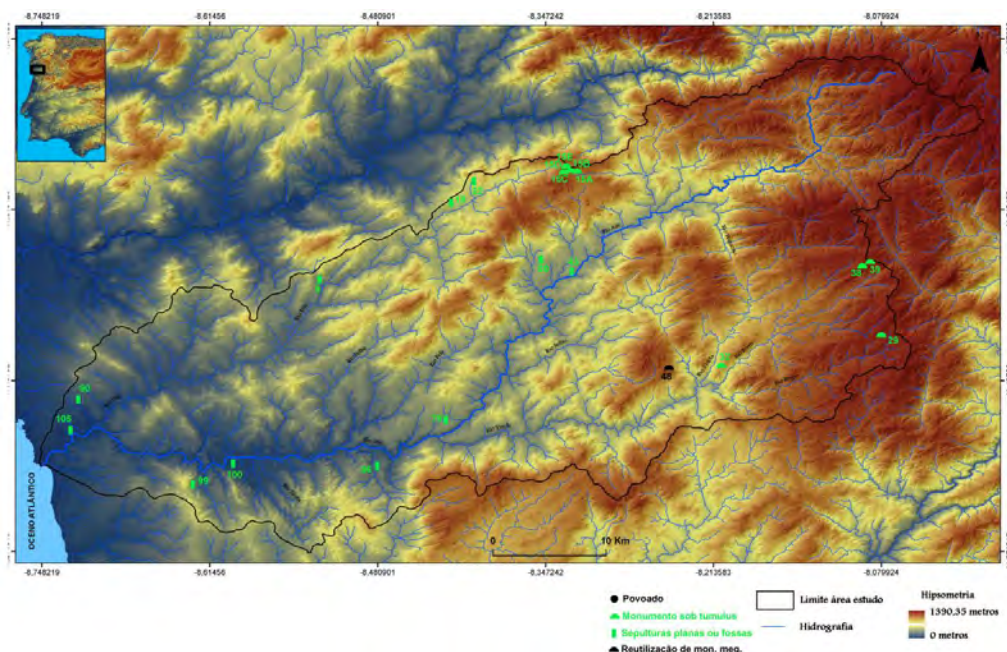


Figura 5.80 – Mapa hipsométrico com distribuição de contextos funerários da bacia do Ave: 8. Pego (Braga); 15A. Vale de Chão 1 (Braga); 15B. Vale de Chão 2 (Braga); 15C. Vale de Chão 4 (Braga); 15D. Carvalho 1 (Braga); 15E. Carvalho 2 (Braga); 18. Granjinhos (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 29. Lameirão/Cruz Nova (Celorico de Basto); 32. Regedoura 2 (Fafe); 38. Malhadoura 1 (Fafe); 39. Lobo 2 (Fafe); 43. Quinta do Vago Mestre/Barqueiro (Guimarães); 48. Lapinha (Guimarães); 60. Faisca (Guimarães), 78. Quinta da Bouça (Vila Nova de Famalicão); 90. Campo de Postigo (Póvoa de Varzim); 96. Corvilho (Santo Tirso); 99. Guidões (Trofa); 100. Santiago do Bougado (Trofa); 105. Touguinha (Vila do Conde).

Da mesma forma, considera-se que a localização de contextos funerários (em positivo e negativo) em áreas de vertente não terá sido acidental. Como já havia sido proposto (Sampaio & Bettencourt 2014) estes lugares, naturalmente em posição liminar e de passagem entre as terras baixas e altas, permitem interpretar que a morte seria percecionada como um fenómeno de transição entre dois mundos. De salientar que esta característica não ocorre apenas nas estruturas funerárias pouco perceptíveis, como sepulturas planas ou fossas, mas também nos monumentos sob *tumuli*. Por vezes estes encontram-se, também, em linhas de cumeada, o que não deixa de ser, igualmente, um espaço liminar, neste caso na zona de contacto entre o topo da “terra” e o céu”.

É igualmente questionável até que ponto as características solarengas de determinados locais escolhidos para fins funerários, bem iluminadas do nascer ao pôr-do-sol, poderão, de certa forma, estabelecer associações entre a morte e os ciclos solares.

A deposição sucessiva e repetitiva de indivíduos num mesmo espaço torna-o num lugar de memória onde se agregam, em simultâneo e num mesmo espaço, as biografias dos sepultados, criando *paisagens funerárias*, isto é, *mecanismos para a construção e para a*

negociação de identidade, de heranças e de atitudes perante a morte (Cook 2011: 14). Os enterramentos implicaram a realização de cerimónias honrando os defuntos (hoje conhecidas como funeral), sendo que o recurso e a repetição destas cerimónias permitem, segundo Whittle (2010), a criação e a manutenção de identidades sociais comuns ou a criação e a manutenção de memórias coletivas associadas a recordações de pessoas, a atos ou a eventos (Halbwachs 1950, Jones 2003). Como tal, as *paisagens funerárias* favorecem a criação da memória coletiva. No passado podem ter servido para marcar o enterramento de personagens carismáticas ou de lugares estruturantes, como se pensa ser o de Vale Ferreiro; podem, simplesmente, ter resultado da experiência sensorial inerente à condição humana no mundo (Van Dyke 2008); ou podem, por seu turno, traduzir a coexistência e vivência em sociedade (Clack 2011), como poderá ser o caso da necrópole do Pego.

Em todos estes casos a ação da memória e da recordação, resultantes das ações e das celebrações perante a morte, serviram para conceber e fomentar um *sentido de lugar* na perspectiva de Feld & Basso (1996). O perdurar destes lugares no tempo permitiu criar biografias, corporizando uma *paisagem de memórias* para as populações que viveram neste espaço.

Alguns destes sítios, recorrentemente utilizados como lugar dos mortos, subsistiram no quotidiano das populações locais, pelo menos, por algum tempo. Em certos casos as suas memórias parecem ter permanecido vivas durante amplas diacronias, extravasando a sua aparente funcionalidade funerária. Tal pode ser confirmado pelos dados de escavação de Vale Ferreiro. O perfeito conhecimento das estruturas ancestrais ali construídas, por parte das populações que frequentaram o local em fases posteriores, denota-se pela quase ausência de sobreposições e/ou destruições das ocupações anteriores. A transformação e a manutenção deste lugar ativo, ao qual continuaram a convergir pessoas, agências e memórias, terão servido para incrementar a sua importância comunal. Posicionando-se junto da margem esquerda do rio Ave e imediato a “corredores naturais” de fácil circulação, este lugar integrar-se-ia, facilmente, numa região mais vasta e, provavelmente, numa rede de relações sociais e de lugares mais extensa, onde as populações se poderiam deslocar para honrar, celebrar ou comemorar algumas das personagens ali sepultadas.

A publicação, ainda que parcial, dos dados relativos a Vale Ferreiro (Bettencourt *et al.* 2002a, Bettencourt *et al.* 2003c, Bettencourt *et al.* 2005) deu a conhecer um local sem paralelo na região. Nas suas sistematizações sobre a morte, Bettencourt (2008, 2009b, 2010a, 2010b, 2010c) tem vincado as suas características singulares, onde se presenciam escassos

enterramentos, datados de diferentes fases. Enquanto proposta, entende Vale Ferreiro como parte daqueles “*cenários de exceção e de grande carga mítica para as comunidades que (...) apenas excepcionalmente [os] frequentariam*” (Bettencourt 2008: 20). Sendo difícil interpretar o verdadeiro papel desempenhado por este lugar, considera-o destinado a sepultar apenas alguns personagens específicos da sociedade, sendo a memória e a gestão deste lugar perpetrada por certos agentes sociais que controlariam o seu uso, dado o carácter “mágico” que o lugar adquiriu desde início e que paulatinamente foi sendo construído, de geração em geração.

A presença de túmulos denotando grande complexidade construtiva e de considerável investimento laboral, de oferendas materiais excepcionais e, também, a confirmação da sua antiguidade perante as restantes estruturas, levam a entendê-los como uma forma de mitificação dos personagens aí sepultados, servindo-se de “*mecanismos de poder ao serviço dos novos sistemas de manutenção do território e da nova ordem estabelecida*” (Bettencourt 2003, 2008, 2009b, 2010b). Extrapolando a simples função de necrópole, tornar-se-iam lugares consagrados aos mortos, ou seja, uma paisagem funerária de grande importância coletiva e estruturante na paisagem da Idade do Bronze.

Há outros lugares onde estruturação semelhante parece ter ocorrido, isto é, onde se denotam relações inter-estruturas, evidenciando um tratamento diferenciado de algumas, de cronologia mais antiga, comparativamente a outras que as circundam ou que ocupam uma posição periférica. Um desses casos é o sítio de Agro da Nogueira, em Melide (Bettencourt & Meijide Cameselle 2009), onde nas proximidades de uma cista de maiores dimensões foram identificadas outras estruturas cistoides, sepulturas planas e fossas, num cenário que deixa perceber a coexistência de ritos de inumação e de cremação. Outro destes locais é o de A Devesa de Abaixo, em Vigo (Vázquez Liz 2005, Prieto Martínez *et al.* 2005), onde estruturas funerárias surgem em aparente associação com estelas e depósitos. Mais recentemente Villar Quinteiro (2012) dá a conhecer um contexto funerário igualmente complexo. Trata-se da necrópole de Ribadetea, Ponteareas. Ali, a construção de uma cista dupla, com reminiscências com o túmulo 1 de Vale Ferreiro, foi acompanhada de outras construções, segundo a autora, de carácter igualmente funerário, “*pero que raramente se documentan en la misma unidad espacial*” (Villar Quinteiro 2012: 77). Será, pois, de considerar que ali a construção das estruturas terá sido, também, um processo cumulativo, desenvolvido ao longo do tempo e, talvez, ao longo de ampla diacronia.

Há outros cenários onde houve continuidade de ocupação sepulcral por longos espaços de tempo, embora sem a dimensão interna e as características construtivas de Vale Ferreiro, pelo que o seu papel social seria distinto, talvez traduzindo apenas a coexistência e vivência em sociedade, como menciona Clack (2011).

Neste cenário de continuada memória refira-se a necrópole do Pego. O mesmo acontece entre os Granjinhos e a possível necrópole do quarteirão do CTT, localizados na mesma vertente virada a sul e ao rio Este e nas proximidades um do outro. Em conjunto estes dois sítios parecem denunciar a tradição tumular daquela área durante a Idade do Bronze embora, curiosamente, essa tradição tenha permanecido ativa durante o período romano³⁸.

A construção de uma necrópole revela sempre determinada estruturação (Pearson 1999), embora a sua dinâmica nem sempre seja fácil de perceber. Com base no caso de estudo que forneceu maior quantidade de dados, a necrópole do Pego, foi possível desenvolver uma análise da sua organização interna envolvendo as diversas materialidades ali identificadas. Esta organizou-se em, pelo menos, dois núcleos de sepulturas planas, com semelhanças arquitetónicas e de espólio que se inserem num período entre os finais do Bronze Inicial e o Bronze Médio. A que corresponderão estas regularidades entre grupos que certamente traduzem comportamentos e normas sociais bem estabelecidas por longa diacronia? Expressarão uma estruturação propositada com base na constituição de núcleos familiares? Ou serão núcleos por género ou por outra qualquer distinção social? A resposta é difícil e ainda mais complicada sem dados osteológicos que possibilitem estudos de género, de idade ou até de filiação, consoante o tipo de análises efetuadas.

De qualquer forma, as standardizações inerentes à organização de sepulturas em necrópoles e os ritos semelhantes (como a inumação e/ou a deposição de certos tipos de oferenda ou materiais relacionados com os atos fúnebres), com longa diacronia, pressupõem determinadas conceções, normas e performances que terão persistido por muitas centenas de anos, através da memória coletiva e da permanência das comunidades da Idade do Bronze, no mesmo território, por longos períodos.

No Noroeste português conhecemos outra necrópole organizada por núcleos, embora as sepulturas sejam em cista e já dos finais do Bronze Médio. Trata-se de Agra de Antas, em Esposende, onde se notam nitidamente pelo menos 3 núcleos com diferentes orientações, com

³⁸ Embora não seja atestado o uso funerário daquela área durante a Idade do Ferro regional, a presença de enterramentos de fase histórica (de período romano) permitem ponderar até que ponto tal "coincidência" não poderá ser relacionada com o carácter funerário adquirido por aquele lugar e que permaneceu na memória coletiva das populações locais. Situação semelhante parece ser a da necrópole de Tomar/Sellium, em Tomar, escavação arqueológica na qual o signatário participou, distanciada umas dezenas de metros do cemitério atual.

base na planta publicada por Ataíde & Teixeira (1940: 671) (Fig. 5.81). Também em Faisca, Guimarães, Cardozo (1936: 70) refere que as fossas “*apareciam formando pequenos agrupamentos distintos, e, em cada grupo, distanciadas uma das outras cerca de dois metros*”. A grande necrópole de sepulturas planas de Cimalhas, Felgueiras (Almeida & Fernandes 2007, 2008; Almeida *et al.* 2008), que Bettencourt (2010a) situa no Bronze Inicial e Médio pelo tipo de vasos encontrados e pelos materiais observados na área do povoado, apresenta diversas sobreposições, necessitando de um estudo detalhado para se conseguir distinguir as suas diferentes formas de organização interna. Trata-se, sem sombra de qualquer dúvida, de um sítio de enorme potencial.

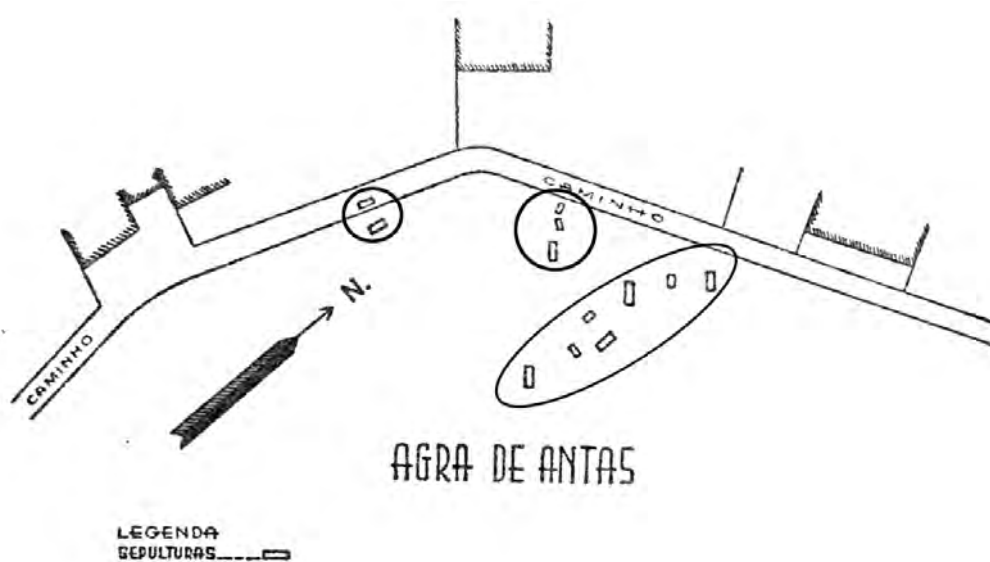


Figura 5.81. Planta da necrópole de Agra de Antas adaptada de Ataíde & Teixeira (1940), onde se observa a distribuição das estruturas segundo diferentes núcleos.

Apesar de não haver dados para comparar a organização interna da necrópole do Pego, na bacia do Ave e, mesmo no restante Noroeste português, é notória uma série de recorrências nas sepulturas em negativo que, ainda que não de forma rígida, parecem ter obedecido a critérios comuns no quadro de relações cosmogónicas próprias de comunidades imersas num mundo que deverão entender e explicar no quadro do animismo. Referimo-nos à localização das necrópoles de sepulturas em lugares liminares (entre o vale e o cume do monte); à sua proximidade ou ligação simbólica com cursos de água; à tendência para áreas bem iluminadas pelo ciclo solar diário e por locais de fácil acesso. Ainda que dentro de certos particularismos, os dados disponíveis para sepulturas planas e fossas parecem demonstrar atitudes comuns perante

a morte por parte de grandes segmentos das comunidades da Idade do Bronze da bacia do Ave e do Noroeste português, visíveis, também, ao nível das arquiteturas, do tratamento dos defuntos, dos objetos que os acompanham e dos ritos a que estes últimos se parecem associar.

Na verdade, essas arquiteturas e oferendas parecem, ao longo do Bronze Médio, atingir uma fórmula estandardizada e mais simplista, quando comparadas com os contextos de maior investimento datáveis do Bronze Inicial, alguns dos quais contendo materiais excepcionais em metal, o que leva ao tema da importância coletiva dos cadáveres entre o Bronze Inicial e o Bronze Médio. Esta proposta, ainda que genericamente, já havia sido levantada por Bettencourt (2008, 2009b, 2010a, 2010b, 2010c), sendo de admitir, essencialmente, para as áreas de vale ou de conotação mais agrícola. No entanto, há que recordar Vale Ferreiro, um contexto que mantém a memória dos ancestrais ativa, pelo menos até ao Bronze Médio, senão mesmo até ao Bronze Final, pelo que alguns mortos parecem manter a sua importância carismática e coletiva, por várias centenas ou milhares de anos.

A verdade é que, conforme Bettencourt (2009a, 2010b, 2013a) propôs, durante o Bronze Médio os lugares de referência no mundo aparentam ser, agora, alguns povoados que parecem ganhar um novo significado quotidiano que atinge, rumo ao Bronze Final, uma dimensão sem paralelo. Muitos destes, perdurantes para épocas posteriores e ocupados ao longo de amplos períodos de tempo, corporizam novas formas económicas, sociais, ideológicas e simbólicas de perceber e de lidar com o mundo. Por outro, o papel preponderantemente crescente adquirido por certos contextos “naturais” de deposição e de manipulação de objetos metálicos é atestado pelo fenómeno dos depósitos, iniciados ainda durante o Bronze Médio, temática que será abordada no capítulo seguinte.

3. Práticas metalúrgicas e deposições metálicas

Neste capítulo são incluídos os dados relativos às práticas metalúrgicas na bacia hidrográfica do rio Ave e às disposições de objetos metálicos. São, igualmente, incluídos os achados avulsos de objetos metálicos que, embora descontextualizados, permitiram algumas ilações.

3.1. Práticas metalúrgicas

3.1.1. Objetos e estruturas associados ao processo metalúrgico

Entre os objetos identificados figuram moldes de diferentes tipos (líticos, cerâmicos e de cera perdida), escórias, cadinhos, lingotes, entre outros hipotéticos restos associados ao processo metalúrgico. Encontraram-se, também, estruturas eventualmente vinculadas a essas práticas.

Neste aspeto merece especial destaque o sítio do Pego, em Braga, onde as várias campanhas de escavação, desenvolvidas entre 2004 e 2010, permitiram reunir uma quantidade significativa de elementos diretamente relacionados com as práticas metalúrgicas.

Em primeiro lugar, aqui foram encontrados 8 fragmentos de moldes cerâmicos e um nono que faria parte de um molde em cera perdida, o último dos quais apenas conservando a parte do vazamento do metal em cerâmica (Sampaio & Bettencourt 2011).

Os objetos em questão são partes de diferentes moldes que foram encontrados fraturados, quer no enchimento da vala perimetral que rodeou o Pego quer *in situ*, numa estrutura interpretada como “caixa de areia”.

Em laboratório verificou-se que três fragmentos colavam, nomeadamente o encontrado *in situ* com dois outros provenientes do enchimento da vala perimetral. Este veio a revelar tratar-se de molde cerâmico, bivalve, de um machado de talão com uma argola e nervura central (Ref. 2004.0338) (Fig. 5.81).

A parte de um segundo molde, igualmente bivalve, pertence a um machado de talão com duas (?) argolas, preservando, ainda, o cone de fundição (Ref. 2006.0478) (Fig. 5.81).

Um outro molde, também bivalve, pertenceria a um terceiro machado de talão, embora o seu reduzido tamanho não permita perceber se estaria provido de argolas, estando apenas representado parte do talão (Ref. 2006.0164) (Fig. 5.81).

O quarto exemplar faz-se representar pelo extremo cerâmico do que se pensa ter sido um molde em cera perdida. No seu topo observam-se dois pequenos orifícios de vazamento do metal que ladeiam um cone maciço, o qual terá permitido a execução de um pequeno alvado. Trata-se de um molde de uma ponta de lança de alvado curto (Ref. 2006.0139) (Fig. 5.82).

Pese embora algumas dúvidas quanto à sua verdadeira funcionalidade, foram, ainda, recolhidos, no sítio do Pego, dois fragmentos cerâmicos horizontais providos de perfurações grosseiramente circulares de uma possível grelha (Fig. 5.83). Estes fragmentos foram ambos recuperados no Sector II fora do seu contexto original. Um deles encontrava-se na camada de aterro do quadrado ZX9 e o outro, ligeiramente a montante, jazia na camada 1c do quadrado C2, no enchimento do trecho este da vala perimetral, o que prova que seria da Idade do Bronze. Por conseguinte, também o da camada de aterro seria, dadas as semelhanças entre ambos. Contudo, a relação destes materiais com práticas metalúrgicas não pode ser totalmente confirmada, conforme houve possibilidade de precisar através de trocas de impressões com alguns especialistas em metalurgia durante o *1º Congresso Internacional de Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*, ocorrido em Braga, em Dezembro de 2010. B. Armbruster descarta a hipótese destes fragmentos terem integrado qualquer estrutura inerente ao processo de produção metalúrgica, acrescentando P. Craddock que os referidos fragmentos não denotam oxidação suficiente resultante do contacto com altas temperaturas necessárias ao processamento dos minérios. Já J. C. Senna-Martinez admite poder tratar-se de parte de uma plataforma para aquecimento de cadinhos, algo parecido a um concentrador de calor, baseando-se em paralelos com uma estrutura semelhante identificada em Castelos de Beijós, Carregal do Sal (Senna-Martinez 2000).

Os indícios estratigráficos permitiram colocar a hipótese da existência de uma área relacionada com a produção metalúrgica, uma “caixa de areia” (vide Fig. 5.16). A corroborar esta hipótese refira-se a elevada presença de um sedimento de base arenosa numa área delimitada, à qual surgiu, associado, o único fragmento *in situ* de molde cerâmico encontrado no Pego. Esta área encontrava-se no topo, na extremidade noroeste do que foi designado de Sector V.

Mais a sul, em plena plataforma litoral e anexo à foz do rio Ave, encontram-se indícios de práticas metalúrgicas no povoado do Corgo, em Vila do Conde. Do local, escavado no âmbito da construção da linha de Metro do Porto, sabe-se que foram recolhidos alguns fragmentos de moldes (Bettencourt 2009a). Infelizmente, cerca de metade dos materiais de escavação ali

exumados não estão ainda disponíveis para observação, já que os trabalhos de escavação decorreram de forma faseada, segundo diferentes empreitadas, facto que tem levado a que os mesmos sejam “libertados” ao sabor da vontade dos responsáveis pelos trabalhos.

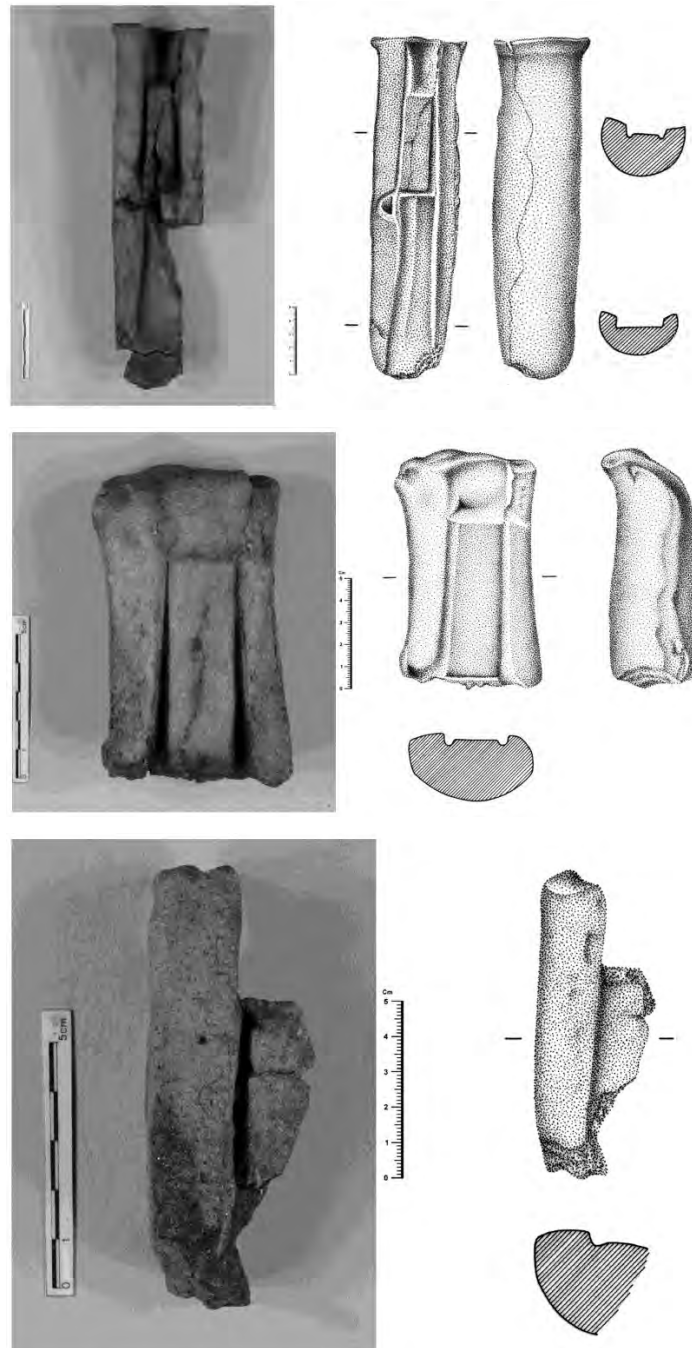


Figura 5.81 – De cima para baixo: metade do molde bivalve de machado de talão com uma argola (Ref. 2004.0338), parte do talão de molde bivalve de machado de talão com duas (?) argolas (Ref. 2006.0478) e fragmento lateral de metade do molde bivalve de machado de talão (Ref. 2006.0164) (adaptado de Sampaio & Bettencourt 2011).

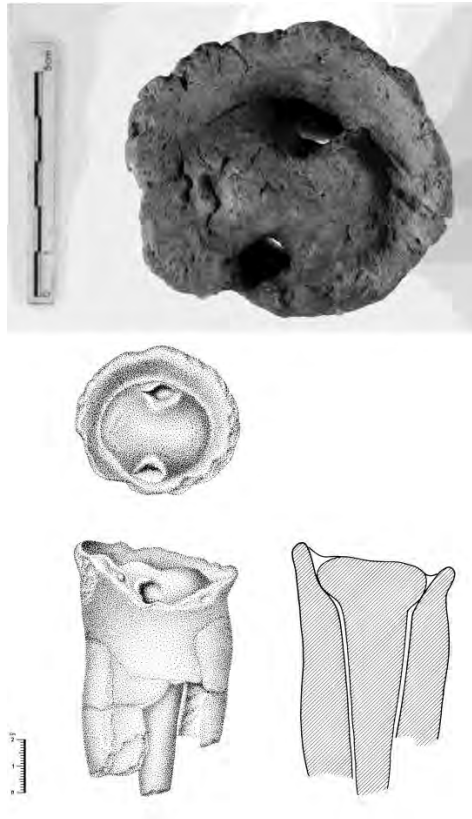


Figura 5.82 – Fragmento cerâmico de hipotético molde de cera perdida de ponta de lança de alvado curto (Ref. 2006.0139) (Sampaio & Bettencourt 2011).



Figura 5.83 – Fragmentos cerâmicos de hipotética plataforma de aquecimento de cadinhos.

De qualquer forma, o breve estudo dos materiais disponíveis em depósito no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde permitiu identificar restos de dois hipotéticos moldes.

Um deles corresponde a um fragmento cerâmico com 5,5 cm de comprimento, 4,2 cm de largura e 3,5 cm de espessura, proveniente do Sector E, quadrado 14/104, camada =1606= (Fig. 5.84). O barro apresenta-se bem cozido, detendo numa das faces o negativo de uma cavidade de seção semicircular. Infelizmente, a fratura da sua lateral não deixa perceber a sua largura. Parece um molde bivalve de uma peça circular ou em semicírculo, maciça (barra? bracelete?).

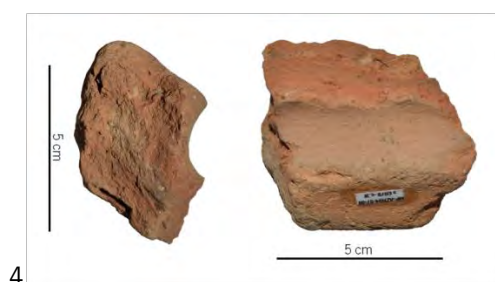


Figura 5.84 – Fragmento de hipotético molde cerâmico recolhido no Corgo.



Figura 5.85 – Fragmento granítico de molde de varetas (?) recolhido no Corgo.

O segundo objeto (Fig. 5.85) corresponde a um fragmento de bloco de granítico de grão fino, com 9,5 cm de comprimento, 6,7 cm de largura e a espessura que varia, pelo desnível da face oposta à “sulcada”, entre 3,2 e 3,9 cm. Na sua face mais regularizada, e no sentido transversal ao seu comprimento, foi escavada uma cavidade de seção em “U”, com 1,2 cm de largura 0,5 cm de profundidade. Parece corresponder a parte de um molde de uma barra. Foi recuperado no Depósito 1 da Fossa 47.

No povoado de Santa Marta da Falperra (Braga) há conhecimento da recolha de um pedaço de escória dos níveis considerados como da Idade do Bronze (Bettencourt 2000a),

embora, infelizmente, não haja mais informações sobre a sua contextualização. A presença de escória poderá indiciar a ocorrência daquelas práticas durante aquele período genérico.

Outros dois possíveis moldes são dados como provenientes da freguesia de Gominhães, em Guimarães (Cardoso 1971), embora se desconheça por completo os seus contextos de recolha (Fig. 5.86 e Tab. 5.46).



Figura 5.86 – Suposto molde (MSA-3073) e fragmento de molde [MSA-3074(F)] oriundos de Gominhães (cortesia Beatriz Comendador Rey).

O objeto de maiores dimensões, aparentemente inteiro, é em granito de grão médio. Mede 12,5 cm de comprimento, 9 cm de largura, 5 cm de espessura e pesa 1375 g. Numa das faces apresenta uma cavidade de secção em “U”, cujo maior eixo se dispõe no sentido paralelo ao comprimento do bloco granítico, em posição mais ou menos centrada. Este “canal” mede 8,2 cm de comprimento e cerca de 1cm de largura.

O segundo objeto corresponde a um fragmento de arenito (?), extremamente polido. Mede 4,5 cm de comprimento e de largura, 2,8 cm de espessura e pesa 86 g. Numa das suas faces e em posição mais ou menos centrada, detém uma cavidade de secção em “U” com c. de 0,8 cm de largura por cerca de 0,4 cm de profundidade.

Tabela 5.46 – Contextos, dimensões (em cm) e pesos (em g) dos moldes de Gominhães

Nº Inv.	Contexto	Comp.	Larg.	Espess.	Peso
MSA-3073	?	12,5	9	5	1375
MSA-3074	?	4,5	4,5	2,8	86

Embora Comendador Rey (1997: 185, n°s 113a e 113b) levante a hipótese de ambos os objetos corresponderem a afiadores e não a moldes, crê-se que, pelo menos o de arenito (?), poderá ser um molde de vareta ou escopro. A presença de moldes de varetas está atestada em povoados da Idade do Bronze da Beira Baixa, como Castelejo (Sabugal), Monte do Frade (Penamacor), Alegrios (Idanha-a-Nova) (Vilaça 1995) e Argemela (Fundão) (Vilaça *et al.* 2011).

Algures do Monte da Penha, em Guimarães, conforme regista a entrada no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães, resultado da oferta da “Junta de Turismo da Penha”, apareceu um objeto em arenito, trabalhado de dois lados, que Cardoso (1955: 232)

apelida de “*cadinho de fundição de metais*”. Comendador Rey (1997: 185, nº 112c), com reservas, considera-o um molde (Tab. 5.47 e Fig. 5.87).

Tabela 5.47 – Características do suposto molde do Monte da Penha

Nº Inv.	Contexto	Comp.	Larg.	Espess.	Peso (g)
MSA-739(C)	Monte da Penha	5	1	4,7	1140



Figura 5.87 – Artefacto hipoteticamente ligado a práticas metalúrgicas recolhido algures no Monte da Penha (MSA-739) (cortesia Beatriz Comendador Rey).

Trata-se de um bloco quadrangular de arenito com 15 cm e de comprimento, 11 cm de largura e 4,7 cm de espessura, pesando 1440 g. Apresenta três rebaixamentos numa das faces, dois dos quais ligados entre si através de um ligeiro canal, todos bastante irregulares. Na face oposta, nota-se uma depressão, de maiores dimensões e de formato em “D”. A sua observação não regista a presença de quaisquer aderências.

Na verdade, este objeto não poderá ser associado com segurança à Idade do Bronze, nem tão pouco a práticas metalúrgicas, sem que apareçam paralelos que o permitam enquadrar melhor.

Em contextos que não se relacionam diretamente com a metalurgia há, ainda, que registar os lingotes plano-convexos de cobre do depósito de Viatodos/Fonte Velha, em Viatodos, Barcelos, que indiciam a manufatura deste tipo de objetos e a circulação do aprovisionamento do metal (Tab. 5.48).

Tabela 5.48 – Composição química de dois lingotes do depósito de Viatodos/Fonte Velha

Nº Inv.	Cu	Sn	Pb	Bibliografia
MEHP7139	97,6%	0,48%	1,92%	Bottaini 2012
MEHP7138	96,5%	0,17%	0,07%	Bottaini 2012

Ambos detêm forma plano-convexa, cerca 15 cm de diâmetro por cerca de 2 cm de espessura. Pela notícia original sobre a descoberta refere Fortes (1905-1908a: 110) que haviam

aparecido “tres meniscos de metal em bruto e (...) fragmentos de outros”. Anos mais tarde¹ Villas-Bôas (1948b) refere “4 pastas de metal”. Pela cuidada observação da fotografia publicada por Russel Cortez (1946), quando o autor cataloga machados e outros objetos em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, entre os dois lingotes plano-convexos surge um terceiro objeto, igualmente plano-convexo e de formato ovalizado, embora mais pequeno que os restantes, medindo entre 5 e 6 cm de diâmetro (Fig. 5.88).

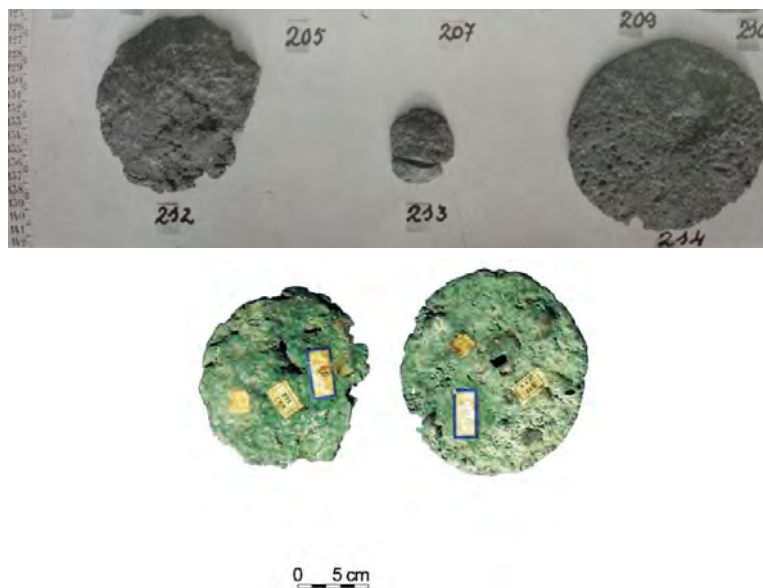


Figura 5.88 – Em cima, três dos quatro (?) lingotes plano-convexos de Viatodos/Fonte Velha (Russel Cortez 1946). Em baixo, dois dos lingotes atualmente em depósito do M.D.D.S., em Braga (adaptado de Bottaini 2012).

Finalmente há a referir o possível cadinho depositado na Antela de Farilhe ou de Alminhas, em Canidelo, Vila do Conde (Bettencourt 2011), que Comendador Rey (1997) associa, por confusão, com a mamoa de Guilhabreu (Fig. 5.89). Segundo Comendador Rey (1997: 373) trata-se de um pequeno objeto cerâmico subcilíndrico de paredes espessas. Mede 4,2 cm de altura e 4,3 cm de diâmetro, denotando parede interna alisada e exterior rugosa.



Figura 5.89 – Cadinho recuperado da Antela de Farilhe ou das Alminhas segundo Maia (1905-1908: 623).

¹ Após descoberta de correspondência trocada entre J. Fortes e o Reverendo Padre António Gomes de Amourim, reitor na freguesia de Viatodos por altura da ocorrência do achado, que integrava, juntamente com um machado de Viatodos/Fonte Velha, o depósito da Câmara Municipal de Barcelos.

Outros locais da Idade do Bronze onde foi detetada a presença de cadinhos distribuem-se pelo Centro e Norte português, embora correspondam a contextos significativamente diferentes do da Antela de Farilhe ou de Alminhas. Entre outros exemplos refiram-se os achados ocorridos nos povoados de Alegrios e de Moreirinha (Idanha-a-Nova), de Castelejo (Sabugal) (Vilaça 1995) e de Argemela (Fundão) (Vilaça *et al.* 2011), na Zona Centro, e de S. Julião Ib/Ic (Martins 1990), no Noroeste.

3.1.2. Produções

Analisando os restos de moldes recuperados é possível identificar algumas das tipologias de objetos produzidos na bacia do Ave.

No Pego, em Braga, foram produzidos machados de talão com uma argola e nervura central (Refs. 2006-0164 e 2006-0338), machados de talão de duas (?) argolas (Ref. 2006-0478) e uma ponta de lança de alvado curto (Ref. 2006-0139) (vide Fig. 5.81 e Fig. 5.82).

A respeito da cronologia destes artefactos é possível dizer que foram fabricados imediatamente antes dos séculos XIII a X AC, data de AMS que corresponde à abertura da vala perimetral do Pego e da sua colmatação, onde se encontraram cinco fragmentos de moldes. Tratam-se, pois, de produções antigas no âmbito do Bronze Final.

No Corgo, Vila do Conde, cuja cronologia desconhecemos, produziu-se uma barra e uma barra ou bracelete. Em Gominhães, em Guimarães, também de cronologia incerta, os moldes parecem ter produzidos varetas.

Os dados da bacia do Ave vêm juntar-se aos restantes do Noroeste português, aumentando o tipo de objetos fabricados nesta região, nomeadamente machados de talão e pontas de lança.

Como casos específicos mais próximos da zona de estudo conhece-se o molde de machado de tipo Bujões/Barcelos da Sola IIb, em Braga (Bettencourt 1999), assim como o da Cimalha, Felgueiras (Bettencourt 2009a), desde o Bronze Médio. No Bronze Final conhecem-se produções de barras na Santinha I, em Amares e em S. Julião IIb, Vila Verde (Bettencourt 2001), fragmentos de moldes cerâmicos de espada em Castelo de Matos, Baião (Figueiral & Queiroga 1988) e de uma foice de talão no Castro de Álvora, em Arcos de Valdevez (Bettencourt 1988).

Há ainda a referir o resto de uma tubeira em Cabanas I (Bettencourt 2000a) e restos de duas eventuais tubeiras em S. Julião Ib/Ic, em Vila Verde (Martins 1988; Bettencourt 2000d), embora na bacia do Ave se desconheçam, até à data, objetos semelhantes.

Neste cenário o molde mais antigo em cera perdida do Noroeste português é, por agora, o recolhido no Pego, sendo que apenas em S. Julião (Vila Verde) eram conhecidos resquícios de um provável molde desta técnica, situado em contexto do Bronze Final (Bettencourt 2000d).

3.1.3. Lugares de produção e produtores

No que respeita aos lugares onde esta produção de objetos metálicos foi concretizada – omitindo deste rol o conjunto de machados de talão com duas argolas, alguns preservando cone de fundição, que foram encontrados em associação com lingotes, na Quinta da Fonte Velha/Viatodos (Barcelos) (Fortes 1905-1908a), e o eventual cadinho da Antela de Farilhe ou das Alminhas (Vila do Conde) (Bettencourt 2011), cujas interpretações se enquadram no que se consideram, respetivamente, um depósito e uma oferenda – verifica-se que correspondem a ocupações de tipo povoado. Entre estes figuram diferentes formatos, uns denotando maior sazonalidade que outros.

Tal pode ser aferido, por exemplo, no caso do Corgo (Vila do Conde) (Botelho & Carvalho 2005, 2007; Botelho *et al.* 2007; Botelho & Larrazabal Galarza 2007; Botelho 2008a, 2008b, 2013, 2014), onde a identificação de estruturas de maior investimento e as quantidades elevadas de materiais denunciam uma presença humana efetiva. Em contrapartida, já no Pego (Braga) entre as necessárias reservas que devem estar presentes quanto à sua interpretação enquanto povoado, regista estruturas frustes, de reduzido impacto, transparecendo uma ocupação do espaço muito mais esporádica e interrompida, percebida no quadro de frequência sazonal.

Quanto aos moldes de Gominhães (Guimarães), é desconhecida a sua proveniência. Já o suposto molde do Monte da Penha (Guimarães), oriundo deste mesmo concelho, não parece poder ser relacionado com uma ocupação de tipo habitacional (Sampaio *et al.* 2009; Sampaio 2011). Em abono desta hipótese refiram-se os trabalhos de escavação desenvolvidos no local em diferentes pontos (Bettencourt *et al.* 2003a, 2003b), cujos escassos materiais cerâmicos identificados não são consonantes com a existência de um povoado, ao contrário do que foi defendido tanto para o Calcolítico (Jorge 1986), como para a Idade do Bronze (Cardoso 1971) ou Idade do Ferro (Sarmiento 1933).

Atendendo a mapas temáticos denota-se que estes locais de produção se encontravam relativamente próximos de recursos metálicos primários e secundários. Na área de estudo, em particular, os recursos mais abundantes ocorreriam sob a forma de estanho (Sn) e de volframite

(W), amiúde ocorrendo conjuntamente. Na antiguidade a cassiterite (SnO_2) seria a principal fonte de estanho. A ação da água sob estes veios primários, por sua vez, disponibilizaria minérios sob a forma de aluvião, cuja coleta seria facilitada junto dos leitos fluviais de maior dinâmica, diariamente alimentados pelos seus subsidiários. Observando a distribuição atual dos recursos metálicos disponíveis na bacia hidrográfica do rio Ave e nas áreas adjacentes verifica-se a existência de recursos nas proximidades dos locais onde aparecem moldes (Fig. 5.90). As populações da Idade do Bronze que vivessem na área de Gominhães, Guimarães, teriam acesso à cassiterite de aluvião eventualmente disponibilizada pela presença de filões de volframite da vertente sudeste do Monte da Penha (Guimarães), cuja “lavagem” por cursos de água levaria à sua confluência ao Regato da Nespereira, distanciado cerca de 8 km para sudoeste. As populações do Pego, em Braga, teriam acesso a cassiterite de aluvião, no rio Este, a cerca de 10 Km para sudoeste e de fácil acesso através da ribeira da Levegada, provenientes do complexo de jazidas primárias de estanho de Vilarinho das Cambas/Pedras Negras (Vila Nova de Famalicão) (Sampaio & Bettencourt 2011). As populações do Corgo teriam acesso a cassiterite nas aluviões do rio Ave, pois localizam-se a jusante das jazidas primárias de Vilarinho das Cambas/Pedras Negras (Vila Nova de Famalicão), a aproximadamente 16/17 km para poente, mas também tendo acesso às mineralizações de menor expressão de estanho que ocorrem na plataforma litoral, concretamente em Touguinhó e Bagunte (Vila do Conde), situadas a cerca de 5/6 km para nordeste do Corgo. Ambas as mineralizações poderiam correr para a bacia do rio Este que, não muito longe, conflui ao Ave.

Assim, e de um modo geral, pode-se dizer que em todos os locais onde houve produção metalúrgica existia facilidade no acesso a recursos de aluvião de cassiterite.

Os dados também parecem mostrar uma produção metalúrgica “familiar”, de pequena escala, de resto, algo que tem sido defendido para outras regiões portuguesas, como a Beira Interior (Vilaça 1995, 2004), a zona de Baiões/Santa Luzia (Senna-Martínez & Pedro 2000) ou o Noroeste português (Bettencourt 1999, 2001, 2009a). Vilaça (1995: 414), por exemplo, atendendo aos dados disponíveis para os povoados da Beira Interior (Centro e Sul), refere que *“não podemos falar na existência de verdadeiros “ateliers” de metalurgistas; os instrumentos e os meios de produção são sempre em número reduzido e a inexistência de espaços específicos testemunha um fraco desenvolvimento das forças de trabalho”*.

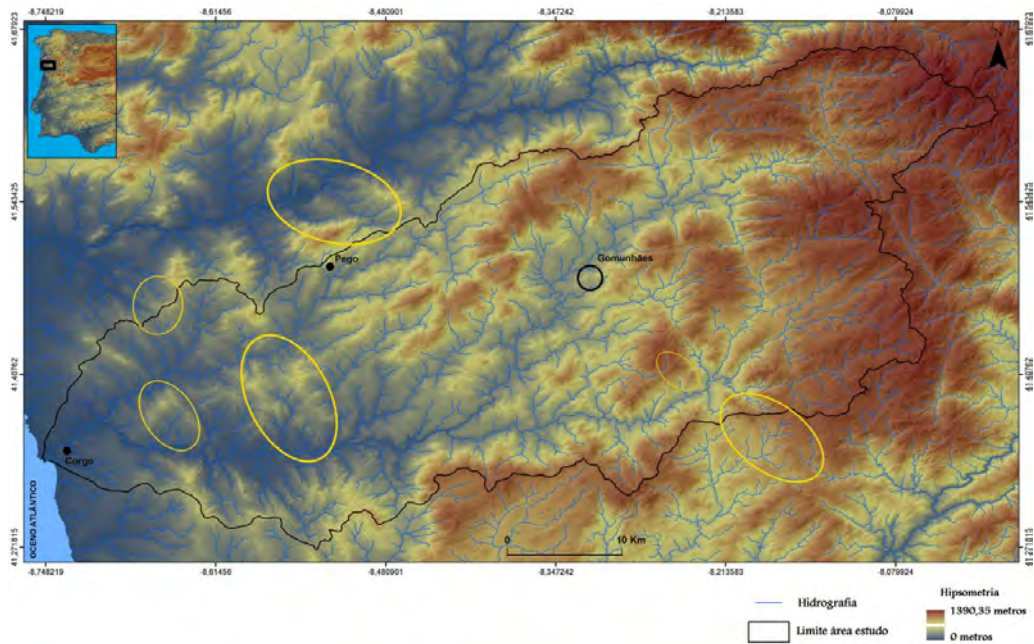


Figura 5.90 – Mapa hipsométrico da bacia do rio Ave com lugares de produção de objetos metálicos em relação a recursos metálicos (elipses laranja). Note-se que a localização de Gominhães é relativa à freguesia.

Outra questão de particular importância em relação aos *lugares de produção* tem que ver com a escassa representação de objetos metálicos a eles associados. No Pego (Braga) apenas foram identificados dois fragmentos pulverizados de eventuais lâminas ou placas, encontradas em diferentes pontos daquele sítio, mas que não aparentavam qualquer preocupação estrutural interpretável como uma deposição intencional (Sampaio & Bettencourt 2011) (Fig. 5.91). No Corgo (Vila do Conde) Botelho (2013: 587) refere que em relação “*ao conhecimento da liga, apenas um fragmento de bronze o testemunha, documentando-se o metal por pouco mais do que raros pingos de cobre*”, sendo que documento indicado como *Resumo não técnico* e disponibilizado *online* havia referido a presença de uma “*escória metalúrgica de natureza ferrosa*” no que considera substrato natural (Botelho 2008a: 8). Do povoado da Falperra (Braga) conhece-se um fragmento de lâmina de um machado de talão recolhido algures durante trabalhos de prospeção (Sousa 1968-1970) e um fragmento de chapa de bronze rebitada, considerado por Bettencourt (1999: 447) como parte de um caldeiro.



Figura 5.91 – Resto de uma pequena lâmina ou placa metálica completamente pulverizada identificada durante os trabalhos de escavação no sítio do Pego, em Braga.

Denota-se igual escassez de objetos metálicos nos restantes povoados², estando representados um punhal e objetos indeterminados (Tab. 5.49).

Tabela 5.49 – Relação de objetos metálicos oriundos de contextos habitacionais

Sítio	Cron.	Objectos
Castro de Lanhoso	BF	Punhal triangular
Pego	BF	Restos pulverizados
Corgo	?	Objeto indeterminado

Um punhal foi recuperado no denominado Castro de Póvoa de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso). Apresenta lâmina triangular sem nervura, com dois orifícios, denotando composição química binária (Fig. 5.92 e Tab. 5.50). Denota alteração no gume imediatamente acima das perfurações para rebitagem (Bettencourt 1993-1994).



Figura 5.92 – Punhal recuperado do castro de Lanhoso (Bettencourt 2000a: 110, Est. XXII)

² De notar a existência de outros, raros, objetos metálicos que não foram contabilizados dada a sua descontextualização.

Tabela 5.50 – Dimensões (em cm) e composição química do punhal recolhido no Castro de Lanhoso

Objeto	Comp.	Larg.	Espess.	Cu	Sn	Biblio.
Punhal triangular	11,3	2,3	0,1	76,34	22,54	Bettencourt 1993-1994

Sintetizando, os objetos metálicos em povoados mostram uma tímida presença, contrariamente ao que seria de esperar. Situação semelhante ocorre nos lugares de produção.

Por um lado, os lugares de manufatura de objetos metálicos parecem ter produzido uma metalurgia de “pequeno espectro”. Tal facto está, aliás, de acordo com o que parece ocorrer noutros contextos do Bronze Final do Noroeste português, tal como em Santinha I (Amares), em S. Julião IIb (Vila Verde), e em Castelo de Matos (Baião), onde os restos de atividade metalúrgica são parcelares (Bettencourt 1999, 2001, 2009a).

Curiosamente, esta metalurgia de “pequeno espectro” parece não ter sido produzida para ser usada no contexto dos povoados. Tal ilação leva, inevitavelmente, a uma questão de fundo: onde foram, então, manipulados e depositados esses objetos metálicos? Aparentemente, e conforme já defendido por Bettencourt (2009a) e por Sampaio & Bettencourt (2011), a partir do Bronze Médio parecem emergir novos cenários de importância social, percebidos no quadro do fenómeno das deposições metálicas. Assim, os objetos produzidos “*teriam sido deslocados e depositados noutros lugares ou contextos de acção, tendo como base o pressuposto de que estas populações se moveriam numa paisagem povoada por uma rede de lugares interconectados, de significados distintos mas complementares*” (Sampaio & Bettencourt 2011: 403), uma ideia que será adiante explorada.

Quanto aos produtores dos objetos metálicos emerge, neste cenário, a discussão sobre o papel desempenhado pelos metalurgistas. Para tal foram consideradas as propostas de Vilaça (1995; 1998), Vilaça *et al.* (2011) e de Bettencourt (1999, 2009a).

Para aquela autora existiriam, essencialmente, indivíduos ligados a uma produção “*de natureza estritamente local, (...) protagonizada pelo habitante “comum” que, no âmbito das suas actividades domésticas, ia produzindo, à medida das necessidades e das possibilidades temporais deixadas pelas outras actividades*”, de forma sazonal e cíclica (Vilaça 1995: 417). A propósito dos vestígios de metalurgia recolhidos no povoado de Argemela (Fundão), Vilaça *et al.* (2011: 439), atendendo ao uso de matérias-primas locais para o fabrico de moldes, concluem, por exemplo, que não só “*Não há (...) qualquer motivo para (...) se pensar em eventuais artifices do bronze exógenos ao povoado*”, como a crescente presença de moldes nos registos de escavação parecem ser incompatíveis “*com um pressuposto regime itinerante*” do metalurgista,

“a menos que esses se limitassem às produções mais sofisticadas e especializadas” (Vilaça et al. 2011: 440).

Por seu turno, Bettencourt (1999) refere que os metalurgistas seriam populações com um conhecimento distinto, que se poderiam deslocar no contexto da sua região para diferentes povoados, desenvolvendo aí a sua atividade, não sendo portanto, a prática da metalurgia, comum ou desenvolvida por qualquer pessoa, postura que tem vindo a manter, baseada na premissa de que *“transformar a “pedra” em metal, terá conferido aos protagonistas da actividade metalúrgica e ao próprio objeto, um carácter profundamente mágico”* desde o Bronze Inicial até ao Bronze Final (Bettencourt 2009a: 89). O carácter mágico adquirido pelo metalurgista, perdurante ao longo de toda a Idade do Bronze – chegando, mesmo, até à Idade Média – implicou, a partir do Bronze Médio, *“o controle da redução e da junção de dois minérios”*, considerada igualmente *“uma actividade de foro mágico e ritual”* (Bettencourt 2009a: 90).

Assim, parece-nos viável considerar que, nos primórdios de “invenção” e de “domínio” das técnicas metalúrgicas, antes mesmo da vulgarização dos saberes e da atividade, proceder à produção de objetos em metal terá sido uma atividade ímpar no seio das sociedades da Idade do Bronze. Ao nível de todo o processo implícito e de todas as etapas inerentes, desde a identificação dos minérios e dos locais de extração (fossem jazidas primárias ou secundárias), ao processamento desses minérios (como a redução e, mais tarde, a formação de ligas), passando pelo fabrico de moldes e o seu vazamento, será de considerar que toda a atividade fosse imbuída de um carácter diferenciado, que exigiria uma aprendizagem determinada e, portanto, não produzida por qualquer habitante, sendo pois natural que não existissem metalurgistas em todos os povoados e que aquele que tinha o “dom” e o “poder” de manipular os metais pudesse servir várias populações.

A verdade é que no quadro de sociedades pautadas pela relação de paridade com a natureza e com um forte sentido animista, como se acredita que fossem as da Idade do Bronze, que respeitavam e reconheciam o valor do que a terra proporcionava, o papel desempenhado pela metalurgia e pelo metalurgista seria, muito provavelmente, de exceção. Além de se verificar a escassez de objetos metálicos em povoados onde surgem indícios irrefutáveis da sua produção, a sua maior representação em contextos funerários nos primórdios da Idade do Bronze e, posteriormente, o fenómeno da sua deposição em associação a características

“naturais” ímpares, durante o Bronze Médio mas, principalmente, o Bronze Final, parecem corroborar a sua excecionalidade.

Tal não invalida, contudo, a hipótese de, uma vez consolidado todo o sistema e “domados” os procedimentos e o *know how* produtivos, se terem reunido as condições propícias à abertura de uma oportuna janela para a efetivação de um crescente número de transações e de intercâmbios envolvendo objetos metálicos, técnicas e saberes, no quadro de uma cada vez mais intensa atividade metalúrgica.

3.2. Deposições metálicas

3.2.1. Introdução

Antes mesmo de tratar os contextos conhecidos, será necessário clarificar alguns dos conceitos aplicados.

Muitos autores se têm dedicado ao tema dos depósitos. De forma mais ou menos direta, alguns estudos concentram-se em tentativas de categorização das diferentes “tipologias” (Evans 1881; Childe 1930; Savory 1949; MacWhite 1951; Monteagudo 1965, 1977; Hardaker 1976; Levy 1979; Kalb 1980a; Eogan 1983; Ruíz-Gálvez Priego 1984; Coffyn 1985; Fernández Manzano 1986; Briard 1987; Díaz-Andrieu 1988; Gómez Ramos 1993; Warmembol 1996; Fernández-García 1997; Cardoso *et al.* 1992; Brandherm 2007, etc.) ou ao estudo de tipologias associadas a aspetos produtivos (Comendador Rey 1997; Rovira Llorens & Aubet 2002; Montero Ruíz *et al.* 2010-2011, etc.). Outros, por seu turno, dedicam-se a estudos mais sistemáticos de arqueometalurgia (Siret 1913, Junghans *et al.* 1968; Pingel 1977; Hartmann 1971; Montero-Ruiz 1991; Valério *et al.* 2007; Bottaini 2012, etc.). Mais recentemente apareceram abordagens teóricas preocupadamente contextuais que valorizam quer os contextos de deposição quer o significado dos objetos e dos conjuntos de objetos, segundo uma perspetiva interpretativa (Bradley 1990, 2013; Taylor 1993; Ruiz-Gálvez Priego 1995a, 1998b; Turner 1998; Fontijn 2001/2002, 2008; Needham 2007; Vilaça 2007).

Se o acordo quanto à categorização do que é um depósito pode não ser unânime entre diferentes autores – e, por acréscimo, a sua valorização enquanto produto de ação sagrada ou profana, votiva ou não votiva, cultural ou não –, é comumente aceite que o fenómeno deposicional de artefactos metálicos é um processo de larga escala e amplamente documentado

por toda a Europa. O Noroeste português, em geral, e a área de estudo, em particular, não são, por isso, exceção.

Em solo português poucos são os trabalhos a abordarem o tema dos depósitos na perspectiva mais inovadora, sendo de destacar, pela inspiração que proporcionam, e ainda que enquanto “*uma primeira tentativa (...) assumidamente incompleta*”, a obra de referência de Vilaça (2007: 7) e de Alves & Comedador Rey (2009). Além-fronteiras ganhou igual peso, por razões óbvias, o trabalho de Bradley (1990) e de Fontjin (2001/2002, 2008), já que abriram novas perspectivas em relação ao fenómeno e funcionaram, também, como estímulo a novas formas de abordagem ao assunto.

O estudo dos depósitos implica a adoção de uma definição. De forma sintética, entende-se por depósito toda a ação intencional que culminou na amortização de um ou mais objetos em determinado contexto. Resultado de um ou de vários atos perpetrados num maior ou menor espaço de tempo, num local específico ou área, uma das suas principais características reside no facto de nunca terem sido recuperados. Curiosamente, partilham a característica da aparente descontextualização.

Tais ações, que denunciam elevada regularidade entre comunidades regionalmente distintas, desempenhadas ao longo de mais de mil anos, resultam e são agentes de um universo cosmogónico próprio e inerente ao mundo das crenças, dos valores e da perceção que as comunidades que as realizaram tinham do mundo que experienciavam e onde estavam imersas. Em última análise, um depósito corresponde à derradeira etapa de um processo contingente, para o qual apenas o estudo holístico poderá almejar uma interpretação.

Enquanto produto da vontade de um indivíduo ou de uma comunidade, a sua definição obriga, inevitavelmente, à escolha de critérios que o permitam diferenciar dos demais contextos, ganhando especial relevo:

(1) o contexto físico de deposição (interior das águas, vale, terraço fluvial, vertente, topo de monte, etc.);

(2) o seu micro-contexto de achado (associado a elementos naturais – como penedos, águas, etc.), no interior de uma estrutura (como uma fossa ou utilizando um qualquer outro contentor, como um recipiente cerâmico, por exemplo);

(3) os objetos que o compunham (em termos numéricos, morfológicos, técnicos e cronológicos);

(4) a sua disposição de deposição (com os gumes alinhados para determinado quadrante, sem aparente arranjo, etc.);

(5) ou o seu estado de acabamento e conservação (acabados, inacabados, com traços de uso, quebrados, etc.).

Interessará referir que, indubitavelmente, a sua aparente descontextualização advém do facto destes conjuntos não serem recuperados em contextos habitacionais ou em sítios denotando atividade humana contemporânea significativa. Tal leva à importância do estudo dos seus contextos físicos de deposição, cuja análise poderá permitir uma melhor interpretação das intenções por detrás das ações. Mas não se deverá esgotar aí, já que os depósitos não devem ser encarados como entidades separadas, senão como um fenómeno percebido à luz dos restantes vestígios de ocupação humana seus contemporâneos. Só dessa forma eles estarão, tanto quanto possível, socialmente contextualizados.

Neste sentido e de forma simplista, existem três abordagens de estudo do fenómeno privilegiando, respetivamente, (a) a vertente tecnológica e formal, (b) a vertente espacial e (c) a vertente que se concentra na interpretação das formas e na composição dos conjuntos, em contexto, tentando perceber que papel coube aos objetos depositados.

A primeira “esgota” o estudo das características técnicas e morfológicas dos objetos metálicos, resultando em estudos de cariz tipológico e arqueometalúrgicos. Obras de referência abarcando a área de estudo são bem conhecidas (Siret 1913; Harbison 1967; Hartmann 1971; Monteagudo 1977; Kalb 1980a; Ruiz-Galvez Priego 1984a; Coffyn 1985; Beatriz Comendador Rey 1997; Montero Ruiz 1991; Brandherm 2007; Bottaini 2012), e são preciosas as descrições das características dos diferentes objetos, tanto ao nível de dimensões, como tecno-morfológico, bem como os mapas de dispersão, entre outros dados. Acima de tudo, são estudos preponderantes que buscam uma análise exaustiva, tanto quanto possível, de toda a cadeia operatória.

A abordagem de cariz espacial, por seu turno, descentra a sua atenção do objeto direcionando-a para o contexto mais alargado. Ao nível geomorfológico interessam as características físicas dos lugares de achado e os elementos naturais que se destaquem e com os quais, eventualmente, poderão ter havido relações diretas. Assumidamente contextual, em especial no que toca à definição do micro-contexto de achado, obviamente, dentro das limitações e das informações disponíveis, esta aproximação tenta enquadrar os conjuntos no meio em que foram, em tempos, depositados. Posteriormente, dependendo do resultado pretendido, o recurso

a diferentes escalas de análise almeja a identificação de quaisquer recorrências ou descontinuidades.

A terceira tem em conta que diferentes tipologias de objetos teriam, com certeza, diferentes significados para as comunidades que os produziram e que os amortizaram (Fontijn 2001/2002). Por exemplo, baseada em Fontijn (2001/2002), Vilaça (2007: 85) considera que os depósitos contendo machados e foices poderão ser “*depósitos de produção*” ou “*depósitos de vida*”; em contrapartida, os depósitos de lanças poderiam ser “*depósitos de morte*”.

Mas antes de ser aprofundado o fenómeno dos depósitos metálicos na bacia do rio Ave terão ser abordados, obrigatoriamente, um conjunto de objetos que, infelizmente, pela forma como foram sendo descobertos, vêm o seu potencial arqueológico significativamente reduzido. Tal não quer dizer, contudo, que uma abordagem adaptada a estes “mal-amados” vestígios não possa, ainda que de forma condicionada, observar certas recorrências e tecer algumas considerações. Falamos, concretamente, de achados avulsos de objetos metálicos, cuja expressão no espaço estudado é, ainda assim, considerável.

3.2.2. Achados metálicos

Os dados disponíveis para a bacia do rio Ave demonstram um número significativo de objetos metálicos que, conforme referido, podem ser divididos em achados metálicos e depósitos. Refira-se, no entanto, que esta partição teve obrigatoriamente que ver, mais do que com outro qualquer motivo, com a ausência de informações sobre as condições de achado de muitos destes objetos.

No que respeita aos achados metálicos, avulsos, na maioria dos casos a única menção que há é a freguesia ou a área de onde provêm. Muitas das vezes esta área é associada a acidentes geomorfológicos, como montes, por exemplo. Correspondem a uma quantidade significativa de objetos cujas condições de recolha se desconhecem, totalizando 26 casos (Tab. 5.51). Esta lista é contemplada por diferentes tipologias de machados: machados planos, machados planos de tipo Bujões/Barcelos, machados de talão sem argolas ou com uma ou duas argolas, machados de alvado com duas argolas, um machado de apêndices e um cinzel.

Os objetos metálicos listados na tabela acima reproduzida surgem dispersos um pouco por toda a bacia hidrográfica do Ave, embora se observem concentrações em duas faixas concretas. Não é de excluir, contudo, que tal representação espelhe a negligência de certas

áreas, tanto ao nível da investigação como da construção, a última das quais amiúde permite novos achados de sítios ou de objetos.

Embora no conjunto estes objetos partilhem a “descontextualização”, por outro lado demonstram que as atividades metalúrgicas na área estiveram ativas desde o Calcolítico Final/Bronze Inicial e perduraram, com maior pujança, até ao Bronze Final.

Tabela 5.51 – Relação de achados avulsos recolhidos na área de estudo

Sítio	Crono.	Tipologia	Bibliografia
Pedralva	B	Punhal (?)	Sarmento 1999
Guimarães 1	CF/BI	Machado plano	Monteagudo 1977
Guimarães 2	CF/BI	Machado plano	Monteagudo 1977
Guimarães 3	CF/BI	Machado plano	Monteagudo 1977
Monte Córdova	CF/BI	Machado plano	Monteagudo 1977
Monte da Penha 1	CF/BI	Gume de machado plano	S/A 1932: 120
Monte da Penha 2	CF/BI	Machado plano	Cardoso 1960
Viatodos	BM	Machado plano tipo “ <i>cabrales</i> ”	Harbison 1967
Fafe	BM	Machado plano de tipo Bujões/Barcelos	Monteagudo 1977
Gonça	BM	Machado plano de tipo Bujões/Barcelos	Monteagudo 1977
Monte Choriz	BM	Machado plano de tipo Bujões/Barcelos	Cardozo 1933
Póvoa de Varzim	BM	Machado plano de tipo Bujões/Barcelos	Monteagudo 1977
Serzedelo	BM/BF	Machado talão sem argolas	Cardozo 1966
Matamá ou Silvaes	BF	Machado de talão unifacial com uma argola	Pinto 1928a
Alto do Livramento	BF	Machado de alvado	Bettencourt 1999
Monte da Penha 3	BF	Cinzel de alvado	Cardoso 1951d
Monte de S. Romão	BF	Machado de talão com duas argolas	Pinto 1930b
Monte do Sino	BF	Machado de talão com duas argolas	Pereira 1903
Monte de S. Miguel o Anjo/Oleiros	BF	Machado de alvado com duas argolas	Pinto 1928a
Guimarães 4	BF	Machado de talão com duas argolas	MacWhite 1951
Guimarães 5	BF	Machado de talão com uma argola	MacWhite 1951
Nine	BF	Machado de talão com duas argolas	Corrêa 1928
Monte de S. Miguel o Anjo/Calendário	BF	Machado de talão com uma argola	Monteagudo 1977
Vila Nova de Famalicão	BF	Machado de talão	S/A 1928a
Chão de Presa	BF	Machado de talão com duas argolas	Pinto 1930b
Santo Tirso	BF	Machado de alvado com duas argolas	Cardoso 1969

Entre os objetos mais antigos figuram os machados planos de cobre, conforme são exemplo os genericamente provenientes algures de Guimarães (Guimarães, I, II, III), do Monte da Penha 1 e 2, Guimarães e do Monte Córdova, Santo Tirso.

Ao Bronze Médio pertencerão também alguns materiais apenas com origens genéricas. De Fafe, Gonça e Monte Choriz (Guimarães) e de Póvoa de Varzim conhecem-se machados planos de tipo Bujões/Barcelos. A esta fase correspondem, também, o machado tipo “*cabrales*” de Viatodos (Harbison 1967: 118) Talvez a esta fase ou a fase subsequente pertencerá o machado de talão sem aletas de Serzedelo (Póvoa de Lanhoso), cujas condições de descoberta são igualmente desconhecidas.

O Bronze Final apresenta a maior quantidade de dados. Pese embora as dúvidas, poderá ser incluído nesta fase o machado de talão unifacial com uma argola de Silvaes ou

Matamá (Guimarães)³. Deste mesmo período serão, também, os dois machados de talão com duas argolas oriundos, respetivamente, do Monte de S. Romão e do Monte do Sino. Genericamente atribuídos ao concelho de Guimarães serão mais dois machados de talão (Guimarães IV e V) com, respetivamente, uma e duas argolas e em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, além do cinzel de bronze recolhido, algures, no Monte da Penha, naquele mesmo concelho. Já no concelho de Vila Nova de Famalicão, além do machado de alvado com duas argolas dado como proveniente daquele município (Vila Nova de Famalicão I), refiram-se, ainda, o machado de talão com duas argolas de Nine e o machado de talão em chumbo com uma argola de S. Miguel-o-Anjo/Oleiros. Por fim, do concelho de Santo Tirso há conhecimento de um machado de talão com duas argolas, oriundo de Chão de Presa, e de um machado de alvado com duas argolas, apenas genericamente atribuído àquele município.

Nesta categoria poderá ainda ser acrescentado o achado de Pedralva, cuja única menção, entre vagas incertezas, descreve a descoberta de “*uma arma de bronze*”, semelhante a um punhal, numa área onde em tempos havia sido recuperada uma “*panela*” (Sarmiento 1999: 445). Ainda que de forma ambígua, aquele autor questiona se a descoberta ocorreu “*debaixo da aba de um penedo, cuja abertura seria tapada com uma pedra (ou pedras?) que ainda existe no sítio*” (Sarmiento 1999: 445).

Refira-se que a freguesia de Pedralva se situa no alto da Serra do Carvalho. Independentemente da ausência de localização exata do achado percebe-se que o mesmo terá ocorrido numa área que denuncia relação com altitudes elevadas ou de montanha. No entanto, o desconhecimento da tipologia do objeto metálico encontrado não permite qualquer filiação cronológica.

Atendendo à Figura 5.93 observa-se a maior representação de objetos enquadráveis no Bronze Final, totalizando 50% do total de 26 objetos representados. Este valor, que corresponde exatamente a metade do valor total, é contrastante com os $\approx 19,22\%$ de objetos datáveis do Bronze Médio (ao que poderiam crescer mais $\approx 3,85\%$, referentes a um exemplar datável, talvez, do Bronze Médio ou Final) e os $\approx 23,08\%$ do Bronze Inicial. Há, ainda, 1 objeto (que representa $\approx 3,85\%$) que, pelas escassas informações, não é possível enquadrar tipocronologicamente. De resto esta tendência é consonante com o que se verifica na restante Europa Ocidental, já que se regista um aumento da produção de objetos metálicos durante o Bronze Final.

³ Restam dúvidas quanto à proveniência deste machado, sendo que em depósito no M.S.M.S., em Guimarães, apenas existe um exemplar. A verdade é que este machado tem uma ficha que questiona a sua proveniência, precisamente de ambos os locais (Matamá ou Silvaes).

Infelizmente, grande parte destes objetos está desprovida de qualquer contexto arqueológico, resultado da sua descoberta fortuita por mãos não especializadas, durante a lavra de terra, a quebra de pedra, a extração de arvoredo, a realização de obras, ou outras movimentações de subsolo e afins (Fig. 5.94).

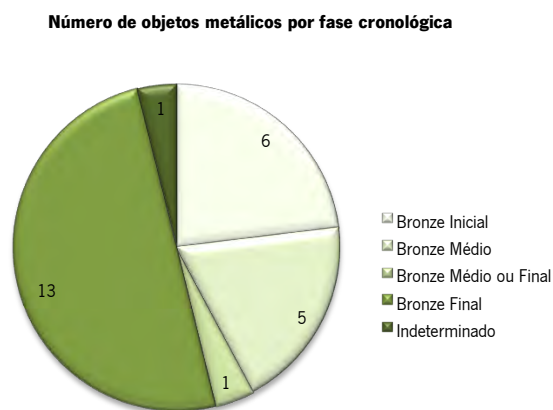


Figura 5.93 – Achados metálicos datáveis do Bronze Inicial, Médio e Final.

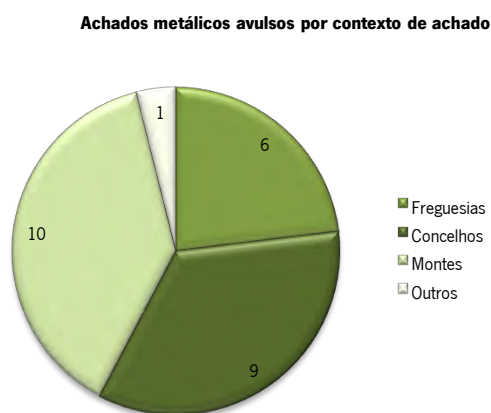


Figura 5.94 – Achados metálicos avulsos por contexto de achado.

Os exemplares pior contextualizados são os que são remetidos para freguesias, representando $\approx 23,1\%$ do total de achados avulsos e, na pior das hipóteses, para concelhos, representando $\approx 34,6\%$ do total de achados avulsos. Naquele grupo cabem os objetos de Gonça, Nine, Serzedelo, Silvares ou Matamá, Viatodos e Pedralva, enquanto no segundo se incluem os de Fafe, Guimarães (I, II, III, IV e V), Póvoa de Varzim, Santo Tirso e Vila Nova de Famalicão.

Ainda assim, e pese embora as escassas referências disponíveis para a maioria destes achados, alguns destes objetos são associados a áreas mais ou menos bem delimitadas e

conhecidas. Além do machado proveniente de Chão de Presa (Santo Tirso), que representa $\approx 3,85\%$ da amostra total, área ainda hoje identificável na toponímia cartográfica, vários outros estão associados a acidentes geomorfológicos, isto é, montes de maior ou de menor altitude que, a partir de diferentes pontos, se tornaram marcos referentes na paisagem. Totalizam este último grupo $\approx 38,46\%$ do total da amostra, entre os quais figuram os objetos oriundos do Alto do Livramento (Barcelos), do Monte de S. Miguel o Anjo/Oleiros, do Monte do Sino, do Monte de S. Romão, do Monte da Penha (I, II e III) e do Monte Choriz (Guimarães), do Monte Córdova (Santo Tirso) e do Monte de S. Miguel o Anjo (Vila Nova de Famalicão).

Obviamente que a sua natureza diferenciada ao nível da contextualização terá uma importância distinta no momento de proceder ao seu estudo social, exercício que será tentado em *item* próprio, mais adiante.

Apesar deste quadro, certos autores, com base em alguns destes achados metálicos avulsos em associação a montes, fizeram a sua associação com hipotéticos povoados que ali haviam existido na mesma época, mesmo na ausência de vestígios arqueológicos que indiciem tal realidade. Tal tem por base o pressuposto, sem fundamento generalizado, de que estes artefactos apareceriam e seriam manipulados, essencialmente, em povoados, não valorizando a deposição e a importância da deposição por outras razões que não as pretensamente “domésticas”.

Vejam-se alguns desses exemplos. De parte incerta do Monte de S. Miguel-o-Anjo, na freguesia de S. João de Calendário, Vila Nova de Famalicão, foi recolhido um machado de talão com uma argola, local onde, segundo Sarmiento (1887-1888: 231), haveria “*vestígios d’uma povoação do tipo da Citânia, mas de muito menores dimensões*”. Contudo, a ausência de trabalhos de escavação no local não é suficiente para atestar a existência de um povoado da Idade do Bronze neste local.

Do Monte de S. Miguel-o-Anjo, freguesia de Oleiros, Guimarães, é oriundo um machado de alvado com duas argolas cuja relação com esse monte é posta em causa por Dinis (1993), preferindo considerá-lo, hipoteticamente, como sendo do Monte da Forca/Alto da Forca, naquele mesmo concelho e não muito longe, porque ali terem sido recolhidos materiais cerâmicos que permitem datar o local, ainda que genericamente, da Idade do Bronze. De resto, tal não passa de uma mera hipótese que poderá ser entendida como a vontade expressa de enquadrar este tipo de objeto num contexto habitacional.

Também no Alto do Livramento, na confluência de várias freguesias, no concelho de Barcelos, provém um suposto machado de alvado, embora o paradeiro deste exemplar nunca tenha sido conhecido, nem tão pouco exista qualquer registo gráfico do mesmo. O seu contexto de achado, vago, tem sido a base para se ter considerado que neste monte existiria uma ocupação datável da Idade do Bronze, o que não está de todo confirmada por vestígios arqueológicos ou estruturas. Tal apenas tem sido hipotetizado com base no achado de outros objetos metálicos ocorridos nas suas imediações e na presença de vestígios construtivos cuja imponência pode ser atribuída já a época histórica.

Quanto aos achados genericamente enquadrados entre o Calcolítico Final e o Bronze Inicial, os exemplares de machados planos em cobre serão o testemunho mais antigo de objetos metálicos produzidos ou em circulação na bacia do rio Ave. Infelizmente, a sua contextualização na área de estudo é inexistente, obrigando a paralelos com outras regiões. A sua presença tem sido recorrente em contextos funerários, como sucede no abrigo granítico de Fragão da Pitorca (Chaves) (Armbruster & Parreira 1993), local hipoteticamente conectado com práticas funerárias por terem aparecido ossadas humanas e uma espiral em ouro (Bettencourt 2010). Também de contexto funerário é o machado plano da Gruta do Geraldo, em Ferreiros (Miranda do Douro) (Delgado 1887; Sanches 1992), em associação com restos ósseos humanos, um punhal triangular em cobre e restos cerâmicos, permitindo a datação deste contexto algures no Bronze Inicial (Bettencourt 2010a). Também os machados planos associados a pontas de seta de tipo Palmela do monumento megalítico de Orca de Seixas (Moimenta da Beira) (Leisner 1998) ou o machado plano do dólmen de Lobán (Vilalba) (Obermaier 1923) situam esta tipologia de machado em contextos funerários de reutilização (Bettencourt 2011b).

Há, contudo, referências que colocam alguns exemplares de machados planos em relação com outros contextos que não funerários, concretamente arte rupestre. Tal é exemplo o afloramento gravado com círculos concêntricos ladeados por quadrúpedes de Pedra do Lombo da Costa, em San Jorge de Sacos, Cotobade, de onde foi recolhido, de uma fenda, um machado plano de cobre genericamente datável de finais do Calcolítico ou do Bronze Inicial (Sobrinho 1935; Sobrinho Lorenzo Ruza 1952; Monteagudo 1977; Comendador Rey 1998; Alves & Comendador Rey 2009). Outro exemplo é o afloramento gravado com motivos de arte atlântica da Laxe das Coutadas, em Viascón, Cotobade, de onde foi recolhido um outro exemplar de machado plano em depósito no Museu Arqueológico de Pontevedra (Sobrinho 1935; Alves & Comendador Rey 2009). Também o afloramento com gravação de armas de Foxa Vella

aparenta, pela proximidade, relação com os achados de objetos metálicos ocorridos no Monte Lioira, em Leiro, Rianxo (Calo & González 1980; Bradley 1998; Alves & Comendador Rey 2009; Comendador Rey 2010).

Problemas de índole cronológica poderão levantar algumas questões. Vilaça *et al.* (2011: 440), com base nos dados de Casarão da Mesquita 3, São Manços (Évora) (Santos *et al.* 2008) e de Salsa 3, Serpa (Beja) (Deus *et al.* 2009), chamam bem a atenção para o facto do machado plano ser um objeto com “*um arco cronológico bastante amplo, podendo chegar a fases finais da Idade do Bronze*”. Se neste quadro poderá figurar, por exemplo, o machado plano de Los Fitos, La Cobertoria (Astúrias), cuja composição química binária impele à “*su necesaria inclusió en un estadio ya evolucionado de la metalurgia*” (Blas Cortina 2013: 114), nele não caberão, contudo, as produções em cobre acima referidas.

Os machados planos de tipo Bujões/Barcelos, genericamente situados no Bronze Médio, têm visto, à luz de novos dados, a sua cronologia estreitada. A par de outros indícios de práticas metalúrgicas, a recolha de um fragmento de molde para produção de um machado daquela tipologia recolhido no nível da Sola IIb (Braga), radiometricamente datado entre os inícios do século XVII e inícios do século XVI AC (Bettencourt 1999, 2000a, 2001, Bettencourt & Comendador Rey 2004; Comendador & Bettencourt 2007, 2011). Do povoado da Cimalha (Felgueiras), na vertente poente da colina e nas imediações do local da necrópole, conhece-se parte de um molde duplo de machados desta tipologia, cuja cronologia, por comparação com o conjunto cerâmico da Solla IIa, será do Bronze Médio (Bettencourt 2009a; Comendador Rey & Bettencourt 2011b). Também de Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) há registo de um fragmento de molde de machado desta tipologia que, conjuntamente com outros vestígios de práticas metalúrgicas, são cronologicamente situados no segundo quartel do II milénio AC (1750-1500 AC) (Senna-Martinez *et al.* 2011).

Quando se conhecem os seus contextos de achado estes artefactos surgem em depósitos, ora singulares, como é o caso do da Bandeira, Viana do Castelo (Fernandes *et al.* 2011), ora em conjuntos, como os de Agro Velho, Montalegre (Teixeira & Fernandes 1963; Monteagudo 1977), pelo que é provável que os encontrados avulso na bacia do Ave pudessem integrar contextos similares. A título de exemplo refira-se a constatação de Fontijn (2008: 13), quando menciona que “*Deposition of a single axe seems to have been the rule in both the Netherlands, Belgium and the adjacent parts of Germany. There are only a few examples of multiple-axe hoards and they are modest in the numbers*”.

Quanto aos restantes achados de machados refiram-se alguns pormenores importantes. Ressalve-se, contudo, que a observação ao nível da traciologia só poderá ser conseguida mediante aplicação de análise própria, que não dominamos, pelo que as referências seguintes foram conseguidas através de observação a olho nu.

Atendendo à análise dos diferentes tipos de machados de talão⁴ (Tab. 5.52) verifica-se a ausência absoluta de cones de fundição e, com exceção de três casos (Matamá ou Silvares, Monte do Sino e Chão de Presa), estão ausentes as rebarbas de fundição. Quanto aos indícios evidentes de uso, em parte pelo mau estado dos objetos (maltratados pelos seus descobridores por pensarem ser de ouro), é impossível, sem análises mais minuciosas, tirar qualquer ilação.

Estas observações não são, por si só, suficientes para corroborar a contextualização hipoteticamente deposicional destes objetos. Refira-se, no entanto, que os bons estados de conservação de alguns deles (como os de S. João do Calendário ou do Monte de S. Romão) parecem indiciar a sua manutenção em contextos herméticos, sendo que, em muitos casos, os seus maus estados são marcas recentes de destruição.

Tabela 5.52 – Características dos machados de talão “avulsos” recolhidos na bacia do Ave

Tipologia	Argolas	Sítio	Rebarbas	Cone fund.	Observações
Machado de talão	-	Serzedelo	N	N	Imperfeição na lateral do talão e “falhas” no gume
Machado de talão unifacial	1	Matamá (?) Silvares (?)	S	N	Rebarbas rebatidas
Machado de talão	1	Monte S. Romão	N	N	“Falhas” no gume recentes (?)
Machado de talão	1	S. João do Calendário	N	N	Pequena fratura no canto do gume
Machado de talão	2	Monte do Sino	S	N	Canto do talão fraturado
Machado de talão	2	S. Miguel-o-Anjo	N	N	Canto do gume e do talão fraturados
Machado de talão	2	Chão de Presa	S	N	Rebarbas rebatidas. Muito fraturado
Machado de talão	2	Nine	N	N	Pequena fratura no canto do gume

Quanto aos machados de alvado, apenas dois exemplares⁵, de referir, igualmente, os seus bons estados de conservação. Cenário idêntico é aplicável ao cinzel de alvado recolhido algures no Monte da Penha. Este último objeto tem paralelo com artefato semelhante oriundo de Vila Cova de Perrinho, em Vale de Cambra (Brandão 1963), exemplar genericamente atribuído ao Bronze Final (Fernández Manzano, 1986; Delibes de Castro *et al.* 1999).

⁴ Não foi possível observar todos os exemplares tabelados, ora porque não se conhece o seu paradeiro (Guimarães 4, Vila Nova de Famalicão 1) ou porque se encontram em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (Guimarães 5)

⁵ Exclui-se, deste lote, o do Alto do Livramento, cujo paradeiro nunca foi conhecido.

3.2.3. Depósitos metálicos

3.2.3.1. Introdução

Relativamente aos depósitos são conhecidos 12 contextos cujos relatos são passíveis de serem interpretados como tal. Destes, 3 são áureos e os restantes de ligas de cobre.

Os depósitos áureos correspondem na sua totalidade a objetos de adorno (Tab. 5.53). Já os depósitos em ligas de cobre correspondem a diferentes variedades de objetos, a saber: machados de distintas formas (talão com uma e duas argolas); pontas de lança, punhais e lingotes (Tab. 5.54).

Tendo em conta a Figura 5.95 observa-se a quase exclusividade de depósitos em bronze, enquadráveis no Bronze Final, totalizando ≈80%. Este valor é contrastante com os 20% dos depósitos datáveis do Bronze Médio. Embora a deposição de objetos metálicos no Noroeste português se verifique desde o Bronze Médio, na bacia do Ave os diversos artefactos que poderíamos inserir neste período (machados de tipo “Cabrales”, de tipo Bujões/Barcelos e de talão sem argolas⁶) encontram-se descontextualizados, com exceção de depósito do Monte da Feira, Barcelos, que poderá ser deste período.

Tabela 5.53 – Relação de depósitos áureos conhecidos na área de estudo

Nº Inv.	Sítio	Tipo depósito	Cronol.	Observações
2	Tomadia da Mata, Barcelos	Áureo	BM	1 bracelete 1 fragmento de tubo 1 “fio” (?)
33	Arnozela/Passagens, Fafe	Áureo	BM	20 braceletes
53	Cantonha/Souto Escuro, Guimarães	Áureo	BF	3 braceletes 2 diademas 1 forma cerâmica

Tabela 5.54 – Relação de depósitos de artefactos em bronze conhecidos na área de estudo

Nº Inv.	Sítio	Cronologia	Observações
3	Monte da Feira (?)/Viatodos, Barcelos	BM	(?) machados planos de tipo Bujões/Barcelos
4	Fonte Velha/Viatodos, Barcelos	BF	19 machados de talão; 4 (?) lingotes e 1 vaso cerâmico (?)
52	Área da Fonte de Santa Catarina, Monte da Penha, Guimarães	CF/BI - BF	1 machado plano; 2 machados de talão com 1 argola; 1 ponta de lança de alvado
44	Pedreira da Pena/Quinta do Telhado, Monte da Penha, Guimarães	BF	2 pontas de lança
Nº Inv.	Sítio	Cronologia	Observações
89	Monte de S. Bento, Monte da Penha, Guimarães	BF	1 punhal de tipo Porto de Mós
51	Quinta da Tulha, Corvite, Guimarães	BF	1 machado de talão
82	Lugar de Bouça/Louro, Vila Nova de Famalicão	BF	1 machado de talão; 1 machado de alvado
91	Senhora do Pinheiro, Pinheiro, Felgueiras	BF	1 machados de talão
104	Abelheira/S. Martinho do Bougado, Bougado, Trofa	BF	34 machados de talão

⁶ No que respeita às diferentes tipologias de os machados de talão, os mais antigos serão os exemplares sem argolas. Pelas suas semelhanças com exemplares de tipo Bretão, datados de entre 1700 e 1400 AC (Briard & Verron 1976; Gabillot *et al.* 2009), Senna-Martinez *et al.* (2013) propõem a sua cronologia para intervalo de tempo semelhante.

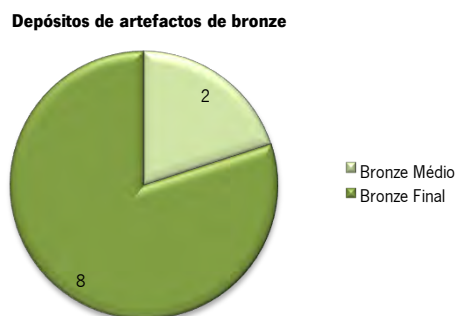


Figura 5.95 – Representação dos depósitos de bronze segundo cronologia.

Na área mais ocidental do Noroeste a ausência de deposições datáveis do Bronze Inicial poderá ser entendida como cultural, como provavelmente pela canalização destes artefactos para contextos funerários, por exemplo. Note-se, também, a sua representação em gravuras rupestres, como acontece nas bacias do Minho (Bettencourt 2013a) e do Âncora (Santos 2013), apenas para citar os casos portugueses, uma vez que este fenómeno é igualmente comum na Galiza.

Já nos depósitos áureos observa-se maior representação dos objetos enquadráveis no Bronze Médio, totalizando $\approx 66,7\%$, contra os $\approx 33,3\%$ datáveis do Bronze Final (Fig. 5.96). No entanto, a totalidade dos depósitos áureos é demasiado pequena para serem valorizadas as suas percentagens, além de existirem várias opiniões quanto à cronologia dos mesmos. De notar a ausência de depósitos áureos atribuíveis ao Bronze Inicial, embora deva ser ressalvado que, quando encontrados em contexto, surgem sempre associados ao mundo funerário.



Figura 5.96 – Representação dos depósitos áureos segundo cronologia.

3.2.3.2. Depósitos metálicos do Bronze Médio

Os dados disponíveis para o Bronze Médio são extremamente escassos. Há a eventualidade do depósito do Monte da Feira, em Viatodos, noticiado por Ferreira (1977) e encontrado nos inícios do século XX (1907), corresponder a um conjunto (?) de machados planos de tipo Bujões/ Barcelos, visto que deu entrada no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, um machado deste tipo, ao tempo de José Leite de Vasconcelos, como proveniente de Viatodos. Se assim fosse, estar-se-ia perante um depósito na aba nascente do Monte da Saia ou Alto do Livramento, em zona de passagem natural entre as bacias dos rios Este e Cávado.

Caberá, ainda, um pequeno apontamento àqueles objetos que, por força da forma como foram descobertos, se desconhece quase totalmente os seus contextos de origem. Contudo, e porque é digno de nota, refira-se que alguns deles, entre as poucas referências disponíveis, indiciam relações com montes proeminentes na paisagem. É exemplo o machado de tipo Bujões/Barcelos encontrado algures no Monte Choriz (Guimarães). Se é certo que a sua origem avulsa possa facilmente relegá-los para um plano inferior, a sua raridade e, principalmente, o seu vínculo a determinadas orografias, poderá ser significativa.

Os dois casos seguros de deposições deste período correspondem a amortizações de objetos de adorno, em ouro, conhecidos na bibliografia como Tomadia da Mata (Barcelos) e Passagens/Arnozela (Fafe).

O depósito áureo de Tomadia da Mata, na freguesia de Grimancelos, concelho de Barcelos, foi recuperado de uma grande fenda de um penedo. Incluía, originalmente, um bracelete, “*Um fio que teria de diâmetro uns 3 milímetros, enrolado em hélice, (...) [que] estendido atingiria uns 30 a 40 centímetros de comprimento (...), [e um] pedaço de tubo liso, cilíndrico, de paredes bastante*” (Cardoso 1957b: 181). Se o último objeto deixa algumas dúvidas, o anterior parece corresponder à descrição de uma hipotética espiral, atendendo às medidas referidas pelo autor (Cardoso 1957b) quando comparadas com objetos idênticos recolhidos no túmulo 2 de Vale Ferreiro (Fafe), cujas dimensões correspondem, respetivamente, a 34,9 cm e a 43,9 cm. Deste conjunto apenas resta o bracelete decorado (Tab. 5.55 e Fig. 5.81). Sobre estes, contudo, nada mais se sabe.

Tabela 5.55 – Principais características do bracelete áureo do depósito de Tomadia da Mata

Tipologia	Diâm. (cm)	Larg. (cm)	Espess. (mm)	Peso (g)	Deco.	Biblio.
Bracelete	6	3,3	1/1,5	113,4	Sim	Cardoso 1957b

Quanto ao único objeto salvo, segundo Armbruster & Perea (1994: 76) trata-se de um “*brazelete cerrado [que] presupone la existencia de contatos sin transmisión del know-how puesto que recuerda el tipo V/E por su forma cilíndrica, y su organización en bandas. Sin embargo, un examen de datalle muestra una fabricación muy distinta. Se forjó a partir de una barra anular hasta conseguir un cilindro laminar. Las molduras están repujadas desde el interior. Com un punzón de cabeza circular se marcaron varias líneas de círculos que parecen imitar la decoracon de púas de los tipos V/E*”. As autoras prosseguem referindo que “*La forma ondulada (...) se trabajó sobre el molde de cera antes de fundirlo. Se reconoce claramente la estructura de fundición en toda la superficie, lo que prueba el empleo de la cera perdida*”.

Mais se refira que a presença de uma possível espiral poderia, de certa forma, demonstrar a presença de um objeto de cronologia mais antiga no conjunto, já que a sua presença é usual em contextos do Bronze Inicial. Se for aceite a cronologia do Bronze Médio para o bracelete, estaríamos, pois, perante um conjunto de objetos de cronologias distintas que, muito possivelmente, foram depositados num mesmo momento.



Figura 5.97 – Bracelete áureo do conjunto original de três objetos que compunham o depósito de Tomadia da Mata⁷.

O depósito áureo de Passagens/Arnozela, na freguesia de Arnozela, concelho de Fafe, incluía vinte braceletes subcirculares de formas e dimensões diversas, agrupados no interior de um deles, conforme regista Severo (1905-1908a: 64) (Fig. 5.98): “*Em uma argola de secção circular enfiam-se outras 19 de formas várias; é um molho de 20 argolas d’ouro com peso total de 533 grammas*”. Sobre o seu contexto de descoberta sabe-se que “*o acháram uns pedreiros, quando escavavam junto a um penedo, a dois palmos de profundidade*” (Severo 1905-1908a: 63, nota 2).

Os braceletes denotam claras diferenças entre eles, desde logo entre decorados e não decorados (Tabs. 5.56 e 5.57).

⁷ Fonte: http://www.csarmento.uminho.pt/nephL_3132.asp?offset=5.



Figura 5.98 – Dezasseis dos vinte braceletes de Passagens/Arnozela (Fafe) (adaptado de Armbruster & Parreira 1993: 88 e segs.).

Tabela 5.56 – Principais características dos braceletes de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)

Nº inv.	Diâm.	Larg.	Espes.	Secção	Peso ⁸	Deco	Técnica de fabrico
MNALV O-66	6,7	0,9	0,2	Retangular	33,7	S	Molde e martelado
MNALV O-59	6,6	0,6	0,2	Poligonal	33,5	N	Molde e martelado
MNALV O-65	7,3	0,6	0,2	Poligonal	33	N	Molde e martelado
MNALV O-67	7,3	0,8	1,5	Poligonal	32	N	Molde e martelado
MNALV O-60	6,8	0,4	0,1	Côncava-convexa	16	N	Molde e martelado
MNALV O-62	8	0,4	0,3	Plano-convexa	35,8	N	Molde e martelado
MNALV O-61	6,7	0,4	0,2	Côncava-convexa	17,9	N	Molde e martelado
MNALV O-69	7	0,6	0,2	Plano-convexa	33,1	N	Molde e martelado
MNALV O-64	6,3	0,6	0,1	Retangular irreg.	18,5	N	Molde e martelado
MNALV O-70	6,6	0,5	0,3	Plano-convexa	80	N	Molde e martelado
MNALV O-71	7,5	0,6	0,3				
MNALV O-72	7,3	0,6	0,3	Côncava-convexa	34,7	N	Molde e martelado
MNALV O-73	7,3	0,6	0,2				
MNALV O-74	6,2	0,8	0,1	Retangular	37,7	N	Molde e martelado
MNALV O-75	7,5	0,8	0,1				
MNALV O-68	5,7	0,4	0,2	Côncava-convexa	16,8	N	Martelado
MNALV O-63	-	6,3	0,2	Circular	13	N	Martelado
MNALV O-76	-	-	0,4	Circular	36,7	N	Molde e martelado
MNALV O-57	7,4	2,6	0,1	Tubular canelado	27	S	Molde, martelado e repuxado
MNALV O-58	6,3	2,7	0,1	Tubular canelado	29	S	Molde, martelado e repuxado

Tabela 5.57 – Descrição sumária dos braceletes de Passagens/Arnozela (adaptado de Armbruster & Parreira 1993)

Nº Inv.	Descrição decorativa	Técnica decorativa
MNALV O-66	Face externa decorada com 3 linhas incisas simples e por alinhamento de incisões oblíquas nas laterais destas	Incisão
MNALV O-57	Três caneluras transversais onduladas	Martelagem e repuxado
MNALV O-58	Dois caneluras transversais onduladas	Martelagem e repuxado

⁸ Unidade de peso grama.

Mas o que partilham ambos os depósitos? Desde logo, o facto de terem sido descobertos em estreita relação com a penedia que, a julgar com tantos outros relatos de descobertas semelhantes, não parece mera coincidência.

Embora sobressaiam as semelhanças entre o bracelete do depósito de Tomadia da Mata e dois braceletes com decoração igualmente ondulada do depósito de Passagens/Arnozela (vide Fig. 5.97 e Fig. 5.98), a verdade é que as suas diferenças ao nível do fabrico, aquele recorrendo ao método da cera perdida enquanto estes a partir de martelagem de um lingote seguido de repuxamento, separam-nos (Armbruster & Perea 1994). Denunciando afiliações atlânticas, são evidentes os paralelos entre o bracelete da Tomadia da Mata com peças semelhantes provenientes de Guînes, Pas-de-Calais, em França, ou de Lockington, Leicestershire (Inglaterra) (Armbruster & Louboutin 2004), aquele contexto datado do Bronze Médio/Final e este do Bronze Médio (Armbruster 2013). Também neste grupo poderá ser incluído o bracelete de Regoufe, Covelo de Paivó (Arouca) (B. Comendador Rey, comunicação pessoal) ou o conjunto de quatro apenas genericamente atribuídos à Beira Alta (Armbruster & Parreira 1993).

Partilham, ainda, a sua localização, já que ambos os depósitos foram amortizados em vertentes de acidentes geomorfológicos impressionantes. O depósito de Tomadia da Mata ocupou a pendente sudoeste do Monte da Saia (Barcelos), enquanto o depósito de Passagens/Arnozela se situa na vertente norte da serra da Penouta (Fafe), ambos na bordadura de pequenas bacias de receção, embora o de Passagens/Arnozela se encontre mais próximo do contexto de vale, por proximidade com a ribeira de Fundões e o seu vale algo espreado. Além disso, ambos os sítios se situam em anfiteatros naturais, aberto a sul, no caso do depósito de Tomadia da Mata (Fig. 5.99), e aberto a sudoeste, no caso do depósito de Passagens/Arnozela (Fig. 5.100).

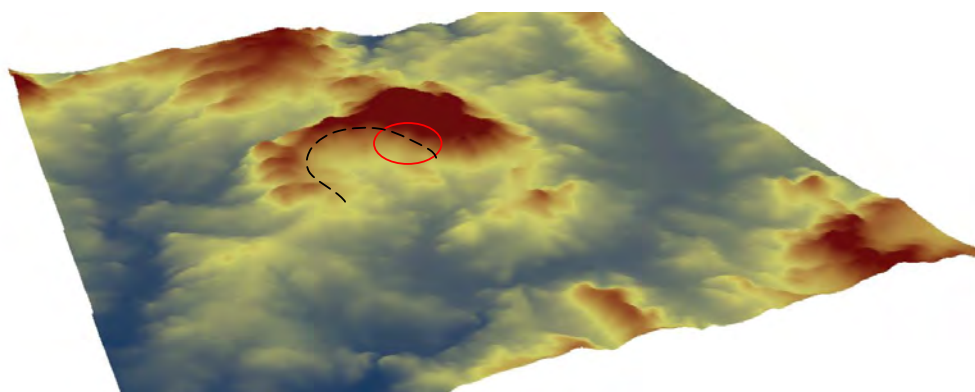


Figura 5.99 – Vista de sudoeste do Monte da Saia com posicionamento aproximado do depósito da Bouça da Tomadia da Mata (círculo vermelho) em relação ao anfiteatro natural virado a sul (tracejado negro).

Por fim, ambos os locais de depósito detêm boa visibilidade para os vales que lhes são imediatos, apenas contrariada pelas elevações que integram, pese embora apenas se conheçam as suas localizações aproximadas.

Curiosa é, também, a nota de Severo (1905-1908a: 63, nota 2), que refere que “*O local [de achado do depósito de Passagens/Arnozela] parece ter sido ponto de passagem de velhos caminhos, conduzindo para o Norte, a terras de Barroso, Chaves, etc., segundo o roteiro ainda hoje batido pelas caravanas dos almocreves*”. Também o depósito de Tomadia da Mata fica muito próximo de um caminho carreteiro que, ainda hoje, atravessa o Monte das Saia, no sentido sudoeste-nordeste, permitindo atalhar caminho e ligar, com mais facilidade, as bacias do rio Este, a sul, e do Cávado, posicionada a norte. Ficariam, assim, ambos posicionados em locais de passagem, muito provavelmente conhecidos desde a antiguidade, ainda mais numa altura em que o imperavam formas de deslocação pedonais ou com tração animal.

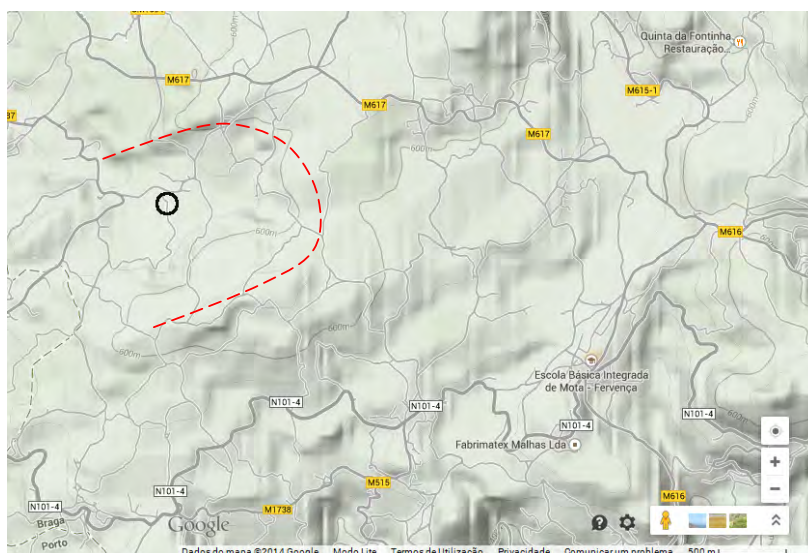


Figura 5.100 – *Printscreen* de vista aérea no *Google Maps* em modo *Terreno* com localização do depósito de Passagens/Arnozela (círculo negro) em relação à orografia imediata, que forma um anfiteatro natural virado a poente a tracejado vermelho).

3.2.3.3. Depósitos metálicos do Bronze Final

É a fase que reúne a quantidade mais significativa de dados.

Tendo presente a premissa de que as diferentes tipologias de objetos amortizados teriam distintos significados para as populações do Bronze Final que os manipularam e

⁵ Acedido a 27 de Junho de 2014 pelas 21 h 18 m em <https://www.google.pt/maps/place/Fund%C3%B5es,+4820/@41.3840592,-8.1284607,15z/data=!3m1!4b1!4m2!3m1!1s0xd24c1fcaa68af85:0x4384255cdc636926>.

depositaram, considera-se útil efetuar a sua análise com base em diferentes categorias de depósitos. Foi tido em conta, também, que “*depósitos monotipológicos*” ou “*depósitos com um ou mais tipos distintos*” poderiam ter, invariavelmente, significados dissemelhantes (Vilaça 2007: 76). Considerou-se ainda igualmente pertinente a operacionalidade dos conceitos de “*depósito aberto*” ou “*fechado*” (Vilaça 2007: 25 e segs.), na medida em que, em termos interpretativos, um conjunto de objetos (independentemente das suas cronologias) depositado como um “*ato único*” é bem diferente do seu depósito em sucessivos episódios.

Deste modo, os depósitos da área de estudo foram subdivididos em diferentes categorias. Na base dessa divisão foram considerados critérios morfo-tipológicos mas, também, as “funcionalidades tradicionais” que têm vindo a ser utilizadas para classificar os objetos incluídos em depósitos.

Com isto não se pretende afirmar que um machado, por exemplo, geralmente considerado como um utensílio de corte, o tenha sido de facto. Tendo em conta que entre os objetos depositados a tipologia de eleição, sem sombra de qualquer dúvida, é o machado, não será menos verdade perceber que ele é, de resto, um objeto presente em contextos de carácter diferenciado desde o Neolítico, conforme se verifica em vários pontos da Europa Ocidental. O facto de ter adquirido um carácter polissémico (Bradley 1990; Fontijn 2001/2002; Vilaça 2007) nas diferentes esferas sociais das comunidades da Pré-História Recente poderá ter que ver, não só, mas também, com a sua estreita relação com a crescente consolidação dos modos de vida agro-silvo-pastoris. De qualquer forma, a sua qualidade funcional enquanto utensílio de corte parece, em larga escala, ter sido ultrapassada.

Com as reservas apontadas e por questão de operacionalidade foram criadas, para a área de estudo, 4 categorias de depósitos: os depósitos de utensílios ($\approx 44,4\%$); os depósitos compósitos ($\approx 22,2\%$); os depósitos de armas ($\approx 22,2\%$) e os depósitos de objetos de adorno ($\approx 11,1\%$) (Fig. 5.101).

A análise dos dados disponíveis permite perceber, desde logo, a presença de depósitos monotipológicos e de depósitos pluritipológicos (Tab. 5.85 e Fig. 5.102).

Antes de prosseguir, contudo, será tecer um pequeno reparo em relação à natureza deposicional dos objetos recolhidos na área da fonte de Santa Catarina, no Monte da Penha, em Guimarães. Dadas as circunstâncias do achado destes artefactos, a sua classificação como depósito é relativa, já que se sabe, apenas, que apareceram para os lados daquela nascente de água, área onde ocorre um caos granítico e inúmeras fendas.

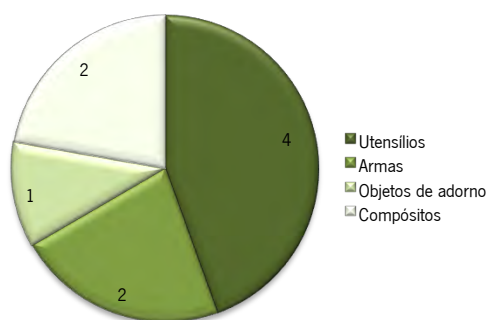


Figura 5.101 – Quantidade de diferentes categorias de depósitos do Bronze Final.

Tabela 5.58 – Relação sintetizada de depósitos mono ou pluritipológicos e sua constituição

Nome	Tipo de depósito		Tipologia de objetos
	Monotipológico	Pluritipológico	
Abelheira/S. Martinho do Bougado	X	-	24 (?) machados de talão
Pinheiro/Senhora Aparecida	X	-	6 machados de talão
S. Bento	X	-	1 punhal de tipo Porto de Mós
Quinta do Telhado/Pedreira da Pena	X	-	2 lanças de alvado
Quinta da Tulha	X	-	1 machado de talão outros objetos de pedra (?)
Quinta da Fonte Velha/Viatodos	-	X	19 (?) machados de talão 4 lingotes 1 contentor cerâmico (?)
Área da fonte de Santa Catarina	-	X	1 machado plano 2 machados de talão 1 lança de alvado curto
Souto Escuro/Cantonha	X	-	3 braceletes 2 diademas 1 contentor cerâmico
Bouça/Louro	-	X	1 machado de talão 1 machado de alvado

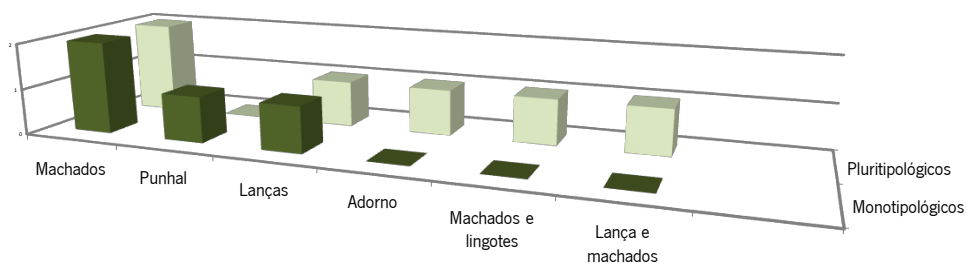


Figura 5.102 – Relação de objetos metálicos tendo em conta a sua presença em depósitos mono ou pluritipológicos.

Depósitos de utensílios

Nesta categoria de objetos estão presentes machados de talão, com uma ou duas argolas, com ou sem cone de fundição, e machados de alvado.

Integram este universo 4 depósitos: o da Quinta da Tulha (Guimarães); o da Abelheira/S. Martinho do Bougado (Trofa); o de Pinheiro/Senhora Aparecida (Felgueiras) e o de Bouça/Louro (Vila Nova de Famalicão).

O depósito da Quinta da Tulha, Corvite, Guimarães, hipoteticamente singular, faz-se representar por um machado de talão com uma argola, sem cone de fundição, apresentando ligeira fratura num dos cantos do gume que, segundo Sarmiento (1898b: 162), seria antiga (Fig. 5.103).



Figura 5.103 – Machado de talão com uma argola do depósito da Quinta da Tulha.

A descoberta ocorreu “*ao quebrar um penedo numa bouça*” (Sarmiento 1898b: 162). A hipótese de terem surgido outros objetos associados ao machado não deve ser rejeitada, pois registou Sarmiento (1898b: 162-163) que “*davam a entender os montantes que [o machado encontrado] estaria n’uma fenda, que elle [penedo] tinha*”, sendo que o achador “*Rosna (...) que também apareceriam objectos de pedra*”. Não existe, no entanto, descrição dos restantes materiais.

Na área tradicional de extração denominada de “*bouça da Tulha*” (Fig. 5.104), como ainda hoje é localmente conhecida, o signatário teve oportunidade de observar que o local genérico do depósito ficaria muito próximo de uma linha de água sazonal que, das cotas mais

altas, subsidia o rio Ave (Fig. 5.105). É, igualmente, muito anexo a uma nascente de água potável que atualmente está entubada.



Figura 5.104 – Marcas da extração artesanal de pedra na “*bouça da Tulha*”.



Figura 5.105 – Vista para norte onde se desenvolve o vale do Ave a partir da “*bouça da Tulha*”.

As características principais do machado estão sintetizadas na Tabela 5.58, incluindo análises químicas efetuadas por Siret (1913). Essas análises mostram tratar-se de um objeto de bronze binário.

Tabela 5.58 – Composição química e principais características do machado de talão da Quinta da Tulha

Nº Inv.	Composição química %			Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Cu	Sn	Sb	Comp.	Espes.				
MSA-800(C)	77,87	12,98	1,25	13,3	2,3	S	N	469,5	Siret (1913)

O depósito de Abelheira/S. Martinho do Bougado, S. Martinho do Bougado, Trofa, incluiria, segundo a notícia original do achado adiantada por Sarmiento (1888b), trinta e quatro machados de talão com duas argolas e cone de fundição, ainda que o seu valor exato não seja consonante nas diferentes referências bibliográficas que o mencionam.

Sobre o contexto de achado sabe-se que os objetos “*apareceram acamados dentro d’uma cova aberta na terra, tampada por uma pedra*” (Sarmiento 1888b: 158), descrita mais tarde como uma “*lasca de xisto*” (Sarmiento 1999: 415).

O achado ocorreu durante trabalhos agrícolas. Sarmiento (1999: 419) refere-se ao achado “*numa courela inclinada entre pequenos relevos orográficos*”, mencionando que a sua localização “*fica a um tiro de bala da estrada que de Santo Tirso segue para a Trofa, à direita dela, indo da Trofa*”.

Pese embora a falta de precisão quanto ao local do depósito, o signatário tentou a sua precisão. Tendo como exemplo uma modelo vulgar de arma de pequeno/médio da altura, “*um tiro de bala*” corresponderia a uma distância variável entre 600 a 1000 metros. A estrada a que Sarmiento (1999: 419) se refere é a atual Estrada Nacional 104. O termo “*courela*”, por sua vez, é uma antiga medida agrária de cerca de 100 braças de comprimento por 10 braças de largura (c. de 200 m de comprimento por 20 m de largura), e seria comumente utilizada para denominar um pedaço de terra para cultivo ou um aglomerado de árvores. Era igualmente costume utilizar essa denominação como referência a “*montados*” (de sobreiros ou azinheiras), os quais são comuns no Alentejo, sob os quais se criam os porcos. O atual lugar da Abelheira, atendendo ao seu núcleo de casas mais antigo (facilmente identificado pelas construções robustas de pedra, no seu centro), é imediato a um pequeno ribeiro que alimenta a margem esquerda do rio Ave. As suas margens vão espreado, desde o ponto onde nasce (o alto de Vale), ao longo do seu correr, de sul para norte, abrindo amplamente na zona de Abelheira. Crê-se que a menção a “*courela*” não se deveria referir a uma parcela de terreno na zona do vale, mais ainda se atendermos ao pormenor de Sarmiento (1999: 419) referindo-se ao local como “*um sítio agreste*”, mais precisamente, uma “*courela inclinada*”. Tal parece apontar, já, para uma área de vertente.

Infelizmente, após visita ao local verifica-se que mais de um século foi suficiente para fazer o achado cair no esquecimento. O local preciso de achado, pelo menos por ora, terá que ficar circunscrito a um círculo com cerca de 500 m de raio (Fig. 5.88).

Dos 34 exemplares de machados referidos por Sarmiento (1888b), 27 estão atualmente disponíveis para observação o Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães. Estes denotam diferenças dimensionais e formais entre si (Tab. 5.59), igualmente observadas ao nível da sua composição química, embora esta só tenha sido efetuada a 15 exemplares.

Tabela 5.59 – Principais características dos machados da Abelheira/S. Martinho do Bougado

Nº Inv.	Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)
	Comp.	Espes.			
MSA-807	21	3,9	S	S	1139
MSA-809	21,2	3,1	S	S	784
MSA-810	26	3,6	N	S	1275
MSA-811	23,8	2,7	S	S	1031
MSA-812	24	3,3	S	S	1228
MSA-813	25,2	4	N	S	1103
MSA-814	22,8	3,3	S	S	1191
MSA-815	23,7	3,9	N	S	1193
MSA-816	22,7	3,4	N	S	1261
MSA-817	23,3	3,5	S	S	1227
MSA-818	23,5	3	N	S	1254
MSA-819	22,8	3,7	N	S	1194
MSA-820	23,2	3,5	N	S	1161
MSA-821	23,3	3,6	N	S	1173
MSA-822	19,2	3,7	N	S	1186
MSA-823	21,7	2,6	N	S	809
MSA-824	25,2	3,6	N	S	1296
MSA-825	22,7	3,3	N	S	1157
MSA-826	24,1	4,3	N	S	1260
MSA-827	24,1	4	N	S	1260
MSA-828	23	3,8	N	S	1235
MSA-829	23,4	3,5	S	S	1280
MSA-830	24,9	3,8	N	S	1243
MSA-831	20,5	3,2	N	S	1220
MSA-832	23,2	3,2	N	S	1088
MSA-833	21	3,5	N	S	1203
MSA-834	23,8	3	S	S	1084

Ainda assim, as análises químicas, independentemente das diferentes metodologias aplicadas por Siret (1913), Bourhis (1976) e Bottaini (2012), mostram que alguns machados são de chumbo ou de chumbo e cobre e que os restantes eram de ligas ternárias (Tab. 5.60).

Tabela 5.60 – Resultados das análises químicas a catorze machados da Abelheira/S. Martinho do Bougado¹⁰

Machado	Composição química %								Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Sb	As	Ag	Ni	Bi	
Abelheira 1a	59,32	9,67	28,13	2,5	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 1b	-	-	97	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 2	63,32	7,98	24,73	1,25	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 3a	56,05	5,34	33,6	1,67	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 3b	25,72	2,83	67,83	1,25	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 4a	51,7	8,1	40,02	0,75	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 4b	-	-	96	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 5a	50,62	11,01	26,29	1,83	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 5b	38,05	10,07	51,12	0,2	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 5c	-	-	97,35	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 6	7,18	-	84,18	0,94	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 7a	50,06	3,3	35,44	1	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira 7b	-	-	98,37	-	-	-	-	-	Siret (1913)
?	42,2	7,4	46,7	0,06	0,2	0,2	0,005	0,002	Bourhis (1976)
?	61,48	8,65	25,75	0,39	-	-	-	-	Bottaini (2012)

¹⁰ Apesar dos esforços junto do Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, para tentar fazer corresponder os respetivos números de inventário aos objetos analisados, tal não foi possível por falta de registo.

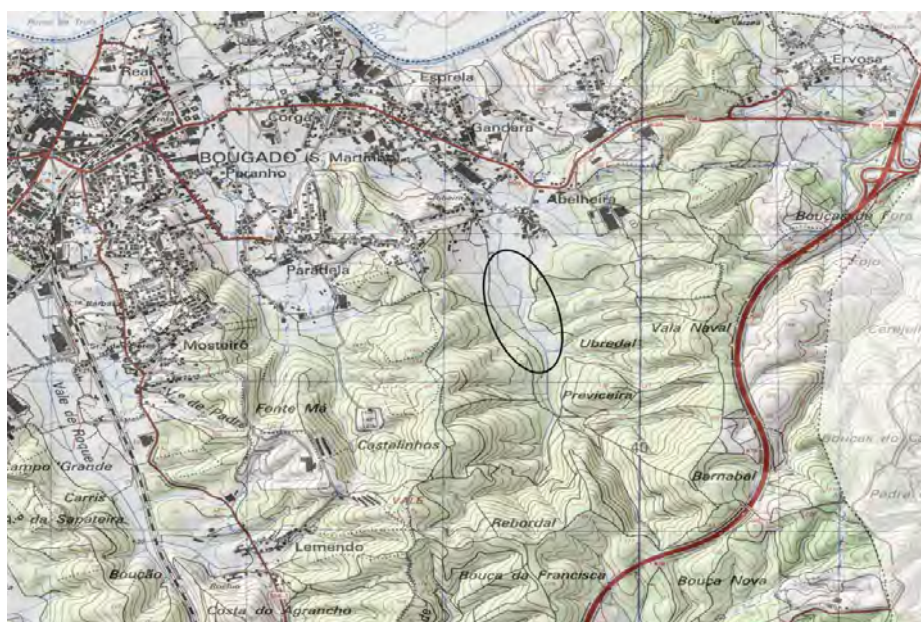


Figura 5.106 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 97, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D do terreno, com possível área de depósito delimitada.

O depósito de Pinheiro/Senhora Aparecida, Pinheiro, Felgueiras, seria composto por seis machados de talão com duas argolas e cone de fundição (Monteagudo 1977), tendo a sua descoberta ocorrido ao “arrancar a raiz de uma árvore na encosta do castro de Pinheiro” (Pinto 1995: 270, nota 6), ou seja, na vertente do Monte do Pinheiro.

Pormenores sobre esta localização, ainda que aproximada¹¹, confirmaram tratar-se da vertente sudoeste daquele monte, numa área muito próxima do rio de Passarias, afluente da ribeira de Borba, por sua vez subsidiária pela margem direita do rio Tâmega.

As características ao nível intra-exemplar revelam heterogeneidade (Tab. 5.61), quer ao nível formal e dimensional quer ao nível da composição química (Bottaini 2012), sendo os 4 exemplares analisados de ligas ternárias com adição de chumbo. Refira-se, ainda, que a análise metalográfica do conjunto permitiu perceber que nenhum destes exemplares sofreu qualquer tratamento pós vazamento (Bottaini 2012).

Tabela 5.61 – Principais características dos machados do Pinheiro/Senhora Aparecida

Nº Inv.	Composição química %				Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Ni	Comp.	Espes.				
2010.0064	≈66	≈3,1	≈31	-	23,4	2,4	N	S	1245	Bottaini (2012)
2010.0065	74	18	8,4	-	23,8	2,6	N	S	1204	Bottaini (2012)
2010.0066	72	4,6	23	0,1	24,4	2,6	N	S	1374	Bottaini (2012)
2010.0088	70	8	22	0,1	21,5	2,8	N	S	1280	Bottaini (2012)

¹¹ Segundo comunicação pessoal de José Marcelo Mendes Pinto, a quem se agradecem as informações cedidas.

Ao grupo de três depósitos anteriormente descritos poderá, ainda, acrescentar-se o depósito de Bouça/Louro, Louro, Vila Nova de Famalicão. Infelizmente, a ausência de dados concretos não permite grandes ilações, desconhecendo-se pormenores sobre o seu micro-contexto de achado.

Este depósito incluía um machado de talão com uma argola e um machado de alvado com um anel (Fortes 1905-1908d: 662) (Tab. 5.62 e Fig. 5.107). Russel Cortez (1946), durante a elaboração do catálogo de machados depositados na coleção do Museu Nacional Soares do Reis, no Porto, refere-se a estes machados como tendo aparecidos juntos¹². De resto, o facto de terem surgido em associação é a única pista que leva a considerar, ainda que com as devidas reservas, estes objetos como um depósito.

Tabela 5.62 – Dimensões e características dos machados da Bouça/Louro

Nº Inv.	Dimensões			Diâm. Alvado	Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Obs.
	Compr.	Larg.	Espes.					
MMP-223 Mach. talão	20,1	2,5	2,8	n.a.	N	?	920	Fraturado no talão
MMP-302 Mach. alvado	14,5	4,1	-	3,7	-	-	295	Decorado

n.a. não aplicável



Figura 5.107 – Os machados de talão e uma argola e de alvado e uma argola de Bouça/Louro (segundo Russel Cortez 1946).

Depósitos de armas

Nesta categoria encontram-se representadas duas tipologias de objeto. São elas ponta de lança de alvado e punhal tipo Porto de Mós.

Integram esta categoria os depósitos de Pedreira da Pena/Quinta do Telhado (Guimarães) e de S. Bento (Vizela).

¹² “Apareceu junto do estudado sob o número 302” (correspondente ao machado de alvado) e “Apareceu conjuntamente com o n.º 223” (relativo ao machado de talão) (Russel Cortez 1946: 73, 87).

Sobre o depósito de Pedreira da Pena/Coutada do Telhado/Quinta do Telhado, Abação (S. Tomé), Guimarães, refere Cardoso (1994: 466) que “*ao lado de um grande bloco granítico que uns operários andavam a fracturar (...) surgiram (...) duas peças metálicas, apenas a uns 40 cm abaixo da superfície do terreno*” (Fig. 5.108). Embora haja a referência a “*um fragmento de um vaso de barro*” (Cardoso 1967a: 409), a sua associação direta às pontas de lança deverá ser encarada com cautela, já que adiante o mesmo autor refere que “*Próximo daquele sítio, uma outra remoção de terras deu lugar a aparecimento de parte de uma pequena vasilha*” (Cardoso 1994: 466). Mas quão próxima seria esta remoção? Não se sabe.

Durante as visitas efetuadas ao local pelo signatário, percebe-se que a zona é caracterizada pela profusão de afloramentos, ainda hoje, por esse mesmo motivo, associado à extração de pedra, conforme confirma a micro toponímia *Pedreira da Pena* precisada por Ana M. S. Bettencourt¹³. Na base desta precisão esteve a menção de Cardoso (1968: 277) à ocorrência do achado “*a 650 metros a S.SE do marco trigonométrico da Penha*”. O local ocupa a vertente de uma pequena elevação que se destaca a sudeste do marco trigonométrico da Penha, numa ténue plataforma virada a um “anfiteatro natural” virado a sul e que é formado pela união de diferentes cursos de água que, cortando a vertente, no sentido norte-sul, rumam ao Vale de Samarrões (Figs. 5.109).



Figura 5.108 – Pontas de lança do depósito da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado.

¹³ Ao abrigo do projeto de investigação intitulado *A reconstrução da paisagem no Entre-Douro-e-Minho, desde os meados do III aos finais do II milénios AC.*

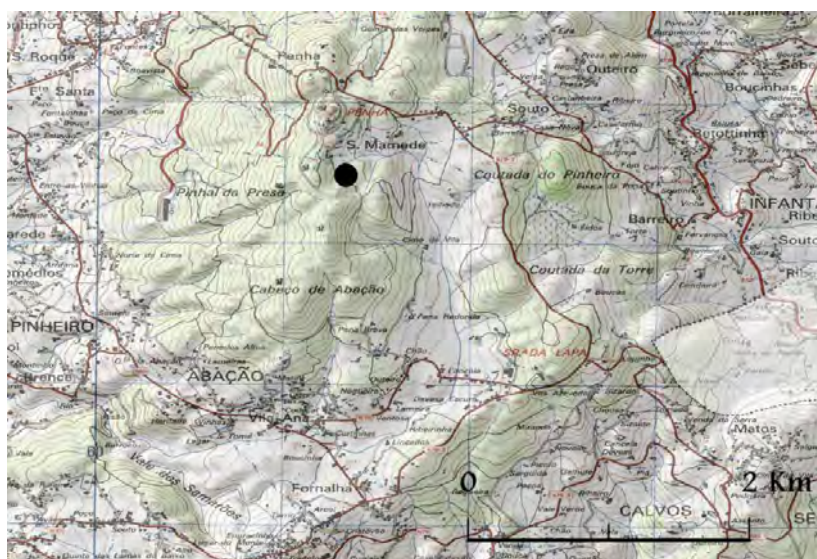


Figura 5.109 – Excerto de Carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, sobre modelado 3D, onde se observa o aspeto recortado do local de achado do depósito da Pedreira da Pena/Quinta do Telhado.

As pontas de lança são muito idênticas tecno-morfológicamente. Apresentam folha losangular bem desenvolvida, de secção elíptica e alvado longo. O prolongamento do alvado formou nervuras centrais bifaciais que se desenvolvem ao longo de toda a folha (Tab. 5.63 e Fig. 5.89).

Tabela 5.63 – Características das pontas de lança da Pedreira da Pena/ Quinta do Telhado

Nº Inv.	Lâmina			Alvado			Peso (g)	Obs.
	Comp.	Larg.	Seção	Comp.	Diâm.	Seção		
MSA-805(C)	26,1	2,8	Elíptica	7,3	2,2	Circular	326,9	-
MSA-806(C)	31	3,4	Elíptica	7,1	2,3	Circular	353	Alvado fraturado

Quanto ao recipiente cerâmico encontrado nas imediações, tem correspondência a uma taça com carena baixa, bordo em aba soerguida e lábio arredondado, provida de asa de secção oblonga. Correspondente, segundo a tabela formal de Bettencourt (1999), à forma 12 (Fig. 5.110).

Uma data de C_{14} (Ref. Lab. 2880±65) efetuada a madeira queimada recuperada do alvado de uma destas pontas de lança permitiu enquadrar o conjunto entre os séculos XIII e X AC (1268-900 BC Cal 2 Sigma) (Cardoso 1968, 1971). Este intervalo é compatível com a supramencionada forma cerâmica carenada, cuja presença no Noroeste português é comum a partir do Bronze Final.

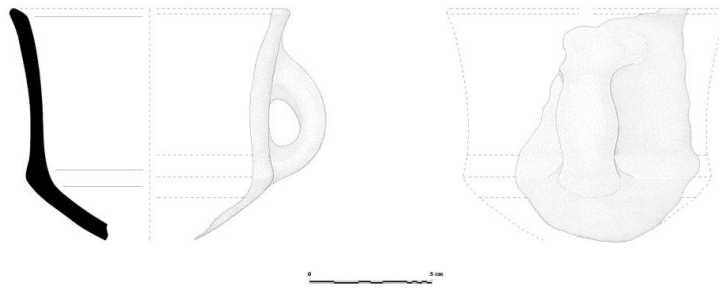


Figura 5.110 – Taça carenada da Pedreira da Pena/ Quinta do Telhado (desenho: José Ribeiro).

O depósito de S. Bento, Caldas de Vizela, Vizela, corresponde a um punhal de bronze de tipo Porto de Mós (Sousa 1986), embora a primeira menção ao mesmo seja da responsabilidade de Cardoso (1971: 240, nota 1) (Fig. 5.111)

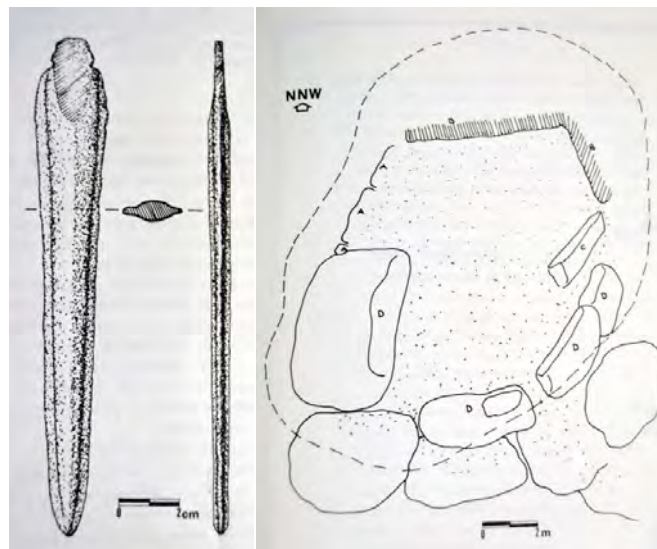


Figura 5.111 – À esquerda, punhal de tipo Porto de Mós encontrado entre em abrigo granítico (à direita) no alto do Monte de S. Bento, em Vizela (Sousa 1986: 191-192).

O objeto foi descoberto em zona de profusão de grandes afloramentos graníticos, no topo su-sudeste do Monte de S. Bento (Sousa 1986) (Fig. 5.111). Trata-se de um remate de esporão que se destaca e que é ladeado por rios, ribeiros e linhas de água que o recortam entre vales. Liga-se ao Monte da Penha, apenas pelo lado nordeste.

O punhal não tem nervura central na folha mas tem dois orifícios na zona de encabamento que se encontra fraturada (Tab. 5.64). Infelizmente o seu paradeiro atual é desconhecido, pelo que haverá hipótese de ser pertença de particular.

Tabela 5.64 – Principais características do punhal tipo Porto de Mós de S. Bento

Tipologia	Dimensões (cm)					Nervura
	Lâmina			Encabamento		
	Compr.	Larg.	Espess.	Compr.	Larg.	
Punhal Porto de Mós	16,7	1/2,5	0,5/0,7	0,8	1,5	N

Sem pretensões de exaustividade quanto aos paralelos apresentados, são várias as peças recolhidas no ocidente ibérico semelhantes a esta, em especial entre o Tejo e o Douro (Coffyn 1985; Fernández García 1997), como são exemplo os dois exemplares de Vila Cova de Perrinho (Aveiro) (MacWhite 1951, Brandão 1963, Rodrigues & Bottaini 2012) ou de Alvaiázere (Leiria) (Coffyn 1985). No Norte de Portugal conhecem-se, também, os exemplos encontrados no fosso da Idade do Bronze de S. Julião, em Vila Verde (Martins 1988).

Depósitos de objetos de adorno

Apenas um caso integra esta categoria e embora se saiba que incluía originalmente mais objetos, apenas se conservou um bracelete. Trata-se do depósito de Souto Escuro/Cantonha, Costa, Guimarães, originalmente composto por 2 braceletes e 2 diademas ou lúnulas 2 que estariam originalmente associados a um recipiente cerâmico (Cardoso 1971). A este respeito precisa Cardoso (1971: 245, nota 11) que *“As jóias encontravam-se dentro de uma vasilha de barro”*. Segundo aquele autor o achado, ocorrido durante a extração de um penedo, levou à descoberta de *“um formoso bracelete de ouro com ornatos incisos”*, o único objeto que se salvou do conjunto (Fig. 5.112), descrevendo os restantes, de forma sumária, da seguinte forma: *“Um daqueles braceletes era constituído por uma argola maciça, e os diademas eram de chapa muito fina, de forma retangular, com cerca de 20 a 25 cm de comprimento por uns 4 cm de largura”*. Sobre a *“vasilha de barro”* apenas se sabe, por Cardoso (1971: 245, nota 11) *“que aqueles trabalhadores [a] partiram, perdendo-se os fragmentos dispersos nas terras removidas”*.

Na prospeção efetuada no terreno conseguiram-se algumas preciosas informações relativas à localização do achado, muito por sorte de, numa dessas visitas, começámos à conversa (sem saber) com o filho do antigo caseiro da Quinta da Cantonha, o Sr. Domingos Miranda. Daqui foi fácil, graças à abertura do seu filho, dar umas breves palavras com o Sr. Domingos, na altura com 93 anos de idade (em agosto de 2012). Pese embora alguma falta de mobilidade, normal para a avançada idade, o mesmo não teve dúvidas quanto a considerá-lo

“um esconderijo de ouro resultante da invasão das tropas francesas”¹⁴. Sobre o local de achado situa-o “no lado direito, no arranque e à face de uma estrada que atualmente sobe para a lugar do Souto Escuro, acima da “Casa de Vilar”, junto a uma moradia particular pertença de ‘novorricos”. O local corresponde à vertente noroeste do Monte da Penha, num ponto pouco acima dos 300 metros de altitude e em zona em que o declive atenua. Ali, várias linhas de água rumam à ribeira da Costa, que circula a cota ligeiramente mais baixa, a cerca de 1 km para poente (Fig. 5.113).



Figura 5.112 – Bracelete de Souto Escuro/Cantonha (Armbruster & Parreira 1993).



Figura 5.113 – Excerto de carta Militar de Portugal, folha 85, à escala 1/25 000, com a localização do depósito do Souto Escuro/Cantonha.

A excecional raridade do bracelete reside na conjugação de dois estilos de ourivesaria denominados de Sagrajas/Berzocana (aros externos) e Villena/Estremoz (placa central), e poderá ter resultado, hipoteticamente, da junção de três peças individuais.

Se o bracelete se pode datar do Bronze Final, a descrição dos diademas faz lembrar peças mais antigas. Tal pormenor torna-se pertinente na medida em que, tendo sido o depósito

¹⁴ Sentado numa cadeira no alpendre de casa, enquanto fumava (?) um cigarro, a sua lucidez invejável opôs-se veemente à tentativa de demovê-lo da ideia das “invasões francesas”.

amortizado no interior de uma forma cerâmica, poderá corresponder a um conjunto de objetos de fases diferentes que permaneceram “em uso” durante ampla diacronia.

Depósitos compósitos

Nesta categoria enquadra-se 2 casos, o depósito da Fonte Velha/Quinta da Fonte Velha/Viatodos e o depósito(s) da fonte de Santa Catarina. Sobre este último, a falta de contexto dos achados de diferentes cronologias recolhidos na área da fonte de Santa Catarina, no Monte da Penha, Costa, Guimarães, não permite afirmar tratar-se de um depósito ou mais depósitos sem as devidas reservas.

O depósito de Quinta da Fonte Velha/Viatodos, Viatodos, Barcelos, incluiria, segundo a primeira notícia, dá conta “*de quinze palstaves morgeanos com duplo anel e dupla canelura, de tres meniscos de metal em bruto e de fragmentos de outros visivelmente destinados á fundição de instrumentos*” (Fortes 1905-1908a: 110). Anos mais tarde (Villas-Bôas 1948b: 16) coloca em causa a quantidade original de objetos encontrados e, paralelamente, adiciona um novo dado, referindo que o conjunto se compunha “*de 19 machados de bronze de talão e duplo anel, 4 pastas de metal, 1 panela (?) de barro*”. No entanto, sobre este último elemento não há, nem nunca houve, qualquer imagem ou descrição.

O achado ocorre em inícios do século passado e decorreu durante a extração de pedra, quando pedreiros procediam à quebra de um grande penedo, sendo os objetos recolhidos “*a cinco palmas*” (cerca de 1 metro) de profundidade (Fortes 1905-1908a: 110).

Das várias visitas de campo efetuadas, na tentativa de precisar o seu contexto de achado, verifica-se que o local corresponde à meia vertente sudeste do Monte da Saia, a cerca de 150/160 metros de altitude, muito próximo a uma nascente de água hoje encanada (denominada de Fonte Velha).

As principais características dos objetos encontram-se sintetizadas na Tabela 5.65.

Tanto ao nível dimensional, morfológico (Fig. 5.114) e de composição química (nos casos disponíveis), verifica-se elevada heterogeneidade no seio do conjunto. Mesmo assim, dos onze machados analisados quanto à sua composição química, apenas dois não apresentam composições binárias, sendo um de cobre e outro de composição ternária, com elevada percentagem de chumbo. Quanto aos dois lingotes disponíveis, plano-covexos, as suas

semelhanças aparentemente formais são igualmente visíveis ao nível químico, sendo clara a sua composição maioritariamente à base de cobre.

Tabela 5.65 – Características do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos

Nº Inv.	Composição química %				Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)	Biblio.
	Cu	Sn	Pb	Ni	Comp.	Espes.				
2010.0070	84,7	14,9	0,39	-	22,1	2,8	N	N	1271	Bottaini (2012)
2010.0072	78,6	10,07	10,52	-	22,5	2,2	S	N	1055	Bottaini (2012)
2010.0073	86	13,1	0,84	-	22,5	2,7	S	S	1125	Bottaini (2012)
2010.0074	89,5	10,4	0,04	-	23,5	2,3	S	N	1156	Bottaini (2012)
2010.0075	87,7	11,2	1,17	-	27	2,3	S	S	1213	Bottaini (2012)
2010.0076	84,5	14,5	0,95	-	22,9	3,3	S	N	1192	Bottaini (2012)
2010.0079	82,7	16,2	1,05	-	23,2	2,5	S	N	1154	Bottaini (2012)
2010.0089	84,1	15,2	0,65	0,05	24,7	2,6	S	N	1164	Bottaini (2012)
2010.0090	86,9	12,4	0,54	0,06	24,5	2,4	S	S	1259	Bottaini (2012)
G.A.C.M.B. ¹⁵	-	-	-	-	27,2	2,4	S	S	1250	-
G.A.C.M..V.C. ¹⁶	-	-	-	-	22,6	2,5	N	N	1280	-
MEHP7138*	99,5	0,17	0,07	-	-	-	-	-	-	Bottaini (2012)
MEHP7139*	97,6	0,48	1,92	-	-	-	-	-	-	Bottaini (2012)

*Lingotes

Refira-se, ainda, que análises metalográficas efetuadas ao conjunto permitiram perceber que pelo menos três dos machados, conjuntamente com os dois lingotes, não sofreram qualquer tratamento pós-vazamento, situação inversa à dos restantes objetos, sujeitos a ciclos de recozimento e martelagem a frio, em especial os objetos de composição ternária, sujeitos ao tratamento mais longo (Bottaini 2012).



Figura 5.114 – Nove machados do conjunto original do depósito de Viatodos/Fonte Velha, em depósito no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga.

¹⁵ Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

¹⁶ Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Vila do Conde.

O(s) achado(s) da fonte de Santa Catarina são especialmente problemáticos, na medida em que incluem objetos de tipologia e de cronologia distinta cujas condições de achado, vagamente descritas por Pina (1928), não permitem perceber tratar-se de um ou vários depósitos. De qualquer modo, revelam a presença de objetos diversos numa zona circunscrita, o que poderá indiciar uma área de deposições desde longa data, o que justifica a sua descrição.

No conjunto figuram um machado plano de cobre, dois machados de talão com uma argola e uma ponta de lança de alvado curto, entre outros machados levados pelos trabalhadores, além de objetos líticos e cerâmicos morfo-tipológica e cronologicamente desconhecidos (Pina 1928) (Tabs. 5.66 e 5.67 e Fig. 5.115).

Tabela 5.66 – Características dos machados recolhidos nas imediações da fonte de Santa Catarina

Tipologia	Dimensões (cm)			Nerv.	Peso (g)	Comp. química	Biblio.
	Comprim.	Larg.	Espess.			Cu	
Mach. plano	7,7	4,1/3,1	1,2	-	202,8	99%	Junghans <i>et al.</i> (1968)
Mach. talão	14,5	3,8	2,5	S	235,8	-	-
Mach. talão	18,2	3,9	2,8	S	382,5	-	-

Tabela 5.67 – Características da ponta de lança recolhida nas imediações da fonte de Santa Catarina

Tipologia	Aletas	Comp.	Larg. Aletas	Larg. Lâmina	Larg. Alvado	Diâm. Alvado	Peso (g)
Ponta de lança	S	24	4,8	3,2	2,5	2,2	230,9



Figura 5.115 – Pequeno machado plano de cobre, machados de talão e uma argola em bronze e ponta de lança de alvado em bronze, materiais recolhidos, conjuntamente com outros materiais desaparecidos, das imediações da fonte de Santa Catarina.

Quanto ao contexto de achado sabe-se que ocorreu nas imediações de uma nascente de água denominada de fonte de Santa Catarina (Pina 1928), que existente no alto do Monte da

Penha, numa área em que recorrentemente ocorrem agrupamentos de batólitos e de domos graníticos, mais precisamente, a noroeste do ponto mais elevado do Monte da Penha (marco trigonométrico da Penha).

3.2.4. Discussão dos resultados e interpretação à micro escala de análise

O processo de procura das dissemelhanças entre as diferentes categorias de depósitos teve início na análise dos depósitos monotipológicos de machados de talão. Apesar de só haver conhecimento de dois casos na bacia do Ave, tal não impede que se afirme que ambos foram depositados no subsolo, conforme sucede nos depósitos de Abelheira/S. Martinho do Bougado e de Pinheiro/Senhora Aparecida. O primeiro conjunto terá sido recolhido em “*uma cova aberta na terra, tapada por uma pedra*” (Sarmiento 1888b: 158), cuja descrição aponta para uma fossa tapada com uma laje (Fig. 5.116). O segundo foi identificado durante a remoção de um pinheiro (Pinto 1995). Como recentemente foi defendido (Sampaio no prelo), embora sem qualquer pretensão de exaustividade, esta situação é em tudo semelhante à descoberta dos depósitos monotipológicos de machados de talão de Ganfei/Gingleta, Ganfei (Valença) (Fortes 1905-1908f), de S. Paio/Carpinteira, Carpinteira (Melgaço) (Fortes 1905-1908e), igualmente recuperados durante a extração de pinheiros, de Faldejães, Arcozelo (Ponte de Lima), recuperado num terraço fluvial (Bettencourt *et al.* 2014), e de Cabeiras, Arbo (Pontevedra), encontrado “*numa parcela dedicada a viñedo*” (Carballo Arceo & Rey Castiñeira 2014). Aparentemente, tal parece indiciar um padrão, se bem que não possa ser esquecido que o machado de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo) apareceu numa fenda de rocha metamórfica (Comendador *et al.* 2014).



Figura 5.116 – Hipotética reconstituição do depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado (adaptado de Vilaça 2007: 64).

Ambos os depósitos encontraram-se em áreas naturais de circulação/trânsito: o da Abelheira/S. Martinho do Bougado, a cerca de 1,5 km da margem esquerda do Ave¹⁷, “*n’um pequeno convalle entre outeiros tambem pequenos*” (Sarmiento 1888b: 158), que facilmente daria acesso à bacia do Leça, enquanto o do Pinheiro/Senhora Aparecida, nas proximidades do rio das Passarias (o que, etimologicamente, significa atravessar, mudar de lugar), situada entre as bacias dos rios Ave (a norte) e Tâmega (a su-sudeste) (Fig. 5.117). Naturalmente, com estas localizações podem considerar-se, também, “*depósitos de margem*” na perspetiva proposta por Vilaça (2007: 50)¹⁸. De notar que o depósito de Abelheira/S. Martinho do Bougado apresenta estreitas relações com a água, não só através da proximidade com o Ave mas com um ribeiro que lhe passaria próximo e que vai desaguar diretamente ao Ave. Aliás estas situações são comuns, também aos depósitos deste tipo já referidos fora da bacia do Ave, conforme se pode ler na bibliografia já citada, pelo que esta vinculação com as águas e com locais de fácil circulação parece ser significativa.

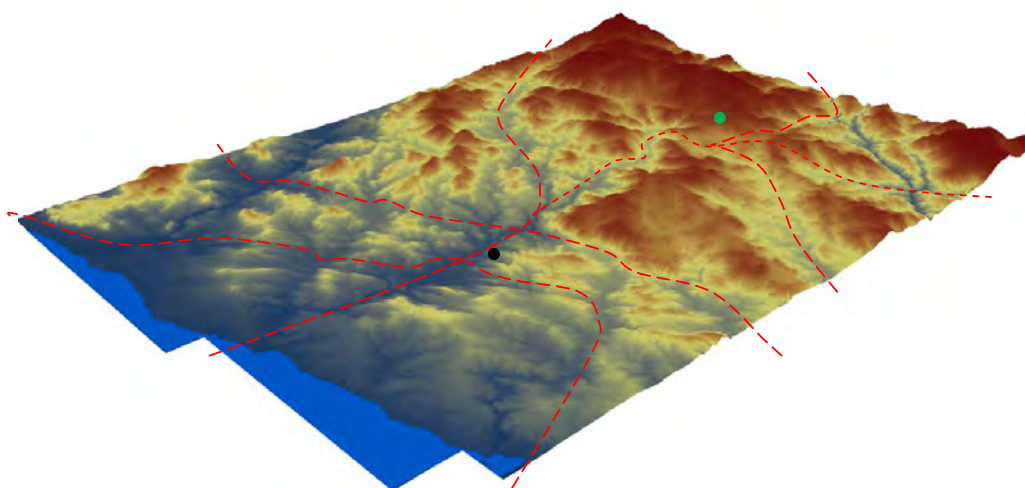


Figura 5.117 – Mapa hipsométrico com localização dos depósitos da Abelheira/Santiago do Bougado (a negro) e de Pinheiro/Senhora Aparecida (a verde) e destaque de pontos de passagem natural (a tracejado vermelho).

A proximidade absoluta de determinados depósitos em relação a jazidas de recursos metálicos primários encontra-se expressa de melhor forma em certos depósitos do que noutros. De todos os casos, são os depósitos de Abelheira/S. Martinho do Bougado e de

¹⁷ O texto de referência diz que “*o sítio do achado fica a um tiro de bala da estrada que de Santo Tirso segue para a Trofa, à direita dela, indo da Trofa*”, descrito como “*um sítio agreste, numa courela inclinada entre pequenos relevos orográficos*” (Sarmiento 1999: 419). Segundo o que foi possível apurar sobre armas da época, os tiros podiam atingir entre 600 a 1000 m, o que nos ajudou a calcular a área genérica do achado.

¹⁸ De notar que Vilaça (2007: 63) tinha considerado este depósito como um “*depósito periférico*”, dada a sua proximidade com um povoado. A este respeito refira-se que no Castro da Senhora Aparecida, no topo do Monte com o mesmo nome, está atestada uma ocupação datável da Idade do Bronze (Pinto 1995), embora identificada em níveis bastante revolidos, de difícil interpretação e cuja cronologia no Bronze Final não está confirmada.

Pinheiro/Senhora Aparecida os que se encontrariam mais próximos (Fig. 5.118). Aquele, das jazidas primárias de Vilarinho das Cambas/Pedras Negras (Vila Nova de Famalicão), cujos ribeiros sulcam o monte de Cavalões rumando a sul, desaguando no Ave, ligeiramente a noroeste da sua localização, contribuindo para o depósito de cassiterite nas suas margens. O segundo, 1 a 2 km para norte das jazidas da Penouta/Seixoso (Fafe) que alimentariam de cassiterite tanto as bacias do Sousa e do Tâmega como, também, do Ave. Tal situação é igualmente notória no depósito de Faldejães (Ponte de Lima), tanto em relação à bacia do Lima, onde se integra, como à bacia do Minho, cujas aluviões são ricas em cassiterite (Bettencourt *et al.* 2014; Sampaio no prelo).

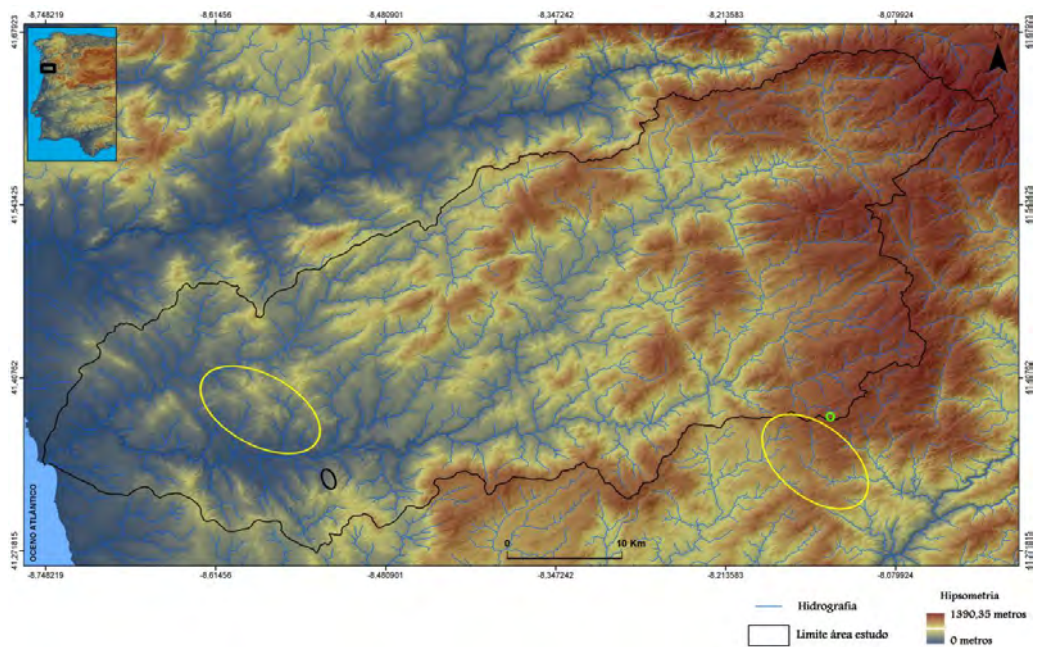


Figura 5.118 – Mapa hipsométrico com localização dos depósitos da Abelheira/Santiago do Bougado (elipse negra) e de Pinheiro/Senhora Aparecida (círculo verde) em relação às jazidas primárias de estanho mais próximas (elipses amarelas).

Parece ainda de especial relevância que tanto destes depósitos denunciem claras variações ao nível intra-objeto no que concerne às suas características dimensionais, formais e de composição química (Tab. 5.68).

Tabela 5.68 – Principais características tecno-morfológicas dos machados dos depósitos de Abelheira/S. Martinho do Bougado e do Pinheiro/Senhora Aparecida

Depósito	Nº Inv.	Dimensões		Nerv.	Cone fund.	Peso (g)
		Comp.	Espes.			
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-807	21	3,9	S	S	1139
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-809	21,2	3,1	S	S	784
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-810	26	3,6	N	S	1275
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-811	23,8	2,7	S	S	1031
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-812	24	3,3	S	S	1228
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-813	25,2	4	N	S	1103
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-814	22,8	3,3	S	S	1191
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-815	23,7	3,9	N	S	1193
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-816	22,7	3,4	N	S	1261
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-817	23,3	3,5	S	S	1227
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-818	23,5	3	N	S	1254
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-819	22,8	3,7	N	S	1194
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-820	23,2	3,5	N	S	1161
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-821	23,3	3,6	N	S	1173
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-822	19,2	3,7	N	S	1186
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-823	21,7	2,6	N	S	809
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-824	25,2	3,6	N	S	1296
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-825	22,7	3,3	N	S	1157
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-826	24,1	4,3	N	S	1260
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-827	24,1	4	N	S	1260
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-828	23	3,8	N	S	1235
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-829	23,4	3,5	S	S	1280
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-830	24,9	3,8	N	S	1243
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-831	20,5	3,2	N	S	1220
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-832	23,2	3,2	N	S	1088
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-833	21	3,5	N	S	1203
Abelheira/S. Martinho do Bougado	MSA-834	23,8	3	S	S	1084
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0064	23,4	2,4	N	S	1245
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0065	23,8	2,6	N	S	1204
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0066	24,4	2,6	N	S	1374
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0088	21,5	2,8	N	S	1280

Tabela 5.69 – Composições químicas disponíveis para os machados dos depósitos de Abelheira/S. Martinho do Bougado e do Pinheiro/Senhora Aparecida

Depósito	Nº Inv.	Composição química %								Biblio.
		Cu	Sn	Pb	Ni	Sb	As	Ag	Bi	
Abelheira/S. Martinho do Bougado	1a	59,32	9,67	28,13	-	2,5	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	1b	-	-	97	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	2	63,32	7,98	24,73	-	1,25	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	3a	56,05	5,34	33,6	-	1,67	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	3b	25,72	2,83	67,83	-	1,25	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	4a	51,7	8,1	40,02	-	0,75	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	4b	-	-	96	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	5a	50,62	11,01	26,29	-	1,83	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	5b	38,05	10,07	51,12	-	0,2	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	5c	-	-	97,35	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	6	7,18	-	84,18	-	0,94	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	7a	50,06	3,3	35,44	-	1	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	7b	-	-	98,37	-	-	-	-	-	Siret (1913)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	?	42,2	7,4	46,7	0,005	0,06	0,2	0,2	0,002	Bourhis (1976)
Abelheira/S. Martinho do Bougado	?	61,48	8,65	25,75	-	0,39	-	-	-	Bottaini (2012)
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0064	≈66	≈3,1	≈31	-	-	-	-	-	Bottaini (2012)
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0065	74	18	8,4	-	-	-	-	-	Bottaini (2012)
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0066	72	4,6	23	0,1	-	-	-	-	Bottaini (2012)
Pinheiro/Senhora Aparecida	2010.0088	70	8	22	0,1	-	-	-	-	Bottaini (2012)

As variações observadas entre machados de um mesmo conjunto permitem considerar que cada peça é única e individual, em termos de dimensões, de peso e de composição química, indiciando o uso de diferentes moldes e ligas no processo produtivo, resultado de

manufaturas dissemelhantes que, muito provavelmente, têm a sua origem em focos produtivos distintos (Tab. 5.69).

Tais amortizações poderiam resultar, assim, não da ação representativa de um determinado indivíduo ou da população de um certo povoado, mas de atos intracomunais, quiçá concretizando mensagens coletivas. Em abono do carácter intercomunitário destes depósitos é de salientar o facto de se localizarem, também, em áreas de fácil circulação ou em corredores naturais de “trânsito”, o que possibilitaria o encontro ou a reunião de pessoas e de bens (vide Fig. 5.117).

Seriam os contextos destes depósitos *territórios comuns* associados a dinâmicas sociais de tipo integrador, no sentido que lhe dá Silvano (1997:118)? Dito de outro modo, seriam lugares de encontro (“*meeting points*”), sítios de grande significação coletiva, embora por vezes pouco impressionantes em termos dos parâmetros atuais, que seria necessário materializar, por forma a fixar “*a connection between people and a place*” (Thomas 1999a: 87)? Parece plausível aceitar esta hipótese. Assim sendo, além do carácter mágico e simbólico que certamente terá envolvido toda a “cadeia produtiva”, as biografias destes machados ultrapassariam a funcionalidade enquanto meros “instrumentos” ou “ferramentas”, representando diferentes histórias de diferentes populações, simbolizando metaforicamente as suas conceções ao mundo¹⁹. Seria pois possível que, no momento de deposição ou das cerimónias prévias à deposição, fossem invocadas, através dos objetos, relações de índole social, simbólica ou mágica. Neste sentido, a deposição dos machados resultaria de ações relacionadas com pactos, acordos e/ou atos celebrativos, perpetrados entre os membros de diferentes comunidades²⁰.

Em última análise, a amortização intencional de um objeto representa a última etapa da sua vida, atuando como “símbolo”, “lembrança” ou “marca”. Presente na memória de quem os amortizou o objeto permaneceria ativo, cumprindo a sua “derradeira função”. Como tal, a amortização de objetos, independentemente do seu contexto de deposição, não representaria a sua morte; pelo contrário, representaria uma nova fase da sua biografia enquanto objeto social, resultado da sua projeção, criação, manipulação e interação em sociedade.

Seriam assim estes depósitos memorandos de vida ou “*depósitos de produção ou de vida*”, como defende Vilaça (2007: 85) com base nos trabalhos de Fontijn (2003)?

¹⁹ Na perspetiva de que os objetos comunicam mensagens e são uma metáfora que espelha e exprime o mundo (Tilley 2000).

²⁰ De notar que já Siret (1913) considerava os machados com cone de fundição e com grandes percentagens de chumbo como deposições votivas ou oferendas às divindades e Cartailhac (1886) já se referia aos depósitos como sendo sagrados.

No contexto dos depósitos monotipológicos de machados diversos temos que referir o da Bouça/Louro. Trata-se de um depósito que, pese embora a sua localização aproximada, integra uma freguesia que se desenvolve nas planícies de aluvião do rio Este, estendendo-se entre os cerca de 70 e 90 metros de altitude, pelo que, genericamente, pode ser conectado com áreas de vale e com o corredor natural de circulação que este rio proporciona, unindo-se ao Ave, rumo à costa atlântica, ou ligando à serra do Carvalho e ao interior montanhoso. Embora não haja registo de grandes variações altimétricas significativas do terreno, esta freguesia localiza-se numa área encaixada, entre os quadrantes norte, este, sul e sudoeste, por elevações de maior altitude, criando assim um corredor visual de maior amplitude para poente. Curiosamente, essa visibilidade permite observar, sem reservas, o Monte da Saia, que dista cerca de 2/2,5 km para poente (Fig. 5.119).

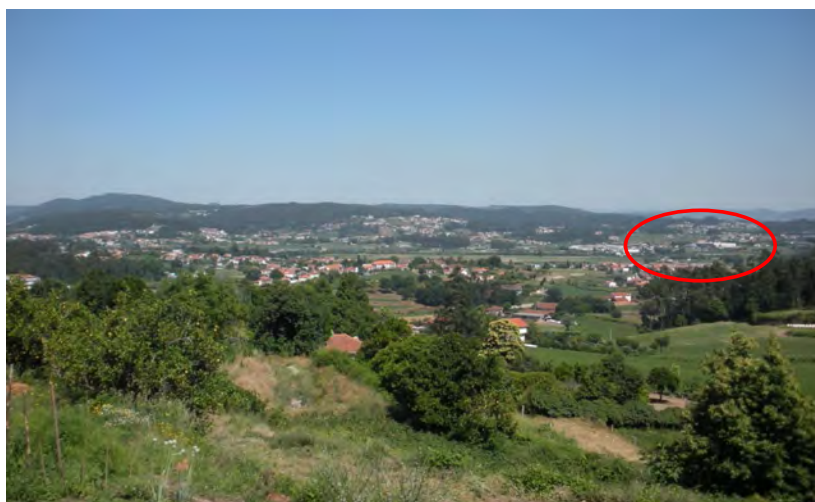


Figura 5.119 – Vista para nascente a partir da meia vertente este do Monte da Saia, em Barcelos, precisamente para o vale do rio Este. Sensivelmente para a direita (elipse vermelha) encontra-se Louro.

Esta freguesia fica, também, numa área facilmente acessível aos recursos secundários de cassiterite do rio Este, disponíveis a cerca de 5/6 Km para poente, nas faldas do monte de Cavalões, concretamente a jusante das jazidas de Vilarinho das Cambas/Pedras Negras.

Que interpretação atribuir a este depósito composto por dois machados distintos? Quanto à sua localização genérica (na planície de aluvião do rio Este) parece, embora com reservas, poder considerar-se um “*depósito de margem*” na perspetiva de Vilaça (2007). Mas como interpretar o seu carácter tipológico diferenciado? Poderá ser considerado, também, um depósito de vida e de produção? Refira-se que a conjugação de um machado de talão com uma argola (de tradição Ibérica ocidental) com um machado de alvado com um anel de tipo “Maure”,

muito comum na Bretanha e na Normandia (cf. Briard 1965) indicará relações intra-regionais e, quiçá, talvez, a simbiose de diferentes sentidos.

No âmbito de depósitos monotipológicos de machados há, ainda, a referir o depósito singular do machado de talão com uma argola da Quinta da Tulha, cujo local original de descoberta se crê estar bem delimitado. Este posicionou-se na vertente poente do marco trigonométrico do Monte de S. Tiago, uma elevação que se desenvolve maioritariamente no sentido nordeste-sudoeste, entre Gonça e Fermentões (Guimarães), associado a uma fenda de um afloramento e nas imediações de uma nascente permanente de água que brota entre penedos.



Figura 5.120 – Fonte da Tulha, uma nascente de água situada a escassos metros para nordeste do hipotético local do achado do depósito da Tulha.

Nota-se aqui um padrão de deposição distinto dos anteriores em que o contexto privilegia a associação à vertente de um monte, a um afloramento mas, sobretudo, a uma nascente permanente que se crê ser a característica que mais individualiza este local, porventura justificando a especificidade deste depósito e, talvez, a sua associação às propriedades das “mães de água”.

No que concerne a depósitos pluritipológicos, como é o caso do depósito do da Quinta da Fonte Velha/Viatodos, composto por machados de talão associados a lingotes e a um vaso (?), o lugar de amortização escolhido, pelo contrário, não foi o subsolo mas entre a penedia

(Fortes 1905-1908a). Embora apenas fosse possível a sua localização aproximada, este depósito foi localizado, grosso modo, a meio da vertente sudeste do Monte da Saia (Fig. 5.121). Um dos paralelos para este conjunto em território português²¹ é o depósito da Quinta do Ervedal (Fundão) (Villas-Bôas 1947) onde, a par de outros objetos e restos de objetos, figuram quatro machados de talão de uma argola e cinco lingotes plano-convexos. Análises às composições químicas destes lingotes (Coffyn 1976) revelaram consentaneidade com os lingotes de Viatodos/Fonte Velha/Quinta da Fonte Velha (Bottaini 2012), prevalecendo o cobre sobre outros componentes vestigiais. O conjunto do Ervedal foi recolhido no sopé da vertente sudeste da Serra da Gardunha, originalmente depositado numa fenda de um penedo (Villas-Bôas 1947), em tudo muito semelhante às condições de achado do depósito de Viatodos/Fonte Velha/Quinta da Fonte Velha.



Figura 5.121 – Localização da atual Quinta da Fonte Velha, área do terreno próxima ao achado do depósito.

Curiosamente, também se associa a uma área de fácil acessibilidade e sobranceiro ao corredor natural de ligação entre os rios Este (a sul) e Cávado (a norte). Apesar de não poder considerar-se um “*depósito de margem*”, toda a Quinta da Fonte Velha é profusamente irrigada, existindo aí, também, muito próximo, uma nascente (Fig. 122). Este conjunto foi considerado por Vilaça (2007) e Bottaini (2012) como “*depósito periférico*”, dada a sua pretensa proximidade

²¹ Outros exemplos da Península onde apareceram lingotes plano-convexos estão sistematizados em Montero-Ruiz *et al.* (2010-2011), sendo que, invariavelmente, apresentam composição dominante de cobre.

com um povoado coetâneo que teria existido no alto do Monte da Saia, conforme foi defendido por Kalb (1980b), Martins (1990), Queiroga (1992), Dinis (1993), Bettencourt (1999), entre outros. Na verdade, tal suposição tem sido repetida com base nos achados metálicos daquele período encontrados em diferentes pontos do monte, mas a ausência de trabalhos de escavação no povoado da Idade do Ferro que existe no topo e de materiais cerâmicos de superfície da Idade do Bronze não permitem confirmar a existência de um povoado durante este período cronológico-cultural.



Figura 5.122 – Nascente de água denominada de *Fonte Velha* e muito próxima, para nordeste, da área de achado do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos.

A proximidade deste depósito em relação a recursos metálicos é notória, sobretudo em relação à cassiterite de aluvião que deveria existir, abundantemente, no rio Este, a 2/3 km para sul deste depósito. De notar que, neste local, o rio se encontra sob as jazidas primárias de estanho de Vilarinho das Cambas/Pedras Negras (Vila Nova de Famalicão) (Fig. 5.123).

Tal como os depósitos monotipológicos de machados também este, apesar das particularidades, apresenta, quanto aos machados, variações ao nível intra-objeto no que concerne às suas características dimensionais, formais e de composição química (Tabs. 5.70 e 5.71), pelo que cada machado é único, tendo sido realizado em distintos moldes e com diferentes ligas, provavelmente, com origem em focos produtivos distintos, pelo que, talvez, este depósito tenha uma grande multiplicidade de sentidos, como os enunciados para os depósitos monotipológicos de machados de talão, quer ainda como oferenda comemorativa da vida, da produção e, simultaneamente, da transformação, tendo em conta a presença dos lingotes.

Também não podemos excluir que possa comemorar as propriedades da nascente imponente e permanente que ocorre próxima ao local.

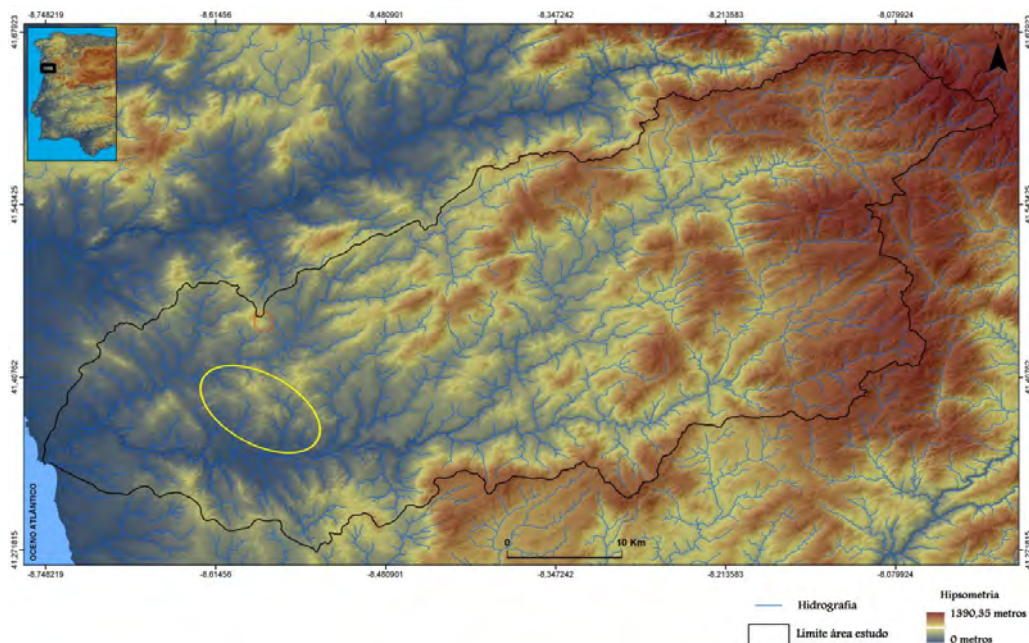


Figura 5.123 – Mapa hipsométrico com localização do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos (círculo vermelho) em relação aos recursos metálicos mais próximos (elipse amarela).

Tabela 5.70 – Principais características tecno-morfológicas dos machados do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos

	Nº Inv.	Comprim.	Espess.			Peso (g)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0070	22,1	2,8	N	N	1271
Viatodos/Fonte Velha	2010.0072	22,5	2,2	S	N	1055
Viatodos/Fonte Velha	2010.0073	22,5	2,7	S	S	1125
Viatodos/Fonte Velha	2010.0074	23,5	2,3	S	N	1156
Viatodos/Fonte Velha	2010.0075	27	2,3	S	S	1213
Viatodos/Fonte Velha	2010.0076	22,9	3,3	S	N	1192
Viatodos/Fonte Velha	2010.0079	23,2	2,5	S	N	1154
Viatodos/Fonte Velha	2010.0089	24,7	2,6	S	N	1164
Viatodos/Fonte Velha	2010.0090	24,5	2,4	S	S	1259
Viatodos/Fonte Velha	G.A.C.M.B.	27,2	2,4	S	S	1250
Viatodos/Fonte Velha	G.A.C.M.V.C.	22,6	2,5	N	N	1280

Tabela 5.71 – Composição química dos machados do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos

	Nº Inv.	Cu	Sn	Pb		Bibliografia
Viatodos/Fonte Velha	2010.0070	84,7	14,9	0,39	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0072	78,6	10,07	10,52	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0073	86	13,1	0,84	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0074	89,5	10,4	0,04	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0075	87,7	11,2	1,17	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0076	84,5	14,5	0,95	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0079	82,7	16,2	1,05	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0089	84,1	15,2	0,65	0,05	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	2010.0090	86,9	12,4	0,54	0,06	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	MEHP7138	99,5	0,17	0,07	-	Bottaini (2012)
Viatodos/Fonte Velha	MEHP7139	97,6	0,48	1,92	-	Bottaini (2012)

Quanto aos depósitos de armas, raros na área de estudo mas, ainda assim, representadas em, possivelmente, três casos (punhais e lanças), denota-se que a sua disposição privilegiou áreas elevadas de orografias imponentes (Fig. 5.124) e ocorreu em estreita relação com a penedia.

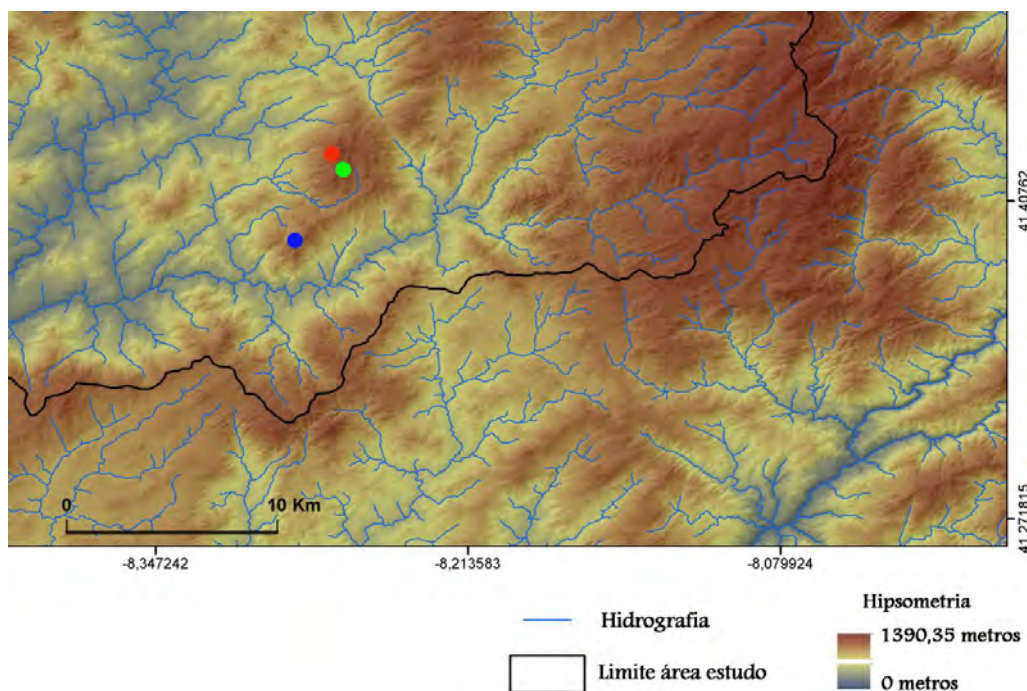


Figura 5.124 – Excerto de mapa hipsométrico com localização dos depósitos de armas, recuperados em contexto de altitude: fonte de Santa Catarina (círculo vermelho), Quinta do Telhado/Pedreira da Pena (círculo verde) e S. Bento (círculo azul).

Tal acontece com as duas lanças de Pedreira da Pena/Coutada do Telhado/Quinta do Telhado (Cardoso 1968) e, talvez, com a lança recuperada das imediações da fonte de Santa Catarina (Pina 1928), já que é raro o local naquela área que não inclui grandes afloramentos e batólitos graníticos. Situação semelhante é repetida no punhal de S. Bento, recuperado entre penedos (Sousa 1986). O primeiro ocupou uma plataforma alta da vertente sudeste do Monte da Penha mas, ainda assim, não muito longe da sua maior altitude, como teve oportunidade de referir Cardoso (1967a: 409), por altura da sua descoberta, referindo a sua recolha a “700 m. a S.SE. do ponto trigonométrico da Penha”. O eventual depósito da área da fonte de Santa Catarina foi recuperado no alto do Monte da Penha, descaído para noroeste do domo que a escassos metros marca o ponto de maior altitude. Trata-se de um lugar impressionante, tanto pelas geoformas locais como pelas excelentes condições de visualização, principalmente para o vale do rio Ave. Dali torna-se possível vislumbrar diversos outros acidentes naturais a cotas menores,

em especial entre os quadrantes nor-noroeste e su-sudoeste. Entre estes destaca-se, pela sua extensão, a serra do Carvalho, posicionada a noroeste, cuja extensão é impossível passar despercebida. Ao longe e, em certos dias, avista-se o mar. No alto de S. Bento, o depósito aqui designado com o mesmo nome detém iguais características, partilhando a geologia ímpar e a amplitude visual sem paralelo. Daqui é igualmente possível observar outros acidentes naturais, sendo que um dos mais próximos, situado a norte, é o Monte da Penha.

Sucedem, igualmente, que nas imediações de alguns destes objetos foram recuperados vasos cerâmicos (contentores?). Tal ocorrência foi registada no achado de Pedreira da Pena/Coutada do telhado/Quinta do Telhado, de onde é conhecido o perfil de uma taça carenada recuperada "*Próximo daquele sítio*" (Cardoso 1968: 278). Evento semelhante está documentado nas imediações da fonte de Santa Catarina, onde a par dos objetos metálicos há registo da recolha de "*mais alguns restos de cerâmica*" (Pina 1928: 138). Contudo, a falta de dados mais concretos não permite tecer interpretações sobre estas ocorrências.

Dado o tipo de objetos amortizados e a presença destes depósitos em contextos externos a áreas residenciais, poderão estes ser evocativos de "*depósitos de morte*", conforme a conceção de Vilaça (2007: 85)? Ou poderão ser entendidos no quadro de comemorações a entidades supranaturais, ofertadas em pontos de convergência entre o céu e a terra? Embora não haja resposta para estas perguntas, a sua localização não parece ser coincidência.

De qualquer modo, fora da bacia do Ave, no Noroeste Ibérico, há depósitos monotipológicos de pontas de lança em contextos distintos. É o caso da encontrada na vertente oeste-sudoeste do monte cónico da Senhora da Graça, Monção (Marques 1984), ou das três provenientes da lagoa de Alcaian, Curistanco, Corunha (Monteagudo 1957). As do Outeiro do Rego, Lama Chã, Montalegre (Santos Júnior 1968), também estão associadas a um monte e a um afloramento, embora se desconheça o local exato do seu depósito.

Quanto aos depósitos monotipológicos de punhais de tipo Porto de Mós, são desconhecidos no Noroeste, encontrando-se alguns fora desta região (cf. Bottaini 2012). No entanto, há que ter em conta que os dois punhais deste tipo encontrados no povoado de S. Julião, Vila Verde, foram encontrados no interior do fosso da Idade do Bronze Final (Martins 1988), facto que levou Bettencourt (2009a, 2013a, 2013b) a considerá-los como uma deposição intencional.

O único depósito áureo de ornamentos é o de Souto Escuro/Cantonha, descoberto durante a quebra de um penedo (Cardoso 1971). Ocupa igualmente uma posição média na

vertente noroeste do Monte da Penha, embora posicionando-se num “anfiteatro natural”, provocado por uma pequena bacia de receção aberta a poente (Fig. 5.125). Dali é possível observar, sem reservas, a envolvente entre os quadrantes norte e sudoeste, incluindo muitos outros pontos da bacia do rio Ave.

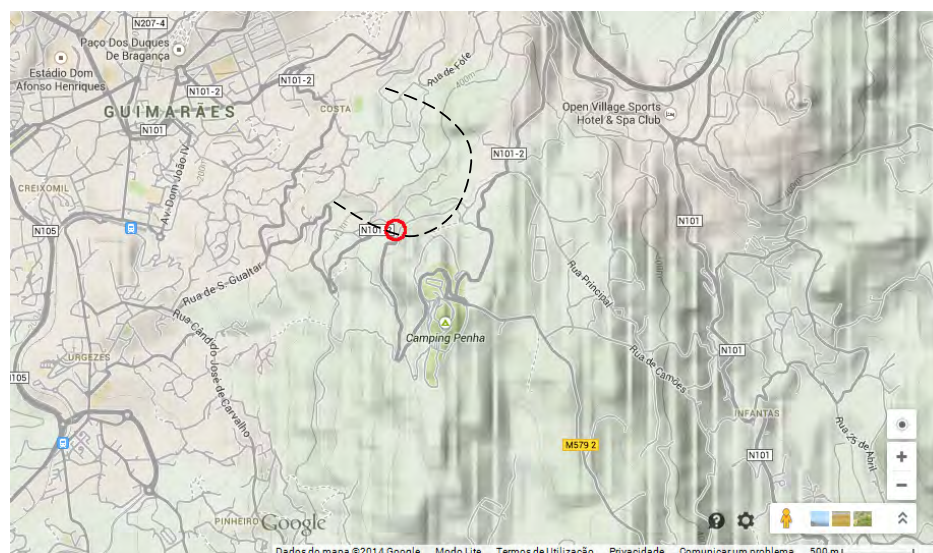


Figura 5.125 – *Printscreen* de vista aérea na *Google Maps* em modo *Terreno*²² com localização do depósito de Souto Escuro/Cantonha (círculo vermelho) em relação à orografia imediata, que forma um anfiteatro natural virado a noroeste (tracejado negro).

É curioso notar significativas semelhanças, ao nível do posicionamento espacial, entre este conjunto e os depósitos áureos de Tomadia da Mata e de Passagens/Arnozela, o que vincula estes depósitos com lugares dominantes sobre bacias de receção, relativamente escondidos e abrigados, relacionados com as águas e os montes onde se inserem.

Considerando exata a descrição dos objetos que compunham o depósito de Souto Escuro/Cantonha, com artefactos de várias cronologias, aparentemente do Bronze Inicial e do Bronze Final, há que tentar buscar uma explicação para tal ocorrência. Poderia tratar-se de um depósito aberto, resultado de um processo cumulativo, com vários momentos sucessivos de deposição, durante vasta diacronia, ou, por outro lado, resultado de uma acumulação de artefactos antigos e recuperados no Bronze Final que se amortizaram juntos em determinado momento? A segunda hipótese parece ser mais consistente, coadunando-se com o facto de este depósito ter aparecido dentro de uma vasilha de barro, à semelhança do que ocorreu no de Baleizão (Beja), embora neste caso fosse bimetálico (Vilaça & Lopes 2005).

²² Acedido a 28 de Junho de 2014 pelas 09 h 56 m em <https://www.google.pt/maps/place/Fund%C3%B5es,+4820/@41.3840592,-8.1284607,15z/data=!3m1!4b1!4m2!3m1!1s0xd24c1fcaa68af85:0x4384255cdc636926>.

É curioso verificar que, também, o depósito da Tomadia da Mata apresenta objetos que se podem considerar de cronologia distinta, desde a possível espiral, provavelmente do Bronze Inicial, ao bracelete que indicia enquadrável no Bronze Médio, além do tubo cilíndrico oco de cronologia desconhecida. Nesta perspetiva, talvez o depósito de Passagens/Arnozela, com vários tipos de braceletes, também pudesse ter uma cronologia algo dilatada. No entanto, no caso destes dois depósitos, os relatos da sua descoberta são pouco elucidativos quando à disposição dos objetos, pelo que não sabemos se corresponderiam a depósitos abertos efetuados em lugares simbolicamente ativos na longa diacronia e onde poderiam ter ocorrido “*deposições fundacionais*” e “*deposições reiterativas*”, na senda de Vilaça (2007).

De um modo geral, os dados disponíveis sobre os micro contextos de achado dos depósitos estudados têm como denominador comum a sua estreita relação com a penedia, a água (rios, ribeiros, linhas de água e nascentes) e o subsolo, talvez indiciando cultos aos penedos, às águas e à terra, tal como já tinha notado e defendido Bettencourt (1999) para a bacia do Cávado.

De notar, aqui, a importância da Etnografia local. O antropólogo Álvaro Campelo sublinha o carácter mágico adquirido e constantemente fomentado pelo homem em relação a massas rochosas e às águas, um pouco por todo o Noroeste de Portugal²³, situação que ainda hoje pode ser observada através de vários exemplos etnográficos onde se inclui a prevalência de inúmeras lendas, histórias e mitos indexados a tais elementos.

Desta forma, e conforme defendeu Bettencourt (1999), seria a deposição de objetos metálicos em afloramentos uma nova forma de interação das comunidades com o meio, substituindo o papel da gravação da arte rupestre atlântica, de origem mais antiga²⁴. É uma hipótese sugestiva, ainda que indevidamente explorada. No entanto, cabe aqui questionar se poderiam estes depósitos celebrar as propriedades atribuídas ao interior profundo e desconhecido dos afloramentos e conectá-los com as águas que deles brota frequentemente?

Poderia a relação de proximidade entre a água e as nascentes (frequentemente associadas à fertilidade, à regeneração, a poderes curativos e à purificação) e muitos depósitos relacionar estas práticas com formas de celebração da vida e do seu restauro/renascimento/regeneração? Note-se que muitos dos depósitos perpetrados junto da

²³ Conforme apresentação de comunicação intitulada “*O penedo e a água: uma geografia mágica a partir do interior do mundo*”, apresentada no 3º Congresso Internacional ENARDAS – *Living places, experienced places. The Northwestern Iberia in Prehistory* (Braga, 2 de Maio de 2014).

²⁴ De notar que os lugares com arte atlântica, com raras exceções, excluem-se dos contextos onde ocorrem dados da Idade do Bronze.

água e de nascentes incluem machados, objetos que Vilaça (2007: 85) considera como “*depósitos de produção*” ou de “*depósitos de vida*”, hipótese que considerámos nalguns casos.

Exemplos de amortizações de machados nas imediações de nascentes encontram-se no depósito complexo da Quinta da Fonte Velha/Viatodos, no depósito singular da Quinta da Tulha e, também, no(s) depósito(s) da área da fonte de Santa Catarina. Obrigatoriamente, sobre este último caso mantém-se a dúvida: integraria a totalidade dos objetos um mesmo depósito ou, pelo contrário, vários? O conceito de “*depósito aberto*” (Vilaça 2007: 35 e segs.), relativo a conjuntos sujeitos a adições ou subtrações, poderá ser um bom ponto de partida para tentar explicar os achados ocorridos nas imediações deste local. Contudo, confirmar a natureza “aberta” deste depósito torna-se impossível, graças às condições de recolha dos materiais e à breve notícia sobre o seu achado. Outra hipótese a ter em conta é o deste depósito poder corresponder a mais do que um depósito numa mesma área, recorrentemente revisitada e alvo de sucessivas deposições – um eventual “campo de depósitos”. De qualquer forma, as diferentes tipologias de objetos presentes mas, principalmente, a diacronia que representam, deixariam pressupor elevada atividade deposicional naquela área específica. A sua proximidade a uma fonte (hoje santificada), brotando entre grandes blocos e domos graníticos, num monte de grandeza granítica ímpar, com um impacto visual impressionante e que dificilmente passaria despercebido de grande distância, tornam esta área de grande singularidade.

Quanto aos contentores dos depósitos, conforme bem refere Vilaça (2007: 63), “*O cuidado e intenção postos na deposição traduzem-se na existência de um contentor, natural ou artificial, perene ou perecível, muito ou pouco elaborado*”. Aquela autora considera alguns elementos naturais e antrópicos (como fossas, por exemplo) como contentores *per sí*.

Na bacia do Ave sabemos que o depósito áureo de Souto Escuro/Cantonha se encontrava dentro de um recipiente cerâmico (Cardoso 1971), e que teria sido encontrado um vaso em associação com o depósito de machados e de lingotes da Quinta da Fonte Velha/Viatodos (Villas-Bôas 1946), o que permite questionar se não teria sido também depositado no seu interior. Quanto ao depósito da Abelheira/S. Martinho do Bougado, sabe-se que foi amortizado no interior de uma fossa aberta no subsolo e tapado com uma pedra (vide Fig. 5.116), o que se parece assemelhar, em parte, ao depósito de machados de talão do Castelo, Formariz, Paredes de Coura, também encontrado numa cavidade aberta no solo (Cunha 1909). Em termos de fendas naturais há notícia do que o da Quinta da Tulha, de Corvite,

Guimarães, e o da Tomadia da Mata, Grimancelos, Barcelos, teriam sido encontrados nessas condições.

3.2.5. Discussão dos resultados e interpretação à média escala de análise

Ao nível da média escala de análise, os depósitos serão articuladas com seis vetores principais, sendo eles: montes proeminentes; vales; águas; vias naturais de circulação; recursos mineiros e povoamento.

Quanto ao primeiro *item* a área de estudo, principalmente no que respeita ao curso médio e inferior do rio Ave, caracteriza-se pela prevalência de acidentes naturais de maior ou menor dimensão e impacto, alguns dos quais visíveis a partir de distâncias consideráveis, tornando-se verdadeiros montes proeminentes.

Observando a dispersão da totalidade dos depósitos do Bronze Médio e Final, num total de 12 casos, verifica-se que, de um modo geral, estes se localizam nas vertentes ou nas áreas de cumeada de acidentes naturais de grande imponência (Fig. 5.126).

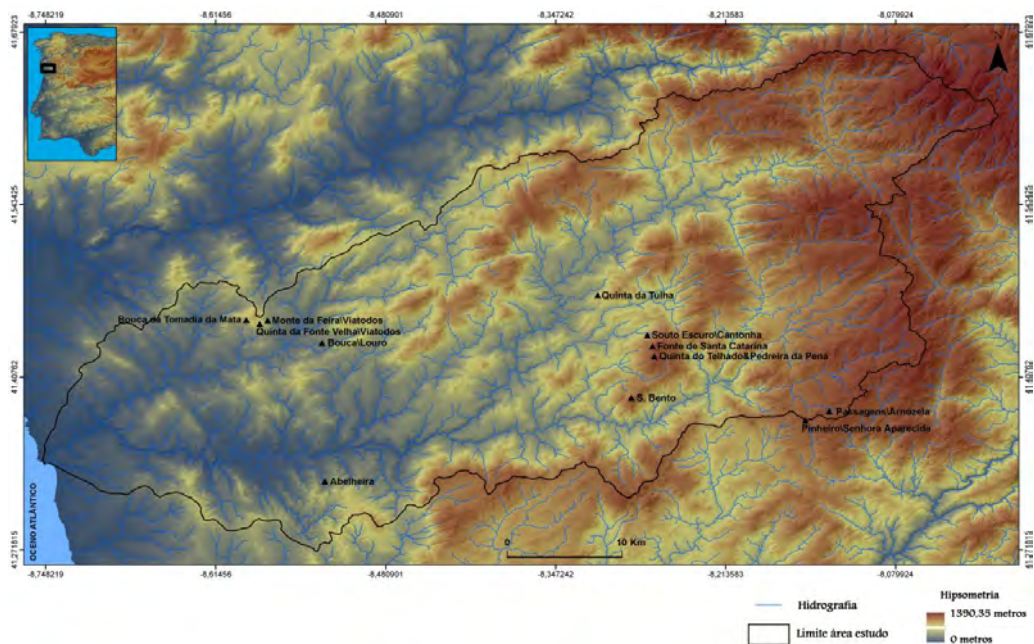


Figura 5.126 – Mapa hipsométrico com localização dos doze depósitos da área de estudo.

Situados sobre diferentes pontos nas vertentes de massas orográficas de grande imponência refiram-se os três depósitos áureos conhecidos [Souto Escuro/Cantonha (vertente noroeste do Monte da Penha), Passagens/Arnozela (vertente norte da serra da Penouta) e

Tomadia da Mata (vertente sudoeste do Monte da Saia)], todos a meio das vertentes; o depósito compósito de machados e lingotes de Viatodos/Quinta da Fonte Velha (vertente Sudeste do Monte da Saia); o depósito de machados monotipológicos de Pinheiro/Senhora Aparecida (vertente sudoeste do Monte de Senhora do Pinheiro); o depósito singular de machado de Quinta da Tulha (vertente poente do Monte de S. Tiago). Também o desaparecido depósito do Monte da Feira/Largo da Jabelhinha, provavelmente de machados de Bujões/Barcelos, foi localizado na vertente nascente do Monte da Saia, segundo os dados de Ferreira (1977: 13).

No grupo de depósitos efetivados nas áreas de cumeada de acidentes impressionantes cabem os depósitos de armas da Quinta do Telhado/Pedreira da Pena (Monte da Penha), de S. Bento (Monte de S. Bento) e os conjuntos de armas e utensílios da área da fonte de Santa Catarina (Monte da Penha) (Fig. 5.127).

Representação de depósitos por localização

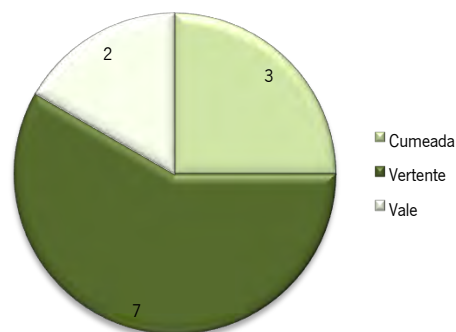


Figura 5.127 – Distribuição dos depósitos por categorias em relação a orografias impressionantes e ao vale.

Cabe, ainda, uma menção àqueles achados metálicos avulsos que, por questões de descontextualização aquando da sua recolha apresentam, logo à partida, grandes limitações. Ainda assim, não poderá ser desvalorizado o facto de, por exemplo, muitos deles denotarem, entre as breves notas que os localizam, vinculações a montes impressionantes na paisagem. Encaixam neste quadro o machado de talão com uma argola de Monte de S. Miguel-o-Anjo; os machados de talão com duas argolas dos Montes de S. Romão e do Sino; o machado de alvado com duas argolas do Monte de S. Miguel o Anjo/Oleiros, ao qual poderia ser ainda acrescentado o machado de alvado recolhido algures no Alto do Livramento ou Monte da Saia.

De um modo geral parece evidente a aproximação de objetos metálicos a acidentes orográficos imponentes na paisagem. Na perspetiva de entendimento de certas características

físicas como animadas (Tilley 1994, 2004; Ingold 2000; Thomas 2001), a vinculação de conjuntos de objetos (depósitos) ou de achados metálicos avulsos a orografias que se destacam no terreno poderá ter que ver com a celebração desses acidentes geomorfológicos enquanto elementos estruturantes da paisagem, talvez vistos como lugares de grande significação coletiva, no quadro de perspectivas animistas do culto dos montes.

Nesta mesma linha de raciocínio é curioso verificar que, em alguns montes onde ocorrem machados metálicos, como no Monte de S. Romão e no Monte de Sabroso, ambos em Guimarães, por exemplo, a materialização da sua importância simbólica em períodos anteriores já haveria sido efetuado, pois em diferentes pontos daquelas orografias há registo de vários painéis com arte rupestre atlântica, cuja cronologia será, para muitos autores (entre outros, Peña Santos & Rey Garcia 2001; Fábregas 2001; Alves 2003; Bettencourt 2009a, 2009b, 2013a, entre outros), anterior ao Bronze Final. Cenário idêntico verifica-se no Monte da Saia onde, antes mesmo da realização de depósitos durante o Bronze Médio e Final, um afloramento granítico conhecido como Laje dos Sinais/Monte do Olheiro foi gravado com motivos atlânticos.

Quanto à situação em contexto de vales apenas dois depósitos monotipológicos de machados, embora distintos, foram localizados (vide Fig. 5.126). Um deles é o da Abelheira/S. Martinho do Bougado, num pequeno vale entre dois montes que se orienta de sul para norte, facilitando a ligação entre as bacias do Leça e do Ave. O outro é o depósito de Bouça/Louro, na margem do rio Este, situando-se num corredor natural de circulação ligando as terras montanhosas e a bacia do baixo Ave.

Parece clara a relação de alguns depósitos com a água, sejam linhas de água sazonais, nascentes, ribeiros, ribeiras ou rios.

Quanto às nascentes, os melhores exemplos são o depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos, um depósito complexo, e o da Quinta da Tulha, um depósito singular de um machado de talão com uma argola, ambos recuperados nas imediações de uma nascente. Este último achado relembra os (pelo menos) dois machados de talão, também com uma argola, encontrados na área da fonte de Santa Catarina (vide Fig. 5.115).

Nesta contexto ainda é de valorizar a localização dos três depósitos áureos conhecidos, pois partilham o posicionamento em vertentes de montes proeminentes, mais especificamente enquadrando-se em bacias de receção, isto é, em zonas do terreno rodeadas e abrigadas por altitudes maiores e às quais convergem as águas de pontos mais altos (bacias de receção), num tipo de morfologia do terreno que forma “anfiteatros naturais”. Cabe pois perguntar se poderá

esta característica relacionar-se com o culto das águas ou da cabeceira ou nascimento dos cursos de água?

Para além destes casos há que valorizar os aqui considerados “depósitos de margem”, como o de Bouça/Louro e o da Abelheira/S. Martinho do Bougado, ambos em contexto de vale e muito próximos de linhas de água (vide Fig. 5.126).

Todo o Noroeste português é rico em recursos hídricos, sob a forma de diversos rios, de maior ou menor dinâmica, alimentados por vários subsidiários que recortam a orografia igualmente característica desta área de Portugal. A disposição dos principais eixos fluviais, intimamente ligada aos fenómenos geológicos que estão na génese da geomorfologia do terreno, faz com que os principais rios corram, maioritariamente, no sentido nordeste-sudoeste. Enquanto vias naturais de circulação/trânsito, estes vales facilitaram tanto o contato entre o litoral e o interior continental como entre o norte e o sul continental (e vice-versa), neste último caso através das zonas de portela que ligam, de forma natural, as bacias de diferentes rios.

Atendendo a esta realidade e à localização dos depósitos de Quinta do Telhado/Pedreira da Pena, do Monte de S. Bento e da área da fonte de Santa Catarina, situados no topo de acidentes de grande imponência na paisagem, verifica-se o fácil acesso aos vales imediatos, respetivamente, dos rios Vizela e Selho. Na verdade, todos os restantes depósitos estariam facilmente integrados na via natural de circulação da bacia do Ave.

Também os depósitos localizados nas vertentes de acidentes naturais mais ou menos impressionantes demonstram estar encaixados em grandes vias naturais de trânsito, conforme se verifica no vale do rio Selho (Souto Escuro/Cantonha), no vale do rio Este (Quinta da Fonte Velha/Viatodos e Monte da Feira/Viatodos), no vale do rio Ave (Tulha e Abelheira/S. Martinho do Bougado) ou em pontos estratégicos de passagem entre diferentes bacias hidrográficas (Pinheiro/Senhora Aparecida), como são os vales dos rios Ave e Tâmega. Este último exemplo encontra-se, ainda, muito próximo do rio Bugio, afluente pela margem esquerda do rio Ferro que une, em Jogueiros (Felgueiras), ao rio Vizela.

Uma última nota sobre a relação entre a rede hidrográfica e os achados avulsos cujas localizações são mal conhecidas. Através da análise da sua disposição espacial genérica, verifica-se uma clara vinculação com as redes naturais de circulação consubstanciada pelos vales dos rios Ave e seus principais afluentes, em especial os rios Este e Selho.

A proximidade absoluta de determinados depósitos em relação a jazidas de recursos metálicos primários encontra-se expressa de melhor forma em certos depósitos do que noutros.

De todos os casos é o depósito de Pinheiro/Senhora Aparecida o melhor posicionado, isto é, o mais próximo, em concreto, das jazidas primárias de Penouta/Seixoso. Ainda assim, e tendo em conta os cursos fluviais de diferente dinâmica, de um modo geral os lugares de depósito encontram-se facilmente conectados com jazidas primárias de recursos metálicos, sendo, talvez, o caso de menor proximidade, o da Quinta da Tulha. Essa proximidade em relação a recursos mineiros, ainda que periférica, parece bem patente na Figura 5.128.

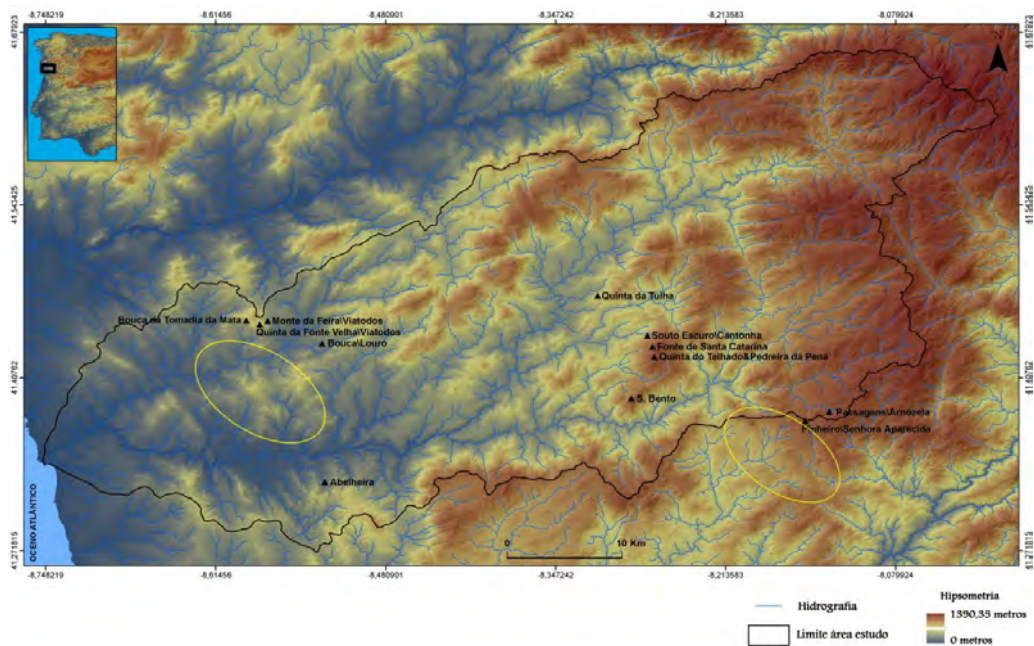


Figura 5.128 – Mapa hipsométrico com distribuição dos depósitos em relação aos recursos metálicos (círculo amarelos) na bacia do Ave.

Não deve ser esquecida a captação de minérios em jazidas secundárias, prática que se crê ter sido recorrentemente desempenhada pelas populações da Idade do Bronze. Cassiterite de aluvião estaria, igualmente, acessível nos principais cursos fluviais da área estudada, como são os rios Este, Vizela, Ferro ou Selho, principais afluentes do rio Ave. Esta rede, alimentada por um sistema intrincado de rios menores, ribeiros, ribeiras e linhas de água sazonais, abastecia-se através dos “cortes” e “lavagem” dos veios primários de recursos metálicos. Percebe-se, assim, independentemente da situação dos diferentes depósitos, mais ou menos próximos a jazidas primárias ou não, que a bacia de rio Ave foi outrora rica em minérios de aluvião, cuja coleta poderia ocorrer ao longo de todo o vale. Atendendo à localização dos principais veios primários, haveria com certeza áreas mais propícias a tais atividades, tais como a zona entre Cavalões (Vila

Nova de Famalicão) e Gondifelos (Barcelos) ou de Jugueiros (Felgueiras), onde ocorre a convergência de três grandes cursos fluviais (Rios Vizela, Ferro e Bugio).

De igual forma, certos achados metálicos avulsos denunciam proximidade a estas áreas de mineração. Cabem neste conjunto os machados de alvado do Alto do Livramento (Barcelos) e do Monte de S. Miguel-o-Anjo/Oleiros (Guimarães) e os machados de talão de Nine, dos Montes do Facho e de S. Miguel-o-Anjo (Vila Nova de Famalicão) e de Chão de Presa (Santo Tirso), imediatos às jazidas de Vilarinho das Cambas/Pedras Negras.

Articulando as informações relativas aos depósitos com os indícios de povoamento datáveis do Bronze Final, parece notório o afastamento daqueles em relação a estes (Fig. 5.129). Na verdade, mesmo o depósito de Pinheiro/Senhora Aparecida, interpretado como “*depósito periférico*” (Vilaça 2007: 63; Bottaini 2012) pela sua extrema proximidade ao suposto povoado de Senhora Aparecida, não pode ser considerado como tal, sem algumas reservas, pelo facto de os achados cerâmicos da Idade do Bronze serem bastante revolidos e carecerem da devida identificação cronológica. A vinculação do depósito da Quinta da Fonte Velha/Viatodos a um eventual povoado no alto do Monte da Saia também necessita ser confirmação, pois não se conhecem quaisquer dados nesse sentido, como já referimos no ponto anterior²⁵ e em Sampaio (2011). Como tal, na nossa opinião, também este não deveria ser considerado de periférico conforme proposto por Vilaça (2007) e Bottaini (2012). Na verdade, os depósitos mais próximos de áreas residenciais encontram-se a cerca de 5 km e 7 km, tratando-se, respetivamente, do depósito de Bouça/Louro em relação ao povoado de Monte do Facho, Calendário (Vila Nova de Famalicão) e do depósito da Quinta da Fonte Velha/ Viatodos, Viatodos (Barcelos) em relação ao povoado de Penices (Vila Nova de Famalicão).

Refira-se, ainda, que mesmo considerando os achados avulsos, apesar da sua ambígua localização, o afastamento continua presente.

A par disto, a escassa representatividade de materiais metálicos no seio de povoados durante o Bronze Final e a sua presença em contextos distintos parece indiciar a sua manipulação e amortização em contextos específicos. Tal escassez não espelha a elevada produção metalúrgica corroborada pela significativa quantidade de depósitos e de achados metálicos conhecidos um pouco por toda a bacia do rio Ave. Esta última constatação é importante, na medida em que permite interpretar a paisagem da Idade do Bronze como constituída por uma rede de lugares distintos, detentores de diferentes significados e

²⁵ 3.2.4. Discussão e interpretação dos resultados à micro escala de análise.

interconectados entre si, que as populações vivenciam, experienciam, materializam e celebram ao longo do seu tempo de vida.

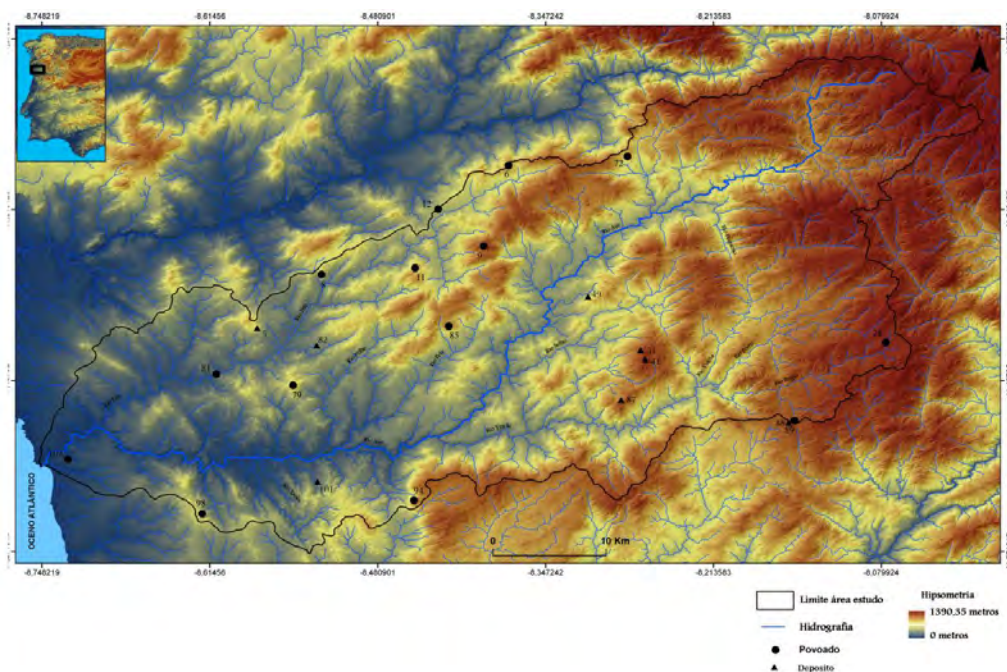


Figura 5.129 – Mapa hipsométrico com distribuição dos depósitos e povoados do Bronze Final na bacia do Ave. Depósitos: 5. Quinta da Fonte Velha/Viatodos (Barcelos); 41. Quinta do Telhado/Pedreira da Pena (Guimarães); 49. Quinta da Tulha (Guimarães); 51. Fonte de Santa Catarina (Guimarães); 82. Bouça/Louro (Vila Nova de Famalicão); 87. S. Bento (Vizela); 89. Pinheiro/Senhora Aparecida (Felgueiras); 101. Abelheira/S. Martinho do Bougado (Trofa); Povoados: 6. Vasconcelos (Braga); 8. Pego (Braga); 9. Santa Marta da Falperra (Braga); 11. Quinta das Rosas (Braga); 12. Alto da Cividade (Braga); 28. Tapada da Venda (Celorico de Basto); 72. Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso); 79. Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão); 85. Vermoim (Vila Nova de Famalicão); 89. Senhora Aparecida (Felgueiras); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 98. Alvarelos (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde).

3.2.6. O papel social das amortizações metálicas na longa duração

Já havia sido defendido, no ponto anterior, que certos acidentes orográficos parecem ter sido escolhidos intencionalmente para aí serem efetuadas deposições metálicas, podendo corresponder, na lógica do animismo e segundo Bruck & Goodman (2001), a lugares significantes, simultaneamente fonte de metáfora para as relações sociais e manifestações físicas de cosmologias. Se, na maioria dos casos conhecidos, apenas foi encontrado um depósito ou um achado avulso, casos há que parecem ter sido usados na longa diacronia, conservando uma “*historicidade intrínseca*” (Campelo 2009:196). Dois destes lugares são o Monte da Penha (Guimarães) e o Monte da Saia (Barcelos), que partilham o facto de evidenciarem, sob a forma dos mais diversas ações, atividade humana durante largos períodos de tempo. Essas ações materializam-se por arquiteturas e práticas funerárias, gravuras

rupestres, objetos cerâmicos e líticos e deposições de objetos metálicos assumidamente intencionais.

O Monte da Penha²⁶ corresponde a uma elevação com cerca de 600 metros de altitude, com a forma tendencialmente losângica, cujo maior eixo se desenvolve sensivelmente no sentido nor-nordeste/su-sudoeste. O monte é acentuadamente recortado pelos quatro quadrantes por cursos de água de dinâmica diferenciada, entre os quais se destacam os rios Vizela, a sul, e Selho, a poente. Como tal, situa-se corredor de passagem natural, à qual convergem variadas linhas de água (Fig. 5.130).

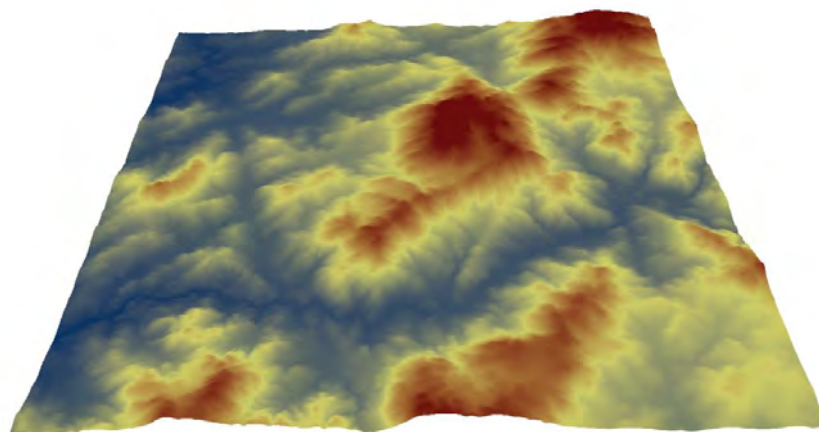


Figura 5.130 – Mapa hipsométrico com modelado 3D onde se observa com facilidade o aspeto recortado do Monte da Penha, Guimarães (imagem a partir de sul).

A sua forma recortada e elevação significativa destacam-no da demais paisagem, podendo ser observado de vários pontos a quilómetros de distância. De igual forma, a partir do seu alto é possível vislumbrar a envolvente em todos os quadrantes, atingindo o alcance visual, em dias de céu limpo, o Oceano Atlântico (Fig. 5.131). A este respeito refere Guimarães (1928: 3): *“pode dizer-se que se observam daqui, a olho nu, Fafe, Felgueiras, Guimarães (no desenvolvimento de todo o seu concelho), Santo Tirso, Famalicão, e ao fim da tarde, segundo os observadores mais aturados da estância, o casario em massa, reluzente de vidraçaria ao sol, do*

²⁶ A unidade geomorfológica aqui considerada como Monte da Penha inclui elevações adjacentes que ligam à orografia principal com aquela denominação: o alto da Penha (freguesia de Costa) e o alto da Coutado do Pinheiro (freguesia de Infantas) e o Monte da Lapinha (cuja cumeada serve a divisão das freguesias de Infantas, Calvos e Aباção), extensões da orografia que se prolongam para Este; o Monte de Venda da Serra (freguesia de Serzedo), estendendo-se para Sudoeste; e o conjunto formado por S. Simão, Pedreira, o Monte das Presinhas e S. Bento (freguesia de Caldas de Vizela, concelho de Vizela), que se prolonga para Sul (Fig. X). São plataformas com altitudes variáveis mas mais baixas que o marco trigonométrico do alto da Penha, com 613 metros, que atingem os 515 e 505, os 369 e os 462, 477, 409 e 473 metros. Agradece-se à Professora Doutora M. Isabel Caetano Alves, do Departamento de Ciências da Terra da Universidade do Minho, a sua decisiva ajuda neste campo.

bairro de Campanhã, no Porto, a que incidentalmente se segue no horizonte, para o norte, certa écharpe escumilhada da água do mar lucilando ao vento e à luz!...”.



Figura 5.131 – Vista para sudoeste a partir da área ponte do alto da Penha.



Figura 5.132 – Aparência de uma das grandes fendas formadas a partir da meteorização do granito.

Além disso, e conforme deixa perceber a sua designação (penha é vulgar denominação para zona rochosa), por todo o monte prolifera a geologia ímpar que é, também ela, imponente à distância. Na base desta particularidade residem processos erosivos de meteorização que contribuíram para a formação de colinas e de outras formas menores do tipo domo, blocos e

bolas de grande dimensão que, frequentemente agrupados, recriam diversos abrigos naturais e fendas (Fig. 5.132).

Como bom exemplo etnográfico, as populações trataram de disseminar, por diversos pontos do monte, lendas e credices que, amiúde, se reportam aos poderes especiais dos afloramentos. São exemplo o *penedo do tambor*, o *penedo que abana*, o *penedo do escrivão* ou o *penedo da mitra*. A verdade é que a subsistência da sua singularidade culminou, já em época mais recente, na sua sacralização, sendo ponto de convergência de fiéis e um marco religioso, não só para as populações locais como, também, para além-fronteiras²⁷ (Fig. 5.133). A reforçar o carácter religioso deste local refira-se, ainda, a sacralização de uma nascente de água com uma imagem de Nossa Senhora, designada de fonte de Santa Catarina.



Figura 5.133 – Procissão ao alto da Penha em 1894 (fonte: Comissão Fabriqueira de Nossa Senhora da Penha de França).

Uma última nota para referir que embora esta unidade geomorfológica seja encimada por pequenas plataformas, que conferem alguma regularidade ao topo montanhoso, deve ser ressalvado que tal resulta de alterações recentes de origem antrópica, já que todo o monte tem vindo a ser, desde inícios do século passado, alvo de consecutivas intervenções (Fig. 5.134).

Em termos arqueológicos, este monte reúne a maior quantidade de dados. Infelizmente, devido à intensa atividade construtiva ali vigente, iniciada a partir do início do século XX para adaptação do topo do monte a santuário religioso e estruturas afins, a grande maioria vê-se privada dos seus contextos de achado, que em muitos casos são mesmo omissos.

O conjunto de materialidades recolhidas em diferentes pontos deste monte denuncia a sua frequência entre o Neolítico até, pelo menos, o Bronze Final ou a Idade do Ferro. De um modo geral, apesar das condições de achado, fontes bibliográficas e os estados de preservação

²⁷ Em 2012 tivemos a preocupação de assistir à procissão anual que ali tem lugar, durante o mês de agosto, pelo que foi possível perceber que, entre curiosos, veraneantes e crentes, se encontravam muitos galegos.

dos materiais, estes indiciam a proveniência de contextos primários, derivados de atos intencionais que culminaram na deposição de objetos de pedra, de cerâmica e de metal (Sampaio *et al.* 2009; Sampaio 2011) que tentaremos interpretar.



Figura 5.134 – Aspeto do alto do Monte da Penha por altura da construção do monumento em honra a Pio IX (fonte: Comissão Fabriqueira de Nossa Senhora da Penha de França).

Na longa diacronia, no Neolítico, segundo a menção do Abade Tagilde²⁸, deverá incluir-se “*um dolmen, a que aqui chamam vulgarmente a Furna da Moura*”, assim como os monumentos megalíticos de Matamá (Sarmiento 1888a, Guimarães 1900) e da Lapinha (Sanches 1981)²⁹.

Ao Calcolítico pertence um dos conjuntos de materiais mais significativos, sendo várias as formas cerâmicas tipo Penha reconstruídas em depósito no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães. Os grandes fragmentos, evidenciando atividade erosiva ausente ou muito reduzida, e a possibilidade de reconstrução quase integral de muitas formas, apontam para a sua recolha de contextos primários, entendidos no quadro de amortizações intencionais, talvez funerárias ou deposicionais. São formas tendencialmente globulares, abertas e profusamente decoradas com composições metopadas. A este período pertencerão, também, dois fragmentos cerâmicos, um de um vaso oculado e outro de um campaniforme, além de um braçal de arqueiro, objetos de grande valor social usualmente conectados com ambientes de exceção (Bettencourt 2009), o último dos quais, talvez mesmo, passível de ser enquadrado no Bronze Inicial e de carácter acentuadamente funerário.

²⁸ Página 40 do livro 2, intitulado *Apontamento para a história do concelho de Guimarães*, obra manuscrita, dividida por freguesias, pertença da Biblioteca de Reservados do M.S.M.S., em Guimarães.

²⁹ A mamoa de Matamá foi descrita como um túmulo megalítico “*de grandes dimensões*” que Sarmiento (1888: 112) situa “*a nascente da capella de Santa Catharina e à beira da estrada que pelas Vendas da Serra leva a Pombeiro*”. Segundo Guimarães (1900: 150), que vagamente dá a conhecer resultados da sua exploração, “*Não é uma simples orla de pedras que a limita na base (...) mas é circundada por uma parede de 0m,80 d'espessura*”. Restam as dúvidas se este monumento não corresponderia ao também denominado monumento megalítico da Lapinha, cuja localização se enquadra na mesma área. No entanto, as diferentes denominações e a distância ainda considerável entre Matamá e a Lapinha levam a ponderar serem dois monumentos distintos.

À Idade do Bronze Inicial ou Bronze Médio será o vaso cerâmico reutilizado no monumento megalítico da Lapinha (Sanches 1981), assim como vários recipientes cerâmicos inteiros ou quase inteiros recolhidos algures no Monte da Penha. Entre estes, destaque para um pote da forma 5 da tabela formal de Bettencourt (1999) provido de asas, similar a um encontrado na necrópole dos Granjinhos, Braga, local datado no âmbito deste trabalho, do Bronze Médio; dois pucarinhos e um vaso de feição subcilíndrica, cuja presença em contextos funerários é igualmente incontestável; e um vaso da forma 13 da tabela formal de Bettencourt (1999) que, apesar de se designar de bordo horizontal, apresenta um bordo em aba soerguida, podendo, no entanto, considerar-se desta família de recipientes. Os seus paralelos são conhecidos na fachada ocidental, desde o sul da Galiza até ao sul da bacia do Douro, sendo quase sistematicamente oriundos de contextos funerários. A presença desta forma cerâmica tem vindo a ser enquadrada por datas radiométricas, segundo Bettencourt (2009, 2010b, 2010c, 2011a), entre o Bronze Médio e o Final, embora neste trabalho tenha sido possível recuar essas datas para os finais do Bronze Inicial.

Este tipo de vasos, habituais em contextos funerários, permitem hipotetizar o papel funerário desempenhado pelo Monte da Penha, já equacionado por Cardoso (1971: 258). Segundo esse autor “*quase todo o espólio da Penha ter(à) sido encontrado no interior de grutas naturais ou abrigos formados pelos aglomerados de rochedos*”, o que o leva a ponderar que “*seriam talvez os lugares escolhidos para a habitação de vivos ou para repouso dos mortos*”. Se tal hipótese, na altura, não tinha paralelos, hoje sabe-se que existiram contextos funerários em gruta durante a Idade do Bronze no Noroeste, como é o caso da gruta de Valdevara 2, Becerreá, Lugo (Vaquero Rodríguez *et al.* 2009), datada do 2º quartel do II milénio AC, ou da gruta de Cova do Santo Ourense (López-Costas *et al.* 2014), onde foi ocorreram enterramentos em cavidades exteriores datadas radiometria de meados do II milénio AC.

Contudo, a interpretação do Monte da Penha apenas como um lugar construído para os mortos seria redutora, dado que ali surgem outras materializações que denunciam diferentes práticas, no quadro de uma frequência cíclica.

Os resultados de sondagens arqueológicas (Bettencourt *et al.* 2003a, 2003b) não são consonantes como uma ocupação intensiva de tipo residencial. Estas localizaram-se em diferentes pontos, respetivamente, a noroeste e a sul do marco trigonométrico que existe no topo do monte. Naquela primeira sondagem, datada do Calcolítico regional, entre os séculos XXVIII e XXVI, implementada para os lados do Santuário, identificou-se o resto de um pavimento argiloso

adossado a um afloramento granítico, e a quase total ausência de artefactos, tendo-se interpretado o local como relacionado com atividades de ar livre ocorridas nas imediações dos abrigos (Bettencourt *et al.* 2003a). A sondagem a sul, realizada nas imediações da capela de Santa Catarina, registou um lajeado coberto por arena granítica compactada, radiometricamente datado de entre os séculos XI e IX AC, isto é, do Bronze Final regional, sendo que os escassos fragmentos cerâmicos não são compatíveis com atividades quotidianas desenvolvidas em área residencial, as quais deixariam mais desperdícios. De ter em consideração que a área onde estes achados ocorreram correspondia a uma pequeníssima plataforma rodeada por grandes afloramentos de granito, o que também não se coaduna com a área necessária para o estabelecimento de um povoado, podendo interpretação similar ser estendida à ocupação calcolítica.

Assim, a variedade de objetos ali recolhidos, principalmente no que respeita a materiais metálicos, terá que ser compreendida à luz de novas interpretações. Entre eles figuram diferentes tipos de objetos metálicos formando distintas categorias de depósitos, em especial durante o Bronze Final. Os achados metálicos avulsos ali ocorridos, ainda que mal documentados, articulados com o todo, permitem, ainda assim, algumas leituras. Dada a sua raridade e o seu valor social, tal presença não deve ser compreendida como perda fortuita ou simples descarte, senão como parte de processos mais complexos de atividades intencionais.

É o caso, por exemplo, do gume de machado plano, em cobre, do Calcolítico ou do Bronze Inicial e de um cinzel de alvado em bronze, descobertos algures no Monte da Penha. Cinzéis de tipologia semelhantes estão presentes nos depósitos britânicos de Torquay e de Soham (Rowlands 1976), cronologicamente situados entre os séculos XIV e XIII AC (Coombs 1975), embora se aceite que perduraram até ao Bronze Final (Vilaça *et al.* 2011; Bottaini 2012).

Outros objetos metálicos, contudo, têm contextos mais explícitos, como sucede com um machado plano descoberto, conjuntamente, com outros materiais, nas imediações da fonte de Santa Catarina. Entre estes contam-se, pelo vago relato escrito por Pina (1928: 138), machados de talão (dos quais apenas se salvaram dois de uma argola mas que o autor deixa claro serem em maior número); uma ponta de lança de alvado curto e, ainda, “*mais alguns restos de cerâmica, mós e machados de pedra (...), discos de pedra polida e pedacinhos de rouge e ocre*”, cuja cronologia pode ser genericamente situada no Bronze Final. Já foi discutida a hipótese destes objetos integrarem não um mas diferentes depósitos numa área muito circunscrita. A considerar esta última hipótese, ganha força a importância da área imediata à nascente de água

de Santa Catarina, em particular, e do Monte da Penha, em geral, como lugar de memória construído no âmbito de um processo diacrónico de revisitações cíclicas onde, em diferentes momentos, foram perpetradas ações que resultaram na amortização de objetos ou de conjuntos de objetos.

Também ao Bronze Final pertencem os depósitos de duas pontas de lanças de Quinta do Telhado/Pedreira da Pena e o depósito áureo de Souto Escuro/Cantonha, único exemplar de cinco peças originalmente encontradas conjuntamente com uma forma cerâmica. Quanto àquele primeiro contexto refira-se a data de radiocarbono disponível que o situa entre os séculos XIII e IX AC (Cardoso 1968, 1971). Nas imediações destas peças, uma forma carenada foi igualmente recuperada, cuja presença no Noroeste português reforça a data radiométrica obtida. O bracelete, por sua vez, pela conjugação dos diferentes estilos decorativos, pode igualmente ser situado no Bronze Final, embora a descrição dos restantes elementos façam pensar num depósito com peças de cronologia alargada.

Por fim, à Idade do Ferro, além de escassos fragmentos cerâmicos com maior presença micácea, bem como um pequeno vaso inteiro, à guarda do Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, há a notícia do padre António Caldas que dá conhecimento de “*objectos de ferro com feitura de armas*” aparecidas junto do monumento honrando Pio IX (Sarmiento 1888a: 111). Esta notícia, a ser verdade, poderia corresponder a um ou mais depósitos perpetrados entre grandes afloramentos.

O Monte da Saia³⁰ é uma orografia com 301 metros de altitude máxima que, pese embora a sua modéstia, se destaca da envolvente pelas cotas mais baixas dos vales imediatos (Fig. 5.135). É um acidente natural que assume posição privilegiada na paisagem proporcionando, a partir do seu alto, uma boa amplitude visual sobre o território circunvizinho, tanto para o vale do rio Cávado – situado a norte –, como para o vale da ribeira da Macieira – fluindo a oeste – ou para o vale do rio este – implementado a su-sudeste. Esta situação permite-lhe, igualmente, ser visto de grandes distâncias, em particular, a partir do mar. A hidrologia dominante permite-lhe, ainda, uma posição favorável, uma vez que além de integrar a cumeeira

³⁰ Como Monte da Saia considera-se, além do maciço granítico de maior imponentia, que toma a forma próxima a um losango com cerca de 3 km de maior eixo e que se desenvolve no sentido Noroeste-Sudeste, a elevação que arranca acima de Agrela, a Oeste do marco geodésico da Saia, na direção de Chorrente, no sentido nascente-poente, torcendo posteriormente para Sul, em Padrão, rumo a Chavão, em forma de cotovelo, e que atenua o declive em Monte Porreiro e remata em Aldeia de Cima. Inclui-se, ainda, nesta unidade geomorfológica, o Monte da Feira ou Monte de Luvar, plataforma mais baixa que se estende para Este de Souto da Igreja, cuja altitude atinge os 128 metros e aplanar junto da margem direita do rio Este.

que separa as bacias de dois dos principais cursos fluviais da zona (os rios Ave e Cávado), teria fácil acesso aos seus vales espraçados e, a partir daí, ao interior ou à costa.

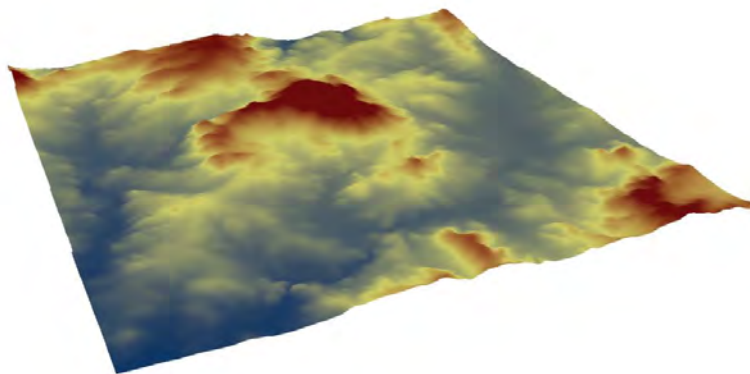


Figura 5.135 – Mapa hipsométrico com modelado 3D onde é possível observar o aspeto recortado do Monte da Saia, Barcelos (imagem a partir de sudoeste).

A extensão ou “braço” formada pelo terreno no quadrante poente da principal massa granítica – onde se situa o marco trigonométrico da Saia – forma uma espécie de anfiteatro natural virado a sul, onde encaixa a povoação de Chavão. Dali, além de abrigado dos ventos dominantes, obtém-se excelente visibilidade para a área bem irrigada de planície por onde correm linhas de água e as ribeiras de Macieira e de Barreiros, cursos tributários do rio Este pela sua margem direita e o qual dista menos de 3 km para aquele quadrante.

Além destas características, e embora o coberto vegetal nem sempre deixe verificar tal situação com clareza, a orografia integra diversas formas graníticas recorrentemente afloradas, cujas bolas e blocos constituem, por vezes agrupados, fendas e abrigos (Fig. 5.136). Tivemos oportunidade de saber, através de inquirições a populares locais nascidos durante as décadas de 1920 e de 1930, que até meados do século XX o Monte da Saia estaria provido apenas de coberto vegetal herbáceo e arbustivo. Tais características conferiam-lhe um aspeto distinto do atual, permitindo que a sua geologia ímpar sobressaísse na sua configuração e o tornasse mais destacado da envolvente.

No seu alto a *fonte da Pegadinha* encontra-se associada a uma lenda³¹, às quais Sarmiento (1895: 195) já havia aludido: “*esta água tem virtudes quasi milagrosas: cura a dôr de*

³¹ Segundo consta da lenda, a depressão pertence à “*pegada da jumenta que levava a Sagrada Família na sua fuga para o Egipto*” (Sarmiento 1933: 139); tal menção é, aliás, já citada nos apontamentos de F.M. Sarmiento, no Caderno n.º 39 do Arquivo de Reservados da Sociedade

*dent*es e nunca produz constipações, mesmo bebida em condições em que qualquer outra as produziria". A meio da vertente nascente, a fonte de Nossa Senhora da Saúde, que se relaciona com o santuário com o mesmo nome, que lhe é imediato, leva os fiéis a acreditarem nas suas qualidades igualmente curativas³². Além daquele santuário o monte teria sido sacralizado com uma capela em época mais antiga, já a necessitar de obras a meados do século XVIII (Fonseca 1948).



Figura 5.136 – Alguns afloramentos do Monte da Saia, Barcelos, recorrentemente presentes em diferentes pontos do monte, surgem sozinhos ou agrupados.

Este monte, por seu turno, reúne menor quantidade de dados. O conjunto de materialidades recolhidas em diferentes pontos denuncia a sua frequência cíclica, no quadro de episódios de revisitação, entre o Neolítico e o Bronze Final e ocupações da Idade do Ferro e da Romanização, embora, nestas últimas fases, a ocupação possa ser enquadrada em conceções mentais do espaço diferentes das fases anteriores.

Ao Neolítico pertencerá o monumento megalítico de Chavão. Atualmente a sua cratera de violação é visível no terreno traseiro da Escola Primária e do Museu Etnográfico de Chavão. Quanto aos objetos metálicos, com base na descrição das suas condições de achado e no seu estado de preservação, percebe-se que provêm de contextos primários, derivados de atos

Martins Sarmento, em Guimarães, na seguinte passagem: "*O forte borbotão* [de água] *forma hoje um regato que passa a dois ou três metros a sul-poente da construção* [Forno dos Mouros]. *Diz* [João Torres], *porém, que a água de tal borbotão ainda passa hoje por milagrosa*"; No que respeita a lenda local, refere ainda F.M. Sarmento (nos escritos que correspondem às suas visitas, durante o ano de 1894, registadas no Caderno n.º 44, página 54, pertença do daquele Arquivo) que "*Na direcção da mina que trazia a água para o monumento* [Forno dos Mouros], *diz ela* [D. Ana] *que devem aparecer pedras curiosas. Muita gente tem ido ali escavar, porque viram de muito longe cair uma luz sempre naquele sítio*". Em entrevista ao presidente da Junta de Freguesia de Chavão Sr. António de Araújo Ferreira, durante uma das muitas visitas de campo, soubemos que antes da actual construção em cimento que consolidou a fonte, "*muitos homens andaram a escavar na área com promessas de encontrar ouro*", facto que terá contribuído para a desconfiguração da zona, nomeadamente, pela movimentação e quebra de afloramentos e de terras; certo é que a "*pegadinha*" já não se encontra disponível, talvez porque o afloramento, entre tanto mau trato, terá sido entretanto removido.

³² Segundo a inquirição de alguns populares fica a sensação de que esta associação se afasta ligeiramente dos propósitos iniciais. De início os populares organizavam-se sob a evocação de Nossa Senhora para cuidar do bem-estar corporal, daí o Santuário ser o de nossa Senhora da Saúde. Talvez este facto tenha levado, com o incentivo das estórias da *fonte da pegadinha*, a atribuir capacidades curativas a esta fonte.

intencionais de deposição. A par destes, outras materialidades metálicas achadas avulso corroboram a ampla diacronia de frequência cíclica do Monte da Saia.

No Neo-Calcolítico poderá ser enquadrada a gravação e o uso da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro, um afloramento rochoso rasante ao solo que inclui gravações de motivos tipicamente atlânticos. Uma das suas particularidades reside no facto de, já durante a Idade do Ferro, ter ocorrido a sua reutilização, conforme se verifica pela gravação de uma suástica de braços curvos. A frequência e reutilização deste lugar parece ter ocorrido ao longo do tempo, num processo de adição de gravuras que foi recentemente interpretado como metáfora da biografia Monte da Saia (Sampaio & Cardoso 2014).

Em relação aos objetos metálicos, embora para o Bronze Inicial estejam ausentes dados concretos, ao Bronze Médio pertencem diferentes tipos de achados. São eles um machado de tipo *cabrales* (Harbison 1967) e o machado de tipo Bujões/Barcelos dado como de Viatodos, uma das freguesias que fica inteiramente nas vertentes do Monte da Saia. Talvez corresponda ao depósito do Monte da Feira, que fica exatamente nesta freguesia (Ferreira 1977) e que foi descoberto nos inícios do século passado, quando se procedeu ao melhoramento do campo da feira no Largo da Isabelinha. Infelizmente, o autor que dá a notícia não viu os machados e não os descreve³³. Mais certo é, contudo, o depósito áureo de Tomadia da Mata, que incluiria um bracelete, uma espiral e um pedaço de tubo, dos quais apenas restou o primeiro objeto, que poderá ser enquadrado no Bronze Médio. Não se exclui, contudo, a possibilidade deste depósito poder ter sido um “*depósito aberto*”, integrando objetos de diferentes cronologias, como parece ser o caso da espiral, hipoteticamente mais antiga. Já ao Bronze Final corresponde o depósito de machados de talão e de lingotes de Quinta da Fonte Velha/Viatodos, recolhido entre a penedia e muito próximo a uma nascente. Quanto ao machado de alvado, hipoteticamente recolhido algures no Alto do Livramento (Bettencourt 1999), ainda se tenta apurar se não se trata de uma confusão. Finalmente, a hipótese de existência de um povoado no local, remontando ao Bronze Final, defendida por alguns autores (entre outros, Sarmiento 1878; Ferraz 1907; Cardoso 1951; Fonseca 1948; Villas-Bôas 1948b; Kalb 1980b; Monteagudo 1977; Coffyn 1985; Silva 1986; Martins 1990; Dinis 1993; Almeida 1997; Bettencourt 1999; Silva & Maciel 2004; Vilaça 2007; Oliveira 2010; Bottaini 2012), não encontra fundamento em dados arqueológicos, pois tal opinião foi construída com base nos achados metálicos do monte e não em achados de superfície ou de sondagens registando ocupações da Idade do Bronze. Durante as prospeções

³³ Tivemos a oportunidade de falar pessoalmente com o professor José Ferreira mas não conseguimos apurar muito mais do que o local e as condições de achado, o que mostra bem que se trata de um depósito distinto do da Quinta da Fonte Velha.

realizadas pelo signatário apenas se observa, na coroa do monte, trechos de muralha cujas fundações deverão remontar à Idade do Ferro, a par de inúmeros fragmentos cerâmicos micáceos que abundam à superfície, entre outros da romanização. Tal não deverá ser argumento suficiente para estender a ocupação do local para fase(s) anterior(es).

No conjunto, a presença de diferentes materialidades, onde figuram distintos conjuntos de objetos metálicos, parece traduzir celebrações em distintas áreas do Monte da Penha e do Monte da Saia. Enquanto “lugares” num sentido mais amplo, ambas as orografias terão desempenhado um papel importante na memória social, através da convergência de populações que, por diferentes ações cíclicas de grande importância coletiva, materializadas pela presença de diversos tipos de contextos e de deposições, incorporaram o passado e construíram o presente. Tal como afirma Thomas (2001:174), estes lugares “*represent systems of reference, in which each human action that is performed is intelligible in the context of other past and future acts*”. A materialização da importância simbólica do Monte da Saia ter-se-á iniciado com a construção de monumentos megalíticos e a gravação de uma afloramento granítico, enquanto o Monte da Penha poderá ter sido local privilegiado para a deposição de cadáveres desde o Neolítico ao Bronze Inicial ou Médio, consoante os paralelos obtidos para os diferentes recipientes aí encontrados em boas condições. Posteriormente, os próprios montes terão sido alvo, ao longo do Bronze Médio, mas, em especial, durante o Bronze Final, de novos ritos e cerimónias, quer detendo capacidade de conferir sentido à vida dos que os executaram quer possibilitando uma continuidade com o passado, que muitas vezes é reinventada explicitamente, conforme defende Connerton (1993). Estas cerimónias implicaram a deposição de objetos metálicos, a par de outros indícios que, infelizmente, as poucas informações disponíveis não deixam interpretar. No caso do Monte da Saia é de crer que os depósitos metálicos se iniciaram pelo Bronze Médio, continuando até ao Bronze Final. No Monte da Penha, desde os fins do Bronze Médio, inícios do Bronze Final (como parecem indiciar as datas do Pego para, pelo menos, um molde de machado de talão com uma argola), até ao Bronze Final.

Certamente que os diferentes depósitos corresponderam a significados distintos, com origem em processos sociais vigentes que integravam o dia-a-dia das comunidades da Idade do Bronze, tal como acontece em muitos outros lugares da Europa. Nesse sentido concorda-se inteiramente com Fontijn (2002: 5) quando afirma que “*there were rules, prescribing which object should be deposited in which context*”.

O perdurar de ambos os montes na memória das populações pode ainda hoje observar-se tanto pela associação a cultos religiosos e a fontes santas ou com propriedades curativas, como pelo perdurar de diversas lendas, crenças e mitos, existentes em muitos lugares destes dois montes, que traduzem a sua importância e constituem fonte para a sua biografia enquanto lugares estruturantes e marcantes na paisagem, detentores de significados singulares.

Atendendo aos dados disponíveis há uma tendência para interpretar o Monte da Penha mediante uma materialização mais intensa que o Monte da Saia. Tendo em conta a distribuição do povoamento na bacia do Ave, o Monte da Penha parece ter sido determinante, enquanto polo estruturante (Fig. 5.137). Isto é, à volta do qual o espaço habitado se organizou na lógica de que as populações não localizam os seus povoados apenas por motivos meramente funcionais mas, também, segundo normas que obedeceram à sua visão (particular) do mundo. Assim, considerando todos os dados respeitantes ao povoamento da Idade do bronze – já que o Monte da Penha denuncia uma frequência de ampla diacronia – parece observar-se uma distribuição periférica dos povoados em relação àquela orografia: Monte da Forca, Barqueiros/Vago Mestre, Quinta da Boavista e Monte da Abelheira (todos em Guimarães), de Outeiro Mau (Fafe) e da Senhora Aparecida (Felgueiras). De todos estes, com exceção do Monte da Abelheira e Vilela, é possível obter contato visual com aquela orografia. Há, ainda, locais residenciais que não estando fisicamente perto estariam, talvez, simbolicamente. É o caso de Santa Marta da Falperra (Braga), Vermoim e Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão), Monte Padrão (Santo Tirso) ou Alvarelos (Trofa), de onde é possível avistá-lo.

Quanto ao Monte da Saia, provavelmente com um papel similar, se apenas os povoados do Monte do Facho (Vila Nova de Famalicão), do Monte Padrão (Santo Tirso), de Penices (Trofa) e do Corgo (Vila do Conde) visualizam este lugar, outros há que facilmente lhe teriam acesso pelos corredores naturais de circulação. Tal é o caso dos povoados de Pego, do Frião e de Quinta das Rosas (Braga), servindo-se do vale espraçado do rio Este.

Tendo presente a perspectiva de que as materialidades são produto da agência própria à condição humana no mundo que, promovendo as inter-relações sociais, desencadeiam a ação segundo um número variado de hipotéticas trajetórias traçadas pelas biografias de distintos grupos de agentes (Barret 2001), ambos os montes seriam, assim, elementos estruturantes e decisivos na organização do dia-a-dia das comunidades da Idade do Bronze, ou seja, materialidades onde se promoveria a alteração, a construção e/ou a reconstrução do mundo simbólico e aos quais caberia um papel de destaque nas relações sociais e na orientação das

ações humanas, mediante um infindável número de “caminhos” trilhados pelas biografias dos distintos agentes.

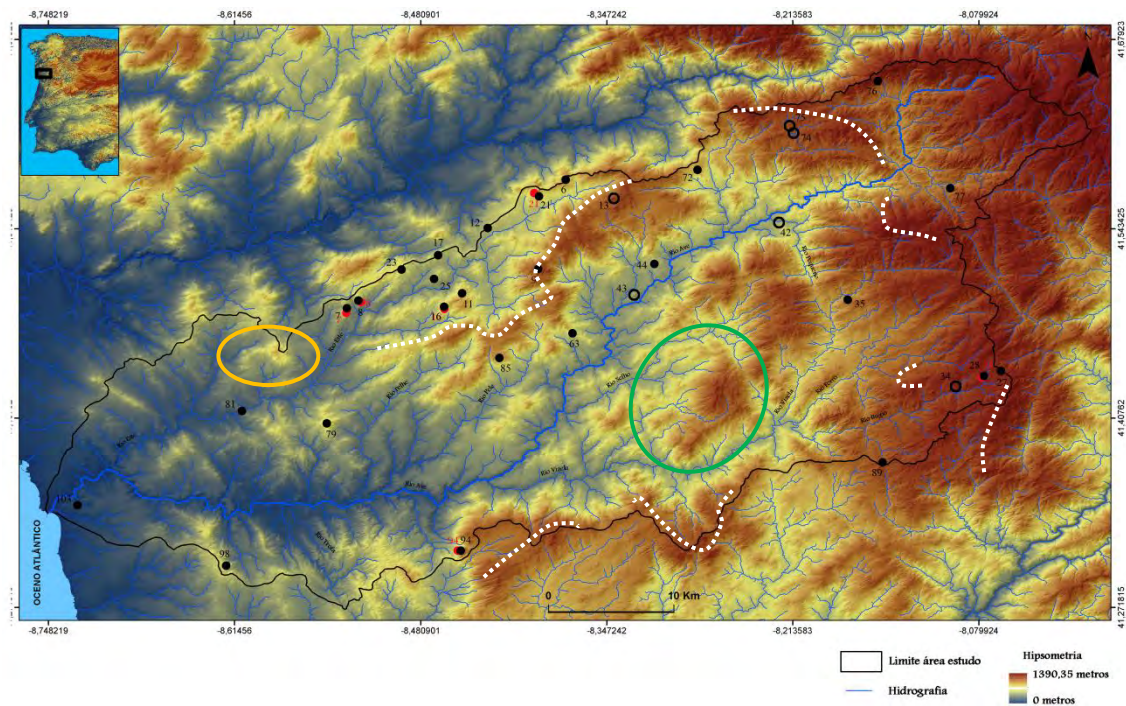


Figura 5.137 – Mapa hipsométrico com povoados do Bronze Médio (círculos vermelhos), do Bronze Final (círculos negros) e da Idade do Bronze (círculos negros não preenchidos) em relação ao Monte da Penha (elipse verde): linha imaginária de alcance de intervisibilidades (tracejado branco).

Tal distribuição parece ir de encontro a uma paisagem que se organiza numa rede de lugares que se interconectam e se complementam e que, desempenhando diferentes papéis, formariam uma teia de inter-relações de foro económico, social e simbólico. Tal como defende Tilley (2004:26), crê-se que o quotidiano durante a Idade do Bronze desenrolar-se-ia entre um emaranhado de lugares que incentivariam relacionamentos de cumplicidade dialética entre corpo, mente, ação, lugar e tempo, o que se denota, particularmente na bacia do Ave, durante o Bronze Final.

4. Considerações finais

O presente trabalho pretendeu contribuir para o aumento do conhecimento relativo às populações da Idade do Bronze do Noroeste de Portugal, mais concretamente da bacia do rio Ave. Tal pressuposto teve por base uma abordagem holística, tentando a articulação dos dados sincrónicos e diacrónicos disponíveis para a área proposta a estudo, concentrando-se especialmente nos seus contextos físicos e culturais mas, acima de tudo, testando-os a novas premissas. Em última análise, era objetivo último perceber e interpretar de que forma as comunidades se organizaram no e interagiram com o meio em que estiveram imersas.

Foi privilegiada a componente contextual da informação disponível, em especial os distintos lugares conhecidos, construídos e frequentados pelas comunidades da Idade do Bronze e que foram catalogados sobre a mais variada tipologia. De vital importância mostrou ser o enquadramento metodológico delineado, o qual submeteu a escrutínio essas diferentes formas de materialização do passado, mesmo que focando a sua análise segundo um trinómio essencial: povoamento, contextos e práticas funerárias e metalurgia e deposições metálicas. Ainda assim, e atendendo à natureza rica e diferenciada dos dados, não foi esquecido o papel aparentemente relevante na estruturação do espaço que coube a certos “lugares naturais”, cujas evidências arqueológicas, a par das suas características particulares, denunciam conceções sociais passíveis de interpretação.

Em relação ao povoamento tentou-se o afastamento a uma abordagem meramente economicista. Ainda assim, e pese embora a inexistência de dados para o Bronze Inicial, certos fenómenos, como as formas de povoamento em altura, raras durante o Bronze Médio e que se disseminam durante o Bronze Final, foram entendidas como materializações físicas e simbólicas, por forma a exercer o domínio sobre o território e os seus recursos, permitindo consolidar e estabelecer fronteiras simbólicas entre diferentes territórios, zonas onde certamente atuaram diferentes influências. Não devem ser esquecidas, neste cenário, as intrincadas rotas de intercâmbio implementadas e conhecidas desde longa data ao longo de toda a bacia do Ave.

Refira-se, também, o facto de alguns destes povoados terem ocupado montes já simbolicamente ativos desde o Neo-Calcolítico, cuja biografia contava já com afloramentos com gravuras rupestres. Até que ponto a presença de “marcas do passado” nas rochas não foram, conjuntamente com outras características, determinantes para a escolha destes locais para residência?

Não pôde ser esquecida, contudo, a multivariada ocupação do espaço. O que poderá estar por detrás dos sinais que espelham a diversidade registada? Não tanto numa perspetiva de hierarquia do povoamento, aparentemente parece plausível considerar o estabelecimento, a conjugação e articulação em rede entre povoados que se distribuíram por diferentes pontos do território, aos quais caberiam papéis distintos, em regime de complementaridade, num cenário de múltiplas práticas diárias e de uma paisagem bem estruturada.

Relativamente aos contextos e práticas funerárias estão ausentes os dados para o Bronze Final. Os dados do Bronze Inicial revelam alguns túmulos de arquiteturas complexas, apensas a áreas de vale que, a par das oferendas de objetos metálicos que incluem, deixam pressupor a existência de cultos a personagens de importância diferenciada. Em contexto de montanha, os monumentos sob *tumuli* de maiores dimensões parecem aproximar-se mais dos períodos anteriores que das fases subsequentes. Aparentemente continua a ser praticada uma morte para ser vista que, em grande medida, poderá conservar a memória dos antepassados. Para o Bronze Médio reconhecem-se, de forma simplista, duas grandes linhas de arquiteturas funerárias. A pergunta é, terão estas diferentes conceções da morte relação direta com os modos de vida quotidianos das populações? Parece-nos que sim. Por um lado, em associação com as áreas de vale, a morte perde visibilidade e, com ela, o cadáver deixa de ser, ao longo do tempo, referência coletiva e territorial. Pelo contrário, nas áreas de montanha verifica-se que a morte continua a ser visível, construída para marcar o terreno, entendida, talvez, no quadro de processos de memória e de culto dos ancestrais. Mas como explicar tais conceções? Dispensariam os novos territórios de vale ocupados durante o Bronze Inicial e validados com os enterramentos e construção de lugares de celebração e de comemoração aos ancestrais sepultados, agora, uma necessária continuidade dos processos de legitimação simbólica da sua apropriação?

A variedade de tratamentos do cadáver deixa perceber que houve a coexistência entre práticas de inumação e de cremação, em alguns casos atestada em pontos muito próximos (como Vale de Chão 1 e Granjinhos/quarteirão dos CTT, em Braga). Se é certo pensar que diferentes formas de tratamento do defunto corresponderiam, igualmente, a distintas maneiras de encarar a inevitabilidade da morte, não é menos verdade que se torna, pelo menos por ora, difícil entender as razões na sua base. De qualquer modo, parece viável questionar quem seria, então, cremado e inumado? Porque razão tal distinção se encontra materializada? Talvez mais do que a hipotética diferenciação cultural, hierárquica ou de género, as formas diferenciadas de

agir perante a morte resultariam (de resto, como ainda hoje resultam), igualmente, de questões de foro ideológico, simbólico e espiritual. Não querendo com isto plasmar uma forma moderna de encarar o fenómeno, a ideia de viagem, de passagem para um outro estádio, o medo do desconhecido, no conjunto, teriam sido determinantes para que a morte fosse encarada não como um fim mas, talvez, como o início de algo novo.

Não será, pois, descabido pensar em aparentes relações entre as materializações da morte e algumas características “naturais”. Atendendo a que, invariavelmente, os lugares construídos para a concretização de práticas funerárias ocuparam zonas de passagem liminares, ora entre o vale e o topo montanhoso, ora nas linhas de cumeada, zona de contacto entre o céu e a terra, não poderia corresponder este posicionamento uma metaforização do percurso da vida para a morte? O facto de algumas estruturas, como sepulturas planas, alinharem os seus maiores eixos com o fluir de ribeiras ou rios próximos, não poderá, de igual forma, corporizar a passagem para uma outra situação, recorrendo ao fluir das águas, que “transportam a vida”? O alinhamento de estruturas segundo as orientações cardeais ou a sua distribuição espacial tendo em conta os ciclos solares ou lunares, assegurariam, também eles, a viagem “pacífica” para o “outro mundo”, na medida em adquiriam e amplificavam as características desses elementos, no quadro de uma perceção animista do mundo? Serviriam estas preocupações como proteção ao defunto?

Há que referir, também, certos lugares onde ocorreu a convergência de práticas mortuárias e de outras ações, cuja interpretação se vê dificultada, em grande medida, pela “qualidade do registo”. A sua ampla diacronia, entendida como frequência cíclica que se desenvolveu, pelo menos, desde o Bronze Inicial ao Final, permitiram a construção de biografias únicas diretamente ligadas aos ancestrais sepultados. Mas como perduraram no consciente comunitário estes lugares de memória e de grande significado coletivo? Episódios de revisitação e de re-celebração, em alguns casos, talvez mesmo, de manutenção física do espaço, poderão estar na sua base. Ainda assim, não parecem suficientes para explicar tal fenómeno, já que estes lugares, antes mesmo de serem construídos, tiveram que ganhar e que manter sentidos e significados, espelhando bem o complexo universo cosmogónico das populações da Idade do Bronze.

Um facto particularmente importante é o desaparecimento de objetos metálicos, tão comuns em contextos funerários durante o Bronze Inicial, a partir do Bronze Médio. Se estes parecem ser substituídos por oferendas mais simples, em certos casos, mesmo, pela ausência

de qualquer espólio funerário, não é menos verdade que surgem, agora, noutros contextos. Como explicar a canalização destes objetos de exceção, vulgarmente amortizados em contextos também eles de exceção durante fases anteriores, para outros cenários? E que cenários seriam estes cuja capacidade “competitiva” se parece ter sobreposto ao carácter único da morte? A resposta, claro está, não é fácil.

Esta questão leva, inevitavelmente, a algumas das hipóteses de trabalho que propusemos. Mas antes mesmo de abordar essa problemática, teremos também que relembrar que, entre os indícios claros de metalurgia identificados na bacia do Ave, os escassos artefactos metálicos encontrados nos locais de produção apontam para a sua manipulação noutros contextos. O volume de objetos, quer avulsos quer em depósitos, transparecem a sua manipulação e conseqüente amortização em associação com determinados “elementos naturais” (como montes, vales e bacias de receção, além de poderem associar-se a afloramentos, a nascentes e ao subsolo). A frequência de ocorrência, presumida como intencional, parece espelhar padrões normalizados de carácter cultural.

É neste cenário que merecem destaque certas orografias estruturantes da paisagem da Idade do Bronze, como se defende terem sido o Monte da Saia (em Barcelos) e o Monte da Penha (em Guimarães). Ambos manifestam uma frequência cíclica ímpar, materializada sob a mais variada forma. Interessaram particularmente as deposições metálicas, as quais vêm reforçar, durante o Bronze Médio mas em especial durante o Bronze Final, a sua integração numa rede de lugares da Idade do Bronze na qual as populações se moveram e habitaram, corporizando uma paisagem cravada de significados, de sentidos e de memórias.

Mais se refira que, ainda durante o Bronze Final, parece igualmente ter sido conferida significância a outras orografias, no quadro de relações animistas com o mundo envolvente. Tal parece ser corroborado pela presença de objetos metálicos no Monte do Sino, no Monte de S. Romão, no Alto do Livramento ou no Monte S. Miguel o Anjo.

Também os depósitos monotipológicos de machados produzidos com distintos moldes, conhecidos nos vales do rio Este e do ribeiro da Abelheira, bons corredores de circulação, levam a equacionar a hipótese de terem sido amortizados, não apenas como atos comemorativos comunais (pactos ou acordos entre diferentes comunidades?), como, talvez, como “denúncia” da importância destas zonas de confluência e de passagem, lugares comuns às populações de diferentes territórios, que seriam conhecidos e dominados, com toda a certeza, desde tempos imemoriais.

Restará, por fim, enunciar algumas das dificuldades que se pensam terem um peso significativo na altura de tentar o exercício interpretativo almejado. Desde logo há que registar, de um modo geral e a todos os níveis, a natureza diferenciada dos dados. A escassa representação de informação para a Idade do Bronze Inicial não advirá, com certeza, de problemas de ordem económica ou. Acima de tudo advém, na nossa opinião, da falta de trabalhos de prospeção e de escavação e, principalmente, da ausência de datações radiométricas para muitos dos sítios escavados. A isto caberá adicionar, ainda, as perturbações resultantes de ocupações posteriores, que não facilitam a preservação e a identificação dos níveis mais antigos durante as escavações de certos sítios. Refira-se, por fim, o carácter invisível do registo deste dos períodos antecedentes, cujas estruturas maioritariamente em negativo são de difícil identificação.

Também de referir que a inclusão de alguns dados no “campo” ambíguo denominado de povoado teve que ver, concretamente, com os escassos dados disponíveis para muitos dos sítios. A par de acervos cerâmicos pouco significativos, de onde retirar ilações cronológicas (e “funcionais”) se torna, sempre, deveras arriscado, foi nossa opção, por cautela, recorrer a uma acomodação de determinados dados naquele lote. Sabemos, como tal, o quão limitadora tal opção, mas também temos a noção que para conseguir uma abordagem holística teríamos, obrigatoriamente, que correr alguns riscos derivados das opções que tomávamos.

Uma outra grande contrariedade, para nossa grande tristeza, teve que ver com o carácter descontextualizado da maioria dos objetos metálicos. Na eminência de situação contrária estaríamos perante uma ferramenta importante para a melhor compreensão das comunidades da Idade do Bronze. As dezenas ou centenas de anos que separam as suas descobertas, aliada à morte de alguns dos intervenientes, não nos deixaram, como (utopicamente) ansiávamos a início, clarificar os contextos de muitos destes achados. Além disso, a dispersão dos objetos por diferentes instituições, as dificuldades em aceder a alguns acervos, ou as confusões geradas em entradas bibliográficas, levantaram, também, muitas dúvidas.

Uma última nota, também, para mencionar que o acesso a muita da bibliografia da especialidade, contrariamente ao que seria de esperar, foi igualmente complicado, dificultando, em muito, o nosso trabalho.

Tentar enriquecer o entendimento da Idade do Bronze do Noroeste português não é fácil. É um árduo, longo e paulatino caminho, onde as certezas de hoje se podem tornar nas incertezas de amanhã. É preciso questionar de forma adequada os vestígios. Foi o que tentámos

ao longo da escrita deste trabalho. E muitas foram as questões levantadas para a qual não obtivemos resposta. Ficam, assim, em aberto para novas investigações.

BIBLIOGRAFIA

A

- ÅBERG, N. 1921. *La civilizacion énéolithique dans la péninsule Ibérique*. Uppsala.
- ÁBSOLO, J.A. & PÉREZ RODRÍGUEZ, F. 1980. El castro céltico de Gotorrita (Valladolid). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 46: 93-114.
- ACUÑA FARTO, J.A. 2000. Propuesta de conservación para la estación arqueológica de Monte Padrão. *Santo Tirso Arqueológico* 2-3 (2ª Serie): 65-76.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J. 1986. *Contribución al estudio de los suelos fósiles de montaña y antropógenos de Galicia* (Tese de Doutoramento). Universidade de Santiago de Compostela.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J. & GUITIAN OJEA, F. 1985/1986. Contribución al estudio de la Cultura Castreña Gallega: análisis palinológico de los castros de Vixil y Penarrubia (Lugo). *Pontevedra Arqueológica* 2: 191-200.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J. & GUITIAN OJEA, F. 1989. Contribución al estudio de la Cultura Castreña Gallega: análisis palinológico de los castros de Vixil y Penarrubia (Lugo). *Pontevedra Arqueológica* 2: 191-200.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J. & RAMIL-REGO, P. 1995. Datos paleobotánicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polínico e paleocarpológico. *Lagasalia* 18 (1): 25-38.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J. & VAZQUEZ VARELA, J.M. 1985. Nuevos datos palinológicos sobre la agricultura prehistórica en Galicia (España). *Trabajos de Antropología e Etnología* 25 (2-4): 241-252.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J.; SÁA OTERO, M. & TABOADA CASTRO, T. 1989. *Estudios paleobotánicos y edafológicos en yacimientos arqueológicos de Galicia*. Colección Arqueología/Investigación 4. A Coruña.
- AIRA RODRÍGUEZ, M.J.; SAÁ OTERO, M.P. & LÓPEZ GARCÍA, P. 1992. Cambios del paisaje durante el Holoceno: análisis de polen en turberas (Galicia, España). *Revue de Paléobiologie* 11 (1): 243-254.
- ALARCÃO, J. 1988. *Roman Portugal* (2 vols.). Warminster: Aris & Philips Ltd.
- ALARCÃO, J. 1990. *Portugal das origens à romanização*. In J. Serrão & H. O. Marques (dir.) *Nova História de Portugal* (Vol. 1). Lisboa: Presença.
- ALARCÃO, J. 1992. A evolução da cultura castreja. *Conímbriga* 31: 39-71.
- ALARCÃO, J. 1996. O Primeiro Milénio AC. In J. Alarcão (ed.) *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p.15-30
- ALARCÃO, J. 1996/1997. Sobre o discurso arqueológico. *Portugalia* 26/27 (Nova Série): 16-22.
- ALARCÃO, J. & ALARCÃO, A.M. 1963. Vidros romanos do Museu Martins Sarmento. *Revista de Guimarães* 73 (1-2): 175-209.
- ALBUQUERQUE, M. 1970. A cerâmica da citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães* 80 (1-2): 102-122.
- ALMAGRO-GORBEA, M. 1972. Nuevas fechas para la Prehistoria y la Antropología Peninsular. *Trabajos de Prehistoria* 29: 228-242.
- ALMAGRO-GORBEA, M. 1977. *El Bronce final y el período orientalizante en Extremadura*. Bibliotheca Praehistorica Hispania 14. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ALMAGRO-GORBEA, M. 1986. Bronce Final y Edad del Hierro. *Historia de España I. Prehistoria*. Madrid: 341-532.
- ALMEIDA, C.A.B. 1979. Salinas medievais entre o Cávado e o Neiva. *Bracara Augusta* 33: 391-402.

- ALMEIDA, C.A.B. 1986. Carta arqueológica do concelho de Esposende. *Boletim Cultural de Esposende* 9/10: 39-59.
- ALMEIDA, C.A.B. 1990. *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. Viana do Castelo: Centro de Estudos Regionais 7-8 [volume especial].
- ALMEIDA, C.A.B. 1992. *Introdução ao Plano Director de Vila do Conde – Relatório de Arqueologia*. Vila do Conde (Policopiado).
- ALMEIDA, C.A.B. 1995. *Plano Director de Vila do Conde - Relatório de Arqueologia*. Vila do Conde (Policopiado).
- ALMEIDA, C.A.B. 1995b. *A romanização no concelho de Vila do Conde*. Vila do Conde: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.B. 1996. *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho* (7 vols). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de doutoramento - policopiado).
- ALMEIDA, C.A.B. 1997. *Barcelos Património* 5 (vol. II). Barcelos: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.B., MAIA, M.I.S., MOREIRA, M.M.L. & BAPTISTA, A.J. 1994. A estação do Bronze Final da Regueira. Vitorino de Piães – Ponte de Lima. *Revista da Faculdade de Letras. História* 11 (2ª série): 547-565.
- ALMEIDA, C.A.B.; ALMEIDA, P.B. & FERNANDES, F. 2008. *Povoado do Bronze Final da Cimalha: relatório da interpretação arqueológica*. Felgueiras: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.F. 1969. A Romanização das terras da Maia. *Estudos sobre a Terra da Maia IV*. Maia: Câmara Municipal.
- ALMEIDA, C.A.F. 1970. Algumas notas sobre o processo de romanização da zona de Entre Douro e Ave. *Actas das 1ªs Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 379-387.
- ALMEIDA, C.A.F. 1972. Póvoa de Varzim e o seu aro na Antiguidade. *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim* 11 (1): 5-34.
- ALMEIDA, P.B. & FERNANDES, F. 2007. A escavação arqueológica no povoado das Cimalhas - Felgueiras. *Oppidum* 2: 115-123.
- ALMEIDA, P.B. & FERNANDES, F. 2008. O povoado da Idade do Bronze da Cimalha. *Actas do I Encontro de Arqueologia das Terras do Sousa (Lousada, 2007)* [Oppidum, Número Especial]: 29-44 (PDF).
- ALMEIDA, F. 1962. Arte Visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português* 4: 6-302.
- ALONSO-CUEVILLAS, F.L. 1930. Novas cerâmicas das antas galegas. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 4: 22-23.
- ALVAREZ NUÑEZ, A.; RAMIL-REGO, P. & AIRA RODRÍGUEZ, M.J. 1990. Estúdio paleocarpológico realizado en el Castro de Penalba (Campolameiro, Pontevedra, España). *Botanica Complutensis* 16: 81-90.
- ALVES, J. 1978. Breves notícias. *Revista de Guimarães* 89: 333-430.
- ALVES, L.B. 2003. *The movement of signs. Post glacial rock art in north-western Iberia*. Reading: University of Reading (Tese de doutoramento – policopiado).
- ALVES, L.B. & COMENDADOR REY, B. 2009. Rochas e metais na Pré-história para além da físico-química. In A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos Montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ, 37-54.

- ANDRADE, M.M. 1946. Terraços do Vale do Ave. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 31 (2). Porto.
- ANDRADE, M.M. 1952. Carta Geológica da Região de Santo Tirso. *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural* 3 (1): 303-315.
- ANDRADE, M.M.; NORONHA, F. & ROCHA, A. 1986. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 9-B, Guimarães*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ANDRADE, M.M.; NORONHA, F. & ROCHA, A. 1986. *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000. Notícia explicativa da folha 9B (Guimarães)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ANTUNES, M.T. 1991/1992. Povoado proto-histórico de S. Julião (Vila Verde). Elementos Arqueozoológico. *Cadernos de Arqueologia* 8/9 (2ª série): 237-239.
- ANTUNES, M.T. 1995. Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueozoológicos. *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. VI. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 451-456.
- ARAÚJO, M.F. & CABRAL, J.P. 1983. Análise de uma espiral metálica por espectrometria de Raio X. Relação da sua composição com a matéria-prima usada na sua manufactura. *Arqueologia* 7: 39-43.
- ARAÚJO M.F. & SILVA, R. 2013. Os machados Bujões/Barcelos e as origens da metalurgia do bronze na fachada Atlântica Peninsular. *Actas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa. 2013)*. Lisboa: Associação de Arqueólogos Portugueses, 591-600.
- ARGAIZ, G. 1675. *La soledad Laureada por San Benito y sus hijos en las Iglesias de España* (Tomo III). Alcalá: Teatro monástico de la provincia Bracarense.
- ARGOTE, J.C. de 1732-1734. *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz Das Hespanhas, Dedicadas A El Rey D. João V. Nosso Senhor: Da Geografia Do Arcebispado Primaz de Braga, e da Geografia Antiga da Provincia Bracarense* (4 vols). Lisboa: Régia Officina Sylvania.
- ARMBRUSTER, B.R. 1993. A gargantilha da Quinta do Vale de Moinhos. In B.R. Armbruster & R. Parreira (eds.) *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria: do Calcolítico à Idade do Bronze* (Vol. 1). Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museus, 60-63.
- ARMBRUSTER, B. 2011. *Arqueometalurgia na Europa Atlântica – o ouro antes do ferro*. In C.M.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I. Martins, J. Carvalho (coords) *Povoamento e Exploração dos Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: APEQ/CITCEM, 313-336.
- ARMBRUSTER, B. 2013. Gold and goldworking of the Bronze Age. In A. Hardings & H. Fokkens (eds.) Oxford: The Oxford Handbook of the European Bronze Age.
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, A. 1993. *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria – 1º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- ARMBRUSTER, B. & PEREA, A. 1994. Tecnología de herramientas rotativas durante el Bronce Final Atlántico. El depósito de Villena. *Trabajos de Prehistoria* 51 (2): 69-87.
- ARMBRUSTER, B. & LOUBOUTIN, C. 2004. Parures en or de l'Age du Bronze de Balingherm et Guïnes (Pas-de-Calais): les aspects technologiques. *Antiquités Nationales* 36: 133-146.
- ARRUDA, A.M. 2005. Orientalizante e pos-orientalizante no Sudoeste peninsular: geografias e cronologias. In S. Celestino Perez & J. Jiménez Ávila (eds.) *El período orientalizante (Actas del III Simposio*

Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental). Mérida: CSIC, 277-303.

ARRUDA, A.M. 2008. Fenícios e Púnicos em Portugal: problemas e perspectivas. In J.P. Vita & J.Á. Zamora (eds.) *Nuevas perspectivas II: la arqueología fenicia y púnica en la Península Ibérica* [Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 18]. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, 13-23.

ATAÍDE, A. & TEIXEIRA, C. 1940. A necrópole e o esqueleto de S. Paio de Antas e o problema dos vasos de largo borde horizontal. *Actas do 1º Congresso do Mundo Português (Lisboa, 1940)*: Lisboa: 669-692.

AYÁN VILA, X.M. 2008. A Round Iron Age: The Circular House in the Hillforts of the Northwestern Iberian Peninsula. *E-Keltoi* 6: 903-1003.

AYRES, C. 1896. *Historia do Exército Português* 1. Lisboa.

B

BAPTISTA, J. M. 1992. *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental*. Cadernos de Arqueologia, Monografias – 7. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BARBOSA, R. & AZEVEDO, M. 2004-2005. A antropização da paisagem no vale do Este: dados inéditos para o seu estudo. *Mínia* 11-12 (3ª Série): 113-136.

BARRET, J. C. 1994. *Fragments from Antiquity: an archaeology of social life in Britain, 2900-1200*. Oxford: Blackwell.

BARRET, J. C. 1999. Chronologies of Landscape. In P.J. Ucko & R. Layton (eds.) *The archaeology and anthropology of landscape*. London: Routledge, 21-30.

BARRET, J. C. 2001. Agency, the Duality of Structure, and the Problem of the Archaeological Record. In Ian Hodder (ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge: Polity Press/Blackwell, 141-164.

BARTH, F. 1987. *Cosmologies in the Making: A Generative Approach to Cultural Variation in Inner New Guinea*. Cambridge: Cambridge University Press.

BELLEN, M.; ESCACENA, J.L.; BOZZINO, M.I. 1991. El mundo funerario del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la Documentación. *Trabajos de Prehistoria* 48: 225-256.

BELÉN, M.; ESCACENA, J.L.; DOMÍNGUEZ DE LA CONCHA, A.; PEREA, A.; ROVIRA, S. & RUÍZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1995. A modo de epílogo. La ría de Huelva: conclusiones y perspectivas. In M. Ruiz-Gálvez (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. [Complutum 5]. Madrid, 157-166.

BELLINO, A. 1909. Cidades mortas. *O Arqueólogo Português* 14 (1-8): 1-28.

BETTENCOURT, A.M.S. 1988a. Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado. *Cadernos de Arqueologia* 5 (2ª série): 9-22.

BETTENCOURT, A.M.S. 1988b. O molde de foice de Castro de Álvora – Arcos de Valdevez. *Cadernos de Arqueologia* 5 (2ª Série): 155-181.

BETTENCOURT, A.M.S. 1993/1994. A ocupação da Idade do Bronze no castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso, Braga). *Cadernos de Arqueologia* 10-11 (2ª Série): 153-180.

- BETTENCOURT, A.M.S. 1994. A Transição do Bronze Final/Ferro Inicial no povoado de S. Julião - Vila Verde: algumas considerações. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 34 (3-4): 167-190.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1995a. Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. In I. Silva & I. Cordeiro (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia, 110-115.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1995b. Granjinhos. Vasos. In I. Silva & I. Cordeiro (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia, 94.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1996. *O Monte do Castelo*. Braga: Universidade do Minho (Relatório enviado à Direção Regional do Norte do IPPAR - policopiado).
- BETTENCOURT, A.M.S. 1997. Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste peninsular. *Actas do IIº Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, 621-632.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1998. O conceito de Bronze Atlântico na Península Ibérica. In S.O. Jorge (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* [Trabalhos de Arqueologia 10]. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 18-39.
- BETTENCOURT, A.M.S. 1999. *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de doutoramento - policopiada).
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000a. *Estações da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000b. *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Cadernos de Arqueologia – Monografias, 9. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000c. O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: seqüências cronológicoculturais. *Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP, 79-93.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2000d. *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 10. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2001a. Aspectos da metalurgia do bronze durante a Proto-História do Entre Douro e Minho. *Arqueologia* 26: 41-55.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2001b. *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 12. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2001c. Considerações em torno de alguns aspectos económicos do Ferro Inicial no Noroeste Português. *Arqueologia* 26: 41-55.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2003. Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal. *Journal of Iberian Archaeology* 5: 199-202.

- BETTENCOURT, A.M.S. 2005a. O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro? *Cadernos do Museu* 11: 25-40.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005b. The Bronze Age in North-west Portugal/A Idade do Bronze no Noroeste de Portugal. In I. Silva & C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Regional Museum of Archaeology. Guide/D. Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia. Roteiro* (Ed. bilingue). Lisboa: Instituto Português dos Museus, 36-41.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005c. A arquitectura dos recintos monumentais. In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións S.L., 122-129.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2005d. Objectos de adorno (ouro, prata e cobre/bronze). In J.M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. 1. Vigo: Nova Galicia Edicións S.L., 187-197.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2008. Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula. In Fahlander, F. & Oestigaard, T. eds. – *The materiality of death. Bodies, burials and beliefs*. BAR International Series 1768: Oxford: Archaeopress, 99-104.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009a. A Pré-História do Minho. Do Neolítico à Idade do Bronze. In P. Pereira (Coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, 70-118.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009b. Práticas funerárias da Idade do Bronze de Trás-os-Montes e Galiza oriental. In J. Fonte (coord.) *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem fronteiras* (Montalegre, 2008). [Aqua Flaviae 41]: 11-24.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2009c. Entre os montes e as águas: ensaio sobre a percepção dos limites na Pré-História da faixa costeira entre o Minho e o Lima. In A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ, 131-162.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010a. La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria* 67 (1): 139-173.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010b. Comunidades Pré-históricas da bacia do Leça. In J. Varela & C. Pires (coords.) *Rio da Memória – Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, 33-88.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2010c. Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory. In A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic*. BAR International Series 2058. Oxford: Archaeopress, 33-45.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2011a. El vaso campaniforme en el Norte de Portugal. Contextos, cronologías y significados. In M. Pilar Prieto-Martínez & Laure Salanova (eds.) *Las comunidades campaniformes en Galicia. Cambios sociales en el III y II milenios BC en el NW de la Península Ibérica*. Pontevedra: Diputación de Pontevedra, 363-374.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2011b. Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales & J. Sanchez Palencia (eds.) *Arqueología*,

- Sociedad, Territorio e Paisage – Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y Transición al Mundo Romano em Homenaje a M^a Dolores Fernández-Posse*. Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) XXVII, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Historia, 115-140.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2013a. *A Pré-História do Noroeste Português /The Prehistory of the Northwestern Portugal*, Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 2, Braga /Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue).
- BETTENCOURT, A.M.S. 2013b. O Bronze Final no Noroeste Português. Uma rede complexa de lugares, memórias e ações. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20: 157-172.
- BETTENCOURT, A.M.S. 2013c. Vila do Conde na Pré-história Recente. *Vila do Conde. Tempo e Território*. Vila do Conde: Câmara Municipal, 48-59.
- BETTENCOURT, A.M.S. & FONTES, L. 1993-1994. Uma nova jazida da Idade do Bronze no Areeiro, planalto da Lameira, Celorico de Basto. *Cadernos de Arqueologia* 10-11 (2^a Série): 247-260.
- BETTENCOURT, A.M.S. & COMENDADOR REY, B. 2003. Los inicios de la metalurgia del bronce en el Noroeste Peninsular. *Actas do IV^o Congreso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*. Teruel: Museu do Instituto Geológico e Mineiro de Utrillas, 343-357.
- BETTENCOURT, A.M.S. & SILVA, I. 2003 O património Pré-Histórico da Póvoa de Lanhoso. Que valorização? *Cadernos do Noroeste* 20 (1-2): 633-648.
- BETTENCOURT, A.M.S. & MEIJIDE CAMASELLE, G. 2009. Agro de Nogueira, Melide, A Coruña: Novos dados e novas problemáticas. *Gallecia* 28: 33-40.
- BETTENCOURT, A.M.S.; LEMOS, F.S. & ARAÚJO M.T. 2002a. The young man from Vale Ferreiro (Serafão, Fafe, Northern Portugal): a Late Prehistory burial. *Journal of Iberian Archaeology* 4: 131-152.
- BETTENCOURT, A.M.S.; LEMOS, F.S. & ARAÚJO M.T. 2003c. O complexo arqueológico de Vale Ferreiro, Serafão, Fafe (Norte de Portugal). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 43 (1-2): 113-132.
- BETTENCOURT, A.M.S.; COMENDADOR REY, B. & MANTEIGA BREA, A. 2014. Facing the river... the palstaves hoard of Faldejães (Arcozelo, Ponte de Lima). *3^o Enardas Colloquium. Living Places, Experienced Places. Abstracts Book*. Braga: APEQ/CITCEM, 23-24.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.P.; CRUZ, C. & SILVA, I.S. 2003a. A estação arqueológica da Senhora da Penha, Guimarães (norte de Portugal): notícia preliminar das escavações de 2002. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 43 (3-4): 137-162.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.P.; CRUZ, C. & SILVA, I.S. 2003b. O Povoado da Idade do Bronze de Santa Catarina, Guimarães (norte de Portugal). Resultados dos trabalhos arqueológicos de 2002. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 43 (3-4): 163-179.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; SILVA, I.S.; CRUZ, C. & PEREIRA, J. 2002b. A estação Arqueológica da Tapada da Venda, Pedroso, Celorico de Basto (Norte de Portugal): primeiras impressões das escavações de 2001. *Portugalia* 23 (Nova Série): 187-200.
- BETTENCOURT, A.M.S.; RODRIGUES, A.; SILVA, I.S.; CRUZ, C.S. & DINIS, A. 2005. The ceremonial site of Vale Ferreiro, Fafe, in the context of the Bronze Age in Northwest Portugal, *Journal of Iberian Archaeology* 7: 157-175.

- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; SILVA, I.S.; CRUZ, C.S. & PEREIRA, A. & MERTINS, J. 2002c. A estação arqueológica dos Penedos Grandes, Arcos de Valdevez (Norte de Portugal): notícia preliminar. *Portugália* 23:199-215.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; SILVA, A.; VEIGA, A.M.; RIBEIRO, E.; CARDOSO, H.; VILAS BOAS, L. & AMORIM, M.J. 2004. A estação arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal), *Portugália* 25: 87-109.
- BETTENCOURT, A.M.S.; DINIS, A.; FIGUEIRAL, I.; RODRIGUES, A.; CRUZ, C.S.; SILVA, I.S.; AZEVEDO, M. & BARBOSA, R. 2007. A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal. In S.O. Jorge, A.M.S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Faro, 2004)*. [Promontória Monográfica 8], Faro: Universidade do Algarve, 149-164.
- BLANCE, B. 1971. *Die Anfänge Der Metallurgie Auf Der Iberischen Halbinsel*. S.A.M. 4. Mann Verlag. Berlin.
- BLANCO FREIJEIRO, A. 1957. Origen y relaciones de la orfebrería castreña. *Cuadernos de Estudios Galegos* 13: 267-361.
- BLAS CORTINA, M.Á. 1983. *La Prehistoria reciente en Asturias*. Oviedo: Fundación Pública de Cuevas y Yacimientos Arqueológicos.
- BLAS CORTINA, M.Á. 1994. El anillo áureo de tiras de la Mata'l Casare I y su localización megalítica. *Madrider Mitteilungen* 35: 107-121.
- BLAS CORTINA, M.Á. 2013. IVº milénio a. de C.: los monumentos sepulcrales del Puerto de la Cobertoria (Quirós) y el dominio de las cumbres por las sociedades neolíticas. In M.Á. de Blas Cortina (coord.) *De neandertales a albigones: cuatro lugares esenciales en la Prehistoria de Asturias*. Oviedo: Real Instituto de Estudios Asturianos, 69-138.
- BOSCH GIMPERA, P. 1932a. *La Edad del Bronce en la Península Ibérica. Investigación y Progreso*. C.S.I.C. Instituto Rodrigo Caro.
- BOSCH GIMPERA, P. 1932b. *Etnología de la Península Ibérica y Art Ibéricos*. Barcelona: 469-602
- BOSCH-GIMPERA, P. 1966. Cultura megalítica portuguesa y culturas españolas. *Revista de Guimarães* 76 (3-4): 249-306.
- BOTTAINI, C.E. 2012. *Depósitos metálicos no Bronze Final (sécs. XIII-VII A.C.) do Centro e Norte de Portugal. Aspetos sociais e arqueometalúrgicos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento – policopiada).
- BOTELHO, I. 2008a. *Relatório Final da Campanha MP-AZR03.07. Sítio Arqueológico do Corgo* (CNS-22 037). Arquivo IGESPAR.
- BOTELHO, I. 2008b. O sítio do Corgo nas Obras da Metro do Porto SA. Avaliação – Minimização – Pós-Avaliação. Para uma bem sucedida concretização, estratégias de reactividade ou próactividade? *CNAI '08, Pós-avaliação: Mito ou Realidade?* Beja (22-24 Outubro 2008) (disponível em <http://www.apai.org.pt/m1/1227717902sub.65.2.pdf>).
- BOTELHO, I. 2013. O sítio do Corgo. Uma estação da Idade do Bronze em Vila do Conde. *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: APA, 581-589.

- BOTELHO, I. 2014. O sítio do Corgo (Azurara, Vila do Conde). Aproximação preliminar à sua paleoecologia de exploração nos meados de II.º Milénio AC. *V Jornadas do Quaternário* (livro de resumos). Porto: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, 27-29.
- BOTELHO, I. & BORGES, S. 2009. *Relatório Final da Campanha MP-AZR04.07-08*. Sítio Arqueológico do Corgo, CNS-22 037, Arquivo IGESPAR.
- BOTELHO, I. & CARVALHO, P. 2005. *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha da Póvoa. MP-AZR 02.05. Trabalhos Arqueológicos (Sondagens e Escavação em área) (Corgo/Azurara, Vila do Conde, Porto). Relatório Preliminar. MP-524542/05*. Metro do Porto, S.A. e ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.
- BOTELHO, I. & CARVALHO, P. 2005a. *Trabalhos arqueológicos da Linha P (Troço TC 7.23). Relatório Preliminar*. Metro do Porto e ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.
- BOTELHO, I. & CARVALHO, P. 2005b. *Trabalhos arqueológicos da Linha P (Troço TC 7.23). Relatório Final*. Metro do Porto e ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.
- BOTELHO, I. & CARVALHO, P. 2007. *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha da Póvoa, TC7.23. MP-AZR02.05. Trabalhos Arqueológicos (Sondagens e Escavação em Área) (Corgo/Azurara, Vila do Conde, Porto). Relatório Final. M1-LP-C723-PT-RT-AOH-AZR201-01*. Metro do Porto e ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.
- BOTELHO, I. & LARRAZABAL GALARZA, J. 2007. *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha da Póvoa, TC7.23. Variante à PN do Corgo. IN-LP-C723-PT-RT-NAR-AZR323-01. MP-AZR03.07. AZURARA, Vila do Conde. Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos*. Porto: Metro do Porto e Novarqueologia. Vol. 2 (Anexos a IN-LP-C723-PT-RT-NAR-AZR323-01).
- BOTELHO, I., GOMES, S. & LARRAZABAL GALARZA, J. 2007a. *Trabalhos arqueológicos da Linha P (Troço TC 7.23). Relatório Final*. Porto: Metro do Porto e Novarqueologia. Vol. 2
- BOTELHO, I., GOMES, S. & LARRAZABAL GALARZA, J. 2007b. *Sistema de Metro Ligeiro da Área Metropolitana do Porto. Linha da Póvoa, TC7.23. Variante à PN do Corgo. IN-LP-C723-PT-RT-NAR-AZR323-01. MP-AZR03.07. AZURARA, Vila do Conde. Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos*. Porto: Metro do Porto e Novarqueologia Vol.1
- BOUZA BREY & LÓPEZ CUEVILLAS 1929. *Os Oestrymnios, os Saefes e a Orfebería en Galicia*. Santiago de Compostela: Arquivo de Semnário de Estudos Galegos.
- BRADLEY, R. 1990 *The passage of arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRADLEY, R. 1991. Ritual, Time and History. *World Archaeology* 23 (2): 209-219.
- BRADLEY, R. 1994. Symbols and signposts – understanding the prehistoric petroglyphs of the British Isles. In C. Renfrew & E. Zubrow (ed.) *The Ancient Mind. Elements of Cognitive Archaeology*. Cambridge: University Press, 95-106.
- BRADLEY, R. 1998. Invisible warriors. Galician weapon carvings in their Iberian context. In R. Fábregas Valcarce (ed.) *A Idade do Bronze en Galicia. Novas Perspectivas*. Coruña: Castro, 243-258.

- BRADLEY, R. 2000. *An Archaeology of Natural Places*. New York / Oson: Routledge
- BRADLEY, R. 2009. Dead Stone and Living Rock. In B. O'Connor, G. Cooney & J. Chapman (eds.) *Materialitas. Working Stone, Carving Identity*. Prehistoric Society Research Paper 3: 1-8
- BRADLEY, R. 2013. Hoards and the deposition of metalwork. In H. Fokkens & A. Harding (eds.) *Handbook of the European Bronze Age*. Oxford: Oxford University Press.
- BRADLEY, R.; CRIADO BOADO, F. & FÁBREGAS VALCARCE 1994/1995. Arte rupestre y paisaje prehistórico en Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994. *Castrelos* 7-8: 67-96.
- BRANDÃO, D.P. 1963. Achado da época do Bronze de Vila Cova de Perrinho - Vale de Cambra. *Actas do II Colóquio Portuense de Arqueologia* [Lucerna, Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos 3]: 114-118.
- BRANDHERM, D. 2007. *Las Espadas del Bronce Final en la Península Ibérica y Baleares. Prähistorische Bronzefunde*. Abteilung IV, 16. Band, Stuttgart: Franz Steiner Verlag.
- BRIARD J. 1965. *Les dépôts bretons et l'âge du Bronze atlantique*. Rennes: Laboratoire d'Anthropologie préhistorique.
- BRIARD, J. 1987. Dépôts de bronze, haches à douille, pré-monnaie et fausse monnaie. *Mélanges offerts au Docteur J.-B. Colbert de Beaulieu*, Paris: Le Léopard d'Or, 133-143.
- BRIARD, J. & VERRON, G. 1976. *Typologie des objets de l'âge du Bronze en France: III – Haches (1). IV – Haches (2), herminettes*. Paris: Societe Prehistorique Francaise.
- BRUCK, J. 2001. What's in a settlement? Domestic practice and residential mobility in Early Bronze Age southern England. In J. Brück & M. Goodman (eds.) *Making Places in Prehistoric World*. London: UCL Press, 52-75.
- BRUCK, J. & GOODMAN, M. 2001. Introduction: themes for a critical archaeology of prehistoric settlement. In J. Brück & M. Goodman (eds.) *Making Places in Prehistoric World*. London: UCL Press, 1-19.
- BRUDENELL, M. & COOPER, A. 2008. Post-middenism: depositional histories on later Bronze Age settlements at Broom, Bedfordshire. *Oxford Journal of Archaeology* 27 (1): 15-36.
- BURGESS, C. 1991. The East and the West: mediterranean influence in the atlantic world in the Later Bronze Age, c. 1500-700 B.C. In C. Chevillot & A. Coffyn (eds) *L'Age du Bronze Atlantique. Actes du 1er Colloque du Parc Archéologique de Beynac*. Beynac-et-Cazenac: 25-45.

C

- CABRAL, J.P. 2010. O depósito de conchas do sitio arqueológico das "Areias Altas" (Porto, Portugal). Estudo morfológico e morfométrico das conchas inteiras de moluscos. *Férvedes* 6: 73-82.
- CAHILL, M. 2001. Unspooling the mystery. *Archaeology Ireland* 57: 8-15.
- CAHILL, M. 2004. Funding function in the Irish Late Bronze Age. *Anejos del Archivo Español de Arqueologia* 32: 349-358.
- CALADO, M. 1993. A Idade do Bronze. In J. Medina, J. & V.S. Gonçalves (dir.) *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube: 327-353.
- CALDAS, J.J.S.P. 1845. Duas palavras sobre uma excavação feita nas Caldas de Vizella. *Revista Universal Lisbonense* 4 (46): 557-558.

- CALO LOURIDO, F. 1991. *A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa* (2 vols.). Pontevedra.
- CALO, F. & GONZÁLEZ, X.M. 1980. Estación de arte rupestre de Leiro (Rianxo, A Coruña). *Gallaecia* 6: 207-216.
- CAMPELO, A. 2009. Espaço, construção do mundo e suas representações. In A.M.S. Bettencourt & L. B. Alves (eds.) *Dos Montes, das pedras e das águas. Formas de interação com o espaço natural da pré-história à actualidade*. Braga: CITCEM-APEQ, 191-206
- CAMPOS, M.J. 1907. Acquisições do Museu Etnologico Português. *O Arqueólogo Português* 12: 342-350.
- CANHA, A.; AMADO, M.; GAMBOA, N. & SANTOS, P. 2005. *EIA - Parque Eólico das Terras Altas e Linha de Interligação à Subestação de Riba de Ave - Fafe*. Fafe.
- CANO PAN, J.A. & FILGUEIRAS DE BRAGE, F.G. 2010a. El yacimiento de Punta de Muros: un poblado de producción metalúrgica en el NO de la Península Ibérica. *Anuario Brigantino* 33: 27-56.
- CANO PAN, J.A. & GÓMEZ FILGUEIRAS DE BRAGE, F. 2010b. La Paleometalurgia del Poblado de Punta de Muros (Arteixo, A Coruña) en el contexto de la transición Bronce Final-Primera Edad del Hierro. In E. Mata Almonte (ed.) *Cuaternario y Arqueología: Homenaje a Francisco Giles Pacheco*. Cádiz: ASPHA, 253-261.
- CARBALLO ARCEO, X. & REY CASTIÑEIRA, J. 2014. The palstaves hoard of Cabeiras, Arbo (Galicia) in the context of the lower course of the Minho basin. *3rd Enardas Colloquium. Living Places, Experienced Places. Abstracts Book* Braga: APEQ/CITCEM, 22.
- CARDOSO, D. 2013. Gravuras rupestres da Quinta do Paço, S. Salvador de Briteiros, Guimarães. In A.M.S. Bettencourt (Ed.) *A Pré-História do Noroeste Português: o Minho e o Douro Litoral/The Prehistory of the Northwestern Portugal*, Territórios da Pré-História em Portugal (Vol. 2). Braga/Tomar: ARKEOS/CITCEM (E. bilingue) (no prelo).
- CARDOSO, J. 1994. *A Geografia da Ibéria segundo Estrabão*. Braga: APPACDM.
- CADOSO, J.L.; GUERRA, M.F. & BRAGANÇA, F. 1992. O depósito do Bronze final de Alqueva e a tipologia das lanças do Bronze Final português. *Mediterrâneo. Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrânicas* 1: 231-250.
- CARDOZO, M. 1930. Joias arcaicas encontradas em Portugal. *Nós* 75 (7): 43-63.
- CARDOSO, M. 1933. Museu. *Revista de Guimarães* 43: 124-125.
- CARDOSO, M. 1934. Museu. *Revista de Guimarães* 44 (3-4): 295.
- CARDOSO, M. 1935. Museu. *Revista de Guimarães* 45 (1-2): 92.
- CARDOSO, M. 1935b. Museu. *Revista de Guimarães* 45 (3-4): 182.
- CARDOSO, M. 1936. Novas urnas de largo bordo horizontal: um tipo regional de cerâmica primitiva. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 8 (1): 65-87.
- CARDOSO, M. 1937. Um crime de lesa-arte. *Revista de Guimarães* 47 (1-2): 87-94.
- CARDOSO, M. 1938. Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães* 48 (1-3): 35-42.
- CARDOSO, M. 1942. Um notável peça de joalheria primitiva. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 27: 5-16.
- CARDOSO, M. 1946. Museu. *Revista de Guimarães* 76 (1-2): 247.

- CARDOSO, M. 1947a. Museu. *Revista de Guimarães* 57 (1-2): 112.
- CARDOSO, M. 1947b. *Correspondência epistolar entre Emílio Hübner e Martins Sarmiento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.
- CARDOSO, M. 1950a. Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 60 (3-4): 405-486.
- CARDOSO, M. 1950b. Museu. *Revista de Guimarães* 60 (1-2): 337.
- CARDOSO, M. 1950b. Mais uma achega para o estudo da joalheria pré-histórica portuguesa. *Boletim do Grupo Alcides Faria* 2 (2ª série): 11 pp.
- CARDOSO, M. 1951a. Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 61 (3-4): 5-80.
- CARDOSO, M. 1951b. Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 61 (1-2): 400-420.
- CARDOSO, M. 1951c. Museu. *Revista de Guimarães* 61 (1-2): 247.
- CARDOSO, M. 1955a. Museu. *Revista de Guimarães* 65 (1-2): 232.
- CARDOSO, M. 1957a. Das origens e técnicas do trabalho e sua relação com a joalheria arcaica peninsular. *Revista de Guimarães* 67 (1-2): 5-46.
- CARDOSO, M. 1957b. Notícia duma jóia antiga adquirida pelo Museu de "Martins Sarmiento". *Revista de Guimarães* 67 (1-2): 179-184.
- CARDOSO, M. 1958c. Museu. *Revista de Guimarães* 68 (3-4): 518.
- CARDOSO, M. 1959b. Die "castros" im Norden Portugals. *Revista de Guimarães* 69 (3-4): 417-436.
- CARDOSO, M. 1960a. Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 70 (1-2): 5-20.
- CARDOSO, M. 1960b. Breves observações a propósito das análises espectrográficas de alguns instrumentos metálicos da Idade do Bronze, pertencentes ao "Museu de Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 70 (1-2): 169-184.
- CARDOSO, M. 1963. O arqueólogo Luís Siret e o Museu de "Martins Sarmiento". *Revista de Guimarães* 73 (1-2): 115-126.
- CARDOSO, M. 1965a. A perda frequente de espécimes preciosos da nossa joalheria arcaica. *Revista de Guimarães* 75: 153-168.
- CARDOSO, M. 1966. Museu. *Revista de Guimarães* 76 (1-2): 247.
- CARDOSO, M. 1967a. Museu. *Revista de Guimarães* 77 (3-4): 409.
- CARDOSO, M. 1967b. Elementos bibliográficos para o estudo da joalheria arcaica luso-espanhola. *Revista de Guimarães* 77 (3-4): 329-376.
- CARDOSO, M. 1968. Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães). *Revista de Guimarães* 78 (3-4): 273-281.
- CARDOSO, M. 1969. Machados de bronze ornamentados. *Abrente* 1: 75-79.
- CARDOSO, M. 1970. Die Vorgeschichtliche Hohensiedlung von Penha bei Guimarães/Portugal. *Madriider Mitteilungen* 11: 91-95.

- CARDOSO, M. 1971. A estação pré-histórica da serra da Penha (Guimarães). *Actas do II.º Congresso Nacional de Arqueologia*. Vol. 1. Coimbra, 239-268.
- CARDOSO, M. 1973. Breves considerações sobre a escultura primitiva da Lusitânia Pré e Proto-Histórica. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 28 (85): 153-160.
- CARDOSO, M. 1994. *Obras de Mário Cardozo*. Vol. 1. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- CARVALHO, J.C.; BESSA, M.T. & MARADO, M.B. 1978. *Carta dos Solos* (III.1). Lisboa: Comissão Nacional do Ambiente/Serviço de reconhecimento e de Ordenamento Agrário/Instituto Hidrográfico.
- CARTAILHAC, E. 1886. *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Reinwald.
- CARTAILHAC, É. 1888. As citânias e as cidades fortificadas do Minho. *Revista de Guimarães* 5: 123-135.
- CARVALHAES, J. 1908. Acquisições do Museu Ethnológico Português. *O Arqueólogo Português* 13: 160-163.
- CASTRO, J.S.; CORREIA, S.H.; OLIVEIRA, E.P. 1980. O Castrum Maximun (Monte Castro), Braga. Arqueologia e História. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular II* (Guimarães, 1980). Guimarães: 37-53.
- CASTRO PÉREZ, L. 1997. Brazaletes de Bronze de Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico* 1 (2ª Série): 5-11.
- CORREIA, F.C. & MOREIRA, A.B. 2009. *Monte Córdova – Elementos para uma monografia*. Comissão Fabriqueira da Igreja de S. Salvador de Monte Córdova.
- CHAVES, L. 1950. Ourivesaria Portuguesa. *Revista do Grémio de Indústrias de Ouro do Norte* 9: 33.
- CHILDE, V.G. 1930. *The Bronze Age*. Cambridge: University Press.
- CIUGUDEAN, H.; LUCA, S.A. & GEORGESCU, A. 2010. Horia Ciugudean. In S.A. Luca & A. Georgescu (eds.) *Depozite de Bronzuri Prestorice din colecția Brunkenthal (II)*. Sibiu: Editura ALTIP, 9-91.
- CLACK, T. 2011. Thinking Through Memoryscapes: Symbolic Environmental Potency on Mount Kilimanjaro, Tanzania. In T. Myllyntaus (ed) *Thinking Through the Environment: Green Approaches to Global History*. Cambridge: White Horse Press, 115-134.
- CLASSEN, C.; HOWES, D. & SYNNOTT, A. 2003. *Aroma. The cultural history of smell*. London: Routledge.
- COFFYN, A. 1976. *L'Âge du Bronze au Musée de F. Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior.
- COFFYN, A. 1983. La fin de l'âge du Bronze dans le centre – Portugal. *O Arqueólogo Português* 1 (4ª Série): 169-196.
- COFFYN, A. 1985. *Le Bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Bordeaux: Université de Bordeaux III.
- COFFYN, A. & SION, H. 1993. Les relations atlanto-méditerranéennes. Elements pour une revision chronologique du Bronze Final Atlantique. *Méditerranée* 2: 285-310.
- COIMBRA, F. 2004. Arte rupestre do concelho de Barcelos (Portugal). Subsídios para o seu estudo. *Anuario Brigantino* 27: 37-70.
- COMENDADOR REY, B. 1997. *Los inicios de la Metalurgia en el noroeste de la Península Ibérica*. Universidade de Santiago de Compostela.
- COMENDADOR REY, B. 1998. *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*. CD-ROM. Santiago de Compostela: Servicio de Publicaciones de la USC.

- COMENDADOR REY, B. 1999. Cambios en la escala de producción metalúrgica durante las fases finales de la edad del bronce en el noroeste peninsular. *Revista de Guimarães* [Volume Especial]: 515-537.
- COMENDADOR REY, B. 2010. Space and memory at the mouth of the river Ulla (Galicia, Spain). In A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe* [BAR International Series 2058. Oxford: Archaeopress, 99-110.
- COMENDADOR REY, B.; BETTENCOURT, B.; SIMÕES, P.P. & ALVES, M.I.C. 2014. O depósito de machoados do Bronze Final de Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo). Novos dados para a sua contextualização. *Livro de resumos do 3 Congresso ENARDAS – Lived places, experienced places. The Northwestern Iberia in Prehistory*. Braga. CITCEM, 31-32.
- COMENDADOR REY, B. & BETTENCOURT, A.M.S. 2007. Novos dados sobre a primeira metalurgia do bronze no noroeste peninsular: os contributos da bacia do Leça. *Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça* (Outubro de 2007). *Online*: http://webs.uvigo.es/beacomendador/index_archivos/Jornadas.pps
- COMENDADOR REY, B. & BETTENCOURT, A.M.S. 2011. Nuevos datos sobre la primera metalurgia del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: la contribución de Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Portugal). *Estudos do Quaternário* 7: 19-31.
- COMENDADOR REY, B. & MÉNDEZ FERNÁNDEZ, L. 2009. A recuperación dun contexto para un “tesouro” prehistórico: un proxecto de investigación e valorización patrimonial para O Monte Urdiñeira (Riós-A Gudiña, Ourense). In J. Fonte (coord.) *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem fronteiras* (Montalegre, 2008). [Aqua Flaviae 41]: 25-43.
- COMENDADOR REY, B., BETTENCOURT, A.M.S., SIMÕES, P.P. 2014. The Later Bronze Age palstaves hoard from Cobidalto, Areosa (Viana do Castelo): New Data. *3^o Enardas Colloquium. Living Places, Experienced Places. Abstracts Book*. Braga: APEQ/CITCEM, 31-32.
- CONNERTON, P. 1993 [1989]. *How societies remember*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COOK, H.R. 2011. *Deathscapes: Memory, Heritage and Place in Cemetery*. Ontário: McMaster University (*Open Access Dissertations and Theses*. Paper 5914).
- COOMBS, D. 1975. Bronze Age weapons hoards in Britain. *Archaeologica Atlantica* 1 (1): 49-82.
- CORREIA, A.A.M. 1924a. *Os povos primitivos da Lusitânia*. Porto.
- CORREIA, A.A.M. 1924b. Ensaio sobre a Idade do Bronze em Portugal. *Revista de Estudos Históricos* 1: 24-45.
- CORREIA, A.A.M. 1924c. Ensaio sobre a idade do bronze em Portugal. *Revista de Estudos Históricos* 2: 73-82.
- CORREIA, A.A.M. 1928. Lusitânia pré-romana. In P. Damião (ed.) *História de Portugal* 1. Barcelos: 77-214.
- COSTA, A.C. 1706-1712. *Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Reyno de Portugal* (1706 Tomo I, 1708 Tomo II, 1712 Tomo III). Lisboa (=2ª Edição, Braga, 1868-1869).
- COSTA, A.J. 1959. *O bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga* (2 Vol.). Coimbra.
- COSTA, A.J. 1965. *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae* II. Braga

- COSTA, A.J. 1997 (2ª edição). *O Bispo D. Pedro e a Organização da Arquidiocese de Braga* (Vol. I). Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.
- COSTA, J.C.; TEIXEIRA, C. & MEDEIROS, A.C. 1957. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 9-C, Porto*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- COSTA, J.C. & TEIXEIRA, C. 1957. *Carta Geológica de Portugal (1/50 000). Notícia explicativa da folha 9-C, Porto*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- CRIADO BOADO, F. 1993. Visibilidad e interpración del registo arqueológico. *Trabajos de Prehistoria* 50: 39-56.
- CRIADO BOADO, F. 1993. Límites y posibilidades de la Arqueología del Paisaje. *Spal* 2: 9-55.
- CRIADO BOADO, F. 2000. Walking about Lévi-Strauss. Contributions to an Archaeology of Thought. In C. Holtorf & H. Karlsson (eds.) *Philosophy and Archaeological Practice. Perspectives for the 21st Century*. Göteborg: Bricoleur Press, 277-303.
- CRIADO BOADO F.; AMADO REINO X.; MARTÍNEZ LÓPEZ M.C.; COBAS FERNÁNDEZ I. & OUBIÑA P. 2000. Programa de corrección del impacto arqueológico de la gasificación de Galicia. Un ejemplo de gestión integral del patrimonio arqueológico. *Complutum* 11: 63-85.
- CRUZ, A. 1940. Novos vestígios da ocupação do termo do Porto pelos romanos. A necrópole de Rorigo Velho, Bougado. *Boletim Cultural* 77 (1): 203-215.
- CRUZ, A. 1982a. O Reguengo de Bougado. *Actas do Colóquio de História Local e Regional (Santo Tirso, 1979)*. Santo Tirso: Câmara Municipal, 1-85.
- CRUZ, A. 1982b. A presença do romano no Vale de Bougado. *Jornal da Trofa* (22/10/1982). Trofa: 16.
- CRUZ, D.J. 1992a. *A mamoa 1 de Chã de Carvalhal, no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- CRUZ, D.J. 1992b. *O vaso campaniforme no Norte de Portugal e ocorrências com ele conectáveis*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- CRUZ, D. J. 1997. A necrópole do Bronze Final do Paranho (Moledos, Tondela, Viseu). *Estudos Pré-históricos* 5: 263-270.
- CRUZ, D.J. 2001. *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história Recente*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Tese de doutoramento – policopiada).
- CRUZ, D.J. & BRITO, M. 1991. A colecção arqueológica do Abade Sousa Maia. *Vila do Conde: Boletim Cultural* 7 (Nova Série): 5-13.
- CRUZ, D.J. & GONÇALVES, A.A.H. 1998/1999. A necrópole de “Agra de Antas” (S. Paio de Antas, Esposende, Braga). *Portugalia* (Nova série) 19-20: 5-27.
- CRUZ, D.J. & VILAÇA, R. 1999. O grupo de *tumuli* da “Senhora da Ouvida” (Monteiras / Moura Morta, Castro Daire, Viseu). Resultados dos trabalhos arqueológicos. *Estudos Pré-históricos* 7: 129-161.
- CRUZ, D.; GOMES, L.F. & CARVALHO, P. 1998a. Monumento 2 da serra da Muna (Campo, Viseu). Resultados preliminares dos trabalhos de escavação. *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: 1-21.

- CRUZ, D.; GOMES, L.F. & CARVALHO, P. 1998b. O grupo de *tumuli* da Casinha Derribada (concelho de Viseu). Resultados preliminares da escavação arqueológica dos monumentos 3, 4 e 5. *Conimbriga* 37: 5-76.
- CRUZ, D.J.; VILAÇA, R.; SANTOS, A.T.; MARQUES, J.N. 2000. O grupo de *tumuli* do Pousadão (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-históricos* 8: 125-150.
- CUNHA, A.R. 1948. Na Falperra. *Diário do Minho* de 09/08/48. Braga: 3-6.
- CUNHA, A.R. 1949. Santa Marta das Cortiças. *Diário do Minho* (21/08/1949). Braga: 2.
- CUNHA, A.R. 1955. A cidade velha de Santa Marta. *Correio do Minho* de 14/01/55. Braga: 1, 3.
- CUNHA, A.R. 1975. Trepando aos montes. *O distrito de Braga* 1 (1-4) (2ª Série): 485-535.
- CUNHA, D.R. 1623. *Catálogo e História dos Bispos do Porto*, 2ª parte. Porto.
- CUNHA, N.A. 1909: *No Alto Minho. Paredes de Coura* (1ª Ed.). Porto: Tipografia do Posto Médico.
- CUNHA, E. & BETTENCOURT, A.M.S. 2013. Bronze Age Populations of the Northwestern Iberia. Anthropological and pathological features of Quinta de Agua Branca (Vila Nova de Cerveira) and Agra de Antas (Esposende). *Livro de Resumos do I Bioanthropological meeting: a multidisciplinary approach (Coimbra, 2013)*. Coimbra: CIAS, 63.

D

- DAVEAU, S. 1995. *Portugal Geográfico*. Lisboa: João Sá da Costa.
- DAVEAU, S.; COELHO, C.; COSTA, V.G. & CARVALHO, L. 1977. Répartition et rythme des précipitations au Portugal. *Memória do Centro de Estudos Geográficos* 3: 1-192.
- DAVEAU, S. ET AL. 1988. *Dois mapas climáticos de Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- DELGADO, J.F.N. 1887. Reconhecimento científico dos jazigos de mármore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal* 2: 44-55.
- DELGADO, M.; MARTINS, M.M. & LEMOS, F.S. 1989. Salvamento de Bracara Augusta. *Fórum* 6: 3-40.
- DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MANZANO, J.; FONTANEDA, E. & ROVIRA LLORENS, S. 1999, *Metalurgia de la Edad del Bronce en el Piedemonte meridional de la Cordillera Cantábrica la colección Fontaneda, Arqueología en Castilla y León*, Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Educación y Cultura.
- DEUS, M.; ANTUNES, A. S. & SOARES, A. M. 2009. A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze inal do Sudoeste. In J. A. PÉREZ & E. ROMERO (eds.) IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Huelva: 514-543.
- DÍAZ-ANDREU, M. 1988. El análisis discriminante en la clasificación tipológica aplicación a las hachas de talón de la Península Ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología* 54: 25-64.
- DIAZ-FIERROS, F.; AIRA RODRÍGUEZ, M.J. & CRIADO BOADO, F. 1988. Paleoeological reconstruction of a forested area of Barbanza (Coruña, Spain). A case study. *Human influences on forest ecosystem developments in Europe*. Trento.
- DIETLER, M. & HERBICH, I. 1993. Living on Luo time: reckoning sequence, duration, history, and biography in a rural African society. *World Archaeology* 25: 248-260.

- DINIS, A. 1989. Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Vila Nova de Famalicão – O Megalitismo. *Boletim Cultural* 9: 41- 65.
- DINIS A. 1991/1992. Cerâmicas do Bronze Final de Castelo de Matos (Baião). *Cadernos de Arqueologia* 8-9 (2ª Série): 119-142.
- DINIS, A. 1992/1993. Artefactos em bronze do Castro de Penices (Vila Nova de Famalicão). Abordagem aos métodos de análise em Paleometalurgia. *Cadernos de Arqueologia* 10-11 (Série II): 181-201.
- DINIS, A. 1993. *Ordenamento do território do Baixo Ave no 1º milénio A.C.* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado – Policopiada).
- DINIS, A. 1993/1994. Artefactos em bronze do Castro de Penices. *Cadernos de Arqueologia* 10-11 (2ª Série): 181-201.
- DINIS, A. 1999. Povoamento do Baixo Ave no 1º milénio A.C. *Actas do 2º Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 1996)*. Zamora: Fundacion Afonso Henriques: 37-48.
- DINIS, A. & BETTENCOURT, A.M.S. 2004. Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria, Viana do Castelo (Norte de Portugal). *Portugalia* 25 (Nova série): 75-89.
- DINIS, A.; SILVA, A.C.F.; OLIVEIRA, F. & QUEIROGA, F.R. 2005. Vila Nova de Famalicão do Neolítico à Romanização. In J.V. Capela, J. Marques, A.S. Costa & A. Silva (coord.) *História de Vila Nova de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal: 11-61.
- DRAOT-NORTE 2000. *Plano de Bacia Hidrográfica do Rio do Ave: 1ª Fase* (Vol. 1). Porto.

E

- EIROA GARCÍA, J.J. 1973. Análisis metálicos sobre utiles de bronce galego. *Estudios del Seminario de Protohistoria, Aequologia y Historia Antigua* 11: 49-99.
- EIROA GARCÍA, J.J. 1973-1974. Sobre la Edad del Bronce en el Noroeste de la Península hispánica. *Caesaraugusta* 37-38: 25-123.
- ELIADE, M. 1952. *Images et symbols*. Paris: Gallimard.
- EMIRBAYER, M. & MISCHÉ, A. 1998. What is Agency? *The American Journal of Sociology* 103 (4): 962-1023.
- EOGAN, G. 1983. *Hoards of the Irish Later Bronze Age*. Dublin: University College.
- ESTAÇO, G. 1625. *Várias antiguidades de Portugal*. Lisboa.
- EVANS, J. 1881. *The ancient bronze implements, weapons, and ornaments, of Great Britain and Ireland*. London: Longmans, Green & Co.

F

- FABIÃO, C. 1992. O passado proto-histórico e romano. In J. Mattoso (dir.) *História de Portugal* (vol. 1). Lisboa: 79-91, 190-200.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. 1993a. Enterramientos tumulares en la edad del bronce? Nuevas evidencias para el Noroeste. *Espacio, Tiempo y Forma* 6: 181-203.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. 1993b. El fenómeno tumular en el bronce del Noroeste. *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueologia. Vigo (Vigo 1993)*. Vigo: 85-91.

- FÁBREGAS VALCARCE, R. 1995. La realidad funeraria en el Noroeste del Neolítico a la Edad del Bronce. *In* R. Fábregas Valcarce, F. Pérez Losada & C. Fernández Ibañez (eds.) *Arqueoloxía da Morte na Península Ibérica desde as Orixes ata o Medievo*. Xizno de Limia: Universidade de Vigo: 95-125.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. 2001. *Los petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*. Vigo: Instituto de Estudos Viguenses.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1994. Ámbitos funerario y doméstico en la Prehistoria del NO de la Península Ibérica. *Zephyrus* 45: 143-159.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & BRADLEY, R. 1995. El silencio de las fuentes: prácticas funerarias en la edad del bronce del Noroeste y su contexto europeo. *Complutum* 6: 153-166.
- FÁBREGAS VALCARCE, R. & MEIJIDE CAMSELLE, G. 2000. Prehistoria recente en Galicia ¿Evolución ou ruptura? *Actas do III Congreso de Arqueología Peninsular*. Porto: Adecap, 65-77.
- FÁBREGAS VALCARCE, R.; MARTÍNEZ CORTIZAS, A.; BLANCO CHAO, R. & CHESWORTH, W. 2003. Environmental change and social dynamics in the second-third millennium BC in NW Iberia. *Journal of Archaeological Science* 30: 859-871.
- FARIÑA BUSTO, F. 1979. Fibulas de longo travessaño sem espira no noroeste peninsular. *Boletín Auriense* 9: 27-49.
- FARTO, J.A.A. 2000. Propuesta de conservación para la estación arqueológica de Monte Padrão. *Santo Tirso Arqueológico* 2-3 (2ª série): 65-76.
- FEIO, A. [1956] 1984. *Origens da Cidade, Coisas Memoráveis de Braga*. Braga: Biblioteca Pública de Braga.
- FELD, S. & BASSO, K.H. *Senses of Place*. Santa Fé, New Mexico: School of American Research Press.
- FÉLIX, A.P. 1903. Machados de duplo anel. *O Arqueólogo Português* 8: 132-137.
- FERNANDES, A.G. 2005. *Monografia e Toponímia de Rossas*. Rossas: Junta de Freguesia de Rossas e Município de Vieira do Minho.
- FERNANDES, J.O.; BETTENCOURT, A.M.S.; COMENDADOR REY, B. & ALVES, M.I.C. 2011. O depósito metálico da Bandeira, Viana do Castelo (Norte de Portugal) no contexto dos depósitos do Bronze Médio do curso inferior do Lima. *Estudos do Quaternário* 7: 31-37.
- FERNÁNDEZ-GARCÍA, S. 1997. Los puñales tipo "Porto de Mós" en el Bronce Final de la Península Ibérica. *Complutum* 8: 97-124.
- FERNÁNDEZ MANZANO, J. 1986. Bronce Final en la Meseta Norte Española: el utillaje metálico. *Monografías. Investigaciones Arqueológicas en Castilla y León*. Soria: Almazan.
- FERRAZ, A. 1907. Barcellos Militar (séc. XV). *Barcellos Revista* 1 (4): 1-4.
- FERREIRA, J.A. 1907. O Couto e Mosteiro de Vairão. *O Arqueólogo Português* 12: 281-289.
- FERREIRA, J.A. 1923. *Vila do Conde e o seu Alfoz*. Porto.
- FERREIRA, J. (1977). O Monte d'Assaia. *Arqueologia e História*. Barcelos: Clube Rotario de Barcelos
- FERREIRA, J. 1985. Do Monte d'Assaia ao rio Este. *Barcellos* 2 (2): 37-53.
- FERREIRA, N.; DIAS, G.; MEIRELES, C.; BRAGA, A.; FRANCISCO, S. & SANTOS, A. 2000. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 5-D, Braga*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

- FIGUEIRAL, I. 1990. *Le Nord-Ouest du Portugal et les Modifications de l'Ecosystème, du Bronze Final à l'Époque Romaine, d'Après l'Anthracanalyse des Sites Archeologiques*. Montpellier: Universidade de Montpellier (Tese de doutoramento - policopiada).
- FIGUEIRAL, I. 1993. Charcoal analysis and the vegetation evolution of North-West Portugal. *Journal of Archaeology* 12 (2). Balckwell Publishers: 209-222.
- FIGUEIRAL, I. 1994. A antracologia em Portugal: progressos e perspectivas. *Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia*. [Trabalhos de Antropologia e Etnologia 34 (3-4)]: 427-448.
- FIGUEIRAL, I. 1995. Evidence from charcoal analysis environmental change during the interval late Bronze Age to Roman, at the archaeological site of Castro de Penices, N.W. Portugal. *Vegetation History and Archaeobotany* 4: 93-100.
- FIGUEIRAL, I. 1996. Wood resources in north-west Portugal: their availability and use from the late Bronze Age to the Roman period. *Vegetation History and Archaeobotany* 5: 121–129.
- FIGUEIRAL, I. 2000a. O povoado de S. Julião (Vila Verde, Braga): contributos da Antracologia. In A.M.S. Bettencourt *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*. Cadernos de Arqueologia - Monografias 10. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho: 151-157.
- FIGUEIRAL, I. 2000b. O povoado da Sola (Braga): o contributo da antracologia. In Ana M.S. Bettencourt (ed.) *O Povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal* [Cadernos de Arqueologia – Monografias 9]. Braga: 69-73.
- FIGUEIRAL, I. 2000c. O povoado de S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso): o contributo da Antracologia. In A.M.S. Bettencourt. *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia - Monografias 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho: 250-251.
- FIGUEIRAL, I. 2001. O povoado da Santinha (Amares, Braga). O contributo da Antracologia. In: A.M.S. Bettencourt *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. Cadernos de Arqueologia - Monografias 12. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho: 65-71.
- FIGUEIRAL, I. & QUEIROGA, F. 1988. Castelo de Matos 1982-1986. *Arqueologia* 17: 137-150.
- FIGUEIRAL, I. & BETTENCOURT, A.M.S. 2004. Middle/Late Bronze Age plant communities, and their exploitation, in the Cávado Bassin (NW Portugal) as shown by charcoal analysis: the significance and cooccurrence of *Quercus* (deciduous)–*Fabaceae*. *Vegetation History and Archaeobotanic* 13: 219-232.
- FIGUEIRAL, I. & BETTENCOURT, A.M.S. 2007. Estratégias de exploração do espaço no Entre Douro e Minho desde os finais do IV aos meados do I milénios AC. In S.O. Jorge, A.M.S. Bettencourt & I. Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (Algarve, 2004)*. Faro: Universidade do Algarve: 177-187.
- FIGUEIREDO, A.M. 1897. Informações arqueológicas colhidas no “Diccionario Geográfico” de Cardoso, de 1758. *O Arqueólogo Português* 3: 218-223.

- FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.J.C.; SENNA -MARTINEZ, J.C. & LUÍS, E. 2012. Os primeiros bronzes do território Português: uma primeira abordagem arqueometalúrgica a um conjunto de machados tipo Bujões/Barcelos. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 19: 71 -78.
- FILGUEIRA VALVERDE, J. & GARCIA ALEN, A. 1978. Inventario de monumentos megalíticos. *El Museo de Pontevedra* 31: 51-130.
- FONSECA, T. 1948. *O concelho de Barcelos aquém e além Cávado*. Barcelos.
- FONTES, L. 1990. Carta arqueológica do concelho de Braga. *Forum* 8: 107-132.
- FONTES, L. 1993. Inventário de sítios e achados arqueológicos do concelho de Braga. *Minia* 1: 31-88.
- FONTES, L. 1995. Inventário Arqueológico do Planalto da Lameira. *Jornal Terras de Basto*. Celorico de Basto.
- FONTES, L. 1998. *Inventário de Sítios e Achados Arqueológicos da Vertente Alta da Serra da Cabreira*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. (Relatórios – Policopiado)
- FONTES, L. & RORIZ, A. 2007. *Património Arqueológico e Arquitectónico de Vieira do Minho*. Vieira do Minho: Município de Vieira do Minho.
- FONTES, L. & RORIZ, A. 2012. *Inventário de sítios e achados arqueológicos do concelho de Vieira do Minho. Relatório*. Memórias 22. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- FONTES, L.; MARTINS, M.M.; VILAS BOAS, C.; BRAGA, J.; SENDAS, J. & MAGALHÃES, F. 2008. Escavações Arqueológicas no Quarteirão dos Antigos CTT (Braga), Resultados Preliminares. *Al-madan* 16: 5-9.
- FONTES, L.; MARTINS, M.M.; BRAGA, J.; ANDRADE, F. 2009. *Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados Quarteirão dos CTT – Interligação túnel Avenida da Liberdade*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Relatório policopiado).
- FONTES, L.; MARTINS, M.M.; BRAGA, J.; SENDAS, J. & CATALÃO, S. 2010. *Relatório final dos trabalhos arqueológicos realizados na ampliação do túnel da Avenida da Liberdade*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Relatório policopiado).
- FONTIJN, D. 2001/2002. *Sacrificial landscapes. Cultural biographies of persons, objects and 'natural' places in the Bronze Age of the Southern Netherlands, C. 2300-600 BC*. Leiden: University of Leiden (Doctorate Thesis presented to the University of Leiden) [*Analecta Praehistorica Leidensia* 33/34].
- FONTIJN, D.R. 2008. Traders hoard: reviewing the relationship between trade and permanent deposition: the case of the Dutch Voorhout hoard. In C. Hamon & B. Quilliec (eds.) *Hoards from the Neolithic to the metal ages: technical and codified practices*. British Archaeological Reports. International Series 1758. Oxford: Archaeopress, 5-17.
- FORTES, J. 1899. *A estação archeológica d'Alvarelhos*. Porto.
- FORTES, J. 1905-1908a. Tesouro de Veatodos – da Idade do Bronze. *Portugalia* 2: 110-111.
- FORTES, J. 1905-1908b. Vasos em forma de chapéu invertido (V. do Conde). *Portugalia* 2: 662-665.
- FORTES, J. 1905-1908c. Ouros protohistóricos da Estella. *Portugalia* 2: 604-618.
- FORTES, J. 1905-1908d. Machados avulsos da idade do bronze. *Portugalia* 2: 662.
- FORTES, J. 1905-1908e. Esconderijo morgeano da Carpinteira (Melgaço). *Portugalia* 2 (1-4): 475.
- FORTES, J. 1905-1908f. Esconderijo morgeano de Ganfei (Valença). *Portugalia* 2: 661.

- FORTES, J. 1905-1908g. Duas jóias arcaicas. *Portugalia* 2: 412-416.
- FORTES, J. 1906. La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre. Étude sur les relations antérieures historiques de l'Ibérie avec l'Irlande. *Extrait de la Revue Préhistorique* 10: 5-10.
- FORTES, J. 1909. *Gaya no passado. Mea villa de Gaya*. Porto: Empresa Editorial do Guia Ilustrado de Portugal.
- FOX, K. 2010. *The Smell Report. An overview of facts and findings*. Oxford: Social Issues Research Centre.

G

- GABILLOT, M.; FOREL, B.; MONNA, F.; NAUDIN, A.; LOSNO, R.; PININGRE, J.-F.; MORDANT, C.; DOMINIK, J. & BRUGUIER, O. 2009. Influences atlantiques dans les productions métalliques en Bourgogne et Franche-Comte au Bronze Moyen. In A. Richard, P. Barral, A. Daubigny, G. Kaenel, C. Mordant & J.-F. Piningre (eds.) *L'isthme européen Rhin - Saone - Rhone dans la Protohistoire*. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comte, 133-143.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. 1946. El casco de Lanhoso. *Archivo Español de Arqueología* 19 (65): 356-358.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. 1966. O problema dos enterramentos na cultura castreja. *Revista de Guimarães* 76 (1-2): 5-24.
- GARCÍA Y BELLIDO, A. 1968. Cámaras funerarias de la cultura castreña. *Archivo Español de Arqueología* 41 (117-118): 16-44.
- GARCIA VALDEIRAS, M. 1997. En defesa da musealização da estação arqueológica de Monte Padrão. *Santo Tirso Arqueológico* 1: 131-137.
- GARROW, D.; Breadsmoore, E. & knight, M. 2005. Pit clusters and temporality of Occupation: an Earlier Neolithic Site at Kilverstone, Thetford, Norfolk. *Proceedings of the Prehistoric Society* 71: 139-157.
- GASPAR, A; DELGADO, M. & LEMOS, F.S. 1986. O Salvamento de Bracara Augusta. *Trabalhos de Arqueologia* 3: 27-42.
- GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L., RODRIGUES, Z. & DONOSO, G. 2013. Espaço para a morte. O terraço da foz do Medal (vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudos do Quaternário* 10: 59-72.
- GIARDINO, C. 1987. Il ripostiglio di Polizzello. *Sicilia Archeologica* 65 (20): 39-55.
- GIDDENS, A. 2000 [1979]. *Dualidade da estrutura. Agência e Estrutura*. Oeiras: Celta.
- GIUGUDEAU, H.; LUCA, S.A & GEORGESCU, A. 2010. *Preshistoric Bronze Hoards in the Brukenthal collection* (II). Sibiu.
- GOMES, J.M.F. 1996. *Cidade de Terroso e Vila Mendo. Aspectos da Proto-História e Romanização do Litoral Minhoto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado-policopiada).
- GOMES, J.M.F. & CARNEIRO, D. 1999. *Cidade de Terroso*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal.
- GOMES, J.M.F. & CARNEIRO, D. 2005. *Subtus Montis Terroso – Património Arqueológico no Concelho da Póvoa de Varzim*. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal.

- GOMES, M.V. 1990. O oriente no ocidente. Testemunhos iconográficos na proto-história do Sul de Portugal: smithing gods ou deuses ameaçadores. *Estudos Orientais. Presenças Orientalizantes em Portugal da Pré-História ao Período Romano* 1: 53-106.
- GOMES, M.V. 2002. Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia & História* 54: 139-194.
- GÓMEZ FERNÁNDEZ, A. 2000. La Adopción de la economía productora en el Noroeste Peninsular: información polínica y paleocarpológica. *Cátedra* 7: 67-94.
- GÓMEZ-ORELLANA L., RAMIL-REGO, P., MARTÍNEZ SÁNCHEZ S., 2001. Modificaciones del paisaje durante el Pleistoceno Superior – Holoceno en los territorios litorales Atlánticos del NW Ibérico. *Estudos do Quaternário* 4: 79-96.
- GÓMEZ RAMOS, P. 1993. Tipología de lingotes de metal y su hallazgo en los depósitos del Bronce final de la Península Ibérica. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología* 20: 73-105.
- GONÇALVES, A.H.B. & BETTENCOURT, A.M.S. (no prelo). *O povoado de Monte Calvo, Baião, no contexto da Idade do Bronze do Norte de Portugal*. Braga: Câmara Municipal de Baião e Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM.
- GONÇALVES, F.; VASCONCELOS, J.L.; PEIXOTO, R. & PINTO, R.S. 1964. A cidade de Terroso. *Boletim Cultural da Póvoa do Varzim* 3 (2): 307-324.
- GONÇALVES, L. 2013. *Estudo geoarqueológico com Georadar. Aplicação aos contextos arqueológicos da Pré-História recente à Proto-História do NW de Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento-Policopiada).
- GONÇALVES, L.; BETTENCOURT, A.M.S. & ALVES, M.I.C. 2010. Análises químicas de conteúdos orgânicos de recipientes cerâmicos da Idade do Bronze do Norte de Portugal. *III Jornadas do Quaternário – Evolução Paleambiental e Povoamento na Fachada Ocidental da Península Ibérica (Braga 2010). Programa e Livro de resumos*. Braga: APEQ, 8.
- GONZÁLEZ RUIBAL, A. 2006/2007. *Galaicos. Poder y comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. - 50 d.C.)*. Brigantium 18. A Coruña: Museo Arqueológico e Histórico da Coruña.
- GOODY, J. 1998. Memory in oral tradition. In P. Fara & F. Patterson (eds) *Memory*. Cambridge 73-94.
- GOSDEN, C. 1994. *Social being and time: an archaeological perspective*. Oxford: Blackwell.
- GOSDEN, C. 2009. Afterword. In B. O'Connor, G. Cooney & J. Chapman (eds.) *Materialitas. Working Stone, Carving Identity*. Prehistoric Society Research Paper 3, 181-184.
- GOSDEN, C. & HEAD, L. 1994. Landscape – a usefully ambiguous concept. *Archaeology in Oceania* 29: 113-116.
- GRANJA, H.M. 1993. Os conhecimentos actuais sobre o Holocénico do Noroeste de Portugal. *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*. Lisboa: Colibri, 43-49.
- GRANJA, H.M. & CARVALHO, G. 1993. A syntethesis of the researches about the Pleistocene-Holocene evolution of the NW coastal zone of Portugal. *Proceedings of the 1st International Conference on the Mediterranean Coastal Environment (Antalya, 1993)*. Turkey: 160-165.
- GRANJA, H.M. & DE GROOT, T. 1996. Sea level rise and neotectonism in a Holocene coastal environment at Cortegaça beach (NW Portugal): a case Study. *Journal of Coastal Research* 12 (1): 160-170.

- GUIMARÃES, A. 1928. O labor da Grei. *Jornal A Penha* (Ano I, nº 1) (8/09/1928). Guimarães: 3.
- GUIMARÃES, F.J.S. 1989. Manuscritos inéditos de Francisco Martins Sarmiento. Antiqua (Informes, reconhecimentos e prospecções). *Revista de Guimarães* 99: 16-66.
- GUIMARÃES, J.G.O. 1900. A mamoa de Matamá. *Revista de Guimarães* 17 (3): 150.

H

- HALBWACHS, M. 1975 [1925]: *Les Cadres sociaux de la memoire*. New York: Arno.
- HALBWACHS, M. 1992 [1950]: *On Collective Memory*. Tradução e Edição de L. A. Coser. Chicago: University of Chicago Press.
- HARBISON, P. 1967. Mediterranean and atlantic elements in Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia. *Madridrer Mitteilungen* 8: 100-122.
- HARDAKER, R. 1976. Las hachas de cubo en la Península Ibérica. *Cuadernos de Pre-historia y Arqueologia Castellonense* 3: 151-171.
- HARDING, A. F. 2000. *European Societies in the Bronze Age*. Cambridge University Press.
- HARRISON, R.J. 1974a. Ireland and Spain in the early Bronze Age. Fresh evidences for Irish and British Contacts with Proto-Atlantic Bronze Age Spain in the second millennium BC. *Journal of the Royal Society of Antiquaries of Ireland* 109: 58-60.
- HARRISON, R.J. 1974b. A reconsideration of the Iberian Background to beaker metallurgy. *Paleohistoria* 16: 63-105.
- HARRISON, R.J. & MEDEROS MARTÍN, A. 2000. Patronage and clientship; a model for the Atlantic Final Bronze Age in the Iberian Peinisula. In C.F.E. Pare (ed.) *The Supply and Circulation of Metals in Bronze Age Europe*. Oxbow, 133-150.
- HARRISON, R.J.; CRADDOCK, P.T. & HUGHES, M. 1981. A Study of the Bronze Age Metalwork from the Iberian Peninsula in the Bristish Museum. *Ampurias* 43: 113-179.
- HARTMANN, A. 1971. Análises de alguns objectos pré-históricos de ouro, procedentes do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães* 81 (1-2): 129-132.
- HARTMANN, A. 1982. Prähistorische Goldfunde aus Europa II. Spektralanalytische Untersuchungen und deren Auswertung. In K. Bittel, A. Hartmann, H. Otto, E. Sangmeister, H. Schickler & M. Schoder (eds.) *Studien zu den Anfängen der Metallurgie* 5. Berlim: Gebr. Mann Verlag.
- HAWKES, C.F.C. 1952. Las relaciones atlánticas en el Bronze final, entre la Península Iberica y las Islas Británicas com respecto a la Francia y la Europa Central y Mediterránea. *Ampurias* 14: 81-119.
- HAWKES, C.F.C. 1958. Escavações no Castro de Sabroso (Abril de1958). *Revista de Guimarães* 63 (3-4): 446-453.
- HAWKES, C.F.C. 1971. North-Western Castros: excavation, archeology and history. *Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1971)*. Coimbra, 283-287.
- HELENO, M. 1935. Comunicação ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnologia. *Ethnos* 1: 252-254.
- HELENO, M. 1935c. Jóias pré-romanas. *Ethnos* 1: 229-257.
- HENCKEN, H. 1956. Carp's Tongue Swords in Spain, France and Italy. *Zephyrus* 7: 125-178.

HÜBNER, E. 1871. *Notícias Archeológicas de Portugal*. Lisboa.

HUTTON, P.H. 1993. *History as an art of memory*. Hanover: New England University Press.

I

INGOLD, T. 1986. *The Appropriation of Nature: Essays on Human Ecology and Social Relationships*. Manchester: Manchester University Press.

INGOLD, T. 1987. *The appropriation of nature: essays on human ecology and social relations*. Iowa: University of Iowa Press.

INGOLD, T. 1993. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology* 25 (n° 2): 24-174.

INGOLD, T. 1993. Technology, language, intelligence: a reconsideration of basic concepts. In K. R. Gibson and T. Ingold) Tools (eds) *Language and Cognition in Human Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 449-472.

INGOLD, T. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.

INGOLD, T. 2011 *Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description*. London: Routledge.

J

JALHAY, E. 1931. O Tesouro de Álamo (Moura, Portalegre). Contribuição Preliminar para o seu Estudo. *Brotéria* 12: 35-44.

JOHNSON, M. 2000. *Teoría arqueológica. Una introducción*. Barcelona: Ariel Historia.

JORGE, S.O. 1980a. A necrópole do Tapado da Caldeira. *Arqueologia* 2: 36-44.

JORGE, S.O. 1980b. A estação do Tapado da Caldeira. *Portugália* 1 (Nova série): 29-50.

JORGE, S.O. 1983. Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião). *Arqueologia* 8: 55-56.

JORGE, S.O. 1983/1984. Aspectos da evolução pré-histórica do Norte de Portugal durante o III e I milénios a.C. *Portugália* 4-5: 97-110.

JORGE, S.O. 1985. Datas de carbono 14 para a Pré-história Recente do Norte de Portugal: os dados e os problemas. *Arqueologia* 12: 154-183.

JORGE, S.O. 1986. *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves – Vª. Pª. de Aguiar* (3 vols). Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Porto.

JORGE, S.O. 1988a. *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Monografias Arqueológicas 2. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

Jorge, S.O. 1988b. Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do 'registo arqueológico'. *Arqueologia. Percursos e Interrogações*. Porto: ADECAP, 151-172.

JORGE, S.O. 1988c. Reflexões sobre a Pré-história Recente do Norte de Portugal. *Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnografia* 28 (1-2): 85-112.

JORGE, S.O. 1990a. Reflections on Northern Portugal's Late Prehistory. *Arqueologia Hoje* 1: 38-67.

JORGE, S.O. 1990b. Portugal, das Origens à Romanização. In J. de Alarcão (coord.) *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 75-251.

- JORGE, S.O. 1990c. Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios. In J. de Alarcão (coord.) *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 213-251.
- JORGE, S.O. 1991. Idade do Bronze: apontamento sobre a natureza dos dados arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras do Porto* 8: 385-391.
- JORGE, S.O. 1996. Regional diversity in the Iberian Bronze Age – on the visibility and opacity of the archaeological record. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 36: 193-214.
- JORGE, S.O. 1997. O Bronze Final no Norte de Portugal: uma história em discussão. *O I milénio a.C. no Noroeste peninsular. A fachada atlântica e o interior*. Bragança: Parque Nacional de Montezinho, 13-22.
- JORGE, S.O. 1998. Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do registo arqueológico. *Arqueologia. Percursos e interrogações*. Porto: ADECAP.
- JORGE, S.O. 1999. *Domesticar a Terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, S.O. & JORGE, V.O. 2006. Sociedades hierarquizadas, sociedades estratificadas? Bronze Final. In Carlos A. B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense* (Vol. 1). Porto: Edições Afrontamento, 164-187.
- JORGE, V.O. 1978. O megalitismo do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães* 88: 431-452.
- JORGE, V.O. 1980. Escavação da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião. *Portugália* 1 (nova série): 9-28.
- JORGE, V.O. 1982. *Megalitismo do Norte de Portugal. O distrito do Porto – os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de doutoramento – policopiada).
- JORGE, V.O. 1988. O megalitismo do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães* 88: 431-452.
- JORGE, V.O.; ALONSO, F. & DELIBRIAS, G., 1988. Novas datas de Carbono 14 para mamoas da Serra da Aboboreira. *Arqueologia* 18: 95-98.
- JORGE, V.O.; GONÇALVES, A.A.H. & JORGE, S.O. 1980. As fossas ovóides abertas no saibro do concelho de Baião (distrito do Porto) e o seu significado no contexto da Arqueologia do Norte da Península Ibérica. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular* (vol. I). Guimarães, 133-144.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. 1960. *Kupfer und Bronze in den frühen Metallzeit Europas, Die Materialgruppen beim Stand von 12000 Analysen II. Studien zu den Anfängen der Metallurgie* 1. Berlin: Mann.
- JUNGHANS, S.; SANGMEISTER, E. & SCHRÖDER, M. 1968. *Kupfer und Bronze in den frühen Metallzeit Europas. Die Materialgruppen beim Stand von 12000 Analysen II. Studien zu den Anfängen der Metallurgie* 2. Berlin: Mann.

K

- KALB, P. 1974/1977. Uma data C-14 para o Bronze Atlântico. *O Arqueólogo Português* 7-9: 141-144.
- KALB, P. 1980a. O 'Bronze Atlântico' em Portugal. *Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (Guimarães, 1980)*. Vol.1, 113-120.
- KALB, P. 1980b. Zur Atlantischen Bronzezeit in Portugal. *Germania* 58: 25-115.

- KALB, P. 1991. Die Goldringe vom Castro Senhora da Guia, Baiões (concelho São Pedro do Sul) Portugal. *Internationale Archäologie 1. Festschrift für Wilhelm Schüle zum 60.* Marburg: 185-200.
- KALB, P. & HOCK, M. 1979. Escavações na necrópole de mamoaas "Fonte da Malga". Viseu, Portugal. *Beira Alta* 38 (3): 595-604.
- KRISTIANSEN, K. 1992. The emergence of the european world system in the bronze age: divergence, convergence and social evolution during the first and second millennia B.C. in Europe. *In* K. Kristiansen & J. Jansen (eds.) *Europe in the first millennium*. Sheffield University Press, Sheffield.
- KRISTIANSEN, K. 1987. Centre and Periphery in Bronze Age Scandinavia. *In* M. Rowlands, M. Larsen & K. Kristiansen (eds.) *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge: University Press, 74-85.

L

- LADRA, L. 2003. *Ourivesaria, arqueologia e paleoetnologia: A distribuição territorial dos torques áureos de Idade de Ferro do Noroeste Peninsular e as suas relações com as unidades étnicas castrejas*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de mestrado-policopiada).
- LADRA, L.; SILVA, C.A.F. & SOUSA, M.J. 2003. Notas sobre nova lâmina áurea de tiras do Norte de Portugal. *Portugália* 24: 53-64.
- LAUTENSACH, H. 1932. *Portugal auf Grund eigener Reisen und der Literatur*. Petermanns Mitterganzungsheft 213, Gotha.
- LAUTENSACH, H. 1991. Os recursos do mar. *In* O. Ribeiro, H. Lautensach & S. Daveau (eds.) *Geografia de Portugal I. A posição geográfica e o território*. Lisboa: Sá da Costa Ltd., 829-856.
- LEAL, A.S.A.B.P. & FERREIRA, P.A. 1873-1890. *Portugal Antigo e Moderno* (12 vols.). Lisboa.
- LEISNER, V. 1958. Notas sobre um vaso transmontano. *Arqueologia e História* 8: 145-153.
- LEISNER, V. 1998. *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen I. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEMOS, F.S. 1993. *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Braga. Universidade do Minho (Tese de doutoramento - policopiada).
- LEMOS, F.S. 1996. Povoamento, espaço e *gentilitates* no 1º milénio a.C. no Nordeste transmontano. *In* Alarcão, J. (ed.) *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia: 147-153.
- LEMOS, F.S., MARTINS, M.M. & DELGADO, M. 1976-1980. O sítio proto-histórico de Pedroso. *Actividade Arqueológica. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho*. Braga: 32-36.
- LEVY, J. 1979. Evidence of social stratification in Bronze Age Denmark. *Journal of Field Archaeology* 6: 49-56.
- LIMA, A.C.P. 1915. Tradições populares de Santo Tirso. *Revista Lusitana* 18: 99-120.
- LIMA, A.C.P. 1940a. A correspondência de Martins Sarmiento-Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães* 50 (1-2): 77-105.
- LIMA, A.C.P. 1940b. A correspondência de Martins Sarmiento-Padre Joaquim Pedrosa. *Revista de Guimarães* 50 (3-4): 181-214.

- LIMA, A.C.P. de 1940c. A freguesia de S. Tiago das Areias do concelho de Santo Tirso (Subsídios para uma monografia). *Douro Litoral* 1: 5-36.
- LIMA, J.A.P. 1926. Uma visita ao Monte de S. Miguel-o-Anjo. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 3 (4): 289-299.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1930. Nuevas cerámicas das antas galegas. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 4: 263-282.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1947. Los vasos semiovoides y la cronología de los vasos de ancho borde horizontal. *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense* 16 (1): 1-12.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1946-1947. Armería posthallstática del Noroeste hispánico. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 2 (8): 543-589.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1951. *Las joyas castreñas*. Madrid.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1955a. El comercio y los medios de transporte en los pueblos castreños. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 10: 145-153
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1955b. El comienzo de la Edad de los Metales en el Noroeste Peninsular. *Cuadernos de Estudios Galegos* 10: 5-41.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1955c. Cómo Galicia entró en la historia. *Boletín de la Real Academia Galega* 26: 19-30.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. & BOUZA BREY, F. 1929. Os Oestrimnios, os Saefes e a Ofiolatría en Galicia. *Arquivos do Seminário de Estudos Galegos* 2: 29-193.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. & CHAMOSO LAMAS, M. 1958. Una necrópolis de sepulturas planas. *Cuadernos de Estudios Gallegos* 13 (39): 273-283.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. & LORENZO FERNÁNDEZ, X. 1930. *Vila de Calvos de Randín. Notas Etnográficas e Folklóricas*. Santiago de Compostela: Seminario de Estudios Galegos.
- LÓPEZ GARCÍA, P. 1984a. Estudio polínico de los sedimentos del yacimiento de Lavapés. *Pontevedra Arqueológica* 1: 179-186.
- LÓPEZ GARCÍA, P. 1984b. Análisis palinológico de los sedimentos arqueológicos del yacimiento de "O Fixón" (Viñó, Hío, Cangas de Morrazo). *Pontevedra Arqueológica* 1: 145-148.
- LÓPEZ GARCÍA, P. 1986 Estudio palinológico del Holoceno español a través del análisis de yacimientos arqueológicos. *Trabajos de Prehistoria* 43: 143-158.
- LOUREIRO, L. 2007. *Trabalhos arqueológicos nos monumentos de Vale de Chãos (Braga)*. Braga. Nova Arqueologia (Relatório apresentada ao Igespar, IP - Policopiado).
- LOUREIRO, S. & VALINHO, A. 2000. O castro de Vila Cova-a-Coelheira no contexto da Idade do Ferro do Alto Paiva. In V.O. Jorge, A.M.S. Bettencourt, L. Berrocal-Rangel, V.H. Correia, M.D. Fernández-Posse & F.J. Sánchez-Palencia (eds.) *Proto-História da Península Ibérica. Actas do III Congresso peninsular de Arqueologia (Vila Real, 1999)*. Porto: ADECAP, 495-501.
- LUZ, S. 2010. O Depósito de conchas do sitio arqueológico das Areias Altas (Porto, Portugal). Discussão do enquadramento arqueológico da estrutura 15. *Férvedes* 6:141-145.

M

- MACEDO, M.D. 1896. Alguns apontamentos archeológicos relativos às duas freguezias de Sobreposta e Pedralva, Comarca de Braga. *Revista de Guimarães* 13 (3): 121-123.
- MACEDO, M.F. 2001. Joalheria e Ourivesaria. *Museu Nacional Soares dos Reis. Roteiro da Coleção*. Porto: 156-171.
- MACIEL, T. 2003. *O povoamento proto-histórico do Vale do Neiva*. Viana do Castelo:Rio Neiva.
- MACWHITE, E. 1951. *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia Primitiva del Hombre.
- MAIA, M.D.S. 1905-1908. A Necrópole de Canidello (Terra da Maia). *Portugalia* 2: 619-625.
- MAIA, M.D.S. 1913. *Memórias de Guidões*. Maia: Apontamentos Históricos.
- MAIA, M.G.; BUBNER, M.A. & SANTOS, M.L. 1978. *O Trajo – Do Neolítico à Romanidade*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (policopiado).
- MALUQUER DE MOTES, J. 1973. La originalidad de la cultura castreña. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e de Etnologia* 22 (3): 335-344.
- MALUQUER DE MOTES, J. 1975. La edad del Bronce en el Occidente Atlántico. I *Jornadas de Metodologias Aplicadas a las Ciencias Historicas 1 (Santiago de Compostela, 1973)*. Santiago de Compostela: 129-145.
- MARQUES, J.A.M. 1984. Elementos para o estudo da Idade do Bronze no Alto Minho (Ponta de lança do Castro da Senhora da Graça - Monção). *Humanidades. Revista Crítica de Ciências Sociais e Humanas* 4: 37-44.
- MARTÍN SEIJO, M.; FIGUEIRAL I. ; BETTENCOURT, A.M.S.; GONÇALVES, A.H.B. & ALVES, M.I.C.A. 2011 A floresta e o mato. Exemplos da exploração dos recursos lenhosos pelas comunidades da Idade do Bronze Inicial e Médio do Noroeste de Portugal. In J. Tereso, J. Honrado, A.T. Pinto & F.C. Rego (eds.) *Florestas do Norte de Portugal. História, Ecologia e Desafios de Gestão*. Porto: InBio – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva (e-book): 85-98
- MARTÍN-SEIJO, M; BETTENCOURT, A.M.S. & ABAD-VIDAL, E. & LÓPEZ GARCÍA, J.C. 2012 Firewood and timber exploitation during the third and second millennia BC in the Northwestern Iberia: wooden resources, territories and *chaîne opératoire*. In A.C. Almeida, A.M.S. Bettencourt, D. Moura, S. Monteiro-Rodrigues & M.I.C. Alves (eds.) *Environmental Changes and Human Interaction Along the Western Atlantic Edge / Alterações Ambientais e Interação Humana na Fachada Atlântica Ocidental*. Coimbra: APEQ, CEGOT, CITCEM, CCT/CGUP: 115-135.
- MARTIN-SERRANO, A. 1994. El relieve del Macizo Hesperico: Genesis y cronologia de los principales elementos morfologicos. *Cadernos del Laboratorio Xeologico de Laxe* 19: 37-55.
- MARTÍNEZ CORTIZAS, A. COSTA-CASAS, M., LOPEZ-SAEZ, J.A., 2009. Environmental change in NW Iberia between 7000 and 500 cal. BC. *Quaternary International* 200: 77-89.
- MARTINS, M.M. 1984. A Citânia de S. Julião, Vila Verde: primeiras sondagens. *Cadernos de Arqueologia* 1: 11-27.
- MARTINS, M.M. 1985a. Sondagens arqueológicas no Castro de Monte Padrão em Santo Tirso. *Cadernos de Arqueologia* 2: 217-230.

- MARTINS, M.M. 1985b. A ocupação do Bronze Final da Citânia de S. Julião, em Vila Verde. Caracterização e cronologia. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 25 (2-4): 197-240.
- MARTINS, M.M. 1987. A Cerâmica Proto-Histórica do Vale do Cávado: Tentativa de Sistematização. *Cadernos de Arqueologia* 4: 35-77.
- MARTINS, M.M. 1988. *A citânia de S. Julião, Vila Verde. Memória dos trabalhos realizados entre 1981 e 1985*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M. 1988b. Experiências de arqueologia espacial no norte de Portugal. O vale do Cavado: I milénio a.C. e Romanização. *Arqueologia Espacial* 12: 141-155.
- MARTINS, M.M. 1989. *O castro do Barbudo, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia - Monografias 3. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M. 1990 [1987]. *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do rio Cávado*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 5. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M. 1991. O povoado de Santo Ovídeo, fafe, Braga. *Cadernos de Arqueologia* – Monografias 6. Braga.
- MARTINS, M.M. 1993/1994. Continuidade e mudança no I milénio a.C., no Noroeste Português. Os diferentes cenários de representação do discurso arqueológico. *Cadernos de Arqueologia* 10-11: 41-64.
- MARTINS, M.M. 1996. Povoamento e habitat no Noroeste Português durante o 1º milénio a.C.. In J. Alarcão (ed.) *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 118-133.
- MARTINS, M.M. 1997. The dynamics of change in NO Portugal during the I millenium B.C. In M. Diaz-Andreu & S. Keay (dir.) *The Archaeology of Iberia. The Dynamics of Change*, Londres: Routledge, 143-153.
- MARTINS, M.M. & DELGADO, M. 1989-1990. História e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta. *Cadernos de Arqueologia* 6-7: 11-39.
- MARTINS, M. & JORGE, S.O. 1992. Substrato cultural das etnias pré-romanas do Norte de Portugal. *Complutum Extra* (2-3): 347-372.
- MARTINS, M.M.; FONTES, L.; BRAGA, C.; BRAGA, J.; MAGALHÃES, F. & SENDAS, J. 2010a. *Salvamento de Bracara Augusta – Quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade (BRA 08-09 CTT). Relatório Final*. Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia – Memórias 1. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M.; FONES, L. & ANDRADE, F. 2010b. *Salvamento de Bracara Augusta – Quarteirão dos CTT/Interligação Túnel Avenida da Liberdade (BRA 09 CTT-ITAVL). Relatório Final*. Trabalhos Arqueológicos da Unidade de Arqueologia – Memórias 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M.M.; FONTES, L.; SENDAS, J. & CATALÃO, S. 2010c. *Salvamento de Bracara Augusta – Ampliação do Túnel da Avenida da Liberdade (BRA 08-09 TAVL). Relatório Final*. Trabalhos

- Arqueológicos da Unidade de Arqueologia – Memórias 7. Braga:Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
- MEDEIROS, A.; PEREIRA, E. & MOREIRA, A. 1981. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 9-D, Penafiel*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MEDEIROS, A.; PEREIRA, E. & MOREIRA, A. 1980. *Carta Geológica de Portugal (1/50 000). Notícia explicativa da folha 9-D, Penafiel*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MELO, A.A. & ARAÚJO, M.F. 2000. Machados de bronze de Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico* 2-3: 53-66.
- MONTEAGUDO, L. 1952. Monumentos propiedad de la Sociedad Martins Sarmiento. *Archivo Español de Arqueología* 25 (85): 112-116.
- MONTEAGUDO, L. 1953. Orfeberia del NW hispánico de la Edad del Bronce. *Archivo Español de Arqueología* 26-88: 269-312.
- MONTEAGUDO, L. 1954. Metalurgia hispánica de la Edad del Bronce, con especial estudio de Galicia e Norte de Portugal. *Caesaraugusta* 4: 55-95.
- MONTEAGUDO, L. 1955. Cale, Callaici y Callaecia. *III Congreso Nacional de Arqueología (Galicia 1953)*. Zaragoza, 413-414.
- MONTEAGUDO, L. 1957. Galicia legendaria y arqueológica. Palafitos. Problemas y lendas. *Revista de Dialectología y Tradiciones populares* 13: 27-30.
- MONTEAGUDO, L. 1958. Notas sobre las hachas de tope. *El Museo de Pontevedra* 12: 23-30.
- MONTEAGUDO, L. 1965. Hachas prehistóricas de Europa Occidental (Notas de un viaje). *Conimbriga* 4: 13-23.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Prähistorische bronzefunde. Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Univesidade de Santiago de Compostela.
- MONTEAGUDO, L. 1981. Koiné del bronce atlántico. *Actas do 1º Colóquio Galaico-Minhoto (Ponte de Lima, 1981)*. Ponte de Lima, 266-295.
- MONTEAGUDO, L.; GARCÍA, A. & LOIS, J. 1981. El hacha de Salto (Rodeiro) y las primeras hachas de tope de dos asas en Europa. *El Museu de Pontevedra* 35: 117-162.
- MONTERO-RUIZ, I. 1991. *Estudio arqueometalúrgico en el Sudeste de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense (Tese de Doutoramento – policopiada).
- MONTERO-RUIZ, I.; SANTOS, M.; ROVIRA HORTALÁ, M.C.; RENZI, M.; MURILLO-BARROSO, M.; HUNT ORTIZ, M.; GENER, M. & CASTAÑER, P. 2010-2011. Lingotes plano-convexos de cobre en la primera mitad del I milenio AC en la Península Ibérica. *Homenaje a D. Manuel Santoja Alonso* [Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología 46]: 99- 119.
- MORAIS, R. 2005. Autarcia e Comércio em Bracara Augusta. *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas*. Braga
- MOREIRA, A.B. 1991a. Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. O Monte Padrão. *Santo Tirso Arqueológico* 1: 26-34.
- MOREIRA, A.B. 1992b. Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelhos. *Santo Tirso Arqueológico* 2: 34-47.

- MOREIRA, A.B. 1995. *Relatório de escavações. Estação Arqueológica de Monte Padrão (Pad. 95)*. Santo Tirso (policopiado).
- MORERIA, A.B. 1998. *Área arqueológica de Alvarelhos. Memória e Identidade*. Santa Maria da Feira.
- MOREIRA, A.B. 2004. Elementos para a carta arqueológica do concelho de Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico* 4: 55-68.
- MOREIRA, A.B. 2005. O Castro do Monte do Padrão. *Do Bronze Final ao fim da Idade Média*. Santa Maria da Feira.
- MOREIRA, A.B. 2007. *Museu Municipal Abade Pedrosa. Coleção Arqueológica*. Santo Tirso: Câmara Municipal.
- MOREIRA, A.B. 2009. *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um "aglomerado urbano secundário" no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Tese de doutoramento – policopiada).
- MORPHY, H. 1995. Landscape and the reproduction of the ancestral past. In E. Hirsch & M. O'Hanlon (eds) *The Anthropology of Landscape: Perspectives on Place and Space*. Oxford: Clarendon Press, 184-209.
- MULK, I.M. 1994. Sacrificial places and their meaning in Saami society. D. L. Charmichael, J. Hubert, B. Reeves & Akudhild Schanche (eds). *Sacred Sites, Sacred Places*. London & New York: Routledge.
- MUÑOZ SOBRINO, C.; RAMIL-REGO, P. & RODRÍGUEZ GUTIÁN, M.A. 1997. Upland vegetation in the North-West Iberian Peninsula after the last glaciation: forest history and deforestation dynamics. *Vegetation History and Archaeobotany* 6: 215–233.

N

- NEEDHAM, S. 1989. Selective deposition in the British Early Bronze Age. *World Archaeology* 20: 229-248)
- NICULICĂ, B.P. 2013. A forgotten discovery: the bronze hoard from Prisăceni (Northern Bucovina). *Acheologia Moldavei* XXXVI: 211-228.

O

- OBERMAIER, H. 1923. Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia. *Boletín de la Comisión de Monumentos Histórico Artísticos de Orense* 7 (148-149): 1-21, 25-47.
- OLIVEIRA, J. 2010. *À descoberta do Património*. Barcelos: Escola E.B. 2.3. de Viatodos.

P

- PAÇO, A. & PINTO, E. 1961. Vasos campaniformes da mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde). *Boletim Cultural da Câmara Municipal* 2: 9-24.
- PAÇO, A. & VAULTIER, M. 1962. Nota acerca de um machado do Bronze Atlântico. In Congresso Luso-Espanhol para o Progreso das Ciências (Porto, 1962). Secção VII - História e Arqueologia. Porto: Associação Portuguesa para o Progreso das Ciências, 335-338.
- PANTREAU, J.P. & QUEIROGA, F. 1990. Le Castro das Ermidas. Village fortifié du Portugal. *Archeologia* 253: 44-49.

- PARCERO OUBIÑA, C. 1997. *Documentación de un entorno castreño: trabajos arqueológicos en el área de Cameixa. Trabajos en Arqueología del Paisaje 1*. Santiago de Compostela.
- PARCERO OUBIÑA, C. 2002. *La construcción del Paisaje Social en la Edad del Hierro del Noroeste Ibérico*. Monografías de Arqueoloxía, História y Património. Ortigueira: Ortegalia
- PARCERO OUBIÑA, C.; SANTOS ESTÉVEZ, M. & CRIADO BOADO, F. 1998. Rewriting landscape: incorporating sacred landscapes into cultural traditions. *World Archaeology* 20: 159-176.
- PARREIRA, R. & PINTO, C.V. 1980. *Tesouros da Arqueologia Portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- PARREIRA, R. & PINTO, C.V. 1993. *Tesouros da Arqueologia Portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- PEARSON, M.P. 1999. *The Archaeology of death and burial*. Texas: A & M University Press.
- PEIRCE, C.S. 1998. *Antologia Filosófica*. Lisboa
- PEIXOTO, R. 1905-1908a. Beneméritos de archeologia – as explorações da Cividade de Terroso e do Castro de Laundos no concelho da Póvoa de Varzim. *Portugália* 2: 677-680.
- PEIXOTO, R. 1905-1908b. As explorações da Cividade de Terroso e do Castro de Laundos no Concelho da Póvoa de Varzim. *Portugália* 2: 677-680.
- PEÑA SANTOS, A. 1992. *Castro de Torroso (Mos, Pontevedra)*. Arqueoloxía/Memorias 11. Xunta de Galicia.
- PEÑA SANTOS, A. & REY GARCÍA, J.M. 2001. *Petroglifos de Galicia*. A Coruña: Via Láctea.
- PEREIRA, E. 1989. *Carta Geológica de Portugal (1/50 000). Notícia explicativa da folha 10-A, Celorico de Basto*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PEREIRA, E.; RIBEIRO, A. & MOREIRA, A. 1987. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 10-A, Celorico de Basto*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PEREIRA, E.; RIBEIRO, A.; CARVALHO, G.; NORONHA, F.; FERREIRA, N.; MONTEIRO, J.H. 1989. *Carta Geológica de Potuigal, folha 1, na escala 1/200 000, Minho*. Lisboa: ministério da Indústria e Energia/Direção Geral de Geologia e Minhas/Serviços Geológicos de Portugal.
- PEREIRA, E. 1992. *Notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1, na escala 1/200 000, Minho*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PEREIRA, F.A. 1903. Machados de duplo anel. *O Arqueólogo Português* 8 (1ª Série): 132-135.
- PEREIRA, F.A. 1908. Novo material para o estudo da estatuária e arquitectura dos castros do Alto-Minho. *O Arqueólogo Português* 13: 202-244.
- PEREIRA, G. 2014a. A sepultura sob *tumulus* do Senhor dos Aflitos (Alvarenga/Arouca, Centro-Norte de Portugal). Primeiros resultados. *Estudos do Quaternário* 10: 3-14.
- PÉREZ ALBERTI, A. & RAMIL REGO, P. 1996. La evolución bioclimática y sus consecuencias: el ejemplo de los paleopaisajes del Cuaternario en Galicia. *Gallaecia* 14/15: 31-66.
- PÉREZ CASTRO, L. 1997. Brazelete de Bronce de Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico* 1: 5-11.
- PÉREZ-ESTUÁN, C.; SICARD, M.; JORBA, O.; COMERÓN, A. & BALDASANO, J.M. 2004. Summertime recirculations of air pollutants over the north-eastern Iberian coast observed from systematic EARLINET lidar measurements in Barcelona. *Atmos. Environ.* 38, 3983-4000.

- PERICOT GARCIA, L. 1934. *História de Espanha. Epocas primitiva e romana*. Barcelona.
- PETRUSO, K.M. 1982. Castro de Lanhoso, Portugal: results of the first season. *Context* 2 (3): 1, 4-6.
- PETRUSO, K.M. 1984. *Archaeological excavations by Boston University at the site of Castro de Lanhoso (Minho) during August 1982* (Relatório submetido ao I.P.P.C. – policopiado).
- PIERCE, C.S. 1998. *The Essential Peirce* (Volume 2). Bloomington: Indiana University Press.
- PIMENTEL, A. 1902. *Santo Thyrsos de Riba D'Ave*. Club Thyrsense. Santo Tirso.
- PINA, J.L. 1928. A Penha Eneolítica. *Revista de Guimarães* 38 (3-4): 135-138.
- PINA, J.L. 1930. Subsídios para a arqueologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 40 (3-4): 96-107.
- PINA, J.L. 1931. Uma notável estação arqueológica portuguesa: a Penha (Guimarães). *Actes du XVème Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Prehistorique*. Paris: 342-
- PINA, J.L. 1933. Notas para a Pré-história vimaranense. *Homenagem a Martins Sarmento: miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranense: no centenário do seu nascimento (1833-1933)*. Guimarães, 287-291.
- PINA, J.L. 1936. Novos elementos para o estudo da Penha eneolítica (Guimarães). *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses* 2: 81-84.
- PINA, J.L. 1940. Tentame topográfico de arqueologia pré-romana e luso-romana do concelho de Guimarães. *Actas do Congresso do Mundo Português – Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal (Lisboa, 1940)*. Vol.1. Lisboa, 499-514.
- PINGEL, V. 1977. *Goldfunde der Iberischen Halbinsel*. Marburg.
- PINGEL, V. 1992. *Die Vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel – Eine Archäologische Untersuchung zur Auswertung der Spektralanalysen*. Walter de Gruyter. Berlin.
- PINHO LEAL, A.S.A.B. 1874. *Portugal Antigo e Moderno* (Vol. IV). Lisboa.
- PINTO, A.M. 2011. *Caraterização e Valorização do Património Geológico da Penha (Guimarães, Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado apresentada à Universidade do Minho da área de Património Geológico e Geoconservação).
- PINTO, J.M.S.M. 1995. O povoamento da bacia superior do rio Sousa da Proto-História à Romanização. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 35 (1): 265-283.
- PINTO, J.M.S.M. 2008. Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa. *Oppidum* (número especial): 45-63.
- PINTO, J.M.S.M. 2010. O Castro da Senhora Aparecida (Pinheiro, Felgueiras) e a mineração do estanho – do Bronze Final à época Romana. *Livro de reumos do 1º Congresso Internacional de povoamento e exploração de recursos minieros na Europa Atlântica Ocidental (Braga, 2010)*. Braga: CITCEM/APEQ/FEUP, 21.
- PINTO, R.S. 1928a. Museu de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães* 38 (3-4): 192-196.
- PINTO, R.S. 1929a. Museu de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães* 39 (1-2): 27-43.
- PINTO, R.S. 1929b. Museu de Martins Sarmento. *Revista de Guimarães* 39 (3-4): 169-181.
- PINTO, R.S. 1929c. Machados de bronze do Museu Municipal do Porto. *Portucale* 2: 421-422.
- PINTO, R.S. 1929d. Petróglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal. *Nós* 11 (62): 19-26.

- PINTO, R.S. 1929a. Concelho da Póvoa de Varzim. Apontamentos arqueológicos. *A Voz do Crente* n°s 92, 95, 97, 98, 104, 106, 116, 120, 141.
- PINTO, R.S. 1930. Machados de bronze das margens do Ave. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia* 4 (3): 306.
- PINTO, R.S. 1932. A cidade de Terroso e os castros do Norte de Portugal. *Revista de Guimarães* 42 (1-2): 81-91.
- PINTO, R.S. 1933. Activité minière et metallurgique pendant l'âge du bronze en Portugal. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto* 18: 77-89.
- PINTO, P.C. 2000. Vila do Conde Arqueológica. *Al-madan* 9: 147-150.
- POLLARD, J. 1995. Inscribing space: Formal deposition at the later Neolithic monument of Woodhenge, Wiltshire. *Proceedings of the Prehistoric Society* 61: 137-156
- POLLARD, J. 2001a. 'These places have their moments': thoughts on settlement practices in the British Neolithic. In J. Brück & M. Goodman (eds.) *Making Places in Prehistoric World*. London: UCL Press, 76-93.
- POLLARD, J. 2001b. The aesthetics of depositional practice. *World Archaeology* 33 (2): 315-333.
- PREUCEL, R.W. 2006. *Archaeological Semiotics*. Malden, MA: Blackwell Publishing.
- PRIETO-MARTÍNEZ, M.P.; JUAN-TRESSERRAS, J. & MATAMALA, J.C. 2005. Ceramic Production in the North-Western Iberian Peninsula: Studying the functional features of pottery by analyzing organic material. In M.I. Prudencio, M.I. Dias & J.C. Waerenborgh (eds.) *Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient Ceramics - Understanding people through their pottery* [Trabalhos de Arqueologia 42]. Lisboa: Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN)/Ministério da Cultura/ Instituto Português de Arqueologia, 193-199.
- PRIETO MARTÍNZZES, M.P.; LANTES SUÁREZ, O. & MARTÍNEZ CORTIZAS, A. 2009a. Dos enterramientos de la Edad del Bronce en la Provincia de Ourense. In J. Fonte (ed.) *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia (Montalegre, 2008)*. [Revista Aqva Flaviae 41]. Montalegre: Grupo Cultural Aqvae Flaviae: 93-105.
- PRIETO MARTÍNZZES, M.P.; MARTÍNEZ CORTIZAS, A.; LANTES SUÁREZ, O. & GIL AGRA, D. 2009b. Estudio de la cerámica del yacimiento de fosas de Fraga do Zorro. In J. Fonte (ed.) *Actas do Congresso Transfronteiriço de Arqueologia (Montalegre, 2008)*. [Revista Aqva Flaviae 41]. Montalegre: Grupo Cultural Aqvae Flaviae: 107-121.

Q

- QUEIROGA, F. 1983. Património Histórico de Vila Nova de Famalicão. *Boletim Cultural* 4: 47-51.
- QUEIROGA, F. 1984. Escavações arqueológicas em Castelo de Matos – Notícia Preliminar. *Arqueologia* 9: 105-116.
- QUEIROGA, F. 1985a. Escavações arqueológicas no castro das Ermidas. A campanha de 1983. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão* 5: 4-43.
- QUEIROGA, F. 1985b. Vila Nova de Famalicão. Castro das Ermidas – 1983. *Informação Arqueológica* 5: 56-57.

- QUEIROGA, F. 1985c. Vila Nova de Famalicão. Castro de Vermoim – 1982. *Informação Arqueológica* 5: 56.
- QUEIROGA, F. 1986. Vila Nova de Famalicão. Castro de Vermoim – 1984. *Informação Arqueológica* 6: 35.
- QUEIROGA, F. 1987. Corte Estratigráfico no Castro de Penices. *Boletim Cultural de Vila Nova de Famalicão* 7: 3-22.
- QUEIROGA, F. 1992. *War and Castros: New approaches to the Northwestern Portuguese Iron Age*. Oxford: Universidade de Oxford (Tese de Doutoramento – policopiada).
- QUEIROGA, F. 1994. Castro das Ermidas. *Informação Arqueológica* 9. Lisboa: 11-01.
- QUEIROGA, F. 2005. Materiais e técnicas construtivas da cultura castreja do Entre-Douro-e-Minho. *Castro, um lugar para habitar* [Cadernos do Museu 11]. Penafiel: 155-166.
- QUEIROGA, F. & FIGUEIRAL, I. 1989. Datações de Carbono 14 para Castelo de Matos. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Famalicão* 9: 67-69.
- QUEIROGA, F. & PAUTREAU, J.-P. 1990. Le Castro das Ermidas. Village fortifié du Portugal. *Archaeologia* 253: 44-49.
- QUEIROZ, P.F. 2010. *Identificação de carvões de madeira do sítio arqueológico do Corgo/Azurara, Vila do Conde*. Terra Scenica – Centro para a criatividade partilhada das ciências, artes e tecnologias.

R

- RADDATZ, K. 1969. *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 5 (Vol. II). Berlin.
- RAMIL-REGO, P. 1992. *La vegetación cuaternaria de las Sierras Septentrionales de Lugo a través del análisis polínico*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela (Tese de Doutoramento-policopiada).
- RAMIL-REGO, P. 1993a. Evolución climática e história de la vegetación durante el Pleistoceno Superior y el Holoceno en las regiones montañosas del Noroeste Ibérico. In A. Pérez Alberti; L. Guitián Rivera & P. Ramil-Rego (eds.) *La Evolución del Paisaje en las Montañas del Entorno de los Caminos Jacobeos*. Xunta de Galicia: 25-60.
- RAMIL-REGO, P. 1993b. Paleobotánica de yacimientos arqueológicos holocenos de Galicia (N.O. Cantábrico). *Munibe. Antropología y Arqueología* 45: 165-174.
- RAMIL-REGO, P. & AIRA RODRÍGUEZ, M.J. 1993. Estudio palinológico de la turbera de Pena Veira (Lugo). *Anales Jará. Bot. Madrid* 51 (1): 111-122.
- RAMIL-REGO, P. & AIRA RODRÍGUEZ, M.J. 1996. Antropización y desarrollo agrícola en el N.O. peninsular, a partir de análisis polínicos y paleocarpológicos. *Botánica Macaronésica* 23: 269-283.
- RAMIL-REGO, P.; DOPAZO MARTINEZ, A. & FERNÁNDEZ RODRIGUEZ, C. 1996. Cambios en las estrategias de explotación de los recursos vegetales en el Norte de la Península Ibérica. *Férvedes* 3: 169-187.
- RAMIL REGO, P.; GÓMEZ-ORELLANA, L. & MUÑOZ SOBRINO, C. 2010. Cambio climático durante el último ciclo Glaciar-Interglaciar en el NW Ibérico. In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Braga: APEQ/CITCEM, 23-38.

- RAMIL-REGO, P.; MUÑOZ SOBRINO, C.; RODRÍGUEZ GUTIÁN, M. & GÓMEZ-ORELLANA, L. 1998. Differences in the vegetation of the North Iberian Peninsula during the last 16,000 years. *Plant Ecology* 138: 41-62.
- RAMIL SONEIRA, J. & VÁSQUEZ VARELA, J.M. 1979. Enterramiento en cista de la edad del Bronce de 'O Cubillon', Xermade (Lugo). *El Museu de Pontevedra* 33: 61-68.
- REIMER, P.J.; BAILLIE, M.G.L.; BARD, E.; BAYLISS, A.; BECK, J.W.; BLACKWELL, P.G.; RAMSEY, C.B.; BUCK, C.E.; BURR, G.S.; EDWARDS, R.L.; FRIEDRICH, M.; GROO-TES, P.M.; GUILDERSON, T.P.; HAJDAS, I.; HEATON, T.J.; HOGG, A.G.; HUGHEN, K.A.; KAISER, K.F.; KROMER, B.; MCCORMAC, F.G.; MANNING, S.W.; REIMER, R.W.; RICHARDS, D.A.; SOUTHON, J.R.; TALAMO, S.; TURNER, C.S.M.; VAN DER PLICHT, J. & WEYHENMEYER, C.E. 2009. IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0-50,000 Years Cal BP. *Radiocarbon*, 55 (4): 1869-1887.
- RENFREW, C. 1982. Socio-economic change in ranked societies. In C. Renfrew & S. Shennan (eds.) *Ranking and Exchange, New Directions in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-8.
- RENFREW, C. 1986. Peer Polity Interaction and Socio-political Change. Cambridge: University Press.
- RESENDE, A. 1593. *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Lisboa.
- RIBEIRO, A.; MARQUES, F.; MUNHÁ, J.; CASTRO, P.; PEREIRA, E., MEIRELES, C.; RIBEIRO, M.A.; PEREIRA, D.; NORONHA, F. & FERREIRA, N. 2000. *Carta Geológica de Portugal na escala 1:200 000. Notícia explicativa da folha 2, Trás-os-Montes*. Ministério da Economia/Instituto Geológico e Mineiro.
- RIBEIRO, H.; SAMPAIO, H.A.; BETTENCOURT, A.M.S.; ALVES, M.I.C.; NORONHA, F. & ABREU, I. 2010. Contribuição do conteúdo polínico para o estudo do litoral Norte durante a Pré-História Recente: o sítio arqueológico do Corgo, Azurara, Vila do Conde. *III Jornadas do Quaternário. Evolução Paleambiental e Povoamento no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Livro de Resumos. Braga: APEQ/CITCEM/CCTUM/CGFCUP, 13.
- RIBEIRO, I.; AREZ, L.; SANTOS, F.J.C. & ARAÚJO, M.F. 2007. A Late Bronze Age stone mould for flat axes from Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora, Portugal). *Proceedings of the 2nd International Conference "Archaeometallurgy in Europe" (Aquila, 2007)*. Italy, 17-21.
- RIBEIRO, M.L.; NORONHA, F.; MARTINS, H.C. & ALMEIDA, A. 2000. *Carta Geológica de Portugal na escala 1/50 000. Notícia explicativa da folha 6-C (Cabeceiras de Basto)*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro.
- RIBEIRO, O. 1991. *Opúsculos Geográficos: o mundo rural*. Volume IV. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. & LAUTENSACH, H. 1988. Geografia de Portugal – O ritmo climático e a paisagem (Vol. II). Lisboa: Sá da Costa.
- RIBEIRO, O; LAUTENSACH, H. & DAVEAU, S. 1987. *Geografia de Portugal. A Posição Geográfica e o Território*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- RIBEIRO, R.F. 1930. Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães* 40 (3-4): 171-175.
- RIBEIRO, R.F. 1931. Uma estação Eneolítica no Monte da Ínsua. *Revista de Guimarães* 41 (1-2): 81-84.
- RIBEIRO, R.F. 1934. Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães* 44 (3-4): 205-208.

- RIBEIRO, R.F. 1931. Uma Estação eneolítica no Monte da Ínsua. *Revista de Guimarães* 41 (1-2): 82-83.
- RODRIGUES, A. & BOTTAINI, C.E. 2012. O conjunto de metais de Vila Cova de Perrinho, Vale de Cambra: caracterização química e reavaliação dos contextos. *Oppidum* 5: 27-40.
- RODRIGUEZ GRAS, J.M. 1974. Un vaso y un puñal de la Edad del Bronce hallados en Malpica. *El Ideal Gallego*, 9 de xuño, 20-21.
- RODRÍGUEZ LOPEZ, C.; FERNANDEZ RODRIGUEZ, C. & RAMIL-REGO, P. 1993. El aprovechamiento del Medio Natural en la cultura castreña del Noroeste Peninsular. *Trabalhos de Antropología e Etnología* 33 (1-2): 285-305.
- ROMERO MASIÁ, A. 1976. *El habitat Castreño: Asentamientos y Arquitectura de los castros del N.O. Peninsular*. Colexio de Arquitectos de Galicia. Santiago de Compostela.
- ROSADO FERNANDEZ, R.M. 1996. *De antiquitatibus Lusitaniae* (tradução e comentário de R.M. Rosado Fernandes). Lisboa.
- ROVIRA LLORENS, S.; AUBET, P. 2002. Vasijas cerámicas para reducir minerales de cobre en la Península Ibérica y en la Francia meridional. *Trabajos de Prehistoria* 59 (1): 89-105.
- ROVIRA LLORENS, S. 2007. La producción de bronce en la prehistoria. In J. Molera, J. Farjas, P. Roura & T. Pradell (eds.) *Avances en Arqueometría 2005. Actas del VI Congreso Ibérico de Arqueometría (Girona, 2005)*, Girona: Universitat, 21-35.
- ROWLANDS, M.J. 1976. *The production and distribution of metalwork in the Middle Bronze Age in Southern Britain*. Bar International Series 31. Oxford: Archaeopress.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1979. El Bronce antiguo en la fachada atlántica peninsular: un ensayo de periodización. *Trabajos de Prehistoria* 26: 151-172.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1984. *La Península Iberica y sus relaciones con el círculo cultural atlántico* (2 volumes). Madrid: Universidad Complutense (tese de doutoramento – policopiada).
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1984b. Reflexiones terminológicas en torno a la Edad del Bronce peninsular. *Trabajos de Prehistoria* 41. Madrid: 323-342.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1987. Bronce Atlántico y "cultura" del Bronce Atlántico en la Península Ibérica". *Trabajos de Prehistoria* 44: 251-264.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1989. La orfebrería del Bronce Final. El poder y su ostentación. *El Oro en la España Preromana*. Madrid: Zugarto, 46-57.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1990. Canciones del muchacho viajero. *Veleia* 7: 79-103.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1991. Orientaciones teóricas sobre intercambio y comercio en Prehistoria. *Gala* 1: 87-101.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1993. El Noroeste de la Península Ibérica en el contexto de la Prehistoria reciente de Europa Occidental. *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*. Volume I. Vigo: 11-18.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1994. The bartered bride: goldwork, inheritance, and agriculture in the late prehistory of the Iberian Peninsula. *Journal of European Archaeology* 2 (1): 50-81.

- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1995a. El Noroeste de la Península Ibérica en el contexto de la Prehistoria reciente de la Europa occidental. *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueología (Vigo, 1993)*. Vol. I. Vigo: 11-16.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1995b. El significado de la ría de Huelva en el contexto de las relaciones de intercambio y de las transformaciones producidas en la transición Bronce Final/Edad del Hierro. In Ruiz-Gálvez Priego (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europe*. Complutum 5. Madrid, 129-155.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1995c. Cronología de la ría de Huelva en el marco del bronce final de la Europa occidental. In Ruiz-Gálvez Priego (ed.) *Ritos de Paso y Puntos de Paso. La Ría de Huelva en el Mundo del Bronce Final Europeo*. Complutum 5. Madrid, 79-83.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. 1998a. *La Edad del Bronce en la Europa Atlántica. Un viaje a los orígenes de Europa occidental*. Critica: Barcelona.
- RUIZ-GÁLVEZ, M. 1998b. Peripheral, but not that much... In S.O. Jorge (ed) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa, Instituto Português de Arqueologia y Patrimonio: 101-113.
- RUSSEL CORTEZ, F. 1946. Machados e outros objectos de bronze. *Catálogo do Museu Nacional de Soares dos Reis*. Porto.
- RUSSEL CORTEZ, F. 1948. Actividade arqueológica de Portugal durante 1947. *Archivo Español de Arqueología* 21 (72): 269-281.
- RUSSEL CORTEZ, F. 1949. Actividade arqueológica de Portugal durante 1948. *Archivo Español de Arqueología* 22 (77): 400-413.

S

- S/A 1928a. Museu Antropológico do Porto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 4 (1): 93.
- S/A 1928b. Museu Antropológico do Porto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 4 (1): 179-180.
- S/A 1932. Boletim. Extractos e Resumos das Actas das Sessões. *Revista de Guimarães* 42 (1-2): 92-120.
- S/A 1944a. Cartas de Martins Sarmento ao Abade de Tagilde. *Revista de Guimarães* 54 (1-2): 5-18.
- S/A 1944b. Cartas de Martins Sarmento ao Abade de Tagilde. *Revista de Guimarães* 54 (3-4): 91-104.
- S/A 1993. *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado* (3 Vols.). Instituto Português do Património Arquitectónico. Lisboa.
- SÁ, E. 2014. *Contextos e práticas funerárias da Idade do Bronze na Serra da Freita, (Centro-Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado na área de Arqueologia).
- SÁ, E.; BETTENCOURT, A.M.S. & SIMÕES P.P. 2014. Arquiteturas funerárias, materiais de construção e interação com o espaço na Idade do Bronze da Serra da Freita (Centro-Norte de Portugal). O caso do *tumulus* de Ladeiras do Covo 3, Vale de Cambra. *Estudos do Quaternário* 10: 25-34.
- SALHINS, M. 1988. Cosmologies of Capitalism: the TransPacific Sector of "The World System". *Proceedings of the British Academy* 74: 1-51.
- SAMPAIO, A.A. 2005. *Evolução geodinâmica do Vale do Ave. O vale inferior e sua relação com a zona costeira*. Braga: Universidade do Minho (Tese de Mestrado-policopiado).

- SAMPAIO, H.A. 2011. O papel social das amortizações metálicas na estruturação da paisagem da Idade do Bronze no Noroeste Português: os montes da Penha (Guimarães) e da Saia (Barcelos). In C.M.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I. Martins & J. Carvalho (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM/APEQ, 31-54.
- SAMPAIO, H.A. 2014. Objetos distintos, conjuntos idênticos: reflexões sobre o carácter coletivo dos depósitos de machados de talão da Idade do Bronze do Norte de Portugal. *Livro de resumos do 3º Congresso ENARDAS – Lived places, experienced places. The Northwestern Iberia in Prehistory*. Braga: CITCEM, 28-29.
- SAMPAIO, H.A. & BETTENCOURT, A.M.S. 2011. Produção e práticas metalúrgicas da Idade do Bronze no Noroeste português: o caso do Pego, Braga. In C.M.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I. Martins & J. Carvalho (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM/APEQ, 391-405.
- SAMPAIO, H.A. & BETTENCOURT, A.M.S. 2014. Between the valley and the hilltop. Discursing on the spatial importance of the Pego's Bronze Age necropolis, Braga (Northwest of Portugal). *Estudos do Quaternário* 10: 45-57.
- SAMPAIO, H.A. & CARDOSO, D. 2014. Rock engravings of Laje dos Sinais/Monte do Olheiro (Barcelos, NW Portugal) as mnemonic of a Hill history. *Livro de resumos do 2º Congresso ENARDAS – Recorded places, experienced places. Matter, space, time, liminality and memory in the Holocene Rock art of the Iberian Atlantic margin*. Braga: CITCEM, 13-14.
- SAMPAIO, H.A.; BETTENCOURT, A.M.S. & ALVES, M.I.C. 2009. O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço na Pré-História da bacia do Ave. A.M.S. Bettencourt & L. Alves (eds.) *Dos Montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com o espaço natural da Pré-História à actualidade*. Braga: CITCEM/APEQ, 55-76.
- SAMPAIO, H.A.; BETTENCOURT, A.M.S.; BARBOSA, R.; DINIS, A. & CRUZ, D. 2008. A importância do povoado do Pego no Bronze do Noroeste de Portugal. In E. Ramil Rego (ed.) *Actas do 1º Congresso Internacional de Arqueologia de Vilalba (Vilalba, 2008)* [Férvedes, 5]: 227-233.
- SAMPAIO, H.A.; AMORIM, M.J.; VILAS BOAS, L. & BRAGA, A.C.G. 2014. Contributo para o estudo dos contextos funerários do Noroeste português: o caso de estudo da Quinta do Amorim 2, Braga. *Estudos do Quaternário* 10: 35-43.
- SAMPAIO, J. & GARCIA DIEZ, M. 2000. A Arte Rupestre do Planalto da Lameira (Celorico de Basto e Fafe). *Revista de Guimarães* 110: 189-206.
- SAMPAIO, J. & CARVALHO, A.F. 2002. Intervenção de salvamento no sítio de Bolada. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (5): 29-38.
- SANCHES, M. J. 1980. Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto. *Arqueologia* 1: 12-19.
- SANCHES, M.J. 1981. Recipientes cerâmicos da Pré-história Recente do Norte de Portugal. *Arqueologia* 3: 88-98.
- SANCHES, M.J. 1982. Vasos da Estação Arqueológica do Corvilho – Santo Tirso. *Arqueologia* 3: 56-61.
- SANCHES, M.J. 1988. O povoado da Lavra (Marco de Canaveses). *Arqueologia* 17: 125-134.

- SANCHES, M.J. 1992. *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Porto: Grupo de Estudos de Arqueologia do Porto.
- SANCHES, M.J. 1995. O Povoado da Lavra, Serra da Aboboreira. In S. O. Jorge (Ed.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, 116.
- SANTA OLALLA, J.M. 1938. *Esquema paleoetnológico de la Península Hispánica. Seminário de História Primitiva del Hombre*. Madrid.
- SANTA OLALLA, J.M. 1941. *Esquema paleoetnológico de la Península Hispánica. Seminário de História Primitiva del Hombre*. Madrid.
- SANTARÉM, C. Faya 1951a. O castro de Monte Padrão. *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural* 1 (1): 49-66.
- SANTARÉM, C.F. 1952b. Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa - espólio arqueológico do Corvilho. *Boletim Cultural* 1 (2): 401-402.
- SANTARÉM, C.F. 1955. O castro de Monte do Padrão. Campanhas de 1952-53-54. *O Concelho de Santo Tirso - Boletim Cultural* 3 (4): 397-429.
- SANTARÉM, C.F. 1956a. Um notável instrumento pré-histórico do círculo nórdico, encontrada em Monte Córdova. *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural* 4: 69-72.
- SANTARÉM, C.F. 1956b. Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa. Espólio Arqueológico do Corvilho - Santo Tirso. *O Concelho de Santo Tirso – Boletim Cultural* 4 (2): 169-177.
- SANTOS, A. 2013. *Lage da Churra (Carreço, Viana do Castelo). Estudo monográfico de um lugar gravado*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado - policopiada).
- SANTOS, F.J.C.; AREZ, L.; SOARES, A.M.; DEUS, M.; QUEIROZ, P.F.; VALÉRIO, P.; RODRIGUES, Z.; ANTUNES, A.S. & ARAÚJO, M.F. 2008. O casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11(2): 55-86.
- SANTOS JÚNIOR, J.R. 1968. Quatro lanças de bronze de Lama Chã (Montalegre). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 20 (3-4): 339-347.
- SANTOS, L. 2004. Late Holocene Forest History and Deforestation Dynamics in the Queixa Sierra, Galicia, Northwestern Iberian Peninsula. *Mountain Research and Development* 24. A Coruña: 251-257.
- SANTOS JUNIOR, J. 1940. Arte Rupestre. *Actas do Congresso do Mundo Português – Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal* (Lisboa, 1940) (vol.1). Lisboa: 327-376.
- SANTOS, M.F. 1972. *Pré-História de Portugal* (2ª ed.). Lisboa: Verbo.
- SARMENTO, F.M. 1878. *Caderno nº 39*. Arquivo da Biblioteca de Reservados da Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.
- SARMENTO, F.M. 1884 [1933]. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 1 (4): 161-189.
- SARMENTO, F.M. 1885 [1933]. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 2 (4): 189-202.

- SARMENTO, F.M. 1886. Notícia arqueológica sobre o monte da Cividade. *Revista de Guimarães* 3 (3): 141-145.
- SARMENTO, F.M. 1886b. *Manuscritos inéditos* (Caderno 43). Secção de Reservados da Biblioteca da Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.
- SARMENTO, F.M. 1885-1889. *Caderno n.º 43*. Arquivo da Biblioteca de Reservados da Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães.
- SARMENTO, F.M. 1887-1888. Para o Pantheon Lusitano. *Lusitana* 1: 227-240.
- SARMENTO, F.M. 1888a [1933]. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 5 (3): 109-121.
- SARMENTO, F.M. 1888b [1933]. Antigualhas. *Revista de Guimarães* 5 (4): 157-163.
- SARMENTO, F.M. 1895. Materiaes para a archeologia da comarca de Barcelos. *Revista de Ciências Naturaes e Sociaes* 3: 193-194.
- SARMENTO, F.M. 1896b [1933]. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 13 (4): 149-168.
- SARMENTO, F.M. 1898b. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 15 (4): 152-167.
- SARMENTO, F.M. 1901b [1933]. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 18 (3-4): 117-135.
- SARMENTO, F.M. 1902a [1933]. Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães. *Revista de Guimarães* 19 (1): 19-33.
- SARMENTO, F.M. 1909a. Materiais para a arqueologia do concelho de Guimarães. Sabroso. *Revista de Guimarães* 26 (1-2): 5-19.
- SARMENTO, F. M. 1933. *Dispensos* (Vol. I e II). Coimbra.
- SARMENTO, F.M.S. 1970. Os inéditos de Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães* 80 (1-2): 5-72.
- SARMENTO, F.M. 1999. *Antiqua – Apontamentos de Arqueologia*. Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães: 203-205.
- SAVORY, H.N. 1949. The Atlantic Bronze Age in South Western Europe. *Proceedings of the Prehistoric Society* 12: 128-155.
- SAVORY, H.N. 1951. A Idade do Bronze Atlântico no Sudoeste da Europa. *Revista de Guimarães* 61 (3-4): 323-377.
- SAVORY, H.N. 1968. *Spain and Portugal*. Thames & Hudson. London.
- SCARRE, C. 2009. Stones with Character: animism, agency and megalithic monuments. In B. O'Connor, G. Cooney & J. Chapman (eds.) *Materialitas. Working Stone, Carving Identity*. Prehistoric Society Research Paper 3: 9-18.
- SHANKS, M. & TILLEY, C. 1987. *Reconstruction archaeology: theory and practice*. Londres: Routledge.
- SCHUBART, H. 1975. *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 9 (Vol 1). Berlin: Walter de Gruyter & Co./Deutsches Archäologisches Institut. Abteilung Madrid.

- SENNA-MARTINEZ, J.C. 2000. O Crasto do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal). *In* J. C. SENNA-MARTINEZ e I. PEDRO (eds.) *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, 144-145.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 2010. Melting the power – the foundry area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). *In* A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Conceptualizing Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe*. [BAR International Series 2058]. Oxford: Archeopress, p. 111-117.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 2013. Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no Final da Idade do Bronze: Povoamento, metalurgia e sociedade. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20: 173-190.
- SENNA-MARTÍNEZ, J.C. & PEDRO, I. 2000. Between myth and reality: the foundry area of Senhora da Guia de Baiões and Baiões/Santa Luzia metallurgy. *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 6: 61-77.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E.; NUNES, J. & HENRIQUES, R. 2009. A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. *A Campanha* 6 (2008). *Cadernos Terras Quentes* 6: 69-79.
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M.F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E. & VALÉRIO, P. 2011. First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos habitat site. *In* C.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I.F.P. Martins & J. Carvalho (eds.) *Povoamento e Exploração dos Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: APEQ/CITCEM, 377-390.
- SEVERO, R. 1903. A colecção archeológica de Albano Bellino, em Braga. *Portugália* 1. Porto: 651-652.
- SEVERO, R. 1905-1908a. Os braceletes d'Ouro de Arnozela. *Portugalia* 2: 63-108.
- SEVERO, R. 1905-1908b. Necrópoles lusitanoromanas de inhumação. *Portugália* 2: 404-405.
- SEVERO, R. & CARDOSO, A. 1886. Notícia arqueológica sobre o monte da Cividade. *Revista de Guimarães* 3 (3): 137-141.
- SHERRAT, A. 1981. *Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution. Pattern of the Past*. Cambridge University Press: 261-306.
- SHERRAT, A. 1983. The secondary exploitation of animals in the Old World. *World Archaeology* 15: 90-104.
- SICARD, H. 1964. Relações culturais pré-históricas entre Portugal e a África. *Revista de Guimarães* 74 (1-2): 5-78.
- SILVA, A.C.F. 1977. Sondagem arqueológica na citânia de Briteiros (Guimarães). Notícia sumária. *Revista de Guimarães* 87: 277-280.
- SILVA, A.C.F. 1980. Campanha de trabalhos arqueológicos na Cividade de Terroso (Póvoa de Varzim). *Boletim Cultural da Câmara Municipal* 20 (2): 305-315.
- SILVA, A.C.F. 1985. As fossas ovóides de Beiriz e a problemática das práticas funerárias no Final da Idade do Bronze. *Actas do Colóquio Santos Graça de Etnografia Marítima* III (Póvoa de Varzim, 1982). Póvoa de Varzim: 13-20.
- SILVA, A.C.F. 1986. *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira.
- SILVA, A.C.F. 1988. *Ourivesaria pré-romana do Norte de Portugal, Ourivesaria do Norte de Portugal – Exposição (Porto, 1984)*. ARPPA-AION. Porto: 73-87

- SILVA, A.C.F. 1993. A Idade do Bronze em Portugal. *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, 235-301.
- SILVA, A.C.F. 2007. *A cultura castreja no Noroeste de Portugal* (2ª edição). Paços de Ferreira: Câmara Municipal/Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A.C.F. & CENTENO, R.M.S. 1977. Sondagem arqueológica na Citânia de Briteiros (Guimarães). Notícia sumária. *Revista de Guimarães* 87: 277-280.
- SILVA, A.C.F. & CENTENO, R.M.S. 1978. Corte estratigráfico na Citânia de Briteiros (Guimarães). *Revista de Guimarães* 88: 421-430.
- SILVA, A.C.F. & GOMES, M.V. 1993. *Proto-História de Portugal*. Lisboa: Edição Universidade Aberta.
- SILVA, A.C.F., RAPOSO, L. & GOMES, M.V. 1993. *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- SILVA, A.C.F. & MACIEL, T. 2004. Balneários cas-trejos do Noroeste peninsular. Notícia de um novomonumento do Castro de Roques. *Portugalia XXV* (Nova Série): 115-132.
- SILVA, A.C.F.; CARNEIRO, D.V.; GOMES, J.M.F. & CENTENO, R. 1997. Catálogo do Núcleo de Arqueologia do Museu de Etnografia e História da Póvoa de Varzim. Póvoa de Varzim.
- SILVA, A.M.S.P & LEITE, J. 2010. The place of Cividade. An approach to Late Bronze Age/Iron Age Transition in the Arouca valley (NW Portugal) In A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves & R. Fabregas Valcarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR International Series, Oxford: Archeopress, 153-160.
- SILVA, A.R.P. 1988. A paleobotânica na arqueologia portuguesa: resultados desde 1931 a 1987. In F.M. Queiroga, I.M.A.R. Sousa & C.M Oliveira (eds.) *Actas do Encontro Paleoecologia e Arqueologia*. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão: 5-36.
- SILVA, E.M.M. & MATEUS, M.R.A.1990. Levantamento do megalitismo do concelho da Póvoa de Varzim. *Boletim Cultural da Póvoa de Varzim* 27 (1): 61-80.
- SILVA, J.P.N. 1880. Machados de bronze descobertos em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeólogos Portuguezes* 3 (3): 45.
- SILVA, J.P.N. 1883. Sur les haches en bronze trouvées en Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Cívicos e Archeólogos Portuguezes* 4 (1): 84-94.
- SILVA, V. 2013. Caldeiro de rebites do sítio arqueológico de Frijão (Braga, Noroeste de Portugal). *Estudos do Quaternário*, 9: 15-21.
- SILVANO, F. 1997. *Territórios da Identidade*. Oeiras: Celta
- SIRET, L. 1913. *Questions de chronologie et d'ethnographie Ibériques – De la fin du quaternaire a la fin du bronze*. Paris: Paul Gauthner.
- SOARES, A.M.M. 2010. Upwelling, efeito de reservatório, radiocarbono e inferências paleoclimáticas. In A.M.S. Bettencourt, M.I.C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações Paleoambientais e Evolução Antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*, Braga: APEQ/CITCEM, 11-22.
- SOBRINO, R. 1935. *Corpus Petrogliforum Gallaecia*. Seminario de Estudos Galegos.

- SOBRINO LORENZO RUZA, R. 1952. Inventario Nacional de Folios Arqueológicos: Hierro céltico. *Noticiario Arqueológico Hispánico* 1162 (1-3): 198-199.
- SOEIRO, T. 1982. Esconderijo de Sequeade (Barcelos). *Arqueologia* 5: 62-67.
- SOEIRO, T. 1984. Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. Penafiel. *Boletim Municipal de Cultura* 1 (3ª série). Penafiel: 109-121
- SOEIRO, T. 1988. A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende. *Actas do Colóquio de homenagem a Manuel Boaventura* (Esposende, 1987). Esposende, 35-61.
- SØRENSEN, M.L.S. 1984. Changing images of Archaeology. *South Scandinavian Archaeology* 1818 to 1978. *Archaeological Review from Cambridge* 3(1): 38-47.
- SØRENSEN, M.L.S. 1987. Material order and cultural classification: the role of bronze objects in the transition from Bronze Age to Iron Age in Scandinavia. In I. Hodder (ed.) *The Archaeology of Contextual Meanings*. Cambridge, 90-101.
- SØRENSEN, M.L.S. 1992. European Metal Age Culture for section on European History Civilization. *Encyclopedia Britannica. Macropaedia* (Vol. 18). Edimburgo: Encyclopedia Britannica Inc., 592-604.
- SOUSA, J.J.R. 1968-1970. A estação arqueológica da Falperra. Notas para a sua história. *Arquivo de Beja* (25-27). Beja: 57-64.
- SOUSA, J.J.R. 1978. *Megalitismo dos arredores de Braga – Necrópoles do Monte de Castro*. Braga.
- SOUSA, M.F. 1986. O Monte de S. Bento da Peras – Vizela. *Arqueologia* 13: 188-193.
- SOUSA, M.J. 2004. *O património Arqueológico na longa duração: Ourivesaria Antiga e Tradicional Actual no Norte de Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de mestrado – Policopiada).
- SOUSA, Orlando 1996. *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).

T

- TAYLOR, R.J. 1993. *Hoards of the Bronze Age in Southern Britain*. Oxford: BAR, British Series 228.
- TEIXEIRA, C. 1940a. Molde de fundição para machados de bronze de duplo anel. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 9 (1-2): 126-130.
- TEIXEIRA, C. 1940c. O castro de Lanhoso e o seu espólio. *Actas do Congresso do Mundo Português – Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal* (Lisboa, 1940) (vol.1). Lisboa: 515-529.
- TEIXEIRA, C. & MEDEIROS, A.C. 1965. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 9-A, Póvoa de Varzim*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, C. & MEDEIROS, A.C. 1969. *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000. Notícia explicativa da folha 5C (Barcelos)*. Lisboa: Serviços Geológicos e Portugal.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C. & ASSUNÇÃO, C.T. 1965. *Carta Geológica de Portugal (1:50 000). Notícia explicativa da folha 9-A, Póvoa de Varzim*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, C. & MEDEIROS, A.C. 1969. *Carta Geológica de Portugal (1/50000). Folha 5-C, Barcelos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C. & ALVES, C.A.M. 1969. *Carta Geológica de Portugal. (1/50000) Notícia explicativa da folha 5-C, Barcelos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C. & MACEDO, J.R. 1973. *Carta Geológica de Portugal (1/50 000). Notícia explicativa da folha 5-D, Braga*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C.; MATOS, M.; DEUS, P.C.; OLIVEIRA, J.; RODRIGUES, A. & LIMA, J. 1965. *Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000. Notícia explicativa da folha 9A (Póvoa de Varzim)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TERESO, J.P. 2012. *Environmental change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity*. Porto: Universidade do Porto (Tese de Doutoramento – policopiada)
- THOMAS, J. 1990. Archaeology and the notion of ideology. In F. Baker & J. Thomas (eds) *Writing the Past in the Present*. Lampeter: St. David's University College. Pp.: 63-68.
- THOMAS, J. 1996. *Time, Culture and Identity*. London: Routledge
- THOMAS, J. 1999a. *Understanding the Neolithic*. London: Routledge.
- THOMAS, J. 2001. Archaeologies of Place and Landscape. In I. Hodder (Ed.) *Archaeological Theory Today*. Cambridge Polity Press: 165-186.
- THOMAS, J. 2004. *Archaeology and Modernity*. London and New York: Routledge.
- THOMAS, J. 2005. Materiality and the Social. In P. Funari, A. Zarankin & E. Stovel (eds.) *Global Archaeological Theory. Contextual Voices and Contemporary Thoughts*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 11-18.
- THOMAS, J. 2006. From dwelling to building. In V.O. Jorge, J. Muralha-Cardoso, A. Vale, G.L. Velho & L. Pereira (eds.) *Approaching "Prehistoric and Protohistoric architectures" of Europe from a dwelling perspective*. Porto: ADECAP: 349-359.
- TILLEY, C. 1993. The Temporality of the Landscape. *World Archaeology* 23 (2): 152-174.
- TILLEY, C. 1994. *The Phenomenology of Landscape*. Oxford: Berg.
- TILLEY, C. 2000. Metaphor, materiality and interpretation. In V. Buchli (ed.) *The material culture reader*. Oxford: Berg.
- TILLEY, C. 2004. *The Materiality of Stone: explorations in Landscape Archaeology*. Oxford University Press: Berg
- TOMÁS, F. L. S. 1651. *Benedicta Lusitana*. Coimbra [fac-símile, Lisboa 1974, 2 vols.].
- TORRES, J. 1876. As ruínas existentes no Monte da Saia. *Comércio do Lima* n° 52 (22/11/1876). Ponte de Lima.
- TORRES, J. 1877. As ruínas existentes no monte da Saia. *Comércio do Lima* n° 59 (10/01/1877). Ponte de Lima.
- TURNER, C.E.L. 1998. *A Re-Interpretation of the Late Bronze Age Metalwork Hoards of Essex and Kent* (3 Vol.). Glasgow: Universidade de Glasgow (Tese de Doutoramento– policopiada).

U

V

- VV.AA. 1991. Património arqueológico de Felgueiras. *Plano Director Municipal da Câmara Municipal de Felgueiras*. Felgueiras: Câmara Municipal.
- VALDEZ, J. & OLIVEIRA, L. 2005-2006. A arte rupestre da Citânia de Briteiros. O penedo dos sinais, um caso atlântico. *Revista de Guimarães* 115/116: 51-92.
- VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M.F. & CANHA, A., 2007. EDXRF and micro-EDXRF studies of Late Bronze Age metallurgical productions from Canedotes (Portugal). *Nuclear Instruments and Methods in Physics Research B: Beam Interactions with Materials and Atoms* 263, 477-482.
- VAN DYKE, R.M. & ALCOCK, S.E. 2003. Archaeologies of Memory: an introduction. In R.M. Van Dyke & S.E. Alcock (eds.) *Archaeologies of Memory*. Oxford: Wiley, 1-13.
- VAN DYKE, R.M. 2008. Visual perception in Chaco Canyon, New Mexico: some phenomenological observations. In V.O. Jorge & J. Thomas (ed.) *Archaeology and the politics of vision in a post-modern context*: Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 278-291.
- VAN SCHOOR, M.L.O. 2003. Arqueometalurgia do Calcolítico e do Bronze Inicial no Norte de Portugal. In J. Fernández Manzano & J. I. Herrán Martínez (eds.) *Mineros y Fundidores en el inicio de la Edad de los Metales*. León: 82-98.
- VAQUERO RODRÍGUEZ, M.; ALONSO FERNÁNDEZ, S.; ALONSO FERNÁNDEZ, C.; AMEIJENDA IGLESIAS, A.; ALEXANDRE BLAIN, H.; FÁBREGAS VALCARCE, R.; GÓMEZ MERINO, G.; LOMBERA HERMIDA, A.; LÓPEZ-GARCÍA, J.M.; LORENZO MERINO, C.; LOZANO RUIZ, M.; RODRÍGUEZ RELLÁN, C.; ROSELL I ARDÉVOL, J. & SERNA GONZÁLEZ, M.R. 2009. Nuevas fechas radiométricas para la Prehistoria del noroeste de la Península Ibérica: la cueva de Valdavara (Becerreá, Lugo). *Trabajos de Prehistoria* 66 (1): 99-113.
- VASCONCELOS, J.L. 1895a. A cidade velha de Monte Córdova. *O Archeólogo Português* 1: 12-13.
- VASCONCELOS, J.L. 1895b. Notícias várias. *O Arqueólogo Português* 1: 17-19.
- VASCONCELOS, J.L. 1897. *Religiões da Lusitania*. Vol. 1. Lisboa.
- VASCONCELOS, J.L. 1904. Acquisições do Museu Ethnographico Português. *O Arqueólogo Português* 10: 379-382.
- VASCONCELOS, J.L. 1905. *Religiões da Lusitânia II*. Lisboa.
- VASCONCELOS, J.L. 1905b. Acquisições do Museu Ethnologico Português. *O Arqueólogo Português* 10: 44-48.
- VASCONCELOS, J.L. 1906. Bibliographia. *O Arqueólogo Português* 11: 321-382.
- VASCONCELOS, J.L. 1906c. Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *Arqueólogo Português* 11: 187.
- VASCONCELOS, J.L. 1907. Appendice. *Arqueólogo Português* 12: 279-280.
- VASCONCELOS, J.L. 1908. Acquisições do Museu Etnologico Português. *O Arqueólogo Português* 13: 160-163.
- VASCONCELOS, J.L. 1912. Diadema Celtibérico? *Arte* 89: 38-39.
- VASCONCELOS, J.L. 1913. *Religiões da Lusitânia III*. Lisboa.
- VASCONCELOS, J.L. 1913b. Aquisições do Museu Etnológico Português. *O Arqueólogo Português* 18: 152.

- VASCONCELOS, J.L. 1913c. Notícias várias. Diadema de ouro do Bougado. *O Arqueólogo Português* 18: 95.
- VÁZQUES LIZ, P. 2005. Idade do Bronze: Devesa de Abaixo – Os Torradoiros. In F. Criado Boado & E. Cabrejas Domínguez (coord.) *Obras públicas e património: estudos arqueológicos do corredor do Morrazo. Traballos de Arqueoloxía e Património* 35: 63-69.
- VÁSQUEZ VARELA, J.M. 1980. Enterramientos en cista de la Edad del Bronce en Galicia. *Pontevedra*: 23-40.
- VAZQUEZ VARELA, J. & AIRA RODRÍGUEZ, M.J. 1986. La economía de los pueblos prerromanos del Norte de Hispania según los testimonios palinológicos. *Actas do 1º Congreso Peninsular de Historia Antigua (Santiago de Compostela, 1986)*. Santiago de Compostela: 291-298.
- VEIGA, S.P.M.E. da 1891. *Antiguidades Monumentais do Algarve* (vol. IV). Lisboa.
- VERNET, J.L. & FIGUEIRAL, I. 1993. The highlands of Aboboreira (North-West Portugal): ecological conditions from Middle/Late Neolithic to Early Bronze age. Evidence from charcoal analysis. *Oxford Journal of Archaeology* 12: 19-28.
- VIEIRA, J.A.1886. *O Minho Pitoresco I*. Lisboa.
- VIEIRA, J.A.1886-1887. *O Minho Pitoresco II*. Lisboa.
- VIEIRA; J.C. 1912. Boletim. *Revista de Guimarães* 29 (3): 140-143
- VILAÇA, R. 1995. *Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia 9. Lisboa: IPPAR
- VILAÇA, R. 1998. Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C. *Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior (Tondela, 1997) [Estudos Pré-Históricos 6]*. Viseu, 347-374.
- VILAÇA, R. 2004. Metalurgia do Bronze Final no entre Douro e Tejo português: contextos de produção, uso e deposição. In A. Perea (ed.) *Ámbitos tecnológicos, ámbitos de poder. La transición Bronce Final-Hierro en la Península Ibérica*. Madrid: CSIC.
- VILAÇA, R. 2007. *Depósitos de Bronze do território português. Um debate em aberto*. Conimbriga – Anexos 5. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- VILAÇA, R. & CRUZ, D.J. 1999. Práticas funerárias e culturais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta. *Arqueologia* 24: 73-99.
- VILAÇA, R. & LOPES, M.C. 2005. The treasure of Baleizão, Beja (Alentejo, Portugal). *Journal of Iberian Archaeology* 7: 177-184.
- VILAÇA, R, ALMEIDA, S., BOTTAINI, C., MARQUES, J.N. & MONTERO-RUIZ, I. 2011. Metalurgia do castro do Cabeço da Argemela (Fundão): formas, conteúdos, produções e contextos. In C.M.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I. Martins, J. Carvalho (coords) *Povoamento e Exploração dos Recursos Mineiros Na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: APEQ-CITCEM, 313-336.
- VILLA VALDÉS, A. & CABO PÉREZ, L. 2003. Depósito funerario y recinto fortificado de la Edad del Bronce en el castro del Chao Samartín: argumentos para su datación. *Trabajos de Prehistoria* 60 (2): 143-151.
- VILLAS-BÔAS, J.S.P. 1947. Nuevos elementos del Bronce Atlántico en Portugal. *Crónica del II Congreso Arqueológico del Sudeste Español (Albacete, 1946)*. Albacete: 151-161.

- VILLAS-BÔAS, J. S. P. 1948a. Hallazgos del Bronce Atlántico en Portugal. *Actas y Memorias de la Sociedade Espanola de Antropologia, Etnografia y Prehistoria* 23 (1-4). Madrid, 36-43.
- VILLAS-BÔAS, J.S.P. 1948b. Um machado de bronze. *Boletim do Grupo Alcaides Faria* 1: 13-20.
- VILLAS-BÔAS, J.S.P. 1948c. Uma nova machadinha castreja. *Boletim do Grupo dos Alcaides de Faria* 1: 29-32.
- VILLAS-BÔAS, J.P. 1949. Noticiário – Ofertas. *Boletim do Grupo Alcaides de Faria* 2: 39-42.
- VILAS BOAS, L. 2014a. Vale de Chao 1, Braga. Um *tumulus* da Idade do Bronze no Noroeste portugues. *Estudos do Quaternario* 10: 15-23.
- VILAS BOAS, L. 2014b. O Núcleo de Monumentos sob tumull de Vale de Chão, Braga (serra do Carvalho). História de um lugar desde o Neolítico à Idade do Bronze. Braga (Tese de mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho)
- VILAS BOAS, L & MARTÍN SEIJO, M. 2014. Ritos do fogo em contextos funerarios da Idade do Bronze do NW da Iberia: o caso de estudo do monumento subtumulus do Vale do Chao 1. *3^{er} Enardas Colloquium. Living Places, Experienced Places. Abstracts Book*. Braga: APEQ/CITCEM, 43-44.
- VILAR QUINTEIRO, R. 2012. Nueva necrópolis de la prehistoria reciente en Ribadetea. Ponteareas. Pontevedra. *Gallaecia* 31: 63-81.

W

- WARMEMBOL, E. 1996. Le neuf chez les Anciens. Une autre approche des dépôts de l'âge du Bronze final. In M. Groenen M. (ed.) *La Préhistoire au quotidien*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 237-274.
- WHITTLE, A. 2010. The diversity and duration of memory. In D. Boric (ed.) *Archaeology and Memory*, Oxford: Oxbow Books, 35-47.
- WILLIAMS, N. 1983. Yolngu concepts of land ownership. In N. Peterson & M. Langton (eds) *Aborigines, land and land-rights*. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies. Pp.: 94-109.

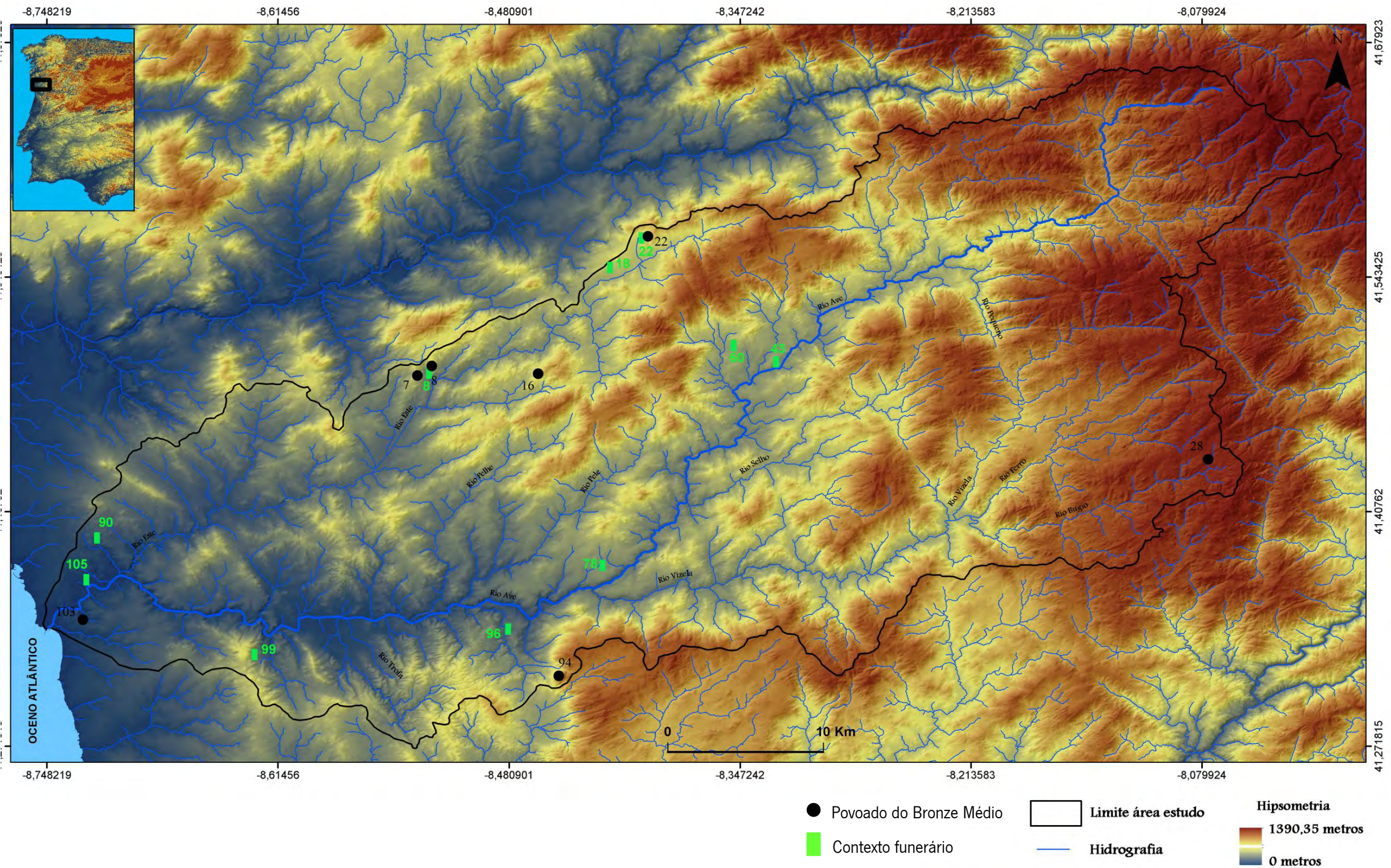


Figura 5.78 – Mapa hipsométrico com distribuição de contextos funerários e povoados do Bronze Médio da bacia do Ave: 7. Frijão (Braga); 8. Pego (Braga); 16. Quinta das Rosas (Braga); 18. Granjinhos (Braga); 22. Quinta do Amorim (Braga); 28. Tapada da Venda/Pedroso (Celorico de Basto); 60. Faisca (Guimarães), 43. Quinta do Vago Mestre/Barqueiro; 78. Quinta da Bouça (Vila Nova de Famalicão); 90. Campo de Postigo (Póvoa de Varzim); 94. Monte Padrão (Santo Tirso); 96. Corvilho (Santo Tirso); 99. Guidões (Trofa); 103. Corgo (Vila do Conde); 105. Touguinha (Vila do Conde).

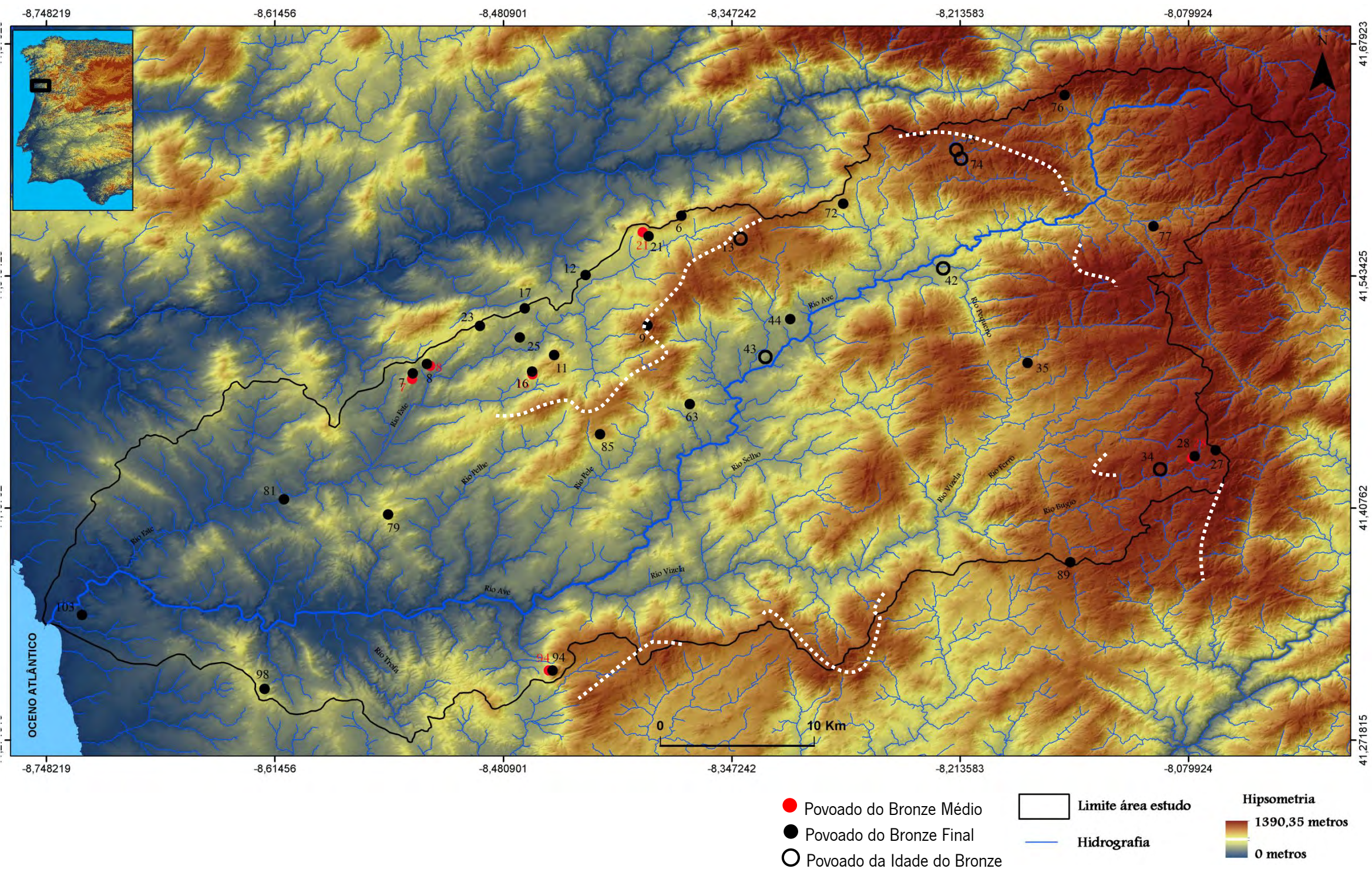


Figura 5.137 – Mapa hipsométrico com povoados do Bronze Médio (círculos vermelhos), do Bronze Final (círculos negros) e da Idade do Bronze (círculos negros não preenchidos) em relação ao Monte da Penha (elipse verde): linha imaginária de intervisibilidades a tracejado branco.